BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

234 / 5 vols
54

A ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Digitized by Google

Digitized by Google

Semanario Litterario e Artistico

A ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

COLLABORADORES—Barros Lobo Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; Francisco Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Julio Cezar Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Manuel Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc., etc.

LISBOA

ESCRIPTORIO DA EMPREZA, TRAVESSA DA QUEIMADA, 35

1885

Digitized by Google

LOAN STACK

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 1 de julho de 1884 Numero 1

AP65
I5699
v.1

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*A Elegia do piano*, por Pinheiro Chagas.—*Juventude, Idyllio*, poesia, por Bulhão Pato.—*O morango do diabo*, conto, imitação por D. G. Torrezão.—*Ho ultimo romantico*, poesia, por Macedo Papança, visconde de Monsaraz.—*Em familia (Passatempos)*.—*As nossas gravuras*, por C. Dantas.—*Um conselho por semana*.

GRAVURAS.—*A passagem do rio (copia d'uma photographia da ex.ma sr.a D. Margarida Relvas)*.—*Depois da batalha*.—*A oração da noite*.—*No banho*.—*Mulher de Arouca*.

CHRONICA

As eleições—O vacuo nos theatros—Actores portuenses e actores hespanhoes—Preferencias significativas—Litteratura dramatica contemporanea—A princeza Rattazzi—A revisão e o divorcio em França—O governo Ferry interpellado por uma questão de touros—Alexandre Dumas e os tribunaes francezes—O bello sexo nihilista.

A chronica tem de iniciar-se registrando a consumação d'um facto solemne—a eleição geral para deputados ás proximas côrtes constituintes.

A PASSAGEM DO RIO (Copia d'uma photographia da ex.ma sr.a D. Margarida Relvas)

Digitized by Google

No momento em que escrevemos, esse facto deve já ter-se ultimado em grande numero de circulos do paiz, com uma liberdade de suffragio sem precedentes nos annaes da nossa historia politica.

E provavel, é quasi certo, mesmo, que amanhã, os vencidos na lucta da urna venham dizer que tal liberdade não houve, dando expansão á triste lagrima que se gera nas infinitas amarguras da derrota.

Essa mentira será o unico desabafo dos que não souberam conquistar as boas graças do eleitor indigena, e nós temos a maxima tolerancia para todos os desabafos do proximo, quando elles não offendam a moral publica.

=Faz-se pouco a pouco o vacuo absoluto nos theatros da capital. Os artistas *portuenses*—chamemos-lhe assim, por obsequio á cidade invicta, apesar de quasi todos elles serem nossos e muito nossos—levantaram o vôo do Gymnasio e bateram as azas para outras paragens, levando nos ouvidos o echo dos ultimos applausos merecidamente conquistados, e na bolsa... a nostalgia do dinheiro que não conseguiram ganhar.

A companhia hespanhola dos Recreios, em que ha varios maestros de fama, boa porção de cantores distinctos e um numero soffrivel de coristas archi-feias, tambem vae despedir-se de nós, mas essa,—bem mais feliz que a do Porto,—leva a mala recheiada de boas libras, e o peito dos seus directores artisticos vistosamente adornado com habitos de Christo.

Esta preferencia do nosso publico pela *troupe* do theatro da Zarzuela, de Madrid, e o paternal desvelo com que o nosso governo condecorou os maestros do reino visinho, deixam-nos antever que a união iberica está muito longe de ser um mytho, pelo menos no que diz respeito ás hespanholas e ás artes.

=Não promette ser muito notavel, quanto á apresentação de boas peças originaes portuguezas, a proxima futura epoca theatral que se prepara. As traducções mascavadas e insulsas fervilham nos archivos das casas de espectaculo lisbonenses, consistindo n'isso a nossa litteratura dramatica contemporanea, uma litteratura de emprestimo e de contrabando, que apresenta, além d'outros defeitos, o de ser altamente pornographica e sufficientemente desmoralisadora.

Ha dias contaram-nos a seguinte anedocta, que dá bem a medida do numero fabuloso de traducções réles atiradas pelos candongueiros da lettra redonda para o repertorio dos theatros de Lisboa.

Certo traductor d'officio levou uma peça d'este genero ao emprezario d'um theatro de primeira ordem, para que elle a visse.

Passam-se mezes e a resposta não chega. O traductor, desapontado, vae a casa do emprezario e reclama o manuscripto.

O emprezario procura sobre as secretárias, em cima das mesas, nos armarios e nas estantes, e não encontra a peça do homem.

—O seu manuscripto perdeu-se, meu caro, diz-lhe elle por fim.

Depois, apontando para um masso incommensuravel de cadernos de papel, accrescenta, sorrindo:

—Mas não se apoquente por isso; se quer um outro em troca, leve; tenho aqui mais de duzentas traducções!

=Acha-se entre nós uma princeza de sangue, *doublée* d'uma escriptora distinctissima, viuva de dois maridos illustres pelo seu nome, actualmente esposa d'um outro que o não é menos pelo talento, e mãe d'uma gentilissima creança, que tem tanto de formosa como de caritativa. Essa princeza e essa escriptora é madame de Rute.

Diz-se que veio a Portugal colher apontamentos para um novo livro sobre a vida e costumes do nosso paiz.

A ajuizar pela recepção fraternal e delicadissima que a illustre redactora das *Matinées Espagnoles* fez, em Madrid, no seu feerico palacio da calle Montalban, aos jornalistas portuguezes, é de crer que este novo trabalho litterario seja o *mea culpa* das injustiças semeadas a esmo nas paginas do seu *Portugal a vol d'o-seau*; a penitencia imposta por si mesma ás picadas d'alfinete que, menos reflectidamente, lhe aprouve em tempos vibrar-nos.

A chronica, dando as boas vindas á talentosa escriptora, faz entranhados votos para que ella se nos mostre d'esta vez mais justa e menos cruel.

* * *

Em França, os debates sobre a revisão constitucional e o restabelecimento definitivo do divorcio constituem os assumptos capitaes do dia, despertando vivamente as attenções dos republicanos d'ambos os sexos.

Quanto á revisão, já não é sem tempo que a Camara franceza se resolve a abordal-a de vez. A' força de ser proposta, debatida na imprensa, agitada, adiada e edulcorada, tornára-se importuna, massadora, estopante.

Segundo nos affirmam as folhas parisienses, o auctoritario sr. Ferry teima em não querer convocar uma Assembléa constituinte especial, que realise legitimamente aquella phantasia do seu espirito irrequieto.

=O Senado votou finalmente o restabelecimento da famosa lei do divorcio, conquistando por tal meio as boas graças do bello feminino. Debalde varios senadores theologos tentaram provar que o projecto Naquet violava os sentimentos catholicos, citando, para reforço d'este asserto, Santo Agostinho, S. João Chrysostomo e quasi todos os Padres-mestres da Egreja.

A Camara alta, na sua altissima sabedoria, votou emfim o «adulterio legal» essa chaga que, sob o imperio da lei de 1804, produziu, entre outros males, a desordem nas familias, e a corrupção e a venalidade da mulher.

Já o bello Adhemar do *Divorçons* não terá hoje de recorrer ao estratagema ridiculo d'um telegramma apocripho, para conquistar a mão e o amor da gentil priminha Cypriana. Legalisou-se o adulterio na França civilisada, a contento das mundanas pervertidas O reinado da peça de Sardou acabou pelo triumpho de Naquet.

Bem rasão tinha José de Maistre para dizer que os francezes estavam sempre contentes, comtanto que os não matassem.

Não os mataram, mas deram-lhes o divorcio e vão dar-lhes uma revisão constitucional. Elles acceitam tudo, ainda que não preste, e sorriem, e vivem felizes no melhor dos mundos possiveis, até que a feroz Allemanha se lembre de lhes lançar outro mau olhado!

Uma anedocta a proposito do assumpto:

Perguntam ao sr. Anastacio qual é a sua opinião sobre a lei que restabelece o divorcio.

—Quanto a mim, responde elle, acho-a detestavel para os celibatarios.

—Detestavel porque?

—Porque os força a casar para poderem aproveitar-se d'ella.

=Dissemos quaes eram as questões palpitantes do dia, em França, mas faltou-nos ainda accrescentar uma:—as touradas.

O governo Ferry acaba de ser interpellado por dois deputados, ácerca da interdição das corridas de touros no Meiodia do territorio.

N'uma época politica, em que ha tanta cousa séria a discutir, tanto problema grave a resolver, dois paes da patria francezes, um realista puro e outro republicano radical, separados por um abysmo, conciliam-se a ponto de dar as mãos n'uma questão de touros, de bandarilhar o gabinete a proposito d'um sangrento espectaculo de circo.

A flôr de lyz e o barrete phrygio a unirem-se n'um estreito amplexo, quando se trata de estripar cavallos e de queimar um touro vivo, não deixa de ter sua graça, pela originalidade.

Ao menos por cá, ainda se não vio coisa parecida, nem nos consta que o sr. Arriaga e o sr. Navarro houvessem fraternisado em assumptos que interessam o Botas e o Pintasilgo.

=A primeira camara do tribunal civil de Paris emittiu já o seu veredictum, no processo instaurado por Alexandre Dumas filho, contra o pintor Jacquet, a proposito da famosa aquarella conhecida pelo nome do *Judeu de Bagdad*, que em tempos se exhibiu na exposição dos aquarellistas e que era o retrato vivo do auctor da *Dama das Camelias*.

O tribunal resolveu que Jacquet não podesse dar á publicidade, por qualquer fórma, o celebre *Marchand juif* promotor do escandaloso litigio com Dumas, e condemnou o artista nas custas do processo.

Em Portugal caricatura-se ridiculamente a realeza, com os altos funccionarios do Estado á mistura, e não se promovem processos, e não se pagam custas, e os tribunaes riem-se.

Estavamos quasi decididos a brindar pela magistratura republicana da França, se vissemos que as suas iras contra Jacquet não se estendiam a mulheres indefezas e tresloucadas como Louise Michel.

* * *

Contra o que muitos ingenuos esperavam, a raça dos Nobiling e dos Passananti não se extinguiu com o correr dos tempos e com o rigorismo das leis. E' uma seita maldita de desesperados e de fanaticos, que se reproduz e que ha de existir sempre, a despeito dos horrores do cadafalso e das inexorabilidades da justiça.

Agora, até o sexo fraco, pouco talhado para a luctas da dynamite, começa a filiar-se na seita exterminadora, continuanda a obra iniciada pelos torpes regicidas de hontem.

O imperador d'Allemanha esteve ha dias em risco de soffrer a mesma sorte do czar Alexandre II, seu collega, mas d'esta vez não era um monstro barbado que havia de praticar o horrendo crime; era uma filha d'Eva, uma *virago* de saias, mensageira dos anarchistas, que se encarregára da missão assassina.

Por felicidade, a policia prussiana poude lançar mão d'esta furia, na *gare* d'Elberfeld, apprehendendo-lhe varias malas recheiadas de dynamite.

Decididamente, não se póde ser rei, nem mesmo d'opera comica. Está-se sempre em risco de acabar como Alexandre da Russia ou de levar uma pateada.

C. DANTAS.

A ELEGIA DO PIANO

Quantas vezes o amaldiçoei, Deus do céu! Era um piano asthmatico, desdentado, que todas as tardes, á hora do sol posto, tos-

Digitized by Google

sia invariavelmente uma d'estas valsas com que se acompanhava outr'ora a recitação de poesias. Queria ser melancholico, o maldito, era simplesmente irritante! suspirava dengosamente aquella melopéa monotona e chorona que me dilacerava os nervos. Depois lá lhe falhava uma nota, e a melodia coxeava. E todas as tardes, invariavelmente, quando eu me levantava do trabalho, e ia fumar um charuto para o jardim, lá ouvia o piano do segundo andar suspirar desentoadamente:

Sentes além no retumbar da serra

Cheguei a conceber o pensamento de um crime. As vezes era suave a tarde, uma tarde de primavera, as ruas exhalavam um aroma suavissimo, o pensamento voava-me pelos mundos sideraes, e o riso fresco e argentino dos meus filhos coava-me nas veias uma alegria ineffavel. Todo me enlevava n'aquellas cabeças loiras, que se escondiam atraz das arvores, que reappareciam radiantes com os seus rostinhos de *keepsake*, que balbuciavam «papá» com umas notas encatadoras, que resumiam em si a mais sublime de todas as melodias, quando de repente o piano começava:

Turututum... tum .. tum .. tum... tum... tum.

Eu levantava-me furioso e ia buscar a faca da cosinha. Premeditava um crime, positivamente, estava já a dois passos do assassinio. Depois tinha as suas variantes o desalmado. A dona do instrumento, de vez em quando, queria aprender uma aria nova, sempre elegiaca. Se ella tocasse ao menos a *Mascotte*... com os diabos, vá! mas não senhores, pendia para a tristeza. Do *sentes além* quiz subir ao *Ad tio del passato*, e aprendia a *Traviata* com pedal por cima da minha cabeça. Emquanto eu andava á procura da solução de um problema historico, emquanto seguia com este prazer intenso que dá a contensão do espirito n'uma pesquiza interessante, o fio de uma idéa... zás, o pedal a trabalhar, e as notas do canto de Violeta a sairem lamentaveis e desafinadas do piano meu visinho. Era de um realismo feroz, o piano; em vez de cantar, tossia como deve tossir uma phytsica no ultimo grau. Aquella musica enervante e burlesca, o bater continuado do pedal, tornavam-me furioso. Não havia meio nem de pensar, nem de escrever, nem de rir, nem de sonhar com semelhante visinhança. Tinha um realejo na escada, um verdadeiro orgão de Barbaria, que despejava sobre mim, mais ou menos, todo o santissimo dia, a sua eterna e besteficante choradeira.

Um dia não pude conter-me. Peguei no chapeu, e subi a escada. Não sabia o que ia fazer, mas ia ter uma scena terrivel. Provavelmente a dona do piano era alguma rapariga pallida e languida, que se alastrava pelos sophás, como a Lauriana do Gervasio Lobato, que lia os romances traduzidos dos gabinetes de leitura, que punha os olhos em alvo para fallar com os habitantes d'este mundo terreal, e a quem eu teria de chamar á realidade das coisas, pedindo-lhe que prevenisse a mamã de que o seu piano e o seu pedal constituiam um caso redhibitorio dos mais graves, visto que o «Sentes além no retumbar da serra» devia ter sido incluido no arrendamento. Um piano assim chorão e sem dentes podia ser equiparado a um estabelecimento insalubre, e banido pela policia da visinhança de gente christã.

Bati á porta, e foi a pianista que abriu. Não era possivel, pois, o engano. O piano emmudecéra, seguira-se o arastar do banco, depois senti passos que se approximavam, deu-se volta á chave, e eu vi, lá ao fundo, o piano momentaneamente abandonado.

Diante de mim estava a pianista: uma rapariga fresca, de olhos brilhantes e alegres, alta e desempenada, com um bom sorriso nos labios, vestida simplesmente e á ventade, penteada um pouco ao acaso, sem pretenções, uma physionomia completamente diversa da que eu imaginava.

Em presença d'esta boa rapariga, todas as minhas philippicas fugiram em debandada.

—Quer alguma coisa, visinho? disse-me ella sorrindo.

—Não, minha senhora, balbuciei, vinha tão distrahido .. que me enganei na porta .. Desculpe-me, sim?

—Ora essa?

Troca de comprimentos, e eu desci a escada perfeitamente desnorteado.

Então procurei informações. Moravam n'aquella casa mãe, filha, e um filho. Trabalhavam todos corajosamente, sem distracções, nem divertimentos. Apenas a rapariga appetecéra um dia ardentemente um piano. Morria pela musica, e, se havia de aproveitar a sua voz fresca para alegrar as horas do trabalho, descantando ao desafio com o seu canario, preferira o piano. Comprára, depois de muitas noites passadas em claro, e a troco de muitas privações, um velho piano arruinado, e sósinha, sem mestre, começára a tirar musica, tocando de ouvido. Não tinha negação, coitada, pelo contrario. Começava simplesmente pelas coisas mais faceis, e fizera de mim, involuntariamente, a victima das suas estreias.

Dias depois, o piano emmudecéra. Soube com surpresa que adoecéra gravemente a pianista. Uma pneumonia viera rapidamente desbotar as rosas das suas faces. A' pneumonia succedéra uma phtysica galopante. Depois um dia, dia lugubre de um outomno invernal, senti lá em cima choros dilacerantes, gritos angustiosos, a dôr immensa de uma mãe que se expandia em soluços e lagrimas.

*

Entristeceu-me a noticia. Vira apenas uma vez aquella pobre menina, mas a apparição subita e inesperada do seu rosto alegre e bom, do seu limpido sorriso, do seu olhar sereno e honesto, deixára na minha alma como que uma impressão de primavera. Ao abrir-se aquella porta sentira a impressão que sinto, no fim do inverno, quando ao passar no largo de Santa Izabel, entre os vendavaes e as chuvas, vem o primeiro perfume das acacias denunciar-me abril que se approxima.

Pobre menina! pensava eu; mas depois, com este santo egoismo de quem está rodeado de muitos entes queridos e que só para elles parece que tem ás vezes coração, voltava a immergir-me nas preoccupações de familia, e a cavar nas minhas investigações historicas, sem intervenção do pedal da *Traviata*.

Um dia, ao subir a escada, tive de me desviar para que passasse o piano que descia.

—Vae-se o piano? perguntei.

—Coitada da pobre mãe, disseram-me, teve de vender o piano para pagar o enterro da filha.

O que! pois aquella pobre criança consumira os dias e as noites a trabalhar sem descanço para alcançar a realisação dos seus sonhos innocentes, para ter um piano! um pobre piano escangalhado e velho a que ella podesse comtudo pedir que redissesse em notas as melodias da sua alma, um piano que fosse o confidente discreto das primeiras pulsações do seu coração, das primeiras alegrias da sua mocidade e das primeiras lagrimas dos seus amores, um piano em que ella estudava ardentemente sósinha, talvez para que o seu noivo a não julgasse inferior ás outras e a não desprezasse por ella não ter uma d'estas prendas com que se ufanam as vaidosas e com que se captivam os tolos, um piano com que ella vinha conversar á hora do levantar do trabalho, e que lhe substituia os rouxinoes que faltavam nas arvores enfezadas do jardim, um piano onde os seus dedos inexperientes e picados da agulha procuravam soffregamente o echo longinquo e vago d'essas melodias sublimes em que os grandes maestros encerram a expressão definitiva do amor com as suas tristezas ethereas e os seus ineffaveis jubilos, e esse piano, que estava destinado a ser o companheiro querido da sua mocidade laboriosa, viera a ser apenas o fiador do seu enterro! Comprando-o, julgava talvez comprar o seu veu de noiva, e comprára, inconsciente e alegre, a sua mortalha! Julgára levar para casa uma gaiola de rouxinoes que lhe cantassem debaixo dos seus dedos, na hora do descanço, as suas melodias predilectas, e comprára apenas o *De Profundis*, que lhs fôra psalmear distrahidamente sobre o caixão um padre mercenario! E, ao lembrar-me de tudo isso, e ao pensar n'aquella irradiação de sol e de alegria que penetrára na escada, quando eu fôra interromper ferozmente o dialago d'esse velho piano e d'essa criança descuidosa, e ao lembrar-me que ella dormia agora sob os cyprestes, na cova que fôra paga por esse piano indifferente e inerte, senti quasi uma dôr profunda, e as lagrimas subiram-me dos coração aos olhos.

Era a primeira vez que o piano me fazia chorar. Debalde elle suspirara o canto elegiaco de Violeta, debalde elle murmurar as mais plangentes melopéas, a unica elegia que d'elle se desprendera, mais commovente do que uma sonata de Beethoven, mais profundamente dilacerante do que a *Marcha funebre* de Chopin, fôra a que elle me segredára ao espirito, quando passára junto de mim, na escada, frio, mudo, fechado, para ir pagar o enterro d'aquella doce criança.

PINHEIRO CHAGAS.

JUVENTUDE

IDYLLIO

Poisa a abelha na flôr, extráe o mel, volteia,
Solicita e feliz, em torno da colmeia.
Sobre a doirada próle, amante e mãe, espera
A toutinegra o noivo. É plena primavera.
O sol a faiscar bate a caudal de prata
Que do açude do oiteiro ao valle se desata.
Todo o prado é relvão, e no pomar sombrio,
O fructo a intumecer, lembra o calmoso estío.
Perde o aspecto minaz o toiro sobanceiro,
Deitado no hervaçal, manso como um cordeiro.
O novilho brincão lá vae—campina fóra—
Em procura da mãe que o reclamou agora.
Canta ao longe, na costa, o mar de bom humor,
E alegre tambem canta o insecto zumbidor.

Concerto universal do amor e da virtude.
Eterna primavera—és tu, ó juventude!

BULHÃO PATO.

Digitized by Google

DEPOIS DA BATALHA

Digitized by Google

Digitized by Google

NO BANHO

(Copia d'um quadro de Mantegazza)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

A ORAÇÃO DA NOITE

Digitized by Google

O MORANGO DO DIABO

(IMITAÇÃO)

Elle voltou-se, emquanto o cavallo caracolava, percutindo as pedras com a ferradura.

Luiza estava á janella; o sol doirava os seus finos cabellos setinosos, e nos seus grandes olhos pardos lia-se a plenitude de uma alma feliz. Curvou-se no peitoril, vibrante de alegria, e atirando um beijo nas pontas dos dedos, gritou, com uma bella voz argentina, que cantou na radiosa atmosphera matinal:

—Jorge! não te demores, vou apanhar morangos e esperar-te-hei para os comermos antes do almoço.

Jorge fez que sim e partiu a galope.

A manhã estava deliciosa; nas folhas dos arbustos o orvalho irisava-se com faiscações de diamante; os fenos, refrescados pela chuva que caira de noite, exhalavam um bom cheiro penetrante e sadio; ao longe, na linha azul da collina, os moinhos recortavam se com um tom aerio de grandes aves, engolfando-se no ether.

Jorge sentia-se doidamente feliz: a primavera parecia-lhe uma estação divina, e a doce creatura, que colhia áquella hora morangos, pendendo sobre o canteiro a sua cabecita loira e espirituosa, completava o encanto d'essa estação que Deus creou expressamente para as *luas de mel*.

*

De repente, Jorge estremeceu e puchou a redea ao cavallo. Uma mulher, vestida com petulante garridice, coberta de rendas e flores, vinha ao seu encontro.

—Bons dias, Jorge!

—Bertha! exclamou o cavalleiro, franzindo as sobrancelhas.

—Bertha, sim; de que se admira? Possuo um chalet perto da sua quinta e tentou-me o desejo de felicital-o...

—Minha querida Bertha, volveu Jorge, evitando o fulgor d'esses formosos olhos, perigosamente fascinadores; sou casado e amo minha mulher; o passado morreu, apertemo-nos as mãos e sigamos cada um o nosso caminho.

—Bem sei que ama sua mulher, tornou Bertha, reprimindo um gesto de colera. Deus me livre de perturbar o seu idyllio pastoril. Ninguem aqui me conhece, ninguem poderá saber do nosso encontro. Creio que não lhe fiz a menor exprobação, que não o molestei com as minhas cartas. Só lhe peço que me conceda uma hora.. Seja generoso... Os ultimos pedidos dos condemnados respeitam-se.

Jorge não respondia, invadira-o pouco a pouco uma perturbação que lhe sacudia os nervos; apeara-se e caminhava ao lado d'ella.

—N'essa hora faremos as nossas ultimas despedidas; depois .. nunca mais me verá.

—Não, não, murmurou jorge a custo, é impossivel!

Ella apertou-lhe as mãos, fitou-o face a face, agitou a cabeça, pondo no ar o subtil aroma do heliotropio que se exhalava de toda a sua pessoa, e, com uma voz caricosa, de uma seducção irresistivel, implorou:

—Ora vamos, ingrato, venha almoçar com a sua Bertha. Encommendei morangos; chegaram ha um instante de Lisboa.

Jorge, fascinado, sem consciencia dos seus actos, deixou-se conduzir ao chalet.

Na branca toalha de linho, na casa do jantar, ao rez do chão, os crystaes scintillavam, e os morangos, em pyramides de um rubro appetitoso, o leite mugido, a manteiga fresca, punham na mesa, preparada para um delicioso *tête-à tête*, uma frescura balsamica de jardim.

De subito, uma voz resoou na estrada, acompanhando o trote largo de um cavallo:

—Bertha! Bertha! trago-te gelo; ainda chego a tempo.

—E' meu primo Alfredo, disse Bertha empallidecendo. Volto já, acrescentou, correndo á porta.

Pouco depois, o primo apeava-se e subiam ambos ao primeiro andar.

*

Jorge ficou só na casa do jantar forrada de cretonne de raminhos soltos.

Na parede, ao centro, um grande retrato exhibia Bertha, decotada, risonha, constellada de pedrarias, dilacerando entre os dedos agudos como garras, um lyrio, que destacava, na sua alvura casta, do fundo sanguineo da téla, feito por um largo reposteiro de velludo, apanhado em grossas pregas.

Defronte do retrato da dona da casa via-se a photographia do primo Alfredo, hirto e correctamente frizado, na sua moldura de pellucia azul.

Jorge fitou longamente o retrato de Bertha.

Pouco a pouco, a cabeça garrida de Bertha, circumdada pelo brilho victorioso dos diamantes, apagou-se, desfez-se como uma miragem, desappareceu da téla: no logar que occupava surgiu uma fina cabeça loira, de uma pureza raphaelesca, esboçando um sorriso candido, grave e meigo.

A cabeça loira parecia despregar-se da téla e vir ao encontro de Jorge; e Jorge, extasiado, dizia a si proprio que nenhum outro homem tinha tocado aquelles labios rosados e frescos, como um botão de rosa, que só elle animára aquella immaculada esculptura, que n'aquelle olhar profundo e limpido como o ceu, não bribrilhara senão a estrella do seu casto amor!...

—Luiza! murmurou Jorge em segredo, como se receiasse profanar o querido nome, pronunciando-o n'aquelle logar.

Em seguida, correu direito á porta: Bertha, porém, tivera o cuidado, antes de afastar-se, de fechal-a á chave.

Jorge não hesitou; sem perda de um instante, saltou pela janella, montou a cavallo e partiu a galope.

*

Encontrou-a no jardim, resplandecente do fulgor da sua belleza, da alvura do seu penteador, espumado de rendas, e do brilho fulvo dos seus abundantes cabellos de oiro, soltos em espiraes.

Apanhava morangos, curvada para os canteiros, e, no cestinho de verga, os bellos fructos saltavam, com brilhos ardentes de rubi, exhalando um aroma appetitoso e provocante.

Ao vel-o, Luiza bateu as palmas, pegou em um morango, metteu-o na bocca e correu para o marido.

—Ah! Luiza, exclamou Jorge, trincando a metade do fructo e tentando esconder a sua commoção; se soubesses como é bom o morango do Paraiso!...

Luiza fitou-o com um olhar interrogador.

—Minha querida mulhersinha, acudiu Jorge, não precisas entender; o que é necessario é que eu me esqueça que estive ameaçado de comer o morango de diabo!

GUIOMAR TORREZÃO.

DO ULTIMO ROMANTICO

(AO MEU AMIGO CONDE DE NOVA-GÔA)

I

Fico-me ás vezes a scismar n'aquillo
Que era a minha riqueza idolatrada:
O grande e puro coração tranquillo
Da minha amada.

Foi n'esse coração profundo e largo,
Mimoso como os corações das flores,
Que eu, louco! derramei o pranto amargo
Das minhas dores!

Chorei-lhe ondas de lagrimas no peito
Descrevendo-lhe o horror do meu passado,
E a sombria paixão que me tem feito
Tão desgraçado!...

E aquelle coração tranquillo e doce
Foi-se enchendo de maguas e afinal,
Porque era um fragil coração, quebrou-se
Como um crystal!...

Tirei então a derradeira prova
De quanto na desgraça é forte a gente:
Fui eu proprio enterral-o n'uma cova.
Piedosamente!

Com esse coração largo e profundo,
N'aquella cova estreita sepultei
O meu passado... E a ninguem mais no mundo
O contarei!...

MACEDO PAPANÇA—VISCONDE DE MONSARAZ.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Com o titulo *Em familia*, encetamos n'esto hebdomadario uma secção recreativa, dedicada em especial ás nossas amaveis letioras de Portugal e Brazil, e onde figurarão, successivamente, charadas, problemas, enigmas, logogriphos, etc., tudo que ajude matar o tempo e a distrair o espirito.

Convidamos os cultores do genero a enviarem-nos as suas producções, que gostosamente publicaremos, logo que satisfaçam os necessarios requisitos:—não trazerem versos errados e fozerem-se acompanhar das respectivas soluções.

Todas as composições destinadas a esta secção deverão ser sobrescriptadas a *Tom Pouce*, travessa da Queimada, 35.

Digitized by Google

Convencidos de antemão do enorme exito que espera os nossos *Passatempos*, inauguramol-os hoje, para começar, com as charadas e problemas seguintes:

Ou foge, ou põe-te em seguro—1
Porque aqui ha sempre mortes—2
Eu mesmo não tenho escapado
Por entre o ferro e seus cortes.

PORTO V. M.

. . . . No ceu
. . . . No mar
. . . . Na physica
. . . . Na musica

Antes do rei é meu irmão que tem este nome—1—2
É da Grecia e corre este homem—2—2
Serve-me para eu escrever na quinta esta meza—2—2

TOM POUCE.

PROBLEMAS

1.º—Quanto possue uma pessoa que diz o seguinte:—Se eu juntasse 30 contos ao que tenho, ficaria com tantos contos a mais de 85 quantos actualmente tenho a menos.

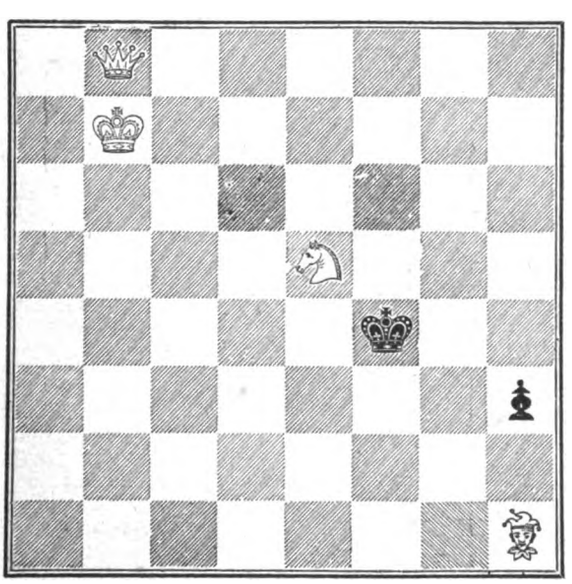
2.º—Uma camponeza vendeu primeiro metade dos ovos que levava e mais meio ovo. Em seguida vendeu metade dos que lhe restaram e mais metade d'um ovo, e finalmente outra vez metade dos que ainda possuia e mais meio ovo. Vendeu assim todos os ovos. Quantos ovos tinha?

M. A.

XADREZ

PROBLEMA N.º 1

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro lances.

A RIR

Ouvido na explanada dos Recreios:

—Você sabe? Circulam por ahi muitas moedas de dois tostões, falsas como Judas!

—Sim?! Mas que meio ha para as conhecer?

—Que meio? Um bem simples. O amigo acceita todas as moedas d'esse valor, que lhe chegarem ás mãos; depois, faz compras, e paga com ellas. Já sabe que as que lhe recusarem são das taes.

UM DOMINÓ.

ENYGMA PITTORESCO

N.º 1

AS NOSSAS GRAVURAS

A PASSAGEM DO RIO

(Copia d'uma photographia da ex.ma sr.a D. Margarida Relvas)

Não ha paizagem deliciosa, exhuberante de colorido e rica de encantos, que esta distinctissima amadora da arte photographica não tenha mettido no foco das suas maravilhosas machinas e estampado sobre o collodio impressionavel das suas chapas de crystal, immaculado e nitido.

Onde a natureza uberrima esplende os seus thesouros de luz e de verdura, creando panoramas magestosos, lá está o talento peregrino da gentil senhora, a prescrutar attentamente o lado mais poetico do quadro feiticeiro, para o reproduzir, em seguida, segundo os magicos processos da photographia moderna.

A passagem do rio, nos formosos arredores da Gollegã, é um d'esses quadros amimados e cheios de poesia campesina. Vel-o, é estar vendo a alma d'artista que o descobriu e que se impressionou com elle, a ponto de photographar todos os seus detalhes, de reproduzir todos os seus encantos, de copiar fielmente todas as suas extraordinarias bellezas.

A *Illustração Portugueza* honrando as paginas do seu primeiro numero com um precioso trabalho artistico de tão distincta amadora, presta um serviço á Arte e rende uma respeitosa homenagem ao esperançoso talento de D. Margarida Relvas.

DEPOIS DA BATALHA

Rapazes!!...

Este, que a nossa gravura representa, sorumbatico e tristonho, é um garotito de seis annos, quando muito, e revelou sempre, desde o berço, pronunciadas tendencias para imitar as evoluções tacticas da soldadesca da terra.

Onde ha um exercicio militar, lá está cahido o nosso homemsinho, seguindo com a vista prescrutadora as contramarchas cadenciadas dos pelotões, sentindo, aos sons da musica marcial, uns fremitos guerreiros de Napoleão e de Moltke. Se o fitarem attentamente, verão n'elle, mesmo, certos ares napoleonicos, que denunciam um bom general do futuro.

Apesar d'isto, não passa, por emquanto, d'um refinado traquinas, que dá bastante que fazer á mãe e que pratica todos os dias, ao sair da escola, gentilezas dignas de açoite e palmatoria.

Vêem-o de cabeça baixa, labio inferior estendido, mãos nos bolsos, joelhos no chão, preso pelo braço a uma cadeira? Se o vêem, facilmente advinharão o resto.

Este endiabrado *gamin* ideou uma batalha e arvorou-se em generalissimo dos seus exercitos, compostos de bonecragem de chumbo já ferida n'outros combates. A irmãsinha, mais nova de que elle dois annos, commandava as forças inimigas, com a falta de valor propria do seu sexo delicado e franzino.

No ardor da refrega, o pequeno Palafox, de sabre de pau á cinta e chapeu armado de papel na cabeça, faltando ás attenções que se devem ao inimigo, quando esse inimigo é uma *senhora*, vibrou-lhe dois botes na testa, prostando-a a seus pés.

Aos gritos lancinantes do vencido, a mãe veiu lá de dentro pres-

Digitized by Google

surosa, pensou-lhe os ferimentos com beijos e arnica, e prendeu o vencedor—oh! vergonha!—á perna de uma cadeira!

Assim terá de permanecer, o triste, por largas horas, n'aquella posição humilhante e penosa, se a irmãsinha, apesar de derrotada na escaramuça, não pedir á mãe, com um dos seus mais ternos sorrisos, que o solte d'ali e lhe perdoe os ardores bellicos.

Deploravel epilogo d'uma batalha!

A ORAÇÃO DA NOITE

Encantador e singelissimo o quadro!

Uma alcova, tendo por moveis um leito modesto, uma cadeira tosca, uma lampada accesa e um painel da Virgem, do cimo do qual pendem, já murchas, as palmas bentas da ultima festa.

D'entre as alvas roupas da cama, destaca-se o busto angelical d'uma creancinha loira, que reza ajoelhada, cravando os seus grandes e bellos olhos azues na Santa Imagem suspensa da parede.

Amparando-a meigamente, conservando-lhe as mãos unidas, e ensinando-lhe a oração da noite, que a gentil creança repete, n'uma doce molepéa repassada de suavidade encantadora, vê-se a mãe, um outro busto não menos adoravel, de rosto formosissimo meio velado pela sombra, e em cuja fronte pura, de linhas ideaes, se reflectem, a flux, todas as virtudes e todos os sentimentos nobres.

Lá nas aldeias reconditas e ignoradas do Norte, onde não lavra a corrupção dos vastos centros populosos, vêem-se muitos d'estes quadros, singelos na forma e nos lineamentos, mas por isso mesmo esplendidos e inimitaveis, lindissimos e gigantes, irradiando de si a doce poesia do lar, da familia, da innocencia immaculada, do casto amor de mãe como elle deve exercer-se e revelar-se.

MULHER DE AROUCA (Copia d'uma photographia de Biel)

NO BANHO

(Copia d'um quadro de Mantegazza)

Se alguma vez as creanças podem parecer-nos menos formosas, a despeito das suas cabecinhas gentilissimas e das suas seductoras infantilidades, é quando nos revelam esse horror instinctivo e profundo pela agua, um horror capaz de transformar em feias carantonhas mephistophelicas os rostos ideaes dos seraphins de Murillo.

Senão, veja-se a nossa gravura de hoje, reproducção fiel d'um quadro em que Mantegazza nos patenteia, com as bellas tintas da sua prodigiosa palheta, o que é um banho de creancinhas.

A scena, palpitante de vida, de realismo e de movimento, passa-se nas proximidades d'uma povoação qualquer, á borda d'um lago sereno e limpido.

Alguns dos pequeninos já tomaram o banho hygienico. Estão ao collo das mães, quietos e accommodados, ao passo que um do rancho se debate dentro d'agua, nas mãos maternas, e outro faz esforços desesperados para não mergulhar no frigido elemento.

Reparem n'aquellas duas caritas contrafeitas e afflictissimas. Fóra d'agua é um gosto vel-os; são dois *babys* deliciosos, lindos, sorridentes, desafiando beijos e provocando caricias. No banho, porém, mudam de aspecto; contorcem-se como endemoninhados; enroscam-se como pequeninas serpentes; saltam como gafanhotos perseguidos pela garotagem. As bocas rosadas e breves, onde pairavam sorrisos encantadores, escancaram-se em berratas satanicas e desafinadas. Os olhos, rasgados e limpos, intumecem-se pelo choro. As feições delicadas contrahem-se e decompõem-se, durante a choradeira estrepitosa. Não ha argumento que os convença, caricia que os faça calar, promessa risonha que lhes dê animo para supportar, durante alguns minutos, o frio da agua crystalina.

Ora digam-nos, se o pequenito da esquerda, o que traz suspensa ao pescoço uma medalha benta, não está feio assim, com aquella boca escancarada, e perneando ao lume d'agua, em convulsões diabolicas! E' claro que está.

O peior é que todos nós já fomos egualmente feios .. uns monstruosinhos hydrophobos!...

MULHER DE AROUCA

(Copia d'uma photophia de Biel)

Entre os nossos melhores typos de belleza campezina occupam, indubitavelmente, um logar distincto as mulheres de Arouca e suas cercanias.

Alliando á pujança de formas um donaire peculiar, realçado pelo trajo pittoresco que usam, ha no seu todo o que quer que seja da antiga belleza romana.

A nossa estampa representa uma d'essas formosas mulheres adornada com as suas galas domingueiras. Não é um trabalho de phantasia, mas uma copia muito fiel do natural. A mulher de Arouca vive, e tem muitas companheiras tão gentis como ella.

C. DANTAS.

UM CONSELHO POR SEMANA

Se quereis dar á vossa roupa branca e á de vossos maridos um brilhantismo extraordinario, minhas gentis leitoras, empregae a seguinte gomma: um litro d'amidon fervido, 100 grammas de silicato de potassa, 30 grammas de gomma arabica e 60 de assucar refinado.

Tudo quanto fôr engommado com essa mistura apresentar-se-ha polido e luzidio como um espelho.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 7 de julho de 1884 | Numero 2

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*D. Sebastião e a rainha Margot*, por Pinheiro Chagas.—*A um cortejo funebre*, poesia, por Fernando Caldeira.—*O sultão Badur*, por Bulhão Pato.—*Quando pensas em mim*, poesia, por Cyrillo Machado.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*O amor*, soneto, por J. de Sousa Monteiro.—*Em familia* (*Passatempos*).—*Um conselho por semana*.—*Soror Estephania* (*Jeanne Thilda*), por Esmeralda.

GRAVURAS.—*Nos arredores de Torres Novas* (*copia d'uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas*).—*A viuva*.—*No balouço*.—*Em frente do espelho*.—*Que bello café!*

CHRONICA

O colera de Toulon não passa d'uma vindicta chineza—O caneiro d'Alcantara e o saneamento de Lisboa—Caracteristicos das ultimas eleições—O theatro da Trindade, o *Boccacio* e a promettida *estrella* da época futura—Pelo Estrangeiro: —A peste asiatica e a peste dos *pronunciamientos* em Hespanha—Os fuzilamentos de Gerona.

O cholera!

Esta palavra sinistra como a ultima visagem d'um moribundo, tem enchido a semana com as suas tres syllabas fatidicas, em

NOS ARREDORES DE TORRES NOVAS (Copia d'uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas)

Digitized by Google

cada uma das quaes parece divisar-se um mundo de pobres diabos amarellentos, convulsionados pela febre, torturados pelas caimbras, passando d'esta para melhor vida em estertores e agonias medonhas.

A vertigem eleitoral veio por instantes velar as negras visões cholericas que a agencia *Havas* creára no nosso espirito enfermisso; mas, quebrados os sellos das urnas, restituida aos templos onde se exerceu o *sagrado direito* a sua feição habitual, arremessado aos ventos da publicidade o nome victorioso do candidato eleito, eis que a palavra maldita nos surge de novo, como um espectro ameaçador, proferida por todos os labios bonitos ou feios, escripta em todas as gazetas noticiosas e politicas, estrangeiras e não estrangeiras, d'aqui, d'acolá, do mundo inteiro, com as suas sete letras asquerosas, de que se exhala o ar gelado e pestifero dos tumulos.

E note-se que o horrido flagello não transpoz ainda os ambitos da França, onde resolveu passar a estação calmosa. Localisou-se em Toulon—o caneiro d'Alcantara do territorio da Republica—e o mais que fez foi estender subrepticiamente a perna até Marselha, n'uma curta passeiata de *touriste* pouco endinheirado.

Se o patife se lembrasse de vir, em viagem de recreio, pelos Pyreneus fóra, se batesse á porta das formosas filhas da Andaluzia, espreitando-lhes o *salero*, e se lhe aprouvesse, instigado por este asphixiante calor de julho, invadir-nos o Minho ou o Algarve, tres quartas partes da população de Lisboa morreriam de susto, á força de terem vivido, durante longos dias consecutivos, a pensar no monstro. Mas, no fim de contas, o monstro não cuida em vir cá, nem é tão feio como o pintam, iamos jural-o. D'origem chineza declarada, introduziu-se a bordo d'um navio que partia da Cochinchina para Toulon, e foi á França, enviado pelos *pavilhões-negros*, a vingar o rabicho dos seus compatriotas, das affrontas inflingidas pelas armas francezas em Bac-Ninh e Song-Tai.

Deixal-os, pois, lá jogar as cristas com os tolonezes, até que estes se lembrem de abrir canos de esgoto na sua nojentissima cidade de 80:000 mil almas, e não nos envolvamos na contenda.

O cholera em França representa uma vindicta da China, e o direito internacional, que nós saibamos, não prosereveu ainda as represalias.

Os cidadãos chinezes, á mingua de boas peças Krupp, quizeram provar ao sr. Ferry que podiam dispôr d'uma epidemia bem mais devastadora e mortifera.

Fanfarronadas do Celeste Imperio!

Em todo o caso, e como medida preventiva, sempre será bom ir desinfectando os bairros mais immundos da nossa capital, innundar d'acido phenico os quarteis militares, e resolver de vez o eterno problema do CANEIRO, essa repugnante sentina de que o bello Tejo de crystal se envergonha e de que a nossa pituitaria se arrecéa com bem fundados motivos.

* * *

Conforme annunciamos na nossa chronica anterior, as eleições são um facto consumado. A sua realisação caracterisou-se, em Lisboa, por uma paz verdadeiramente ce taviana, nas provincias por um ou outro desatino a que o enthusiasmo da lucta eleitoral dará sempre margem emquanto os homens não forem anjos, e na ilha da Madeira por alguns tumultos graves que, desgraçadamente, desandaram em tragedia.

O echo sinistro dos acontecimentos occorridos n'aquella ilha, durante a eleição, chega até nós demasiadamente confuso, para que possamos desde já acceital-o como veridico, sem hesitações nem duvidas.

Segundo rezam os telegrammas, ha scenas sangrentas a registrar, pugilatos tremendos e deploraveis que desvirtuaram o acto eleitoral.

Se isto é assim, a chronica, assumindo os ares graves e serios que o caso pede, protésta, em nome do decoro, contra os desmandos que a cegueira da paixão politica dos madeirenses acaba de produzir.

* * *

Mais um theatro que cerrou as suas portas—a Trindade,—essa elegantissima e bem fadada casa de espectaculo, em que as apotheoses ao extraordinario talento da gentil Anna Pereira se succedem, e por onde teem passado, deixando um rastro luminoso, todas as mais notaveis organisações artisticas dos nossos tempos.

O *Boccacio*, de Suppé, foi o canto de cysne da epoca extincta, a chave de ouro com que fecharam d'esta vez as bellas noites da Trindade. Será elle, tambem, o encarregado por Francisco Palha d'abrir, lá para outubro, as portas do formoso theatro, assim que os calores estivaes se esvaeçam e as primeiras caeimbas do outono restituam á despovoada Lisboa tudo quanto trocou as palestras da Havaneza pelas brisas acariciadoras de Cintra, os cavacos do Gremio pela vegetação luxuriante de Collares e o bulicio monotono da Baixa pelas fragrancias dulcissimas que pairam na limpida atmosphera de Bellas e de Caneças.

Até lá, o *Boccacio* será para nós o sonho bom de todas as noites, e Thomazia Velloso—a promettida *estrella* da futura epoca—o formoso ideal a que aspiram os nossos olhos e os nossos ouvidos.

* * *

Do estrangeiro, quasi nada.

Em França, além do cholera que flagella desapiedadamente a população de Toulon, da aventura heroe-comica de Cambodge, e da violação do tratado de Tien-Tsin pelas tropas chinezas, nada ha de importante, que demande registro especial na chronica.

Em Hespanha adoptam-se energicas medidas contra a invasão da peste asiatica e da peste dos *pronunciamientos* militares, estabelecendo cordões sanitarios na fronteira da França e fuzilando summariamente, em Gerona, dois officiaes revoltosos de Santa-Coloma de Farnés.

Qualquer das duas pestes é má, não o negamos, e o contagio dos pestiferos por egual pernicioso e daninho.

Todavia, pelo que toca á medida extrema do fuzilamento legal, a nossa penna de chronista só tem uma palavra para a definir, só encontra um vocabulo para lhe sinthetisar os horrores: —Triste!

C. DANTAS

D. SEBASTIÃO E A RAINHA MARGOT

Um moço aspirante a diplomata, cheio de talento e de amor pelo estudo, sabendo usar dos meios de fortuna que a Providencia poz á sua disposição, e honrando com a dignidade do seu porte, a distincção das suas maneiras e os primores da sua educação intellectual o titulo que herdou e que seu pai conquistára com o seu trabalho e o seu nunca desmentido patriotismo, o joven conde de S. Mamede, emfim, acaba de publicar um folheto escripto em excellente francez, e em que se occupa de um assumpto curioso e interesante: as negociações que por muito tempo andaram travadas para o casamento d'el-rei D. Sebastião de Portugal com a formosa, sabia e leviana Margarida de Valois, irmã de Carlos IX, e esposa que veio depois a ser de Henrique de Navarra, bem conhecida entre os leitores de romances francezes pelo nome de rainha Margot, que serve de titulo a um dos mais deliciosos romances do grande Dumas.

Mentiriamos, se dissessemos ao sr. conde de S. Mamede que a sua *plaquette* se pode equiparar em valor historico aos excellentes estudos publicados recentemente pelo sr. Fernando Palha e que tanto esclarecem alguns pontos mais obscuros da historia nacional, mas é uma estreia excellente e auspiciosa, escripta com reflexão, com boa critica, em estylo singelo e em boa linguagem franceza. Se não dá aos que se empenham n'estes estudos um grande numero de novidades, não deixa de confirmar, com documentos curiosos, alguns dos factos já conhecidos d'esse periodo da nossa historia, e de projectar raios de verdadeira luz sobre essa physionomia fatal, melancholica e ás vezes indecifravel do joven rei D. Sebastião.

Casar o soberano portuguez, mystico, ascetico, como que selvagem para com as mulheres, com essa princeza brilhante de espirito, avida de prazeres, com preconceitos e sem escrupulos, era preparar com um seculo de antecedencia uma catastrophe similhante á que se realisou depois, no tempo de D. Affonso VI. E é curioso o saber-se agora que já se ia preparando tudo para que a catastrophe tivesse uma solução identica á que teve depois o caso de D. Affonso VI.

Os medicos e astrologos judiciarios tinham prophetisado que teria curtos annos de vida el-rei D. Sebastião. *Il est vrai, Madame*, diz o embaixador francez em Lisboa, mr. de Fourquevaulx a Catharina de Medicis, *qu'ils se consolent au dit royaume de ce que, si le dit seigneur roi venait à mourir jeune (ce que Dieu ne veuille) ils ont le seigneur D. Duart, agé de trente deux ans, qui pourrait épouser sa femme si elle n'avait enfants, comme plus proche a la couronne: par lequel expédient Madame soeur du roi, demeurerait reine, et l'alliance de vos royaumes en son entier.*»

Eram previdentes, como se vê, os nossos antepassados.

A aversão que D. Sebastião professava pelas mulheres é um facto perfeitamente averiguado. O motivo d'essa aversão é menos facil de adivinhar, n'um paiz onde a má lingua é tradicional, mas onde as indiscripções das *Memorias* são quasi desconhecidas. O que se diria de D. Sebastião, muito em segredo, á esquina da rua Nova, á porta de alguma loja que seria a Casa Havaneza do seculo XVI! Mas a posteridade não teve conhecimento d'essa malidicencia, e o sr. conde de S. Mamede é que póde, rebuscando nas *Chronicas* publicadas modernamente pelo erudito Gachard, e nos *Documentos para a historia de França* e nos *Documentos para a historia de Hespanha*, encontrar algumas indiscripções dos embaixadores, indiscripções do genero mais intimo. Estamos convencidos, com tudo, de que a physiologia nada tem que ver com essa misogynia de D. Sebastião.

Eram as suas preoccupações ascetico-militares, era essa dupla educação de monge e de soldado, que o faziam considerar a um tempo como um peccado e como uma fraqueza o trato com as mulheres; era a timidez invencivel, tambem, de quem fôra educado

Digitized by Google

longe de sua mãe, e por consequencia sem convivencias femininas; era a paixão da castidade, alimentada ainda pelo excesso dos exercicios corporaes, pelos habitos da sua vida fragueira. Era perfeitamente o Hypolito grego, bem differente do amaneirado Hypolito de Racine, Hypolito que desdenha o amor cego da madrasta, não porque ande entretido a fazer madrigaes a Aricia, mas porque, infatigavel caçador, não chega sequer a comprehender as amorosas fraquezas.

Ha entre D. Sebastião e Carlos XII da Suecia, já algures o dissemos, uma similhança curiosa. Só faltaram a D. Sebastião os talentos militares de Carlos XII, como faltava ao rei da Suecia o enthusiasmo ascetico do infeliz soberano de Portugal.

O casamento, pois, assustava-o devéras, e mais o assustava ainda a idéa de ir desposar a gentil Margot, que já a esse tempo dava escandalo na côrte de França. Requestava-a sem grande recato o duque de Guise, e Margot deixava-se namorar. Imagina-se facilmente o que pensaria d'isto o castissimo soberano, que, ao receber das damas de honor um copo de agua á mesa, fazia todos os esforços para que as suas mãos e as mãos d'ellas nem por um momento se encontrassem.

Deu este projectado casamento logar a negociações curiosas. Primeiro, Philippe II de Hespanha oppoz-se-lhe energicamente, e isso percebia-se bem, porque entrava na sua politica, mas de subito mudou de opinião, e começou, pelo contrario, a favorecel-o o mais possivel. Porque? Houve para isso rasões muitos complexas. Em primeiro logar Philippe II quiz desposar uma archiduqueza que estava promettida para mulher ao rei de França, e, para suavisar o resentimento d'este ultimo, prestou-se a proteger-lhe os planos com relação a Portugal, em segundo logar, sabendo que havia idéas de se ligar, pelo casamento de Margarida e de Henrique de Navarra, a casa catholica de Valois com a casa protestante de Bourbon, o que poderia dar em resultado a formação ás suas portas de uma monarchia huguenote, abandonou todos os projectos anteriores para impedir similhante catastrophe. Auxiliou-o com toda a energia o papa Pio V, mas nem um nem outro conseguiram abalar o animo de D. Sebastião, que, muito satisfeito por ter um pretexto para se poder conservar solteiro, allegava que não podia tolerar que se zombasse d'elle, propondo-se-lhe agora um casamento que primeiro se lhe aconselhára que regeitasse.

E' a historia d'estas curiosas negociações que o sr. conde de S. Mamede traça no seu folheto, discriminando com sagacidade as causas verdadeiras de tão encontradas peripecias. Entre os documentos que publica, ha alguns realmente curiosos, como são as cartas de Philippe II a Venegas, escriptas com aquella prolixidade que sempre caracterisou o estylo do sombrio monarcha, os despachos cheios de finas observações dos ministros francezes, as cartas caprichosamente orthographadas de Catharina de Medicis, e uma carta bastante rude de D. Sebastião a sua mãe.

Vão apparecendo, felizmente, em Portugal os livros d'este genero: pequenas monographias cuidadosamente estudadas, que constituem, por assim dizer, o corpo de exploradores, que ha de sempre preceder a historia seriamente escripta, com os seus grossos volumes, que constituem a infanteria pesada. O chefe d'estes uhlanos brilhantes é, sem duvida alguma, o sr. Fernando Palha, mas o sr. conde de S. Mamede, que assentou praça agora, merece já ser contado entre os seus mais distinctos cavalleiros.

PINHEIRO CHAGAS.

A UM CORTEJO FUNEBRE

Ó morte, ó anjo das trevas,
tenho de ti grandes queixas...
quem has de levar, não levas
quem has de deixar, não deixas.

CANT. POP.

Eis tudo quanto resta ao triste, que adormece
n'um somno derradeiro e cheio de mysterio...
as taboas do caixão, uns crepes, uma prece
e alguns palmos de terra ahi n'um cemiterio.

Sonha-se a vida inteira e logo um dia é vindo,
em que um sopro de gelo apaga a luz. No peito
aqueda o coração... e fica-se dormindo...
Feliz o que adormece abençoando o leito.

Feliz o que sentiu pousar-lhe face a face
o espectro, que lhe traz a quietação do somno,
se um sonho não sonhou, que a dôr não lhe embalasse,
feliz o que não chega ao declinar do outono.

Era um homem aquillo, essa materia inerte!
E o sino marca ao longe a marcha ao sahimento,
sem que elle ouça, que sinta, ao menos que desperte
ao mastigar-lhe o rosto o verme lento e lento.

Que ao longe brade o bronze o lamentoso dobre...
que o vá roer o verme entre a mortalha esqualida...
nem um signal de vida ali se lhe descobre!
Não faz senão dormir aquella fronte pallida!

Mas entre as multidões, se acaso ha, quem succumba,
á vista d'esse esquife e de terror desmaia,
a quantos, sabe Deus, se lhes figura a tumba,
o barco salvador, que nos conduz á praia?!

Deus sabe se em mar largo ás vagas inda entregue
ha, quem t'inveje agora o somno descançado,
a cova, que lá tens e o olvido, que te segue
entre essas pas de terra amontoada ao lado!

FERNANDO CALDEIRA.

O SULTÃO BADUR

Os portuguezes estavam orientalisados. As tradições de D. Francisco d'Almeida e de Affonso d'Albuquerque haviam desapparecido.

Já se não enforcava o soldado portuguez com a jarra ao pescoço roubada ao indio, defronte da porta do queixoso, como em sua justiça ordenou o *terrivel*. Por isso, nos dias de corrupção, iam ainda os aggravados pedir-lhe justiça ao tumulo!

As paixões corriam desenfreadas. A decadencia moral, com raras excepções, existia em tudo: uma só coisa restava: o valor—esse desenganado e indomavel.

Nuno da Cunha, como dissemos no livro «Portuguezes na India», era uma nobre e elevada figura. Desinteresse, valentia, honradez, tudo primava no filho de Tristão da Cunha, que, na flor da mocidade, cruzando pela primeira vez o ferro com o inimigo, fôra armado cavalleiro pelo gigante de Ormuz, de Goa e de Malacca—Affonso d'Albuquerque.

Não sei que nação alguma, nem antiga nem moderna, tivesse maiores feitos e maiores homens do que teve Portugal entre os seculos XV e XVI. O infante D. Henrique no promontorio de Sagres, é uma estatua colossal, cujo olhar devassa o mar tenebroso e entrevê um novo mundo! Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Fernando de Magalhães, Duarte Pacheco, D. Francisco d'Almeida e seu filho D. Lourenço, Affonso d'Albuquerque, Nuno da Cunha, D. João de Castro, Gil Vicente, João de Barros, Pedro Nunes, Camões—são uma sinosura esplendida, digna do pincel correcto, colorido e brilhante do velho Plutarcho!

Como veio rapida a decadencia e em tudo!

As causas, apesar de diversos juizos aventados por homens de talento, ainda se não poderam verdadeiramente determinar. Os jesuitas entraram por muito; mas os jesuitas não exerceram exclusivamente a sua acção em Portugal; avassalaram a Hespanha, a França, a Italia, e dominaram mais ou menos por toda a parte.

Portugal abre o seculo XVI dando uma nova civilisação e um novo mundo á Europa, e, antes de findo esse seculo, estende com paciente covardia os pulsos ás cadeias ignominiosas de Filippe II.

Singular destino!

Apesar das suas qualidades pessoaes, Nuno da Cunha não podia ter mão nas ondas lodosas que evadiam o Oriente. Mais para o futuro outro tanto succedeu ao nobre e generoso estoico, que viu desfolhadas todas as suas illusões, succumbindo pobre e desenganado n'aquella India, que julgára salvar, convertendo-a n'uma terra de Promissão!

Em peitos portuguezes, na época de decadencia do Oriente, uma unica coisa, já o dissemos, accusava a nativa nobreza: era o valor.

O Sultão Badur, homem de animo retrahido e perverso, maquinava constantemente para exterminar os nossos. Covarde de condição, não sabia usar do seu enorme poder senão por meio de ciladas e traições. Deram-se varios lances com Nuno da Cunha. Agora fallaremos de um acto de abnegação e da maxima bravura praticado por Manuel de Sousa, capitão da fortaleza de Diu. Diogo do Coito narra-o admiravelmente. Seguimos a sua versão.

O Sultão Badur tinha os olhos sobre a fortaleza, que era para elle mais de que um perigo—uma cruel humilhação. Annunciára-se a chegada de Nuno da Cunha, e antes que ella se realisasse, o Sultão partiu para os Paços de Diu, de improviso e muito á ligeira—affoirado, como se dizia na linguagem do tempo—planeando um assalto áquella fortaleza, baluarte dos maiores feitos que se praticaram na India. A vigilancia, actividade e prudencia de Manuel de Sousa frustraram-lhe os intentos.

Decidiu então convidar o capitão a seus Paços, matal-o e acommetter a fortaleza.

Manuel de Sousa não suspeitou a traição: mas uma noite, por pessoa mysteriosa e que se dizia amiga, foi avisado.

O capitão de Diu passou o resto da noite agitado, na incerteza de que a confidencia fosse verdadeira ou falsa.

De manhã confirmou-se uma parte d'ella, porque de facto o Sultão Badur o mandou chamar com viva instancia. Manuel de Sousa não podia sustentar um cerco, porque lhe faltariam

Digitized by Google

A VIUVA (Quadro de Toby E. Rosenthal—Da Sociedade Photographica de Berlim)

Digitized by Google

Digitized by Google

EM FRENTE DO ESPELHO

(Copia d'um quadro de I. R. Wehle)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O PALOUCO (Copia d'un quadro de Frederico Kraus)

Digitized by Google

mantimentos, e contra a fome e sede não havia luctar. Talvez um rasgo de audacia o salvasse, e quando fosse morto preferia a morte a entregar a fortaleza.

Os capitães, na visita do rei, iam por terra, com o sequito e honras que lhe eram proprias: a cavallo, sessenta espingardeiros de guarda, pifanos, tambores, etc. Manuel de Sousa determinou ir por mar e apenas acompanhado por um pagem. Era um rasgo temerario: mas talvez surtisse effeito.

Animado, impertnrbavel, risonho, apresentou-se nos Paços do Sultão Badur, comprimentando com elegancia e desassombro os numerosos vassallos antes de se avistar com el-rei.

Esta audacia desconcertou o gentio.

O capitão, na maior tranquillidade, disse-lhe que o governador Nuno da Cunha já tinha partido de Bassaim e que estava a chegar por horas. Badur, a esta nova, aterrou-se e mudou de resolução, deixando partir em paz Manuel de Sousa e fazendo-lhe protestos da maior lealdade.

Diogo do Coito attribue o facto a milagre do ceu: o verdadeiro milagre foi o valor do heroico capitão, que se impoz ao animo ruim do cavilloso gentio.

Nuno da Cunha chegou poucos dias depois. A fortaleza salvou-se ainda uma vez, e d'essa vez devido á abnegação de um só homem, que preferiu affrontar a morte, capitulada de inevitavel, a pôr em risco o valor e a fama do nome portuguez.

BULHÃO PATO.

QUANDO PENSAS EM MIM

Quando pensas em mim, ó bem amada
Que nunca me sondaste o coração,
Julgas talvez que esta alma atrophiada
Não sentiu nunca os éstos da paixão.

E chamas-me talvez impertinente,
Se o teu olhar sarcastico me vê
Mirando-te, ao passares indolente
Sobre os fofos coxins do teu coupé.

CYRILLO MACHADO.

AS NOSSAS GRAVURAS

NOS ARREDORES DE TORRES NOVAS

(Copia d'uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas)

Um quadro escolhido por mão de mestre. Natural e singelissimo, tem o cunho da simplicidade rustica, uma variedade encantadora de tons, um não sei que de suavemente poetico a deliciar-nos a vista, a provocar-nos o desejo de largar a penna e de ir por esses formosos campos fóra, em busca d'auras perfumadas, d'arvoredos umbrosos e de fontes crystallinas.

Carlos Relvas tem o condão especial de descobrir quadros d'aquelles, que ninguem mais conhece em todo o pleno encanto das suas extraordinarias bellezas campezinas, provando-nos assim que nem só a garrida e fresca Cintra merece os nossos madrigaes e é digna da affeição que lhe votamos.

A VIUVA

(Quadro de Toby E. Rosenthal—Da Sociedade Photographica de Berlim)

Uma pobre viuva, com a alma cheia de recordações saudosissimas, consome as noites em longas rezas, procurando na oração o allivio para a dôr cruciante e esmagadora que a dilacera. Muitas vezes, os primeiros alvores da manhã veem surprehendel-a, de joelhos, lacrimosa e afflicta como a estatua do desespero, na vigilia consagrada ao affectuoso e bom companheiro que a morte lhe arrebatou para sempre.

A filha dorme descuidosa, como creança que é; mas a desventurada viuva reza e véla sempre: consiste n'isso a sua consolação suprema.

D'esta vez, porém, a fadiga prostou-a, em meio da oração da noite, n'um somno profundo, e o livro santo cahiu-lhe das mãos inertes.

É n'essa attitude que a filha, accordando de subito e voltando-se rapidamente no leito, assustada pelo arruido, descobre a infeliz creatura.

O BALOUÇO

(Copia d'um quadro de Frederico Kraus)

Um tosco banco de ferrador, uma simples taboa, e inventou-se aquella brincadeira, que pode ter por epilogo o mais valente dos trambolhões.

Vão lá, porém, dizer aos alegres garotitos que hão de acabar a patuscada estatelando se no chão e magoando os ossos. É isso em que elles menos pensam, confiados na veracidade do velho annexim:—Ao menino e ao borracho põe-lhes Deus a mão por baixo.

Se até a mãe brinca, de camaradagem com a prole irrequieta, pondo em movimento o improvisado balouço dos pequenos!

EM FRENTE DO ESPELHO

(Copia d'um quadro de J. R. Wehle)

Tão pequenas, e já tão vaidosas das suas *toilettes* garridas e das suas bellezas cheias de frescura! A mais velha tem quatorze annos gentis; a outra, que é talvez sua irmã, completou oito ou nove primaveras, quando muito. E ambas ellas gostam de passar horas esquecidas diante do espelho, experimentando laços e fitinhas, ensaiando, em face do crystal, gestos e ademanes de senhora.

Até o *Mogol*, o Terra-Nova estremecido, cumplice de muitas travessuras da mais nova, é forçado a acompanhal-as junto do espelho, em *poses* demoradas e incommodas!

Vendo estas duas vaidosas a namoraram-se das suas pessoas, como dois Narcizos, lembra-nos o que disse algures Alphonse Karr:—Já não ha creanças: ha pequeninas mulheres.

E o grande romancista tinha rasão.

QUE BELLO CAFÉ!

(Copia d'um quadro de Paulo Monjé)

Aromatica e appetitosa bebida!

A boa velhota que a nossa gravura representa, morre por uma chavena de puro Mokâ, e todas as tardes, antes de mandar para a mesa dos amos a cinzelada cafeteira de prata, cheia do saboroso liquido, se regosija com as delicias da prova.

D'esta vez provou e repete a dóse, porque o café é magnifico e a tarde está fria.

Como vêem, nos labios desbotados da septuagenaria velhinha paira um sorriso d'intima satisfação. É que ella sente-se confortada, e diz, lá de si para comsigo, n'uma eloquentissima e expressiva mudez denunciadora de ineffaveis jubilos:

—Que bello café!

C. D.

O AMOR

—«O amor, uivava ao jogo o conselheiro,
Pisando a viscondessa que sorria,
Da vida na Real Secretaria
É director sisudo e cavalheiro.»

E' ella, a cravar, cosendo-se ao parceiro,
Avido olhar na calva luzidia:
—«Na tal repartição quem não seria
Ao menos ajudante do porteiro?»

—«O amor, acode o bispo, é a Santa Egreja.
E a creada, ajoujada co a bandeja,
Vae-se a cuidar que o amor era anspeçada.

—«Loucos! o amor, rugi com voz chorosa,
É a vida se te vejo, ó prenda amada
É a morte se me foges desdenhosa.»

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Convidamos de novo os amadores de charadas, enygmas e logogriphos a enviarem-nos as suas producções, que gostosamente publicaremos, logo que satisfaçam os necessarios requisitos:—não trazerem versos errados e fazerem-se acompanhar das respectivas soluções.

Todas as composições destinadas a esta secção deverão ser sobrescriptadas a *Tom Pouce*, travessa da Queimada, 35.

Pessima, mas alegre, a primera mulher—1—1—1.
Gosto e não gosto e afinal é optimo!—2—2.

TOM POUCE.

Digitized by Google

Adverbio é o meu nome—1
De barro sou construido—2
Houje sou tão desprezado
Como outr'ora fui querido

. . . . . Heroe
. . . . . Heroe
. . . . . Batalha
. . . . . Jogo

LOGOGRIPHO

Sou gentil e bello. Filho d'um deus e deus tambem, amei formosas deusas, adorei simples mortaes. Mas todos os meus amores foram tragicos. Esplendidas visões estendiam-me os braços: eram mulheres, sublimes creaturas, tristes e sonhadoras, a quem depois abandonava... E ellas, na solidão, a sós com a sua tristeza, chorando as suas dores, esvaindo-se em suspiros, clamavam por mim. = 2—5—7—3—3—7.

Depois tentei recuar... mas a miseria abriu-me os braços .. Quiz luctar contra o destino.. baldado esforço... O destino venceu-me... Não mais encontrei o maternal amor... a minha alma, batida pelo vento da falsa esperança, absorvia-se no abysmo das trevas .. O meu coração enlutado procurava um seio amigo, ainda mesmo na erma sepultura.. Oh! mas a gélida mortalha da desventura perseguia-me implacavel... Tornei-me então maldito, um impio, errante.. Todos de mim fugiam com terror. =1—2—1—7.

Um dia, apoz muito caminhar, refugiei-me n'uma ilha; e ahi, no meio da triste solidão, a minha voz gemente e supplicante ia perder-se na noite da treva... É que me tinham roubado familia, patria, amante, tudo! E ahi mesmo, n'essa ilha, o odio perseguiu-me... Fugi novamente... E todavia, que fizera eu para assim me odiarem? O meu crime era amar .. =4—7—6.

Em seguida, toda a minha vida soffreu uma completa transformação: assisti ás batalhas, ao choque das lanças; a terra estremecia sob os meus pés... adoraram-me então... E veneraram-me... é que eu era poderosa... é que a minha lança ceifava as existencias, percorria o mundo, flammejante, torva e ensanguentada.—5—2—3—3—2—6.

.....

Mas um dia tive um sonho: achava-me n'uma ilha formosissima... jardins verdejantes, fontes limpidas, variedade de flores e de plantas... Uma suave fragancia, que fallava aos sentidos, espalhava-se por toda a parte... A formosa Leucothoe affastava as cortinas das neptunicas aguas, junto d'um rio que, nas curvadas voltas, se assimilhava ao Meandro... Eu estava junto de uma fonte... e n'uma das columnas de jaspe branco que a sustentavam, escrevi em grossos caracteres:—VINDE. MORTAES, VINDE A MEUS BRAÇOS.. SOU A VOLUPIA... VINDE CONHECER O AMOR DOS SENTIDOS...

AJAX.

PROBLEMAS

1.º

1.º—Fixe-se um numero e tire-se d'elle outro qualquer inferior a 10;
2.º—Duplique-se o resto e junte-se-lhe o numero fixado;
3.º—Do resultado obtido tire-se o numero já subtrahido; triplique-se o resto e junte-se novamente ao producto o numero fixado.

Feito isto, dizer e justificar o modo de descobrir o numero em que se pensou e o que se tirou, sabendo o resultado a que se é conduzido pela serie de operações expostas.

2.º

Um pae, interrogado sobre a edade do filho, respondeu:
Se do dobro da edade que elle tem tirardes o triplo da que elle tinha ha 6 annos, tereis a edade que elle terá d'aqui a 4 annos.
Que edade tinha o filho?

MORAES D'ALMEIDA.

A RIR

Um sujeito soffre de certa indisposição, a que não são estranhos os morangos e os alperces mal sazonados.

Perdendo a esperança de debellar o incommodo com remedios caseiros, recorre ao medico e pede-lhe que receite.

—Isso não vale nada, responde o esculapio; já Boerhaave dizia: A cabeça e o ventre devem estar sempre livres.

O doente, com tristeza:

—Mas note o doutor que isto, em mim, já não é liberdade; é licença!

*

Questiunculas conjugaes:

A senhora Athanasia invectiva seu marido por ter chegado aos quarenta annos sem alcançar um posto imminente na sociedade.

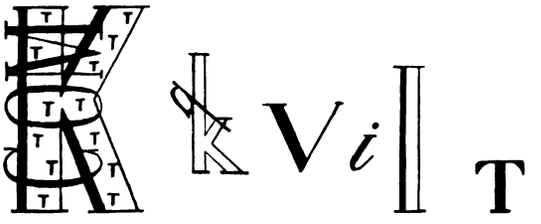
—Mas, minha querida, observa elle, aos quarenta annos não se é velho. Ainda posso esperar...

—Acha pouco quarenta annos? Na sua edade já Alexandre o Grande tinha morrido seis annos antes.

UM DOMINÓ.

ENYGMA PITTORESCO

N.º 2



DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Retalho.
2.ª—i r i s
r e m o
i m a n
s o n s
3.ª—Elmano.
4.ª—Gregorio.
5.ª—Papeleira.

Dos problemas:

1.º—Possue 70 contos.
2.º—Tinha 7 ovos.

Resolveram os problemas os srs. Alexandre Oliveira e Jorge Xavier Vieira.

Xadrez: Problema n.º 1—Esperando que alguem o resolva até sair o 3.º numero, publicaremos n'essa data a sua resolução.

Do enygma pittoresco:—O Amazonas é um grande rio no globo.

UM CONSELHO POR SEMANA

O cold-cream é uma pomada incontestavelmente magnifica para amaciar a pelle, mas, como todas as pomadas que se empregam sobre as faces, precisa de ser feito com o maximo cuidado. É, pois, de toda a conveniencia preparal-o em casa, para ficarmos convencidos de que não contém ingredientes nocivos á saude.

Eis a receita para fazer bom cold-cream: derretem-se 30 grammas de cera branca em 215 grammas de oleo d'amendoas doces. Assim que a cera estiver bem derretida, agita-se até resfriar completamente; depois, juntam-se-lhe 60 grammas de espermacete, 60 grammas d'agua de rosas, 15 grammas de tintura de benjoin e 30 gottas d'oleo essencial de rosas. O cold-cream obtido por este meio será muito fino e d'um perfume agradabilissimo.

SOROR ESTEPHANIA

(JEANNE THILDA)

Ella saiu do convento e tomou pelo caminho que conduzia ao campo.

A baroneza protegia a communidade, e a superiora, grata a tantos beneficios, resolvera enviar-lhe soror Estephania, a perola do convento, cujo ardente mysticismo enchia de gloria a ordem de S. Vicente de Paula.

O vento agitava o veu branco da irmã de caridade, assimilhando-a a uma colossal borboleta, voando atravez da verdura: os seus grossos sapatos levantavam a poeira da estrada, e pelos seus de

Digitized by Google

dos escorregavam as contas do rosario, que lhe pendia da cintura. A touca emmoldurava um rosto frio e pallido, devorado pelas austeridades e pelas vigilias, uns olhos sem brilho e uns labios sem côr, onde o sorriso se extinguira havia muito: a irmã Estephania era uma santa, que inspirava simultaneamente o respeito e o terror, por isso que fallava muito mais das chammas do inferno que dos jubilos do Paraizo.

*

Começára o mez de maio: as frescas violetas punham manchas azues na herva orvalhada, a terra rejuvenescida aquecia os insectos e alimentava as formigas, que atravessavam a estrada, descrevendo zigue-zagues pretos como traços de tinta.

A irmã de caridade caminhava apressada, sem um olhar, sem um unico pensamento para essa primavera que ria em torno d'ella.

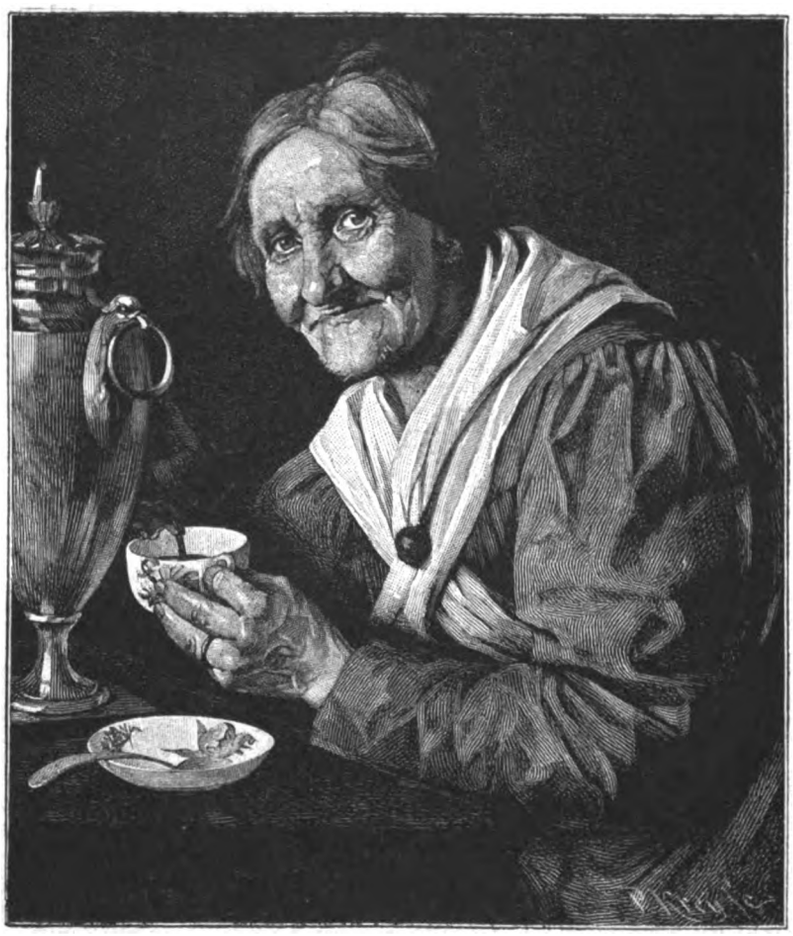
Os seus olhos gelados e duros procuravam atravez das nuvens doiradas, franjadas de purpura o Deus vingador, que castiga inexoravelmente as mais leves culpas.

No momento em que ia penetrar no bosque, a irmã viu uma rapariga pallida e macillenta, conduzindo nos braços uma creança embrulhada em farrapos.

—Oh! minha irmã! soluçou a infeliz, ajoelhando aos pés de soror Estephania, compadeça-se da pobre Rosa, a quem ensinou o cathecismo; salve o meu pobre filhinho, elle não tem culpa; seccou-se-me o leite, e meu pae acaba de expulsar-me!

—Seu pae fez o que devia, respondeu a irmã Estephania; não ha perdão para similhantes crimes; sim, a creança morrerá, Deus não quer que viva o abominavel fructo do peccado, retire-se o seu aspecto causa-me horror!

E sem se dignar olhar para a desgraçada, que chorava, estreitando contra o peito a creança, a religiosa afastou-se, agitando a sua enorme touca como uma maldição e uma ameaça.



QUE BELLO CAFÉ! (Copia d'um quadro de Paulo Monjé)

*

A baroneza, escrupulisando em privar a communidade da companhia da santa, reenviou-a, pedindo que a substituissem por outra irmã mais obscura.

Ao cair da tarde, soror Estephania voltou para o convento, tornando a passar pelo mesmo sitio onde encontrára Rosa.

A noite avisinhava-se, dispondo-se a desdobrar o seu veu de sombras sobre os esplendores do poente. Ao longo dos campos, os rainunculos, o trevo e a madresilva formavam um mosaico caprichoso e perfumado, onde as borboletas pousavam, batendo as azas. Assentados em uma pedra, um rapaz e uma rapariga conversavam, estreitando as mãos e confundindo os olhares.

A rapariga trajava um simples vestido de lã cinzenta e tinha nas mãos pequenas, um pouco avermelhadas, um molho de flores silvestres; a felicidade irradiava-lhe nos bellos olhos negros e avelludados.

O rapaz, vestindo a blusa do operario, fitava-a inebriado. A belleza, o amor e a primavera illuminava-os com o seu triplice fulgor. Ella chegava-lhe as flores á boca e ria-se, fazendo covinhas na barba, que parecia picada por uma mosca.

Elle furtava-lhe as flores, mordendo-lhe os dedos.

A irmã Estephania parára e contemplava-os! Uma onda de sangue ruborisara-lhe o rosto livido; o assombro e a indignação detinham-a petreficada em presença do abominavel espectaculo. O peccado mortal, que a sua alma execrava vagamente, sem o comprehender, apparecia-lhe em toda a odiosa evidencia de uma tentação demoniaca! De repente, a religiosa viu a rapariga curvar-se e levantar nos braços um objecto que não poude distinguir.

Um pouco mais longe, uma cabra pascia.

O rapaz foi buscar a cabra; ouviu-se um vagido; o rapaz e a rapariga ajoelharam; o objecto moveu-se, e uma creança começou a mamar com avidez.

Então, os dois cobriram o fragil corpinho de beijos, e na doçura do crepusculo as suas vozes resoaram, confundindo palavras entrecortadas e caricias loucas, que envolviam a creança em um ambiente tepido e suave como um seio materno.

N'essa occasião, appareceu a rapariga esfarrapada e macilenta: uma enorme ventura transfigurára-a, as suas feições fatigadas, queimadas pelas lagrimas, pareciam bonitas. Partiram todos juntos para a cidade.

Por muito tempo, ouviu-se ondular no espaço o tilintar do guiso da cabra e a voz melodiosa da noiva, embalando nos braços a orphã. Em seguida, tudo emmudeceu, e as grandes sombras da noite estenderam-se sobre a planicie em quanto as estrellas fuzilavam no azul.

*

Soror Estephania não se mechera. Sentia desmoronarem-se todas as crenças da sua vida; a verdade impunha-se-lhe, radiosa, indiscutivel, afugentando as trevas no meio das quaes ella caminhára até então, com passo seguro e altivo. Ao lado do Deus implacavel, apparecia-lhe de subito o Deus de misericordia. Pois que! eram aquelles os maculados, do contacto impuro dos quaes se desviava o seu vestido de virgem, aquellas duas creanças, levantando do chão o pobresinho abandonado e restituindo-lhe a vida?

As grandes azas brancas da caridade não se prendiam exclusivamente ás costas d'aquelles que ajoelhavam no pó das egrejas, batendo no peito e psalmodeando os versiculos sagrados; tambem elles possuiam um coração penetrado da doutrina do Evangelho, elles! os culpados, feridos pela tentação carnal!...

Quando anoiteceu completamente, o rouxinol gorgeiou a sua queixa dolorosa, e a lua banhou de uma luz opalina os prados e os bosques, uma religiosa, ajoelhada na estrada, levantava para os esplendores da noite as mãos postas, e no seu rosto as lagrimas corriam, deslisando gotta a gotta, brotando da caudal que acabava de nascer n'essa alma, vibrando, pela primeira vez, ao contacto dos affectos humanos!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 14 de julho de 1884 Numero 3

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

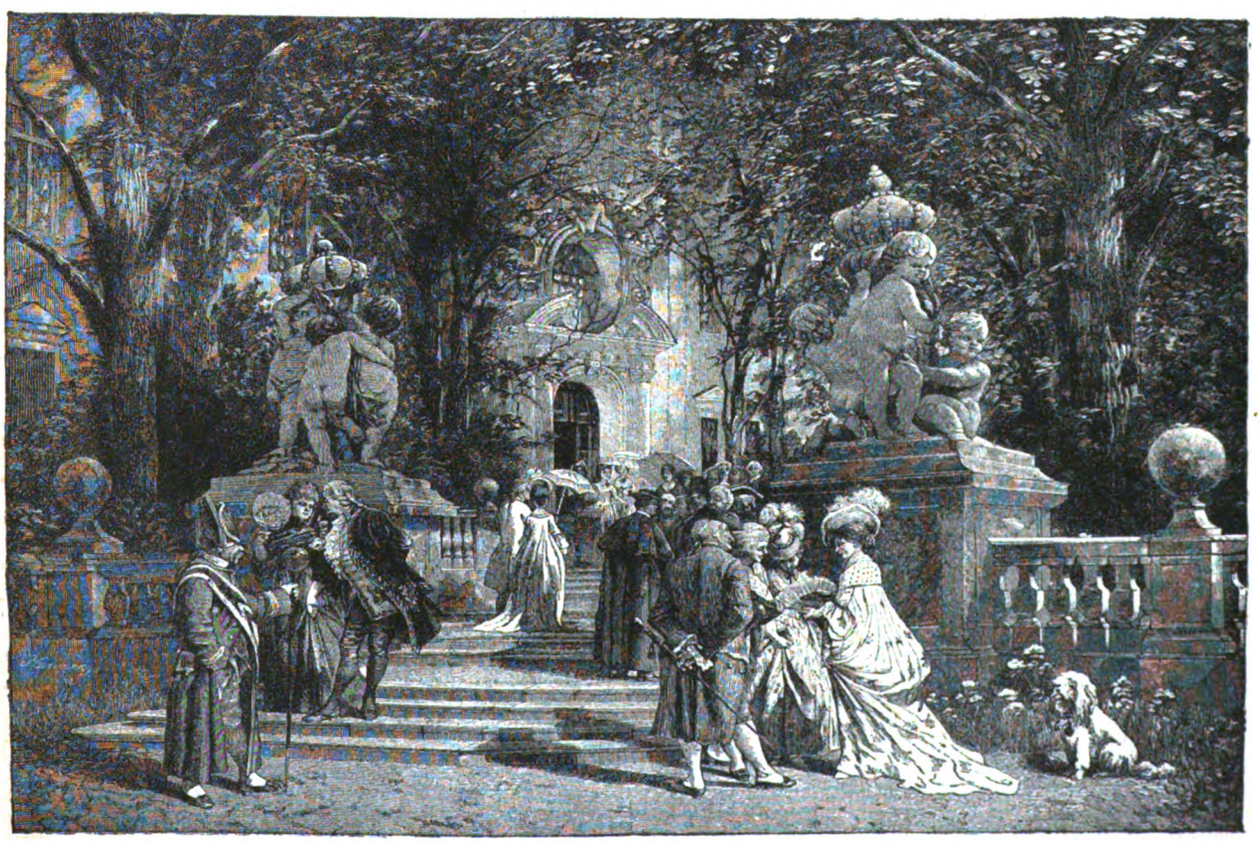
TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Perfis: Alexandre Dumas*, por Pinheiro Chagas.—*Ideal!* por D. G. Torrezão.—*Do ultimo romantico, (Durante a insomnia)*, por Macedo Papança, visconde de Monsaraz.—*Em familia (Passatempos)*.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*Um conselho por semana.*

GRAVURAS.—*No parque ha cem annos.—O convalescente.—A sua musica predilecta.—Lucta desegual.—Palacio de Seteaes em Cintra.*

CHRONICA

As touradas — A *Marselheza* no Colyseu — Musica e politica — Foi-se a companhia de Zarzuela — Um caso tragico, e um drama que podia desandar em tragedia—Ainda o cholera—Uma rainha canonisada—O Papa e os anarchistas — O rei de Hespanha e um futuro herdeiro possivel da corôa hespanhola.

A semana iniciou-se para nós dando-nos as commoções d'uma bella tourada em beneficio do Peixinho, e fazendo-nos ouvir os



NO PARQUE HA CEM ANNOS (Quadro de J. F. Henninga)

Digitized by Google

accordes marciaes e vibrantes da *Marselheza*, no Colyseu dos Recreios.

Por mais que digam, as touradas hão de ser sempre a grande attracção d'esta boa gente de Lisboa.

Quando, ao sabbado, o bando serpenteia, vagaroso e pachorrento, pelas ruas da capital, vomitando fifias implacaveis dos seus cornetins roufenhos, e fazendo reclamo á corrida domingueira com o relinchar monotono das suas esqualidas alimarias, o povo agita-se em fortes expansões de jubilo, os merceeiros pacatos alastram-se pelas portas das tendas, com fremitos de espontaneo euthusiasmo.

Indifferente e apathico por indole, o nosso honrado burguez pode ficar a dormir em casa, quando o paiz lhe pede o suffragio ou nos *meetings* se alevanta o verbo audacioso de qualquer tribuno ultra-patriota. A politica não o fascina; a causa publica não o commove: o estado das finanças, bom ou mau, não o sobresalta. Só os touros lhe accendem nos olhos faiscações de estranha alegria; só um ferro bem mettido *á meia volta*, pelo Tinoco, é susceptivel de o arrancar ás indolencias chronicas do seu marasmo rebelde.

Ha por ahi muita gente que nunca viu um só dos membros do governo ou dos nossos mais imminentes homens politicos: que tem vivido uma larga existencia sem ir a S. Carlos; que não conhece os melhores artistas dos primeiros theatros de declamação. Mas o que não ha — juramol-o — é quem não conheça o Calabaça e os irmãos Robertos, quem não saiba explicar-nos, com todas as minucias, como é que se faz uma sorte de gaiola a preceito.

As touradas!...

Levem-nos o exercito e a marinha, deem cabo da nossa autonomia, espatifem as colonias, mas deixem-nos as grandes commoções d'uma tourada, consintam que os nossos nervos franzinos e efeminados se avigorem na contemplação d'essas luctas titanicas entre a besta e o homem.

Não se reveja a Constituição nem se reforme a milicia, mas haja bom gado e vivam os bandarilheiros!

*

Nos Recreios, a *Marcelheza* era annunciada pelos alviçareiros do escandalo como uma fonte uberrima de scenas tumultuosas. Afinal, não passou d'um formoso *spartito* ouvido com agrado por todos quanto gostam de boa musica e entendem que a politica nada tem que ver com as producções lyricas de cada qual.

E de resto, se o enthusiasmo pelo canto patriotico de Rouget de l'Isle, que borda um dos actos da notavel zarzuela com os seus famosos compassos, podesse estontear alguem, se o «*marchemos hijos de la patria*» fosse susceptivel de embriagar até ao delirio os frequentadores do Colyseu, lá estavam as frescas brisas da Explanada para servir de calmante ás ardencias da febre e de refrigerio ás calenturas do arrebatamento.

= Em seguida á *Marselheza* deram-nos os hespanhoes a bonita zarzuela de Carrion e Fernandez Caballero, *Duas Princezas*, constellada de bellos coros, de valsas langorosas e de concertantes soberbos. Depois, levantaram inopinadamente barracas, e foram-se sem dizer: — agua vae!

Porque nos deixariam elles?

*

Pelo decorrer da semana houve calmaria pôdre de successos. A *reportage* falla-nos, apenas, d'um desgraçado que procurou voluntariamente a morte, enforcando-se, e d'um drama d'amor, que teve o seu epilogo tristonho no commissariado de policia.

O misero suicida era negociante d'azeite na travessa da Palha. Como lhe fosse escaceando o dinheiro e o genero do seu commercio á proporção que o numero dos filhos crescia, produziu-se um desequilibrio nas finanças do infeliz, e este desequilibrio arrastou-o á situação desesperada de ter de experimentar, sobre os tecidos flaccidos do pescoço, os effeitos lethaes d'uma gravata de corda rija.

Agora, a viuva que esmole e os filhos que desandem em vadios. O egoismo d'estes dementados suicidas não cuida de taes bagatellas.

= No drama d'amor a que nos referimos figuram, como personagens, uma illustre fidalga sevilhana, viuva de trinta annos, — a marqueza de P..., — sua filha Carmen, gentilissima criança de quatorze primaveras, formosa como as alvoradas d'abril, e Abelardo Belaguez, picador de profissão.

A marqueza vio um dia Abelardo, em Sevilha, montando garbosamente o seu fogoso ginete. A setta do amor espicaçou-a: o picador foi amado desde logo, e os pergaminhos da fidalga, enxovalhados por esta paixão peccaminosa, arremessaram-se para um canto, como roupa suja.

A chronica não acompanhará os dois namorados nos seus idyllios romanescos de pouca dura, para ir direita ao epilogo do drama.

Decorreram tempos. O bello Abelardo, enfastiado do seu papel de Adonis, começou a fustigar a desventurada amante, como fustigava os cavallos, desbaratando-lhe, por cima d'isto, a fortuna.

De Sevilha, onde a ligação hybrida dos dois era um verdadeiro escandalo, passaram a uma terra do Algarve e d'ali a Lisboa trazendo comsigo a gentil Carmen.

Alojaram-se os tres no hotel Camões, inculcando-se o aventureiro picador como marquez de P... Ali, a pobre marqueza era todos os dias alvo das brutalidades do amante, e como se isto não bastasse, a formosa Carmen esteve, por varias vezes, para ser victima de brutalidades ainda maiores. Um infame este garboso Abelardo, e uma verdadeira infeliz a nobre fidalga sevilhana que prendeu o seu destino ao d'elle!

Deus louvado, a criança sahiu incolume das vis tentativas do monstro, e vae ser posta ao abrigo dos perniciosos exemplos maternos. Abelardo vocifera no Limoeiro, onde as nossas justiças lhe ordenaram que fosse enfrear a torpe sensualidade: e a marqueza... quem sabe do que será ainda capaz o amor d'essa desgraçada pelo bandido que a arrastou na lama?

*
* *

Em Toulon e Marselha, o cholera continua a fazer as suas devastadoras experiencias *in anima vili*.

Em Paris conta-se que já houve um caso, em Lyon outro, na Italia, varios. Os parisienses andam aterrados; os italianos hypochondriacos; os nossos visinhos de Hespanha assustadiços, e nós, por mais d'uma rasão, imitamos uns e outros na hypochondria e nos receios.

Em todo o caso — a despeito dos seus medos e contra o parecer da Sociedade de medicina publica e de hygiene profissional de Paris, — o povo francez não deixa de realisar, com descantes e folias, a festa tradicional de 14 de julho, tendo, como tem, a guerra no Tonkin e na China, a peste e a ruina em Toulon, o terror em Marselha, a inquietação na capital da Republica, por toda a parte flagello sobre flagello.

Os italianos divertem-se como podem.

Os hespanhoes entregam-se ás delicias das suas touradas e ao amor ardentissimo das suas esplendidas mulheres.

Nós mesmos, apesar de todos os pezares, cá vamos tratando de levar uma existencia amena e divertida quanto possivel, emquato o cholera não nos invade a fronteira.

*

Em Roma Leão XIII preside solemnemente á *Congregração dos Ritos*, no seio da qual vae resolver-se se deve ser ou não canonisada a virtuosa rainha das Duas-Sicilias, Maria Christina de Saboia, filha de Victor-Emmanuel I.

A Cidade Eterna, que inscreveu outr'ora um simples mendigo no livro dos Santos, prepara-se hoje, com a vagarosidade e a reflexão caracteristicas das suas deliberações mais graves, para collocar uma Rainha sobre os altares da Egreja.

Se o processo, iniciado pela respeitavel commissão cardinalicia com todas as formalidades lithurgicas, fôr resolvido segundo os votos da piedade italiana, ver-se-ha um espectaculo singular: — o Papa, espoliado pela Casa de Saboia, enriquecer com uma perola resplandecente a corôa de Saboia!

= Annunciam-nos as folhas estrangeiras que chegou a Roma, com o proposito irreverentissimo de fazer saltar o Vaticano, um bando formidavel de anarchistas demolidores. Ao mesmo tempo em que esta lugubre noticia se espalha pelo orbe catholico, as gazetas d'Italia communicam-nos, muito em boa paz, que Leão XIII vae dar á corte pontifical o seu antigo esplendor, tendo já ordenado que os guardas-nobres fizessem uzo dos seus bellos uniformes d'outras eras e exhibissem de novo as suas vistosas tunicas azues, talhadas segundo os padrões *ancien régime*.

Relacionando estas duas noticias, vemos que Sua Santidade se dispõe a receber, com toda a pompa tradicional do Vaticano, os ferozes dynamitistas conjurados para lhe arrazarem a sagrada vivenda.

Chama-se a isto saber fazer as honras da casa.

*

Em Hespanha, depois dos fuzilamentos de Gerona, não houve cousa que valha a pena registrar-se

Varios *sueltos* pessimistas segredam-nos, com uma insistencia aterradora, que o estado de saude do rei D. Affonso não offerece garantias de longa vida. Em compensação, o estado da rainha sua esposa apresenta, pela terceira vez, todos os symptomas de *interessante*.

A ser certo que as esperanças de salvar o monarcha principiam a esvaecer-se, o nascimento d'um herdeiro do throno viria resolver de prompto o difficilimo problema da successão e debellar o germen de graves perturbações futuras, que hão de produzir-se fatalmente, se Affonso XII, como Fernando VII, tiver a desgraça de morrer sem um filho varão a quem legue a corôa.

C. DANTAS.

Digitized by Google

PERFIS

I

ALEXANDRE DUMAS

Tem hoje um tumulo e uma estatua! O grande homem, que a França perdeu ha quatorze annos, o gigante que projectava a sua vasta sombra na litteratura do mundo inteiro, só pediu ao seu paiz a pobre loisa que lhe abriga o corpo. Alma infantil, espirito estouvado, mãos prodigas, coração de oiro, o romancista immortal, o dramaturgo insigne, cujos romances são lidos em todas as linguas do universo, cujos dramas enthusiasmam todas as platéas, viu cerrarem-se-lhe as portas da Academia, abertas aos Doucet, viu a sua gloria menosprezada, o seu genio calumniado, apedrejada a sua obra immensa, e com tudo isso foi espalhando sempre com mão generosa as perolas do seu espirito, e, quando sentia a morte approximar-se, conscio do seu alto valor, conscio do muito que fizera pela supremacia intellectual da França, humedecia com uma lagrima um dos seus bons sorrisos, e pedia timidamente, quasi envergonhado, em voz baixa, ao seu paiz um tumulo.

Teve-o, e atapetaram-lh'o de grinaldas as mãos dos seus confrades; e o theatro, viuvo do seu genio, fez-lhe a apotheose pela bocca dos seus mais gloriosos interpretes, e só então é que a França viu quanto elle era grande... e bom, que é a consequencia immediata, porque a bondade liga-se com a grandeza, porque os maus são os pequenos, as almas estreitas e covardes, os espiritos rachyticos, os miseraveis que a inveja empallidece e consome.

E a apotheose foi avultando de anno para anno. Com o declinar do seculo foi crescendo a sombra d'aquelle vulto, como crescem as sombras quando o sol declina, e quatorze annos depois a França inteira, pela bocca dos seus escriptores, saúdava a estatua que se erguia para o grande homem, que só começou a obter as homenagens da justiça, quando já não podia sentir nem as amarguras do vituperio, nem as doçuras do applauso.

Como morreu Alexandre Dumas? Quasi que se não sabe! Desappareceu, como Romulo, no meio da procella. Lembram-se da morte de Porthos? de Porthos, essa admiravel creação do poeta, braço robusto, coração leal, espirito ingenuo, tendo a mansidão dos fortes, e a bondade infantil das almas grandes? Morre, como um Titão, esmagado pelas ruinas de um monte. Assim, elle tambem, o colosso de genio, quando a França cahia por terra com um immenso fragor, quando a Wœrth succedia Gravelotte, a Gravelotte Sedan, a Sedan Metz, a Metz Orléans, quando a velha grandeza epica da França desapparecia a pedaços n'um lago de sangue heroicamente derramado como em Weissemburgo, n'um tremedal como em Sedan, quando ao longe vacillava na sua base a bronzea columna Vendôme, Alexandre Dumas cahiu tambem silenciosamente, sem um gemido, esmagado de passagem por esse cataclysmo enorme, enterrado sob as ruinas da patria.

E' que Alexandre Dumas era principalmente a força, a vida, a paixão, a exuberancia, o riso homerico, o orgulho sincero e franco, a espontaneidade e o viço. Era uma familia de athletas; o pae athleta do pulso, elle athleta da palavra. Trabalho vigoroso e appetite robusto! Na sua cabeça ardente fermentava um mundo! O seu pincel carregado de tinta traçava uma multidão de personagens na tela vastissima. Era a vitalidade humana na sua mais energica expressão!

Os seus vultos predilectos na litteratura foram Shakespeare e Homero, na arte Rubens e Miguel Angelo. E' que elle pertencia tambem á tribu d'estes leões. Os romances eram as suas paredes da capella Sixtina, os seus muros do Luxemburgo. Desenrolava ali os seus frescos epicos: *Os quarenta e cinco*, *Os tres mosqueteiros*, as *Memorias de um medico*. A historia da França era o marmore onde cinzelava as suas estatuas colossaes. *Vous êtes une desforces de la nature*, dizia-lhe Michelet com rasão, porque elle tinha o que a poucos é dado, a potencia genial, a *vis* creadora. Ao seu sopro vigoroso animavam-se as figuras, desdobrava-se a paizagem, cantavam as torrentes as suas lendas melancholicas, e o drama dos seculos representava-se de novo diante do leitor fascinado.

Como vivem da seiva do carvalho os musgos parasitas, do talento d'este gigante vivia um mundo de collaboradores, que vegetaram tristemente quando lhes faltou o tronco protector. Accusavam-n'o por isso, porque pertence aos discipulos uma porção da immensa tela, porque na sua vasta *Iliada* interpolou algum homerida, ufano da tarefa, algum *Catalogo dos navios*, porque elle assignou com o seu nome, e polvilhou com o pó d'oiro do seu genio os quadros de um discipulo, que lhe vinha mendigar á porta, como Julio Romano a Raphael, um raio da sua gloria.

Ninguem herdou o seu imperio, a ninguem legou o segredo do seu genio. Como as mulheres de hoje procuram Antony e só encontram os *petits crevés*, a musa do romance procurou Dumas, e encontrou Ponson du Terrail. *Que voulez vous? Les temps sont durs; il n'y a pas mieux*, podiamos nós dizer-lhe como Dumas filho no seu *Homme-Femme*. Desappareceu a paixão, a côr, a vida, o drama, ficou apenas a pallidez anemica, a rigidez dos typos, o *truc* e a *ficelle!* O quadro epico sumiu-se, com o colorido á Delacroix, ficou a lithographia vermelha de Epinal.

A Academia fez bem, talvez, em lhe fechar as suas portas. As Academias procuram fixar o que ha de mais variavel, o gosto e a lingua; perante ellas vale mais um periodo arredondado do que a creação de um typo. Estão encarregadas de arregimentar as intelligencias e de determinar os uniformes da litteratura. O que ia lá fazer esse guerrilheiro de genio, esse garibaldino de camisa vermelha, que se chamou Alexandre Dumas? Pois essa larga mão, fecunda e laboriosa, podia lá caber na luva de algodão dos academicos? Pois esse conversador inexgotavel, de palavra fluente, facil, colorida, pittoresca, que encanta o mundo inteiro, deixando manar naturalmente, como um rio que vae reflectindo os raios de oiro do sol, o pallido luar, as pensativas estrellas, a paizagem ridente, e a montanha procellosa, e a legendaria floresta, a sua eloquencia espontanea, que faz da narrativa um quadro de grande mestre, podia lá sujeitar-se a encanar as palavras pelos tubos de um discurso academico? Forcem o Niagara a concorrer com a sua torrente espumosa para os jogos de aguas de Versailles!

A Academia não ousou consagrar-lhe a gloria, consagra-lh'a a posteridade. Dumas é um d'estes raros nomes que atravessam os seculos, sempre populares, sempre repetidos com amor pela turba enthusiasmada. E' porque podem notar-lhe mil defeitos, censurar a prodigalidade da sua veia inexhaurivel, a rapidez vertiginosa do trabalho, que não lhe deixou nunca limar as incorrecções do primeiro jacto, mas hão de todos curvar-se deante do seu genio creador. Ora em litteratura aquelle que, pelo estudo ou pela intuição, penetra tanto nos recessos da alma humana que surprehende o segredo do Omnipotente, que lhe rouba, como Prometheu, a scentelha do fogo sagrado, que póde depois com a magia da palavra traçar uma figura, um caracter, em que o leitor reconhece logo, ás vezes inconscientemente, a grande verdade humana, o homem que faz desapparecer deante de nós o mundo da realidade, e, introduzindo-nos no seu mundo ideal, faz com que nos interessemos pela vida e gestos dos seus personagens, como nos interessariamos pelos jubilos e pelas tristezas de creaturas nossas irmãs, esse homem, ou se chame Homero, Shakespeare, Dante, Dumas, Scott, Gœthe, Dickens, seja qual fôr, emfim, o logar em que a critica o colloque, está já, por direito de conquista, no recinto dos eleitos. é da familia dos feiticeiros da arte, dos que teem na sua grande intuição psychologica o magico *grimoire* dos eternos fascinadores do espirito humano, d'esses grandes creadores, que, ao lado da vida historica do mundo, da galeria das gerações, crearam um mundo sublime, que é a patria da nossa phantasia, uma geração ideal, que nos povôa os sonhos.

Ah! como é comico ver os seus esfalfados collaboradores, os seus pifios imitadores julgarem que podem repartir entre si o imperio de Alexandre! Não é o interesse da narrativa, não é o accumular das peripecias extravagantes, que faz d'elle o senhor absoluto do espirito dos leitores; é a potencia creadora. E Ponson, e Montépin, e Capendu, e Maquet a forjarem enredos, pobres loucos, esfregando as suas lampadas, porque viram o mestre esfregar tambem a sua para lhe obedecerem os genios e virem-lhe crear na solidão palacios deslumbrantes, sem pensarem que só elle possuia a lampada de Aladino, a lampada maravilhosa—o genio!

Dormes emfim, rodeado dos respeitos da França, ó trabalhador infatigavel! Já não enche o mundo a tua voz potente, mas começou para ti a justiça, para os filhos da tua imaginação a immortalidade. Hão de passar as gerações, e sempre as ha de enfeitiçar a tua palavra, e hão de se debruçar enlevadas sobre a tua obra immensa, para verem passar o audacioso d'Artagnan, o cavalheiresco Athos, o elegante Aramis, o bom e ingenuo Porthos, para escutarem os rugidos da paixão de Antony, como hoje nós escutamos com enlevo as supplicas de Priamo, os bramidos de Othello, e o arrulhar de Julieta.

PINHEIRO CHAGAS.

IDEAL!

Aquella côrte começára em S. Carlos, na primeira noite do *Rei e Lahore*.

Elle entrára no theatro muito seccado; tudo concorrera n'aquelle

Digitized by Google

O CONVALESCENTE (Copia d'um quadro de F. Schlinger)

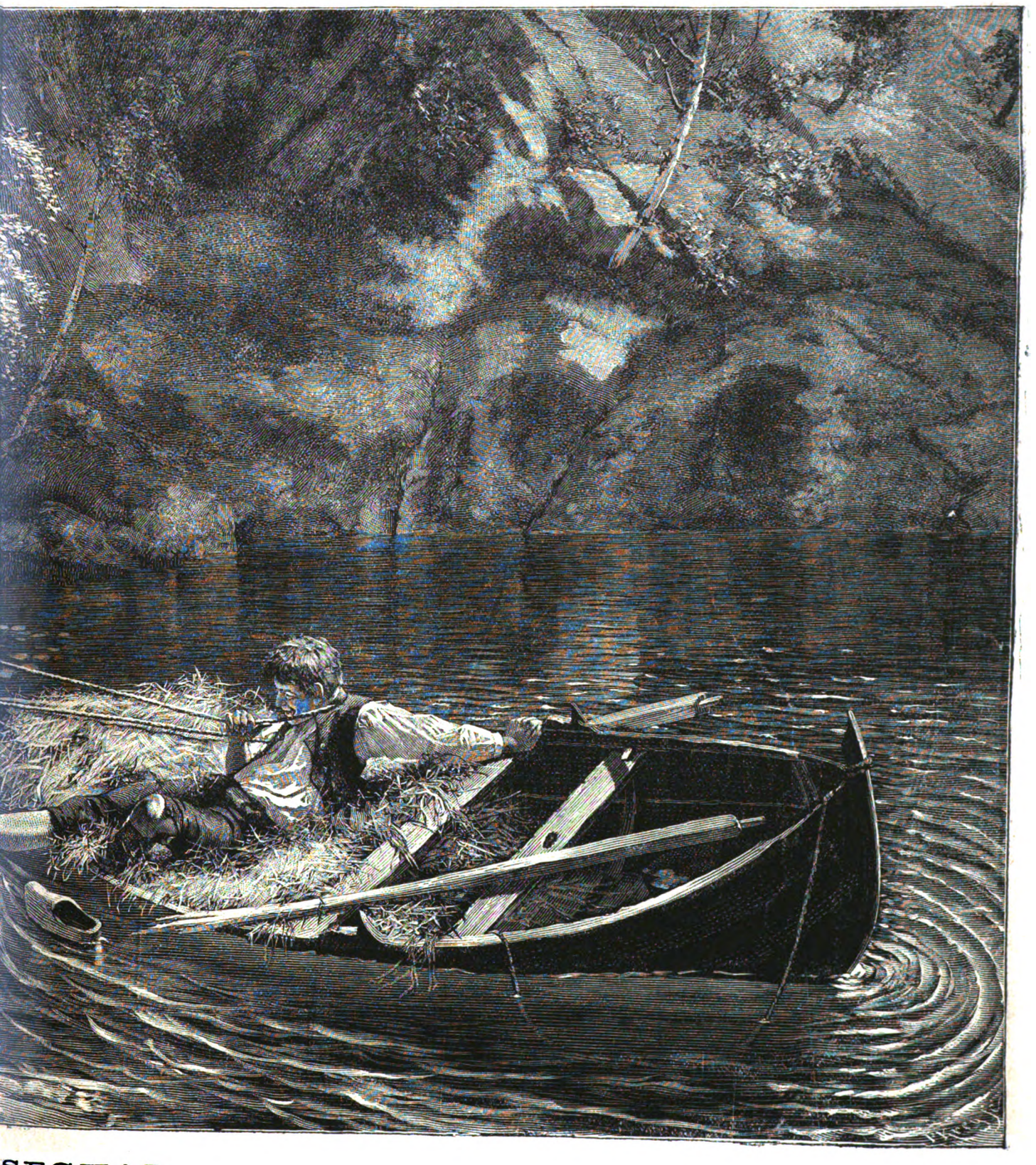
Digitized by Google

Digitized by Google

LUCTA DE

(Quadro de Hans Dahl—G

Digitized by Google



SEGUAL

avura de Paulo Krey)

Digitized by Google

Digitized by Google

A SUA MUSICA PREDILECTA (Quadro de L. Kühn)

Digitized by Google

estupido dia para atormental-o: logo ao sair de casa, ao voltar a esquina, esbarrára com um corcunda; encontrára seis massadores enfiados uns nos outros, sem lhes poder fugir; o jantar do Central parecera-lhe detestavel, o vinho azedo, as ostras verdes, a carne azul; o Vasconncellos, o seu Cabrion, pedira-lhe dez libras emprestadas, e, para cumulo de desventuras, o *Rabiante*, um soberbo animal, um exemplar raro, comprado em Inglaterra no espolio de um lord, que se suicidára no Monte Branco, o cavallo predestinado para conquistar, no dia immediato, no Hippodromo, o *grand prix*, adoecera com uma dôr!

Tinham-se cantado dois actos quando elle entrou cabisbaixo, pallido e glacial como a camelia que lhe estrellava a casaca: o theatro vinha abaixo com a vibração das palmas, e o Devoyod, risonho, agradecia, em quanto no bastidor a cabeça, côr de vinho de Sauterne, da belga, mulher do barytono, oscillava, como um pendulo, mais ou menos accelerado, á medida que os applausos eram mais ou menos expansivos.

— Anda d'ahi, homem, pareces-me um cypreste embainhado pelo Keil! Vou apresentar-te á viscondessinha, aquella loira com quem tu sympathisaste no *five ó clock* da marqueza. Ella deseja conversar comtigo.

No entre-acto, o camarote da viscondessinha encheu-se, desfilando a pittoresca procissão de sujeitos hirtos, com monoculos atrevidos, peitilhos insolentes e sapatos bicudos.

No fundo escarlate do camarote a linha vaporosa e branca, de uma fragilidade quebradiça, do perfil da viscondessa, esvaia-se subtilmente.

Contavam-se cousas graciosas, finas, espiritualisantes, de uma delicadeza ideal ácerca d'aquella mulher.

Quando, por acaso, se alludia, na sua presença, a essa grosseira materialidade, que se chama comer, a viscondessa citava o seu *menu* predilecto,—folhas de rosas.

Nos bailes, em quanto as outras mulheres atacavam os buffetes, repousando das fadigas da walsa na plenitude da sandwiche, regada a Champagne e Madeira, a viscondessinha escondia-se nas dobras dos reposteiros, intangivel como uma visão, e comia petalas de camelias.

A sua conversa, ligeiramente melancolica, exhalava a fragrancia de um poema.

As visitas surprehendiam-a chorando convulsivamente em cima dos *Nocturnos* de Chopin, que voavam do piano, sob a pressão nervosa dos seus dedos agudos, como aves dilaceradas.

Foi por isso que elle a amou.

Fatigado dos rudes contactos burguezes, refrescou-lhe a alma o aspecto d'aquella flôr de neve, desabrochando na região do sonho.

Logo no primeiro encontro, estabeleceu-se entre ambos uma intimidade deliciosa, cheia de afinidades encantadoras.

Elle referiu-lhe as suas maguas, e ella teve a bondade de interessar-se pela perna manca do *Rabiante*, declarando que não iria ás corridas.

Reuniam-se ás quintas-feiras, no *five ó clock* da marqueza, e durante a meia hora em que o enxame garrulo das amigas, escoltado pela ala dos namorados gulotões, cravava os dentinhos gulosos nas *tartines* loiras e nos biscoitos de baunilha, elles, de parte, encostados no peitoril do verandah, que abria para o jardim, contemplavam-se, embebidos em mutuo enlevo, concentrados em um silencio onde poderia ouvir-se o pulsar dos seus dois corações.

Elle, um pouco menos ethereo, ousava, ás vezes, fallar de amor, pegar-lhe na mão, modelada em marmore, e depôr no setim da epiderme, impregnada de *white rose*, um longo beijo apaixonado.

Ella, porem, com um gesto supplicante, pedia-lhe que se calasse, e cravando os olhos no ceo, abandonava-se a um scismar dolente, onde se sentia o pudor de uma alma que se retrahe...

Habituado a viver na atmosphera d'aquella mulher superior, cujos pequeninos pés pareciam caminhar sobre nuvens, encantado com a novidade d'aquelle ser perfeito, immaterial, inaccessivel ás fragilidades do barro, sentindo a paixão crescer á medida que as difficuldades se multiplicavam, Jorge olhava para as outras mulheres, incluindo a prima, que seus paes lhe destinavam para esposa, com o desdem altivo de um mortal amado por uma deusa.

Duas ou tres vezes, nos jantares onde se encontravam, assentados ao lado um do outro, como dois noivos, Jorge, na dilatação feliz de uma perdiz truffada, que lhe lisongeava o paladar, e no contacto doce de um ente amado, instava com a viscondessinha, para que ella quebrasse a abstinencia que se impozéra, offerecendo-lhe azas de pombo e calices de Lacrima Christi.

Um olhar severo e accusador (unica resposta) chamava o transviado á realidade da situação.

E, em quanto os copos se chocavam, os crystaes ostentavam o brilho ardente dos vinhos, as pratas foscas e as porcellanas transparentes exhalavam o vapor morno da comida, aguçando o appetite e afagando o olfacto, a viscondessinha, radiante na sua olympica insenção, chupava uma violeta ou trincava uma rosa.

Uma tarde, ao regressar do palacio da viscondessinha, vibrando sob a commoção, doce e pungente, em que o deixára uma deliciosa hora passada aos seus pés, encontrou em casa uma carta do pae.

O velho, um honrado morgado beirão, inflexivel em pontos de honra, habituado a não transgredir, por caso algum, a palavra empenhada, accusava o filho em termos rispidos, lembrava-lhe os compromissos contraidos com a prima, descrevia-lhe a dôr da infeliz, e ordenava-lhe que voltasse sem perda de tempo.

Jorge, furioso, arrancado brutalmente do seu paraiso aristocratico para a trivialidade burgueza, allucinado, sem consciencia do que fazia, correu, como doido, a casa da viscondessa.

Sem responder aos creados, que o interrogavam, sem medir a inconveniencia de uma entrada intempestiva, a que faltava um pretexto qualquer admissivel, tendo apenas um unico pensamento, vel-a, fallar-lhe, confiar-lhe o desgosto que o ferira, Jorge atravessava as salas, dirigindo-se arrebatadamente para o *boudoir* da viscondessinha.

De repente, um tinir de copos e talheres feriu-lhe o ouvido: a voz da viscondessinha gritou, vibrando alegremente:

— Depressa, traze o *roastbeef*, morro de fome!

Jorge, estupefacto, approximou-se, cozeu-se com a parede, ao longo da qual caia o reposteiro, e pela porta, meia aberta, elle viu a Ideal, sustentada a folhas de rosa, devorar uma gallinha, metade de um *roastbeef*, e uma duzia de pasteis, devidamente afogad em uma garrafa de *Bordeus*.

D'alli a um mez o morgado beirão conduzia á egreja o filho prodigo.

GUIOMAR TORREZÃO.

DO ULTIMO ROMANTICO

II

DURANTE A INSOMNIA

Ó somno, ó velho e idolatrado amigo,
Eu choro e soffro; abraça-te commigo,
Vence esta dor, enchuga-me este pranto.
Narcotisa-me e torna-me inconsciente,
Deixa que eu morra provisoriamente
Amortalhado no teu negro manto.

Na minha occulta magua eu te bemdigo,
Ó somno, ó velho e idolatrado amigo!

Como eu detesto a sociedade e o mundo,
Este oceano de trevas tão profundo,
Onde ha naufragios lugubres, secretos,
Eterno carnaval de gagalhadas,
Em que as caveiras andam mascaradas
N'uma dança macraba de esqueletos!

Entre os miasmas d'este charco immundo,
Como eu detesto a sociedade e o mundo!

Alegrias, chimeras mentirosas,
Secaes e desfolhaes-vos como as rosas
Aos beijos quentes das manhãs de agosto;
Thuribulos doirados, onde o lume
Nos extingue das crenças o perfume,
Que se evola entre as nuvens do sol posto.

Parti, voae, ó futeis mariposas,
Alegrias, chimeras mentirosas!

Morrer, resuscitar—o somno é isto!—
Na cruz pregado adormeceu o Christo:
Quero dormir pregado no meu lenho:
Eu sinto horriveis agonias na alma,
Tenho a sède e o calor que não se acalma
E o desalento sabe Deus se o tenho!

Quero dormir no meu calvario, ó Christo,
Morrer, resuscitar—o somno é isto!—

Quero dormir, quero gosar, ó somno,
Lança-me o corpo vil ao abandono,
Descança para ahi, pobre animal,
E deixa que a minha alma—ave sombria—
Entorne pelo espaço a nostalgia
Do azul, n'um canto alegre e matinal...

Vêm perto os dias lividos do outono,
Quero dormir, quero gozar, ó somno!

Quero voltar atraz ao meu passado,
Correr no campo alegre e descuidado,
Sentir no rosto os beijos da manhã,
E, ao fresco som das rusticas cantigas,
Esmaltar de papoulas e de espigas
A cabeça infantil de minha irmã.

Ó somno, ó velho amigo idolatrado,
Quero voltar atraz ao meu passado.

Digitized by Google

Eu quero ver a minha mãe rezando,
E meu pae descobrir-se humilde, quando
A sineta do *Angelus* tangia;
Quero ouvir os chocalhos da boiada,
Latir um cão na eira ladrilhada,
E um pastor a cantar a Ave-Maria;

Mas sobre tudo, ó somno venerando,
Eu quero ver a minha mãe rezando!...

Quero sentir essa paixão sincera,
E entre as flores da minha primavera
Beijar aquella que primeiro amei;
Vel-a mais tarde morta, que amargura!
E chorar sobre a sua sepultura
As lagrimas febris que então chorei!...

O' noiva branca e immaculada, espera...
Quero sentir essa paixão sincera!

Ficarei a dormir eternamente
Ao teu lado, visão, se m'o consente
A minha sempre desgraçada sorte;
Dormiremos os dois na mesma cova,
Creanças! eu tão novo e tu tão nova!...
Não ha nada mais doce do que a morte!

Não me acordes, ó mundo impertinente,
Ficarei a dormir eternamente!.....
.....
....

Coimbra—Março de 76.

MACEDO PAPANÇA—VISCONDE DE MONSARAZ.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Convidamos de novo os amadores de charadas, enygmas e logogriphos a enviarem-nos as suas producções, que gostosamente publicaremos, logo que satisfaçam os necessarios requisitos:=não trazerem versos errados e fazerem-se acompanhar das respectivas soluções.

Todas as composições destinadas a esta secção deverão ser sobrescriptadas a *Tom Pouce*, travessa da Queimada, 35.

O primeiro navegador foi o infante D. Henrique—2—2.
N'esta ilha temos bello peixe—1—1.

G. CAETANO.

LOGOGRIPHO

No campo gosto de ouvil-a
sempre, sempre a murmurar—1—8—5—2
no olhar o goso scintilla
quando se espalha p'lo ar—2—5—8—3—6
Eil-a se ostenta vermelha
entre as folhas do silvado;—6—3—8—5—2
dizem, divina scentelha,
fogo celeste roubado—2—3—8—5
Nas suas aguas d'anil
Florença vejo mirar,—6—5—1—4
e tu, leitora gentil,
Vaes essa deusa adorar—3—8—7—2

Se p'lo teu rosto, algum dia
se accendesse o peito meu,
jubiloso morreria
se do todo fosse o teu.

ESTUDANTE.

PROBLEMA

Tres homens, Pedro, Paulo e André, vão á feira com as suas mulheres. Os nomes d'ellas são Catharina, Martha e Suzanna. Cada uma d'estas seis pessoas compra um certo numero d'objectos, e paga cada um por um numero de tostões egual ao de objectos que compra. Pedro compra 23 objectos mais que Martha, e Paulo 11 mais que Catharina. Cada marido gasta 6$300 mais que sua mulher.

Pergunta-se qual é a mulher de Pedro, de Paulo e de André?

MORAES D'ALMEIDA.

A RIR

Calino encontra o sr. Pancracio e diz-lhe:

—Fiquei muito espantado de o não ter visto, ha dois dias, no enterro do commendador Barradas!

—Meu caro, responde-lhe Pancracio, é que eu adoptei como principio inalteravel ir só aos enterros das pessoas que vierem ao meu.

UM DOMINÓ.

ENYGMA PITTORESCO

N.º 3

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Maria.
2.ª—Docemente.
3.ª—Capote.
4.ª—m a i a
a r e z
i e n a
a z a r

Do logogripho:—Calypso.

Dos problemas:

1.º—Seja 145 o numero fixado e 6 o subtrahido. Sujeitando estes dois numeros á serie d'operações indicadas no problema, acha-se sem difficuldade 9 (145—6)+145=10 (145—6)+6. O resultado 1396, obtido n'este caso, tem, pois, 6 unidades e 145—6 dezenas. Conclue-se d'aqui, immediatamente, que o numero subtrahido é o algarismo das unidades do resultado final, e que, juntando as unidades d'este numero com as suas dezenas, acha-se o numero fixado, por que 145—6+6=145.

2.º—Tinha 7 annos.

Do enygma n.º 2:—Nunca contes o que nunca viste.

Xadrez—Solução do 1.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. B. 5 D.	1. R. 6 R. ou 6 C. ou A.
2. C. 3 cheque R.	2. R. joga.
3. D. 2 T. R. ou 5 R.	3. R. joga.
4. D. ou B. cheque e mate.	
A.	
2. C. 7 B. R.	1. R. 4 B. ou 4 C.
3. D. 8 C. R. cheque.	2. R. 5 C.
4. D. cheque e mate.	3. R. joga.

Muitas variantes.

AS NOSSAS GRAVURAS

NO PARQUE HA CEM ANNOS

(Quadro de J. F. Henninga)

Ha cem annos!

Como n'aquelles bellos tempos da gavota e dos romances de cavallaria tudo era grandioso e explendido, as festas da realeza, os saraus do grande mundo, os bailes da côrte onde se exhibiam prodigios de luxo e assombros d'etiqueta palaciana, até mesmo as scenas d'amor representadas sob a verdura dos jardins ou nos *boudoirs* perfumados e elegantissimos das damas d'elite!

Digitized by Google

O modernismo pelintra deu cabo de todas essas maravilhas do seculo passado, substituiu por umas roupagens estupidamente singelas as esplendorosas *toilettes* d'esse tempo, rico de lendas encantadoras, em que o calção e meia fazia as delicias dos nossos avós, em que as casacas de velludo bem talhadas, as rendas caras e finas e os penteados gigantescos eram o enlevo da *haute gomme* nas salas opulentas.

A nossa gravura representa um delicioso parque d'essa epoca, reproduz uma scena formosissima do seculo a que nos referimos.

O grande mundo passeia á sombra do arvoredo. Ha requebros e galanteios, palestras adoraveis, entrevistas aprazadas... o que não podemos dizer é se fallavam de politica. Talvez!

O CONVALESCENTE

(Copia d'um quadro de F. Schlinger)

A doença foi terrivel e teve o bello rapazinho da nossa estampa entre a vida e a morte, calcinando-lhe os labios com febres prolongadas e intensas.

Na alcova do doente fizera-se o silencio dos cemiterios, cortado de quando em quando pelo choro convulsivo dos paes e dos irmãosinhos angustiados.

Um dia, inopinadamente, a doença fez crise; os delirios da febre converteram-se n'um somno placido, e a boa criancinha recuperou de novo os seus alegres sorrisos de outr'ora.

Por isso, em casa, ha festa permanente, de que elle é o heroe. Os irmãos e os amiguinhos mais intimos desentranham-se, á porfia, em caricias e affagos. O filho do commendador Trigueiros vem todas as tardes acompanhar o convalescente, e arranha modinhas na viola, para o distrahir. As pequenitas fazem roda, contando historias e trazendo o melhor da sua bonecragem para junto do leito.

Como não ha festa sem licor e bolos, a Laurinha encarrega-se de ir pedir á velha governante uma boa provisão de golodices, e lá vem, pelo quarto dentro, ajoujada com o farnel dos alegres festeiros.

Os paes não querem vir perturbar os jubilos da infantil patuscada, e reservam-se para apparecer depois do banquete.

A SUA MUSICA PREDILECTA

(Quadro de L. Kühn)

Sempre que a mais velha das netas canta, ao piano, aquella doce canção commovedora e apaixonada, o pobre do velho cae n'uma tristeza profunda.

Era a suave melodia que a filha cantava outr'ora, e que serviu para embalar mil vezes, no berço, a gentil tocadora de hoje.

Essa boa filha morreu. O triste velho ficou para ali, ermo do seu affecto, e se não fossem os carinhos das duas netas, dois anjos em cujos formosos rostos se reflecte a adoravel meiguice da morta estremecida, teria deixado de existir, tambem, acompanhando-a na paz do tumulo.

Felizmente, ellas ficaram a amparar-lhe a velhice com os seus sorrisos ternos e as suas caricias angelicas. Mas, quando a mais velha lhe repete a musica predilecta, pelas suas faces rugosas deslizam suavemente duas lagrimas de saudade.

LUCTA DESEGUAL

(Quadro de Hans Dahl—Gravura de Paulo Krey)

Elle é apenas um, vê-se isolado, está entregue aos seus proprios recursos. Ellas são tres valentes tricanas, vivas como demonios, tendo as audacias e os arrebatamentos da mocidade em flôr. Por isso a lucta se nos affigura desegual, embora o nosso rapazote disponha da agilidade e da força muscular que caracterisam o sexo feio.

Mas, tambem, para que foi elle desafiar com ditinhos picantes e atacar com baldas certas as suas tres encantadoras inimigas, provocando aquella *revanche* cruel?

Agora, lá se avenha como puder na refrega. Já partiu um remo; um dos sóccos balouça nas aguas, junto do bote prestes a afundar-se; os calções rasgaram-se-lhe pelo joelho, e a corda que as gentis tricanas colhem com força feriu-lhe as mãos e o pescoço.

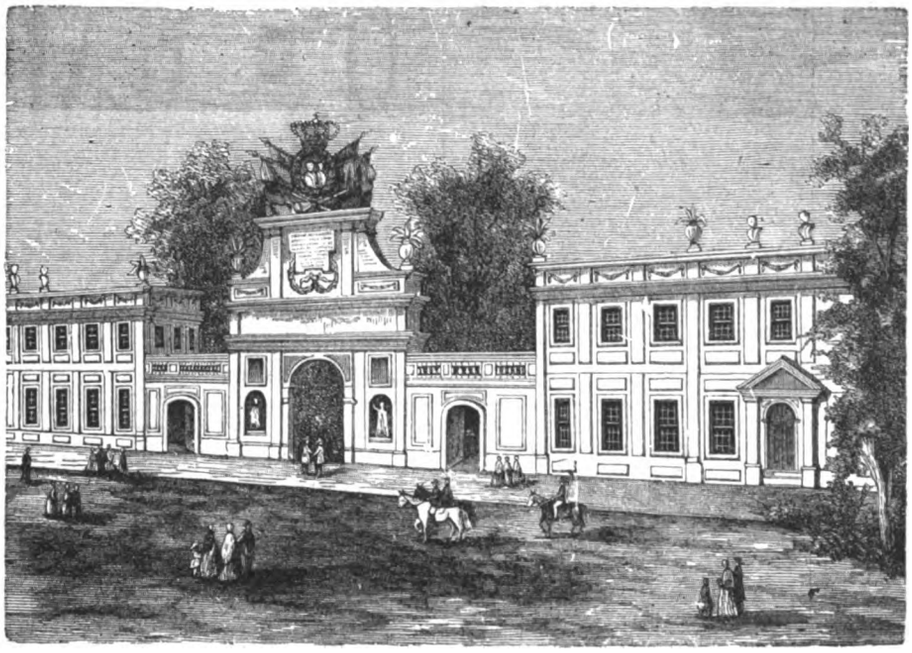
Ellas, vendo-se victoriosas, soltam gargalhadas estridulas e vibrantes.

O que lhe valerá, talvez, é ter pelo seu lado, a pedir indulgencia ás companheiras, aquella outra rapariguinha que se distanciou do grupo revoltoso, e que nos mostra, n'um sorriso ingenuo e bom, os seus pequeninos dentes brancos como perolas.

Se não fosse ella...

PALACIO DE SETEAES EM CINTRA

Quem foi a Collares, conhece-o decerto. Fica no dorso da serra, á sahida da formosa Cintra, entre a estrada dos Pisões e a quinta da Penha Verde. Assenta n'um terreno que foi logradoiro publico. Nos dias santificados, pela tarde, era ali que ia recrear-se, em tempos, a população dos arredores. Toda a gente despertava os seus echos, proferindo o «ai» tradiccional sete vezes repetido,—segundo a lenda—de que se originou a palavra «Seteaes».



PALACIO DE SETEAES EM CINTRA

A 31 d'agosto de 1808 assignou-se no palacio a chamada Convenção de Cintra, em virtude da qual evacuou o reino o exercito francez commandado por Junot.

Aquella formosa vivenda pertence hoje ao duque de Loulé, tendo sido propriedade da duqueza de Lafões, D. Anna Maria de Bragança Sousa Ligne.

C. D.

UM CONSELHO POR SEMANA

Os objectos de *toilette*, taes como pentes, esponjas e escovas, carecem de grandes cuidados, sob o ponto de vista do aceio e da hygiene.

Para limpar os pentes, basta deitar, n'um vaso com agua fria, uma colher de sopa cheia de soda, mergulhal-os depois no liquido e esfregal-os muito bem, com um panno ou com uma pequenina escova apropriada.

Quanto ás escovas, se não são novas, póde empregar-se para com ellas o systema que deixamos prescripto para a limpeza dos pentes. Se, porém, forem novas e não se quizer despolil-as ou alterar-lhes o marfim, basta deitar-lhes sobre os pellos uma pequena porção de pó d'amido e friccional-o com uma boneca de papel até estarem perfeitamente limpas.

Recommendamos ás leitoras este systema para todo o genero de escovas.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 21 de julho de 1884 Numero 4

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*M.*, versos, por Sergio de Castro.—*A morte de um grande homem, (A doença)*, por Pinheiro Chagas.—*O lyrio no Pantano*, por D. G. Torrezão.—*Em familia (Passalempos)*.—*Um conselho por semana*.—*As nossas gravuras*, por C. D.

GRAVURAS.—*Estação dos caminhos de ferro do norte e leste*.—*O julgamento*.—*O regresso á terra natal*.—*A queda do palhaço*.—*Que tentação!*

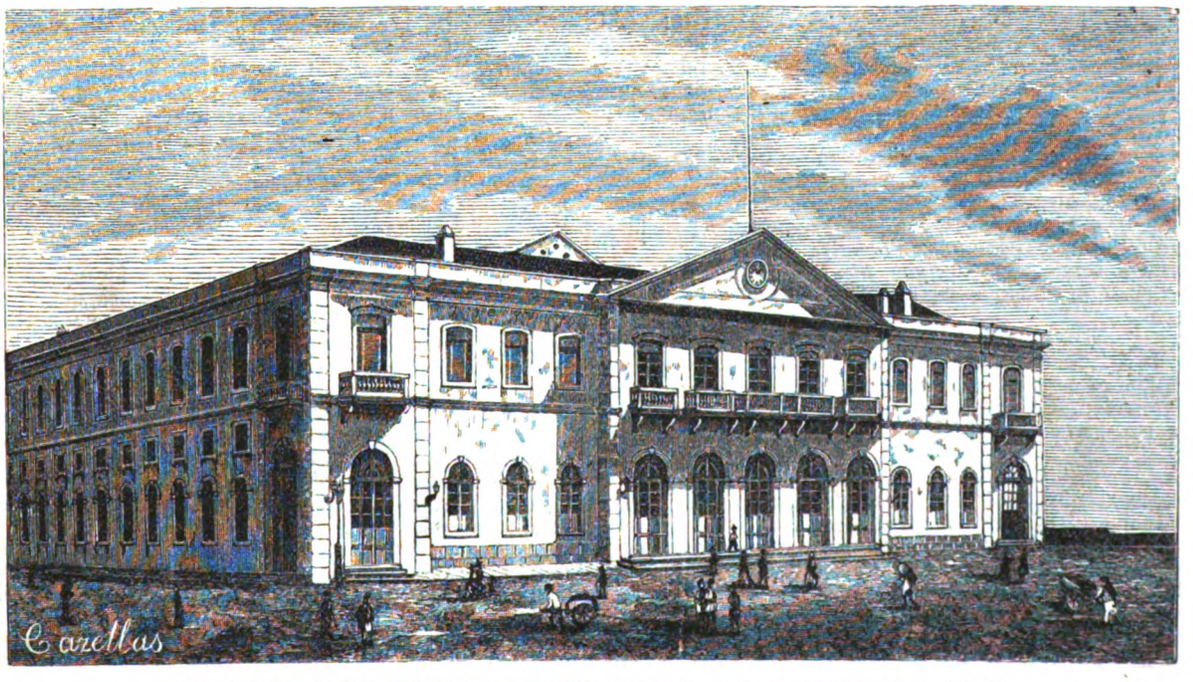
CHRONICA

O certamen philarmonico na tapada da Ajuda e a serenata no Tejo. Musica por toda a parte.—A magica dos Recreios.—Echos theatraes.—O caso da marqueza hespanhola e a chronica.—Torneio grammatical sobre o cholera.—Preoccupações dos parisienses.—Microbio e desinfectante.—Uma receita contra o flagello.

Pouco movimentada a semana, mas, em compensação, muito lyrica, tendo por caracteristico principal umas exhuberancias musicaes, que se manifestaram desde a Tapada da Ajuda até ao crystalino Tejo.

No recinto perfumado da Exposição Agricola, onde pairam ainda os ultimos echos festivos da *Kermesse*, um certamen de phylarmonicas populares. Nas aguas limpidas e espelhadas do rio feiticeiro, uma bella serenata promovida por duas reaes associações—a Naval e a de Amadores de Musica—qual d'ellas mais enthusiasta por Chopin e Mendelsshon.

Reservemos para outra chronica o *compte rendu* d'este delicioso passeio fluvial, com as suas esplendidas barcarollas venezianas e os accordes sonoros das suas fanfarras imponentes. O certamen da Tapada abriu a semana que hoje finda, e para elle voltaremos especialmente as nossas attenções de chronista, como para elle, tambem, se voltaram, no domingo, os nossos ouvidos de amador.



ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO DO NORTE E LESTE

Digitized by Google

Formoso e alegre aquelle combate lyrico dos filhos do povo! Em todo o caso, devemos dizel-o, foi uma verdadeira providencia, que muitas mil almas agradecem reconhecidas, o não se ter adiado a sua realisação.

Na capital corria a gente o grave risco de ensurdecer a cada passo, atordoado pelo tum-tum de quantas phylarmonicas se preparavam para a grande batalha, em expansões soturnas de contrabaixos apopleticos e lamurias estridulas de clarinetes desafinados.

Depois o *microbio* philarmonico, á falta de cordão sanitario que lhe contivesse os impetos, e de acido phenico que lhe entorpecesse os vôos, não se limitou a pairar nos ambitos de Lisboa; contaminou os arrabaldes, levou o contagio até Almada, estendeu-se ao Beato Antonio, alastrou-se por fóra de portas, o desalmado, despertando os trombones adormecidos da *Incrivel Almadense*, acordando as flautas somnolentas da *Recreação Civilisadora* e os cornetins estremunhados da *União e Desejo*.

Nem havia, ao menos, a suprema consolação de fugir para as sorridentes paragens campezinas dos arredores. Não nos restava o extremo refugio da Outra-Banda com o Tejo de permeio. A *Fanfarra de Caneças* lá estava, d'um lado, ameaçadora e terrivel, com as suas trompas furibundas, e do outro lá nos surgiam os *Prussianos do Seixal*, com o sól-e-dó escarninho dos seus flautins desapiedados e insolentes.

Arriscar um passo fóra de casa, era topar logo com o bombo trovejante d'uma philarmonica em tirocinio lyrico, de que irrompiam a flux imprecações satanicas, tempestades medonhas, estampidos infernaes e aterradores.

No campo, musica; na cidade, musica; áquem e alem Tejo, intra e extra-muros, idem, idem... Musica por toda a parte e a todas as horas, roubando ás almas christãs o suave remanso das noites estrelladas e as doces quietações do leito, desorientando-nos na faina do jornalismo, difficultando-nos a digestão, fazendo-nos entrever, em sonhos horriveis, a infeliz *Norma* barbaramente assassinada, e o pobre *Attila* espatifado ás mãos de instrumentistas deshumanos!

O' cruellissimo *comité* executivo da Exposição Agricola! Tu, que alimentaste no cerebro a peregrina idéa de chamar a certamen musical todas as philarmonicas de Lisboa e circumvisinhanças, para outhorgares á melhor d'ellas o premio de honra votado pela tua magna philantropia, tem dó dos nossos ouvidos flagellados durante longas semanas; poupa-nos ao supplicio dos preparos atormentadores para novo concurso.

E não vás agora imaginar que sentimos um profundo horror pela Arte. Na Tapada, juntámos o nosso applauso sincero aos applausos phreneticos de 6:000 ouvintes, quando a victoriosa do certamen — a *Real Fanfarra de Caneças* fazia vibrar os seus metaes resplandecentes como espelhos, na execução primorosa d'um *Pot pourri* do *Fausto*. Mas, pelo que toca á *Euthérpe de Bemfica*, aos *Alumnos d'Apollo* e aos ensaios estopantes dos *Filhos de Minerva*... Sobre tudo livra-nos da praga dos ensaios, ó misericordioso Eduardo Coelho, se não queres que nós façamos concorrencia á Exposição, creando um premio destinado á philarmonica que menos nos caustique!

=Cerradas as portas do Colyseu, abriram-se, como que por encanto, as do theatro visinho, exhibindo-nos as transformações e as visualidades d'uma alegre magica.

Dizemos alegre, por que nos fez rir de quando em quando, com as suas facecias desopilantes e as suas tolices chistosas. De resto, não se recommenda por outra qualidade, nem cremos que possa seduzir alguem com a sua *mise-en-scène* modestissima.

Em risco de provocar um sorriso desdenhoso aos espiritos fortes, nós confessaremos á puridade que nunca nos desagradou aquelle genero de peças.

Uma magica não será *pschutt*, como dizem os *boudinés* do *sport*, mas transportam-nos aos tempos da nossa meninice saudosissima, embalada por mil historietas de principes encantados, de apparições infernaes, e de anjos bons, que protegiam qualquer simples mortal seu dilecto, contra as iras de Satanaz.

Tudo isto a magica dos Recreios nos faz passar em revista diante dos olhos, gravando no nosso espirito uma impressão agradavel e boa.

Os artistas que a representam são os pequeninos do palco, os humildes da Arte, os que a fortuna teima em não querer bafejar. Não provocam os desdens ou as gargalhadas da critica com uma filaucia insolente; imploram d'uma fórma digna a philantropia do publico, e isso basta para que lhes estendamos generosamente a mão.

=Poucas novidades theatraes álem da que deixamos registrada.

Espera-se que Paris nos envie brevemente, para o Colyseu, sem miasmas cholericos na bagagem, uma *troupe* equestre, gymnastica e acrobata.—Os artistas do Gymnasio continuam no Alemtejo, favoneados bizarramente pelos chronistas da imprensa local; e os de D. Maria enriquecem no Porto, o novo Brasil das companhias dramaticas lisbonenses.

A proposito: na elegantissima sala do theatro normal foi supprimida a orchestra.

Esta subita resolução da empreza obedece, sem duvida, a principios de economia e de bom gosto muito attendiveis, mas é de crer que o publico a acceite contrariado e que os orchestrantes supprimidos se revoltem.

=O caso repugnantissimo da Marqueza e do Abelardo, essa historia immunda, que o naturalismo pouco edificante da *reportage* explorou dias seguidos, com uma tenacidade fóra dos seus habitos, já hoje começa a perder todo o interesse primitivo e a ser narrada com menos luxo de pormenores zolalianos.

Tout passe, tout casse, tout lasse

E ainda bem que os *reporters* se cançaram.

A chronica chegou a enternecer-se diante d'aquelle drama asqueroso, vendo uma pobre senhora de raça illustre e uma formosa creança de fascinadora belleza expostas ás brutalidades d'um Abelardo qualquer. Não attentou no que tinha de condemnavel a paixão vehemente da fidalga sensual e libertina; não quiz prescrutar todas as podridões d'aquelle *ménage à trois*, immoralissimo na essencia, torpemente caracterisado por nojentas promiscuidades defesas a todos quantos teem uma ligeira noção do que seja honra e decoro; não sondou o lado mau d'aquelle monstruoso connubio entre uma mulher desvairada pela febre d'impuros amores, e um libertino cheio de vicios immundos, envenenando com os seus halitos pestiferos a alcova virginal d'uma creança immaculada.

A chronica fechou os olhos a tudo isso: não viu mais que duas victimas indefezas, e teve compaixão de ambas, porque eram mulheres, e commoveu-se ingenuamente, quando lhe escutou as declarações lacrimosas, feitas em face da policia investigadora.

Hoje, porém, que essas *victimas* se transformaram em cumplices do seu algoz, amaldiçoado na vespera, enviando-lhe missivas apaixonadas, dizendo-lhe em *duo* repugnante, na imprensa e fóra d'ella, que o amam e que o abençoam cheias de saudade intensa, hoje, a chronica enoja-se de escrever os nomes d'aquelles estranhos personagens contaminados pela lepra da mais abjecta corrupção; deixa o picador aventureiro entregue ás justiças que o pronunciaram sem fiança, e penitenceia-se pela ingenuidade com que formulou os seus primeiros juizos ácerca das desventuras da mãe e da innocencia da filha.

=Lá fóra o cholera gangetico prosegue impavidamente na sua obra devastadora.

Os tolonezes morrem ás duzias, e os seus compatriotas de Marselha caem ás centenas, fulminados pelo flagello assassino. Cada telegramma da agencia *Havas* registra uma hecatombe; os boletins dos hospitaes francezes parecem echos sinistros de mortiferas batalhas.

Em varios outros pontos do Meiodia da França, as estatisticas mortuarias fallam d'um ou outro caso fatal, no seu laconismo funebre e tristonho. Morre-se menos que em Marselha e Toulon, é certo, mas emfim, sempre se vae morrendo, a despeito de todas as medidas prophylacticas que os conselhos municipaes adoptam, e de todas as declamações retumbantes que os padres-mestres da sciencia expectoram.

Entre nós, mercê de Deus, está-se desenvolvendo uma actividade febril em levantar barreiras inexpugnaveis contra a invasão do microbio cholerico. Faz-se mais: discute-se largamente, na imprensa periodica, se o vocabulo *cholera* é macho ou femea.

Querem uns que elle seja classificado entre as coisas masculinas, por ter a feialdade propria do sexo forte. Teimam outros que não, que deve ser feminino, e alguns, mesmo, attribuem-lhe o genero neutro.

No torneio grammatical entraram um poeta lyrico, um medico publicista, um publicista medico e um polyglotta classico.

A poesia, dada a ternuras pelo bello sexo, como é natural, queria que se dissesse *a cholera*, com excellencia, dom e titulo de nobreza. O classicismo vernaculo e a medicina auctorisada, apoiando-se em Littré e Fr. Domingos Vieira, negam todos os fóros de dama ao cholera indostanico, apresentam-nos o flagello como indigno dos respeitos e da consideração que se devem a uma senhora.

N'isto, ao menos, devem concordar que levamos a barra aos Koch, aos Fauvel e aos Drasche lá de França, que só teem discutido se o mal é *asiatico*, *sporadico* ou *nostras*, sem chegarem a um accordo definitivo sobre o assumpto.

E chamam a Portugal o Paraguay da Europa!

= A população de Paris anda preoccupada.

Segundo escreve um chronista da grande capital, ha ali duas palavras que correm de bocca, em bocca, escapando-se de todos os labios: — *microbio* e *disinfectante*. A primeira é proferida com terror, a segunda com esperança. Como vem o microbio, onde se gera, para onde vae, qual é a sua força mortifera? Taes são as perguntas que se ouvem a cada passo, nos *trottoirs*, nos *boulevards*, nos cafés e nos theatros.

A epidemia occupa de tal modo as attenções de Paris, que o *gavroche* esqualido das ruas passou a denominar-se *microbio*, e as *horisontaes* receberam o cognome epigrammatico de *marselhezas*, por trazerem comsigo o cholera... do amor.

Em muitos estabelecimentos ha grandes taboletas, onde se lê: «Vende-se por dez francos um apparelho desinfectante.»

Digitized by Google

Tudo se desinfecta; as roupas, as carruagens, os carros americanos, as flores, o Sena, até as proprias palavras. As mulheres, em vez de andarem enfrascadas em *opoponax*, tresandam a acido phenico; em lugar de perfumarem o lenço arrendado com *marechala*, salpicam-o de chloro amarellento e suffocante.

Horror!

=Fervilham os perservativos e as receitas contra a peste asiatica.

Para findar, apresentaremos esta, que nos foi aconselhada por um medico folgasão.

«Trazer o espirito sereno, o ventre livre, e os pés quentes; não comer pimentos nem salada de lagosta; não escutar massadores nem dar ouvidos a imbecis; evitar leituras tristes, e renunciar ás doçuras do matrimonio durante a estação calmosa.»

C. DANTAS.

M.

Como eu te adoro assim: olhando o mundo immenso
Sem lhe temer o olhar, e forte entre as mulheres;
Soffrendo por amar um soffrimento intenso;
Crendo sómente em mim; q'rendo eu o que tu queres!

Tu tens dentro de ti algum vulcão em chamma,
Um Vesuvio de amor, que irrompe da cratera
Do teu formoso olhar, que sobre nós derrama
Os impetos febris da languida chimera.

Quero viver assim, bebendo nos teus labios;
Ouvindo a tua voz por entre a tempestade:
Gosando o muito amor da nossa mocidade;
Deixando discutir os que se dizem sabios!

Tu tens no coração o amor das outras eras,
E esses lances fataes, os da tragedia grega,
Que cravam um punhal, amando como feras,
N'uma paixão feroz, arrebatada, e cega.

Sonhou o poeta inglez a tua natureza
No contraste que vae de Othelo a Julietta,
Mas adoro-te assim na olympica fereza,
Que o meu amor transforma em timida violeta!

SERGIO DE CASTRO.

A MORTE DE UM GRANDE HOMEM

I

A DOENÇA

Luiz Galvão de Vasconcellos está moribundo. Uma subita e quasi desconhecida enfermidade prostrou em poucas horas o grande orador, o luctador energico, o estadista eminente. Acabava de conquistar mais um triumpho parlamentar dos mais notaveis. A sua palavra, vibrante de commoção, illuminada pelo fogo do mais acendrado patriotismo, fizera vacillar o ministerio, que ainda não podéra readquirir a força e o prestigio. Parecia imminente uma crise, e o partido, que tinha a honra de contar entre os seus chefes o conselheiro Galvão de Vasconcellos, preparava-se para voltar triumphante aos conselhos da corôa. Galvão de Vasconcellos, que já fôra por duas vezes ministro, ia ter de certo agora a presidencia do conselho. Foi então que de subito correu em Lisboa esta noticia: Galvão de Vasconcellos está moribundo.

A noticia voou com a rapidez do raio e causou assombro geral. Ainda na vespera o tinham visto sair triumphante das camaras, rodeiado dos seus amigos politicos, radiante com o jubilo do triumpho e com a face illuminada pela rosea côr da saude, que se via apenas agora que era a purpurea côr da febre. Como acreditar em tão repentina transformação? Os seus amigos politicos, sobre tudo, sentiam-se perturbados e afflictos. Quem o havia de substituir na presidencia do conselho? Que voz possuia no parlamento auctoridade egual á sua? Todos correram a saber noticias. A rua em que morava atulhou-se de carruagens. Foi necessario deitar casca de carvalho sobre a calçada para amortecer a bulha das rodas, que atormentava o doente. Apinhavam-se todos á porta do quarto a querer fallar ao illustre enfermo, e o medico, um amigo intimo do estadista, que luctava desesperadamente contra a morte, vira-se obrigado a affastar violentamente os mais intimos amigos, declarando que não consentia que elle fallasse a pessoa alguma. Todos se offereciam para o velar, para o tratar. Pois se elle não tinha familia! uma sobrinha apenas, uma santa menina, orphã de pae e mãe, que rodeiava a doença do grande homem de todos os cuidados, de todos os desvelos, de todos os carinhos, que uma mulher, seja qual fôr a sua edade, encontra sempre no thesouro inexgotavel do seu coração instinctivamente maternal.

Então os amigos, inquietos sempre, refugiaram-se n'uma sala distante, declarando todos que estavam promptos para tudo o que d'elles se exigisse. A noite desceu entretanto, e no quarto silencioso ficaram apenas, á luz suave de uma lampada velada, o doente que mal dava accordo de si, Helena, a sobrinha dedicada, o medico que vinha de quando em quando, nos bicos dos pés, tomar o pulso ao doente, e trocar com a enfermeira algumas palavras em voz baixa, e um galgo fiel que, aos pés da cama, estendia, por sobre as patas dianteiras, o seu focinho intelligente e fino.

Na sala distante os amigos conversavam, preoccupados e tristes.

Chegava a cada instante á porta uma nova carruagem. Ouvia-se o surdo rumor das rodas, o ruido secco do travão, depois sentiam-se passos na escada, amortecidos pelo tapete, e um creado, de casaca, e de apparencia lugubre, introduzia na sala um novo visitante.

—O Luiz Galvão? perguntava o recem-chegado, dirigindo se ao general Mendes Nogueira, que devia tomar a pasta da guerra no ministerio que se projectava.

—Mal! Muito mal, meu caro amigo.

—Mas o que é a doença?

—Eu sei lá! Os medicos pronunciam uma serie de nomes gregos, com que substituem n'estes casos uma palavra latina muito simples e muito curta: *Nescio*.

—Mas é perigosa a situação?

—Perigosissima. O nosso pobre Vasconcellos não torna a pronunciar na camara um d'esses discursos monumentaes, como o que proferiu ha tres dias.

N'isto abriu-se a porta e entrou um novo visitante.

Apertos de mão, comprimentos em voz baixa, e o interrogatorio recomeçou.

—O Luiz Galvão?

—Mal. A temperatura do corpo está subindo n'uma proporção assustadora.

Mais alguns pormenores. Depois um silencio.

—Pode-se fumar? dizia o recem-chegado abrindo uma charuteira.

—De certo. O quarto fica longe... Homem, esses charutos teem cara de ser legitimos havanos!

—E são. Foi um presente do ministro hespanhol. Quer?

—Dé cá sempre.

Veiu uma vella. Accenderam-se os charutos. Depois um silencio, cortado por alguns suspiros, e pelo rumor abafado das conversações.

—E que se diz por ahi? perguntou o general Mendes Nogueira, balanceando-se n'uma poltrona.

—O diabo. O ministerio agora julga-se forte, e está muito resolvido a prolongar a sua existencia, respondeu o deputado Albergaria.

—Forte porque! bradou Mendes Nogueira n'um tom mais alto do que convinha. Julgam por acaso que a morte de Luiz Galvão desarma o partido?! Estão muito enganados!

—O que é certo é que é uma perda irreparavel, murmurou o Albergaria.

—Não ha perdas irreparaveis. Um partido que tem força no paiz encontra sempre homens á...

Empurrou-se a porta discretamente, e entrou um novo visitante.

—O Luiz Galvão, como está? perguntou elle.

—Bem, muito obrigado, respondeu distrahidamente Mendes Nogueira... á altura das circumnstancias, concluiu elle energicamente.

—Então era falsa a noticia da doença? perguntou espantadissimo o recem-chegado.

—Qual doença?

—A doença do Luiz Galvão.

—Homem! o Luiz Galvão está a morrer. Quem é que lhe disse que era falsa a noticia?

—O proprio general. Pois não acaba de me affirmar?...

Os circumastantes desataram a rir. O general fez-se vermelho como um pimentão.

—Desculpe, meu caro conde, desculpe. Este fatal acontecimento... A commoção... Sim, sim... o nosso pobre amigo caminha a passos agigantados para a sepultura. Quarenta graus marcava ainda agora o thermometro axilar. Ah! que perda, meu amigo, que perda! E n'estas circumstancias então!...

—É verdade. As circumstancias são gravissimas.

—E o que se diz por ahi? continuou o general. O que ha de novo? É verdade o que diz o Albergrria que o ministerio procura sustentar-se?

—Não sei, mas o que ainda agora corria com toda a insistencia era que el-rei mandára chamar ao Paço os presidentes das duas camaras.

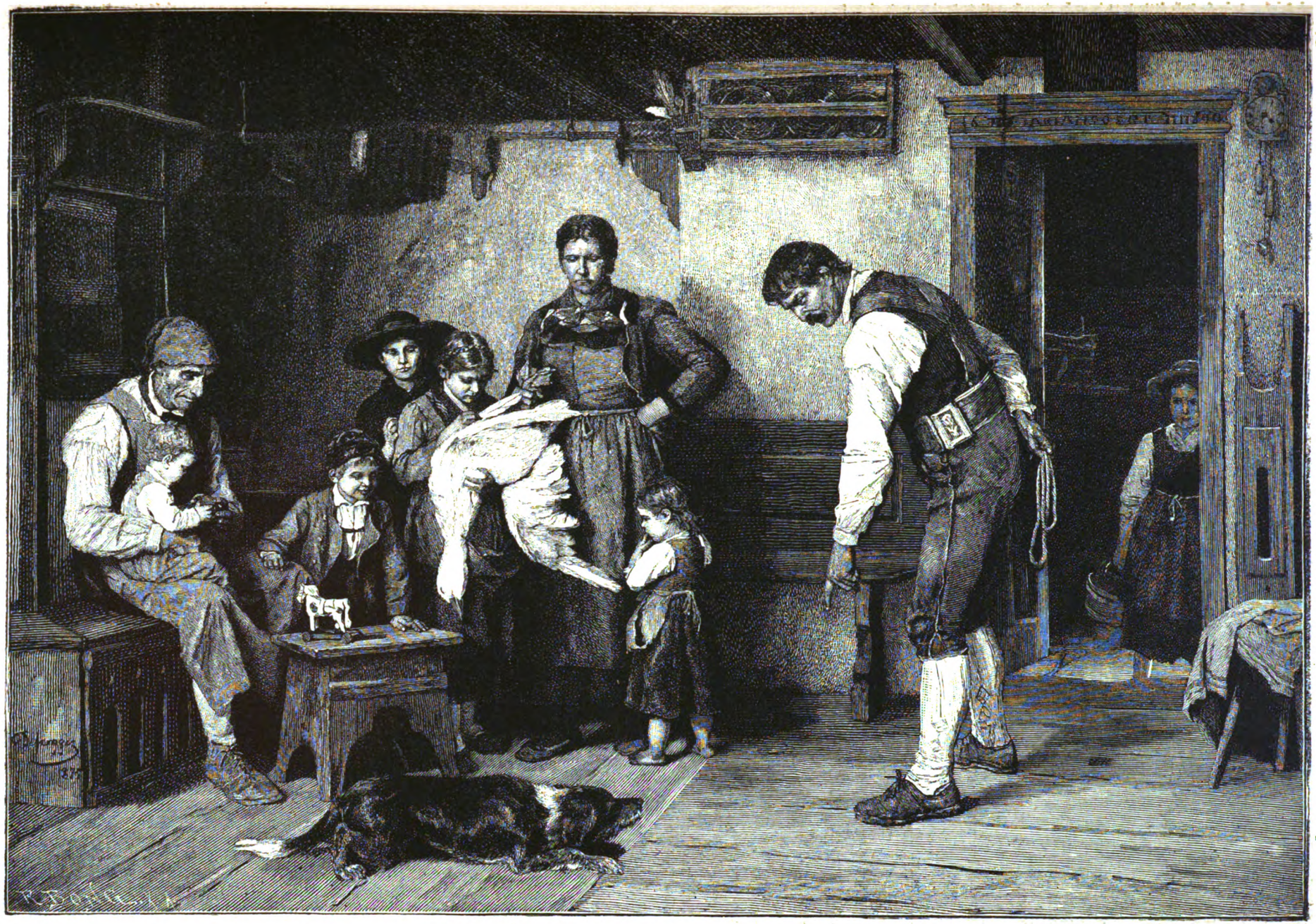
—Ah! sim! exclamaram alegremente umas poucas de vozes, e arrastaram-se cadeiras, e conchegaram-se com os olhos ardentes e avidos todos os amigos do moribundo.

—Effectivamente, observou o Luiz Vianna, redactor principal do jornal que era orgão do partido, eu ainda agora passei por defronte da casa do presidente da camara dos pares, e elle tinha a carruagem á porta.

—Ah! dizia um.

—Véem vocés? exclamava o Mendes Nogueira.

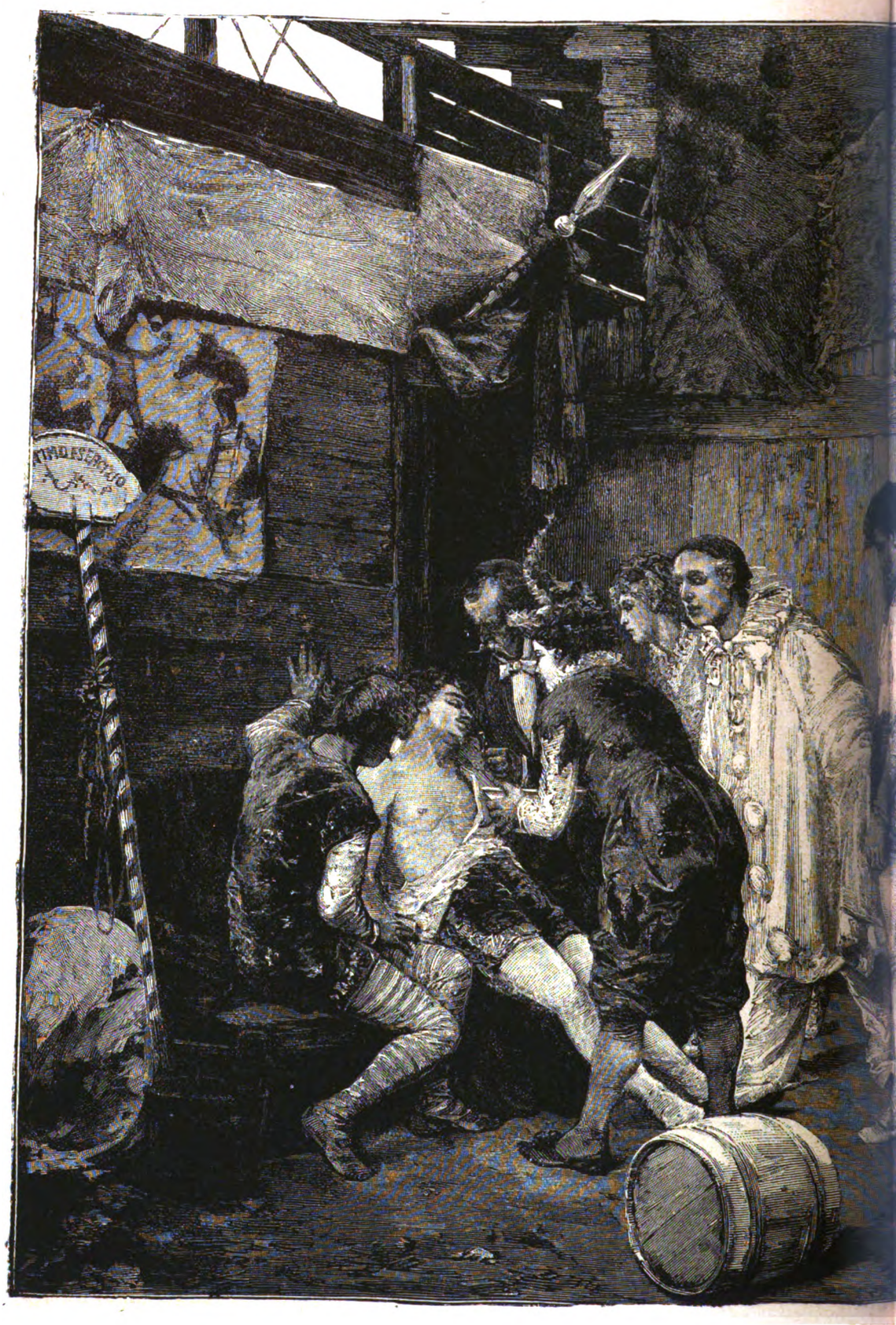
Digitized by Google



O JULGAMNETO (Quadro de Francisco Defregger)

Digitized by Google

Digitized by Google



A QUEDA D

(Copia d'um quadr

Digitized by Google

O PALHAÇO

de Antonio Louza)

Digitized by Google

Digitized by Google

O REGRESSO Á TERRA NATAL (Quadro de Frederik Prölss)

Digitized by Google

—Pois era de prever, gritava o Albergaria.

—Ora adeus, meu amigo, exclamou um rapazinho petulante, esperança do partido, que se estreiára com o *high-life* e já se ensaiava tambem com a sua bisca politica. O marquez tinha a carruagem á porta porque ia ao jantar do nuncio.

—Ora é melhor que o menino se calle, redarguiu Luiz Vianna, que embirrava com o pequeno por elle escrever n'outra folha e apanhar mais noticias. Sabe que horas eram quando eu vim para aqui, d'onde não tenho sahido? Eram quatro horas. O marquez ia a essas horas para o jantar do nuncio?

—Ah! de certo que não, gritou o Mendes Nogueira. Que lhes dizia eu, meus amigos? Temos crise.

—E' inevitavel, bradava o Albergaria.

—Pois olhe! dizia o jornalista *en herbe* para o Luiz Vianna. Você está aqui ha tres horas, mas as noticias lá da sua gazeta nem por isso são mais exactas.

—Quer que sejamos terroristas, não é verdade? O que admira é que o Trigueiros admitta na redacção da *Voz da Liberdade* fedolhos como você.

—Então, meus senhores, então, disse o Mendes Nogueira, que, no meio da conversação animada que se travava por todos os lados, percebeu a altercação que principiava.

Mas n'isto abriu-se a porta, e appareceu no limiar uma elegante figura feminina.

Era Helena, pallida, com os lindos olhos castanhos inundados de lagrimas.

Todos se calaram. Uns esconderam os charutos, os que estavam proximo da janella deitaram-n'os á rua.

—O Luiz como está? perguntou com sincero interesse o Mendes Nogueira, emquanto os outros, meio envergonhados, se approximavam anciosos.

—Ah! meus senhores, disse ella com voz tremente, desculpem-me, mas, apesar de toda a sua boa vontade, o rumor das suas vozes chega ao quarto e produz no doente a mais terrivel agitação. Já é tarde, os criados mesmo estão fatigados. Se ..

E parou hesitante.

—Nós vamo-nos embora, disse apressadamente o Mendes Nogueira. Mas, se houver alguma novidade, mande-nos chamar, peço-lhe.

—Sim, meus senhores, sim.

Sahiram todos nos bicos dos pés, mas, ao metterem-se nas carruagens, diziam:

—Ora a lambisgoia! O que ella quer é affastar de casa os amigos provados e dedicados do tio.

E, Helena, entretanto, desaffogava em lagrimas a dôr immensa que a opprimia. Mas teve de as enxugar á pressa para entrar com rosto risonho no quarto, porque um criado lhe veiu dizer que o doente a chamava com instancia.

—Helena! Helena! murmurava Galvão de Vasconcellos, recusando-se a tomar um remedio que o seu amigo medico lhe offerecia.

Helena approximou-se.

—Só o quer tomar da sua mão, disse-lhe o medico, sorrindo. Está perfeitamente uma criança.

—Então, meu tio, murmurou Helena com a sua doce voz, tenha juizo. Então não querem ver o sr. presidente do conselho a precisar que ralhem com elle, como se fosse uma criancinha pequena? Vá, tome este remedio que lhe faz bem.

—Foram-se embora? perguntou com voz debil Galvão de Vasconcellos.

—Foram, sim, meu tio.

—E que não voltem. Não quero cá ninguem.

—Sim, meu tio, sim.

E, ajudando-o a erguer-se um pouco na cama, chegou-lhe aos labios o copo do remedio, amparando-lhe com o outro braço a cabeça.

Luiz Galvão bebeu, e deixou cair a cabeça para traz.

Helena quiz tirar docemente o braço.

—Não, murmurou com voz infantil o conselheiro.

Helena parou, e d'ahi a instantes, a respiração regular do doente mostrára que viera emfim um somno placido e regular.

O medico chegou-se de novo;

—A noite ha de ser melhor, disse elle. Eu vou aqui para fóra descançar tambem um pouco, para vir depois rendel-a.

—Vá, doutor, vá, mas eu não preciso que me renda.

O medico affastou-se, sorrindo docemente.

Ficou silencioso o quarto. Helena, em pé, sentia as lagrimas a correrem-lhe pela face. Vasconcellos dormia com a cabeça encostada ao braço da sobrinha, com uma das mãos pendentas para fóra da cama.

E o galgo, que se approximára tambem, lambia brandamente essa mão abrazada pelo calor da febre.

PINHEIRO CHAGAS.

O LYRIO NO PANTANO

...«Comprehendeste, minha querida irmã? Hoje, que és uma senhora casada, ha cousas que eu posso dizer-te e que tu podes ouvir... que podes mesmo repetir. A primeira vez que estiveres com a tua amiga de collegio, a menina Lucinda, dize-lhe que a divina graça, a graça que fulgura nos olhos dos anjos, illuminou o meu espirito. Não te restrinjas no capitulo das indiscripções... adivinha e transmitte o que eu não ouso confessar. Dou-te carta branca e subscrevo de antemão a tudo que escreveres... mesmo que a tua pequenina mão tenha o bizarro capricho de traçar, com a sua bella calligraphia ingleza, a terrivel palavra CASAMENTO!

«Noto o teu assombro .. Que queres? mais tarde ou mais cedo, tinha de ser. O que posso assegurar-te, a ti e a Lucinda, é que nem as minhas rapaziadas nem os meus epigrammas á Beaumarchais, obstarão a que eu seja a perola dos maridos.

«Teu irmão muito amigo,

Mauricio.»

No momento em que Mauricio fechava a carta, um creado entrou, e entregou-lhe um bilhete de visita.

—Mascarenhas? fez Mauricio, lendo o bilhete. Não conheço, é o mesmo, manda entrar.

Um homem de cincoenta e tantos annos entrou, apertado em uma sobrecasaca correcta, illustrada com uma rozeta vermelha. Cumprimentaram-se, com a grave circumspecção de pessoas que não se conhecem.

De repente, Mauricio desatou a rir:

—Ora espera, se não me engano é o Paulo!...

—Em carne e osso.

—Estás rico, ein? Podéra! não se empresta impunemente a 40 por cento. E a batota, ainda rende? Sempre foste ao Brasil? Mas tu não te chamavas Mascarenhas? Onde pescaste o nome e o habito, grande scelerado?

—Mauricio, volveu o interpellado, cofiando a suissa grisalha, o homem que tem na sua presença já não é o mesmo que conheceu ha dez annos...

—Percebo, interrompeu Mauricio, accendendo um charuto e recostando-se no fauteuil, recolheste á vida privada, resolveste offerecer a Deus o que não podias continuar a dar ao demonio.

—Não! cortou, muito austero, o recem-chegado. Regenerei-me, eis ahi tudo!

—Os meus parabens, retorquiu Mauricio, zombeteiro.

—Estás arruinado, não é verdade? perguntou Paulo á queima roupa, assentando-se na cadeira que não lhe tinham offerecido.

—Porque? Vens propor-me um dos teus emprestimos, á Syllock?

—Tambem não! Venho propor-te um casamento.

—*Trop tard*, carissimo. Empenhei a minha fé.

—Se me permittes, advogarei a causa da minha cliente?

—Recebeste esportula?

—Poupa-me os teus sarcasmos, e ouve. A noiva que te offereço é bonita, rica, bem educada, e, como se não fosse bastante, está apaixonada por ti.

—Porque? ella conhece-me?

—Tanto como tu a ella. E' uma amiga de tua irmã, amiga de collegio. Encontraram-se ha um mez, no dia do casamento da sr.ª D. Laura.

—Dar-se-ha o caso, que te refiras á sr.ª D. Lucinda?

—Adivinhaste!

—Não te occulto o meu assombro. A que titulo vens tu propor-me a mão da sr.ª D. Lucinda? Quem te confiou essa incumbencia?

—Lucinda é minha filha.

—Tua filha! exclamou Mauricio pondo-se em pé, pallido como um cadaver. Ora vamos, estás gracejando.

—Não estou. Chamo-me Mascarenhas, embora tu não me houvesses conhecido senão sob o nome de Paulo Martins. Substitui o appellido de meus paes, em virtude de razões que não são para aqui. Não sou nem um assassino, nem um ladrão. Se duvidas, apresentar-te-hei folha corrida. Trabalhei por espaço de muitos annos, a meu modo. Tive casa de jogo, tive casa de penhores, descontei lettras, fui agiota e usurario, não nego. Apesar d'isso, não houve nunca o menor contacto entre mim e a justiça, e salvei intacta a minha probidade. Luctei, fui ao Brasil, não hesitei em acceitar todas as especies de negocios; desprezei os escrupulos idiotas dos mediocres; gastei a vida n'essa fornalha incandescente que se chama trabalho, consegui enriquecer... E sabes porque fiz tudo isto? Porque tinha uma filha! Desejava que ella fosse feliz. Só o dinheiro poderia conquistar-lhe a felicidade. Lucinda tinha dois annos quando sua mãe morreu. Mandei-a para o melhor collegio de Lisboa. Não olhei a despezas, juro-te! Recommendei que fizessem da minha Lucinda uma senhora perfeita em todo o sentido. Minha filha falla francez, italiano e inglez, toca piano, canta, pinta. Que mais te direi, a ti, meu amigo, que a conheces? Lucinda é adoravel; além d'isso, levará a seu marido um milhão em dote!...

—Nunca imaginei, interrompeu Mauricio, ironico, que o jogo rendesse tanto!

—Lucinda, continuou Paulo, poderia fazer um casamento de conveniencia e aspirar a um titulo... Mas, n'este mundo não ha nada perfeito! Minha filha gosava saude, não era romantica, era vaccinada: de repente, atacou-a uma doença terrivel, o amor que lhe inspiraste! Quer por força casar comtigo, que gastaste até ao

Digitized by Google

ultimo real o teu patrimonio, e annullaste, por estravagancia, a tua carreira! Tentei dissuadil-a, confesso. Tudo foi inutil! Ou casar comtigo, ou recolher-se a um convento, o que me mataria de desgosto. Ora aqui tens porque me vês em tua casa, ridiculo como um pai de comedia, arriscado a representar o burlesco papel do sogro Poirier!

—Só te esqueceu uma coisa, volveu Mauricio com as sobrancelhas franzidas: perguntares-me se eu estaria disposto a representar o papel do genro. Recuso!

—Recusas! exclamou Paulo, consternado. Mas então, o que queres tu que eu faça?

—O que quizeres. O unico pezar que experimento é o de perturbar a felicidade da sra. D. Lucinda. Espero, porém, que tua filha ha de resignar-se.

—Juro-te que minha filha é sufficientemente tola para morrer por ti!

—Distrahe-lhe o espirito. Leva-a a Paris. Não dispões tu do supremo poder:—o dinheiro?

—Mas emfim, qual é o motivo da tua recusa?

—Ah! ainda não percebeste! Exiges que eu ponha os pontos nos iii? Tua filha é encantadora, convenho. Na occasião em que tu entraste, escrevia eu isso mesmo a minha irmã, acrescentando... E agora, sabendo o que sei, poderia ainda amal-a e perdoar-lhe o ser tua filha, attendendo a que a cega natureza nos privou da garantia de escolhermos nossos pais. Mas o que eu não posso perdoar é a macula que o teu dinheiro poz na sua pureza. Queres desherdal-a? não podes! Seria preciso provar-lhe, tu, seu pai, que a origem da riqueza, adquirida por ti, ao fausto da qual ella está habituada, é deshonrosa! Tua filha está amarrada perpetuamente á riqueza, isto é á infamia. Porque o teu dinheiro é infame, meu pobre amigo, cousa de que tu nunca te lembraste. Julgaste que tinhas desempenhado á risca o teu dever de pai, adquirindo um milhão, á custa de varias industrias, mais ou menos illicitas, e atirando com elle para a *corbeille* nupcial de tua filha. Illudiu-te d'esta vez a tua apregoada experiencia dos homens. Acabemos com isso! O teu milhão repugna-me como os miasmos de um pantano. Diligenceia que tua infeliz filha ignore o motivo da minha recusa, e, quando ella esquecer o primeiro sonho da sua mocidade, escolhe-lhe um noivo á tua imagem e similhança!

*

Logo que Paulo saiu, cobrindo a retirada com um gesto de ameaça, Mauricio olhou para a carta que ficara sobre a mesa. Em seguida, pegou-lhe, fitou-a longamente e queimou-a.

—Pobre rapariga, disse com expressão melancolica. Que culpa tem o lyrio se o acaso o fez nascer no pantano?

GUIOMAR TORREZÃO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

É planta, esta mulher, que nos instrue—2—3
Esto prefixo, que alimenta dá prazer—1—2

J. M. SOUSA JAMES.

CARTA ENIGMATICA

Ex.mo sr. 1, 2, 3, 4. 5, 6, 7, 8.

Conheço muito bem a primeira terra do 7, 5, 6, 3, 8; todavia agradeço a v. ex.ª o 7, 8, 4, 5, 6, 7, 2 que me mandou pelo 1, 8. 3, 2 do meu criado 4, 8, 1; e digo 1, 8, 3, 2 porque o deixou cair no 7, 6, 8, ficando em pessimo estado. Se eu fosse feroz qual 3, 5, 7, 2 punha-o em frente de um 1, 8, 7, 4, 5, 6, 7, 2 e não lhe conto nada... Partia o 4, 6, 7, 8 e eu ia para um *novo* 7, 5, 4, 6, 7, 2 *afoga*r as magoas pelo crime commettido.

E sou De v. ex.ª etc.

4, 6, 4, 8 7, 8, 1, 5, 6, 7, 2.

F. A. DE MATTOS.

PROBLEMA

Um homem tem 5 calças, 8 colletes e 7 casacos. De quantas maneira differentes se pode apresentar vestido em publico?

MORAES D'ALMEIDA.

A RIR

Lili, que faz progressos na Historia sagrada, procura esclarecer alguns pontos obscuros da lição.

—Dize-me, papázinho; porque foi que Jesus Christo appareceu primeiro ás mulheres do que aos homens, quando resuscitou?

—Porque desejava que a noticia se espalhasse mais depressa.

UM DOMINÓ.

ENIGMA

N.º 4

SALTO DE CAVALLO (•)

por	pri	con	d'is	tu	se	tu	es
cei	to	ra	A (1.ª)	ra.	cra	do	e
mei	si	to	o	jun	vés;	da	va
tu	ra;	e	só,	po	bem	tas	tu
cia	em	do,	pu	a	si	tem	e
a	quar	tro	qua	no	re	se	tens
qua	Ter	é	só	cho	da,	sa	cor
ta	gua	de	pés.	man	que	bi	gun

MIGUEL.

(•) A solução do enigma é uma charada enigmatica.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.

1.ª—Protonauta
2.ª—Salmão

Do logogripho:—Namorado.

Do problema:—A mulher de Pedro é Suzanna, a de Paulo é Martha e a de André é Catharina.

Do enigma pittoresco n.º 3:—A mocidade é a quadra mais feliz da vida do homem.

UM CONSELHO POR SEMANA

Acontece-nos muitas vezes, por mero descuido, manchar certos papeis de importancia. Eis aqui um meio simples de remediar este mal: cobrem-se ligeiramente os dois lados da mancha com argila branca, reduzida a fino pó por meio da dilatação, e conhedida, nas drogarias, pelo nome de *terra bolar branca*. Sobre esta camada de argila colloca-se uma folha de papel, e põe-se o todo debaixo d'uma prensa.

Passadas 24 horas renova-se a operação, e as manchas terão desapparecido completamente.

AS NOSSAS GRAVURAS

ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO DO NORTE E LESTE

A primeira pedra d'este bello edificio foi lançada em outubro de 1872, concluindo-se as obras no 1.º de maio de 1865. O risco e direcção dos trabalhos foram incumbidos aos engenheiros Arribas Ugart, João Evangelista d'Abreu e Lecrenier, e ao constructor Appermam.

Custou o edificio 250:000$000 réis.—Tem quatro frentes, 135 metros de comprimento, 50,m40 de largura e 13 metros d'altura.

A grande nave mede 117 metros de comprimento, 25.m60 de largura e 13 metros d'altura.

O tecto do edificio é todo de ferro, com vidraças ao centro.

No pavimento terreo estão distribuidas as salas de bagagens, do chefe da secção, da sahida dos passageiros, da alfandega munici-

Digitized by Google

pal, da fiscalisação do governo, do serviço de saude, do telegrapho, do chefe da estação, dos cafés e *restaurant*, de *espera*, e o *salão real*. No andar nobre as secretarias.

Todo o edificio é illuminado por 173 candieiros de gaz.

O JULGAMENTO

(Quadro de Francisco Defregger)

O acontecimento foi grave e fez com que a familia inteira se reunisse em tribunal.

Aquelle pato corpulento e anafado reservára-se desde longos mezes para constituir o prato de resistencia, no jantar d'annos da Luizinha, o *enfant gâté* da familia. Pezava não sei quantos kilos o bicho. Uma verdadeira perfeição de carnes tenras e gordurosas!

Vae senão quando, o cachorro do *Tigre* investe com elle no quintalejo, ferra-lhe os dentes aguçados no pescoço, e era uma vez o pato com arroz do banquete festivo!

Os pequenos lamuriaram; a familia toda alvoroçou-se; houve idéas de expulsar o *Tigre*; chegou-se mesmo a pensar na pena de Talião, mas afinal, o supremo juiz da familia limitou-se a applicar uma boa sóva no reu.

E' de crer, no entretanto, que o poder moderador, representado pelo garotito da esquerda, condoendo-se da attitude humilissima do pobre *Tigre*, consiga abrandar as iras do pae.

No fim de contas, será melhor assim; o que não tem remedio, remediado está.

O REGRESSO Á TERRA NATAL

(Quadro de Frederik Prölss)

Um quadro de familia, notabilissimo pela encantadora verdade e poetica singeleza que d'elle resalta.

A filha d'aquelle honrado burguez, que a nossa bella estampa representa, casára havia annos, affastando-se com seu marido para longes terras. Agora regressa, contente e feliz, ao lar onde nasceu, e conta ali passar alguns dias, matando saudades intensas que a devoravam.

Não veio, porém, só. D'esta vez fez-se acompanhar de uma pequenina fada de seis annos gentis, de uma doce filhinha, primeiro fructo adoravel dos seus risonhos amores, e reproducção fidelissima do seu rosto angelico.

A creança é o enlevo dos avós, o foco estremecido para onde convergem os olhares e as caricias de todos os membros da familia.

Vejam como avô, tias e servos a comtemplam, fascinados por tanta meiguice e tanta formosura!

A QUEDA DO PALHAÇO

(Copia d'um quadro de Antonio Lonza)

Termina quasi sempre assim a existencia aventurosa dos saltimbancos d'officio, uma existencia cheia de perigos enormes em que os miseros não attentam, embriagados pelo *brouhaha* estonteador das ovações do Circo.

Basta cahir das incommensuraveis alturas onde o fragil trapezio balouça, e lá se vae tudo, e lá se definham, no catre humilde do hospital, todas as esperanças, todos os sorrisos, todas as glorias, se é que algumas affagam a vida arriscadissima e miseravel do pobre palhaço.

Do hospital á cova o caminho é curto: transpõe-se n'um instante, como n'um instante se passa da arena cheia de luz e de ruido para o leito mortuario envolto em sombras densas. Depois, ninguem mais se recorda do infeliz artista, que alegrava as multidões: o seu nome apaga-se rapidamente da memoria de quantos o applaudiam... Nem epitaphios, nem demonstrações de saudade, nem uma lapide singela, ao menos, para lhe marcar a cova.

Aquelle, se morrer das consequencias da queda, não terá, talvez, a chorar-lhe o infortunio, os seus proprios companheiros de trabalho!

QUE TENTAÇÃO! (Quadro de Fr. Sonderland)

QUE TENTAÇÃO!

(Quadro de Fr. Sonderland)

Um feliz aquelle bichano!

Vivendo entre setins e rendas como qualquer pachá do Oriente, não lhe faltam caricias e confortos, aromas e ternuras. A' noite, enrosca-se no flaccido *édredon*, aos pés da formosa dona, previlegio que muitos elegantes do *sport* lhe invejariam de certo, e tem a suprema ventura de sentir o seu calor affagar-lhe suavemente o pello setinoso.

Durante o dia, aconchega-se pelos fôfos divans de velludo, e passeia a sua cauda de arminho pelas salas atapetadas, n'uma ociosidade de principe.

Todavia, o feliz animalsinho sente que lhe falta alguma coisa para disfructar uma ventura completa.

A's vezes vão encontral-o namorando uma gaiola dourada, que pende do tecto, no *boudoir* da dona gentil, a mesma gaiola que esta lhe mostra agora, e que elle contempla embevecido, n'uns extasis demorados e ternos.

Se a fragil porta d'arame se abrisse... se a bella avesinha côr de oiro, que lá dentra gorgeia, encarcerada, saltasse cá para fóra...

Que tentação aquella!

C. D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 28 de julho de 1884 Numero 5

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; G. da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Meneze Luiz A. Palmeirim. Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*A morte de um grande homem, (A agonia)*, por Pinheiro Chagas.—*Epicurismo*, soneto, por Sergio de Castro.—*A tom da de Benastarim*, por Bulhão Pato.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*Em familia, (Passatempos)*.—*Um conselho por semana*.—*O justo enternecido, (Catulle Mendès)*, por Esmeralda.

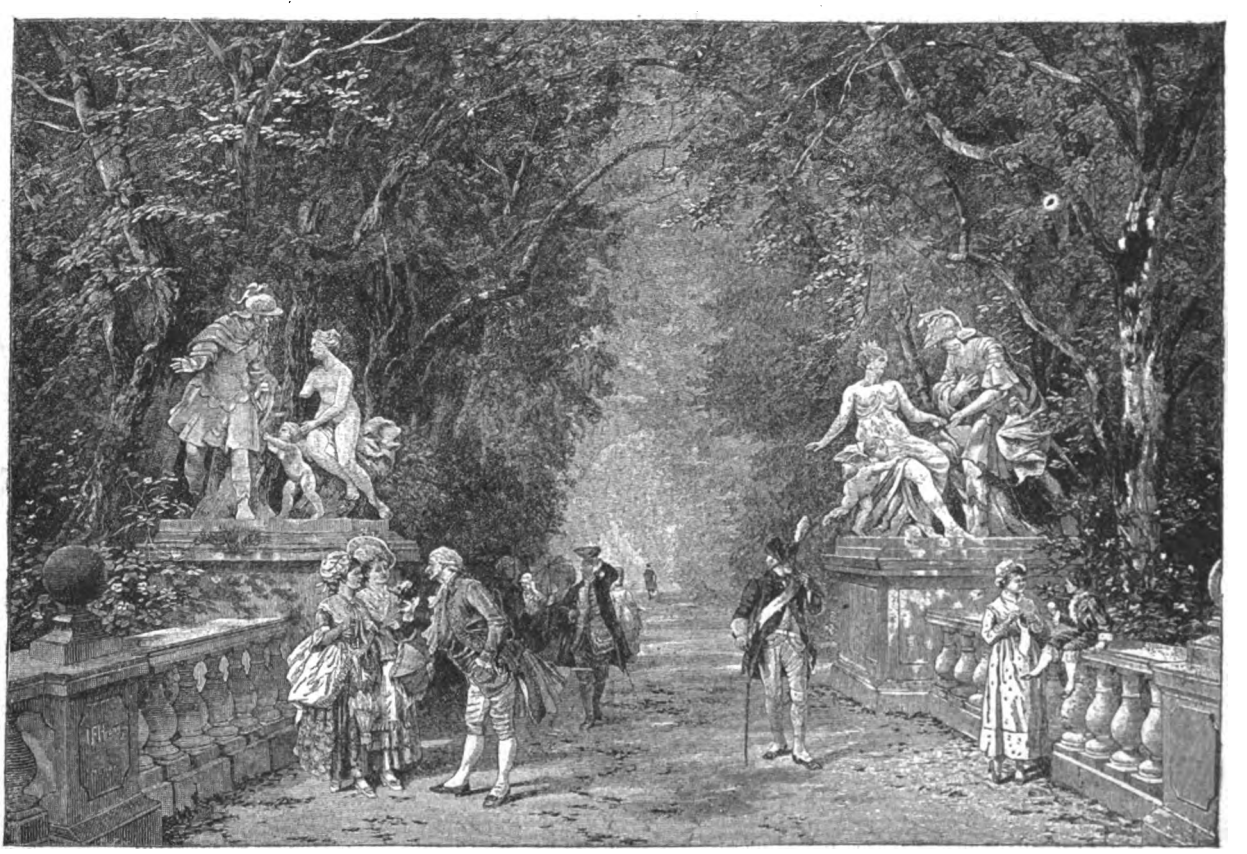
GRAVURAS.—*No parque, depois de jantar*.—*Uma carta d'elle*...—*Teimosias infantis*.—*Um idyllio no mar*.—*Que pandego!*

CHRONICA

???

Escrever uma chronica sem assumpto que lhe sirva de mote, é realisar um impossivel metaphysico. Fallar da semana quando ella se nos recommendou, apenas, por um calor entertropical, representa o mais extraordinario de todos os prodigios.

Nós podiamos, verdade seja, tomar esse mesmo calor como



NO PARQUE, DEPOIS DE JANTAR (Quadro de J. Hennings)

Digitized by Google

pretexto para longas tiradas de prosa: lançar mão d'essa temperatura assassina para nos servir de thema a um ácervo de fanthasias abracadabrantes; narrar, a proposito das ultimas noites, calidas, as horrendas agonias a que o suão implacavel nos condemnou, o supplicio atroz da falta de brisas, as torturas d'uma quasi suffocação permanente, que poz a nossa pobre individualidade em riscos de passar a outros mundos talvez bem melhores...

Mas isso tudo é banal e não teria, ao menos, o merito de ser novo. Não houve por ahi ninguem que não experimentasse os horrores d'esta asphyxia lenta. O que nos succedeu a nós é a historia de muitas mil almas, de muitos mil desgraçados, suando copiosa e burguezmente por todos os póros, correndo, apopleticos, ao passeio d'Alcantara, onde as folhas do arvoredo pendiam hirtas e esticadas, sem uma oscillação sequer que denunciasse o perpassar suavissimo da fresca aragem appetecida.

Esses dias abrazadores e essas noites medonhamente afflictivas constituem um largo poema d'angustias. Descrevel-as é bulir em coisas tristes, e de tristezas anda farta a pobre humanidade, sentindo a cada passo os arrepiamentos que o horror da epidemia cholerica lhe provoca.

= O cholera? É verdade. Ahi está um assumpto. Não prima por novo, tambem, mas será o salvaterio dos chronistas, emquanto o negro flagello passeiar atrevidamente pela Europa, e o esculapio allemão, Koch não inventar algum orthoptero de nome ainda mais arrevezado que o microbio.

É espantoso o que os sabios lá de fóra, reunidos em congresso, teem dito, *ex-cathedra*, sobre a molina peste asiatica. Sustentam-se, a respeito do assumpto, as theses mais contradictorias, formulam-se as theorias mais estravagantes, decretam-se as prescripções mais irrisorias e absurdas.

Uma revolução completa na sciencia!

O que se tem feito, desde tempos immemoriaes até hoje, para preservar do cholera, não passa de pura *blague*, segundo o parecer d'aquelles revolucionarios benemeritos.

Dizem uns que o chlorureto de zinco dá cabo dos microbios.

Vêm outros, e replicam, acto continuo, que não; que, quando teem algum microbiosinho enfermo, basta-lhes mergulhal-o n'aquella droga, para tomar alento e vida.

O sabio X... assegura que o microbio morre d'amores pela agua e dá o cavaquinho pela humidade. Salta-lhe á perna o collega Y... e nega-lhe redondamente a asserção, affirmando que o pobre animalculo se asphixia no protoxido de hydrogenio e gosta de deitar as mãosinhas de fóra em pleno sol estivo, ao abrigo do frigido elemento. A agua arrasta-o para os abysmos, diz aquelle. — Mentes tu! replica este; dá-lhe azas e insufla-lhe vigor.

— E' mister isolar os focos contaminados, brada o sabio M...

— Estupida precaução essa! redargue o doutor P...; as quarentenas terrestres são impraticaveis.

— Torna-se indispensavel desinfectar os viajantes! berra o esculapio F...

— Para que? pergunta o dr. O..., se não podemos desinfectar-lhes os intestinos?

No conceito d'uns, o acido phenico é magnifico para preservar do contagio; na opinião d'outros, cura sezões depois de morto, e não destroe o microbio damninho.

Munidas d'estes esclarecimentos preciosissimos, illuminadas por este «dize tu, direi eu» de jogo do Padre Cura, as municipalidades e as administrações francezas, segundo rezam varias chronicas parisienses, andam n'uma lucta desesperada para ver qual d'ellas ha de fazer mais grosso disparate.

Aqui, é um *maire* auctoritario que, por seu livre arbitrio, fecha as portas da cidade onde exerce governo e mando. Ali, é um outro *maire* atrabilioso, que ameaça de cortar as linhas ferreas, se os viajantes não forem convenientemente desinfectados, fumigados, vaporisados e... asphixiados.

Conclusão: — Enlouqueceu tudo em França, *maires* e sabios, doutores e conselheiros municipaes, governo e governados. O cholera fal-os andar lunaticos, inconscientes, n'aquelle estado de imbecilidade que as grandes commoções provocam, uma imbecilidade geradora de mil desatinos e de mil calinadas estravagantissimas.

Os sabios, sobre tudo, estão muito doentinhos, coitados! N'aquelles cerebros anda microbio: n'aquellas massas encephalicas revolteia um mundo de infinitamente pequenos, como nos musculos, nos intestinos, na agua, no queijo Gruyére, no vinagre de Sete Ladrões, na batata e na cepa.

Quem, por fim, se ri d'elles todos é Grévy, o bom velhote do Elyseu!

= Nós cá, por emquanto, mercê do Altissimo, não temos querido perfilhar as estranhas theorias do sabio allemão e d'alguns seus collegas francezes, no tocante á réga de ruas, arejamento de habitações, lavagem do proprio individuo, desinfecção de casas, mercados, edificios publicos, escadas, sentinas, lojas, pateos e kiosques. Ainda não se desinfectou tudo, é certo: ha por ahi muito porcalhão relapso que teve sempre horror á agua e que continua a tel-o, servindo lhe de desculpa as prescripções do doutor Koch; mas, em summa, pode já dizer-se que nunca a enxovalhadona rainha do Tejo apresentou a cara tão bem lavada e os pés tão cuidadosamente aromatisados.

A quelque chose malheur est bon.

E' de crer que, lá sobre as roupagens phenolisadas pela policia sanitaria, se esconda alguma podridãosinha rebelde aos desinfectantes municipaes. Em todo o caso, as ruas estão lavadas e limpas: o Chiado exhala aromas a que a nossa pituitaria não andava affeita; respira-se, por toda essa Baixa, um perfumado e saudavel ambiente de phenol, que consola e agrada.

A policia, á cata do microbio devastador, fareja, basculha, espreita, mette o nariz em toda a parte; faz reviver as posturas que eram lettra morta; vela pela salubridade do nosso estomago, apprehendendo, nas mercearias dos Borgias lisbonenses, o chouriço avariado, o Collares azedo e o *fiel amigo* putrefacto.

Bacalhau com microbios, vae parar ao Tejo. Vinho com sabor indefinivel, idem. Carne ensacada, com insectos suspeitos a caracolarem á superficie, segue o mesmo rumo. Uma verdadeira *razzia*, que talvez nos livre de qualquer flagello exotico, mas que nos ameaça d'outra peste verdadeiramente indigena: — a subida fatal e immediata no preço dos generos alimenticios.

O pequeno traficante, coitadinho, lezado no seu commercio de carnes putridas e de vinhos venenosos, não pode resistir por muito tempo ao furor policial e acabará por nos levar coiro e cabello, por nos exigir a bolsa ou a vida.

D'um lado, o cholera a amedrontar-nos: do outro o tendeiroa vingar-se em nós, dos prejuizos que a policia lhe causa!

= E o peior é que o zelo muito louvavel do nosso conselho de hygiene, exercendo-se em toda a sua magnitude na praça da Figueira, onde as podridões pullulam, acaba de pôr a população da capital em grave risco de não ter hortaliça para condimentar o caldo quotidiano. Os vendedores da couve lombarda e do nabo saloio, escorraçados d'aquelle ambito infecto, e mandados estabelecer tendas ao longo do Aterro, constituiram-se em *grève*, protestando, pelos manes dos seus avós, que não mais nos regalariam com um molho de frescos e rosados rabanetes.

Ou a praça da Figueira ou a praça de D. Pedro. O Aterro nunca!

Ao cabo de profiada lucta, a municipalidade curvou a cabeça e permittiu que os *grèvistas* fossem exercer o seu trafico em frente da estatua do rei soldado.

Vendedores do repolho indigena, eu vos saúdo! Ao menos, com a vossa victoria, ganhará o nosso estomago, e a panella caseira não deixará de fazer-se, á mingoa da burgueza mão de nabos tradicional!

= Lembram-nos agora mesmo um bello assumpto:—a serenata pelo Tejo, a que a nossa ultima chronica alludio muito ao de leve. Se mais cedo elle nos affluisse aos bicos da penna, menos embaraçosa teria sido hoje para nós a missão de chronista.

O brilhantismo d'aquella diversão encantadora prestava-se a longas narrativas, levando-nos, talvez, a fazer aqui a apresentação de duas cantoras distinctissimas, verdadeiras artistas *d'élite*, para quem foram as honras da noite e os applausos mais phreneticos de todos nós.

Temos, porém, de resignar-nos a deixar para mais tarde esta indiscriçãosinha innocente, e a substituir, por um BRAVO aos iniciadores da alegre festa, o *compte rendu* que não podemos agora fazer.

= O dia 24 de julho... Mas basta; essa data gloriosa pertence á historia...

C. DANTAS.

A MORTE DE UM GRANDE HOMEM

II

A AGONIA

Nem os cuidados e desvelos da sobrinha, nem os esforços desesperados da sciencia poderam salvar da morte inevitavel o conselheiro Luiz Galvão de Vasconcellos. E comtudo, por essa illusão consoladora que acompanha algumas doenças como um derradeiro favor que a Providencia concede aos que a sua lei condemna, Luiz Galvão sentia-se com esperanças de vida, julgava-se melhor, recebia—pobre moribundo!—com lagrimas de alegria essa visita da saude, que vinha dar lhe um ultimo sorriso.

Helena queria illudir-se tambem, mas o melancholico abanar de cabeça do dr. Machado não lhe permittia acariciar essa derradeira esperança. Tinha de constranger-se portanto, via-se obrigada a mostrar-se radiante de alegria, quando o enfermo, por um ultimo esforço, conseguia sentar-se na cama para beber um caldo, que era, dizia elle, o seu primeiro caldo de convalescente.

Digitized by Google

E, emquanto no quarto havia sorrisos e esperanças, cá fóra o medico dava o fatal desengano aos que lhe pediam noticias.

—Vem ahi a morte, dizia elle. Estas falsas melhoras são o ultimo clarão mais vivo da lampada que vae extinguir-se. Talvez não chegue ao dia de amanhã.

—Coitado! murmurava o Luiz Vianna. Ha por ahi tinteiro e penna? perguntou elle a um creado que passava.

—Pode entrar aqui no escriptorio, sr. doutor, disse o creado, empurrando a porta, e mostrando ao jornalista a secretária, onde estava ainda aberto o ultimo livro que Luiz Galvão consultara.

—Olha lá, ó José, observou o jornalista, tu é que me podias fazer um grande favor.

—Estou ás ordens de v. ex.ª

—Eu vou aqui escrever um artigo, entendes?

—Sim, senhor.

—Mas quero ver se me deito cedo, porque ando tresnoitado com estas massadas todas.

—Ah! sr. doutor, eu não estou arrombado.

—Bem! pois, quando o conselheiro morrer—diz o dr. Machado que elle não passa d'esta noite—quando o conselheiro morrer, tu vens aqui, pegas no artigo que ha de ficar já sobrescriptado e prompto, e mandal-o logo, logo, seja a que horas fôr, á redacção da *Imprensa Livre*. Seja a que horas fôr, percebes? Se não tiveres portador, vae tu mesmo, mette-te n'um trem, que eu pago.

—Esteja descançado, sr. doutor.

E o creado sahiu correndo, emquanto Luiz Vianna, sentando-se commodamente, espreguiçando-se um pouco, dobrava uma folha de papel em pequeninos quartos, e escrevia no alto de um d'elles: *Morte de Galvão de Vasconcellos.*

—Fazendo assim, pensava, tenho a certeza de publicar um artigo pensado maduramente, embora o Galvão morra, já quando o jornal estiver a entrar no prelo. Se não tenho tão feliz lembrança, via-me obrigado a escrever um necrologio á pressa, carregado de somno, e que não valia um pataco. Assim posso até ser o unico a dar a noticia, e logo n'um artigo desenvolvido. Amanhã a *Imprensa Livre* vende-se como canella.

E, depois de escolher uma penna nova, Luiz Vianna começou, com a sua melhor letra, historiando mesmo um poucochinho a caligraphia, para dar tempo aos pensamentos de affluirem, o seu artigo necrologico:

«Estavamos já preparados para esta fatal noticia, mas foi ainda assim com a mais dolorosa surpreza que a recebemos. Galvão de Vasconcellos já não existe. Ás horas da noite apagava-se para sempre a luz d'aquelle talento...

E ao lado escreveu em letra miudinha: *Aviso ao sr. revisor.*—Queira preencher este branco pondo a hora, a que o creado que lhe levar o artigo lhe disser que o homem falleceu.»

Cá fóra o medico via-se rodeiado de uma turba impaciente que o não deixava.

—O meu compadre morre? perguntava um homem alto, famelico, mal vestido, agarrando o dr. Machado pelas abas do casaco.

—Eu não sei, senhor, respondia o medico enojado. A vida e a morte estão nas mãos de Deus.

—Mas é que eu queria-lhe fallar.

—Isso não pode ser. O conselheiro não falla a pessoa alguma.

—Ha-de-me fallar a mim, que eu sempre fui muito amigo d'elle. Sou o seu compadre Leal, que nunca lhe faltou nas eleições. Eu quero fallar ao meu compadre.

—Pois não falla ao seu compadre, nem á sua comadre, com seiscentos diabos, bradava o medico desesperado.

—Coitadinho do meu compadre! dizia o homem esganiçando-se. Pois elle ha de morrer sem me deixar uma lembrança! Até é uma consciencia! Se elle soubesse que a sua comadre prometteu ir ao Senhor dos Passos descalça se elle se salvasse, havia de se lembrar da gente, e do seu afilhado, que está sempre a chamar pelo padrinho!

—Ponham esse homem fóra, exclamou o medico perfeitamente com a cabeça perdida.

A ordem foi rapidamente executada, mas começou logo outra scena. Os creados rodeiavam supplicantes o medico, e diziam-lhe:

—O' sr. doutor, então elle não faz testamento?

—Eu sei lá, homens de Deus! eu sei lá!

—Ó sr. doutor, pois nós, que o servimos tão bem, exclamava um creado n'um tom plangente.

—Eu que lhe fazia com tanto cuidado os seus caldinhos, que elle até dizia ainda agora que lhe sabiam a mel! exclamou a cosinheira, limpando os olhos ao avental.

—Ficamos desgraçados, sr. doutor!

—Ó homens, pois vocês querem que eu vá desilludir aquelle infeliz, que está agora com uma esperança de vida, esperança que é a sua ultima e enganadora consolação. Não pode ser! não pode ser!

Mas n'isto uma voz afflicta bradou do alto da escada:

—Doutor! doutor! por quem é! meu tio está muito mal!

—Ahi vou, D. Helena, ahi vou! Tenha animo!

E ia subir a escada a quatro e quatro, mas os creados agarravam-n'o, avidos, terriveis, raivosos e com toda a ferocidade hedionda da cubiça que já não tem tempo de se disfarçar com os respeitos humanos.

—Sr. doutor, diga-lhe que faça testamento!

—Olhe que é uma responsabilidade muito grande que v. ex.ª toma, observava o secretario. Não fallo por mim, accrescentou elle a um olhar furioso que o medico lhe deitou, mas por esta pobre gente.

—Ah! é mesmo um roubo que nos fazem! gritava a cosinheira.

—Não! que eu vou dizer á menina! exclamou uma creadinha espevitada, mettendo as mãos nos bolsos do avental.

E ia a subir a escada, mas o medico, furioso, agarrou a com força, e disse, com os dentes cerrados:

—O primeiro que entra n'aquelle quarto sem minha ordem sae d'ali feito em pedaços.

—Doutor! bradou Helena de novo, com voz suffocada em pranto.

Os creados tinham recuado, o doutor subiu a escada, e o secretario do moribundo, fazendo um gesto insultante, abriu a porta e sahiu para a rua.

Andava um homem a passeiar diante da porta.

—Já morreu? perguntou elle, assim que viu sair o secretario.

—Está quasi.

—Então posso contar com o enterro?

—Eu sei lá! o dr. Machado, ainda agora, assim que leu as primeiras linhas da sua carta, rasgou-a.

—Pelintra! É que já estará fallado por outro.

—Talvez! que aquillo tambem é um catão. Olhe que não quer fallar ao homem para elle fazer testamento.

—Puph! já se abotou previamente.

—Ou vem a casar com a sobrinha. Tambem é uma peça a tal menina!

—Mas o peior é se me escapa o enterro, que não se torna a apanhar outro tão bom.

—Falle com o Mendes Nogueira, falle com o Mendes Nogueira que elle pode arranjar tudo.

—O Mendes Nogueira é todo do visconde de Milharado, e o visconde protege a todo o panno o meu collega Azevedo, que tambem anda aqui a rondar a porta.

N'isto ouvin-se no cimo da escada um grito dilacerante, que fez correr um calafrio pelas veias dos mais indifferentes.

Houve um instante de silencio entre os dois.

—Esticou a canella! observou philosophicamente o secretario.

—E lá está o Azevedo! exclamou o seu interlocutor vendo apparecer um homem a uma esquina; e voltando-se para o outro lado, e divisando outro vulto, bradou indignadissimo:

—E esta! lá vem o Gomes do Loreto tambem! não pode um homem fazer o seu negocio! São logo tres cães a um osso!

A comparação era falsa, e era um insulto para os cães.

Um uivo prolongado e plangente, que se ouviu lá em cima, foi como que o protesto.

Não eram cães, não, que os cães são generosos. Eram os negros corvos, que, sentindo o cheiro da carne morta, vinham pairar sobre o cadaver.

PINHEIRO CHAGAS.

EPICURISMO

Ha no teu ser estranhas harmonias
Que embriagam as minhas illusões,
Que me fazem pensar noites e dias
No peccado mortal das tentações.

Se cantas, tens a voz das cotovias;
Se olhas, incendeias corações;
Despertas uma a uma as melodias
Do tremulo carnal das sensações.

Quero amar-te, mulher estremecida,
Que tens no teu olhar a grande vida
D'um mundo todo em flor, em pleno azul...

Tens nos labios a febre dos desejos...

—Dá-me um copo de vinho dos teus beijos,
E era uma vez um novo rei de Thul!

SERGIO DE CASTRO.

A TOMADA DE BENASTARIM

Os Commentarios d'Albuquerque foram escriptos pelo filho sobre as cartas do pae. Hoje, essas cartas estão ao alcance de todos depois que a Academia Real das Sciencias as publicou em volume.

A leitura dos Commentarios é agora de muito maior interesse, por que podem ser cotejados com os preciosos documentos firmados pelo punho do homem extraordinario, que nos fundou um imperio no Oriente.

A carta XXII da collecção, dirigida a el-rei D. Manoel, é a descripção do assalto a Benastarim.

Digitized by Google

UMA CARTA D'ELLE... (Quadro de José Schcurenberg)

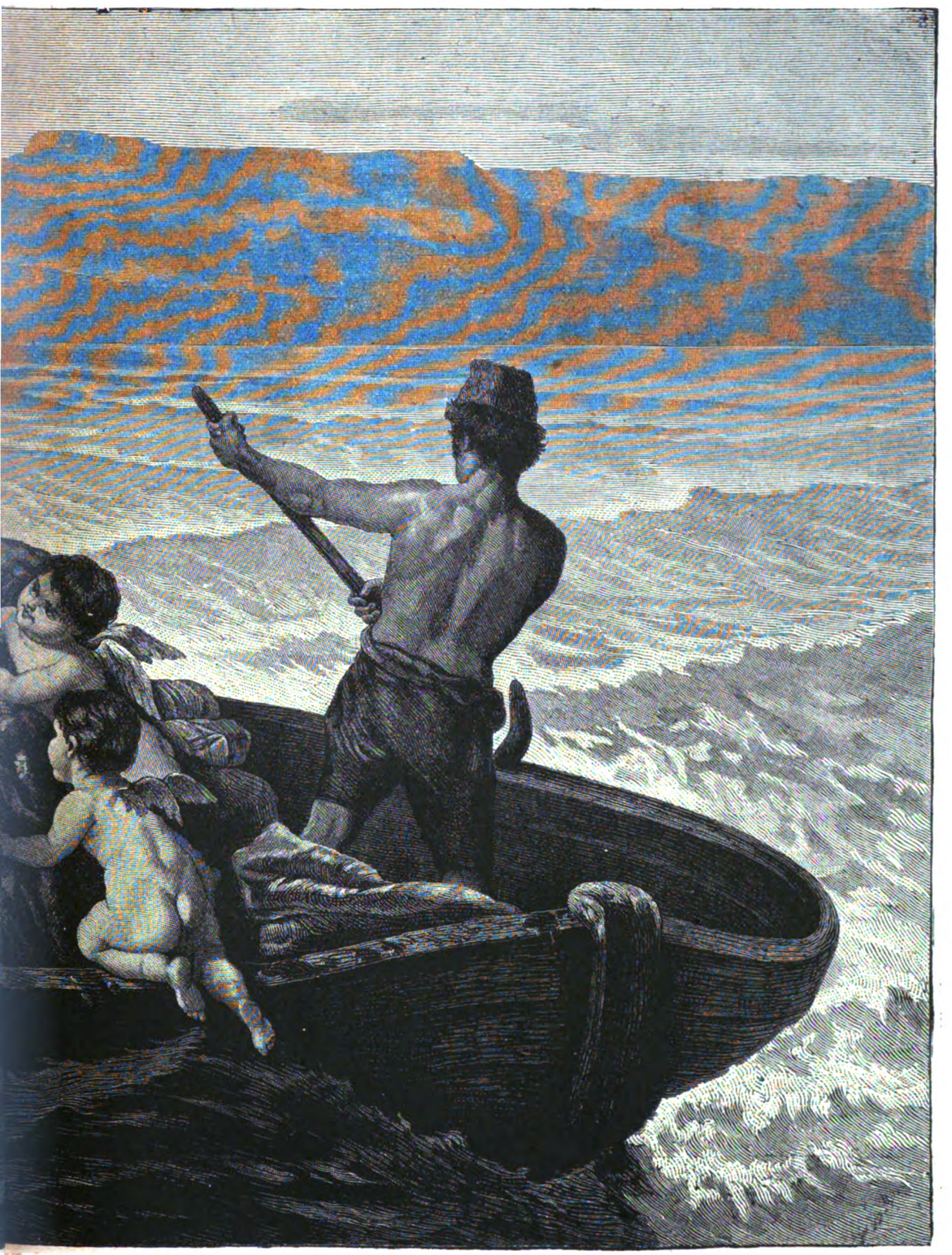
Digitized by Google

Digitized by Google

UM IDYLLI

(Quadro d

Digitized by Google



O NO MAR

l Kray)

Digitized by Google

Digitized by Google

TEIMOSIAS INFANTIS (Quadro de B. Vautier)

Digitized by Google

Na nossa rapida narrativa iremos seguindo os Commentarios e a interessante missiva de Albuquerque.

A fecunda cabeça do heroe lendario estava em constante actividade.

Avassalado Ormuz, conquistada Gôa, segura Malaca, iria ainda, antes da tentativa de Adem, dar um golpe de mão atrevido, expulsando das proximidades da grande cidade da India o inimigo poderoso dentro dos muros de Benastarim.

Affonso d'Albuquerque, certo de que não viria n'esse anno—1512—a armada dos rumes, antes que o Hidalcão soubesse da sua volta a Gôa, decidiu o assalto á fortaleza. Os melhores capitães do Hidalcão estavam em Benastarim, á testa de numerosa guarnição e grandemente apercebidos.

Na India escaceava não só gente, porém armas e outros instrumentos de guerra. Debalde o grande capitão pede e implora constantemente a D. Manuel que lhe mande recursos; a mão do principe acurtava de providencias que lhe assegurariam um imperio.

Para quem ler com attenção a correspondencia de Albuquerque, o rei D. Manuel sae d'ali muito mal tratado, tanto moral com intellectualmente.

O ataque devia ser por mar e por terra.

Os capitães suissos amestravam e punham em ordem a sua gente. (1) Os fidalgos, entre os quaes primavam Pero de Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio, á frente das suas batalhas—como se dizia então.

Albuquerque mandou desembarcar toda a gente d'armas das naus, deixando-lhe apenas os marinheiros e bombardeiros. No commando estavam os capitães mais experimentados e decididos. Albuquerque foi por Gôa a Velha, segundo a sua propria expressão, tomar-lhe o passo por mar, antes de os cercar por terra. Os navios chegaram até á fortaleza. A artilheria do inimigo era poderosa. Albuquerque, apesar da força das balas, vendo o animo dos seus, ordenou que as embarcações se approximassem mais.

Garcia de Sousa, na grande nau *Malabar*, atravessou-se entre os portuguezes e o inimigo. Os turcos tinham assestado ao lume de agua um bazalisco que fazia terrivel estrago nos nossos navios. Albuquerque, fiado na valentia do seu condestavel, mandou-o com seis bombardeiros prolongar-se com a bateria da fortateza a ver se lhe podia desmontar o bazalisco. Vingou a decisão arrojada do condestavel e dos seus homens, que tiveram a boa fortuna de inutilisar com uma bala o mortifero instrumento.

Dois dias depois da primeira refrega, recomeçou o combate. Sobre a náu de Ayres da Silva, que se atravessára, cahiu a força da artilheria inimiga e uma pedra de bombarda incendiou tres barris de polvora, que fizeram saltar a coberta, o castello de prôa e a ponte. Toda a gente desorientada se deitou ao mar; só o capitão Ayres da Silva ficou no seu posto de honra. Os da fortaleza, vendo a confusão dos nossos, começaram em grandes assuadas e alvoroços de victoria. N'esse passo, Albuquerque saltou á náu, e ameaçador, terrivel, grande, fez com que toda a gente que se salvava a nado voltasse a bordo. Transcrevemos as suas palavras com a propria orthographia:

«...Saltey ao navio em hum esquify soo, e chegando a ele bradey á jemte que sacolheo a nado á nao malabar, onde estava garcia de Sousa, acusando os com minha pesoa; dizendo lhe alguãs palavras de Repremsam os fiz volver a nao.» (2)

O combate prolongava-se e recrescia. Os da fortaleza tinham recebido grandes estragos e com quanto o animo dos nossos fosse cada vez maior, o desfecho estava longe. Affonso d'Albuquerque, com o olho de grande general, julgou chegado o momento opportuno para dar o assalto por terra, assalto rapido e imprevisto. Saiu com a sua gente ordenada em tres batalhas. A' frente ia Pero de Mascarenhas. Um dos grandes esforços de Albuquerque era conter o impeto dos nossos, cujo valor tocava no delirio.

A descripção do combate vem promenor e admiravelmente narrada nos Commentarios, qne seguem passo a passo a carta de Albuquerque a el-rei D. Manuel. Tivemos a victoria. Lopo Vaz de Sampaio e outros fidalgos, querendo entrar á escala vista, ficaram feridos. O primeiro a chegar ao muro foi Pero de Mascarenhas. Affonso de Albuquerque, findo o combate, aproximou-se d'elle, abraçou-o e beijou-o. Devia de ser commovedor este lance; mas a inveja damnou-o. Mascarenhas, não só practicára maravilhas, como deixára a capitania de Cochim expontaneamente, para vir auxiliar o governador. Albuquerque, com o seu espirito de justiça, fez-lhe uma distincção. Francisco Pereira, mais impetuoso e menos soffrido de que os outros, atreveu-se a dizer-lhe palavras amargas. Affonso de Albuquerque, levando as mãos á loba escarlata que trazia vestida e rasgando-a no peito, disse-lhe:

—Arrenego da vida que vivo, Francisco Pereira, por isso me rasgo!

Quanta grandeza e quanta dôr n'estas simples palavras.

Os homens da estatura do heroe de Ormuz são tão grandes na gloria como no infortunio.

Os turcos capitularam. Uma das condições da capitulação foi a entrega dos renegados portuguezes.

(1) ...esy os capitães que me vosalteza mandou da soyça imsynavam e amestravam sua jemte e a punham em ordem.
Carta d'Albuquerque a D. Manoel, depois da batalha. Cartas d'Albuquerque, pag. 105.
(2) Cartas de A. d'Albuquerque, pag. 104.

No livro das Scenas da India, sob o titulo: Fernão Lopes—o Mutilado—narrei o pavoroso castigo.

Albuquerque escreve a el-rei D. Manuel as seguintes palavras:

«Os arrenegados eu lhe dey a vida a requerymento do Ruztalcom, e os mandey danificar em seus membros, decepados e aleijados e desorelhados, por espanto e memorya da traiçam e maldade que cometeram» (1).

Era o espirito da epocha, que por toda a parte punha uma nodoa sangrenta nos mais brilhantes feitos.

Bem haja a civilisação, que tem no seu labaro immaculado e santo umas das palavras de Christo, palavra que resôa como um hymno de amor e de esperança—Fraternidade!

BULHÃO PATO.

(1) Cartas de A. d'Albuquerque, pag. 116.

AS NOSSAS GRAVURAS

NO PARQUE DEPOIS DE JANTAR

(Quadro de J. Hennings)

Divertem-se.

O banquete foi succulento; as iguarias das mais finas; os visinhos esquisitos e generosos. O capitão-mór fez librações copiosas de velho Porto genuino; o Morgado, á sua parte, exgotou tres garrafas de Champagne, e o desembargador entrou pelo Madeira como um desesperado.

Depois do café, sentiram todos tres a imperiosa neccessidade de tomar ar, é claro, e propozeram ás damas uma volta pelo parque, onde o declinar da tarde pozera já sombras frescas.

O que ali houve de galanteios ao bello sexo, de suspiros amorosos soltados á borda do grande lago, e de madrigaes floridos tendo por alvo as filhas do juiz de fóra, constitue um verdadeiro poema.

Isto passou-se no seculo passado, conforme a gravura indica.

Bellos tempos aquelles!

UMA CARTA D'ELLE...

(Quadro de José Scheurenberg)

Este *elle* é um garboso rapaz, um soberbo leão dô *sport*, correctameute vestido segundo os ultimos figurinos inglezes, que a cortejava nos salões do grande mundo e que lhe fôra um dia apresentado no *five ó'clock* da condessa Heloisa.

Verem-se e amarem-se foi obra d'um momento, segundo a formula epistolar amorosa de ha trinta annos. D'ahi, sorrisos ternos, requebros apaixonados, valsas estonteadoras dansadas por essas salas esplendidas do *hihg life*, em que ambos acabavam por balbuciar phrases adoraveis, soletrando a palavra amor em todos os tons.

Um dia, elle escreveu-lhe em papel setinoso e perfumado. Foi a primeira carta. Ella, toda risonha e tremula, não cabendo em si de contente, correu a levar a boa noya á sua amiga dilecta do collegio e a pedir-lhe conselho.

Havia de responder? Devia ficar silenciosa, amando-o o tanto? O caso era grave, e uma senhora que se preza de ser honesta não pode andar ligeiramente n'estes assumptos.

Será para bom fim que elle diz: — amo-te?

Quem sabe!

TEIMOSIAS INFANTIS

(Quadro de B. Vautier)

Veem-n'o? E' o *ai Jesus* da mãe e do avô, o pequenino potentado da familia.

Ainda bem não abre a bocca, todos á porfia lhe satisfazem os caprichos e as exigencias tresloucadas.

Se pedir o sol, vão buscar-lh'o; se tiver desejos de brincar com a lua são capazes de lh'a trazerem.

Isso tudo tem estragado o pequeno, a ponto de o tornar ás vezes insupportavel.

Um dos seus defeitos predominantes é a teimosia, aggravada com dois dedos de orgulho.

Agora teima em não querer acceitar d'aquelle bom rapazito do povo umas appetitosas laranjas com que elle vem mimoseal-o, contente e feliz.

A pobre criança já não sabe o que faça para vencer a repugnancia e a teimosia do morgadinho. Os pedidos e as instigações maternas são impotentes para destruir a contumacia do pequenino rebelde.

Talvez o pae, em voltando a casa, o persuada a ser menos cabeçudo.

Fiamos que sim.

Digitized by Google

UM IDYLLIO NO MAR

(Quadro de J. Kray)

Um doce idyllio em pleno mar, á mercê das vagas espumantes e das brisas suaves. Quadro mais para se admirar e para accender desejos nos corações dos namorados, do que para ser descripto em meia duzia de linhas banaes sem o colorido opulento que resalta da formosa téla.

No paraizo terreal foi a serpente que tentou a mãe Eva. Ali, sobre as ondas movediças, são dois anjinhos alados, dois amores brincalhões e sorridentes que convidam aquella encantadora mulher a saborar o fructo prohibido.

Elle, o Adão do quadro, segreda-lhe que acceite o convite tentador. Quem não faria outro tanto?

Ella denuncia, n'um meio sorriso condescendente, que está quasi resolvida a rilhar o pomo appetitoso.

O que nós não sabemos é que figura faz o barqueiro, assistindo impassivel áquelle idyllio mythologico!

QUE PANDEGO!

Pés frescos, mão no bolso, cachimbo do pae ao canto da bocca, e, quando Deus quer, dois grãos na aza!

Sabidas as contas, aquelle *gamin* precocemente libertino terá oito annos, quando muito; está em plena aurora da vida. Os da sua edade, nos nossos tempos, aprendiam moral em casa e faziam por ser homens na escola. Hoje aprendem d'aquillo; nascem já com a bossa da libertinagem desenvolvida; antes de engatinharem, fumam; mal dão os primeiros passos, embriagam-se com kentucky forte, qnando não recorrem, tambem, ao alcool bestificador.

Aos doze annos não escrevem o seu nome, mas, em compensação, apparecem-nos já eivados de vicios asquerosos e sabem de cór o calão ordinario dos extravagantes réles.

Ça marche! C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

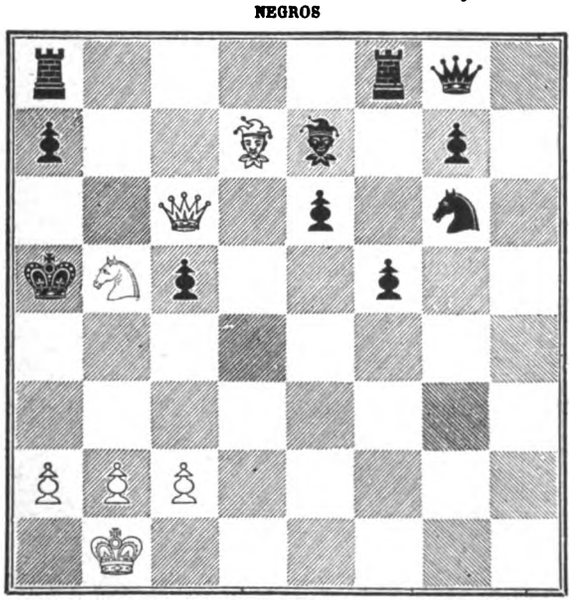
CHARADAS NOVISSIMAS

Doce chimera, que dilacera e desapparece—2—1.
O sonho de alguns, desespero de muitos, regalo de todos—3—1.
Uma flor, deliciosa, se fosse limpa—1—2.

XADREZ

PROBLEMA N.º 2

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

A RIR

A menina X..., uma formosa donzellinha de quatorze annos, detesta a moda dos vestidos curtos.

Perguntando-lhe alguem a rasão d'isto, responde:
—Quando ha lama na rua não se podem arregaçar!

*

A' sahida d'um concerto:
—Que familia d'artistas, a d'este X!... Elle, um pianista de primeira ordem... o pae, um violinista de grande merito...
—E o avô?
—Caixa de rufo n'um regimento d'infanteria!...

UM DOMINÓ.

PROBLEMA

Devido a Bhâscara, author indio do seculo XII

Des singes s'amusaient: de la troupe bruyante
Un huitième au carré gambadait dans les bois.
Douze criaient tous à la fois
En haut de la colline verdoyante.
Combien etaient-ils au total?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas:
1.ª—Philosophia
2.ª—Deleite.
Da carta enigmatica:—Monteiro.
Do problema:—De 280 maneiras differentes.
Do enigma n.º 4:

A primeira por si só
Em quasi tudo tu vês;
E se juntas a segunda
Tens bicho de quatro pés.

Tercia e quarta é agua só,
Que corre mansa e bem pura;
O conceito d'isto tudo,
No tempo da escravatura.

(Corsario)

UM CONSELHO POR SEMANA

BRANQUEAMENTO DAS ESPONJAS

Obtem-se o branqueamento das esponjas de *toilette*, mergulhando-as em acido muriatico diluido, durante 12 horas; lavando-as depois, muito bem, em agua pura, e introduzindo-as n'uma dissolução de hyposulfito de soda, á qual, pouco antes de ser empregada, se junta a quarta parte d'acido muriatico diluido.

As esponjas vão pouco a pouco embranquecendo dentro d'este banho, e, quando estão de todo brancas, lavam-se em agua pura e seccam-se ao ar.

O JUSTO ENTERNECIDO

(CATULLE MENDÉS)

(IMITAÇÃO)

O Deus justo e terrivel, que tem o relampago no olhar e o raio na dextra, Aquelle que pode com um gesto precipitar no eterno nada os astros e os mundos, escuta, pensativo, os Anjos, que regressam do nosso planeta, um depois do outro, trazendo noticias.

*

O primeiro Mensageiro diz:

«Visitei as sombrias e mysteriosas regiões que os mortaes designam pelo nome de Africa. Ahi, os homens colhem, com braços compridos como os dos macacos, estranhas flores para envenenarem as suas frechas, e arrastam penosamente as entranhas sustentadas a carne humana. Negros no exterior como no interior, nem o pensamento lhes illumina as trevas da ignorancia nem a luz lhes afugenta as sombras do rosto. Não levantam nunca a cabeça para o céo! As suas divindades, fetiches de madeira carcomida ou de fragil barro, são tão pequenas que não lhes chegam á altura do joelho; para adora-las precisam de rastejar na lama. As mulheres e os filhos d'esses homens constituem uma especie similhante á dos cães e dos lobos. Vivem do assassinio; matam para se alimentarem; preferem o sangue a todos os vinhos, e escolhem para travesseiro um cadaver. Ignobeis e ferozes, extasiam-se perante a matança, e as suas festas celebram-se no medonho apparato dos supplicios: das cabeças decepadas, dos peitos varados, das orbitas sem olhos, das boccas sem dentes, dos dedos sem unhas!»

A estas palavras, o Deus justo e inexoravel teve um estreme-

Digitized by Google

cimento de colera, que abalou a immensidade, e na claridade do espaço projectou-se a sombra da sua dextra exterminadora.

*

O segundo Mensageiro accrescentou:

«Visitei o paiz do sol e do oiro, onde cantam todas as aves e florescem todas as rosas!

Ali as campinas, as copadas florestas, são tão vastas, desdobrando-se sob o azul profundo, que o longiquo rugido dos tigres chega ao ouvido, melodioso como o arrulhar dos pombos; os reaes elephantes, esmagando os bambús onde se entrelaçam os corallinos e os madhavis,—serpentes-flores e flores serpentes,—vão beber aos grandes rios estrellados de lyrios e nelumbos.

Oh! esplendor paradisiaco dos horisontes! Neves do Hymalaia que se derretem em torrentes de luz! Valles desabrochados entre nuvens de perfumes! A India é a imagem do antigo Eden. Desgraçadamente, é habitada por cobardes Adões, que nem já teem o vigor preciso para colher o fructo da arvore defesa; paralisados pela ociosidade, bocejam estupidamente sob o mais formoso de todos os céos. Na ardente vida que os envolve, experimentam o horror da existencia; o seu enorme tedio, ambicionando o eterno somno, não descobre os horisontes, as neves, os valles onde resoa, ao raiar a madrugada, o galope dos antilopes; a sua inercia desdenha o beijo; macilentos, descarnados, devora-os a Fome e extermina-os a Peste. E no entanto, nas salas constelladas de pedrarias, reluzentes da luz que jorra dos candelabros, povoadas das fantasmagorias do opio, os senhores triumpham, reclinados sobre as pelles dos leões mortos, adormecidos nas blandicias do serralho. O orgulho supremo isola-se no egoismo, sem tocar, nem mesmo com a ponta do pé, a suprema miseria que se esphacela na extrema angustia. As cambraias, picadas de estrellas de oiro, das baiadeiras, põem o nimbo da apotheose em torno dos principes. De maneira que o vago ruido que sobe do continente, resplandecente de sol, onde os senhores velam no jubilo, onde os povos dormem na ignominia, é feito de alguns canticos de festa e de um enorme bocejo.»

A estas palavras, o Deus justo e terrivel, franzindo as sobrancelhas, baixou a dextra, prestes a fulminar.

*

O terceiro Mensageiro expoz:

«Vi as ilhas obscuras, mais mysteriosas do que a Africa, onde o preto carniceiro offerece ao hospede o olho esquerdo de seu filho recemnascido; vi as opulentas Americas, sacudidas pelo movimento das machinas, onde as almas não teem outra visão que não seja o fumo sahindo das chaminés das fabricas. Vi a Europa, abominavel e encantadora!

Se attingisse a sua dupla ambição, estaria toda coberta de ouro e de sangue; mas exhala-se d'ella um aroma de flores, proveniente das mulheres moças. Ali, os homens ignoram que tu existes, Deus poderoso que os julgas! E, com a fé que te creou, perderam elles todas as bellas crenças. Confundiram com o vil barro da terra os pudores, as caridades, as ternuras, cuja divina essencia só se revela aos olhos do poeta: a ave-esperança deixou de armar o ninho nos floridos ramos do sonho! Desdenham o heroismo e zombam do amor! Ouviram fallar de amisade, de fidelidade ao juramento, mas ignoram o que isso seja; poderiam dizer do sacrificio. «E' alguem que eu não conheço.»

São a avida cubiça do ouro amontoado em moedas, em notas: que lhes importa o vacuo dos corações, com tanto que os cofres estejam replectos, cheios a trasbordar de um capital, bem ou mal adquirido, isto é de luxo, de orgulho satisfeito, de ambições realisadas, da miseria dos pobres que os invejam?

E, decadencia suprema, os infelizes odeiam o amor!

A despeito de tantas esposas formosissimas, de tantas virgens pudibundas, de tantas cortezãs impuras, não poderão jámais conhecer a ineffavel alegria que desabrocha, como a flôr do céo, do hymeneu de duas almas; e, mesmo que lhes fosse dado colher essa flôr, trocal-a-hiam de bom grado por um maço de notas.

Beijam os labios de rosas, as faces de neve, namoram e casam, com a mesma tranquilla impassibilidade com que poderiam almoçar e jantar; mas não ha um unico, entre esses homens, que guarde nas paginas de um livro uma violeta offerecida pela noiva ideal.

Um dia, esses homens amarrados ás suas prosaicas alegrias, ás suas ambições devoradoras, ás suas duvidas impias, são acommettidos de uma raiva violenta como uma febre.

Não podendo amar, odeiam! Aggridem-se mutuamente, allucinados, lançando gritos de morte que regosijam os cemiterios; e, nos campos de batalha ou nas praças publicas, entre as ruinas e os incendios, corre mais sangue do que em torno dos monstruosos carneiros dos negros principes africanos!

A estas palavras, o Deus terrivel ergueu-se. Ia fazer o signal punidor dos mundos culpados, e a terra, justamente castigada, desappareceria para sempre no incommensuravel abysmo.

QUE PANDEGO!

*

Mas chegou um quarto Mensageiro, e concluiu:

«No momento em que eu me voltava para o azul do paraiso, lancei um ultimo olhar á morada dos homens: ao longo de uma azinhaga, embuscada no arvoredo, em uma aldeia, onde se viam algumas cabanas de colmo, duas creanças caminhavam,—um rapaz de dezeseis annos e uma rapariga de quinze,—ambos loiros, risonhos, de mãos dadas, não fallavam, mas contemplavam-se com um longo olhar enternecido...»

Ouvindo isto, o Deus justo não acabou o signal punidor dos mundos, e a terra não foi anniquilada, graças ás duas creanças que se amavam.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 4 de agosto de 1884 Numero 6

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*A despedida*, versos, por Abel de Magalhães.—*A morte de um grande homem. (O enterro)*, por Pinheiro Chagas.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*Em familia, (Passalempos)*.—*Um conselho por semana.—Prosaicos e poeticos*, por D. G. Torrezão.

GRAVURAS.—*De volta ao curral.—A Catechese.—Á espera do pae.—Regresso á Arcadia.—Costumes do Minho.*

CHRONICA

Arrancadas as ultimas arvores anemicas do Passeio Publico, extinctos os derradeiros echos sonorosos de S. Carlos, e feito um silencio tumular nos salões elegantes de Lisboa, pensou-se por ahi que já não haveria onde passar as noites, estas noites pequeninas

DE VOLTA AO CURRAL (Quadro de H. Zügel)

Digitized by Google

mas abrazadoras, em que o tedio nos assalta e a nostalgia de mais largos horisontes nos accommette.

Espiritos melancholicos e mal dispostos faziam predicções sinistras. Bandarras taciturnos arriscavam prophecias desconsolativas, a que o espectro do cholera, surgindo lá dos confins do Oriente, vinha imprimir um *cachet* tristonho.

Lisboa seria, á noite, como que um vasto cemiterio. Fogos fatuos bruxuleantes erguer-se-iam dos theatros da capital transformados em negros tumulos silenciosos. Nos passeios desertos e abrazados pelas lufadas corrosivas do levante, ouvir-se-ia de quando em quando, a deshoras, o piar monotono das aves de mau agoiro. A alegria, o movimento, a vida, a grande scintillação dos prazeres, o fremito das festas ruidosas, extinguir-se-iam de todo para nós, durante estes longos mezes estivos, em que o sol dardeja a prumo sobre a cabeça esbrazeada do indigena, e as *silhouettes* graciosissimas das damas *d'élite* se esboçam de preferencia nas alêas perfumadas dos frescos jardins de Cintra.

Afinal, a mão bemfazeja do destino não quiz ensombrar o quadro da nossa existencia com aquellas tintas pavorosas. Deus louvado, ainda aqui se vive; encontra-se ainda por cá onde matar o tempo, desde que o primeiro *garroche* apregoa as folhas da noite até que o ultimo americano deslisa nos *rails* da Baixa.

Trouxessem-nos as brisas que esvoaçam pelas *cottages* da villa Estephania, viesse a aragem que doudeja por aquelles *chalets* rendilhados e microscopicos acariciar-nos a face afogueada, e nós diriamos ás gentis emigrantes do alto *pschutt* se lhes invejavamos as delicias do seu viver campezino.

=Para quem, no pedir e no desejar, não tem os doidos exaggeros dos filhos da Andaluzia, ou as fantasias tresloucadas d'um pessimismo rebelde, a semana foi prodiga em distracções e passatempos.

Houve de tudo, e barato e economico e variadissimo e despretencioso, sem a exigencia de *toilettes* apparatosas e de *tenues* correctas.

Na Tapada, o certamen de bandas regimentaes, em que alcançou as palmas da victoria a musica da Municipal, regida por um maestro tão distincto como anafado e nedio.

Deu-se, no torneio artistico a que alludimos, um facto curioso. Ao passo que, no anterior concurso das phylarmonicas, todas ellas, boas e más, se reputaram com direito ao premio grande, houve agora banda regimental, que tomou parte no certamen pelo simples amor da arte, declarando previamente que não queria apanhar a taluda.

Medite a *Incrivel Almadense* n'este testemunho de isenção dado pelos lyricos da força armada, e pensem tambem no caso os *Filhos d'Apollo*, de camaradagem com os *Prussianos do Seixal*.

=Na Explanada dos Recreios temos tido as feras de mr. Seeth, uma feras perfeitamente authenticas, que deixam as suas garras perfeitamente authenticadas nas carnes sadias e vermelhas do intrepido domador. Quando as gazetas noticiaram que o audacioso Seeth ficára malferido pelas caricias brutaes d'uma leôa selvagem, pensou-se que era *réclame*, e propoz alguem que o homem exhibisse os ferimentos diante de toda a gente, na mesma explanada, para attestar a veracidade da noticia. As auctoridades policiaes, como era bem de ver, pozeram o seu *veto* áquella exhibição offensiva da moral publica, mas contam-nos que o bello Seeth, instado por um bando curioso de descrentes de ambos os sexos, a mostrar os arranhões recebidos, resolveu á ultima hora dar dois espectaculos:—o do costume, com a sua farda agaloada e elegantissima, e outro de caracter reservado, nos aposentos particulares do seu domicilio, em traje muito mais ligeiro.

Qual d'esses espectaculos será mais concorrido, não o sabemos nós ainda, mas iamos apostar que o segundo.

=O Chalet da Rua dos Condes, uma boceta de costura minuscula, que faz lembrar brinquedos de creança endinheirada, dá-nos boas magicas alegres, como a *Sombra do Rei*, notaveis pelo seu merito litterario muito acima do theatro onde se representam, pelo deslumbramento da sua *mise en-scène* apparatosa, e pela maneira irreprehensivel porque são vestidas.

=A feira de Belem abre-nos as suas barracas de pim-pam-pum, onde renques inertes de padres-jesuitas, de velhas de capote e lenço e de machacazes feitos de trapo desafiam, com uma impassibilidade alvar, o projectil arremessado pela mão certeira do indigena folião.

Ora digam-nos, depois d'isto, se nós, tendo certamens musicaes de bandas e phylarmonicas, leoas bravias que arranham e mordem, gentis domadores que se mostram vestidos e despidos, magicas em prosa e verso salpicadas de bons ditos graciosos, feira de Belem com queijadas da Sapa e limonada, pelintra, de cavallinho, digam-nos se não somos o povo mais feliz e mais divertido do mundo inteiro, capaz de afrontar um exercito de microbios e uma legião de bacillos!

Quando, acaso, nos enfastiemos de concertos, de feiras e de magicas, ha ainda, á tardinha, o recurso da Patriarchal Queimada, onde municipaes adonis, de *cachucho* luzidio no index, e amas de leite, repolhudas, com loiros *bébés* ao collo, arrulham os seus amores entre a folhagem empoeirada do arvoredo.

Havia, tambem, á noite, o refrigerio do passeio d'Alcantara, onde se faziam, ao luar, nos bancos do municipio, idyllios formosos... Havia!

Mas ai! O feroz municipio, n'um impeto deshumano de prosa austera, mandou subitamente transplantar os citados bancos na Avenida da Liberdade, erma de acacias protectoras, e acabou com os idyllios á luz do astro argenteo!

*

=Mais um soldado valente do passado, que tem a sua estatua, mais um batalhador glorioso e intrepido da guerra da peninsula, a quem a patria, nem sempre grata aos que por ella trabalham, acaba de mostrar-se excepcionalmente reconhecida, levantando-lhe, em bronze e marmore, o monumento immortalisador consagrado aos grandes homens.

Este batalhador audaz, este soldado é o Marquez de Sá da Bandeira. Em vivo, chamaram-lhe simplesmente um «bravo». Hoje, diante da sua estatua erguida na praça de D. Luiz e desvendada pela mão d'el-rei aos olhos d'um povo inteiro, no mesmo dia em que se commemorava o anniversario da Carta Constitucional, hoje todos attentam no vulto grandioso do mutilado illustre, chamando-lhe mais de que bravo: chamando-lhe um «heróe!»

Quasi que é bom morrer para ser alvo d'estas apotheoses!

A chronica, sentindo não dispor de muito espaço para dizer o que foi e quanto valia esse grande liberal immortalisado em bronze, rende á sua memoria saudosissima a homenagem do mais acrisolado respeito e associa-se ás manifestações de profunda veneração com que a patria acaba de honral-a.

C. DANTAS.

A DESPEDIDA

Eu vejo aqui raiar essa alegria immensa
Que o nauta sentira depois da tempestade
Ao ver serena a aurora. É uma nova crença
N'alma nos faz brotar a flôr da mocidade.

A lucta é sempre nobre, é sempre gloriosa.
Se d'ella resultar o bem, o amor, a luz!
Ou seja Victor Hugo, ou Huss, ou Spinosa,
Ou combata Luthero, ou venha de Jesus.

Sem lucta não se vence. O vasto pensamento,
Qual espada de luz, transpondo essa amplidão,
Ergue-se, aguia possante, além do firmamento,
Nas azas do ideal, do amor, da inspiração!

Não descança um instante, e vae continuamente
Em busca d'outra luz, em busca d'outra ideia:
Segue, caminha sempre, e lucta eternamente,
E transforma n'um mundo um simples grão d'areia!

Combatemos tambem, temos tambem luctado!
No arido labor das letras, da sciencia!
E em breve o nosso esforço emfim será c'roado,
E aberto um novo campo a nossa intelligencia.

Vivemos como irmãos, e no porvir ainda,
Seja qual fôr o norte ás nossas ambições,
Este amor paternal, esta amisade infinda
Mais forte vivera em nossos corações.

Mas vem junto ao prazer a chaga dolorida,
Não se póde deixar sem dôr a mocidade.
Levamos uma crença—a esp'rança n'esta vida.
Mas levamos tambem—a dôr d'uma saudade.

ABEL DE MAGALHÃES.

A MORTE DE UM GRANDE HOMEM

III

O ENTERRO

Ia grande borborinho na rua em que morára o conselheiro Galvão de Vasconcellos. A cada momento chegavam carruagens de que se apeiavam uns sujeitos fardados, com as suas grã-cruzes e commendas, outros encasacados e solemnes. Os policias, distribuidos pela rua, marcavam aos trens a posição que deviam ir occupar, emquanto as berlindas doiradas do saimento funebre esperavam, com os seus cavallos cobertos de crepe, e os seus *croque morts* enfastiados e inertes, que descesse o caixão.

Digitized by Google

Os que vinham prestar a ultima homenagem ao illustre orador e eminente estadista, Galvão de Vasconcellos, subiam a escada, e inscreviam o seu nome n'uns cadernos de papel tarjado de preto, que se encontravam n'uma sala, em que as janellas semi-cerradas conservavam uma vaga penumbra, sobre uma meza guardada á vista por um criado immovel como uma estatua.

Em seguida desciam, encostavam-se á humbreira da porta, accendiam os cigarros ou os charutos e conversavam alegremente, depois de terem trocado, *pro forma*, alguns commentarios banaes ás virtudes do finado, ao inesperado da sua morte, á perda que o paiz soffria com a desapparição de tão notavel engenho.

O dia estava lindissimo: era um formoso dia de outono, d'este outono portuguez que é a mais bella, a mais suave, a mais amena de todas as estações. Ouviam-se por toda a parte as musicas alegres das bandas marciaes, que iam, com os respectivos regimentos, prestar as ultimas honras ao finado. Nas ruas que vão dar ao cemiterio de S. João encontravam-se bandos joviaes de familias populares, que iam assistir á festa, porque para a turba indifferente é tudo festa e espectaculo—um enterro ou um triumpho, um anniversario glorioso ou um anniversario funebre.

Como o cemiterio fica longe do centro da cidade, algumas familias tinham tomado as suas precauções; levavam o competente farnel. O pequeno ia na frente, carregado, muito a seu contento, com o caso das vitualhas, e o papá e a mamã seguiam na rectaguarda: a esposa, com o seu vestido azul e o seu chaile de tonkin amarello, abanando-se desesperadamente com o leque nas subidas; o esposo, magestoso e solemne, com o seu fato dos domingos, um pouco adiante da mulher para attestar a sua superioridade de chefe de familia, fumando silenciosamente o seu cachimbo, e mettendo de vez em quando os dedos nos bolsos do colete, examinando gravemente as peças quando passava perto do regimento de artilheria, approvando com a cabeça e murmurando:

—Sim senhor! Mas quem paga isto é a nação!

De vez em quando passava, dirigindo-se para o cemiterio, um grupo de creanças de um asylo, uma associação popular com uma bandeira, as creanças alegrissimas com o passeio, os homens satisfeitos de fazerem figura com os seus distinctivos na casaca, e o seu crepe fluctuante no braço.

Em casa do fallecido, o general Mendes Nogueira subia e descia as escadas, azafamado e suado. Tomava notas a lapis, emquanto os jornalistas, sentados a uma meza do escriptorio, pediam aos criados que lhes passassem os cadernos tarjados de preto, para irem copiando os nomes a fim de darem a noticia o mais completa possivel.

Chegavam algumas commissões dos centros das provincias, trazendo os presidentes as respectivas corôas de perpetuas. Os ministros, que estavam no poder, entenderam que não podiam deixar de vir prestar homenagem ao seu adversario fallecido, e appareceram tambem. Houve um grande movimento de curiosidade, quando se sentio o trote dos correios, acompanhando o rodar das carruagens.

—Olá! murmurou o deputado Albergaria ao ouvido de Luiz Vianna, o presidente do conselho vem macambusio! Temos historia.

—És tolo, homem, respondeu-lhe Luiz Vianna encolhendo os hombros. Querias que elle entrasse por ahi acima com uma cara muito satisfeita? Era absurdo.

—Sim, sim. Eu cá me entendo. Olha-me para aquella cara do Figueiredo, que vem ao lado do presidente. Aquella cara está mesmo a dizer: Estamos em terra, estamos em terra!

Interromperam-se para deixar passar os padres. O prior comprimentava para todos os lados com o seu barretinho quadrado, e respondia, sorrindo, a uma pergunta que lhe faziam:

—Qual historia! Isto vae n'um pulo. Uns responsos engrolam-se para ahi em alguns minutos.

Houve um reboliço, procuravam todos os seus trens.

O Mendes Nogueira, limpando o suor que lhe aljofrava a testa, e com os apontamentos na mão, corria de um lado para o outro a procurar as pessoas que deviam pegar ás borlas.

O caixão vinha descendo a escada, no meio do borborinho das conversações. Os criados, indifferentes, espreitavam por traz dos vidros da janella a pompa do cortejo. Helena, no seu quarto, mordia o travesseiro para que se não ouvissem cá fóra os seus prantos que poderiam perturbar o espectaculo. Um dos presidentes das commissões da provincia, com a sua corôa de perpetuas no braço, descia gravemente a escada, segurando n'uma das borlas do caixão, quando tropeçou n'um galgo, que saía, correndo de um dos quartos, soltando um uivo longo e plangente.

—Diabos levem o cão! berrou o presidente apanhando a corôa que lhe caira.

—Dá um pontapé n'esse diabo! gritou um dos gatos pingados dirigindo-se ao que vinha atraz de todos.

—Sacudam esse animalejo! disse o Mendes Nogueira, acudindo sollicito a saber se o presidente se magoára.

Um novo uivo do cão, profundamente doloroso, veiu cortar os murmurios alegres que vinham da rua.

—Mas o que fazem estes criados? gritou Mendes Nogueira fulo de raiva.

—Passa fóra! berravam os gatos pingados, atirando pontapés ao cão, que persistia em seguir o cadaver do dono.

Mas o caixão estava já na rua, ia a metter-se na carruagem funeraria, e, a pedido de Mendes Nogueira, a policia interveiu.

A' força de pontapés puxados com alma, o pobre galgo teve emfim de desistir do seu intento, e, uivando tristemente, foi-se refugiar na cosinha.

Então o cortejo poz-se em marcha e desfilou pomposamente pelas ruas de Lisboa apinhadas de povo. Proximo do cemiterio passou por entre as alas da multidão, e por diante da divisão, que, de armas em descanço, depois de passar o feretro, assistia tranquillamente a essa revista de carruagens. Os soldados, com a barretina para a nuca, chamavam os vendedores de limonada de cavallinho, e deitavam abaixo os seus copazios d'esse liquido equivoco. Do seio da turba sahia uma bafagem de murmurios alegres, risos, pregões, commentarios em voz alta, epigrammaticos quasi sempre para os altos personagens que desfilavam. Em cima do muro de uma quinta sentava-se um bando de garotos, bamboleando as pernas, fazendo *azeite*, disputando os logares uns aos outros, a murro e a empurrão. Lá em baixo o rio desdobrava placidamente a sua limpida toalha de um transparente azul. O sol ria no ceu, que não tinha uma nuvem. O povo saboreava com delicias esse espectaculo magnificente, que ainda mais bello parecia no meio d'essa festa da natureza.

Apeiou-se o caixão da carruagem, e, feitas todas as ceremonias do estylo, dirigiu-se para o jazigo, que ficava um pouco longe.

Os convidados seguiam o feretro, conversando com animação.

Um par do reino, amigo do governo, e que nunca lhe faltava com o seu voto, approximou-se do presidente do conselho, com quem trocou um aperto de mão.

—Fica-lhe vago um logar no tribunal de contas! disse elle sem preambulos.

—Fica, fica, respondeu o interpellado.

—Está já compromettido?

—Homem! apenas o Galvão adoeceu, tive logo dez cartas a pedirem me o logar.

—E' realmente uma vergonha! Ha gente que se não peja de fazer essas cousas! tornou o digno par com uma indignação tanto mais sincera, quanto, tendo chegado n'esse mesmo dia dos Açores, viera encontrar a noticia da morte do Galvão de Vasconcellos sem ter sabido da doença, o que o impossibilitára de tomar a tempo as suas precauções.

Por isso tambem, prestemos-lhe justiça, viera ao enterro unica e exclusivamente para pedir o logar do fallecido.

No grupo dos correligionarios de Galvão de Vasconcellos, conversava se no mesmo sentido, mas n'um tom bem diverso.

—Este maldito nem ao menos soube morrer a tempo, exclamava o Albergaria muito confidencialmente para um sujeito a cujo braço se encostava. Se espera uns dois ou tres mezes deixava o logar para algum dos nossos amigos.

—Então que queres tu? E' uma pechincha que aquelles diabos apanham.

Chegava-se ao jazigo. O cortejo parou, e, quando o caixão ia lançar-se á cova, um rapaz de bigode preto adiantou-se, e, com uma forte pronuncia minhota, começou:

—Senhores! O pallido anjo da morte...

—Olá! temos discurso! exclamou o Luiz Vianna. Quem diabo é este massador?

—Algum bacharel provinciano que apresenta a sua candidatura para as proximas eleições.

—Não! estopadas é que eu não aturo, de cabeça á vela e com um sol de rachar, disse o Albergaria, affastando-se prudentemente e pondo o chapeu na cabeça.

—E dois! acudiu o conde de S. Gregorio, sahindo tambem da roda, mordendo um charuto e alisando-o com os beiços.

A pouco e pouco a turba foi dispersando. O orador acabou o seu discurso no meio de um grupo de duas duzias de ouvintes.

Depois sentiu-se a primeira descarga, que foi um perfeito tiroteio, o que deu origem a um confuso rumor de gargalhadas e de assobios que sahia d'entre o povo.

Seguiram-se as outras mais regulares. Entretanto iam chegando os trens que se affastavam a trote largo, e que foram encher as ruas da cidade com o tumulto das suas rodas.

E os regimentos recolhiam ao quartel, precedidos pelas bandas marciaes, que iam tocando as marchas da voga, compostas quasi todas com motivos das operetas de Offembach.

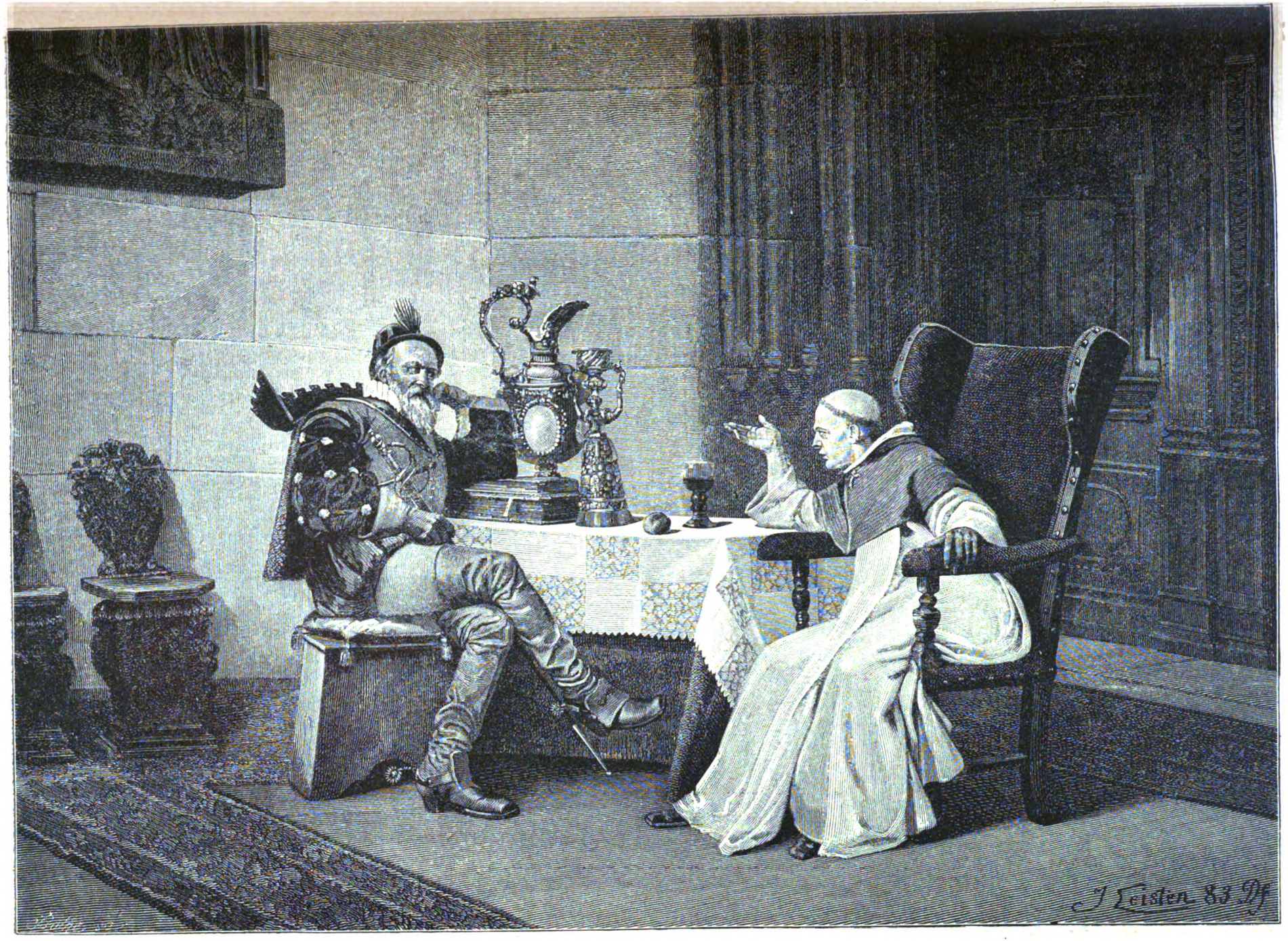
N'essa noite, sobre a terra revolvida de fresco que escondia o corpo de Galvão de Vasconcellos, chorou o orvalho do ceu as suas lagrimas mais puras.

Na casa silenciosa e triste em que elle habitára, uma pobre menina de vinte annos, que parecia ter derramado já todas as lagrimas do seu corpo, cahindo adormecida, emfim, de puro cançasso, acordava em sobresalto, porque sonhára que no quarto de seu tio a sua voz chamára de novo por ella. E, cahindo na realidade da situação, banhava de novas torrentes de pranto as suas faces mimosissimas.

Aos pés da cama vasia, onde Galvão de Vasconcellos adormecera com o eterno somno, o galgo dormia enroscado, como quando ia aquecer com o seu corpo os pés gelados do dono.

E, nos centros politicos, e nas redacções dos jornaes e nos ca-

Digitized by Google



A CATECHESE (Quadro de J. Leisten)

Digitized by Google

Digitized by Google

REGRESSO

Quadro d

Digitized by Google

ARCADIA

. Kray

Digitized by Google

Digitized by Google

Á ESPERA DO PAE (Quadro de Sadée)

Digitized by Google

fés os amigos de Galvão de Vasconcellos discutiam, entre gargalhadas, os boatos politicos da noite.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

DE VOLTA AO CURRAL

(Quadro de H. Zügel)

Um rebanho que volta, pelo cair da tarde, á tosca arribana do monte, depois de ter pastado o dia inteiro nas serranias e valles circumvisinhos.

O quadro não se torna recommendavel por bellezas extraordinarias, mas a gente gosta de vel-o, assim mesmo, na sua poetica simplicidade, com aquelle tom encantadoramente bucolico que a nossa gravura reproduz.

A CATECHESE

(Quadro de J. Leisten)

Não ha argumentos que convençam aquelle huguenote rebelde, boas palavras que o convertam á fé catholica. Nasceu no protestantismo, abraçado a elle tem vivido, e protestante ha de acabar os seus dias, a despeito de todas as doutrinas expendidas pelos apostolos da religião de Roma.

Se lhe disserem:—«Crê ou morres!» elle morrerá resignado, mas sem alimentar outra crença religiosa que não seja a sua, sem se converter na hora do passamento.

Será um erro? Que importa! Ha fanatismos que se respeitam, quando elles não levam o fanatisado á pratica de crimes hediondos e monstruosos.

A' ESPERA DO PAE

(Quadro de Sadée)

Uma pobre choupana de pescador, confinando com a praia. Decoração singela e miseravel: os tectos denegridos, a lareira sem lume, e os toscos moveis na maior parte quebrados.

O pão escassea dentro da arca de pinho vetusta, mas a filharada cresce, augmenta, constitue já uma pequena colonia no meio d'aquellas quatro paredes nuas, onde muitas vezes se ouvem os lamentos despedaçadores da fome.

O chefe da familia partiu ha dois longos dias, com a sua companha, para uma pesca no mar alto. Não deixou dinheiro em casa, porque a invernia desapiedada lhe não permittiu que o angariasse. A pobre mulher, cheia de inquietações e não tendo com que sustentar os pequenos famintos, aguarda impaciente o regresso do marido.

Duas das creancinhas illudiram a fome aconchegando-se com a mãe, e dormem a somno solto, amparadas pelo calor materno. Os mais velhos abeiraram-se da janella que deita sobre o mar, e procuram com olhos soffregos, na linha infinita do horisonte, algum ponto negro que se assemelhe á lancha do pae.

Se elle viesse, e a pescaria fosse boa...

REGRESSO Á ARCADIA

(Quadro de W. Kray)

No centro do Peloponeso, entre a Argolida, a Achaia, a Laconia, a Elida e a Messênia, rodeada de montanhas colossaes e bordada de formosos valles verdejantes, por onde serpenteavam mil regatos crystalinos, a Arcadia devia de ser um dos mais encantadores paizes da Grecia antiga.

A nossa gravura representa um bando d'arcadios, que regressa, contente e feliz, ao solo feiticeiro da patria. Gente simples e aferrada ás velhas tradições, levando uma vida pastoril e nomada como a dos Pelasgios seus antigos ascendentes, revela, na quasi completa nudez do corpo, uma singeleza de costumes verdadeiramente primitiva.

Não sabemos se aquelles nomades voltam da Italia, onde a historia nos diz que se estabeleceram varias colonias arcadicas, nem se as aguas onde voga o seu batel são as do lago Stymphale, em cujas margens o façanhudo Hercules matou muitas aves carnivoras. Talvez, mas isso não vem nada para o caso.

COSTUMES DO MINHO

(Copia d'uma photographia)

Dois aldeões de S. Cosme, trajando a fatiota domingueira, e fazendo prodigios musicaes nos seus instrumentos predilectos.

E' um gosto ouvil-os cantar ao desafio ou dedilhar as cordas do violão sonoro e da guitarra folgazã. Nos arraiaes da aldeia são para elles os olhares e os requebros das camponezas mais gentis. Em todas as festas, descamisadas e vindimas do sitio, hão de vel-os dar sempre a nota alegre dos folguedos, com os seus descantes caracteristicos e as suas tocatas harmoniosas!

Uns felizes! C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

Sendo sempre tão avultado, como é, o numero das pessoas que nos enviam as decifrações das nossas charadas, problemas e enygmas, torna-se-nos impossivel publicar-lhes os nomes, a menos que não dedicassemos a essa publicação uma columna inteira d'este semanario, em prejuizo de muitas centenas de assignantes, que preferem outra leitura mais amena.

Como tal não pode succeder agora, só daremos os nomes de todos os decifradores das charadas quando a *Illustração Portugueza* augmentar o seu formato,—o que não virá talvez longe,—reservando para então o estabelecer premios destinados aos que primeiro as decifrarem. A REDACÇÃO.

CHARADAS

É duro e fofo este homem—1—1.
Este instrumento bebe-se na Turquia—1—1.
No quarto come-se a bordo—2—1.
Belem. DIAS.

I

A' tarde, quando o sol no occaso vae morrendo,
Ou quando a flor do liz, á tenue claridade
Desprende do seu calice a perfumada essencia,
Quizera, então, ouvir a tua voz mimosa
N'um canto de crystal erguer-se magestosa;
Quizera ver, no azul, em doce amenidade,
O teu gentil corpinho, imagem da innocencia,
A doce viração, veloz, subtil, fendendo!—2

II

Eu muitas vezes vou ás mattas do balsedo
Ouvir a grande orchestra—a musica das aves!
E emquanto larga dou á loira phantasia
Ancioso vou buscando a esplendida frescura
Debaixo dos rosaes, nos túneis de verdura!
E, se da orchestra escuto as notas mais suaves,
Que trazem ao meu seio a limpida alegria,
Eu julgo ouvir teu nome... ó mystico segredo!—3

III

Não penses que te esqueço, ó minha adoroção,
Estrella! ó grande luz do povo de Israel!
A tua imagem linda é meu escudo santo,
E' todo o meu sentir, é toda a minha vida!
Ai! não te esqueço, não, ó pomba estremecida,
E embora, minha flôr, me julgues infiel,
Eu sempre te amarei!
—Ergue-te, pois, meu canto,
E leva-lhe, a tremer, esta saüdação!...

Cuba. MATHEUS PERES

FUGA DE CONSOANTES

....a..iaeu..e..i.e..o
.ue.a..e.u..o.o.e..o
.i..e.o.o.o.a.ao
.ao.oi.o..a.e a..e.o.
.e..u.,o.,u.i.o.,..e.o.,
.u.a.a.i.aa...a..ao

....a..ia.ao.oi..a..o.
.a..a.o..e.o..o..a..o.
.a..a..uei.a..o a..i.
.e..o..ea. e.e..a..i.o.
.a..ue.e.u..a...e..i.o.
e.ue.ea..a.a..o..i.
.a.i.i.o.ea..eu
(a...i.a.e.a.)

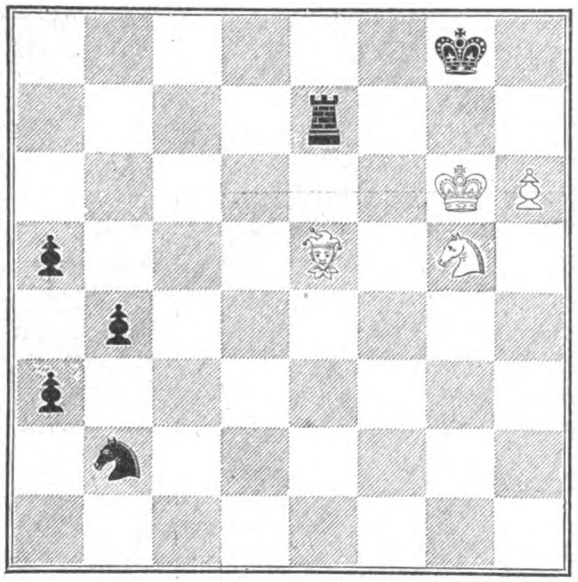
Mirandella. B. CRUZ.

Digitized by Google

XADREZ

PROBLEMA N.º 3

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

A RIR

O sr. Y..., que juntou um *de* ao seu nome burguez, fallava ultimamente de certa reunião de fidalgos, a que tinha assistido, e dizia:

—Eramos vinte, e todos nobres, excepto meu pae.

UM DOMINÓ.

PROBLEMA

Uma folha de cartão cortada em rectangulo, com 4 de comprido por 9 de largo, pretende-se dividir em duas partes eguaes, de modo que reunidas formem um quadrado.

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas:

1.ª—Voador
2.ª—Americano
3.ª—Lisboa

Xadrez—Solução do 2.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. C. 7 B. D.	1. Qualquer movimento.
2. D. 6 T. D. cheque.	2. R. 5. C. D.
3. P. 3. B. D. cheque e mate	

Do problema:—16 ou 48 macacos.

BOUQUET DE PENSAMENTOS

A mulher que falla com affectação da sua feialdade, não é sincera; emitte apenas uma duvida que espera ver combatida. É uma lettra de cambio sacada pela sua vaidade sobre a delicadeza d'aquelles que a cercam.

*

A mulher que sabe sorrir graciosamente e a proposito nunca é feia.

*

Jurar ser fiel é um compromisso que não vae além das forças humanas. Jurar ser constante é uma verdadeira temeridade.

*

O amor platonico é a taça d'opio offerecida pela seducção á consciencia que ella quer adormecer.

X.

UM CONSELHO POR SEMANA

Os vidros de candieiros estalam muitas vezes, quando não foram bem recozidos. Para remediar este inconveniente basta aquecel-os, até á ebulição, em agua ou azeite, deixando-os depois esfriar no liquido.

PROSAICOS E POETICOS

Os pais adoravam aquella filha unica, que resumia para elles o universo.

Pouco depois da creança nascer, faziam-se projectos a seu respeito, construia-se-lhe um destino architectado sobre bases solidas; em torno do seu berço de rendas e cambraias, adejavam, como pequeninos cherubins alados, todos os augurios felizes.

Em primeiro logar, o noivo: o noivo é a grande solução d'este mysterioso problema, que se chama o destino de uma mulher. Era preciso que o noivo destinado á Clarinha fosse rico como um nababo e candido como um arminho.

Optaram pelo João, o afilhado do brazileiro, herdeiro de um milhão, que lhes tinha sido recommendado do Pará pelo padrinho.

O João concluira os preparatorios e partira para Coimbra, exactamente no dia em que nascera a Clarinha.

Quando voltou, com a sua carta de bacharel, o Trigueiros, pae da pequena, perguntou-lhe se queria casar com a filha.

João achou graça á pergunta, beijou a Clarinha, que devorava, de sociedade com a Mariquinhas e a boneca, os pasteis de Tentugal que elle lhe trouxera, e disse que sim.

O Trigueiros escreveu logo para o Pará, a solicitar a desejada licença.

João vinha todas as tardes visitar a sua futura e jogar uma partida de dominó com o Trigueiros.

A Clarinha sabia que tinha um noivo, e, muito divertida, contava aquelle caso ás amigas, discutia-o no collegio, dava-lhe, em apreço, os mesmos cuidados que dispensava ás bonecas, e, quando brincava *aos jantarinhos*, ou *aos namorados*, a pequena que fazia de seu marido chamava-se sempre João.

Viam-se a toda a hora, tratavam-se por tu, e o coração sincero, dedicado e simples do João, prendia-se, sem esforço, áquella bonita creança de cabellos louros e olhos azues, que lhe recordava vagamente, como que na meia luz de um sonho, uma outra cabeça loura, meiga e triste de mulher, que elle vira curvar-se para o seu berço e aquecer-lh'o, como os passaros aquecem os ninhos.

Mais tarde, o padrinho, interrogado pelo rapaz, revelara-lhe que a senhora dos cabellos dourados era sua mãe e que morrera phtisica.

Aquella noticia entristeceu profundamente o Joãosinho, feriu-o no coração como uma punhalada.

A novidade de vir para Lisboa, de entrar no collegio, de conhecer a familia Trigueiros, que o rodeava de caricias e desvelos, que o tratava como se trata um filho, e, sobre tudo, como se trata o herdeiro de um milhão; a opulenta mezada do padrinho e a perspectiva da riqueza que elle lhe destinava, não afugentaram a sombra de melancolia, que se tornou o principal caracteristico da individualidade de João.

Dotado de uma bondade inexcedivel e de uma franqueza um pouco rude, a franqueza, cada vez mais rara, dos que sentem o que dizem e dos que não hesitam em dizer o que pensam, João não agradava á primeira vista.

O seu caracter concentrado, o seu espirito recto e justo, a sua intelligencia esclarecida, mas incapaz de dobrar-se aos jogos malabares do phraseado galante; a sua alma feita para amar e ser amada, mas insusceptivel de alimentar caprichos ou de abrigar fantasias romanescas, não attraia a sympathia das mulheres.

Alem d'isso, João não era bonito: a pelle trigueira, o cabello aspero e grosso, as feições irregulares, a estatura desairosa, a apresentação timida, davam-lhe um aspecto de uma vulgaridade atroz.

O milhão aureolava-o, é certo, e algumas mães faziam-lhe uma côrte assidua, a que varias donzellas experientes e praticas não duvidavam de associar-se.

A mãe de Clarinha, mesmo pondo de parte o milhão, estimava João como a um filho. O seu instincto de mulher e de mãe dizia-lhe que era aquelle o marido susceptivel de fazer feliz sua filha.

Clarinha, pela sua parte, era amicissima do *brazileiro*, divertia-a immenso, prestava-se a todas as suas exigencias, e a creança, amimada e despotica, a tyrannica *filha unica*, habituada a fazer sempre a sua vontade e nunca a dos outros, a viver na atmosphera do luxo e na plenitude do goso, achava um prazer enorme em quebrar nas suas mãos pequeninas e frageis aquelle robusto negro, valente como um leão.

Um dia, em Cintra, a filha da viscondessa chamou a Clarinha de parte e indicando o João, entretido a apanhar umas flores que ella lhe pedira, disse, fixando insolentemente o *brazileiro* com o *lorgnon* e rindo como uma perdida:

—Oh! filha, o teu noivo fugiu do jardim zoologico. Parece um urso!

A Clarinha córou muito; era affeiçoada ao João, doeu-lhe vel-o assim ridicularisado; mas não se atreveu a defendel-o, quasi lhe teve raiva a elle por ser feio e prestar-se, por esse facto, á troça da viscondessinha, uma *chic*, uma rainha da moda, que trouxera de Paris, onde fôra educada, uma alta elegancia triumphante, rescendente a heliotropo.

N'essa tarde, a Clarinha irritada, contrafeita, humilhada, tratou mal o João, não acceitou o braço que elle lhe offereceu e, intencionalmente, deixou cair o ramo que elle lhe déra.

Os epigrammas da filha dos viscondes de Leixões repetiram-se, agudos, incisivos, finos como a picada de um bisturi.

Digitized by Google

Nos bailes, o João não dançava nunca.

A Clarinha, instigada pela pequena viscondessa, obrigou-o a walsar na *sauterie* dos Leixões: o pobre rapaz teve a infelicidade de cahir, arrastando na queda a noiva.

A viscondessinha deu uma gargalhada, que provocou o riso de toda a gente.

A Clarinha, vexada, largou o braço do João e correu a esconder-se na estufa.

—Dás licença que te apresente o sr. Alberto de Noronha, que deseja immenso conversar comtigo? pronunciou a viscondessinha, muito risonha, entrando na estufa pelo braço de um rapaz, correcto e nitido como um figurino.

A Clarinha, desorientada, vibrando ainda sob a tortura que lhe inflingira o desastramento do noivo, acolheu Alberto de Noronha como um enviado da Providencia.

Assentaram-se na sombra perfumada dos lilazes, entre uma floresta de arbustos que se entrelaçavam, suspendendo das finas hastes flexiveis cachos de flores raras, de um colorido violento e metallico.

Fallaram de uns pequeninos nadas deliciosos, que as mulheres adoram: entraram pela metaphisica do sentimento, depois de sahirem da banalidade das cousas incaracteristicas.

Alberto de Noronha, hirto na bretanha polida dos collarinhos, apertado na casaca, mordida pela gardenia, exhibindo o bico impertinente do sapato e a pretenção idiota do monoculo, fez phrases lindissimas e madrigalescas, e representou por maneira tal o seu papel de seductor-inutil e de tolo-eloquente que a Clarinha sentiu-se fascinada.

Emquanto o irresistivel Alberto fallára, divagando ao longo da poesia, da musica e do amor, a Clarinha confrontára-o, mentalmente, com o noivo, comparára o feitio das casacas, das botas, das gravatas, das caras e das idéas de ambos, e concluira, já então na posse deliberada dos seus dezoito annos, que não seria nunca mulher do João.

COSTUMES DO MINHO (Copia d'uma photographia)

*

Um grande desgosto para a familia Trigueiros, uma cousa similhante a um desabamento, a um incendio, a uma morte repentina, aquella inesperada negativa da Clarinha.

Mas nem o pae nem a mãe tinham forças para oppôr-se aos desejos da filha.

Foi por isso que, depois de accederem, maguadissimos, a não casarem a filha com o João, tiveram de condescender em acceitarem para genro Alberto de Noronha.

O *brazileiro*, conforme o designavam, acolheu sem uma accusação, mas com uma dôr profunda, intensa e silenciosa, o fatal desenlace de um projecto que elle encarára, a principio, como um divertimento, e a que se prendera, havia muito, com todos os apaixonados affectos de uma alma rica de sensibilidade.

Algumas semanas antes do dia fixado para o casamento, a familia Trigueiros e os viscondes de Leixões achavam-se a banhos em Espinho.

Acompanhava-os Alberto de Noronha, na sua qualidade de noivo, e João de Oliveira, fiel no seu invariavel papel de amigo.

Nenhuma alteração parecia haver-se dado na intimidade existente entre o *brazileiro* e os Trigueiros.

A unica differença consistia na alegria ruidosa, exaggerada e doida, com que a Clarinha se fazia notar, mesmo no grupo das menos recatadas; e na tristeza, quasi funebre, com que o João se esquivava a todas as convivencias.

Uma manhã de outubro, o céo baixo, o vento forte e o mar escuro e empolado, annunciaram tempestade.

Quando a maré começou a encher, caiu uma trovoada, as ondas cresceram, rebentando em rolos de espuma, o vento redobrou, sacudindo as casas, confundindo os mugidos com o estampido das ondas, estalando como a fuzilaria de um combate de cyclopes.

As banhistas ficaram em casa, tristes, apprehensivas, saudosas do conforto lisbonense, contemplando, com um terror vago, as ondas que ameaçavam devoral-as.

Os homens, de charuto na bocca e guarda-pó de linho, foram para a praia ver a arrebentação.

De repente, um pescador veiu gritar á porta do Trigoso:

—Um senhor da sua familia atirou-se ao mar para acudir a um bote que se voltou!

«O pobre de Christo, clamava o pescador, lá anda enrodilhado nas ondas!»

—Foi o Alberto! gritou a Clarinha, cahindo desmaiada nos braços da mãe.

O Trigoso saiu a correr, e cruzou-se com Alberto de Noronha que vinha placidamente almoçar, depois de ter fumado um havano.

Elle então contou, como a cousa mais natural d'este mundo, o espectaculo a que acabára de assistir.

—Um golpe de vento mettera no fundo um bote carregado de sardinha, tres homens desappareceram: ninguem quizera arriscar-se contra aquella força de mar. O João de Oliveira,—o excentrico!—chegára e, sem dizer palavra, atirára-se ás ondas.

*

Quando João de Oliveira abriu os olhos, depois de violentas fricções, applicadas pelo medico, a Clarinha ajoelhou aos seus pés, beijou-lhe a mão inerte e pediu-lhe, convulsionada pelos soluços, que lhe désse a honra de ser sua mulher.

A viscondessinha, desenganada de obter o prosaico millionario, resolveu-se, para não perder tudo, a casar com o poetico Alberto.

GUIOMAR TORREZÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 11 de agosto de 1884 Numero 7

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, C. por Dantas.—*Conselhos paternos*, soneto, por Christovam Ayres.—*Alguns documentos curiosos relativos á revolução de* 1820, por Pinheiro Chagas.—*De noite*, soneto, por Joaquim de Araujo.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*O véu*, por Santilhana.—*Em familia. (Passatempos).—Um conselho por semana.—A cozinha dos Anjos*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*Cresce e apparece!—Dois bons camaradas.—A prova dos vinhos.—A locadora de guitarra.—Uma cascata do rio Parahyba. (Brazil).*

CHRONICA

Ha, para o chronista, uma situação bem mais embaraçosa que a falta d'assumpto:—aquella em que se vê forçado a luctar com um calor asphyxiante de trinta e seis graus á sombra, tendo a certeza de ficar vencido n'essa lucta titanica, esmagado e desfeito n'esse prelio com o invizivel abafadiço.

Nós achamo-nos precisamente na situação apontada, e debalde recorremos a todos os meios que em taes casos se prescrevem para triumphar da temperatura assassina.

Encaramo-l'a de frente, ingerindo com denodo heroico um sorvete do Ferrari, e nada.

Atacamo-l'a de espaldas, nas *brasseries*, com um copo de cerveja em punho, e a maldita não abranda os seus impetos.

Empregamos a *ruse*, de portas a dentro, mergulhando o corpo abrasado nas aguas da Companhia, e o monstro não se humanisa.

Simplificamos a *toilette* caseira até á expressão mais simples, e o thermometro impassivel não accusa nenhum refrigerio, diante da nossa quasi nudez.

Cerveja, neve, carapinhadas, agua do contador, vinho gelado, roupagens primitivas, *abanicos* andaluzes, capilés frios, orchatas consoladoras e trajes paradisiacos, de tudo o implacavel suão faz mofa, roubando-nos o alento para arriscar duas *blagues*.

D'este modo, a chronica deixa de ser a tribuna elegante, d'onde resalta um kaleidoscopo de factos alegres e de facecias graciosas, para se tornar n'um leito de Procusto, onde o calor nos inflige supplicios crueis e atrozes.

Sob uma temperatura de 36 graus não se contam casos; emigra-se para Cintra ou toma-se bilhete de correspondencia na Porcalhota, e vae a gente dar um passeio até á Russia asiatica.

CRESCE E APPARECE! (Quadro de Rodolpho Epp)

Digitized by Google

=Depois, que factos ha por ahi dignos de menção honrosa n'esta revista ligeira?

O cholera? E' assumpto estafado.

A politica? Ora adeus!

Escandalos? Nem um, que nos conste.

Suicidios? Ninguem se mata, na espectativa de que o microbio cholerico se encarregue d'isso, e todos continuam, bem ou mal, a fazer rolar o seu rochedo de Sisypho pela grande montanha da vida, até que a peste mofina venha visitar-nos.

Bailes? Houve um na *Villa* Albert, mas tão longe de nós, tão longe, que mal poderam chegar aos dominios da chronica os seus echos festivos, de envolta com o aroma quasi imperceptivel das rosas que por lá se desfolharam.

O principe real contradançou, imprimindo áquella festa da *haute-gomme* a nota alegre da sua mocidade em flôr e do seu fino espirito educado nos esplendores da elegancia. Foi este o maior attractivo do baile de Cintra, depois da formosura radiante das damas, é claro.

E que mais? O concerto dos Recreios regido pelo Filippe Duarte, e os ensaios do *Promesi Sposi*, dirigidos por outro Duarte que não se chama Filippe, mas que é commendador?

Estamos saturados de musica.

Theatros? E' verdade, os theatros. A proposito d'elles, lá vae uma noticia, ou antes, tres noticias:

Chegou a Pepa, a graciosa Pepa da *Ninicke*. Vimo-l'a na Explanada, olhando sobranceira as *horisontaes* que borboleteavam de grupo em grupo. Está magrita, mas ainda lhe irradia dos olhos o fogo do talento. Traz gestos levemente abrasileirados, *toilettes* espaventosas, brilhantes caros, uma dama de companhia, *raide*, e duas creancinhas morenas.

Pepa promette-nos reapparecer no Principe Real, onde soube conquistar glorias immarcessiveis mas não poude nunca adornar o alvo collo com pedrarias de primeira agua.

Diz-se por ahi vagamente que a Margarida *loira* uma outra actriz que fez epoca pela sua belleza diabolica e pelo seu talento promettedor, vae epilogar, n'aquelle mesmo theatro, uma existencia romanesca e aventurosa, constellada de episodios picantes.

No theatro de D. Maria consta-nos que debutará uma peccadora do mais alto *chic*, transviada das doçuras do matrimonio pelo diabinho tentador da Arte.

Antegozando as delicias d'essas tres estreias, que nos trazem espicaçada a curiosidade, pomos ponto na chronica verdadeiramente indigena, e vamos lançar uma vista d'olhos rapida pelo estrangeiro.

=Em França os homens politicos discutem o rompimento das hostilidades com o Celeste Imperio, e a Revisão constitucional, dois assumptos egualmente graves, que tresandam a polvora, a rabicho de chinez e a rhetorica parlamentar mais ou menos massuda.

Quanto ao conflicto com a China, estamos seguros de que elle acabará, fazendo a França resoar, diante do inimigo rebelde, a voz potente dos seus canhões de grosso calibre.

Pelo que respeita ás palestras revisionistas, é de crer que tenham por epilogo immediato... o não se rever coisa nenhuma com geito.

A imprensa litteraria de Paris investiga se a doutissima Academia anda correcta ou incorrectamente não se querendo fazer representar nas festas de George Sand, em Nohant.

Os admiradores de Diderot, por seu turno, festejam o centesimo anniversario da morte do celebre encyclopedista, inaugurando-lhe uma estatua em Langres, e expandindo, a proposito d'esse facto, uns enthusiasmos delirantes por largo tempo represados.

Ao que parece, a famosa George Sand da *Historia da minha vida*, a honesta e delicada authora da *Correspondencia* com Flaubert, a insigne romancista de fogo, que ateiou um incendio no mundo, escrevendo as paginas sublimes e sensibilisadoras da *Indiana*, da *Lelia* e da *Valentina*, paginas brilhantes de colorido, de paixão e de atticismo, não terá, junto da sua estatua, nenhum velho academico solemnemente engravatado honrando-lhe a memoria saudosissima com discursos banaes e hypocritas; mas, á falta d'isso, que é pouco e secundario e dispensavel, tem um povo inteiro, apaixonado pelas suas obras gigantescas, a proferir-lhe o nome immortal entre palavras de admiração profunda, bem mais eloquentes que os funebres elogios de todas as Academias e que os altos relevos de todos os monumentos.

A chronica, pelo seu caracter ligeiro pouco dado a investigações historicas, não póde aqui discutir se Diderot tinha os mesmos direitos que George Sand á veneração dos francezes e se devia, como ella, ser eternisado em marmore de Carrara.

No entretanto, confrontando as duas individualidades á luz das tradições e da critica, parece-lhe que o author da *Religiosa* está collocado muito abaixo do pedestal onde hoje se ergue a estatua da famosa *Baronne* Dudevant, envolta, pelo escopro inspirado de Millet, no seu manto de pedra.

George Sand foi crente e boa. Denis Diderot morreu sem absolvição, balbuciando, ao expirar, esta rude blasphemia:—«O primeiro passo para a philosophia é a incredulidade.»

A gloriosa authora do *Marquez de Villemer* teve o grande Victor Hugo a orvalhar-lhe de lagrimas a campa entreaberta, e a dizer, diante do seu athaúde, «que pranteava uma morta e saudava uma immortal».

Do azedo philosopho Diderot, o author do *Pae de familia*, ninguem disse coisa similhante, que nós saibamos. Em vez de lagrimas saudosas a rociarem-lhe o tumulo, conquistou este epitaphio gravado por Lamenais na sua biographia: «As obras de Diderot são um abysmo d'obscenidades. O seu nome asqueroso e infecto não deveria jamais exhumar-se do cemiterio do esquecimento!»

=Afóra estes assumptos, os francezes cuidam da organisação do Congresso em Versailles, a bella cidade de Luiz XIV, estudam o divorcio ultimamente votado, e elaboram projectos de lei contra a guilhotina ignominiosa. Ha quem lhe prefira o acido prussico, o garrote dos nossos visinhos de Hespanha e a forca singelissima da positiva Inglaterra, mas parece que o maior numero opta pela electricidade applicada ao systema legal de dar cabo da pelle.

Emquanto se não chega a um accordo definitivo sobre a materia, o cholera vae-se encarregando de dizimar a população do Meiodia da França, sem recorrer á guilhotina nem ás baterias electricas, e o jornalismo parisiense farta-se de repetir em todos os tons a estupida facecia da moda:—*on dirait du veau!*

C. DANTAS.

CONSELHOS PATERNOS

Filhos, sede leaes,
honestos, bons e crentes;
com os fracos indulgentes,
com os pobres liberaes.

Poupae ao triste os ais,
a pena aos innocentes,
e marchae diligentes
ao fim a que aspiraes.

Fazei por construir
no vosso lar um templo,
no amor um evangelho;

e procurae seguir,
nem sempre o meu exemplo,
mas sempre o meu conselho.

CHRISTOVAM AYRES.

ALGUNS DOCUMENTOS CURIOSOS RELATIVOS Á REVOLUÇÃO DE 1820

Publicaram-se ultimamente dois volumes de uma obra extremamente curiosa, e que está destinada a lançar a mais viva luz em alguns factos ainda obscuros da nossa historia contemporanea. Referimo-nos aos *Documentos para a historia das côrtes geraes da nação portugueza*, diligentemente colleccionados pelo sr. conselheiro Clemente José dos Santos, director geral graduado da repartição tachygraphica da camara dos deputados, e que, já antes de ser encarregado d'este trabalho, gosava da merecidissima reputação de ser o archivo semovente da camara, archivo de consulta facil, e em cuja memoria se encontravam sempre todos os elementos que se lhe pediam, e em cujo espirito luminoso se encontrava sempre um guia seguro para a direcção a dar a quaesquer investigações.

A obra, que está publicando agora, é extremamente curiosa e interessante, e a ella iremos colher algumas indicações não politicas, porque nem o jornal, nem a situação de quem escreve o artigo lhe permittem fazer agora commentarios, que, embora tivessem um caracter exclusivamente historico, hoje se exploriam ainda debaixo do ponto de vista politico. Tarde começa a historia a poder adquirir aquella serenidade ineffavel e sublime, que transparece na sua magnifica estatua do monumento Sá da Bandeira. Annos e annos ainda depois de realisados os acontecimentos, convulsiona-lhe as feições a vibração da paixão politica.

Litterariamente são esses documentos de muito curiosa analyse. Nas proclamações e manifestos que se trocaram entre esses homens realmente heroicos e o povo e a antiga regencia já é delicioso ver a quantidade de epithetos carinhosos que de um e de outro lado se dirigem a el-rei D. João VI. «O nosso bom e adoravel soberano» é a phrase que se encontra a cada instante nas proclamações da junta do Porto. Ha uma que lhe chama «o nosso amavel soberano».

De um e de outro lado fervem as apostrophes n'aquelle estylo declamatorio que estava muito no gosto da epocha, e de que se encontram vestigios em França, no periodo revolucionario de 89. Roma e Grecia estavam então na ordem do dia, e por isso não

Digitized by Google

admira que já, n'uma proclamação, se chamasse a Antonio da Silveira o «Catão portuguez». Outro dirigia-se aos manes de Viriato, e dizia-lhes que não vestissem lucto. Lendo aquelles documentos, parece que estamos a ver esses honrados patriotas, de enormes gravatas, e de calção, e de casacas de briche, a reunirem-se ás oito horas da manhã para deliberarem sobre os negocios publicos. Manes de Fernandes Thomaz, diremos nós tambem, nem para a mais justa das revoluções encontrarieis essa gente levantada ás oito horas da manhã!

Fazendo contraste com estas proclamações floridas e empoladas, cheias de reminiscencias classicas, ha outras evidentemente de tarimbeiros, que são de uma brutalidade um pouco imprevista em documento de natureza official. Tal era a proclamação do tenente-general Antonio Marcellino da Victoria aos povos da Beira que elle governava. Devemos dizer, para esclarecimento do assumpto, que nem o general Victoria nem o conde de Amarante, que governava Traz-os-Montes, tinham adherido á revolta do Porto.

Marcellino da Victoria diz então aos Beirões:

«Só lhes devo trazer á memoria aquellas proclamações ou *palanfrorios* com que Bonaparte nos promettia todo o bem, porém causava-nos todo o mal. Todos são testemunhas d'estes enganos, e por isso é que eu peço se não deixem illudir e enganar por uns papeis, e que todos são cavillosos.

Viva el-rei nosso senhor! viva el-rei nosso senhor! viva el rei nosso senhor!»

Pouco eloquente, mas convencido, como se vê! O peior é que o povo não ouvia senão gritos de «viva el-rei nosso senhor» de ambos os lados. A junta do Porto chamava a D. João VI o nosso adorado soberano, a regencia de Lisboa chamava-lhe o mais amado de todos os reis.

Parecia que os dois partidos disputavam entre si o rei ausente, como dois rivaes podem disputar entre si a posse do objecto amado, e não havia madrigaes que lhe não rendessem.

Entre todos esses proclamadores, que faziam voar os manifestos de um lado ao outro do paiz, tinham um feitio especial os dois coroneis dos regimentos do Porto, que haviam iniciado a revolução, e feitios tão similhantes que desconfiamos que era o mesmo secretario quem lhes redigia as proclamações. Esse secretario devia ser amador da boa litteratura, porque não havia proclamação em que não citasse versos, modificando-os tambem, ás vezes, conforme o requeriam as circumstancias. Era assim que punha na bocca de Sepulveda, dirigindo-se aos seus soldados, as seguintes phrases pomposas:

«Camaradas! União, obediencia, valor e perseverança. Lisboa nos espera; nossos irmãos de armas nos acenam, e a immortalidade nos aguarda.

Se o desterrado e illustre vate portuguez cantou com enthusiasmo que ao maior povo do mundo

> Nos magnanimos peitos ferve e estoira
> Ancia briosa de metter os hombros
> A' conquista da cara liberdade.
> Escravos hontem, são romanos hoje.

«Appropriando-se a nós esta descriptiva deliberação de patriotismo de um povo nobre e bellicoso, digamos com o enthusiasmo patriotico de verdadeiros portuguezes,

> Escravos hontem, somos lusos hoje.»

E, entretanto, Bernardo de Sepulveda, provavelmente servindo-se da mesma penna, dizia aos Portuguezes:

«Vigiae cuidadosos vossos interesses, vossa segurança. Taes são os meus sinceros votos

> Eu d'esta gloria só fico contente,
> Que a minha patria amei e a minha gente.»

Entre todos estes documentos officiaes, documentos curiosissimos, que revelam, debaixo das formas declamatorias d'esse tempo, o ardor do sentimento que animava os iniciadores da Revolução, ha um escripto n'uma forma familiar, que é tambem digno de ser registrado. E' a participação official que fez o conde de Rezende dos acontecimentos de 15 de setembro em Lisboa.

O conde de Rezende começa o officio da seguinte fórma:

«No dia 14 do corrente, estando em minha casa (coisa muito usual, tanto pelo meu genio melancholico, como por afflicções domesticas que ha annos me perseguem e molestias) chegou um soldado de policia com um officio do ajudante-general etc.»

Conta depois como, tendo sido encarregado de impedir que a guarnição de Lisboa se reunisse no Rocio, tivera, pelo contrario, de se pôr á sua frente, e de se deixar nomear governador do reino, apesar do seu genio melancholico, das suas afflicções domesticas e das suas doenças. E não se julgue que elle disfarçava o seu verdadeiro sentimento. Na revolução de 1820, como em todas as grandes revoluções, foram muitas vezes os menos revolucionarios impellidos pelo povo a tomar a sua direcção, e outras vezes os principaes revolucionarios, os que tinham dado o impulso ao movimento, foram sacudidos pela onda que lhes passava por cima.

E' eloquente, é cheia de grandes ensinamentos e de curiosas revelações a collecção dos documentos habilmente coordenados pelo sr. Clemente José dos Santos. Mais d'uma vez iremos colher a esse riquissimo repositorio os elementos necessarios para expôrmos á sua verdadeira luz algum acontecimento importante da nossa historia contemporanea. Hoje apenas debicâmos, colhendo aqui ou além uma ou outra curiosidade litteraria.

PINHEIRO CHAGAS.

DE NOITE

Desceu de ha muito a noite silenciosa.
A lua, como um lyrio immaculado,
Abre o calix d'amor, urna saudosa,
No azul d'astros serenos cravejado.

Quem me déra sonhar o meu noivado
N'aquella estancia doce e luminosa,
E aspirar-te os perfumes, branca rosa,
Longe das garras cruas do peccado.

Talvez que, se eu vivesse n'esses mundos,
Calados, cheios de segredos fundos,
Te seguisse do alto dos espaços,

E, estrella ou nuvem solitaria, um dia
Cahira inerte, inanimada e fria
No abysmo luminoso dos teus braços.

JOAQUIM DE ARAUJO.

AS NOSSAS GRAVURAS

CRESCE E APPARECE!

(Quadro de Rodolpho Epp)

Dez leguas em redondo, não se encontra, pelas aldeias proximas uma serranasinha mais formosa.

Vejam aquella perfeição!

Olhos negros e rasgados, cabellos fartos, d'azeviche, desenrolando-se pelas faces morenas n'um desalinho artistico, braços roliços e curvas graciosas precocemente desenvolvidas...

E' pequena ainda, mas já olha para a sombra com uma garridice de mulher feita; e, aos domingos, adorna a cabecita airosa com laços bem talhados e flores do mais bello perfume.

Os velhotes do sitio, quando ella assoma á sua beira, radiante de mocidade e cheia de frescura, dizem-lhe sorrindo:—Bemza-te Deus!

Os rapazes, antegozando o prazer que lhes dará um simples olhar da bella morenita, quando ella tenha mais dois ou tres annos por cima, lambem os beiços e segredam-lhe na passagem:

—Cresce e apparece!

DOIS BONS CAMARADAS

(Quadro de Carl Froschl)

A melhor amiga d'aquella gentil creança é a cabrinha que lhe encosta humildemente o focinho no collo, saboreando as golodices ministradas pela sua mão pequenita e acariciadora.

A' tarde correm ambas pelas estreitas aléas do hortejo, retouçando alegremente; e ás vezes, quando a noite chega, vão encontrar as duas dormindo um placido somno, muito aconchegadinhas, sobre o talude relvoso que conduz á estrada.

Dois bons camaradas, o que um come come o outro; prodigalisam-se caricias affectuosas, e o lindo animalsinho paga em meigas lambeduras pelas mãos e pelas faces da juvenil companheira, os beijos com que esta a anima durante o dia.

São taes as festas e os affagos, que até a mãe da cabrinha mimosa chega a ter ciumes, vindo ás vezes intrometter-se n'aquelles idyllios, como quem diz:

—E eu, onde fico?

A PROVA DOS VINHOS

Entendido na materia, aquelle anafado velhote de côres sadias e abdomen sacerdotal conhece pelo olhar ou pelo cheiro qual é o melhor nectar da adega. Os seus olhos experientes e a sua pituitaria sensivel não se enganam nunca tomando gato por lebre. Em todo o caso, isto não o impede de recorrer a outros meios de prova, que menos duvidas lhe deixem no espirito e no estomago.

Quando se apanha sósinho, entre o seu exercito bem alinhado de toneis, de barris e de quartolas, no fresco ambiente da adega, faz mais do que cheirar e ver; não se limita ao simples namoro do

Digitized by Google

DOIS BONS CAMARADAS (Quadro de Carl Froschl)

Digitized by Google

Digitized by Google

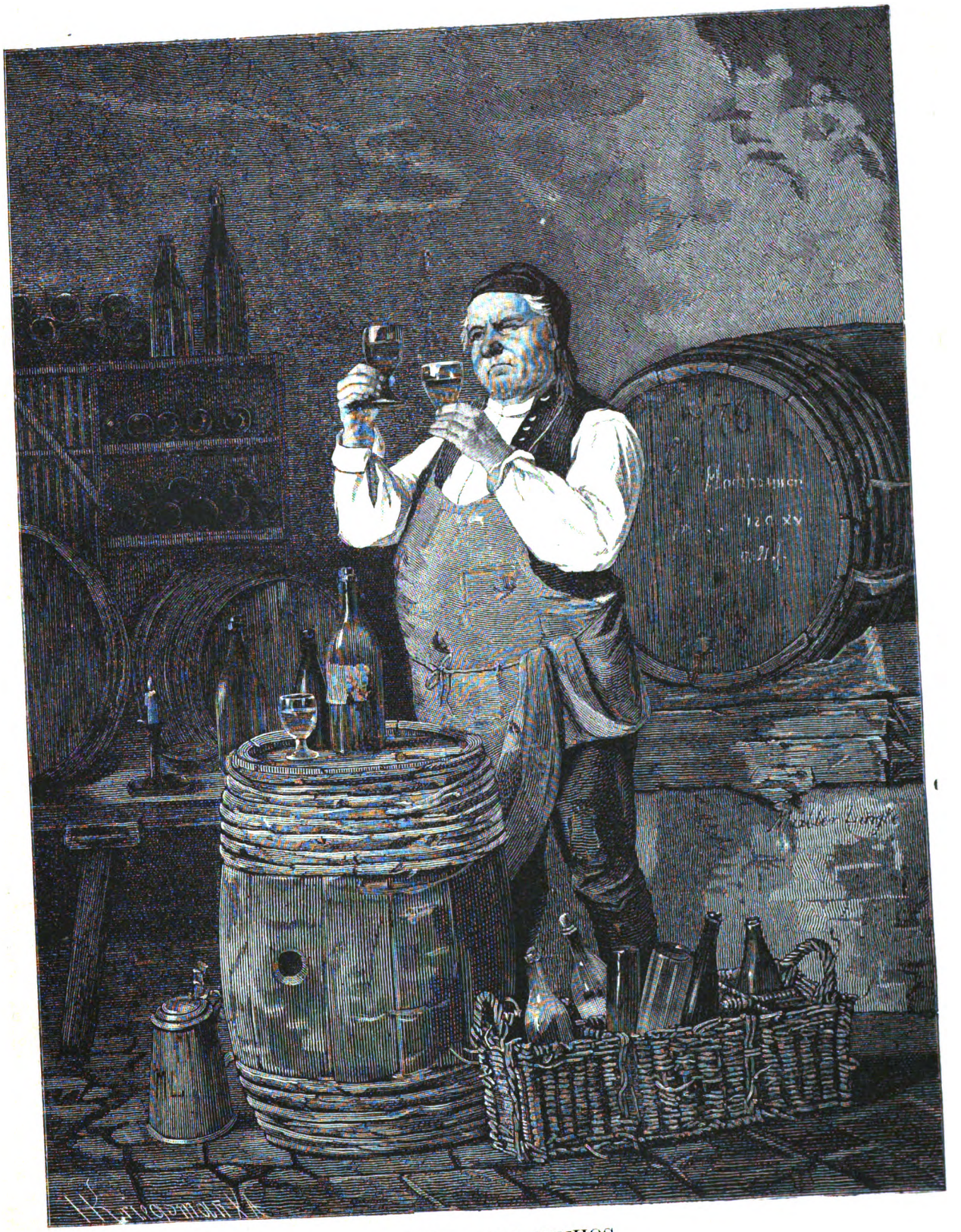
A TOCADORA DE GUITARRA

(Quadro de Parker)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google



A PROVA DOS VINHOS

Digitized by Google

saboroso Falerno: esvazia primeiro um copo, depois uma garrafa, em seguida um cangirão, e só assim é que se convence da excellencia da pinga.

As mais das vezes não fica inteiramente convencido, e repete a operação no dia seguinte, para poder dizer a si mesmo a ultima palavra sobre o caso.

A TOCADORA DE GUITARRA

(Quadro de Parker)

Podia ter aprendido a tocar piano, mas não quiz: é banal e rocócó: representa o instrumento da decadencia; symbolisa as meninas da burguesia indigena com todos os seus ridiculos; corre parelhas com o realejo desafinado e lamuriento, que os napolitanos nomades passeiam por toda a parte, de villa em villa, de aldeia em aldeia.

Sentindo um profundo horror por esse paspalho macrobio das salas do *demi-monde*, atirou-se á guitarra elegante, e agora a vereis dedilhar, com mão experimentada, aquellas cordas sonorosas, d'onde se desprendem as languidas harmonias do *corridinho* e os arrebatadores compassos das valsas de Strauss.

UMA CASCATA DO RIO PARAHIBA. (BRAZIL)

O rio Parahiba é um dos mais caudalosos que atravessam a provincia do Rio de Janeiro.

Em varios pontos do seu longo curso tem admiraveis quedas, e forma enseadas deliciosamente pittorescas.

A nossa estampa representa um dos prodigiosos saltos d'aquella massa enorme de agua, apertada entre duas soberbas montanhas, cobertas de florestas impenetraveis.

Depois da queda espraia-se n'um lago de mais de tres kilometros de largura.

O rio Parahiba atravessa, na maior parte do seu curso, dilatadas planicies de perpetua verdura, e magnificas florestas.

C. D.

O VÉU

I

Ella achava-o meigo e encantador, extasiava-se na demorada contemplação dos seus grandes olhos negros, que a envolviam de chammas apaixonadas. Mas isto era pouco ainda; não lhe bastava vel-o empallidecer a uma palavra que se desprendesse dos seus labios, tremer ao contacto da sua pequenina mão setinosa...; queria mais: desejava que elle arriscasse a vida para satisfazer um dos seus caprichos. Só assim se reputaria amada...

II

Caminham ambos, silenciosos, á beira-mar, sobre uma fila de rochedos ingremes e escalvados. Nos olhos claros d'ella accendem-se de repente faiscações crueis. No seu diabolico sorriso ha um não sei quê de estranho e infernal...

Desatando um comprido véu branco que se enrola em volta do seu chapeu de palha d'Italia, estende-o por sobre o precipicio sem fundo e abandona-o ao vento. O ligeiro tecido fluctua como uma aza d'aguia no azul intenso do ar, e vae pousar-se na ponta de um rochedo inabordavel.

III

Então, no grande silencio d'aquella paragem solitaria, ouve-se a sua doce voz murmurar suavemente: «Se me tivesses amor, irias buscal-o!...»

Sem lhe responder, elle contempla-a um instante e vendo que ella o expõe assim a uma morte certa, o seu coração fecha-se ao amor, torna-se frio e insensivel como a neve das altas montanhas. O medo, porém, não o assalta. Resoluto e audacioso, lança-se no abysmo, similhando um Archanjo em pleno ceu...

IV

Que força desconhecida o sustém? Que protecção ignota o ampara?... As anfractuosidades do rochedo não lhe rasgam as carnes; o seu pé não escorrega, indeciso e vacillante, no musgo das toscas pedras. Está salvo!

N'um impeto vigoroso, trazendo ainda impressa nos olhos a visão sinistra da morte, consegue alcançar o ponto d'onde se despenhára... Na sua mão trémula fluctua o véu branco da amante cruel.

Ella, triumphante, com um sorriso nos labios, e, d'esta vez, verdadeiramente apaixonada, vae agradecer-lhe, estendendo os braços. Mas elle repelle-a e foge, dizendo:—Não! Sou eu quem lhe devo reconhecimento. O meu amor morreu!

SANTILHANA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

FLORENCIO FERREIRA JUNIOR.—Sim senhor; a sua charada é boa e o enygma póde passar, áparte o desenho.

ANTONIO C. DA SILVA.—Versos e charadas, uma desgraça. Mande melhor e será servido.

CARMO E SOUSA.—Recebemos e agradecemos. Hão de ter a sua vez.

A. MARIA DO REGO.—Muito bem. Como charadista é dos primeiros. Continue.

D.—A solução do seu problema do *regimento* não nos satisfez. Fica de remissa.

TIBURCIO.—O problema n.º 2 do Xadrez é o final de um jogo entre dois amadores,—Cochrane e outro,—que se encontra no *Chess Praxis de Stanuton*.

A solução apresentada no nosso ultimo numero é a do livro, não tendo nós visto o movimento a que v. ex.ª se refere, por julgarmos certa a solução. A culpa cabe, portanto, ao livro citado.

O movimento que aponta é effectivamente o melhor, e o mate não póde dar-se em tres lances.

TOM POUCE.

CHARADAS

Esta repetição é medida por este instrumento—2—2.

Cuba. ADELINO.

Pelo correio corre este homem—2—2.
Em casa d'esta coxa ha uma cidade—2—2.

H. RODRIGÃO.

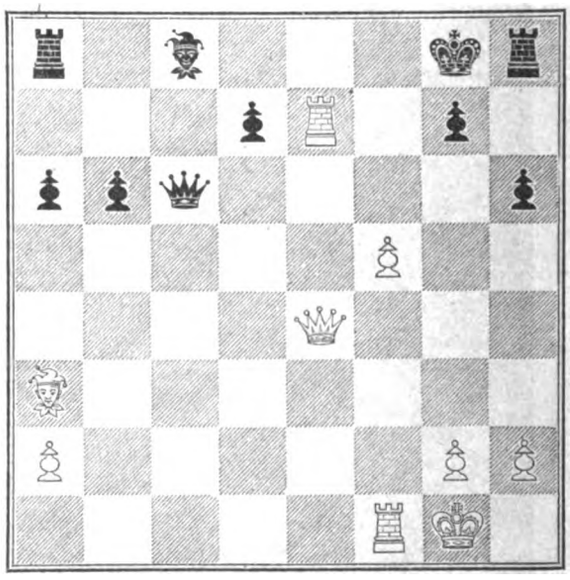
Defende e salva, se podes—2.
ao que n'esta vá cair—2
que pode bem, não o nego,
recreiar e instruir.

Reguengos. J. A. MARQUES.

XADREZ

PROBLEMA N.º 4

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

PROBLEMA

Dividir a figura formada por tres quadrados eguaes e justapostos, em quatro partes sobreponiveis. Achar alguma das figuras formadas pela reunião d'estas quatro partes.

MORAES D'ALMEIDA.

Digitized by Google

LOGOGRIPHO

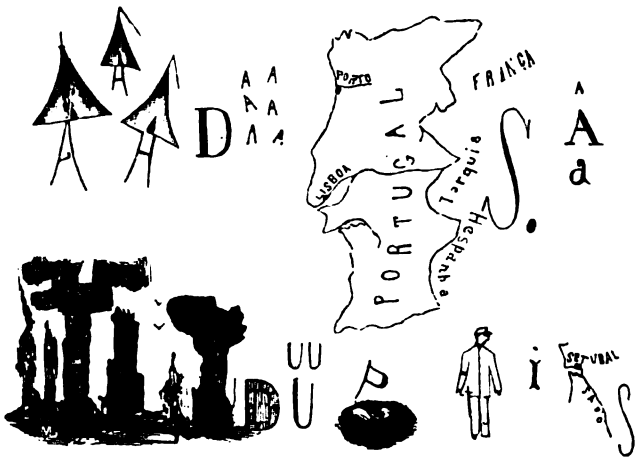
N'esta ilha eu aportei;—3—11—1—9—6
e com grande espanto meu—3—2—6—6—7—6
encontrei um animal—10—12—8—10—5
que par'ecia vir do ceu.—1—9—6—3—4

E' uma sciencia o conceito,
Sciencia pouco vulgar.
Já te dei, caro leitor,
Um clarão p'ra adivinhar.

Cuba. ADELINO.

ENYGMA PITTORESCO

N.º 5



MIGUEL.

A RIR

X... usa na lapella da sobrecasaca uma fita vermelha, de cavalleiro de Christo, muito larga e não menos comprida.

Um amigo encontra-o no Chiado, e diz-lhe:

—Ainda bem que te vejo; preciso fazer-te uma pergunta.

—Estou ás tuas ordens.

—Onde compras esses *cache-nez* da ordem de Christo?

*

O creado do marquez de L... traz constantemente uma gravata branca, enormissima.

Perguntando-se ao patrão o porque d'esta excentricidade, responde:

—É para poder ver bem onde lhe principia a cabeça.

*

—E' espantoso como se morre!

—Comtanto que não sejamos nós!...

—Não peço tanto, meu caro: comtanto que não seja eu!...

*

Um dito, que póde não ser novo, mas que é muito pratico:

—Disseram-me que ias associar-te com o Gastão. E' certo?

—E'.

—E com que entras tu n'esse negocio?

—Entro com a minha experiencia e Gastão fornece o capital. A nossa sociedade deve durar tres annos; no fim d'esse tempo, elle terá a minha experiencia e eu terei o seu capital.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.

1.º—Paulo
2.º—Pachá
3.º—Camarim
4.º—Ave-Maria

Da fuga de consoantes:

Sympathia é um sentimento,
que nasce n'um só momento
sincero no coração.
São dois olhares accesos,
bem juntos, unidos, presos,
n'uma magica attracção.
Sympathia são dois galhos
banhados de bons orvalhos
nas mangueiras do jardim,
bem longe ás vezes nascidos,
mas que se juntam crescidos
e que se abraçam por fim.

CASIMIRO DE ABREU.

(As Primaveras).

Xadrez—Solução do 3.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. P. 7 T. R. cheque.	1. T. toma P.
2. C. toma T.	2. P. 7 T. D.
3. B. 7 C. R.	3. P. 8 T. D. e faz dama.
4. C. 6 B. R. cheque e mate.	

Do problema:

As figuras 1 e 2 indicam o modo de dividir o rectangulo proposto em duas partes eguaes, que reunidas formem um quadrado.

FIGURA 1

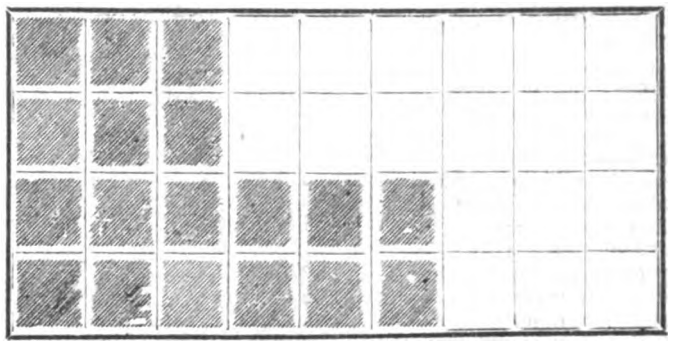
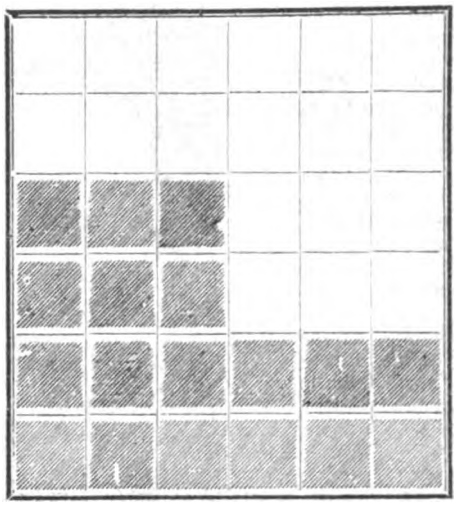


FIGURA 2



UM CONSELHO POR SEMANA

CONSERVAÇÃO DO LEITE

Durante a estação calmosa pode conservar-se o leite por muitos dias, deitando em cada litro uma gramma d'acido borico. A presença d'este acido não pode de modo algum ser prejudicial ao leite nem nociva á saude.

A COZINHA DOS ANJOS

(DE CATULLE MENDÉS)

Uma d'estas tardes, acabava eu de chegar ao alto da collina, quando vi de repente um Anjo, pousado no tecto de ardosia da capella.

A' primeira vista, poderia tomar-se a fórma branca e fluctuante por um véu de neblina, atirado para ali por um pé de vento: mas não é em vão que os olhares dos poetas estão habituados a descobrir as realidades celestes, occultas sob a falsa apparencia das illusões: reconheci logo que era um Anjo.

Digitized by Google

Estava assentado em um dos braços da cruz, immovel, com a fronte curvada para o valle; as suas azas brancas pendentes, assimilhavam-se aos braços de uma donzella, cruzando-se no seio.

Como é muito raro encontrar na terra um ser paradisiaco, entendi que devia aproveitar o ensejo para esclarecer algumas duvidas que me restavam, ácerca da natureza e costumes angelicos; approximei-me, pois, do filho da luz, resolvido a interrogal-o.

Mas opprimia-me um receio.

Que titulo lhe daria eu?

Que posto teria elle conquistado nas divinas milicias?

A qual das tres hierarchias pertenceria?

Deveria chamar-lhe Archanjo, Seraphim, Cherubim?

Quem sabe se ao ruido dos meus passos, ao som das minhas palavras, elle bateria as azas e voaria, deixando no ar um rastro luminoso e logo extincto, e na minha alma um sonho?

Contra a minha espectativa, o anjo não fugiu; com quanto não levantasse a cabeça, pareceu-me notar-lhe no cabello de oiro um imperceptivel movimento.

Animado, dobrei o joelho, e, tratando-o por Espirito Celeste, dispuz-me a fazer-lhe a pergunta que me queimava os labios.

Alimentam-se os anjos? e, no caso affirmativo, o que comeriam elles? Problema capital, objecto de tantas controversias!

Julius Sperberus assevera, um pouco á tôa, que os anjos se sustentam de ambrosia e maná; Jacob Bœhme, no capitulo relativo ás sete qualidades adstringentes de Deus, mette a ridiculo o pseudo-*menu* de Sperberus; Jane Pordage, depois de pesar os prós e contras, não sabe o que ha de resolver.

Era evidente que havia uma tal ou qual irreverencia em importunar com similhante pergunta uma creatura immaterial, como se se tratasse de um papagaio, a quem a gente diz:

«Almoçaste, meu loiro?»

O Anjo, porém, não se mostrou offendido, e, com uma voz musical, feita de harmonia e de claridade, respondeu:

*

«Sim, como os passaros e as creanças, como as borboletas e as mulheres, nós alimentamo-nos, eu e meus irmãos; mas o nosso sustento não se assemelha áquelle em que se deleita o grosseiro appetite dos homens e dos animaes. Não julgues, entretanto, que as estrellas sejam fructos milagrosos, cobertos de cascas de ouro, nem que a nossa comida se componha do perfume das flores paradisiacas, ou do radioso leite da via lactea. O nosso alimento—oh! privilegiado goso!...—é o halito das virgens da terra. Eis a que é destinado o sopro dos castos labios, que nenhuma bocca beijou. Elle sobe intacto, distincto entre todos os aromas, e cada anjo que o absorve aspira a alma vaporisada de uma creança.

São os nossos deliciosos festins, os nossos incomparaveis agapes! A vida alada das ephemeras donzellas, alimenta a nossa perpetua existencia. Algumas vezes, succede que a respiração de uma virgem, sopro debil, subtil e delicado, não póde elevar-se até ao paraizo que o aguarda: então, o Anjo a quem elle é destinado, vôa, desce ao vosso mundo para o colher nos labios que o exhalam, como uma mulher curvando-se para aspirar uma flôr.»

*

Depois de ter agradecido ao Anjo a condescendencia que elle me testemunhou, ousei ainda perguntar-lhe:

«Nenhuma outra respiração, a não ser a das immaculadas, póde alimental-os?»

—Nenhuma, volveu o seraphim.

—Pois não lhes seria agradavel aspirarem o delicioso aroma que evaporam, como rosas abertas, as boccas das nossas esposas?

O anjo teve um gesto de desdem, quasi de despreso.

Julguei prudente não insistir, limitei-me a insinuar, com um começo de familiaridade, que nada tinha de offensivo:

«Se eu comprehendi bem o que se dignou revelar-me, deprehendo que terá descido esta noite, á hora da comida, attrahido pelo desejo de aspirar o halito de alguma menina?»

—Não te enganas, retorquiu sorrindo o espirito celeste. Durante o tempo que me ouviste senti inundar-me uma ineffavel frescura, que me penetra e extasia. Ella está adormecida, branca como o seu pequeno leito de neve, guardado por uma cruz. Dorme e não sonha; e a sua respiração, o meu doce alimento, rumoreja-lhe nos labios como o longiquo zumbido de uma abelha! Nunca ella levantou os olhos para os galanteadores que a adulam, e tarde soará a hora em que o beijo de um esposo macule a sua casta bocca. E' tão pura, que não quiz nunca saber o motivo porque as outras raparigas contemplam, com o rubor nas faces e um relampago de inveja nos olhos, as noivas que sahem da egreja pelo braço dos seus maridos; quando se deita, abraça-se á boneca, estendida ao lado d'ella, e diz-lhe: «Boa noite, irmãsinha!» Neve immaculada, lyrio alvissimo, a tua ideal pureza não chegará nunca a attingir a immaterial candura de um leito de virgem!...»

UMA CASCATA DO RIO PARAHIBA. (BRAZIL)

*

Fallando assim, o Anjo parecia experimentar uma ventura infinita; translusia na expressão do seu rosto,—se é licito comparar os gosos divinos com os prazeres humanos,—o visivel bem estar do gastronomo, ao saborear uma delicada iguaria.

De subito, o celestial goloso fez uma careta, que me surprehendeu.

Por acaso teria o adoravel manjar soffrido alguma alteração? Seria possivel que um beijo imprevisto (cruel hypothese!) houvesse interrompido a ceia do Anjo?

Dispunha-me a interrogal-o, quando, de repente, o vi desdobrar as azas e desapparecer no azul!

Afastei-me, convicto de que o regimen alimentar dos Espiritos Celestes não deixa de estar sujeito a terriveis inconvenientes; e de que será sempre bom que os anjos guardem, de reserva, dois ou tres *menus*, aliás succeder-lhes-ha, não raro, deitarem-se sem terem ceiado.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno

Lisboa, 18 de agosto de 1884

Numero 8

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O movimento de 15 de setembro de 1820*, por Pinheiro Chagas.—*Do ultimo romantico. (Dia de annos)*, versos, por Macedo Papança, visconde de Monsaraz.—*Cortezias*, por D.—*Em familia, (Passatempos)*.—*Um conselho por semana*.—*As nossas gravuras*, por C. D.

GRAVURAS.—*A morena e a loira*.—*Espera-me á noite!...*—*O primeiro dia de escola*.—*O naufragio*.—*A ramalheteira*.

A MORENA E A LOIRA (Quadro de Henri Bource)

Digitized by Google

CHRONICA

D'esta vez não são os assumptos que faltam; é o espaço que não sobeja. Ha dias em que o chronista padece torturas do inferno para encontrar um *caneros*, dias medonhos de esterilidade, em que Lisboa não dá mesmo nada na politica, no escandalo, na vida mundana ou na vida artistica. Nem um assassinio, nem uma questão apaixonada e ardente como este implacavel calor d'agosto que nos torra, nem uma simples festa de caridade... Tudo chato e sereno, tudo agua morna e capilé frio dos mais insulsos!...

E é precisamente então, quando, por um escarneo do zombeteiro acaso, o espaço destinado á chronica se alonga mais e mais, e cresce e avulta, á medida que os assumptos rareiam e que o chronista, não tendo nada para dizer ou para contar, se vê quasi resolvido a impingir alguma funebre historia de Baudelaire, já sédiça, n'este local que devia ser sempre um repositorio de coisas novas, alegres e doudejantes, como avesitas a esvoaçarem em pleno azul, saudando os primeiros clarões da aurora com um cantico festivo.

Hoje, que ha de tudo um pouco, hoje, que os themas fervilham em volta da nossa mesa de trabalho, qual d'elles mais convidativo e mais tentador, quer o mesmo acaso escarninho que tenhamos por força de deixar ignorada, nos abysmos negrejantes do tinteiro, muita coisa digna de saber se, porque não ha espaço para largas narrativas.

Emfim, que remedio?

=E a semana foi excepcionalmente movimentada, foi, tendo-se a politica encarregado de lhe imprimir grande parte d'essa agitação febril que a caracterisou.

Emquanto o bello sexo da *haute-gomme* histerica emigra aos bandos para as praias de Espinho e da Figueira, onde a eterna vaga faz rolar por sobre a areia alvejante os mesmos seixinhos espheroidaes, com um ruido monotono, os jornalistas herculeos e sanguineos da politica conservam-se no seu posto de combate, sem ares de campo e sem banhos do mar, rolando pelas columnas das gazetas um nome já celebre—Pinheiro Chagas—e outro que o era apenas no *Barbeiro*,—Basilio Castello Branco—se lhe tirarmos o appellido e lhe acrescentarmos um *Dom*.

Estes dois nomes enlaçam-se, misturam-se e confundem-se nos periodicos indigenas, a proposito d'uns sapaes algarvios, que o citado sr. Basilio pediu ao governo, para os mandar beneficiar, e que o governo lhe concedeu, mediante condições estipuladas em decreto. D'ahi, uma questão salgada como os terrenos cedidos, e mais que salgada—azeda,—em que os derivativos do verbo *alagar* pullulam e se multiplicam, de cambulhada com alguns palavrões menos correctos e bem soantes.

A Fazenda nacional é uma *alagadeira*, dizem as folhas.

O ministro da marinha um *alagador*.

O governo um *alagado*.

O sr. Basilio um *alagadiço*.

A concessão um *alagamento*.

Os jornaes que defendem o ministro uns *alagadiceiros*.

Todo aquelle que florêa no torneio jornalistico pelo concessionario, *alaga-se*.

A imprensa que quebra lanças pelo decreto, anda *alag damente*.

A situação regeneradora chafurda n'um *alagamar*.

E, n'este tiroteio *d'alagadiços*, n'este *rally-paper* de *alagamentos* e de *alagadores*, o nosso espirito chega a *a agar-se* d'um aborrecimento descommunal e invencivel, que nos faz bradar, paraphraseando o grande poeta inglez:—«O' politica, o teu nome é sensaboria!»

=Depois dos alagados, os *incendiados*, outro assumpto que encheu a semana com subscripções, festas e concertos.

E' já do dominio de toda a gente o incendio da Caparica, e toda a gente sabe, tambem, que esse fogo reduziu a cinzas as cabanas dos habitantes d'aquella praia, uns pobres homens, cuja vida é pescar, e cuja fortuna, cifrando-se em dois cacos velhos e outras tantas redes legadas de paes a filhos, foi toda por agua abaixo no sinistro, se não é mais correcto dizermos «pelo fogo abaixo.»

Desenvolvendo uma actividade, que corre parelhas com a sua estatura assombrosa, o representante dos almadenses e dos capariqueiros em côrtes, de camaradagem com varios phylantropicos da nossa imprensa periodica,—ainda os ha.—vota-se á missão nobilissima de restaurar Caparica feita em torresmos: angaria donativos; realisa um grande concerto na Explanada dos Recreios, a bem dos seus eleitores prejudicados pelo fogo; pede ás bandas regimentaes que toquem para elles: convida os industriaes a soccorrerem aquella negra miseria com os productos da sua industria; revolve Lisboa em peso para suavisar o infortunio dos pescadores de Caparica, como Arthur Meyer revolveu Paris para minorar a desgraça dos habitantes da ilha de Ischia.

E é assim que os capariqueiros, uns infelizes que viviam, antes do incendio, sob desconfortaveis e miseros tectos de colmo, em esboroadas e nojentas cubatas, vão agora ter cabanas do trinque, muito garridas e muito sécias, onde se refaçam dos prejuizos do incendio, abençoando o Ceu por lhes ter enviado um fogo providencial, e a urna por lhes ter dado um representante de feição, ainda muito mais generoso e activo que com pido e bem posto.

Se eu tivesse a certeza de ser tão feliz como os indigenas de Caparica, e se o deputado a quem dei o suffragio me garantisse sorte egual á que lhes coube, amanhã ou hoje mesmo —*chi lo sa*—pegava fogo aos meus penates. Palavra de honra que o fazia, e sem remorsos de grande monta.

= A população de Lisboa continua a desertar para longe das nossas vistas. Uns demandam a frescura balsamica dos campos; outros aprôam á Ericeira, á Granja e a Espinho, em busca das salsas ondas; outros, ainda, seguem o rumo das Caldas da Rainha e de S. Pedro do Sul, necessitados de mergulhar o corpo enfermo nas thermas d'aquellas abençoadas paragens.

Os que ficam, raros, quedam-se com o espirito povoado por magicas visões de brancas praias, onde perpassam bandos saltitantes de mulheres olympicas, exhibindo *toilettes* cor de rosa e fatos de banho azul *marin*.

Os que partem, aos que partem sinto eu desejos de repetir estes deliciosos versos de Musset, embora guarde n'alma a pena cruciante de não poder ir com elles:

«Que t'en vas tu chercher, sinon quelque hasard,
Et que rapportes tu sinon quelque souffrance?!»

=A estatistica criminal tem a registrar mais um assassinio, praticado em Lisboa com a arma traiçoeira e asquerosa dos vilões e dos covardes—a navalha.

O crime perpetrou-se de noite, lá para a calçada do Poço dos Mouros, n'um bairro infestado por gente de má nota, com a folha corrida cheia de maculas.

O assassino pertence á raça damninha d'esses *fadistas* emeritos, que fazem da vadiagem uma doutrina, da ociosidade um artigo de fé, e do crime uma religião. Tem 21 annos, e já registra, nos seus pergaminhos de malandrim encartado, mais de 15 prisões por varias *façanhas*.

Aos quatorze annos dava, pela primeira vez, entrada no Limoeiro. Quando d'ali sahiu vinha mestre na arte de esfaquear o proximo.

O assassinado era um trabalhador honesto. Deixa de si memoria honrada, e mulher e filhos sem pão.

Triste!

=Para desvanecer tristezas, eu podia agora dizer-lhes alguma coisa a respeito da companhia acrobatica e gymnastica do Colyseu, que se estreiou já, mas o espaço...

Fallaremos d'ella no proximo numero.

C. DANTAS

O MOVIMENTO DE 15 DE SETEMBRO DE 1820

Respiguemos ainda no excellente livro do sr. Clemente dos Santos alguns factos interessantes.

Vimos, no artigo anterior, um trecho curioso do officio do conde de Rezende. Refere-se este officio ao movimento de 15 de setembro de 1820, que foi a repercussão, em Lisboa, do movimento de 24 de agosto no Porto.

Tentára a regencia resistir ao movimento portuense, e durante tres semanas conseguira effectivamente impedir que rebentasse em Lisboa o enthusiasmo revolucionario que refervia em todos os espiritos. Temiam-se elles principalmente da tropa e tinham razão. Lisboa por si é pacata, e pouco atreita a correr as aventuras das revoluções, mas os officiaes e os soldados, inflammados pelas proclamações ardentes dos seus camaradas do Porto, já mal continham a sua impaciencia. Sabia isso o governo, e por isso procurava evitar todo o contacto de tropas com o povo. Ora no dia 15 de septembro, anniversario da retirada dos Francezes, depois da convenção de Cintra, havia uma festa em Lisboa e parada. Entendeu-se que era necessario evital-a, e foi por isso que o ajudante general Mósinho ordenou ao conde de Rezende que tivesse entretidos, durante o dia e a noite de 15, os regimentos de infanteria 4, 10 e 16. Este ultimo era commandado pelo coronel inglez Inodgrass.

A regencia, porém, estava já sendo mal servida, porque o proprio conde confessa no seu officio que só ao meio dia e meia hora do dia 15 de setembro é que se dirigiu ao quartel do 16, por saber que elle estava em fermentação. Se elle chamava entreter o corpo conserval-o preso no quartel, no dia em que, soldados e officiaes, sabiam que deviam formar em parada, fazia uma singularissima idéa da significação das palavras.

Foi, e o regimento recebeu-o quasi em revolta. Quando fallava aos officiaes sentiu de repente bradar ás armas, e, saindo para a

Digitized by Google

parada do quartel, encontrou uma companhia armada, e prompta a marchar para o Rocio. Era esta, naturalmente, a companhia do commando do tenente Aurelio José de Moraes, que uma falsa tradição, registrada por Innocencio Francisco da Silva no artigo biographico por elle consagrado a Frederico de Moraes, filho do tenente Aurelio, diz que se apresentou com a sua companhia em armas no Rocio, a dar vivas á junta do Porto. Não foi assim: Foi a companhia de Aurelio de Moraes que tomou a iniciativa do movimento no quartel, movimento que arrastou o conde de Rezende, o qual, allegando, como allegou no seu officio, *que as baionetas quando pódem, mandam*, marchou para o Rocio com o regimento 16: e é por tal fórma electrica, n'estes momentos supremos, a noticia de qualquer movimento decisivo, que, segundo affirma o conde, quando o regimento entrou no Rocio, encontrou apenas alguns grupos dispersos de paizanos, mas quando chegou ao meio do praça, já difficilmente conseguiu desenvolver-se em linha, porque a turba immensa não deixava liberdade para a manobra, e porque nem já se ouviam as vozes de commando no meio do espantoso tumulto de vivas ao rei, á religião, á constituição que as côrtes fizessem, ao regimento e á junta do Porto.

Alli proclamou o povo tumultuosamente um governo provisorio, de que fez parte o conde de Rezende, tendo-se reunido immediatamente a guarnição toda no Rocio. De um instante para o outro desappareceu a regencia, e estabeleceu-se o novo governo provisorio, sem um protesto sequer, porque o proprio ajudante general Mósinho, todo creatura do Beresford, apparecendo no Rocio, nem tempo teve de fazer recriminações, sendo já custoso salvar-lhe a vida.

No dia 17 de setembro fez-se no mesmo Rocio uma parada magnifica, no meio dos clamores enthusiasticos do povo.

Tem cabimento aqui uma anedocta curiosa, que a gravidade historica não deixaria inserir n'um livro serio, mas que, n'estas paginas fugitivas, pode figurar sem desdouro. Conta-a n'um livro pessimamente escripto, mas cheio de informações interessantissimas, um Francisco José de Almeida, que rabiscou lembranças da sua vida com o titulo de *Apontamentos da vida de um homem obscuro*.

Diz elle que, sendo então criança, esteve tambem no Rocio assistindo á parada. O povo soltava mil gritos diversos, e o conde de Sampaio, que apparecera á varanda do palacio do governo, respondia o melhor que lhe era possivel ás suas reclamações e exigencias. Um padre, que estava na frente do pequeno, com a sua bota de canhão e borla, e brandindo energicamente uma bengala abbacial, vociferava com os outros.

—Queremos uma constituição tão liberal como a da Hespanha, gritava um popular.

—Isso! apoiava o padre! uma constituição tão liberal como a da Hespanha!

—Ha de fazer-se, respondia mansamente lá de cima, da sua varanda, o conde de Sampaio.

—Queremos uma constituição mais liberal do que a da Hespanha! berrava outro mais avançado.

Então, o padre embatucou! A bengala, que meneava energicamente, ficou immovel, e o bom do homem, voltando-se para o lado d'onde viera a voz, exclamou com força:

—Mais liberal do que a da Hespanha!... Não queremos nem mesmo indicar com uma lettra, como faz Francisco José de Almeida, a palavra com que o padre concluiu a sua pasmada phrase. Diremos apenas que, apezar de não estar n'um quadrado de Waterloo, nas criticas circumstancias em que se achava a guarda imperial, o padre da bota de canhão não foi menos energico do que o general Cambronne.

É a historia de todas as revoluções. Ha sempre um momento em que os ardentes revolucionarios da primeira hora, impellidos pela onda que vem atraz, se voltam pasmados, e respondem com a palavra de Cambronne áquelles que não fazem senão seguir e ampliar o impulso que elles lhes déram. Os revolucionarios conscientes vão até onde querem ir, preparados já para a resistencia aos *ultras*... esses são os Mirabeau. Os revolucionarios inconscientes, incapazes de comprehenderem as leis fataes d'esses cataclysmos da sociedade, debatem-se pasmados e indignados contra a onda que os derruba, depois d'elles lhe terem aberto o caminho.

Foi essa, até certo ponto, a historia da revolução de 1820, e da contrarevolução de 1823, feita, em grande parte, pelos mesmos que tinham proclamado com mais ardor a nova ordem de coisas.

PINHEIRO CHAGAS.

DO ULTIMO ROMANTICO

III

DIA DE ANNOS

Faço hoje annos. Que triste isolamento!
Que frio desconforto!
Como que estou desamparado e morto,
Na treva sepulchral do esquecimento!

Paralysa-me a alma um tedio enorme!
No meu quarto de estudo
Mappas, livros, paineis, retratos, tudo
Tudo parece que repousa e dorme!

Mais um anno de vida, que epigramma
Crivado de ironias!
Trezentos e sessenta e cinco dias,
Em que a morte me andou fazendo a cama
No restolho das minhas alegrias:...
Mais um anno de vida! que epigramma!

Eu vou descendo a encosta lentamente...
Que lugubres caminhos!
Sumiu-se o sol, cujo calor ardente
Bebeu febril as aguas da corrente,
Crestou as rosas e desfez os ninhos!

Nem perfumes, nem canticos, nem flores!
Que solidões agrestes!
Que carnaval de lividos horrores!
Nem um planeta a palpebra descerra!
O' morte, quando é que tambem me vestes
Um negro dominó feito de terra?

Como deve ser bom n'um dia d'estes,
Cercar-me de creanças,
Que erguendo os olhos limpidos, celestes,
Venham saudar o seu papa sorrindo
Com flores nas mãositas e nas tranças!

E, para o quadro ser muito mais lindo,
A mãe de roda d'ellas,
Meu Deus, que bom! risonha e delicada,
Como uma nuvemsita illuminada
A fluctuar em volta das estrellas!

E depois do jantar
Vel-as correndo alegres no terraço,
Ou a saltarem, rubras de cansasso,
Nas sombras amorosas do pomar.

Emquanto a mãe erecta, fina e grave,
Assentada ao piano,
Modula uma canção terna e suave
Na sua voz tranquilla de soprano...

Que lindo sonho!... E vejo-me sósinho!
E não tenho ninguem que me conforte!...
Ouço o vento a chorar, tragico e forte,
Nos funebres chorões do meu caminho,
As lagrimas da morte!

Vem-me seguindo vagarosamente,
N'um feretro pesado,
A minha louca mocidade ardente,
Meu triste coração despedaçado...

Á proporção que os annos vão passando,
Uma branca mulher desconhecida,
Que eu sempre vi atraz de mim chorando
No decorrer da minha curta vida,
Á proporção que os annos vão passando,
Vae-os ella no feretro lançando.

Essa mulher, a minha companheira,
Com quem de noite muita vez converso,
Que eu temo e que eu adoro,
Lembro-me de a ter visto a vez primeira
De pé, junto ao meu berço,
Quando chorei o meu primeiro choro!

Branca, assim como as velhas esculpturas
Dos marmores pagãos,
Pelas costas as tranças desmanchadas
E nas pallidas mãos
O bandolim das minhas amarguras,
Com as cordas quebradas!

As vezes canta a trémula elegia
D'um rythmo tão sereno,
Que é a lenda da minha phantasia,
E que tem a magnada nostalgia
Das balladas do Rheno!

Pois bem, Essa visão que me acompanha
Chorando desgrenhada,
Que eu temo e que bemdigo,
Quando chegar á base da montanha,
Haveis de vel-a emfim petrificada
Em pé, no meu jazigo!

Lisboa, 18—7—84.

MACEDO PAPANÇA—VISCONDE DE MONSARAZ.

CORTEZIAS

Dizem que S. M. catholica, el-rei D. Filippe II de Hespanha, que Deus haja, tinha uma indole felina: que era ingrato, dissimulado

Digitized by Google

ESPERA-ME Á NOITE!... (Quadro de J. E. Gaisser

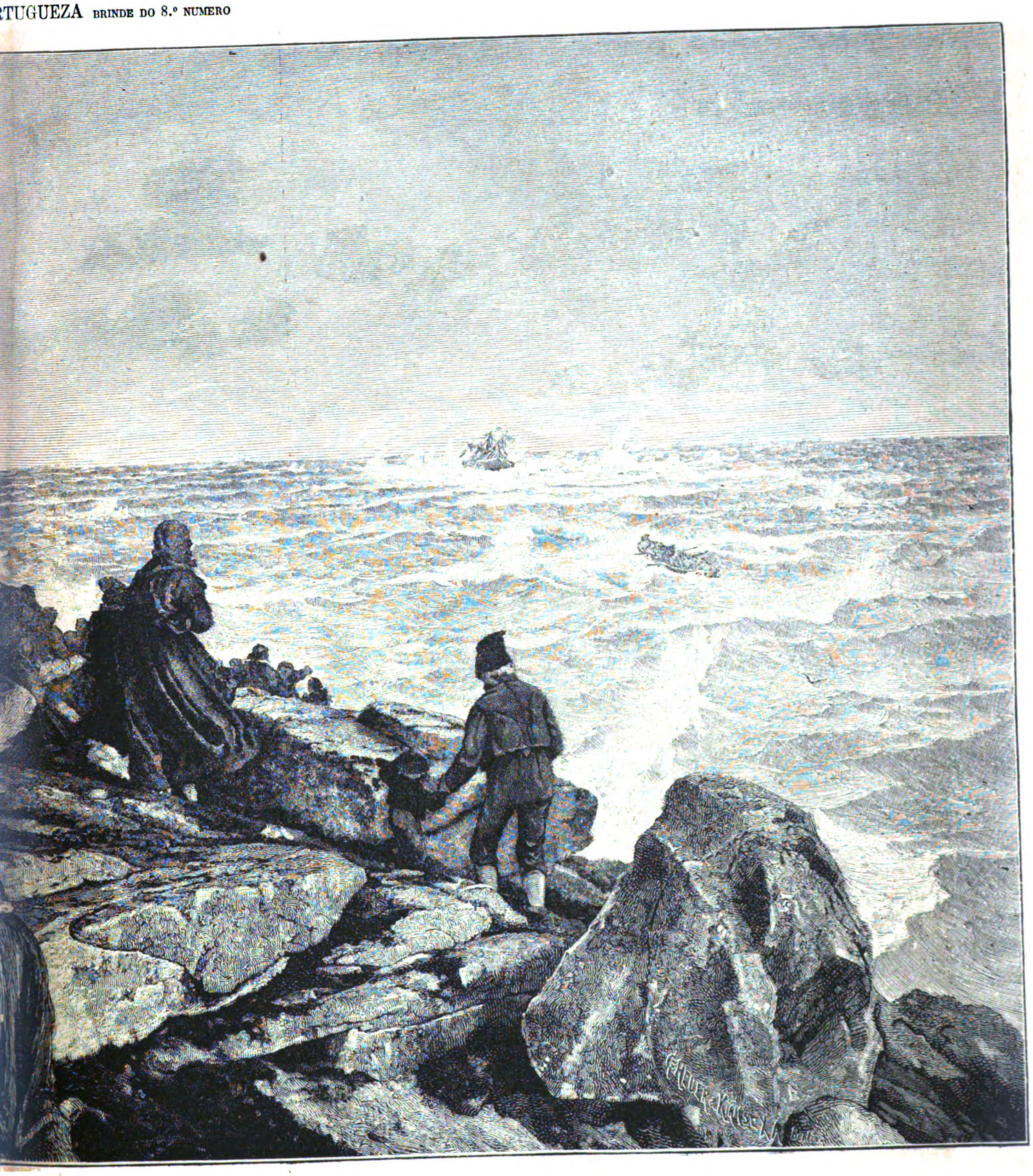
Digitized by Google

Digitized by Google

O NA

(Copia d'uma pho

Digitized by Google



UFRAGIO

ographia de Fr. Hanfstangel)

Digitized by Google

Digitized by Google

O PRIMEIRO DIA DE ESCOLA (Quadro de Silvio Giulio Rotta)

Digitized by Google

e cruel. Seria; mas não conheço por todo esse mundo outro soberano que tanto se desvelasse pela felicidade dos povos, como elle pela dos seus vassallos portuguezes. Um dia, assentado no throno glorioso de D. Manoel, com a face encostada na mão, scismador, romantico, lançando olhos tristes sobre as miserias do reino, exhalou maguadissimo suspiro, e disse no intimo da sua alma: «Pobres filhos! que farei eu para vos tornar felizes, para tornar grande e prospera, respeitada e temida a vossa patria!? Que farei!?» E como subitamente illuminado por uma inspiração do céo, exclamou: «Oh! vou fazer uma lei de cortezias.»

As suas intenções eram santas, a sua resolução inabalavel: desceu a toda a pressa os degraus do throno, e foi fazer *a lei das cortezias*, antes que lhe esquecesse. Elle, o poderoso monarcha de cujos dominios jamais se retirava a luz do sol, fez-se mestre de meninos, por amor dos seus vassallos, ensinando a estes, com paternal cárinho, como é que deviam escrever os sobrescriptos, não só quando precisassem tratar alguns negocios, mas tambem quando lhes appetecesse saber noticias dos amigos ausentes.

Grande rei e grandes tempos!

O assumpto era delicado e complicado, mas el-rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além-mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India etc., não só fallou no caso com as pessoas do seu conselho, mas tambem quiz ouvir as pessoas de letras e consultou as pessoas de experiencia. Tudo isto declarou S. M. Catholica no preambulo da referida lei, fazendo sentir, que dos excessos e abusos introduzidos no modo de fallar e escrever tinham resultado muitos inconvenientes, e que era necessario, para socego dos seus vassallos, reformar os estylos a esse respeito, e reduzil-os a ordem e termo certo.

Sollicito pela tranquillidade dos referidos vassallos, e compenetrado dos seus deveres, ensinou el-rei aos povos, não só a escrever sobrescriptos convenientemente, mas tambem a fallar com decoro e gravidade, e a escrever cartas com todas as regras da cortezia, dispensando benignamente as da grammatica.

Ordenou, pois, S. M. que, no alto das cartas e papeis que lhe fossem dirigidos, se escrevesse somente a palavra *Senhor*; e que rematassem: *Deus Guarde a Catholica pessoa de V. M.* No sobrescripto: *Para el-rei Nosso Senhor*. Somente os duques e marquezes e seus primogenitos, assim como todos os filhos dos duques parentes da casa real, é que poderiam pôr no sobrescripto: *A el-rei, Meu Senhor*. Com as rainhas se devia guardar o mesmo estylo; e aos principes e princezas, assim como aos infantes e infantas se deveria dar o tratamento de *Alteza*, e nos sobrescriptos: *Ao Senhor Infante ou Infanta, N.* Porém, quando se escrevesse ou dissesse absolutamente *Sua Alteza*, attribuir-se-ia somente esse tratamento ao principe herdeiro.

Item, abotoavam-se outrosim com o tratamento de *Alteza* os cunhados, cunhadas, genros e noras dos reis.

A lei é minuciosa, e em materia de sobrescriptos chega a ser exhuberante; sempre massadora, de conformidade com o seu caracter paternal. Escripta em letra gorda, estende-se magestosamente por quatro paginas in-folio; mas agora os tempos são outres, e por isso vamos reduzil-a a tamanho natural, limitando-nos a indicar as pessoas a quem competiam os seguintes tratamentos:

Excellencia. Os filhos e filhas legitimas dos infantes, e aquellas a quem os senhores reis tivessem feito similhante mercê, como, por exemplo, o duque de Bragança; e mais nenhuma outra, «por grande estado, officio, ou dignidade que tivesse.»

Senhoria Illustrissima. O arcebispo de Braga, por ser primaz; e mais ninguem, mais ninguem.

Senhoria. Arcebispos, bispos, duques e os filhos d'estes a quem el-rei mandasse cobrir. Item: os marquezes, condes e o prior do Crato. Os embaixadores que tivessem assento na capella real, e quaesquer pessoas a quem el-rei mandasse cobrir. Os visoreis e governadores do reino, emquanto exercessem estes cargos. O regedor da justiça da casa da supplicação, o governador da relação do Porto, vedores da fazenda e presidentes do desembargo do paço e da mesa da consciencia e ordens; todos estes emquanto estivessem assentados nos seus tribunaes, porque fora d'isso não podiam usar de tal regalo. «Nas partes da India deviam fallar por *Senhoria* ao visorei ou governador, todas as pessoas que por lá andassem.»

Paternidade. Os geraes e provinciaes das ordens religiosas.

Reverencia. Os outros religiosos.

Tudo que não estivesse incluido n'estas cathegorias apenas tinha direito a um *Vossa Mercê* ou *Vós*. E' o que se deprehende do seguinte artigo, que vamos transcrever na integra, por nos parecer curioso:

«Que no estylo de escrever umas pessoas a outras se guarde geralmente, sem excepção alguma, a ordem seguinte: Começará a carta ou papel, pela rasão, ou pelo negocio sobre que se escrever, sem pôr debaixo da cruz no alto, nem ao principio da regra, nenhum titulo, nem lettra, nem cifra que o signifique; e acabará as cartas dizendo: *Deus guarde a V. Senhoria*, ou a *V. mercê*, ou *Deus vos guarde*, e logo a data do logar e do tempo, e apoz ella o signal (assignatura) sem outra cortezia no meio.»

O carinho de S. M. Catholica revela-se principalmente na doçura de correcções que applica a todos os seus fieis vassallos que «não cumprirem e guardarem inteiramente, no todo ou em parte, o conteúdo n'aquella sua lei.» Os contraventores, se tivessem a qualidade de fidalgos, até cavalleiros, pagariam, pela primeira vez, dez mil réis de multa, sendo a metade para o accusado e outra metade para os captivos; pela segunda vez vinte mil réis de multa, repartidos da mesma fórma. As pessoas de menor qualidade ficavam sujeitas á pena, pela primeira vez, de uma multa de dez cruzados e um anno de degredo para fóra do logar e termo; pela segunda, vinte cruzados de multa e um anno de degredo para a Africa: as outras reincidencias eram punidas com maiores penas, a arbitrio do juiz.

«E mando a todas as justiças d'estes meus reinos e senhorios, recommendava o sr. D. Filippe, que tenham particular cuidado de executar as ditas penas, n'aquelles que não cumprirem inteiramente a lei.»

Mas houve quem não cumprisse, nem soffresse o menor castigo. Um escandalo. A lei fez sensação, muita sensação no palacio de Villa Viçosa. A senhora D. Catharina, duqueza de Bragança e em cujas veias girava sangue de reis, enxofrou-se por se não ter com ella, com o duque e seus irmãos a conta que era rasão—«na ley que agora se publicou dos estylos de escrever e fallar.» A senhora duqueza e o senhor duque, resolvidos a manterem as preeminencias e prerogativas da sua casa, mandaram para Madrid um: *Papel sobre a lei das cortezias*, muito maior do que a propria lei! Expunham amargamente os muitos aggravos que lhes fazia a nova ordem de coisas, e explicavam, pelo miudo, as rasões que tinham para se darem por offendidos, e para reclamarem, pedindo que fosse reformada a determinação regia, no que dizia respeito á sua casa.

O senhor D. Filippe amarroou; não respondeu ao papel; mas a senhora D. Catharina continuou a usar o tratamento *d'Alteza*, e o senhor duque teve o heroico arrojo de continuar tambem a assignar-se *Duque*, sem nunca pôr o seu nome, como a lei expressamente determinava! E elle escreveu assim aos ministros e ao proprio rei, e em Madrid encolheram-se! Zangas da senhora duqueza e do senhor duque; indignação dos creados; raivinhas surdas no palacio do Escurial; mas por fim tudo acabou sem bulhas, graças a Deus.

O auctor da lei, talvez extenuado com as fadigas que ella lhe custou, como ter de aturar as massadas das pessoas do seu conselho, e das pessoas de letras e das pessoas de experiencia, falleceu, ficando abençoada a sua memoria e glorioso o seu nome, por ter posto no são estas coisas de cortezias.

Seguiu-lhe o filho o nobre exemplo, mas com menor sacrificio, porque nem teve de ouvir as pessoas do seu conselho, nem as pessoas de letras, nem as pessoas de experiencia: lá se foi guiando pela sua cabeça. Os desembargadores e outra gente grande dos tribunaes pediram-lhe para usarem *senhoria*, mesmo fóra das suas cadeiras curues; e elle, n'um alvará, disse lhes que sim, que sim, que usassem. O duque d'Aveiro quiz *excellencia*, e o magnanimo D. Filippe III mandou-lhe de Madrid um alvará, no qual parecia dizer-lhe muito polidamente: pois use, mas deixe-me. Isso sim; não o deixavam. O barão d'Alvito requereu senhoria: allegou que era casado com uma filha do vedor da fazenda de S. M., como se el-rei tivesse culpa no casamento! Mais outro alvará.

Por ultimo já ninguem se incommodava a requerer, e cada um ia usurpando á surrelfa o tratamento que lhe não pertencia. Quando a noticia d'esta desgraça, e d'este perigo para a ordem publica, chegou aos ouvidos d'el-rei, elle azoou com a historia, e desandou com um alvará de ferir lume. Mandou publicar de novo «a ley e prematica feita sobre as cortezias», recommendou aos magistrados o maior rigor na applicação das penas, as quaes nunca poderiam diminuir nem minorar em coisa alguma: e ordenou aos corregedores e provedores incumbidos das correições, que tivessem muito em vista similhante objecto, não deixando escapar nenhum criminoso de tão nefando attentado.

Os provedores e os corregedores a principio andaram bem, mas depois desmazellaram-se, e a obra grandiosa e benelica do rei catholico foi esquecida, foi mesmo despresada pelos ingratos portuguezes!! Mas a providencia olhou misericordiosamente para este reino, e enviou-lhe um grande principe, que immortalisou o seu nome com o convento de Mafra e uma nova lei de cortezias.

Salvé, Magestade!

Nada se alterou quanto á familia real, mas alargou-se consideravelmente a esphera das *excellencias* e das *senhorias* e fez-se uma revolução enorme nos sobrescriptos. Aos grandes do reino, assim ecclesiasticos como senhores, se deveria escrever: *Ex.mo Rv.mo Senhor*, aos primeiros, *Ill.mo Ex.mo Senhor* aos segundos, entrando n'esta conta os secretarios d'estado, a gente grande da justiça, os governadores da India e Brazil, etc., etc. Os bispos tambem apanharam um posto d'accesso, podendo usar o que a lei antecedente concedia só ao arcebispo primaz: *Senhoria Illustrissima*. Os viscondes, os barões, os officiaes da casa real, os moços fidalgos com exercicio, etc., etc., etc., arranjaram *senhoria*. Na gente da governança das ordens religiosas houve tambem muitos augmentos. Toda a canzoada de gente miuda ficou como estava.

Em tudo generoso e magnanimo, o grande rei até na imposição das penas se quiz mostrar superior ao filho de Carlos V. A multa e o desterro continuou a ser o castigo dos contraventores, com a differença, porém, que os fidalgos, até cavalleiros, pagavam, pela primeira vez, cem mil réis, e pela segunda duzentos mil réis; as

Digitized by Google

pessoas de melhor qualidade incorriam, pela primeira vez, na multa de vinte mil réis e além d'isso dois annos de degredo para fóra do logar e termo; e pela segunda vez, na multa de quarenta mil réis e cinco annos de degredo para a Africa. A previdente lei dispunha mais que, se algum culpado não tivesse dinheiro para satisfazer a pena pecuniaria, soffresse, pela primeira vez, dois mezes de prisão, e pela segunda quatro, não podendo nunca estas penas ser moderadas ou commutadas. Nas outras reincidencias pena maior, a arbitrio do juiz. E nada mais se continha no documento a que me reporto.

D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

D. Basilio.—Não se desconsole o caro D. Basilio; ahi vão quatro charadas das suas.

F. F. Junior.—As quadras que mandou não nos quadram, por incorrectas. Quem se lembra de rimar *homem* com *ordem* e *neve* com *pede*? Valha-nos a virgem santa do Sameiro!

José Pessanha.—Não recebemos o conto sem titulo a que allude.

Tom Pouce.

CHARADAS

Quem não anda fia e prega—**2**—**2**.

Esta ave sósinha está na fabula—**2**—**1**.

Este nome na musica tem grades—**1**—**1**.

Aqui, na Asia, na bocca e na bocca—**1**—**1**—**1**.

D. Basilio.

E' titulo religioso
de todos bem conhecido:—**2**
e não é menos vulgar,
entre nós este appellido.—**2**

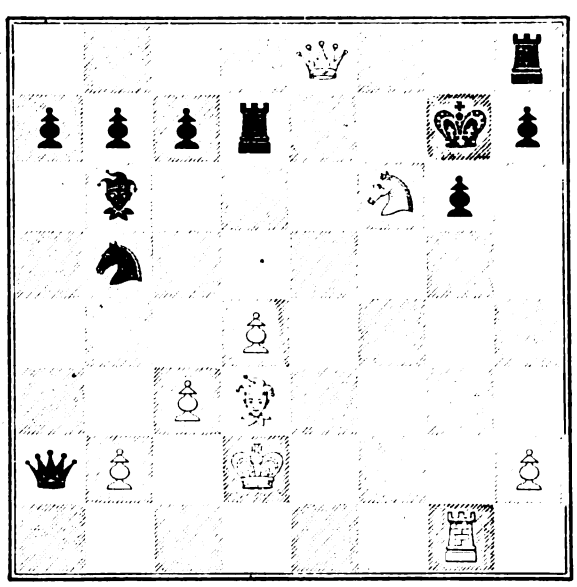
Vegeta bem o conceito
pelos campos e jardins,
ao pé da rosa silvestre
entre lyrios ou jasmins.

Reguengos. J. A. Marques.

XADREZ

PROBLEMA N.º 5

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

PROBLEMA

Com as sete côres do arco-iris quantas fitas tricolores podemos formar, contendo o amarello, e quantas com exclusão d'esta côr?

Moraes d'Almeida

CARTA ENYGMATICA

Amigo **1**, **2**, **3**, **4**, **5**, **6**, **7**, **8**, **9**, **10**

Desejo que tu e a **10**, **6**, **6**, **3** estejam de saude. Não posso ir á feira por estar muito **4**, **5**, **6**, **7**, **2** e ainda na convalescença da bronchite. Vê se me arranjas lá um **1**, **8**, **9**, **9**, **2** que me convenha, pois tu tens **3**, **9**, **7**, **5** para isso e creio que acertarás com o meu gosto. Desnecessario será dizer-te que seja **1**, **3**, **9**, **10**, **7**, **2**. A **1**, **8**, **9**, **9**, **3** só para o **3**, **6**, **6**, **2**, pois agora não posso fazer mais despeza.

Teu amigo
1, **5**, **6**, **7**, **2**

A RIR

Calino passa junto da Ponte dos vapores, em Belem, e vê um cego a pedir esmola aos transeuntes.

Pára um instante, muito impressionado, e diz para o amigo que o acompanha, mostrando-lhe o cego:

—E pensar a gente que este desgraçado não tem senão os olhos para ganhar a vida!...

*

A esposa d'um chefe de estação do Caminho de ferro de Sueste, fallando da mulher d'um empregado subalterno, casado de fresco:

—Não é de todo feia, mas acho-a tão vagarosa, tão lesma... Parece mesmo um comboio de mercadorias!

*

Atravessando uma ponte, certo bebado, que levava demasiado lastro no estomago, perde o equilibrio e cahe ao rio, de cabeça para baixo.

A mulher, encostada á grade, exclama tranquillamente, emquanto o pobre diabo se afoga.

—Graças a Deus! E' a primeira vez que o vejo beber agua!

Um Dominó.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Echometro
2.ª—Valerio
3.ª—Salamanca
4.ª—Livraria

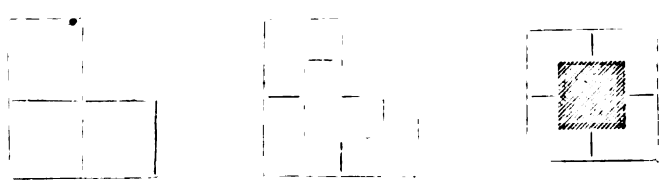
Xadrez—Solução do 4.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma P. C. R. cheque.	1. R. toma F.
2. D. 7 R. cheque	2. R. casa C. R.
3. D. 8 B. R. cheque	3. R. 2 T. R.
4. D. 7 B. R. cheque e mate.	

Do problema:

A figura 1 representa a folha do papel que se pretende decompor. A maneira de a decompor é indicada na figura 2. A figura 3 mostra que, reunindo os quatro pedaços eguaes, forma-se um quadrado, tendo no centro uma lacuna, de forma tambem quadrada.

Figura 1 Figura 2 Figura 3



Do logogripho:—Meteorologia.

Do enygma pittoresco:—As contendas das nações são as ruinas dos povos civilisados.

UM CONSELHO POR SEMANA

As estatuetas e medalhões de gesso deterioram-se facilmente, sobre tudo quando estão expostas ao ar.

Eis o modo de remediar este mal:

Dissolvem-se duas partes de cera em oito partes de essencia de teribenthina pura. Quando a solução estiver feita e ainda quente, applica-se uma ligeira camada sobre as estatuetas.

Digitized by Google

Este verniz deve ser muito liquido, de modo que deixe ás linhas da esculptura toda a sua pureza.

AS NOSSAS GRAVURAS

A MORENA E A LOIRA

Qual d'ellas excede a outra em formosura, não sei. A morena tem mais votos, mas a loira, com o seu busto angelico, o seu perfil correctissimo de *madonna*, e aquella expressão de bondade que lhe transparece no olhar cheio de uma doce *morbidezza* encantadora, traz tambem enfeitiçados muitos corações.

Francamente, nós reputamo-nos sem competencia para decidir qual das duas val mais, sob o ponto de vista esthetico: o leitor que julgue e que decida, sem melindrar nenhumas d'ellas, é claro.

ESPERA-ME Á NOITE!...

Aquella simples phrase, suspirada medrosamente ao ouvido da gentil *donna*, é o prologo d'um doce poema d'amores, que ha de continuar-se á noite, debaixo da janella rendilhada de qualquer palacio antigo, ou—quem sabe—dentro dos muros discretos d'algum formoso jardim, onde as camelias e as rosas florescem.

Elles amam-se. Deus nos perdoe o temerario juizo, não é para erguer o espirito ás coisas celestes que ella frequenta assiduamente o templo do Senhor; é para ver o garboso namorado. Não foi por mera caridade evangelica que, ao sair da missa conventual, engrossou o dinheiro das Almas com uma esmola avultada; foi para poder ouvir dos labios d'elle aquella phrase balbuciada a medo, que lhe dá o antegoso de mil caricias suaves e ternas.

Como hão de parecer longas e monotonas, a ambos, as horas que os separam da suspirada noite!

A RAMALHETEIRA (Quadro de A. Piot)

O PRIMEIRO DIA DE ESCOLA

Que saudosissimos tempos este quadro nos recorda, e como nós desejariamos poder voltar a elles, enfiando de novo pelo braço o tradicional cabasito do *lunch!*

Era possivel que, no primeiro dia de escola, fizessemos como o rapazinho da estampa, ao dar de cara com alguma bojuda mestra tabaqueira, d'aspecto carrancudo e sinistro. Essa desagradavel impressão havia, porém, de extinguir-se, e nós veriamos outra vez passar pela nossa frente uma existencia descuidosa e alegre, constellada de sorrisos, sem a sombra de qualquer magua tristonha, das muitas que toldam a vida do homem, quando a mocidade foge e as primeiras cans se avizinham.

Palavra de honra que davamos alguma coisa para poder estar na pelle d'aquelle rapazito chorão, embora soffressemos o risco de aturar a rotunda pedagoga que vae ensinar-lhe o *b a* ba!

O NAUFRAGIO

Espectaculo soberbo e ao mesmo tempo horrivel de ver!

O mar, embravecido e revolto, arremessa para os rochedos informes da praia aquella pobre embarcação sem governo, que o rijo vendaval desmastreou durante a noite.

Não restando já nem uma tenuissima esperança de salvamento, os tripulantes abandonaram o navio prestes a despedaçar-se nos penhascos, e procuram alcançar um porto, dentro da fragil lanchinha que fluctua, ao acaso, impellida com violencia pelas vagas tumultuosas.

Conseguirão elles escapar a uma morte quasi certa? E' o que aquella gente está ali tratando de ver, encarapitada, aos magotes, sobre as toscas rochas, emquanto os infelizes naufragos luctam, quasi exanimes, contra a furia dos elementos.

A RAMALHETEIRA

Já entre nós vae apparecendo um ou outro d'estes typos essencialmente parisienses, mas, por mais que façam e por mais que se arrebiquem, não teem o *cachet* peculiar das provocadoras *bouquetières* francezas, a graça e a desenvoltura *canaille*, proprias d'aquellas estranhas creaturinhas travêssas, que enxameam os *boulevards* vendendo violetas e sorrisos.

A's nossas ramalheteiras faltalhes tudo: gentileza, formosura, garridice e espirito, quando não lhes faltam as flores tambem.

Decididamente, ha individualidades que não podem ser transplantadas d'um paiz para outro: teem o seu meio proprio, e só n'elle vivem. Quando muito, imitam-se, mas a imitação é sempre infeliz e quasi sempre ridicula.

Senão, veja-se o que por ahi existe no genero.

C. D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 25 de agosto de 1884 Numero 9

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Rimas*, versos, por João Penha.—*Perfis: Paulo de Kock*, por Julio Cesar Machado.—*Soneto da decrepitude*, por Camillo Castello Branco.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*Em familia, (Passatempos).*—*Um conselho por semana.*—*A noiva*, por D. Guiomar Torrezão.

GRAVURAS.—*Lá vem teu pae!*—*Uma declaração d'amor.*—*Ultimos preparativos do papagaio.*—*Não te assustes, filha! é teu irmão.*—*A oração da peregrina.*

CHRONICA

Acabamos de apagar do frontespicio d'este semanario um nome que nunca se nos apagará da alma: — Gastão da Fonseca.

Tinha sido ali escripto por mão amiga, logo no primeiro numero, havia ali sido impresso como affectuoso testemunho de boa e velha estima, d'essas que se enraizam com o doce convivio de todos os dias no labor da imprensa, que crescem sempre, sempre, na reciprocidade fraterna de confidencias muito intimas, de pequeninos serviços, d'uns nadas minusculos, cuja somma representa cabedaes inapreciaveis de dedicação, de solicitude e de carinho.

Gravando-o na pagina de honra d'este semanario, cumprimos um dever prescripto pela mais santa amisade; suavisámos, talvez, por instantes o amargor d'aquella existencia já prestes a sumir-se nos ambitos do cemiterio, galvanisámos momentaneamente aquelle quasi cadaver, que tinha a nevrose da litteratura, a embriaguez tenaz e incuravel do jornalismo.

Já então sabiamos que era impossivel esperar alguma coisa da sua penna vacillante e esteril. Dos moribundos não se espera mais que uma visagem — a photographia dos horrores do tumulo — e um «ai» fugitivo — o ultimo lampejo d'uma luz que se extingue.

Em todo o caso, o pallido agonisante saudou com o melhor dos seus sorrisos a apparição d'estas oito paginas alegres, que, para assim dizer, lhe entornaram nos pulmões escaldados e ulcerosos todos os enbriagantes perfumes d'um dia de primavera. Vio o seu nome entre muitos outros, ao alto da folha, sobre uma formosa gravura que lhe fallava de coisas campezinas, e os labios descerraram-se-lhe sorridentes, e os olhos amortecidos animaram-se-lhe por uma subita faiscação de regozijo, e a sua fronte desbotada e livida colorio-se por momentos, para se tornar logo depois mais pallida ainda.

Não que elle fosse dado a vaidades ridiculas; não era. Aquella doce alegria inspirara-se, apenas, na certeza de que o não esqueceramos, e na illusoria esperança que o affagava de poder aqui vir auxiliar-nos, como nos auxiliara, em tempos, n'outras publicações de indole diversa, com a sua penna auctorisada, honesta e vigorosa.

LÁ VEM TEU PAE! (Quadro de Sadée)

Pobre Gastão!

Hoje tivemos de passar um traço por cima do teu nome honrado, como ha dias a morte fez passar a sua mão gelada por sobre o teu corpo decomposto e exanime.

Esse traço negro não significa, porém, que te esquecemos, banindo do espirito a tua memoria saudosissima. E' costume a piedade dos que ficam ir lançar um punhado de terra na campa dos que se vão para sempre, sem por esse facto riscarem da alma as suas imagens venerandas e estremecidas. A nossa estima fez quasi o mesmo por ti, reservando para o teu nome um logar onde ninguem mais do que nós podera soletral-o—o coração.

Digitized by Google

Nos seus aureos tempos de boa saude e de bom humor, Gastão da Fonseca dispunha de uma veia humoristica impagavel: satyrisava os ridiculos da sociedade burgueza, como poucos, mas fazia-o delicadamente, com finura, calçando luva branca immaculada, empregando uma graça exhuberante de perfume, que era só d'elle, que não tinha atavios d'emprestimo, nem pornographias de contrabando.

Os numeros carnavalescos do *Diario Illustrado* eram sempre confiados á sua direcção intelligente, e sahiam do prélo, galhofeiros como *pierrots*, scintillando graciosidade e humorismo.

Os seus versos, despretenciosos e facetos, acudiam-lhe aos bicos da penna com uma facilidade assombrosa, e sempre folgasões e sempre correctissimos. A sua prosa fluente e castiça, um pouco vasada nos moldes antigos, distinguia-se pela mais rigorosa vernaculidade.

Gastão da Fonseca votava um odio intenso e profundo aos gallicismos. Se o queriam ver arreliado era atirarem-lhe ao papel o vocabulo *réclame*. Tinha logo impetos de colera; vibrava uma objurgatoria tremenda contra o seu melhor amigo, se elle fosse capaz de perpetrar aquelle monstruoso delicto.

Um simples erro de revisão atormentava-o, como se fôra o mais condemnavel dos desacatos.

Ha dias, já minado pela pthisica irremediavel que havia de prostral-o, já completamente perdido para o jornalismo, para a familia e para a sociedade, escrevia-nos Gastão meia duzia de linhas tortuosas e quasi inintelligiveis, protestando contra o desleixo do revisor, que deixára escapar um *esplendido* com *x!*

Foram estas as ultimas lettras que d'elle recebemos, o derradeiro protesto d'aquelle purista intransigente contras as diabruras da revisão pouco meticulosa.

No trato intimo Gastão era um amigo leal e um conversador attrahente. Conhecia uns poucos de idiomas, desde o seu, em que o reputavamos mestre, até ao grego, que estudára com particular predilecção. Narrava dezenas de casos engraçadissimos, e dispunha de uma erudição fóra do vulgar.

De resto, o nosso infeliz companheiro dizia-se fatalista, e era-o. Por mais que fugisse dos perigos, levando a vida serena de quem envelhecera precocemente no trabalho sem treguas, os perigos vinham ter com elle, apresentavam-se-lhe de frente, quando menos o suppunha, ameaçadores e terriveis.

Pacifico por indole, insusceptivel de promover desordens e de se envolver n'ellas, ia pacatamente para os seus penates, na celebre noite da bernarda do Passeio Publico defuncto, e a feroz municipal acutilou-o, sem ao menos lhe dizer o porquê do rude commettimento.

Gastão não morria d'amores pelas touradas e não as frequentou nunca, tendo sempre esta phrase para responder ás narrativas apaixonadissimas dos *aficionados di cartello*:

—Não ha de ser um touro que me cause o mais leve damno, porque não assisto ás corridas!

N'um sabbado, recolhendo tambem a casa, despreoccupado e tranquillo, depois de ter repetido mais uma vez aquella phrase, em palestra de redacção, achou-se com um boi estramalhado pela frente, e viu-se na dura necessidade de o capear com a sobrecasaca, fazendo, a horas mortas, prodigios de *toreador*, em plena calçada de Sant'Anna.

D'essa vez, ágil e robusto, poude escapar á sanha do toiro fugitivo; agora, alquebrado e anemico, não teve forças para reagir contra a morte esmagadora, e cahiu vencido, ao cabo de uma lucta que durou mezes.

Infeliz e pobre amigo!

=Esta chronica, que se destinava ao registro de coisas alegres, picantes e ligeiras, a esfuziarem, como fogos de Bengala multicores, pelo papel fóra, tornou-se de repente, por um dever respeitavel de boa camaradagem jornalistica e de saudade immorredoura, triste como uma elegia, lugubre como um cemiterio.

Eu comprehendo que o egoismo natural e perdoavel dos que me leem, não queira saber das magoas do chronista, para só exigir d'elle uma resenha de factos amenos, constellada de bons ditos e de facecias espirituosas. Todavia, fallar dos mortos illustres é uma obrigação imperiosa de quem sabe aprecial-os, e nós cumprimo-l'a gostosamente, em riscos, mesmo, de affrontar os doestos da leitora gentil, que espera de nós a narrativa de qualquer pequenino escandalo, no seu microscopico *boudoir* forrado de setim azul e oiro.

=Que se estreiou uma companhia de gymnastas e acrobatas no Colyseu, já toda a gente o sabe.

Acerca do valor dos artistas tem-se ahi dito, na imprensa diaria, muita verdade e muita mentira.

Uns chamam-lhes *incomparaveis*, outros põem-nos pelas ruas da amargura.

Nós optaremos pelo *juste milieu*, alcunhando-os, simplesmente, de mediocres.

Mediocres os *clowns*, abusando do trambolhão brutal como ultimo recurso para excitar a gargalhada; mediocres os Osranis que arranham muitos instrumentos e todos detestavelmente; mediocres os voadores Mayol, a mulher que engole sabres, a pequena que anda por arames, e o encasacado mr. Rudolph, que imita o canto do rouxinol, e traz a lapella cheia de veneras, cuja authenticidade é tão discutivel como as imitações.

D'esta classificação excluiremos, pelo seu merito, o habilissimo gymnasta Pialra, o prestidigitador da *troupe* e um desenhador repentista, que faz caricaturas ás avéssas, com graça e presteza.

O tal mr. Rudolph, esse, é mais que mediocre; é insupportavel com as suas veneras, a sua casaca e o seu flauteado.

Conta-se que certo personagem *hautement placé* da França, pouco dado a cortezanias palacianas, ouvindo um dia cantar Maria Antonietta, dissera d'ella, com o mais completo desassombro:

—Para uma rainha, canta muito bem!

Nós, paraphraseando este bom *mot*, diremos ao senhor Rodolpho:

—Para quem tão mal flautea, são de mais as medalhas com que adorna o peito.

Mas emfim, *faute de mieux*, valham-nos o Colyseu, os manu-flautistas e os *clowns* grotescos, embora mediocres e desgraciosos.

=A questão dos *alagadiços* vae declinando de intensidade nas nossas gazetas politicas, como o cholera no territorio da França.

Agora, para amenisar, suscitam-se duas outras questões, novas em folha: uma não menos salgada—a do sal—e outra não menos indigesta—a dos milhos.

Quasi extincta a dos alagados algarvios, o illustre ministro da marinha foi para as Caldas. Iniciada a discussão dos cereaes das ilhas e do chlorureto de sodium aveirense, está na berlinda o nobre ministro da Fazenda.

E o calor a flagellar-nos...

Parece-me que foi Boileau quem disse:

«Tout homme a, dans son chœur, un cochon qui sommeille.»

Este pensamento profundo, revela, sob a mais expressiva das formas, que ha em todo o ser pensante uma besta; que a referida besta accorda de tempos a tempos, e que devemos fazer-lhe certas concessões, supportando com paciencia as estopadas do proximo.

Todavia, tudo tem o seu limite. Estes sacrificios feitos em prol da fraqueza humana, não devem levar-se até ao ponto de perdoar ás folhas politicas, pelo pino do verão, n'uns dias abafadiços e já de si estopantes, o abuso das questões que para ahi nos fornecem, cheias de sal... e tresandando a lodo mal cheiroso.

Oh! A politica!

C. DANTAS

RIVAES

Eu tenho duas amantes,
O primor das margaritas:
Duas estrophes brilhantes
Por um Deus na terra escriptas.

Uma é loira, timorata;
É mais fria e taciturna
Do que os noivos da ballata
Da triste canção nocturna.

Tem no labio um riso honesto,
Nos olhos um ceu tranquillo;
E no marmoreo do gesto
Vencera a Estatua de Milo.

Por um só ramo de flores
Deu-me em troco o amor das valsas;
Mas no lago dos amores
Ja me vou nas ondas falsas!

A outra, alegre e ruidosa,
Não como Elvira, a flor branca,
Dobrara a paixão vaidosa
De Jorge de Salamanca.

Ninguem, se a vir, que não peque,
Ninguem, se a vir, que não sinta,
Por beijar-lhe a mão e o leque
Uma volupia famiata.

Por um só ramo de flores
Deu-me as honras de seu pagem:
Mas no lago dos amores
Ja vou perto da voragem!

Eu tenho duas amantes,
O primor das margaritas:
Duas estrophes brilhantes
Por um Deus na terra escriptas.

JOÃO PENHA

Digitized by Google

PERFIS

II

PAULO DE KOCK

Só de lhe lêr o nome, já a gente desata a rir!

Em todos os tempos os francezes fizeram coisas notaveis: deitaram thronos de pernas para o ar, ateiaram revoluções, ganharam e perderam imperios: mas lá como o *Coitadinho*, isso é que nunca fizeram nem tornam a fazer!

Paulo de Kock não foi só o romancista mais popular de França e de Navarra: foi-o do mundo inteiro. O chiste dos seus romances estava logo no titulo, *Este senhor, Sem gravata, o Filho de minha mulher*: a graça dos personagens principiava-lhes no nome e no emprego; era o Robineau, era o Robinet, era a Fifina, era a Zizina: e um faz barretes, o outro é confeiteiro, este pinta taboletas, aquelle faz lamparinas, é negociante de melaço, é salchicheiro: todos ás cambalhotas, caem d'aqui, d'acolá se levantam, em grande risóta, a tirarem o fato a maior parte do tempo—mesmo aquelle que o pudor inglez chama indispensavel...

Nunca mais se esquecem aquellas ranchadas: estão a ver-se os chalinhos, as toucas das *grisettes*, as botas de cutim cru, a agua furtada, as idas ao campo, o amor de burrinho, a trotar pela floresta de Montmorency...

Fica cada um a lembrar-se do sr. Dupont, de Georgeta, da leiteira de Mont-fermil, de Gustavo, gente que andava aos tombos, mas que sabia cair como soldados de cartas, sem se fazerem mal, e por cima da loiça, por cima de tudo, de cabeça para baixo e pernas paro o ar, pelos telhados, pelos subterraneos, pelos esconderijos!...

Grande homem, que inventou os burguezes e os sucios, deu lingua aos patuscos, aos lojistas, aos vendilhões, ás adellas, á rapasiada; e só não fez caso dos ladrões, deixando-os ao Ponson du Terrail para viver d'elles e tirar subsistencia e fama d'essa cambada fosca e suja!

Ao comprar um romance d'elle tinha-se a certeza de estar umas poucas de horas a rir: não com aquelle riso delicado, que volteia por um momento nos labios e foge, mas o riso grosso e espalhado da jovialidade caseira. Sabia aquelle homem animar os seus personagens com uma vida meia brutal meia phantastica; eram caricaturas a carvão, n'um muro tosco, mas que tinham os toques de artista.

São verosimeis aquelles casos? São verdadeiros: a verdade nem sempre é verosimil. Quantas coisas por ahi succedem, que parece serem de Paulo de Kock! Não ha ninguem, que não conheça alguns d'aquelles typos de os ter encontrado; que não haja assistido a alguma scena, que lhe caberia a elle por direito de invenção. Querem um exemplo? Eu lh'o vou dar já.

Não nomeio o sujeito, porque não é de uso apontar a dedo; mas chamemos-lhe o *sujeito*. Tem sido um caçador de dotes; tem passado a vida a requestar ora as inscripções do pae de uma, ora os predios do pae de outra, sempre em procura de uma posição... marital.

Talvez cuidem que é por ser feio que ainda não apanhou nada? Não é tal; insignificante sim, mas pendendo para bonito.

Andava fazendo a côrte a uma menina, que não parecia insensivel ás suas attenções, e chegou a fazer inveja a uns rivaes que juraram pregar-lhe alguma. Passava-se isto no meio de um verão, no campo—onde a menina estava com a familia a ares. A familia tinha muitos visitas, como succede sempre nas casas em que ha herdeira rica.

Era gente agradavel; passeavam, umas vezes a cavallo, outras a pé; tocava-se piano, conversava-se; passava-se bem: — entretanto, apesar do bem tratado que ali se era, obrigavam ás vezes as conveniencias a privar-se uma pessoa das commodidades mais indispensaveis á vida...

De uma vez, iam todos passeando de ranchada: estava o tempo *lindissimo*, puro, sereno; ceu sem nuvens; banhava-se a terra n'uma atmosphera de mocidade e d'amor; renascia, sorria tudo na natureza: tudo, excepto o *sujeito*, que havia já um pedaço que se achava absorto em cuidados, como que contrafeito, olhando para um lado, para o outro, olhando principalmente para os cantos, até que descobriu um coio que lhe agradou, e esquivou-se com tal presteza que nem se deu pela sua ausencia. Talvez que fosse melhor, n'este ponto da historia, deixarmol-o nos... ir só. Mas, não ha remedio senão seguil-o!

Só passados instantes, os *amigos*, para não dizermos os rivaes, principiaram a scismar no que teria elle ido fazer. Para o *sujeito*, no entanto, ia tudo o melhor possivel e não seria capaz ninguem de ir dar com elle na balseira onde estava encoberto, a não ser uma circumstancia fortuita que revelou aquelle segredo cheio... de horror.

Chamam-se flósas uns passaros pequeninos, muito mais pequenos até do que pardaes, que dão o cavaco por depenicar figos. Junto do tal esconderijo de silvados onde se occultára o *sujeito*, havia uma figueira, e as maganas das flósas deu-lhes n'aquella occasião a vineta de se irem a ella

Avista-se um dos do rancho, e diz ás senhoras e aos homens:

—Olhem que de flósas, além! Quem vae atirar-lhes, sou eu!

Ainda as senhoras disseram que deixasse os passarinhos, que não fizesse mal a quem é vivente, que é ter mau coração ser caçador; mas o homem, teimoso, vae n'um pulo buscar a espingarda, volta, faz pontaria, e ia já o tiro a partir quando o *sujeito*, espreitando pelas silvas da balseira, vê o perigo que ameaçava a sua estimavel pessoa.

O medo faz esquecer as precauções mais necessarias. O homem não se lembrou de mais nada senão do tiro, e largou a fugir com quantas pernas tinha. Por não haver outro retiro, e ser tudo descampado, teve de ir correndo por alli fóra, um pouco á fresca e sem ceremonia, como se o tivessem ido accordar á cama no melhor do seu somno.

Imaginem que risota, que caçoada, que falsa posição para o *sujeito*, a quem a menina nunca mais poude vêr sem rir, a quem toda aquella gente ficou chamando «o flósa,» por ter estado por um triz a ser caçado, e que teve de renunciar á conquista e voltar para Lisboa conversando com os seus botões... já mettidos nas casas.

E' isto ou não é um verdadeiro capitulo de Paulo de Kock, e uma scena que parece copiada de qualquer d'aquelles romances excepcionaes, anomalos, subversivos, mas de que toda a gente gosta, porque os leitores são como a fortuna — gostam dos audaciosos, e não ha ninguem que não tenha rido com aquellas farçadas titanicas, promethescas, que revelam posses de gigante na amplidão e na ratice, aquillo a que a gente costuma chamar uma bôa asneira, que vale mais do que chalacinhas laboriosas e delambidas!

Andaram por ahi os tolos a querer espalhar d'elle a fama de immoral. Fortes virtuosos! Vejam se a alegria é immoral, e se é immoral o quadro da mocidade galhofeira e sádia, raparigas ageis e coradas, e rapazes que são umas flôres, sempre contentes, quer tenham dinheiro quer não, engraçados, namoristas, tropa de leva, jovial e intrepida, salta aqui, salta alli, gostando de mulheres que se pélam, e não fazendo mal a ninguem. Isso é lá ser immoral — grandes asnos!

Paulo de Kock fez ganhar muito dinheiro, no nosso paiz, ao traductor Nery—que vivia a tal ponto dentro da pelle d'elle, que se fez um dia romancista por sua conta e risco, e sahiu-se com o romance dos *Oculos da Velha*; mas Paulo de Kock é que não o traduziu a elle, creio eu, para não fundar uma amisade litteraria... traductional!

A fabrica de papel da Abelheira, as typographias, os distribuidores de cadernetas, os broxadores, os livreiros, toda essa gente, durante annos, comeu e bebeu da *Irmã Anna*, do *Homem dos tres calções*, da *Magdalena*, da *Mulher, marido e amante*. Nos gabinetes de leitura custava a dar aviamento a quem pedia *A Casa branca*, o *Barbeiro de Paris*, *Nem sempre nem nunca*, *Um rapaz encantador*, o *Amante da lua*; era a loja cheia de gente a gritar pelo *Homem da natureza*, e pelo *Visinho Raymundo*.

Ali mesmo faziam conhecimento uns com os outros—os leitores de Paulo de Kock ficaram para sempre amigos!—e cada um lembrava seu caso, largando todos ás gargalhadas quando se citava o entornar dos espinafres nas calças brancas, o gato pendurado á campainha da porta, ou aquella desculpa do marido quando a mulher o achava sem a camisa de malha—«E' que me esqueceu em casa do tabellião!»

O retrato que este semanario hoje publica não mostra o alegre romancista em rapaz, porém já o pensador de olhar reflectido, onde póde adivinhar-se a melancholia que n'alguns dos seus romances se revella, na *Irmã Anna*, por exemplo. Reparem bem n'essa agradavel physionomia, rosto franco e bom, bocca alegre, testa alta; está velho por fóra, por dentro foi sempre moço, e nunca aquelle espirito quiz saber de fatalidades romanticas, de complicações sinistras: idéa firme, phrase clara, estylo á moda de mil diabos, mas rapido, dizendo o que quer dizer, e elle ahi vae!

Em nenhuma litteratura se encontra auctor, que equivalha ao francez Paulo de Kock. Ha, em muitos paizes, um ou outro pintor de realidades alegres, ha contistas chistosas, ha poetas de chocarrices: mas em nenhum ha o talento e a originalidade que o distinguiam.

JULIO CESAR MACHADO.

Digitized by Google

UMA DECLARAÇÃO D'AMOR (Quadro de Silvio Rotta)

Digitized by Google

Digitized by Google

NÃO TE ASSUSTES

(Quad

Digitized by Google

FILHA! É TEU IRMÃO

de Franz Verhas)

Digitized by Google

Digitized by Google

ULTIMOS PREPARATIVOS DO PAPAGAIO (Quadro de A. Heyn)

Digitized by Google

SONETO DA DECREPITUDE

Quando eu tinha vinte annos saluberrimos,
Andava sempre a declarar ao mundo
Que tinha cans, e um dissabor profundo,
E dentro d'alma uns espinhaes asperrimos.

Certos criticos, juizes integerrimos,
Sorriam das canções do moribundo;
Pois viam no meu rosto rubicundo
Uns bocios brazileiros e uberrimos.

Que tempos! que saudades! que tolice!
Ora, hoje que eu me sinto quebrantado
Sob o peso da tremula velhice,

Não digo que estou velho nem cançado;
E não gosto, se sei que o leitor disse
Que o meu bigode já reluz pintado.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

AS NOSSAS GRAVURAS

LÁ VEM TEU PAE!

Ainda que a neblina tolde o horisonte e as sombras da noite comecem a desenrolar-se sobre o oceano infinito, aquella pobre mulher não deixa de distinguir nunca a velinha branca e bem talhada do pequeno batel, onde o seu companheiro angaria o sustento dos filhos na pesca laboriosa do alto mar.

Entre mil outras velas similhantes, que cortam a monotonia azul do oceano com a sua alvura immaculada, ella conhece sempre a da formosa lancha em que se lhe vão os olhos!

Mal a vê branquejar ao longe, depois de passar longo tempo na praia á espera do marido, diz logo para os filhinhos, como agora, n'um alvoroço indiscriptivel:—Lá vem teu pae!

E o rosto inunda-se-lhe de alegria suavissima; e o pequenito que traz ao collo apanha, por conta dos beijos que o pae ha de levar, um osculo demorado e retinido.

UMA DECLARAÇÃO D'AMOR

Em pleno quintalejo á beira mar, pela hora do sol posto, entre flores e petrechos de pesca, sob um ceu azul, muito azul, aquella declaração d'amor não deixa de ter a sua poesia.

Elle é um rustico; tem os labios mais affeitos á nicotina corrosiva do cachimbo que á doce ambrosia dos beijos, mas assim mesmo rustico, sente lá dentro um coração a bater-lhe d'amor pela formosa cachopa, cujas mãos de fada sabem rendilhar, na fina cambraia, uns arabescos do mais bello e artistico lavor.

Ella, conscia talvez da sua grande superioridade sobre o rude Almaviva das praias, não se mostra muito propensa a acceitar-lhe os galanteios, mas emfim, o rapaz promette leval-a á egreja, e as coisas lá se hão de arranjar pelo melhor, acabando a bella por declarar-se rendida.

ULTIMOS PREPARATIVOS DO PAPAGAIO

Uma faina que tem durado compridas horas!

Tudo trabalha n'aquelle pequenino congresso de garotos, muito mais pratico, talvez, que o congresso de Versailles ou que a mallograda Conferencia egypcia.

Trata-se de confeccionar um papagaio elegante e garrido, muito vistoso no seu papel almasso novinho do trinque e na sua bella cauda cheia de feitios, que faça o desespero de todos os rapazelhos invejosos da aldeia.

Um delineou os moldes; outro cortou; o mais novo forneceu o fio que hade elevar aquelle impavido explorador dos ares a alturas incommensuraveis.

Agora, dão-lhe os ultimos toques e enfeitam-lhe a cauda com uma trapagem multicor de bello effeito, que a irmãsita desencantou na costura materna.

A obra está quasi concluída: o peior é se o boreas não sopra e se toda aquella grande labutação foi superflua...

NÃO TE ASSUSTES, FILHA! É TEU IRMÃO.

Não carece de ser explicado este bello quadro de Franz Verhas; explica-se por si mesmo; basea-se n'uma graciosa travessura dos oito annos brincalhões, capazes de todas as maldades e inspiradores das mais estravagantes loucuras.

Aquelle *enfant gâté* é o terror da irmanzinha, e não se passa um dia sem que lhe prégue qualquer peça das suas. Hoje envolveu-se n'aquella soberba pelle de tigre, e causou-lhe um susto tremendo. Amanhã lançará mão d'outro expediente, para fazer com que a pobre pequenita passe um ruim quarto de hora.

D'esta vez devemos, porém, confessar que teve graça, e tanta, que a mãe, perdida de riso, não se sentiu com forças para lhe vibrar uma reprehensão forte.

A ORAÇÃO DA PEREGRINA

Tão moça ainda e já magoando os pés nas urzes dos caminhos, em peregrinação longa e causticante!...

Realmente faz-nos scismar aquelle desprendimento das coisas mundanas, manifestado ao alvorecer da vida, quando tudo é risos e chimeras azues, quando o espirito se povôa de miragens côr de rosa e o coração regorgita de esperanças sorridentes!

Andará por ali algum amor infeliz e mal correspondido? Reflectirá aquelle olhar, profundo e triste, as magoas d'alguma paixão, que não foi recompensada com outra d'egual quilate?

Não o sabemos, e mal pode comprehender-se que o bordão de peregrino e a prece fervorosa sejam os unicos esteios a que se ampare uma creaturinha tão nova e tão gentil!

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

B. CRUZ.—Mirandella.—Póde mandar. Serão bem recebidas.

PYTHON.—Terão a sua vez. Continue.

LIBERTADOR.—De vagar se vae ao longe. Estamos ainda na base da montanha, mas havemos de chegar ao cume, descanse. O seu alvitre será tomado em consideração, pelo andar dos tempos.

A. A.—O *Canto do barqueiro* tem versos errados, e nós não queremos expol-os ás vaias da critica severa, mesmo firmados com o seu nome.

FRANCISCO AUGUSTO DE BARROS.—Porto.—A solução do 3.º problema de Xadrez, que v. ex.ª indica, é, tambem, certa. Apenas differe da nossa em ter os movimentos postos por outra ordem.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta conjuncção é ruim e vôa—1—1.

Está na musica e salta—1—1.

Redondo.

J. J. SILVA.

ELECTRICAS

A's direitas moeda antiga, ás avéssas usa-se—2.

A's direitas fructo, ás avéssas cheiro—3.

A's direitas adverbio, ás avéssas na egreja—2.

A's direitas ave, ás avéssas ave—3.

Mirandella.

B. CRUZ.

EM QUADRO

. . . . No sapato
. . . . Aroma
. . . . Jogo
. . . . Circulos

Elvas.

ODRACIR E SEUQRAM.

LOGOGRIPHOS

Eu já vi n'esta cidade—5—2—1—8
Um animal turbulento—1—2—3—2
A guiar um elephante—6—2—5—3—4—6—8
Por meio d'este instrumento—6—2—6—7—8—5—5—4.

Diz um ditado já velho,
(Que eu jámais esquecerei),
Que—lá na terra dos cegos,
Quem tiver um olho é rei.

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

Digitized by Google

Este sujeito encontrei—8—7—6—9—1—11
De collarinho virado;—3—2—10—11—6—7
Animal representava—8—7—10—4—9
Exposto sobre um estrado.—1—7—3—9—5—6—11
Reputando-me seguro,—1—9—1—11
Por um bosque caminhei;—10—9—8—11
Mas, ao ver este animal,—3—5—2—8—11
No abysmo me lancei —3—7—5—2—1—5—11.

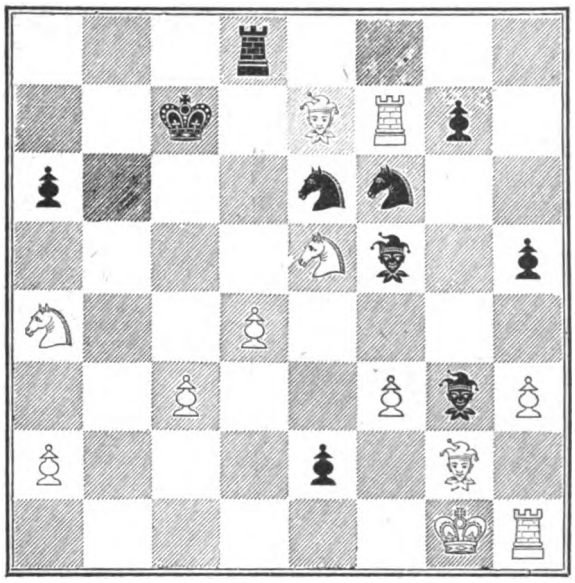
Para vos dar o conceito,
Inspirae me, grande Deus!
O todo do logogripho
Pertence aos velhos Hebreus.

Tavira. PYGMEU.

XADREZ

PROBLEMA N.º 6

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

PROBLEMA

Um peregrino, subindo por um terreno arenoso, avança 2 kilometros em cada uma das horas de ordem impar, e recua 400 metros em cada uma das de ordem par. Tendo percorrido no fim da jornada 10 kilometros, deseja-se saber que tempo precisou para andar esta distancia.

MORAES D'ALMEIDA.

A RIR

Colhido n'um jornal de provincia:

«Um grande desgosto acaba de ferir o nosso amigo F... A sua sogra, gravemente enferma desde longos mezes, entrou em franca e plena convalescença.»

*

X... vae pelo Chiado fóra e vê assomar ao longe um dos mais celebres massadores de Lisboa.

Temendo o encontro, volta para traz, mas o massador percebe a manobra, apressa o passo e aborda-o de espaldas.

—Como vaes tu?

—Olha, agora vou com muita pressa!

*

—O melhor isolador para prevenir os effeitos da electricidade é o vidro.

—Engana-se, meu caro; é minha sogra. Fique certo de que nem um raio dá cabo d'ella!

*

Considerações de Calino sobre a festa de 24 de julho em França:

—É' necessario que o governo seja muito estupido para realisar a festa de 24 de julho no verão!

*

Na feira de Belem:

Um *gavroche* diante da barraca da mulher gigante:

—Quanto se paga para ver?

—Um pataco.

—Pois eu dou um vintem, mas prometto ver só com um olho.

*

Um commendador já velhote, que passa por ter muito má lingua e que não perdoa a mais pequenina fraqueza do genero humano, diz para um seu amigo, no Gremio:

—Você já reparou bem em F..., quando joga o *wisth?*

—Já, sim. E então?

—Não lhe parece que joga d'um modo extraordinario?

—Quererá o amigo dizer que faz *batota?*

—Não o digo apenas: era capaz de jural-o.

—Mas note que elle perde sempre!

—Precisamente por isso. Perde de proposito para dissimular as falcatruas!...

UM DOMINÓ.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.

1.ª—Parafuso
2.ª—Pegaso
3.ª—Jaula
4.ª—Cachimbo
5.ª—Madresilva

Xadrez—Solução do 5.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. C. 5 T. R. cheque.	1. R. 3 T. R.
2. D. 3 R. cheque.	2. P. 4 C. R. ou R. toma C.

3. D. toma P. ou D. 5 C. R. cheque e mate.

Do problema:
Fitas contendo amarello, 45.
Fitas sem amarello, 60.
Da carta enygmatica:—Boaventura.

UM CONSELHO POR SEMANA

Para verificar se o petroleo de que fazemos uso é de boa qualidade, isto é, convenientemente purificado, deita-se uma pequena porção do liquido em um pires, e deixa-se cair dentro d'este um phosphoro acceso. Se, depois de ter fluctuado um instante á superficie, o phosphoro se apaga como se mergulhasse n'um oleo fixo, podemos ficar certos de que o petroleo é bom.

A NOIVA

...Vou cumprir a minha promessa, descrevendo-te o romance do meu casamento.

Se não quizeres guardal-o só para ti, (o que eu preferia) faze d'elle um conto, e offerece-o, como uma boa e salutar advertencia, ás donzellas inexperientes.

*

Como sabes, fui educada em um convento, na atmosphera mystica dos psalmos e do incenso.

Sahi do parlatorio para os braços do meu noivo, tola, como uma pata, e pura como os lyrios, que nós iamos pôr, todas as sextas feiras, no altar do Senhor dos Passos.

O casamento tinha sido contratado, sem dependencia do meu voto, entre a familia do meu noivo e a minha. *Submetti-me*, não tendo absolutamente nenhuma vontade de *demittir-me*.

De resto, a primeira vez que vi Henrique, senti logo o *coup de foudre*: achei-o seductor, com o seu bigodinho loiro e o seu olhar profundo e ardente.

No dia do casamento, a nossa sala encheu-se de raparigas *chics*, vestidas pela Aline e pela Emilia de Abreu; de formosas mulheres da alta roda, espirituosas, distinctas, perfumadas, em torno das quaes os homens, irreprehensiveis nas suas casacas pretas e nas suas fardas estrelladas de condecorações, faziam circulo, disputando a honra de offerecer-lhes o braço.

Eu sentia-me acanhada e pouco attrahente, no meio d'essas brilhantes mulheres, que conheciam a fundo todos os segredos (inaccessiveis á minha ignorancia) da arte de agradar, sabendo accender com um olhar um vulcão e deixando entrever em um gesto um paraizo...

O meu vestido branco, picado de flor de laranja, a minha mantilha de uma alvura diaphana, que me tinham encantado, antes do grande dia, perderam aos meus olhos parte do seu prestigio, obscurecidos pelo esplendor de todas essas *toilettes*, carregadas de joias e flores.

A' saida da egreja, ouvi minha prima Celestina dizer, em voz

Digitized by Google

alta, ao visconde do Olmeiro: —Não acha que o vestido branco exaggera a pallidez da Georgina? Parece uma defunta!

Estremeci e agarrei-me, vacillante, ao braço de Henrique. Elle encarou-me, muito admirado, e, com uma voz tremula de beijos, perguntou-me o que eu tinha.

A' noite, no quarto, quando todos se foram embora, lancei-me nos seus braços, chorando.

Estava convencida de que elle, um rapaz de espirito, um leão da moda, não podia amar a desastrada collegial, sem graça, sem maneiras, sem uso do mundo, e que, se condescendera em casar commigo, fôra unicamente para fazer a vontade a seu pae!

Depois de muito instada, confortada pelo tepido ambiente de caricias em que elle me envolveu, confiei-lhe as minhas negras apprehensões, e terminei perguntando-lhe, no abandono da confiança que elle principiava a incutir-me, se não lhe tinham parecido mais bonitas as outras mulheres, se era eu, effectivamente, aquella que, acima de todas, preferia?

Henrique prostrou-se aos meus pés, e, com as minhas mãos nas suas e o seu olhar no meu, jurou-me, com expressão apaixonada, que essa adoravel candura, esse delicioso acanhamento e essa simplicidade, despretenciosa e ingenua, de que eu me accusava, constituiam, aos seus olhos, o meu principal encanto, a caudal purissima onde a sua alma, ebria de amor, vinha dessedentar-se.

Acreditei-o e cai-lhe nos braços, orgulhosa e feliz!

*

Seis mezes depois do nosso casamento, fomos ao baile da marqueza ***.

A' sahida, no coupé que nos reconduzia ao domicilio conjugal, meu marido disse-me:

— Não achas que a viscondessa do Olmeiro estava deslumbrante? Que esplendidos cabellos loiros! Pareciam a auréola de uma madona!

—Oh! filho, volvi, enroscando-me no fundo do coupé e fechando os olhos, pesados de somno, mas olha que a viscondessa não tem um cabello na cabeça que não seja postiço e pintado...!

—Já esperava essa resposta, cortou meu marido com desabrimento; as mulheres são implacaveis umas para as outras!

Estremeci, como se me houvessem ferido no coração, e fitei Henrique com um olhar estupefacto.

Era a primeira vez que eu sentia na sua voz, ordinariamente tão meiga, aquellas inflexões duras, de uma frieza aggressiva.

Decorridos oito dias, eu chorava as minhas illusões perdidas, o meu ineffavel sonho de amor extincto: adquirira a prova evidente das criminosas relações que existiam entre a viscondessa e meu marido.

A viscondessa tinha a edade enygmatica de certas mulheres, que esquecem a conta de sommar dos trinta annos em diante. Pintada, artificiosa e postiça desde os bicos dos pés até á raiz do cabello, ninguem poderia dizer, a seu respeito, onde é que terminava o artificio e onde é que começava a realidade.

Os seus cabellos, côr de gemma d'ovo, os seus languidos olhares, sublinhados a nankin, fascinavam os homens.

*

Não dirigi a menor accusação ao meu infiel marido, e planeei um estratagema, inteiramente nada conventual.

A viscondessa do Olmeiro dava um baile, para o qual recebemos convite.

Mandei fazer uma *toilette*, de uma *tapage* escandalosa, decotei-me como um conto de Crébillon filho, entreguei a minha cabeça a um cabelleireiro, para que a fizesse loira e colossalmente extravagante, e a minha cara a um caracterisador, para que a cobrisse de tintas.

Depois de concluida a triplice metamorphose, olhei para o meu pobre espelho de Veneza, que nunca imaginou ter de reproduzir na sua nitida transparencia similhantes horrores, e achei-me grotesca!

Começava a arrepender-me, a ter medo, a receiar provocar uma tempestade domestica, e dispunha-me a mandar prevenir Henrique de que não podia acompanhal-o ao baile, allegando uma subita enxaqueca, quando elle, correcto na sua casaca, florida com um pequenino raminho de verbenas, (a flôr predilecta da viscondessa!) appareceu á porta do meu toucador.

Assustada, dei um grito e fui esconder-me no vão da janella, cobrindo os hombros nús com o reposteiro.

Henrique, não comprehendendo nada, approximou-se.

De subito, no momento em que eu encommendava a minha alma a Deus, acreditando piamente que elle ia matar-me (e perdoando, de antemão, a explosão do seu justo furor), Henrique caiu-me aos pés, exactamente como em a noite do nosso casamento; depois, enlaçando-me nos braços, beijando-me nos cabellos, pintados de fresco, no nankin dos olhos, no carmim das faces, disse-me tudo quanto a paixão mais ardente póde inspirar ao amante mais feliz.

É escusado dizer que não fomos ao baile, e que a caracterisação archaica da viscondessa foi sacrificada em homenagem a outra caracterisação, muito mais moderna.

.....

Devo accrescentar, para tranquillidade da tua alma affectuosa e boa, que reconquistei o coração de Henrique, sem ter necessidade de continuar a pintar o cabello.

Pouco a pouco, e invocando a todo o instante a virtude milagrosa de um talisman que trago no seio,—o nosso filho,—consegui provar-lhe que os cabellos pretos tambem teem o seu merito, sobre tudo quando não são pintados, e que o contacto das faces bezuntadas de carmim, offerece, entre outros inconvenientes, o de sujarem a bocca e estragarem o beijo.

GUIOMAR TORREZÃO.

A ORAÇÃO DA PEREGRINA (Quadro de Frederico Proelss)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 1 de setembro de 1884 — Numero 10

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*A Martinhada*, por Pinheiro Chagas.—*A flor do lago*, versos, por João de Lemos.—*O eremita do Cabo de Santo Angelo, na Grecia*, por D. Isabel Maria Lopes de Mendonça.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*Em familia*, (*Passatempos*).—*Um conselho por semana*.—*Casa para alugar*, (*Jeanne Thilda*), por Esmeralda.

GRAVURAS.—*Á tarde, ao pôr do sol.—Borrando-lhe a pintura.—Os ultimos momentos do Imperador da Allemanha, Frederico II.—O domador de feras.—O rio Zezere.*

CHRONICA

Assalta-nos o receio de iniciar hoje a chronica descambando inconscientemente no declive da politica, d'essa malvada politica indigena, tão carranculda e tão virulenta, que transforma, para muitos, em horrendos monstros, figuras sympathicas e esbeltas como a de Magalhães Lima.

Sem sabermos porque, invadem-nos uns temores pueris, ao traçar sobre a alvura do papel os primeiros lineamentos d'esta palestra semanal, entretida, *bon gré mal gré*, com os leitores da *Illustração Portugueza*, quer elles se não encontrem em disposições para nos dar tréllas, quer nós nos não sintamos propensos ás delicias do cavaco ameno, diante de bons e máos, perante um publico numeroso e irrequieto, que póde pensar de modo diverso, que tem opiniões differentes das nossas, que encara, muitas vezes, os factos sujeitos á critica, atravez d'um prisma pelo qual nós não soubemos ou não quizemos analysal-os.

Em verdade, é difficil vir para aqui, para este socegado cantinho da chronica alegre e brincalhona, tendo-se primeiramente de alijar, á porta, a bagagem pezada de adjectivos de combate, que nos acabaram de servir na elaboração d'um artigo politico, e narrar despreoccupadamente, facetamente, de animo sereno e imperturbavel, em prosa chã, que não tira gregos nem troyanos, successos da ultima hora mais ou menos censuraveis, acontecimentos do dia verberados horas antes, pela nossa mesma penna, em publicações d'outra indole.

E' difficil, mas tem de fazer-se: exige-o a feição jovial d'este

Á TARDE, AO POR DO SOL

Digitized by Google

semanario; ordena-o o enfado naturalissimo das leitoras, que ha bons oito dias não ouvem senão queixas, doestos, recriminações e injurias, a proposito da manifestação republicana perante o humilde tumulo de Fernandes Thomaz.

Demonio!

Lá cahimos nós irreflectidamente no assumpto perigoso, apesar dos nossos receios mais que justificados.

Pois agora é ir para diante.

O que tem de ser, seja.

Uma simples corôa de bronze que se projectava collocar sobre a campa modesta do grande liberal, e um vistoso cortejo civico preparado em honra do morto illustre, foram as causas occasionaes de todo esse barulho, que encheu a semana, de principio a fim, com os echos mal soantes de muitos odios partidarios, de muitos rancores manifestados em longos artigos de fundo, de muita rhetorica indignada, vendida a dez réis pelos *gavroches* descalços, no mac-adam da Baixa.

Ora vejam como d'uma insignificante faisca nasce um incendio, como d'uma pequenina gotta d'agua se gera uma tempestade!

A corôa de bronze estava prompta.

Os republicanos, com o sr. Magalhães Lima á frente, achavam-se preparados para exhibir a gentileza e o garbo do seu directorio, n'um longo passeio desde o Terreiro do Paço até ao cemiterio occidental.

As phylarmonicas sabiam de cór hymnos festivos ensaiados durantes mezes.

Estandartes de variadissimas côres alegres, a meio dos quaes mão artistica bordára, em lettras d'ouro muito garridas, diversos lemmas democraticos, aguardavam impacientes o momento de se bandearem nas ruas, enfunados pela brisa da tarde.

Tudo estava a postos, radiante de jubilo, sedento de festa.

Vae senão quando a policia, a feroz policia, que se arvorou em desmancha-prazeres, dá-lhe á ultima hora na tineta para chamar os promotores do cortejo e para exigir d'elles que firmassem um termo qualquer, responsabilisando-se pela ordem publica.

O sr. Magalhães Lima não assignou o termo requerido, e ninguem quiz tomar sobre os hombros o peso d'aquella dura responsabilidade.

D'ahi, o veto posto á realisação do cortejo civico republicano, e o logro pregado a muitas alminhas de Deus caritativas, que esperavam fazer negocio honesto com as janellas dos seus penates, alugando-as, por preços fabulosos..., em honra de Fernandes Thomaz.

D'ahi, finalmente, um «dize tu direi eu» jornalistico, eivado de ameaças e de palavras feias.

Mas a corôa de bronze, a famosa corôa não podia ficar esquecida a um canto, e o heroe da revolução de 1820 expunha-se a fazer uma triste figura lá no outro mundo, diante de outros heroes egualmente grandes da Historia, se cá em baixo, na Parvonia, depois de tanto barulho e de tantos programmas de festa arremessados á publicidade, não fossem, ao menos, depôr-lhe uns tristes loiros sobre a campa, espalhar-lhe sobre o jazigo humilde umas simples flores de rhetorica:

«Que homem és tu,—diriam os collegas d'além-tumulo ao famoso liberal,—que se desorganisam e prohibem as procissões civicas em tua honra?

Camões foi mais feliz, apesar de ter só um olho, e o Sebastião de Carvalho e Mello, a despeito do que disseram d'elle, conseguiu o que tu não consegues!»

E o pobre Fernandes Thomaz, o grande e famoso patriota a quem este pequenino Portugal tanto deve, sentir-se-ia córar de vergonha, vendo que o sr. Manuel d'Arriaga não lhe consagrava um discurso repassado de lagrimas, e que o sr. Magalhães Lima, em nome dos democratas de 84, não punha para ali a corôa promettida, ferrando um *cão* monstruoso á sua respeitabilissima e veneranda memoria.

Compenetrando-se de quanto n'esta situação havia de ridiculo para o ousado liberal desfeito em cinzas, o directorio do partido republicano, custasse o que custasse, resolveu ir ao cemiterio dos Prazeres, e convidou os seus correligionarios da capital a encontrarem-se ali com elle.

Se houvesse tumultos, se alguem cahisse por terra, na lucta com a auctoridade e com a lei, o local não podia ser mais de feição para dar jazida aos vencidos. Fernandes Thomaz teria sorrisos de jubilo, vendo, por companheiros no tumulo, os promotores da mallograda procissão civica em sua honra.

Foi tudo ao cemiterio; tudo.

Os estandartes arrancaram-se das lanças e enrolaram-se ao pescoço dos manifestantes.

Appareceu a sr. D. Angelina Vidal exhibindo trajes de côr apropriada a situação.

Proferiram-se discursos patrioticos.

Na força do enthusiasmo, alguem fez uma *saude* á memoria de Fernandes Thomaz.

Não houve disturbios, nem conflictos, nem mortes, mas as cruzes que assignalavam muita campa rasa do cemiterio, ficaram feitas pedaços; varias coroas de perpetuas, orvalhadas por muitas lagrimas de saudade amarissima, com que o respeito dos vivos costuma enfeitar a ultima jazida dos que lhe fôram caros, desappareceram d'ali, desfeitas pela turba-multa dos curiosos.

Houve mausoleos partidos, flores calcadas a pés, logares santos profanados, mas Fernandes Thomaz não passou sem ter a sua apotheose e os republicanos sem fazerem a sua festa.

No dia seguinte, o directorio do partido democratico celebrou o acontecimento da vespera com um banquete.

A sr.ª D. Angelina Vidal não assistiu.

N'este jantar commemorativo, como no acampamento do duquezinho de Parthenay, não houve mulheres.

«Pas de femmes,
pas de femmes!»

==A' mesma hora em que, na capital, se desenrolavam os successos narrados, junto de Cintra, no campo historico e vastissimo dos Setiaes, um bando de alegres creanças exercia a caridade pelo modo mais sympathico, em favor dos desventurados de Caparica.

Não se glorificavam ali *mortos illustres*, que já teem o seu nome escripto em caracteres de ouro, indeleveis, nos annaes da Historia; não se entreteciam corôas votadas á memoria de vultos gigantescos, que dormem, desde muito, o somno eterno, nos seus tumulos singelos, abençoados pela patria saudosa e reconhecida.

No campo dos Setiaes tratava-se de soccorrer os *vivos sem pão nem lar*, obra altamente meritoria, que não tem a mais leve significação politica, e que, por isso mesmo, inspira de preferencia as nossas sympathias e os nossos louvores.

Uma corrida de tourinhas foi o pretexto para se colher a esmola destinada aos infelizes desabrigados e famintos.

«Vinde a mim—disse a caridade representada pela infancia bemfazeja—e deixae-me o vosso obolo.

«Não vos dou conflictos, nem agitação, nem odios intensos, nem contendas jornalisticas.

«Folgando e rindo, pratico um acto bem mais util e proveitoso que todas as homenagens prestadas aos benemeritos defunctos!»

E assim foi. E a policia não teve de intervir n'aquella festa de creanças, nem de exigir garantias de ordem.

A caridade repelle o tumulto; não soube jámais congraçar-se com elle.

E, como era de caridade a festa, como havia infortunios a suavizar, a realeza não deixou de ter representação no acto nobilissimo.

E ahi está como uma simples corrida de tourinhas a favor dos pobres que vivem sem amparo, pode deixar gravadas no espirito mais doces recordações, que uma ruidosa apotheose em honra dos vultos que morreram, cercados de bençãos e de conforto!

C. DANTAS.

A MARTINHADA

Fallemos ainda hoje, muito ao correr da penna, e baseando-nos na obra valiosissima do sr. Clemente dos Santos, n'um dos episodios mais curiosos d'essa revolução de Vinte, tão mal estudada e tão mal conhecida ainda entre nós, revolução verdadeiramente heroica e sublime, revolução, porém, imprudentemente encaminhada, e que por isso tinha de ter um desfecho fatal, como infelizmente veiu a ter.

O governo provisorio publicára em 31 de outubro umas instrucções para a eleição de deputados, que não foram bem acolhidas. D'ahi se originou inquietação em Lisboa, e os generaes tomaram a palavra.

Um dos defeitos da revolução de 1820 e em geral de todas as revoluções portuguezas, foi sempre o papel activo desempenhado pela força armada.

Reuniram-se, pois, os commandantes das diversas forças militares, e dirigiram uma representação ao governo exigindo, que se jurasse desde logo a constituição hespanhola. Entre os nomes d'estes revolucionarios impacientes pela adopção immediata de uma constituição largamente democratica em Portugal, não ficará o leitor pouco espantado de encontrar os seguintes:

Gaspar Teixeira, o chefe do movimento, que foi depois um dos generaes de D. Miguel; Telles Jordão, o tristemente famigerado carcereiro dos liberaes, e o marechal de campo, Povoas, outro general miguelista, e dos mais celebres.

Os officiaes intimaram a sua vontade ao governo, no dia 11 de novembro, e as tropas formaram no Rocio, promptas para a revolta. Por se ter dado essa evolução politica no dia de S. Martinho, ficou depois conhecida pelo nome de *Martinhada*.

O povo assistiu indifferente e quasi assustado a esse novo movimento. Começava a ser da opinião do padre de quem fallámos n'um artigo antecedente. E seriam sinceramente democraticas as opiniões dos chefes do movimento? O que é certo é que a primei-

Digitized by Google

ra consequencia que elle teve foi demittirem-se de membros do governo, por desaccordo com o vice-presidente, general Silveira, os seguintes vogaes: Manuel Fernandes Thomaz, Hermano José Braamcamp do Sobral, fr. Francisco de S. Luiz, e José Joaquim Ferreira de Moura.

Esta noticia deu que reflectir ao povo e á tropa. Ninguem podia duvidar dos sentimentos liberaes e das idéas democraticas de Fernandes Thomaz. Como podia, portanto, recusar-se a acceitar a constituição de Hespanha, tão democratica e tão liberal? *Latebat anguis.* No dia 17 de novembro tornaram-se a reunir exactamente os mesmos manifestantes, e dirigiram uma nova intimação ao governo para que os membros demissionarios retirassem a sua demissão e para que, adoptando-se o methodo eleitoral que se adoptára em Hespanha, se desistisse comtudo de se pôr em pratica a constituição adoptada no mesmo paiz. Assim, voltaram ao seio do governo os membros demissionarios. Antonio da Silveira pediu não a sua demissão, mas uma licença para se ir tratar, o que equivalia a demittir-se, porque, dentro em poucos dias, tinham de expirar naturalmente, com a reunião das côrtes, os poderes do governo. Julgou porém depois que seria mais acertado continuar a comparecer nas sessões. Esse episodio todo é extremamente curioso.

Vendo a demissão de Fernandes Thomaz muito mal acolhida pelo povo, Antonio da Silveira percebeu que se lhe tinham mallogrado os planos, e officiou á junta, nos seguintes termos:

«A febre nervosa que soffro ha muitos dias tem-se aggravado de forma que arrisca e muito a minha vida, segundo o voto do habil facultativo que me trata, se eu não sair com brevidade para os ares de campo, aonde possa tomar os remedios proprios d'esta perigosa molestia; não podendo, por isso, continuar as honrosas funcções que exercia n'esse governo, antes de trinta ou quarenta dias, e devendo ellas cessar legalmente dentro d'este espaço de tempo, pela convocação das proximas côrtes, não pode ser julgada intempestiva, nem mal fundada a demissão, que agora peço, para poder ir recuperar, em quanto é tempo, nos ares patrios, a minha saude perdida.»

Em nome da junta respondeu-lhe José Manoel Ferreira de Sousa e Castro que se lhe não podia acceitar nem negar a demissão pedida. «O tratamento, porém, da saude de v. ex.ª poderá legitimar aquillo que a junta provisional do governo não póde conceder, e este folgará com a boa nova do restabelecimento de v. ex.ª».

O que faz Antonio da Silveira? Manda declarar no *Diario do Governo* que a sua saude tem melhorado muito desde o dia 17, e officia á junta, dizendo-lhe:

«Na impossibilidade de obter a demissão que a minha saude necessita, ou ao menos uma licença de vinte ou trinta dias para ir tomar os ares do campo, eu me resigno a estas circumstancias; e consequentemente, no mesmo instante em que me fôr permittido pelo habil facultativo que me trata, irei continuar as minhas funcções quanto me fôr possivel.»

Este *habil facultativo*, que Antonio da Silveira apresenta sempre na frente, e que representa em toda esta correspondencia um papel de verdadeiro pedaço d'asno, é um dos personagens mais comicos d'este comico episodio.

Em presença d'esta resolução, que não agradava á junta, acabaram-se as meias palavras, as formulas adocicadas, e a junta, que não queria receber a demissão de Antonio da Silveira, e que apenas o que tinha era o mais vivo interesse pela saude d'este digno general, em vez de se alegrar com a fausta noticia do seu rapido restabelecimento, devido de certo ao seu *habil facultativo*, fulminou o pobre Antonio da Silveira com o seguinte officio:

«Ill.mo e Ex.mo Sr.—Tendo v. ex.ª pedido no dia 16 do corrente a sua demissão, e na falta d'esta a licença pelo tempo da existencia do actual governo provisorio, e, não se podendo duvidar depois d'este passo dado por v. ex.ª, e da resposta que em consequencia d'elle recebeu, que a sua vontade fosse não tornar a occupar mais o logar que tinha no mesmo governo, principalmente depois de ser em vista do resultado dos acontecimentos que foram publicos n'esta capital em o referido dia e nos antecedentes; e constando agora que v. ex.ª, sem embargo d'isso, projectava voltar hoje ao exercicio das suas funcções que tão solemnemente abdicára, e que já lhe não era permittido reassumir sem manifesta contradicção com o seu proprio facto, e sem uma inevitavel perturbação da ordem e socego publico da mesma capital, ameaçada de horrorosa calamidade por tão inesperado successo, a junta provisional do supremo governo do reino, em attenção ao referido, e a que, só na certeza de tal abdicação, foi que os quatro membros do governo, chamados novamente a elle, convieram em continuar a servir a patria na posição em que os deixára o dia 10 do corrente, ordena, em exercicio do poder que a nação lhe confiára, que v. ex.ª saia em duas horas d'esta cidade para a sua quinta de Canellas, na comarca de Villa Real, não se demorando em parte alguma senão aquelle tempo que fôr necessario para sua commodidade em jornadas regulares, participando pela secretaria competente a sua chegada, e ficando em intelligencia de que, sem licença da junta, não deve sair mais da mesma quinta.«

Não sabemos o que disse o *habil facultativo*, mas assim se poz termo ao desgraçado episodio da *martinhada*, triste presagio do destino que havia de ter a revolução de 1820. Mostrava elle que a tropa estava á mercê dos seus chefes supremos, e que não hesitava em impôr á nação a vontade dos seus generaes, e estes, com seis dias de differença, procederam de modo diametralmente opposto. Este comico incidente da demissão de Antonio da Silveira veiu tambem revelar um outro vicio da Revolução—o vicio das formulas assucaradas. Nós, os Portuguezes, que nos insultamos uns aos outros com o maior desplante em papeis anonymos, quando nos dirigimos uns aos outros verbalmente, ou por communicação escripta directa, somos de uma doçura enjoativa. Vejam o tempo que a junta gastou e fez gastar a Antonio da Silveira antes de tomar a resolução de lhe communicar uma ordem positiva e clara. Foi esse mesmo systema comprimenteiro que demorou a acção das côrtes, que devia ser energica, rapida e decisiva, quando veiu a contra-revolução de 1823.

PINHEIRO CHAGAS.

A FLOR DO LAGO

Era uma vez um crystallino lago
E d'elle á beira debruçada flor;
Que linda flor de namorado afago!
Que lago aquelle de encantado amor!

Ella mirava-se estampada na agua,
Elle entranhava a retratada flor;
Ella por dar-se nem sonhava magua,
Elle por tel-a só sonhava amor!

Nem folha solta, nem travêssa aragem,
Toldando o lago, baloiçando a flor,
Nada ali vinha desfazer a imagem,
Quebrar o espelho, perturbar o amor.

Assim viviam; mas foi breve o espaço,
Que um vento rijo despregara a flor,
E sobre o lago, que parecia de aço,
Ergueu-lhe as vagas de baldado amor.

Ai! vida minha, crystallino lago,
Ai! tu, que eras debruçada flor,
De vós só resta, em namorado afago,
Doce memoria de encantado amor!

JOÃO DE LEMOS.

O EREMITA DO CABO DE SANTO ANGELO, NA GRECIA

Na extremidade do cabo de Santo Angelo, que se mette muito pelo mar, começa a estreita passagem que os timidos marinheiros evitam, deixando-lhe a ilha de Cerigo á esquerda. Este cabo é o das tempestades para os maritimos gregos; sómente os piratas o affrontam, por saberem que ninguem ali os irá perseguir. O vento ról-a com tanta força e impetuosidade do cabo para o mar, que, muitas vezes, arrasta comsigo enormes pedras da montanha até á coberta dos navios.

No declive escarpado e inaccessivel do rochedo que fórma o dente do cabo, dente aguçado pelos furacões e pela escuma das ondas, o acaso suspendeu tres rochedos destacados do cume, e detidos pelo semi-declive na sua descida; estão ali como um ninho de aguias, inclinado para o abysmo escumante dos mares. Um bocado de terra vermelha, detida pelos tres desiguaes rochedos, sustenta cinco ou seis figueiras definhadas, que pendem, com os seus ramos tortuosos e as suas largas folhas pardacentas, para o vortice ruidoso que redemoinha a seus pés.

O olhar não póde distinguir nenhum atalho, nenhuma escarpa praticavel, que conduza a qualquer pequeno cómoro vegetante.

Todavia, nota-se uma casinha baixa junto das figueiras, casinha parda e sombria como a rocha que lhe serve de base, e com que se confunde á primeira vista. Sobre o seu tecto liso eleva-se uma pequenina torre, egual á dos conventos de Italia, e onde se vê um sino. A' direita, avistam-se antigas ruinas, alicerces de tijolo vermelho, e algumas arcadas conduzindo a um pequeno terraço que se estende em frente da casa.

Uma aguia receiaria voar n'um tal sitio, sem um tronco d'arvore, sem uma simples moita onde podesse abrigar-se do vento que ali brame sempre, do eterno mugido do mar que se despedaça, da escuma que lambe continuamente o rochedo polido, sob um céo vermelho e ardente.

Todavia, um homem fez o que a propria aguia teria difficuldade em fazer: escolheu um tal asylo, vive n'elle.

Vimol-o: era um eremita.

Dobrámos de tão perto o cabo, que distinguimos a sua longa barba branca, o bordão, o rosario, o seu capuz de feltro escuro, similhante aos que usam os marinheiros, no inverno.

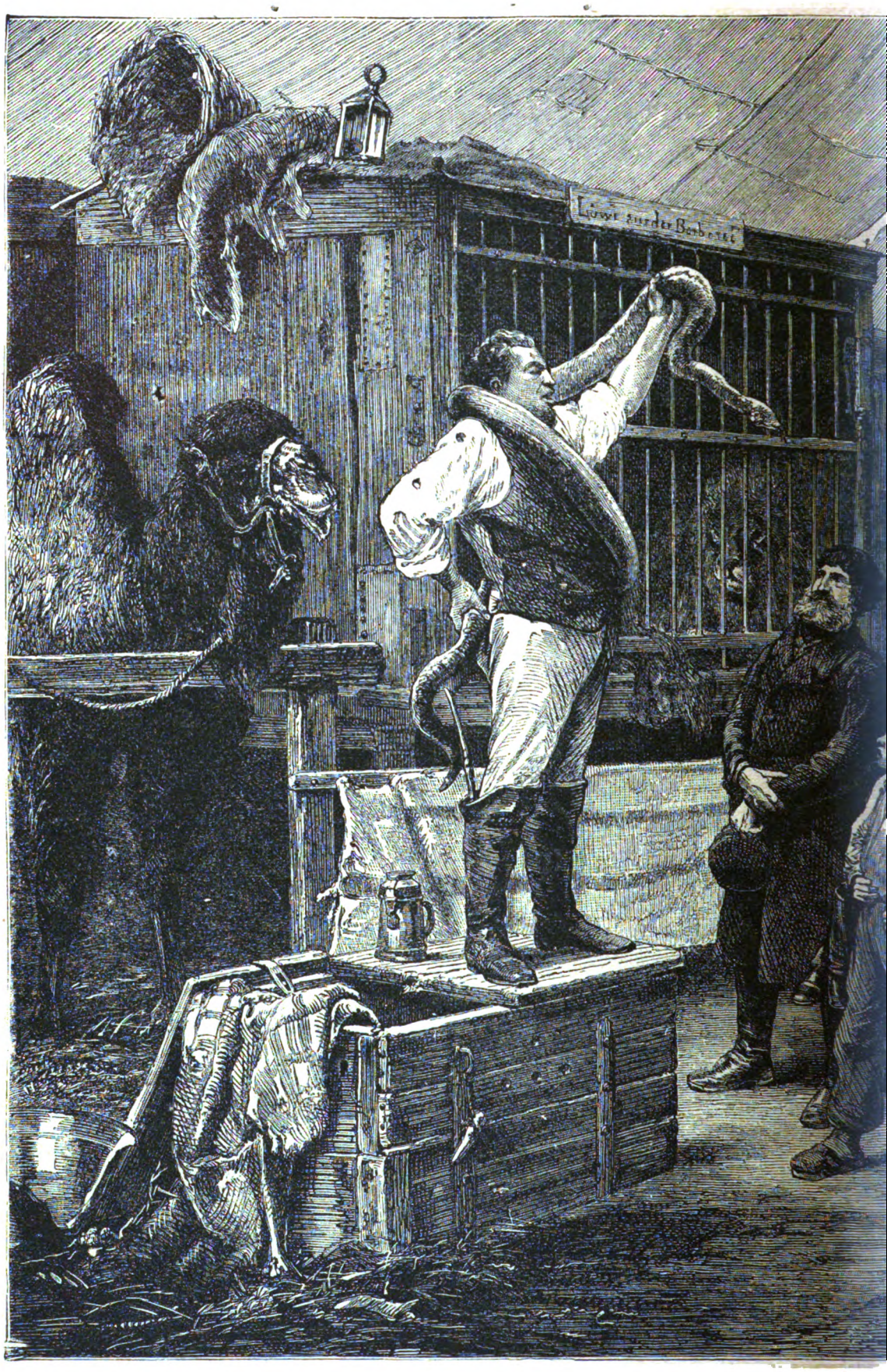
Poz-se de joelhos logo que nos viu; conservou-se n'esta posição em quanto passámos, com o rosto voltado para o mar, como implorando o soccorro do céo para os que ousavam aventurar-se em sitio tão perigoso.

Digitized by Google

BORRANDO-LHE A PINTURA (Quadro de Meyer von Bremen)

Digitized by Google

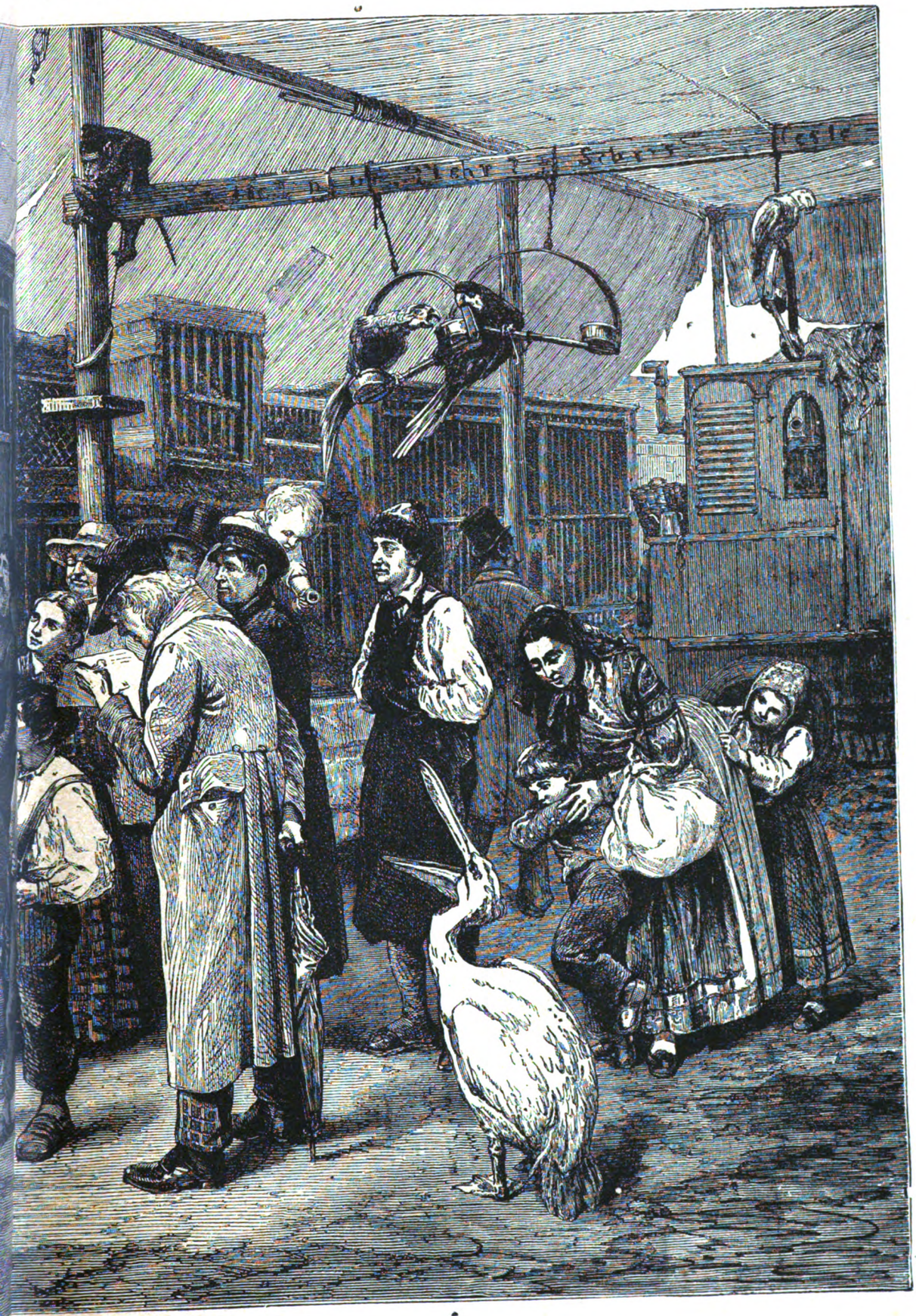
Digitized by Google



O DOMADO

(Quadro de Paulo

Digitized by Google

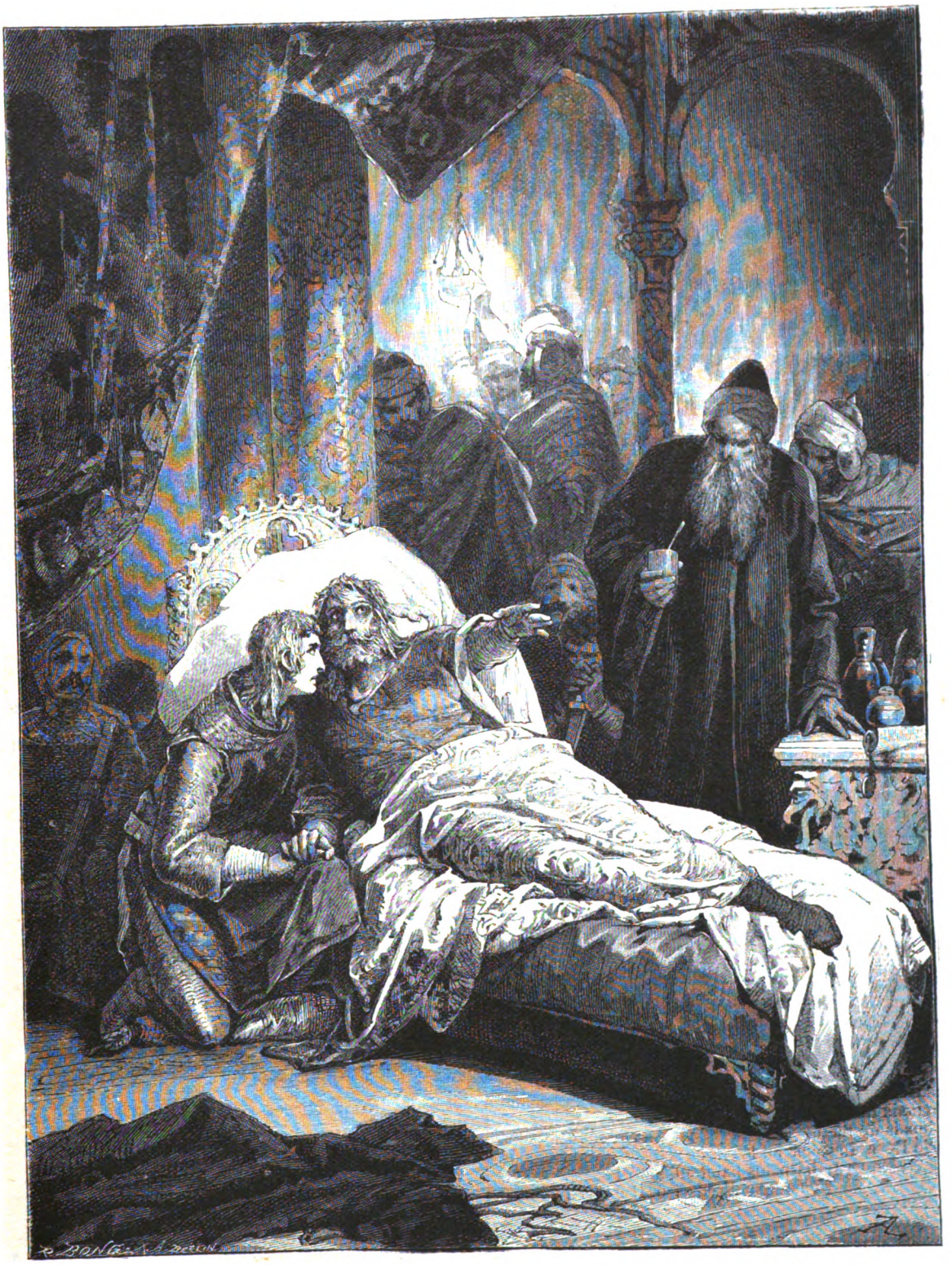


R DE FERAS

eyerheim)

Digitized by Google

Digitized by Google



ULTIMOS MOMENTOS DO IMPERADOR DA ALLEMANHA, FREDERICO II

(Quadro de Alexandre Zick)

Digitized by Google

O vento, que furiosamente se solta das gargantas da Laconia, logo que se dobra o cabo, começou a agitar as vélas do nosso navio, a fazer vacillar e cambalear a embarcação, e a cobrir as aguas de escuma. Um novo mar abriu-se ante os nossos olhos. O eremita subiu, a fim de nos seguir mais longe com o olhar, á crista d'um dos tres rochedos, e distinguimol-o ali, de joelhos e immovel, em quanto o cabo não desappareceu.

Quem era aquelle homem?

Para escolher tão terrivel paragem não seria preciso que a sua alma fosse por tres vezes illudida?

Para viver n'aquelle ninho d'abutres, só, em presença d'um horisonte sem limites, dos furacões e dos mugidos do mar, não seria preciso que o seu coração e os seus sentidos estivessem saciados de fortes e eternas emoções?

O unico espectaculo que o preoccupava era, de tempos a tempos, algum navio que passasse, o estalar dos mastros, o rasgar das vélas, o canhão dando o signal de perigo, o clamor dos marinheiros em risco de morte...

Seja como fôr, não era um homem vulgar aquelle que sentiu a necessidade de se amparar, como a trepadeira, ás escabrosidades d'um abysmo, e de se balancear ahi durante a sua vida, escutando o tumulto dos elementos, a terrivel harmonia das tempestades, a sós com a sua idéa, em presença da natureza e de Deus.

(Lamartine)

Lisboa—1884.

D. Isabel Maria Lopes de Mendonça.

AS NOSSAS GRAVURAS

A TARDE, AO POR DO SOL

A hora poetica do sol posto, quando o ceu começa a povoar-se de sombras densas, e entre a ramagem do arvoredo perpassam como que uns ternos e vagos segredos amorosos, de envolta com o arrulho suave das auras fugitivas, não é para estranhar que o moço caçador da nossa estampa diga umas coisas acariciadoras e apaixonadas á bonita pastorinha com quem se encontrou casualmente, no caminho da herdade.

Não causará estranheza, tambem, que ella escute essas «bonitas fallas»—como se diz em linguagem campezina,—e que abandone a mão ligeiramente trémula ao garboso matador de rôlas e de corações.

Se a hora convida a esses abandonos, e aquella paragem solitaria é tão deliciosamente poetica!...

BORRANDO-LHE A PINTURA

Em quanto, lá dentro, o dono da casa, um pintamonos de torna viagem, se entretem a acariciar modelos vivos, cá fóra, no improvisado *atelier* do quintalejo, tres garotitos que passavam para a escola e que encontraram a porta aberta, divertem-se em borrar-lhe a pintura postada no cavallete.

E' a eterna travessura dos rapazes castigando a eterna *lamechice* dos homens.

Bem feito!

OS ULTIMOS MOMENTOS DO IMPERADOR DA ALLEMANHA, FREDERICO II

Não comporta o nosso pequeno semanario longas biographias e estiradas dissertações historicas. Limitar-nos-hemos, portanto, a dizer quem foi a figura principal do quadro, cujo nome serve de epigraphe a este ligeiro esboço biographico.

Frederico II nasceu em 1194 e era filho de Henrique VI. Reinou na Allemanha, na Sicilia e em Jerusalem, passando por um dos principes mais instruidos do seu tempo.

Em 1245, depois de lhe ter sido lançada a excommunhão pelos Papas Gregorio IX e Innocencio IV, foi esbulhado de todas as suas coroas e batido na Italia pelos habitantes de Parma.

Cheio de desgostos, o Imperador Frederico II morreu subitamente, no anno 1250.

A nossa gravura representa-o quasi moribundo, dictando as suas ultimas vontades.

Attribuem-se a este monarcha varias obras em latim, arabe e italiano, muito notaveis.

O DOMADOR DE FERAS

Explica-se por si o quadro: basta ler-lhe o titulo e contemplar a sua principal figura, um alentado domador de tigres, elephantes e giboias.

O mais curioso da estampa não é a exhibição de feras domadas; é a galeria de typos que admiram, boquiabertos, aquelle espectaculo nunca visto, com o assombro desenhado nos rostos e o espanto pintado no olhar.

Se ainda existisse a inquisição, iriam denunciar o domador ao Santo Officio, como feiticeiro.

O RIO ZEZERE

O rio Zezere corre por entre amenissimos valles, que cercam a montanha sobre a qual está assente a villa de Pedrogão Grande, na provincia da Extremadura, districto administrativo de Leiria, a 8 legoas, noroeste da cidade de Thomar.

As aguas do rio Zezere rolam por cima de rochas, produzindo melancholico susurro. Parece que sobre ellas se despenham as fragas e os arvoredos da serra, sobre que está assente o edificio do extincto convento de Nossa Senhora da Luz.

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

J. M. C.—Valença.—V. ex.ª deve ter comprehendido que o nosso semanario está um pouco acima das suas quadras. E dito isto, é desnecessario acrescentar qualquer palavra mais. Mande melhor e será servido.

Cardate.—Menos maus, mas não chegam á craveira. Em todo o caso, mostra disposições, e ficarmos certos de que nos ha de enviar obra mais bem acabada, com o correr dos tempos.

J. C. Vasques—Porto.—Os brancos dão mate em 4 movimentos, ainda mesmo depois do movimento C. 6 D.; assim:

1.º—P. 7 T. R.—T. toma P.
2.º—C. toma T.—C. 6 D.
3.º—C. 6 B. R. cheque.—R. casa B. R.
4.º—B. 6 D. cheque e mate.

Se o rei, depois do movimento C. 6 B. R. cheque, fôr para casa da sua torre, não se dá mate em 4 movimentos, mas dá-se o mate.

A solução do 5.º problema é exacta.

F. A. de Barros.—Porto.—A solução do 5.º problema está certa.

EXPEDIENTE

A 2.ª charada do nosso ultimo numero deve ler-se assim: Esta medida na musica salta—1—1.

Tom Pouce.

CHARADAS

EM VERSO

As primeiras lá no mar—2
E as segundas sobre o lar—2
Em noite escura, leitor,
brilha, brilha com fulgor.

Cartaxo. T. R.

EM QUADRO

. . . . Cidade
. . . . Ave
. . . . No mar
. . . . Na geometria.

Belem. Dias.

NOVISSIMAS

E' adjectivo na musica este peixe—2—1.

Este fluido n'aquella provincia é um quadrupede—1—2.

Este cofre na garganta é um mysterio—2—1.

T. R.

Em Roma este fructo é um passaro—2—2.

Serve para guardar o animal feroz na botanica—2—2.

B. Cruz.

Na fabula este espirito maligno tem uma côrte no inferno—1—4.

Sendo similhante e quente tem a mesma temperatura—2—2.

X. Rodrigão.

PERGUNTA ENIGMATICA

O que é que se encontra nos arados, nos freios, nos vestidos e nas rodas dos carros?

Custodio Silva.

Digitized by Google

ADIVINHAS POPULARES

Sou uma coisa que só,
Não posso ter serventia,
E para fazer-me boa
Põem-me em má companhia.

O que de mim se estimula
Commigo não se põe mal;
Quer na cama quer na mesa
Eu sirvo a muito mortal.

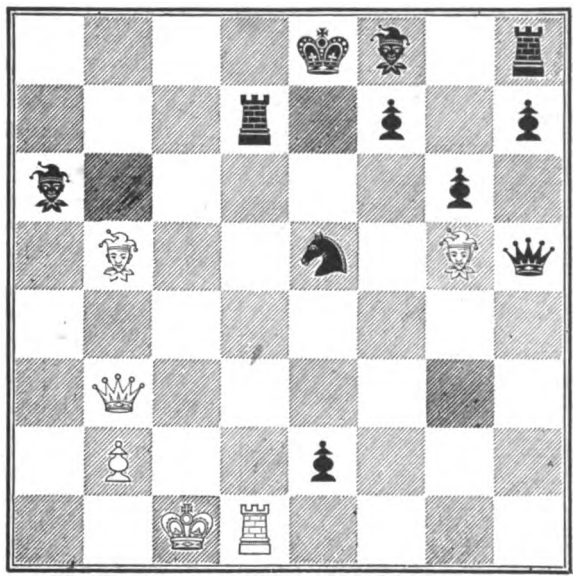
Dos cincos sentidos um
Fica de mim descontente,
Ando por valer a muitos
Na bocca e nos pés da gente.

Que é, que é que no monte nasce
E que no monte se cria
E, quando vem para casa,
Faz mais pena que alegria?

XADREZ

PROBLEMA N.º 7

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.
N. B. Só suppondo aquelle movimento do rei preto, é que o mate é possivel; d'outro modo os pretos ganham.

PROBLEMA

(De Bhâscara)

D'un essaim de mouches à miel
Prends la moitié puis la racine:
Dans un champ de jasmins cette troupe butine.
Huit neuvièmes de tout voltigent dans le ciel.
Une abeille solitaire
Entend dans un lotus son mâle bourdonner:
Attiré par l'odeur, pendant la nuit dernière
Il s'etait fait emprisonner.
De combien est l'essaim, le saurais-tu, ma chère?

MORAES D'ALMEIDA.

A RIR

N'um estabelecimento de banhos.
—Rapaz! Rapaz!
—Meu senhor...
—Não encontro as minhas calças!
—Eu não sei d'ellas, senhor...
O rapaz procura em todos os cantos. Por fim, não as descobrindo, pergunta ao banhista, com a maior naturalidade:
—O senhor está bem certo de que as trouxe?

*

Um burguez indigena, ausente dos seus penates durante dois mezes, regressa a casa e examina o rol das despezas apresentado pela cozinheira.
—Que demonio! Você gastou tanto como se eu cá estivesse!
—Oh! meu senhor! Uma pessoa de mais ou de menos não faz nada ao caso!...

*

Na instrucção de recrutas:
O cabo instructor aos galuchos:
—Á voz d'alto, aproxima-se rapidamente o pé que está no chão d'aquelle que está no ar, e fica-se immovel.

*

N'uma rua da Baixa:
—Meu senhor, dê-me cinco réisinhos para comprar um pedaço de pão!
Calino dá ao pobre a moeda pedida, e diz-lhe:
—Aqui tem. Compre o pão, e beba á minha saude com o resto.

UM DOMINÓ.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Ema.
2.ª—Pula
3.ª—Mites.
4.ª—Aroma.
5.ª—Assim.
6.ª—Arara.
7.ª Sola.
Odor.
Loto.
Aros.

Dos logogriphos:

1.º—Monarcha.
2.º—Tabernaculo.

Xadrez—Solução do 6.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. B. 8 B. R. cheque.	1. R. casa do B. ou casa do C.
2. C. 6 C. D. cheque ou C. 6 B. D. cheque.	2. R. casa C. ou do B. ou do T.
3. C. 6 B. D. cheque e mate ou C. 6 C. D. cheque e mate.	

Do problema:—11 horas.

UM CONSELHO POR SEMANA

Quem anda á chuva molha-se; e a quem tem por habito escrever muito, acontece-lhe manchar os dedos de tinta.
Certas tintas resistem ao sabão, sobre tudo as tintas sympathicas, as de anilina, etc.
Para tirar as manchas que ellas deixam, basta dissolver um pouco de sal d'azedas em agua, e lavar, com o liquido resultante, os sitios manchados.
A dissolução opera-se logo, a tinta torna-se avermelhada e desapparece.
Depois d'isto só resta lavar as mãos em agua pura, com sabonete.

CASA PARA ALUGAR

(JEANNE THILDA)

Suspenso da grade via-se um letreiro.
Atravez dos varões de ferro avistavam-se enormes taboleiros de rosas e hortensias, e interminaveis cortinados de glycinias e clematites, trepando ao longo das paredes e emmoldurando as janellas, guarnecidas de stores de seda escarlate. Á direita, um extenso jardim assemelhava-se a um parque; ao lado da casa estendia-se uma avenida, coberta de arvores, que a envolviam em uma meia luz deliciosa; perto da casa, uma fonte, coroada com um amor de pedra, espalhava no ar o murmurio, doce e monotono, do cair da agua; um pateo, ladeado de jarras de faiança, d'onde saiam grandes hastes de geraniums, conduzia aos quartos do rez do chão.
O aspecto, risonho e saudavel, da vivenda, encantou-me: quedei-me, por espaço de alguns minutos, encostada á grade, e pensei na ineffavel felicidade de viver ao lado de um ente querido, n'esse adoravel ninho, perto do formoso bosque de Chantilly, tão sombrio e tão vivaz.
Esquecera Paris, a agitação dos boulevards, o cheiro nauseabundo das ruas: tudo se absorvera no musgo dos bosques, na folhagem das heras, no seio das copadas nogueiras, lustrosas e perfumadas.

Digitized by Google

Uma voluptuosidade quente e sadia palpitava no meio d'esse quadro de verdura exuberante; as rosas multiplicavam-se por todos os lados e embalsamavam o ambiente com os seus calices divinos; as aves cantavam, assemelhando-se a um invisivel espirito, encarregado de reanimar no coração humano a luz da esperança e de o fazer entrever, atravez da scintillação das estrellas, a realidade dos sonhos...

*

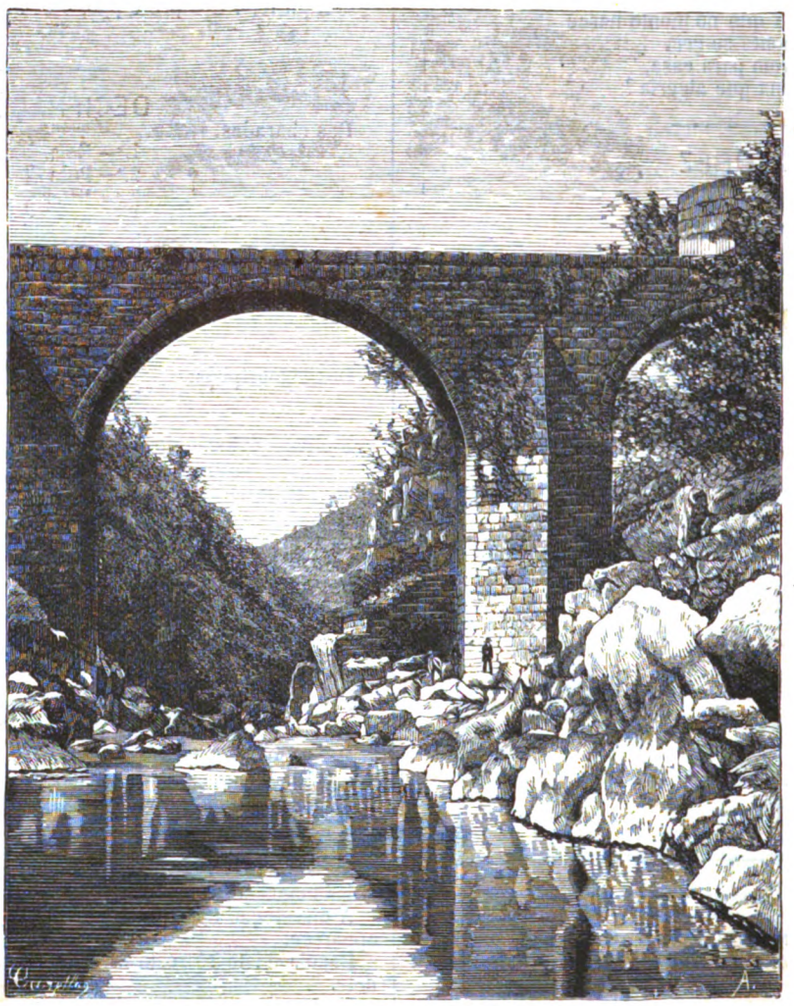
De repente, soou-me aos ouvidos uma exclamação, um soluço suffocado! A distancia de alguns passos, avistei uma mulher muito pallida, chorando, encostada a uma arvore; ella viu-me e tapou a cara com as mãos: reconheci-a logo, á elegante parisiense, cujos frisados de um loiro doirado caiam sobre dois olhos de velludo; a pequena boca rosada, igual a um bello fructo na polpa do qual se houvesse enterrado uma faca de marfim; a figura flexivel, desenhada por um bonito vestido cinzento prata, os torneados braços, occultos em compridas luvas de Suéde.

Sim, era ella, a pobre e encantadora mulher celebre, ferida pelo indelevel stigma de um processo fatal.

Temendo que o meu olhar a offendesse, afastei-me e fui bater á grade: a porteira abriu, e, a pedido meu, foi buscar as chaves da casa que eu queria ver.

Antes de entrar, olhei para a estrada: a mulher que chorava tinha desapparecido.

Percorrendo os quartos em que se dividia a propriedade, mais elegantemente mobilada do que é costume n'este genero de habitações, impressionou-me uma particularidade: tudo indicava a intima convivencia de duas pessoas, ligadas pelos mesmos pensamentos e pelos mesmos gostos; o feitio dos moveis e a desposição dos estofos equivaliam a um poema d'amor; os risos, as lagrimas, os arrufos, as reconciliações, as saudades, tudo transluzia do simples aspecto das flores murchas nas jardineiras, das musicas espalhadas em cima do piano, da desordem do gabinete de toilette, onde, misturadas com as cambraias e os espelhos, se viam espingardas de caça e punhaes do Japão.



O RIO ZEZERE

Porque se teriam separado aquelles dois entes? Que inexoravel fatalidade os teria afugentado? e o meu coração apertava-se, descobrindo sobre um divan de seda um pequeno pantufo de setim escarlate.

Ao gabinete de toilette seguia-se a casa de banho, exhalando ainda um vago aroma de Lubin...

O mysterio do amor revelava-se ali, com todos os seus dolorosos jubilos.

Essa mulher, a quem a publicidade arrancara os ultimos véus, de quem os jornaes tinham violado os secretos pudores, apparecia-me como uma victima d'esse mundo, que ella affrontára, desvairada pela paixão. Nas delicias do seu Eden, presentira talvez o invisivel demonio que ia vibrar-lhe o golpe fulminante!

Interroguei a porteira:

—A casa alugar-se-ha exactamente como se acha? A pessoa que a habitava não quererá retirar nenhum objecto?

—Nenhum, que eu saiba. A senhora deu ordem para se pôrem os escriptos no dia da sua partida, e alugar-se em seguida.

—Perfeitamente: a casa convem-me; aqui está o signal; tomarei posse para a semana.

*

Sai! Ao voltar o cotovelo da estrada, encontrei-a face a face. Esperava-me: dirigiu-se a mim, e, sem preambulos, perguntou-me se eu ia habitar a *vi'la*.

Respondi affirmativamente.

—Perdoe, minha senhora, a minha indiscreta pergunta, mas a casa pertence-me, pertencia-me, emendou com esforço.

—Se assim é, disse-lhe francamente, pegando-lhe nas mãos, disponha de mim: que posso eu fazer para lhe ser agradavel?

Os seus olhos encheram-se de lagrimas.

—Vejo que é boa, comprehende o que eu padeço, conheceu-me; podera dar-me uma grande felicidade?

—Já lhe disse, estou ao seu dispor.

—Pois bem, peço-lhe que volte ao quarto da cama; por detraz da pendula está um retrato, *o seu retrato;* daria annos da minha vida para o obter.

Sem responder, corri á casa e disse á porteira que tinha deixado, por esquecimento, a minha carteira de bilhetes de visita; subi a escada apressadamente, a porteira seguia-me, mas eu tinha azas, e o retrato já estava na minha algibeira quando ella chegou, offegante.

Dei uma desculpa, e desci a correr.

Estava no mesmo logar! De longe, mostrei-lhe o retrato; ella ergueu os braços, com uma indizivel expresão de ventura e reconhecimento; apoderou-se da photographia, e, sem se inquietar com o que eu poderia pensar, uniu-a apaixonadamente aos labios.

O retrato era de um homem moço, de aspecto banal, um *crevé* vulgar e correcto, o manequim aos pés do qual as mulheres, como ella, espalham o ouro da sua fantasia, as pedrarias do seu coração, os exquisitos aromas do seu fetichismo!

Notando a minha admiração, exclamou:

—Bem sei, o processo tornou-o odioso; chamaram-lhe cobarde porque fugiu n'essa funesta noite; não lhe restava outro recurso... em todo o caso, amo-o!

Estendeu-me a mão:

—Agradeço-lhe de todo o meu coração; fez-me experimentar uma grande alegria; espero tornar a vel-a!

*

Nunca mais a vi! Ouvi dizer, alguns annos depois, que outros amores lhe tinham feito esquecer o primeiro.

Nem por isso deixarei de guardar a visão encantadora d'essa infeliz mulher, chorando em frente da casinha que abrigara os seus juvenis amores; da patricia, expulsa do paraizo terrestre, e que, como uma ladra, vinha roubar o retrato do seu idolo.

A opinião publica foi implacavel para a pobre pecadora:—e não houve uma só alma que perdoasse as fraquezas do seu coração, em nome das lagrimas da sua dôr!...

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis	Anno, 52 numeros...	8$000 rs fr
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 8 de setembro de 1884 Numero 11

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha. D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

UMA CARAVANA DE CIGANOS (Quadro de E. Friedrichsen)

Digitized by Google

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Um aventureiro italiano em Portugal*, por Pinheiro Chagas.—*Excentricos, (Stanzzas ao sol)*, versos, por Ignacio da Silva.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*Em familia, (Passatempos)*.—*Um conselho por semana*.—*A maxima de Talleyrand*, por D. Guiomar Torrezão.

GRAVURAS.—*Uma caravana de ciganos*.—*A alegria da casa*.—*Sappho*.—*Uma formosura*.—*Varzea de Collares*.

CHRONICA

Uma noticia triste:—anticipou-se a visita do outono.

A pallida estação brumosa e melancolica fez-nos, d'esta vez, a pirraça d'apparecer mais cedo, annunciando-se por uns chuviscos impertinentes, que deixaram no mac-adam das ruas e na copa do nosso chapeu alto os vestigios da sua apparição prematura.

Andavam todos por ahi, lamurientos e choramigas, pedindo ao ceu clemente que lhes fizesse a graça d'um refrigerio.

O calor era torrido e teimoso. Das bandas do Norte não vinha um simulacro de brisa. O consumo do gelo e das bebidas frescas tomava umas proporções descommunaes, incompativeis com a magreza dos nossos honorarios burocraticos.

Tudo pedia chuva, como quem pede pão. Tudo suspirava pelo outono, como quem suspira por saudosos amores não vistos ha longo tempo.

Afinal, cahiram os primeiros borrifos cristallinos e gelados. Uma bella noite, á força de supplicas e de rogos, o ceu começou a fazer caretas cá para baixo, a lua velou-se, envergonhada, entre um castello de nuvens pardacentas, e vae senão quando, zás—aguaceiro te valha ..

Eis-nos, pois, com o outono á porta, em riscos de supportar antes de tempo, tambem, as inclemencias d'uma rija e cruenta invernia.

Ora devem confessar que isto é triste. Fresco, muito embora, mas semsabor. O arvoredo dos passeios a despir-se, as folhas dos loendros a cahirem, crispadas e amarellentas, as acacias, inda ha pouco floridas, a entristecerem-nos com a sua nudez impudente, e depois, tudo encharcado e immundo, os fogões accesos envenenando-nos pouco a pouco, a bengala á *directorio* posta a um canto, a gola do *par-dessus* impertigada até ás orelhas, o chapeu de chuva arvorado em *vade-mecum* perpetuo...

O cahir das folhas! Vejam se ha maior enguiço!

N'esta quadra mofina é que os phtisicos morrem ás centenas, roidos pela tuberculose e pela anemia. Parece que a escolhem de proposito por ser feia e tristonha, os negregados.

«Aquelle anda com licença do cemiterio,—diz o populacho—e vae-se *ao cahir das folhas!*»

O enfermisso outono é, para muitos, o *terminus* fatal da vertiginosa carreira pelo mundo; o emmurchecer de mil esperanças risonhas; a barreira erguida pela mão do destino contra a realisação de muitas fanthasias côr de rosa.

É por isso que eu o detesto, e que a hypochondria me invadiu subitamente a alma, ao sentir gottejar, nos vidros das minhas janellas, o primeiro chuvisco outonal.

Ainda a nós, os felizes, não nos falta com que amenisar a semsaboria d'estas noites incommensuraveis, que se nos avisinham lugubremente, estendendo atraz de si o indispensavel cortejo de lamaçaes e de trovoadas estrepitosas: temos o grande recurso das casas de espectaculo; da Trindade, que reabriu ha quatro dias; do Gymnasio, que reabre a 14 do corrente, com os *Fidalgos da casa mourisca;* do D. Maria, que dá começo aos seus trabalhos, em 21, com a *Fédora*, depois de alindado, augmentado e correcto; e, finalmente, o recurso de S. Carlos, que promette abrir as suas portas lá para 29 de outubro, dando-nos o *Roberto,* em estreia da *prima-donna* de Reszké e do tenor Guille.

Nós, por fortuna, dispomos de todos estes passatempos: entrevemos já d'aqui, a desafiarem-nos para uns deliciosos cavacos alegres, o morno *foyer* do theatro de D. Maria, os camarins perfumados do theatro lyrico, os bastidores da Trindade e do Gymnasio.

E quando isto não baste, quando o nosso espirito exigente e buliçoso queira mais, pode ainda alargar-se a area das distracções nocturnas, indo ver a Pepa aos Recreios, dando um salto ao Colyseu, onde o *brouhaha* da multidão celebra a pirueta artistica da *voltigeuse* mais em voga, ou tendo a coragem de estender a perna até ao theatro do Principe Real, para nos apavorarmos com a audição de qualquer peça maritima espaventosa, bordada de naufragios horripilantes e de musica em surdina na orchestra.

Dispomos de tudo isto, dissemos nós?

Quem sabe!

Diante das nossas fanthasias quasi a realisarem-se, vemos erguer-se um ponto d'interrogação enorme e terrorista.

Quando mal nos precatarmos, cada um d'esses sonhos pode ficar desfeito e cada um d'esses passatempos aniquilado.

O cholera bate-nos á porta, espreita-nos, ameaça a nossa fronteira. De França foi jornadear pelos Alpes; invadiu a Italia, visitou o Vesuvio, e como se a Italia e a França não bastassem para o seu retouçamento importuno, deu-lhe agora na pancada alastrar-se pela Hespanha, fazendo quartel-general em Alicante, a boa terra das passas graúdas e do *torrão* saboroso.

De Hespanha até á rainha do Tejo dista um passo, e o microbio andarilho, que não conhece distancias por maiores que ellas sejam, pode dar esse curto passo, em quanto nós nos preparamos para fazer a *tournée* dos theatros de Lisboa.

Se não chegar a dal-o, é porque de todo em todo não quer nada comnosco.

Desdobra-se ahi, de norte a sul, uma actividade vertiginosa em estabelecer cordões sanitarios, em montar lazaretos na fronteira, em fundar hospitaes para cholericos, na Capital.

Applaudimos a creação dos ultimos e descremos completamente da efficacia dos primeiros.

Um cordão sanitario, quanto a nós, pela fórma porque elles se estabelecem em todos os paizes, constitue um incentivo poderoso para a propaganda rapida do flagello.

Sobre tudo, um cordão estabelecido pelas nossas tropas na fronteira. Não ha soldado d'infanteria lusitana que resista ás *miradas* incendiarias d'uma andaluza fugitiva. Acenem-lhe as hespanholas com um sorriso, em Elvas, tracem-lhe provocadoramente a mantilha, no Algarve, nenêem-se, diante da policia sanitaria d'estes reinos, com *salerosos* requebros, agitando o *abanico* de seda na mão febril, e era uma vez a *consigne* da authoridade, e adeus *cordão* e adeus hygiene e... *viva la gracia!*

Para uma hespanhola não ha *cordões* possiveis, nem mesmo, os da bolsa.

Emfim, Deus ha de fazel-o pelo melhor. Não espalhemos o terror antes de tempo, e continuemos a viver uma vida de noctambulos bohemios, percorrendo alegremente os theatros, em quanto não tivermos de percorrer tristemente os hospitaes, no penoso exercicio da nossa missão de chronista.

=Abriu a Trindade com a *Noite e o Dia*, estreiando-se, na *reprise* d'esta formosa *operetta*, uma actriz que tem boa voz e talento promettedor, duas coisas pouco vulgares e por isso mesmo muito procuradas nos mercados artisticos da nossa terra.

Chama-se Aurelia dos Santos, foi importada do Porto, e pareceu-nos rasoavelmente bonita, de longe. Dizem as más linguas que parte d'esta belleza é pedida d'emprestimo á chimica, mas nós não acreditamos a calumnia.

Invejas de bastidores!

A voz é que ninguem lh'a emprestou; constitue uma pertença exclusivamente sua, e teve, por tal signal, o poder de nos deixar maravilhados, apagando do nosso espirito a lembrança de Delmira Mendes.

Quanto a coristas, as mesmas. Nem mais gordas, nem mais magras, nem mais formosas: antes pelo contrario, como se diz em calão popular.

Conta-se que Henri Heine, perguntando-lhe alguem se um determinado sujeito era poeta, respondera entre dois sorrisos:

—Todas as mulheres dansam, mas é preciso passar em revista cem milhões de pernas para encontrar uma bailarina.

Paraphraseando o celebre prosador allemão, nós diremos do corpo coral feminino da Trindade, sem offensa a Francisco Palha:

«Todas as coristas d'aquelle theatro podem jurar-nos que são bonitas, incluindo a propria veterana, sr.ª Canaria; mas depois de as passarmos em revista, uma por uma, nós poderemos tambem jurar-lhes que mentem.»

E d'ahi, talvez isso seja providencial, n'estes tempos de cholera. Talvez!

C. DANTAS

UM AVENTUREIRO ITALIANO EM PORTUGAL

I

No *Temps* de 28 de agosto do corrente anno encontra-se um artigo do sr. Marc-Monnier, que analysa as memorias de um aventureiro italiano, Gorani, que quiz ser rei da Corsega, que esteve em Portugal no tempo d'el-rei D. José, e cujas memorias foram publicadas agora, consagrando-lhes o eminente escriptor francez um longo e minucioso estudo.

É lamentavel que um escriptor de merecimento estude, como um documento precioso para a historia de uma nação, um livro quasi imbecil, em que o pretendente á realeza da Corsega se vinga do marquez de Pombal que serviu com toda a baixeza,

Digitized by Google

contando a respeito do grande ministro e do paiz que elle governou as mais grotescas anecdotas.

Passemos em claro os incidentes da entrada de Gorani em Portugal, quando elle, montado n'um burro, e habilitando-se com os arrieiros a entender os *Lusiadas*, deliberou, no seu enthusiasmo pela patria de Vasco da Gama, levantal-a do abatimento em que jazia. Passava-se isto em 1764, Gorani vinha fazer concorrencia ao marquez de Pombal.

Não deixa de ser interessante a historia da sua viagem, de como se encontrou em Alcoutim com uns estudantes de Coimbra, que lhe fizeram primeiro grande troça, e depois ficaram sendo os seus melhores e mais dedicados amigos, indo todos juntos, em Evora, divertir-se para uma casa suspeita, onde havia alemtejanas com fartura. Em Lisboa alojou-se na estalagem das *Almas Santas do Purgatorio*, que elle pinta com as côres mais odiosas. A' noite saiu de casa, foi dar uma volta ao Rocio, e encontrou uma preta, que lhe offereceu leval-o a casa de uma bonita rapariga. Ahi lhe succedeu aventura mais grave, porque foi assaltado por uns poucos de homens, que o queriam roubar, e dos quaes fugiu a bom fugir, meio despido, de espada em punho, e esbarrando a cada momento com as ruinas ainda em muitos pontos accumuladas dos edificios derrubados pelo terremoto de 1 de novembro.

Apresentado depois ao marquez de Pombal, para quem trazia cartas de recommendação, recebeu d'este estadista o commando de uma companhia de granadeiros. Foi com elle o marquez, que então era simplesmente conde de Oeiras, da mais completa amabilidade. «Conde de Oeiras» é o titulo pelo qual constantemente o designára o sr. Marc-Monnier, não sabemos se por culpa d'elle, se por culpa do revisor, se por culpa, emfim, do proprio Gorani, o que é menos provavel.

O modo como Gorani lhe pagou foi pintando-o com as côres de um tyrannete de opera burlesca, um ministro com musica de Offenbach, feroz e ridiculo. Que assim procedesse um aventureirosito italiano, cheio de vaidade, que o marquez de Pombal teve de pôr no seu logar, e que, á primeira fustigadella, mordeu logo a mão que o protegera, não admira; mas que o sr. Marc-Monnier acceite sem criterio as mentirolas de Gorani é o que parece um pouco mais censuravel.

O primeiro erro de facto importante consiste em dizer-se que José de Carvalho era apenas um «fidalgote portuguez, protegido por augustos personagens, e pelos jesuitas, que perseguiu depois» quando sobreveio o terremoto. Sabem todos que, em 1755, era Sebastião José de Carvalho ministro havia cinco annos, que antes d'isso fôra embaixador de Portugal em Vienna de Austria e em Londres. Data de 1755 não a sua elevação, mas a sua omnipotencia.

«Carvalho, continua o sr. Marc-Monnier, seguindo Gorani, começou por mandar prender os outros cinco ministros, seus collegas, e mandou-os para Africa, onde, segundo se diz, morreram envenenados.»

Esta phrase parece-se com a definição de camarão, que appareceu n'um diccionario. «Camarão, dizia o lexicographo, é um peixe vermelho que anda para traz». Tem esta definição como se vê, apenas tres erros: é que o camarão não é peixe, não é vermelho, e não anda para traz.

Acontece o mesmo ao periodo citado. Encerra apenas os seguintes erros: os collegas de Carvalho não eram cinco, Sebastião de Carvalho não tratou logo de os mandar prender, não os enviou para Africa, e ninguem disse que lá tivessem morrido envenenados. No mais está certo.

Seguindo passo a passo a narrativa de Gorani, conta o sr. Marc-Monnier uma doença do marquez de Pombal, e declara que «Gorani viu scenas que teriam tentado o pincel de Saint-Sim».

Narra então scenas de melodrama, que acceita ingenuamente como scenas de historia verdadeira.

«O ministro estava n'um estado lamentavel. Não se via nos seus olhos senão terror e remorso; ouviam-n'o gritar: «Traidor! monstro! Queres-me matar? Que te fiz eu? Perdoa-me, fiz mal. Julguei que era necessario». Ou ainda: «Matam o meu rei, assassinam-me! assassinam a minha mulher e os meus filhos!»

Como é que o sr. Marc-Monnier não viu em semelhantes narrativas uma perfeita banalidade de melodrama? Se a alma do marquez de Pombal estivesse á mercê de uma febre qualquer, nunca elle teria feito as coisas que fez. Os homens da sua tempera não sentem ou não manifestam remorsos. Procedendo em virtude dos principios inflexiveis da sua consciencia, que póde illudir-se, mas que os illude a elles tambem, caminham serenos na vida, rodeiados de espectros, que o seu olhar frio e severo affasta constantemente.

Teve remorsos Richelieu de haver decapitado Montmorency, Chalais e Cinq-Mars? Teve alguma perturbação por acaso a consciencia de Robespierre? Não o suppomos. O remorso persegue aquelle que pratica um crime, tendo a plena consciencia do que está praticando; mas o homem, que ordena até carnificinas em nome de um principio que elle reputa sagrado, nunca vê as victimas erguerem-se diante d'elle. Nunca mr. Thiers, suppomos nós, se ergueu de noite, assustado, bradando que o queriam assassinar a elle e a sua mulher. E, comtudo, as carnificinas de Satory provam bem que elle não hesitava, quando suppunha que o exigia o bem da França, em mandar derramar torrentes de sangue humano.

Estas narrativas são reflexo das historias, que os jesuitas contaram e contam ainda hoje ácerca do marquez de Pombal. O odio implacavel da companhia persegue ainda n'este momento a sombra do immortal ministro. Gorani, segundo assevera o sr. Marc-Monnier, fugiu de Portugal em companhia de um padre jesuita, author de uma *Vida do marquez de Pombal*, escripta como bem se poderá imaginar, e que ainda em 1881 se reimprimiu em Yverdun!! *Patiens quia æternus* dizia uma das divisas da ordem. O marquez de Pombal esmagou-os implacavelmente debaixo do tacão vermelho do seu sapato de côrte, mas o marquez morreu, os que aproveitaram com a sua obra deixam indefeza a memoria do que a praticou, e os jesuitas, perseverantes, tenazes, triumphantes, ainda em 1881 reimprimem as calumnias que vomitaram contra elle do fundo dos seus asylos da Allemanha e da Italia, e os escriptores liberaes francezes é ali que vão beber as suas informações.

PINHEIRO CHAGAS.

EXCENTRICOS

(STANZZAS AO SOL)

—«*É quem inspira estranhas theorias.*»—

GOMES LEAL.

I

Como uma enorme pilula de luz,
Vejo o sol a sorrir os seus sorrisos de oiro,
Na doida convulsão d'allucinado estoiro,
Como uma enorme pilula de luz!

II

Como o olho d'um gato visto á noite
Na penumbra d'um beco, em algidez nervosa,
D'um seu felino amor na *via dolorosa*...
Como o olho d'um gato visto á noite!

III

Como se põe uma camelia ao peito
Branca, nevada, *chic*, original, gloriosa,
Quizera pôr-te, ó sol, n'uma mulher radiosa,
Como se põe uma camelia ao peito!

IV

Como um soberbo e bom relogio d'oiro,
Se eu podesse, subindo ao cimo da trapeira,
Arrancal-o do azul—mettia-o na algibeira
Como um soberbo e bom relogio d'oiro!

V

Como um grande botão no meu casaco,
Que coisa estranha, ó Sol, que ter o Genio e a Arte,
Para fazer um fato, indo depois pregar-te
Como um grande botão no meu casaco!

VI

Como um *gommeux* do grande *boulevard*,
Em vez de pôr ao peito um simples malmequer,
O meu *chic* era assim:—pôl-o na *boutonnière*
Como um *gommeux* do grande *boulevard*!

VII

Como um confeito cheio d'oiro e luz
Eu penso em engulil-o assim redondo e doce,
Curar com elle emfim, o meu pigarro e a tosse,
Como um confeito cheio d'oiro e luz!

VIII

Como um rico monoculo radioso,
Ir buscal-o ao Azul, mandar-lhe pôr um aro
E trazel-o depois—extraordinario e raro!—
Como um rico monoculo radioso!

IX

Como uma real, soberba gemma d'ovo,
—Assim elle escorregue e o *Pae do Ceu* não estranhe!—
Devoro-o n'um almoço, *ás onze*, com Champagne,
Como uma real, soberba gemma d'ovo!

Digitized by Google

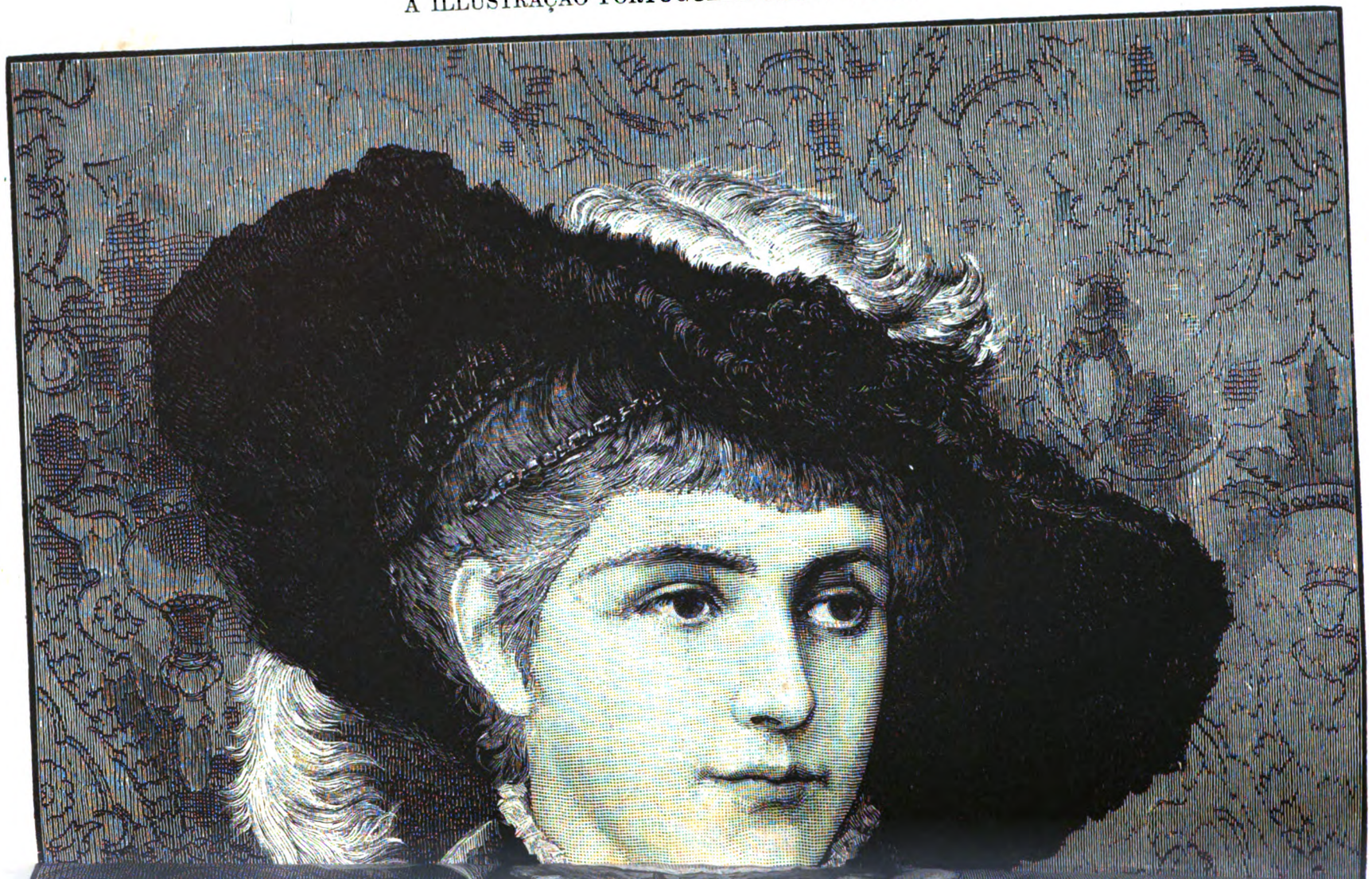
A ALEGRIA DA CASA (Quadro de M. Michael)

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA FORMOSURA

Digitized by Google



Digitized by Google

Digitized by Google

SAPPHO (Quadro de W. Umberg

Digitized by Google

X

Como uma hostia de luz maravilhosa,
Nas mãos do meu Prior, em pé, junto ao altar,
Onde o fosse em silencio e crente commungar,
Como uma hostia de luz maravilhosa!

XI

Como uma enorme condecoração,
E para que ao passar o povo se descubra,
Eu pol-o-ia ao peito e n'uma fita rubra
Como uma enorme condecoração!

XII

Como em rica bandeja feita d'oiro,
Ou limpido crystal de luminosos tons,
Eu iria com elle offerecer bonbons,
Como em rica bandeja feita d'oiro!

XIII

Como um ponto final feito de luz
Eu queria, em conclusão, tiral-o do Universo,
E collocal-o aqui, no meu ultimo verso,
Como um ponto final feito de luz!

IGNACIO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA CARAVANA DE CIGANOS

Extraordinaria raça aquella, que foge systematicamente ao bulicio do mundo, em meio da civilisação d'este seculo!...

Dir-se-ia que os incommoda o contacto das sociedades modernas; que a luz dos centros populosos, em que vivemos, lhes fere os olhos; que precisam de horisontes mais vastos por onde espraiem a vista.

Seja pelo que fôr, aquelles bohemios preferem ás cidades, ás villas e ás aldeias, o isolamento dos campos sem limite, e ahi vivem e ahi gozam e ahi amam.

A nossa gravura é uma prova d'este asserto.

A ALEGRIA DA CASA

Aquelle *bambino*, que mal ensaia os primeiros passos e balbucia uns dissylabos incorrectos, é a alegria da casa.

Os seus castos sorrisos d'innocente apagam todas as tristezas do lar modesto, dissipam todas as nuvens levantadas, de quando em quando, na atmosphera do *ménage*.

Se o pão não abunda e é preciso trabalhar com mais affinco, basta uma gracinha do pequeno para avigorar os paes no aturado labor da costura e da officina. É que os fracos tambem teem o seu poder, e o das creancinhas é grande.

Que seria muitas vezes da miseria, se não lhe servisse de amparo e de conforto o meigo olhar d'uma creança?

SAPPHO

Segundo rezam as chronicas, viveu no seculo VI antes de Christo, esta celebre poetisa de Mitylene, e a sua existencia deu logar a uma serie de lendas, que nos teem sido transmittidas até hoje, de geração em geração. Diz-se que Sappho era de familia nobre e foi forçada a refugiar-se na Sicilia. A historia do seu amor pelo joven Phaon parece não ter passado d'uma pura fanthasia dos poetas do seculo V. A tradição, segundo a qual Sappho se despenhou do alto promontorio de Leucade, ao ver-se desdenhada por Phaon, é mais recente.

Não está averiguado que a bella Sappho perpetrasse o famoso *salto de Leucade*, mas o que se sabe é que fazia versos, que se acompanhava á harpa, e que escrevia em dialecto eolico.

Attribue-se-lhe a invenção do metro *sapphico*, adoptado por Horacio.

Com estes predicados, e a ser certo que era tão formosa como a nossa gravura a representa, não comprehendemos o motivo porque o tal Phaon a desdenhava.

UMA FORMOSURA

Não ha formosa sem *senão*, mas esta, francamente, ainda nos não evidenciou um só, talvez por se exhibir aos nossos olhos em simples gravura.

Pode muito bem ser que o original,—se elle existiu, e se o quadro não é apenas o producto d'uma fanthasia d'artista,—tivesse muitos *senões*. Assim, tal qual se nos apresenta, com aquelles bellos olhos profundos como mysterios e aquelle formoso busto de estatueta de Saxe, temos obrigação de confessar que é uma formosura correctissima.

Não quer isto dizer que toda a gente deva consideral-a da mesma forma. Cada qual tem os seus gostos, e em questões de gostos não ha contendas.

VARZEA DE COLLARES

Quem ha ahi que não conheça aquelle paraiso? Quem ha ahi que não tenha passado algumas horas de suavissima melancolia á sombra d'aquellas arvores que bordam o extenso rio, que por entre ellas se deslisa, e o cobrem de folhas e de flores?

E' em tudo delicioso aquelle ameno sitio, que tem bellezas só a si eguaes.

Que formosura a d'aquelle valle! Que perfumes e que fructos os d'aquelles pomares!

Que silencio! Parece que até as brisas comprimem os seus suspiros n'aquelle saudoso ninho de fadas!

Se perguntarmos á tradição a origem d'aquelle nome, contar-nos-ha uma lenda repassada de poesia, como ella sabe e conta a respeito de todos os logares em que a natureza espargiu os seus mais mimosos encantos.

Era o mouro Zeilão senhor de Lisboa, diz-nos ella. Desejou certa dama edificar um castello, á sombra d'aquelles frondosos arvoredos; pediu dinheiro emprestado ao mouro e deu-lhe em penhor os seus *Collares*.

Aceitemos para o nome d'aquella villa esta origem, e deixemos a que outros lhe attribuem, que é a dos *collos* ou *collinas*, entre os quaes a villa está situada.

O certo é que o castello, ou um castello, lá está, e que as proprias armas de Collares o representam entre arvores.

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. J. N. DA GLORIA.—Bensafrim—Seja bem vindo o sympathico serrano algarvio, com as suas decifrações exactissimas e as suas charadas de mestre.—Podem ellas contar sempre com um affectuoso acolhimento, como o author deve contar com a nossa estima.—Lá enviámos o 3.º numero.

EXPEDIENTE

Todos os nossos leitores e assignantes, que nos quizerem enviar as suas producções poeticas ou charadisticas, deverão,—conforme dissemos no primeiro numero d'este semanario,—sobrescriptal-as a *Tom Pouce*, e só a elle, para quem, egualmente, será endereçada toda a correspondencia alheia á parte administrativa da *Illustração Portugueza*.

TOM POUCE.

CHARADAS

EM QUADRO

. . . . Propheta
. . . . Animal
. . . . Animal
. . . . Verbo

Bensafrim. G.

NOVISSIMAS

Este instrumento e esta vasilha sulca os mares—1—2.

Esta bebida é ave na procissão—1—2.

N'este momento, aqui, está na musica um reptil feroz—1—1—1.

Esta fructa invertida cheira—3.

Ponte de Sôr. A. F. ANDRADE.

Meu irmão no Brazil faz exercicio—2—1.

Redondo. M. CUSTODIO RAMOS.

Este homem na Italia é um padre—2—1.

Esta preposição é uma proposição na grammatica—1—2.

Villa de Rei. J. NUNES TAVARES.

Digitized by Google

ELECTRICAS

A's direitas mulher, ás avéssas tem pennas—2.

A's direitas ou ás avéssas no animal—2.

A's direitas ou ás avéssas dá leite—2.

Braga. A. VIEGAS.

LOGOGRIPHO

Estofo—3—1—4—1
Animal—3—1—4—5
Uma nota—4—5—2—3—1
Pastoral—1—3—5—4—5

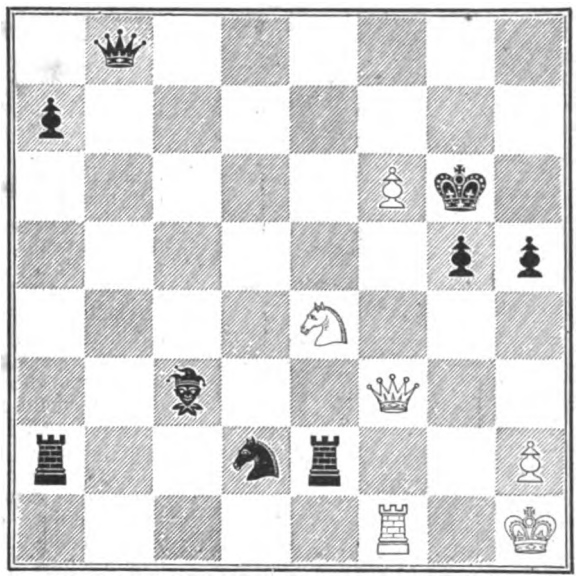
Microbio
De Portugal.

CUNHA VIANNA E CUNHA ROSA.

XADREZ

PROBLEMA N.º 8

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

PROBLEMA

Dois individuos caminham na mesma direcção e sentido, partindo no mesmo instante de pontos cuja distancia é 750 kilometros. O que vae na frente percorre 50 kilometros no primeiro dia, e augmenta o seu andamento 2 kilometros em cada dia; o outro caminha 35 kilometros no primeiro dia, e augmenta em cada dia a sua marcha 5 kilometros.

Pergunta-se quanto tempo é necessario para elles se encontrarem.

MORAES D'ALMEIDA.

A RIR

—Vamos, Amelia, minha filha, socega. Teu marido ama-te ainda.

—Cré isso? Mas porque me chamou elle, hontem á noite, Beatriz?

*

Em Cintra:

A viscondessa, cheia de indignação, para um addido d'embaixada:

—Então o sr. deixou *transpirar* o nosso segredo?

—Que quer, viscondessa? Se o calor é tanto!

*

No Gremio:

—Escute, meu caro. Aquelle pateta de X... pretende que você não é nobre. Eu, no seu logar, para o confundir, mostrava-lhe a minha arvore genealogica.

—Uma arvore? .. Na minha familia ha mais que uma arvore: ha uma floresta!...

UM DOMINÓ.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Vagalume.
2.ª—Sabá.
Açor.
Bote.
Área.
3.ª—Torpedo.
4.ª—Arminho.
5.ª—Arcano.
6.ª—Papafigos.
7.ª—Arcalião
8.ª—Pandemonio.
9.ª—Homothermal.

Da pergunta enigmatica:—Camba.

Das adivinhas populares:

1.ª—Mostarda.
2.ª—Caixão de defunto.

Xadrez—Solução do 7.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. B. toma T. cheque.	1. C. toma B.
2. D. 8 C. D. cheque.	2. C. toma D.
3. T. 8 D. cheque e mate	

Do problema:—72 abelhas.

UM CONSELHO POR SEMANA

O calor do estio escalda o sangue, fazendo apparecer, no rosto formoso das damas, alguns furunculos que as desesperam.

Ha um meio simples de destruir estes impertinentes, macerando uma porção de folhas de campainhas e applicando-as logo sobre o ponto onde elles appareçam. E' remedio santo.

A MAXIMA DE TALLEYRAND

A egreja estava cheia de convidados.

Os noivos, na sachristia, recebiam os parabens.

Uma opulenta ostentação de toilettes e um subtil aroma de bom tom fluctuavam ao longo das naves.

A noiva, morena, cabellos abundantes, olhar profundo, sorriso enigmatico, edade de heroina de Zola, na plena maturação da experiencia, no vigoroso desabrochamento da mocidade...

O noivo, esbelto, desempenado, grave, um pouco triste.

A' porta, as carruagens faziam cauda.

Grupos de curiosos estacionavam no adro.

No numero dos convidados, poucas senhoras; muitos homens condecorados e algumas meninas, vestidas de tulles diaphanos, esvoaçando na penumbra do templo como revoadas de pombas.

No adro, os dialogos cruzavam-se:

—Rica viuva! quem podesse deitar-lhe o gancho!...

—Bonita e millionaria!...

—E o noivo?

—O noivo é o Albuquerque da batota. Não tem vintem!

—Casamento de inclinação?

—Não se sabe! O primeiro marido suicidou-se. Diz-se que, por uma clausula do testamento, a viuva foi obrigada a casar com o Albuquerque, sob pena de perder a herança.

—Homem, que celebreira!...

—Porque se mataria o Barroso? Um homem rico, estimado, casado com uma mulher encantadora!...

—Foi cousa que lhe deu pela cabeça.

—O Barroso era muito amigo do Albuquerque. Tinham sido creados juntos. Foi elle que lhe salvou a vida, em Cascaes, no dia em que o Albuquerque, um estroina! apostou com o Lourenço Viegas que era capaz de nadar até ao Bugio.

—O Barroso trabalhou como um negro! Foi ao Brazil, foi á Guiné. Os milhões não lhe cairam do céu!

—E o Albuquerque, em que se empregava o Albuquerque?

—O Albuquerque não fazia nada; jogava, nunca teve outro emprego; jogava!

—Que ratice! O Barroso, um homem feliz, um homem exemplar, um bello rapaz, em todo o sentido, mette uma bala na cabeça. O Albuquerque, um doidivanas, um jogador, apanha o bolo e vae gosar o que o outro adquiriu!

—E o que diz a isso a viuva? o que fez ella quando o marido se suicidou?

—A viuva mostrou-se inconsolavel: nunca mais quiz ir aos divertimentos; fechou-se em casa, renunciou a tudo, e só saia, de manhã cedo, em um coupé com os *stores* corridos, para ir rezar e chorar no tumulo do marido.

*

Terminada a ceremonia, os noivos despediram-se dos seus amigos e convidaram os padrinhos para irem jantar, ás 7 horas.

—Um coupé fechado, com um molle estofo cinzento perola, impregnado de aromas fortes, recebeu-os e partiu a trote largo.

Digitized by Google

—Finalmente!... disse a noiva, enlaçando com uma ternura impetuosa a cabeça do noivo e beijando-o no cabello.

—Minha Henriqueta!

—Sou tua, és meu, acabaram-se os terrores, os remorsos!...

—Cala-te! fez o Albuquerque, empallidecendo, tapando-lhe a bocca com a mão, e relanceando em torno de ambos um olhar inquieto.

—Que tens? perguntou a noiva, surprehendida.

—Esqueçamos o passado, o passado deixou de existir: não me recordes que fui um traidor!...

—Mas, meu pobre querido, nós não fizemos mais do que obedecer á vontade d'elle.

—Teu marido suicidou-se!...

—Sim, é verdade... suicidou-se... balbuciou ella, fechando os olhos, com um fulgor no espesso veu das pestanas. Bem sabes que não tive a culpa!

—Porque se suicidou teu marido? insistiu Albuquerque, com a implacavel obstinação de uma idéa fixa.

—Porque? Sei-o eu por ventura? Que te importa, se me amas? concluiu, envolvendo-o em um longo olhar apaixonado.

O coupé parou. Um creado de casaca veiu abrir a portinhola, e a noiva, precedida do noivo, desceu, desdobrando no *parquet* do vestibulo, guarnecido de vasos de flores, a longa cauda do vestido, espumada de rendas e salpicada de pequeninos raminhos de murta, de uma alvura immaculada.

*

No dia immediato, Albuquerque e a esposa tinham acabado de almoçar, dilatados no delicioso conforto do *menage:* ella suspensa dos olhos d'elle, elle arrebatado na ineffavel contemplação mental dos variados e multiplos gosos que iam procurar-lhe os milhões da esposa.

Um creado annunciou o sr. tabellião Zeferino.

—Lastimo, disse o tabellião comprimentando, e aceitando a cadeira que lhe offereciam, lastimo ver-me obrigado, em virtude dos deveres do meu cargo, a incommodar vv. ex.as, vindo lançar uma sombra na sua felicidade e avivar uma recordação, que de certo lhes ha de ser penosa.

Uma ruga avincou a fronte de Albuquerque.

O formosissimo rosto de Henriqueta exprimiu apenas a surpreza, ligeiramente sceptica, da mulher feliz, superior, na plenitude do seu ditoso egoismo, a toda e qualquer eventualidade.

O tabellião, concertando os oculos, inclinando-se pela segunda vez, extraiu da algibeira uma carta, fechada com lacre preto.

—O sr. Barroso, que Deus tem, acrescentou o tabellião, muito solemne, confiou-me esta carta, ordenando-me que a entregasse ao seu amigo Manuel de Albuquerque, no dia 8 de maio. N'essa occasião, participou-me que ia viajar. Pouco depois, succedia a terrivel catastrophe. Estamos hoje a 8 de maio. Cumpro a minha missão.

Albuquerque, com um imperceptivel tremor nos labios, pegou na carta. O tabellião levantou-se, comprimentou e saiu.

Albuquerque rasgou, com gesto nervoso, o sobrescripto da carta. Em um segundo sobrescripto, lia-se:

«Para ser entregue ao meu amigo Manuel de Albuquerque, depois de casado com a minha viuva».

Abriu a carta, leu, vagamente, fez-se livido e deu um grito.

—Que tens tu? perguntou Henriqueta, atirando-se-lhe aos braços. Elle repelliu-a com violencia.

—Assenta-te, disse com voz rouca, e ouve!

Depois, passando a mão pela testa, orvalhada de suor frio, leu o que se segue:

*

«Manuel,

«—Faço votos pela tua felicidade, e acredito que ella possa existir, porque todas as monstruosidades são admissiveis, em relação a uma alma da tempera da tua. Ao retirar-me da vida, que desde certo tempo me incommodava, dou a mim mesmo os parabens por ter salvo a tua. Era realmente para lamentar que se perdesse no insondavel abysmo das ondas um tão curioso exemplar da perversidade humana, cujo craneo merece figurar, de futuro, no archivo de alguma douta academia, que tenha por missão collecionar os craneos célebres e empalhar os animaes raros. Dize á minha ex-esposa que lhe fiz presente da existencia, (que lhe recommendo que conserve preciosamente), lembrando-me da célebre maxima de Talleyrand: «*A vingança é um manjar que se deve comer frio*». Morro tranquillamente, porque não levo saudades de pessoa alguma. Mas como desejo que o meu nome possa ser repetido por uns labios puros, e que a minha memoria possa ser invocada por um coração affectuoso e grato, confio, n'esta data, um codicillo ao meu tabellião, o qual tem ordem de o abrir quinze dias depois da leitura d'esta carta. N'esse codicillo lego toda a minha fortuna ás viuvas honestas e aos asylos da infancia desvalida.

«Assignado.

«*Antonio Barroso.*»

*

Um mez depois, Manuel de Albuquerque intentava, nos tribunaes, acção de divorcio contra sua mulher, allegando incompatibilidade de caracteres.

E D. Henriqueta levava aos tribunaes uma queixa contra o marido, accusando-o de sevicias graves, exercidas no domicilio conjugal. Por uma curiosa coincidencia, precisamente no fatal instante em que os milhões de Antonio Barroso sairam pela porta, voou pela janella o amor de Manuel de Albuquerque!

GUIOMAR TORREZÃO.

VARZEA DE COLLARES

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 15 de setembro de 1884 Numero 12

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO—*Chronica*, por C. Dantas.—*Um aventureiro italiano em Portugal*, por Pinheiro Chagas.—*A venus de Saxe*, versos, por Fernando Caldeira.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*A razão*, versos, por Costa Alegre.—*Em familia, (Passa'empos)*.—*Um conselho por semana.*—*A santa inquisição*, por Delphim d'Almeida.

GRAVURAS.—*O convento da Batalha.*—*Prompta para o baile. O enlevo da familia.*—*Condemnado á morte.*—*Uma carta do Brasil.*

CHRONICA

D'esta vez, devo confessal-o, sinto remorsos de chamar *chronica* aos dois dedos de cavaco semanal com que é forçoso encher a primeira pagina.

Quizera poder chamar-lhe outra coisa menos pretenciosa e mais consentanea com a ligeireza da sua estructura.

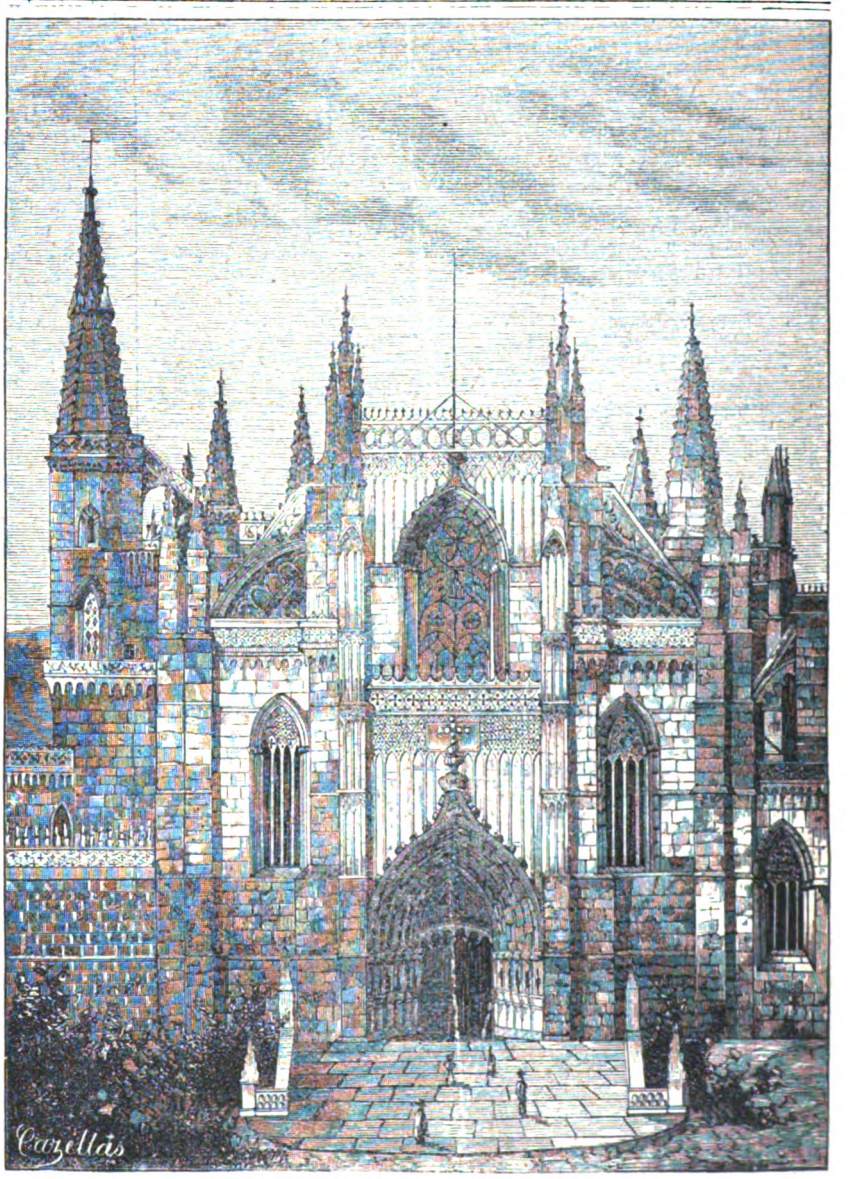
Ha titulos que obrigam a muito, que nos flagellam com um estendal de exigencias, que nos condemnam a verdadeiros *tours de force*: este é um d'elles.

Quem diz chronica, diz uma longa enfiada de pequeninas narrativas tristes ou alegres, desprendendo sorrisos ou gottejando lagrimas, reproduzindo successos palpitantes, acontecimentos da vespera, casos mais ou menos graves, mais ou menos grotescos, dos muitos que ás vezes ahi pullulam, prestando-se ao commentario e á critica, mas que hoje nos faltam quasi por completo.

A leitora deshumana e cruel, sempre disposta a saborear as delicias do ultimo escandalo e a escutar o *compte-rendu* da ultima festa, não quer saber se nós, victimas pacientes da sua tyrannia despotica, luctamos com a pobreza esmagadora do assumpto.

Quer tenhamos mote para a nossa palestra hebdomadaria, de duas columnas de prosa, quer nos sintamos perfeitamente exhauridos de recursos para lhe amenisar as agruras do *ménage* com duas historietas desopilantes, a implacavel leitora não dispensa o *tête-à-tête*, e exige para ali a prosa, a confidencia do escandalosinho que não houve, a noticia do baile que se não realisou, os commentarios ao facto que se não deu.

—Escassea-lhe o assumpto? Pois invente-o.



O CONVENTO DA BATALHA

Digitized by Google

E o resto pouco lhe importa, comtanto que a habitual *causerie* das segundas feiras lhe não falte e o seu *five ó clock* seja iniciado pela leitura das nossas impressões.

É uma honra, não o negaremos, mas uma honra muitas vezes conquistada a troco de supplicios indefiniveis.

Com o luminoso olhar cravado nas linhas da pagina bipartida onde se gravaram typographicamente estes devaneios de chronista, mal tu imaginas, ó doce moreninha gentil, as difficuldades com que hoje luctamos para te ser agradavel!

=Queres saber? Ainda por cá não temos o microbio cholerico que doudeja pela Hespanha

E não cuides que isto se deva ao rigorismo das providencias sanitarias, com que o ministerio do reino ha por bem encher quotidianamente as columnas da folha official.

Não creias que o inimigo invisivel nos favorece com a sua ausencia, por temor do hospital da Avenida, dos *cordões* de tropa e do lazareto de Marvão.

O monstro asiatico não se arreceia d'essas medidas espectaculosas d'opera buffa.

Se elle nos quizesse ter assaltado, com o seu cortejo repugnante de dejecções pestiferas, de caimbras dolorosas e de vomitos afflictivos, já cá estava. Pouco lhe importaria que as auctoridades lhe batessem na cara com as portas do Norte: lá tinha abertos alguns postigos do Sul, na margem direita do Guadiana, para fazer a sua entrada subrepticia, assim como quem não quer a coisa.

Depois, os directores dos hospitaes e dos lazaretos provisorios são todos umas excellentes creaturas, incapazes de qualquer acto menos cortez que podesse offender as susceptibilidades da epidemia, na sua apparição sobre os plainos da fronteira. Haviam de ter para com ella todas as attenções que costumam dispensar-se a um forasteiro, satisfazendo-lhe as exigencias, enchendo-a de mimos e de favores.

Mas o cholera não quer cá vir, estimada leitora; não quer, positivamente.

Acha isto feio, pobre, acanhado, triste.

Conversando ha dias com o alcaide de Novelda, affirmou-lhe, muito á puridade, entre um copo de *Manzanilla* e um pedaço de torrão d'Alicante, que não visitava a patria da padeira d'Aljubarrota e de Nuno Alvares Pereira para não desfeitear a formosa Hespanha.

O telegrapho não registra, mas as chronicas chocalheiras segredam que o microbio morre d'amores pelas alicantinas de lume no olho, sangue quente, belleza cheia de sensualidade, e menéio estonteador.

Quando em tempos visitou o nosso territorio, ficou desagradavelmente impressionado pelo histerismo e pela marmorea pallidez chlorotica das portuguezas.

Bastava approximar-se d'ellas para as ver cair com um vága do, perneando diabolicamente, em convulsões horriveis.

As hespanholas, não. Essas sabem luctar. Encaram-n'o frente a frente, de mão na ilharga, com gestos d'Angot provocadora, desafiando as suas iras e os seus rancores. Mulheres para tudo, seduzem-n'o com olhares de fogo e com apaixonadas caricias, em que se misturam, a flux, impetos selvagens, osculos satanicos, rugidos de panthera e requebros de odalisca.

Ahi está porque elle não está resolvido a abandonar o paiz visinho.

De resto, parece que a politica anda, tambem, envolvida no assumpto. *Segun se cuenta,* o flagello asiatico percorre a Hespanha ao serviço de Zorrilla, no intuito de operar um golpe d'Estado que ponha em sérias difficuldades o gabinete conservador presidido por Canovas.

Correm ainda outras versões, mas, porque teem um caracter extremamente grave, e porque tu, cara leitora, não és muito dada a assumptos politicos, abstenho-me de as reproduzir.

Comprehendes: poderia suscitar um conflicto internacional...

=Fiz-te uma pirraça, annunciando levianamente, na minha ultima chronica, a triste apparição do outono.

Eu não devia deixar-me embair por aquellas lagrimas hypocritas do ceu, que rolaram antes de tempo sobre a poeira dos *trottoirs*, com offensa da folhinha e prejuizo do nosso *penante* domingueiro.

Os bons dias estivos vieram de novo, trazendo-nos as alegrias luminosas das suas esplendidas auroras.

O peior é que voltaram com elles as temperaturas abrazadoras de julho, fazendo-nos fugir ás recitas da Trindade, em que Aurelia dos Santos e Josepha d'Oliveira, uma na *Mascotte*, outra no *Boccacio*, se disputam os nossos applausos.

Fallar-te-hei d'ambas no proximo numero, e da *Fédora*, e do Gymnasio, e da vinda da Judic, e do protesto solemne lavrado pelas senhoras coristas da Trindade contra a classificação de *menos formosas* com que a nossa penna, sempre justa e sempre verdadeira, as fulminou, no exercicio do seu mister.

C. DANTAS.

UM AVENTUREIRO ITALIANO EM PORTUGAL

II

O modo como Gorani conta as scenas da doença do conde de Oeiras, ou do conde de Oeiras, como elle diz, é perfeitamente grotesco, e mostra no aventureiro italiano um predecessor emerito de Meilhac e Halévy. É uma scena do *Barba-Azul* a que elle nos dá como lembrança authentica da sua residencia em Portugal e da sua permanencia em casa do grande ministro:

«Sua excellencia, tendo precisão de expectorar, deitou um grande escarro composto de muitas côres, como a palheta de um pintor; viu-se immediatamente agruparem-se em torno d'essa expectoração todos os bispos, arcebispos, duques, marquezes, condes, viscondes, barões e outros fidalgos, os presidentes e desembargadores de todos os tribunaes, abbades das ordens monasticas, generaes, almirantes, viu-se todos esses graves personagens a anatomisarem essa secreção e a proferirem os seus prognosticos, e, como a maior parte d'esses excellentissimos eram muito ignorantes, ouviam-se expressões e definições fóra de todos os principios da physica e da physiologia, enunciados com emphase.

«—Oh! dizia um, veja, excellentissimo, veja esse signal certo de um restabelecimento solido; temos agora provas de que a doença do salvador da nossa patria se converterá n'uma saúde constante.

«—Olhe! dizia outro..»

Gorani conta a respeito de Kaunitz, o illustre ministro de Maria Thereza, babozeiras similhantes, mas a observação que o sr. Marc-Monnier faz a respeito d'estas ultimas é que bem se vê que Gorani não é amigo de Kaunitz; a respeito do grande ministro portuguez, acceita, porém, os disparates de Gorani como verdades do Evangelho.

Mas o que é mais revoltante do que tudo quanto até aqui se tem dito, é a historia dos suppostos casamentos que este Gorani conta que esteve para ter em Portugal.

«Este enthusiasmo não durou, escreve o sr. Marc-Monnier: o joven cortezão percebeu um pouco tarde que o conde de Oeiras *(Oeiras)* não era um homem de bem, nem talvez mesmo um homem de genio (!). Mais ainda: que tinha feitios de despota, e crueldades de tyranno, a ponto de zombar dos desgraçados que acabava de immolar. De espirito bastante livre para expulsar os jesuitas que o inquietavam, o ministro *conservára todos os preconceitos do seu paiz contra os judeus* (!!), mesmo contra aquelles que tinham abjurado a sua fé; impediu Gorani de casar com a filha de um christão-novo, porque, aos olhos dos portuguezes, eram necessarias quatro gerações para lavar uma familia do peccado do judaismo. Os que pertenciam a Luthero e a Calvino não eram mais bem tratados de que os que pertenciam a Moysés e a Mahomet.»

Chega realmente a ser irritante que isto se diga e se escreva. O que! pois ha um grande ministro em Portugal, que, insurgindo-se audaciosamente contra os preconceitos do seu tempo e do seu paiz, fazendo entrar a nação que dirige n'um caminho completamente novo, promulga a famosa lei que acabou com as distincções entre christãos velhos e christãos novos, deu por conseguinte em Portugal aos descendentes da raça judaica direito de cidade, restituiu-lhes os seus foros de Portuguezes, e equiparou-os em tudo aos descendentes de antigos christãos, e este benemerito da humanidade, que é tanto mais digno de applauso quanto, annos antes d'elle subir ao poder, se queimavam ainda em pleno Campo da Lã os homens accusados de judaismo, este homem notabilissimo e illustradissimo ha de ser estygmatisado em França por um escriptor notavel, com o epitheto de perseguidor dos Judeus e de intolerante e de fanatico, de homem de espirito estreito e mesquinho! Podia-se esperar que de tudo o accusassem, menos, de certo, de ser elle o protector do preconceito que foi elle o primeiro a extinguir e a derrubar! E' demasiada ignorancia! E' demasiada falta de consciencia!

E comtudo o sr. Marc-Monnier, para contraprovar as asserções de Gorani, podia abrir a *Revista dos dois mundos*, onde encontraria um sensato artigo do sr. Michel Chevalier ácerca do marquez de Pombal: podia folhear a magnifica obra de Ferdinand Denis, *Portugal Pittoresco*, mas nada d'isso fez; acceitou como veridicas as asserções mentirosas de um aventureiro, cuja indole de gabarola elle mesmo reconhece e aponta!

Tambem Gorani podia mentir á sua vontade. Nem no seu tempo, nem nas edades futuras encontrou entre aquelles a quem destinava o seu livro, Francezes ou Italianos, quem lhe mostrasse que estava em flagrante delicto de mentira, a cada instante. Depois de dizer que fóra o marquez de Pombal, com os seus preconceitos, quem o impedira de se casar com uma judia, que, segundo elle diz, fallava o italiano como uma Genoveza, cantava como uma *prima-donna* de Napoles, e recitava de um modo admiravel os versos de Camões, affirma ainda que lhe offereceram outro casamento, que elle rejeitou desdenhosamente. Pois tratava-se nem mais nem menos que da filha de José de Seabra, o procurador da corôa. Oiçamos o sr. Marc-Monnier:

«Propozeram-lhe outra noiva—a filha do procurador da corôa

Digitized by Google

Chiabra, que lhe abriria muitas portas, mas elle é que não quiz similhante alliança, e estava morto por se ir embora».

Ingrato! O homem que aspirava á honra insigne de ser seu sogro, e cujo nome elle nem sequer sabia escrever, tivera a amabilidade de lhe offerecer as filhas que não tinha, e o maganão rejeitava-as, e estava apenas morto por se ir embora! E' curiosissimo! uma filha de José de Seabra em 1763! Tinha 33 annos n'esse tempo esse famoso *Chiabra*, como diz o aventureiro, fôra n'esse mesmo anno nomeado procurador da corôa, casára no anno anterior com D. Anna Felicia Coutinho, e já Gorani declarava, com toda a isenção, que não queria casar com a filha d'esse magistrado, apesar d'elle ainda a não ter. Não seria um pouco prematura essa recusa?

Quando se lêem estas coisas, sente-se um profundo desalento. Não ha meio de se conseguir que os estrangeiros nos estudem a sério. A maledicencia de qualquer aventureiro basta para annullar os nossos grandes homens, para ridiculisar a nossa civilisação, para transformar a sociedade portugueza n'uma sociedade excepcionalmente inepta, cujos costumes são do dominio exclusivo da musa burlesca de Offenbach.

PINHEIRO CHAGAS.

A VENUS DE SAXE

I

Abriu-se a grande sala illuminada *a giorno*
e apenas lanço a vista áquellas obras d'arte,
parei na multidão, que me fluctuava em torno.
Ao pé d'um *Bronze Antigo*, a estatua de uma Astarte,
uma Venus, *de Saxe*, a dar um beijo em Marte,
estonteada talvez d'aquelle ambiente morno
no abraço do seu deus, parece que se parte
na curva sensual, quebrada do contorno.
Que immensa perfeição! que formosura aquella!
Até ciumes tive e raiva a toda a gente,
que a poderia ver n'essa nudez tão bella,
e ao voluptuoso deus, que a cinge ao peito, ardente!
Mas, Venus me perdoe, ao vel-a eu simplesmente
tinha estado a sonhar como seria—*Ella*—

II

Deixando então de olhar a olympica deidade,
quiz ver alguem bonito. Ás vezes não desgosto
de espairecer o olhar a ver um lindo rosto.
Faz-me isso bem á vista e ao espirito; é verdade.
Os olhos querem luz. Por isso é que ha saudade,
por isso é que ha tristeza ás horas do sol posto
e se contempla á noite assim com certo gosto
uma estrella qualquer, rasgando a curiosidade.
Mas quando o sol desponta, é d'elle o firmamento,
e aos luzeiros da noite illuminada e bella
parece que de um sôpro os afagara o vento.
Eu estava a ver, não sei se apenas uma estrella,
se uma constellação... sei só que, n'um momento,
vi deserto o salão!... Voltei-me... Entrava *Ella*.

FERNANDO CALDEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CONVENTO DA BATALHA

Este convento de frades dominicos, um dos mais bellos edificios do mundo, no seu genero, foi fundado por D. João I, em memoria da gloriosissima victoria de Aljubarrota, ganha em 14 de agosto de 1335.

A sua architectura, normando-gothica, attribue-se a Affonso Domingues e é um verdadeiro primor, admirado por nacionaes e estrangeiros.

A casa do capitulo do mosteiro da Batalha tem a forma quadrada, com 19 metros de lado. Repouzam ali as cinzas de el-rei D. Manuel e as de seu neto, o principe D. Affonso, que morreu em Santarem, da queda d'um cavallo.

As *capellas imperfeitas*, obra de el-rei D. Manuel, são de uma magnificencia assombrosa. Os ornatos rendilhados do portico constituem um trabalho delicadissimo e inimitavel.

Finalmente, tudo n'este magestoso edificio é da maior sumptuosidade e aprimorado gosto, não havendo, talvez, no mundo, outro que o eguale em bellezas architectonicas.

A sua construcção iniciou-se em 1388.

A Batalha, onde o famoso monumento exhibe os seus esplendores, é uma villa da provincia da Extremadura, no districto de Leiria, e fica a SO. da cabeça do districto, distante d'ella 11 kilometros.

É capital do concelho do seu nome.

Passa junto d'Alcobaça o pequeno rio Lena, que vae juntar-se ao Liz, em Leiria.

PROMPTA PARA O BAILE

Uma loira gentil,—deve ser loira,—como as virgens de Rafael, e de olhar meigo com scintillações de ternuras dedicadas. Um vime, em que se percebem facilidades de dobrar-se. Um anjo com azas occultas. Uma filha *du monde* elevado, parecendo querer elevar-se ainda mais, até áquellas regiões soberbas que apenas entrevê em sonhos.

Deve ser adoravelmente meiga, mas... rosa entre as rosas, quiz mais uns espinhos, e, metteu nos cabellos um perfume e um punhal—uma arma para as vertigens do baile.

Espinhos na trança, espinhos no seio, e no olhar pudico, honesto e ardente o iman das tentações!...

O ENLEVO DA FAMILIA

Falta alguma coisa n'este grupo alegre: o marido, um rapaz espadaúdo, alto, forte e risonho.

Está longe, e ella revê, no espelho fragil que o amor lhe offereceu, o retrato um pouco vago do pae ausente.

E elle, o formoso *bébé*, perna aberta, meio nú, quasi a rir, parece comprehender os desvelos que lhe dispensam, e deixa-se ficar assentado, como um rei pequeno, despotico.

O outro, descalço, chapeu de palha no alto da cabeça, jaqueta curta, chibata em punho, pede parte do bolo á magestade loira, que faz ouvidos de mercador, em quanto a mais velha, uma anafada e sadia moçoila, lhe diz com meiguice:—e á manasinha não dás?—

Não sei... mas aquelle sorriso da mãe... Está-me a parecer, meu loiro, que ao chegar o author dos teus dias serás um pouco esquecido...

CONDEMNADO Á MORTE

Um bello coração o d'aquelle traquinas de sete annos, que chora as segundas lagrimas talvez!

Ao ver, junto do gallinheiro, os preparativos da carnagem, a sua alma juvenil confrangeu-se, e, com a garganta em soluços que o suffocavam, voltou-se triste e commovido para a parede—a sua confidente fria.

A avó, com o sorriso velho que a edade lhe deixou, olha-o de baixo, sem comprehender, porventura, a afflicção pungente que dilacera o coração bom d'aquella aurora d'illusões, a quem vão roubar uma das maiores alegrias.

Chora, criança, chora; e oxalá que decepções futuras, muito mais para sentir do que a morte d'um gallo, te não roubem outras crenças douradas!

UMA CARTA DO BRASIL

Estavam ambas entregues ao labor da costura.

A tia velha cuidava de concertar as brancas meias de linho cazeiro, que o tempo e os attritos do sapato esboracara.

A sobrinha, uma perfeita rapariga de dezenove primaveras, com exhuberancias de seio e faiscações metallicas no olhar ardente, fazia rendilhados caprichosos de *crochet*.

N'isto batem á porta. Era uma carta d'elle, do priminho saudoso, que o correio trouxera de muito longe, das terras de Santa Cruz.

A missiva d'um primo nunca é indifferente, sobre tudo quando falla de esperanças, d'amor e de saudades, antevendo o realisar proximo de sonhos muito azues, de promessas muito côr de rosa...

Por isso ella é toda alegria no olhar e no sorriso.

Por isso não ha uma unica palavra da cartinha adorada, que se lhe não grave no espirito e no coração.

Depois, elle diz que volta breve e que o tem ajudado a fortuna.

Esse regresso e esses doces bafejos da sorte constituem para a boa rapariga um poema infinito de venturas.

Como lhe parecerão longos os dias que a separam do suspirado ausente!

C. D.

A RAZÃO

Ergui o meu olhar cançado e pezaroso
para a amplidão do espaço immenso e luminoso
a procurar um Deus;
Interroguei o sol, a estrella vespertina,
A lua scintillante, alvissima, argentina
e a immensidão dos ceus.

E a lua, a estrella, o sol, os ceus, o espaço... tudo
N'um coro silencioso, indefinivel, mudo
me respondeu então:
«Se queres ver o Deus immenso, extraordinario,
«Abre, tambem, poeta, ó doido visionario
«os olhos da razão!»

COSTA ALEGRE.

Digitized by Google

PROMPTA PARA O BAILE

Digitized by Google

Digitized by Google

CONDEMNADO

(Quadro de Antou

Digitized by Google

Á MORTE

Rotta)

Digitized by Google

Digitized by Google

O ENLEVO DA FAMILIA (Quadro de Gustavo Igler)

Digitized by Google

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

A *preposição* da ultima charada novissima do n.º 11 é preposição latina.

*

MARGOT.—A nota junta ao problema n.º 7 do xadrez, e por erro de imprensa posta ali, quando devia ir em seguida á solução do n.º 6, não podia de fórma alguma pertencer ao n.º 7, por quanto, n'este problema, os movimentos são forçados. Só um mau jogador, ou aquelle que não perceba nada d'isto, podia suppôr tal. Fica, pois, de nenhum effeito a sua observação.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Olhei alegre para esta Deusa, por ser mulher—1—1—3.

Este instrumento é a tranquillidade do sacerdote—1—1.

Tenho direito á astucia d'este homem—1—2.

Reguengos. MATTOS MENDONÇA.

E' appellido e não ouve esta villa—1—2.

Todos temos e é duro este peixe—2—1.

MANUEL DE SOUSA.

Este marisco toca e vôa—2—2.

N'este momento afflige o prégador—2—1.

Cartaxo. T. R.

EM QUADRO

. . . . Na viagem
. . . . No jogo
. . . . No inverno
. . . . Nas terras

HOPE.

ELECTRICAS

A's direitas nunca dorme e ás avéssas nem de barro á porta—2.

A's direitas doença e ás avéssas adverbio—2.

TRIANGULARES

Nos rios de Portugal
E' um peixe mui vulgar.—
Nada ha que tanto enleve
Como ouvir isto cantar.—

Minha *terceira* em Aveiro
Ou Setubal encontraes.—
A *quarta* está na Bahia—
Vogal *quinta* e... nada mais.—

J. L. P. DE CARVALHO.

EM VERSO

Com *d a* dá, no fim posto
Nem todas são, meu amigo. } 2

Trocando a vogal do fim
E' onde se piza o trigo. } 2

Se tu queres decifral-a
A' noite, quando estás só,
Repara na tua frente
Que lá está todo liró!

C. S. F. P. M.

No tribunal
Me podem ver. } 1
N'um animal
Hei de appar'cer. } 1

Sou instrumento
Bastante usado. } 1
Um verbo inglez
Muito empregado. } 1

Em noites de tempestade
Um risco indico tambem
A's vezes, porém, o perigo
Junto commigo não vem.

D. BASILIO.

ADIVINHAS POPULARES

Devendo aos quatro elementos
O vir a ser o que sou,
Sempre recebo mau pago
Da gente com quem me dou.

Sou abafado e depois
Em um carc're me vão pôr,
Onde não mudo a figura
Mas do rosto mudo a côr.

O povo todo me busca
Pois necessita de mim
Tive creação aos murros,
Tenho as facadas no fim.

P'r'andar me põem a capa,
E m'a tornam a tirar;
Não posso andar sem a capa,
Co'a capa não posso andar.

PALAVRAS EM TRIANGULO

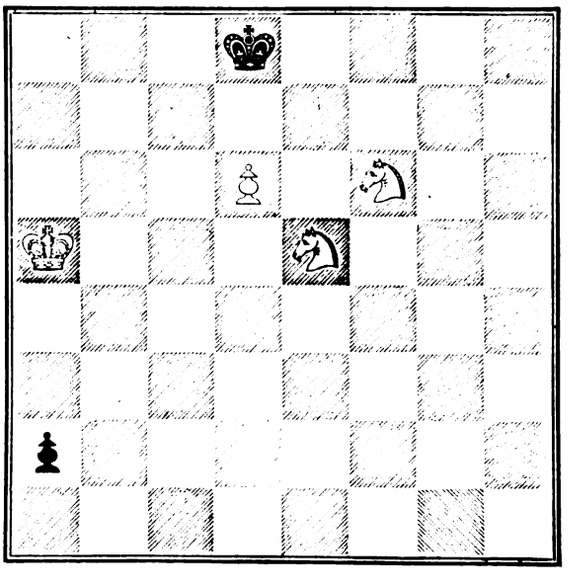
No mar sempre a calma traz
Este brilho em noite estiva.—
A rilhar nunca se esquiva.—
Concede quem assim faz.—
Tumor que não mortifica.—
Nos hortejos é usada.—
P'ra branquear empregada.—
Movimento significa
Este verbo no imperfeito.—
Termina com a primeira.—
E disse... não ha conceito.

Bensafrim. G.

XADREZ

PROBLEMA N.º 9

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

J. OOM.

Digitized by Google

LOGOGRIPHO

N'esta cidade encontrei—1—4—6—5—6—7
Um jogo que é bem vulgar—5—2—1—4—3—7
E logo isto experimentei—3—4—5—5—2—5
Vendo tal mulher jogar—5—6—3—3—7

Para conceito, leitor,
Eu só devo accrescentar
Que n'este jogo é costume
Mais perder do que ganhar.

Covilhã. NARCIZO.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Amos.
Mono.
Onça.
Soar.
2.ª—Patacho.
3.ª—Charola.
4.ª—Jacaré.
5.ª—Amora.
6.ª—Manobra.
7.ª—Levita
8.ª—Prothese.
9.ª—Eva.
10.ª—Osso.
11.ª—Ama.

Do logogripho:—Anglo.

Xadrez—Solução do 8.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. D. 5 B. R. cheque.	1. R. 2 B. R.
2. D. 7 D. cheque.	2. R. casa B. R.
3. D. 7 R. cheque.	3. R. casa C. R.
5. D. 7 C. R. cheque e mate.	

Do problema:—Encontram-se no fim de $28\frac{12}{23}$ dias, suppondo que o movimento é uniforme em cada um dos dias.

A RIR

N'uma sala:

Então, *vocencia*, minha senhora, está resolvida a partir para Hespanha?

—Assim é preciso.

—Pois sinto-o devéras, porque vae envelhecer.

—Eu?

—De certo; aproximar-se-ha forçosamente da *quarentena*...

*

Estrategia chineza em Fou-Tchéou:

Um artilheiro do Celeste Imperio.—Os navios francezes aproximam-se...

O mandarim.—Faça-lhes um tiro de peça.

O artilheiro.—Estão ainda muito longe; a bala só chegaria a meio caminho.

O mandarim.—N'esse caso atire-lhe dois!

*

No Chiado, de passagem:

—V. Ex.ª de luto, minha senhora?! Quem lhe morreu?

—Um parente affastado.

—Algum primo?

—Não; foi meu marido.

—E chama-lhe affastado?! Como assim?

—É que elle estava no Rio de Janeiro.

*

Calino, que já completou 60 janeiros, pergunta onde se vendem corvos: quer comprar um.

—Para que precisa você de corvos em casa? pergunta-lhe alguem.

—Toda a gente me diz que estas aves vivem tres seculos: vou experimentar se é verdade.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

CONVERTER OS GRÁOS FAHRENHEIT EM CENTIGRADOS

Aconselhamos o meio seguinte como altamente pratico:

Do numero dos gráos Fahrenheit diminuem-se 33; multiplica-se o resultado por 5, e divide-se este producto por 9.

100 gráos centigrados equivalem a 212 Fahrenheit.

A SANTA INQUISIÇÃO

Toda a gente conhece, mais ou menos, os beneficios incomparaveis que trouxe ao reino fidelissimo este humanitario tribunal; mas o que alguns ignoram é a extrema caridade com que os devotos inquisidores tiravam as almas perversas das garras do demonio, para as entregar ao Senhor. No virtuoso intento de radicar os bons costumes, abraçavam os denunciantes como enviados de Deus; as dilações d'estes eram o principal fundamento dos processos contra a canzoada dos judeus e dos herejes. Tamanha intimação faziam d'aquelles benemeritos, que até os procuravam, mandando percorrer as diversas terras devotos visitadores, que annunciavam a sua chegada com missas, predicas, procissões e outras coisas do céo; ao mesmo tempo, convidavam por editaes os amigos denunciantes.

Durante a visita não se procedia a prisões, salvo se havia suspeitas ou receios de fuga; então o visitador solicitava ás justiças seculares, ou ecclesiasticas, para que *com alguma causa corada, e sem se entender que é por ordem sua, retenham na cadeia as ditas pessoas*: são as formaes palavras do *Regimento do S. Officio*, ordenodo, em 1640, pelo muito reverendo bispo D. Francisco de Castro.

Recebida a delação, enviavam-se as testemunhas indicadas, escreviam-se os depoimentos e mandavam-se ao promotor, para este requerer a prisão. Deferido o requerimento, passava-se o mandado, ou a competente precatoria, quando o denunciado já se achava preso *por alguma causa corada*, e o meirinho, ou familiar, apresentava o reu no tribunal. Depois de se lhe passar busca, e de se lhe perguntar se fôra bem tratado, exortavam-n'o a confessar as culpas, promettendo-lhe misericordia. Na despedida d'esta primeira e agradavel entrevista recommendavam-lhe que estivesse socegado no carcere, não fallando alto, nem procurando saber o que se passava nos visinhos.

Se o reu era *negativo*, o que na suave linguagem dos angelicos inquisidores queria dizer—não confessar as culpas—era submettido a tres interrogatorios, o primeiro dos quaes se effectuava dez dias depois da prisão no Santo Officio. Versavam as perguntas sobre a filiação e parentesco do preso, e a sua edade: se ouvia missa, se estudava ou tinha estudado, se viajára por fóra do reino e finalmente se sabia porque estava preso. Se elle dava resposta negativa, nada lhe declaravam, mais do que dizerem-lhe: *«está preso por culpas, cujo conhecimento pertence ao S. Officio»*. Mandavam-lhe rezar o Credo, Padre-N sso, Ave-Maria e Salve-Rainha, e dizer os mandamentos de Deus e da egreja. Retirava-se para o carcere, onde o esperavam algumas contrariedadesinhas, como escuridão, isolamento, fome, ar infecto, etc.,—para desconto dos seus peccados.

Passado um mez, era sujeito a segundo interrogatorio sobre as culpas de que havia sido accusado. O terceiro e ultimo interrogatorio, que era o mais breve, versava principalmente sobre os factos declarados pelas testemunhas, mas de modo que nunca o reu as podesse conhecer. Estas «admoestações», como lhe chama o Regimento, podiam repetir-se, se ao tribunal parecesse conveniente. Concluidas ellas, seguia-se a formação do libello, que era apresentado ao reu, dando-se-lhe traslado, se elle soubesse ler.

O reu podia então constituir advogado, mas só entre os denominados *procuradores dos presos*, creaturas do S. Officio, perante o qual prestavam juramento, no acto de acceitar a defeza, de «desistirem d'ella, se pelo decurso da causa se convencessem de que o reu pretendia defender-se injustamente». Recusando-se o reu a escolher advogado, era-lhe nomeado pelos inquisidores.

Retiravam-se para outra casa o advogado e o reu, acompanhados pelo meirinho e um solicitador, e ali formavam a contrariedade, para a defesa da qual podiam nomear até quatro testemunhas; se alguma d'ellas tivesse fallecido, dizia-se ao réu que desse outras, sem se lhe declarar o motivo. Não só n'isto, como em todos os actos do processo era essencial condição o segredo: *«Guarde-se segredo com particular cuidado*, recommendava o Regimento a que já nos temos referido, *não só nas materias de que poderia resultar prejuizo, se fossem descobertas, mas ainda n'aquellas que lhes parecerem de menor consideração, por que no Santo Officio não ha cousa em que o segredo não seja necessario.*

Rectificados os depoimentos da accusação, e recebida a defesa, procedia-se á publicação, á qual assistia o reu, havendo, todavia, a cautella de se lhe não declararem os nomes das testemunhas, nem a época, nem o logar onde tinham deposto. Recebiam-se contradictas, para comprovação das quaes era licito nomear até seis testemunhas, das quaes só eram interrogadas tres.

Succedia haver tão preversos hereges, que nem pelo diabo... perdão, que por coisa nenhuma abjuravam das suas crenças: nomeava então o S. Officio pessoas religiosas, doutas, versadas na lição e interpretação das letras divinas, para que disputassem com o herege e o convertessem. Mas estes perros, antes de terem sido *contumazes*, haviam sido, por via de regra, *negativos*, ou *diminutos*; isto é, ou negavam as culpas de que eram accusados, ou só confessavam parte. Em taes casos, os do S. Officio faziam escre-

Digitized by Google

ver: «Que visto os indicios que resultam dos autos e da prova da justiça, de ter commettido o crime de que é accusado, mandam que antes de outro despacho seja o reu posto a tormento, onde será perguntado por suas culpas, para que manifeste a verdade, para salvação da sua alma e das pessoas com que as houver commettido, ou sabe commetteram o dito crime.» N'estas ultimas palavras se revela a esperança que tinha a Santa Inquisição de obter por tão suaves meios novas colheitas d'almas para o Senhor, e fartura de gente para o magnifico espectaculo das fogueiras.

Depois d'aquella decisão seguia-se uma scena divertida, mas honesta e religiosa. Representa-se n'uma vasta quadra, alumiada

UMA CARTA DO BRAZIL (Quadro de B. Woltze)

por duas tochas, que ardem ao lado de um grande crucifixo: na cabeceira de uma larga mesa forrada de preto assentam-se os juizes, com os seus trajos clericaes, e de frente d'elles está o reu, de pé. A um lado uma trave forte bem aprumada, com um braço, de que pende uma polé, na qual está passada a competente corda. Do outro um cavallete. Proximo dos juizes, o notario, um clerigo d'ordens sacras.

Perguntava o presidente do tribunal ao reu se jurava dizer a verdade, mas se elle nada confessava, ou confessava sómente uma parte das culpas, mandavam-se entrar em scena novos personagens: dois carrascos com os rostos cobertos e com elles o medico e o cirurgião da casa. Atavam-se as mãos do paciente á corda da polé, e depois de bem seguras approximava-se d'elle o reverendo notario, para lhe recitar esta maviosa antiphona: «Nós que presentes estamos, em nome dos Inquisidores e mais ministros do despacho do teu processo, protestamos, que se tu, reu, no tormento morreres, quebrares algum membro ou perderes algum sentido, a culpa será tua, pois voluntariamente te expões a este perigo, que podes evitar confessando as tuas culpas, e não será dos ministros do S. Officio, que, fazendo justiça segundo merecimento da tua causa, te julgam a tormento».

Terminada esta jocosa falla, era o reu guindado amorosamente até á altura do moitão, d'onde o largavam de subito, cahindo com todo o peso do seu corpo e ficando susoenso um palmo acima do pavimento. Devia ser uma deliciosa sensação a d'elle, ao desconjuntarem-se-lhe os ossos; e os gritos que exhalava e que pareciam arrancados por uma enorme dôr, decerto reprimiam um gozo ineffavel. Se apesar de tantas meiguices, ainda assim não satisfazia completamente ao interrogatorio dos senhores juizes, mandavam estes continuar o honesto recreio; e quando o medico avisava de que o paciente podia morrer de jubilo, faziam-lhe a caridade de mudar o supplicio, mandando-o para o potro. Já era amor!

Este ultimo supplicio nunca se applicava ás mulheres por causa da decencia. Aquella deleitosa sessão de gymnastica podia repetir-se varias vezes no mesmo reu, com ordem expressa do tribunal superior. Havia, além d'estes, que não sabemos o que seria, o *trato esperto*, mas ácerca do qual diz o Regimento: «Sendo necessario dar trato esperto nos quinze dias antes do auto, por não irem os presos a elle mostrando os signaes do tormento, lh'o darão no potro».

Por ultimo proferia-se a sentença, que sendo condemnatoria concluia sempre com estas edificantes e misericordiosissimas palavras: «...o condemnam (o reu) e relaxam á justiça secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle benignamente, e não proceda a pena e effusão de sangue». Ora, a dita justiça secular, condescendente e generosa desfazia-se em obsequios para com o reu. Por exemplo: «...condemnam ao R. que, com baraço e pregão, pelas ruas publicas seja levado á Ribeira d'esta cidade, e assim esteja levantado em um poste alto, e queimado vivo, feito por fogo em pó, por maneira que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memoria. — E o condemnam, outrosim, em perdimento de seus bens para o Fisco e Camara Real, posto que ascendentes e descendentes tenha, aos quaes declaram por incapazes, inhabeis e infames na fórma de direito e Ordenação, e pague as custas d'estes autos».

Como n'aquelle tempo era suave e juncado de flores o caminho doceo! *Gloria in excelsis!*

DELPHIM D'ALMEIDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 22 de setembro de 1884 Numero 13

A Illustração Portugueza

Semanario

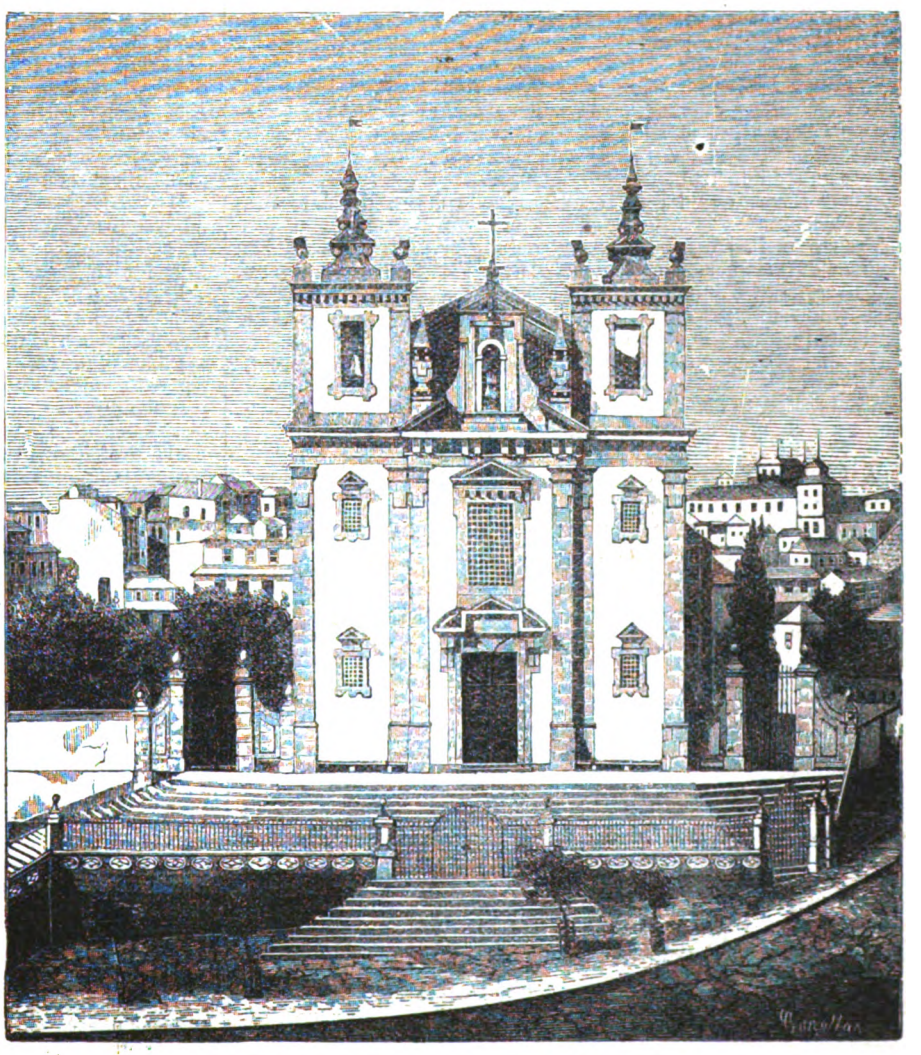
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel d Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Os diplomatas portuguezes em* 1820, por Pinheiro Chagas.—*Canção da India*, versos, por Thomaz Ribeiro.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*Em familia (Passalempos).—Um conselho por semana.*—*A sereia*, por D. Guiomar Torrezão.

GRAVURAS.—*Egreja de Santo Ildefonso.—Uma partida de xadrez.—Os freguezes da sacristia.—Um exercicio de natação.—Em plena primavera.*



EGREJA DE SANTO ILDEFONSO

CHRONICA

Estas carantonhas do tempo, que hoje se nos mostram horrivelmente negras e feias, para d'aqui a pouco se transformarem em sorrisos limpidos de sol e gargalhadas frescas de brisas doudejantes, assemelham-se, um tanto ou quanto, ás palinodias politicas das gazetas da nossa terra.

O jornalista F... dá uma descompostura tremendissima no seu collega G.., dizendo d'elle o que Mafoma não disse da carne de porco.

As apostrophes offensivas fervilham; as injurias amontoam-se; o bello epitheto insultuoso chove. Trovejam os doestos. Desencadeia-se uma tempestade de improperios. Fuzilam insidias. Relampejam cognomes feios. Faiscam imprecações medonhas.

Isto passa-se de manhã.

Ao cahir da tarde vae a gente encontrar o descomposto e o que descompoz, *bras dessous bras dessus*, flanando pela baixa, muito contentes n'uma premutação de sorrisos affectuosos e d'apertos de mão demorados.

Encontra-os á noite no Martinho trocando-se ternuras e copos de cognac.

Vê-os na camara, segredando confidencias a meia voz.

Descobre-os em toda a parte, dispensando reciprocamente palavras de paz e cortezias de *gentleman*.

Dura esta primavera de sorrisos affectivos o que duraram as rosas de Malherbe.

No dia seguinte, as mesmas injurias, reforçadas por um intervallo de vinte e quatro horas, a mesma tempestade de dichotes licensiosos. E ninguem já faz caso d'aquelle *dize tu direi eu* de soa

Digitized by Google

lheiro, ninguem já attenta nas variações thermometricas da descompostura soez. Que chova, que vente, o nosso indigena tem já, para aquella instabilidade do bom ou do mau tempo politico, a mais supina das indifferenças.

Dá-se exactissimamente o mesmo com esta quadra meio outonal meio estiva que atravessamos.

Hoje, um dia quente e alegre; a luz ardentissima e clara do sol vibrando fortemente no ether; o ceu, limpo de nuvens, a mostrar-nos a sua face azul muito lavada, sem arrebiques de pó d'arroz.

Cá em baixo, nos *trottoirs*, elegancias de cores vivas, bamboleando-se irrequietas; gommosos de rabona curta e collete branco a pavonearem-se agitadamente, sob uma temperatura de duas duzias e meia de graus.

Dentro dos theatros, um calor de estufa, que faz o desespero dos velhos pintados e que lhes reduz a gottas negras de suor corrosivo a chimica esqualida do bigode.

Amanhã, chuvas torrenciaes. Um friosinho impertinente requerendo flanellas confortaveis. Uma invernia subitanea, a provocar-nos desejos de recorrer ao sapato de duas sollas e ás roupagens fortes do dezembro preterito.

De manhã, entre as dez e as onze, um ar tepido e consolador, capaz de rejuvenescer octogenarios e de dar vida aos phthisicos condemnados. A' tarde, as nuvens a encastellarem-se caprichosamente no espaço, o boreas a soprar rijo, e... agua vae. A' noite, caretas do ceu, umas vezes; outras luar esplendido; densa escuridão agora, estrellas a fulgurarem d'aqui a pouco... uma perfeita caçoada do Altissimo á pobre humanidade sublunar, que já não sabe com que *toilette* ha de sair á rua e com que chapeu deva escudar-se para affrontar as iras atmosphericas.

E' por isso, minha querida e amavel leitora, que eu me não atrevo a annunciar-te dias bonitos nem feios.

O mez de setembro é traiçoeiro como os homens politicos, variavel como o coração das mulheres bonitas, inconstante como o amor dos vinte annos.

Quizera ser o teu borda-d'agua, quizera, mas esta quadra meio molhada meio abafadiça vae-se deslizando n'uma versatilidade extraordinaria de temperaturas, e eu não quero mentir.

Dar-te-hei sempre um conselho: areja, fóra do teu guarda-vestidos perfumado, as roupagens fortes do ultimo inverno, e prepara-te para as exhibires em *reprise*, quando a Judic nos visitar.

Porque a Judic vem, não sabes? Prometteu, (a troco de muitas libras esterlinas, entende-se) encantar os olhos dos nossos leões do *sport* com a sua plastica fascinadora e deliciar os ouvidos de nós todos com a sua voz crystalina e fresca, de que se desprende um mundo de tentações harmonicas.

O sanctuario que ha de receber aquella deusa da Arte é a Trindade.

Francisco Palha irá ao encontro da *diva*, envolvendo-a no melhor dos seus sorrisos acariciadores. Far-lhe-hão cortejo os bravos artistas d'aquella casa de espectaculo, e Judic, o portentoso genio dos palcos francezes, terá ensejo de contemplar de perto as respeitaveis ruinas *ubi Canaria fuit*.

Tu não conheces a Judic? Nem eu, mas tenho ouvido fallar. Curo por informações.

Tambem eu te não conheço, leitora, mas adivinho que és formosa e não me custa nada fanthasiar-te como tal. Vivo n'esta doce illusão, que queres?

A' força de me dizerem que a Judic é um portento de belleza, acreditei-o piamente, e ainda que ella se me apresente com uma feialdade diabolica, hei de jurar sempre que nunca se vio formosura egual.

Mas façamos um poucochinho de biographia para te orientar, e deixemos em paz os attractivos da mulher.

Anna Damiens Judic—chama-se assim o portento—nasceu em Semur, a patria do celebre critico Claudio Saumaise, aos 17 de julho de 1850. Completou, pois, trinta e quatro primaveras; encontra-se no pleno *desarrollo* da vida.

Já não se lhe pode chamar uma juventude exuberante de frescura, mas é uma frescura revelando mocidades.

Empregada, ao principio, n'um estabelecimento de roupa branca, sentio pruridos de trocar a agulha e a bretanha de linho dos enxovaes caros em que trabalhava, pela existencia aventurosa do theatro.

Estudou no conservatorio arte dramatica, aprendeu a cantar, e um bello dia estreiou-se auspiciosamente no *Gymnasio* de Paris. Do *Gymnasio* passou ao *Eldorado*; percorreu a Belgica provocando enthusiasmos delirantes; passou pelos *Buffos Parisienses*, occupando ali o primeiro logar, e ha oito annos escripturou-se nas *Variedades*, onde embasbacou os subditos de mr. Grévy na *Périchole*, na *Bella Helena*, etc.

Recentemente fez o seu repertorio variadissimo em Londres, Bruxellas, S. Petersburgo e Copenhague. Agora vem a Madrid, desafiando o cholera cheia d'audacia, e depois mostrar-se-nos-ha cinco vezes na Trindade, em outubro.

Póde ser que a bella *virtuose*, vindo de dois paizes inficionados, nos traga comsigo, na bagagem opulenta de trajes principescos, o terrivel microbio cholerico. Mas não importa. As coisas recebem-se como das mãos de quem veem, e nós teremos o maximo prazer em nos deixar inficionar por uma franceza galante e por uma actriz notabilissima, que se chama Judic.

Ainda hoje não cumpro a promessa feita na minha ultima chronica. Segredam-me que não tenho espaço, os tyrannos da typographia.

Fica para depois, sim?

C. DANTAS.

OS DIPLOMATAS PORTUGUEZES EM 1820

Não acolheram bem os ministros portuguezes nas côrtes estrangeiras o movimento revolucionario de 24 de agosto. Ligados todos mais ou menos pelo seu nascimento á antiga ordem de coisas, impregnados tambem, naturalmente, nos sentimentos politicos dos governos junto dos quaes estavam acreditados, sentimentos que eram n'essa occasião os menos liberaes possiveis, não podiam sympathisar com a revolução portugueza, e claramente mostraram ao governo provisorio a sua desaffeição.

O mais intelligente de todos os nossos ministros no estrangeiro, e o que melhor comprehendia o caminhar das idéas na Europa, era incontestavelmente o conde de Palmella, mas, tendo sido nomeado ministro dos negocios estrangeiros, partira para o Brasil, e ainda podéra, de passagem em Lisboa, dar aos membros da Regencia alguns conselhos salutares mas tardios. Substituira-o interinamente o famoso morgado de Matheus, D. José Luiz de Sousa Botelho, que foi de todos os ministros o que andou mais correctamente. Esse, ao menos, officiou ás côrtes dizendo cortezmente que não podia ter correspondencia official com o ministro por ellas designado sem auctorisação de Sua Magestade.

Antonio Saldanha da Gama, nosso ministro em Madrid, e que foi depois conde de Porto Santo, o marquez de Marialva, ministro em Paris, Francisco José Maria de Brito, ministro na Haya e D. Joaquim Lobo da Silveira, depois conde de Oriola e então ministro em Berlim, todos se recusavam a dar passaportes para os portos portuguezes, e alguns com circumstancias aggravantes.

Assim, Antonio de Saldanha não só officiava aos consules que d'elle dependiam, ordenando-lhes que fizessem todos os esforços para manter incommunicavel o reino de Portugal, mas ainda ia ao famoso congresso de Laybach empenhar-se de certo para que a Europa esmagasse o regimen liberal em Portugal como se propunham esmagal-o em Hespanha e em Napoles.

O marquez de Marialva reunia em sua casa todos os inimigos do systema liberal, de forma que na legação portugueza em Paris conspirava-se abertamente contra o regimen legalmente estabelecido em Portugal!

Francisco Maria de Brito, ministro nos Paizes-Baixos, escrevia artigos no jornal de Bruxellas, que eram tambem clarissimamente hostis ao governo das côrtes.

D. Joaquim Lobo da Silveira esse não só não concedia passaportes a quem vinha para Portugal, mas instava com o governo prussiano para que não consentisse que dos seus portos saissem navios em direcção a Portugal, valendo-lhe essa attitude uma resposta perfeitamente correcta do governo prussiano, que era ao mesmo tempo uma censura ao procedimento do ministro e uma lição severa.

José Anselmo Correia Henriques é, de todos, aquelle cujo procedimento mais deveria espantar, se não soubessemos de ha muito que os precursores das revoluções raras vezes comprehendem que são ellas as realisações praticas das suas idéas. E muito provavel que Voltaire houvesse refugido com horror dos homens, que, ao passo que erguiam os cadafalsos em que succumbiam victimas sem numero, lhe faziam a elle uma apotheóse estrondosa e extraordinaria.

José Anselmo Correia Henriques era um philosopho, um encyclopedista. A elle devemos a honra dispensavel de termos tambem na nossa litteratura uma imitação da *Pucelle* de Voltaire. Foi elle que escreveu e imprimio em 1806, em Hamburgo, um poema heroi-comico em cinco cantos, intitulado *A Padeira de Aljubarrota*. Voltaire praticára o acto ignobil de pretender ridicularisar com chocarrices indignas do seu grande genio uma das tradições mais sagradas da historia de França, a memoria da ardente criança, que arrastada pelo mais nobre, pelo mais enthusiastico dos sentimentos patrioticos, empunhára com as suas debeis mãos a bandeira da França, arrastada aos pés dos Inglezes, e seguida por uma mocidade fascinada e encantada, a hasteára victoriosa e intrepidamente nos muros das bastilhas reconquistadas aos invasores. José Anselmo, com menos talento, tambem tivera menos culpa. A tradição que elle achincalhára é tambem uma tradição patriotica, mas uma tradição muito menos nobre e muito menos sublime do que a da *Pucelle d'Orléans*,—a tradição de Brites de Almeida. A intenção, comtudo, era a mesma. Se Joanna d'Arc tivesse sido portugueza, teria sido Joanna d'Arc a heroina do poema heroi-comico.

Pois bem! este livre pensador, este imitador de Voltaire, quando

Digitized by Google

rebentou em Portugal a revolução que prestava homenagem aos principios constantemente prégados pelos philosophos francezes do seculo XVIII, era ministro portuguez em Hamburgo, e declarou á revolução de Vinte uma guerra de morte. Respondeu insolentemente ao secretario de Estado dos negocios estrangeiros, nomeado pelas côrtes, dirigiu ao senado de Hamburgo um protesto contra os actos que se estavam praticando em Portugal, a todo o corpo diplomatico portuguez uma outra circular tambem hostil á Revolução. Na insignificancia do seu logar, que pouco mais valia do que um consulado, entendeu o imitador de Voltaire que podia assumir a direcção do corpo diplomatico portuguez, e emprehender no estrangeiro uma campanha contra as Côrtes, como sete ou oito annos depois a dirigiu contra D. Miguel o marquez de Palmella, que era ministro portuguez em Londres.

Parece que, não contente com isso, ainda foi, depois de demittido, redigir para Londres um periodico intitulado *Zurrague politico das côrtes novas*. Quando em 1823 o regimen liberal foi supprimido pelo movimento reaccionario de Villa-Franca, ainda José Anselmo, triumphante, lhe vibrou um poema em cinco cantos, intitulado *O Charlatanismo, ou o congresso abolido*.

Assim, a revolução de 1820 encontrava, logo nos seus primeiros passos, a hostilidade d'aquelles mesmos, que a tinham preparado. Os corpos organisados reagiam todos naturalmente contra o movimento revolucionario, e a Revolução não tinha força para os quebrar, porque não assentava ainda em bases certas e definidas. Era visivelmente um movimento prematuro. Não tinha ainda raizes n'um solo que estava já revolvido profundamente, mas em que os germens da nova sociedade tinham ficado á flor da terra.

P. Chagas.

CANÇÃO DA INDIA

A minha tona resume
Os thesouros do meu lar:
Bilha d'agua, esteira e lume;
O mais dá-m'o Deus e o mar.

Se Mermugão tem perolas,
Saphiras e ouro, Onor,
Se amores, Angediva,
Brilhantes, Bisnagar,
Eu roço a medo e triste a praia esquiva,
E resta ao pescador...
Sómente o mar.

Sou pescador do mar alto,
Nasci na humbrosa Mahem;
Se a noite ergue o mar e eu falto,
Que ha de ser de minha mãe?

Se Mermugão tem perolas,
Se rosas tem Dandim,
Se bellas, Angediva,
Brilhantes, Bisnagar,
Eu deixo sempre ao largo a praia esquiva,
E resta para mim...
Sómente o mar.

É-me abrigo a minha vela;
Sombra, contra o sol mortal;
Calor, se me embrulho n'ella,
Contra o frigido *terral*.

Se Mermugão tem perolas,
Se fadas tem Ponda,
Se glorias, Angediva,
Brilhantes, Bisnagar,
Eu fujo como estranho á praia esquiva,
E resta-me por lá...
Sómente o mar.

Quando a tona se me encosta
Ás palmeiras de Dandim,
Segue-nos por toda a costa
O aroma d'este jardim.

Ceylão tambem tem perolas,
E tem rubis Pegú,
Brilhantes tem Golconda,
Sanguineas Calwar,
E eu passo a vida triste d'onda em onda,
E resta ao pobre nú...
Sómente o mar.

Thomaz Ribeiro.

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA DE SANTO ILDEFONSO

E' uma das egrejas mais formosas da cidade do Porto.

Situada no largo a que dá o nome, tem por base uma magnifica escadaria de granito, que faz realçar a elegancia da sua construcção.

A fachada, como se vê da nossa gravura, é d'uma singeleza encantadora. Sem que a sobrecarreguem brincados ornatos, tem o que quer que seja d'aquella simplicidade que caracterisa a religião em honra da qual foi erecta.

As pinturas interiores são soberbas. Entre todas distingue-se o retabulo do altar-mór, que foi executado em Paris, por Guilherme Correia. Restauradas ha pouco, podem agora admirar-se mais distinctamente todas as suas grandes bellezas artisticas.

UMA PARTIDA DE XADREZ

A scena passa-se no terraço da casa de campo, antes do jantar. Uma scena quasi muda, mas expressiva e animada.

Tres figuras apenas resaltam do quadro, sem contar com o mansarrão *bull-dog*, que dorme placida *somneca*, estirado aos pés da cadeira, e com as pombas brancas de neve, que adejam no azul puro e limpido do espaço.

O velho cachimba satisfeito, com os olhos cravados no taboleiro do xadrez, onde pequeninas peças de marfim, artisticamente trabalhadas, se movem em lances difficeis.

Está contente porque acabou de dar cheque ao rei do parceiro. Atira-lhe risadinhas de mofa e faz ditos picantes, exaltando a sua mestria consumada.

Entregue aos doces prazeres da victoria e ás ineffaveis delicias da jogatina, passa-lhe despercebido tudo o mais, e não viu ainda que o adversario dera *cheque* e *mate* ao coração da filha, emquanto elle calculava um movimento escabroso do jogo predilecto.

OS FREGUEZES DA SACRISTIA

Antes da missa conventual, é certo vel-os ali, na sacristia da egreja aldeã, reunidos em congresso.

Chegam isoladamente, um agora, outro logo. Vem primeiro o boticario, fazendo a digestão do que leu nas gazetas. Chega depois o tio Anastacio, um bom homem de lettras gordas, que desadora o liberalismo e os pedreiros livres. O ultimo a apparecer é o regedor: tem sempre entre mãos negocios graves. Falla pouco, porque não deseja compromettter-se e quer servir com todos os governos. Ainda assim, entra nas discussões, quando ellas se acaloram, dizendo sempre que falla por fallar, para dar á taramela, mas que não tem politica definida.

O bom do prior, uma creatura tolerante e honesta, supporta-os nas suas divagações estupendas sobre a guerra da França com a China e ácerca dos projectos de Bismarck.

Se os vê desmandarem-se na palestra, tem um meio seguro para os fazer callar e pôr em debandada: pede-lhes que concorram com o seu obolo para a caixa das Almas ou para a proxima festa a um Santo qualquer.

Os generosos *freguezes* simulam não ouvir a petição, e retiram-se pouco a pouco, á formiga, estando dois ou tres dias sem apparecer no pequenino congresso habitual.

Uns patuscos!

UM EXERCICIO DE NATAÇÃO

Ensinar natação aos filhos, n'aquella nudez provocadora, e expor os nedios pimpolhos ás furias d'aquelle mar revolto, não nos parece coisa muito real, nem muito plausivel, nem muito humana.

Devemos, pois, tomar o quadro como uma arrojada fanthasia do seu author, sujeito de certo propenso a devaneios treslouca-dos.

Se ao menos os pequenitos tivessem azas brancas, vá: dava-se o caso como passado em tempos mythologicos, e havia para tudo explicação.

Mas assim, sem o alvo appendice seraphico... o nosso olhar fixa-se apenas nas fórmas opulentas da mulher, e esquece os formosos rapazelhos da estampa.

Quem nos dera ter por banheiro aquella esplendida beldade, se ella não fosse um mytho!

EM PLENA PRIMAVERA

Inventou Deus esta quadra de proposito para o amor.

Quando dos seus labios se escapou o sublime preceito:—«*Crescite et multiplicamini*» a um aceno da sua mão portentosa fez-se a primavera, floresceram os campos, gorgearam os melros nos balseiros, beijaram-se as avesinhas na ramagem do bosque.

Bem entendido, os rouxinoes e as toutinegras não guardaram para si o previlegio exclusivo d'estes idyllios productores, tendentes a multiplicar a especie.

Digitized by Google

UMA PARTIDA DE XADREZ (Quadro de Naumann)

Digitized by Google

Digitized by Google

UM EXERCICIO DE NATAÇÂO

(Quadro de W. Kray)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

OS FREGUEZES DA SACRISTIA (Quadro de G. Knorr)

Digitized by Google

Amou a natureza inteira, n'um côro universal, e o homem, como sendo o ente mais perfeito e mais *lamecha* da creação, deitou amor ás cegas, delirante e vertiginoso, multiplicando a raça aos milhares, aos milhões.

Se não fosse a primavera permaneceriamos todos na improductibilidade do nada, e aquellas duas creaturas felizes do nosso quadro não teriam incentivo para a troca d'uns beijos mornos e languidos, furtados á cancella do parque, pela hora suavemente poetica do pôr do sol.

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

M. V. Falcoeiras.—Não póde ser. Sonetos, só os admittimos muito bons, de correcção indiscutivel. É praxe estabelecida.

C. de Vasconcellos.—Não satisfazem aos requisitos marcados.

Plauto.—A idéa é boa, mas a forma pecca por incorrecta. Chega a gente a não atinar com o metro dos versos.

W.—Porto.—Será publicado a seu tempo. Ha por cá muitos logogriphos, que vieram antes, e que teem direitos adquiridos.

Fica satisfeito?

D. I. M. L. de Mendonça.—É crescidinho, é, mas fica archivado para quando poder ir.

Amador de Moraes.—Um bello soneto, se não fosse o 2.º verso da segunda quadra: «Que tem d'immenso quanto é profundo.»

Não poderia modificar toda aquella quadra?

Tom Pouce.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Agora não, mas esta ave de rapina mata-se—**2**—**2**.

O tecido das arvores deleita a vista—**2**—**2**.

Arouca Seravat.

Desde o nascer até ao pôr do sol, este peso demonstra na geometria—**2**—**2**.

Na casaca e na garganta agita o ar—**2**—**1**.

Esta preposição é proposição em rethorica—**2**—**2**.

O semblante vigia esta embarcação—**2**—**2**.

Cartaxo. T. R.

EM QUADRO

. . . . Animal
. . . . Verbo
. . . . Mineral
. . . . Verbo

H. A. P.

ELECTRICAS

Ás direitas vestem-se, e ás avéssas um reptil amphibio—**2**

Ás avéssas nas arvores, e ás direitas um verbo—**2**

Vizeu. F. C. Campos.

EM VERSO

A coisa tem masculino } **2**
E lá se mette o carvão. }
Esta é verbo; os da Galliza } **1**
Assim dizem «bem». }
Então?
Inda não adivinharam?
É rio; é villa... eu sei cá;
É muita coisa!... Comtudo
Para conceito, aqui está.

C. S. F. P. M.

Ou de traz para deante
Ou de deante para traz
A mesma coisa vereis
O mesmo termo acharás—**2**.
Cidade digo que sou
Mas não digo aonde estou.

D. Bibas.

ADIVINHAS POPULARES

Eu sou mãe de muitos filhos
E todos commigo tenho,
Para lhes matar a fome
Dou mil voltas, vou e venho.

Os homens me dão governo,
Aos homens governo eu dou.
Quando se esquecem de mim
O meu governo acabou.

CARTA ENIGMATICA

Amigo **1**, **2**, 3, **4**, 5, **6**, 7, 8, 9, **10**, **11**.

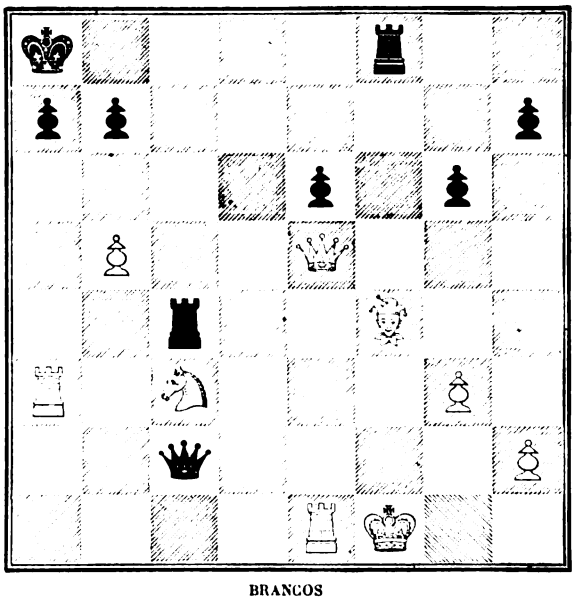
Participo-te que o rapaz já **2**, 3, 9, **6**, **11** a **5**, **6**, 3, **4**, **2** e preparou o 9, **10**, 7, **6**, **2**, 7. O mais **4**, 3, **2**, **1**, **2**, 7, 5, **6**, será feito com muita brevidade. Tambem já vendeu a **1**, **2**, **4**, **2**, **4**, **2** á 9, **2**, 3, **4**, 5, **2**, pelo que fiquei muito satisfeito; a 3, **2**, 9, **2** ainda se conserva na terra até que o **2**, 3, **4**, 5, **11**, 3 por cá appareça.

Teu amigo,
2, 9, **2**, 3, 8.

XADREZ

PROBLEMA N.º 10

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

LOGOGRIPHO

Se no campo, tu me vês—**2**—7—8—9
É' porque sou vegetal—**1**—6—3—**4**—9
E é verdade, acredita,—**4**—**2**—8—5
Ser planta medicinal.—**1**—6—8—9

«Se vir's a mulher perdida,
Não a trates com desdem;
Por que Deus tambem castiga
Não diz quando, nem a quem.»

(Cantiga popular).

Vizeu. O Pequeno Antoninho.

PROBLEMA

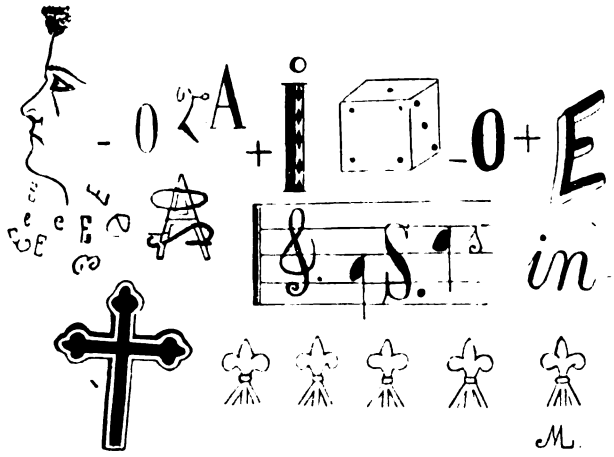
Um moribundo, tendo sua mulher gravida, dispoz dos bens da maneira seguinte: Se sua mulher tivesse um rapaz, herdaria este **14** contos e a mãe 7 contos; se tivesse uma rapariga, herdaria esta 7 contos e a mãe **12** contos. O marido falleceu e sua mulher tem um rapaz e uma rapariga. Como se deve dividir a herança?

Moraes d'Almeida

Digitized by Google

ENYGMA PITTORESCO

N.º 6



MIGUEL.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Viridiana.
2.ª—Papaz.
3.ª—Justino.
4.ª—Samouco.
5.ª—Carapau.
6.ª—Sirigaita.
7.ª—Orador.
8.ª—M a l a
a z a r
l a m a
a r a r
9.ª—Argos.
10.ª—Mela.
11.ª—B a r b o
a r i a
r i a
b a
o
12.ª—Candieiro.
13.ª—Relampago.

Das adivinhas populares:

1.ª—Pão.
2.ª—Pião.

Das palavras em triangulo:

A r d e n c i a
r o e d o r a
d e f e r e
e d e m a
n o r a
c r e
i a
a

Xadrez—Solução do 9.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. R. a 6 C. D.	1. P. faz D.
2. C. 6 B. D. cheque.	2. R. casa B. D.
5. P. 7 D. cheque e mate.	
ou	
1. R. 6 C. D.	1. R. casa B. D.
2. C. 6 B. D.	2. P. faz D.
3. P. 7 D. cheque e mate.	

Do logogripho:—Loteria.

A RIR

Á meza redonda d'um hotel:

—*Vocencia* serve-se de presunto, minha senhora?

—Com todo o gosto... Eu morro por tudo quanto é porco!...

*

F... perdeu a sogra ha dois mezes, e mandou gravar no seu jazigo esta inscripção:

«Só cuidava da minha felicidade e provou-o, morrendo.»

*

Uma senhora persuade-se de que lhe entraram ladrões em casa.

Assustada, pede soccorro, grita desesperadamente, mas só lhe apparecem as creadas.

—Como assim! diz ella, cheia de indignação; pois vocês são nada menos de quatro, e nenhuma tem soldado da guarda municipal?!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Recommendamos o seguinte remedio para debellar as constipações rebeldes.

Misturem-se tres colheres de sopa, de boa aguardente, com outras tres de xarope de avenca, e deite-se a mistura n'uma chavena cheia de infusão quente de flores de violeta.

Á noite, depois de deitado, beba-se a tisana e repita-se o remedio nas duas noites seguintes.

Em tres dias a constipação terá desapparecido completamente.

As pessoas de constituição fraca podem empregar só duas colheres d'aguardente, em logar de tres.

A SEREIA

(Á EX.ma SR.ª D. MARIA DE MORAES PINTO DOUTEL)

Clotilde sentia uma tristeza profunda e lancinante, que lhe trespassava o coração lentamente, como o ferro agudo e frio de uma lanceta.

Em torno d'ella enxameava um ruidoso grupo de raparigas e rapazes, que não pensavam senão em inventar divertimentos, mais ou menos interessantes, destinados a preencher todas as horas da villegiatura, desde o romper do sol até á meia noite.

Os *pic nics*, as pescarias, as buricadas, as *soirées* succediam-se com vertiginosa presteza: o piano do Club esfalfava-se, de noite e de dia, ganindo sem cessar, expectorando sem interrupção polkas, walsas, lanceiros, suecas.

Os idyllios floresciam profusamente, brotando a cada instante do cruzamento dos olhares que se procuravam, do enlace das mãos que se uniam, da affinidade dos gostos que se encontravam...

O outono começava a estender no horisonte as suas pinceladas de uma pallidez ondeante: os crepusculos mergulhavam-se em tintas de uma côr esbatida, afogueada em subitos incendios e logo extincta em uma lividez doente, como as faces dos phthisicos.

O mar reflectia todas as manhãs e todas as tardes, como um colossal espelho, os caprichosos panoramas das nuvens, ora acastelladas em fantasticas montanhas de bronze, orladas de franjas de arminho, ora lançadas atravez do azul, em bandadas de passaros gigantes, ora contorneando em um fundo ensaguentado baixos relevos extravagantes, cabeças de esphinges, chymeras de ventres obesos e risos grotescos, cegonhas de pescoços hirtos, mastodontes fabulosos.

E á medida que o inverno se avisinhava, annunciando-se, de vez em quando, nos roncos do mar, uivando ao longe, por entre neblinas da madrugada, desfazendo-se em gotas de chuva, redobrava o furor dos *pic nics*, a febre das walsas, a ancia dos idyllios.

Só Clotilde parecia não tomar parte n'essa alegria doida, em que se sentia a palpitação do sangue moço, restaurado dos enervantes cansaços da cidade no tonico fortificante do banho, no amplo espaço lavado pelas emanações sadias das ondas e pelos cheiros aromaticos do pinhal.

Clotilde apparecia nos *pic nics*, nas *soirées*, nos passeios, acompanhando a sua familia, que era uma das mais aristocraticas, mas apparecia com um automato, guardando nos labios vermelhos e frescos a dolorosa contracção de um segredo, deixando adivinhar na profundidade melancolica dos seus bonitos olhos azues a sombra de uma preoccupação, envolvendo-se em um silencio pertinaz, a que ninguem, por mais habil, conseguia arrancar senão raros monosyllabos contrafeitos.

Á noite, no Club, quando Macario imperativo batia com as suas mãos de ebano no teclado, fazendo-o explosir em descargas de polkas e walsas, e os pares gyravam, com palpitações multicores de borboletas adejando em torno da chamma que devera queimal-as, Clotilde ia esconder-se no terraço, e ahi, com os olhos perdidos nas ondas que fustigavam os rochedos, coroando-os de

Digitized by Google

penachos brancos, alastrando-se depois em cauda ondulante, bordada de escamas de prata, scintillando percutida pelo luar; escutando a grande voz sonora do mar, onde parece que suspiram todas as saudades da terra, dulcificadas, á noite, pelas gottas de luz que chovem das almas das estrellas, deixava cair a fina cabeça espirituosa no concavo das mãos e chorava convulsivamente.

Clotilde amava, com um d'estes amores impetuosos, unicos e fataes, que só se experimentam uma vez na vida, que absorvem a seiva dos corações e matam, quando são atraiçoados.

EM PLENA PRIMAVERA (Quadro de W. Umberg)

Tinham-se encontrado, pela primeira vez, havia um anno.

Alguns mezes depois, Jorge de Gusmão pedia Clotilde: o casamento fixara-se para a epoca em que o padrinho de Clotilde regressasse do Rio de Janeiro.

Jorge amava Clotilde com o amor tranquillo e moderado dos que desconhecem a duvida e confiam cegamente na realisação dos seus votos.

Clotilde amava Jorge com uma paixão torturante, assaltada de ciumes, pungida de continuos sobresaltos.

Uma manhã, na praia, appareceu de repente, sem se saber d'onde vinha, uma mulher elegantissima, vestida com uma coquetterie diabolicamente provocante, tendo nos gestos, no andar, no modo especial de subtilisar as mais insignificantes palavras, um refinamento de mundanismo, de uma seducção irresistivel!

Os homens, estonteados, mordidos de curiosidade, reuniram-se em conciliabulo: no dia immediato, juntaram-se todos na praia para assistirem ao banho da formosa desconhecida.

Quando ella saiu da barraca de lona, um grito resoou na praia. Vinha deveras encantadora, vestida com um garrido fato escarlate, bordado de branco, que lhe desenhava as curvas harmoniosas dos hombros, a linha serpentina do corpo, descobrindo-lhe os braços, picados de covinhas appetitosas, de uma alvura nacarada; um cinto de chagrin apertava-lhe a cintura breve e flexivel: mas a grande belleza da coquette eram os cabellos, que trazia soltos nas espaduas, uns cabellos abundantes e ondeados, de um loiro ardente, com scintillamentos fulvos e opulencias de juba indomita.

Atirou-se á agua, rindo-se nas perolas dos dentes, e nadou como uma sereia, fendendo serenamente o azul saphira da onda, que desdobrou, para embrulhal-a, o seu alvo lençol de espuma.

Desde então, chamavam-lhe a *Sereia:* não se fallava senão nos cabellos loiros da *Sereia;* a novidade, como succede sempre nas praias, tomou as proporções de um acontecimento.

Formou-se entre os homens uma especie de liga offensiva e defensiva: tratava-se de saber qual ganharia a palma da victoria, n'esse torneio de corações seduzidos pelos encantos da *Sereia.*

Jorge não escapou ao contagio; e Clotilde, a quem se tornaram suspeitas as repetidas ausencias, as continuas distracções do noivo, Clotilde que teve logo uma *bondosa* amiga, informadora officiosa, que lhe referiu, muito prolixa, os passeios de Jorge na direcção do moinho, as suas sentinellas na praia, os seus extasis defronte de certa janella, Clotilde sentia-se morrer, dilacerada pela vibora do ciume, que se lhe enroscara no coração.

Jorge não deixara de amar Clotilde; amava-a a seu modo, preferindo-a a todas, mas permittindo que todas, de formas varias e aspectos mais ou menos correctos, viessem, alternadamente, assentar-se á meza lauta do seu coração—estalagem.

Os cabellos loiros da *Sereia* traziam-o meio doido: via-os a todo o instante, no espelhamento fulvo das suas ondas de seda doirada; sonhava, febril, com a possibilidade de mergulhar as mãos n'esse mar de oiro fluido, exuberante de perfumes; o typo da *Sereia,* typo forte, de carnes turgidas e duras como o marmore, não era o ideal de Jorge; Jorge não se importava inteiramente nada com a mulher: a sua paixão, o seu delirio, o seu obcecante pezadelo era o cabello da *Sereia,* essa juba de chammas que lhe queimava o sangue!

*

De repente, Clotilde deixou de estar triste, e appareceu radiante de felicidade, doida de alegria!

O noivo, cada vez mais apaixonado, cessou de ausentar-se, não a deixando um instante, envolvendo-a em longos olhares de uma ternura intensa, beijando-lhe as mãos, tremulo de commoção, beijando-lhe, doido de amor, o cabello, o cabello sobre tudo, e instando, todos os dias, com o pae para apressar o casamento.

*

Oito dias antes, Jorge, arrastado pela paixão capillar que o desvairara, instigado pela tentação de beijar, em um furtivo relance, o cabello da *Sereia,* entrou arrebatadamente na barraca de lona.

Mas a esplendida juba loira estava pendurada em uma corda a enxugar, e o que o olhar horrorisado de Jorge viu foi uma cabeça calva, immergindo de um lençol turco!

GUIOMAR TORREZÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 29 de setembo de 1884 Numero 14

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

DEPOIS DO BAPTISADO (Quadro de Beker)

Digitized by Google

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*A ultima sessão das Côrtes de Vinte*, por Pinheiro Chagas.—*Opticismo*, soneto, por Antonio Fogaça.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*Em familia*, (*Passatempos*).—*Um conselho por semana*.—*Bichos facinoras*, por D.

GRAVURAS.—*Depois do baptisado*.—*Um dia de maio*.—*A beiramar*.—*A mulher que deita cartas*.—*Cathedral do Pará*.

CHRONICA

Escreveu ha dias um dos chronistas mais brilhantes da nossa terra que, para se architectar uma chronica, era preciso ter arte.

Esqueceu-lhe enumerar outros requisitos indispensaveis:—ter assumpto quando ha espaço de sobejo, dispôr de muito espaço quando os assumptos saltitam em dansa macabra na nossa frente, como hoje nos succede, tristes uns, outros alegres, muitos d'elles fazendo vibrar a guizalhada estridula dos *pierrots* carnavalescos, alguns pavorosos e sinistros como elegias, desvendando-nos o espectaculo medonho de cadaveres mutilados pela nitro-glycerina das execuções nihilistas, ou deixando-nos entrever, atravez de lugubres noticias importadas da America, o subito aniquilamento d'uma grande e luminosa intelligencia d'artista, immergida nas trevas da loucura.

Ha de tudo isso hoje, e muito mais, mas a chronica anda permanentemente escravisada, tem de restringir-se, como qualquer misero recluso a quem não é dado transpôr oito palmos quadrados de cellula, ás minusculas proporções de columna e meia de prosa.

Todas as considerações que saltarem audaciosamente esta barreira, hão de ficar sepultadas nas profundezas do tinteiro, onde tanta verdade se afoga e tanta coisa boa se asphixia...

Vão dizer-nos, talvez, esboçando um meio sorriso escarninho, que somos uma entidade atribulada por pessimismos rebeldes, que nunca estamos contentes, que achamos tudo mau, ou que não fazemos senão balbuciar umas desculpas banaes de mau pagador, accommodaticias e salvadoras de grandes apuros.

Injustiça no caso.

Seja dito em boa verdade, tinhamos hoje grande cabedal de factos palpitantes para te vir desenrolar diante dos olhos, queridissima e curiosa leitora.

A Trafaria, uma povoação que parece amaldiçoada de Deus, e onde eu nunca me aventurei a assentar barracas, nem mesmo de banho, como faz Gabriel Claudio, forneceu-me um d'esses factos, tenebroso e triste.

Fabrica-se ali um preparado chimico—a dynamite—hoje muito apregoado nos reclamos do socialismo demolidor.

Vae senão quando, sem se saber como nem porque, houve explosão na fabrica, e lá se foi tudo pelos ares, n'um ruim quarto de hora... materia prima... officina... fabricadores... uma hecatombe a dois passos do Tejo frio e impassivel, tendo por theatro a areia movediça e indifferente da praia.

O epilogo d'este medonho desastre narra-se em meia duzia de singelissimas palavras, que se desdobram n'um poema infinito de lagrimas.

A explosão assassina deixou quatro familias sem chefe e um bando de creancinhas sem pão.

Venham dizer-nos agora que a Trafaria e a Costa de Caparica não estão excommungadas!

Eu, se podesse incarnar-me na avantajada pessoa do nosso bom amigo Jayme Pinto, illustre representante d'aquelle circulo enguiçado, antes de levar soccorros aos meus eleitores perseguidos pela mais real das macacas, levava-lhes um santo padre que os benzesse.

D'exorcismos é que elles precisam!

=Enlouqueceu Emilia Adelaide? Não se sabe ao certo.

A noticia d'esta subita desgraça veio do Brasil n'um dia chuvoso e triste, e tristemente se espalhou pelos passeios, pelos cafés, pelos theatros e pela imprensa.

Desmentiu-se depois, mas o desmentido parece apoiar-se em rasões futeis, que nos não convencem, que não nos apagam da alma a primeira impressão dolorosa e funda.

E' quasi sempre verdadeira a má nova, e inclinamo-nos a crer que esta o seja.

O grande talento, que illuminou a scena portugueza com as suas scintillações douradas, atrophiara-se ha muito, antevendo o approximar da velhice implacavel, e luctando com revezes esmagadores, que lhe feriram profundamente os orgulhos d'artista.

D'aquelle estado á loucura ia um passo curto. Dar-se-hia elle, com effeito?

=Abriu D. Maria com a *Fédora*, e estreiou-se a Pepa nos Recreios. Podia dizer-te muito da abertura d'aquelle formoso theatro e da estreia d'esta graciosissima actriz, mas não m'o consentem as curtas dimensões da chronica.

Em D. Maria houve ausencia de orchestra; nos Recreios exuberancia de *malaguenas* bem cantadas.

=Tenho aqui a namorar-me, perfumado e feiticeiro, sobre a minha mesa de trabalho, um livro de versos adoraveis, d'esses que se lêem com admiração e jubilo, e que rescendem todas as fragrancias dulcissimas d'uma boa e honesta mocidade.

Chama-se DISPERSOS o formoso volume. O seu author é Eduardo Coimbra.

Não conhecemos o poeta, mas dizem-nos que é moço, que faz parte da gloriosa phalange de brilhantissimos talentos portuenses, que se inspira no arrulho das crystalinas aguas do Douro, marchando á frente dos modernos artistas litterarios da cidade invicta.

Assim deve ser, com effeito.

Quem sabe, como Eduardo Coimbra, burilar o verso, imprimindo-lhe todos os bellos cambiantes do sentimento artistico, e prendendo-nos a alma a cada uma das suas estrophes luminosas como lascas de diamante, não assentou hontem praça na legião dourada dos poetas, não é simples recruta com logar nas ultimas filas dos batalhadores da Poesia.

Os DISPERSOS marcam-lhe um posto de honra na vanguarda dos lyricos illustres, onde João de Deus empunha triumphantemente o glorioso estandarte dos que teem jus a renome e dos que conquistaram direitos a menção honrosa nos annaes da critica.

Nunca lastimámos tanto, como hoje, que este semanario esteja encastellado n'um recinto limitadissimo, por onde nos não é licito ir atraz d'uma idéa sem topar na frente com um baluarte inexpugnavel,—a falta do espaço.

Queriamos palestrar com Eduardo Coimbra, n'um cavaco de bons e velhos amigos, que se comprehendem sem nunca se terem visto.

Desejavamos contar-lhe a impressão agradabilissima que os seus versos gravaram no nosso espirito

Sentiamos tentações de esboçar o seu retrato á penna, nós, que nunca fitámos o original, mas que o estamos entrevendo agora, vagamente, n'aquella digna e honesta dedicatoria do livro, em que o poeta de dezeseis annos uberrimos, desentranhando-se no mais santo amor filial, consagra á mãe estremecida os fructos opimos do seu talento promettedor:

....

Venho entregar-te os meus primeiros versos,
Como em troca dos beijos que me déste.

É como dar um grão de luz ao ceu;
É como dar um grão de areia aos mares...
Não valem todos um dos teus olhares!
Não valem todos um só beijo teu!

Mas já que a palestra é impossivel e o perfil do moço poeta não pode sahir-me da phantasia, onde a exiguidade do papel o condemna a reclusão perpetua, roubemos, pelo menos, ao formoso *bouquet* dos DISPERSOS, esta pequenina camelia assetinada, e fechemos com ella a nossa desflorida chronica.

É de crer que a leitora venha arrancal-a d'aqui e a tome como adorno para os seus negros cabellos sedosos.

Eduardo Coimbra ficará satisfeito, e nós, por tabella, participaremos dos seus jubilos legitimos.

Ahi vae a flor:

Quando tu passas, timida, sorrindo,
Alegrando-me a alma dolorida
Quizera ser a pedra endurecida,
Onde poisas o pé pequeno e lindo.

Quando tu passas, timida, sorrindo,
N'uma alegria candida, sentida,
Eu sinto-me surgir, de novo, á vida,
E fico todo n'um prazer infindo.

Para a minha alma pallida e sombria,
Desponta o sol purissimo do dia,
Inundando-a de luz serena e pura;

Mas depois do teu vulto perpassar,
Quando me falta a luz do teu olhar,
Depois,—vem outra vez a noite escura...

A poesia é isto.

*

É verdade, chegaram os elephantes!ó..

C. DANTAS.

Digitized by Google

A ULTIMA SESSÃO DAS CORTES DE VINTE

Devemos confessal-o: não foi digna do nobilissimo papel desempenhado até então pelos representantes do paiz a sessão que poz termo aos trabalhos parlamentares em Portugal depois de um curto ensaio de tres annos. Em presença da reacção triumphante, as côrtes desappareceram por um alçapão, sem um protesto energico, sem uma resolução heroica. Era no dia 2 de junho de 1823. Estava ainda em Villa Franca, cercado de tropas, é certo, acompanhado de má vontade pelo rei que mais parecia um prisioneiro do que um triumphador, o infante D. Miguel. Jorge de Avilez, o intrepido general, que no Rio de Janeiro mantivera corajosamente os direitos da mãe patria, collocára-se á frente da força armada, que ficára em Lisboa, e que, apesar de se compôr quasi exclusivamente de guarda nacional, parecia animada dos melhores sentimentos. Jorge de Avilez louvava sobre tudo o corpo de commercio, o corpo de atiradores occidental, o batalhão de artilheria oriental, affirmava que os destacamentos e guardas de tropa de linha que estava em Lisboa se portavam o melhor possivel, que se lhe tinham apresentado muitos officiaes pedindo para ser empregados na defeza da causa liberal.

José Antonio Guerreiro, o energico ministro da justiça, enviára a sua demissão a el-rei, e assim o communicára ás côrtes. Não diremos que estes elementos de resistencia seriam bastantes para fazer triumphar uma causa, que a situação geral da Europa tornava irremediavelmente perdida, mas eram sufficientes pelo menos para auxiliar as côrtes, se ellas quizessem fazer contra a violencia de que iam ser victimas um protesto valoroso e digno.

Era pois o dia 2 de junho, e a sessão abriu-se tristemente, presidida por João de Sousa Pinto de Magalhães. Leram-se na mesa os officios, a que atraz nos referimos, do ministro da justiça e do general das armas. Não conseguiram retemperar a energia d'essa camara profundamente abatida.

Borges Carneiro tomou a palavra, e fez sem commentarios uma proposta para que as côrtes se não considerassem dissolvidas, e suspendessem apenas as suas sessões, encarregando a commissão permanente de as convocar de novo, quando o julgasse opportuno.

E' um triste documento este que citamos. Que lugubre atmosphera enchia aquella sala para que um homem de tanto brio tomasse a iniciativa de uma proposta, que era uma simples evasiva, com que se pretendia cobrir a debandada que não tardava!

Ferreira de Moura fez então um discurso, que é uma vergonha:

«Tudo está perdido, dizia elle, excepto a honra da nação e a honra dos seus representantes, como dizia um monarcha francez depois de uma grande derrota.»

A comparação era deploravel. Francisco I podia escrever a phrase celebre: *Tout est perdu fors l'honneur*, porque se batera como um leão, antes de entregar a espada partida aos vencedores de Pavia. Os representantes do paiz nem tinham visto luzir uma bayoneta inimiga. Fugiam diante da poeirada de Villa Franca, que nem sequer vinha ainda proxima.

«Todo o ponto está pois em vermos como se ha de correr o panno, continuou elle, sobre esta scena e para isso vejamos a situação respectiva dos que figuram n'ella. O poder militar, o rei, a nação, os seus representantes são os quatros interlocutores d'esta peça celebre.»

Se estava tão theatral Ferreira de Moura, devia lembrar-se que era ridiculo dar um final de farça a uma tragedia sublime. Real ou inventada, o fecho da situação era a phrase celebre attribuida a Mirabeau: «Estamos aqui pela vontade do povo, e só sahiremos pela força das bayonetas.»

«Que espectáculo, senhores, accrescentava elle no meio de geraes applausos, é ver um deputado atravessando as ruas da capital e receber por toda a parte, como até aqui, os mesmos e ainda mais inequivocos testemunhos de respeito, de attenção e de benevolencia.»

Pois se tinham essa força ainda, quem os obrigava a retirar-se? Essa declaração e o applauso com que a recebiam davam a medida da fraqueza da camara.

«Ceder e protestar é portanto o meu voto.»

Foi o voto da camara tambem, depois de algumas palavras de Manuel de Serpa Machado e de Bento Pereira do Carmo. Protesto inutil de que ninguem fez caso, porque foi prematuro e tibio. Esse mesmo protesto não o assignou Ferreira de Moura, que saiu da sala por doença que o atacou repentinamente. Depois das palavras que pronunciára vinha pouco a proposito a doença.

Os signatarios são João de Sousa Pinto Magalhães, que foi depois por varias vezes ministro. Agostinho José Freire, o celebre ministro de D. Pedro IV que teve tão tragica morte, o medico e poeta Lima Leitão, Henriques Gayo, Pimentel e Abreu, Antonio Pretextato de Pina e Mello, Bento Pereira do Carmo, ministro do reino no primeiro ministerio de D. Maria II, Bernardo Teixeira, o grande escriptor D. Fr. Francisco de S. Luiz, depois patriarcha, o celebre canarim Bernardo Peres da Silva, Tavares e Oliveira, Moraes Pessanha, Francisco Antonio de Campos, depois barão de Villa Nova de Foscôa, Carvalhosa, Lemos Bettencourt, Francisco de Paula Travassos, Leitão Castello Branco, Francisco Simões Margiochi, depois par do reino, Gregorio José de Seixas, Cordeiro da Silveira, João Baptista Felgueiras, que fôra o primeiro secretario d'essas famosas côrtes de Vinte, Freitas Branco, deputado da Madeira, Soares Castello-Branco, Borges de Amorim, João da Silva Carvalho, Cunha Goodolphim, Sousa e Albuquerque, Joaquim Lopes da Cunha, Oliveira e Sousa, Annes de Carvalho, que foi depois arcebispo de Evora, Galvão Palma, José Bento Pereira, o conhecido escriptor José Liberato, Mascarenhas e Mello, Pereira Derramado, que adquiriu depois uma celebridade parlamentar, Pereira Pinto, Santos do Valle, o erudito Barreto Feio, Manuel Antonio de Carvalho, depois barão de Chancelleiros, o celebre Borges Carneiro, Pimenta de Aguiar, escriptor conhecido pelas suas mediocres peças de theatro, Correia de Lacerda, Manuel Dias de Sousa, Manuel de Macedo Pereira Coutinho, que foi par do reino, Correia de Castro, o grande mathematico Manuel Pedro de Mello, Rocha Couto, Manuel de Serpa Machado, o illustre poeta Pato Moniz, amigo de Bocage, Rodrigo de Sousa Castello-Branco, Roque de Abranches, depois visconde de Midões, o illustre lente da universidade Thomaz de Aquino, Alberto Carlos de Menezes, Sousa Queiroga, Basilio Alberto, depois visconde de S. Jeronymo e o ultimo que sobreviveu a todos os seus collegas, Antonio Vicente de Carvalho e Sousa, o ultimo secretario das côrtes, Francisco Botto Pimentel, e os quatro deputados do Brasil que ainda se conservavam nas côrtes—Domingos da Conceição, Francisco de Sousa Moreira, Joaquim Theotonio Segurado, José Cavalcanti de Albuquerque.

Estes deputados assignaram o seguinte mansissimo protesto:

«Os representantes da nação portugueza, ora reunidos em côrtes extraordinarias, achando-se destituidos de poder executivo, que leve a effeito quaesquer deliberações suas, e desamparados da força armada, declaram estar na impossibilidade de desempenhar actualmente o encargo das suas procurações para os objectos para que foram convocados: e porquanto a continuação das suas sessões poderia conduzir ao perigo *de ver a nação menosprezada nas pessoas de seus representantes* (!), sem esperança de utilidade publica, interrompem as suas sessões até que a deputação permanente, *que fica continuando em exercicio* (!!) ou o presidente das côrtes julgue conveniente reunir os seus deputados: e protestam, em nome de seus constituintes, contra qualquer alteração ou modificação que se faça na constituição do anno de 1822.»

Pondo pois no seguro as suas pessoas, não por sua causa, mas por causa da nação, e impingindo o encargo á commissão permanente, que se aguentaria como podesse, os 61 deputados foram-se embora, ás 2 horas da tarde.

Ninguem deu por isso.

Era um triste fim de tão gloriosa peça.

PINHEIRO CHAGAS.

OPTICISMO

E. T.

Meu sonho de te haver, que se constella
dos doirados affectos, que eu diviso,
a renascer á flor do teu sorriso,
como renascem brilhos n'uma estrella:

ha de acabar-se um dia, como aquella
luz que apagada cerra um Paraizo...
se na esteira fatal em que desliso
não para essa visão sinistra e bella:

pois, se a meu peito um vão desejo arranco
julgo ver-te fugir, toda de branco,
ó lyra juvenil d'estes harpejos,

ou no berço ideal do vento sul,
ou em nuvem purissima de azul,
embutida de lagrimas e beijos...

1883.

ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

DEPOIS DO BAPTISADO

Desde tempos immemoriaes que os baptisados da aldeia se caracterisam por aquelle mesmo cortejo alegre e risonho da nossa estampa. A comadre na frente, com o pimpolho ao collo, envolvido em rendas e cambraias; depois, os padrinhos, a familia, os irmãositos do neophyto, muita alegria em todos os rostos, muita phrase de parabem... que cresça com saude e fortuna... que

Digitized by Google

UM DIA DE MAIO (Quadro de Karl Ludwig)

Digitized by Google

Digitized by Google

A MULHER QU

(Quad

Digitized by Google

E DEITA CARTAS

e J. Wehle)

Digitized by Google

Digitized by Google

Á BEIRAMAR (Quadro de M. Artz)

Digitized by Google

Deus nosso Senhor dê largos annos de vida ao pae e á mãe para não ficarem só ali...

E as visinhas a espreitarem aos postigos, e o padre prior a acompanhar o farrancho até casa, para assistir ao copo d'agua tradicional...

As solteiras é que nunca vêem com bons olhos aquellas festas. Provocam-lhes desejos de mudar d'estado e ancias de ser mães.

UM DIA DE MAIO

Um dia de maio em pleno campo. A primavera a scintillar, exuberante de feitiços, na arvore que floresce, no regato que serpenteia por entre flores, no arbusto que viceja, na risonha paizagem que se illumina, na seára que se balouça em ondulações caprichosas, favoneada por uma doce brisa muito suave.

Se o campo fosse sempre assim, em todas as estações do anno, não haveria nada mais bello.

A' BEIRAMAR

Ceu limpido, horisontes largos e claros, muitas velinhas brancas ao longe, deslisando á superficie do mar tranquillo e espelhado... tudo, emfim, quanto póde enlevar os olhos e despertar endeixas sentimentaes aos bardos piégas, se ainda existe d'isso no meio prosaico e realista em que vivemos.

Por sobre este conjuncto de bellezas variadas, uma rapariga que trabalha e scisma.

A praia e um perfil de mulher. Vejam que duas coisas tão tentadoras!

A primeira attrahe-nos com a sua alvura, deixa-nos entrever refrigerios de natação hygienica e salutar; o segundo falla-nos vagamente d'amores mal correspondidos, que procuram esquecer-se nas frioleiras da costura.

O garoto de pé descalço, que nos apparece á esquerda, estatelado na areia, não provoca as nossas attenções absorvidas pela attitude pensativa da sua gentil companheira, sua irmã talvez: é uma excrescencia no meio d'aquelle quadro cheio de luz e de vida.

A MULHER QUE DEITA CARTAS

Uma *intrujice* viva aquella velha desdentada que lê nas paginas dos destinos.

Ao lado, ergue-se uma rapariga ingenua, que sentiu anuviar-se-lhe o sol doirado da primeira crença e que veio, tremendo, consultar os segredos da sciencia maldita.

Ao passar no jardim, colhêra o malmequer, e esquecendo a prophecia da flor que tem nos dedos, escuta, arfando, receiosa, a palavra inspirada da bruxa.

Mas a bruxa não é má. Viu aquelle porte distincto, o olhar meigo, e o meio sorriso ingenuo da pomba enamorada, e commoveu-se.

Descobre-se-lhe nos olhos perspicazes e n'aquelle rir malicioso a intenção de fazer brotar uma esperança luminosa no coração apaixonado da sua cliente, e diz-lhe talvez:

«Vês... aqui... o futuro tem rosas e perfumes; vae e não chores: Deus é grande e elle... elle não te esquece.»

Quem me dera ser bruxa!

CATHEDRAL DO PARÁ

É uma das construcções mais sumptuosas d'aquella riquissima provincia do Brasil.

Ao fundo da rua direita do Açougue, rua que pode ser considerada a arteria principal d'aquella cidade altamente commercial, levanta-se com assombrosa magestade a cathedral do Pará.

A fachada, que a nossa estampa representa, deixa perceber que a construcção do edificio, examinada á luz da arte moderna, não é de certo irreprehensivel; mas considerada em relação ao gosto predominante, na epoca em que foi construida, nada deixa que desejar.

O largo em que a egreja está situada, dá áquella fachada magestosa o maior realce.

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

O resultado do convite feito aos amaveis leitores e assignantes da *Illustração Portugueza*, para que nos enviassem as suas producções charadisticas, excedeu muito a nossa espectativa.

O numero das que nos teem sido obsequiosamente remettidas é tão grande, que chegará bem para duzentos numeros d'este semanario, ou mais.

Rogamos-lhes, pois, a fineza de sustarem por algum tempo as suas remessas, em face da prodigiosa quantidade que temos archivada, sob pena de só muito tarde poderem sair a lume.

Montámos uma especie de escala de todas as charadas recebidas, e vamol-as publicando pela ordem porque nos chegaram ás mãos.

* * *

O encarregado da secção charadistica nada tem que ver com a administração d'este semanario, á qual os nossos bondosos assignantes deverão dirigir todas as suas reclamações, no que disser respeito a irregularidades na entrega dos numeros, mudanças de endereço, etc.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na musica, no ceu e no mar—1—2.

Este canto incommoda em S. Carlos—2—1.

Quem não anda, anda e desanda na Biblia—2—2.

Na arvore, da arvore e de arvore—2—1.

PYTHON.

Na musica, no moinho gira no rio—1—1.

Este apellido na musica é um rio—1—1.

ANONYMA.

Anda esta ave no mar—1—2.

Duas vezes aqui ha este jogo—1—1.

Cartaxo. TITO.

EM QUADRO

. . . . Cidade
. . . . 1640, 1820
. . . . Ilha
. . . . No jogo

Mertola. F. M. DA COSTA.

ELECTRICAS

Ás direitas cidade, ás avéssas peixe—2

Ás direitas na fabula, ás avéssas no mar—2

PYTHON.

Ás direitas animal, e ás avéssas come-se—2

Ás direitas na mulher, e ás avéssas na mulher—2

TEIXEIRA CORLHO.

EM VERSO

A primeira com certeza—1
Não é mesmo nada boa—1
Na ultima encontrarás
D'um verbo terça pessoa—1

Para charada tão facil
Conceito dar-te não sei;
Mas... em summa, sempre digo
que uma nação governei.

CUSTODIO SILVA.

CHARADA CALEMBOUR

Diminuindo—No carcere—2—2.

T. CORLHO.

CHARADA PROBLEMATICA

5+2×3+5—8+1—9=junto ao mez das quatro lettras, causa dó a quem vê.

Vianna. M. DA SILVA VALENÇA.

PROBLEMA

Dois camponezes levaram ao mercado 100 ovos, e voltaram com sommas eguaes. Se cada um vendesse os ovos pelo preço do outro, o primeiro teria recebido 1$800 réis e o segundo 800 réis. Quantos ovos tinha cada um?

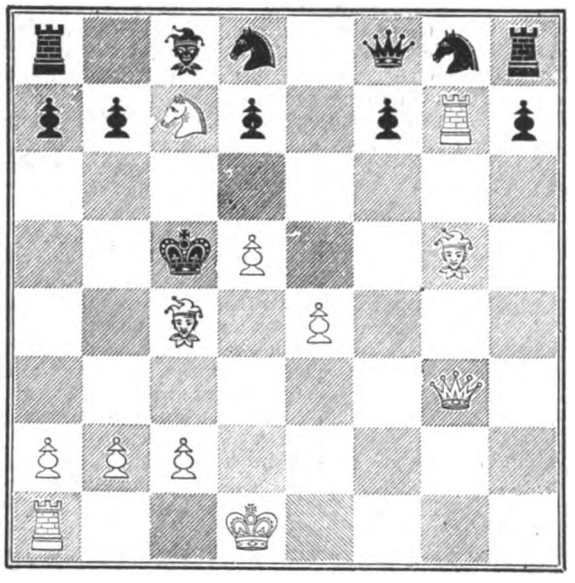
MORAES D'ALMEIDA.

Digitized by Google

XADREZ

PROBLEMA N.º 11

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

ENIGMA

Ha uma povoação portugueza que se encontra nas rosas e outra que se vê no pescoço das mulheres.

T. Coelho.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Logogripho.
2.ª—Panorama.
3.ª—Diagramma.
4.ª—Abano.
5.ª—Antithese.
6.ª—Caravela.
7.ª—g a m o
a d i r
m i e a
o r a r
8.ª—Opás
9.ª—Amar.
10.ª—Sacavem.
11.ª—Sérés.

Das adivinhas populares:

1.ª—Nora.
2.ª—Relogio.

Da carta enigmatica:—Bartholomeu.

Xadrez—Solução do 10.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma P. cheque.	1. R. toma T.
2. P. 6 C. D. cheque.	2. R. toma P.
3. D. 5 C. D. cheque.	3. R. 2 T.
4. D. 5 T. D. cheque e mate.	

Do logogripho:—Hervoeira.

Do problema:—Rapariga 3 contos, mãe 6, e rapaz 12.

Do enigma pittoresco:—A caridade é a consolação dos infelizes.

A RIR

—É um grandissimo caloteiro, aquelle patife!

—Porque, doutor?

—Porque? Ora essa! Um bregeiro que anda de carro e que ainda me deve a morte do pae!

*

Dialogo colhido á porta do Martinho:

—Se acabam de todo com a illuminação a gaz, o que ha de ser das minas de carvão?

—Ora essa! Você verá que começam logo a descobrir minas de electricidade.

*

A quanto monta a sua fortuna, meu tio?

—Para que queres tu saber isso?

—É que... o Luiz já sabe que ha de herdar 50 contos, quando lhe morrer o tio padre!...

Um Domisó.

UM CONSELHO POR SEMANA

As pommadas e os cosmeticos fabricados com productos d'uma qualidade duvidosa, atacam o coiro cabelludo.

As materias rançosas, que entram na sua composição, produzem muitas vezes uma inflammação da pelle.

Para que isto não succeda e para que o cabello se conserve, aconselhamos a pommada seguinte, de preparo simples.

Tutano de vacca.....	60 grammas
Oleo de ricino.....	30 »
Tintura de benjoin. ...	10 »

Derreta-se a banho-maria e deixe-se esfriar.

BICHOS FACINORAS

Ha quatro annos, na *Revista geral do direito, da legislação e da jurisprudencia* (Paris), publicou mr. H. Duméril, dr. bibliothecario da universidade de Tolosa, dois extensos artigos acerca da situação juridica dos animaes, nos diversos tempos. O assumpto, que daria materia para um livro, é apenas tocado levemente n'esses artigos, cuja parte mais curiosa, e verdadeiramente interessante, é a que se refere aos processos intentados contra os animaes, por delictos commettidos por elles, assim como ás penas ecclesiasticas infligidas com toda a seriedade a tão singulares peccadores.

Muitos annos antes da publicação a que alludimos se havia tambem occupado do mesmo assumpto um antigo jornal portuguez (o *Panorama*, 1.ª serie, vol. 2.º e 4.º), em dois resumidissimos artigos, onde se não encontra a respeito de Portugal senão a indicação de uma noticia dada pelo padre Bernardes, relativamente ao processo que se instaurou no Maranhão contra uma enorme multidão de formigas que invadiu irreverentemente um convento franciscano, sendo afinal sentenciadas as rés, com todas as formalidades, excepto a de pagar as custas. Se porventura fossem melhor conhecidos os muitos documentos ineditos, relativos á historia das nossas instituições e costumes, sumidos nos archivos e cartorios do reino, por certo se encontrariam numerosissimos factos eguaes áquelle, não só em eras remotas, na edade media, em que a geral ignorancia favorecia a superstição, mas ainda em tempos muito mais recentes. Na bibliotheca d'Evora sabemos nós que existe inedita uma pastoral, datada de fevereiro de 1740, na qual se concede indulgencia plenaria, absolvição e benção aos moradores de Santarem, fulminando-se ao mesmo tempo, os raios da excomunhão contra uma bicharia daninha, que estava devastando os campos. Inclue-se n'essa pastoral, que é assignada pelo vigario geral do patriarchado, o dr. Luiz da Silva Pedroso, o teor de um breve, expedido de Roma no anno anterior (1). O bom do vigario não fazia mais do que seguir o exemplo de energia que sete seculos antes lhe havia dado o bemaventurado S. Bernardo, o qual, segundo refere um seu antigo biographo, castigou com anathemas a insolencia das moscas, que se atreviam a perturbar a devoção dos fieis, com o seu importuno zumbido, na egreja do mosteiro de Toigny. Acrescenta o biographo, que no dia immediato apparecerem mortos todos aquelles excomungados insectos.

Iriam para o inferno?

Não sabemos se a sagrada theologia farejará n'esta nossa pergunta alguma pravidade heretica; temos, porém, a certeza de que perante a logica é perfeitamente justificada. Não podiam as moscas ser expulsas, em virtude da excomunhão, do gremio da Egreja, se a elle não pertencessem, se não fizessem parte da comunhão dos fieis; ora, é indiscutivel, que morrendo em peccado, as suas alminhas seriam fatalmente gazofiladas pelo diabo, emquanto os seus negros corpinhos ficavam insepultos, de pernitas para o ar, e a asinha esticada.

Estas mesmas consequencias logicas já foram tiradas por um grave padre mestre, benedictino hespanhol, que, qualificando de blasphemos os ridiculos anathemas, não duvidava affirmar, que «submetter os animaes brutos á excomunhão era o mesmo que pretender baptisar um cão, ou uma pedra.»

Doutrinalmente foi a Egreja sempre contraria a similhantes farças, mas nem por isso a justiça ecclesiastica deixava de se comprazer na representação d'ellas.

(1) Vid, o 2.º vol. do *Cat. dos Ms, da Bibl. d'Evora*, pag. 81.

Digitized by Google

«Pelo meiado do seculo XVI, diz o jornal portuguez a que já alludimos, (1) padecia o principado das Asturias uma terrivel praga de ratos, que devoravam os fructos e destruiam as sementeiras. Recorreram primeiro contra elles a exorcismos; mas vendo que os ratos não eram diabos, tomaram uma resolução extravagante. Reduziram a materia a termos de justiça, perante um tribunal ecclesiastico, para que este, á vista do processo, fulminasse sentença contra aquelles sevandijas. Deram-lhes advogado, e procurador, que os defendessem: representaram estes que os ratos eram creaturas de Deus, e que se este os havia creado n'aquella terra, é porque lhes pertenciam os fructos d'ella. Apesar da allegação, tiveram os ratos sentença contra, e ordem de despejo, pena de excomunhão, se não fugissem para as montanhas. É tradição entre os povos das Asturias, que, allegando os procuradores dos ratos, que não podiam os seus constituintes cumprir a sentença, por causa de varios ribeiros que tinham de passar, os juizes mandaram atravessar sobre os rios barrotes que lhes servissem de pontes, e que então os ratos obedeceram, estando muitos dias a passar para as serras exercitos e exercitos d'elles. É facil de conhecer o credito que tal tradição merece; mas o extravagante processo ainda o viu o historiador Davila.»

CATHEDRAL DO PARÁ

Um historiador dos nossos dias, Mr. Sorel, (2) dá-nos o curioso quadro das formalidades adoptadas pelos tribunaes ecclesiasticos n'esta especie de processos. As povoações que tinham a queixar-se d'alguns insectos ou animaes daninhos, que lhes devastavam as searas, escolhiam um procurador que os representasse em justiça, e o qual dirigia o competente requerimento ao juiz ecclesiastico. N'esta petição deviam-se mencionar os signaes dos delinquentes, e designar com exactidão os logares devastados. Apresentava-se nos logares indicados um official de justiça, citando os brutinhos para comparecerem perante o magistrado, no dia e hora que lhes marcava. Esta citação repetia-se tres vezes, mas sempre infructuosamente; o juiz decidia-se então a julgar os reus á revelia, e começava por lhes nomear um advogado *ex-officio*, o qual se empenhava em prolongar o processo, enredando-o nos numerosos expedientes que lhe offerecia a rabulice forense.

Exgotados estes recursos, e se os criminosos no meio das dilações do processo não tinham abandonado o campo das suas proezas, seguia-se uma monitoria do juiz, intimando-os para que se retirassem dentro de um certo praso. Os reus, endurecidos no crime, desobedeciam ao venerando juiz, que por ultimo lhes desandava uma sentença de excommunhão.

Estes processos não se empregavam só contra collectividades, mas tambem contra individuos, e as penas espirituaes, consideradas, talvez, inefficazes, eram substituidas pelos supplicios ordinarios.

Em 1474 foi condemnado, em Bale, a ser queimado vivo, como feiticeiro, um galo, que havia commettido o nefando crime de pôr um ovo. O fructo do peccado ardeu na mesma fogueira que reduziu a cinzas o peccador, com grande applauso da turba, porque era crença geralmente acceita, e indiscutida, que os ovos de gallo, procediam de relações condemnaveis com o espirito das trevas.

Os delictos communs tambem não ficavam impunes. Poucos annos depois de ser justiçado o gallo feiticeiro, subiu ao patibulo um boi, no bailiado do mosteiro de Beaupré, por ter matado, n'um accesso de furia, um rapaz de quatorze para quinze annos. O desgraçado pagou na forca aquelle momento de allucinação, que fez d'elle um facinora, legando a orphandade e a infamia aos tristes bezerros, seus filhos.

No seculo seguinte, no anno de 1585, soffreu egual ou peior sorte ainda, um desalmado porco, que dilacerou uma creança, causando-lhe a morte. A' refinada crueldade do facinoroso correspondeu a severidade da justiça, que, depois de um processo regular, condemnou o reu ao supplicio da forca, sendo depois esquartejado e os quartos expostos na estrada publica, para servirem de pasto ás aves carnivoras e de exemplo a todos os scelerados da raça suina.

Mr. Duméril, de quem extrahimos a maior parte d'estas noticias, dá-nos ainda uma informação extremamente curiosa, e que vamos transmittir aos leitores, desornada de rhetoricas e até de pontos de admiração.

«Os terroristas, que eram muitas vezes imitadores servis do antigo regimen, pelo qual tinham a maior execração, ainda n'isto seguiram a tradição. M. Campardon, na sua *Historia do tribunal revolucionario de Paris*, cita um relatorio, dirigido a Fouquier-Tinville, da execução de um cão condemnado á morte pelo tribunal. Esse cão, aristocrata ferrenho, tinha mordido os vendedores de jornaes patriotas. Pelo modo porque ladrava parecia ameaçar a nova ordem de coisas. Foi morto á pancada, na presença de um inspector de policia, emquanto que o dono, um tal Saint-Prix, subia ao cadafalso.»

D.

(1) Panorama, 2.º vol, pag. 149.
(2) Citado por Mr. Duméril, nos artigos a que já nos referimos.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 6 de outubro de 1884 Numero 15

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Litteratura contemporanea italiana*, por Pinheiro Chagas.—*Mater dolorosa*, soneto, por Gonçalves Crespo.—*As nossas gravuras*, por C. D.—*A morte do assassino*, versos, por Narciso de Lacerda.—*Em familia*, (*Passatempos*).—*Um conselho por semana*.—*A luveira*, por Esmeralda.

Gravuras.—*Em dia d'eleições*.—*Se eu apanhasse a tahuda*... — *Um passeio de carruagem*.—*Uma norueguêza*.—*Escola Polytechnica de Lisboa*.

CHRONICA

D'esta vez parece-nos que chegou emfim, o traiçoeiro outono, o eterno fabricante das constipações importunas e das pneumonias dolorosas.

Veio com a bicharia do Colyseu, o maldito, a passos lentos e curtos, como os elephantes de mr. Dyerling, mas revoltoso e irado, despedindo raios e coriscos, vomitando imprecações electricas e chuveiros teimosos.

No mesmo dia em que sua alteza real, o principe D. Carlos, completava as suas vinte e uma primaveras loiras como espigas de trigo, e os canhões da nossa armada lhe enviavam o parabem official, por entre espiraes de fumo caprichosas, o ceu illuminava-se de uma luz verde formosissima, semelhante á do magnesium, como para saudar a maioridade do herdeiro da coroa, e uma trovoada rija misturava a sua voz potente aos clamores festivos da artilheria nacional.

Quando, em intimo banquete de familia, scintillavam no paço os crystaes facetados e as pratas cinzeladas, e a cortezania se desentranhava em madrigaes e em brindes congratulatorios junto do principe recem-emancipado, cá fóra, na atmosphera toda fogo, esfuzilavam os relampagos e ribombava o trovão atroador, como querendo prevenir o herdeiro do throno de que acabavam n'aquelle dia para elle todas as doidejantes alegrias de rapaz, todos os brinquedos da sua mocidade florida e descuidosa.

Quanto não daria o loiro principe, ao escutar entristecido e pensativo aquelle terrivel concerto da Natureza irada, que importava um aviso e marcava o *terminus* da sua vida de adolescente sem cuidados nem responsabilidades, quanto não daria elle para poder voltar aos tempos incomparavelmente mais felizes da existencia de *bébé*, da limpida existencia tranquilla e placida dos primeiros annos, em que não lhe agitavam o somno as visões dos conselhos d'Estado solemnes, dos decretos a referendar, dos ministerios a demittir!...

EM DIA D'ELEIÇÕES (Quadro de E. Stieler)

Mas emfim, são os ossos do officio. Não se nasce impunemente principe de sangue, com umas poucas de gerações de reis a enflorarem-lhe a arvore genealogica.

Algum dia havia de ser maior o principe D. Carlos. Aquella menoridade, irresponsavel e serena como a superficie d'um lago em tarde primaveral, não podia prolongar-se indefinidamente, sujeita a tutelas vigilantes e eternas.

O moço capitão de cavallaria começa agora o seu tirocinio pa-

Digitized by Google

ra governante do Estado. Amanhã começará o tirocinio para major e para chefe de familia. Marcaram-lhe os 21 annos de homem feito vida nova e agitada. O artigo 311.º do codigo civil deu-lhe carta branca para dispor da sua pessoa e bens, mas poz-lhe o veto ás travessuras de rapaz, apagou-lhe dos labios o derradeiro sorriso de creança.

=Capitão... major... Estas duas simples palavras e o facto de nos termos referido ao gentil official do extincto regimento de Lanceiros da Rainha, desafiam-nos a divagar pelo caso mais palpitante da semana,—a insubordinação e a dissolução d'aquelle corpo.

Tem-se escripto muito ácerca do gravissimo acontecimento. Os pobres prelos inoffensivos, a que não cabe a mais leve responsabilidade do facto, gemem ainda sob o pezo das considerações jornalisticas inspiradas pelo momentoso assumpto.

A imprensa periodica tem encarado a questão atravez de todos os prismas, ou arrastando-a para os meandros da politica, ou quebrando lanças pela disciplina do exercito, ou despedindo os raios da sua ira jupiteriana contra os iniciadores da insubordinação no defuncto regimento.

Não houve, porém, um só jornalista que se lembrasse de editar artigos de sensação, encimados por este titulo pomposo: «de como os alferes graduados de Lanceiros da Rainha e as meninas da Baixa são mais feridas pela dissolução do corpo do que a propria disciplina militar.»

E realmente é assim.

Cada uma das cananas dos alferes de lanceiros desterrados para a provincia, representava um poema d'amor. Cada um d'aquelles capacetes empenachados, que o illustre ministro da guerra condemnou á negra pena do exilio, fazia a felicidade d'uma donzellinha indigena rescendente a *opoponax* e a *veloutine*.

A' tarde, pela hora do pregar da agulha, os pianos da Baixa saudavam alegremente a apparição d'aquelles gentilissimos guerreiros imberbes no asphalto dos passeios, desprendendo das teclas doudejantes reminiscencias garotas do *Boccacio*. Depois, as janellas dos terceiros andares povoavam-se de rostinhos joviaes, muito felizes na contemplação extatica das fardas apparatosas e dos galões fininhos enfeitando o canhão em curvas elegantes.

Quando se ouviam, no *mac-adam*, os passos d'um cavallo a caracolar com impetos fogosos, era elle. Os paes de familia estremeciam nas suas chinellas e nos seus chambres de ramagens escuras, tendo a visão sinistra d'um futuro de dezoito mil réis por mez para a sua querida Beatrizinha, que elle educára com tanta solicitude nas musicas de Verdi e nos bordados a missanga.

Ellas, porém, as fascinadas, só tinham estremecimentos de jubilo, quando o moço official dos seus doirados sonhos apparecia. O amor d'elle, uma cabana, e *poi*... *morir!*

Hoje acabou-se tudo. Nos pianos soturnos e melancholicos da rua dos Fanqueiros já se não ouve a languida valsa do *Boccacio*. D'aquelles orgãos de Barbaria lacrimosos e plangentes só se desprendem coisas tristes, notas angustiadas, lamentos despedaçadores. Cada compasso é uma imprecação contra o governo, cada phrase musical um grito de dôr repassado de lagrimas!

Não mais o tinir das esporas d'elle na calçada... Não mais o formoso capacete a avistar-se lá muito ao longe, no fim da rua! ..

Se ao menos o novo regimento de cavallaria tivesse alferes graduados .. A organisação do corpo está incompleta; não se prestou culto ao amor.

=Não se prestou culto ao amor, repetimol-o; áquelle sentimento bom, que nos faz sugar, n'uma anciedade de vampiro, as mirificas palavras suspiradas por qualquer Laura romantica.

Vampiro...

Ora esperem, tambem a semana finda nos deu mais este acontecimento frisante .. um vampiro em pleno seculo XIX, um sujeito que tem passado a existencia a osculár pequeninos *bébés* anafados, sugando-lhes o sangue virgem no delirio dos beijos quentes.

O caso deu que fallar e alvoroçou o corpo docente do Conservatorio, onde o *scelerado*, segundo disseram as gazetas baratas, aprendera a tocar violoncello.

Afinal de contas, o vampiro não passava d'um misero idiota qualquer. Em vez de sugar o sangue do proximo, por maldade requintada, chupava-o por ser imbecil e por lhe terem segredado que fazia bem... á fraqueza.

Nunca frequentou o conservatorio; tocava piano, d'ouvido, nos cafés pelintras, e vivia na privança do sr. Justino Soares, o dilecto coreographo das academias de dança populares.

A masmorra não se abriu para o infeliz pianista-vampiro, mas é de crer que, mais dia menos dia, Rilhafolles lhe faculte o ingresso nas suas cellulas.

E ahi está, em resumo, o que nos deu a semana, afóra as novidades sempre convidativas do Colyseu, onde, por emquanto, se passa uma noite mais agradavelmente que nos theatros.

C. DANTAS.

LITTERATURA CONTEMPORANEA ITALIANA

GIOVANNI PRATI

Queixamo-nos muito em Portugal e justamente nos queixamos de sermos esquecidos e ignorados pela Europa culta, de que os nomes dos nossos grandes homens morrem sem echos na fronteira. Não reparamos, comtudo, que não somos o unico povo a quem isso succede, que, se exceptuarmos alguns homens notabilissimos, cuja fama ultrapassa sempre todos os limites que separam umas das outras as nações da Europa, a maior parte dos escriptores dos differentes paizes são completamente ignorados nos outros. Só a litteratura franceza logra ser conhecida em toda a parte, e essa até nos seus infimos representantes. Conhecemos todos os poetas francezes, desde Victor Hugo até Guy de Maupassant, desde François Coppée até Mauricio Rollinat, e o nome de Giovanni Prati, que inscrevemos no principio d'este ligeiro estudo, é de certo completamente desconhecido á grande maioria dos nossos leitores.

E, comtudo, o poeta, que falleceu hontem por assim dizermos, o poeta que expirou já n este anno de 1884, é, apesar das criticas severas de Tenca e de De Sanctis, um dos primeiros poetas da Italia moderna. Por muitos annos foi o poeta querido das mulheres italianas. A sua primeira obra, *Edmenegarda*, foi um d'esses romances de adulterio e de fatalidade que agitaram profundamente as almas, e que a nossa época moralissima e severa estygmatisa com o ferrete de *obscenos*. Não defendemos nem por sombras esses desvarios da paixão criminosa idealisados pelas George Sand, mas rimos a bom rir quando vemos as *Edmenegardas* e as *Lélias* estygmatisadas pudicamente pelos que applaudem a *Renée* da *Curée* e a *Sapho* de Daudet. Ah! dizem os criticos, é porque estes ao menos apresentam a devassidão em toda a sua hediondez moral, emquanto os romanticos disfarçavam-n'a envolvendo-a nos véus de um idealismo enervador e revoltante.

Bem sei! os sentidos agora parece que estão mais gastos, e precisam, para se agitar, de imagens mais obscenas. Para perturbar nossos paes bastavam os passeios ao luar, e duas mãos trémulas que inconscientemente se apertavam; para nos perturbar a nós já é necessaria a estufa da *Curée*, a pelle de tigre estendida no chão, Maximo, o ephebo loiro e depravado, cahindo debaixo dos impetos sensuaes d'essa Messalina burgueza que a imaginação de Zola inventou n'uma hora de lubricidade. E a differença consiste em que os romances modernos são illuminados pela lampada lubrica das alcovas, emquanto os antigos eram illuminados pela candida lampada do luar. Mais nada!

A *Edmenegarda*, comtudo, não é effectivamente uma obra destinada á immortalidade. Encontrou a nota de occasião, mas não a nota humana, a nota universal. Essa encontra-se muitas vezes nos *Cantos lyricos* e nos *Cantos para o povo*. A sua invocação á mulher é de uma belleza extraordinaria, modulada, sobre tudo, como está n'um rhythmo encantador, em versos deliciosos cheios de uma harmonia, cujo segredo morreu com Prati, e que elle herdára do seu quasi conterraneo Carrer, porque Prati era tyrolez.

«Nos teus braços, diz elle a esse Eterno Feminino, que tambem inspirou Gœthe:

Alle tue braccie io palpito
Come a promessa antica:—
T'amo bambina e vergine,
Madre, sorella, amica!
T'amo siccome l'ara
Dove fanciúl pregai,
Come la prima e cara
Vittoria in gioventú,
Come quel di che amai
La fede e la virtú!

Per te, per te la splendida
Nota che il genio desta,
La gioia del convivio,
L'applauso della festa;
Per te l'amor, la gloria,
L'ora di gaudio piena,
La piú gentil memoria
Del tempo che fuggí.
La speme piú serena
Degli aspettati dí.

E a poesia intitulada *Duas historias*, onde o homem da montanha e o homem do mar narram um ao outro o seu destino, e o da montanha diz:

Sull'avel dé miei parenti
Crebbe l'arbore soletta,
Sulle ceneri d'Odetta
Quel fior mesto i lembi aprí!

Io qui lungi dè viventi
Prègo è piango, è son molt'anni,
Piú non penso á mutar panni,
Io qui vissi e morró qui.

Digitized by Google

E o do mar responde:

Son púr morti i cari miei
Má trovarli io spero in vano,
Un sepolcro é l'Oceano
Che non apresi per mé,

La mia Lisa, i miei figlietti
Li ho veduti all'onde sparsi,
Poi nel vortice serrarsi,
Tutti insieme e inabissar.

Lér estas balladas é cantal-as. Comtudo, esta era a nota verdadeira de Prati. As poesias patrioticas não se distanceiam das muitas que existem na moderna litteratura italiana. São mediocres os seus poemas philosophicos e sociaes *Satanos e as Graças* e *Armando*, e a collecção de sonetos intitulada *Psychis*. Trabalhou tambem n'um vasto poema cyclico, intitulado *Deus e a humanidade*, um pouco do genero da *Lenda dos seculos*.

A falta de meios obrigou-o a atrelar a sua musa ao carro official, acceitando a nomeação de poeta cesareo da côrte de Carlos Alberto. Não o salvou da pobreza esse cargo, e esterilisou-lhe talvez o talento. Prati teve uma grande decadencia intellectual. Ás criticas de Tenea e de De Sanctis respondeu com epigrammas; viu, porém, com agrimas lde sangue, o seu publico predilecto de senhoras abandonal-o para ir escutar os cantos de Aleardi. Déram-lhe uma ultima alegria os louvores do satyrico Stechetti, que, no seu poema sarcastico *Job*, depois de ter envolto no latego de ironia todos os poetas da moderna Italia, dizia, ao fallar de Prati:

Onorate il poeta! Innanzi a lui
Questa superba satira s'inchini!

Nos ultimos annos da sua vida, Prati cegou, e viveu alheado do mundo em que tantos applausos colhera. Morreu, emfim, amargurado por uma doença cruel que o pungia, e sobrevivendo-se a si proprio como poeta, no principio de 1884.

PINHEIRO CHAGAS.

A MORTE DO ASSASSINO

I

A sua historia é breve, mas sombria.
Após muita miseria conglobada,
Foi rondar, como os lobos, pela estrada,
N'uma noite de gelo e ventania.

E a turba, ao presentir de madrugada
O rastro de Caim na terra fria,
Jogou-lhe a existencia desolada,
E lançou-o no inferno da enxovia.

Elle, então, viu as orbitas escuras
Onde o sol não reluz, doirando os cerros
Onde as pedras destillam amarguras,

Como nas ruinas de Salém, outr'ora,
Onde não se vê Deus, e onde a aurora
Tem por crysol as maldições e os ferros.

II

Ao ir sulcando do desterro as aguas,
Quando a lua azulava o tombadilho,
Elle sentiu no olhar o ethereo brilho
Do pranto: espelho de indiziveis magoas.

E gemeu solitario... Obscuras frágoas
Manchas que imprime ensanguentado trilho.
Só a Desgraça diz: sinto-as... apago-as...
—E a Desgraça chamava-lhe seu filho.

Alta noite, de balsamos sedento,
Ouviu rugir as ondas espumosas
Sob as azas liberrimas do vento;

E as algemas torceu, enferrujadas
Do nitro das prisões silenciosas...
Quem sabe se das lagrimas choradas!

III

Alongava-lhe as horas da existencia
O trabalho forçado dos ladrões,
Ao sol equatorial das regiões
Onde não ha pinhaes nem ha clemencia.

Uma noite, porém, a Providencia,
Que as blasphemias esquece e as maldições,
Pegou da Morte,—a flor de fina essencia,
E deixou-lh'a cahir sobre os grilhões.

Senhor! se o Mal é eterno e absoluto,
Se ao culpado só resta o eterno luto...
Ah! quando a Morte elle entreviu no mundo,

Eu não sei que visão, que luz sagrada
Lhe desenhou na face acobreada
O sorriso do asceta moribundo!

NARCISO DE LACERDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

EM DIA D ELEIÇÕES

Envergou a andaina domingueira, metteu no bolso as listas de differentes parcialidades politicas, e achava-se disposto a ir votar, com o seu compadre commendador, no candidato governamental.

Vae senão quando, cae-lhe nas mãos um papel opposicionista, onde se incrimina de pedreiro livre o futuro representante do circulo.

O homemsinho começa a matutar no caso e não sabe por quem se decida, resolvendo pedir conselho ao padre prior.

Foi n'esta attitude que o author do quadro lhe desenhou a effigie.

SE EU APANHASSE A TALUDA...

Pode muito bem ser que apanhe, e que a sorte o bafeje.

Nunca vimos que a fortuna escolhesse caras e se namorasse exclusivamente de formosuras.

Ha por ahi horrendas carrancas de chafariz, sobre as quaes a Providencia não se causa de despejar a provida e inhexaurivel cornucopia de felicidades.

Parece até que a sorte protege de preferencia os feios e os tolos!

Não nos admira, portanto, que aquelle pobre diabo apanhe a taluda na proxima loteria e nos salpique amanhã de lama, com as rodas dos seus landos *huit-ressorts*.

UM PASSEIO DE CARRUAGEM

Não é positivamente uma carruagem, mas fazem de conta que sim.

A fanthasia das creanças pode muito, e é ainda capaz de maiores arrojos.

Vão lá dizer á pequenita do guarda-sol que a celha onde se acocorou incommodamente, não tem para ella os encantos d'um bello caleche, forrado de setim azul e tirado a dois soberbos cavallos hanoverianos *par sang!*

Felizes edades aquellas e co.. é bom jornadear pelos mundos infinitos da chimera!

UMA NORUEGUEZA

Nós não levamos a nossa credulidade até ao ponto d'acreditar que a esbelta figura do quadro seja a de uma norueguеza.

O author deu-lhe aquella nacionalidade como podia dar-lhe outra qualquer, mas os formosos olhos, avelludados e ardentes, em que estamos cravando os nossos, rebellam-se contra a classificação.

As mulheres da Noruega são d'uma frigidez de sorvete, e aquella, a julgar pelas exterioridades accentuadamente andaluzas, não pertence á fria raça scandinavia.

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA

A Escola polytechnica foi creada por decreto de 11 de janeiro de 1837, sendo-lhe doados, por decreto de 12 do mesmo mez e anno, o edificio e bens do Collegio dos Nobres, supprimido dias antes.

Estabeleceram-se desde logo as aulas da mesma escola n'esse edificio, e ahi se conservaram até ao dia 22 de abril de 1843, em que um grande incendio unicamente deixou de pé as paredes de tão vasto e solido edificio.

O conselho da escola tratou logo de construir um edificio proprio para o seu destino, mas entendeu-se que para isso se deviam aproveitar as ruinas do antigo, e fez-se a reconstrucção.

A frontaria do novo edificio tem 14m,83 de extensão, e de altura, até á beira da cimalha, 14m,56, com uma platebanda de 1m. As columnas do portico são monolithos, tendo o fuste 13m,42. Eram as da egreja de S. Francisco.

O risco foi feito pelo antigo director da escola, o general J. F. da Silva e Costa, de accordo com o professor de desenho, D. Luiz Muriel, que dirigiu as obras por algum tempo. Depois tomou conta d'ellas o professor de desenho, Pedro Pézarat.

Ainda está por concluir parte do edificio, que é vastissimo, e que, embora não seja de construcção elegante, ha de offerecer

Digitized by Google

SE EU APANHASSE A TALUDA...

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA NORUEGUEZA

(Quadro de J. Wehle)

Digitized by Google

Digitized by Google

UM PASSEIO DE CARRUAGEM

Digitized by Google

todas as commodidades para o estabelecimento a que foi destinado.

C. D.

MATER DOLOROSA

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrymosa estatua da amargura.

Dos ceus a curva era tranquilla e pura:
Das gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulos, voando
Dos mares sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedera, astro mavioso,
De alvor banhando os alcantis das fragas...

E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrera, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas...

GONÇALVES CRESPO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

BENJAMIM CRUZ.=Irregularidades na distribuição e ás vezes culpa do correio. Veremos se é possivel pôr cobro a umas e a outra.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este rio e este verbo acham-se n'um diario—1—2.

J. JOSÉ SILVA

Esta preposição hespanhola uza navalha na egreja—1—2.

Este signal corre na justiça—2—2.

Prende e dá luz este conto—1—2.

Lamego. DINHEIRO.

Atraz do globo e antes do meio dia—2—3.

Aqui e agora é fructo—1—1.

O atomo é um oceano que dá fructos—1—1.

No espaço e na provincia está o animal—1—2.

Mulher que ata o homem—3—1.

Elvas. OS TEIMOSOS.

Este imperador via no livro esta planta—2—2.

No theatro corre este artista—3—2.

Este animal corre e rouba—2—2.

Bragança. JOÃO CANDIDO D'AZEVEDO.

ELECTRICAS

Ás direitas e ás avéssas come-se—2.

SALTARELLO.

Ás direitas ou ás avéssas arvore sagrada—2.

Ás direitas medida, e ás avéssas desgraça—2.

Ás direitas ou ás avéssas altar christão—2.

Ás direitas marisco, e ás avéssas pedra preciosa—2.

Mirandella. BENJAMIM CRUZ.

EM VERSO

A primeira não é boa,
A segunda tambem não,
Ou, para melhor dizer,
Ambas ellas ruins são—1—1

Que a terceira é cruciante
Não se pode duvidar.
Nem eu isto escreveria
Se ella o quizesse vedar—1

Eis o que n'este mundo
Os homens todos são
Emquanto não attingem
A edade de varão.

Redondo. J. JOSÉ SILVA.

—Diz-me cá: aquelle homem
É russo, turco ou francez?
Acaso será polaco?
—Não senhor; é um inglez—2

—É um inglez?! Ora esta!
Ó yes, que ratice!
Eu adoro os taes inglezes!
—Que delirio, que doidice—3

—*Ó yes, all right, all right,*
Ó yes muitas vezes!
—Gosto d'essa affectação
Em imitar os inglezes!

Monchique. JOAQUIM A. DA CUNHA.

PERGUNTAS ENIGMATICAS

Qual é o racional que canta debaixo d'agua?

SALTARELLO.

Qual é a palavra que é nome proprio e instrumento?

(A ex.ma sr.a D. M. C. R.)

Qual é a palavra que é interjeição e nome de homem?

(A Idalina Cruz)

Qual é a palavra que é nome de moeda, de povoação e de homem?

BENJAMIM CRUZ.

LOGOGRIPHO

Na minha casa, leitor—1—4—3—4
Ouvi cantar ao piano—1—2—3—2
Esta nota, sim senhor—3—4

Mas depois, este magano—1—4
Trepou por esta palmeira—2—3—4
E fez d'ella planta d'anno—1—4—3—1—4

Portanto, caro leitor,
Se vender pelles de boi,
Ha de por força este todo
Ser d'ellas, como esta foi.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

ADIVINHAS POPULARES

Indo por aqui abaixo
Deus guarde vossas mercês,
Leve ás costas quem procuro,
Na barriga quem me fez.

Semente preta em terra mimosa
Logo que se plante nasce uma rosa.

Tem alma—é material
Tem ouvidos—não é animal.

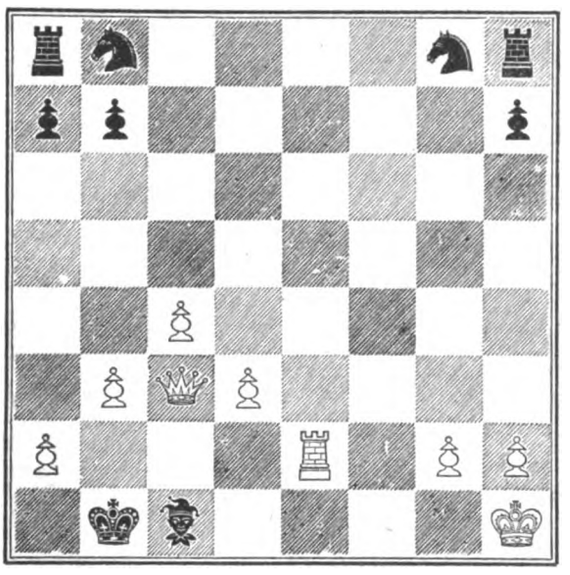
SALTARELLO.

Digitized by Google

XADREZ

PROBLEMA N.º 12

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em dois movimentos.

PROBLEMA

Pretende-se saber qual é o menor numero de pesos com que se pode pesar desde 1 até 121 grammas, com exclusão das fracções.

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Falua.
2.ª—Trovador.
3.ª—Parabola.
4.ª—Varapau.
5.ª—Remo.
6.ª—Sado.
7.ª—Perola.
8.ª—Bisca.
9.ª—B e j a
e r a s
j a v a
a s a r
10.ª—Elvas.
11.ª—Auga.
12.ª—Zorra.
13.ª—Saias.
14.ª—Amadeu.
15.ª—Menosprezo.
16.ª—Desmaio.

Do problema:—Um dos camponezes 60 ovos, o outro 40.

Xadrez—Solução do 11.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. B. 3 R. cheque.	1. R. toma B. (A)
2. P. 3 C. D. cheque.	2. R. 5 C. D.
3. D. casa R. cheque.	3. R. 6 T. D.
4. B. casa B. D. cheque e mate.	

A.

1. B. 3 R. cheque.	1. R. 5 C. D.
2. D. casa R. cheque.	2. R. 5 T. D.
3. P. 3 C. D. cheque.	3. R. 6 T. D.
4. B. casa B. D. cheque e mate.	

Do enigma:—Espinho e Collares.

A RIR

Entre duas donzellinhas:
—Queres casar?
—Eu? *Libera nos Domine!* E tu?
—Eu! disse a outra, *te rogamus audi nos!*

*

Um pedinte incommoda um sujeito que passa, contando-lhe uma historia lamurienta, mas pouco verosimil.
—Então você julga que eu sou algum pedaço d'asno?
—Ora essa, meu senhor! Pois eu atrevia-me lá a fazer *tão pouco* de v. ex.ª?

*

Uma senhora, muito falladora, manda chamar o seu medico.
—Doutor, examine a minha lingua e veja o que preciso.
—*Descanso*, minha senhora, respondeu o medico.

*

—Doutor, venho agradecer-lhe...
—Então como se acha?
—Magnificamente, como vê.
—Quantos frascos tomou do remedio?
—Eu? Nem sequer o provei; meu tio foi quem tomou dois; e como eu sou o seu unico herdeiro...

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Receita facil para obter excellente agua de colonia:

Essencia de limão	10	grammas
Dita de bergamota	10	»
Dita de alfazema	40	»
Dita de erva cidreira	10	»
Dita de cravo da India	10	»
Dita de alecrim	4	»
Dita de tomilho	2	»
Alcool a 90 graus	2	litros

Depois de misturadas as essencias com o alcool, filtra-se.

A LUVEIRA

(IMITADO DE THEODORO DE BANVILLE)

I

O poeta Edmundo de Varlus possuia as tres grandes superioridades do homem moderno:—a belleza, a intelligencia e a riqueza. Edmundo Varlus, não apreciando o bulicio da sociedade e gostando de refugiar-se na solidão, para ahi ler os seus authores predilectos, Baudelaire e outros, habitava uma casinha situada na ilha de S. Luiz, Caes d'Anjou.

Uma tarde de outubro de 1881, Edmundo Varlus foi jantar, como costumava, a um restaurant. Levara comsigo um volume da primeira *Légende des Siècles*, e em quanto esperava o jantar, abandonou-se ás delicias da leitura.

De subito, ouviu duas vozes, que partiam do quarto ao lado, dividido por um simples tabique.

O poeta dispunha-se a deixar o seu logar, não querendo commetter a indiscripção de surprehender uma conversa que lhe não dizia respeito, quando, inesperadamente, lhe feriram os ouvidos algumas palavras, que o pregaram immovel na sua cadeira.

—É possivel?! dizia o primeiro interlocutor. Pois tu, Bazilio, que és um rapaz de espirito, um homem rico, estimado, feliz em toda a extensão da palavra, é possivel que tu queiras repetir essa ridiculissima scena, que é o supremo refugio dos maridos idiotas e dos dramaturgos mediocres?

—Já te disse, confirmou Bazilio; o meio é velho, mas não existe outro, que eu saiba.

II

—Tua mulher é bonita, elegante, espirituosa, invejam-te a posse de uma tal esposa; para que demonio queres tu, pois, causar desgosto a essa encantadora creatura? Para que abrigas suspeitas sem fundamento?

—Estás doido? perguntou Bazilio. Eu não chego a suspeitar: o que desejo é ver-me livre de minha mulher: detesto todas as algemas ..

—Bem se vê, fez o amigo, indignado, que não tens filhos!

—Deus me livrasse d'essa tyrannia! Tenho sede de liberdade, de capricho, de imprevisto! Para te dizer toda a verdade, julgo perfeitamente innocente o amor que o doutor Christino dedica a minha mulher; estão ambos em pleno idyllio platonico. Tanto melhor! Clara julga-me a caminho para Moulins: parti ha tres dias: é natural que escrevesse ao seu medico ideal, que não ousa olhar-lhe para o bico das botinas. Levo-te commigo, és o meu cumplice; em menos de meia hora estaremos em minha casa: surprehendel-os-hemos no exercicio innocente de dialogarem sentimentalidades romanticas. Eu appareço, como o archanjo do exterminio, accuso-os, e obtenho por este meio simplissimo uma separação amigavel.

Digitized by Google

O poeta Varlus não perdera uma palavra da conversa.

Abriu, com a maior cautela, a porta do quarto, onde acabava de jantar; com um gesto chamou o creado, deu-lhe seis luizes e perguntou-lhe em voz baixa, se sabia onde residia o sujeito chamado Bazilio.

Bazilio era proprietario de uma grande luvaria; o creado forneceu o desejado endereço: Rua da Jussienne, n.º 21, 3.º andar.

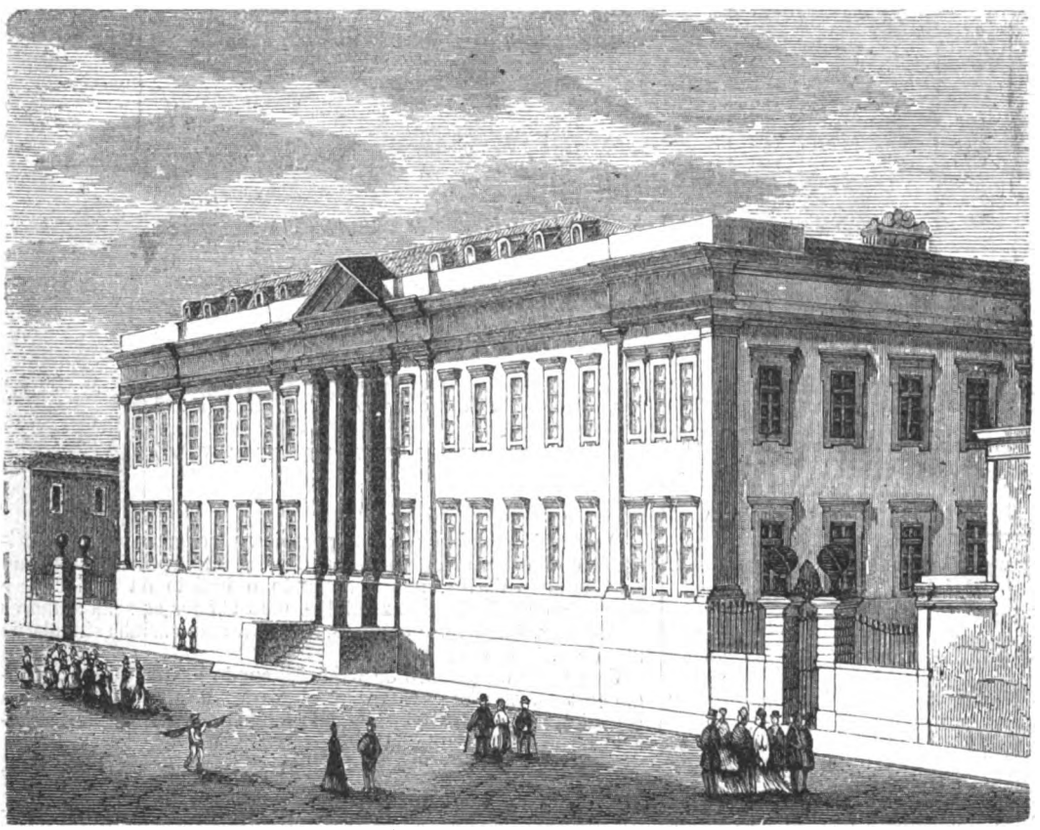
Edmundo de Varlus não perdeu um segundo, atirou-se para dentro de um fiacre e mandou bater a toda a brida na direcção indicada.

Em menos de um quarto de hora, Varlus estava na rua Jussienne: subiu os degraus a quatro e quatro, absorto em uma preoccupação: como havia de apresentar-se em casa da sr.ª Bazilio?

Affrontando todos os obstaculos, puchou violentamente pelo cordão da campainha.

Clara, attrahida pelo ruido, veiu abrir, com a expressão tranquilla de uma pessoa que nada tem a receiar.

—Minha senhora, disse Varlus em voz baixa, supplico-lhe que



ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA

me conceda um minuto de attenção. E' uma questão de vida ou de morte!

III

Clara, cuja admiravel belleza impressionou profundamente Varlus, levantou os olhos e fitou a cabeça do poeta, que se desenhava na meia luz projectada por um bico de gaz, collocado a grande altura: o aspecto da physionomia de Varlus, honesta, franca e intrepida, desvaneceu-lhe os receios. Mandou-o entrar e fechou a porta.

Edmundo de Varlus, que aprendera em Rabelais e Theophilo Gautier a complexa e difficil sciencia de exprimir as idéas mais complicadas com o numero de palavras menos prolixas, contou em alguns minutos a Clara Bazilio o dialogo que surprehendera no restaurant.

Em seguida partiu, sem esperar que lhe agradecessem, e saiu a correr.

Dez minutos depois da partida de Varlus, Bazilio entrou em casa, seguido do seu amigo Antiq, abriu com a chave que trazia a porta do quarto, e, caminhando nos bicos dos pés, penetrou no boudoir de Clara.

Uma surpreza esperava-o. Em cima do *gueridon* o luveiro achou uma carta de sua mulher, que lhe era dirigida, e que principiava assim:

«Meu querido Bazilio, prohibiste-me que te escrevesse, mas eu não posso deixar de desobedecer-te, impellida pela necessidade de dizer-te que penso em ti, que te amo, que conto os minutos...»

Clara não vira, nem ouvira Bazilio e Antiq: estava assentada ao piano e cantava uma *romanza*, composta pelo marido no tempo em que eram noivos, intitulada *Fleur d'espoir:* ao lado do piano via-se a photographia de Bazilio, encaixilhada em pelucia azul. Ao ruido dos passos dos dois homens, Clara voltou a cabeça, ergueu-se e caiu, palpitante de jubilo, nos braços do marido.

IV

Dois annos depois, em uma terça feira da Comédie Française, a viuva Clara Bazilio achava-se em um camarote com a sua amiga Eugenia Serizier.

Bazilio fallecera um anno antes, de repente, á saida de uma ceia tempestuosa.

De subito, o olhar de Clara Bazilio fixou-se em um esbelto rapaz, que acabava de assentar-se em um fauteuil de orchestra, attraindo todos os olhares.

Um sobresalto, uma violenta palpitação, advertiu-a de que era aquelle o mysterioso visitante, que outr'ora lhe apparecera, como o enviado da Providencia.

—Conheces aquelle homem? perguntou Clara á sua amiga.

—Em Paris, volveu Eugenia, és tu a unica pessoa que ignoras que o poema *Rainha de Sabá* e o seu autor, são, n'este momento, o assumpto de todas as conversações. Se eu conheço Edmundo de Varlus, perguntas tu! Nós, que nascemos e fomos creados juntos, em Dijon, onde as nossas familias habitavam duas casas contiguas!... Somos amigos dedicados e não existe entre nós um unico segredo.

—O amor, insinuou Clara, deve ter occupado um logar importante na vida d'esse homem?

—Enganas-te, retorquiu Eugenia, Edmundo de Varlus não ama, nem quer ser amado. Edmundo é um poeta verdadeiramente romanesco. Adora, em segredo, uma mulher que viu ha dois annos, uma unica vez, no breve espaço de alguns minutos. Nos anniversarios d'esse dia, Edmundo despede o creado, não quer ver ninguem, e fecha-se em casa com a visão da sua ineffavel Beatriz.

V

No dia immediato, Edmundo de Varlus, foi sobresaltado por uma forte campainhada, que lhe quebrou o cordão da campainha. A porta abriu-se e o poeta estremeceu, vendo na sua presença a divina figura de uma mulher elegantissima, envolvida em uma capa preta e tendo a cara coberta com um véu.

—Supplico-lhe, disse a desconhecida, que me conceda um minuto de attenção. E' uma questão de vida ou de morte!

N'essa occasião ergueu o véu.

Edmundo, arrebatado de felicidade, caiu-lhe aos pés e depoz nas finas e brancas mãos, que se estenderam para elle, o seu primeiro beijo de amor.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil		
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs.	fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 »	»
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 »	»
No acto da entrega....	30 »			

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 13 de outubro de 1884 Numero 16

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Lendas de santos na Russia*, por Pinheiro Chagas.—*Historia verdadeira*, versos, pelo conde de Sabugosa.—*As nossas gravuras*.—*Um conselho por semana*.—*Em familia*, (*Passatempos*).—*Os pecegos*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*A primeira maçã*.—*Prova de vinhos*.—*Um estouina incipiente*.—*Quem acerta melhor?*—*O convento da Serra do Pilar*.

CHRONICA

Sopra rijo o vento das bandas do nordeste; as folhas amarellecidas do arvoredo vão cahindo uma a uma no solo humido, onde se contorcem como agonisantes: nuvens rendilhadas, de côr pardacenta ensombram o ceu, predispondo os espiritos á mais sensaborona das melancolias.

No campo, os *touristes* preparam já as suas malas, e pensam no regresso ao conforto dos penates, considerando muito bem que é desagradabilissimo e insupportavel arriscar-se a gente fora de casa, quando o ceu despede aguaceiros gelados e o vento geme tristes nenias doloridas.

Depois, os amigos já principiaram a debandar, com rumo feito ao Chiado. A mulher amada fechou docemente o livro d'amor, que começava a folhear-se em delicioso *tête-à-tête sub tegmine fagi*, e a nostalgia do *sweet-home* vae-se convertendo, para os mais enthusiasticos admiradores das bellezas campezinas, n'uma doença cruel, que demanda remedio immediato.

Uns suspiram pela sua bella *causeuse* confortavel, do gabinete azul, onde costumam saborear á tarde, mollemente reclinados, o café aromatico; outros teem saudades das suas chinellas; muitos, emfim, não podem passar sem os seus *bibelots*, sem umas pequeninas bagatellas que lhes despertam recordações tristes ou alegres.

E' por isso que Cintra se despovoa; que das praias vão fugindo, pouco a pouco, os ultimos retardatarios.

Mas ha ainda outras razões que determinam este rapido regresso.

A PRIMEIRA MAÇÃ (Quadro de George Jacobides)

Digitized by Google

Estamos a cinco ou seis dias de distancia da Judic, d'aquella endiabrada e gaiata Judic, que fascina com o olhar e desvaira com a voz petulante.

No theatro da Trindade vai uma azafama vertiginosa para acolher a diva com a grandeza e os respeitos que lhe são devidos.

As coristas de formosura menos correcta alindam-se pelos processos chimicos mais em voga: o bom do *José Rapaz* trata de preparar confortavelmente o camarim da *estrella*, imprimindo-lhe todos os arrebiques e attractivos de um *boudoir* de noiva; Freitas Gazul compõe hymnos festivaes, com lettra de Francisco Palha, em honra do famoso astro; Queiroz, já livre de calculos na bexiga, *calcula* o melhor modo de fazer *bex ga* n'uma recita do *Boccacio* offerecida á grande interprete da *Niniche;* Leoni desempoeira cuidadosamente toda a bagagem de francez, que ha muito tempo tinha guardada entre os papeis velhos; e ellas, as divas do theatro bem fadado, dão a ultima demão nas suas apparatosas *toilettes* de festa, cortadas segundo as prescripções do figurino pariziense mais recente.

Uma verdadeira faina movimentada e barulhenta, como ha muito se não vê por cá!

Entretanto, a bella Judic vae estonteando os madrilenos no theatro da *Zarzuella*.

De manhã passeia a sua belleza prodiga de feitiços nos jardins do *Buen Retiro;* á tarde assiste ás toiradas sanguinolentas, applaudindo phreneticamente os *diestros* da quadrilha, e á noite, por entre os *couplets* bregeiros da *Mamz'elle Nitouche*, endoidece os nossos visinhos com meia duzia de *peteneras—sal y pimienta*—aprendidas nos ocios do lazareto d'Irun.

Imagine-se a doida vertigem dos madrilenos enthusiasmados, quando a loira Judic, de mão no quadril, e meneio estonteador de andaluza, imprimiu á platéa boquiaberta o choque electrico d'esta formosa canção hespanhola:

Dos besos tengo en el alma
que no se apartan de mi:
el ultimo de mi madre,
y el primero que te di.

Calcule-se o que não seria de bravos e de *hurrahs,* e de *viva la gracia,* provocados por esta gentilissima surpreza!

Uma coisa, porém, desagrada aos madrilenos,—uma só—no meio do seu doido enthusiasmo, sendo para sentir que esse desagrado venha reflectir-se entre nós. Judic traz comsigo, na bagagem, muito bem acondicionado, com a legenda «*Fragile*» escripta por fóra, um redactor do *Figaro*, uma especie de indispensavel para os entretenimentos do caminho de ferro e da alcova dos hoteis caros

As grandes artistas não podem viajar sem estes appendices: é caso averiguado.

Sarah Bernhardt trouxe na mala o seu bello grego, Jacques Damala, que, tempos depois, dispensou cruelmente das variadissimas funcções d'indispensavel.

Marini fazia-se acompanhar d'um marido authentico, bruto como um selvagem, e grosseiro como um lacaio da peior estofa.

A estrella mais brilhante da *troupe* da Chaumont illuminava com as scintillações ardentes do seu olhar o loiro emprezario Schurmann.

A Pasqua recem-casada sentiu em Lisboa a nostalgia lethal do feliz Giacomelli, e chamou-o para junto de si, n'um telegramma apaixonado.

A De Reszké, se não trouxe na *valise* editores responsaveis da mesma laia, veiu escoltada por dois irmãos ferozes.

A Borghi e a Ritter escudavam-se com as egides maternas contra as tentações diabolicas.

A Mantelli faz-se guardar á vista por um pae tyranno e intransigente.

Bianca Donadio acompanha-se, em todas as *tournées* artisticas, por um emprezario meticuloso, que não a deixa pôr pé em ramo verde.

Agora, até a Judic recorre ao expediente de trazer na bagagem um companheiro inseparavel, um argus ciumento, capaz de responder por ella, aos galanteios de Portugal e Hespanha, com alguma feia imprecação gauleza; um redactor do *Figaro*, que ámanhã, finda a passeiata pela peninsula iberica, dirá de nós e dos nossos visinhos, nas columnas do seu jornal, as coisas menos lisongeiras.

E atrevem-se ainda a abocanhar a virtude das nossas actrizes!

Essas, ao menos, viajam sósinhas, coitadas, conduzindo nas suas malas banaes a roupa branca ainda mais banal de quem não anda affeita a uns *tête-à-tête* romanescos pelos coupés-leitos dos caminhos de ferro e pelos aposentos atapetados dos grandes hoteis.

Verdade seja que ellas não são Judics, mas emfim ..

=Depois da Judic, para não termos tempo de sentir penas dolorosas, abre S. Carlos com o *Roi de Lahore.*

Já por lá vae, tambem, uma azafama indiscriptivel. Os scenographos esboçam arvoredos espessos, campos floridos, ceus limpidos e claros. Valdez, em honra da esthetica, trata de jubilar algumas coripheas já macrobias, substituindo-as por outras que não offendam a vista á gente. No *atelier* do guarda-roupa faz-se um estendal de veludos caros, rendas finas e oiro de lei. Talham-se costumes á Luiz XV; copiam-se, em setim e seda, os figurinos da edade media: limpam-se as alabardas que serviram na ultima campanha: desenferrujam-se os punhaes dos anabaptistas do *Propheta;* prepara-se a roca da Margarida do *Fausto;* põe-se á mão a couraça da sombra do rei do *Hamlet*, e doura-se de novo a legenda do palacio da *Lucrecia.*

Depois, n'um horisonte proximo, tres operas novas, nem menos de tres:—a *Herodiade*, de Massenet, regida por elle mesmo na *première, Le Nozze di Figaro*, de Mozart, *La Derelitta*, do visconde do Arneiro... E a estreia do Guille cantando o *Guilherme Tell* em italiano, e a Sembrich na *Lucia*, e a Medea Borelli na *Herodiade*, e a Carolina Salla, e a Dalti, e a Copea, e tantas outras celebridades *di cartello* a prometterem nos uma quadra lyrica cheia de attractivos...

Viu-se lá uma coisa assim?

São capazes de vir dizer-me que não ha dinheiro que chegue para tantas tentações.

Velhas historias!

Ha sempre dinheiro para isto. Elimina-se uma entrada nos *menus* do jantar caseiro, e... vivam as Judics e *hurrah* pelas Copeas!

C. DANTAS.

LENDAS DE SANTOS NA RUSSIA

Os numerosos livros de viagens que hoje se publicam têem tornado conhecidos de todos os mais diversos paizes. Teem-se estudado minuciosamente os costumes e as lendas de variados povos, e esse estudo tem conduzido todos os espiritos á convicção de que em toda a parte a humanidade é a mesma, que são absolutamente semelhantes ás concepções do seu espirito, e que o habitante das steppes geladas da Pequena Russia, da mesma fórma que o habitante das aridas charnecas do Alemtejo emprega exactamente os mesmos processos de espirito nas suas lendas e nas suas crenças.

O nosso povo foi sempre grande adorador dos santos, e consagrou-lhes sempre um culto mais ardente do que ao proprio Deus. Isso não impede, comtudo, que os trate com a mais desrespeitosa familiaridade, e que os faça figurar em historias e lendas em que muitas vezes não fazem a mais brilhante figura. A familiaridade não exclue a devoção, e S. Pedro, pelo facto de ter sido embaçado pelos soldados dos contos populares, não deixou de ter os seus altares, o seu culto e os seus devotos.

Acontece o mesmo na Russia. A adoração supersticiosa dos santos vai o mais longe que pode ir. As suas reliquias, as suas imagens, as suas medalhas attrahem chusmas de peregrinos, recebem offertas valiosissimas, ou vendem-se aos milhares, e comtudo, os contos com que o povo se entretem á noite, e de muitos dos quaes nos dá noticia Victor Tissot, no seu delicioso livro *La Russie et les Russes*, são no genero, por exemplo, da *Linda da aguardente:*

Um dia Nosso Senhor estava muito socegado na varanda do ceu, a tomar o fresco, quando principiou a tossir desesperadamente com um fumo espesso que vinha da terra. Olhou e viu que os homens estavam occupados a distillar uma coisa qualquer n'um immenso alambique. Chamou S. Pedro e disse-lhe que fosse immediatamente ver á terra o que estavam os homens a fazer.

S. Pedro foi, e, como chegasse á terra fatigado da viagem que não deixa de ser comprida, estava com uma sede de matar. O sujeito que dirigia a fabricação offereceu-lhe amavelmente um copo de agua. S. Pedro deitou-o abaixo de um trago, e achou bom. Pediu outro. Deram-lh'o. Pediu terceiro e quarto e quinto, até que afinal se estirou no meio do chão, resonando como um bemaventurado que era.

Estranhou-se no ceu a demora do porteiro, e Deus Nosso Senhor, depois de passeiar para um lado e para o outro, achando já exquisito o caso, chamou S. Paulo, e disse lhe:

—Fazes favor de ir ver á terra o que succedeu a S. Pedro? Estou com receio de que lhe tivesse esquecido a chave do trinque, e que o nosso pobre amigo não saiba já como ha de entrar no ceu.

Foi S. Paulo, e aconteceu-lhe o mesmo que ao collega. Ao quinto copo estava tambem deitado ao comprido, e fazia, com o seu companheiro de apostolado, um dueto de roncos muito mais harmonico do que as doutrinas que prégavam, emquanto apostolos.

A inesperada demora de S. Paulo ainda mais inquietou o Deus Padre Todo Poderoso, que resolveu empregar a força publica, e por isso encarregou S. Jorge de ir buscar os ausentes.

S. Jorge cingiu a espada, montou o seu cavallo de batalha, e foi até á terra. Mas, acautellado já, pescou que o homem do alambique tinha cauda, e não podia ser, portanto, senão Satanaz em pessoa. Com uma cutilada bem applicada cortou-lhe cerce a cauda, e o diabo aos gritos deitou a fugir. Então S. Pedro e S. Paulo acordaram, e um pouco envergonhados do que lhes succedera, voltaram para o ceu na companhia de S. Jorge.

Digitized by Google

Por isso a aguardente, não tendo podido ser fabricada toda pelo diabo, não ficou sendo um licor tanto de perdição como seria sem a intervenção de S. Jorge.

N'outro conto não entram directamente os santos, mas figuram padres e sacristães como exploradores dos santos, cujo culto lhes está confiado:

Um diacono tem a idéa de apanhar dinheiro a uma viuva devota, fingindo-se S. Nicolau. Põe a capa e a mitra do santo, protector e padroeiro de todas as Russias, e vae ter com a beata.

Mas o sacristão pescou a mascarada, e adivinhou o fim que ella tinha. Assim como o diacono se mascarára de S. Nicolau, mascarou-se elle de S. Pedro. Poz umas barbas de canhamo, pegou n'uma chave enferrujada, e elle aqui vae atraz do diacono.

Entra gravemente, e pergunta a S. Nicolau, muito espantado da apparição:

—Quem és tu?

—Eu sou S. Nicolau.

—S. Nicolau! E como é que tu sahiste do ceu, sem licença, tendo eu fechado cuidadosamente a porta, e tendo dado duas voltas á chave?

—Como sahi? redarguiu S. Nicolau atrapalhado. Sahi pela janella.

Tal qual, segundo se vê, como os soldados de lanceiros.

—Ah! patife! exclamou S. Pedro. Tu não sabes que eu é que sou responsavel por estas coisas, que, quando vocês se escapam assim, eu é que apanho as descomposturas? Já para o céu, sô maroto, já para o ceu, e não se me faça fino!

E, como S. Pedro acompanhava esta advertencia arrumando com a chave nas costas de S. Nicolau, o pobre santo deitou a fugir, perseguido por S. Pedro, elle de mitra á zamparina, S. Pedro de tunica arregaçada, e assim foram até ao pé da egreja. Então o sacristão eclipsou-se, e o diacono, moido de pancadas, jurou nunca mais fazer o papel de S. Nicolau.

N'outro conto é o proprio S. Nicolau que é embaçado por um cavalleiro manhoso.

Atravessava o cavalleiro uma floresta. Cahiam raios e coriscos: a trovoada era medonha.

—Meu bom S. Nicolau, exclamou o cavalleiro, se me salvares d'esta, prometto dar-te em cera o preço por que eu vender na feira o meu cavallo.

S. Nicolau deitou o luzio lá do céu, consultou sobre o caso o seu collega S. Jorge, mais perito em coisas hippicas, e viu que o cavallo era excellente, e devia custar bom dinheiro. Interveiu por conseguinte salvando o cavalleiro, que chegou a casa sem novidade.

No dia seguinte o homem tratou de cumprir a promessa. Partiu para a feira com o cavallo á redea e um gallo debaixo do braço.

—Quem quer comprar este cavallo, e este gallo? berrava elle. Advirto-lhes que os não vendo separados, e quero pelo meu gallo duzentos rublos e pelo cavallo trinta kopecks.

Duzentos rublos equivalem pouco mais ou menos a 100$000 réis, e trinta kopecks a 270 réis.

Não tardou a apparecer um freguez para esse singular negocio. O cavalleiro metteu na algibeira os 100$000 réis, e foi comprar 270 réis de vellas de cera, que accendeu diante do altar de S. Nicolau, cumprindo á letra a promessa que fizera.

E assim foi embaçado S. Nicolau.

Ouvindo estas historias, não nos parece que estamos escutando uns contos populares, com que as nossas amas nos entretiveram, e que fazem rir perdidamente os aldeãos, que por isso não deixam de ser as mais devotas creaturas d'este mundo?

PINHEIRO CHAGAS.

HISTORIA VERDADEIRA

Se eu lhe fizesse a côrte, ou se eu agora
Lhe quizesse dizer, minha senhora,
Um dito, um galanteio;
Não lhe chamava perola mimosa,
Nem lhe fazia versos côr de rosa
Em namorado enleio.

Nem tão pouco, senhora, a comparava
Ao branco lyrio, aos jasmins de Java,
Aos raios do luar.
Ou á flor virginal da laranjeira,
Que nas manhãs da primavera esteira
As ruas do pumar.

Não lhe exaltava os olhos orientaes,
As delicadas mãos esculpturaes,
O malicioso pé;
Não iria roubar quentes bellezas,
Ás sensuaes, romanticas marquezas
Dos versos de Musset.

Repetia-lhe apenas n'esse instante
O fisongeiro dito, archi-galante
Do velho alabardeiro,
Que uma vez... O melhor é começar;
E se me ouvis attenta vou contar
A historia por inteiro.

É n'um museu. Avultam as brancuras
De formosas antigas esculturas
Nos altos pedestaes,
Chove do tecto a luz suave e morna,
Que n'um banho macio lhes contorna
As formas geniaes.

Deslumbram nas extensas galerias
As plasticas reaes, anatomias
Da Grecia creadora.
Aqui, vê-se n'um extasi adoravel
A belleza dogmatica, immutavel,
Da Venus vencedora.

Despe-lhe as fórmas tumidas, redondas,
Cahindo-lhe revolto em largas ondas,
O manto desprendido;
E n'esse corpo musical, severo,
Brilha um poema hellenico de Homero,
Eternamente lido.

Além, uma Diana caçadora
A tunica arregaça encantadora
N'um infantil meneio.
Adiante, Bacho ao peito de Sileno,
E de Pallas um vulto alvo e sereno
Com a egide no seio.

Olhando em volta a multidão divina,
Olympica, marmorea, alabastrina,
A multidão pagan,
Parece-nos que assim eternamente,
Aquelles deuses ouvem docemente
Um cantico de Pan.

Deixando a galeria. Na sahida,
Onde se une a escada bipartida
N'um vasto patamar,
Destaca-se aprumado um velho guarda,
Empunhando tranquillo uma alabarda,
Grande, semi-lunar.

Tem o soberbo aspecto das figuras
Da meia edade. As velhas armaduras
Deviam-lhe servir;
A barba innovellada, a pelle rugosa,
Uma indifferença altiva e desdenhosa,
Nostalgico o sorrir.

Pois, um dia, contaram-me que vendo
Uma linda mulher, que ia descendo,
O velho estremeceu,
E prendendo-a ao largo peristillo:
«Não vos deixo fugir, Venus de Milo!
Fugir d'este museu.»

Acaba aqui a historia. Se eu agora
Lhe quizer dirigir, minha senhora,
Um dito lisongeiro,
Repetirei apenas n'este instante
Que lhe diria o mesmo que o galante
E velho alabardeiro.

CONDE DE ABUGOSA.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PRIMEIRA MAÇÃ

Lá está ella, a Eva pequena, a tentar aquelle Adão de dois annos.

Ora, se o teu irmãosinho, esse garoto de cabellos loiros, se engasgar, o que farás tu, pequerrucha inconsciente?

A mãe, cheia de medo do microbio, prohibiu-lhe que désse frutas ao *bébé*; ella então, a ladina, foi logo buscar a maçã perigosa, e ministrando-lhe o pomo vedado, poz-se a rir, muito satisfeita de si.

Come, meu rapazinho, come, e aprende a não te deixares engasgar pelas maçãs tentadoras que outras Evas espartilhadas te darão mais tarde!

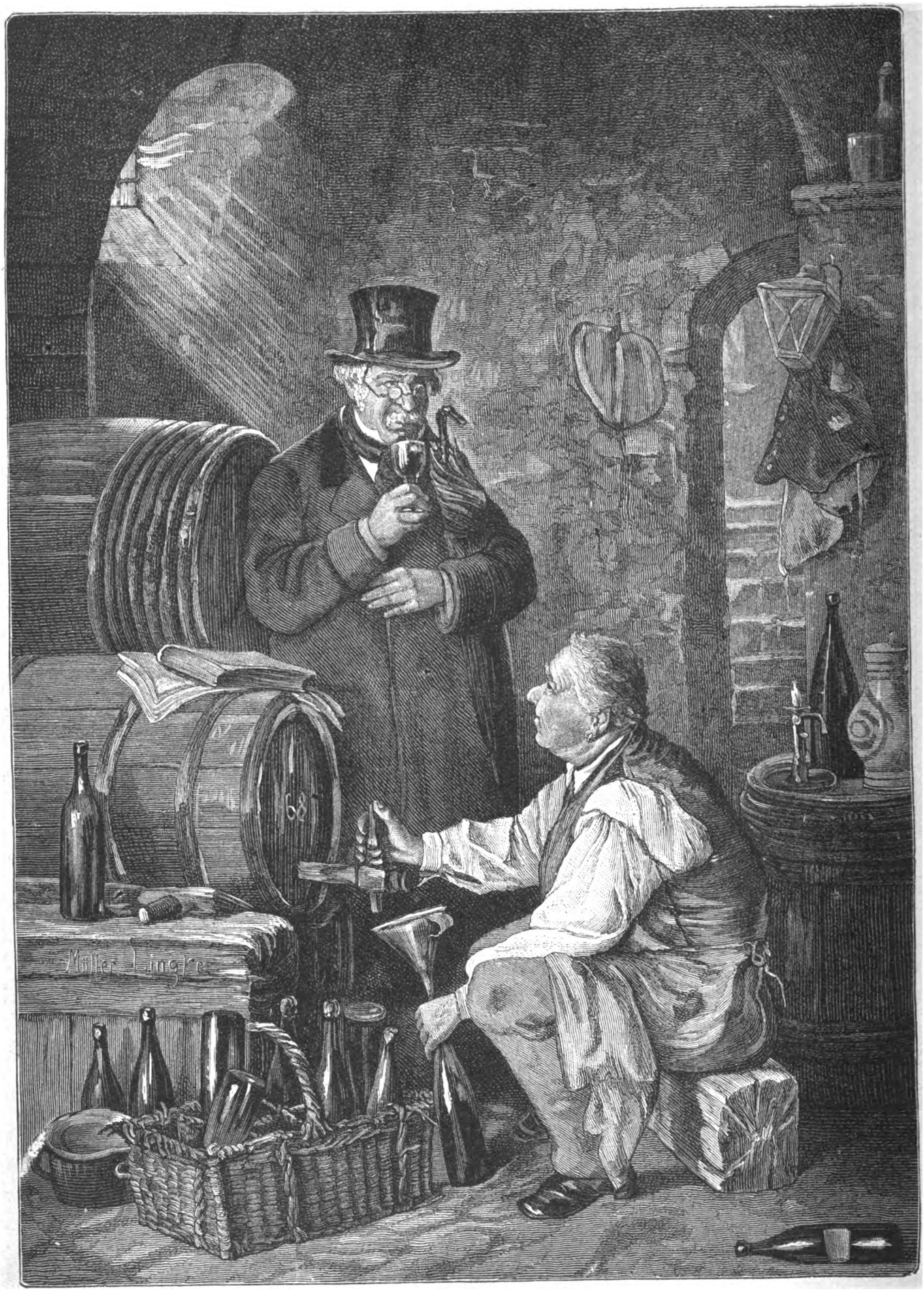
PROVA DE VINHOS

Não me parece que tenha cara de provador. Aquillo dá-se assim uns ares de critico, para apanhar ao compadre alguns decilitros do fino: e o compadre, um bom velhote, abriu-lhe a torneira, com aquelle orgulho de pae, que se lhe vê no olhar interrogador.

E' já, talvez, o quarto barril; e o homemsinho, sempre sério, prova e nunca reprova as pingas do velho.

D'aqui a pouco estará um tanto *pingado*, e irá espairecer lá fóra, ao sol do outono.

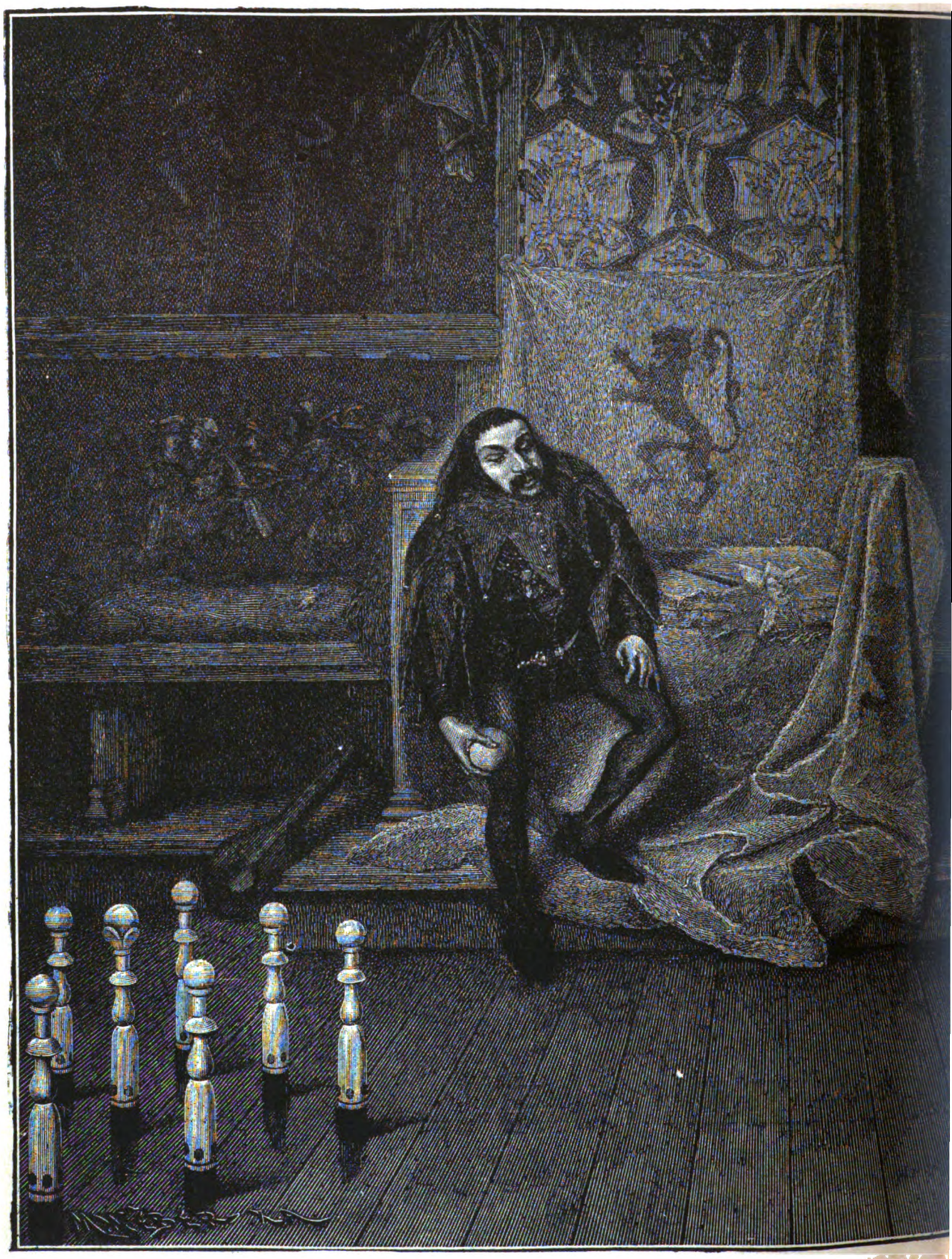
Digitized by Google



PROVA DE VINHOS (Quadro de Müller-Lingke)

Digitized by Google

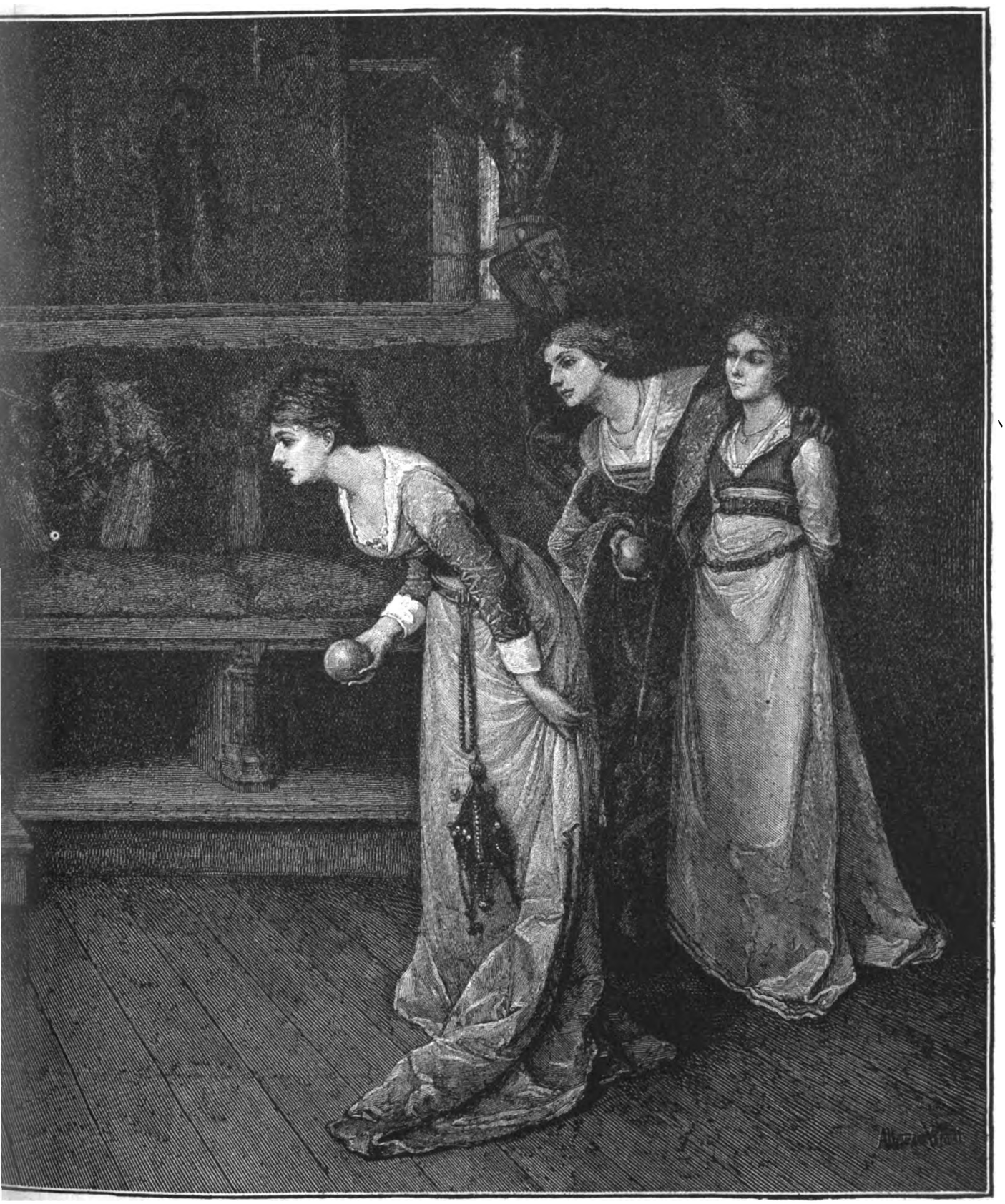
Digitized by Google



QUEM ACE

(Quadro

Digitized by Google



RTA MELHOR?

Alberto De Vrienpt)

Digitized by Google

Digitized by Google

UM ESTROINA INCIPIENTE (Quadro de Jan Verhaz)

Digitized by Google

UM ESTROINA INCIPIENTE

Um traquinas que ainda não saberá ler por cima, e que já se atira ao plano inclinado das sensações que Noé experimentou primeiro.

Certo dia, depois do jantar, descobriu no olhar da mãe—uma rapariga morena e robusta—não sei que brilho estranho, produzido pelo *Champagne*, e vae elle, quiz provar o nectar maravilhoso. Provou e gostou.

Esvaziada a taça, sentiu um calor grande nas veias e uma alegria inexplicavel. Julgou-se um homem, e d'ali em diante, aproveitava os restos dos copos, e roubava, tambem, o seu charuto, que ia fumar ás escondidas.

Uma orgia pequenina, que elle saboreia a sós!

Que estroina!

QUEM ACERTA MELHOR?

E' uma pergunta a que não sei responder.

Com as bolas é possivel que seja elle, que está mais perto: com o olhar acertam ellas, seguramente. Podéra! E' só descerrar as palpebras, deixar cair *una mirada* apenas, e fica logo ferido o alvo.

Não me convidem para duellos d'esta ordem. Perderia, de certo, embora ganhasse, perdendo.

N'este caso nada d'isso se dá. Ellas são formosas, elegantes e estão enthusiasmadas com o jogo: não pensam sequer no idiota que teem por adversario.

Vejam que cara aquella! Uma nota discordante n'um meio tão harmonico! Um pingo de gelo ao lado de tres vulcões!

CONVENTO DA SERRA DO PILAR

Imminente ao rio Douro, e dominando Villa Nova de Gaya, vê-se um monte coroado por uma egreja e um convento; é a serra do Pilar, cujo nome ficou memoravel nos fastos portuguezes, depois do famoso cerco do Porto.

Nos dias 8, 9 e 10 de setembro de 1832, feriram-se ali sanguinolentos combates, praticando os liberaes actos de verdadeiro valor e abnegação. As proprias mulheres tomaram parte nas pelejas, ministrando cuidados aos feridos e munições aos soldados.

Foi no primeiro d'esses dias que o marquez de Sá, no alto da Bandeira, foi ferido por uma bala de mosquetaria no braço direito, que depois lhe foi cortado.

E no dia 14 de outubro d'esse mesmo anno, pelas duas horas da tarde, depois de um bombardeamento de trinta e tres horas, em que as tropas do usurpador dispararam mais de tres mil tiros de artilheria contra a serra, em que os liberaes estavam entrincheirados, seis vezes os assaltantes se lançaram com valor aos parapeitos e seis vezes encontraram uma resistencia superior á obstinação do ataque; até que, perto da noite, se retiraram perdendo oitocentos homens, e os da serra sessenta e nove entre mortos e feridos. Foi a mais memoravel e a mais encarniçada das batalhas que se pelejaram em torno do convento da serra do Pilar.

Durante a guerra da Maria da Fonte, em 1846, esta serra mostrou-se terrivel pelas suas bem construidas fortificações, muito mais augmentadas e guarnecidas do que no cerco do Porto.

A cidade do Porto offerece um lindo e variado panorama, vista d'aquella elevação.

O convento teve a seguinte origem:

No anno de 912, dois clerigos descendentes de uma familia nobre, estabeleceram uma especie de communidade regular em uma pequena egreja que fundaram a 10 kilometros de distancia do Porto, e que veiu a ser o mosteiro de conegos regrantes do titulo de S. Salvador de Grijó.

Mais tarde, o prior mór d'este mosteiro, D. Bento de Abrantes, vendo que a casa estava arruinada, pediu a el-rei D. João III para o mudar para o monte de S. Nicolau.

Obtida a licença para isso, esse prelado, á custa das rendas da casa de Grijó, comprou o chão para a nova fundação.

A 28 de março de 1538, dia de Santo Agostinho, lançou o bispo D. Balthazar Limpo a primeira pedra do templo.

S. Salvador foi o primeiro orador da nova casa; mas como alguns conegos velhos preferissem a antiga morada, e alcançassem, de Pio V, breve de separação, ficou Grijó sob essa invocação e o novo convento intitulou-se de Santo Agostinho.

Em 1598 o prior D. Acursio mandou construir a egreja de forma circular, cercada interiormente de capellas; e edificou uma famosa claustrada, toda de abobada, sobre columnatas, tendo no centro uma copiosa fonte.

Em 1678 foi collocada no altar mór da egreja uma imagem de Nossa Senhora do Pilar, e o convento mudou de invocação.

UM CONSELHO POR SEMANA

O sabonete de glycerina, que nós vemos ahi tão decantado nos reclamos dos perfumistas, não existe: a operação chimica conhecida pelo nome de *saponificação* separa a glycerina do corpo gorduroso empregado no fabrico dos sabonetes.

É facilimo obter-se, por preço modico, um excellente sabonete de *toilette*.

Para isso, toma-se 500 grammas de sabão de Marselha, corta-se em pequenos pedaços e cobrem-se estes com algumas colheres d'aguardente.

Derrete-se o todo a banho-maria, e deixa-se assentar o liquido resultante.

Ao cabo d'alguns dias ter-se-ha obtido um sabonete transparente, puro e inodoro.

Podemos juntar-lhe um perfume qualquer, á nossa escolha, fazendo-o derreter de novo a um calor brando.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

PEDANTE.=Beira.—Não podemos tomar os seus versos senão como um desabafo *inter amicos*.

Quer um conselho? esqueça-se de que os fez. Atire com a responsabilidade dos decasyllabos errados para o *Porto* e para o *Cognac*. Ficará tudo em santa paz, e nós tambem.

J. D. V.—Famalicão.—Com bem magoa nossa, não pode ser.

PLAUTO.—Ainda não chegou á craveira. A sua *Musica* é antiga e pouco harmonica.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na musica, na Asia e no quartel—1—2.

Ribaldeira J. L. NATARIO.

Aqui este vaso abafa - 1—2.

Este homem foi baptisado na egreja—1—2.

O filho do rei zombava do exercito—3—2.

Além, aquella mulher é um animal—2—3.

Ribaldeira. J. BERNARDES JUNIOR.

N'este repouso é animal variavel—2—2.

CUNHAS.

A peleja pode matar quem peleja—2—1.

Este tecido caminha para esta cidade—1 -2.

Esta vestidura chama a juizo e persuade—2—2.

Esta interjeição e este rio é planta—1—1.

Cartaxo. T. R.

EM VERSO

(Ao ex.mo sr. Moraes de Almeida)

Constellação
Zodiacal—2
Com uma cor
Muito uzual—2

Procure o todo
Na zoologia.
É mui feroz.
Quem tal diria!

Lisboa. I. M MOREIRA.

Faz parte do alphabeto—1
E da musica tambem;—1
Nome proprio de mulher,—2
De mulher, repara bem.

Reguengos. J. A. MARQUES.

ELECTRICAS

Ás direitas instrumento, e ás avéssas cheiro—2.

Ás direitas cidade, e ás avéssas affecto—2.

Alcacer. F.

Digitized by Google

Ás direitas uma villa, e ás avéssas perfumes—3.

Ribaldeira. JACINTHO L. NATARIO.

Ás direitas nome proprio, e ás avésssas só se vê de noite—2.

B. CRUZ.

CHARADA-SONETO

Eu vivo porque existes! E se a morte
Um dia te roubar a existencia
Soltando do teu corpo a *fina essencia*,
Quizera ter tambem a mesma sorte—2

Prefiro ver-te *assim* minha consorte;
Cingir-te nos meus braços com vehemencia
E sentir dos teus labios essa ardencia
Que me torna feliz e me faz forte.—2

Sejamos pois ditosos! Quando o sol
S'esconder no horisonte, e o rouxinol
Soltar trinos da voz tão argentina,

Lembremos esse amor sempre constante;
Eu serei para ti qual *este amiante*,
Tu serás para mim outra Rosina.

VAMPIRO.

ADIVINHA POPULAR

Eu nasci dentro d'um berço
Que ninguem tocar ousava;
Aquelle que lhe mexia
A pôr-lhe a mão não tornava.

Nas cidades, villas e hortas
Quando me apanham crescida,
Ás mulheres ociosas
Commigo ganham a vida.

Tiram-me o fato, ando nua,
Na velhice ao tempo exposta,
Quanto mais encarquilhada
Mais a gente de mim gosta.

PROBLEMA

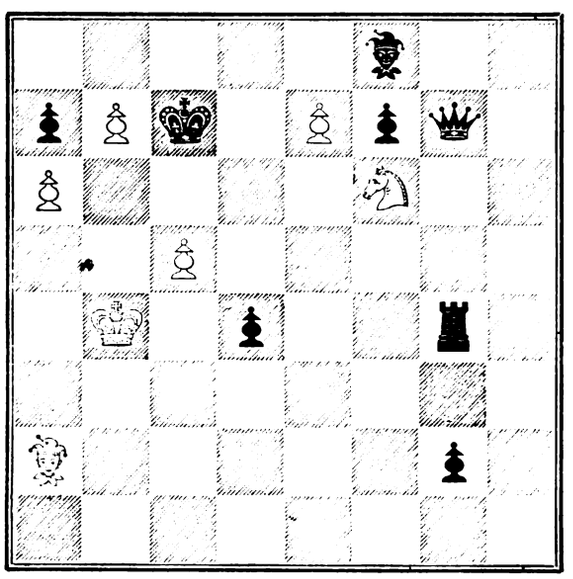
Pedro e Paulo vão ao encontro um do outro. Caminham uniformemente e com velocidades taes que o primeiro chega ao ponto d'onde parte o segundo quatro horas depois de se terem encontrado, e o segundo encontra o primeiro nove horas antes de ter chegado ao ponto d'onde parte o primeiro. Quanto tempo empregou cada um para fazer a sua viagem?

MORAES D'ALMEIDA

XADREZ

PROBLEMA N.º 13

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

LOGOGRIPHO

N'esta cidade d'Italia—1—7—3—5—2
Um sujeito, vi, potente,—3—4—6
Com uma fruta na mão—1—4—3—7
A correr mui diligente.—5—2—3

«Cá e lá, más fadas ha»
É proverbio conhecido,
Que tem aqui, podem crel-o,
Um logar mui bem cabido.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Popular.
2.ª—Alfaia.
3.ª—Notario.
4.ª—Novella.
5.ª—Antemeridiano.
6.ª—Cajá.
7.ª—Pomar.
8.ª—Arminho.
9.ª—Mariano.
10.ª—Magnolia.
11.ª—Operario.
12.ª—Corsario.
13.ª—Ovo.
14.ª—Odo.
15.ª—Raza.
16.ª—Ara.
17.ª—Siri.
18.ª—Mamador.
19.ª—Anglomania.

Das perguntas enigmaticas:

1.ª—Aguadeiro.
2.ª—Guilherme.
3.ª—Victor.
4.ª—Franco.

Do logogripho:—Sola.

Das adivinhas populares:

1.ª—Sobrescripto.
2.ª—Mordedura d'uma pulga.
3.ª—Uma rabeca.

Xadrez—Solução do 12.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. D. 2 B. D. cheque.	1. R. 8 T. D.
2. D. toma B. cheque e mate.	

Do problema:—O menor systema é o formado pelos pesos de 1, 3, 9, 27 e 81 grammas.

A RIR

No bengaleiro d'um theatro:
—Dê cá o meu casaco.
—O seu numero?
—Deve estar n'uma das algibeiras. Guardei-o lá dentro para não o perder.

UM DOMINÓ.

OS PECEGOS

(JEANNE-THILDA)

Ellas eram encantadoras, com os seus rostos frescos e os seus cabellos frizados, cahidos em cima dos olhos, radiantes de alegria: quinze a vinte annos, todas cinco; corpetes, desenhando contornos de esculptura, e vestidos elegantissimos, modelando fórmas promettedoras.

Clara era a mais bonita, com a sua cintura delgada, o seu busto flexivel e os seus olhos negros, dardejando raios perturbadores: na alvura da cutis, a bocca resaltava como uma cereja madura; os cabellos, castanhos e russos, voavam caprichosamente em torno da fronte pura e branca como uma açucena.

Tinhamo-nos reunido, rapazes e raparigas, em casa de minha tia de Greysey, para assistirmos ás vindimas; riamos e devastavamos o jardim o o pomar, desde pela manhã até á noite

Eu era o mais judicioso; acabava de completar vinte annos!

*

Clara, porém, fazia-me andar a cabeça á roda: escrevia versos, que lhe dedicava, e entregava-lh'os durante a cabra cega: ella res-

Digitized by Google

pondia-me em prosa, snpplicando-me que fosse rasoavel e que não precipitasse os acontecimentos; era provavel que seu pae não consentisse no nosso casamento, visto eu estar ainda no collegio. Jurei ao meu idolo que havia de conquistar uma posição no menor espaço de tempo possivel; ella certificou-me que me esperaria.

Dois dias antes das vindimas, encontrei-me com Clara no pomar; só os dois, que jubilo! disse-lhe todas as ternuras imaginaveis, e ella abandonou-me a sua mão, que cobri de beijos.

De repente, Clara soltou uma exclamação.

—Oh! Frederico, que excellente pecego! Se nós o comessemos?

E indicava-me com o gesto um enorme pecego aveludado, um d'estes soberbos pecegos que figuram nos velhos quadros hollandezes.

Em menos de um segundo, colhi o pecego e offereci-lh'o. Ella comeu-o deliciosamente, cravando os seus dentinhos brancos na polpa do fructo, e desviando o corpo para preservar o vestido do succo que lhe escorria por entre os dedos. Agarrei-lhe nas pequeninas mãos carnudas, e ella sujou-me a bocca, córando e rindo.

Inesperadamente, uma phrase indignada vibrou ao nosso lado; voltámo-nos: Clara empallideceu: eu perdi o sangue frio e balbuciei palavras entrecortadas; o pae, o terrivel pae d'aquella que eu amava, travou-lhe do braço e com voz trovejante disse-lhe:

—A menina torna já hoje para o convento!

Depois, voltando-se para mim:

—Quanto ao senhor, vou immediatamente prevenir sua tia e contar-lhe as bonitas scenas que se passam em sua casa!

Implorei o inexoravel, diligenciei commovel-o, pedi-lhe a mão de Clara: não quiz attender nenhuma das minhas rasões; conforme dissera, levou a filha n'essa mesma tarde, a despeito das lagrimas da minha querida Clara, que não tornei a ver antes da partida.

Minha tia, que tinha feito vista grossa, mas que difficilmente retinha o riso quando lhe fallavam do escandalo do pomar, reenviou-me para o collegio, chamando-me: «Faublas!»

Algum tempo depois, constou-me que Clara, tão infeliz como innocente, tinha sido arrastada ao altar e obrigada a desposar um abastado industrial, homem grosseiro e brutal.

Com a morte na alma, concluí os meus estudos e formei-me em direito.

*

A lembrança de Clara resvalou para o fundo do meu coração e ahi permaneceu. Durante muito tempo, vi-a, com os seus bonitos olhos fulgurantes e a sua figura esbelta, de uma ondulação voluptuosa. Essa recordação de creança era a poesia da minha vida, e eu aspirava-a como uma flôr murcha, usada por um ente querido e ausente; por vezes, humedeciam-se-me os olhos quando ouvia pronunciar o nome de Clara.

Os annos fugiam; decorreram vinte e cinco annos depois do idyllio do pomar; cedendo ás instigações da minha familia e dos meus amigos, pedi a mão de uma menina bonita e rica; chamava-se Emilia e assemelhava-se um pouco a Clara. O casamento fixou-se para d'ali a seis semanas.

Alguns dias depois, parti para Fontainebleau, chamado pelos encargos da minha profissão. Acabava de tomar logar em um wagon, quando vi entrar um ruidoso e burlesco casal: um homem, de aspecto plebeu, puchava por uma mulher enorme, que fazia esforços desesperados para conseguir transpôr o estribo.

O homem ria e gritava-lhe:

—Upa! upa!

A robusta matrona veiu cair pesadamente sobre as almofadas do wagon. Os seus cabellos grisalhos enquadravam uma cara de lua cheia, onde apenas se viam os olhos, enterrados no tecido adiposo: a gorducha ria, mostrando os dentes ainda brancos.

Continuei a ler o meu jornal, observando, a espaços, os grotescos conjuges.

No meio do caminho, a obesa matrona poz-se a comer pecegos; devorava-os avidamente, atirando os caroços pela janella.

Atravessou-me o espirito a recordação da amavel Clara; ella adorava os pecegos, a formosa creança!

Fui arrancado á minha meditação por uma retumbante gargalhada: a nutrida viajante olhava para mim, lançava exclamações e ria-se cada vez mais.

—E' possivel que o sr. Frederico não me conheça?

—Perdão, minha senhora, repliquei admirado, mas não tenho essa honra...

—Sou Clara, a Clarinha, com quem o senhor queria casar.

Um raio, cahindo no wagon, não me teria causado maior impressão: empallideci, perdi o sangue frio; julguei que o coração se me dissolvia no peito.

—Estou um pouco mudada, accrescentou ella, notando a minha perturbação, engordei muito, não che parece? Que quer, tenho cinco filhos: o tempo não passa de balde: apesar de tudo, como viu, continuo a gostar de pecegos.

A mulher e o marido riam ás gargalhadas. Acabavam de destruir o meu pobre sonho de mocidade, que fugia, batendo as azas, repellido pelo riso alvar d'esses dois grotescos.

O idyllio desmoronava-se, esmagado pelo ridiculo. Quiz amaldiçoar o destino, e a voz morreu-me na garganta.

Chegámos! Clara estendeu-me a mão, que apertei machinalmente; balbuciei algumas palavras, em resposta ao marido, que me convidou a ir caçar nas suas terras.

Entrei na primeira casa que se me deparou e pedi papel e penna. Escrevi ao pae da minha futura: não me recordo o que lhe disse; fallei-lhe, segundo presumo, da minha saude, da minha fortuna compromettida, da minha partida para Valparaiso, que sei eu? Concluí affirmando-lhe que o projectado casamento com a filha não podia realisar-se.

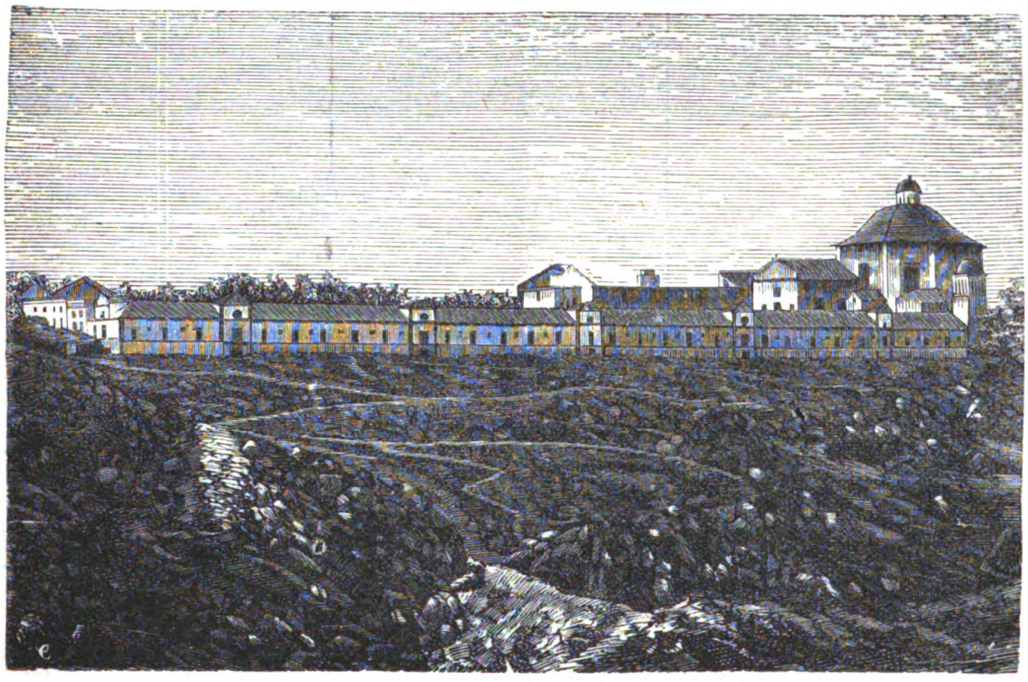
Emilia parecia-se com Clara! Vi-me, no futuro, içando para o caminho de ferro uma mulher enorme, a quem eu gritava:

—Upa! upa!

Ella comeria na minha presença pecegos, pecegos aveludados e aromaticos! Horror!

Se as mulheres soubessem, não envelheceriam nunca: inconscientemente, commettem um crime, destruindo as illusões do passado!

ESMERALDA.



CONVENTO DA SERRA DO PILAR

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 20 de outubro de 1884 — Numero 17

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G Torresão; J, C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Na rua da amargura*, soneto, por Sergio de Castro.—*O uniforme dos deputados*, por Pinheiro Chagas.—*As mães*, versos, por Guilherme Braga.—*As nossas gravuras*.—*Nunquam flebilis*, soneto, por Thomaz Ribeiro.—*Em familia*, (*Passalempos*).—*Um conselho por semana*.—*Um idyllio mallogrado*, por Guiomar Torrezão.
GRAVURAS.—*Curiosas!*—*No verão*.—*Tempos que já lá vão*.—*O toureiro picador*.—*Hospital Real de Santo Antonio, no Porto*.

CHRONICA

Nã sabes queridissima leitora?

Talvez não, e vou dizer-t'o, sentindo esvoaçar-me pelo espirito uma sombra de tristeza:—morreu Eduardo Coimbra, o delicado poeta que te apresentei ha dias, aqui, n'este mesmo logar onde hoje venho fazer o triste registro d'uma saudade pungitiva.

Os *Dispersos* foram o derradeiro lampejo da sua vitalidade prestes a extinguir-se. A pobre creança, preadivinhando o avisinhar sinistro da morte, congiobou n'um livro todas as canções da sua adolescencia, entreteceu, com as flores do seu bello talento de poeta, um pequenino *bouquet* exuberantissimo de perfumes, e deixou depois pender a fronte livida no regaço frio do tumulo.

Aquella boa alma não quiz erguer o vôo para os paramos incommensuraveis do desconhecido sem pagar ao amor materno uma divida sagrada. A mãe deralhe os primeiros beijos, elle deu-lhe em troca os seus primeiros versos, que foram tambem os ultimos. E ficaram as contas saldadas.

Ella recebeu em herança um ramilhete cujo aroma não se dissipará nunca; elle foi completar os seus dezesete annos á cova onde dorme, levando na face desbotada o precioso orvalho inextinguivel dos osculos maternos.

Pobre creança e desventurado poeta!

=Debalde tu me pedirás hoje, leitora, que seja expansivo e alegre. Em vão este claro sol quasi primaveral, que inunda a jorros o ambiente onde trabalho, me incita, com as suas caricias quentes, a des-

CURIOSAS! (Quadro de H. Bource)

Digitized by Google

cerrar os labios n'um bom sorriso denunciador de jubilos ineffaveis.

Sinto-me propenso para a mais estupida das tristezas. Hoje não sou eu que dirijo a penna pelo papel fóra, conscientemente, despreoccupadamente; é a penna que me dirige, que me governa, que exerce sobre mim o seu despotismo tyrannico.

A malvada arrasta-me no pendor da sensaboria, empurra-me para o caminho tortuoso e desflorido dos logares communs. Quero protestar, mas os diabinhos azues, que saltitam em dansa macabra no meu espirito doente, riem-se do protesto e dizem á penna mofina que não se detenha na emissão d'umas banalidades insipidas como chá morno, soporiferas como dormideiras.

Seria por ter iniciado esta minha palestra semanal fallando d'um morto? Quem sabe!

Mas tu bem comprehendes que não devo cansar-te a paciencia discreteando sobre a questão dos caminhos de ferro do Norte e Leste ou sobre a ultima crise ministerial. São assumptos aridos que a politica absorve, explora e commenta, ao sabor das suas paixões multiplas e variadas. Arrancar aquillo aos dominios do artigo do fundo palavroso para o vir transplantar no canteiro da chronica incolor e eclectica, é como que trazer uma planta dos sertões africanos para os jardinsinhos anemicos de Lisboa.

Que te importa, a ti, que os accionistas portuguezes levem de vencida os seus collegas da França republicana? Em que pode interessar-te a substituição d'um governador civil, ou o cavaco somnolento de uma reunião de conselho de ministros realisada alta noite em Pedrouços, pelo cantar do gallo, quando o Tejo adormece, mansamente sob os oculos do luar e as formosas banhistas dormitam, tambem, como elle, sonhando com o beijo das aguas crystalinas que a sua epiderme assetinada recebera na vespera?

A patria não periga porque os conselheiros d'Estado noctambulos se reuniram a deshoras nas praias.

A tua mocidade em flor não emmurchece, cara leitora das minhas pobres chronicas doudejantes, pelo simples facto de se ter demittido um magistrado administrativo.

A tua consciencia limpida e pura como um arminho não se revolta, expandindo tempestades, contra as administrações preteritas, presentes e futuras d'uma companhia de caminhos de ferro.

Deixal-os lá digladiarem-se á vontade, e tu não procures nunca saber o que ha de mysterioso n'essas contendas grotescas. Diverte-te pelos theatros, doudeja pelo Colyseu, e não arrisques o teu pésinho *cambré* nos meandros da politica. Olha que é perigoso...

=Diz-se que já não vem a Judic.

Receiosa de passar fomes e de soffrer mil torturas no lazareto de Marvão, como lhe aconteceu no de Irun, a bella *Lili* não quer, segundo consta, aventurar-se a nova quarentena.

Por mais que lhe acenem de Lisboa com *ottomanas* de veludo, colchões flaccidos de sumaúma, pasteis do Côco, *foie-gras* fresquinho, loiça das Caldas, queijadas da Sapa, marmelada d'Odivellas e chouriços de Portalegre, a medrosa Judic põe os pés á parede e faz uma figa torta á patria d'Anna Brites.

Chovem telegrammas convidativos e a bella franceza, moita. Enviam-se parlamentarios officiosos a Madrid, e nada. Fazem-se tentativas desesperadas, e zero. Tentam-se esforços sobrehumanos, e a *diva* não se commove.

Até houve já quem se offerecesse generosamente para lhe ensinar o *corrid'nho* nacional na fronteira, mas nem o fado a seduziu!

Se até ao dia 27 as quarentenas não forem supprimidas, se ao ceu clemente não aprouver passar uma esponja sobre o cholera do reino visinho, adeus *Mam'zelle Nitouche*, adeus *Femme à Papa*, adeus Judic!

=Seguindo as pizadas da formosa *estrella* do *vaudeville* parisiense, tambem a *prima-donna* Coppea não quiz arriscar-se a vir para S. Carlos. Rescindiu o contracto já firmado, aquella festejada summidade artistica, e enviou lá de longe, a Campos Valdez, um *buona sera* frigidissimo, assim como quem diz:—governa-te!

E o caso é que, por este facto apparentemente simples, já não abre no dia 29 o theatro lyrico.

A raça das Judics e das Coppeas está destinada a ser o *cauchemar* das nossas empresas theatraes.

Raça mofina!

=Em vez de começar este singelo artigo registrando coisas funebres, deveria, talvez, tel-o iniciado por uma saudação profunda á gentilissima princeza cujo anniversario natalicio o paiz inteiro festejou ha pouco.

A chronica porém, não dispõe de flores que bastem para desfolhar diante d'aquella veneranda estatua da Caridade e da Virtude. Limita-se a pronunciar lhe, com entranhado respeito, o nome cheio de harmonias suaves, e a beijar-lhe a mão generosa, com a mais sincera das admirações.

CASIMIRO DANTAS.

NA RUA DA AMARGURA...

Oh! minha doce irmã, quem me diria,
A mim, que retratei a tua imagem,
Que no correr veloz d'esta viagem
Sem te reconhecer te encontraria!

Dizem-me seres tu! Serás, Maria?
Mas então, immensissima voragem
Te arrebatou, faminta, na passagem,
Á eterna primavera de alegria!

O mesmo mar, bem vês; o mesmo ceu,
Aquelle que nos viu, nos conheceu
A crêr na flor azul—de nome esp'rança...

Só tu mudaste, minha pobre irmã!
Poder cruel fez noite essa manhã,
Alma toda de luz, triste criança!

SERGIO DE CASTRO.

O UNIFORME DOS DEPUTADOS

A camara dos deputados em 1826, ao elaborar o seu projecto de regulamento interno, deliberou que os seus membros tivessem uniforme e que esse uniforme fosse o seguinte:

Artigo 95.—O uniforme dos deputados será da fórma seguinte: casaca de panno azul com a gola e canhão bordados de quinas e castellos de prata e botões brancos lisos; colete branco não havendo luto; calças azues justas e botinas; chapeu armado com laço azul e encarnado e presilhas de prata, sem espada.

Era um uniforme como outro qualquer, mas José Antonio Guerreiro, como relator, entendeu que devia justificar este artigo do projecto, e escreveu um periodo, que deita a barra adiante ás proposições mais gravemente burlescas que Henry Monnier poz na bocca do seu famoso José Prudhomme:

«Um uniforme especial inculca aos outros o respeito devido ás altas funcções de quem o traz; indica a este continuamente os seus deveres; e no uniforme proposto a popularidade do feitio unida á respeitavel significação da bordadura mostra como a fortaleza do throno é a melhor garantia da liberdade da nação!»

Que symbolismo se pode encerrar n'umas calças azues e n'um chapeu armado!

«A popularidade do feitio unida á respeitavel significação da bordadura», eis o que symbolisava a casaca azul! Calças azues—a liberdade da patria. Chapeu armado com presilha de prata—a fortaleza do throno. A casaca era a popularidade, os bordados da gola eram a respeitavel significação.

—José, diria um deputado, escova a minha popularidade!

—Maria, exclamaria outro, a liberdade da patria precisa de uns fundilhos!

—Uma presilha nova para a fortaleza do throno!

Quando os deputados despiam o colete branco, esqueciam-se immediatamente dos seus deveres!

Muitas vezes, á noite no theatro, n'uma sala, em ardente conversação politica, succederia dizer-se a alguns deputados: Lembrem-se dos seus deveres, representantes da nação.

E elles, largando tudo, correriam a casa, e em ceroulas, enfiando as calças azues, diriam para as esposas, inquietas, que lhes perguntariam o motivo de tanta azafama:

—É para me lembrar dos meus deveres. Estava agora com o Chico Menezes, e elle perguntou-nos pelos nossos deveres. Não nos lembrámos nem á mão de Deus Padre! Pois se nós estavamos sem uniforme! O uniforme, como diz muito bem o José Antonio Guerreiro, serve para nos lembrarmos dos nossos deveres.

—O que! diria alguma das esposas menos patrioticas. Tu para te lembrares dos teus deveres, vestes as calças azues, e pões um chapeu armado! Nunca, sr. Simplicio, nunca! Vou pedir a separação.

O debate, que se travou depois na camara, a proposito d'este assumpto, foi divertidissimo. O artigo 30 do regimento dizia:

«Nenhum deputado pode assistir á sessão sem estar vestido com o uniforme de deputado, ou com habito talar se fôr ecclesiastico.»

Revoltou-se contra este despotismo, na sessão de 21 de novembro de 182 , o deputado Rodrigo de Sousa Castello Branco:

«Não temos obrigação, dizia elle, de obedecer ao que a camara mandar, saindo do fim para que aqui nos congregamos; não nos pode prescrever o modo de passeiar, de comer, etc., e n'esta ordem julgo eu incluso o de vestir.»

E, depois de se indignar contra esta imposição tyrannica de um uniforme, depois de declarar que não admittia que a camara lhe podesse prescrever o modo como havia de se vestir, mandava para a meza uma proposta para que os deputados fossem á camara vestidos com casacas pretas, coletes pretos, etc. Para um homem que não queria que a camara determinasse o modo como

Digitized by Google

os deputados se haviam de vestir, não deixamos de achar curiosa a proposta.

Então levantou-se Luiz José Ribeiro, que foi depois barão de Palme, e fez a seguinte observação perfeitamente extraordinaria:

«Os deputados não precisam de vestidos para ter maior prestimo»!!

Se se compenetrassem d'essa maxima todos os deputados, e quizessem mostrar o prestimo que tinham, sem essa superfluidade das vestimentas, deviam ser curiosas as sessões da camara.

Foi isso o que parece que assustou Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento, porque se levantou logo para observar que «emquanto á assistencia ás sessões é muito de julgar que os srs. deputados hão de vir com a decencia que é de esperar de quem tem a honra de entrar n'este recinto.»

A cautella não deixava de vir a proposito, depois da affirmação um pouco arriscada de Luiz José Ribeiro. Mas o melhor de todos foi Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, depois visconde de Villarinho de S. Romão, que, para mostrar a conveniencia de terem os deputados chapeu armado, presilha e calças azues, recorda gravemente o que tinham feito os egypcios, os gregos, e os romanos. Cita, para mostrar as vantagens do uniforme, a impressão produzida nos Gallos de Brenno pelos senadores romanos, que se tinham sentado, de chapeu armado e casaca, nas suas cadeiras curúes á entrada do Capitolio. Cita á camara estupefacta o caso de Papirio. Lembra, com uma erudição assombrosa, o effeito produzido em Attila por S. Leão, que foi ao seu encontro de chapeu armado tambem, e emfim, arrastado por um impeto oratorio, exclama que Cicero e Catão usavam tambem casaca azul ou coisa equivalente, e que era portanto necessario um uniforme que dissesse aos deputados a cada instante: «Lembrai-vos, senhores, que milhares de homens confiam de vós os seus mais sagrados interesses; fazei por ganhar um nome illustre, unico bem que os tyrannos jámais poderão roubar-nos e que o tempo respeita, apesar de roer os bronzes e os marmores.»

O que os chapeus armados diziam n'aquelle tempo!

Mas, depois d'esta *tirade*, o futuro visconde de Villarinho de S. Romão muda de tom, e termina d'esta fórma o seu discurso, que principiára com Papirio e Attila:

«Agora o ponto sobre que eu quero chamar a attenção da camara é este. Nós estamos no inverno, temos de ir a muitas deputações, e o vestido de seda, que se usa, não só nos expõe ao risco de morrer de frio, mas provoca o riso n'esta estação; se, pois, o artigo não passar, devemos arranjar algum outro que concilie a decencia com a saude; póde ser de veludo ou coisa semelhante; porque na verdade não tem graça nenhuma morrer gelado: é melhor viver para colhermos um dia os fructos sazonados da bella arvore da liberdade.»

Girão queria ser heroe, como os senadores romanos, mas heroe abafadinho. E' claro que, se as vestes senatorias de Papirio não eram de flanella, e se Brenno entrou em Roma no inverno, escusavam de contar com elle para a scena do Capitolio. Heroe quanto quizessem, mas nada de constipações.

Afinal este grave debate concluiu com as seguintes palavras de João Henriques do Couto.

«Se o uniforme não caracterisasse o homem, seria inutil que os clerigos, os bispos, etc., fossem vestidos de outra maneira; por conseguinte voto pelo uniforme para caracterisar.»

Concordaram os illustres deputados que se deviam todos caracterisar, e votou-se o uniforme, proposto com tão graves razões por José Antonio Guerreiro.

Esta discussão é que já é por si, devemos confessal-o, bastante caracteristica.

PINHEIRO CHAGAS.

AS MÃES

Oh santas que embalaes os berços das crianças,
E assim lh'os revestis de floreaes esperanças;
Que andaes sempre a cuidar das almas por abrir,
E a verter-lhes no seio o germen do porvir!
Sois vós, que pela mão, da gloria á vida inquieta
Levaes em vosso filho, um pallido propheta,
Que é Newton ou Petrarcha, Angelo ou Raphael,
Com o pincel e a penna, o compasso e o cinzel,
Fazendo enobrecer quem lhes seguir o exemplo!
Sois vós que o conduzis ao portico do templo
Onde o porvir coróa os genios immortaes,
E mal chegadas lá de todo o abandonaes,
Sem aguardar sequer, nas sombras de uma arcada,
A grande acclamação que festeja a entrada!
E modestas que sois! Tornaes a vosso lar
E só vos contentaes em vel-o atravessar
Coroado de laureis a fronte scismadora,
Um arco triumphal que o cerca d'uma aur'ora.
Mas nós, cabeças vãs, escravos do amor,
Andamos a dizer: «Beatriz! Leonor!»
E o nome vosso, oh mães, não lembra um só instante.
Quem sabe o nome vosso, oh mães de Tasso e Dante?
Oh santas! por isso lá tendes o Senhor
Que vos cobre de luz, de bençãos e de amor,
Fazendo abrir ao sol as vossas esperanças!
Oh santas, embalae o berço das crianças!

GUILHERME BRAGA.

AS NOSSAS GRAVURAS

CURIOSAS!

Tão curiosas como as mulheres só conhecemos as creanças, mas quer-nos parecer que as primeiras levam grande vantagem sobre as ultimas.

Vejam aquellas duas lalinas moçoilas da nossa estampa, e digam-nos se nos seus rostos alegres não está pintada a curiosidade.

Uma espreita pelas frestas do tapume, deliciando a vista na contemplação indiscreta do que lá vae por dentro. A outra está impaciente por que a companheira largue o poiso e lhe ceda a vez; denuncia já, n'um sorriso fresco, o antegozo d'alguma scena d'amor devassada, d'algum pequenino escandalo descoberto...

O demonio é que a mais curiosa, a que espreita, não quer abandonar o posto, nem parece muito resolvida a desprender os olhos do que está vendo.

Verdade seja que depois vae contar á companheira tudo quanto desfructou, mas do visto ao pintado a distancia é enorme: por mais naturalista que seja a narrativa, grande coisa é poder dizer:— eu vi.

Mas, afinal, o que despertará tamanha curiosidade? Algum idylliosinho amoroso colhido em flagrante? Iamos apostar que sim.

NO VERÃO

Temos por cá d'estas bellas paizagens, sem precisarmos de ir contemplal-as aos campos da Suissa pittoresca ou da França arrebicada.

Até parece que o bello quadro de Deiters foi copiado das formosas campinas da Beira, n'um dia quente e claro de agosto, quando o sol cae a prumo na espessa folhagem dos castanheiros e põe scintillações movediças na superficie crystalina dos regatos.

TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO

Bellos tempos na verdade!

Aquellas gerações já de todo extinctas não eram corroidas pela doença da moda hodierna—a pallida anemia que ahi vae gastando a geração nova sem sangue nas veias nem vigor nos nervos cansados.

Usavam-se, então, *toilettes* grotescas, é certo: vestidos multicores de cintura á boca, e toucas incommensuraveis com folhos caprichosos de rendas caras.

Se agora vissemos, por essas salas do grande mundo, o estravagantissimo vestuario d'aquella respeitavel velhota que se delicia na audição dos accordes do cravo, teriamos talvez para ella um riso de mofa.

Em compensação ella rir-se-ia da pallidez chlorotica dos rapazes de hoje, teria chascos justissimos para as velhices precoces que ahi pullulam, mostrando-nos o vigor dos seus oitenta invernos muito mais sadios que as nossas trinta e tantas primaveras.

Bellos tempos eram aquelles, repetimol-o. Se então existissimos, estariamos hoje, seguramente, muito mais avançados em annos, mas muitissimo mais novos no aspecto.

O TOUREIRO PICADOR

Prepara-se. D'aqui a pouco apparece o primeiro touro na praça, e elle quer estar lá para se embriagar com as palmas do publico e com o cheiro do sangue.

Morrera mais um cavallo nas hastes do animal, mas o toureiro não pensa n'isso. Que lhe importa?

Nasceu em Sevilha, a patria do pundeiro e das touradas, e continua a dedicar o mesmo respeito á aquella tradição de familia, que é um dos habitos nacionaes—*Á los toros!*

E lá vae, alegre, enthusiasmado, todo ufano com o seu traje de cores variadas, espreitado do sobresalto da mulher, que o ajuda a vestir e que fica em casa, talvez afflicta, angustiada, n'uma anciedade que a despedaça, que a mortifica!

E depois, quem sabe?

Ella é andaluza, e as andaluzas adoram os perigos.

HOSPITAL REAL DE SANTO ANTONIO NO PORTO

Como é geralmente sabido, a confraria da Misericordia foi estabelecida em Portugal pela rainha D. Leonor, viuva de D. João

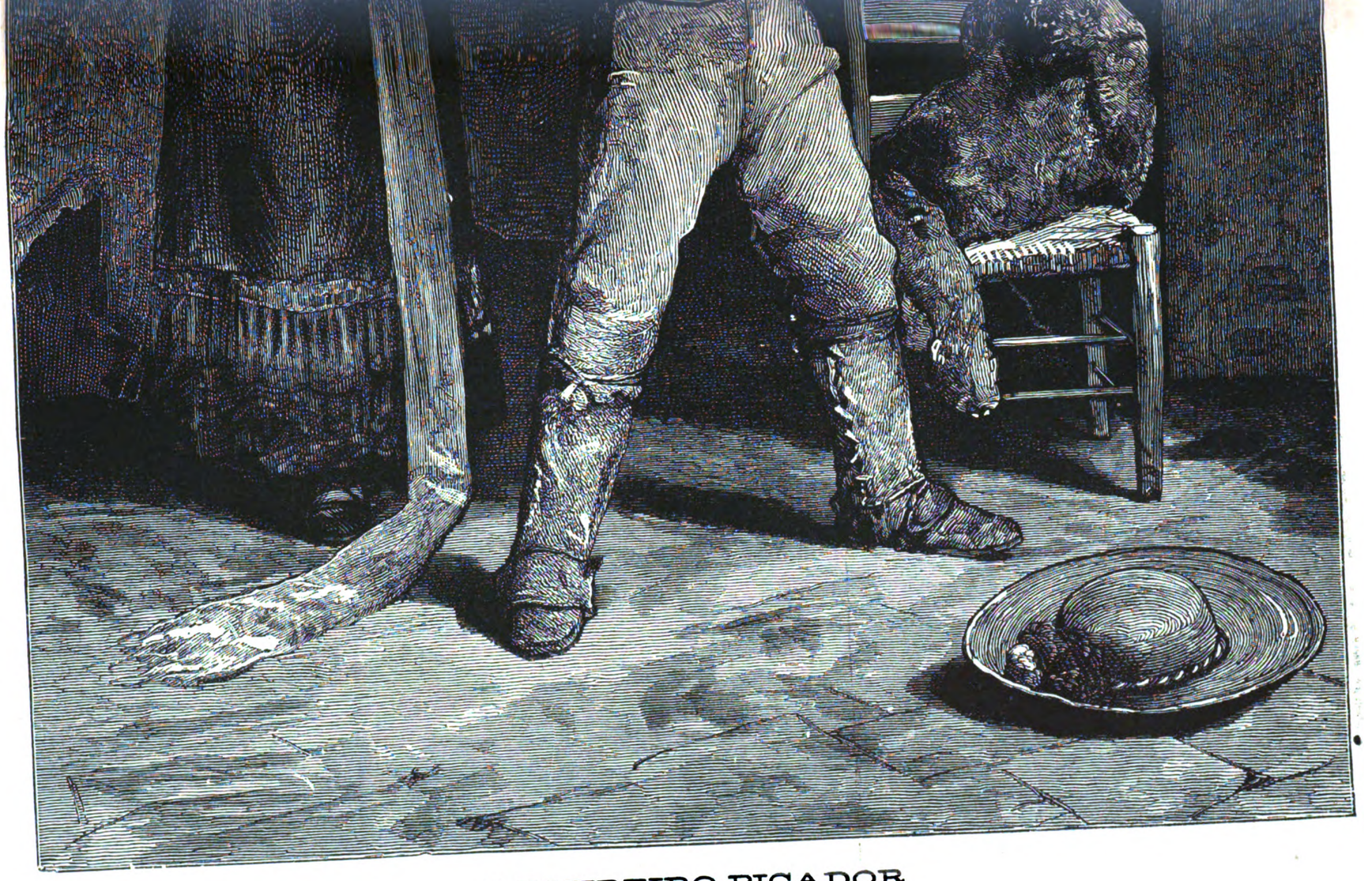
Digitized by Google

NO VERÃO (Quadro de H. Deiters)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google



O TOUREIRO PICADOR

(Desenho de L. Jimenez)

Digitized by Google

Digitized by Google

TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO (Quadro de Bakker Korff)

Digitized by Google

II, e o primeiro hospital d'esta confraria que houve no Porto era vulgarmente conhecido por *Albergaria de Roque Amador*, e achava-se em parte da rua das Flores. Em 1769 principiou-se a edificar, no sitio da Cordoaria, o novo hospital, para o qual o ecclesiastico lisbonense, D. Lopo de Almeida, deixou a maior parte dos seus haveres.

Este hospital, segundo o primitivo risco, devia ser quadrangular, mas como a hygiene reprove inteiramente o risco primitivo, as mezas e administradores hão continuado o edificio sem todavia alimentarem o proposito de completal-o tal como elle saiu da mente do architecto.

O aceio e caridade com que se tratam os doentes n'este hospital não são recommendações menores que a grandeza do edificio.

O hospital real de Santo Antonio tem uma excellente lavanderia a vapor.

NUNQUAM FLEBILIS

Nunca choras mulher! Sempre o teu rosto
formoso como um sonho de Ticiano,
ha de esconder esse tremendo arcano
que te consome a vida em tal desgosto!

Nunca! pois nunca, ó divinal composto,
vagando a beira do saudoso oceano,
perla d'amor, em teu martyrio insano,
beijar-te vem ás horas do sol posto!?

Ai! chora uma só lagrima na vida!
a gota rosi-argentea das auroras
caia em tua alma triste e resequida!

A's tuas negras, ermas, crueis horas,
desça orval o do ceu! Chora querida!...
Tenho medo de ti! porque não choras?...

THOMAZ RIBEIRO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

P. DOS S. M.—Lisboa.—Perdoe, pelo amor de Deus, mas não pode ir nenhum dos tres *sonetos*, o que sentimos. Aquillo nem chega a ser verso.

INDISCRETO.—Lisboa.—As suas charadas apresentam o grandissimo inconveniente de não ter conceito.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Em Roma vôa esta ave—2—2.

Em casa não existe esta medida—1—2.

CARLOS HELIOGÁBALO.

Este deus suspende uma fera e um nome—1—1—2.

Está no convento este apellido e no jardim—2—2.

Esta lettra é bella por ser nome de mulher—1—2.

Este apellido no corpo é um embuste—1—1.

No campo e no jardim vejo esta planta—2—2.

Anda esta ave por ser uma joia—1—2.

MIGUEL TH. DOS SANTOS.

Na musica este jogo é moço de egreja—1—2.

Conheces esta senhora e esta mulher? Pois olha que é uma mulher.

J. J. DA COSTA.

Antes de morta não diz a verdade—2—2.

J. P. L. TRINTA.

TELEGRAPHICAS

A's direitas na habitação, e ás avéssas no exercito—2.

A's direitas adverbio e ás avéssas circulo—2.

A's direitas planta e ás avéssas nome de mulher—2.

A's direitas come-se e ás avessas é animal—2.

A's direitas e ás avéssas não se pergunta ás senhoras—3.

MANUEL CUSTODIO RAMOS.

EM VERSO

Pelo mundo sempre errante,
Carpindo a sorte maldita,
Aos povos ia mostrando
A raça cosmopolita—3

Mas um garoto da rua,
Ao vel-a assim humilhada,
Da pobreza escarnecia
Em continua gargalhada.—2

Quando, porém, a mulher
Se mostrava lacrimosa,
O garoto a recebia
Em zombaria acintosa.

A. DINIZ CAVALLEIRO.

ADIVINHAS POPULARES

Eu ando leguas n'um pé,
Tenho estrada em toda a parte,
Mas o sitio onde m'escondo
Não descobrio inda a arte.

Uns appetecem-me fraco,
Outros desejam-me forte,
O afoito que me não teme
A' vezes entrego á morte.

Sou muito desarranjado
E nada sei arrumar,
Antes deixo muitas coisas
Por fóra do seu logar.

Não sou negra de Guiné,
Nem vim da Costa de Mina,
Sou uma preta creoula
De estatura pequenina.

De calida nada tenho,
Ser fria é meu natural,
E por isso com meu sangue
Sei atalhar certo mal.

Tenho uma mãe muito farta,
Tão boa condição tem
Que, depois que cria os filhos,
Dá sustento a mais alguem.

LOGOGRIPHOS

(POR LETTRAS)

Usa-se—6—7—8—8—11
Nome—3—10—5—11
Rio—9—4—3—7
Toca—1—2—9—7

Toma cuidado, leitor
Olha que é enganador.

HOPE.

A' intriga eu dou começo—4—9—3—6—10
E no campo é meu lugar;—2—8—9—10
D'inverno sempre appareço,—1—9—5—7—3—9—10
Porém, depois do jantar.—6—2—8—10
Peço que, n'este mercado,—1—7—5—9—10
Não excitem meu rancôr;—5—9—10
Com bom methodo empregado,—10—9—4—7
Faz assim quem sente dôr.—10—3

Digitized by Google

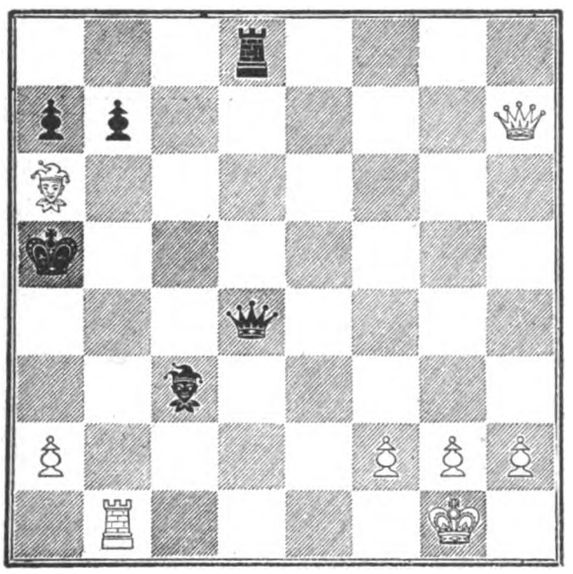
Se fôr bem velha
E repellente
Tem muita telha
Toda essa gente
Que, mostrando ser parva e alvar,
Em mysterios a vá consultar;—
Mas, se fôr linda,
Joven, airosa,
De graça infinda...
Mui *saleroza:*
N'esse caso, até eu desconfio
Que a consulto... mil vezes a fio!

MIGUEL TH. DOS SANTOS.

XADREZ

PROBLEMA N.º 14

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão cheque e mate em tres movimentos.

PROBLEMA

Por quanto se comprou um cavallo que, vendido por 56 libras, deu por cento tanto de ganho quanto o cavallo custou?

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Fachina.
2.ª—Capote.
3.ª—Sacristão.
4.ª—Infanteria.
5.ª—Alimaria.
6.ª—Camaleão.
7.ª—Brigador.
8.ª—Loanda.
9.ª—Capacita:
10.ª—Aipo.
11.ª—Leopardo.
12.ª—Emilia.
13.ª—Rodo.
14.ª—Roma.
15.ª—Samora.
16.ª—Raul.
17.ª—Almaviva.

Da adivinha popular:—Castanha.
Do problema:—Pedro empregou 10 e Paulo 15 horas na viagem.

Xadrez—Solução do 13.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. P. 8 R. (pede cavallo—cheque)	1. R. casa D.
2. P 8 C. D. (faz D—cheque)	2. R. 2 R.
3. D. 6 D. (cheque e mate).	

Do logogripho:—Paremia.

A RIR

—Justina, vá fazer-me uma *omelette.*
—Mas senhor, não ha ovos...
—E' o mesmo, faça-a com qualquer outra coisa.

*

Celebrava-se um casamento, n'uma egreja de Lisboa, e o parocho fazia uma prédica á noiva, dizendo lhe:
—A mulher deve sempre seguir seu marido para toda a parte.
—Oh! senhor prior, interrompeu ella, isso é absolutamente impossivel, porque meu marido é carteiro.

*

—Então morreu-te um tio e não me disseste nada?!
—E' que está para morrer minha sogra, e queria dar-te de uma assentada, duas boas noticias.

*

Uma senhora muito nutrida escorrega no asphalto dos passeios da rua Larga de S. Roque, e cahe.
Felizmente cahio ficando assentada.
De volta a casa, manda chamar o dr. X..., que é um homem de espirito, e pergunta-lhe, mostrando a parte molestada.
—Doutor, acha que ficará signal que se veja?
—Isso depende de v. ex.ª

*

Cumulos da contradicção:
Um anão morar no alto do Longo.
Amanhecer no Valle Escuro.
A falta de uma botica na rua dos Remedios.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

LIMONADA GAZOZA

Assucar branco em pó.....	40 grammas
Essencia de limão...	2 gotas
Bicarbonato de soda.....	4 grammas

Mistura-se tudo, e para se fazer a limonada deita-se um pouco d'estes pós em uma garrafa quasi cheia de agua e junta-se-lhe 4 grammas d'acido tartarico. Rolha-se e agita se. Pela decomposição do bicarbonato de soda produz-se o acido carbonico, que dá á agua um sabor semelhante ao do *Champagne.*

UM IDYLLIO MALLOGRADO

A. M. L.

Foi por uma radiosa manhã de outomno que eu surprehendi o segredo d'aquelle idyllio.

Soprava uma viração aguda e fria, que se cravava na pelle como o bico acerado de um punhal.

O céo, luminoso e calmo, tinha a indolencia contemplativa de um visionario, que desfructa, estendido ao sol, a doçura inebriande um sonho.

Sentia-se no ar, de uma transparencia crystalina, de uma nitidez diaphana, a agonia mysteriosa do outono, cedendo o passo ás tumultuosas e devastadoras lutas do inverno.

No mar, chicoteado pela nortada, ondeavam grandes rolos de espuma, que coroavam o dorso azul das vagas, acenando de longe, como lenços brancos, agitados em um adeus convulsivo por mãos invisiveis.

O juncal, amarrotado pelo vento, desgrenhava-se, sacudindo no amplo espaço a cabelleira intonsa.

Ella veio passeiar para o terrado, exhibindo á luz do sol a gra-

Digitized by Google

ciosa fragilidade da sua figurinha delicada, de uma *coquetterie* diabolica.

Tinhamos travado relações logo desde o primeiro dia da minha chegada á aldeia.

Sempre que ella descia ao terrado, eu chegava á janella.

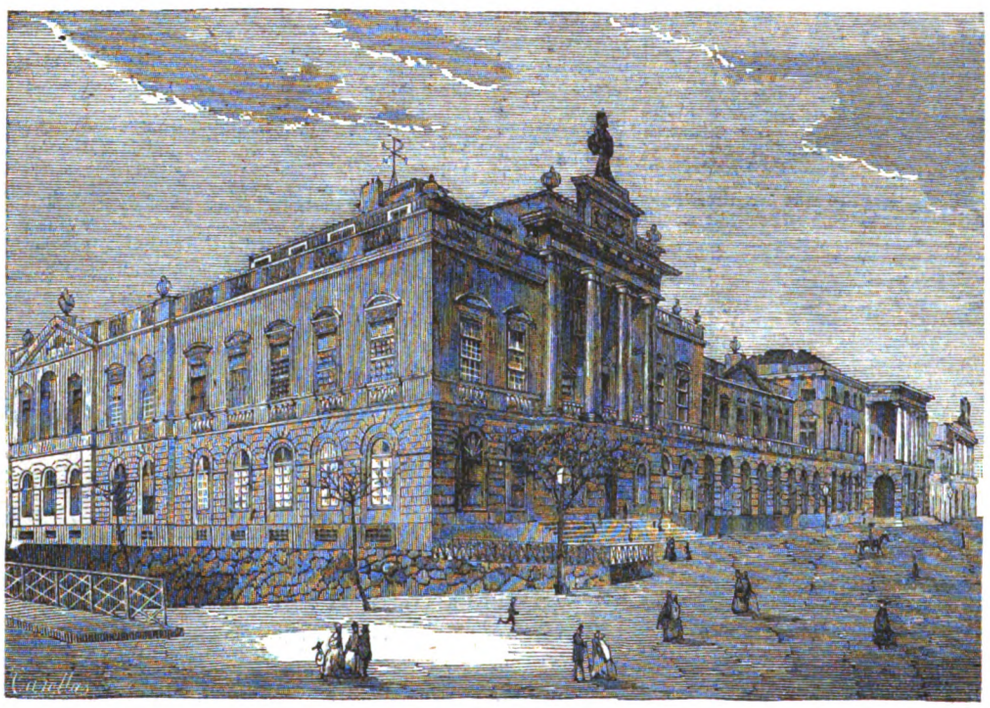
Dizia-lhe *bom dia*, e a *mignonne* comprimentava-me, agitando a cabecita airosa, fitando-me com as suas pupillas redondas e esmaltadas, como os olhos das japonezas.

Ás vezes, depois de jantar, offerecia-lhe parte da minha sobremeza: ella acceitava, com o silencio imperativo dos orgulhosos que se julgam dispensados de agradecer os favores recebidos.

O meu encanto, o segredo da minha sympathia, provinham exactamente do grande ar principesco da minha visinha, por quem eu me privava, sem hesitar, da mais succulenta pera e da melhor talhada de melão que me caiam no prato.

Não conversámos nunca, mas entendiamo-nos maravilhosamente.

A despeito do seu aspecto franzino, da sua etherea magreza á Sarah Bernhardt, da sua altivez desdenhosa, percebi que a minha visinha sentia, como poucos, o alcance philosophico e realista do célebre verso de Casimiro Delavigne:



HOSPITAL REAL DE SANTO ANTONIO, NO PORTO

«Et c'est par les diners qu'on gouverne les hommes.»

Conhecia as predilecções gastronomicas, mas ignorava totalmente quaes as predilecções affectivas que poderiam agitar o pequeno coração que batia n'esse corpinho alado.

Notára que a minha visinha andava quasi sempre só, desviando-se intencionalmente dos grupos ruidosos e conservando, no meio das companheiras que doidejavam, permittindo-se, em dialogos animados com os seus admiradores, familiaridades inconvenientes, a isenção de uma organisação superior, que reserva todos os seus thesouros para um ente escolhido.

A's vezes, ao cair da tarde, quando as outras cantavam ao desafio, rendidas ás seducções dos Lovelaces que lhe arrastavam a aza, ella fugia para o alto de um comoro, fronteiro á minha casa, e ahi, silenciosa, uma leve melancolia no olhar, envolvida na poeira luminosa que cahia do alto dos céos, as formas delicadas recortando-se no azul do espaço, assimilhava-se a uma d'essas figurinas ondeantes e fugidias, desenhadas por Doré, que se despregam da crista denticulada dos rochedos e desapparecem, engolfando-se nos mysteriosos nimbos...

Cheguei a desconfiar que a minha visinha usava meias azues: no dia em que essa suspeita me atravessou o espirito, comi a sobremeza toda, desde a colher de doce até á fatia de queijo, e não cheguei á janella.

Na manhã immediata, a divina manhã de outono, a que eu quizera, se possuisse uma lyra, dedicar um poema, uma surpreza esperava-me!

Ella, a fria, a soberba, a desdenhosa creatura, amava!

Deus meu! Como me senti feliz e disposta a sacrificar a sobremesa, desde o doce até ao queijo, ao adquirir a certeza que a minha visinha não estragava a ideal e branca pagina da mocidade, maculando-a com tinta de escrever.

Eis aqui como eu fiz a preciosa descoberta.

Ella appareceu no terrado, caminhando com o passito leve e subtil de uma pessoa que vae ao encontro da felicidade.

De repente, agachou-se na sombra projectada pelo comoro e de cabeça voltada para a vinha, onde o sol entornava ondas de luz sobre as vides, despojadas de uvas, alastrando na terra argilosa as folhas de um verde melancolico, esperou.

Cinco minutos depois, elle assomou glorioso á cancella da vinha, deu um pulo, sacudin na claridade triumphal da manhã, escorrendo em azul e oiro, a cabelleira reluzente, soltou a voz metallica, que vibrou como um timbre, percutindo a doce atmosphera matinal, e veiu cair-lhe aos pés.

Uma entrevista; era evidente!

Ineffaveis extasis de duas almas que se completam, divinas commoções de dois olhares que se cruzam, jubilos incomparaveis que se resumem no breve segundo em que a palavra *amor* desabrocha nos labios como uma rosa, e cahe na alma como uma perola, só o poeta que soube definir-vos poderá descrever o arrebatador idyllio, surprehendido pelo meu indiscreto olhar!..

Eu não ouvia o que diziam os dois namorados, perdidos na plenitude da felicidade, isolados no inaccessivel paraiso dos escolhidos; mas os seus gestos eram mil vezes mais eloquentes do que a palavra humana.

.....

Uma semana mais tarde, a aldeia, seguindo o exemplo dado pelo orbe catholico, festejava o dia de Todos os Santos.

Uma bruma alvacenta, como um sudario, envolvia essa funebre manhã, em que se esboçava vagamente a primeira estrophe da ballada dos mortos.

Um presentimento doloroso como um espinho, pungia-me o coração.

Abri a janella. Do céo baixo e cinzento, onde rolavam pezadamente, como enormes peças de artilheria, grossas nuvens prenhes de aguaceiros, caia uma chuva miudinha, impertinente, cuja humidade fria e lenta trespassava os ossos e chegava ao sangue, paralisando-o nas veias.

Procurei a minha visinha, chamei-a, respondeu-me a mudez do ecco.

Occorreu-me um expediente: imitei a voz do Romeo e esperei, palpitante.

O mesmo silencio!

N'essa occasião, um trovão estalou, resoando nas gargantas das serras e morrendo ao longe, com a vibração plangente do *De Profundis*.

Na escura tela das nuvens o relampago abriu um sulco de fogo...

Ouvi confusamente sinos que dobravam e vi passar, á luz esverdeada dos relampagos, dois cadaveres.

O coração não mente nunca!

N'essa mesma tarde, á hora em que eu encetava desoladamente a sobremeza, soube que a minha vizinha, degolada em holocausto á solemnidade do dia, jazia, embrulhada em canja, no estomago do padre prior, e que Romeo, córado e recheiado de *puré* de batata, fôra abrilhantar o jantar do sacristão.

GUIOMAR TORREZÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 27 de outubro de 1884 Numero 18

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*A vida americana*, por Pinheiro Chagas.—*Pulvis es*, soneto, por Guimarães Fonseca.—*As nossas gravuras*.—*Um conselho por semana*.—*Em familia*, (*Passalempos*).—*O da espada*, por D.

GRAVURAS.—*Margarida do «Fausto»*.—*Jogando a manilha*.—*Cá está elle!*—*Uma peixeira italiana*.—*Ponte de Vianna sobre o Lima*.

CHRONICA

Ora façam favor de se alegrar expansivamente, de condensar n'um sorriso fresco e alegre todas as passadas tristezas.

Preparem a sua mais garrida *toilette* festiva.

Calcem as suas luvas doze botões, do Benard, que se eriçam, no canhão, em pequeninas prégas graciosas.

Desenterrem do guarda-joias de crystal as perolas exhibidas no ultimo baile da viscondessa.

Ensaiem o penteado mais consentaneo com a deliciosa oval do seu rosto.

Recordem todo o francez aprendido nos conventos ou no collegio de *miss* Ciebra, e vamos a isto, que já não é sem tempo.

Ella humanisou-se, a diva, e á hora em que o nosso pequenino semanario fôr invadir-te o *boudoir*, como uma visita sem ceremonia, de familia, vender-se-hão, por alto preço, os ultimos camarotes da Trindade; haverá, em toda essa Lisboa pacata, um fremito de enthusiasmo; velhos e moços pronunciarão, enlevados, o nome sonoroso da Judic.

Percebeste logo que te fallava d'ella, é claro. Não te ia pedir *toilettes* de *damassé* e constellações de pedrarias para qualquer espectaculo banal, dos que tu, leitora, andas habituada a ver por ahi, cantados pelo côro do reclamo indigena.

Vem a Judic.

Desfizeram-se já todas as duvidas, apagaram-se definitivamente todas as incertezas.

O que os pasteis do Baltresqui e as tapeçarias do Gardé, enviadas para o lazareto de Marvão, não poderam conseguir, conseguiu-o, n'um abrir e fechar

MARGARIDA DO *FAUSTO* (Quadro de W. Lindenschmitt)

Digitized by Google

d'olhos, a effigie de Victoria *queen*, gravada n'uns pedaços d'oiro reluzente, que se chamam libras esterlinas.

«Com papas e bolos se enganam os tolos»—diz plebeamente o vulgo sentencioso. Judic, que não tem nada de tola, resistio ao creme e aos folhados baltresquianos, mas não poude mostrar-se forte quando lhe acenaram com o vil metal das grandes emprezas.

O que as golozeimas e os *bibelots* caros não fizeram, com todo o seu apparato d'assucares crystalisados e de jarras do Japão vistosamente floridas, fel-o o tinir estonteador do oiro de Freitas Brito.

Quatro centas e tantas libras mais de que as estipuladas primitivamente, tiveram o dom magico de amenisar os pezadissimos incommodos da quareutena. As difficuldades evolaram-se com a rapidez do relampago; os sustos do lazareto desappareceram ao contacto da ultima libra recebida; as agruras quarentenarias transformaram-se, como que por encanto, em deliciosissimos gozos.

Judic sente-se tão bem, tão commodamente, tão feliz, que até já dispensou a companhia do seu chronista Albert Millaud.

Uma bella manhã, ao saborear o créme de baunilha enviado pelo seu contractador de Lisboa, depois de ter já mettido na bolsa a quantia exigida no derradeiro convenio, Judic poisou um osculo apaixonado na face do seu *petit* Millaud e segredou-lhe caricioso amente:

«Olha, meu caro, arranja as malas e vae para Paris. *Les portugais sont toujours gais* e prepararam-me aqui umas commodidadesinhas, que tornam prescindiveis os teus disvelos.

Em Irun o caso era outro. Não havia pasteis a saborear... saboreava a tua companhia. Agora, o commendador fornece-me estes productos das pastelarias luzitanas, e já não careço d'outro genero de doçuras. Olha... prepara as malas... toma lá outro beijo, e vae-te!... É menos uma bocca... *Au revoir!*»

E Millaud foi-se, e nós estamos livres de presencear amanhã, em terras portuguezas, algum duello entre o chronista da Judic e as nossas auctoridades administrativas.

Já que esta chronica tem, por força, de ser consagrada á gentilissima actriz parisiense, vem a pello narrar-te as suas ultimas proezas artisticas na capital no reino visinho.

Judic despediu-se dos madrilenos com um monologo recitado na lingua de Cervantes:—*Ya no hay Pirineos.*

Mal entrou em scena vestida de *manola*, houve uma explosão de bravos enthusiasticos. Quando as vibrações das primeiras palmas se extinguiram, a graciosa actriz abeirou-se da ribalta, e disse para o publico n'um tremulo de susto habilmente simulado: —*Si supieran qué miedo tengo!...*

A esta phrase gaiata o deilrio nas galerias tocou o seu auge.

Canovas del Castillo deixou cahir, por instantes, a sua gravidade sorumbatica de presidente do conselho de ministros, e mirou Judic com olhos cupidos.

Na sala estalaram gargalhadas crystalinas e prolongadas. Da platéa irrompeu subitamente um Niagara de acclamações.

Electrisada por estes applausos vibrantes, a provocadora Judic narrou, então, tudo quanto vira n'uma corrida de touros, fez cortezias de quadrilheiro e sortes de gaiola com uma graciosidade adoravel, capeou á meia volta, simulou picar a pé e a cavallo, metteu ferros de cara n'um boi imaginario, fez pégas de cernelha, mostrou-se emula de Frascuelo e rival de Lagartijo na sciencia de matar á espada.

Quando o monologo chegou a estas alturas, o publico não poudo conter-se. Vibraram-lhe a corda sensivel, e agora o vereis, desandar n'uma loucura completa.

Arderius, o conhecido actor comico hespanhol, achando que já lhe doiam as mãos para applaudir, e parecendo-lhe banaes quaesquer outras demonstrações de enthusiasmo, fez uma coisa inteiramente nova, converteu em dialogo o monologo da actriz, dirigiu-lhe a palavra da platéa, sustentou com ella um cavaco ameno, subiu depois ao palco e... não te ruborizes leitora... beijou os labios vermelhos da Judic!

Na deliciosa palestra dos dois artistas trocaram-se, pouco mais ou menos, as seguintes phrases, curtas como o esfusilar do relampago:

—*Señora, hace v muy bien en quererernos y en prometer que dirá v. en Paris la verdad de nosotros.*

—*Y quien és v.?*

—*Señora, yo soy Arderius el actor Arderius. No és verdad, señores?* (Dirigindo-se á platéa). *Pero ya me he cortado la coleta.*

—*Que se ha cortado v. la coleta? Cá! No señor. En todo caso se habra cortado v. la peluca.*

N'este ponto do cavaco os espectadores morriam a rir, convulsionados, nos *fauteuils.*

Judic convidou o seu interlocutor a subir ao palco.

—*Para quê, señora?*

—*Para estrechar á v. la mano.*

—*Pues allá voy.*

Subiu. Podéra! Quem não faria outro tanto no seu caso?

—*Choque v.*

—*Ah, no! el saludo ha de ser á la francesa.*

—*Corriente!*

Judic, sem se perturbar, serena, como quem está muito affeita a ser beijada, offereceu-lhe a face, uma d'ellas, e Arderius, o feliz, o monstro de sorte, imprimiu-lhe sobre a epiderme setinosa um osculo retinido, capaz de provocar invejas ao mais fleugmatico londrino.

Depois do beijo, a bella Judic poz ponto final no dialogo e no monologo, enviando, com esta delicada *petenera*, aos madrilenos, o seu ultimo adeus:

Aunque me marcho de España,
No me debo despedir:
Qué importa que yo me marche
—Niños de mi corazon—
Si me dejo el alma aqui?

«Não sabemos—diz uma folha hespanhola, alludindo ao facto—se a Judic deixa a alma em Madrid: o que, porém, é certo é que levou esta noite comsigo a *bagatella* de dez mil pesetas *y pico.*»

Nós iamos jurar que a formosa estrella d'opera-comica ainda trouxe da capital de Hespanha um bom pedaço da sua alma para deixar em Lisboa. A alma das grandes actrizes tem obrigação de ser tão grande como o seu talento, e a de Judic deve attingir, por certo, umas proporções descommunaes, que chegam para todas as encommendas, que podem contentar todos os povos da raça latina.

Estamos a vel-a já, no palco da Trindade, recitar um monologo em verso, de qualquer poeta lusitano; chamar ao proscenio o Taborda; offerecer-lhe a face direita para elle pousar um *chocho* vibrante, e depois, muito commovida, com a commoção artistica das occasiões solemnes, dizer á orchestra que toque o fado das salas, e entregar ao publico, n'uma *piadinha* de fazer tremeliques, toda a alma que ainda lhe resta .....

Só de pensal-o estremeço!

Calça, pois, as tuas luvas de cabrão monstro, leitora, limpa os crystaes embaciados do teu binoculo madreperola e ouro; dá os ultimos toques no penteado, enverga a *sortie-de-bal* que as exigencias do frio já reclamam, e vem d'ahi, pelo meu braço, ver a *Lili.*

Prometto-te que has de ficar encantada.

=Olha, sabes? Eu menti sem querer. Andas em maré de sorte, e vaes ter S. Carlos no dia 29, como fôra primitivamente resolvido. Harmonisou-se tudo, e o *Rei de Lahore* sempre iniciará, n'aquella data, a nova epoca lyrica.

Muito feliz és tu!

Depois, poderás ir ver, no Colyseu, as *écuyères* da companhia Diaz, que chegou do Porto.

Nem sempre musica, nem todas as noites Judic.. E' muito caro e os tempos vão mal...

=Agora, que cheguei ao fim, lembra-me que desejava fallar-te dos irmãos Silveiras, da morte de Eduardo de Lemos, do Passarinheiro Chaves absolvido, da festa do *Riachuelo* illuminada a jorros de luz electrica, de mil coisas que a semana prodigalisou ao chronista para o livrar d'embaraços, mas que eu sou condemnado a deixar sepultadas nas profundezas do meu tinteiro.

Se a *Illustração*, que algumas vezes me parece tão grande, é hoje tão pequena, tão microscopica!...

CASIMIRO DANTAS.

A VIDA AMERICANA

No *Times* de 15 de outubro de 1884 apparece um artigo intitulado *The american life*, que é digno de séria attenção e de sério estudo. O author diz-se americano, mas americano que andou muitos annos ausente da sua terra natal. A impressão que sentiu ao pôr pé, de novo, nas ruas de New-York, foi verdadeiramente atordoadora. Parecia que se encontrava de subito no meio de uma cidade em delirio. O americano hoje atravessa a vida n'um comboyo-relampago, faz e desfaz vinte vezes a sua riqueza, ganha milhões, perde milhões. Almoça como um millionario, sai n'uma carruagem luxuosa, vai para os seus negocios, lança-se n'uma especulação desastrosa, perde tudo e recomeça, janta n'uma taberna, dorme n'um sotão de uma estalagem, e no dia seguinte uma especulação feliz põe-n'o de novo em equilibrio, e elle ahi vai pelo caminho de ferro da existencia, descarrilando aqui, e levantando-se acolá, sem perder tempo, quando falha, em contar o que lhe resta. O nosso americano correspondente do *Times* estava embasbacado do que via. Desnorteava-o completamente aquella febre permanente dos seus compatriotas, aquelle movimento continuado, aquelle barulho infernal. Quando se viu em Broadway sentiu que lhe fugia a razão. Apesar de ter saido de Londres, não se podia costumar áquella intensidade extraordinaria de vida. Os omnibus, as carruagens succediam-se sem descanço, o

Digitized by Google

que não impedia os *tramways* de funccionar, como se não houvesse outro meio de locomoção, e os passeios lateraes de estarem constantemente coalhados de gente que parecia que ia toda acudir a um fogo. E, como se isso não bastasse, o nosso *yankee* repatriado sentia por cima da cabeça o estrondo das locomotivas de quatro caminhos de ferro aereos.

Em presença d'este movimento extraordinario, que tem chegado agora aos seus extremos limites, o correspondente do *Times* entende que isto tem por força uma explicação alheia á do natural desenvolvimento da civilisação. Suppõe que devem concorrer para este facto algumas causas physicas, dependentes talvez das condições especiaes da athmosphera de Nova-York. Porque, diz elle, ha cidades na America onde se não encontra esta alta pressão. Baltimore, por exemplo, é uma cidade essencialmente pacata.

O ar em New-York, diz elle, é extraordinariamente secco. O sal, a mais hygsometrica das substancias, está sempre secco, enxutissimo, perfeitamente no estado de pó. A esponja dos banhos enxuga-se com uma rapidez extraordinaria. Objectos de madeira, vindos da Europa, estalam, como se estivessem sujeitos continuadamente á acção do calor.

Mas, além d'esta circumstancia especial, ha outra ainda mais importante—é a das condições electricas. A athmosphera de New-York está por tal forma carregada de electricidade, que basta muitas vezes esfregar um dedo no tapete e approximal-o de um bico de gaz para que o gaz se accenda immediatamente, ouvindo-se perfeitamente o estalido, e vendo-se a chamma da faisca electrica. Affirma o correspondente que fez vinte vezes essa experiencia e que viu outros fazerem-n'a.

Os estimulantes actuam em New-York no cerebro de um modo muito mais violento do que em qualquer outro sitio do mundo. Contava o commandante do navio que transportara a America o escriptor, a cujo artigo nos referimos, que, bebendo a bordo todos os dias, sem sentir nem a mais leve perturbação, uma garrafa do seu vinho, em terra não podia beber nem meia garrafa, sem logo ficar ebrio.

São curiosas estas observações, e parecem realmente até certo ponto confirmadas pelas estatisticas medicas. Provam estas que de anno para anno augmenta de um modo consideravel a loucura nos Estados-Unidos. Os estudos do dr. Pratt mostram que em 1880 havia 91:997 doidos, sendo 26:346 estrangeiros, quer dizer pertencentes a essa torrente de emigrantes que todos os annos se alastra pelos vastos territorios da America Septentrional. Para seguirmos a marcha crescente das doenças cerebraes na America Ingleza, encontramos ainda no livro do dr. Pratt os seguintes esclarecimentos. Em 1850 havia entre a população indigena 1 doido por cada grupo de 1:545 habitantes, e entre a população estrangeira 1 doido por cada grupo de 1:095 pessoas; em 1860 a proporção entre os indigenas era de 1 por 1:559 e entre os estrangeiros de 1 por 717, em 1870 a proporção era de 1 por 1:258 indigenas, e de 1 por 497 estrangeiros, em 1880 chegára a esta proporção atterradora: 1 por 662 indigenas, 1 por 250 estrangeiros!

«É desnecessario, escreve o correspondente do *Times* a cujo artigo fomos pedir estes curiosos dados, seguir até ao fim a estatistica do dr. Pratt. Confirmam o que ha muito tempo me pareceu clarissimo que—a vida americana tem tendencias para desenvolver maior proporção de insania do que até aqui costumava fazer. O dr. Pratt deduz da sua estatistica que esse augmento, sendo maior na população emigrante, é devido a tendencias hereditarias mais fortes nos Europeus do que nos Americanos. A solução que me parece mais provavel é a seguinte: na antiga população americana a alta pressão da nossa vida foi crescendo gradualmente e portanto não produz tão grande proporção de cerebros rebentados como alcança na população europea que não está ainda habituada, e que vem sem o minimo preparo. A velocidade da vida foi augmentando, como se prova pela crescente proporção dos nossos doidos indigenas, que passa de um por 1:559 em 1860, a 1 por 662 em 1880. O que se podia esperar senão que a proporção fosse ainda mais exagerada nos estrangeiros? A proporção dos nossos doidos indigenas augmenta vagarosamente e explicavelmente até á decada de 1870-1880, em que de subito se levanta ao dobro da decada anterior. Mas este periodo de 1870-1880 é justamente aquelle em que o periodo de alta pressão durante a guerra e depois da guerra, quer dizer de 1860 a 1870, começaria a actuar nas organisações individuaes. Dez annos não são demais para a vida exagerada manifestar os seus effeitos, taes como os vemos aqui. É o que *á priori* eu teria deduzido da terrivel proporção de acceleração da vida.

«Duas questões agora se apresentam. Estamo-nos tornando uma nação de doidos, ou estamos formando uma raça especial com aquelles que podem supportar esta pressão, e que, pela sobrevivencia dos mais adoptados, formará a futura geração americana, emquanto as organisações intellectuaes mais fracas passarão a lunaticas?»

O auctor do artigo não responde a esta pergunta, mas tudo isto prova que na America estão tendo effectivamente larga applicação os dois principios famosos de Darwin—a lucta pela existencia, e a selecção natural. Respira-se n'aquelle paiz uma athmosphera extraordinariamente oxygenada, que dá a todos os pulmões e a todos os cerebros uma intensidade de vida a que nem todos resistem. É possivel, effectivamente, que, depois de um seculo de alta pressão, depois de terem rebentado n'uma existencia a todo o vapor milhões de caldeiras, fique emfim prompta e preparada para as novas condições de existencia uma raça apuradissima, que será a humanidade do seculo XX. *Qui viva, verra.*

PINHEIRO CHAGAS.

PULVIS ES

Na eterna luta cahirás cansado
Entre o bem o mal, triste miseria!
Não subiras á região ethérea,
Por que suspiras, pobre allucinado.

O abysmo da noite se ha fechado
Sobre o teu corpo na mansão funérea.
E o pensamento preso a vil materia
Ficou na immensa treva sepultado.

Levanta a fronte para o ceu radiante,
Vendo que vives um mesquinho instante,
Cada estrella sorri da tua sorte;

Sorri da terra ignobil, fria, escura;
Onde o livido espectro da amargura
Tem sempre ao lado o algoz da negra morte.

GUIMARÃES FONSECA.

AS NOSSAS GRAVURAS

MARGARIDA DO *FAUSTO*

Como esta formosa Margarida da velha lenda allemã, ha por ahi muitas, que se enlevam no brilhantismo das pedrarias caras e das joias fascinadoras.

Emquanto o mundo fôr mundo as filhas d'Eva deixar-se-hão seduzir por um collar de perolas ou por um adereço de brilhantes. Deus fel-as fracas e creou, de proposito para as tentar, as saphiras e as esmeraldas.

Depois veem as lagrimas, o desespero do remorso; cada perola converte-se n'um tormento; cada faiscação diamantina se transforma n'uma agonia, mas é já tarde: o mal está feito e a branca flôr da pureza desfolhada.

Pobres Margaridas!

JOGANDO A MANILHA

Um santo joguinho aquelle, e para ser santo nem lhe falta o padre-prior muito circumspecto, muito meditativo, estudando cada jogada com uma attenção escrupulosissima, impingindo, de momento a momento, aos parceiros folgazões, o seu melhor latim dos casos graves.

Elles riem-se, um rir franco e bom de provincianos casca grossa, cortando ás vezes a gravidade sacerdotal do padre com um dito agudo e uma chalaça picante.

No fim da partida quotidiana ninguem ganhou nem perdeu, porque o joguinho é a *padre-nossos*. Divertiram-se todos tres, descompozeram-se, discutiram as *mãos* encarniçadamente, mas a respeito de ganhos e perdas... *nihil*.

Não, que o pé d'altar é uma miseria, e o producto das missas não dá para alimentar vicios peccaminosos.

CÁ ESTÁ ELLE!

Tinha desapparecido o mais pequeno, e a mãe, uma santa mulher, convalescente, sentia a alma despedaçada na tortura d'uma angustia medonha.

De repente, abre-se a porta, e um homem do povo entra com o Alfredo nos braços. Encontrara-o na praia, afflicto, a soluçar...

Até o *totó*, o cão máo que morde os mendigos, parece esquecer a aversão que vota aos intrusos, para festejar a entrada do morgadinho.

Uma scena de lagrimas e de alegrias, aquella! D'aqui a pouco a mãe estreita nos braços o filho adorado, e o pescador, um pobre diabo de pé descalço, que tem uma alma boa e desconhece as condecorações, vae partir rodeiado de mil bençãos sinceras.

Que melhor condecoração para elle, de que o sorriso e as lagrimas d'aquella mulher, que vagamente lhe recorda as caricias da mãe já perdida?

Digitized by Google

JOGANDO A MANILHA (Quadro de Eduardo Grutzner)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA PEIXEIRA ITALIANA

(Quadro de Otto Meyer)

Digitized by Google

Digitized by Google

CÁ ESTÁ ELLE! (Quadro de Rodolpho Jordan)

Digitized by Google

UMA PEIXEIRA ITALIANA

Tanto pode ser italiana como d'Avintes, como d'Aveiro ou de Espinho. A bella Italia não tem o previlegio exclusivo de produzir typos d'aquelles. Vemol-os por cá muito mais formosos, com as suas fartas saias arregaçadas fazendo pregas nos quadris, grossos cordões d'ouro reluzente enrolando-se ao pescoço um tanto crestado pelas soalheiras estivaes, e longas arrecadas ondulando no extremo das orelhas correctas.

O que as nossas peixeiras não teem é aquelle meio sorriso delicioso e fino da gentil italiana. São ariscas e rudes, grosseiras e desgraciosas. Diz-se-lhes uma amabilidade, respondem com uma injuria.

Pouco para graças, nem supportam que lhes chamem bonitas, e vão fazendo o seu commercio mal cheiroso, insusceptiveis d'amar, bestialisadas pelo calão ordinario dos mercados.

PONTE DE VIANNA SOBRE O LIMA

No dia 30 de junho de 1878, em presença do sr. presidente do conselho de ministros, Fontes Pereira de Mello, e do ministro das obras publicas, o sr. Lourenço de Carvalho, inaugurou-se, com grande pompa e no meio das maiores manifestações de regozijo, este ponto da via ferrea do Minho, que atravessa o rio Lima e põe a cidade do Porto em communicação com a fronteira hespanhola, por Caminha.

Esta obra d'arte tem uma via superior, e outra para os comboyos. O seu taboleiro conta 563 metros de comprimento, sendo a distancia de uma a outra via de 7 metros.

Ao taboleiro superior, da largura de 7m,50, sobe-se por duas rampas, uma do lado da cidade, com 135 metros, e outra com 215.

A distancia das vigas do caminho para o serviço dos comboyos, é de 5m,20; a altura do carril acima do zero hydrographico de 9m,62, e a altura entre a agua e a chapa das vigas, nas maiores cheias, de 4m. Além da ponte de Vianna, construiu-se um viaducto de 83m e em Darque outro similhante. O peso da ponte é de 2.064.432 kilogrammas e o custo das obras eleva-se a réis 322:940$259. D.

UM CONSELHO POR SEMANA

ESSENCIA DE SABAO PARA A BARBA

Sabão branco.....	360 grammas
Espirito de vinho.....	400 »

Dissolve-se o sabão no espirito de vinho e aromatisa-se com qualquer essencia; depois applica-se com um pincel.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

E' parente do rei este homem—2—1.

Porto. EDWIGES DE BRITO.

Carta que não tem valor não a quero—2—2.

Tem o navio esta corda para atar a vella—1—2.

MACARIO DOS SANTOS.

O sol com esta medida é o diametro dos astros—3—2.

Em Napoles este carnivoro tornou-se notavel na historia—2—2.

Duas vezes este parente é parente—1—2.

Esta planta aquatica, apesar de não ter existencia, bebe-se—2—2.

X. RODRIGÃO.

Abriga na opulencia esta povoação—2—2.

Elvas. ODRACIR E SEUQRAM.

Voa e é nome de devoção—2—3.

Aqui este apellido é um insecto—1—2.

Corre que é vasilha mas é cidade—1—2.

Porto. D. C.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avéssas ave—3.

A's direitas nos palacios, e ás avéssas nas mulheres—2.

Braga. A. VIÉGAS.

EM VERSO

(Por sylabas)

Eu conheci um sujeito
Sem ter nada de laponio,
Que com a prima e segunda,
Contrahiu o matrimonio.

Passava vida feliz
Com a doce companheira;
Mas a parca quiz um dia
Qu'elle ficasse terceira!

E hoje vive bem triste,
Sempre no luto envolvido:
Apenas lhe resta a quarta,
Por ser o seu appellido.

E assim vive no mundo
Entregue a ardua lida,
Retempr'ando suas forças
Com esta doce bebida.

Incute respeito á gente—2
Quando deslisa sereno—2
—Foi n'elle já padecente
O bom Jesus Nazareno.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

EM QUADRO

Olha, é rio de Portugal, ...
E cidade lá de Hespanha. . . . .
Esta *villa* portugueza . . . .
Conta Christo teve sanha . . . .

J. L. PINHEIRO DE CARVALHO.

EM TRIANGULO

Nome . . . . .
Sentimento . . . .
Apontamento . . .
Verbo . .
Artigo .

HOPE.

ADIVINHAS POPULARES

Tenho armas não de fogo,
Não me servem de proveito;
Rindo se me abre a bocca;
Lanço o que tenho no peito.

A dama que de mim sae
E' mais formosa do que eu:
Ella vae com quem a leva,
Eu fico com quem me deu.

Paes altos, mães baixas,
Filhos pretos, netos brancos.

LOGOGRIPHOS

Morando em casa pequena,
Tenho muito boas rendas.—1—7—3—8—9
Sou julgada muito terna
Por todo e qualquer poeta.—5—6—3—9
Não passando de pateta,
Muita gente assim se crê;—1—2—3—3—9

Digitized by Google

Mas em algumas contendas
Tambem ás vezes se vê.—8—5—2—8—9
Sou indigena da America,
Ave rara em Portugal,—9—5—9—5—9
Mas, em toda e qualquer parte,
Elemento essencial.—9—8—6—9
Tem-me qualquer carpinteiro
E tambem qualquer paiz.—10—7—5—5—9
Que existo em todo o animal
Ninguem, ninguem contradiz.—4—6—5—10—6

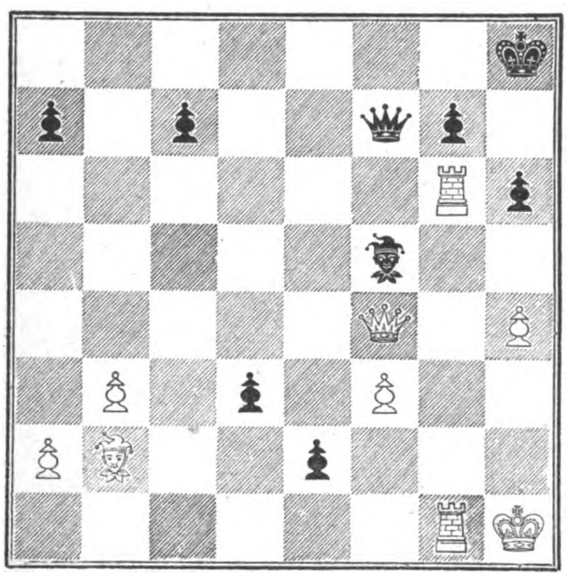
Na horta, na feira,
Me has de encontrar,
E talvez em casa,
Na meza, ao jantar.

ÉRRE-TÊ.

XADREZ

PROBLEMA N.º 15

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Papagaio.
2.ª—Canada.
3.ª—Pantaleão.
4.ª—Madresilva.
5.ª—Olinda.
6.ª—Caurim.
7.ª—Malvarosa.
8.ª—Perola.
9.ª—Faquino.
10.ª—Amalia.
11.ª—Vivamente.
12.ª—Sala.
13.ª—Ora.
14.ª—Anil.
15.ª—Arroz.
16.ª—Edade.
17.ª—Judiaria.

Das adivinhas populares:

1.ª—Vento.
2.ª—Amora.

Dos logogriphos:

1.º—Sifingornio.
2.º—Feiticeira.

Xadrez—Solução do 14.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. T. 5 C. D. (cheque)	1. R. 5. T. D.
2. D. 2 B. D. (cheque)	2. R. 6 T. D.
3. D. 3 C. D. (cheque e mate)	

Do problema:—Por 40 libras.

A RIR

—Desejava ser marido, ainda que fosse só por duas horas,—dizia uma joven abraçando carinhosamente seu esposo.
—Para quê, minha queridinha?
—Para comprar um vestido de setim, muito *chic*, a minha mulher!

UM DOMINÓ.

O DA ESPADA

Este titulo cahiu-nos da penna como um borrão, o que nos contrariou muitissimo. Nem significa nada, nem vem nada para o caso. Parece-nos. E senão vejam.

Pensavamos escrever um artigo sobre o enorme desenvolvimento da arte dramatica, de todos os ramos de litteratura o que adquiriu maior desenvolvimento, quando por um inexplicavel phenomeno nos saltou á memoria, e lançamos distrahidamente no papel, aquellas palavras de um auto de Gil Vicente, e que produzem um maravilhoso effeito de scena.

Imaginem que se acham no proscenio dois personagens, um dos quaes é nada menos que Satanaz, e com elle outro diabo. O rei dos infernos passeia raivoso, fazendo grandes tregeitos de desespero—*muitas vascas*, diz a rubrica, quando o companheiro e amigo o provoca a desabafar com elle as suas maguas.

—Diabo. Como andas dessocegado!
—Satanaz. Arço em fogo de pezar
—Diabo. Que houveste?
—Satanaz. Ando tão desatinado
De enganado
Que não posso repousar
Que me preste.
Tinha hua alma enganada.
Já quasi pera infernal
Mui accesa
—Diabo. E quem t'a levou forçada?
—Satanaz. *O da espada.*

Só pode fazer-se idéa do effeito que produziria esta resposta, a qual na sua singeleza exprimia um desespero infinito, sabendo-se que o tal da espada era o anjo custodio de uma alma, arrancada por elle das unhas de Satanaz, e levada para a gloria eterna. Imagine-se como esta perraria feita ao demo seria recebida com enthusiasticos applausos por uma platéa de crenças ardentes, talvez ardentes de mais, como era a côrte do muito alto e poderoso el-rei D. Manuel, perante quem foi representado este *auto de devação*, nos paços da Ribeira, e na noite de endoenças do anno do Senhor de 1508.

A invenção d'esta peça, que se intitula *Auto da alma*, é de uma imaginação tão poderosa, e ao mesmo tempo tão estravagante, que não resistimos á tentação de esboçar muito ligeiramente aquelle enredo simples, mas interessantissimo. N'um argumento que precede o auto expõe o poeta o pensamento fundamental da sua obra, nos seguintes termos. «Assim como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos estalagens para repouso e refeição dos cansados caminhantes, assim foi cousa conveniente que n'esta caminhante vida houvesse uma estalajadeira, para refeição e descanço das almas que vão caminhantes para a eternal morada de Deus. Esta estalajadeira das almas é a Madre Sancta Igreja; a meza é o altar, os manjares as insignias da paixão».

Em harmonia com este plano, a primeira scena representa uma estalagem, de que é dona e administradora a Santa Madre Igreja, a qual apparece com Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Jeronymo e S. Thomaz, que a auxiliam a servir os freguezes. E' claro que toda a freguezia consiste nas almas sahidas d'este mundo, e que vão caminho do ceu.

Abre o espectaculo o veneravel Santo Agostinho, que explica aos tres outros santos doutores a necessidade de uma pousada para as almas, com meza posta e com os mantimentos que o filho de Deus comprou na cruz, á custa de muitas dores. Provavelmente, como jogo de scena, os santos doutores acenavam com a cabeça, como quem diz que sim, que sim; e a Santa Madre Igreja, vendo tão elogiado o seu estabelecimento, preparava-se alegremente para receber com todo o carinho os viajantes. Concluida a persuasiva e edificante falla do bispo de Hipona, apparece uma alma, acompanhada por um anjo. Veem de caminho estas duas pessoas, conversando em coisas de muita piedade; o anjo dando bons conselhos, e a alma toda cheia de seraphicos pensamentos. exprimindo receios de não poder, pela sua fraqueza, alcançar a morada celestial. N'isto apparece Satanaz, e é então que verdadeiramente principia o interesse dramatico. O inimigo—mao inclina-se ao ouvido da alma e diz-lhe com suavidade:

—Tão depressa, ó delicada
Alva pomba, para onde is?

Encobriam estas doces fallinhas a mais refalsada malicia. O perfido continua sempre no mesmo tom galanteador, insinuando á

Digitized by Google

alma que se affaste d'aquelle caminho e siga outro menos difficil, mais aprasivel. Por outro lado, o anjo custodio continua a dar bons conselhos; mas o demo não desiste, vae constantemente asoinando os ouvidos da alma peregrina: uma derriçadeira incrivel. Por ultimo vence o anjo, que a muito custo, e com a graça de Deus, sempre consegue empurrar a alma para dentro da estalagem bemdita, onde os peregrinos fieis se refazem de forças para proseguir no difficil caminho do ceu. Sae-lhe ao encontro muito risonha a boa estalajadeira, que é a Santa Madre Igreja, e diz-lhe:

—Vinde-vos aqui assentar
Mui devagar,
Que os manjares são guizados
Por Deus Padre.

(Volta-se para os creados.)

—Santo Agostinho doutor
Jeronymo Ambrosio e Thomaz,
Meus pilares,
Servi aqui por meu amor,
E qual melhor.

Em quanto os criados se dirigem á cosinha para cumprirem as ordens da patroa, esta procura abrir o appetite da hospeda com o elogio dos manjares que lhe vão ser servidos.

Logo os mencionaremos; mas antes d'isso vamos transcrever textualmente a rubrica da peça, no momento em que chegam os creados á casa do jantar: «Estas cousas estando a Alma assentada á meza e o Anjo junto com ella em pé, vem os Doutores com quatro bacios de cosinha cobertos, cantando, *Vexila regis pro deutn;* e postos na meza, diz Santo Agostinho:»... Bem merecia ser transcripta, não só esta falla do santo, como toda a scena, que é profundamente enternecedora. Falla a Igreja, fallam Santo Ambrosio e S. Jeronymo, até que a dona da casa exclama:

—Ora sus, venha agua ás mãos.

Toma de novo a palavra Santo Agostinho, e explica que a alma se deve lavar com as lagrimas da sua culpa...

—E haveis-vos de chegar
A alimpar
A hua toalha formosa...

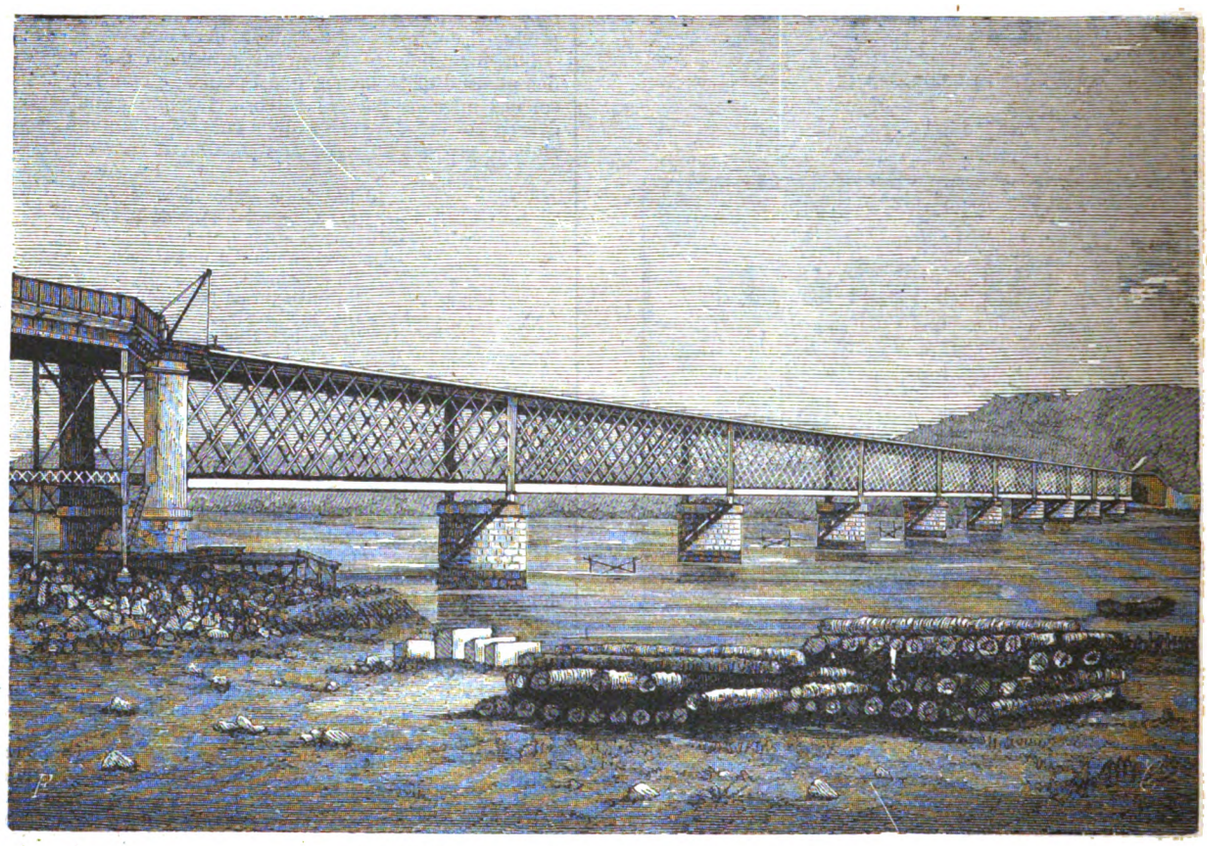
Esta toalha é a santa veronica, que os doutores tiram *d'entre os bacios*, e diante da qual se ajoelham todos, cantando: *Salve, sancta Facies.* Concluida esta ceremonia, começa o banquete, dizendo a Santa Igreja:

—Venha a primeira iguaria.

Então S. Jeronymo dirige-se para a alma, explicando-lhe como foi cosinhado o manjar, e como deve ser comido...

—Gostal-o-heis com salsa e sal
De choros de muita dor...

«Esta iguaria em que aqui se falla, diz a rubrica, são os Açoutes; e em este passo os tiram dos bacios e apresentam á Alma, e todos de joelhos adoram cantando: *Ave flagellum.*» Sempre acompanhadas com as observações, reflexões e sermões de S. Jeronymo seguem-se as restantes iguarias, que são: a coroa de espinhos, os cravos e um crucifixo. A cada nova iguaria repete-se a ceremonia da adoração, com o respectivo cantico. Por ultimo a sobremeza, annunciada por Santo Agostinho n'estes termos:



PONTE DE VIANNA SOBRE O LIMA

—A fructa d'este jantar,
Que n'este altar vos foi dado
Com amor,
Iremos todos buscar
Ao pomar
Aonde está sepultado
O Redemptor.

E todos vão, entoando o *Te Deum laudamus,* prostrar-se diante do tumulo de Christo. Com esta devota e apparatosa scena termina a peça.

Eis como nos bons tempos se divertiam os nossos avós; com isto e com outras coisas menos santas, como consta das chronicas do tempo.

D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 3 de novembro de 1884 | Numero 19

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Quinze dias na Hollanda*, por Pinheiro Chagas.—*Versos a uma gata*, por Ignacio da Silva.—*As nossas gravuras.*—*Um conselho por semana.*—*Em familia, (Passatempos).*—*Carta achada na algibeira de um afogado*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*As festinhas da neta.*—*A' porta do convento.*—*Os naufragos.*—*A estudiantina.*—*Monumento do Bussaco.*

CHRONICA

A Judic?
A Judic, sim! Pois podera?

Si cette histoire vous amuse
Nous allons la recommencer

Ainda mesmo que eu quizesse fallar-te d'outra coisa, não podia. Em frente da Judic tudo empallidece, tudo: o addiamento das côrtes constituintes, as reformas da carta e da milicia, a reabertura de S. Carlos, a risonha promessa de que vem a Sembrich, e a promessa incomparavelmente mais risonha de que se vae a Wiziask.

Ha bons oito dias que não ouço em Lisboa outro nome, outra musica, que não seja a d'aquellas duas vogaes e tres consoantes harmonicamente enlaçadas.

Se vou jantar ao *Braganza*, dão-me empadas á Judic. Se compro luvas no Baron, perguntam-me logo se as quero á Judic. O Pedro Moreira do 103 annuncia brincos á Judic; poetas polvilham-n'a d'acrosticos; os maestrinos dedicam-lhe valsas; nos cartazes, pelas esquinas, apparece o seu nome estonteador gravado em lettras de ouro de palmo e meio.

O sapateiro calça-nos á Judic, e se o alfaiate não desandou ainda em vestir-nos á *diva*, é simplesmente pela rasão de que ella não usa calças masculinas e rabona curta.

Ora n'este delirio de Judic, n'esta febre de *Lili* que ataca todas as familias e esvazia todas as bolsas, no meio d'este enthusiasmo doido que a *Nitouche* produz e que se gera durante a audição d'umas canções provençaes deliciosas, é claro que eu não podia decentemente, airosamente esquivar-me ao imperioso dever de repetir mais uma vez aquelle nome festejado, pondo aos pés *mignons* da deusa do *vaudeville* todas as flores que a adjectivação das chronicas póde ainda consagrar-lhe.

Tu, que viste a Judic, leitora amiga, comprehenderás bem que ella vale todas estas homenagens e muitas mais, pelo seu talento extraordidario e pelas estranhas fulgurações da sua belleza peregrina.

AS FESTINHAS DA NETA (Quadro de F. Kentel)

Digitized by Google

Houve quem lhe negasse o genio. N'esta Parvonia microscopica, onde os imbecis conquistam fóros de sabios, e qualquer Maria Francisca nos apparece feita actriz, em 24 horas, — *dans l'espace d'un matin*,—vimos quem lhe agourasse fiascos tremendos, quem lhe perconisasse quedas desastrosas.

A critica indigena tem d'estas incongruencias, d'estas pequeninas subtilezas ridiculas; d'estes assomos auctoritarios parvoinhos.

—Que fôra feita pelo *Figaro* em reclamos estupendos, dizia um.

—Que fascinava mais pela plastica de que pelo engenho artistico, rosnava outro.

Muitos d'estes criticos emeritos arriscavam a sua opinião pedante, sem terem visto ainda a actriz. Alguns d'elles, mais *conscienciosos*, tinham-na visto e ouvido, mas...não a entenderam.

E ahi está como entre nós se escreve a historia!

Afinal a Judic é um portento, um verdadeiro portento que excedeu muito a nossa espectativa, uma d'aquellas creaturas previlegiadas, em cujo cerebro Deus accendeu a luminosa scentelha do genio.

Não é debalde que a imprensa de Paris desfolha, diante da rainha do *couplet*, os seus ramilhetes mais perfumados. Não foi, de certo, por simples reclamo banal, que um poeta francez lhe consagrou este formosissimo soneto faiscante de espirito:

Le premier jour, l'Être Suprême,
A dit:—que Judic soit, je le veux;
Et Judic fut Le deuxième
Il fit son sourire joyeux.

Les jours suivants il fit de même,
La voix, son charme, ses grands yeux.
Puis il s'avoua le sixième,
Que jamais il n'avait fait mieux.

Le septième, las des louanges,
Que lui récitaient les archanges,
Enviant le sort du public.

Il vient sur le globe terrestre,
Et prit un bon fauteuil d'orchestre,
Pour entendre chanter Judic.

Nós fizemos como o Ente Supremo fanthasiado pelo poeta, e fomos ouvir Judic, n'um *fauteuil d'orchestre* da Trindade.

Na primeira noite,—a da *Lili*,—pairava pela sala uma frieza de fazer constipações. Um *lever de rideau* estopante pozera mal humorada a litteratura, o mundo do *sport*, a elegancia da aristocracia feminina distribuida pelos camarotes, entre montões de rendas de Bruxellas e diamantes de Golconda.

Impressionára desagradavelmente a platéa o modo de vestir desastrado dos francezes e a falta de *coquetterie* das francezas, n'aquella pequenina comedia d'abrir, feita sem espirito e representada sem arte.

Por fim appareceu a Lili. Fez-se um silencio respeitoso. A fascinadora belleza da mulher impoz-se primeiro, uma belleza correcta e cheia de frescura, que o excesso de carnes não prejudica. Depois impozeram-se-nos os extraordinarios encantos da actriz. A frieza, que principiára a dissipar-se ante as faiscações diamantinas do seu olhar quente e velludoso, desappareceu por completo, quando a sonhadora Lili empunhou a trombeta e gorgeiou as primeiras *chansonnettes* provocadoras

Que differença da Chaumont nos sons crystalinos d'aquella voz pequenina mas dulcissima, na delicadeza das *nuances*, na finura das intenções, no *détailler* dos *couplets*, em tudo!

Céline, para ser accentuadamente *canaille*, tinha a voz roufenha das *boulevardières* de peior estofa, que se embriagam todas as noites com Champagne Clicot nos gabinetes reservados dos *restaurants*. Judic não. O seu timbre tem a sonoridade purissima do crystal, a transparencia das pedras preciosas; não fere o ouvido, acaricia-o como uma ballada napolitana, afaga-o como se fosse um cantico celeste.

Depois da *Lili*, *a Femme à Papa* com as suas gaiatices deliciosas, com as bellas *coplas do major*, com os lindissimos *couplets Bras dessus bras dessous*, com aquella pontinha d'embrirguez do 2.º acto, e aquellas gargalhadas vibrantes produzidas pelo estonteamento do alcool...

Na terceira noite *Mam'zelle Nitouche*. Um delirio!

Judic apparece-nos, no primeiro acto, como educanda do convento *des Hirondelles*, tocando harpa e cantando um *Alleluia*.

Depois da trombeta da *Lili*, a harpa de *Nitouche*.

Os paes da bella educanda, vendo que ella attingiu a edade do casamento, reclamam a filha á superiora, para lhe darem por marido o visconde de Champlâtreux. A superiora confia *Nitouche* ao organista Celestino, encarregando este de a levar á familia.

Antes de conduzir a deliciosa pensionista ao lar paterno, o mentor vae com ella aos bastidores do theatro de Pontarcy, onde deseja abraçar, de passagem, a ingenua da peça, sua antiga conhecida. O protector da actriz surprehende Celestino em flagrante delicto com a *estrella* e applica-lhe uma correcção forte. Aquella, apercebendo-se de que o seu bem amado acompanha outra mulher (Nitouche), faz scena de ciumes e desapparece do theatro.

A pensionista salva a situação, prestando-se a desempenhar, por obsequio, o papel da fugitiva. O successo que alcança é enorme. No intervallo os officiaes da guarnição de Pontarcy veem ao palco felicitar Nitouche, e entre elles o visconde de Champlâtreux, que está longe de ver n'esta *diva* da ultima hora a sua futura esposa.

No terceiro acto o organista e a educanda vão partir para Paris: uma patrulha prende-os e leva-os ao posto de policia...

Dispensa-me de te contar o resto. Judic apparece-nos ainda, vestindo o uniforme de dragão, e no ultimo acto desposa Champlatreux.

O triumpho alcançado pela grande artistica n'esta bella comedia de Meilhac e Millaud, bordada de pequeninas melodias de Hervé, como todas as peças do seu bello repertorio, foi colossal.

Em seguida á *Nitouche* a *Niniche*.

Quem não gozou a innebriante ventura de admiral-a n'esta ultima creação, pode dizer com afouteza que ainda não vio senão simples arremedos do engraçado *vaudeville*.

Que voz, que gestos, que encanto de formas, que seducção nos olhares, que esplendor de *toilettes*!

Eu não sei se Judic nos deliciará com mais algumas recitas: é provavel que sim.

Se o fizer, a minha chronica subsequente será ainda para ella, como para ella são hoje todos os pensamentos d'um povo inteiro, assombrado pelas scintillações d'aquelle talento phenomenal.

C. Dantas.

QUINZE DIAS NA HOLLANDA

I

Ha coincideneias curiosas. Seguramente passaram-se dois seculos sem que um só Portuguez pensasse na Hollanda, a não ser para a descompôr, como fez Filinto Elysio, que era da opinião de Voltaire. Esteve lá com Antonio de Araujo, e nunca se poude consolar de lá ter estado. Descrever a sua existencia, o seu paiz, os seus costumes? Isso sim! Eram uns comedores de batatas, e nada mais. N isto se resumia, para Filinto Elysio, a comprehensão do caracter hollandez.

Nunca mais se pensou na Hollanda, nunca mais se escreveu a respeito d'esse paiz. Pois de repente, em 1884, desatam os escriptores portuguezes a ir ao paiz dos canaes, e a escrever largamente, a respeito d'elle; e no mesmo momento em que apparecem na *Gazeta de Noticias* as esplendidas cartas de Ramalho Ortigão, publica-se em Lisboa um livro interessantissimo de Cunha Bellem, intitulado *Quinze dias na Hollanda*.

Cunha Bellem esteve na Hollanda em 1879, indo assistir em Amsterdam a um congresso medico ali realisado, como um dos representantes da sciencia portugueza, não digo bem, como meio representante da sciencia portugueza; o outro meio representante era o dr. Guilherme Ennes, e todos sabem que estes dois medicos distinctissimos constituem uma só individualidade, uma firma social. São o Capello e Ivens da medicina. Teem representado Portugal em varios congressos de medicina e hygiene, sempre unidos, sempre conglobados n'uma só entidade. Cunha Bellem, quando escreve, tem muito o costume de adoptar a formula jornalistica do *nós*. Perdeu o costume de dizer *eu*, e o mesmo acontece pela sua parte ao dr. Ennes.

Foram, pois, os dois inseparaveis ao congresso medico de Amsterdam, e Cunha Bellem conta-nos com muita *verve* as scenas sempre divertidas de um d'estes congressos, que estão muito em moda no nosso tempo, que servem effectivamente para apertar os laços que ligam ou devem ligar entre si os homens de sciencia de todas as nações, mas em que a propria sciencia não avança, parece-me, um passo só que seja. Os congressistas habitualmente vão a estas grandes reuniões para se divertir. Agora estas festas já começam a entrar um pouco no regimen do *cliché*: Reuniões solemnes com os competentes discursos, jantares offerecidos pelas municipalidades, passeios fluviaes quando ha rio, excursões aos bonitos arredores quando ha arredores bonitos, recitas em honra do congresso nos differentes theatros, etc, etc., etc.

O congresso de Amsterdam não se affastou, segundo Cunha Bellem nos conta, d'estas phases sacramentaes. O passeio fluvial foi substituido por um passeio nos canaes, por entre os verdejantes prados hollandezes mais baixos do que as aguas, onde pastam as vaccas de Paulo Potter, e que são defendidos por esses diques collossaes, verdadeiras maravilhas do engenho humano, e onde ha constantemente engenheiros de sentinella. Esses engenheiros teem verdadeiramente a Hollanda na sua mão. Se se descuidam por um momento, se deixam que as aguas façam uma brecha no dique, muito boas noites, foi-se embora a Hollanda.

Digitized by Google

Ahi estão uns sujéitos com quem a patria não pode ser ingrata. Ao mais pequeno symptoma de ingratidão, os engenheiros abrem a torneira e vai-se embora a patria.

A excursão nos arredores foi um passeio a Scheveningue, formosa praia do mar do Norte, que não fica longe de Amsterdam. Debalde se procurariam effectivamente, na Hollanda, bellezas pittorescas como as de Cintra, bellezas que são inseparaveis do terreno accidentado, que na Hollanda é completamente desconhecido. O caracteristico das paisagens d'este paiz é a sua serie interminavel de planicies, e uma ausencia tão completa de montes e de elevações de qualquer especie, que, segundo diz com graça Cunha Bellem, uma das coisas de que mais se gloria Leyde, a famosa cidade universitaria, é de possuir um monticulo, que não excede em altura o adro da egreja do Loreto, mas a que se chama *collina*, para justificar a inserção d'este termo no Diccionario da lingua nacional.

As recitas em honra dos congressistas tiveram a especialidade de ser em parte allusivas ao acontecimento que se celebrava. Lendo o curioso livro de Cunha Bellem, parece que voltamos ao tempo dos autos de Gil Vicente, em que entravam dois pastores discursando na sua linguagem rustica sobre assumptos da sua profissão, e fazendo muitas conjecturas comicas sobre os motivos de umas festas e de umas alegrias extraordinarias que elles não comprehendiam. Chegava depois terceiro pastor, que lhes dizia que todas essas festas eram celebradas em honra da rainha D. Maria ou D. Leonor, esposa do alto e poderoso rei D. Manuel, que acabava de dar mais um filho a esse soberano, filho que havia de ser o sustentaculo da patria, e o dilatador da fé, etc. E depois iam os tres pastores, cantando e bailando, offerecer os seus presentes e as suas homenagens á alludida rainha, que assistia á representação e assim acabava o auto.

Ora oiçam a narrativa do enredo de uma das peças representadas diante dos congressistas, e digam depois se não parece que se está assistindo a um auto de Gil Vicente.

«O entrecho da comedia, escreve Cunha Bellem, é apenas o episodio de um casamento de camponezes, entremeiado com as danças do paiz. D'aquella vez, porém, era preciso enxertar uma referencia ao congresso, e d'esse encargo se saiu brilhantemente o poeta encarregado d'elle.

«O pae da noiva dá á mulher dinheiro para as compras do mercado, e elle vae á cidade, e volta carregado de medicamentos e drogas medicinaes. O marido admira-se e reprehende a noiva, a qual replica haver-lhe constado que na cidade estavam quatrocentos medicos, o que era signal de que terriveis molestias iam assolar a nação, e que elle se fornecera de artigos de pharmacia, que, em breve, na urgencia, vendidos por muito maior preço, fariam a sua fortuna. O marido explica que os medicos veem honrar a Hollanda, cultivar a sciencia, ensinar e aprender os meios de preservar a saude dos povos, fazer a felicidade e não a desgraça da cidade, e assim, elogiado o congresso e tranquillisado o espirito da timorata esposa, prosegue a festa, com as danças do paiz, cahindo o panno entre os applausos dos espectadores, que, os que entendiam hollandez, riam a bandeiras despregadas com as facecias do enxerto.»

O mais curioso de tudo, porém, foi um quadro vivo, imitação de um quadro que existe na Academia de Medicina de Paris, e que representa a apotheose de Ambrosio Paré, o celebre cirurgião inventor da laqueação das arterias. O quadro vivo de Amsterdam representava a apotheose do dr. Lister, que se achava presente, e que é inventor do penso anti-septico pelo acido phenico. Depois seguiu-se outro quadro vivo, imitação ainda de um quadro celebre—*A lição de anatomia* de Rembrandt. As figuras todas do quadro eram representadas por figuras femininas, prestando-se assim homenagem ás duas senhoras medicas que assistiam ás sessões do congresso.

Imaginamos a cara com que deviam estar as victimas d'essas apotheoses!

Cunha Bellem ouviu tambem, em Amsterdam, a grande actriz hollandeza Josephina de Groot, que, ao que parece, não está muito á altura da sua reputação, mas que, se não é uma tragica de primeira ordem, pelo menos é uma polyglotta de mão cheia, porque representou n'essa noite em francez e em italiano, e nada menos que Racine, Coppée e Alfieri!

Resta fallar dos jantares. Conserva d'elles Cunha Bellem uma triste recordação, por causa da implacavel compota que acompanha, nos *menus* hollandezes, todos os pratos, desde o principio até ao fim. *Solatium est miseris!*... Ha muitos annos tive occasião de jantar a bordo de um navio de guerra hollandez. Serviam-me um prato de carne acerejadinha e deliciosa, com que tencionava regalar-me. Logo atraz apparecia um marinheiro branco, rosado e de candido olhar, que offerecia um molho de seductor apparencia. Tirava eu ingenuamente uma colher, que deitava na carne, e... horror! Era calda doce de compota de maçãs!

Quando li as queixas de Cunha Bellem, recordei-me logo do meu jantar a bordo. No mar ou em terra os molhos hollandezes são egualmente assucarados.

Num outro artigo occupar-nos-hemos mais especialmente, guiando-nos pelo excellente livro do dr. Cunha Bellem, da Hollanda e da vida hollandeza.

PINHEIRO CHAGAS.

VERSOS A UMA GATA

(A MADEMOISELLE JEANNETTE)

O seu pello é mui branco e faz lembrar-me o leite,
—Não ha brancura assim como a brancura d'ella,—
Que esplendido animal de extraordinario enfeite,
Branco, tão branco assim como a epiderme d'Ella...

Seus olhos verdes são estranhas maravilhas,
Não ha verdura assim tão lucida e singella,
Seus olhos grandes são como duas ervilhas,
Verdes, tão verdes como os grandes olhos d'Ella...

Que elastica esculptura, electrica e suave
Que curva sensual e agil como uma péla,
Branda, *coquette*, viva,—é como um vôo d'ave,—
Elastica, repitto, e elastica como Ella...

Suas mãos como são tão mansas e pequenas,
Brancas como o marfim—que pequenez aquella!—
Não ha brancura igual á das suas mãos serenas,
Curtas, tão curtas como as mãos pequenas d'Ella...

Tem a cabeça curta e dulcida e redonda,
Altiva e firme como alguem que se rebella,
Branca que faz lembrar a espuma d'uma onda
Onda que faz lembrar a crespa trança d'ella...

Os seus affagos são recurvos, circumflexos,
Têm uns languidos tons de canticos de cella,
Affagos tão subtis, estranhos e complexos
Longos, fortes, subtis, como os affagos d'Ella...

Que fidalga attitude, a *pose* nobre e o orgulho,
Quando assoma de manso ás grades da janella,
Como se encosta e olha o bello ceu de Julho,
Nobre, orgulhosa, como o nobre orgulho d'Ella...

Os seus perfumes tem vagos aromas quentes,
D'uma volupia nova, estranhamente bella,
Perfumes fortes como os sonhos mais ardentes,
Quentes, tão quentes como os bons perfumes d'Ella...

E—gata!—move a cauda a soluçar ron-rons,
Geme zangas e entorna o leite da tijella,
Estende-se e apparece a reclamar bon-bons,
—Tem caprichos crueis, como os caprichos d'Ella...

E como sabe estar na alcatifa vermelha,
E no tapete que é um trecho d'aquarella,
Como a aza oiro e sol d'uma irrequieta abelha,
Sabe mover-se e estar movendo-se como Ella...

E a *poser* na *causeuse* enrosca-se,—a serpente!
Voluptuosa—eu sei!—olhando-lhe a chinella,
Lubrica de ferir e allucinar a gente,
—A chinella seria eu e eu seria d'Ella...

IGNACIO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

AS FESTINHAS DA NETA

Umas festas interesseiras, aquellas, que levam agua no bico e intençãosinha muito reservada.

Não soube a lição, a mandriona da neta, e a boa da avó pretendeu ralhar-lhe, teve ainda uns ares severos, umas phrases de censura adequadas ás circumstancias.

A pequena, que já conhece aquellas trovoadas de maio e que sabe o meio de as dissipar n'um prompto, desentranhou-se em *bichinhas-gatas* na face encarquilhada da santa velhota.

D'ali a firmarem-se as pazes não tardaram dois minutos. A avósinha, duas vezes mãe, perdoou a cabulice da mandriona rebelde, fechou o livro e deixou-se enfeitiçar pelas festas capciosas do *bébé* endiabrado.

Emquanto o mundo fôr mundo, as avós hão de ser sempre assim!

Á PORTARIA DO CONVENTO

Não são aquellas creancinhas esfaimadas e aquelles velhos decrepidos e encanecidos que hoje despertam as attenções do frade, ao distribuir equitativamente, pela pobreza do sitio, as fartas fatias do pão conventual.

Conhece desde longo tempo todas aquellas caras; sabe de cór as historias dos seus infortunios.

O que hoje lhe attrahe o olhar compadecido é o rosto macerado e pallido d'uma pobre viuva, uma desventurada rapariga, que fôra alegre, formosissima e feliz, mas que a falta prematura do

Digitized by Google

Á PORTARIA DO CONVENTO (Quadro de H. Burkhardt)

Digitized by Google

Digitized by Google

A ESTUDANTINA

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

OS NAUFRAGOS (Quadro de J. Hilverdink)

Digitized by Google

marido, um trabalhador honesto, reduziu á mais negra e desoladora miseria.

A desgraçada quasi que nem tem alento para balbuciar a supplica d'um pedaço de pão. A fome prostra-a e a tristeza vae-lhe roubando as forças pouco a pouco.

Sympathica desventura aquella!

OS NAUFRAGOS

Simplesmente horrivel, mesmo em quadro, aquella scena d'angustias passada entre ceu e mar, muito longe d'uma praia abordavel, distante de qualquer porto seguro, que dê abrigo aos infelizes batalhadores do oceano revolto.

O navio, em que seguiam o seu rumo, fôra a pique. Salvaram-se a custo do primeiro perigo, e affrontam agora outro não menos grande, vogando, á mercê das ondas, n'aquelles dois pedaços de taboa que os vagalhões espumantes irão desfazer talvez.

Por ora ainda teem governo e ainda lhes resta uma esperança. Depois, o leme quebra-se em estilhaços, a fadiga traz o desanimo, e após o desanimo vem a morte horrivel e fria, sem orações nem bençãos!

Tem d'estas traiçõesinhas o mar. Desconfiemos sempre d'elle

A ESTUDIANTINA

Andam na bella vida airada, affagando com os sons das suas bandurrias os ouvidos das *manolas* sorridentes, que lhes pagam as harmonias em amor.

O que elles menos fazem é estudar, os patifes.

Emfim, pode ser que estudem musicalmente os corações das suas gentis compatriotas... pode ser. .

O MONUMENTO DO BUSSACO

Este modesto obelisco de simples architectura, mas construido solidamente, com peças de grandes dimensões, na serra do Bussaco, levantou-se em commemoração das acções praticadas pelo exercito luso-britannico nas campanhas de 1808 a 1814.

O monumento mede 15 metros e meio d'altura; é inferiormente cercado por oito peças de artilheria, em quadrado, prezas por cadeias de ferro, e fica no centro d'uma vasta plataforma cortada na serra Remata-o uma estrella de crystal, formada de 12 faces pentagonaes, e tendo 1 metro de diametro.

Pyramide e pedestal são de lioz, das nossas pedreiras de Pero Pinheiro. A estrella fundiu-se na fabrica de vidros da Marinha Grande.

Este monumento foi mandado erigir pelo ministerio da guerra, nascendo a idéa da sua construcção em 1862. D.

UM CONSELHO POR SEMANA

(RECEITA PARA DESTRUIR AS VERRUGAS)

Tome-se uma cebola branca, das maiores, e pratique-se-lhe um furo no meio, tendo o cuidado de não a atravessar de lado a lado.

Encha-se a cavidade de sal, e deixe-se derreter este por si

Basta friccionar, pela manhã e á noite, as verrugas, com a cebola assim preparada, para que ellas desappareçam ao cabo de alguns dias.

Este processo não apresenta o inconveniente do emprego d'acidos corrosivos.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

M. DE C.—*C'est selon.* Se o romance fôr pequeno e bem feito, pode v. ex.ª envial-o, guardando o incognito, assignando, empregando um pseudonymo, como lhe aprouver. Se não satisfizer áquelles dois quesitos, então melhor será não vir a lume.

TERENCIO ELEUTHERIO.—Effectivamente é caso para se dizer:—*non licet.*

Os versos alexandrinos são difficeis de fazer e devem dividir-se em dois hemistichios de seis sylabas cada um. Os do seu soneto affastam-se das regras, e tanto, que não podem ser publicados.

Ahi vae um verso para amostra:

«Os seus olhos são limpidos como os idyllios»

Francamente é pena que este e outros estejam incorrectissimos, porque o terceto final do soneto é bom.

Faça nova tentativa, e nós cá estamos.

D. J. R. LOBATO.—Terão a sua vez.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este appellido na musica é exclamação—1—1.

Este elemento bebe-se a andar—1—1.

Esta flor e esta mulher é uma mulher—2—2.

Este espaço de tempo corre todos os dias—2—2.

Na musica esta cidade tem agua—1—2.

INDISCRETO.

Adoro esta mulher carinhosa—2—2.

Anda coberto d'agua o mar alto—1—2.

Este tecido transporta-se d'Angola—1—2.

No mar anda este licor—3—1.

F. L. MÉGA.

A primeira diz Virgilio ser verdade e agradavel—2—2.

Na Italia causa dó este instrumento—2—1.

Faz a charrua e mortifica o homem—2—1.

Leiria. M. MONTEIRO JUNIOR.

ELECTRICAS

Á's direitas ou ás avéssas é mulher—2.

A's direitas ou ás avéssas dão-se e levam-se—3.

A's direitas e ás avéssas no chapeu—2.

A. MARIA DO REGO.

Ajuda.

EM VERSO

Tambem é lá d'animal—2
Que vive ermo e abandonado—1
Na tua frente, leitor,
Tudo está já designado.

Já te dei bem o conceito,
Só te resta decifrares.
É facilima a charada
Se para mim reparares.

Famalicão. J. DIAS VELLOSO.

É adverbio o meu nome—1
N'um jogo tu me verás—2
E procedendo com tino
Um logar santo acharás.

FLORENCIO FERREIRA (FILHO).

PROBLEMATICAS

5+2×3+5—8+1—9=junto ao mez das 4 lettras causa dó a quem vê.

Valença. LUIZ DIAS.

Pedra fina—a + o=flor=5.

Monchique. J. ANTONIO DA CUNHA.

EM QUADRO

• • • • Temor
• • • • Sobrenome d'Esaú
• • • • Abrigo
• • • • Califa, primo de Mahomet.

Redondo. COSTA.

ENIGMA

Cinco letras me compõem,
Duas sylabas formando.
Em nada me agrada o todo
Mesmo que seja brincando.

A's direitas ou ás véssas
Sempre o mesmo se ha de ler.
Se quizeres exp'rimenta,
Far-te-hão talvez doer.

Ajuda. A. MARIA DO REGO.

Digitized by Google

LOGOGRIPHO

(Ao Pequeno Antoninho)

Eis aqui uma medida—1—5—7
Que da China é um metal—3—7—6—2—1
Sendo fructa conhecida—6—2—1—7
E' com certeza animal—3—4—7—3—7—6

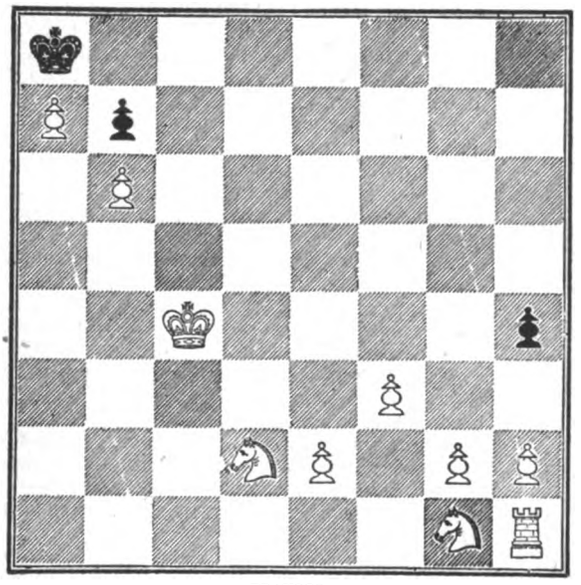
«Se vir's a mulher perdida,
Não a trates com desdem;
Porque Deus tambem castiga
Não diz quando, nem a quem».

Monchique. J. ANTONIO DA CUNHA.

XADREZ

PROBLEMA N.º 16

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

PROBLEMA

Suppondo um quadrado dividido em 25 quadrados menores, dispor n'estes os 25 primeiros numeros inteiros, de modo que, sommando-os horisontal e verticalmente, ou segundo as duas diagonaes do quadrado, se obtenha um valor constante.

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Manoel.
2.ª—Bastonada.
3.ª—Relinga.
4.ª—Heliometro.
5.ª—Napoleão.
6.ª—Bisnetc.
7.ª—Limonada.
8.ª—Caparica.
9.ª—Ave-Maria.
10.ª—Carocha.
11.ª—Marselha.
12.ª—Arara.
13.ª—Aias.
14.ª—Rosasolis.
15.ª—Calvario.
16.ª—M i r a
I r u n
R u n a
A n a z
17.ª—M a r i a
a m o r
r o l
i r
a

Das adivinhas populares:

1.ª—Ouriço.
2.ª—Pinhão.

Do logogripho: Beldroegas.

Xadrez—Solução do 15.º problema:

1.ª

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma P. C. R.	1. D. toma T.
2. D. toma P. T. R. (cheque)	2. R. casa C. ou R. 2 T. R.
3. D. toma D. (cheque e mate)	

2.ª

1. T. toma P. C. R.	1. D. casa B. R.
2. D. toma P. T. R. (cheque)	2. B. 2 T. R.
3. D. toma B. (cheque e mate)	

3.ª

1. T. toma P. C. R.	1. D. 3 R.
2. T. 8 C. R. (cheque)	2. R. 2 T. R.
3. T. 7 C. R. (cheque e mate)	

A RIR

Uma definição do amor:
Em arithmetica, um e um fazem dois.
Em amor, um e um fazem um.
No casamento, um e um fazem... tres.

UM DOMINÓ.

CARTA ACHADA NA ALGIBEIRA DE UM AFOGADO

Pergunta-me, minha senhora, se estou zombando? Duvida que possa existir na terra um homem inaccessivel ao amor? Pois bem, esse homem sou eu!

De que provém isto? Não sei! Nunca experimentei essa especie de embriaguez de coração, que se chama amor! Nunca vivi n'esse sonho, n'essa exaltação, n'essa loucura em que nos lança a imagem de uma mulher: nunca fui perseguido pela espectativa ou pela posse de um ente que, de repente, se nos afigurasse mais desejavel do que todas as felicidades, mais bello do que todas as creaturas, mais importante do que todos os universos! Não chorei, nem soffri por nenhuma mulher. Nunca passei a noite, de olhos abertos, pensando *n'ella*. Ignoro o que seja o accordar, illuminado pela reverberação de um olhar querido. Desconheço a divina languidez da esperança, que precede a chegada, e a melancolia da saudade, quando *ella* foge, deixando no quarto um vago aroma de violetas e beijos.

Nunca amei!

Creio que analyso demais as mulheres para poder sentir a attracção dos seus encantos

Ha em todas as creaturas o ente moral e o ente phisico. Para amar, ser-me-hia necessario encontrar n'esses dois entes uma harmonia, que nunca achei.

A intelligencia que temos direito de exigir a uma mulher, para amal-a, nada offerece de commum com a intelligencia viril. E' mais e é menos. E' preciso que uma mulher tenha o espirito delicado, sensivel, fino, impressionavel. Ella não necessita de vigor e iniciativa no pensamento; mas é preciso que haja no seu organismo bondade, elegancia, ternura, *coquetterie*, e essa faculdade de assimilação que a torna igual, em pouco tempo, áquelle que partilha a sua vida. A sua principal qualidade deve ser o tacto, esse sentido vibratil que é para o espirito o que o contacto é para o corpo. Revela mil cousas subtis, os contornos, os angulos e as formas na ordem intellectual.

As mulheres bonitas nem sempre possuem uma intelligencia em relação com a sua pessoa.

O menor defeito de concordancia impressiona-me e afasta-me.

Na amisade, o facto não tem importancia. A amisade é um pacto, onde se faz a partilha dos defeitos e qualidades. Pode-se julgar um amigo e uma amiga, levar em linha de conta as suas qualidades, desprezar os seus defeitos e apreciar exactamente o seu valor, experimentando-se uma sympathia intima, profunda e encantadora.

Para amar é preciso ser cego, entregar-se inteiramente, não ver nada, não reflexionar, não comprehender. E' mister poder adorar as fraquezas, tanto como as bellezas, e renunciar ao bom senso e á perspicacia.

Sou insusceptivel de experimentar esta cegueira.

Ainda não é tudo.

Tenho, com respeito á harmonia, uma idéa tão elevada e subtil, que cousa alguma poderá realisar o meu ideal.

Uma mulher, na minha opinião, pode possuir uma alma deliciosa e um corpo encantador, sem que esse corpo e essa alma se associem. Quero eu dizer que as pessoas que teem o nariz de um certo feitio, não devem pensar de certa maneira.

Os gordos não teem direito de se servir das mesmas palavras do que os magros. V.ª ex.ª, minha senhora, que tem os olhos azues, não póde encarar a existencia e os acontecimentos, como se tivesse os olhos pretos. As *nuances* do seu olhar devem corresponder fatalmente ás côres do seu pensamento.

Digitized by Google

E entretanto, julguei amar durante uma hora, um dia. Cedi tolamente á influencia das circumstancias. Deixei-me seduzir pela miragem de uma aurora.

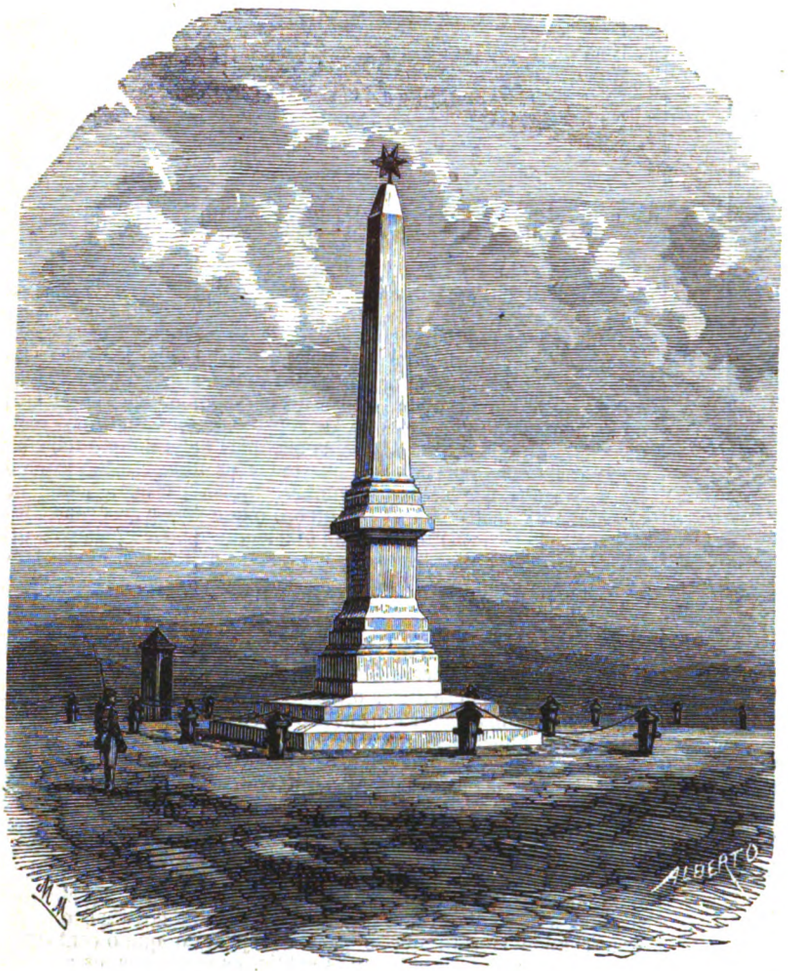
Quer que eu lhe conte essa breve historia?

*

Encontrei um dia uma mulher bonita e exaltada, que quiz, por uma fantasia poetica, passar uma noite commigo em um barco, no rio.

Era no mez de junho. Escolhemos uma noite de luar.

Jantámos em um restaurant; depois ás, 10 horas, embarcámos; eu peguei nos remos e partimos. E' forçoso confessar que o espectaculo era arrebatador! O encanto suave das noites tepidas e dos rios luminosos, esmaltados pelo luar, absorvia-nos. A vida parecia-me um bom sonho, e sentia-me feliz, tendo junto de mim uma mulher moça, enternecida e formosa.



O MONUMENTO DO BUSSACO

Eu estava um pouco commovido, perturbado e inebriado pela claridade opalina do luar e pelo aspecto da minha companheira.

«Assente-se junto de mim», disse-me ella.

Obedeci.

«Diga-me versos», acrescentou.

Achei demasiado; recuzei; ella insistiu. Queria, evidentemente, toda a grande symphonia do sentimentalismo, desde a Lua até á Rima. Afinal cedi, e recitei-lhe, por escarneo, as deliciosas estrophes de Luiz Bouilhet:

Je déteste surtout ce barde à l'œil humide
Qui regarde une étoile en murmurant un nom
Et pour qui la nature immense serait vide,
S'il ne portait en croupe ou Lisette ou Ninon.

Ces gens-lá sont charmants qui se donnent la peine,
Afin qu'on s'intéresse à ce pauvre univers,
D'attacher des jupons aux arbres de la plaine
Et la cornette blanche au front des coteaux verts.

Certe ils n'ont pas compris les musiques divines
Eternelle nature, aux frémissantes voix.
Ceux qui ne vont pas seuls par les creuses ravines
Et rêvent d'une femme au bruit que font les bois.

Esperava exprobrações. Ella murmurou: «Como isso é verdadeiro!» Fiquei estupefacto. Teria comprehendido?

O nosso barco parou de repente. Enlacei a cintura da minha companheira, e, suavemente, quiz beijal-a na nuca. Ella repelliu-me com um gesto brusco e atirou-me ás faces o epitheto de material. Em seguida, accrescentou com expressão maliciosa:

«Já esqueceu os versos que acaba de recitar-me?»

Era justo. Calei-me.

A minha companheira mandou-me remar, e eu comecei a achar a noite muito comprida e a minha attitude muito ridicula.

«Promette-me uma cousa?»

«Prometto».

«Desejo deitar-me no fundo do barco, ao seu lado, olhando para as estrellas.»

«Seja!»

«Mas prohibo-lhe que me toque, que me acaricie.»

Respondi affirmativamente.

«Se faltar á sua promessa, volveu ella, metto o barco no fundo.»

Deitámo-nos ao lado um do outro, os olhos cravados no céo, vogando á flôr da agua. Os balanços do bote embalavam-nos. Os ligeiros ruidos da noite chegavam-nos agora mais distinctamente no fundo da embarcação, e, por vezes, faziam-nos estremecer.

Sentia tomar posse do meu ser uma estranha e pungente commoção, um enternecimento infinito, como que a imperiosa necessidade de abrir os braços e o coração para amar, de me dar, de entregar a alguem os meus pensamentos, o meu corpo, a minhavida.

A minha companheira murmurou, como se estivesse sonhando: «Onde estamos? Onde vamos? Parece que me afasto da terra. Como é bom!... Oh! se me amasse... um pouco!»

O meu coração batia acelerado.

Não pude responder; pareceu-me que a amava. Não experimentava nenhum desejo violento. Estava assim bem, ao lado d'ella, e isso me bastava.

Ficámos longo tempo silenciosos, as mãos enlaçadas, dominados por uma força desconhecida e superior, especie de Alliança intima, absoluta e casta, dos nossos seres, que se pertenciam sem se tocarem! O que era isto?

Seria amor?

O dia nascia pouco a pouco. Eram tres horas da madrugada. Lentamente, uma grande claridade invadia o céo.

Levantei-me e fiquei extasiado. O horisonte tingira-se de todas as cores do iris. O rio parecia de purpura.

Curvei-me para a minha companheira. Ia dizer-lhe: «Repare!» Mas a palavra emmudeceu-me nos labios, suspensa pelo assombro.

Ella nadava em um fluido côr de rosa, o rosado da carne sobre a qual houvesse cahido um pouco da côr do céo.

Os seus cabellos côr de rosa, os seus olhos côr de rosa, os seus dentes côr de rosa, o seu vestido, as suas rendas, o seu sorriso, tudo côr de rosa! Julguei, na minha embriaguez, que a aurora descerado horisonte.

Ella ergueu-se suavemente, offerecendo-me a fronte: palpitante, ebrio de felicidade, senti que ia beijar o céo, beijar o sonho metamorphoseado em mulher, beijar o ideal modelado na carne humana.

A minha companheira disse-me:

«Tem uma lagarta no cabello!» Era por isso que ella se rira.

Pareceu-me que me haviam decepado a cabeça. Uma tristeza funebre invadiu-me, como se a esperança se apagasse para sempre na minha vida.

E' tudo, minha senhora.

E' pueril, absurdo, estupido. Mas desde esse dia, tenho a convicção de que não amarei nunca.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, de 10 novembro de 1884 Numero 20

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Quinze dias na Hollanda*, por Pinheiro Chagas.—*Velut umbra*, soneto, por Guimarães Fonseca.—*Voto fatal*, (*Catulle Mendès*), por Esmeralda.—*Em familia*, (*Passa tempos*).—*Um conselho por semana*.—*As nossas gravuras*, por D.

GRAVURAS.—*Á sombra das olaias*.—*Enlevos de mãe*.—*Um sapateiro de escada*.—*Nos Pyreneos-A chegada da diligencia*.—*Hospital portuguez em S. Luiz do Maranhão*.

Á SOMBRA DAS OLAIAS (Quadro de Karl Fröschl)

Digitized by Google

CHRONICA

Foi-se a Judic.

Disse-nos o adeus da despedida em portuguez mais ou menos correcto, por musica, n'um estylo de *petenera*, promettendo que ia aprender o idioma de Camões para poder cantar o fado quando outra vez cá voltasse.

Simples promessas d'artista, que a commoção inspirada pelos applausos provoca, mas que se desfazem, como um sonho, ao transpôr as fronteiras, que se evolam fugazes, transformando-se —quem sabe!—n'um meio sorriso de desdem.

E' possivel que Judic volte, com mais uma pontinha de adiposo e alguns cabellos brancos á mistura. Que aprenda o portuguez, duvidamol-o.

E de resto, será bem melhor que se não consagre a esses estudos linguisticos. Ignorando o idioma da nossa Parvonia, não terá occasião de verificar o que por ahi se rouba á litteratura da sua patria, e de saber como os jornalistas portuguezes costumam descompor-se nas pugnas diarias da imprensa.

Se foi formando de nós uma idéa lisongeira, se acaso a nossa exterioridade lhe agradou, não desfaça as boas illusões da primeira visita a Lisboa, desvendando os segredos do idioma lusitano.

Deixe-se d'isso, e continue a suppor-nos o povo mais civilisado do mundo. Conte aos chronistas do *Figaro* o que por cá lhe fizeram, mas não procure conhecer a fundo o que entre nós se diz e se escreve. Seria perigosa e cruel a desillusão; dissipar-se-ia, talvez, o encantamento do primeiro *abord*.

*

Foi enthusiastica a ovação feita á formosa rainha do *vaudeville* na ultima noite da sua estada em Lisboa.

As folhas diarias registraram já esses enthusiasmos de *cliché*, manifestados da mesma fórma para com a Sarah Bernhardt, a Paladini, a Marini, a de Reszké e a Pasqua.

Um *sportman* muito conhecido pelas suas bizarrias fidalgas e que leva todo o anno a sonhar com a vinda de qualquer artista illustre para lhe fazer uma manifestação ruidosa, não quiz que Anna Judic nos deixasse sem saborear as delicias experimentadas por outras rainhas e princezas da Arte.

Quando a *diva* sahia do theatro para recolher aos seus aposentos luxuosos do Hotel *Braganza*, estava já preparada, em frente da Trindade, a mesma *mise-en-scène* que serviu na apotheose da Pasqua: uma carruagem tirada a quatro, com bellos cocheiros de librés espaventosas; *marche aux flambeaux*, bandas marciaes, cavalleiros montando ginetes de boa estampa, muito vivorio, muita algazarra, muito povoléo curioso a acotovelar-se.

E' a manifestação da tabella, para as grandes solemnidades. Não tem variantes nem modificações conhecidas. Ou se festeje e talento d'uma tragica *di cartello*, ou se victorie o merito d'uma *prima-donna* illustre, ou se applauda a graciosidade d'uma *chanteuse* notavel, ha de vir sempre a mesma carruagem de gala com flaccidos coxins de seda e veludo, hão de apparecer fatalmente os mesmos cavalleiros, as mesmas musicas, os mesmos garotos empunhando archotes d'onde se desprende uma fumarada asphixiante.

E' do estylo.

Os madrilenos são mais praticos nas suas manifestações, embora não sejam tão expansivos. Para não perderem o costume de tratar todos os assumptos á meza dos *restaurants*, obsequiaram Judic offerecendo-lhe um jantar a quarenta duros por cabeça. A imprensa fez-se representar no banquete; houve discursos; os prosadores fizeram rhetorica; os poetas deitaram trovas, e a formosa *Nitouche* poude, ao mesmo tempo, apreciar a cozinha e a litteratura hespanholas.

Aquillo comprehende-se; deixa impressões boas no espirito e no paladar; consola, d'uma assentada, o estomago e a vaidade, os orgãos digestivos e o ouvido.

O que se lhe fez entre nós prova, quando muito, que temos bons trens e bons cavallos de raça. E' uma festa da tabella, circumscripta ao nosso pequenino mundo do *sport*, a que se associam os *gavroches* descalços, fazendo uma berrata insupportavel e atroadora.

Emfim, pode ser que a apotheose lhe agradasse. Tanto melhor para ella e para nós, se tal succedeu.

=Por cada noite de S. Carlos uma opera nova. Já tiveramos o *Rei de Lahore*, temos agora a *Dinorah* cantada por Zina Dalty e Sparapani, dois artistas notaveis.

Depois da *Dinorah*, o *Fausto*; em seguida a Meyerbeer, Gounod: musica para todos os paladares, operas para todos os gostos, cantores para todos os *dilettanti*... promessas risonhas d'uma época lyrica verdadeiramente extraordinaria, com um punhado d'artistas distinctos a passar em revista diante de nós, e um *bouquet* de bellos *spartitos* a perfumarem-nos a quadra tristonha e desflorida do inverno.

Pena é que, n'aquelle paraizo de S. Carlos, (fallamos do paraizo da scena) haja uma nota discordante... a corista gorda.

=Em D. Maria tivemos, na quinta feira, o *Ruy Blas*, traducção esmerada de Bulhão Pato, poeta illustre e prosador vernaculo como não conhecemos muitos.

A peça é um assombro de *mise-en-scène* e um mimo de boa litteratura portugueza. Se por isto nos agradou, e muito, outro tanto não podemos dizer do seu desempenho, que foi desegual. Nem Virginia nem Brasão nem Falco nem Antonio Pedro se nos revelaram a toda a altura dos seus robustos talentos artisticos.

Em todo o caso, o bello drama de Victor Hugo foi recebido com applausos calorosos na primeira noite, o que não quer dizer que se conserve por largo tempo em scena. E' peça para ser vista por gente escolhida, e não prende a attenção do publico menos illustrado, esse publico refractario ás coisas d'arte, que foge de D. Maria e de S. Carlos para ir ver as *ecuyères* ou os elephantes ao Colyseu.

O Gymnasio... o Gymnasio não nos dá, por emquanto, coisa que se applauda enthusiasticamente. Promette-nos *La Glu*, de Richepin, para beneficio de Eloy, e acena-nos, d'um modo muito vago, com varias *chansonnettes* cantadas por Lucinda do Carmo.

=Passando dos theatros para o militarismo, por uma evolução ex-abrupto, cumpre-me deixar aqui exarado que se reformou o exercito.

Essa reforma trouxe comsigo, a mais, a creação de varios corpos d'infanteria, cavallaria e artilheria, e a menos, as barbas venerandas dos porta-machados, que nós ahi viamos, de quando em quando, á frente das procissões e dos cyrios indigenas.

Augmentou-se a milicia e poz-se um *veto* ás exuberancias capillares d'aquelles respeitaveis membros da força publica.

As barbas representavam um accrescimo de pezo no equipamento militar, e a mobilidade dos exercitos exigia imperiosamente a sua eliminação.

Uma lagrima sobre a cara rapada dos porta-machados extinctos, e o nosso parabem aos figaros da tropa, beneficiados pela nova reforma.

C. DANTAS.

QUINZE DIAS NA HOLLANDA

II

Chamam a Amsterdam a Veneza do Norte, mas é incontestavelmente uma Veneza prosaica, ou uma Veneza pelo menos com a poesia que pode encontrar-se na vida mercantil e industrial elevada a uma alta potencia. Veneza, a Veneza verdadeira, mira nas aguas do Rialto os seus palacios de marmore, revê-se nas suas gondolas que deslisam silenciosamente nas lagunas, recorda com saudade os tempos gloriosos e pittorescos do Bucentauro e dos doges. Amsterdam nem tem palacios de marmore, nem elles se miram nas aguas dos canaes, porque os caes que os separam do mar são espaçosos, nem mette a sua população em gondolas silenciosas; tem carruagens que a transportam de um para outro lado pelos caes, e pelas pontes que bastam para todo o movimento da importante cidade, pontes de todos os systemas e de todos os feitios, pontes que se abrem para deixarem passar os navios, pontes que se levantam para o mesmo effeito, e todo este movimento, todas estas maravilhas da sciencia e da industria moderna, dão á cidade de Amsterdam um aspecto de certo bem diverso do que tem a cidade das lagunas. Amsterdam não é pois bem a Veneza do Norte, é a Veneza contemporanea. A outra é a cidade de capa e espada que guarda as tradições d'aquelle velho commercio aristocratico do seculo XVI, em que os negociantes não eram mais do que uns guerreiros que mercadejavam, e que empregavam os seus haveres em palacios sumptuosos, em maravilhas artisticas. Amsterdam é a cidade de frac e chapeu baixo, que faz o commercio á moderna, empregando o dinheiro em construir pontes gigantes, que economisem tempo e tornem possiveis e faceis novos lucros.

Contrastando de um modo notavel com a altiva Amsterdam, apparece Leyde, onde o nosso viajante parou ao regressar da capital da Hollanda.

«O' formosa Leyde! escreve elle, ó patria do propheta, que tantas vezes temos applaudido em S. Carlos! ó doce remanso do estudo e da meditação, como tu nos appareceste encantadora, tranquilla e ridente como um sonho phantastico, mirando-te garrida nos teus innumeros e limpidos canaes! orgulhosa das tuas pontes de ferro! assombrada pelas frondosas arvores que bordam as tuas largas e tranquillas ruas! que adornam as tuas poeticas avenidas! recebendo o tributo do Rheno, que, perdida a altivez, vem manso beijar-te a fimbria verde dos tapetes de relva, matizados de flores, onde repousas os pés como uma sultana mollemente recostada no abstracto scismar de varias cogitações.

«Leide ou Leiden como escrevem os hollandezes, ou Leyde se-

Digitized by Google

gundo a orthographia franceza determinada pela necessidade de evitar o diphtongo, é a cidade sagrada da sciencia, que pela doce serenidade das suas ruas sem bulicio, pela sombra melancolica das suas arvores rumorejantes, pelo sussurro suavissimo das suas correntes de agua, que a faina industrial agita com o bater compassado e monotono dos remos, convida á meditação e ao estudo, fazendo-nos lembrar, n'um capricho de phantasia, a nossa formosissima Coimbra, que mãos de gigantes houveram mettido n'uma prensa colossal para a tornar plana afim de que não desdissesse da harmonia geral d'aquelle paiz em que o terreno só ousa desnivellar-se... para ficar mais baixo do que a superficie das aguas!»

Parece que na Hollanda está tudo naturalmente tão regrado e ordenado que até as differentes cidades tomaram cada uma a sua especialidade, sendo Amsterdam a cidade da industria e do commercio, Leyde a cidade de estudo e de sciencia, Haya a cidade da côrte e da diplomacia. O caminho de ferro que liga Amsterdam com a Belgica, passa por Haarlem, Leyde, e Haya. N'esta ultima cidade parou tambem o nosso viajante, para admirar as obras primas do seu museu, a belleza do bosque, que constitue as portas da Haya o mais encantador dos passeios, e para ir ali perto, a Scheveningue, ver o mar do Norte, e formar idéa do que é uma praia de banhos na Hollanda, com as suas barracas de madeira, que, em vez de esperarem sobre a areia que os banhistas venham, escorrendo em agua, vestir o fato enxuto, entram, graças ás suas rodas, pelo mar dentro, e vão levar os banhistas ao seio das ondas.

Não repetiremos o que diz Cunha Bellem dos museus de bellas-artes, onde resplandecem as obras primas da esplendida escola hollandeza, onde ao lado dos quadros de Rembrandt se ostentam as paisagens magnificas de Paulo Potter. Não fallaremos ainda, porque tambem Cunha Bellem passa rapidamente por esse assumpto que não poude estudar com demora, no elemento judaico-portuguez ainda existente na Hollanda. Na synagoga de Amsterdam teve Cunha Bellem o prazer de ler inscripções portuguezas, e entre os medicos hollandezes mais distinctos que assistiam ao congresso figurava um com o nome portuguez de Teixeira de Mattos, já tão adulterado na pronuncia, que Cunha Bellem só o reconheceu como um nome de compatriota, quando o viu escripto.

Mas sobre tudo o que impressionou na Hollanda o nosso viajante foi aquelle aceio escrupuloso e levado a extremos inexcediveis que caracterisa o paiz, foram tambem as altas qualidades civicas dos Hollandezes que, como todos os povos sinceramente liberaes, sabem tanto manter os seus direitos como cumprir os seus deveres. Ha d'essa dupla qualidade no livro de Cunha Bellem dois exemplos frizantes: A municipalidade de Amsterdam prohibiu uma feira com grande desagrado da população. O que fizeram? Um rico proprietario hollandez abrio o seu parque e fez a feira lá dentro. Nem um policia lá entrou. O responsavel pela ordem era o dono da quinta. Em quanto não pedisse auxilio, nenhuma authoridade ousaria violar-lhe a residencia. Por outro lado, na Haya, viu Cunha Bellem uma densa multidão parar com todo o respeito diante de uma divisoria insignificante, para alem da qual era prohibido passar. Não estava nem um só policia para obrigar os cidadãos a não transgredirem a ordem. Não era necessario. Era uma ordem legal. Todos a cumpriram sem hesitação.

Por estes exemplos e por tudo que temos dito d'este livrinho, verão os nossos leitores que Cunha Bellem soube observar, estudar e comparar, dando-nos n'esse formosissimo livro, em vez da copia mais ou menos rhetorica de um guia de viajante, a sua impressão pessoal, unico modo por que os livros de viagem podem, como este, captivar profundamente a attenção dos leitores.

PINHEIRO CHAGAS.

VELUT UMBRA

Branca sombra dos sonhos vaporosos
Em que a alma nada em luz, sem que no espaço
Descubra árida praia, o negro traço
Da terra, dos abysmos tenebrosos

Aonde voaste, ó pomba dos saudosos
Devaneios do amor, alvo regaço
Da flor da primavera, ethereo laço
Da terra ao ceu nos extasis radiosos?

Fugiste, como a sombra, alvéloa linda,
E no peito dos tristes vaga ainda
Um perfume de essencias ineffaveis...

E' que tu, divindade infame e forte,
Rasgas o coração até á morte,
E ris do pranto vil dos miseraveis.

GUIMARÃES FONSECA.

VOTO FATAL

(CATULLE MENDÈS)

Pés descalços, cabellos ao vento, um vagabundo passou pela estrada que defrontava com o palacio do rei.

O vagabundo era uma creança encantadora, com os seus cabellos loiros soltos em anneis, os seus grandes olhos negros e a bocca fresca e humida, como uma rosa depois da chuva; como se o sol exultasse ao fital-o, havia nos seus farrapos mais luz e alegria do que nos setins, velludos e brocados dos fidalgos e nobres damas, agrupados no pateo de honra.

—Oh! como ella é bonita! exclamou o pobresinho, parando de repente.

Acabava de avistar a princeza Rosalinda, que tomava o fresco, á janella: na realidade, era impossivel encontrar na terra uma pessoa mais bonita do que a filha do rei.

Immovel, os braços erguidos para a janella como para uma abertura do céo, atravez da qual se avistasse o paraiso, o vagabundo teria ficado parado na estrada toda a tarde, se um guarda não o houvesse mandado retirar.

O infeliz afastou-se, de cabeça baixa. Parecia-lhe agora que tudo escurecera em torno d'elle, o horisonte, a estrada, as arvores; ao deixar de ver Rosalinda, afigurou-se-lhe que o sol se apagára. Assentou-se debaixo de uma arvore, na extremidade do bosque, e desatou a chorar.

—Porque é que choras, meu filho? perguntou uma velha, que sahia do bosque, trazendo um feixe de lenha ás costas.

—De que serviria dizer-lh'o, boa mulher, se a senhora não póde remediar os meus males?

—Talvez te enganes, volveu a velha.

Ao mesmo tempo ergueu-se, atirando fóra o feixe de lenha: não era uma velha, era uma fada, bella como o dia, os cabellos cravejados de pedrarias.

—Oh! senhora fada, exclamou o vagabundo, prostrando-se de joelhos, compadeça-se do meu infortunio. Desde que vi a filha do rei, que tomava o fresco á janella, o meu coração não me pertence, e sinto que nunca poderei amar outra mulher.

—Não acho muito grande a tua desgraça.

—Não conheço outra maior. Se não conseguir casar com a princeza, morrerei!

—Podes conseguil-o. Rosalinda não tem noivo.

—Oh! sr.ª fada, olhe para os meus farrapos, para os meus pés descalços; sou um pobre rapaz; vivo de esmolas!

—Não importa! não póde nunca deixar de ser amado aquelle que ama sinceramente; é a eterna lei. O rei e a rainha desprezar-te-hão, os cortezãos escarnecer-te-hão, mas se o teu amor for verdadeiro, Rosalinda commover-se-ha com as tuas supplicas, com as tuas lagrimas, com a tua dedicação, e no momento em que, expulso pelos lacaios, mordido pelos cães, tu fugires, chorando, ella irá, palpitante e feliz, offerecer-te a sua face branca e pura como os lyrios.

A creança sacudiu a cabeça, não acreditando na possibilidade de um tal milagre.

—Toma sentido! replicou a fada; o amor não gosta que se duvide do seu poder, e castiga inexoravelmente os incredulos. Entretanto, visto que soffres, quero auxiliar-te. Faze um voto e realisal-o-hei.

—Desejaria ser o principe mais poderoso da terra, a fim de desposar a princeza que adoro.

—Porque não preferes antes ir cantar uma canção de amor debaixo da sua janella? Emfim, visto que prometti, far-se-ha a tua vontade. Mas devo advertir-te de uma cousa: quando tiveres deixado de ser o que és, nenhum genio, nenhuma fada, nem mesmo eu, poderá restituir-te ao teu primitivo estado; logo que sejas principe, sel-o-has para sempre.

—Pois acredita que o real esposo da princeza Rosalinda possa alguma vez appetecer ir mendigar o pão pelas estradas?

—Desejo que sejas feliz, volveu a fada suspirando.

Em seguida, tocou-lhe no hombro com uma varinha de oiro; em uma brusca metamorphose, o vagabundo appareceu transformado em um opulento principe, deslumbrante de seda e joias, cavalgando um soberbo cavallo, á frente de um luzido sequito de guerreiros, revestidos de armaduras de oiro, que brilhavam ao sol.

II

Um tão poderoso principe não podia deixar de ser bem recebido na côrte; durante uma semana houve em sua honra cavalhadas, bailes, todas as festas que se podiam imaginar. Mas esses divertimentos não preoccupavam o principe. O seu constante pensamento, noite e dia, era Rosalinda; quando a via sentia o coração tresbordar de delicias; quando a ouvia fallar afigurava-se-lhe escutar uma musica divina.

Uma só coisa o entristecia: aquella que amava não parecia corresponder aos extremos de que elle a cercava; permanecia quasi sempre calada e melancolica. Nem por isso renunciou ao projecto de a pedir em casamento; como era de presumir, o rei e

Digitized by Google

ENLEVOS DE MÃE (Quadro de H. Bachmann)

Digitized by Google

Digitized by Google

NOS PYRINEOS—A CHEGA

(Quadro de M. Bridgr

Digitized by Google

DA DA DILIGENCIA

nann)

Digitized by Google

Digitized by Google

UM SAPATEIRO D'ESCADA (Quadro de A. Rotta)

Digitized by Google

a rainha acolheram com alvoroço o pedido do principe. Assim, pois, o miseravel vagabundo ia possuir a mais formosa princeza do universo!

Uma tão extraordinaria felicidade perturbou-o, a ponto de corresponder ao consentimento do monarcha com gestos estravagantes, pouco compativeis com a solemnidade da sua jerarchia.

A alegria do pobre namorado tinha de ser de curta duração.

Logo que a informaram da vontade paterna, Rosalinda caiu semi morta nos braços das suas damas; quando recobrou os sentidos, a princeza exclamou, lavada em lagrimas, que não queria casar, que morreria se a obrigassem a desposar o principe.

III

Doido de dor, o desgraçado, infringindo todos os preceitos da etiqueta, entrou no quarto para onde tinham transportado a princeza, e arrastando-se aos seus pés, exclamou:

—Cruel, tenha dó de mim, retire as palavras que me assassinam!

—Principe, a minha resolução é inabalavel; não casarei com Vossa Alteza.

—E assim despedaça um coração que lhe pertence! Que crime commetti para merecer um tal castigo? Duvida do meu amor? Receia que a minha adoração não seja sempre a mesma? Ah! se podesse ler na minha alma, não teria nem essa duvida, nem esses receios. A minha paixão é tão ardente que me torna digno da sua incomparavel formosura. Se a princeza não se deixar commover pelas minhas supplicas, só me resta morrer! Restitua-me a esperança, princeza, ou morrerei aos seus pés.

O principe disse tudo quanto a dor mais violenta póde inspirar a um coração apaixonado.

—Infeliz principe, volveu Rosalinda, commovida, se a minha piedade suavisa a sua dôr, creia que a experimento. Lastimo-o tanto mais, quanto eu propria soffro o tormento que o dilacera.

—Que quer dizer, princeza?

—Se recuso o coração que me offerece, é porque tambem amo sem esperança um vagabundo, que passou um dia com os pés descalços e os cabellos ao vento, defronte do palacio de meu pae, que me contemplou, e nunca mais voltou!

ESMERALDA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

JOÃO CAETANO DE OLIVEIRA.—Tal carta não recebemos, e de taes versos não ha, n'esta redacção, a mais leve noticia.

E' provavel quea falta seja do correio. O serviço postal tem ás vezes d'estas irregularidades verdadeiramente providencias, que nos livram de perder tempo na leitura de versos detestaveis e d'epistolas menos correctas.

A. M. DE MEYRELLES.—Não estão no caso de ser publicadas, o que sentimos.

TOM POUCE.

Recebemos a seguinte carta:

«A *Illustração* de 20 do passado, publicando a solução do problema algebrico proposto em o numero antecedente, diz que Pedro empregou 10 e Paulo 15 horas na viagem.

Deve ser extremamente engenhoso o calculo que conduziu á solução, attendendo ao limitado numero de dados fornecidos pelo enunciado. Segundo este, apenas se sabe que Pedro e Paulo caminharam, o 1.º em 4 e o 2.º em 9 horas, duas distancias *desconhecidas!*

Determinar, só com o auxilio de taes elementos, qual o tempo empregado por cada um dos caminhantes em fazer a sua viagem, sem que ao menos exista uma relação conhecida entre as respectivas velocidades, com tão deficientes auxiliares, repetimos, deve ser tarefa ardua e altamente engenhosa a resolução do problema, que, no meio da nossa ignorancia, se nos affigura caminhar nas trevas, sem guia, por entre barrancos e sem ter ao menos uma caixinha de phosphoros do José Osti. E é com o louvavel intuito d'aprender que ousamos pedir a publicação do precioso calculo, certos de que nos não será negada, porque d'ella resultam para nós, e para a maioria dos leitores, uma proveitosa lição, para o pae da creança, dizemos, para o auctor, a satisfação de ter practicado uma obra de misericordia, e para os restantes leitores a perda será insignificante, visto que a inserção que pedimos só lhes roubará algum espaço da secção.

EMA DURO.»

* * *

Sentimos ter que incommodar os leitores da *Illustração Portugueza* com a solução do problema proposto no n.º 13 d'esta publicação. Não podemos, porém, deixar de o fazer, depois da carta supra, cujo author julgou termos sido mesquinhos no numero de condições do referido problema, tornando-o assim de nulla solução.

Diz elle, na sua interessante epistola, que nem ao menos é conhecida a relação das velocidades dos dois moveis. Permitta que lhe digamos que tal relação está implicita no enunciado do problema, como lhe vamos mostrar.

Seja AB a distancia a percorrer, e *C* o ponto do encontro. Representemos por *V* a velocidade de Pedro, que suppomos partir de A, e por V′ a de Paulo, que parte por tanto de B.

Tem-se pois

$$CB=4V \quad AC=9V'$$

Mas, como se encontraram em *C*, Pedro andou AC no mesmo tempo que Paulo precisou para andar CB. Sendo pois *t* este tempo commum, será

$$AC=Vt \text{ e } CB=V't$$

Logo

$$9V'=Vt \qquad 4V=V't$$

Dividindo estas egualdades ordenadamente vem:

$$\frac{9V'}{4V}=\frac{V}{V'} \quad \text{ou} \quad \frac{9}{4}=\frac{V^2}{V'^2} \quad \text{e finalmente} \quad \frac{V}{V'}=\frac{3}{2}$$

Não precisámos, pois, de *caixinhas de phosphoros* para resolver a terrivel difficuldade de achar a relação das duas velocidades.

Continuemos já agora com esta *ardua* tarefa.

Pedro precisou, para andar AC, evidentemente $\frac{2}{3}$ do tempo que Paulo necessitou para andar esta distancia; e como Paulo percorreu AC em 9 horas, segue-se que Pedro percorreu este mesmo caminho em $\frac{2}{3}\times 9=6$. Logo, a distancia AB foi percorrida por Pedro em 10 horas.

Paulo precisou, para andar BC, $\frac{3}{2}$ do tempo que Pedro empregou para andar esta distancia; e como Pedro andou BC em 4 horas, segue-se que Paulo precisou $\frac{3}{2}\times 4=6$. Paulo percorreu, pois, a distancia AB em 15 horas.

Não sei se o *illustre epistolographo* ficará satisfeito com esta solução. Muito desejavamos sabel-o, pois teriamos de pedir a demissão dos nossos logares de professor, se fossemos tão ignorantes como o nosso distincto critico nos suppoz. Apostariamos como s. ex.ª não se dignaria pôr o seu nome por baixo do que escreveu, assim como o faz o seu *humilde admirador*

MORAES D'ALMEIDA.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Dá vida mas não é boa, faz soffrer e tem navios—1—1—1.

Olhei para esta mulher e achei uma cidade—1—2.

No navio não matou mas contou—1—3.

Faro. AUGUSTO TAVARES.

E' fortificação, está claro, este appellido—3—2.

Não é boa mas alegre, clara e vê-se no Chiado—1—1—2.

Evora. J. P. L. T.

Este rio no monte suja—1—2.

O oceano é serio na Allemanha—1—2.

Na musica, no jogo e nos exercitos—1—2.

Porto. J. C. VASQUES.

ELECTRICAS

A' direitas e ás avéssas todos temos—2.

A's direitas adverbio e ás avéssas come-se—2.

A's direitas nome de mulher e ás avéssas animal—2.

GERIBECO & C.ª

A's direitas na mulher e ás avéssas é destro—2.

Porto. J. B. PINHEIRO.

EM VERSO

Sou instrumento cirurgico—2
A' vida podem dar fim—2
Os olhos da minha *Ella*
Palavrinha, são assim!

Digitized by Google

Na musica—1
Na musica—1
Na musica—1
O conceito é appellido
De certo mui conhecido

D'um verbo sou a segunda—1
E, agora, vou apostar
Que todos, ou mais ou menos
Trabalham p'ra me alcançar.—1

Lá no campo
Foi nascido:
E' insecto
Conhecido.

MIGUEL TH. DOS SANTOS.

EM QUADRO

. . . . Divindade
. . . . Peixe
. . . . Peixe
. . . . Verbo

. . . . Na couve
. . . . No Evangelho
. . . . Na justiça
. . . . Animal

Porto. J. B. PINHEIRO.

ADIVINHA POPULAR

Letras me pozeram
Que nunca se lêem,
Diz que me calasse,
Eu nunca fallei;
Logo que me *calaram*
Meus dias acabei.

LOGOGRIPHO

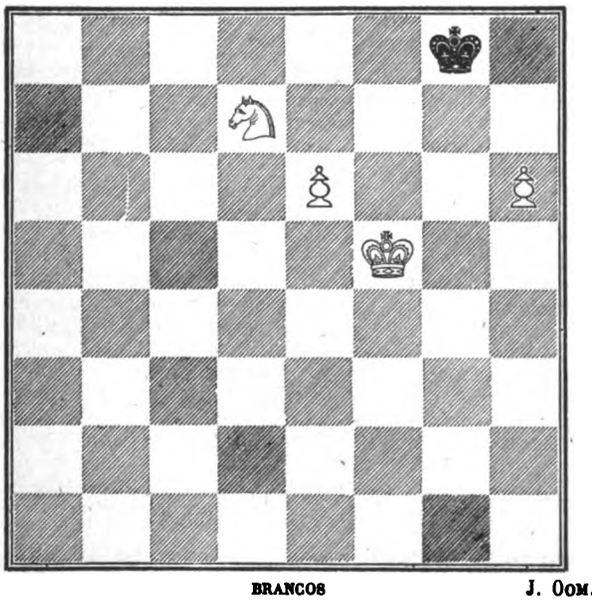
E' animal—1.ª e 2.ª
E' animal—1.ª, 2.ª e 3.ª
E' animal—1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª

Monchique. J. ANTONIO DA CUNHA.

XADREZ

PROBLEMA N.º 17

NEGROS



BRANCOS J. OOM.

Os brancos jogam e dão mate em cinco lances com o peão *evitté* da torre do rei.

PROBLEMA

Tres mulheres vão ao mercado vender melancias. Maria vende 20 por dois preços, os mesmos pelos quaes Francisca vende 30 e Ambrosia 40. Recebem o mesmo dinheiro; pergunta-se: quaes são os preços?

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Olá.
2.ª—Marcha.
3.ª—Rosalia.
4.ª—Diario.
5.ª—Lagoa.
6.ª—Amorosa.
7.ª—Pelago.
8.ª—Loanda.
9.ª—Agua-pé.
10.ª—Primavera.
11.ª—Pizador.
12.ª—Lavrador.
13.ª—Anna.
14.ª—Sopapos.
15.ª—Aba.
16.ª—Velloso.
17.ª—Capella.
18.ª—Desmaio.
19.ª—Heliotropia—Heliotropio.
16.ª—M e d o
e d o m
d o c a
o m a n

Do enigma:—Socos.
Do logogripho:—Michela.
Xadrez—Solução do 16.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. C. 4 R.	1. P. 6 T. R.
2. C. 6 D.	2. P. toma P.
3. C. 8 R.	3. P. toma T. e faz D.
4. C. 7 B. D. (cheque e mate)	

Do problema:

11	24	7	20	3
4	12	25	8	16
17	5	13	21	9
10	18	1	14	22
23	6	19	2	15

A RIR

O doutor X... dizia hontem a uma das suas clientes, que imagina ter todas as enfermidades e que o incommoda a cada passo, pela mais ligeira insignificancia:

—Ah! minha senhora, que saude lhe é necessaria para supportar tantas doenças!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

LIMPEZA DAS VAZILHAS QUE TENHAM CHEIRO A MOFO

Para tirar ás vazilhas o mau cheiro a mofo, tão communicativo ao vinho, recommendamos a seguinte receita:

Introduzem-se, na vazilha que se quer limpar, as substancias seguintes:

Sal de cosinha.....	40	grammas
Bioxydo de manganez..	40	»
Acido sulphurico.... .	50	»
Agua quente	2:000	»

Tapa-se a vazilha, agita-se fortemente e deixa-se em repouso durante seis horas.

O chloro que se desprende, em virtude da acção do acido sulphurico sobre o sal (chlorureto de sodio), destroe todas as materias fétidas que a vazilha contenha.

Juntam-se em seguida oito ou dez litros de agua quente, revolve-se a vazilha em todos os sentidos, despeja-se e lava-se depois com agua pura.

Senão desappareceu o mau cheiro, repete-se a receita.

Digitized by Google

AS NOSSAS GRAVURAS

Á SOMBRA DAS OLAIAS

O ar embalsamado que ali se respira, á sombra das olaias do bosque, é o melhor remedio para curar de todo aquella pallida convalescente desconfortada.

Uma réstea de sol vivificador, duas caricias da briza folgazã e alguns sorrisos meigos da prole doidejante valem mais que todas as panacéas inventadas pela sciencia para flagello da humanidade e para fortuna dos boticarios.

Depois, a doença não foi grave; é d'aquellas que se extinguem depressa... experimentam-n'a todas as mães, e encarregam-se de cural-as, com beijos, os proprios filhos que as originaram.

ENLEVOS DE MÃE

Aquelle livro que ella tem na mão é um accessorio superfluo.

O seu olhar doce e languido não vae cravar-se nas paginas banaes do volume, um romance de Ponson du Terrail, talvez, ou coisa que o valha. Ha outras paginas mais attrahentes a provocarem-lhe a attenção—as paginas da sua vida de noiva, toda amor e perfumes, conglobadas n'um pequenino rosto d'anjo que a fascina do berço.

Essa risonha miniatura é o seu enlevo; o sorriso meigo do *bébé* dormente a sua leitura predilecta. Se alguma vez a tristeza lhe invade a alma, soletra nos labios do filhinho sorridente a palavra felicidade e isso lhe basta para se reputar ditosa.

UM SAPATEIRO DE ESCADA

Um typo.

Pela semana adiante remenda os borzeguins da clientela, recrutada entre os aguadeiros e a criadagem masculina do sitio.

Ao domingo vae para as Hortas, e ás segundas feiras não se acha em estado de deitar tombas, porque entrou de mais, na vespera, pelo sumo da uva.

Tem uma lingua viperiana contra os escandalos da visinhança, e discute politica, de quando em quando, com o merceeiro da esquina.

No fim de tudo vive feliz.

NOS PYRENEOS—A CHEGADA DA DILIGENCIA

Veem como sardinha em tigela, acotovelados n'uma tipoia desconfortavel onde passaram a noite inteira, moidos, somnolentos, sujos, ouvindo as pragas d'um cocheiro brutal e avinhado.

Ha, porém, lá dentro da diligencia, um *elle* e uma *ella* que não desgostariam de jornadear por mais algumas horas, muito aconchegadinhos um com o outro, segredando coisas bonitas, promessas côr de rosa...

Estamos d'aqui a vel-os. Espreitam ambos, pelos vidros da frente, o aspecto da povoação.

O que elles não diriam e fariam alta noite, pela estrada fóra, apertados na estreiteza incommoda do vehiculo, protegidos pela escuridão do ceu e pelo somno dos companheiros de viagem!...

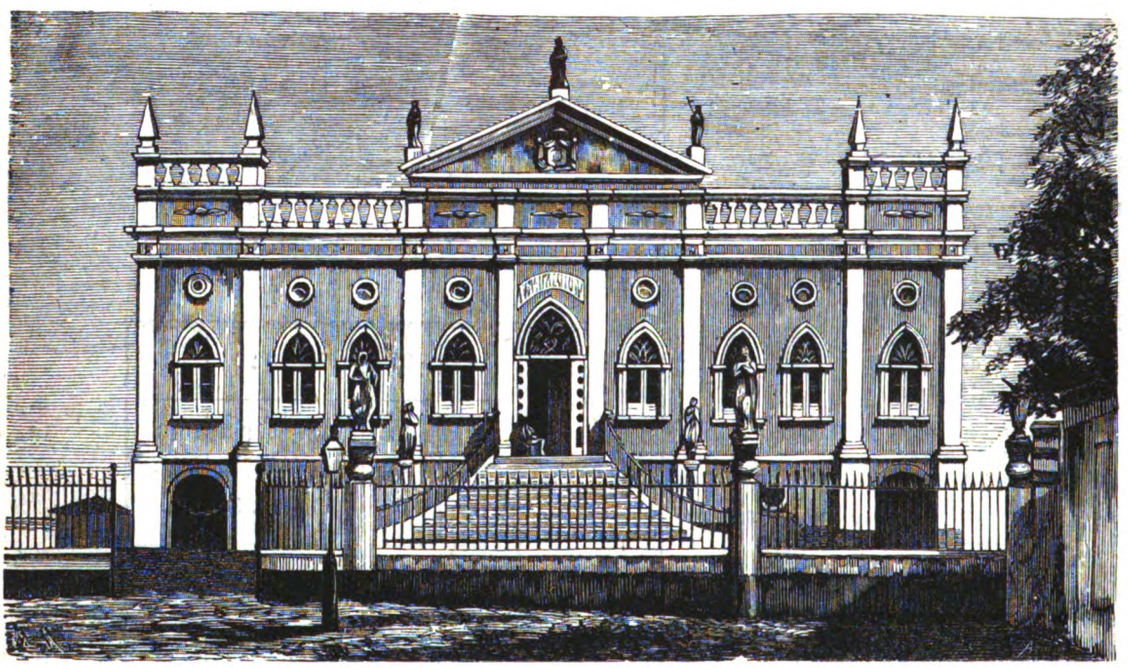
Um idyllio!

HOSPITAL PORTUGUEZ EM S. LUIZ DO MARANHÃO

E' uma das mais excellentes qualidades porque se distinguem os nossos irmãos, que vivem longe da patria, é o patriotismo, é o amor cego a tudo quanto é de Portugal.

Não ha monumento, empreza util ou subscripção que se levante aqui no reino, a que não acudam elles do Brasil com grossas sommas.

Dentro mesmo do imperio brasileiro auxiliam-se mutuamente, procurando desenvolver as suas faculdades intellectuaes por meio de associações litterarias, de cursos nocturnos gratuitos em que acham variada instrucção, dos bem sortidos e fortes gabinetes de leitura, etc.



HOSPITAL PORTUGUEZ EM S. LUIZ DO MARANHÃO

Além d'essas uteis instituições, em todas as cidades importantes do Brasil teem um hospital, onde recolhem os compatriotas desvalidos.

Representa hoje a nossa gravura o hospital portuguez da cidade de S. Luiz do Maranhão. Este soberbo edificio, que tem suas parecenças com o Museu de Coimbra, foi feito por iniciativa e esforços dos srs. José Manuel Vinhaes e José Maria Corrêa de Frias, nossos compatriotas e distinctos membros da Real Sociedade 1.º de Dezembro d'aquella cidade.

Está situado este importante estabelecimento em um dos bairros mais saudaveis e pittorescos da cidade, no meio de uma extensa quinta, de sua propriedade e que tem bom pomar e jardins, onde os convalescentes espairecem e se recreiam.

O edificio é vasto, circumdado de galerias *(varandas)*; portanto accommodado ao clima.

E' esse hospital, sobre tudo, modelo no serviço medico e de enfermaria, no aceio, na boa alimentação; sendo tudo isso inspeccionado por dois directores da Sociedade, que ahi residem semanalmente.

No dia 1.º de dezembro, para commemorarem o nosso grande dia nacional, abrem-se aos visitantes as portas d'esse hospital adereçado de galas. N'essa noite apresenta elle vistosa illuminação e ha nas suas salas concerto musical, a que concorrem as bellas maranhenses, tocando e cantando, para assim se tornar mais concorrido o bazar da caridade para o qual tambem contribuem ellas e a maioria da população com brindes, de cuja venda o producto reverte em beneficio do estabelecimento.

D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, de 17 novembro de 1884 Numero 21

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O general Claudio*, por Pinheiro Chagas.—*A lyra*, versos, por Gonçalves Dias, (brazileiro).—*As nossas gravuras*, por D.—*Em familia*, (*Passatempos*) —*Um conselho por semana*.—*A peregrinação a Mecca*, (*Rousseau*) por Fausto Scipião.

GRAVURAS.—*O rebanho tresmalhado*. — *Helsingfors*.—*A explicação da biblia*.—*Que boa pinga!*—*A pequenina coquelle*.

CHRONICA

Começo pelo fim.

A ultima impressão é a que fica mais nitidamente impressa no kaleidoscopo do espirito.

Venho de ouvir cantar brilhantemente o *Trovador*, que inspirou o *José do Capote*, que fez, em 1850, as delicias do poeta José Carlos, e que já fôra, muitos annos antes, o supremo encanto dos nossos avós.

Francamente damos carradas de rasão a quem se deixou seduzir pelas bellezas do velho *spartito*.

Digam-nos, muito embora, que a musica é anachronica; que não ha, na instrumentação, as opulencias do *savoir faire* moderno de Massenet; que tudo aquille é archi-romantico e tem uma pontinha de pieguice muito fora dos habitos de hoje. Digam-nos tndo isso, prégue-nos José Saraga a melhor das suas catilinarias lyricas contra a escola italiana antiga, e não conseguirão arrancar-nos de S. Carlos, quando ali fôr cantada a formosa opera das nossas velhas relações.

Acabamos d'ouvil-a. Theatro a trasbordar. Ambiente mais que morno. Reis e principes no seu posto. Pelos camarotes a fina flôr da nobreza de sangue e de dinheiro. Tu estavas lá, querida leitora; bem te vi, *teau masque*, radiante de seducções e de frescura, com esse teu pequenino lunar na face esquerda, que a *veloutine*, bem mais feliz do que eu, beijara pouco antes...

Agora dormes suavemente, talvez, com a branca epiderme do busto gentil acariciada pela alvissima bretanha de linho d'uns lençoes que me provocam ciumes...

O REBANHO TRESMALHADO (Quadro de Thomaz d'Annunciação)

Digitized by Google

Repousas, sob o teu *édredon* fofo e tepido como um ninho de rolas, muito aconchegada nas pregas da colcha setim *bleu ciel*, em quanto que eu, martyr da chronica, não quero escutar as rogativas do corpo que me pede cama, para satisfazer, *bon gré mal gré*, as exigencias da typographia que me pede original.

Amanhã tu, sultanasinha feliz e descuidosa, despertarás placidamente quando o sol já fôr alto, indo saborear, depois das lavagens perfumadas de estylo, a tua *omelette* ingerida entre pequeninos golos de bello vinho de Borgonha.

Eu terei d'accordar estremunhado, quando o teu corpinho airoso se espreguiça ainda no leito confortavel, para ir percorrer, com olhos somnolentos e mal dormidos, a prova typographica d'estas impressões lançadas ao papel altas horas da noite, sob a luz causticante d'um bico de gaz que me espreita, entre o *pêle mêle* dos meus livros d'estudo, companheiros silenciosos de vigilias muito longas.

Emfim, d'esta vez não tenho grandes invejas de ti. Ouvimos ambos o *Trovador*. Impressionámo-nos ambos per aquella doce romanza do 1.º acto, que valeu ao bello tenor Guille um triumpho colossal.

Deserto sulla terra... Lembras-te? Que esplendida canção e como o grande-pequenino artista nos arrebatou com ella, d'entre bastidores, ao som melodioso da harpa, provocando um bravo unisono da platéa preza á sua voz de vibrações estranhas e estonteadoras!

Eu, se fosse mulher, tinha-o amado ha pouco, apaixonadamente, como se ama um colibri dourado, uma avesinha rara que emitte gorgeios nunca ouvidos. Arrebatava-o do proscenio com capa, espada, capacete, sapatinhos de tacão alto, tudo, e levava-o commigo, na pequenina boceta dos *bonbons*, para longe do bulicio do mundo, para um cantinho ignorado e tranquillo, para um *deserto sulla terra*, que só as nossas duas existencias muito unidas povoassem. Elle a cantar-me *dós* do peito, eu a escutal-o embevecida, dando-lhe tudo quanto dentro do meu peito existisse, ou mais ainda... Que bom!

Mas Deus, o Supremo Architecto, fez-me simplesmente homem á sua imagem e semelhança. Já que as exigencias do sexo não me permittem amar o bello tenor francez, transformado em optimo tenor italiano pela varinha magica do maestro Pontecchi, lançarei as vistas para a sr.ª Julietta Rey, que é uma mulher formosissima, ou para a sr.ª Novelli, que se não sobrepuja a sua collega, fascinando-nos com tão correcta formosura, dispõe d'outra cousa que ella não tem nem teve nunca—uma voz encantadora.

Assim, entregue a estes amores, dissipar-se-hão por completo as saudades fundas que a Judic me deixou, e não terei tempo para pensar no cholera recem-chegado a Paris, em comboio expresso de Napoles.

=Porque o microbio invadiu já a grande capital da republica franceza, é mister que o saibas para teu governo e para o competente emprego immediato das medidas prophylacticas de rigor. Appareceu ali de surpreza, com os primeiros chuviscos da invernia choramigas, indo-se acoitar na rua Sainte-Marguerite, uma especie de rua do Capellão da nossa Lisboa, ou coisa parecida, onde pullulam os prostibulos, os *assommoirs* frequentados por gente de má catadura, e as immundicies das lojas de trapeiro.

Os parisienses tanto se riram do microbio, que elle, afinal, fez a pirraça de lhes cair em casa, quando já ninguem o esperava.

Bem disse o sabio Kock que desconfiassemos das humidades. O inverno ahi está, e com elle sua excellencia o microbio. Preparem as suas melhores flanellas contra o frio, e precavenham-se contra o impertuno bicho, com chapas de cobre no abdomen e com fumigações de phenol no lar domestico.

Se o bicho nos invadir, matem-n'o, ainda que seja com Cognac.

Mas não. Elle hoje não se atreve a affrontar-nos. Temos a força publica augmentada, e se bem que os porta-machados não possam já metter-lhe medo com as suas barbas venerandas, a exuberancia de milicia é garantia segure de que o nosso territorio não será assolado pelo inimigo invisivel.

=Passou o dia de S. Martinho quasi despercebido, sem que as chronicas policiaes houvessem registrado a apparição de muitas perúas vadias pelo asphalto dos passeios e pelas encruzilhadas do Bairro Alto.

Os devotos do santo folião metteram-se d'esta vez muito prudentemente nas encolhas, saboreando o magusto tradicional, de portas a dentro, em familia, com uma pacatice dos tempos biblicos, com um recato digno de ser cantado em verso heroico.

Seria porque o falerno está pelos olhos da cara ou vae escasseando no mercado indigena?

Significaria aquelle facto menos veneração dos fieis pelo seu respeitavel patrono das camoecas buliçosas?

Ter-se-hia o nosso povo regenerado, a ponto de sentir pelo pelo Torres e pelo Collares um horror profundissimo?

Nada d'isso. E' que elle bem sabe que logo, quando entrar muito pelas bebidas, a Boa Hora entra-lhe hoje na mesma proporção, pelos cobres, e a vida custa a ganhar.

E d'ahi, talvez que o nosso povinho se houvesse regenerado, fugindo com tedio á libertinagem das tabernas immundas, para correr, pressuroso e digno, a colonisar o Zaire, ao appello sympathico d'um moço mais sympathico ainda, que se chama Narciso Feyo e que é um prodigio de tenacidade e de abnegação heroica, n'este misero paiz onde o desalento e a miseria vão minando tudo.

=Para que hei de eu vir contar uma coisa que toda a gente já está farta de saber pela *reportage* solicita das folhas baratas—a historia dos moedeiros falsos da travessa de Santo Antonio da Sé?

Trabalho baldado, pelo qual nem sequer teria a ventura de ganhar alviçaras, e que o leitor recompensaria, talvez, com o sorriso desdenhoso de quem não recebe uma noticia em primeira mão, fazendo-me, ainda por cima, com o lenço, *bonecas* escarninhas.

A policia poz á sombra aquelles artistas do reino visinho, que se davam, entre nós, á tarefa lucrativa e rendosa de fazer uma coisa que por cá não abunda—o dinheiro.

Nós, menos inimigos das artes que a policia d'este paiz, não os punhamos á sombra atrophiadora e lethal da cadeia; iamos expôl-os de bom grado á luz brilhantissima da gloria.

Gastar dinheiro, qualquer o faz quando o tem: é a maior das banalidades. Roubal-o custa um poucochinho mais, mas ha por ahi muito quem se entregue a esta industria peccaminosa. Agora fazel-o, é que é coisa mais difficil, muito mais de que fazer versos, chronicas, insidias, artigos do fundo, politica... sobre tudo politica

E de resto, os que fazem esta ultima, vão á posteridade, cantados pelas tubas da fama, embora nem sempre sigam a linha recta do dever.

Apparecem dois ou tres benemeritos, que executam o impossivel quasi methaphisico de fazer dinheiro, bello dinheiro com um tinir que estontea, sonoras *cravellas* de quinhentos réis com uma serrilha de mão de mestre, e a policia, não se compenetrando do amor que é mister votar aos bons artistas, esquecendo-se de que ha por ahi muito quem gaste a moeda, mas pouco quem se dê á fanthasia de cunhal-a, pespega com os fabricantes audaciosos na masmorra, em vez de lhes propor a mercê d'uma veneral

Triste symptoma da decadencia das Artes!

C. DANTAS.

O GENERAL CLAUDINO

I

Pouco tempo antes de morrer o nosso eminente chymico, visconde de Villa Maior, digno reitor da Universidade de Coimbra, par do reino e homem incontestavelmente de notabilissimos talentos, escreveu um livro intitulado *Memorial biographico de um militar illustre*, livro em que traçou a biographia de seu tio, o general Antonio José Claudino de Oliveira Pimentel.

Bom foi que a morte deixasse ao illustre chymico tempo de nos legar esse ultimo livro, tão alheio aos seus estudos e ás suas occupações habituaes, para contarmos mais uma monographia interessante, que nos póde auxiliar efficazmente no estudo de epoca tão proxima de nós e comtudo tão ignorada.

Já que os generaes que ganharam as homericas batalhas das nossas luctas civis, já que os diplomatas e os estadistas que dirigiram tão habilmente, durante o segundo quartel d'este seculo, e parte do primeiro, os destinos d'este paiz, houveram por bem não dar conta á posteridade dos seus actos, e abandonaram completamente o cuidado da sua gloria, bom é ao menos que haja uns chymicos e uns poetas como o visconde de Villa Maior e D. Antonio da Costa, que tratam de compilar, emquanto é tempo, os elementos da biographia d'esses insignes varões.

E póde por acaso attribuir-se essa falta de *Memorias*, que tanto se nota na nossa historia contemporanea, a negação que tivessem pela penna do historiador os que manejaram com tanta energia ou com tanta pericia a espada de general e a penna de estadista ou de diplomata? Não, de certo. O duque de Palmella todos sabem que podia ser, se a outra coisa se não applicasse, um escriptor distinctissimo. Quando o espirito de Corinna o fascinou, e principalmente quando o seu garbo e a sua elegancia de moço diplomata fascinaram a filha de Necker, e lhe inspiraram talvez, ao que se affirma, a creação do typo sympathico de lord Nelvil, o duque de Palmella traduzia em francez uns cantos dos *Luzíadas*, manejando essa lingua estranha com summa pericia. Comtudo, a historia da vida politica do duque de Palmella tem de se fazer unica e exclusivamente pelos seus despachos e pela sua correspondencia, porque Palmella não deixou sequer uma pagina de *Memorias*. Apenas uma vez não poude resistir á tentação de responder com algumas notas a varias affirmações do sr. Soriano, na sua *Historia do cerco do Porto*.

O marechal Saldanha escreveu a respeito de homœopathia e de religião; quiz pôr de accordo o Genesis e a sciencia, metteu-se a discutir medicina com o dr. Bernardino Antonio Gomes, e a respeito da sua historia politica e militar parece-nos que apenas

Digitized by Google

deixou uma carta no *Jornal do Commercio*, escripta em 1868, e em que explica o papel que desempenhou no cerco do Porto.

O marquez de Sá da Bandeira tratou largamente de colonias e de escravatura, mas a historia dos acontecimentos em que tomou parte apenas a diz muito ligeiramente n'uma carta que escreveu ao conde Goblet d'Alviella e tambem para rectificar alguns erros commettidos por este diplomata.

Et sic de cæteris.

O general Claudino, que encontrou em seu sobrinho um piedoso biographo, merecia bem essa distincção, e precisava d'essa biographia. O seu vulto é um dos mais notaveis da nossa historia politica e militar; mas o acaso fez com que apenas tomasse parte em successos relativamente pouco importantes, de fórma que não lhe bate em cheio a luz que illuminou depois physionomias muito menos dignas da attenção da historia.

Durante a guerra da Peninsula, Claudino era apenas um official de fileira, e não podia, portanto, adquirir a notoriedade, que só cabe aos que figuram nos primeiros planos. Quando se travaram as campanhas epicas da liberdade, jazia Claudino Pimentel sepultado nas trevas de uma masmorra. Quando o paiz entrou no seu periodo constitucional, e quando Claudino, que era homem de parlamento, podia manifestar os seus meritos debaixo d'esse novo ponto de vista, já não pertencia ao numero dos vivos. Quando o general Claudino mostrou o que valia como parlamentar e como general, foi n'esse curto interregno de 26 a 28, em que o governo, cuja causa o general Claudino defendia, parecia sympathisar mais com a causa dos seus adversarios do que com a causa dos seus defensores, em que tinha o parlamento uma vida perfeitamente ficticia. Pois o general Claudino mostrou então que estava fadado para desempenhar em theatro mais adequado os mais importantes papeis.

E' pois essa physionomia semi-apagada que vamos desenhar em tres ou quatro capitulos, tomando para nosso guia o excellente livro do visconde de Villa Maior. Esperavamos que o auctor do *Memorial biographico* visse que o seu livro encontrára leitores, e tivera ecos sympathicos; infelizmente a morte, roubando á sciencia portugueza um dos seus mais brilhantes ornamentos, impediu a realisação do nosso desejo.

Claudino Pimentel nasceu em Moncorvo, em 1776, sendo filho do capitão-mór de ordenanças, João Carlos de Oliveira Pimentel e de sua mulher D. Violante Engracia da Silva Torres. Em 1793 sentou praça como cadete no regimento de cavallaria de Alcantara, mas, tendo sido creada, n'esse mesmo anno, a brigada real de marinha, que era um corpo de artilheria naval, Claudino Pimentel, pensando que mais facilmente entraria em campanha pertencendo a esse corpo do que pertencendo ao exercito de terra, pediu a sua transferencia para a brigada real. Enganou-se comtudo. Não esperava que Portugal commettesse o erro de mandar ao Roussillon uma divisão expedicionaria. Assim, podendo militar no exercito de terra que tanto se distinguiu, serviu apenas na esquadra de comboyo que levou a Catalunha a divisão portugueza. Depois fez parte da esquadra do almirante José Sanches de Brito, que cooperou com a esquadra ingleza do almirante.

Finalmente militou alguns annos nas esquadras que cruzavam entre Portugal e Brasil para protegerem o commercio portuguez, muito prejudicado pelos corsarios francezes.

A paz de Amiens veiu acabar com a necessidade d'esse cruzeiro; e o moço official, promovido em 1802 a segundo-tenente, aggregado, em 1805 a tenente effectivo, pediu licença para ir continuar os seus estudos, e estava frequentando a Academia de Marinha, quando sobreveio a invasão franceza de 1807.

Ia começar a guerra da Peninsula.

PINHEIRO CHAGAS.

A LYRA

Se me queres a teus pés ajoelhado,
Ufano de me vêr por ti rendido,
Ou já em mudas lagrimas banhado;
Volve, impiedosa,
Volve-me os olhos,
Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,
Beijando a fimbria dos vestidos teus,
Calando as queixas que meu peito encerra,
Dize-me, ingrata,
Dize-me: Eu quero!
Basta uma vez.

Mas se antes folgas de me ouvir na lyra
Louvor singelo dos amores meus,
Porque minh'alma ha tanto em vão suspira;
Dize-me, oh bella,
Dize-me: Eu te amo!
Basta uma vez.

GONÇALVES DIAS. (BRASILEIRO.)

AS NOSSAS GRAVURAS

O REBANHO TRESMALHADO

Um bello quadro do eximio pintor portuguez, **Thomaz d'Annunciação**, reproduzido em gravura por Pastor.

Dando hoje este notavel trabalho nas paginas da *Illustração Portugueza*, prestamos homenagem a um artista que é nosso, e a outro que o é quasi. Ambos a merecem.

Nem sempre a reproducção de quadros estrangeiros. Ha por cá muitas coisas que admirar, e a soberba tela de Annunciação pertence a esse numero, fazendo parte das obras d'arte verdadeiramente notaveis.

HELSINGFORS

Helsingfors é uma cidade fortificada da Russia europea, capital do grão ducado de Finlandia, situada sobre um promontorio, a 295 kilometros N. O. de S. Petersburgo. Offerece um porto magnifico aos navios, em uma bahia do golfo de Finlandia (a que a nossa gravura representa) e que serve ordinariamente de estação a tres esquadras russas do Baltico.

A cidade, que se não vê na estampa, é séde do governador geral e do senado. Tem universidade, desde 1827, e observatorio. A sua população avalia-se em 35:000 habitantes.

Helsingfors é capital da Finlandia ha 67 annos, e pertence aos russos desde 1808.

A EXPLICAÇÃO DA BIBLIA

A caturra da avó teima em querer explicar-lhe as passagens da Biblia. Ella finge que a escuta, mas o seu espirito está n'outra parte; esvoaça por outras regiões.

Expliquem-lhe o amor, como faz o bello capitão dos *Mousquetaires au Couvent*, e vel-a-hão risonha e feliz, attenta e curiosa, saboreando sem pestanejar as delicias da narrativa.

E' claro que a avó não se prestará a desempenhar, em tal caso, o papel de prelectora, nem nós dariamos nada pela sciencia da velha, na materia.

Mas se um parente proximo, um priminho, por exemplo, quizesse encarregar-se de o fazer...

QUE BOA PINGA!...

Elle que o diz é porque o sabe.

Nas adegas conventuaes, sempre bem fornecidas, não entravam zurrapas de má nota. Havia ali do bom e do melhor; nectares que os proprios deuses invejariam, capazes de dar vida aos mortos e de rejuvenescer centenarios.

Aquelle anafado leigo era assim que fallava dos vinhos do convento, como perito experimentado nas provas.

A ultima prova, porém, vae-lhe sair cara. Apanharam-n'o em flagrante delicto de escorripichadella clandestina, e a communidade ver-se-ha, de certo, obrigada a pôr um veto ao seu ingresso na adega.

A PEQUENINA COQUETTE

Já o rolão tufa!

Se lhe forem analysar a certidão de baptismo não encontrarão doze primaveras completas.

E apesar d'isso, já arrasta a aza ao primo Luiz, um patife da mesda edade, que olha para a sombra, dando pavonadas ridiculas, e que ainda não fez exame d'instrucção primaria.

E' como estão vendo.

A pequenina vaidosa sonha em ser mulher e passa horas esquecidas ao espelho, ensaiando *poses*, ademanes, *toilettes* e sorrisos.

Quando completar vinte annos, terá visto desfilar diante de si um exercito de namorados, mas é provavel que se conserve solteira.

D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. C. DE M. I.—Beira-Alta.—E' possivel que enigma e charada estejam nos casos de ser publicadas, mas falta-lhes o melhor:—as decifrações. Aguardamos que venham.

VALERIO DA BATATA.—Lisboa.—Já aqui dissemos que só a *Tom Pouce* deviam ser remettidas as charadas com destino a esta secção, e *Tom Pouce* não recebeu as charadas do sr. Batata.

M. D. MONTEIRO JUNIOR.—Leiria.—Não são abandonados nem esquecidos. Esperam a sua vez.

Digitized by Google

HELSINGFORS (Quadro de H. Petersen)

Digitized by Google

Digitized by Google

QUE BOA PINGA!

(Quadro de Eduard Grutzner)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

A EXPLICAÇÃO DA BIBLIA (Quadro de Kurzbauer)

Digitized by Google

SANTOS CARREGAL.—Lisboa.—Não é tarefa muito facil descortinar, entre muitos milhares de charadas de todo o genero, se ha por cá algumas de v. ex.ª. Mais facil será a v. ex.ª envial-as segunda vez, se tem grande empenho na sua publicação.

Para satisfazer esta e outras exigencias dos nossos assignantes, seria preciso dispor d'um pessoal enorme, que não temos, entregue d'alma e coração a assumptos charadisticos.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Observei no campo este appellido—1—2

Este fructo é parentesco n'esta machina—2—2.

ZÉ FUNÉ.

No hospital corre este homem—2—2.

Esta mulher prende este homem—3—1.

Tem o leão na musica este vaso—2—1.

Nas arvores e na musica é regosijo—2—1.

Leiria. A. M. M. DOS REIS.

Esta cidade estava alegre com tanta gente—2—2.

Na musica este animal tem agua—1—2.

Aqui este appellido é um animal—1—2.

Santa Comba Dão. A. D. DE S. FRANCO.

ELECTRICAS

A's direitas ave e ás avéssas no Brasil—2.

ZÉ FUNÉ.

A's direitas e ás avéssas nas borboletas—2.

DINHEIRO.

EM VERSO

E' ella o meu amor, minha ventura
O meu astro fagueiro, o meu encanto. } 2
E se ella o consentisse eu o daria;
E' esse o meu ideal mais puro e santo } 1

E só então teria eu a certeza
De em doce lingua *minha* lhe chamar. } 2
Podendo assim, por meio da sciencia,
A minha boa estrella acompanhar.

No moinho essencial—1
Para quem tiver calor—2
No Brasil se encontram muitos
Na rua do Ouvidor.

Este celebre romano—4
Na historia sempre está—2
Como author d'este discurso
Um romano se achará.

Este verbo mui commum—1
E este pronome francez—1
Já eu vi n'este jornal—1
Ha doze mezes talvez—2

Notavel apologista
Dos dogmas do christianismo,
Foi tambem bom orador
Entre os do catholicismo.

D. BASILIO.

PERGUNTA ENIGMATICA

(A João Baptista Rodrigues Barbosa, a quem o author offerece, se a decifrar para o numero seguinte, um semestre d'este semanario, encarregando-se de lhe pagar a assignatura).

Qual é a palavra que se acha nas barretinas, nos sapatos, nos escudos, na cartucheira, e no calix, quando o presbytero vae celebrar missa?

Famalicão. J. D. VELLOSO.

ADIVINHAS POPULARES

Nós somos cinco irmãsinhas
Todas cinco muito eguaes;
Uma de nós anda nua
Para vestir as demais.

Verde foi meu nascimento,
E de luto me vesti.
Para dar gostos a outrem
Grandes penas padeci.

Femea sou de nascimento,
Macho me querem fazer;
Hei de morrer afogado
P'ra femea tornar a ser.

LOGOGRIPHO

(Por letras)

(AO MEU AMIGO F. L. MÉGA)

Pobre mulher, coitadinha—1—4—6—2
Tem vontade de comer—6—2—5—7
Esta ave gallinacea—1—7—5—6—2
Que no lagar podes ver—6—4—3—1—7

E' o todo um vegetal
Lá da China natural.

G. CAETANO.

PROBLEMA

Tres rapazes encontram-se n'um baile com as suas namoradas. Ellas chamam-se Bonifacia, Mafalda e Urraca; elles Pantaleão, Aniceto e Pancracio. Cada um dos rapazes valsa menos vezes que a sua namorada; é porém constante, e egual a 12, o producto do numero de valsas, que dansa cada rapaz, pelo numero das que dansa a escolhida do seu coração. Mafalda dansa 5 valsas mais que Aniceto, e Urraca 2 mais que Pancracio. Pergunta-se qual é a namorada de Aniceto, de Pancracio e de Pantaleão?

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Armador.
2.ª—Vianna.
3.ª—Referio.
4.ª—Castellobranco.
5.ª—Marialva.
6.ª—Poeira.
7.ª—Margrave.
8.ª—Soldados.
9.ª—Osso.
10.ª—Após.
11.ª—Eva.
12.ª—Liga.
13.ª—Tentadores.
14.ª—Midosi.
15.ª—Vespão.
16.ª—D e u s
e i r o
u r c a
s o a r
17.ª—T a l o
a m e n
l e i s
o n s a

Da adivinha popular:—Melão.
Do logogripho:—Porcalhota.
Xadrez—Solução do 17.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. R. 6 C. R.	1. R. C. T. R.
2. P. 7 R.	2. R. C. C R.
3. C. 5 R.	3. R. C. T. R.
4. C. 7 B. R. (cheque)	4. R. C. C. R.
5. P. 7 T. R. (cheque e mate).	

Do problema:
O problema tem varias soluções, uma das quaes é a seguinte: Maria vende 12 melancias a 300 réis e 8 a 100 réis; Francisca 7 a 300 réis e 23 a 100 réis, e Ambrosia 2 a 300 réis e 38 a 100 réis.

Digitized by Google

A RIR

Um pouco d'observação:
Não julgues nunca um homem pelo guarda-chuva que usa.
—Porque?
—E' raro que seja o seu.

*

Calino foi convidado para assistir a um jantar de casamento.
A' sobremeza conversa com a noiva, que lhe diz:
—O que tem meu marido? Acho-o tão transtornado!...
Calino discretamente.
—Não faça caso; eu sei o que é. Embebedámo-nos dez vezes juntos.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Aconselha-nos um amigo, que padece dos callos, o seguinte remedio para os extirpar de todo:

Humedece-se diariamente, com oleo phosphorado, a meia, no sitio que cobre o callo. Passados 15 ou 20 dias a substancia cornea amollece e desliga-se espontaneamente, sendo substituida por uma pellicula macia e insensivel.

Quem os tiver experimente.

O remedio não pode ser mais simples.

A PEREGRINAÇÃO A MECCA

(ROUSSEAU)

A peregrinação a Mecca que, entre os musulmanos, se cumpre hoje com tão fervente piedade como nos primeiros annos do islamismo, remonta a uma época anterior a Mahomet.

Antes do nascimento do propheta, e desde tempos immemoriaes, os arabes pagãos da peninsula arabica iam em multidão visitar devotamente o santo templo de Kaba.

Em vão o propheta legislador tentou abolir este uso; não teve mais remedio senão transigir com tal costume, introduzido desde seculos pelos povos que elle queria submetter á sua lei, e preferiu, ao anniquilamento dos vastos designios que tinha em mente, a consagração religiosa d'estes habitos tradicionaes, contentando se em fazer desviar para o culto do verdadeiro Deus o dever que os arabes rendiam aos seus idolos.

A tradição musulmana remonta a fundação do primeiro templo de Kaba a Adão, que para isso pediu licença a Deus. Depois da sua morte, seu filho Seth construiu um outro templo similhante, de *pedra e cal*, ajunta a tradição, templo que foi destruido pelo diluvio universal, e reconstruido muito tempo depois, por ordem de Deus, por Abrahão e seu filho Ismael.

Foi n esta época que, segundo ainda a tradição, a famosa *pedra negra* cahida do céo (a pedra não era mais do que um aerolitho de grandes dimensões) foi levada pelo anjo Gabriel a Abrahão, que a cimentou em um dos angulos do santo templo.

No dizer do historiador Aboul-Féda, este templo, muitas vezes reparado, foi inteiramente reconstruido, poucos annos antes do nascimento de Mahomet, pelos *koraiscites*, tribu arabe á qual pertencia a familia do propheta.

Um pouco mais tarde Abdallah-Sbn-Zobeir, califa de Mecca, fez n'elle grandes reparações, e, finalmente, no anno 74 da hegira, foi de novo construido por El-Hadjadj-Youssef, lugar-tenente do califa Abdel-Malek, que se apoderára de Mecca, e que deu ao edificio a fórma que tem conservado, pouco mais ou menos, intacta até hoje.

Mahomet, no Alcorão, fez da peregrinação a Mecca um dos quatro pontos fundamentaes da sua doutrina, relativos á pratica. Constituem quatro obrigações absolutas para o verdadeiro crente:—1.ª, a oração; 2.ª, a esmola; 3.ª, o jejum; 4.ª, a peregrinação. —Todo o fiel deve cumprir esta ultima obrigação pelo menos uma vez na sua vida, e só a doença, a falta de meios ou a miseria o podem exonerar d'este dever. As proprias mulheres não são dispensadas.

Ha ainda uma outra peregrinação que o musulmano deve fazer após a de Mecca: é a de Medina, onde vae piedosamente visitar o tumulo do propheta. A de Mecca é obrigação divina, emquanto que a de Medina não é mais que uma obrigação canonica. O livro sagrado, o Alcorão, prescreve formalmente a primeira; o uso, a tradição e o fervor são consagrados á segunda. Tanto assim é, que se o peregrino, por uma impossibilidade qualquer, depois de ter assistido a todas as ceremonias religiosas de Mecca, não póde ir a Medina resar sobre o tumulo de Mahomet, não considerará a sua peregrinação regularmente cumprida, e, por consequencia, não se reputará quite para com o dever imperioso que lhe ordena a sua religião.

A peregrinação a Mecca é um ponto de pratica de tal modo obrigatorio para o verdadeiro crente, que, segundo um sabio doutor, o scheik El-Ghazali, o propheta disse:—«Tanto valeria morrer judeu ou christão, como não ter, por negligencia ou scientemente, preenchido uma vez na vida este acto religioso.»

Seria longo descrever aqui, com os numerosos detalhes que ellas comportam, todas as ceremonias da peregrinação. Mencionaremos summariamente as mais importantes:

A peregrinação deve cumprir-se nos primeiros dias do ultimo mez do anno musulmano, o de Zon-'l-Hedjak, mez consagrado á solemnidade.

E' a 10 que as ceremonias religiosas se completam para a celebração da festa dos sacrificios, festa chamada pelos arabes *Aid-el-Corban*, ou *Aid-el-Dhohia*, e pelos turcos *Corban-Beyram*.

Logo que um musulmano, cumprindo a peregrinação a Mecca, franqueia os limites da cidade, deve despojar-se inteiramente das suas vestes, e envergar o costume de peregrino, chamado *Ihram*, que consiste em duas peças de panno branco, das quaes uma cinge os rins e cae até metade da perna, e a outra é lançada sobre os hombros, deixando desembaraçado o braço direito. A cabeça deve estar núa, e os pés simplesmente calçados de sandalias. Ha muitos peregrinos que nem mesmo as querem. Logo que vistam este fato, a caça é-lhes prohibida tão formalmente, que não matarão os insectos que lhe poisam no corpo. Durante o tempo da peregrinação, devem ser muito comedidos na linguagem, evitar com cuidado quaesquer disputas ou rixas, as palavras obscenas ou colericas, e cortar todas as relações com as mulheres.

Chegando a Mecca, o peregrino, acompanhado por um guia, começa a serie de ceremonias, de que vamos dar, por ordem, uma rapida enumeração:

1.º—Visitar o templo: girar sete vezes em redor de Kaba, ora caminhando, ora correndo, a partir do angulo sudoeste onde está a pedra negra posta por Abrahão. A cada volta deve beijar ou tocar com a mão esta pedra.

2.º—Beber agua do poço de *zem-zem*.—Segundo a tradição, quando Agar errava pelo deserto com seu filho Ismael, o manancial d'este poço brotou miraculosamente sob os seus pés.

3.º—Parar e resar á *estação de Abrahão*, notavel por uma pedra sobre a qual o patriarcha esteve de pé quando se construiu o templo. Pretende-se vêr ainda ali o signal marcado pelos seus pés.

4.º—Deter-se e resar no *El-Madjen*, lugar onde Abrahão e Ismael amassaram a argamassa que serviu para a construcção do templo.

5.º—Correr sete vezes do monte Safa ao monte Merwa, que se elevam dentro da propria cidade. Esta ceremonia cumpre-se em commemoração da corrida dolorosa de Agar, quando procurava agua para matar a sêde de seu filho Ismael.

6.º—Ir, no nono dia do mez, ao monte Arafat, situado pouco mais ou menos a doze milhas a éste de Mecca, depois da oração da manhã. Este monte é egualmente chamado *Djebel-El-Rahma*, monte da Misericordia. A tradição quer que Adão e Eva, expulsos do paraizo, desceram á terra, o primeiro na ilha de Ceylão, e Eva sobre o monte Arafat; que Adão, em procura da sua companheira, percorreu todo o mundo, indo depois dar com ella n'aquelle monte, e que, instruido pelo anjo Gabriel, ali erigiu um templo.—Era para o monte Arafat que Mahomet se retirava, a fim de fazer as suas orações e recitar alguma prédica.—Na época da peregrinação o *khatib* (prégador) colloca-se á direita do ponto onde se elevava a capella de Adão, e um pouco mais adiante do lugar onde o propheta se ajoelhava para resar: pronuncia um longo sermão: a enorme multidão de peregrinos, acampados no valle e nos flancos da montanha, escutam-o a principio religiosamente, dirigindo ferventes preces ao Muito-Alto; depois, para o fim, não se ouvem mais do que gritos, suspiros suffocados, soluços que estalam d'entre os peregrinos, como para exprimir a Deus o pezar dos peccados commettidos e solicitar o seu perdão.

7.º—Na manhã seguinte, depois de terem passado a noite a orar na capella de *Mozdalifa*, a pouca distancia de Arafat, os peregrinos voltam para o valle de *Mouna* situado a uma hora de caminho da montanha. Avançam em massas cerradas, na longa via que atravessa o valle, e contra cada um dos tres pilares que ali se vêem a certa distancia, chamados *Pilares do diabo*: lançam tres pequenas pedras de que teem o cuidado de se munir na vespera, apanhando-as do chão da capella de *Mozdalifa*. Esta ceremonia tem por fim recordar a acção do patriarcha Abrahão: no momento em que, por ordem de Deus, ia sacrificar seu filho, ap pareceu-lhe Satanaz, que foi corrido á pedra. Os peregrinos immolam então, no valle, as victimas propiciatorias.

Terminado o sacrificio, raspam a cabeça e cortam-se as unhas; e os cabellos e as unhas são religiosamente enterrados n'aquelle lugar.

E' esta a ultima ceremonia da peregrinação. Os peregrinos, todavia, demoram-se ainda dois dias em Mouna: depois voltam a Mecca, visitam de novo o templo, e dispõem-se para a partida.

Os fieis que, antes de chegarem a Mecca, visitaram já Medina,

Digitized by Google

ordinariamente embarcam em Djoueddah, para Egypto, ou para o golpho Persico ou India. Os que ainda não tenham feito a visita á segunda cidade santa, após as ceremonias do Hadj, em Mecca, dirigem-se para Medina.

Os actos de devoção que aqui se devem cumprir, consistem em resar na mesquita do propheta, *Mesdjed El-Nobi*.—1.º No lugar chamado *El-Rawdza*, ou o *jardim*. Porque o propheta dissera:—«Entre o meu tumulo e o meu pulpito está um jardim dos jardins do paraizo; 2.º—Resar ao pulpito de Mahomet; 3.º—No lugar chamado *El-hudjirah*, ou o *quarto*. E' o quarto que occupava Aischa, esposa do propheta, e onde este está enterrado. Sobre o seu tumulo ha egualmente o dos califas Abou-Bekr e Omar; 4.º—Resar no sitio chamado *Mahbat-Gabriel*, ponto onde o anjo Gabriel desceu do céo e appareceu a Mahomet; 5.º—Resar no tumulo de Fatima, a filha do propheta e esposa de Ali.

Ninguem ignora que o proprio Mahomet trabalhou na construcção da mesquita de Medina. A casa onde habitava era pegada do sanctuario. Morreu n'uma segunda-feira, 12 Rabiel-Aouel, do decimo primeiro anno da hegira (8 de junho de 632).

Além da mesquita do propheta, o peregrino deve visitar ainda:

A mesquita de *Kouba* ou do zimborio, cujos fundamentos foram lançados por Mahomet no propio sitio onde parou o seu camello quando elle fugia de Mecca para Medina.

O monte do *Ohod*, celebre pela caverna onde se escondeu o propheta na sua fuga; celebre, tambem, por um miraculoso manancial onde elle matou a sêde; celebre pelo memoravel combate que deu aos seus inimigos enraivecidos; e celebre, emfim, pelo tumulo de Aarou, que a tradição ali colloca.

O cemiterio chamado *El-Bakia*, onde foram enterrados o califa Othman, a ama de leite do propheta, seu filho Ibrahim, e muitas das suas mulheres.

Para terminarmos este artigo, convém ajuntar que é de uso que cada sultão, subindo ao throno, envie um presente ao templo de Meeca, por exemplo uma peça de tapeçaria, fabricada em Constantinopla, chamada *Kissoua*, e destinada a ornar as paredes interiores do Kaba. Esta piedosa offerta é por vezes repetida, após um certo espaço de tempo, no curso d'um mesmo reinado. Ao subir ao throno, o sultão Mahmoud satisfez o religioso tributo, e poucos mezes antes de morrer ordenou que uma nova *kissoua* fosse ricamente bordada e enviada de presente ao santo templo; mas a morte surprehendeu-o antes que visse as suas ordens cumpridas, e foi seu filho que enviou, no segundo anno do seu reinado, o dom piedoso votado pelo pae.

A PEQUENINA COQUETTE

Seguindo um outro costume que data egualmente de tempos immemoriaes, o vice-rei do Egypto envia solemnemente, cada anno, um rico tapete de fabrica egypcia, destinado a cobrir inteiramente o sanctuario de Kaba.

Cada peregrino deve munir-se, para a partida, do que lhe é necessario para o seu sustento durante a viagem. Não tem direito senão a uma pequena ração d'agua.

Para um numero bastante consideravel d'entre elles, a peregrinação a Mecca não é sómente o cumprimento d'um dever religioso, mas tambem uma fonte de beneficios a realisar, pela venda das mercadorias que trazem comsigo, e que vendem em Hedjaz ou trocam por outras mercadorias.

Em geral, o peregrino não se põe só a caminho; associa-se a outros individuos do seu paiz ou da sua tribu, que, assim reunidos, formam grupos distinctos, viajando com os seus arranjos, tendas, utensilios e fardos de mercadores; muitas vezes a bagagem d'estes grupos é consideravel e incommoda.

Quanto ao peregrino indigente, este cumpre o seu dever religioso mendigando para a despeza do caminho e para a sua subsistencia, ora no paiz que atravessa, ora a seus companheiros de viagem.

A' sua chegada a Djeddah, os peregrinos alojam-se nos caravançarás, chamados *okela*. Ali não é raro verem-se dez e mesmo quinze individuos accumulados com as bagagens em casas que não teem mais de vinte e cinco pés quadrados. Os peregrinos arabes propriamente ditos, os marroquinos, algerianos e tunesinos, preferem ficar sob as tendas que comsigo trazem e que armam nas praças e na via publica.

Ordinariamente o peregrino não faz uma viagem de mais de quarenta e oito horas a Djeddah, e o seu primeiro cuidado, chegando a esta cidade, é começar a pedir esmola, a fim de, em camello, se dirigir depois para Mecca.

A viagem de Djeddah a Mecca, em caravana, effectua-se em 28 horas, e de noite, a fim de evitar os grandes calores.

Segundo as informações tomadas d'estes lugares, em 1857 concorreram a Mecca 140:000 peregrinos; em 1858, 160:000; em 1859, 50:000. Esta notavel diminuição, em 1859, é devida, no dizer dos indigenas, em grande parte aos acontecimentos de Djeddah no anno precedente, e tambem ao receio de se ver renovar os terriveis estragos que o cholera, em 1858, causou entre os peregrinos.

Lisboa. FAUSTO SCIPIÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, de 24 novembro de 1884 — Numero 22

A Illustração Portugueza

Semanario

Revista Litteraria e Artistica

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O general Claudino*, por Pinheiro Chagas.—*Lagrimas*, soneto, por Sergio de Castro.—*As nossas gravuras*.—*Ælerna mors*, soneto, por Guimarães Fonseca.—*Em familia, (Passalempos)*.—*Um conselho por semana*.—*A senhora condessa•••*, por D Guiomar Torrezão.

GRAVURAS.—*Os seus amores*.—*Depois do baile*.—*Pausias e Glycere*.—*O dia d'annos do prior*.—*Paços do concelho do Porto*.

OS SEUS AMORES

CHRONICA

E venham ainda cá fallar-me em verão de S. Martinho, suavemente morno e supinamente confortavel. Venham dizer-me os almanachs mentirosos que o mez de novembro é um reflexo risonho do estio vivificador, a guarda da retaguarda dos formosos dias de agosto.

Pois não foste!

Eu sinto-me enervado, semi-morto de frio, um friosinho cortante como qualquer navalha de barba afiada de fresco, que me põe rubra a extremidade do nariz e que me entorpece a mão, onde a penna mal pode suster-se.

Sabem o que isto é? Uma vingançasinha liliputiana de S. Martinho.

A policia não consentiu que os devotos o festejassem com as libações copiosas da praxe; poz impedimentos á celebração do famoso dia onze, e deu caça aos raros festeiros *boulevardiers*, que se permittiram offerecer uns descantes avinhados ao grande patriarcha.

Vae d'ahi o santo abespinhou-se e disse, lá de si para comsigo, n'um impeto d'orgulho offendido:—Elles fazem-me esta pirraça? Pois deixem estar que não lhes mando, com o melhor dos meus sorrisos, o morno verãosinho do costume, aquelle pequenino verão, fugitivo e breve, que fazia as delicias da velhada cachetica e da rapaziada anemica! Em vez d'elle, decreto um inverno imprevisto, e racho-os de meio a meio com pneumonias duplas.

Se bem o disse, melhor o fez.

Estamos em plena invernia. O suavissimo novembro d'antigos tempos, não contente de chorar os seus aguaceiros, que arremessam punhados de diamantes para um tenue raio de sol transitorio, fustiga-nos com todas as raivas do nordeste implacavel e mordente.

As violetas friorentas escondem-se sob a herva espessa das campinas orvalhadas, e as *toilettes* do inverno, que ainda dormiam, no guarda-fato, um somno quieto de longos mezes, tiveram de

Digitized by Google

saltar ligeiras cá para fóra, á voz d'alarme dada por estas friezas siberianas com que fomos tão desagradavelmente surprehendidos.

Um horror!

Andavam para ahi os gatos-pingados, lacrimejantes e tristonhos, queixando-se de que lhes corria mal o anno e de que a negra parca poupava de mais o indigena

As emprezas funerarias levavam uma vida arrastada e difficil. Não morria ninguem. Os coveiros haviam perdido o uso d'abrir fossas profundas, e tinham-se dedicado a outro muster. O clero lisbonense esquecera o latim das encommendações funebres, e exercitava-se apenas no *conjungo vos* dos matrimonios baratos.

As portas dos cemiterios conservavam-se fechadas por largo tempo.

Os cangalheiros, afflictos e desolados, vomitavam imprecações contra a boa saude do nosso povinho escorreito.

Havia tal que chegava a implorar aos seus manes a visita do cholera asiatico, para poder ganhar a vida honradamente.

Deus louvado, o flagello gangetico, que se entretem a flanar pelos *boulevards* de Paris, não esteve disposto a fazer a vontade aos *croque-morts* lusitanos, mas deu homem por si. Em vez do microbio, temos um frio de rachar pedras, gerador de tisicas galopantes e de mil outras enfermidades correlativas.

Em face d'elle, não é para admirar que vão cahindo, pouco a pouco, d'envolta com a folhagem amarellecida do arvoredo anemico, as folhas periodicas da capital, outr'ora sadias e vigorosas.

Tombam aos pares as mesquinhas, e—triste symptoma—a queda inicia-se exactamente por aquellas que foram mais ricas da seiva, que nasceram trazendo nas veias um sangue puro e generoso.

Primeiro o *Diario da Manhã*, depois o *Diario de Portugal*. Dois diarios fulminados, dentro d'uma semana, pela mesma doença; dois campeões valentes e illustres do nosso jornalismo mortos a pouca distancia um do outro pela mesma enfermidade cruel e desapiedada.

Ambos elles tinham uma historia riquissima de paginas brilhantes, um passado de esplendores e nobrezas, e ambos morreram pobres, quasi esquecidos, sem necrologios pomposos nem enterros d'espavento. Por um pouco que não foram parar os dois ao catre humilde do bospital e não lhes serviu de jazida a valla rasa para onde se atiram, em *pêle-mêle* desoladar, os cadaveres dos insignificantes.

Sic transit gloria mundi!

Um d'elles, ao menos, não se finou impenitente. Na hora derradeira viu junto de si, ministrando-lhe os ultimos sacramentos e recebendo-lhe os ultimos gemidos, um veneravel pastor da Egreja.

Não lhe faltaram orações e responsos. Ouviu a palavra de Deus á cabeceira do leito mortuario. Suavisaram-lhe a agonia as bençãos d'um sacerdote amigo.

O outro, coitado, não teve essa suprema ventura. Abraçou-se aos pergaminhos da sua edade de ouro já muito remota, e lá se foi para sempre.

A' falta de quem os chore, a nossa penna de chronista, posta em varias epocas ao serviço de ambos, não póde deixar de lhes fazer aqui o necrologio, sinthetisado n'uma unica palavra:—SAUDADE.

=Mas vá de tristezas mofinas, e não nos deixemos arrastar n'este pendor das recordações saudosas, que fazem da chronica uma insupportavel e pezada elegia.

Se aquellas pobres folhas estioladas deram a alma a Deus, das suas cinzas ainda quentes nasceu já uma outra, e vão surgir muitas mais, segundo corre nas espheras do jornalismo.

Le roi est mort, vive le roi.

Descansem os srs. typographos, que não lhes faltará que fazer.

Isto de periodismo é um vicio, que se inocula a muita gente boa. Quem uma vez se deu a elle ha de morrer perpetrando locaes e artigos do fundo.

A mais lethal das nostalgias que eu conheço é a nostalgia da imprensa. O jornalista póde passar sem amante que o afague, sem café que o aqueça depois do *toast*, mas não passará nunca sem um papel onde vaze os seus odios politicos as suas affectuosidades pela *estrella* mais em voga da opera, os seus lyrismos pela corista incipiente da Trindade ou pela *voltigeuse* provocadora do circo.

=E já que fallei da Trindade, não me dispenso de te dizer que se representou ali o *Luzbelin*, uma operetta comica estapafurdia, com titulo de magica e personagens grotescos d'entremez.

Deus me livre de vir pôr em pratos limpos o entrecho do *Luzbelin*, mais ou menos tolo como o de todas as operettas,e onde se exhibem as frescuras proprias do genero.

Quero só deixar registrado que o poema, por vezes espirituoso, não satisfez os paladares affeitos ao *Boccacio*, e que a musica, muito choradinha e exuberante de ternuras *ancien régime*, não tem o *entrain* e o colorido dos bellos *spartitos* de Supée e Offenbach.

E' uma musica honesta de mais, atirando para sacra assim como quem não quer a coisa.

O desempenho, correcto.

Florinda sempre cantora e sempre moça,—uma perfeita primavera eterna—apezar de ter filhas que lhe vão dar o desgosto de a fazer avó.

Fantony... é pena que esta gentil Fantony não se dê ao trabalho de estudar bem o portuguez e de completar a branca dentadura, onde ha umas soluções de continuidade muito pouco artisticas.

Josepha... mais de espaço faremos á formosa Josepha uns reparos que as suas recentes manifestações d'actriz nos provocaram.

Temos que lhe ralhar amigavelmente.

=Pelos outros theatros poucas novidades. A reapparição do brilhante actor Silveira no Gymnasio, o beneficio da Pepa nos Recreios, a familia Chiesi fazendo prodigios de força no Colyseu, e em D. Maria o *Ruy Blas*, dando pasto aos tiroteios da critica indigena.

A proposito do *Ruy Blas* podia contar te, leitor, coisas engraçadissimas e edificantes, mas as proporções microscopicas d'este artigo semanal não comportariam as peripecias da narrativa.

Talvez seja melhor assim.

=A politica vae continuando a estar em perfeito marasmo.

Aguarda-se que os conferentes de Berlim digam a ultima palavra sobre a questão do Zaire, e que Bismarck, o famoso chanceller allemão, olhe com olhos misericordiosos para o nosso pequenino paiz, cuja existencia era talvez ignorada lá fóra, antes de se reunir aquelle magno congresso de diplomatas sorumbaticos e austeros.

=Pelo estrangeiro, nada. Trata-se de descobrir qual é o paradeiro de Zorrilla, de averiguar se a morte do general Gordon não é uma *blague* inventada por elle mesmo, e de resolver o eterno problema da guerra franco-chineza.

A diplomacia europea trabalha activamente n'este sentido, mas ainda não resolveu cousa alguma, e o Celeste Imperio, no entanto, vae-se preparando para poder jogar as ultimas com a França.

C. DANTAS.

O GENERAL CLAUDINO

II

Quando Junot entrou em Lisboa, Claudino Pimentel estudava, como vimos, na Academia de Marinha. O conquistador a primeira cousa que fez foi desarmar o paiz em proveito do Grande Exercito. Reduziu o exercito portuguez a uma legião escolhida, que foi mandada servir nas hostes de Napoleão. O exercito obedeceu, desconsolado e triste. Muitos officiaes quebraram as suas espadas. Foi o que fez Claudino. Desalentado, e nao vendo no horisonte nem um clarão de esperança, abandonou a carreira militar e foi viver com seu pae para a sua casa de Moncorvo.

Não durou muito, felizmente, essa epoca de escravidão. Depois de uns momentos de inercia, Portugal reagiu. No Porto levantou-se o primeiro grito de insurreição, ainda prematuro, mas bastou para logo se repercutir nas terras leaes de Traz-os Montes. No dia 17 de junho de 1808 insurgiu-se Moncorvo, escolhendo logo uma junta provisoria de governo, cujo presidente foi o desembargador Thomaz Ignacio de Moraes Sarmento, da casa dos que foram depois viscondes de Moncorvo. O pai de Claudino Pimentel foi o chefe das forças militares da insurreição nascente, e o proprio Claudino foi o engenheiro em chefe, encarregando-se de fortificar os arredores da villa, de modo que Loison, que estava em Almeida, a não podesse surprehender.

Mas Loison tinha mais em que pensar. A insurreição espalhara-se como um rastilho de polvora, tornára a ateiar-se no Porto, de modo que todo o norte do paiz estava em fogo. O general Sepulveda tratava de reorganisar o dissolvido exercito portuguez, de reconstituir os seus regimentos, sendo um d'estes o 24, a que pertencia Claudino Pimentel. O moço official foi logo apresentar-se, recebendo de novo as dragonas de tenente, que em menos de dois mezes lhe foram trocadas pelas de capitão.

Loison marchara á pressa de Almeida sobre o Porto, mas atacado pelas forças populares em desfiladeiros terriveis viu-se obrigado a retirar até com perda de bagagens. O celebre *Maneta* ia furioso, e fez pagar cruelmente ás povoações indefezas que atravessou, o seu desastre. Não tinha razão. A inexperiencia dos commandantes das forças portuguezas salvara-o de um desastre muito mais formidavel. Se o tenente-coronel Silveira o deixa internar-se completamente nas asperas e estreitissimas gargantas de Traz-os Montes, e o ataca depois, Loison era obrigado a

Digitized by Google

depôr as armas. O desfiladeiro de Padrões de Teixeira tornava-se tão celebre na historia como o de Baylen, Silveira ganharia o prestigio enorme que Castaños obteve, e Loison partilharia a triste sorte de Dupont. Atacado porém muito no principio da marcha, conheceu o perigo, e ainda pôde salvar quasi integralmente, mas retirando, a divisão que commandava.

Entretanto a insurreição ia-se organisando, os inglezes vinham dar-lhe força, e Claudino Pimentel, acompanhando o seu regimento, assistiu ao bloqueio de Almeida, ás escaramuças de Malpartida e de Abrantes, ao combate da Roliça e á batalha do Vimeiro.

Expulsos os francezes, não estava terminada a lucta; pelo contrario ia começar com mais energia. O exercito inglez, que fizera a campanha de Portugal, internára-se na Hespanha, onde soffrera memoravel derrota, deixando abertas ao marechal Soult as fronteiras de Portugal. A habilidade militar de Wellington salvou a situação. O exercito portuguez, reorganisado e disciplinado energicamente pelo marechal Beresford, ia prestar-lhe grandissimos serviços na campanha de 1809.

Claudino Pimentel fôra chamado pelo general Silveira para seu ajudante de campo. Este valente militar tinha, com poucas forças, de defender a provincia de Traz-os-Montes. Abandonou Chaves, que foi logo occupada pelo inimigo, mas retomou-a, obrigando a guarnição a render-se, logo depois de Soult ter proseguido na sua marcha sobre o Porto. Occupada a capital do norte pelas tropas francezas, a divisão Silveira conservou-se em Traz-os-Montes inquietando as communicações do exercito invasor. Não se limitou porém a esse serviço de guerrilheiro, porque, quando os francezes o quizeram desalojar, defendeu contra elles heroicamente durante mais de quinze dias a ponte de Amarante, defeza que illustrou o seu nome e o dos officiaes que militaram debaixo das suas ordens. No movimento offensivo, realisado pelo exercito anglo- portuguez, a divisão Silveira desempenhou brilhantemente o papel de que fôra incumbida.

Na campanha de 1810 não tomou parte o capitão Claudino, nem o general de quem era ajudante de campo, porque a divisão que este commandava continuava a ser encarregada de guarnecer e defender a provincia de Traz os Montes. Seguiam pois de longe e com uma natural anciedade as peripecias d'essa campanha memoravel, em que as tropas portuguezas ganharam louros immortaes pela bravura com que se portaram na batalha do Bussaco, e lord Wellington a justa reputação de general distinctissimo pelo modo como planeou e defendeu as linhas de Torres-Vedras, diante das quaes veio escurecer-se a estrella de Massena. Comtudo, a divisão Silveira não ficou perfeitamente inactiva, tornando-se mais notavel entre as enterprezas que levou a effeito, a tomada de Puebla de Senebria e aprisionamento do batalhão suisso que os defendia. Foi Claudino Pimentel o portador da aguia d'esse batalhão, e recebeu em recompensa o posto de major.

Chegara o ensejo de se transporem as fronteiras de Portugal e de se transportar o theatro da guerra das provincias portuguezas para as provincias hespanholas. N'esse movimento aggressivo que deu logar á batalha de Salamanca, tomou parte a divisão Silveira, conhecida pelo nome de «divisão transmontana.» Com o exercito anglo-portuguez, depois do mallogro da empreza de Burgos, recolheu a mesma divisão a Portugal, com elle tornou a sair, sendo obrigado em Salamanca a expulsar os francezes, commandados pelo general Villatte. Tomou parte na batalha de Vittoria, foi a primeira a entrar em França, cujo solo pisou apenas por alguns dias, pois que teve d'essa vez que retrogradar para sustentar com as forças de Soult as terriveis e sanguinolentas batalhas dos Pyreneus.

Foram essas as ultimas batalhas da guerra peninsular em que Claudino Pimentel tomou parte. A campanha não chegara ainda ao fim, e precisava pelo contrario de novos e mais serios esforços Napoleão, compellido a encerrar-se dentro dos limites da velha França como o javali no seu covil, era tão terrivel como é terrivel esta fera quando, acossada pelos caçadores, se volta emfim e lhes faz frente. O exercito anglo-portuguez, dizimado pelas suas proprias victorias, precisava de novas recrutas, rapidamente organisadas e disciplinadas. Por isso Claudino Pimentel regressou a Portugal, nomeado major do 5 de infanteria, que estava em Elvas, e cujos quadros deviam ser preenchidos pelos novos recrutas, que lhe iriam do deposito de Mafra, commandado superiormente pelo general Blunt. Para esse deposito se dirigiu o major Claudino, seguindo depois para Elvas, onde tinha que dirigir mais especialmente a instrucção militar e a organisação do regimento.

Não precisou de experimentar os seus recrutas diante do inimigo. Terminou a guerra peninsular antes de ser necessaria a entrada em campanha do novo corpo.

Uma nova campanha, que podia ser menos gloriosa ou menos brilhante, mas que não foi de certo menos terrivel, a campanha do Rio da Prata, esperava comtudo as tropas portuguezas. No dia 15 de maio de 1815 appareceu um decreto, mandando organisar uma divisão que iria servir na America. A officialidade d'essa divisão foi composta cuidadosamente, e isso abona mais uma vez o conceito em que era tido o major Claudino, porque promovido tenente-coronel, foi nomeado para commandar o 3 de caçadores que fazia parte da expedição.

No principio de 1816 partiu a divisão para a America, e no Rio de Janeiro ia-se passar um dos episodios mais curiosos da vida militar de Claudino Pimenlel—a sua lucta com o marechal Beresford.

Será a historia d'essa lucta o assumpto do subsequente capitulo.

PINHEIRO CHAGAS.

LAGRIMAS

Ella era toda amor; os seus encantos
Enchiam a minh'alma d'alegria;
Tudo quanto ella tinha dividia
Pelos pobres sem pão. E havia tantos!

Longe de mim um dia—verto prantos
Ao recordar-me ainda d'esse dia!—
A minha boa mãe adormecia,
E não mais encontrei affectos santos!

A's vezes que tristeza, que saudade
Sinto no coração, na orphandade
D'aquella que se foi, subindo a Deus!

Sciencia, se és tão grande como dizes,
Deixa-me inda gosar horas felizes:
—Mostra-me minha mãe, que esta nos ceus!

7 de novembro. SERGIO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS SEUS AMORES

Parece incrivel mas é certo. Os amores d'aquella mocetona, crestada pelo ar do campo, são o *Mattez*, um gatarrão cheio de mimos, que passa a vida enroscado no seu collo, como qualquer pachá do Oriente recostado sobre flaccidos coxins.

Arranha? Pouco importa isso. Tambem ella já teve um conversado da aldeia, que lhe arranhou no coração, fazendo-lhe feridas mais profundas.

Desde essa epoca dedicou ao bichano todas as suas attenções, e o que é mais, todas as suas caricias.

A escolher entre homens e gatos, prefere os ultimos
Talvez tenha rasão.

DEPOIS DO BAILE

Aquelle baile acabou com os somnos placidos e tranquillos das bellas noites da sua juventude.

Nunca mais dormirá serenamente, sobre o leito de virgem, que a tenue luz d'uma lampada allumia.

As ondulações do peito denunciam uma alma agitada. E' o primeiro amor que nasce. Deu lhe vida uma valsa estonteadora, em que se trocaram palavras de fogo, e em que *elle* lhe offereceu uma simples camelia branca.

Aquella flôr foi, talvez, o prologo de muitas insonias e de longos tormentos condensados em lagrimas. Apparentemente inoffensiva, póde envenar-lhe a existencia inteira, ainda ha pouco tão feliz.

PAUSIAS E GLYCERE

Pausias era um pintor grego, discipulo do celebre Pamphillo da Macedonia, e contemporaneo d'Apelles.

Distinguiu se muito na pintura chamada *encaustica*, em que o artista se serve d um verniz preparado com cera e agua-raz. Dedicou-se tambem a pintar flores, para ser agradavel a uma cortezã chamada Glycere de Sicione, a inventora das grinaldas e das coroas, segundo a tradição.

Serviu isto d'assumpto ao bello quadro do famoso pintor italiano, Scisoni, que hoje damos reproduzido em gravura.

O DIA D'ANNOS DO PRIOR

Um santo homem aquelle prior. Deviam assim ser todos.

Em vez de engrolar o latim mercenariamente, para fazer render o officio, exemplifica a moral e a caridade, esvazia a mingoada bolsa nas choupanas do desvalido, o esta sempre prompto para soccorrer a miseria que se lhe abeira do presbyterio.

É por isso que todos o adoram na povoação, e que as boas creanças do sitio o presenteiam, no dia dos seus annos, com fructos, flores e sorrisos.

Digitized by Google

DEPOIS DO BAILE (Quadro de Schmiechen)

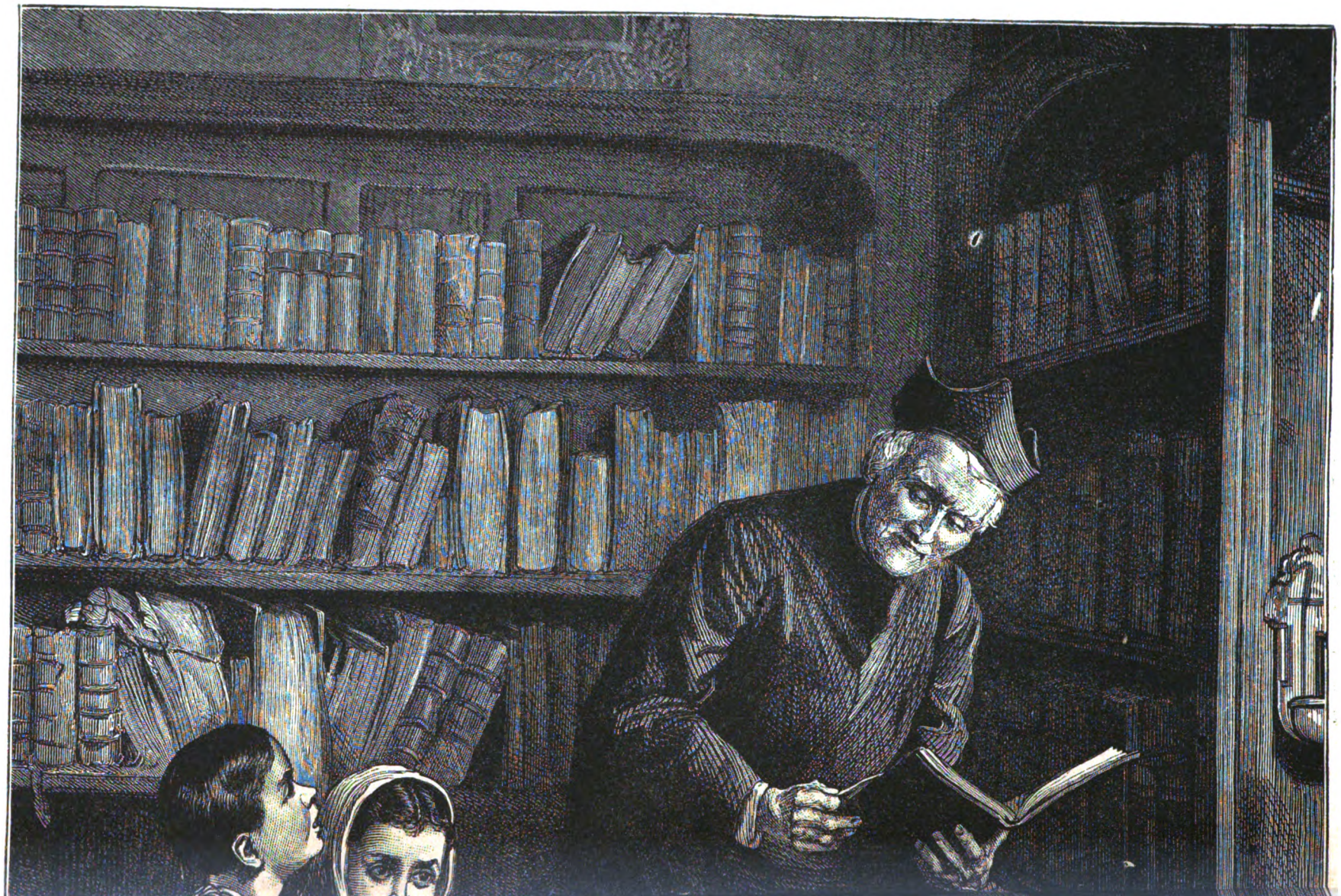
Digitized by Google

Digitized by Google

O DIA D'ANNOS DO PRIOR

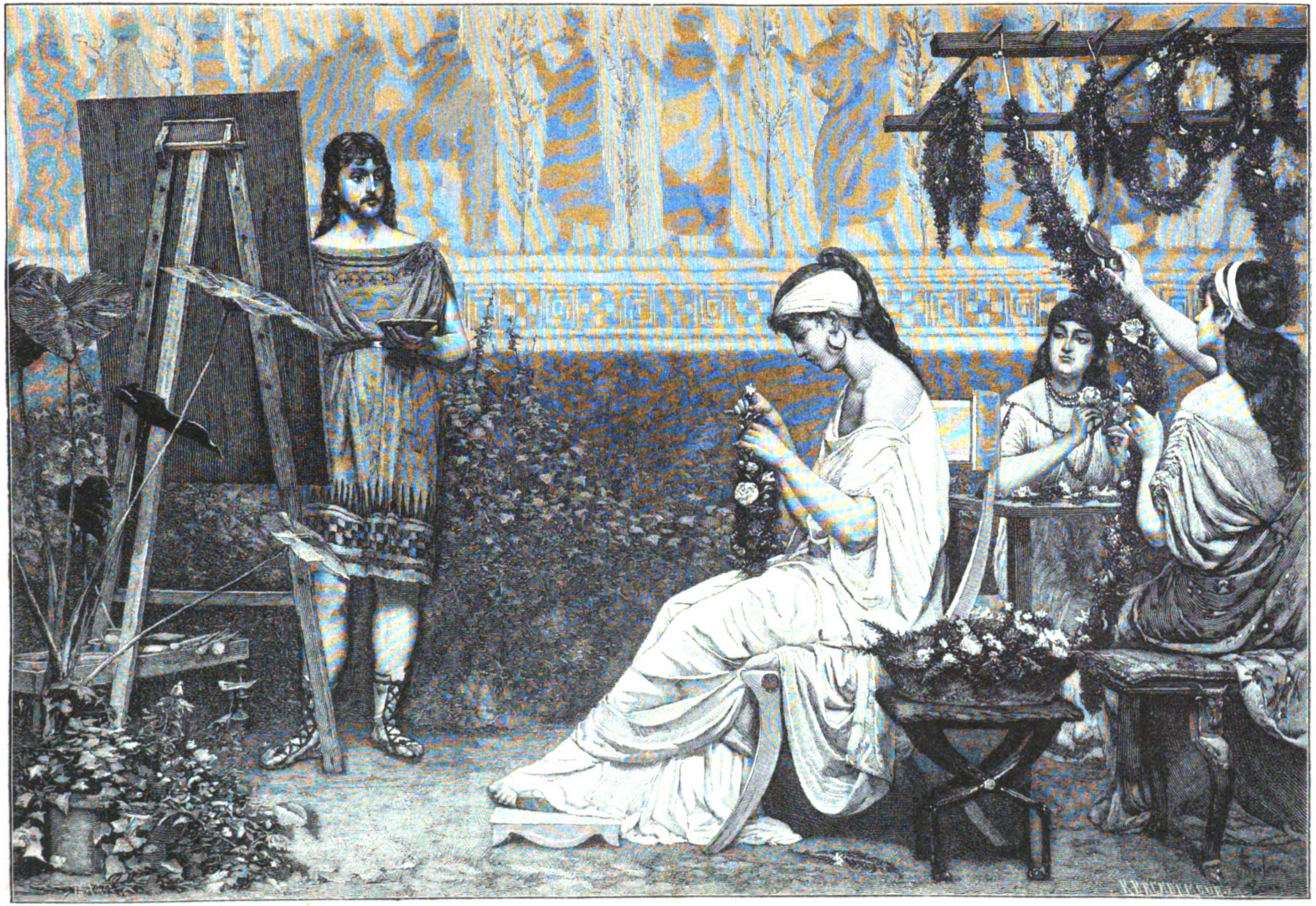
(Quadro de J. B. Burgess)

Digitized by Google



Digitized by Google

Digitized by Google



PAUSIAS E GLYCERE (Qnadro de L. Scifoni)

Digitized by Google

Elle paga tudo aquillo, ensinando-lhes os bons preceitos do Evangelho e acariciando-as com meiguices verdadeiramente paternas.

PAÇOS DO CONCELHO DO PORTO

O edificio da camara municipal do Porto, representado na nossa gravura, está situado no lado do norte da praça de D. Pedro. A cornija que remata esta singela mas elegante construcção, termina por uma estatua de granito, figurando um guerreiro, a que chamam o *Porto*.

As salas d'estes paços tornam-se notaveis por alguns quadros de merito, que as adornam, merecendo menção especial, entre outros, o retrato de Carlos Alberto, offerecido aos portuenses, como tributo de gratidão pelo recebimento que prestaram ao guerreiro de Novara.

Vê-se tambem ali a bandeira que foi do extincto regimento de Voluntarios da Rainha, a sr.ª D.Maria II.

O archivo é precioso pelos documentos que encerra, os mais antigos dos quaes remontam ao anno mil e duzentos.

ÆTERNA MORS

Jeroglypho da treva em bronze escripto,
Mysteriosa ironia da Materia,
Que faz para destruir a essencia etherea
Do pensamento ancioso do Infinito!

Que és tu, força brutal? por que delicto
Prostas o lutador na vil miseria
Da podridão dos vermes, quando a féria
Devias dar-lhe do trabalho afflicto?

Ah! se da larva rompe a borboleta,
Illusão deliciosa do poeta!
Talvez nossa alma suba a eterna luz...

Mas se o cypreste de espectral ramagem
A enredou nas raizes, o selvagem
Que morde o coração junto da Cruz.

GUIMARÃES FONSECA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

CURIOSO.—Parece que sim. A seu tempo apparecerão.

ANTONIO J. DE MATTOS MENDONÇA.— eguengos.—Será attendido, com o maximo prazer nosso, no seguinte numero.

INDISCRETO.—Roma e Pavia não se fizeram n'um dia. Ainda agora o nosso semanario vae em começo. Saiba esperar.

UM PATRIOTA. Ainda não falseámos o nosso programma, nem deixámos de dar gravuras de monumentos portuguezes. O que é impossivel é agradar a todos e fazer maiores prodigios de barateza, creia.

Exigir mais e melhor, por tal preço, é o cumulo da exigencia.

O PEQUENO ANTONINHO.—Vizeu. E' justificada a sua vaidade, mas injustificadissimo o seu *ferro*.

As publicações das charadas fazem-se pela ordem porque chegam, subordinadas a uma especie de escala, como já aqui dissemos. Não se pretere ninguem, mas não se pode dar cabida a toda a gente, d'uma só vez.

Fica satisfeito?

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este elemento no casaco é um circulo—1—2.

TRINTA E UM.

Planta que tem este nome é planta—2—1.

Esta planta corre e é uma ave—2—2.

Este passaro tem o nome d'um homem—2—2.

Ajuda. LEAL JUNIOR.

De madeira este homem é um homem—1—2.

Na egreja, na musica e no mar—2—1.

Olhei no campo para este marisco—1—2

Alcacer. J. R.

Aqui, este appellido é um animal—1—2.

Gira este nome n'esta parte da Hespanha—2—3.

FANTOCHE.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avéssas bolo—2.

A's direitas e ás avéssas medida—2.

A's direitas e ás avéssas argola—3.

A's direitas preposição e ás avéssas vulcão—2.

TRINTA E UM.

A's direitas rio, e ás avéssas mundo—2.

A's direitas mulher, e ás avéssas rio—2.

A's direitas ave, e ás avéssas villa portugueza—2.

Machico. JOÃO VICTORINO DE FREITAS.

EM TRIANGULO

Perfume . . . . .
Fia . . . .
Jogo . . .
Desagrada . .
Artigo .

Ajuda. LEAL JUNIOR.

ENIGMA EM ACROSTICO

Cidade de Hespanha—.u.c.a
Cidade da Belgica—.n.e.s
Rio da França—.o a.o
Ilha d'Italia—.s.h a
Villa de Portugal—.l.a.a
Cidade da França—.a.t.s
Rio da Prussia—.i.m.n
Cidade de Hespanha—.r.g.o
Cidade da Asia—.i l s
Cidade da Italia—.m.r.a
Região da Europa—.u.s.a
Cidade d'Italia—.i.i.i
Nome trivial—.l i.a
Cidade de Portugal—.i.v.s

Leiria. M. D. M. JUNIOR.

PERGUNTA ENIGMATICA

Qual é a palavra que é planta, pedra preciosa e nome de homem?

LUDOVICUS.

ADIVINHAS POPULARES

Por correntes estou preso,
Fogo vivo em mim consumo.
Pela bocca deito fogo,
Pelos olhos deito fumo

Braga. AUGUSTINHO D'ALAMÔRDIA.

LOGOGRIPHOS

(A. M. I. B.)

Reinou em eras antigas 6—3—5—4
Apezar d'este appellido—2—7—1—4

E' por isso que sustento
Ser um nome conhecido.

MARIO.

(Por letras)

Todos podemos beber—1—5—3—6—7
Conhecido mineral—1—2—4

Appellido que alguns usam
Cá no nosso Portugal.

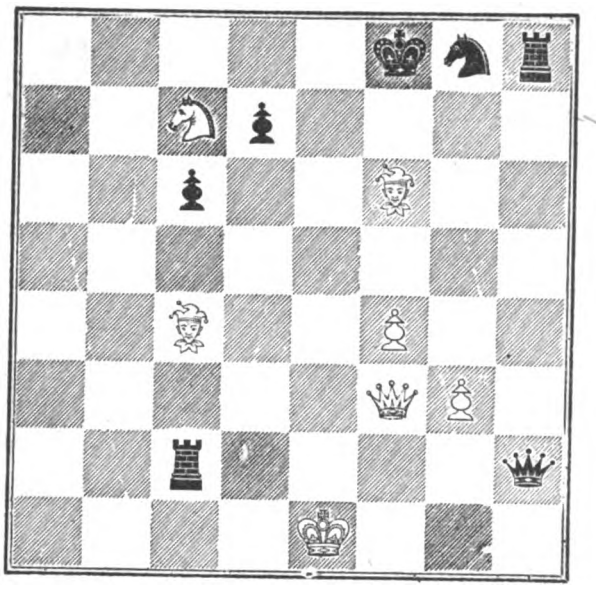
CARMO E SOUSA.

Digitized by Google

XADREZ

PROBLEMA N.º 18

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

PROBLEMA

Dividir entre Fagundo, Procopio e Seraphim 24 toneis, estando 5 cheios de vinho, 8 vazios e 11 meios cheios, de maneira que cada uma d'aquellas pessoas fique com egual numero de toneis e com a mesma quantidade de vinho.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Vieira.
2.ª—Arganeta.
3.ª—Macario.
4.ª—Luciano.
5.ª—Garrafa.
6.ª—Galhofa.
7.ª—Romaria.
8.ª—Regato.
9.ª—Cabrito.
10.ª—Açor.
11.ª—[illegible]za.
12.ª—Astronomia.
13.ª—Moleque.
14.ª—Catilinaria.
15.ª—Tertuliano.

Da pergunta enigmatica:—Pala.

Das adivinhas populares:

1.ª—Jogo d'agulhas de meia.
2.ª—Azeitona.
3.ª—Sal.

Do logogripho:—Galanga.

Do problema:

A namorada de Aniceto é Bonifacia; a de Pancracio é Mafalda e a de Pantaleão é Urraca.

A RIR

Entre mulher e marido, casados de fresco, e a quem morreu um parente proximo:

—E eu sem ter ligas pretas! Observa a esposa, uma gentil morena de vinte annos.

O marido:

—Isso pouco importa. Podes usal-as de côr.

Ella.

—Oh! Que diriam todos os nossos amigos!

*

Uma cosinheira appetitosissima defende-se contra o filho do dono da casa.

—Dá-me um beijo, Justina, um só!

—Seja rasoavel, sr. Carlos, olhe que tenho a panella ao lume!...

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

O oleo de figado de bacalhau, cuja antiga fama subsiste ainda hoje, é um medicamento sempre difficil de tomar, por causa do seu cheiro nauseabundo.

Juntando-lhe gomma arabica, assucar e sumo de limão ou laranja, poderá ser ingerido sem repugnancia pelo enfermo.

A SENHORA CONDESSA * * *

Amavam-se doidamente!

Aquella paixão, impetuosa e fatal, fôra um verdadeiro desmoronamento.

No dia em que ella se declarou, por modo a não deixar a menor esperança de que podesse haver um remedio sufficientemente energico para debellar o mal, o capitalista Rodrigo de Mascarenhas fechou-se no seu escriptorio, mandou chamar a filha e acolheu-a com o aspecto funebre de um homem que recebe uma visita de pezames.

Maria da Ascensão era filha unica, e como tal herdeira exclusiva dos sonoros milhões ganhos pelo pae no laborioso commercio do balcão, vendendo lãs e algodões: uma pequena loja obscura, de uma só porta, acanhoada na extremidade dos armamentos, ampliára-se, a medida que os ventos sopravam propicios, em um enorme armazem de vendas por atacado, que não guardava da existencia do proprietario senão a firma commercial, resaltando a oiro sobre um fundo de marmore polido.

Rodrigo de Mascarenhas afastára-se, enojado, dos contactos experimentes do balcão, desde que despontára no seu espirito, insaciavel, o projecto de comprar á filha um marido titular.

O millionario não ignorava que os noivos titulares offereciam-se por modico preço, e por muito grande que fosse o desprezo que inspirava á sua prosapia de burguez endinheirado, forte da omnipotente magestade dos milhões adquiridos no grande conflicto do trabalho honrado, a impotencia da nobreza pelintra, escrava da tradição, nem por isso deixava de afagar-lhe o ouvido um titulo, que Mascarenhas reputava a cupula dos altos castellos architectados na sua phantasia.

O millionario trazia já de olho um conde, que a roleta, os cavallos e uma bailarina tinham reduzido á simples expressão de um limão espremido.

Calcule se o furor do capitalista, quando, depois de interrogar a filha e de prégar-lhe um substancioso sermão de moral, illustrado de bellas maximas, tendentes a fazer valer o auspicioso futuro que lhe destinára, Maria da Ascensão respondeu que amava Alfredo, um poeta sem vintem, e que se não casasse com elle, não casaria com outro!...

Maria da Ascensão era romantica, como a maioria das raparigas a quem falta a salutar influencia do conselho paterno.

A mãe fallecera ao dal-a á luz.

A filha do capitalista conhecia o mundo, apenas pela superficial apparencia das cousas e pela leitura das novellas.

O pae limitara-se a satisfazer-lhe todos os caprichos, deixando-a na total ignorancia dos deveres, das exigencias e das responsabilidades de que se compõe a vida pratica, mesmo para aquelles que a atravessam blindados pelo oiro das caixas fortes.

Quando chegou a puberdade, com os seus vagos sonhos e as suas aspirações indefinidas, a cabeça loira de Maria da Ascensão curvou-se, meditativa, para as paginas dos romances e foi ahi procurar o heroe, o gentil Romeo, o idyllico amante que deveria vir um dia gorgear-lhe uma trova debaixo do balcão.

Alfredo appareceu, (como poderia ter apparecido outro qualquer) n'esse periodo eflorescente, e Maria da Ascensão, o olhar azul, absorto em uma commoção ineffavel, os labios frementes,—uma rosa mordida por uma abelha,—a fina e sonhadora cabeça pendida no concavo da mão, ouviu, arrebatada, o poeta, que lhe recitou os seus ultimos alexandrinos.

N'esses versos, ligeiramente claudicantes, o vate investia, a golpes de hemistichios, contra o destino e accusava-o de lhe haver negado a ideal musa dos seus cantares.

Maria da Ascensão acceitou, ebria de jubilo, o papel que tacitamente lhe offereciam.

A sua belleza um pouco fria, a belleza das mulheres loiras, belleza de visão que foge, ondeante e esmaecida, sem acordar a forte e dominadora impressão que fica, illuminou-se.

O amor, sonhado pela exaltada imaginação da creança romanesca, revestido de todos os prestigios com que de antemão o coroára a sua ardente espectativa, absorveu-lhe a vida.

Começou para Maria da Ascensão a deliciosa tortura da paixão contrariada.

Digitized by Google

Os noivos, propostos pelo pae, troncos estiolados de varias arvores genealogicas decadentes, foram successivamente regeitados.

O capitalista andava cabisbaixo, abatido, inconsolavel, como um homem que vê fugir-lhe o chão debaixo dos pés, mas não ousava impôr o «*posso, quero e mando*» á caprichosa, por quem elle se habituára a ser dominado.

Alfredo vinha todas as noites ver Maria da Ascensão: fallavam-se; elle cozido com o muro do jardim, ella pendente da janella do caramanchão, situado na extremidade do pomar.

Uma creada, muito dedicada a Maria da Ascensão, uma bonita rapariga, de olhar malicioso e vivo, favorecia as entrevistas.

Alfredo tossia sempre, as faces cavavam-se-lhe, os olhos pizados; tinham um brilho estranho: a phtisica minava-o.

A's vezes, conversando com Maria de Ascensão, recitando os versos que ella lhe pedia, a tosse suffocava-o, levava o lenço á bocca e retirava-o tinto de sangue.

Ao entrar no quarto, d'onde partira para o cemiterio o cadaver do unico homem que amára na terra, Maria da Ascensão caiu de joelhos, sacudida pela violencia dos soluços, desvairada pelo impeto de uma dôr que se lhe cravava no coração como um ferro em braza.

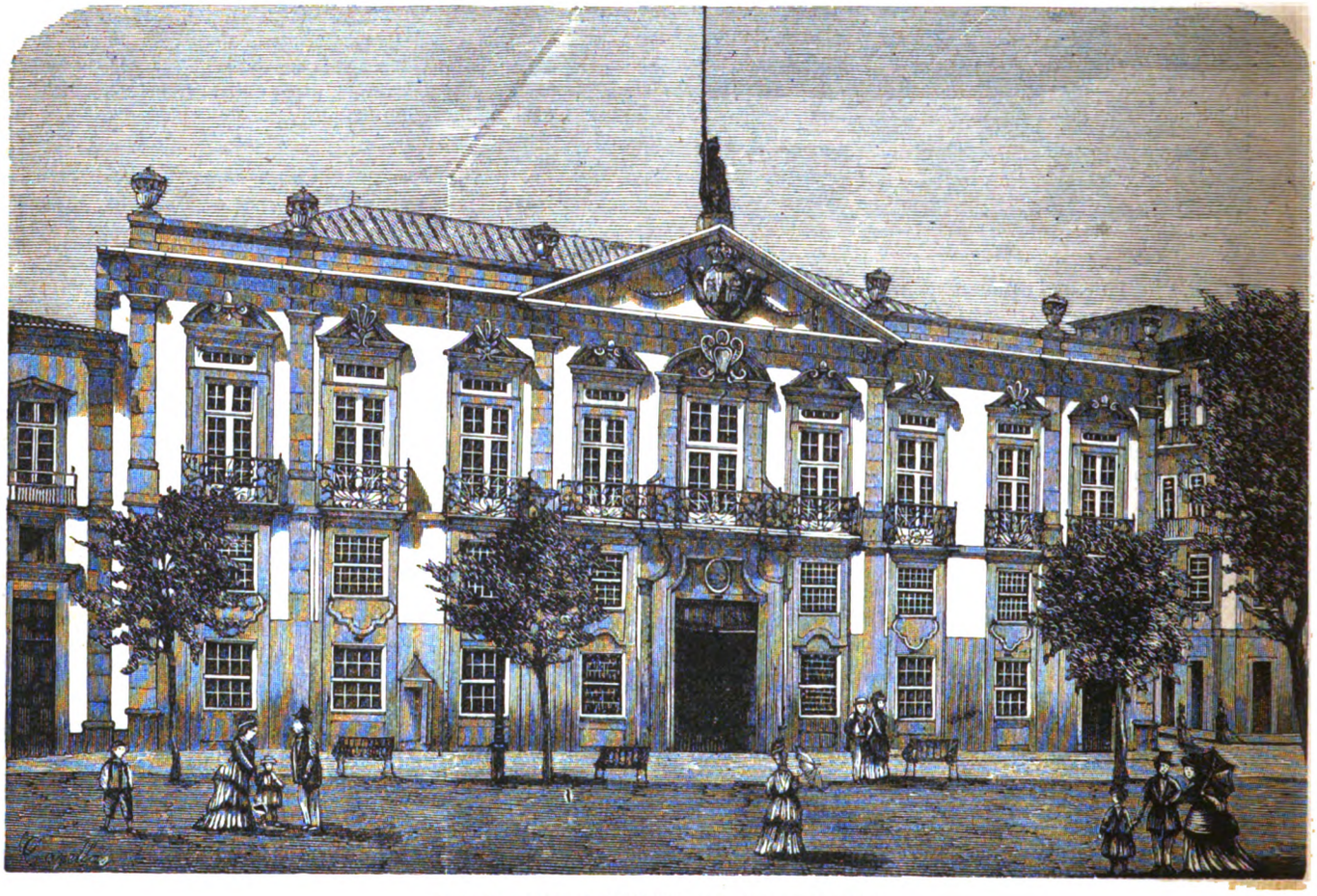
De subito, pareceu-lhe ver passar uma sombra e ouvir um gemido, subtil como o murmurio da viração quebrando-se nas agulhas dos cyprestes.

Maria da Ascensão ergueu-se aterrada e espalhou em torno de si um olhar investigador. N'essa occasião, viu um cofre aberto e cheio de cartas.

Inconscientemente, approximou-se do cofre, pegou em uma das cartas e leu:

«*Meu anjo*

«A'manhã vou a tua casa. A *delambida* deu-me licença para sair, Que me dizes á telha com que ella hontem estava, a querer por força que o meu Alfredo recitasse versos?... E' bem feito!



PAÇOS DO CONCELHO DO PORTO

Ella, aterrada, doida de dôr, escondia a cabeça nas mãos, convulsionada pelos soluços.

Uma noite, Alfredo não veiu fallar-lhe: oito dias depois estava morto.

Ao receber a fatal noticia, Maria da Ascensão caiu fulminada; sobreveiu-lhe uma febre violenta, contra a qual em vão lutaram, por espaço de muitas semanas, a sciencia dos medicos e a mocidade da doente.

As primeiras palavras da convalescente foram para annunciar ao pae que queria recolher-se a um convento.

Em vão tentaram dissuadil-a, o pae, as amigas, os parentes: reflexões, supplicas, admoestações, tudo caiu por terra, diante d'essa vontade inabalavel, sustentada pela sombria exaltação de uma dôr sem limites.

Alfredo vivera sempre só; residira em uma agua-furtada, alugada aos mezes.

Maria da Ascensão, por entre o medonho delirio da febre cerebral, pedira ao pae que pagasse o aluguel da casa, que comprasse o espolio do fallecido e que não deixasse ninguem tocar em um só dos objectos que tinham pertencido ao morto.

Na vespera da partida para o convento, Maria da Ascensão vestiu-se de luto pezado, pediu a chave da casa onde fallecera o poeta, metteu-se em uma carruagem e mandou seguir para a rua dos Algibebes.

Pedi-te que mandasses passear a menina Maria da Ascensão, prometteste e faltaste! Deixa estar que eu me vingarei. O que vale são as esportulas que lhe apanho.

Tua do coração
Augusta de Jesus.»

Era a letra da creada!

Seis mezes depois, Maria de Ascensão era a mais positiva de todas as condessas que emmolduram o busto olympico em uma primeira ordem de S. Carlos.

GUIOMAR TORREZÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 1 de dezembro de 1884 — Numero 23

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O general Claudino*, por Pinheiro Chagas.—*As nossas gravuras*.—*Anima mea*, soneto, por Anthero do Quental.—*Em familia*, (*Passatempos*).—*Peccadora*, versos, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.—*Um conselho por semana*.—*O senhor abbade*, por D. GRAVURAS.—*Monumento a D. Pedro V, em Castello de Vide*.—*Pescadores de Veneza*.—*Uma scena da Revolução franceza*.—*Os saltimbancos*.—*Cruzes da Sé*.

CHRONICA

Ainda o frio? Ainda. O frio e a renda das casas; o nordeste assassino e o dia 25 de novembro; o inverno desapiedado e o senhorio implacavel.

Um dos males, por si só, era já bastante: os dois juntos, soffridos ao mesmo tempo, d'uma assentada, sem intervallo, constituem a mais cruel das calamidades.

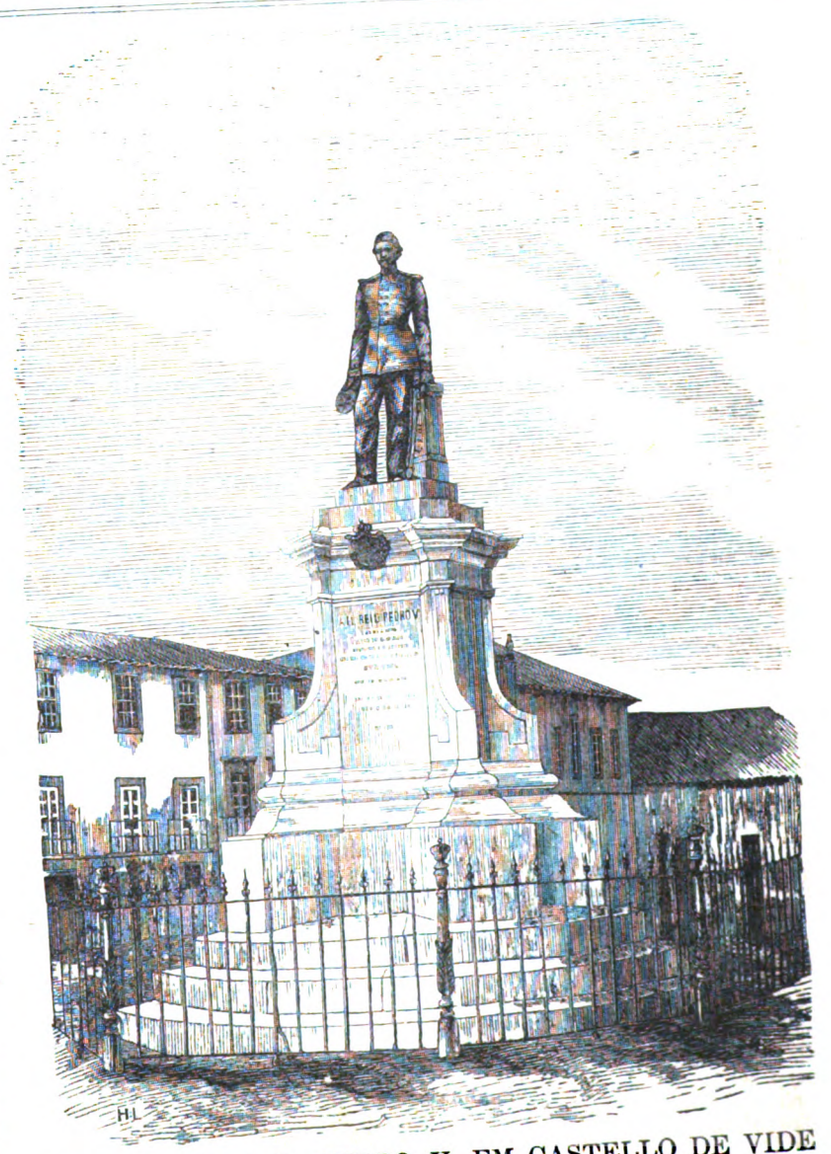
Ahi está porque as vidas são curtas e as bolsas andam vazias. Pois podera!

D'um lado, a invernia mordente a estiolar-nos; a conta do alfaiate a crescer, em face das exigencias atmospherica, que nos fazem comprar mais um *bournous*, mais umas polainas, mais uns colletes de flanella confortavel. Do outro, o senhorio causticante a pedir para ali tudo quanto podémos roubar aos gastos da fatiota salva-vidas, sob pena de irmos riscar domicilio no asphalto dos passeios, á fresca, tendo por tecto o manto azul estrellado dos poetas noctivagos.

E' triste!

Reune-se em Berlim um congresso europeu para investigar se exercemos ou não soberania sobre o Zaire, e não ha quem se lembre de reunir uma conferencia internacional, onde se decrete a abolição dos senhorios impiedosos.

Anda a diplomacia da Europa a discutir em todos os idiomas a questão do Congo, e não ha ninguem que cuide de estudar as atribulações d'um inquilino, chamando para o assumpto a attenção dos paizes cultos, estabelecendo leis redemptoras que nos livrem para sempre d'estes supplicios semestraes.



MONUMENTO A D. PEDRO V, EM CASTELLO DE VIDE

Digitized by Google

Aposto que Bismarck nunca aturou um senhorio, e que lord Granville não soube ainda o que é pagar renda de casas. Se elles tivessem a noção d'esse flagello, se o mal invadisse aquellas duas potentes individualidades como nos invade a nós, ameaçador e terrivel, duas vezes em cada anno que passa, já a Europa inteira teria sido chamada a occupar-se da questão, postergando os assumptos do Zaire e a liberdade de commercio no Niger.

Mas nenhum d'elles sabe de perto o que isto é. A diplomacia leva vida folgada, e não se digna olhar lá das altas regiões da politica, onde paira, para estas pequeninas miserias mundanas.

De minimi non curat prætor. Cada qual que se governe.

=E no emtanto, apezar das rendas de casa sempre crescentes a satisfazer, com uma pontualidade esmagadora, a despeito da carestia descommunal d'essas drogas com que para ahi nos envenenam *au jour le jour* nos *restaurants* e nos mercados, o luxo campéa insolentissimo por todos os cantos, um luxo assombroso, incompativel cem a pobreza franciscana do nosso meio burguez.

A cada passo topamos com uma infinidade de vistosas *toilettes* opulentas, amesquinhando petulantemente o vestido singelo da operaria modesta, que se arrasta pelo *trottoir*, caminho da fabrica.

Se soubessem quantos pudores desfeitos, quantos juramentos trahidos e quantos adulterios infamissimos, sem amor, representam algumas d'essas esplendidas *toilettes* .

Se soubessem de quantas deshonras irremediaveis, de quantas lagrimas eternas e de quanto sangue ellas são feitas... quanto lodo infecto se misturou á trama d'aquellas sedas . quantas ruinas são cobertas pelos esplendores d'aquellas roupagens mirabolantes, ruinas de dinheiro, ruinas d'intelligencia, ruinas de coração... Se tudo isso fosse posto em evidencia, aquellas elegancias bem trajadas, em vez de nos inspirarem amor, provocar-nos-iam tedio.

Acima de tudo uma *toilette* fascinadora, e viva o prazer!

Ha filhas d'Eva que fazem consistir n'isso o seu mais formoso ideal.

Se fores encontral-as nos seus pequeninos *boudoirs*, com os olhos humidos de lagrimas, queixosas e tristes, não te commovas. Julgas acaso que soffrem porque os maridos as despresaram ou porque algum dos filhinhos agonisa no berço? Enganas-te.

Os maridos? nem d'elles se lembram!

Os filhos? Não sabem que elles existem, desde que os entregaram aos cuidados mercenarios de qualquer ama boçal.

Sabem apenas que lhes não é dado conseguir um formoso vestido de cachemira visto em exposição no *atelier* da Aline; pensam n'aquelle collar formosissimo de perolas, que se destacava ha pouco sobre a seda vermelha da *vitrine* do Seixas, e que f.i parar aos hombros da *cocotte* loira mais em voga.

E' isso que lhes imprime em volta dos olhos a vermelhidão das lagrimas. Eis as suas grandes e unicas dores

E emquanto *ellas* sonham com as perolas do Seixas e com os setins fascinadores da Aline, *elles* mourejam cá por fóra, ao frio e á chuva, ou assentados diante da secretária burocratica, com o braço enfiado na manga d'alpaca tradicional.

=Mas a que proposito veio esta grande *tirade* pretenciosamente moralisadora? Ah! Já sei! Os senhorios.

Raça maldita!...

==As emprezas theatraes de Lisboa resentem-se d'esta gelada temperatura que ha dias nos traz acorrentado aos nossos penates, sem valor para affrontar as raivinhas teimosas do nordeste.

Fica tudo em casa, á noite, muito aconchegado na poltrona de rodas, junto do fogão, onde crepita um fogo consolador,

Os que se atrevem a sair, os mais ousados, tratam primeiro de fazer testamento.

Até no Colyseu, onde uma familia qualquer, composta de bellos rapazes vigorosos, executa verdadeiros assombros d'acrobatismo, tem rareiado espantosamente a concorrencia.

S. Carlos, por ser santo e estar chegado aos deuses, é que zomba dos rigores athmospherico. Só elle tem conseguido encher-se. Verdade seja que nos desafia com o *Guilherme Tell*, brilhantemente cantado, com os *dós sustenidos agudos* do Guille, com a bella voz do Devoyod, com o magnifico orgão vocal do baixo Nannetti e com a plastica adoravel da *diva* Morelli.

Depois, o *habitué* do nosso theatro lyrico, por via de regra, só ali vae de carruagem, commodamente reclinado em bons *landaus huit ressorts*. Assim, pode-se resistir sem medo ás intemperies.

=No Gymnasio fazem-se os ultimos preparativos para a proxima festa artistica de Beatriz Rente, uma actriz gentilissima, cujos olhos teem sido cantados em prosa e verso por todos os escriptores e bardos lusitanos.

Eu não sei o que leva uns e outros a cantarem só os olhos da formosa actriz, deixando-lhe o talento na penumbra, quando ella tem olhos e talento para dar e vender. Ainda hei de discutir este assumpto com algum vate da geração moderna, mas d'aqui a tempos.

Talvez o poeta das *Orchidias* saiba informar-me sobre a rasão d'aquella estranha preferencia.

=Na Trindade cuidam de dar substituto ao *Luzbelin*, isento do serviço por incapacidade physica.

A proposito de Trindade, lembra-me agora que promettera ralhar amigavelmente com a Josepha d'Oliveira. Isto de promessas leva-as o vento, e a vontade de ralhar passou-me. Succede sempre assim quando as coisas não se fazem logo.

Tambem eu hoje tinha obrigação de solemnisar, como bom patriota, em quatro phrases palavrosas da chronica, o 244.º anniversario da independencia nacional. Promettera-o a mim mesmo, ha oito dias, com uns pruridos de entoar enthusiasticamente, aos sons da philarmonica *Incrivel Almadense*, o hymno patriotico que principia assim:

«Lusitanos é chegado»
etc.

Mas a chronica, que deve ser o echo de todos os factos, tem de subordinar-se ao espaço que lhe concedem. Fica, pois, para o anno proximo futuro a exhibição da minha cantata patriotica ao 1.º de dezembro, e para o numero seguinte, se estiver mal humurado, a reprimenda amigavel que prometti á nossa *diva* de Opera Comica.

C. DANTAS.

O GENERAL CLAUDINO

III

O marechal Beresford estava no Rio de Janeiro quando a divisão chegou. Talvez inintencionalmente, ou para fazer sentir o peso da sua auctoridade, deu ordem para que o 3 e o 4 de caçadores fossem transformados em dois regimentos de infanteria para os quaes nomeou logo dois coroneis—João Carlos de Saldanha, que foi depois duque de Saldanha e Francisco de Paula de Azeredo que foi depois conde de Samodães. Ficavam assim exonerados o commandante do 4, tenente-coronel Callado que fez depois a sua carreira militar no exercito brazileiro, e o commandante do 3, que era, como sabemos, o tenente-coronel Claudino.

Profundamente magoado com esta resolução, Claudino deliberou ir-se queixar a el-rei. A narrativa d'essa entrevista com o soberano, feita pelo proprio interessado, é curiosissima:

«Cheguei áquella residencia (S. Christovão) em favoravel occasião, por ter a fortuna de encontrar el-rei quando se recolhia a pé da quinta para o palacio. Ia comsigo o major do meu batalhão, José Pedro de Mello, que foi testemunha da exposição que fiz a Sua Magestade, e das respostas benevolas e lisongeiras d'aquelle senhor. Depois de eu lhe haver beijado a mão, Sua Magestade teve a bondade de me perguntar se eu era commandante do 3.º batalhão, a que respondi:—Sim, meu senhor, sou o tenente-coronel, que organisou e disciplinou o terceiro batalhão, e, quando esperava que teria a ventura de que Vossa Magestade approvaria os meus desvelos e assiduos cuidados na organisação e commando de um corpo que me foi confiado em nome de Vossa Magestade, vou ter o dissabor de deixar este commando sem que a consciencia me accuse de haver commettido a menor falta. Eu não peço a Vossa Magestade que me faça coronel do 1.º regimento, mas espero da justiça de Vossa Magestade me conserve o commando de um corpo, cuja disciplina é filha dos meus cuidados e fadigas, e do qual me não tenho tornado indigno. No exercito de Portugal, durante a ultima guerra, muitos regimentos foram commandados por tenentes-coroneis, e não seria extraordinario que eu agora commandasse um novo regimento, composto do batalhão que até aqui tenho commandado com o pequeno augmento de duas companhias que se lhe vão annexar. Estou tão certo da recta justiça de Vossa Magestade que ouso esperar esta graça de Vossa Magestade.

«El-Rei, cujas benevolas intenções são de todos conhecidas, respondeu-me:=Tem razão, eu hei de satisfazel-o, e vá certo de que o hei de contentar, porque tenho muito boas informações a seu respeito.

«Tive depois a honra de acompanhar el-rei até ao palacio, fazendo-me elle durante o caminho muitas perguntas relativas ao estado com que se achava Portugal. Entre as que me eram particularmente relativas, e, como dissesse que antes da invasão havia servido no regimento 24 de infanteria ou infanteria de Bragança, parando e voltando-se para mim, disse me: «Não era coronel d'esse regimento um velho gordo, chamado Manuel Leite? —Sim, meu senhor, era o mesmo, respondi eu. Então el-rei, voltando-se para os camaristas, disse-lhes:—Lembro-me que o coronel Leite tinha farda com bandas amarellas, e que passava por ser um homem honradissimo.

«Quando saía do palacio de S. Christovão, encontrei na escada o marquez de Bellas e o coronel Luiz Paulino, que haviam presenciado o que eu dissera a el-rei na quinta. O marquez, depois de me comprimentar, disse-me que não havia de abandonar a minha pretenção, porque Sua Magestade estava muito propen-

Digitized by Google

so a reparar a injustiça que me tinha sido feita, que el-rei gostára muito do modo por que lhe fallára; que havia perguntado por mim ao marechal-general, e que este, sem ainda saber o motivo porque el-rei lhe fallára de mim, o havia informado muito favoravelmente. Accrescentou o marquez que eu devia fallar todos os dias a el-rei, e que, para vir a S. Christovão, me offerecia a sua carruagem, o que muito agradeci sem o acceitar.»

Como se illudia o pobre tenente-coronel! As intenções d'el-rei eram excellentes, mas o general inglez pouco se importava com isso. Claudino teve de entregar o commando do batalhão e foi intimado a comparecer n'uma reunião de officiaes para ser asperamente reprehendido pela ousadia que tivera de se dirigir ao soberano. Escapou a essa reprehensão por um triste acaso, que o prostrou na cama com febre, exactamente no dia em que se celebrava a reunião.

Quem pagou por ambos foi o seu companheiro no requerimento, o tenente-coronel Callado, que ouviu da bocca do rude marechal as mais asperas injurias, e se humilhou diante d'elle, pedindo-lhe perdão, e protestando que retiraria todos os requerimentos, e faria o que lhe fosse ordenado.

O marechal porém não se contentou com isso. Mandou inspeccionar o tenente-coronel Claudino por um cirurgião militar para saber se elle estava devéras doente. Cenvenceu-se de que a doença não era simulada, mas quiz que, apenas elle se levantasse, partisse immediatamente para Portugal, perdendo todas as vantagens que tinham tido os outros officiaes, e sendo prejudicado inclusivamente na sua antiguidade.

O rei porém estava seriamente magoado com estes incidentes. Não ousava revoltar-se contra o predominio do insolente estrangeiro, mas não queria ao mesmo tempo que um official, que se acolhera á sua protecção, soffresse por isso mesmo os mais graves transtornos. Encarregou o seu ministro, conde da Barca, de arranjar as coisas de fórma que tudo se compozesse, e o conde conseguiu que o tenente-coronel D. Alvaro da Costa consentisse em trocar com o tenente-coronel Claudino, passando de immediato do ajudante general a official de fileira, para que Claudino não passasse pela humilhação de ser subalterno do coronel Saldanha no mesmo regimento que organisára e commandára. Ainda a essa troca se oppoz o feroz marechal Beresford, e persistiu em mandar Claudino para a Europa.

D. João VI viu-se nos mais afflictivos apuros; quando recebia Claudino, dizia-lhe «que o havia de contentar muito», mas diante do marechal costumado a dominar-lhe a vontade, não tinha força para reagir. Comtudo, o marechal excedeu todos os limites, e afinal o soberano, appoiado e animado pelo conde da Barca, e por Thomaz de Villa Nova Portugal, que dizia que não se podia exigir de um militar que fosse heroe diante do inimigo e escravo diante do seu general, fez sentir a Beresford que escusava de contar com a sua assignatura para mais alguma perseguição.

Beresford então transigiu. Disse até algumas palavras agradaveis a Claudino, e, se lhe não deu nem o commando de um corpo, nem lhe permittiu que trocasse com D. Alvaro da Costa, ao menos permittiu que lhe fosse confiado o commando de um contingente composto de varias companhias de infanteria, que devia formar a vanguarda da divisão.

N'esse posto de confiança prestou Claudino os mais relevantes serviços, distinguindo-se de um modo brilhantissimo no combate de India Morta, que abriu, póde dizer-se, á divisão portugueza as portas de Montevideu. Como Beresford partira no entretanto para a Europa, onde ia enforcar Gomes Freire, já que não podéra enforcar no Brazil Claudino Pimentel, este, apenas foi promovido a coronel graduado, tomou o commando do seu 1 de infanteria, que era o regimento em que se transformára o 3 de caçadores. Esse commando deixára-o vago Saldanha, promovido a brigadeiro. Commandava ainda esse corpo em 1820, quando foi promovido a coronel effectivo, e ainda exercia esse commando, quando chegou a Montevideu a noticia da revolução do Porto. Foi com verdadeiro enthusiasmo que Claudino abraçou os seus principios, e foi o primeiro a proclamal-os á testa do seu regimento, sendo seguido por toda a divisão, cujo commandante não teve remedio senão adherir tambem á nova ordem de coisas. Eram os correligionarios de Claudino que infligiam a Beresford a humilhação suprema, impedindo-o de desembarcar. Claudino e tantas outras victimas da insolencia do proconsul britannico estavam emfim vingados.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTO A D. PEDRO V, EM CASTELLO DE VIDE

A nossa gravura representa o sumptuoso monumento levantado no Rocio da pittoresca villa de Castello de Vide á memoria do saudosissimo e preclaro monarcha, D. Pedro V.

Foi feito por subscripção, que todos os filhos d'aquella boa terra coadjuvaram, e tem, n'uma das fa[illegible] do seu pedestal, gravadas estas palavras:

PETRO V
LUSITANORUM. REGI. DILEC[illegible]SIMO
NON. OCTOBR. ANN. MDCC[illegible]LI
CASTELLUM. DE VIDR. OPPIDUM. L[illegible]ISERE
DIGNATO
OPPIDANI. EGREGIAS. JUVENIS
DISIDERATISSIMI
VIRTUTES. MEMORATURI
HOC MONUMENTUM
POSUERE
ANN. MDCCCLXX

A El-Rei D. Pedro V, o muito amado, que se dignou de visitar, em 7 de outubro de 1861, esta villa de Castello de Vide: seus habitantes, para commemorarem as egregias virtudes d'aquelle moço saudosissimo, erigiram este monumento em 1870.

PESCADORES DE VENEZA

São como todos os pescadores. Quasi os mesmos typos dos nossos, identica maneira de vestir, egual modo de exercer a industria piscatoria, a mesma rudeza de gestos e de palavras.

Ha, porém, uma coisa em que os venezianos se não parecem com o nosso pescador indigena Este, quando vae affrontar os perigo do oceano, deixa a companheira em casa: aquelles levam comsigo as esposas para o alto mar: querem que ellas partilhem das suas penas durante o bramir da tempestade, e das suas alegrias quando as redes e os covos se alam para bordo vergando ao pezo da pescaria.

Se o mar não dá nada e o dia correu mal, consolam-se trocando caricias. Soffrem menos assim, e são muito mais felizes.

Não ha nada como a companhia da mulher amada, em horas de perigo e de desanimo.

UMA SCENA DA REVOLUÇÃO FRANCEZA

A nossa estampa representa uma das muitas scenas desoladoras da Revolução franceza. E' uma scena de lagrimas, pungitiva e lancinante.

Prenderam o marido d'aquella infeliz creatura; roubaram-n'o ao seu amor, e vão matal-o sem piedade Ella supplica, por entre lagrimas amarissimas, que não lh'o arrebatem para sempre ás caricias da filhinha estremecida.

O guarda da masmorra, insensivel aos prantos da desventurada, saboreia a sua dôr profunda e prepara-se para ler a prosa incendiaria de Marat, no *Ami du peuple*.

Debalde ella implora piedade, contorcendo-se nas agonias do desespero. Ninguem escuta os seus rogos; ninguem attenta nas lagrimas da infeliz creancinha que vae ficar orphã.

A revolução transforma os homens em feras.

Quando o sangue corre pelas ruas, apagam-se nos corações todos os sentimentos de justica e de caridade.

OS SALTIMBANCOS

Uns desgraçados.

Passeiam a sua negra miseria de terra em terra, de logar em logar, mostrando-se alegres quando a fome aperta mais intensa, exhibindo pantomimas e saltos mortaes, quando a neve lhes entorpece os membros mal cobertos.

No fim de contas não se queixam, ou antes não põem em evidencia os seus intimos pezares.

Se o pão lhes falta, recorrem ao cachimbo. Quando, ao cabo d'uma longa caminhada por villas e aldeias, se encontram sem pão nem tabaco, teem, por ultimo recurso, o somno que tudo faz esquecer.

Uma palhoça encontra-se em qualquer canto. Dorme tudo promiscuamente, o homem dos sete instrumentos, o do clarinete, o do figle, o palhaço, o cão, o macaco e o garoto das deslocações.

No outro dia encetam nova marcha, e assim por diante, até irem morrer, minados pela tuberculose, no catre d'um hospital.

CRUZES DA SE

Em antiguidade como em gerarchia a Sé patriarchal é o primeiro templo de Lisboa.

Comquanto não seja precisamente conhecida a epoca da sua fundação, não pode admittir duvida que ella se remonta a tempos muito afastados, e porventura ainda anteriores ao reinado de D. Affonso Henriques.

Atravez dos estragos causados n'aquelle edificio colossal por differentes terramotos, e das reconstrucções que alguns d'esses estragos reclamaram, divisam-se vestigios da primitiva edificação.

A nossa estampa representa a parte exterior do templo a que nos referimos, que olha para o lado oriental.

Por ella se veem differentes feições, que correspondem a muitas das transformações por que tem passado aquelle monumento.

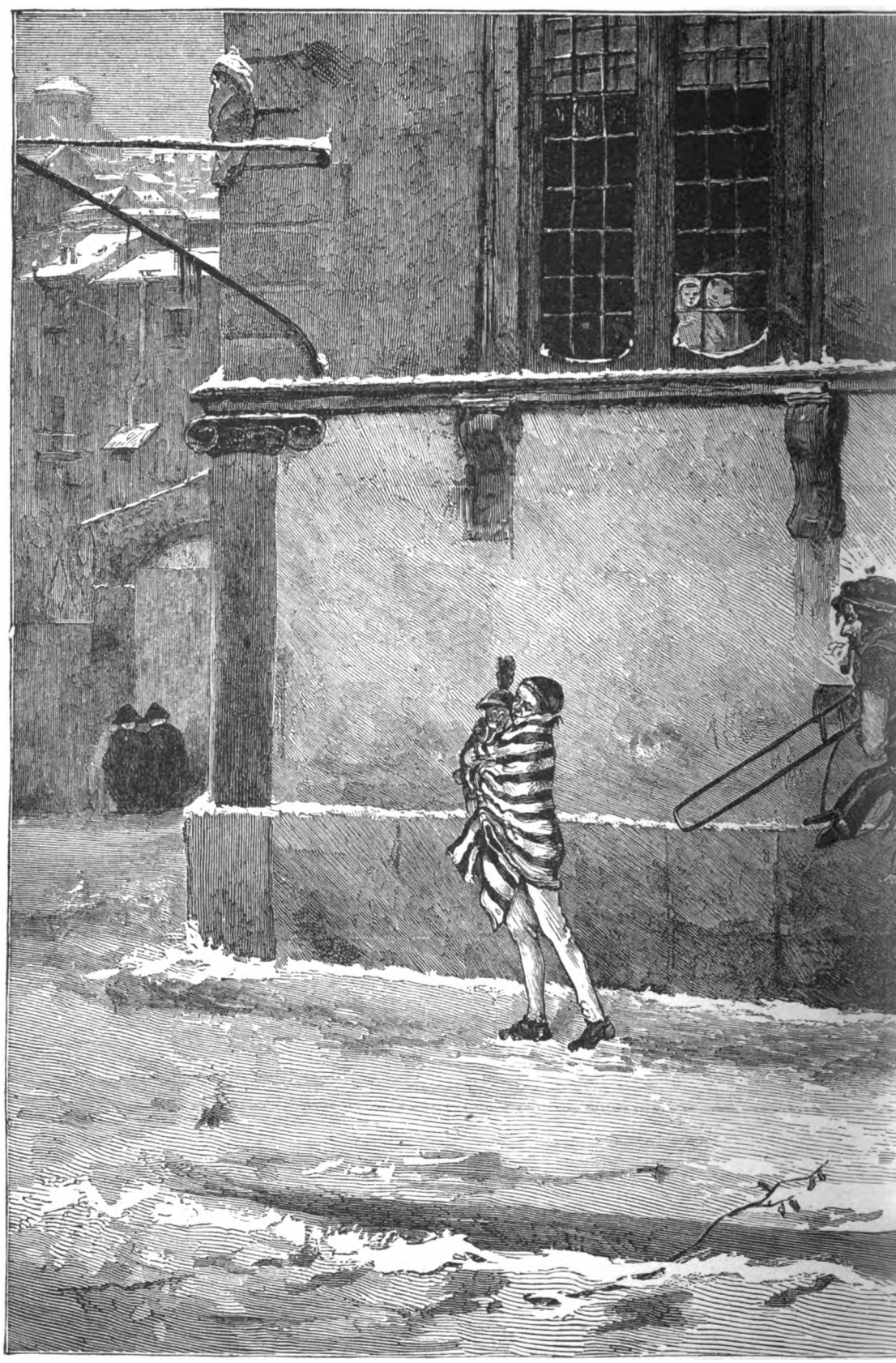
Ao longo d'aquellas vetustas arcarias e arruinadas muralhas,

Digitized by Google

PESCADORES DE VENEZA (Quadro de F. Falhenberg)

Digitized by Google

Digitized by Google



OS SAL

(Qua

Digitized by Google

TIMBANCOS

ro de R. Ribera)

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA SCENA DA REVOLUÇÃO FRANCEZA (Quadro de Paulo Swedomsky)

Digitized by Google

corre a rua, que conduz ao antiquissimo bairro de Alfama, o mais antigo dos quatro em que se dividia Lisboa.

ANIMA MEA

Estava a Morte ali, em pé, diante,
Sim, diante de mim, como serpente,
Que dormisse na estrada e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de vêr a funebre bachante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: «Que buscas, impudente,
Loba faminta pelo mundo errante?»

«Não temas, respondeu» e uma ironia,
Sinistramente estranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a bocca fria.

«Eu não busco o teu corpo .. Era um tropheu
Glorioso de mais... Busco a tua alma»
Respondi-lhe: «A minha alma ja morreu!»

ANTHERO DO QUENTAL.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

ESTACIO.—O logogripho posto a premio tem os versos errados, por isso não vae.
Pode emendal-os?
FRANCISCO HERMENEGILDO DA S. P.—Chellas.—Recebemos, mas ainda não tivémos tempo de ler. Ficam archivados.
BENTO JUNIOR.—Será servido em occasião opportuna, ficando certo de que não pertence ao numero dos ultimos.

EXPEDIENTE

E' prodigiosa a quantidade de charadas novissimas que todos os dias recebemos. Sem acharmos o genero de todo mau, quando ellas são bem feitas—o que nem sempre succede—pedimos aos nossos leitores a fineza de substituirem as *novissimas* por charadas em verso ou logogriphos. Teem dobrado valor e a sua decifração é sempre mais difficil.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Busca um tecido para esta mulher—2—1.

No oceano é doce esta bebida—3—1.

E' perigoso o appellido d'esta fructa—1—2.

CARLOS HELIOGÁBALO.

Este verbo está no pensamento para tomar banho, e allumia—1—1—2.

POLLUX.

Na musica faz compaixão este destino—1—1.

Esta villa está no mar—3.

Abafa e mortifica este homem—2—1.

Torres Novas. JOAQUIM JORGE MATHIAS.

Este instrumento no sapato é moeda antiga—1—2.

Na ave e na musica esta vasilha.

LUDOVICUS.

ARCHI-NOVISSIMA

(Adagio)

No rosto a preposição é doce, e no homem a preposição amarga—2—1—1—1—1—1.

CARLOS HELIOGÁBALO.

NOVISSIMAS EM ACROSTICO

Da cidade a mulher é robusta—2—2.

O trabalho mata aquelle que trabalha—2—1.

Libertou-nos sem resultado este homem—2—1.

O appelido do animal é animal—2—2.

Reparei na arvore que tinha um peixe—1—2.

Esta ilha é interjeição espessa—2—1.

Sente-se n'este rio o animal—1—2.

CARMO E SOUSA.

ELECTRICAS

A's direitas cança e ás avéssas é magistrado—2.

A's direitas apoquenta e ás avéssas agasalha—2.

A's direitas nome proprio e ás avéssas illumina—2.

Belem. J. M. DE SOUSA GOMES.

EM VERSO

Qu'rendo trocar uma letra
Por outra, tambem vogal,
Deve encontrar facilmente,
Feita a troca, vegetal.—2

Qu'rendo trocar consoante
Por outra de egual jaez,
Ha de encontrar appelido
D'um ministro portuguez.—2

Junte agora as duas partes
Mas sem trocas lhe fazer
Verá villa portugueza
Que é possivel conhecer.

CARMO E SOUSA.

LOGOGRIPHOS

(Ao meu amigo T. L. Braz)

Nome—4—9—2—5—6—7—9
Appellido—9—7—7—6—7
Nome—3—4—3—4—6—3—7
Appellido—1—3—2—6—9

MATTOS MENDONÇA.

(Ao meu amigo G. Caetano, author do logogripho cuja decifração é *Galanga*)

Agradeço, meu amigo,
E em signal de gratidão
Envio o seu logogripho
Com outra decifração.

Pobre mulher, coitadinha,—6—7—8
Tem vontade de comer.—8—4—5—6—3—8
Esta ave gallinacea—2—5—4—1—5
Que no lagar podes ver—1—5—6—6—8

Este agora é vegetal
Cá do nosso Portugal.

F. L. MÉGA.

PROBLEMA

Tres mulheres, chamadas Theodolinda, Euphrasia e Tertulliana foram a uma feira com seus filhos, e compraram, para cada um d'estes, um brinquedo. Theodolinda e Euphrasia deram por cada objecto um numero de tostões tal, que a somma d'estes numeros eguala a somma de 4 vezes o numero d'objectos comprados por Theodolinda, mais o numero d'objectos comprados por Euphrasia; e o producto d'aquelles numeros é o mesmo que o de 4 vezes o numero d'objectos comprados por estas duas mulheres. Sabe-se mais que Theodolinda gastou 7 tostões mais que Euphrasia, e que o numero total de filhos das 3 mulheres é egual a 9. Pergunta-se quantos filhos tem Theodolinda, Euphrasia e Tertulliana?

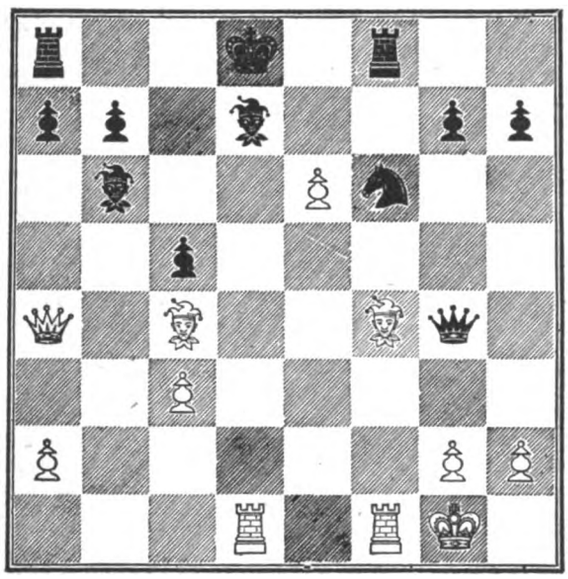
MORAES D'ALMEIDA.

Digitized by Google

XADREZ

PROBLEMA N.º 19

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Argola.
2.ª—Canabraz.
3.ª—Canario.
4.ª—Avelino.
5.ª—Paulino.
6.ª—Santola.
7.ª—Vieira.
8.ª—Camello.
9.ª—Andaluzia.
10.ª—Apa.
11.ª—Ana.
12.ª—Anina.
13.ª—Ante.
14.ª—Ebro.
15.ª—Eva.
16.ª—Adem.
17.ª—A r o m a
r o c a
o c a
m a
a
18.ª—Murcia.
Anvers.
Rodano.
Ischia.
Almada.
Nantes.
Niemen.
Aragão.
Tiflis.
Ombria.
Russia.
Rimini.
Elvira.
Silves

Da pergunta enigmatica:—Jacintho.
Da adivinha popular:—Thuribulo.
Dos logogriphos:
1.º—Ignacia.
2.º—Callado.

Xadrez—Solução do 18.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. D. 3 T. D. (cheque).	1. P. 4. B. D.
2. D. toma P. (cheque).	2. P. 3 D.
3. D. toma P. (cheque).	3. C. 2 R.
4. D. toma C. (cheque e mate) ou D. 8 D. (cheque e mate).	

Do problema:—Varias soluções.

	Toneis cheios	Toneis meios cheios	Vasios
Fagundo	0	7	1
Procopio	2	3	3
Seraphim	3	1	4
Fagundo	1	5	2
Procopio	3	1	4
Seraphim	1	5	2
Fagundo	2	3	3
Procopio	2	3	3
Seraphim	1	5	2

Cada uma d'estas soluções dá ainda 6 soluções differentes.

A RIR

Propõem, para marido, a uma donzellinha formosissima, um velho archi-millionario.

—Que edade tem elle? pergunta a rapariga.

—Vae fazer 70 annos, mas parece um homem de 45, quando muito.

—Que zanga! Preferiria que parecesse ter 90... e que os tivesse realmente!

*

Réclame colhida n'um jornal de provincia:

«Os livros d'este abalisado escriptor não carecem de recommendação: pertencem ao numero d'aquelles que se léem com os olhos fechados.»

UM DOMINÓ.

PECCADORA

Pobre mulher! Eccôa-me,
N'esta alma entristecida,
Da tua voz dorida
A flebil viração.
Do teu caminho asperrimo
Ferem-me as sarças duras,
E as tuas amarguras
Sinto-as no coração.

Tu eras rosa esplendida
De viço e de perfume,
Queimou-te o rubro lume
Do desejar sem fim.
Sonhaste no mysterio
Das murmurosas selvas,
No doce olor das relvas,
No placido jardim.

E hoje, o teu rosto morbido
Traduz quanto supplicio
Póde infligir o vicio,
A quem renega os ceus.
Chame-te o mundo reproba,
Eu chamo-te illudida...
Pobre mulher perdida!
Lavem-te os prantos meus.

Chora, mulher! as lagrimas
Lavam a dôr e o crime,
—Benção do ceu sublime,
Que nos legou Jesus,
São como orvalho celico
Descendo á flor pendida...
Trazem aos mortos vida,
Trazem ás sombras—luz.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

UM CONSELHO POR SEMANA

Deus nos livre de imaginar que qualquer dos nossos leitores terá um dia a desgraça de soffrer a asphixia pelo carbone. Mas se isso acontecer, é bom que lá por casa tenham conhecimento das seguintes prescripções:

Na asphixia pelo carbone deve-se logo abrir as janellas, despir a victima, estendel-a sobre uma cama, com a cabeça bem alta, friccionar-lhe as pernas com alcohol, dar-lhe a beber agua

Digitized by Google

com vinagre, e fazer-lhe a respiração artificial, comprimindo-lhe o peito alternativamente.

O medico fará o resto.

O SENHOR ABBADE

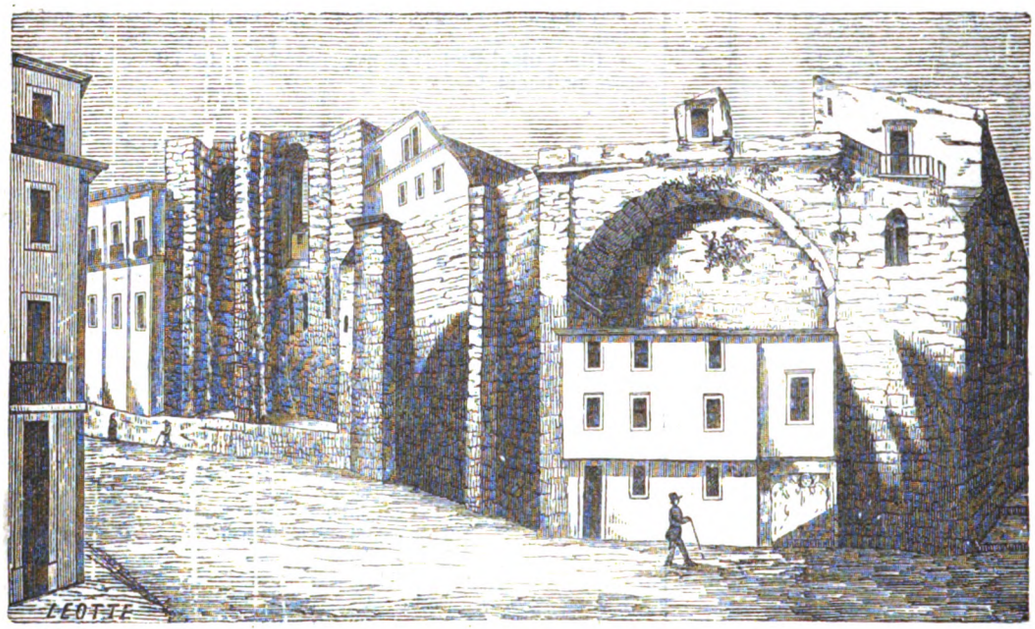
Feliz o tempo antigo em que havia em Portugal moralidade e economia; o povo resava as contas e ouvia missas, e os poderes publicos dirigiam com mão firme e zelo inexcedivel os negocios dos frades.

Bons tempos!

Para que o leitor possa ajuizar o céo aberto que seria então este

«Jardim da Europa á beiramar plantado.»

contar-lhe-hemos uma linda historia; a historia edificante do senhor abbade.



CRUZES DA SÉ

Chamava-se elle Antonio de Mello, e governava pacificamente os frades do convento de Pombeiro, da ordem de S. Bento. Da sua vida e feitos deu a senhora D. Catharina, que assumira a regencia na menoridade de D. Sebastião, as mais redondas informações para Roma:—«Que por ser poderoso, rico e bem aparentado nunca fôra visitado pelos arcebispos de Braga, a cuja diocese pertencia, e que por esse motivo vivia deshonesta e criminosamente, recolhendo malfeitores em sua casa, d'onde sahiam a fazer latrocinios, mortes e toda a qualidade de violencias, n'algumas das quaes o dito abbade era crimonoso.» Notaremos de passagem, que se o velho Portugal deveu ao rei piedoso as bemditas fogueiras da santa inquisição, o Portugal novo deve á illustre viuva de tão bom monarcha ter cá introduzido o costumesinho das partes carregadas; em que tanto se comprazem os collegas do habil policia Antunes.

Vamos á historia. O arcebispo de Braga, D. Balthasar Limpo, ainda ousou reprehender Antonio de Mello, o qual, tomando na consideração devida as admoestações do seu prelado, resolveu não se emendar: pelo que, o mesmo prelado escreveu duas vezes a el-rei, para que o mandasse chamar, e o censurasse. Foi Antonio de Mello chamado, foi censurado, mas não foi emendado.

Depois da morte de el-rei foi chamado de novo á côrte, «onde se apresentou deshonestamente com uma mulher com quem estava amancebado, e sem fallar a sua alteza, e sem lhe pedir licença, retirou-se» para Madrid. Tudo ista consta da parte que a princeza mandou ao commissario geral da policia religiosa, o summo pontifice, communicando lhe tambem, que, pelo sim, pelo não, já tinha mandado sequestrar as rendas do abbade e instaurar a este um processo. Concluia a regente ponderando, que sendo da maior conveniencia castigar tão mau procedimento, para que não ficasse servindo de pessimo exemplo a todos os ecclesiasticos do reino, pedia a sua santidade incumbisse d'esta causa o cardeal D. Henrique, seu collega na regencia, pois que só a grande auctoridade d'elle poderia emendar tamanhos escandalos. Nada mais justo: em quanto um estivesse a emendar vagarosamente os escandalos, occupar-se-hia o outro de devorar soffregamente as rendas sequestradas. Um arranjo.

Mas a misericordia divina tocou no exilio o coração de Antonio de Mello, que resolveu fazer a emenda tão anciosamente desejada pela zelosa regente; a qual emenda era renunciar a abbadia, deixando vaga uma magnifica prebenda.

Depois de tão perfeitamente emendado, não foi nada difficil ao abbade obter o perdão de se haver ausentado do reino sem licença, sendo-lhe permittido que viesse gosar em paz as frescas brisas do Tejo, livre dos frades do convento de Pombeiro, e alliviado dos rendimentos do mesmo. Não chegou, porém, a gosar tantas venturas, porque o surprehendeu a morte, talvez ao fazer a mala.

Logo que vagou a abbadia, apressou-se a princeza a pedir ao papa que lhe fizesse mercê do mosteiro de Pombeiro, o qual desejava reformar, como tanto precisava; e ao mesmo tempo escreveu ao cardeal Santafiore, que se interessasse por este negocio. O bom cardeal interessou-se muito mais do que a regente desejava, porque pediu a abbadia para si, por certo com o louvavel intento de emendar elle os escandalos; e esteve em riscos de a apanhar, assim como a abbadia de Refoyos, que tambem estava vaga, e que é de crer precisasse egualmente de boa emenda. Esta pequena contrariedade obrigou a princeza a modificar um ponco o seu zelo de reformas, sem todavia desistir da idéa de que fosse uma pessoa da familia quem emendasse os escandalos; sollicitou, portanto, da côrte de Roma a nomeação de D. Antonio, filho do infante D. Diniz. Mas o pontifice, que já não era o mesmo que havia promettido ao cardeal Santafiore de o presentear com as rendas de dois mosteiros portuguezes, via-se consumido com empenhos: mais alguns cardeaes e varias outras pessoas de muita consideração e virtude resignavam-se, promptificavam-se, desejavam, pediam para lá da cidade eterna emendarem capazmente os escandalos dos dois mosteiros do Minho, e bem assim embolsarem as respectivas rendas.

O filho do infante D. Luiz fazia gosto em ser abbade; queria para si a gloria de emendar os escandalos, sujeitando-se a todas as consequencias d'esse penoso encargo, inclusivé a disfructar as rendas, e a nomear um procurador, que cuidasse do resto. O embaixador portuguez, aguilhoado pela nossa côrte, instava em Roma pela nomeação de D. Antonio, ao passo que outros pretendentes redobravam de esforços

O bom do papa, seriamente embaraçado com as difficuldades de escolha, sahiu-se, por fim, com a jovialissima idéa de nomear para as referidas abbadias um sobrinho seu, deixando embatucados todos os outros pretendentes. Uma boa partida. O embaixador portuguez, desagradavelmente surprehendido, quando se embalava docemente na risonha esperança de que lhe nao faltariam as solemnes promessas, queixou-se ao santo padre, o qual, com muito boas e onctuosas palavras o mandou com Deus, visto ser negocio findo o objecto da lamuria.

D. Antonio deu pulo; o embaixador viu-se quente, mas tanto andou, tanto andou em volta do tal sobrinho do papa, que por fim conseguiu que elle renunciasse as duas abbadias, mediante uma insignificante condição: ficar recebendo uma avultada pensão annual, tiradas das rendas dos referidos mosteiros.

Ora eis aqui tem o leitor como no virtuoso Portugal d'outr'ora se perseguiam implacavelmente os escandalos.

D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mez 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 8 de dezembro de 1884 — Numero 24

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O general Claudino*, por Pinheiro Chagas.—*Lacrymae rerum*, soneto, por Guimarães Fonseca.—*As nossas gravuras.*—*Em familia.* (*Passatempos*) —*Um conselho por semana.*—*A maternidade*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*Villa da Praia da Victoria, na ilha Terceira.*—*Um idyllio.*—*A vida no Harem.*—*Uma consulta.*—*Serra dos Orgãos.*

CHRONICA

Estão, talvez, cheios d'orgulho, os francezes, porque uma simples mulher do seu paiz, desmentindo a fraqueza propria do sexo, varou com tres ou quatro balas de revolwer o peito e a cabeça d'um homem alentado.

Imaginam aquelles senhores que a França tem o previlegio exclusivo das viragos de *tournure*, e dos bonbons de chocolate. Suppõem, na sua balofa prosapia, que as mulheres do resto da Europa não sabem matar como as parizienses; que se acabou em Portugal a raça das padeiras d'Aljubarrota: que as Clovis Hugues pimponas constituem um producto especial da Republica de Grévy.

Basofias francezas!

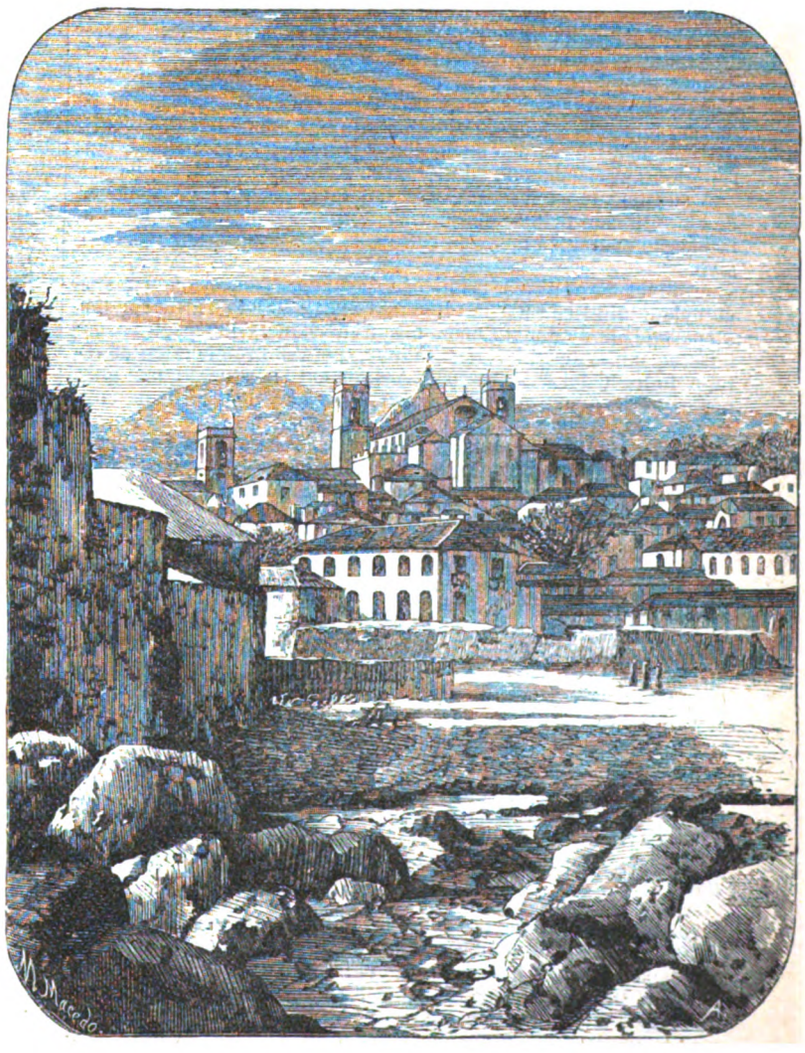
Tambem por cá o sexo bonito manda para o feio cemiterio o sexo barbado. Tambem nos nossos registros criminaes se inscrevem nomes femininos.

Não nos falta nada para sermos um dos povos mais civilisados da redondeza.

Desde a mulher que mata o amante por ciumes, com o vitriolo corrosivo, até á que destroe o proximo por mero capricho, introduzindo-lhe tres grammas de chumbo no thorax, temos de tudo.

Senão, veja-se a Marinha Correia, do Porto, uma perdida d'alto cothurno, cujo nome acaba de passar das chronicas picarescas do escandalo para as chronicas sangrentas do crime.

Pouco mais ou menos quando a mulher do deputado republicano francez, Clovis Hugues, assassinava, na *Cour d'Assises* de Paris, um sujeito que se permittira atassalhar-lhe a honra e apontar o marido á irrisão dos *boulevardiers* como qualquer *mr. A'phonse* vulgarissimo e réles, Marinha Correia, a formosa mundana da cidade da Virgem, disparava



VILLA DA PRAIA DA VICTORIA, NA ILHA TERCEIRA

Digitized by Google

na Foz, o seu rewolver certeiro contra um senhorio importuno, que commettera o *desacato* de pretender moralisal-a.

Já veem, pelo simples confronto d'estes dois factos, que a França não nos levou de vencida. Se marcou uma á preta em materia criminal, tambem nós marcámos.

Querem agora saber em que circumstancias se realisaram os dois crimes, perfeitamente identicos na fórma, embora os seus moveis fossem diversos? Eu lhes conto a historia de ambos, mas não vale a pena contrahir o rosto, n'um sentimento de repulsão pelas duas heroinas vingativas.

A gentil Clovis Hugues—dizem que é gentilissima—vivia em Marselha nos seus tempos de solteira, e tinha por visinho um velho libertino, conquistador de bellezas faceis, que nunca trocou com ella nem um olhar nem uma palavra, segundo é voz publica entre os marselhezes de boa nota.

Um bello dia, o velho solteirão adonis, fatigado da existencia licenciosa que levava, resolveu entregar-se ás doçuras do hymeneu, desposando uma viuva. Mas a libertinagem estava-lhe na massa do sangue, e o esposo macrobio não se regenerou mudando d'estado. As infidelidades do devasso foram tantas e de tal ordem que levaram a esposa a requerer divorcio. Para esse fim, dirigiu-se a um agente de *negocios de todo o genero*, chamado Morin, que se prestou, de boamente, a secundar-lhe os projectos.

Antes de tudo, porém, era mister fundar o requerimento n'algum facto. E sabem o que fez o patife do tal Morim? Allegou, na petição da demandante, com um cynismo torpissimo, que entre a actual mulher do fogoso deputado marselhez Hugues e o velho conquistador tinham existido relações muito condemnaveis.

D'ahi o asco profundo da pobre creatura, hoje esposa e mãe amantissima, pelo sabujo que pretendera empeçonhar-lhe o seu mais bello thesouro. D'ahi, finalmente, a vingança da mulher honesta, saciando-se com o sangue do bandido que insultára a sua honra immaculada.

E a Marinha Correia? Uma Messalina devassa; o reverso da medalha onde está esculpido o busto correcto da marselheza gentil.

A vida d'aquella miseravel tem sido uma serie interminavel de aventuras ruidosas, tresandando a lodo infecto.

Ha pouco ainda, morrera por ella um moço honesto, que se deixara desvairar pelas suas caricias quentes, de panthera. O marido fugiu para longe, procurando lá fóra, onde nenhum compatriota podesse vel-o e medir-lhe a grandeza das magoas, um refugio ás vergonhas do adulterio infamante.

A adultera fazia da casa que habitava um perfeito alcouce. Sendo intimada pelo senhorio a abandonar o poiso, respondeu á intimação com duas balas de rewolver, que feriram de morte o alvo.

Ao invez da outra, a criminosa portuense não vingou a sua dignidade ultrajada por um infame venal; não tem a attenuar-lhe a enormidade do delicto nenhuma circumstancia que inspire commiseração e sympathia. Fez sangue, porque pretenderam affastal-a do tremedal da deshonra. Assassinou, porque alguem quiz pôr entraves á sua vertiginosa carreira pelos meandros da corrupção desbragada.

Entre os intuitos d'aquellas duas mulheres ha um abysmo enorme, e póde ser, no entanto, que a Justiça condemne a que foi digna no crime, para absolver a que foi torpe na vindicta.

Quem sabe?!

=Vamos atravessando uma época lyrica deliciosa em S. Carlos. As estreias de *divas* desconhecidas succedem-se. São tantas as notabilidades artisticas femininas a passarem em revista diante de nós, que já não é facil fixar na memoria os seus nomes variadissimos, nem encontrar uma adjectivação bastante opulenta que lhes defina os altos meritos de *virtuoses* peregrinas.

A critica musical indigena queixa-se de que lhe faltam adjectivos. Prodigalisou todos quantos tinha com a encantadora Novelli, e anda agora a ver se póde fazer provisão d'alguns novos, para desfolhar aos pés da Salla, que já se revelou na *Africana*, da Sembrich, que ha de vir dar-nos a *Lakmé* e a *Mignon*, e da famosa Devriés, que foi escripturada por grossas sommas para gorgeiar aos nossos ouvidos a bella musica do *Fausto*, da *Aida* e do *Hamlet*.

A imprensa estrangeira consagra a este brilhantissimo astro da scena lyrica as mais extraordinarios *réclames*, dizendo d'ella coisas verdadeiramente assombrosas, as mesmas que nós, pouco mais ou menos, estamos habituados a ouvir da Patti e da Albany.

Fidés Devriés conseguiu, com a sua bella voz de oiro, o que os aguazis de Madrid não poderam conseguir pela força:—moderar os impetos bellicosos dos estudantes da grande capital hespanhola.

Appareceu aos madrilenos uma noite, no *Fausto*, e toda a fina rapaziada turbulenta da Universidade entrou logo na ordem, como por encanto.

Os revolucionarios mais façanhudos, ouvindo a voz da soberba *diva*, esqueceram-se da sua missão chinfrineira e renderam-se á discripção.

Superior ao proprio Canovas em dotes diplomaticos, a loira e deliciosa Margarida soube fazer o que elle não soubera:—estrangular uma sedição de rapazes novos, as peiores que eu conheço.

Digam-me agora cá, depois d'isto, se uma fraca mulher de theatro não póde dar um forte homem d'Estado, ou um fortissimo governador civil, pelo menos.

=D'esta vez, por falta quasi absoluta d'assumptos de casa, hão de permittir-me que eu recorra ao estrangeiro, pedindo de emprestimo á ultima eleição presidencial dos Estados-Unidos o *bouquet* final d'esta *soi-disante* chronica de *partout*.

Sabem quantos kilometros teve de percorrer o candidato republicano vencido, em seis semanas, na sua peregrinação por casa dos eleitores? 14.000!

Já veem que é mister ser-se vigorosamente constituido para resistir ás fadigas d'uma campanha presidencial n'aquelle paiz dos dollars.

E note-se que o pobre Blaine excursionava, tendo de fazer quinze, dezoito e mais discursos por dia.

Em cada estação percorrida havia sempre um discurso, cuja extensão e eloquencia eram proporcionaes á importancia da localidade eleitoral. Nas pequenas estações o candidato infeliz limitava-se a proferir, da plataforma do seu *pullmann car*, quatro palavras diante dos eleitores convocados pelo telegrapho; mas nas grandes, tinha de fallar duas horas a fio, affrontando por vezes, como em Fort-Wayne, a troça rija dos adversarios.

Além dos discursos, e das enormes distancias percorridas, havia ainda os banquetes, e os *shake-hands* contados por milhares cada dia

No fim de tudo, ficou sem a presidencia e ainda por cima extenuado.

Se nas nossas eleições para deputados se desse outro tanto, seria mister crear no orçamento uma verba especial para caldos peitoraes, medico e botica, a menos que os candidatos não tivessem todos a corpulencia e a robustez do sr. Emygdio Navarro.

C. DANTAS.

O GENERAL CLAUDINO

IV

Era brigadeiro Claudino Pimentel quando regressou a Portugal, e a sua vinda foi de grande auxilio para a causa liberal, que estava em muito risco, por se ter revoltado uma parte do exercito, capitaneado por alguns dos generaes mais prestantes do exercito portuguez, generaes que tinham sido em parte os iniciadores da revolução de Vinte, por ódio a Beresford, mas que, assustados com as consequencias dos seus actos e não sympathisando com as idéas liberaes, voltavam contra a revolução as armas que tinham brandido para a promover. Taes eram os Silveiras e Gaspar Teixeira.

Claudino Pimentel mostrou-se, pelo contrario, assim que chegou a Lisboa, liberal convicto e ardente, e a primeira coisa que fez, logo que se viu na metropole, foi apresentar-se ás côrtes para lhes manifestar a sua adhesão. Já n'essa epoca ardia em Traz-os-Montes a contra-revolução do conde de Amarante, e os generaes com que o partido liberal contava eram principalmente Luiz do Rego, Pamplona Moniz e o velho Pego, que fizera parte da legião lusitana e se distinguira na Russia, na batalha da Moskowa; Claudino Pimentel foi, por conseguinte, recebido com enthusiasmo, e teve desde logo o commando das tropas estacionadas em Lamego.

Quem dirigia as operações contra os rebeldes era Luiz do Rego, e concebeu um plano para envolver o conde de Amarante, que deveria dar excellentes resultados; mas, ou por culpa do proprio general em chefe, ou por culpa dos seus subordinados, é certo que as differentes forças envolventes não se acharam umas das outras na proximidade necessaria para se sustentarem, de forma que o conde de Amarante póde romper o circulo que devia apertal-o no ponto da circumferencia defendido por Pamplona Moniz, que caiu prisioneiro com o regimento 21.

Esta acção, conhecida pelo nome de acção de Santa-Barbara, travada no dia 13 de março, animou os realistas e causou no Porto grande sobresalto. Luiz do Rego, n'este momento de perigo, chamou a si Claudino Pimentel, não só para se reforçar com as tropas que elle commandava, mas tambem, e principalmente, segundo o proprio Luiz do Rego confessa nos seus officios, para se valer dos seus talentos militares, na situação perigosa em que se encontrava.

Nomeado segundo commandante do exercito, Claudino Pimentel tratou de reorganisar os regimentos abalados; mas o conde de Amarante não lhe deixou tempo para muito, porque resolveu entrar de novo em campanha, atacando Amarante para poder talvez avançar sobre o Porto. Apenas perceberam estas intenções,

Digitized by Google

Luiz do Rego e Claudino Pimentel fizeram convergir sobre Amarante as forças todas de que dispunham e que estavam um pouco dispersas, mandando avançar a marchas forçadas o 18 e o 9 de infanteria, que estavam para os lados de Basto, os esquadrões 1 e 4, que estacionavam na Freixieira, e o 5 de caçadores, que tendo saido de Lisboa, devia chegar no dia 22 de março a Penafiel.

Gaspar Teixeira intentou um ataque simulado sobre Villa Pouca de Tamega e Gatão, e caiu logo em seguida com toda a energia sobre Amarante. A ponte foi defendida intrepidamente pelo 15 de infanteria, que a pouco e pouco foi sendo auxiliado pelos reforços que iam chegando. Apezar d'isso, os rebeldes já tinham entrado na ponte, quando se ouviram na margem opposta as cornetas do batalhão de caçadores 5, que ali principiou a ganhar a fama que o tornou legendario. Era um batalhão transmontano, que fôra admiravelmente disciplinado pelo tenente-coronel inglez Sinclair, e que estava agora debaixo das ordens do tenente-coronel Antonio de Araujo Valdez. Claudino Pimentel não fez mais do que dirigir ao batalhão algumas palavras calorosas, e lançou-o immediatamente n'uma terrivel carga de bayoneta sobre a ponte. Este ultimo e inesperado reforço decidiu a victoria. Os rebeldes fugiram para os lados de Villa Real, e, perseguidos tenazmente por Claudino Pimentel, que fôra nomeado general das armas da provincia de Traz-os-Montes, não tardaram a refugiar-se em Hespanha.

Esta victoria, comtudo, de pouco valeu á causa liberal, e foi funesta ao vencedor. D'ahi a dois mezes a contra-revolução ridicula de Villa Franca punha termo ao primeiro regimen liberal no nosso paiz, e os absolutistas, senhores do poder, trataram de se vingar dos que lhes tinham infligido uma cruel derrota. Claudino Pimentel foi demittido e desterrado para a ilha do Fayal, e talvez devesse ainda assim a benignidade relativa com que foi tratado ás boas recordações que d'elle conservava el-rei D. João VI.

Dois annos esteve Claudino no Fayal e na Graciosa, para onde o mandaram por parecer inconveniente a sua permanencia n'uma ilha populosa, e onde já conquistára muitos amigos. Em Portugal, entretanto, os seus parentes empenharam-se pela sua volta, e conseguiram em 1825 que o conde de Barbacena, ministro da guerra, lhe permittisse voltar para junto da sua familia.

Estava em Moncorvo quando ali chegou a noticia da proclamação da Carta Constitucional. Tão inesperada era esta noticia e tão grande o regozijo que produziu na familia liberalissima dos Pimenteis, que o velho pae de Claudino não pôde resistir a tão forte commoção, e morreu de alegria. O luto causado por este doloroso acontecimento, que tão estranhamente se confundiu com os jubilos da nova era, foi como que o triste presagio das desgraças que se haviam de enlaçar com os triumphos no resto da vida de Claudino.

Logo que pôde, partiu Claudino para Lisboa, onde foi acolhido com prazer pelos *leaders* da causa constitucional, que lhe restituiram logo o posto de brigadeiro e o nomearam general das armas de Lisboa e Belem.

Pouco tempo pôde exercer esse commando. Apenas se proclamára a Carta Constitucional, logo se levantaram contra ella as resistencias absolutistas, e Claudino, apesar de ter sido tambem, n'essa occasião, eleito deputado por Traz-os-Montes, teve de deixar tudo para ir tomar o commando de uma divisão volante de cerca de dois mil homens, que devia operar na Beira Alta, para impedir os rebeldes que se tinham refugiado em Hespanha, onde tinham asylo seguro e protectores decididos, de voltar em armas a Portugal.

Claudino Pimentel tivera sempre a preoccupação de que seria por Traz-os-Montes que o marquez de Chaves entraria em Portugal. Não pensára assim o general das armas de Traz-os-Montes Corrêa de Mello, que já tarde pediu soccorro a Claudino, quando o coronel Valdez tivera de capitular em Bragança, quando o marquez de Chaves occupava as margens portuguezas do Douro. Com o seu admiravel instincto militar, Claudino Pimentel correu a occupar a linha de Tamega, e repelliu em Amarante o inimigo, salvando d'esse modo o Minho ou o Porto de uma surpreza preparada pelos rebeldes, e obrigando-os a mudarem para a Beira Alta o theatro da guerra. Seguiu-os logo a essa provincia o general Claudino, que não tardou a fazer a sua juncção com o general Azeredo e o conde de Villa Flor, ao passo que o marquez de Chaves e o visconde da Varzea se reuniam tambem n'um unico exercito.

A perspicacia de Claudino salvou a causa constitucional de um desastre. Os seus dois collegas, enganados por uma contramarcha do inimigo, suppunham que elle seguia de novo para Traz-os-Montes. Claudino insistiu em que elle ia occupar a posição de Coruche, que era a chave das estradas de Vizeu e de Lamego. Prevaleceu a opinião de Claudino; a 8 de janeiro de 1827 marchou o exercito na direcção indicada, e effectivamente não tardou a encontrar os postos avançados do inimigo.

A 9 de janeiro travou-se o combate, sendo assaltadas as posições de Coruche por uma columna commandada pelo brigadeiro Claudino, que as atacou de frente, e por outra do commando de José Benedicto de Mello que as atacou de flanco. Depois de tres horas de vivo combate, os rebeldes retiraram destroçados para Hespanha, tendo perdido 60 mortos e um grande numero de feridos.

E' singular o sentimento de justiça e a perspicacia dos soldados! Claudino era o mais moderno dos tres generaes que estiveram em Coruche, exercia o conde de Villa Flor o commando nominal, e comtudo os soldados cantavam todos, com a musica do hymno da Carta:

Dia nove de janeiro,
De Claudino a divisão
Fez em Coruche triumphar
Liberal constituição.

Mas era curiosissimo o que se passava n'esse tempo. Os homens que estavam á frente do governo faziam votos para que triumphasse a causa dos rebeldes, e para isso trabalhavam. O general Azeredo, depois conde de Samodães, que prestára serviços relevantes á causa liberal, em vez de ser recompensado, era preterido. No dia seguinte a esta victoria, evidentemente devida a Claudino, recebia o intrepido general ordem para se apresentar em Lisboa a fim de tomar assento nas camaras!

Não se deixou illudir o general sobre o motivo da sua vinda, e na camara, como tinha a palavra facil, não hesitou em o expôr. Ali tambem apresentou varios projectos de lei severissimos para acabar com a revolta que lavrára nas provincias. Não fez senão ateiar os odios dos seus inimigos. No fim da sessão de 1827 voltou para a sua casa de Moncorvo, d'onde regressou para a sessão de 1828, e para tomar o commando da força armada da capital. Ia começar o ultimo e o mais tragico periodo da carreira do general Claudino.

PINHEIRO CHAGAS.

LACRYMAE RERUM

Porque suspira ainda no meu peito
Aquelle santo amor d'alma querido,
E nas ancias d'um intimo gemido
Porque abraço uma sombra no meu leito?

Triste de mim! ai! sonho mal desfeito!
Nas solidões da noite consumido
Vejo o phantasma no ether acendido,
Como o sol sobre o esquife em que me deito.

Transluz da campa o raio frio e ardente,
Que me traspassa a noite regelada,
Como um rubro punhal incandescente.

Apaga-te, luz fria e descórada,
Meteóro da morte, astro cadente
No abysmo onde fluctua a sombra amada.

GUIMARÃES FONSECA.

AS NOSSAS GRAVURAS

VILLA DA PRAIA DA VICTORIA, NA ILHA TERCEIRA

Ha poucas povoações de tão risonho aspecto como a Villa da Praia da Victoria, que a nossa gravura representa.

Situada n'uma planicie mui vasta, aformoseada por um extenso areal do lado do mar, bordada com um grande numero de fortalezas, é esta alegre villa, pelo lado da terra, guarnecida de ricas campinas, que lhe dão uma apparencia das mais pittorescas a quem a observa, ou do mar ou do logar ali conhecido pelo *Cume da Praia*.

Os seus principaes edificios são o da Camara, egreja matriz, egreja da Misericordia, ermidas da Senhora dos Remedios, de S. Salvador, de Santo Amaro e S. Lazaro.

A Villa da Praia foi o theatro da memoravel victoria alcançada, no dia 11 de agosto de 1829, pelas forças liberaes contra as de D. Miguel de Bragança.

UM IDYLLIO

A criança e o cão. O symbolo do amor e o symbolo da fidelidade.

Comprehendem-se e amam-se aquelles dois. Companheiros inseparaveis, para onde vae um vae o outro. Amigos intimos, vivendo n'uma doce intimidade limpa de nuvens e isenta de reciprocos doestos, affagam-se, como irmãos muito queridos.

Quando o pequeno dorme, o molosso fiel véla por elle, d'olhos fitos na sua boquinha angelica, em que brincam meios sorrisos provocados por algum sonho bom da infancia cor de rosa. Se chora, entristece-se e tem latidos plangentes. Se brinca, partilha dos seus brinquedos e envolve-se nas suas distracções infantis,

Digitized by Google

UM IDYLLIO (Quadro de Piglhein)

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA CO

(Quadro

Digitized by Google

ONSULTA

C. Green)

Digitized by Google

Digitized by Google

A VIDA NO HAREM (Quadro de Siemiradzki

Digitized by Google

Sentinella vigilante d'aquella risonha innocencia, segue-a sempre de perto, no seu desabrochar perfumado.

Cahisse o pequeno ao rio sobre que se baloiça, e o cão fiel iria arrancal-o com vida ao seio frigidissimo das aguas, dando um exemplo de dedicação sublime aos bipedes egoistas que se chamam homens, ás vezes bem mais brutos que os proprios brutos.

O artista pintou os dois companheiros de frente e de costas.

Seja qual fôr o modo porque os olhemos, o idyllio é sempre encantador.

A VIDA NO HAREM

Uma existencia consagrada á sensualidade, a todos os prazeres que enervam e desvairam. Descrevel-a nos seus mais lubricos pormenores não é coisa que se faça em dois traços.

Dezenas de mulheres fascinadoras e desnudadas, com os bellos collos constellados de pedrarias reluzentes, passam a vida entregues ao labor d'agradar ao seu poderoso sultão.

Nenhuma d'ellas lhe consagra uma pequenina particula d'affecto; representam aquella comedia por simples dever d'officio, contrafeitas, e sedentas, talvez, da liberdade que não gozam, do amor puro e grande que não disfructam.

Forçadas a dansar e a sorrir, sorriem e dansam inconscientemente, sacrificando a sua mocidade gentil aos caprichos brutaes d'um potentado lubrico.

UMA CONSULTA

O pobre enfermo agoniza na alcova proxima, e elles, os tres esculapios palavrosos, desenrolam na sala toda a sua sciencia de vocabulos gregos arrevezados.

De mais sabem os graves doutores que o desgraçado não chega ao alvorecer da manhã seguinte, mas em todo o caso é preciso ir ganhando a vida e provando que se aprendeu alguma coisa nas escolas.

Se o enfermo os ouvisse morreria mais depressa, iamos jural-o.

SERRA DOS ORGÃOS

A provincia do Brasil, que tomou o nome do magnifico porto da capital d'esse imperio, Rio de Janeiro, é dividida em duas partes, septentrional ou serra-acima e meridional ou beira-mar, pela Serra dos Orgãos.

Esta serra, que a nossa estampa representa, é assim chamada pela semelhança que os cabeços de uma porção, d'ella vistos de diversos pontos, teem com a frente de um orgão.

N'essa porção ha uma aproximação de montanhas pyramidaes, separadas por valles profundos, tortuosos e estreitos.

E' a principal serra da provincia do Rio de Janeiro, cujos districtos, á excepção do de Goytacazes, são todos montanhosos.

Além d'ella, são ainda notaveis n'essa provincia as serras de Macacú, de Sant'Anna, do Sambé, de Tapacorá, e Urussanga, o monte de S. João, a serra Jarixinó, e a da Bocaina.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

J. D. V.—Calle.—Não nos parece em termos de ser publicado. E' banal e por vezes incorrecto.

M. R. DE M.—Vizeu.—As suas *Scintillações* teem versos de legua e meia, que fatigariam, por certo, a paciencia dos leitores. Não pode ser.

J. J. FORBES COSTA.—Estrella cadente.—O 3.º verso da 1.ª quadra está frouxissimo e imperfeito. O 2.º da 2.ª tem uma syllaba a mais; o 3.º da mesma uma syllaba de menos. Os dois tercettos são magnificos. Quer emendar as incorrecções apontadas? A nós falta-nos o tempo para essa tarefa.

O soneto cá fica archivado.

A. M. D'AZEVEDO.—Porto.—As suas *Amarguras* não podem sair a lume.

PAULA E COSTA.—Braga.—Só hoje nos chegou ás mãos o seu soneto. Terá cabida no proximo numero.

AS DUAS IRMÃS M. L.—Não temos agora espaço para responder a vv. ex.as, mas attendel-as-hemos brevemente.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Está alegre em Roma esta vazilha—2—1.

Na musica este planeta gira no mar—1—2.

Na musica esta peça de jogo defende-nos—1—2.

Este tempero e este peixe come-se—1—2.

Redondo. CARVALHO.

Esta embarcação tem mineraes no jardim—2—2.

Move-se o astro n'esta flor—2—1.

Brasil. A. M. R.

EM VERSO

(Ao meu amigo e habil charadista, F. L. Méga, auctor do logogripho cuja decifração é *Chicorea*)

Agradeço, meu amigo,
A vossa retribuição
E como reconhecido,
Envio outra producção.

Se trocar letra final, } 2
Deve ver um vegetal. }

E se prima lhe trocar, } 1
Appellido deve achar. }

Verde foi meu nascimento,
E de luto me vesti.
Para dar a luz ao mundo
Mil tormentos padeci.

G. CAETANO.

Entro sempre no rateio—1
Mesmo vindo do Papado—2
Combato sérias questões
Não sendo pergaminhado.

Brasil. EDUARDO R. LEITE.

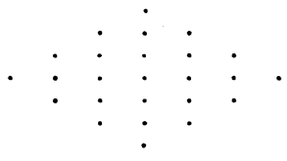
EM QUADRO

	a		a			a
a		a		a		
	a		a			a
a		a		a		
	a		a			a
a		a		a		

Deus me defenda de tal!
Falta isto p'ra dar fim.
Antes aqui que na rua.
Quem tem calor faz assim.
Serviu a muita *perúa,*
Mas não servem para mim.

KOSTKA.

EM LOSANGO



De nunca—haver—susto ou medo,—
O' dousa, vingança tiras;—
A cara—banha—de lagrimas...
E tambem põe termo ás iras.

Bensafrim. G.

EM TRIANGULO

. . . . . Cidade
. . . . . Na egreja
. . . . Azedo
. . . Negativa
. . Na musica
. Vogal

Torres Novas. J. JORGE MATHIAS.

LOGOGRIPHO

A primeira e a segunda
Foge d'ella, é perigosa.
Porém terceira e segunda
E' mui branda e luminosa.

A segunda mais a quarta
Do arbusto não se aparta.
Palavrinha, a quarta só
Não me agrada e inspira dó.

Digitized by Google

Juntas todas, quanto é bella
A producção que resulta!
Nasceu, viveu e morreu
Lá por entre a selva occulta.

Brasil. EDUARDO R. LEITE.

PROBLEMA

Um pastor vae ao encontro d'um rebanho d'ovelhas, que caminham umas após outras, e que saiem successivamente d'um ponto, de maneira tal, que o intervallo de tempo decorrido entre a partida de duas ovelhas consecutivas é egual a 3 minutos. Pergunta-se em que relação deve estar a velocidade do pastor para a das ovelhas, a fim de que possam ser encontradas pelo pastor, n'uma hora, 80 ovelhas.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Catalã.
2.ª—Agua-mel.
3.ª—Marmello.
4.ª—Serpentina.
5.ª—Fado.
6.ª—Barquinha.
7.ª—Capador.
8.ª—Patacão.
9.ª—Azado.
10.ª—Bocca de mel mãos de fel.
11.ª—Vigorosa.
Lidador.
Christovão.
Lola:ato.
Viola.
Floresta.
Arminho.
12.ª—Lide.
13.ª—Lam.
14.ª—Raul.
15.ª—Almodovar.

Dos logogriphos:

1.º—Francisca.
2.º—Chicorea.

Do problema:

Theodolinda 2 filhos; Euphrasia 3 e Tertulliana 4.

Xadrez—Solução do 19.º problema:

1.ª

BRANCOS	NEGROS
1. T. toma B. (cheque).	1. R. c. B. D.
2. D. 6 B. D. (cheque).	2. P. toma D.
3. B. 6 T. D. (cheque e mate).	

2.ª

1. T. toma B. (cheque).	1. R. c. R.
2. T. 7 B. D. (cheque).	2. R. c. D.
3. P. 7 R. (cheque e mate).	

3.ª

1. T. toma B. (cheque).	1. R. c. R.
2. T. 7 B. D. (cheque).	2. C. 2 D.
3. D. toma C. (cheque e mate).	

A RIR

Um medico muito conhecido pelas suas rudes franquezas vae ver certo doente. Depois de o auscultar, abana a cabeça com ar lugubre.

O pobre enfermo, assustado e inquieto, pergunta-lhe:

—Mas doutor, qual é a minha doença?

—Só lh'o poderei dizer depois da autopsia.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

REMEDIO CONTRA O GARROTILHO

Acaba de descobrir-se na Allemanha um novo remedio contra o garrotilho, que consiste no seguinte.

Dá-se, de manhã, uma colher de chá aos meninos e uma de sopa aos adultos, cheia de essencia de therebentina rectificada, que se póde misturar com leite.

Passada meia hora começa a estender-se, desde o bordo da exudação diphterica, uma mancha vermelha, que se vae alastrando pela falsa membrana e á qual vae substituindo.

Ao termo de 24 horas, a doença desapparece sem deixar vestigio.

A MATERNIDADE

(THEODORO DE BANVILLE)

I

Ainda moço, mas experimentando já os primeiros symptomas da enfermidade que deveria abreviar-lhe a existencia, o sr. Geoffray, antigo industrial, retirara-se, com a sua colossal riqueza, para um pittoresco castello que possuia cerca de Grenoble, em Sassenage, perdido nas gargantas das serras.

Ahi, dedicou-se com uma ternura infinita a ministrar todos os conhecimentos de que era dotado a sua filha Calixta, viva e fiel imagem da querida esposa que perdera. N'essa menina, tão cedo iniciada nas sciencias, na poesia e na musica, desenvolveu-se uma intelligencia superior.

O sr. Geoffray tinha um unico amigo, que habitava uma casa em ruinas, proxima do palacio. Era o grande paizagista Pedro Hurdelo, que de alguma maneira fora o inspirador de Corot, Troyon e Daubigny: n'esse tempo, completamente esquecido, quasi octogenario, atacado de rheumatismo que não lhe permittia o uso das pernas, Hurdelo arrastava uma existencia miseravel.

Geoffray desejaria ardentemente poder ser util ao seu amigo, mas a altivez do artista negava-se a acceitar qualquer soccorro.

Calixta vizitava frequentes vezes o amigo de seu pai. Nas suas conversações conceituosas e sobrias, simultaneamente grandiosas e familiares, Hurdelo ensinara a Calixta a arte de tudo quanto se pode aprender theoricamente: de sorte que essa menina de dezenove annos, de cabellos negros, agil e robusta, creada na atmosphera das montanhas, fortificada por todos os exercicios do corpo, juntava a uma instrucção variada e solida, uma innocencia immaculada.

Precisamente em virtude da sua candura, Calixta desconfiava de tudo.

Um jornal, indifferentemente percorrido, um livro, folheado ao acaso, abriam de subito perante os seus olhos aspectos da vida, onde Calixta presentia vagamente uma sombria accumulação de mentiras, de cobardias e traições.

Preoccupando-se com o seu proximo fim, Geoffray deliberou casar a filha, conduzindo-a para esse effeito a Grenoble, levando-a aos bailes, e dando magnificos jantares no seu palacio.

Tendo vivido até então na absoluta ignorancia de qualquer ficção social, o bom senso de Calixta descobriu logo o egoismo humano em toda a sua fealdade, e comprehendeu a perfeita insignificancia das relações mundanas.

Não precisou reflectir muito tempo para adivinhar, que entre os rapazes, attraidos pela sua belleza e sem duvida, tambem, pelo seu dote, nenhum possuia a sabedoria e sobre tudo a bondade de Hurdelo e de seu pai.

II

Olympia Thellieu, prima e amiga dedicada de Calixta, casara, havia alguns annos, com um grande lavrador, o sr. Salzi, possuidor de vastas propriedades em Dijon; os conjugues rezidiam todo o anno no campo, onde Salzi administrava a sua lavoura.

As duas amigas tinham-se carteado nos primeiros tempos; em seguida, a correspondencia interrompera-se por varios motivos, sendo o principal, conforme Olympia confessava comicamente, a falta de tinta!

Chamado por um negocio importante, Geoffray teve de ir a Paris e levou comsigo sua filha.

Calixta, desejando ver Olympia, obteve de seu pai que se detivessem um dia em Dijon.

Por felicidade, Salzi estava ausente; as duas primas poderam conversar livremente.

—Minha querida, disse Olympia, o casamento é uma cousa horrivel! Sou uma escrava, uma creada mal retribuida e não disponho de cousa alguma. As minhas cavallariças estão cheias de cavallos, e no entanto quero sair, percorrer as quatro leguas que me separam de Dijon, e não tenho uma carruagem! Meus pais offereceram-me, quando me casei, um coupé lindissimo; esse coupé está ao serviço de minha sogra, de minhas cunhadas, de todos, excepto ao meu!

—Mas, volveu Calixta, eu julgava que Salzi te amava.

—Ah! exclamou Olympia, poupo-te a narração de caricias brutaes, que offendem as delicadas susceptibilidades da alma. Sabes, querida, que levei a meu marido um dote de quinhentos mil francos, e que meus pais me deixarão um milhão; pois apesar d'isso, Salzi censura as despezas das minhas pobres *toilettes*!

Pensavas que meu marido me adorava? Ignoras que todas as

Digitized by Google

suas predilecções pertencem a outra mulher, a quem eu dei em tempo o nome de amiga?

—Todavia, retorquiu Calixta, és mãe, restam-te os teus filhos

—Meu marido, disse Olympia, separa-me a todo o instante dos meus filhos, leva-os a casa da sua amante, que os enche de mimos e presentes. Não te cases, minha Calixta, ou se o fizeres, pede ao céo que te empreste um dos seus anjos, e afasta as mulheres de tua casa, foge d'ellas, como se foge do typho e da peste!

III

Ouvindo as dilacerantes queixas da sua amiga, Calixta jurou a si propria que nunca soffreria esses horrores.

Regressando a Sassenage, e quando o sr. Geoffray, que de resto a adorava e não queria contrarial-a, lhe fallou na necessidade de escolher um noivo, Calixta, lançando mão do primeiro pretexto, addiou sempre essa grave questão, até ao momento em que seu pae falleceu.

Foi assim que realisou, sem culpa e sem obstáculo, o plano que concebera. Virgem e livre de qualquer prisão, enviuvára e era mãe: possuia um nome illustre, a que imprimiria um novo prestigio, e não soffreria as crueis decepções que tinham devastado a alma de Olympia.

Calixta votou-se exclusivamente a glorificar o talento do homem de quem usava o nome, auxiliando-se para esse effeito com o irresistivel argumento dos seus milhões: ao mesmo tempo, dirigia a educação do seu filho adoptivo.

IV

Quando attingiu a edade do estudo, Pedro teve por preceptor um ecclesiastico, dotado de uma sciencia universal e profunda, que lhe ensinou o hebraico, o grego, a historia, as linguas vivas Foram, ao mesmo tempo, chamados os melhores professores de musica, de equitação e de esgrima.

Calixta tomou para si o encargo de ensinar-lhe a ser bom, elegante e espirituoso. Pedro foi educado sob os auspicios de uma estrella radiosa; a alma, profundamente boa, do rapazinho, recompensou generosamente os extremos da sr.ª Hurdelo, votando-lhe uma ternura apaixonada e submissa.

Recordando-se dos conselhos da sua amiga, Calixta supprimira as mulheres da sua existencia.

A viuva do pintor só admittia ao seu serviço porteiros e creados: o limiar d'aquella casa era vedado a qualquer mulher, fosse, embora, rainha ou imperatriz.

Calixta recebia na sua intimidade alguns homens, em numero muito restricto e muito escolhido; mas só permittia que a visitassem nos dias em que os convidava para jantar.

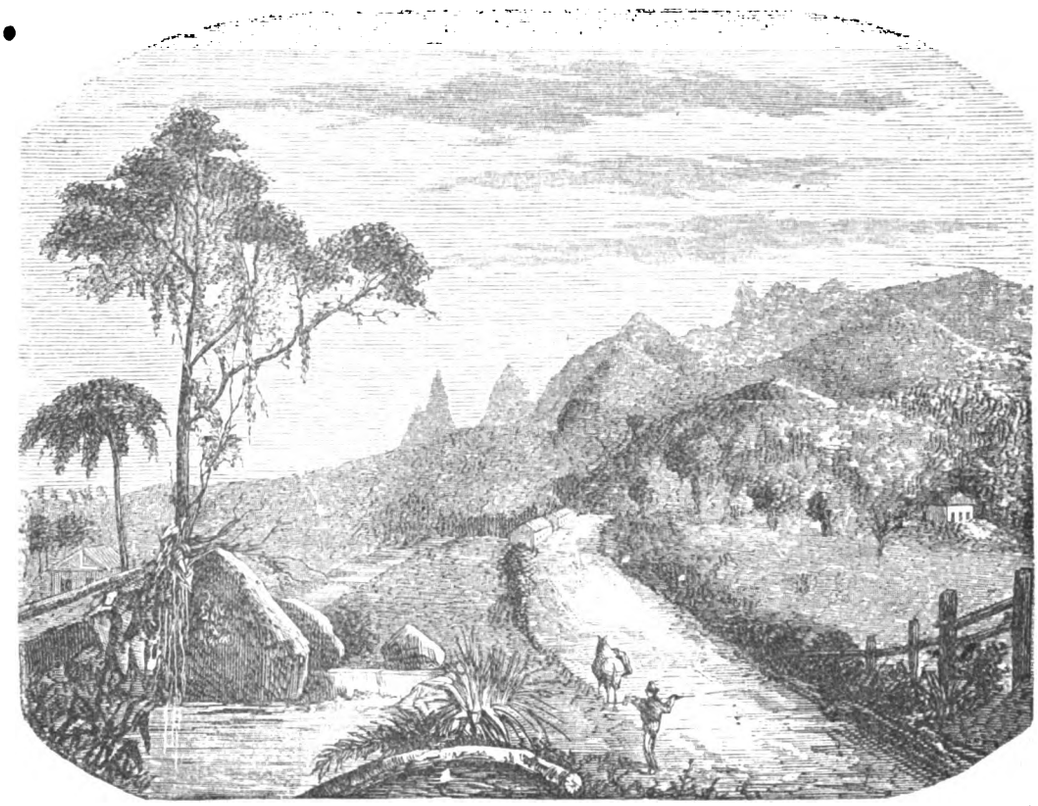
E' provavel que Calixta experimentasse o amor, mas ninguem conheceu jámais o segredo d'esse coração altivo, delicado e corajoso.

Um dia em que Calixta contava a sua vida ao seu amigo Chataney, tutor de Pedro, a quem resolvera entregar a querida creança, dado o caso de que não vivesse o tempo sufficiente para o ver fazer-se homem, no pleno desabrochamento da sua encantadora mocidade, Chataney disse lhe:

—Não conheço felicidade egual á sua. Esta creança, que a adora como um filho extremoso, será talvez um genio; e em todo o caso, é valente e bom, o que vale mais. Graças á sua admiravel previdencia, ao seu extraordinario bom senso, á sua rara sagacidade, poude eximir-se á abominavel lei social.

—Sim, evitei todos os desgostos! disse a sr.ª Hurdelo, deixando cair a cabeça pensativa. Mas quando percorro a minha vida inteira, sinto affluir-me aos labios o amargo fel do desengano; eu que não fui mãe e que não experimentei nunca as divinas torturas da maternidade!

ESMERALDA.



SERRA DOS ORGAOS

Ferida por uma dôr sem limites, Calixta chorou amargamente sósinha na solidão do seu enorme castello.

Acalmado o primeiro impeto do seu desgosto, foi uma manhã a casa de Hurdelo e disse-lhe:

—Acceita-me para sua mulher?

Depois de algumas explicações, o velho artista comprehendeu perfeitamente o que Calixta desejava. Com uma ingenuidade, que provava a sua grandeza d'alma, abandonou-se ao imperio d'essa creança, e a sua confiança não foi illudida.

Pouco depois, realisou-se o casamento. Hurdelo deixou a sua pobre casa para ir habitar o castello. Calixta rodeou-o de todos os extremos de uma filha carinhosa e dedicada. E quando as dores faziam estalar os ossos do velho pintor, Calixta animava-o, consolava-o, alliviava-o, prodigalisando-lhe os mais affectuosos desvelos: em seguida, quando a crise diminuia de intensidade, lia-lhe os seus poetas dilectos e ouvia-o definir magistralmente a arte e a vida.

Nem um segundo Hurdelo foi esquecido ou abandonado, e não formou nunca um desejo que não fosse immediatamente cumprido, até ao momento em que adormeceu para sempre, aquecido pelo olhar tutelar da sua companheira, apertando-lhe a mão e ouvindo-lhe a voz.

No mesmo dia em que Hurdelo expirou, morreu a viuva de um official, que cahira na Africa, varado pelas balas do inimigo. dando á luz um filho, que recebeu o nome de Pedro. A viuva succumbira.

A senhora Hurdelo tomou conta d'essa creança e levou-a comsigo para Paris.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 15 de dezembro de 1884 — Numero 25

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Mascellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

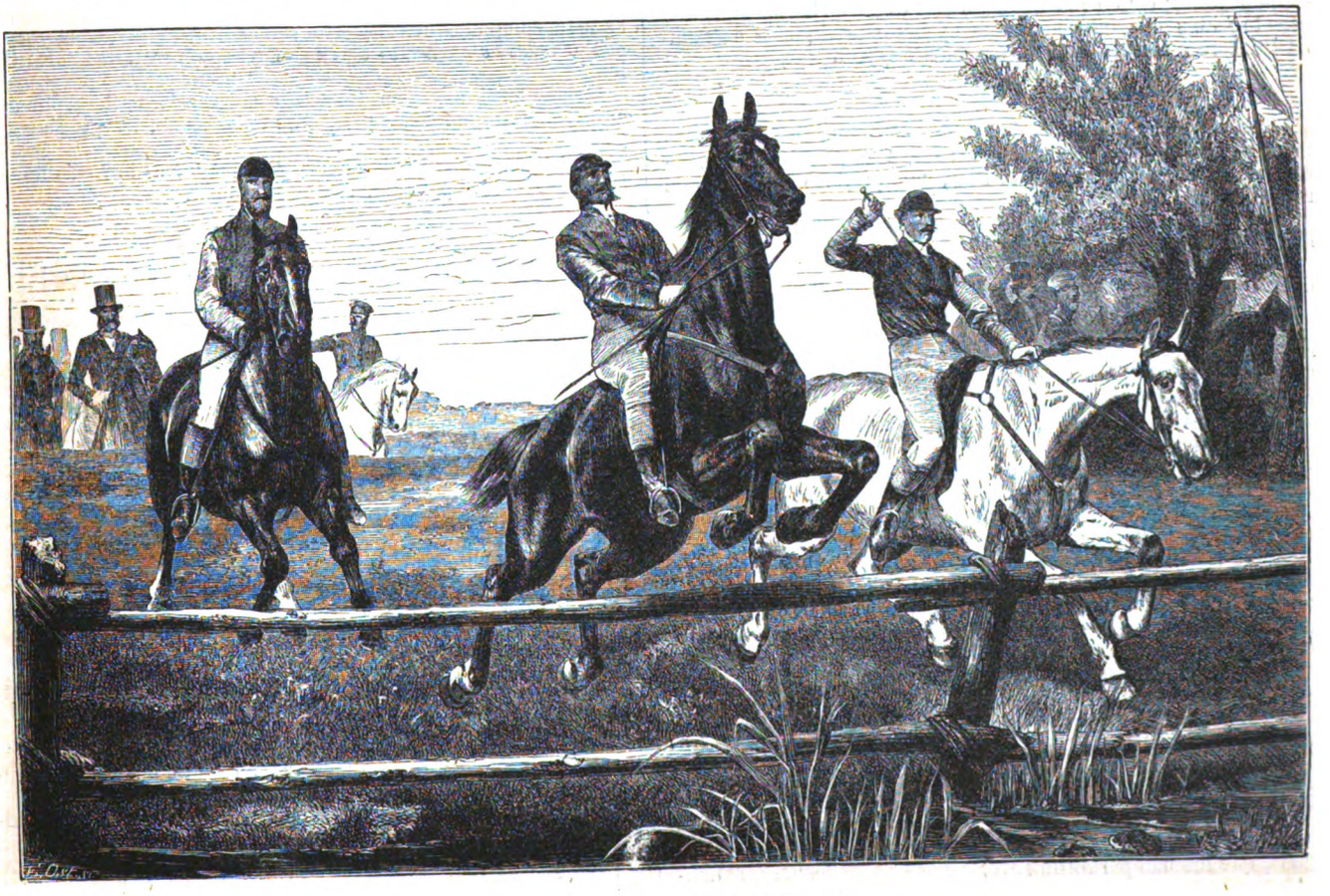
SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O general Claudino*, por Pinheiro Chagas.—*Cadencias*, versos, por E. Bett.—*As nossas gravuras.*—*Em familia.* (*Passatempos*).—*Um conselho por semana.*—*A hora adoravel*, por Esmeralda.
GRAVURAS.—*O salto das barreiras.*—*Scismando.*—*A passagem do rio.*—*Para sempre!...*—*Ponte do Paraizo sobre o rio Parahyba.*

CHRONICA

Como eu riria hoje, a bom rir, d'esta nossa Lisboa rotineira e prudhommesca, se não fosse um portuguez de lei, *sans peur et sans reproche!*

Sabem o que Lisboa inteira faz agora, no momento em que eu



O SALTO DAS BARREIRAS

Digitized by Google

me vejo a braços com o supplicio da chronica? Vae ver desembarcar os leões e os tigres de mr. Edward Williams, a ultima novidade do Colyseu.

Na sua constante adoração por tudo quanto é bruto, sentindo um enthusiasmo doido e invencivel por tudo quanto cheira a bicharia, a cidade de Ulysses despertou hoje mais cedo, almoçou muito á pressa a fava rica tradicional, abrigou-se como poude das friezas matutinas, e lá vae, rua Nova do Almada a baixo, radiante de jubilos sinceros, com os olhos a faiscarem-lhe d'alegrias juvenis, recreiar-se na contemplação d'uma jaula hermeticamente fechada, em cujo interior adivinha meia duzia de féras rugidoras e terriveis.

Depois, segue no couce do prestito, desde o largo do Pelourinho até á calçada da Gloria, fazendo guarda de honra aos reis das selvas inviziveis; embasbaca ante a narrativa impressionista das ultimas aventuras de qualquer domador afamado; alastra-se pela Avenida fóra, concorrendo com um factor importante de ah! ah! e de oh! oh! para o producto das exclamações pacovias, e perde a manhã completa n'esta longa pasmaceira de provincialismo lorpa, muito despreoccupada e feliz, alheia aos graves problemas de politica internacional que se agitam nas altas espheras da diplomacia, não sabendo senão o que lhe segreda e ensina o *Diario de Noticias*, não tendo sequer a noção do que é, do que vale e do que representa no seu cantinho ignorado da Europa.

Talvez esperassem que ella verberasse um protesto solemne e digno contra as insolencias de Stanley.

Pois não verberaste!

Isso é lá com os governos. Para que é que o paiz lhes paga?

Brutos por brutos, antes os de Edward Williams que o selvagem do Stanley!

Depois, o caso é novo. Teem-se visto homens de differentes raças e nacionalidades confraternizarem n'uma jaula commum, na conferencia de Berlim, por exemplo: mas o que ninguem ainda vio foi tigres e leões vivendo em santa paz octaviana sob o mesmo tecto.

E' naturalissimo que o sr. Antonio de Serpa, o barão de Courcel e sir E. Malet, discutindo os assumptos africanos com mais ou menos calor, abrandem as suas iras ante o olhar magnetico do feroz domador Bismarck. Mas ver animaes ultra-manhosos e féras da mais alta nobreza selvatica, lambendo-se reciprocamente n'um convivio estreito, sem se agatanharem nem abrirem as entranhas do dono e senhor com as garras aduncas, é devéras extraordinario!

Compenetrando-se da verdade d'este asserto, a população lisbonense estremece de jubilo, e antegoza já as delicias indefiniveis d'uma noite de Colyseu, em que os bichos de mr. Williams sejam exhibidos diante da geral boquiaberta, d'envolta com os esgares truanescos dos irmãos Conrads, dois artistas *d'elite* recem-chegados; com a plastica adoravel de miss Emma Bell, um pseudo-*jockey* elegantissimo; com os saltos prodigiosos da familia Briatore e com os bonecos do celebre O'Kill.

E' claro que eu não podia deixar de referir-me ao famoso ventriloquo, um inglez de *tenue* correctissima e prendas raras, escripturado pela empreza Rafael Diaz, com prejuizo manifesto da representação nacional.

Com prejuizo, sim: não cuidem que é disparate ou simples *blague* inventava adrêde.

O governo, conscio de que vae ter varios deputados mudos na proxima sessão parlamentar, ao discutirem-se as reformas politicas, contractara o famoso ventriloquo para fallar por todos elles. A coisa não dava nas vistas e fazia-se com toda a limpeza que a respeitabilidade da Camara requer. O representante mudo limitava-se a mover os labios, fazendo gestos largos de curvas caprichosas, e O'Kill, na tribuna da imprensa, impassivel e sereno, deitava o discurso, um Niagara de discursos, sem gesticular nem abrir a bocca.

Mal comparado, os paes da patria indigenas eram como os bonecos do Colyseu. O preto das gargalhadas ruidosas representar-se-ia pelo Zé Povinho das galerias, e a velhota das cantatas soporiferas, pela Carta Constitucional.

Estava isto tudo em via d'arranjo; alguns membros da Camara pensavam já na possibilidade de ser levados á gloria pela ventriloquia do inglez prodigio; vae senão quando, o Rafael Diaz mette-se de permeio, empalma O'Kill ao governo, para comprometter a situação, e apresenta-o no Colyseu dos Recreios, onde tem feito as delicias d'este povo embasbacado, com os seus cinco fantoches engraçadissimos.

Tambem, antes assim. O theatro de S. Bento não comportaria de certo tantos curiosos como o vasto circo da Avenida.

=Vae deixar-nos a *diva* Salla. Não leva d'aqui applausos, nem corôas, nem saudades, mas, em compensação, leva uma bronchite aguda, que lhe não permittiu revelar-nos os seus recursos artisticos.

Desconfortada e misera Salla! Tu, que affrontaste o cholera, que sahiste incolume dos lazaretos, e que zombaste da neve ultimamente cahida em farrapos sobre os *boulevards* de Paris, vens a este ameno Portugal das larangeiras, onde te promettiam um clima tepido, e sahes d'aqui mortificada pela mais cruel das bronchites, inscrevendo zero de lucros e de triumphos no *Haver* do teu livro Caixa!

Dizem as más linguas que a rebelde constipação da *diva* foi providencial para ella e para a empreza de S. Carlos. Talvez fosse, e tambem para nós, mas faz realmente lastima ver assim constipar-se uma *prima-donna* gentil. Antes a bronchite contemplasse a corista gorda, forçando-a a rescindir, para todo o sempre, o contracto com Campos Valdez.

Ha por ahi tanta gente que se constipa, e só aquelles bronchios de ferro resistem ao rigor da invernia!

T'arrenego!

=Pergunta-me uma leitora meticulosa se póde ir ver sem perigo, ao Gymnasio, a *Lulú*, peça escolhida por Beatriz Rente para o seu ultimo beneficio.

C'est selon.

Se já passou a linha dos oito lustros, essa linha fatal, que é como a lapide funeraria lançada sobre o tumulo onde repousam todas as illusões e todos os rubores de donzella, se já conheceu de perto o amor com todas as suas consequencias, se viveu, sob o mesmo tecto, na intimidade de um sogro devasso; se leu Paul de Kock e Zola, se, finalmente, á força de saber o que é o mundo em que vive, cheio de podridões e eivado de lepra, não se reputa susceptivel de poder ser pervertida por elle, veja a *Lulú* de principio a fim.

No caso contrario, se está ainda desabrochando, em plena primavera d'uma existencia nunca maculada pelo sopro lethal das pornographias francezas, se ao seu *menage*, limpido como auroras d'abril, não chegaram, nem ao de leve, os echos pervertedores da corrupção mundana, conserve-se em casa, e não tente saber quaes são os effeitos do bromureto de potassio e da camphora sobre o organismo animal.

Póde muito bem ser que estas prevenções contra a *Lulú* desagradem á formosa actriz que a levou em beneficio. E' possivel que ella, n'um impeto de raiva provocado pelo meu protesto contra as brutaes licenciosidades da comedia, tente ferir-me com algum olhar rancoroso.

Embora! Não farei á Beatriz enraivecida o mesmo que Alphonse Karr fez, em França, a Louise Collet.

O famoso romancista atacou um dia Louise, rudemente, e recebeu em troca, da sua mão *mignonne*, uma punhalada nas costas.

Impressionado até ás lagrimas por aquelle accesso de ternura excessiva e penetrante, Alphonse Karr enviou, do leito de dôr, as mais completas desculpas ao seu adoravel algoz, e pediu «*perdão a todas as mulheres*» da rudeza com que tratára Louise Collet.

Eu não terei, para com Beatriz, a galanteria de lhe pedir desculpa, nem implorarei o perdão de todas as actrizes, suas collegas.

Perdão deve ella implorar-nos, por nos ter dado *Lulús* na sua festa, e Gervasio pelo delicto de as traduzir.

=Extinguiram-se completamente os receios de que nos invada o cholera.

Os parizienses annunciam já, *urbi et orbi*, a sua desapparição da Capital. Em Hespanha o microbio politico matou o microbio cholerico, e a saude publica vae ali melhor que a saude das finanças, no dizer das folhas anti-canovistas.

A proposito de cholera, lembra-nos a historia d'um *truc* engenhosissimo, a que ha dias recorreu certo deputado francez, desejoso de viajar *sósinho* n'uma carruagem da linha férrea d'Orléans. Quando digo sósinho, quero dizer *a dois*, sem testemunhas indiscretas.

Á' portinhola da carruagem onde elle ia, apresentou-se um outro viajante.

O deputado deitou a cabeça de fóra e disse-lhe:

—Não suba, sr.! Estou atacado de cholera!

O sujeito, amedrontado, não insistiu, é claro, limitando-se a dar parte do incidente ao chefe da estação de Châteauroux. Este ultimo, tambem cheio de medo, teve uma inspiração sublime: foi-se á carruagem onde ia o supposto cholerico, fechou-a á chave por fóra, e telegraphou ao seu collega de Vierzon, communicando-lhe a gravidade do caso.

Em quanto isto se passava, o pae da patria francez ia mollemente reclinado sobre as almofadas, ao lado d'uma gentil companheira, que nem ao de leve temia o perigo do contagio.

Chegados á *gare* de Vierzon, o deputado achou-se em presença do commissario de policia e d'um medico, que pretendiam a todo o transe desinfectal-o.

Bem entendido, a desinfecção não foi aceita. A doença simulada não passára d'um *truc* pouco parlamentar, para que o deixassem senhor do compartimento.

Digitized by Google

=P. S.—Appareceram já no Colyseu as féras de mr. Williams. Um successo!

C. DANTAS.

O GENERAL CLAUDINO

V

Era commandante da força armada em Lisboa Claudino Pimentel quando o infante D. Miguel, depois de assumir a regencia do reino, dissolveu as côrtes, e proclamou a resurreição do governo absoluto. Claudino commetteu n'essa occasião um erro capital. Em vez de se pronunciar energicamente pela causa que sempre defendera, em vez de se juntar aos homens que logo principiaram a conspirar contra a nova ordem de coisas, ou em vez de emigrar, como fizeram Saldanha, Villa Flor e outros, pediu simplesmente seis mezes de licença para tratar da sua saude, e recolheu-se á sua casa de Moncorvo. Esperava atravessar incolume e sereno esse periodo cruel que se ia abrir? Esperava poder-se conservar estranho á tormenta politica? Illusão completa. Um homem com o seu nome e com o seu passado não podia de modo algum deixar de tomar uma attitude pronunciada n'esse terrivel combate que ia travar-se entre os defensores da nova idéa e os sustentaculos das velhas instituições.

Uma fatalidade estranha inspirou n'esse momento ao general Claudino uns escrupulos absurdos. Melindrára-se em Lisboa porque os conspiradores liberaes não o tinham convidado a entrar na conspiração, melindrou se em Moncorvo porque os generaes que fizeram a revolução de 16 de maio se não lembraram logo de o chamar, e deixou-se estar em Moncorvo, emquanto os seus irmãos de armas proclamavam por toda a parte o regimen da Carta. O que elle devia fazer, apenas teve conhecimento da insurreição, era ir offerecer a sua espada á Junta, como soldado leal. Era lá occasião de se melindrar, e de ficar esperando convites! Pagou tão caro comtudo esse impensado retrahimento, que não temos coragem de o censurar de um modo aspero.

A reacção miguelista rugia, entretanto, em Traz-os-Montes e assollava Moncorvo. Como era bem de ver, a sua inacção de nada valeu ao vencedor de Coruche. A sua vida esteve em perigo. Seu irmão Luiz Claudio mandou pedir soccorro ao governador de Almeida, mas, como não recebesse resposta, porque talvez o mensageiro se extraviasse, deliberou fugir para o Porto. Ao mesmo tempo Claudino recebia o tão esperado convite. *Venha, precisamos da sua presença*, dizia-lhe n'um bilhetinho mysterioso Joaquim Antonio de Magalhães. Claudino consentiu emfim em partir, e encetou com seu irmão Luiz Claudio essa desgraçada viagem, que ia ter por termo o tumulo, e por estações os carceres.

A' uma hora da manhã do dia 8 de junho de 1828 partiram os dois irmãos para Foz de Sabor, onde embarcaram no bote em que deviam descer o Douro. Correu tranquilla a navegação, e de uns barcos que encontraram receberam a certeza de que não havia guardas nas margens do rio. Comtudo, ao chegarem ao caes da barca do Carvalho, receberam de um grupo que estava em terra uma descarga de fuzilaria, com ordem de atracarem immediatamente. O arraes propoz que desobedecessem, porque jurava que faria descer rapidamente o barco, pondo-se depressa fóra do alcance das espingardas. Uma segunda descarga, tão infructifera como a primeira, veio confirmar a veracidade da asserção do arraes. Mas era a fatalidade que ia ao leme do barco. O general Claudino, que tão costumado estava a affrontar as balas, não quiz que por sua causa perigasse a vida dos seus companheiros, e deu ordem para que se obedecesse á intimação. Era uma verdadeira loucura.

Podia succeder ainda que os dois irmãos não fossem conhecidos, mas essa esperança logo se desvaneceu, porque estava no grupo um sapateiro de Moncorvo, que logo denunciou os Pimenteis. Ufano com a captura, o capitão commandante da força partiu para Lamego a dar noticia do caso ao general Agostinho Luiz da Fonseca, ordenando ao sargento que ficava, que o seguisse conduzindo o preso. Era um novo ensejo de salvação que o acaso lhe offerecia. Indisciplinados, desordeiros, os milicianos, livres do capitão e não respeitando o sargento, travaram-se de desordem e chegaram a vias de facto, de forma tal que o arraes aconselhou a Claudino que saltasse para o bote, que elle n'um instante o levaria a porto de salvamento. Claudino ainda não quiz!

Decididamente, não acreditando na viabilidade da revolução, desejoso, sobre tudo, de vida socegada, Claudino queria ir ao encontro do julgamento, pensando que ninguem o podia condemnar, visto que não déra nem um só passo para combater as instituições, vigentes por obra e graça do sr. D. Miguel. Não percebia que chegara o momento de uma ferocissima reacção, e que elle havia de pagar por força as suas culpas antigas, as culpas de ter sido o soldado convicto e leal da legalidade, e o deputado audacioso que soubera defender com a sua palavra vigorosa a causa a que se ligára.

A entrada dos dois irmãos em Lamego foi mais uma das scenas vergonhosas d'esse periodo singular, em que andavam de mãos dadas a demagogia e o absolutismo. Acolhidos entre vaias e apupos pela gentalha que um celebre Espadeiro dirigia, só deveram a vida á intervenção corajosa do corregedor Quaresma e de um ajudante de ordens do general Fonseca.

Claudino Pimentel andou n'esta occasião, como o Justo, de Herodes para Pilatos; Agostinho Luiz da Fonseca envergonhou-se de dar ordem para que fosse preso o intrepido general que conquistára diante do inimigo as suas dragonas de brigadeiro, e entregou ao governador das armas de Traz-os-Montes o cuidado de decidir do seu destino. Ahi partiram os dois irmãos para Villa Real de Traz-os-Montes, sempre acompanhados pelos insultos da gentalha.

Foi em Villa Real que o general, cançado de ouvir os insultos e os gritos de «Morra Claudino!» se voltou energicamente para o populacho, e bradou: «O Claudino sou eu! Se ha ahi algum bastante atrevido para me assassinar, aqui me tem!» Bastou esta attitude energica para fazer calar os insolentes, e para pôr cobro ás ameaças, tal é a influencia que sempre exerce no animo das turbas a coragem pessoal!

Não quiz o governador das armas de Traz-os-Montes ver nem ouvir Claudino. Deteve-o tres dias na cadeia, e mandou-o afinal para Lisboa, fazendo-o passar de novo por Lamego. Ao menos porém n'essa nova marcha o official commandante da escolta fez respeitar o preso, e em Lamego foram recebidos sem o tumulto infernal que da primeira vez os acolhera. Mais uma vez se offereceu ao general Claudino ensejo de se livrar da sorte que o esperava, e mais uma vez elle o despresou. Em Lamego, um soldado que ficára de sentinella aos presos, propoz-lhes fugir com elles, e Claudino só lhe respondeu com serenidade: «Advirto-lhe, camarada, que falta ao mais sagrado dever de um soldado!» Chegava a ser demencia!

Uma escolta, commandada pelo Espadeiro, que semos trava agora muito commedido, acompanhou os presos até Vizeu, onde foram de novo acolhidos pelos mais grosseiros insultos, dirigidos contra elles por uma turba ignobil de clerigos e frades. Nas poucas horas que estiveram em Vizeu foram os presos constantemente insultados, e tiveram de seguir logo para Mangualde, acompanhados agora por uma escolta franciscana, cuja descripção entregaremos á penna do visconde de Villa Maior:

«Não tardou em apresentar-se o commandante d'esta singular escolta. Era um formidavel frade franciscano: trazia o habito arregaçado, calça justa, botas de montar, banda militar, grande espada á cinta, bacamarte a tiracol; cobria-lhe a tonsura enorme chapeu com plumas e todo enfeitado com fitas e laços encarnados. Doze frades egualmente ajaezados e armados compunham a escolta que, na rua e já montada, estava esperando os presos.

«Poz-se em marcha esta seraphica e ridicula escolta no meio da furibunda multidão dos vadios, expressamente convidados para insultar e maltratar as duas victimas dos odios politicos.»

Assim grotescamente acompanhado atravessou o general Claudino a villa de Mangualde, parou na ponte de Cabra sobre o Mondego, subiu á serra da Estrella, passou aos Carvalhos Juntos, desceu ao Zezere, e entrou finalmente em Valhelhas, onde lhe consentiram que passasse a noite, não na cadeia que era pouco segura, mas em casa de um escrivão, Francisco Viegas, que se mostrou com elle e com Luiz Claudio humano e caridoso. Até no dia seguinte os acompanhou á Covilhã, onde os recommendou a seu irmão, o capitão Viegas, que depois lhes valeu de muito, como veremos.

Deixemos porém os dois Pimenteis presos na cadeia da Covilhã, e depois consagraremos um ultimo capitulo á narrativa do resto d'esta peregrinação, seguida de tantas outras cruelissimas torturas. E' instructiva esta narração, relanço de uma das paginas mais tristes e mais luctuosas da historia portugueza.

PINHEIRO CHAGAS.

CADENCIAS

(Á EX.ma SR.a D. ALBERTINA PARAISO)

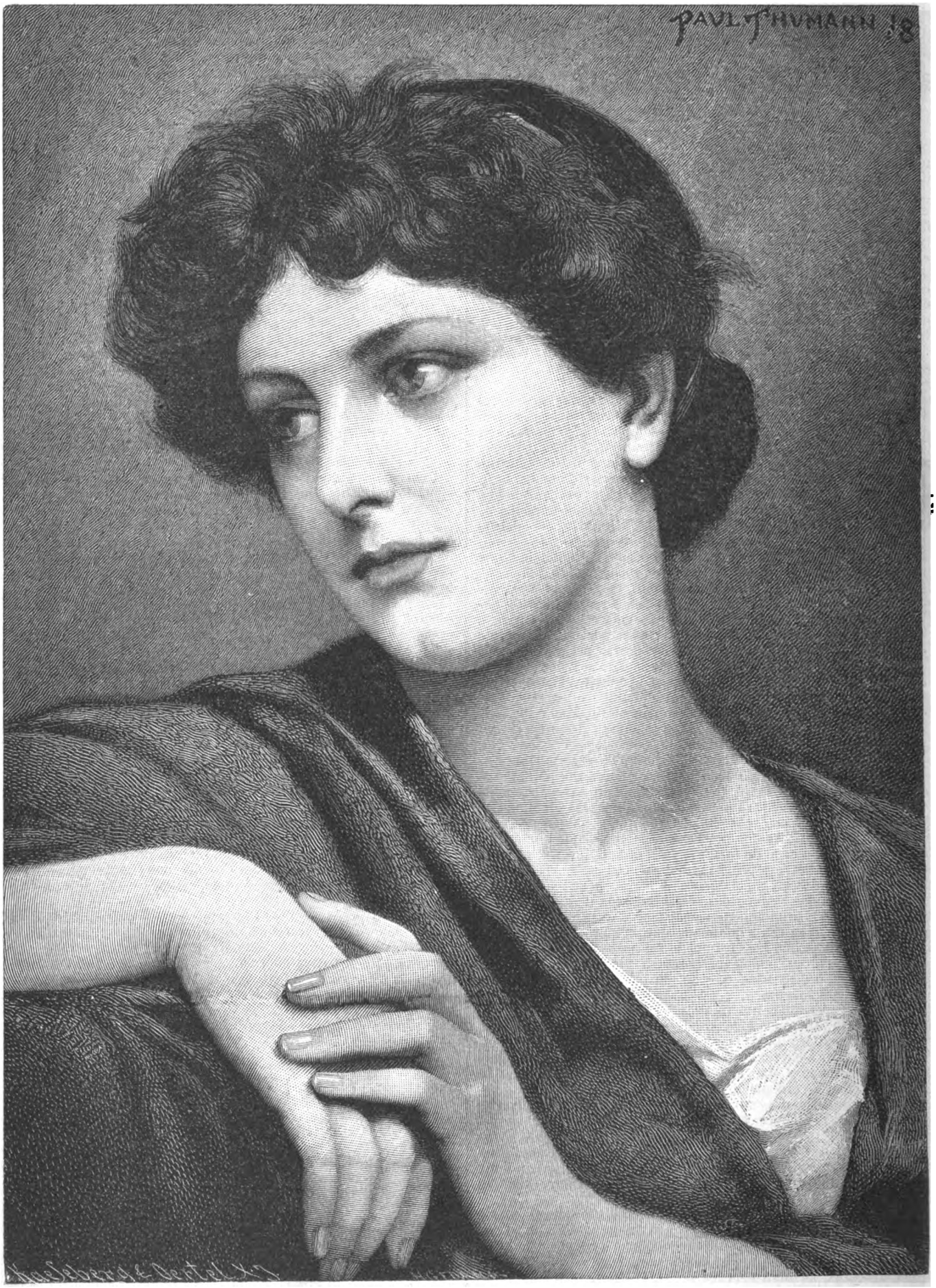
Meu amor, meu amor, amo-te tanto!...
O teu sublime olhar prende e consola,
O' caprichosa flor! ó lirio santo!...

Lança-me pois a estremecida esmola,
—Esmola que desejo e que mendigo,—
A' solidão em que o prazer se evola...

Desce sorrindo ao meu tristonho abrigo,
Bem como o sol da escuridão ao fundo..
Depois sorrindo eu subirei comtigo!...

Acalma breve este soffrer profundo,
Este lidar d'atroz desesperança,
Que o coração me enluta gemebundo...

Digitized by Google



SCISMANDO (Quadro de Paul Thumann)

Digitized by Google

Digitized by Google

PARA S

(Quadro de

Digitized by Google

PRE!...

hmalz)

Digitized by Google

Digitized by Google

A PASSAGEM DO RIO (Quadro de Hans Dahl)

Digitized by Google

Vem transformar, ó pallida creança,
A enorme chamma que minh'alma estúa
Na luz serena e calma da esperança!...

Os poços são beijados pela lua:
Deixa então que me beije o teu sorriso,
E que eu adore a doce imagem tua!

O teu amor, mulher qne diviniso,
E' para mim o porto mais tranquillo
D'esta vida de dôr!... porto a que viso...

Antes morrer, do que outro possuil-o!

Porto, agosto de 1884. E. Bett.

AS NOSSAS GRAVURAS

O SALTO DAS BARREIRAS

Divertem-se.

Sportmen consumados, é de crer que não lhes venha turvar as alegrias da patuscada nenhum trambolhão arreliador.

Todavia, não damos muito pelo cavalleiro e pelo ginete da esquerda, no salto da barreira. O primeiro parece-nos um tanto desastrado; o segundo fracalhão e vacillante.

Emfim, póde ser que ambos cheguem a vencer o obstaculo sem desastre. A's vezes veem-se coisas!...

SCISMANDO

Em que scismará ella? perguntamos nós, fitando-lhe o rosto formosissimo e correcto, onde paira uma nuvemsita de vaga tristeza.

Em que scismara? No amor que provocou, talvez; n'aquella tarde encantadora, em que ouviu juramentos d'affeição preduravel.

Lê-se-lhe na fronte como que a sombra d'uma duvida e d'um receio. Não teria *elle* mentido? Não virá mais tarde a pagar-lhe com o mais cruel dos desdens os seus olhares e os seus castos sorrisos onde se reflecte a pureza virginal d'uma alma enamorada?

Chi lo sa!

A PASSAGEM DO RIO

Vejam que boas caras aquellas!

Ceifaram o dia inteiro á torreira do sol, e voltam para casa ao cair da tarde, atravessando o estreito rio, por onde já começam a alastrar-se as primeiras sombras do crepusculo.

O labor da ceifa não conseguiu fatigal-as nem entristecel-as. Vão contentes e felizes, uma empunhando o remo do filho do barqueiro, que a faz rir com dichotes picantes; outra cantando a *Caninha verde*, mollemente recostada sobre um montão de palha, e a terceira, arremessando beijos ao loiro *bébé* da irmã, que ficou em terra.

A nota discordante, no meio d'aquella premuta de beijos, de sorrisos e de canções é o velho barqueiro, o tio Lucas, que não gosta de *cantigas* nem consente liberdades.

Se não fosse elle, o rapaz e as tres companheiras demoravam a travessia até que o luar fosse nado. Olá se demoravam!

PARA SEMPRE!...

Um idyllio em plena edade media.

Aquelle trovador enamorado consumira noites e noites a dedilhar as cordas do bandolim, sob as gelozias da loira fidalga orgulhosa.

A tyranna rebelde não se humanisava. A' força de descantes, porém, o gelo da indifferença foi-se pouco a pouco desfazendo. As trovas do galante menestrel pareceram-lhe um dia mais sentidas, e provocaram-lhe compaixão. O amor veiu depois, e com elle uns sorrisos estonteadores, que animaram o moço trovador a escalar as janellas rendilhadas.

O resto dil-o o quadro, e se o não diz adivinha-se.

Ella abandonou-se-lhe completamente. Elle jura que ha de amal-a para todo o sempre, tendo por unica testemunha a lua indiscreta.

PONTE DO PARAIZO SOBRE O RIO PARAHYBA

O rio Parahyba é o unico caudaloso da provincia do Rio de Janeiro. Principiando em uma pequena lagôa, na serra da Bocaina, entra na provincia de S. Paulo, indo sair na serra de Ubatúba, e toma n'esta confluencia o nome de Parahyba. Serpenteia por uma infinidade de ilhas, e banha muitas outras povoações.

E' sobre este rio que está lançada a extensa e magnifica ponte, chamada do Paraizo, que a nossa gravura representa.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. A.—Monforte.—Algumas das combinações do seu logogripho—*Estramonio*—dão vocabulos de que não reza o diccionario. Os logogriphos normandos não nos pareceram do mais apurado gosto.

J. A. da R. Calisto.—Coimbra.—Aproveitámos sómente o problema, deixando a estampilha á disposição do author.

L. V. T.—Descance, que não desprezámos o seu *Desprezo*. Fica archivado em logar de honra.

M. D M.—Leiria.—Como o genero abunda extraordinariamente, começámos a dar-lhe vasão em outro jornal de casa. Se houve peccado, perdoe pelo amor de Deus.

O conceito da charada dupla só pode servir para uma determinada pessoa, e nós contamos muitos mil assignantes. Transforme-o, generalise-o, e terá cabida.

As duas irmãs M. L.—Não querendo desvendar o incognito, adopte um pseudonymo, e encarregue pessoa discreta da publicação do livro. Não ha nada mais facil.

O nosso reconhecimento pelos seus applausos.

Fantoche.—Ainda d'esta vez não conquista a gloria appetecida. Tenha paciencia e resignação.

Tom Pouce.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Cultiva e atormenta este homem—2—1.

Come a ave esta flor—2—2.

Na egreja é bonita esta mulher—2—2.

Machico. João Victorino de Freitas.

Na ave é constante esta cidade—2—2.

O relogio mortifica este director—3—1.

Epiphania.

ELECTRICA

A's direitas ou ás avéssas bolsa—3.

Cruz Mendonça.

MATHEMATICA

Rio +g—b, animal—2.

Machico. João V. de Freitas.

EM VERSO

Se quiz saber algum dia
Onde este rio existia—1
Isto fiz e logo soube.—1
Sou de humilde condição,
Por isso em sorte me coube
Viver no mundo arrastado
Sempre, sempre pelo chão—3

Sou alegre, galhofeiro
E philosopho profundo.
Se o mundo se ri de mim,
Eu faço o mesmo do mundo.

Brasil. Eduardo R. Leite.

Para que eu possa existir
E' forçoso destruir
aquella
D'onde emana este meu ser;
Assim não chego sequer
a *vel-a.*—2

Levanta os olhos ao ceu,
Bem distincta lá estou eu.—2

Ora no chão, andando,
Ora no ar, pairando.

Mascarada

Digitized by Google

ADIVINHAS POPULARES

Eu nasci dentro d'um berço,
Que ninguem tocar ousava.
Aquelle que lhe mexia
A pôr-lhe a mão não tornava.

Nas cidades, villas e hortas,
Quando me apanham crescida,
As mulheres ociosas
Commigo ganham a vida.

Tiram-me o fato, ando nua,
Na velhice ao tempo exposta.
Quanto mais encarquilhada
Mais a gente de mim gosta.

Venha cá senhor 'studante,
Se sabe a philosophia,
Diga qual é a ave voante
Que não tem peitos e cria,
Aos vivos dá alimento
E aos mortos allumia?

LOGOGRIPHO

Quem isto tiver na bocca,—9—4—11—5—13
Engole sem mastigar.—5—2—9—7—13
Foi penal Tão bom guizado,—10—12—5—6—8—9
Por tantos apreciado—6—1—12—6
Em fogueira vi queimar—10—3—8—13

A receita p'ra o fazer
Vou dar á minha *sopeira;*
Porém 'screvo de maneira
P'ra só ella perceber.
Quem esta arte conhecer
Pode dormir em socego,
Pois não divulga o segredo
Que ao papel der a saber.

F. B. Dias.

PROBLEMA

Pedro percorre n'uma hora 18 vezes a distancia entre dois pontos A e B, e Paulo percorre, no mesmo tempo, 10 vezes aquella distancia, partindo ambos, ao meio dia, do ponto A, pergunta-se a que horas, e em que pontos da recta A B, se verificam os diversos encontros de Pedro com Paulo, realisados desde o meio dia até á uma hora inclusivè.

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Cantaro.
2.ª—Falua.
3.ª—Soldado.
4.ª—Salpicão.
5.ª—Balsamina.
6.ª—Girasol.
7.ª—Oliva
8.ª—Rabula.
9.ª—
M a c a c a
a c a b a r
c a b a n a
a b a n a r
c a n a d a
a r a r a s

10.ª—
N
t E r
t e M o r
n e m E s i s
r o S t o
r I o
S

11.ª—
L o a n d a
o r g ã o
a g r o
n ã o
d o
a

Do logogripho:—Iracema.

Do problema:
A velocidade do pastor deve ser tripla da das ovelhas.

A RIR

Dois medicos estabeleceram-se em uma cidade de provincia, e vivem ali digladiando-se como cão e gato.

De cada vez que um d'elles manda algum doente para a eternidade, diz o outro na botica:

—Mais 6 palmos de cemiterio no activo do meu collega... Vê-se que vae ganhando terreno!...

*

No tribunal:

—Qual é o seu estado?

—Um pouco febril, sr. juiz. Não preguei olho em toda a noite. Agradeço muito a sua attenção.

CUMULOS

Da ladroeira:—Roubar a coroa d'um padre.
Da imprevidencia:—Tropeçar na pedra philosophal.

Um Dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

QUEIMAR CAL SEM FORNOS PROPRIOS

Querendo queimar cal sem ter de fazer um forno caro, pratica-se na fralda de uma eminencia uma excavação quadrada, de 1m,60 por lado e 3m,25 de altura. N'ella se amontoam as pedras calcareas, dispostas de fórma que d'um lado deixem o maior numero possivel de interstícios entre si, para que a chamma possa circular livremente, e do outro lado e inferiormente um espaço livre de 35 a 60 centimetros em largura e altura para o fogão. Esta especie de abobada deve ser estabelecida a todo o fundo para repartir o fogo egualmente; estabelece-se sobre uns simplices de madeira, que se retiram depois de ter formado a abobada com pedras compridas e chatas, apoiadas umas contra as outras, collocadas horisontalmente e deixando numerosas passagens para a chamma. Por este meio chega-se a transformar em cal a massa interior, tendo as pedras da abobada de ir ao fogo segunda vez. Retirada a cal, enche-se immediatamente de novo o forno, para utilisar o calor accumulado na terra em que existe o forno. Porém para fazer cal n'estas condições é necessario que haja abundancia de lenha e que ella seja barata.

A HORA ADORAVEL

(JEANNE THILDA)

O dia vae-se extinguindo; os derradeiros lampejos da luz moribunda filtram-se atravez das janellas dos ultimos andares, pondo uma caricia nos telhados e nos ramos das arvores; dir-se-hia que o ar está impregnado de uma symphonia dulcissima, que dá a sensação de um momento ineffavel; o gaz accende-se, os coupés, com os seus olhos luminosos, desfilam rapidos; a *frileuse* embrulha-se na sua comprida capa de pelles, enterrando os pés na felpa branca como a neve; vae regressar a casa, onde a esperam os *babys*, bem educados, que brincam na *nursery*.

E' a hora em que o cerebro repousa, readquirindo na prostração da fadiga uma força nova; a missão está concluida, o corpo e o espirito desempenharam a sua tarefa quotidiana, a machina humana descançou um instante.

Como é suave e macio o querido ninho onde se abriga a ventura, onde encontramos os entes amados, os pobres nadas que ornam a modesta casa e a fazem parecer mais bonita do que os palacios dos doges; é esse o cantinho onde reinamos, é o «*home*», palavra exhuberante de felicidades, paraiso das almas sensiveis!

Ella regressou do bosque, despiu a toilette escura e enfiou um penteador de velludo nacarado, guarnecido de *malines*; aquece no calor do fogão os seus pequeninos pantufos da mesma côr, os seus olhos deteem-se sobre todos os objectos que lhe são caros: os livros meio abertos, os retratos d'os seus filhos, um já no collegio, as jardineiras onde as azaleas illuminam o quarto como finas estrellas, o candieiro coberto de um abat-jour vermelho, que transmitte aos objectos um clarão de aurora, e põe um tom quente no setim de côres indefinidas.

Espera o marido! espera-o sem palpitações, sem sobresaltos, sabe que elle voltará á hora prefixa, ditoso de a tornar a ver; as portas que se abrem não a fazem córar nem empallidecer; elle approximar-se-ha da esposa cheio de confiança e de ternura, e se o seu coração bate um pouco mais accelerado ao ruido da car-

Digitized by Google

ruagem que entra no pateo, sorri, e consultando o espelho proximo, aguarda-o tranquillamente.

*

As creanças desceram; a menina conta as emprezas da boneca e refere as pirraças que lhe pregou o irmãosinho, que contempla sua mãe com os seus olhos claros de *bambino* feliz.

Mas eil-o que volta, aquelle que se esperava; approxima-se d'ella e beija-a. O beijo não é nem apaixonado nem ardente; não a cingiu nos braços, chamando-lhe: «minha alma e meu amor», mas os seus olhares encontraram-se, e na muda caricia dos seus olhos transluz a profunda ternura que os attrahe um para o outro.

Em seguida, elle ouve a garrulice dos queridos entes, de que se separára havia umas poucas de horas; nada é indifferente; interessa-se pela historia da costureira que fez o vestido muito apertado; a cozinheira pediu que lhe fizessem as contas, e o trintanario sollicitou um dia de folga; Lili não soube a sua lição de grammatica; Tótó disse uma palavra feia á creada. O papá ralha, mas os pequenos riem, saltam-lhe para os joelhos e cobrem-o de beijos. Tótó, que é vivo como uma faisca, faz uma pergunta extraordinaria, elle olha para sua mulher, e ficam ambos maravilhados diante do pequeno prodigio.

Durante todo o dia acotovelou invejosos, indifferentes, pessoas preoccupadas da avidez do ganho; prodigalisou apertos de mão banaes, trocou phrases de *cliché!* Agora é tão doce sentir junto do seu coração esses corações quentes, cheios da sua imagem; deliciosa, essa atmosphera de ninho de plumas, impregnada de perfumes, elle ri, esfregando as mãos, está satisfeito, não necessita fallar para exprimir a sua felicidade, ella comprehende-o.

*

O jantar não está prompto, ainda não é a hora do costume! Elle pega nos jornaes e percorre-os, fazendo observações que, por vezes, ella contradiz; ella exprime-se simplesmente, fugindo ás grandes phrases, conhecendo o segredo de encadear sem esforço as palavras; algumas vezes, um sorriso, um piscar d'olhos concluem o pensamento. A politica não a diverte, prefere os dramas de amor, porque lhe parecem contos de fadas: as paixões violentas, o vitriolo, o assassinato obrigam-a a abrir uns olhos enormes; diz, ingenuamente, que são bem infelizes aquelles que nascem n'essa classe de gente; não acha differença entre um amante e um ladrão; nunca ninguem ousou fallar-lhe de amor, os seus grandes olhos puros fizeram recuar os atrevidos.

E entretanto, não lhe são estranhas as horas dolorosas: seu filho, tão novo, foi encerrado no collegio; que dia de lagrimas! Quebrou-se a perfeita união que reinava entre a mãe e o primeiro penhor da sua ventura, outros o guiarão, outros penetrarão os seus intimos pensamentos, o que se passa n'essa alma tão terna. Ah! que angustia a dos primeiros dias, quando ella procurava desviar os olhos do logar vazio á mesa! Sorrira áquelle que dissera: «é preciso», mas os soluços suffocaram-a, roubando-lhe toda a coragem.

Um dia, o ciume feriu-lhe o coração; em um relampago terrivel viu a sua existencia despedaçada, o lar destruido: uma amiga, uma boneca do seu mundo... Mas pouco a pouco, suavemente, com mil nadas encantadores, feitos de recordações, retomára-o, e elle voltára aterrado, desesperado contra o seu capricho de um momento; depois, os seus laços estreitaram-se mais: os beijos estão tão perto das lagrimas, e é tão doce encontrarem-se as mãos unidas em um perdão!...

*

Ao lado, na casa de jantar, os creados põem a meza; ella mandou collocar ao centro da meza um fresco molho de flores; deseja que tudo esteja bonito em torno d'elle: a casa, ella, as creanças. Os *babys* sairam para irem reparar a desordem do fato; elle approxima-se e vendo-a tão moça e tão bonita, beija-lhe a nuca onde os frizados loiros exhalam um cheiro quente; ella córa, os seus olhos azues, mais azues do que o crystal dos mares, velam-se um pouco: «casados velhos, como nós!», e tirando da jarra um ramo de cravos, aspira-os, occultando o rosto.

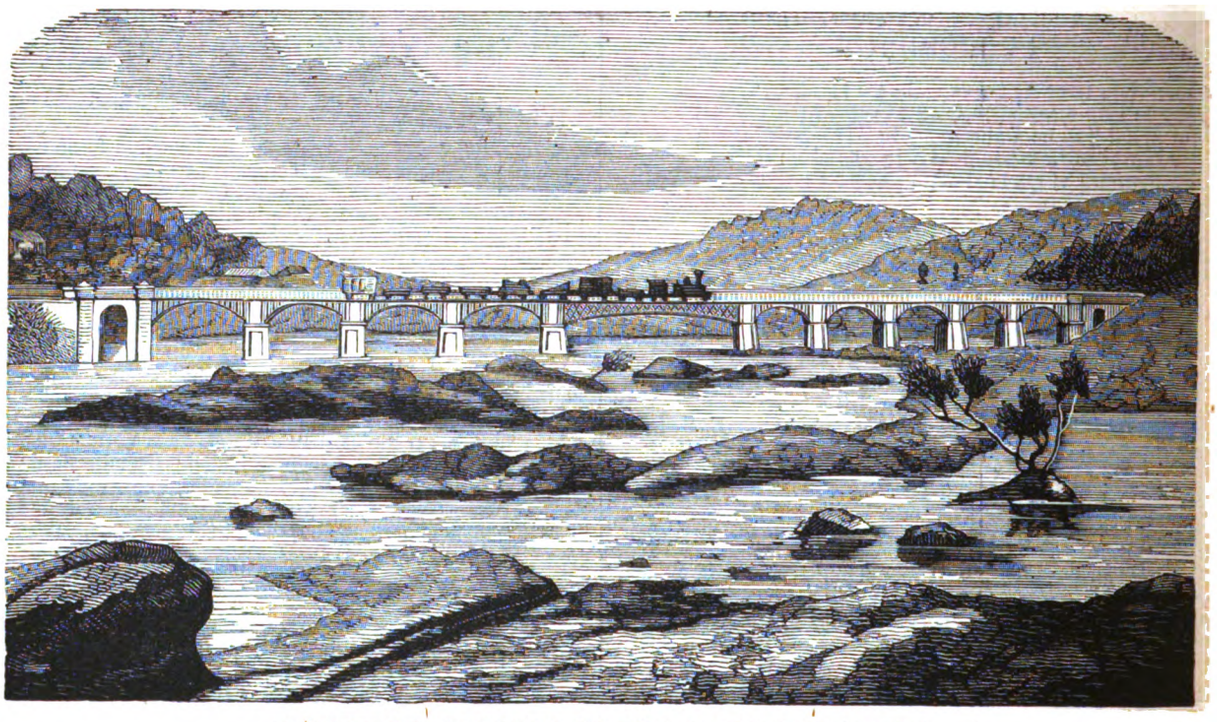
D'ali a pouco anoitecerá, entretanto, a hora adoravel não se extinguiu: parece que se vê ainda a extremidade da sua tunica fluctuante; deteve-se um pouco para contemplar essa communhão da alma e do espirito, imagem perfeita de uma felicidade defesa ao vulgo. E' tão bom ser governada! «Conduze-me, querido, eu nada sei; tu, que não ignoras cousa alguma, indica-me o caminho a seguir.»

.....

Os gritos das creanças arrancam-nos á serenidade do extasis; a porta da casa do jantar abre-se: «A sr.ª está servida».

Tótó trepa para uma cadeira, batendo palmas, e a hora adoravel voa resplandecente; dará boa conta do que viu, ella que não vizita nunca o lar dos desherdados, onde só existem vaidades e mentiras!

ESMERALDA.



PONTE DO PARAIZO SOBRE O RIO PARAHYBA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 22 de dezembro de 1884 — Numero 26

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O general Claudino*, por Pinheiro Chagas.—*Atalanta*, versos, por Candido de Figueiredo.—*As nossas gravuras.—Em familia.* (*Passatempos*).—*Um conselho por semana.—O bom povo*, por D.

GRAVURAS.—*Ponte de Lima.—A lição.—A partida da mala-posta.—O creado do fidalgo.—Uma belleza campezina.*

CHRONICA

No mesmo cemiterio, a dois passos uma da outra, talvez, ensombradas pelo mesmo cypreste feio e lugubre, acabam de cerrar-se duas campas, sobre as quaes gotteja ainda o orvalho de lagrimas saudosas.

No marmore gelado da que se fechou primeiro lê-se o nome illustre d'um actor glorioso:—João Anastacio Rosa.

Na lapide singela da que se fechou depois, soletra-se o nome d'um poeta popular de raro merecimento:—Antonio de Menezes.

Morreram quasi ao mesmo tempo, e tiveram a dizer-lhe o ultimo adeus, sobre a fria relva do cemiterio, quasi que os mesmos amigos.

Um cerrou os olhos para o somno eterno, tendo percorrido o mundo n'uma longa carreira de triumphos. Antes de se esconder nas brumas do tumulo, a velhice fatal roubara-o aos deslumbramentos da Arte. Foi para a cova solitaria e humida farto de viver, saturado de glorias, já no periodo em que a alma está erma de illusões e o espirito vazio de azues chimeras.

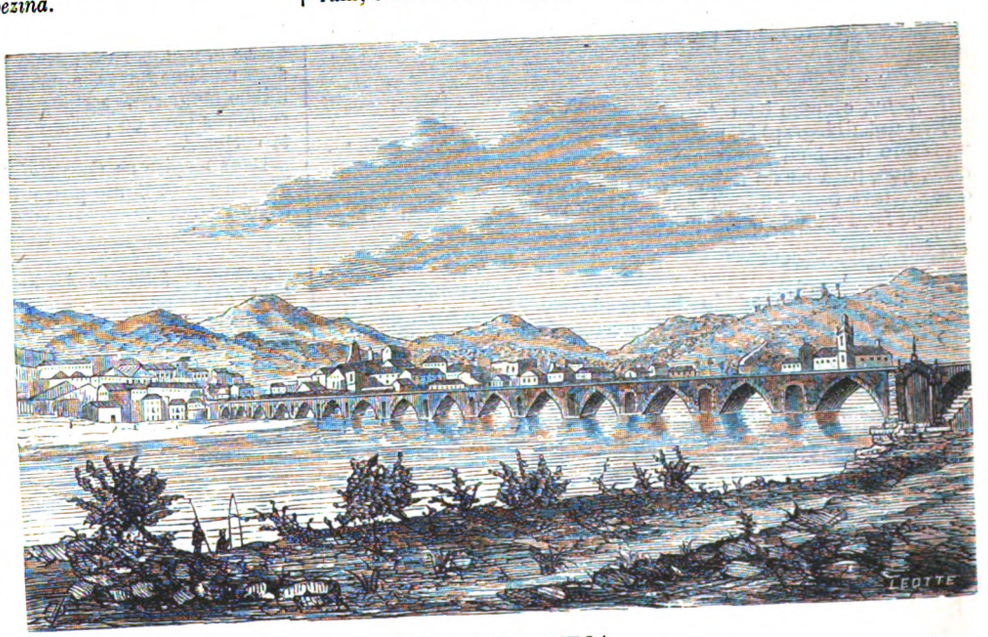
O outro desappareceu no pleno desabrochar da mocidade, aos vinte e cinco annos cheios d'amor por tudo quanto é bello, no proprio instante em que o coração começava a querer dilatar-se-lhe mais e mais, afagando mil aspirações legitimas. Extinguiu-se-lhe o alento na edade dos sonhos dourados, quando a vista se deslumbra ainda na contemplação de feiticeiras miragens, quando é maior e mais intensa a sede de viver, quando o espirito brinca alegremente pelos paramos risonhos da fanthasia.

Um deixou-nos já cansado e velho; o outro despediu-se das suas queridas illusões em todo o brilho da mocidade que resplende.

João Rosa, o *Pae Rosa*, como ahi lhe chamavam, sentindo fugirem-lhe as forças votadas ao serviço da Arte, abandonara os fulgores da ribalta, dando homem por si. Quando as pernas lhe fraquejaram, e os olhos amortecidos não souberam mais illuminar-lhe a fronte artistica, o grande actor reunio conselho de familia, confiando aos seus dois filhos a missão gloriosa de lhe illustrar na scena o nome já tão illustre.

Entre o eclipsar do astro que se sumia e as primeiras scintillações dos que vieram substituil-o, não houve um instante de trevas a avolumar saudades. O theatro não chegou a ensombrar-se de crepes. O espirito publico não se compenetrou bem da realidade d'aquella perda irreparavel, tal era o brilho intenso dos dois talentos que vieram illuminar o tablado onde o outro fulgira.

Antonio de Menezes foi menos feliz, e da sua enorme desventu-



PONTE DE LIMA

Digitized by Google

ra participa o jornalismo que hoje lhe prantea o passamento.

Insubstituivel na *gazetilha*, não poude experimentar o supremo jubilo de dar por si um gazetilheiro da mesma plana. Morreu, levando para a cova negra o segredo de rir de tudo, sem provocar odios e malquerenças. Desappareceu d'entre nós todos, deixando vaga para sempre, talvez, em dois jornaes, uma secção que durante muitos annos, *au jour le jour*, registrava as suas gargalhadas de bohemio alegre, as suas satyras inoffensivas, as suas facecias graciosissimas e inimitaveis.

Ahi está porque a morte de Antonio de Menezes, o modesto *Argus* do *Tam-Tam* e das Revistas do anno espectaculosas, é tanto ou mais sentida que o passamento do velho *Pae Rosa*, aquelle gigantesco vulto do theatro portuguez.

Todos ahi conheceram João Anastacio Rosa, o mestre consumado na Arte, o ensaiador excellente e meticuloso, o esculptor distincto, o inventor do calçado impermeavel, o phrenologista caturra, o cavaqueador finissimo, e o espiritista convicto.

Nascera guardando porcos, e transformara-se de pastor ignorado em artista gigante, graças ao tacto extraordinario de Emilio Doux, a quem o nosso paiz deve a revelação de muitos talentos artisticos brilhantissimos.

A sua vida d'actor foi uma serie enorme de colossaes triumphos, desde o que alcançou no papel de mulato da *Mathilde*, até aos conquistados no *Morgado de Fafe* e no *Marquez de la Seiglière*, a maior coroa de gloria do assombroso artista.

Ultimamente o pobre Rosa desapparecera de todos os centros de cavaco da baixa, onde o viamos, com o seu eterno *pardessus* claro pendido do hombro, contar enecdotas picarescas e desopilantes.

Tinham-se-lhe aggravado os padecimentos antigos. Haviam-se-lhe extinguido as ultimas forças. Era impossivel reagir por mais tempo contra o mal e representar perante o mundo a comedia d'uma vida ficticia prestes a apagar-se.

Como os incommodos physicos não lhe permittissem já ter sempre engatilhada nos labios a facecia alegre, o orgulhoso actor deu a *deixa* aos seus companheiros de cavaco do Chiado, e recolheu-se a bastidores, despindo as roupagens da ultima peça mundana em que representara. Passados dias veio o derradeiro estrector; um funebre adrecista qualquer desdobrou negros crepes no tablado da alcova mortuaria; a morte impiedosa caracterisou de tons lividos a fronte exanime do artista genial; mãos amigas vestiram-lhe a sinistra *toilette* dos condemnados ao sepulchro; o drama da vida acabou para dar logar ao drama incomprehensivel e mysterioso da Eternidade, e o panno desceu vagarosamente sobre a scena.

O grande interprete do *Marquez de la Seiglière*, do *Alfageme* e do *Gil Vicente* não é hoje mais do que um nome e uma gloria; gloria que nos envaidece e orgulha, nome que havemos de proferir sempre com verdadeira saudade.

E *Argus*, o nosso bom *Argus*?

Não tinha biographia, nem historia, nem passado, como não teve futuro. Um bom rapaz estouvado e bohemio, um coração de ouro, que, para rir de tudo, até da morte ria, sem saber que ella o espreitava traiçoeiramente desde longo tempo, para lhe vibrar o golpe fatal quando o visse mais enamorado da vida.

Mesmo no periodo agudo da sua doença implacavel, quando a febre lhe escaldava as mãos, e as hemoptysis repetidas lhe punham nas faces macilentas uns tons cadavericos, Antonio de Menezes não deixou de trabalhar, nem perdeu a sua feição humoristica. Lidou até ao fim, sorrindo e versejando sempre, versos faceis e espontaneos com scintillações de graciosidade inimitavel, sorrisos francos e bons, em que transparecia a pureza immaculada da sua alma.

Dois dias antes de cahir de vez, prostrado nos braços maternos, ainda foi d'elle a gazetilha do *Jornal da Noite*. Quatro quadras pequeninas e conceituosos, doze versos sem pretenções e talvez incorrectos, mas galhofeiros e alegres, a denunciarem jubilos onde tantas dores havia.

Fallava da abertura das camaras:

Abriram-se hoje! Os granjolas
Que satisfeitos estão!
Provavelmente amanhã,
Já elles fazem questão!

Qu'riam as Côrtes abertas
Depressa, no mesmo instante.
O que sairá d'aqui?
Pensa o paiz vacillante?

Eil-as abertas—emfim!
O que haverá d'imprevisto?
Teremos um novo diluvio?
Cae um raio em tudo isto?

Ai Granja, dize o que fazes,
Que idéas tens, deshumana?
Não nos mates com rhetorica!
Não nos pizes—ó tyranna?

Mal sabia elle que esta gazetilha seria a ultima! Mal imaginavamos nós que d'ali a quatro dias iriamos desfolhar saudades sobre o tumulo do gracioso poeta?

Se o que para ahi nos dizem d'uma outra vida d'além-tumulo não é *blague*, temos fé que Antonio de Menezes exclamará ainda lá de cima, no estylo faceto dos seus ultimos versos, a quem se lhe abeirar da campa: «Não me pizes, ó tyranno!»

Desventurado moço!

=E assim vae desapparecendo tudo quanto é bom e honesto e grande no jornalismo, na Arte, na sciencia, nas lettras, no theatro, na politica. E assim se vae desmoronando pouco a pouco este velho edificio, cahindo de preferencia os insubstituiveis, os validos, os que trabalham indefessos e dignos, os que não alimentam invejas, nem professam odios, nem se desdoiram na pratica de villezas infamantes.

As insignificancias ficam e pullulam. Muita vaidade injustificada a crear fóros de grandeza. Muita miseria torpe pedindo á *réclame* do compadrio que a vista de lantejoulas. Os pedantes e os imbecis guindados á gloria. Os uteis e os impollutos arremessados pela mão da morte para a voragem do esquecimento.

E' triste!

=Mas afastemos para longe de nós estas idéas funebres; apaguemos por instantes do espirito a lembrança d'estes dois enterramentos que se succederam com poucos dias d'intervallo.

Abriram-se as Camaras. Iniciou-se finalmente a grande tarefa reformadora das famosas côrtes *constituintes*, tarefa cujo começo a politica da opposição reclamava em artigos do fundo ameaçadores.

O governo fez-lhe a vontade, e a corôa recitou o discurso do costume, contente de se ver rodeiada pelos representantes da nação, jubilosa por poder registrar que continuam inalteraveis as nossas boas relações com as potencias estrangeiras.

A nota grandiosa d'esta sessão inaugural não foi dada nem pela falla do throno, nem pelos graves conselheiros da corôa, nem pelos dignos pares do Reino e senhores deputados indigenas. Deu-a uma simples mulher—a Rainha—pondo na sala de S. Bento as estranhas fulgurações do seu olhar, fascinando pela sua suprema elegancia deputados e senadores, povo e tropa, nobreza e clero, regeneradores e progressistas, constituintes e republicanos.

Alterassem-se as pragmaticas palacianas, rompesse-se com antigas uzanças, podesse a gentilissima princeza descer os degraus atapetados do throno para assistir quotidianamente ás sessões parlamentares, e nós veriamos se isto não tomava um caminho melhor, se a rhetorica azeda e pornographica de alguns senhores paes da patria não se vazava nos moldes da mais stricta cortezia.

Deus inspire as *Constituintes*, e que a presença da virtuosa soberana em S. Bento possa ter desinfectado o seio da representação nacional.

=Queria fallar-te da estreia da Devriés, do *Fausto*, da *Linda de Chamounix*, dos quadros do *grupo do Leão*, do concerto dos amadores de musica na Trindade, da endiabrada indiana Zenobia, do Colyseu, de mil cousas, emfim, que durante os ultimos dias fizeram ruido e alcançaram justificadissimos successos, mas gastei muito espaço a occupar-me de dois mortos saudosos. Antes de tudo a homenagem a quem morreu. Dos vivos ha muito quem falle.

C. DANTAS.

O GENERAL CLAUDINO

VI

Estavam na Covilhã uns quarenta presos politicos, formando uma leva que devia marchar para Lisboa, escoltada pelo regimento de milicias da Guarda e a que se aggregaram os Pimenteis. Essa marcha teve um episodio tão caracteristico d'esses tempos singulares, que não deixaremos de o contar com mais alguma individuação.

Na Covilhã teve Claudino Pimentel de reagir energicamente contra o irmão do general Telles Jordão, que parecia disposto a algemal-o. Foi tal a intimativa com que o nosso biographado se dirigiu a elle, que o irmão do satanico governador da Torre de S. Julião receiou, balbuciou, declarando emfim que as algemas eram para os outros presos. Pagaram estes cruelmente a lição que Telles Jordão recebera do general Claudino, porque de tal fórma

Digitized by Google

lhes torturavam os pulsos, que, ao chegarem ao Fundão, muitos d'elles não poderam resistir ás dôres infernaes que sentiam, e foi indispensavel tirarem-se-lhes os grilhões.

Em Alpedrinha encontraram os presos acolhimento mais sympathico, graças á boa indole do juiz de fóra, que pertencia á familia do actual sr. marquez da Graciosa, e que tinha, como se vê, as qualidades nativas d'essa nobilissima familia.

Em Sobreira, porém, é que se passou a scena mais repugnante de toda esta longa e dolorosa peregrinação.

Havia festa na egreja de Sobreira-Formosa porque era o dia do orago da freguezia. Ouvia-se lá dentro o canto-chão dos padres, e via-se pela porta aberta de par em par o altar todo resplandecente de luzes. Sobre a multidão dos fieis ajoelhados ondeavam as nuvens do incenso que rescendia nos thuribulos. Ouvindo o toque dos tambores do regimento que passava, vieram á porta alguns dos habitantes, movidos por natural curiosidade. Logo porém que correu voz de que eram presos constitucionaes os que ali vinham, a turba d'aquelles devotos *christãos* largou em peso a egreja e veio á porta vociferar e insultar os desgraçados. Mas não foi só isso: os proprios padres, revestidos com as vestes sacerdotaes, com as chlamydes e estolas e amictos que só envergam quando vão celebrar o santo sacrificio, e quando teem de exalçar a Deus com mãos puras e coração lavado de odios e de paixões ruins o calice symbolico, os proprios padres, abandonando a catholica ceremonia, vieram associar-se *aos fieis*, e padres de vestes arregaçadas, e algum d'elles talvez com o crucifixo e o calice, sacristães com os thuribulos, começaram da porta do logar santo a insultar quem passava, emquanto lá ao fundo, no seu altar brilhante de luzes, o pallido Christo abandonado deixava pender nos braços da cruz o rosto macerado, em que fluctuaria talvez n'esse momento um tristissimo sorriso.

E o que completava então a singularidade da scena era o seguinte facto: O coronel do regimento de milicias, vendo a egreja aberta e lá ao fundo o altar com a imagem santa, deu as vozes de «Alto! Joelho em terra! Armas em adoração!» Rufaram os tambores! Inclinaram-se reverentemente as espingardas diante d'essa egreja transformada em inferno, a cujas portas, de costas voltadas para o altar, com a bocca de energumenos torcida em convulsões de raiva, espumante e sacrilega, os sacerdotes d'esse Deus, que todos adoravam, lançavam, á maneira de benção, sobre os constitucionaes ajoelhados tambem, os insultos e as ameaças!

N'essa terra devotissima foi difficillimo salvar os presos de serem assassinados pelos padres e os seus acolytos, e de certo não teriam escapado a essa tristissima sorte se o capitão Viegas, de quem já fallámos, não tomasse a resolução energica de correr á espadeirada a gentalha, batendo primeiro de prancha, mas depois não hesitando em acutilar a valer os covardes assassinos que fugiram dando gritos de maldição e de raiva.

Correu a jornada sem maiores incidentes, e ao chegarem a Abrantes foram os dois Pimenteis entregues ao tenente-coronel Soares, encarregado de os conduzir a Lisboa, e que tanto lhes facilitou os meios de se escaparem, que chegou a mettel-os n'uma sege, e a ordenar ao boleeiro sem mais precauções que os levasse ao castello. Claudino não quiz fugir! Entendia que poria em risco o tenente-coronel que n'elles confiára, e esse escrupulo bastou para que não fizesse a mais leve tentativa de fuga.

Poucos mezes estiveram no castello, passando pelo Natal para os horriveis carceres da torre de S. Julião, sendo esse captiveiro ainda supportavel emquanto governou a torre o brigadeiro Amaral; mas quando no dia 1.º de janeiro de 1829 o famigerado Telles Jordão tomou conta do governo, tornou-se verdadeiramente atroz a situação dos presos constitucionaes.

Telles Jordão era estupido e mau, um Beresford sem intelligencia nem estudos. Não tem havido a minima exaggeração nas informações que d'elle se teem dado. Conta o visconde de Villa-Maior um facto, de que foi testemunha auricular, e que bem define a estupidez do homem.

O visconde de Villa-Maior era n'esse tempo um rapaz dos seus dezoito annos, e acomponhava á torre de S. Julião sua mãe, que ia visitar seu marido Luiz Claudio e seu cunhado Claudino. Para essas visitas se permittirem era necessario um trabalho infinito. Pedia-se authorisação em todas as instancias, e, depois de obtida, ainda era necessario que os visitantes fossem com uma verdadeira escolta ao sitio onde só em presença de uns poucos de officiaes e de soldados se lhes consentia que fallassem com os seus parentes, e ainda assim por muito poucos minutos.

Uma vez, que o futuro visconde esperava silencioso que se fizessem os preparativos necessarios para se lhe permittir a visita, assistiu á seguinte scena, que narra agora no seu livro:

Conversava Telles Jordão com uns poucos de officiaes a respeito da parada que se devia effectuar no dia de annos de D. Miguel, dia que estava proximo. Voltou-se para um moço official de artilheria e perguntou-lhe:

—Teremos bom tempo no dia 26 de outubro?

—Eu não sei, meu brigadeiro.

—Então você, redarguiu grosseiramente o general, para que estudou mathematica, se não sabe o tempo que hade fazer? Ora ahi está porque eu não quero que meu filho aprenda mais do que ler e escrever, que é o bastante para ter religião e servir o sr. D. Miguel, nosso rei.»

Não se demorou muito tempo o general Claudino na torre de S. Julião, e no principio de 1830 deu-se-lhes ordem a elle e a seu irmão para partirem para o Porto. As coisas começavam a sorrir á causa constitucional. A Terceira mantinha-se e os seus defensores tinham infligido na Villa da Praia, no dia 11 de agosto de 1829, uma derrota memoravel ás tropas miguelistas. Entretanto, as prisões enchiam-se cada vez mais, e era necessario abrir espaço para os novos encarcerados.

Ésse ou outro motivo fez com que Claudino Pimentel, e outros muitos, entre os quaes figurava um pobre octogenario, abbade do Sabugal, fossem mandados para o Porto, pessimamente accommodados n'um hiate, que esteve quasi naufragando, que arribou a Vianna com agua aberta, e em condições taes que o consul inglez Norton, indignado com o que via, ameaçou as auctoridades miguelistas de fazer publicar nos jornaes inglezes as atrocidades que em Portugal se commettiam. Houve medo, e foram desembarcar os presos, que seguiram a pé para o Porto. Debalde instavam alguns mais endinheirados que se lhes permittisse que alugassem carros para todos. Não quizeram consentir, e só o commandante da escolta cedeu quando Claudino, indignado ao ver cair exhausto de forças o pobre abbade do Sabugal, se sentou declarando que o podiam fuzilar ali mesmo, mas que não dava nem mais um passo.

Deu-se este successo proximo de Villa do Conde, e d'ahi até ao Porto foi a caminhada supportavel. No Porto entraram na cadeia da Relação, no meio dos insultos da gentalha, gritando um famoso Pitta Bezerra, quando viu passar Claudino: «Este quero eu ver sahir d'aqui n'uma tumba.»

Quando a doença que prostrou Claudino começou a tomar um aspecto ameaçador, dizia o pobre general melancholicamente:

—Vou dar gosto ao Pitta Bezerra.

O tempo que passou no Porto seria o melhor de todo do seu captiveiro, se a doença não viesse. Estava n'um quarto relativamente confortavel, não muito longe da sua familia, recebia noticias animadoras do estrangeiro e dos Açores; teve uma sentença relativamente moderada, porque, suppondo que seria condemnado á morte, foi condemnado apenas a degredo de cinco annos para o presidio das Pedras Negras. E não a cumpriria se mais algum tempo vivesse, como afinal a não cumpriu, mas por mais triste motivo. A 15 de dezembro de 1830 foi a sentença promulgada. Em julho de 1831 nem se pensava ainda em partir. Era bem possivel que se demorasse mais um anno ainda nos carceres do Porto, e em julho de 1832 entrava na heroica cidade o exercito libertador. Claudino empunharia de novo a espada, e as hostes constitucionaes, emquanto Saldanha não viesse, teriam para organisar a defeza do Porto uma cabeça militar, que não era muito inferior á do sympathico marechal.

Não quiz porém dar-lhe Deus essa ultima alegria. Accommettido pela terrivel molestia da gota, que depressa lhe subiu ao coração, Claudino falleceu no dia 13 de agosto de 1830, contando 54 annos de idade.

Foi sepultado nos Grilos, sem honras militares.

Sem honras militares! Como não havia de perder-se um partido, por mais numerosos que fossem os seus exercitos, que tinha generaes como Telles Jordão, e onde não havia um homem só que soubesse dizer aos outros que é de boa politica ser generoso com os inimigos que succumbem?!

PINHEIRO CHAGAS.

ATALANTA

Era uma vez um rei. Tinha uma filha
Tão celebre e formosa rapariga,
Que era a mais decantada maravilha
De toda a Grecia antiga.

Além das graças, era enobrecida
De tanta agilidade e tanta força,
Que de certo excedia na corrida
A rapidez da corça.

Requestavam-na mil; mas, entre todos,
Quem seria o feliz, o esposo eleito?
Scismava o rei, buscando a traça e modos
De decidir o pleito;

E resolveu-o emfim d'esta maneira;
—«Se algum de vós possue destreza tanta,
Que vença minha filha na carreira,
Possuira Atalanta.»—

Ei-los a postos. Cada qual se empenha
Por correr mais que a esplendida princeza;
Mas é de balde: ninguem ha que tenha
A mesma ligeireza.

Digitized by Google

A LIÇÃO (Quadro de Karl Heyden)

Digitized by Google

Digitized by Google

O CREADO

(Quadro de Sb

Digitized by Google

DO FIDALGO

erard Kennedy)

Digitized by Google

Digitized by Google

A PARTIDA DA MALA-POSTA (Quadro de L. Braun)

Digitized by Google

Hippomenes, um moço d'essas eras,
Provado athleta, donairoso e amante,
Receiava e pungia-lhe devéras
Não sair triumphante.

Consultou tudo: o amor, a sciencia, o agoiro;
E, á voz do amor, secreta e lisongeira,
Sobraçou um cabaz de pomos de oiro
E lança-se á carreira.

Corre a par Atalanta, acompanhando
Os largos passos do sagaz visinho,
Que a pouco e pouco os pomos vae largando
Ao longo do caminho.

Quem póde resistir a pomos de oiro?...
Distrae-se a velocipede garbosa,
E, sem temer derrota nem desdoiro,
Os pomos colhe anciosa.

E, emquanto ella os apanha, o moço athleta
Sofregamente os passos agiganta;
Do ajustado percurso chega á meta,
E... venceu Atalanta.

Venha a moralidade. Vós, leitoras,
Perante quem, nós homens, nada somos,
Serieis porventura vencedoras
Perante aquelles pomos?

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

PONTE DE LIMA

Esta villa dista 22 kilometros de Vianna e 27 de Braga.

A sua origem é muita remota. Em antigas eras soffreu diversas invasões dos sarracenos, que a deixaram em mísero estado.

D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques fizeram repovoal-a em 1125, dando-lhe foral com muitos privilegios, que foi confirmado por D. Affonso II, e posteriormente por D. Manuel.

Apesar d'isto, chegou depois a tal decadencia, que apenas era um montão de choças no tempo de D. Pedro I, que a reedificou em 1360, fazendo construir a sua admiravel ponte de 24 arcos e guarnecendo a villa com grossas muralhas, nas quaes mandou abrir cinco portas.

A nossa estampa representa a vista da ponte e d'uma parte da villa.

Os principaes edificios de Ponte de Lima, são: a ponte, que já dissemos ter 24 arcos, e que, apesar de alguns melhoramentos ultimamente feitos, conserva, na sua maior parte, a construcção primitiva, sendo um curioso monumento de architectura gothica; e o outro, o solar da illustre familia dos Limas, que el-rei D. Affonso V elevou ás honras de viscondes de Villa Nova da Cerveira em 1476, e D. Maria I á de marquezes de Ponte de Lima em 1790. O palacio acha-se hoje em grande ruina, e o mesmo acontece ás muralhas da villa.

As cercanias de Ponte de Lima são de uma belleza admiravel. O rio Lima corre sobre um leito de alvissima areia, entre margens orladas de frondoso arvoredo e pelo meio de campos sempre viçosos, em que avultam, aqui e ali, ora uma torre ameiada, solar de remotas eras, ora uma casa gothica dos seculos XV e XVI, ora residencias de tempos mais modernos e mais prosaicos, mas agradavelmente situadas á beira do rio, ou escondidas entre copados bosques.

A LIÇÃO

E' a lição das fidalguinhas.

Aquelle grave pedagogo, de barba cuidadosamente escanhoada e ademanes sacerdotaes, ensina geographia ás duas irmãs.

Como ensinador conscienciosо que é, toma o caso a sério, e massa-as com prelecções estupendas, esquecendo-se de que, qualquer das duas só pensa no amor, nos bailes da *haute gomme* e nas *toilettes* que mais se coadunem com a sua mocidade resplendente.

E' vêl-as.

A mais nova tem o pensamento muito longe do prelector e dos mappas geographicos. Pouco lhe importa saber quaes são os confins da America e a capital da Suecia. Aspira, distrahida, o perfume d'uma rosa, e sonha com um ideal de olhos negros e cabello ondeante.

A outra escreve a secco, no vestido, um nome que não se lhe apaga da memoria, e diz lá de si para comsigo, fitando contrariada o mestre impertinente:

—Forte massador!

A PARTIDA DA MALA-POSTA

Um quadro cheio de vida e movimento.

O conductor, depois de ter ido aquecer-se com um *grog*, na estalagem proxima, dá o signal da partida e vae para chicotear os cavallos impacientes.

N'este comenos apparece mais um passageiro.

—Espere dois minutos! brada o garoto que traz a mala do recem-chegado.

Dentro da carruagem ha imprecações surdas, gestos d'enfado que não se dissimula, segredinhos significativos, e ares carrancudos.

—Iamos tão bem assim! diz uma provinciana gorda, acalentando um petiz que leva ao collo.

—Agora teremos de ir como sardinha em tigela! rosna lá do canto um camponio de má catadura.

O passageiro importuno despede-se da familia inteira, que o acompanhou á estação. Vae ausentar-se por alguns dias. A esposa pede-lhe, entre abraços e soluços, que escreva. A filhinha recommenda-lhe que se não esqueça de comprar a boneca promettida. O sogro, um velho pouco dado a scenas patheticas, resmunga conselhos.

—Veja lá não se perca longe de nós. Juizinho, hein?

Até a matrona da sogra se impressiona com os «adeus» da despedida, lacrimejando ridiculamente.

—Ainda outro beijo e até breve!

A diligencia parte. Acenam com lenços até á curva da estrada. Depois faz-se um silencio apenas interrompido, de longe em longe, pelos dois rafeiros que se espojam na relva, ladrando aos transeuntes.

O CREADO DO FIDALGO

A julgar pelos ares que se dá aquelle patife, fica a gente sem saber se é elle o amo.

Quando alguem pergunta pelo fidalgo, o malandrim mede-o d'alto a baixo com o olhar prescrutador e insolente, sorve uma pitada de meio grosso, ensaiando *poses* aperaltadas, e diz, n'um tom da mais supina petulancia:

—Não está em casa!

Lacaio por fóra, imagina sentir lá por dentro uns fumos de nobreza incompativel com a sua humilde posição de creado, e apresenta-se altivo a quem o quer fazer portador de cartas e recados.

Qualquer dia castigam-lhe a insolencia, com a ponta do pé, em sitio proprio.

Francamente é esse o castigo que está a pedir aquella attitude provocadora.

UMA BELLEZA CAMPEZINA

Digam-me se cá pelas cidades ha d'aquillo, mulheres que peguem sem esforço n'um cesto vindimo carregadinho a trasbordar, raparigas sadias e robustas, com lume no olho e frescura nos labios?

Pois não houveste!

O que por ahi se vê é artificial e postiço. Olhos d'aquelles só pintados. Labios vermelhos, como os da bella camponeza, nem uma sombra!

Aquillo sim, que não tresanda a preparados chimicos, nem exhibe crescenças de cabello emprestado. E' o que a natureza deu, sem contrafacção nem arrebiques de pintura, e confessem que é soberbo!

Os olhos, sobre tudo, são uma verdadeira tentação, e o sorriso não lhes fica atraz.

Se eu fosse pintor, iria procurar os meus modelos entre as mulheres d'aquelle quilate.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

UM ASSIGNANTE.—Vizeu.—Satisfazer a todos os paladares é um impossivel metaphisico. Se v. ex.ª e os assignantes seus conterraneos não sabem resolver problemas de Xadrez, ou não gostam d'este genero de passatempos, ha quem saiba e quem goste.

Quer que façamos uma edição especial, sem a *semsaboria* do Xadrez, para v. Ex.ª?

Ora seja rasoavel!

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na musica e na musica ata-se e joga-se—1—1—1.

Porto. AUGUSTO F. BRANDÃO.

Digitized by Google

Esta flor cercada d'agua é uma planta—2—2.

Reguengos. MATTOS MENDONÇA.

E' homem e interjeição esta mulher—3—1.

Este homem é grande homem—2—2.

Leiria. A. M. MONTEIRO DOS REIS.

Atou esta medida n'uma cidade italiana—1—2.

Sem estar acompanhado estava alegre n'esta cidade hespanhola—1—2.

D. ANTONIO DE MAGALHÃES.

EM VERSO

(Por syllabas)

E' a luz a minha vida —2
E' meu leito a fria terra.—2
E' um filho do progresso,
E luz que as trevas desterra

Vês-me ahi em cada casa—2
Vês-me ahi por toda a parte—1
Magestoso, se executam
Com mestria a minha arte.

E' nobre senhor.—1
E' filho da dôr.—3
E' filho do povo
E seu dictador.

Monchique. SEBASTIÃO GALVÃO.

PHRASEADA

(Por lettras)

Passeiando no 1, 2, 3, 4, vi um 1, 4, 3, que jogava o 3, 4, 1, 2 com 3, 4, 3, 2 habilidade.

Reguengos. MARIA IGNACIA MARTINS DE CARVALHO.

LOGOGRIPHO

Vae no principio do livro—8—6—2—1—4—3—10
Quando fôr em meu proveito—8—6—4—1
Mas se saltar este insecto—5—6—7—1—1—2
Nas sementes, vês defeito—9—7—1—4.

De tão facil logogripho
Conceito nunca darei;
Pois dal-o, seria o mesmo
Que chamar monarcha ao rei.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

ENIGMA EM ACROSTICO

Cidade de Italia—.r.n.o
Cidade da Hollanda—.a.l.m
Paiz da Europa—.t.l.a
Cidade do Brasil—.l n.a
Isthmo na America—.a.a.á
Divisão da Arabia—.a.j.r
Cidade de Turkestan—.l.c.i
Ilha da Italia—.i.a.i
Na physica—.p.i.a
Cidade da Hespanha—.u.g.s
Cidade da Austria—.a u.a
Cidade da França—.m.e.s
Rio da Africa—.a.b.a
Reino na Africa—.m.a.a

Coimbra. UM ACADEMICO.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Lavrador.
2.ª—Papagaio.
3.ª—Arabella.
4.ª—Penafiel.
5.ª—Regulador.
6.ª—Acica.
7.ª—Tibre
8.ª—Polichinello.
9.ª—Cotovia.

Das adivinhas populares:

1.ª—Castanha.
2.ª—Abelha.

Do logogripho:—Cryptographia.

Do problema:

Figura 1

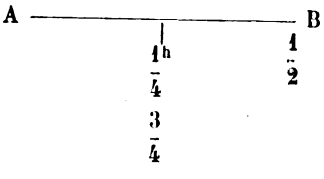
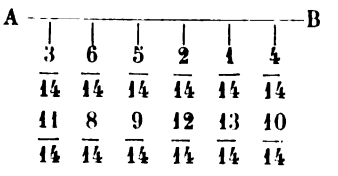


Figura 2



A primeira figura refere-se aos encontros no mesmo sentido; a figura 2 aos que se realisam em sentidos contrarios. A recta AB da figura 2 está dividida em 7 partes eguaes, e os numeros correspondentes a cada divisão indicam as horas de encontro. Assim a $\frac{1}{7}$ de AB, contado de A, houve dois encontros: um ao meio dia e $\frac{3}{14}$ da hora, outro ao meio dia e $\frac{11}{14}$ da hora. A recta AB da figura 1 indica que os moveis passaram juntos no mesmo sentido ao meio dia e $\frac{1}{4}$; ao meio dia e $\frac{3}{4}$ e á meia hora depois do meio dia; e que, dois d'estes encontros, se verificaram no meio da recta AB, sendo o terceiro no ponto B.

A RIR

B... passeia dando o braço á sogra do seu amigo S...

De repente B... escorrega e cae, arrastando na queda a velhota, que se torna a levantar sem uma arranhadura.

S... aproxima-se então de B..., aperta-lhe affectuosamente a mão, e diz-lhe:

—Não podeste fazer mais, mas agradeço-te a boa vontade. Ohrigado!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

MEIO DE MELHORAR O TABACO

Toma-se meio kilogramma de tabaco e põe-se em um vaso grande de crystal; junta-se-lhe meio litro de infusão de chá da India, e põe-se em seguida em um panno, a secar. D'esta maneira obtem-se um tabaco com excellente aroma e sem aquelle acre particular e nocivo aos que abusam do cigarro.

O BOM POVO

O sol do dia 11 de janeiro, do anno do Senhor de 1384, encontrou extraordinariamente inquieto o bom povo da cidade d'Evora; aglomerava-se nas praças: dispersava-se pelas ruas com grande borborinho; tornava a unir-se e a separar-se em grupos irrequietos e ruidosos; não descançava um só momento. Era negocio grave.

Fôra o caso, que o alcaide-mór da terra, Alvaro Mendes d'Oliveira, partidario da rainha D. Leonor, sabendo que tinham sido tomados pela arraia miuda os castellos de Portalegre e de Estremoz, a favor do *Mexias de Lisboa*, como então muitos fidalgos chamavam ao Mestre d'Aviz, e receiando que a populaça d'Evora seguisse aquelles maus exemplos,—receio tanto mais justificado, quanto era notorio achar-se o castello da cidade mal guarnecido de gente, e a plebe muito enthusiasmada com o novo regedor do reino,—mandou chamar o juiz, o escrivão do concelho, o alcaide pequeno, todas ou quasi todas as pessoas da governança, e outras principaes, persuadindo-as a ficarem com elle, para deffenderem os inauferiveis direitos da rainha. Os chefes da opposição descobriram a tramoia, e apressaram-se a espalhar a noticia, acirrando a ira popular contra «os tredores scismaticos que queriam entregar o reyno a cujo não era.» Produziram magnifico effeito as patrioticas fallas dos agitadores; dentro em poucas horas toda a povoação estava em armas, e decidida a cortar a gorja aos scismati-

Digitized by Google

cos. Commandados por Diogo Lopes Lobo, Fernão Gonsalves Darqua e João Fernandes, seu filho, homens da nobreza, subiram os sublevados ás torres da sé, ás janellas e aos telhados do matadouro, que era em logar alto, e de lá começaram a arremessar um chuveiro de virotes contra o castello. Mas este era forte de muros, portas bem seguras e uma solida torre a protegel-o. Seria difficil tomal-o sem grande trabalho e muita perda de gente.

Occorreu então aos assaltantes uma engenhosa lembrança, que poseram logo em pratica, com o melhor exito. Reuniram as mulheres e os filhos dos que lá estavam dentro a defender o castello, amarraram-os bem amarrados aos carros em que os conduziram, collocaram-os á vista dos sitiados, e declararam a estes, que se não se rendessem immediatamente, gozariam o espectaculo de uma boa fogueira, na qual seria assada viva a familia. O chronista Fernão Lopes, narrando com a sua costumada singeleza os successos d'aquelle dia, diz que o expediente adoptado pelo bom povo d'Evora «era um jogo, que os povos meudos em semelhante caso muito acostumavam de fazer.»

Bom jogo, em que o ganho era quasi sempre certo. Os de dentro recusaram-se a assistir ao espectaculo, que tão generosamente lhes era offerecido, e entregaram-se, sob condição de sahirem para fóra da cidade, com todos os seus, a salvo. Foi isto combinado entre os chefes dos dois partidos, e tomaram-se as necessarias precauções contra o vivo enthusiasmo dos vencedores; sahiram os do castello por uma porta da cidade, e fecharam-se todas as outras para que os patriotas não sahissem ao caminho a roubal-os.

Invadindo o castello, os populares cuidaram logo de o saquear, e por ultimo lançaram-lhe fogo «de guisa, diz o chronista, que queimadas casas e quanto em elle havia, ficou devasso, como pardieiro, sem parte defensavel, que em elle houvesse.» Espalharam-se depois pela cidade: muita alegria, muita festa, muito vivorio. De caminho iam assaltando as propriedades dos que «lhe nunca haviam feito erro.» Quizeram obstar a estes desmandos Diogo Lopes Lobão, Fernão Gonsalves, e outros; mas os gloriosos triumphadores não se achavam muito dispostos á obediencia, e lembraram aos impertinentes commandantes, que se effectivamente eram dedicados á causa do Mestre d'Aviz, o melhor de tudo era unirem-se a elle, em Lisboa. Os commandantes acharam o conselho prudentissimo, e seguiram-o. Foi o que lhes valeu, porque já andavam no ar uns zuns zuns de traidores.

Satisfeitissimos por se poderem retirar com as costellas incolumes, seguiram para Lisboa, deixando a cidade entregue á turbamulta, que logo tomou por chefes Gonçalo Eanes, cabreiro, e Vicente Eanes, alfaiate. «E como alguns d'elles diziam, *Vamos a Foão matal-o, ou roubal-o*, logo assim era feito, sem lhe valer nenhum dos grandes da cidade, posto que por elle se quizessem poer.»

Havia ali uma casa de freiras benedictinas, cuja abbadeça, muito parcial da rainha D. Leonor, ouvindo as vozerias dos insurgidos, dissera: *Ex os bebados andam com as suas bebedices: deixayos vós, que ainda se elles mal hão de achar por estas cousas que andam fazendo.* Constaram estas palavras á multidão, que não gostou da rhetorica, e resolveu-se incontinenti dar uma significativa demonstração de desagrado á oradora. Foram ter com ella á sé, onde se achava ouvindo missa com a communidade, e tiraram-a das suas devoções, para lhe ensinarem moderação e cortezia. Ainda no meio da egreja arrancaram-lhe a touca da cabeça, rasgaram-lhe o habito, e antes de chegar á porta principal já lhe haviam cortado «as fraldas de todalas vestiduras,» de modo que ficou uma. Assim a foram levando aos encontrões até á praça, onde um intrepido homem d'armas lhe descarregou uma forte cutilada na cabeça. Cahiu morta, e cahiu-lhe tambem em cima do corpo uma boa dose de cutiladas, porque todos queriam vingar a honra do povo, que ella tinha ultrajado.

Satisfeita a sua justa vindicta, diz o chronista, que os heroicos revolucionarios «foram comer, e buscar outros desenfadamentos.» Cerca da noite voltaram á praça onde o cadaver da boa freira tinha ficado algum tempo em descanço; ataram-lhe uma corda aos pés e arrastaram-o até ao rocio, perto do curral das vaccas. Muitos ditos, risadas: a alegria sã das boas almas. A fadiga de tantos trabalhos em todo o santissimo dia venceu emfim os heroicos patriotas, que foram restaurar as forças nos braços de Morhpheu,=isto é, coser a bebedeira, como diria a abbadeça. No entanto, o corpo d'esta lá ficou ao sereno, até que por alta noite vieram muito escondidamente buscal o alguns adherentes do convento, e dar-lhe sepultura na sé.

O bom povo!

D.

UMA BELLEZA CAMPEZINA (Quadro de W. Reiche)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 29 de dezembro de 1884 — Numero 27

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O diccionario bibliographico do sr. Brito Aranha*, por Pinheiro Chagas.—*Despreso*, soneto, por Arnaldo Armando.—*As nossas gravuras.*—*Em familia*, (*Passatempos*).—*Um conselho por semana.*—*O homem de neve*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*E' falso como Judas!...*—*Uma declaração d'amor.*—*Um bello encontro.*—*Uma sorte difficil.*—*Arcos de Val de Vez.*

CHRONICA

Passou o Natal como passa tudo n'este mundo.

Já se não ouve por essas ruas o *glu glu* monotono dos perus vadios.

Nas egrejas sombrias e humidas calou-se de repente a voz do orgão. A carroça municipal recebeu no seu dorso os esqueletos descarnados das aves chorudas que serviram de repasto ao indigena gastronomo. As frasqueiras da opulencia bem jantada soffreram uma *razzia* que está a pedir novo reforço. Milhares de garrafas esvaziadas attestam, na sua mudez eloquente, que se festejou com largas libações o nascimento do Redemptor.

Das *vitrines* do Seixas, do Benard, da Aguia d'Ouro e do Mattos Moreira, desappareceu já aquella formosa *étalage* de brinquedos coloridos, que foi, durante alguns dias, o enlevo dos *bébés* boquiabertos e risonhos.

As arvores do Natal que ainda se erguem medrosamente ao canto das confeitarias, são umas arvores anemicas e enfezadas, pallido reflexo de festejos extinctos, symbolo emmurchecido d'uma data que passou.

O Natal não é a grande festa da humanidade, não: é a festa das creancinhas e a alegria dos velhos lambareiros.

A tradição diz áquellas que devem deliciar-se recebendo *étrennes* de bonecragem, e prescreve a estes que se rejubilem diante d'um bom perú recheado.

E' FALSO COMO JUDAS!... (Quadro de A. Echardt)

Comer e folgar, eis as supremas aspirações d'este seculo, de todos os seculos passados e futuros. Para fazer uma e outra cousa invoca-se a religião, como ás vezes se invoca a politica. Sim-

Digitized by Google

ples pretexto para encher decentemente os estomagos, sem reparo nem censura.

Quem não folgou, de certo, nem teve a confortal-a nenhum *menu* succulento regado a Champagne Clicot, foi a miseria, a negra miseria escondida nas aguas-furtadas.

Essa estalou de fome e de frio, como sempre, emquanto pelas casas de jantar do mundo feliz se espalhava a fumarada aromatica das iguarias appetitosas. Ninguem ouviu as suas queixas, porque eram soltadas de muito alto.

Outra miseria menos sympathica mas semelhantemente horrenda, a que vagueia pelas ruas, ao acaso, indecisa, rota, asquerosa, aguardava ás esquinas que os ricos passassem, que os mimosos da sorte acabassem de jantar. Tinha tambem fome... o frio entorpecia-lhe os membros... Lançava um olhar cupido para as *vitrines* dos *restaurants*, onde se viam amontoados fiambres, fructos, golodices... Nas suas pupillas dilatadas lia-se como que uma ancia enorme de roubar tudo aquillo. Mas o roubo era a masmorra, a perda completa da liberdade.

Misera liberdade a que serve apenas para exhibir farrapos e para morrer faminto!

E ao passo quo a pobreza andrajosa teve mais um Natal de lagrimas, a loteria de Madrid vazou a sua cornucopia de venturas em muito lar cheio de conforto, avolumando a caudal de riquezas que corria para o bolso dos bemfadados.

Eu não fui dos felizes, juro-t'o. Decididamente a sorte grande é uma coisa que sae só aos outros, e não podia, portanto, vir para mim.

Se ella te bafejou, leitor, felicito-te, e invejo-te!

=O velho tribunal da Boa Hora deu-nos, no principio da semana, um julgamento importante, que chamou áquelle pardieiro remendado e vetusto enorme concorrencia de curiosos.

A proposito d'esse julgamento, em que foi reu um republicano sympathico, e defensor um jurisconsulto archi-illustre, tem-se por ahi discutido largamente, nos clubs e conventiculos politicos, o velho thema:—liberdade d'imprensa.

Todos affirmam que esta amplissima liberdade é perigosa, todos são concordes em asseverar que ella apressa a nossa decadencia evidente, mas todos, tambem, sem excepção de politica, vão tratando de a exercer muito ás escancaras, jacobinos e monarchicos, realistas e republicanos.

Haja algum que seja capaz de arremessar a primeira pedra!

Quanto a nós, o vicio alastrou-se por todas as camadas da imprensa periodica: não é privativo d'estas ou d'aquellas; não se manifesta mais repugnante nem mais asqueroso n'uma determinada parcialidade politica. Se ha peccadores—e ninguem ousará affirmar o contrario—todos nós temos peccado uma vez na vida, pelo menos, e não podemos decentemente imputar aos adversarios o previlegio do delicto.

Já em 1838 o eminente jornalista francez, Emilio de Girardin, fallando da liberdade d'imprensa, dizia:

«Sabeis em que consiste esta liberdade? Em não respeitar cousa alguma; em desprestigiar as instituições, os homens e as coisas; em desnaturar e obscurecer os factos; em negar o que é verdadeiro e affirmar o que é falso; em condemnar systematicamente o que fazem os governos; em tratar de tudo sem saber de nada; em propagar largamente todos os escandalos; em especular com a honra, com a vergonha, com o erro, com a verdade, com o bem e com o mal; em viver d'injurias e d'injustiças, de difamações e de calumnias.»

No anno da graça de 1884, passados mais de nove lustros, ainda a liberdade d'imprensa continua a ser definida da mesma forma. Toda a gente se reputa livre para injuriar e perverter, tendo a consciencia de que collabora n'uma obra de depravação torpissima.

Podem ser exclusivamente recriminados os republicanos? Não nos parece. Ha mais collaboradores no desprestigio d'esta instituição em que todos somos obreiros.

=Disse-te aqui ha temos, referindo-me ao Gymnasio, que a immoralidade d'algumas peças ali representadas pervertia o publico. Um erro.

Quem desmoralisa o theatro, os artistas e os fabricantes d'aquellas peças é o publico citado.

Perdoe-nos o sr. Pinto e releve-nos Gervasio Lobato a nossa parvissima ingenuidade primitiva. Estamo-nos já penitenciando d'esse engano ledo e cego, que não durou muito, por fortuna.

Annunciaram-se em cartazes mirabolantes umas *Lulus* decotadas e impudicas, sem folha de vinha nem resguardos honestos, mais realistas que o proprio frontão municipal.

O jornalismo sério de Lisboa, offendido pela brutalidade d'aquellas scenas mais talhadas para alcouce que para theatro, protestou contra o desvergonhamento das *Lulus* pervertedoras. Não fallava em seu nome, porque se compõe quasi exclusivamente de homens, mas emittia o seu protesto em nome da sociedade, lembrando-se de que as casas de espectaculo são frequentadas pelas nossas irmãs, pelas nossas filhas, por muita esposa digna, a cujos ouvidos não chega, no lar domestico, a nota réles das licensiodades mundanas.

Qual foi o resultado? O theatro encheu-se durante muitas noites consecutivas. A empreza, que esperava um protesto de pés a reforçar o protesto das penas jornalisticas, teve um successo d'applausos e de receitas extraordinarias. Em vez de pateiadas atroadoras, as *Lulus* alcançaram apotheoses soberbas.

E' a eterna historia do pomo vedado.

As indignações da imprensa serviram de *réclame* á peça, e o publico, sedento de escandalo, respondeu com uma gargalhada á ingenuidade parvoinha dos moralistas indignados.

Dias depois, o Gymnasio, para experimentar o gosto indigena e para nos provar, talvez, que foramos uns ingenuos, deu *La femme qui pleure et la femme qui rit*, quatro actos bem feitos, honestos e decentes, matizados de scenas commovedoras, onde transparece a mais sã moral.

Pois sabem o que fez essa creança caprichosa chamada publico? Não gostou nem applaudiu: aborreceu-se; teve gestos d'enfado diante do magistral desempenho da ceia; achou insipida a bella prosa da peça; não consagrou applausos á esplendida creação feita pela actriz Barbara, que mais uma vez se revelou o primeiro talento do Gymnasio; reputou inverosimeis as situações, pouco natural o desenlace, frio o dialogo, incorrecto o desempenho.

E que lhe faltava a pimenta dos ditos equivocos, a malagueta das phrases de bordel.

Dê-lhe obscenidades, sr. Pinto! Castigue-lhe as carnes com o latego do calão ordinario, e verá como se lhe enche a casa!

=Lembram-se da famosa Judic? Coitada!... Depois de ter sido aqui o alvo de estrondosas acclamações, soffreu em Paris revezes esmagadores.

Ninguem é propheta na sua terra!

Por não pagar uns quatro mil francos a certo credor implacavel, a pobre Mam'zelle Nitouche teve de ver vender em hasta publica o seu precioso palacio, com todas as recordações e bellezas que encerrava.

N'aquella encantadora vivenda admiravam-se, nos detalhes mais minusculos, o capricho e a imaginação da bella actriz franceza. Era um ninho de pombas, construido pelas suas mãos *potelées* e setinosas.

Havia ali de tudo, com uma profusão extraordinaria: mosaicos primorosos, tapetes flaccidos de Genova, uma orgia de *bibelots* e de porcelanas caras, tectos pintados a azul e oiro, bronzes soberbos, rendas da epocha de Henrique III, miniaturas preciosissimas do seculo XVIII, crystaes de rocha, quadros de todos os mestres, transparentes de seda da India, jardins de inverno com plantas dos tropicos, muita luz, muito conforto, muita elegancia.

E tudo aquillo foi parar ás mãos de estranhos, para o pagamento d'uma divida, os divans, os tapetes de velludo, as telas symbolicas, a sua alcova tão rica de recordações, onde devem respirar-se perfumes estonteadores...

Pobre Nitouche!

Ainda ella, ao menos, tinha que vender. Muitas das nossas actrizes mal tem com que comprar, coitadas!

C. DANTAS.

O DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO DO SR. BRITO ARANHA

Em 1876 escrevia eu o seguinte, no artigo em que commemorava o fallecimento do erudito bibliographo Innocencio da Silva:

«Se o sr. Brito Aranha, discipulo querido do grande bibliographo, podesse, de accordo com a familia, e na sua qualidade de testamenteiro, conseguir que se aproveitassem os trabalhos do incançavel escriptor, e que se salvassem do esquecimento, reunindo, em volumes preciosos para a nossa historia litteraria, os estudos dispersos por Innocencio em muitos periodicos do paiz, prestaria um verdadeiro e relevantissimo serviço ás boas lettras portuguezas».

O sr. Brito Aranha fez mais e melhor: aproveitando montes de apontamentos que Innocencio deixava, juntando-lhe os fructos excellentes da sua propria investigação, continuava o trabalho monumental interrompido pela morte, e continuava-o aperfeiçoando-o de um modo notavel, porque devemos dizer que o 10.º volume do *Diccionario*, escripto pelo sr. Brito Aranha, é de certo o melhor de todos, o mais abundante de noticias, o mais prestadio aos leitores. Quer isto dizer que o sr. Brito Aranha se avantaje a Innocencio em erudição e meritos de bibliographo? Não, de certo. Basta a gloria que a Innocencio cabe por ter levantado o edificio. Mas o edificio aproveitou muitissimo com os retoques e accrescentamentos do sr. Brito Aranha.

Estão publicados dois volumes da obra do sr. Brito Aranha: o 10.º encerra a continuação do *Supplemento*, o 11.º algumas emendas a essa mesma continuação e os *Indices*, trabalho indispensavel, improbo e esmagador, que facilita prodigiosamente a consulta do *Diccionario*, mas que o sr. Brito Aranha poderia ter deixado para o fim. Os estudiosos que precisam de consultar o

Digitized by Google

Diccionario cá se iam arranjando com os *Appellidos de authores portuguezes* do sr. Allen, e escusava de apparecer no meio dos volumes do *Diccionario* este volume de *Indices*, que ha de ser forçosamente completado no fim da publicação, sendo assim necessario saltar de volume para volume para consultar o *Indice*, sem fallar nas confusões que tambem resultam da dispersão dos *Additamentos*. Hoje, quem quer ter a certeza de que leu tudo quanto o *Diccionario bibliographico* tem a dizer-nos ácerca de um author que se chame Henrique de tal, tem de fazer o seguinte: consultar o vol. 3.º, ir depois aos additamentos d'esse mesmo volume, correr em seguida ao vol. 10.º, sem deixar de ir depois aos additamentos, não esquecendo ainda a consulta do vol. 11.º *in fine*.

São pequenos inconvenientes que em obra de tal utilidade nem merece a pena indicar.

Agradou-nos porém de tal forma o trabalho do sr. Brito Aranha, que tomámos a deliberação de lhe communicar por este meio, de envolta com as nossas sinceras felicitações pela sua excellente obra, as notas que fomos escrevendo á margem dos seus dois volumes, o ultimo dos quaes acaba agora mesmo de se publicar. As notas, que por ora temos ido escrevendo, são as seguintes:

Henrique Barbosa Gonçalves Moreira.—Além da obra que o sr. Brito Aranha cita, este escriptor já publicou mais algumas; como a nota é escripta ao correr da penna, não lhe podemos indicar os titulos. Esta advertencia basta para que o sr. Brito Aranha investigue.

Henrique Corrêa Moreira.—Nem no vol. X., nem no vol. XI mostra o sr. Brito Aranha saber que este escriptor, que ha pouco morreu no Brasil, foi um poeta que teve entre nós a sua hora de popularidade. Era no tempo dos homens fataes, dos desilludidos, dos romanticos de labio desdenhoso. Henrique Correia, estudante de Coimbra, afinou pelo diapasão geral, e deu a nota que o seu tempo desejava. Escreveu o *Sceptico:*

Formosas crenças de outr'ora
De vós que resta? não sei!

Todas as meninas do seu tempo se enthusiasmaram por essas redondilhas. Quando se pedia nas salas que se recitasse uma poesia, o primo da casa mettia os dedos nos longos cabellos, que sacudia depois com um gesto byroniano, passava a mão pela testa como para dissipar as nuvens de uma amarga tristeza, e começava, com o labio arregaçado por um sorriso sarcastico:

Formosas crenças d'outr'ora
De vós que resta? Não sei.
Já me illudistes; agora
Para sempre vos deixei.

Pois o poeta fatal, o poeta da moda era esse Henrique Correia, que partiu depois para o Brasil. Como é ephemera a popularidade! Ha vinte annos, quando se fallava em Henrique Correia, diziam todos, moços e velhos, ignorantes e sabios: Ah! sim! o auctor do *Sceptico!* Hoje, um bibliophilo eruditissimo escreve o nome de Henrique Correia sem suspeitar sequer que fôra elle por muito tempo, segundo era moda então dizer-se, o *Byron portuguez!*

Adiante.

No vol. X e no vol. XI citam-se as duas obras officiaes *O Imperio do Brasil na exposição universal de Paris*, e o *Imperio do Brasil na exposição universal de Vienna*. Faltou citar a terceira, que é a mais recente e a mais notavel das tres: *O Imperio do Brasil na exposição de Philadelphia em 1876*.

João Anastacio de Sequeira—Falta a nota de haver fallecido em 1884, sendo cirurgião-mór de infanteria 5.

João Antonio dos Santos e Silva.—Entre as obras impressas d'este eloquentissimo tribuno, falta ainda citar a seguinte, cuja descripção bibliographica aqui damos:

Discurso proferido na camara dos senhores deputados nas sessões de 24 e 25 de janeiro de 1873 por João Antonio dos Santos e Silva, deputado pelo circulo de Abrantes—Folheto de 59 paginas.—Lisboa. Imprensa Nacional, 1873.

Fr. João Jacyntho—Em livro como este, em que o sr. Brito Aranha accumulou tantas noticias curiosas, folgariamos de encontrar a picaresca descripção que d'este frade faz nas suas admiraveis *Cartas* a respeito de Portugal o celebre viajante inglez William Beckford, que o ouviu prégar um sermão.

D. João Pedro da Camara.—Falta a noticia de que morreu a 13 de fevereiro de 1884.

João da Silva Mendes.—Falta a noticia da obra mais importante d'este cavalheiro tão estimavel e tão estimado, verdadeiro modelo de fidalga bizarria, e de gentilissimas maneiras. Não podemos dizer o titulo, porque repetimos que todas estas notas são feitas de cór, mas historia a rendição da praça de Almeida e trata de rehabilitar a memoria de um militar portuguez injustamente accusado.

Pequenas indicações são estas e de pouquissima monta, mas que mostram em todo o caso o cuidado com que temos folheado o livro e o interesse que elle nos inspira. A' medida que o continuarmos a folhear, segundo as necessidades dos nossos estudos, iremos colleccionando as observações que nos acudirem e que transmittiremos ao nosso illustre confrade quando algum novo volume fôr sahindo.

E' rico este tomo X do *Diccionario* em noticias biographicas que faltavam, não sabemos porque, nos tomos redigidos por Innocencio. Pois o seu illustre antecessor, Barbosa Machado, não lhe legára esse exemplo. Tambem não era menos estranho o exclusivismo de Innocencio, que não dava conta senão de obras escriptas em portuguez, ficando assim incompleta a noticia bibliographica referente a qualquer auctor, que tivesse escripto em portuguez e em latim, e que muitas vezes, n'esta ultima lingua, teria composto exactamente as suas obras mais notaveis.

Vae-nos parecendo que o sr. Brito Aranha não quer seguir esse systema, e com isso folgamos devéras, como folgámos ao ver que a obra monumental de Innocencio encontrára tão eximio e laborioso continuador.

PINHEIRO CHAGAS.

DESPREZO

Ao teu *Jasmim*, ao teu cão,
Dás tu mil beijos d'amor,
Estreitando-o com fervor
D'encontro ao teu coração.

E a mim, que te adoro, então
Quando um beijo por favor
Te supplico, Leonor,
Com desdem dizes-me não!

E este desprezo sem fim
Do *não* sempre para mim,
E os beijos para *elle* só,

Faz-me a tal ponto soffrer,
Que até chego a appetecer
A sorte do teu tótó!

Lisboa, 3—12—84. ARNALDO ARMANDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

E' FALSO COMO JUDAS!...

Custou a ganhar aquelle dinheiro. Alcançou-se a troco de muitas noites perdidas n'um trabalho d'agulha fatigante: representa largas horas d'amargura e de cansaço.

A doce alegria de o possuir fez, porém, esquecer todo o soffrimento passado. Houvesse com que matar a fome, e o mais pouco importava. Podessem com elle pagar-se as dividas, e extinguir-se-ia depressa, como um sonho mau, a lembrança de todos aquelles tormentos enormes.

A primeira a ser contemplada na distribuição dos parcos haveres foi a sordida velhota do quadro, uma feia megera com espelunca de prégo clandestina.

Alma de fel e coração de panthera, a tia Monica emprestava, por *grande favor*, a oitenta por cento ao anno.

Quem não quizesse não lhe fosse bater á porta.

Depois de contar e tornar a contar dezenas de vezes os juros recebidos, a velha agiota procedeu á analyse de cada uma das moedas, piscando o olho direito prescrutador atravez dos oculos ante-diluvianos.

No fim de escrupuloso exame teve um risinho de mofa, e exclamou para a pobre rapariga petrificada:—Este é falso como Judas!

UMA DECLARAÇÃO D'AMOR

Amavam-se. Consequencias d'um baile.

Mas a coisa não tinha passado, até áquelle dia, d'olhadellas a furto e de meias palavras proferidas medrosamente.

Elle era um pouco timido. Ella sahira do collegio e deixara pouco antes os trajes infantis.

O acaso, porém, o acaso protector dos namorados, fel-os aproximar á beira d'um regato, sob as olaias floridas e discretas.

Influencia do local, ou fosse pelo que fosse, elle encheu-se de coragem e vibrou-lhe uma declaração d'amor á queima roupa. Ella ruborisou-se,—não tinha nunca ouvido aquellas coisas estranhas—mas a timidez foi-se pouco a pouco extinguindo, vieram os juramentos solemnes, as phrases do costume, a genuflexão dos casos graves, a permuta d'allianças, a troca de confidencias intimas, e... no fim d'um anno estavam casados.

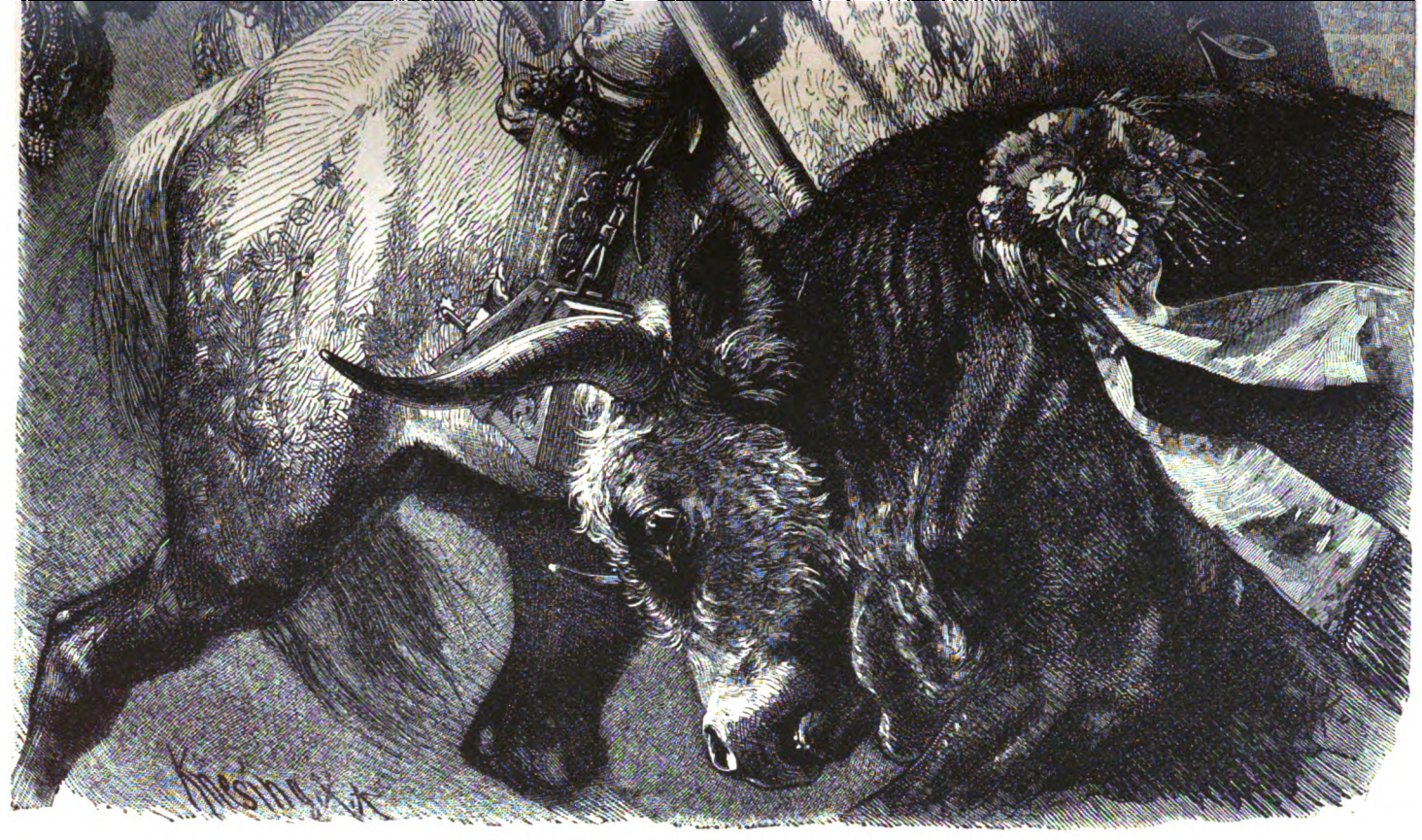
Nem a todos quantos fallam d'amor á beira dos regatos succede o mesmo. Questão de sorte.

Digitized by Google

UMA DECLARAÇÃO D'AMOR (Quadro de Paulo Thumann)

Digitized by Google

Digitized by Google



UMA SORTE DIFFICIL

(Quadro de Kl. Wagner)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UM BELLO ENCONTRO (Quadro de Hugo Konig)

Digitized by Google

UM BELLO ENCONTRO

Encontros d'aquelles só os aprecia devéras quem se vir em circumstancias identicas, abrasado pelo sol do estio, cheio de cansaço por uma andadura de muitos kilometros, a trote e a galope, sobre velhos caminhos pedregosos, atravez de extensos bosques e aridos matagaes.

Ter, ao mesmo tempo, quem nos dê uma sêde d'agua bemfaseja e quem nos offereça dois meigos sorrisos em tal conjunctura, é caso para sentir jubilos ineffaveis, principalmente quando sorrisos e agua são prodigalisados por labios e mãos de mulher bonita.

Se a condescencia vae até ao ponto de offerecer um osculo retinido, então... é oiro sobre azul.

Parece-nos que a rapariga da gravura está disposta a conceder o cubiçado beijo.

UMA SORTE DIFFICIL

E' difficil e arriscada, mas não faltam ao afamado *diestro* os dotes indispensaveis para se sair bem d'ella.

Sobejam-lhe valor, destreza e serenidade. Foi sempre vencedor nas luctas gigantes da arena, abandonando-a victoriado pelos enthusiasmos calorosos da multidão.

Um verdadeiro artista.

ARCOS DE VAL DE VEZ

A villa dos Arcos de Val de Vez está situada na provincia do Minho e pertence ao districto de Vianna.

O terreno é accidentado mas fertil. Tem uma ponte de cantaria sobre o rio Vez.

Alguns factos importantes de que ella foi theatro a tornaram celebre nos annaes da historia patria. O primeiro foi a batalha que ali se deu entre D. Affonso Henriques e D. Affonso VII de Castella e Leão, em junho de 1129.

Os seus arrebaldes são amenos.

Até ao fim do seculo XV chamou-se *Val de Vez*. Quando, porém, ali passou D. Manuel, os moradores armaram grandes e pomposos arcos, e o monarcha ordenou que ficasse denominada *Arcos de Val de Vez*. Alguns escriptores querem que a denominação lhe provenha dos muitos e solidos arcos sobre os quaes está assente a praça.

O pelourinho é dos mais sumptuosos.

A origem da villa quasi que se perde na noite dos tempos. Attribuem-a aos Gallos-Celtas, 350 annos antes de Christo.

A egreja da Misericordia é uma das melhores de toda a provincia.

Tem tres praças notaveis: a da egreja matriz, a da camara e a de S. Braz.

Foi patria de muitos homens celebres, como João Gonçalves Zarco, descobridor da ilha da Madeira, o dr. Bernardino Antonio Gomes, e outros.

O titulo de 1.º conde dos Arcos foi concedido por Filippe III a D. Lourenço de Brito e Lima.

As armas da villa são as quinas de Portugal entre uma esphera armilar e uma cruz de Christo, divisas de D. Manuel.

As ruas são lageadas e todas as casas de cantaria lavrada.

O concelho tem 6:500 fogos e a comarca 9:540.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

SEM RIVAL.—Lisboa.—O enigma é bom. Pode repetir a remessa e será bem recebido.

SAUTERELLE.—Charadas e adivinhas populares são duas coisas distinctas. Das primeiras temos volumes. Das ultimas não ha tamanha abundancia, mas, em todo o caso, não foi a escassez do genero que motivou a repetição. O sr. *Sauterelle* nunca errou?

S. B.—Lisboa. - São correctos os seus versos, mas não nos parecem compativeis com a feição d'este semanario. Ficam melhor n'um jornal burlesco, pelo seu feitio de gazetilha. Concorda?

EXPEDIENTE

Nenhum manuscripto enviado a esta redacção será restituido ao seu signatario, mesmo que se não publique.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta flor junta a uma composição lyrica dá uma arvore—2—3.

Faz bem a este mal o meu protector—4—1.

O professor corre porque possue este livro—4—2.

UM ASSIGNANTE.

Sendo virtude esta flor é prospera—1—1.

Na musica esta conjuncção é appellido—1—1.

Esta preposição vê-se n'uma flor que não é minha mas que é duradoura—1—1—2.

ANGRENSE.

Na musica esta cidade é villa - 1—2.

Porto. J. C. VASQUES.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avéssas cidade—2.

A's direitas montanha e ás avéssas pula—2.

Braga. AUGUSTINHO D'ALAMÔRDIA.

EM TRIANGULO

. . . . .	Instrumento cortante
. . . . .	Mulher
. . . . .	Nas arvores
. . . .	Nos exercitos
. . .	Flor
. .	Verbo na 3.ª
.	Artigo

Braga. AUGUSTINHO D'ALAMÔRDIA.

EM VERSO

(A Annibal Trigo)

Este adjectivo francez—1
Com este triste animal—2
E' uma villa, meu caro,
Das villas de Portugal.

Porto. J. C. VASQUES.

Aqueço e confórto.—2
Sou centro de lida.—3
Se esta te falta,
Não reges a vida.

Monchique. S. GALVÃO.

EM QUADRO

(Por syllabas)

—	—	—	Nas magicas
—	—	—	Nas tabernas
—	—	—	No Limoeiro

CHARADA CALEMBOUR

Diminuindo — No carcere—2—2.

F. COELHO.

QUEBRA-CABEÇAS

Com as vogaes a, e, i, o, u, empregando duas vezes uma d'ellas; e com as consoantes c, d, r, s, sendo uma d'estas repetida, formar uma palavra de onze lettras.

Formar uma palavra de oito lettras, em que entre uma só vogal e as consoantes r, p, m, repetidas—vogal e consoantes—tantas vezes quantas fôr necessario para se obter o fim proposto.

Bensafrim. G.

LOGOGRIPHOS

Nome de homem—2—3—4—5—11—3
Nome de mulher—7—2—11—3—2
Nome de homem—2—7—10—3—4—6
Nome de mulher—9—2—3—4—5—2

Digitized by Google

Nome de homem — 4—5—8—9—10
Nome de mulher—1—10—3—4—5—2

Nome de homem

Mertola. A. M. C. Junior.

(Aos meus patricios)

Uma planta que dá flor—3—2—3—6—8
E que n'um altar se vê—6—8—3—7—2
Irrompe com arremesso—1—2—3—6—8
No mappa, aonde se lê—3—7—4—5—2

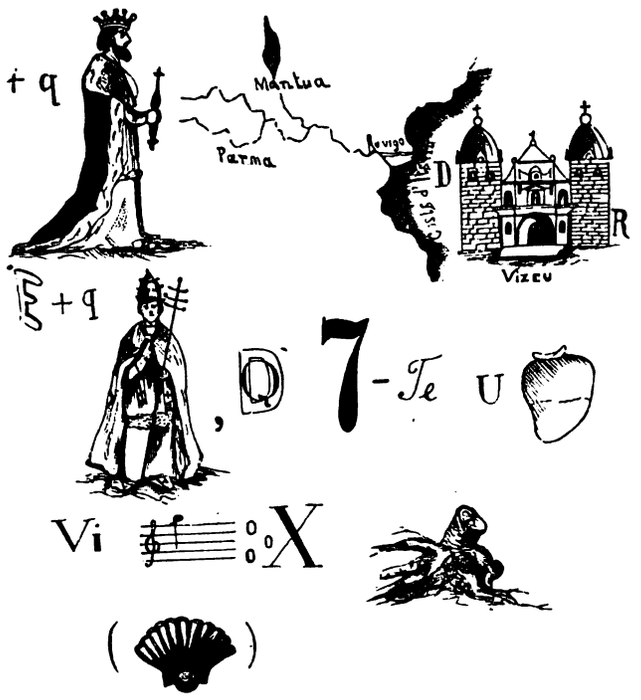
E' um nome bem bonito:
Talvez... basta! tenho dito!

(A primeira pessoa que apresentar a decifração d'este logogripho na pharmacia da Misericordia de Santa Comba Dão, receberá ali, em premio, um exemplar do livro *No theatro e na sala*).

Santa Comba Dão. Estacio.

ENIGMA PITTORESCO

N.º 7



Bensafrim. G.

PROBLEMA

Proposto por Busschop

Decompôr um quadrado em 8 partes taes, que sendo convenientemente reunidas, formem separadamente dois quadrados, um dos quaes seja o dobro do outro.

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:—Dominó—Cravoilha—Henriqueta—Carlos Magno—Novara—Soria—Diario—Cantochão—Parlamento—Pará.
Do logogripho:—Logogripho.
Do enigma em acrostico:—Thiophilo Braga.

A RIR

Um director de certo jornal americano é accommettido d'uma apoplexia fulminante, momentos antes da tiragem do seu periodico.

A familia do enfermo diz que vae mandar chamar um medico, para o fazer viver mais duas horas.

O moribundo, muito sereno:

—Mais duas horas? N'esse caso dariam os jornaes da noite a noticia da minha morte em primeira mão!... Nunca!...

E morreu heroicamente.

*

Epilogo d'uma conversação:

—Fulano é tão mentiroso que nem mesmo podemos acreditar o contrario do que elle diz!

*

—Mamã, porque é que os anjos são sempre rapazes e nunca raparigas?

A mãe, depois de ter reflectido um instante:

—Para evitar os escandalos no Paraiso.

Um Dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA OBTER AGUARDENTE DE BAGAÇO DE UVA, SEM SABOR DESAGRADAVEL

No fabrico da aguardente de bagaço de uva é costume geralmente adoptado sujeitar este em substancia á distillação, obtendo-se assim uma aguardente de um sabor empyreumatico, sómente toleravel pelos paladares grosseiros ou estragados.

Para obter aguardente de melhor qualidade recommenda-se o seguinte: tratar o bagaço por agua tépida, deixando que elle soffra uma nova fermentação; d'aqui um vinho frouxo, que, distillado, dá uma aguardente de boa qualidade.

Se se quizer aproveitar depois o proprio bagaço, obter-se-ha uma aguardente inferior, que póde, todavia, melhorar-se consideravelmente, redistillando-a, filtrando-a por fitas de madeira de freixo, e desprezando o primeiro e ultimo producto—cabeça e cauda da distillação.

O HOMEM DE NEVE

(JEANNE THILDA)

Pam! pum! os projecteis choviam, o inimigo foi bombardeado; as assaltantes riam a bandeiras despregadas; as bolas de neve, derretendo-se, encharcavam o fato, que pingava por todos os lados; córadas, animadas, as faces incendidas, as mãos sem luvas para melhor construirem o boneco, que se elevava no meio do jardim, Luiza e Margarida,—Luiza, sou eu—lançavam gritos de triumpho diante da obra prima, que tinha o bonito aspecto de um enorme espantalho.

Acabavam de arranjar-lhe as mãos, e na cabeça collocaram-lhe um grande chapéo de palha esquecido, desde o verão passado, em um canto do pateo; parecia um grande urso erguido nas patas trazeiras; depois de lhe desenharmos as sobrancelhas a carvão e de lhe fazermos a bôcca com um bocadinho de panno encarnado, o boneco ficou tão horrendo, que Margarida, que ia fazer seis annos, abraçou-se a mim, tremula de susto.

Como eu já era uma mulhersinha de quinze annos, tranquillisei-a, atirando-lhe um torrão de neve á cara; ella correspondeu-me na mesma, e eis-nos correndo uma atraz da outra, bombardeando-nos mutuamente, atravez de gritos e de gargalhadas!

De repente, parámos aterradas! Uma grande bola de neve, mal dirigida, saiu pela grade do portão e foi achatar-se na cara de um sujeito que passava na estrada; o sujeito estacou, atordoado, sacudiu-se, e depois de ligeira hesitação, puchou pelo cordão da campainha.

Calcule-se a nossa afflicção! Vinha queixar-se á mamã, não havia que duvidar; as duas irmãs, pallidas, commovidas, encaram-se com um desespero mudo. Margarida, pensando apenas em salvaguardar a sua pessoa, fugiu para casa, deixando Luiza sósinha, na espectativa de um acontecimento terrivel, invocando toda a sua coragem para affrontar o inimigo que se approxima!

O inimigo, porém, não era nada assustador: moço, phisionomia affavel, faces pallidas e um bigode russo; transparecia nos seus movimentos um acanhamento, que me tranquillisou um pouco; dirigi-me ao seu encontro, dispondo-me a pedir-lhe desculpa do nosso estouvamento; n'essa occasião, elle tirou o chapéo e perguntou-me, com expressão timida, se a sr.ª de B. . morava ali.

—Sim senhor, respondi, contrariada; mas faz mal, insistindo em queixar-se; Margarida é uma creança, que atirou a neve sem saber ..

N'este ponto fui interrompida pela voz da mamã, que gritava do pateo: «Entre, sr. Dufour, julguei que já não viesse; vou apresentar-lhe as minhas rapariguinhas, suas novas discipulas!»

O sr. Jorge Dufour, o homem da bola de neve, era o explicador de meu irmão Paulo, que deveria dar-nos, a mim e a Margarida, lições de grammatica e de francez.

*

Paulo era um discipulo mediocre, que preferia uma partida de

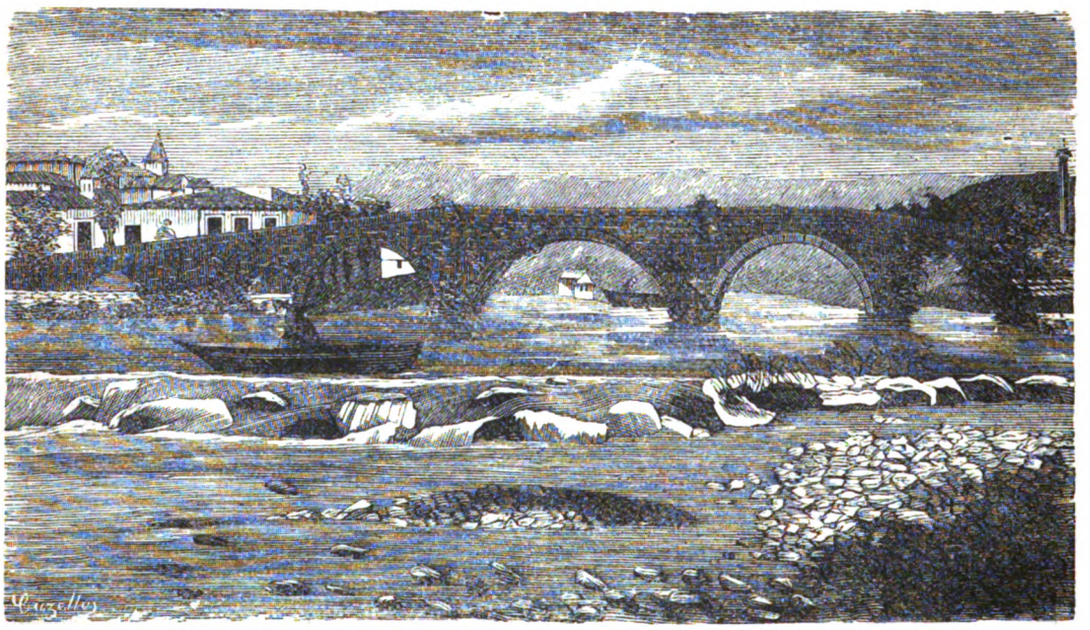
Digitized by Google

bilhar á descripção das façanhas de Roland em Roncevalos. Margarida, muito creança, bocejava e adormecia no meio da lição. Só eu escutava attentamente o professor; experimentava um prazer extremo em ouvir a sua voz, um pouco arrastada, e quando os seus olhos azues se fixavam nos meus, sacudia-me um calafrio de um encanto singular; admirava as suas mãos apuradas e as suas gravatas presas por um alfinete de coral; parecia-me elegante e distincto, e eu perguntava a mim mesma em virtude de que capricho da sorte estaria esse homem, bonito e instruido, reduzido á humilde tarefa de ensinar tres incorrigiveis preguiçosos a conjugarem verbos irregulares.

E todavia, eu não era preguiçosa; passava as noites a copiar themas, a cumprir os meus deveres para agradar ao sr. Dufour, e quando elle me dizia: «Muito bem, menina Luiza, estou satisfeito», parecia-me que me nasciam azas.

Não tardou que o meu caracter mudasse completamente: não podia supportar os brinquedos no jardim; alcançara licença da mamã para usar vestidos compridos, e passeava vagarosamente nas avenidas, de livro na mão, meditando n'aquelle que enchia a minha vida.

Ia fazer dezeseis annos, era bonita, fallava-se na cidade dos meus olhos côr de avellan e dos meus cabellos loiros; a nutrição ainda não tinha chegado, mas Jorge devia saber que os contornos não deixariam de accentuar-se.



ARCOS DE VAL DE VEZ

Porque não me amaria elle?

Minha mãe dizia, a quem queria ouvil-a, que era bastante rica para deixar ás filhas ampla liberdade na escolha dos seus maridos. Eu poderia, por conseguinte, fazer a fortuna de Jorge, arrancal-o á miseria! A este pensamento o meu coração palpitava, os olhos enchiam-se-me de lagrimas! O nome Dufour parecia-me o mais sonoro de todos os nomes.

O meu unico pezar provinha da timidez do meu namorado; Jorge nunca me fizera a menor declaração, e quando as nossas mãos se encontravam, era tal a minha perturbação que não tinha consciencia se elle me apertava ou não os dedos.

*

Um dia de verão, ao regressar da cidade, atravessei o jardim; pareceu-me ouvir pronunciar o meu nome em um pequeno kiosque, contiguo ao pomar; approximei-me e reconheci a voz da mamã e a de Jorge.

—Sim, dizia a mamã, sei quanto o senhor a ama, mas, por Deus, espere ainda alguns dias; é preciso annunciar a Luiza o grande acontecimento; ella é tão creança que não sei como hei de dizer-lhe...

— A menina Luiza é tão boa para mim.

—E' verdade, volveu a mamã, pois bem! fallar-lhe-hei esta mesma noite.

Não querendo ser surprehendida em flagrante delicto de espionagem, fugi apressadamente.

De resto, tinha ouvido o sufficiente; a mamã consentia; referira-se ao amor de Jorge; julguei que enlouquecia de alegria, e encontrando Margarida, que corria para mim, abracei-a apaixonadamente e desatei a chorar.

A' noite, na occasião em que Jorge se dispunha a recolher-se ao seu quarto, pedi-lhe que me acompanhasse um momento ao jardim.

Elle mostrou-se um pouco admirado, mas condescendeu; descemos ambos as escadas do terraço.

A noite tinha o encanto penetrante que a natureza parece reservar aos que se amam. Os cytisos, de cachos doirados, scintillavam no escuro; as roseiras e os geraniums impregnavam o ar com os seus aromas suavissimos, o céo tinha a pureza do crystal, e cada brisa que soprava espalhava no chão as petalas brancas de uma acacia em flôr.

Elle offerecera-me o braço, caminhavamos lentamente, desejava ouvir da sua bocca a divina confissão, na qual se acredita tão facilmente aos dezeseis annos: visto que elle ia ser meu marido, queria gosar o jubilo de lhe dizer quanto o amava.

Jorge foi o primeiro a quebrar o silencio.

—Disse que queria fallar-me, menina Luiza, murmurou docemente.

—Sim, sr. Jorge, ou antes desejava escutal-o; já não sou uma creança, e confesso-lhe que ouvi no kiosque...

A minha perturbação não me deixou concluir.

—N'esse caso, volveu Jorge, não ignora quanto me custa deixal-os, a si e a Margarida e Paulo.

—Deixar-nos, exclamei assombrada, e porque, grande Deus?

Apertei-lhe o braço com extraordinaria vehemencia, a lua devia illuminar o meu rosto branco; elle teve um brusco sobresalto, como alguem que descobre um facto inesperado, e pegando-me na mão, levou-me para a sala, onde minha mãe bordava.

—Minha senhora, disse Jorge, que tambem me pareceu muito pallido, queira ter a bondade de explicar á menina Luiza o motivo, em virtude do qual sou obrigado a ausentar-me.

A mamã levantou os olhos para nós, e vendo que a minha mão ficára na de Jorge:

—Sim, é triste, bem sei; entendiam-se perfeitamente; mas é preciso resignares-te, Luizinha; elle não te deu a noticia: é pae, desde hontem, o pobre Jorge, e quer ir reunir-se a sua mulher; bem comprehendes que não devemos ser egoistas...

De subito, minha mãe calou-se; o olhar desvairado, pallida como a renda que tinha na cabeça, lancei uma gargalhada estridente e aguda como o grito de um animal ao degolarem-o, e cahi no tapete, estorcendo-me, nas convulsões de um ataque de nervos.

*

A neve cahe abundantemente no jardim, uma figura branca ergue-se no meio da relva; gritos, gargalhadas resoam, chamando-me á janella: «Venha ver, avósinha, depressa; venha ver o homem de neve!» e os meus netos, rosados, sacudindo as cabecitas loiras, para fazerem cahir os flocos de neve, atiram-me beijos nas pontas dos dedos enregelados. Contemplo o boneco e recordo-me! Os meus labios enrugados tem ainda um sorriso para esse juvenil amor, desabrochado sob a neve e morto no meio das flores.

Requiescat in pace!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 5 de janeiro de 1885 Numero 28

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Os casamentos na Coréa*, por X.—*Esplendida*, soneto, por J. de Sousa Monteiro.—*As nossas gravuras.*—*Em familia.* (*Passatempos*).—*Um conselho por semana.*—*Por bem fazer...*, por Guiomar Torrezão.—*Contos do Natal*, por Mitaine de seda.

GRAVURAS.—*Quinta de Bellas. A despedida.*—*Com a luneta do pae.*—*Uma elegante.*—*Uma entrevista.*

CHRONICA

Mais um anno que passou. Mais uma ruga e um cabello branco que nos ficam.

1884 morreu como tinha vivido, cholerico e tristonho. 1885 nasceu como nascera aquelle: pallido, anemico, sombrio e agoirento.

Póde haver por ahi alguem que sinta saudades do anno morto? Não creio. Saudades provoca-as quem foi grande e bom, clemente e justo; inspira-as quem viveu sem praticar erros e villezas, exemplificando a moral, a caridade, o bom senso e a justiça. Tem jus a bençãos sobre a campa e a menções honrosas na historia o que morreu legando coisas uteis á humanidade.

Ora não me consta que o fallecido 84 nos tenha legado alguma d'essas coisas, ao findar a sua existencia ingloria de 366 longos dias.

Na politica deu-nos o desencadear de mil paixões ruins; um embate constante de egoismos, de rancores, d'odios intensos, d'invejas liliputianas, de aspirações incommensuraveis e injustificadas, de insoffrimentos ridiculos; um acervo de luctas demolidoras, d'injurias reciprocas, de calumnias vilans; uma tempestade cruenta de recriminações e doestos, de diatribes e insultos.

Foi isto, pouco mais ou menos, o que aquelle dementado nos deu na politica, uma politica atrabiliaria e improductiva, sem concatenação nem ordem nem tino.

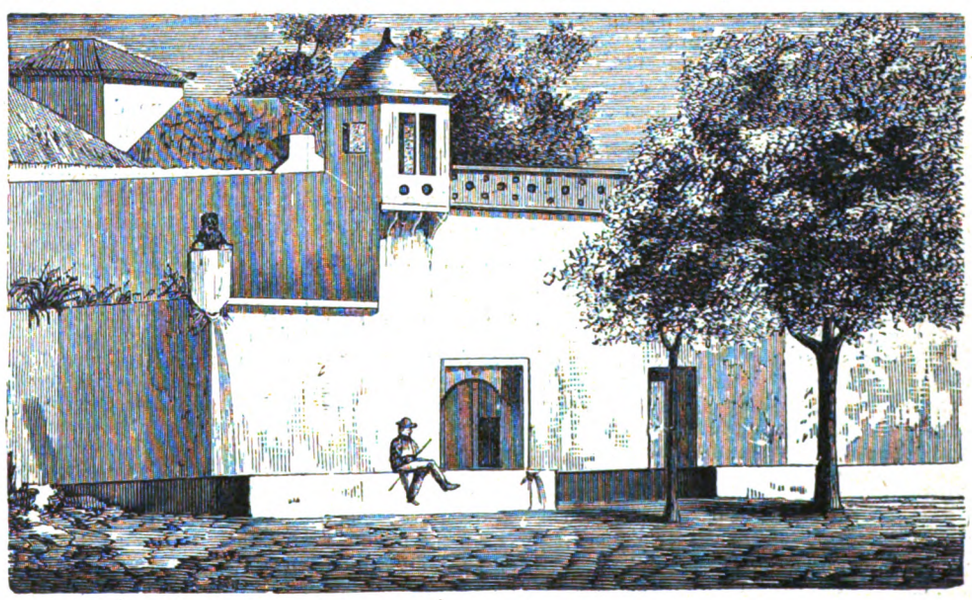
No romance, quasi nada.

No livro de sciencia, idem.

No jornalismo, o mesmo que na politica: O insulto a substituir o bom argumento persuasivo; o arrocho a fazer as vezes de penna.

Cresceu o numero de jornaes para que o numero de polemistas sem escrupulos avultasse com elle. Crearam-se mais folhas periodicas para que isto tudo se desmoralisasse mais depressa. Nenhuma das que vieram teve forças para fugir á tentação. Filiaram-se todas na mesma escola pervertedora da affronta, da insidia, do ultraje, n'essa escola desgraçadamente vazia d'intuitos generosos e de idéas alevantadas, onde impera a malquerença, onde pullulam tantas invejas torpes, onde se esmagam e definham tantas crenças nobilissimas.

Nas artes, deu-nos um pallido arremedo do que se faz lá fóra. Incapazes de produzir, copiamos systematicamente, mas a copia fica-nos sempre incorrecta, sem vida, sem colorido. Em pintura exhibio-nos umas simples tentativas. Em musica, umas imitações vulgares. Em esculptura, coisa nenhuma, ou pouco menos que isso.



QUINTA DE BELLAS

Digitized by Google

No theatro, apresentou-nos tres ou quatro originaes, quando muito, e mil traducções desgraçadas de peças francezas, das que em Paris se arremessam para o barril do lixo da banalidade insulsa. Quer isto dizer que faltem talentos capazes de produzir, cada anno, maior numero d'originaes portuguezes? Não. O que ahi falta é o bom senso da critica. O que não ha é a protecção das emprezas theatraes para o escriptor que se abalança a uma tentativa d'aquelle genero. Os nossos criticos de polpa, os proprios que irrompem em exclamações prudhommeseas a proposito da escassez de peças originaes, atiraram-se agora á *Chlenu* como S. Thiago aos mouros, e atiram-se a tudo quanto seja original, por vicio, por habito, por feitio, pode ser até que por manifesta incapacidade de produzir *Chilenas*.

Pelo seu lado as emprezas, reputando mais em conta as traducções mascavadas, deitam-se nos braços dos traductores de fancaria, e acham que não vale a pena proteger a litteratura nacional.

D'ahi, o esmorecimento d'Antonio Ennes, o descontentamento de Fernando Caldeira, o perpassar rapido dos *Lazaristas* e das *Mentiras de rendas*, o reinado, sem competencia, das comedias imbecis que os francezes exportam.

D'ahi, finalmente, o estado de vergonhoso abatimento a que chegou o nosso theatro no anno defuncto.

Houve, em tempo, uns peregrinos que faziam voto de ir até Jerusalem, dando dois passos para a frente e um para traz.

A litteratura dramatica nacional é um arremedo d'esses peregrinos, mas ha, entre ella e elles, uma pequena differença: em vez de dar um passo para traz e dois para diante, a referida litteratura dá só um para diante e dois para traz.

Os optimistas, os que sympathisaram com o anno extincto, veem, por certo, dizer-nos que não tivemos o cholera.

Tambem, era melhor matarem-nos, darem logo cabo de tudo isto n'um abrir e fechar d'olhos.

Não tivemos o cholera, Deus louvado, mas soffremos o susto, que já não é pouco. Houve mesmo quem morresse de medo.

Os hespanhoes, diga-se a verdade, levaram-nos a palma em assumptos de epidemia cholerica, como hoje ainda nol-a estão levando em força e numero dos tremores de terra que lhes desmoronam as povoações.

O cholera dizimou-lhes a população d'Alicante. Os abalos terrestres arrasam-lhes a formosa Granada, arruinam-lhes trezentos edificios em Malaga, semeiam o pannico em Nerja, destroem Ijagena, levam o luto, a desolação, a miseria e a morte a milhares de familias.

Nós, um pouco mais felizes, tivemos apenas o receio da epidemia, e um simulacro de tremor de terra, que não produziu estragos.

Se ambos os flagellos se lembrassem de exercer aqui as suas raivas devastadoras, adeus patria de Camões.

A Hespanha tem população de sobra para fazer face ás furias implacaveis da peste e do terremoto.

Pode muito bem ser até que estas calamidades por que vae passando sejam providenciaes para ella e para nós.

Quem sabe!...

E poderá ainda haver alguem, dentro e fóra do paiz, que morra d'amores pelo 84 fugitivo, que lhe vote uma lembrança, que lhe consagre uma saudade? Duvidamol-o.

A nós arrebatou-nos amigos e companheiros que prezavamos; dedicações sinceras cuja perda deploramos ainda. Trouxe-nos desenganos cruelissimos. Vibrou-nos golpes tremendos, pela mão negra e desapiedada da adversidade.

Aos nossos visinhos hespanhoes levou o horror dos pronunciamentos; as discordias politicas; as sangrentas revoltas da mocidade academica; o flagello que assolára a Italia e a França; as convulsões do solo, que transformam em ruinas cidades formosas, cheias de vida e de movimento.

A França, onde as artes tambem esmorecem, as industrias definham, o theatro decahe a olhos vistos, e a moralidade é uma palavra riscada dos diccionarios, vê-se a braços com assustadoras crises politicas, economicas e financeiras; faz penosamente a guerra na China e no Tonkin, uma guerra cruenta e interminavel, onde malbarata dinheiro e vidas sem conto.

A Inglaterra vê ir-se eclipsando o seu enorme poderio d'antigas eras; não leva a melhor no Egypto, com os fanaticos sectarios do Mahdi, e lucta em vão contra a dynamite dos fenianos.

A Russia é esmagada pelo nihilismo invisivel, que condemna e mata summariamente.

Por toda a parte a desgraça e o luto, a furia dos elementos, da peste, da politica, do fanatismo, da rebellião e da guerra, devastando a pobre humanidade, provocando lagrimas, atiçando odios, abrindo sepulturas. .

E, se ao menos, podessemos alimentar uma vaga e doce esperança de melhores tempos... Se o nascente 85 viesse desfolhar um *bouquet* de sorrisos e de flores perante os nossos olhos onde tantas imagens sinistras se r tratam ainda...

Mas não. O mofino nasce sombrio e triste... Inicia-se por tempestades e incendios. Começa por nos enviar prantos do ceu, e acabará enviando-nos festas como as de agora, pallidas e frias, sem enthusiasmos nem brindes expansivos, sem alegrias ruidosas nem explosões de sincero e intenso regosijo.

Foram essas as que eu tive, as que tu mesmo tiveste, leitor carissimo. Suppor-te outras, nos tempos d'insipidez e de negra semsaboria que vão correndo, seria imaginar o ceu na terra, o paraizo na Baixa, o ideal n'uma agua-furtada sem luz.

Desculpa-me, pois, se te não endereço os comprimentos banaes do estylo, ao despontar d'este novo anno. Não m'os endereces tu tambem, e ficaremos quites. Desejar boas festas a quem não as teve, é uma irrisão, chega mesmo a ser uma affronta.

=No meio d'esta funda tristeza elegiaca, sabes tu o que ainda nos vale? E' S. Carlos, é a Devriés portentosa, é a encantadora Novelli com o seu *embonpoint* fresco e adoravel; é a sympathica Borelli com a sua voz crystallina d'emissão purissima; são os deslumbramentos da *Aida*, as promessas risonhas do *Rigoletto*, o extraordinario desempenho do *Hamlet*, as seducções do *Guilherme Tell*.

O *Guilherme Tell*. . Faz-me saudades esta opera, saudades d'uma rapariga italiana de rara belleza, que ali se nos exhibiu bailando graciosamente, e que a voragem do tumulo acaba de tragar sem pena.

Passou como um meteoro pelo tablado de S. Carlos. Sei que era encantadora, mas não posso traçar-lhe o perfil de memoria. Só posso votar-lhe a saudade que nos inspira tudo quanto é infeliz e bello. Só me é dado inscrever na chronica o seu nome talvez esquecido por todos quantos a admiraram uma noite:—Josephina Baetta.

A esta fascinadora artista, que, ao invez de Fanny Essler, não teve quem lhe consagrasse necrologios, podem applicar-se bem os dois versos seguintes, imitados de Lafontaine:

Elle avait, en naissant, reçu de Terpsichore,
Les dons qu'à ses élus cette Muse a promis!

Apesar d'esses dons, e da sua gentileza radiosissima, foi uma desgraçada; morreu quasi ao desamparo, affastando da hedionda doença, que a prostrou, admiradores e amigos.

Ha pouco apparecia-nos risonha, com o collo constellado de diamantes, que lembravam raios de luz sobre um corpo de deusa. Hoje é apenas um cadaver denegrido e asqueroso, coberto de podridões e de vermes.

Pobre Josephina!

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

I

O titulo que damos a esta serie de artigos era o que melhor caberia, parece-nos, aos tres excellentes volumes, com que o sr. Gomes de Amorim acaba de enriquecer a litteratura contemporanea. Não o tiveram talvez, porque o plano primitivo da obra se foi ampliando á medida que o seu auctor a foi escrevendo, de fórma que, tendo principiado realmente com o caracter exclusivo de uma minuciosa biographia, afinal houvesse tomado o caracter de um estudo amplo da sociedade em que Garrett floresceu e brilhou.

Começa a obra effectivamente por se emmaranhar n'um dedalo de investigações genealogicas, um pouco dispensaveis talvez, e, como tanto terei que louvar em obra tão proveitosa e tão notavelmente architectada, começarei tambem por fazer uma censurasinha preliminar. Porque é que o sr. Gomes de Amorim se obstina, com um *encarniçamento* (perdôe o gallicismo) extraordinario em demonstrar até á saciedade que Garrett blasonava de fidalgo sem o ser, e levou toda a sua vida a disfarçar a edade que tinha? E tanto mais curiosa é essa insistencia, da parte de um escriptor tão sinceramente affeiçoado ao seu heroe, quanto afinal de contas está longe de ficar demonstrado plenamente que não corresse nas veias do grande poeta o sangue aristocratico dos Garrets da Irlanda! O que se mostra simplesmente é que, apesar das mais activas diligencias do biographo, não lhe foi possivel encontrar documento por onde se averiguasse a filiação de Antonia Margarida Garrett. Ora não valia a pena tratar tão rudemente, por um desejo exaggerado de mostrar imparcialidade, as pretenções aristocraticas do poeta sem ter a certeza absoluta de que ellas fossem de todo o ponto despidas de fundamento.

Tambem nos causa desagradavel impressão a insistencia em pôr em relevo a fraqueza de Garrett, que desejava passar sempre por mais novo do que era. Bastava indical-a uma vez, e não valia a pena repetir a observação. E' que estas insignificantissimas coisas dão um ar estranho de hostilidade a um estudo, que é aliás inspirado pelos mais ardentes sentimentos de veneração e de enthusiasmo.

A mim, que tive sempre por Almeida Garrett, desde criança,

Digitized by Google

desde que principiei a lel-o, o culto mais apaixonado que a um homem de letras se póde tributar, é-me devéras agradavel entrar com o sr. Gomes de Amorim na intimidade d'aquelle grande espirito, e seguir passo a passo a sua educação e o seu precoce desenvolvimento. Nascido no Porto em 1799, n'uma casa da rua do Calvario, casa que ainda hoje existe, passou comtudo uma boa parte da sua infancia em duas quintas dos arredores da cidade—a quinta do Castello e a do Sardão. A primeira tinha por guarda a velha Brigida, a segunda a mulata Rosa de Lima. Qual é o leitor de Garrett que não conhece estes dois nomes? os nomes das duas velhas criadas, que lhe semearam no espirito a paixão pelas trovas populares, pelos contos de fadas, pelas tradições nacionaes! A educação classica, que lhe foi dada por uns tios, o famoso bispo de Angra, e José Carlos Leitão, delio por algum tempo estas recordações infantis: mas quando o espirito de Garrett, na emigração, se começou a namorar da musa romantica que elle foi encontrar em Inglaterra, donosa e melancholica, a mirar no espelho crystallino dos lagos a pallida fronte tomada de violetas e de goivos, as lembranças d'esses cantos populares tão queridos da sua infancia acudiram em chusma á sua memoria, e percebeu logo, por uma rapida intuição, que lhe brotava em jorros d'essas reminiscencias queridas a verdadeira Castalia de uma nova poesia. Quando a velha Brigida, julgando ter adormecido com as suas historias os seus queridos pequenos, via os olhos do Joãosito muito abertos a cravarem-se nos seus, avidos de maravilhoso, não suppunha que lhe ia dever, a esse gentil curioso, a immortalidade como chronista-mór de encantamentos, e quando a boa da mulata allegava ingenuamente que a alma do seu querido amo não voltára ao mundo, porque se não iria de certo sem apparecer á sua fiel serva, não imaginava tambem que essas palavras, postas na bocca de um dos personagens de *Fr. Luiz de Sousa*, fariam correr nas platéas um calafrio de enthusiastica admiração.

A invasão franceza obrigou a familia de Garrett a abandonar o Porto e a refugiar-se primeiro em Lisboa, e depois na ilha Terceira, e ahi vão actuar novas influencias no espirito do futuro poeta. Como nos foi dado conhecer de perto a boa Brigida e a Rosa de Lima que entreviramos nas notas do *Romanceiro*, vamos conviver agora com o erudito bispo, que inspirou a Garrett um profundo respeito pelos classicos, que lhe formou o gosto litterario, com José Carlos Leitão que desempenhou até certo ponto na infancia de Garrett o papel que na infancia de Lamartine desempenhou aquelle velho poeta classico, todo apurado e correcto, de que o grande poeta francez nos falla no prologo das *Meditações*. Costumou-o tambem a encantar-se com a forma compassada do metro bocagiano, a enamorar-se dos sonoros hendecasyllabos, a considerar um poeta como um ente magestoso que constituiu desde então o ideal das suas aspirações de criança.

Vê-se pelo livro do sr. Gomes de Amorim que Garrett foi tambem uma criança precoce, e que a sua infancia podia figurar no livro da *Bibliothéque Rose*, intitulado *Infancias celebres*. Umas bulhas que teve com o seu mestre de latim inspiraram-lhe a primeira composição poetica da sua vida—uma satyra nem mais nem menos. Garrett parece que julgou até por algum tempo que seria essa a sua vocação especial.

Mas a aventura mais original da infancia de Garrett é sem duvida a do sermão prégado por elle na ilha Graciosa. Fôra ali visitar seu tio, José Carlos Leitão, e, como se destinava ao estado ecclesiastico, e era já minorista, suppomos nós, levava as suas vestes talares. Antes de ir para casa do tio, encontrou-se com o juiz de uma irmandade, que andava muito atrapalhado por lhe faltar o prégador com quem contava para o sermão do orago da sua freguezia.

—Quer o senhor que eu prégue? diz-lhe o poeta adolescente.

—Ora! o menino pode lá!

—Posso, sim senhor, olhe que eu sou sobrinho do bispo!

—Ah! isso é outro caso! mas...

—Qual mas nem meio mas! Lembre-se que eu prego de graça.

O argumento foi decisivo. Era o *sem dote* de Harpagão.

Acceite a offerta, aqui temos nós o nosso rapazeiho a caminho do pulpito. Quando subiu, e se achou em presença da massa dos fieis, confessava Garrett depois que se sentira um pouco atrapalhado; mas já não havia meio de recuar sem ridiculo. Tratava-se de morrer ou de vencer. Superadas as primeiras hesitações, assenhoreou-se do assumpto e elle ahi vae. O futuro orador da Constituinte de 37, o famoso discursador de Porto Pireu estreiou-se na Graciosa de um modo digno dos seus futuros triumphos O povo fez-lhe uma ovação, andava no arraial atraz d'elle a victorial-o, e Garrett saboreou assim pela primeira vez as alegrias da popularidade.

Quem ficou a um tempo surprehendido, enthusiasmado e irritado com a noticia foi o tio José Carlos. Homem de bom senso, viu em primeiro logar que esta rapaziada podia ser desagradavel ao bispo, o qual poderia ser obrigado a punir o sobrinho, que assim brincava com as coisas a que um prelado maior obrigação tinha de manter severamente o seu caracter de seriedade. Depois enthusiasmou-se com o talento do rapazote, mas disse, abanando a cabeça:

—E' uma pena que este rapaz venha a ser padre!

—Pena! pois se elle já prega tão bem! diziam-lhe.

—Por isso mesmo! redarguiu o sensatissimo conego.

Tinha rasão. Nas vesperas da revolução de 1820 não era a Egreja o campo em que mais podia brilhar o talento de Garrett. José Carlos Leitão percebia que as transformações introduzidas nas sociedades modernas pela grande revolução franceza não podiam deixar de estender-se a Portugal, e que no campo livre e aberto do fôro e da tribuna é que as potentes faculdades de João Baptista mais facilmente poderiam manifestar-se. Por isso José Carlos Leitão insistiu muito com o bispo para que consentisse em que João Baptista deixasse a carreira ecclesiastica e partisse para o reino a formar-se em leis em Coimbra. Assim se decidiu, e em 1816 o juvenil poeta regressava ao continente. Diz-se tambem que a noticia de uns amores juvenis, em que andava Garrett enleado, não foi estranha á condescendencia do bispo D. Alexandre. E' bem possivel, porque foi esse sempre o elemento essencial da vida do poeta.

PINHEIRO CHAGAS.

OS CASAMENTOS NA CORÉA

A ceremonia do casamento na Coréa é digna de ser conhecida pela sua originalidade.

No dia fixado para a ceremonia a noiva deve dirigir-se a casa do seu escolhido. Antes d'abandonar o lar paterno cobre-se com uma ampla tunica branca, em que ha tres orificios, dois dos quaes correspondem aos olhos e o terceiro á bocca.

Feita esta *toilette*, sobe para uma liteira hermeticamente tapada com pannos de diversos cores. Rodeiam a liteira varias raparigas vestidas de branco, levando sobre as cabeças grandes vazos de porcelana e executando, no trajecto, danças originalissimas. O cortejo avança lentamente. Quando chega a casa do noivo, a noiva desce do palanquim e offerece varias golozeimas ás suas companheiras.

Ao transpor os humbraes da casa do seu escolhido, assenta-se em frente d'este e recebe um copo vasio, que lhe offerecem. As pessoas da familia entoam canções monotonas. Findos os descantes, acerca-se da noiva uma mulher, e vasa-lhe na taça uma bebida espirituosa. Ella sorve uns golos, e passa o copo ao noivo, que faz outro tanto. Desde aquelle instante fica effectuado o casamento. Os paes dos jovens esposos despojam-os dos vestidos, guardando as precisas conveniencias, e conduzem-os á alcova nupcial, onde ficam encerrados pelo espaço de tres dias. Os creados que lhes levam os alimentos só entram no quarto ás horas das refeições.

Ao cabo do terceiro dia a recem-casada abandona o tecto conjugal e volta ao lar paterno, onde permanece durante cem dias e cem noites. Quando este praso expira, regressa a casa do marido, considerando-se então como definitivamente contrahido o casamento.

Muitas vezes acontece que, passados os cem dias do estylo, o esposo cruel tem dado ás de Villa Diogo. Arrependeu-se.

X.

ESPLENDIDA

E' esplendida! Tem negros os cabellos,
como a noite das almas condemnadas;
a altivez das mulheres diademadas,
de antigas castellãs em seus castellos...

Quando, na egreja, fita os olhos bellos
do seu missal nas paginas lavradas,
fremem na sombra, estaticos de vel-os,
do austero templo as gothicas arcadas...

De noite, no conchego dos seus ninhos
pipilam docemente os passarinhos
se o rosto assoma aos vidros da janella.

Quando passa na rua, as creancinhas
ajoelham no chão, pondo as mãosinhas
murmuram, supplicando, o nome d'ella.

J. DE SOUSA MONTEIRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

QUINTA DE BELLAS

A nossa gravura representa a entrada da formosa quinta dos srs. marquezes de Bellas e conde de Pombeiro, na villa de Bellas.

Esta magnifica propriedade, junta ao sumptuoso palacio d'a-

Digitized by Google

A DESPEDIDA (Quadro de Moritz Robbeeke

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA ELEGANTE

(Quadro de K. Wunnenberg)

Digitized by Google

Digitized by Google

COM A LUNETA DO PAE (Quadro de Gabriel Schachinger)

Digitized by Google

quella illustre familia, constitue uma das mais ricas vivendas de Portugal.

A quinta, que em 1318 pertencia a Gonçalo Annes Correia, coube por herança, em 1348, a Diogo Lopes Pacheco, um dos assassinos de D. Ignez de Castro. Annos depois ficou sendo propriedade real. D. Pedro I foi quem mandou construir o palacio.

Por sua morte, palacio e quinta passaram de novo ás mãos de Diogo Lopes; mas como este foi banido do reino, D. João I de Portugal offereceu a bella vivenda, com o senhori de Bellas, ao seu conselheiro Gonçalo Pires Malafaia, como premio de fidelidade e serviços relevantes.

Morrendo Gonçalo Pires, o mesmo soberano D. João I comprou a quinta aos seus herdeiros e deu-a ao infante D. João.

Passando pelas mãos d'outros possuidores, taes como a infante D. Beatriz, que reedificou o palacio, Rodrigo Affonso d'Albergaria, e D. Maria da Silva, casada com D. Antonio de Castello Branco, 12.º senhor de Pombeiro, a formosa vivenda tornou-se propriedade da familia Pombeiro.

Hoje é seu possuidor o sr. D. Antonio de Castello Branco, 9.º conde de Pombeiro e actual marquez de Bellas.

Ha, na quinta, uma cascata magestosa e uma bella estatua de Neptuno, do celebre esculptor Bernini.

Parte da quinta é montanhosa. No cume d'um dos seus montes ergue-se a linda capella do Senhor da Serra, d'onde se gosa uma deliciosa vista.

A DESPEDIDA

Serão dois irmãos, dois amigos d'infancia que se despedem?

Aquelle adeus, trocado entre caricias e lagrimas, denunciará a existencia d'um affecto fraternal santo e puro?

Não o sabemos.

Está-nos, porém, parecendo que ha ali mais do que amisade. A attitude d'elle falla-nos vagamente d'amor correspondido com outro amor do mesmo quilate, deixa-nos entrever sentimentos mais enthusiasticos que uma simples affeição fraterna.

Aquellas duas creaturas adoram-se; são talvez noivos, e vão separar-se. D'ahi, a profunda tristeza que se reflecte do rosto d'ella, e a troca d'aquellas flores que symbolisarão, na ausencia, a inextinguivel saudade d'ambos.

COM A LUNETA DO PAE

Fizeram do pequeno uma caricatura, dando-lhe o aspecto d'um juiz severo e carrancudo.

Em todo o caso, atravez do crystal da luneta paterna, apparecem-nos dois formosos olhos pretos e brilhantes, muito buliçosos e muito vivos, revelando frescuras de *bébé*, scintillando como alvoradas de primavera.

Por baixo d'aquelles vidros enormes sorri um rostosinho d'anjo, que desafia beijos e caricias.

UMA ELEGANTE

Poderiamos antes chamar-lhe uma *coquette*, pelo desvanecimento do sorriso, pelos arrebiques do traje, por aquelle arregaçar suave do vestido, que deixa ver um delicioso pésinho *cambré* e umas alvuras de saia verdadeiramente tentadoras.

Quem gosa tudo aquillo em primeira mão é o patife do gato, um libertino, que anda pelos telhados cantando poemas ao frio janeiro, e que depois vae enxovalhar com as patas a seda perfumada da vistosa *toilette*.

Mas a dona acha-lhe gracinha; consente que elle lhe agatanhe o vestido, e diverte-se com os pulos do bichano, tendo talvez muitas outras coisas bem melhores com que possa divertir-se.

Mau gosto!

UMA ENTREVISTA

Os trajes dos dois amantes denunciam plena edade media. Elle é um cavalleiro fidalgo, muito garboso e gentil, de durindana ao lado e chapeu de plumas ondeantes. Ella uma castellã adocicada e terna, de cabellos soltos e braço roliço.

Fallam-se todos os dias á mesma hora, pelo cair da tarde. Nem um nem outro se atreveram ainda a transpor a linha de respeito, marcada pela cancella da herdade, uma cancella fraquissima, constituida por dois ou tres pequeninos troncos d'arvore.

Respeitam as conveniencias.

Todavia, se o cão vigilante alguma vez não denunciar, com os seus latidos, a approximação de qualquer intruso, é provavel que o nosso bello fidalguinho se arrisque a transpôr a linha fatal.

Aquelles platonismos fatigam.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Errata do problema do n.º 23:

Na linha 8, onde se lê o numero de objectos, leia-se o producto dos numeros de objectos.

CHARADAS

NOVISSIMAS

No mar este appellido é uma planta—1—1.

Gira, bebe-se e come-se—2—1.

Esta doente estava alegre no hospital—3—2.

FANTOCHE.

No homem é a primeira prisão—1—1.

No mar e na terra é inflammavel—2—1.

Este homem no sertão não chorava esta fabrica—1—2—2.

Cartaxo. TITO.

No meio do anno é burlesco—2—1.

Dá vida no nariz este homem—1—2.

ZIG-ZAG.

ELECTRICA

Á's direitas ou ás avéssas animal—3.

FANTOCHE.

DECAPITADA

O *Pimpão* teve—porque o mar—e se o capitão não entôa a—em oração, já hoje se não—porque o *Pimpão*—de certo—pique.

Santarem. WILLIAMS.

EM QUADRO

. . . . . Animal
. . . . . Destro
. . . . . Destroe
. . . . . Cheira

Elvas. ODRACIR SEUQRAM.

QUEBRA-CABEÇAS

Arranjar sete palavras, cujas iniciaes formem uma planta e cujas finaes formem outra.

ASCOT.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Cravoária—Favorecedor—Leccionario—Feliz—Simas—Perpetua—Regoa—Aba—Atlas—*Navalha, Amalia, Varas Alas, Lis, Hz, A*—Moncorvo—Capacidade—*Phantasma, Tasqueiro, Maroto*—Menosprezo.

DOS QUEBRA-CABEÇAS:—Curiosidade—Imprimir.

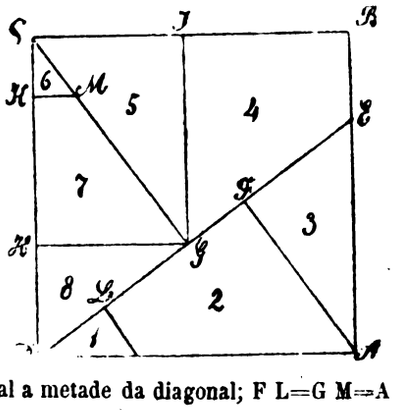
DOS LOGOGRIPHOS:—Bartholomeu—Jacyntho.

DO ENIGMA PITTORESCO:

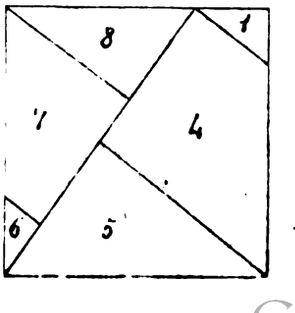
Mais que rei pode ser e mais que papa,
Quem de seu coração vicios dessepa.

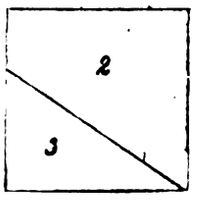
(VIEIRA).

DO PROBLEMA:



A E é egual a metade da diagonal; F L=G M=A F.





Digitized by Google

UM CONSELHO POR SEMANA

N'esta fria estação, em que as tosses seccas e nervosas são muito frequentes, aconselharemos, a quem as tiver, o cosimento de cascas d'amendoas doces, como antispasmodico.

Pode juntar-se-lhe uma pequena porção de folhas de loendro, mas com grande prudencia.

POR BEM FAZER...

As walsas succediam-se quasi sem interrupção; os pares enlaçados gyravam em uma ronda aeria, embalados pelo rythmo sensual e perturbante da musica de Metra. Aspirava-se no ar, afogado na luz branca e macia dos lustres, um cheiro quente e doce de espaduas nuas e de violetas orvalhadas.

Mulheres elegantes, de uma espiritualisante distincção de maneiras, passavam ao longo das salas, pousando o braço, premido na luva branca, no braço dos homens, correctos e fleugmaticos na linha harmonica da casaca, estrellada de uma pequenina flôr balsamica.

Começára a grande animação do baile, um baile de subscripção, organisado pela alta sociedade a beneficio da infima pobreza.

Pelas escadas atapetadas, guarnecidas de arbustos, ladeadas de estatuetas, segurando globos foscos, d'onde escorria uma onda de luz argentea, de uma alvura lactea, subiam formosas mulheres resplandecentes de pedrarias, estendendo nos degraus as caudas dos vestidos, cobertas de uma fina nuvem de tulle e rendas, picadas de pequeninos bouquets do matiz indefinido e vago, adoptado pela moda.

Henrique Jorge, um poeta vibrante de fina sensibilidade parnaseana, um lyrico educado na velha escola do devaneio, a quem se poderia applicar o célebre verso de Alfredo de Musset: «*Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux*» isolava-se dos grupos, retrahindo-se aos contactos da multidão, absorto na contemplação extatica de uma mulher constellada de grossos diamantes, que ria, escondendo a bocca rosada e ironica nas plumas do leque, absorvendo-se no futil passatempo de dialogar galantes banalidades com um addido de embaixada.

Margarida de Castro, uma formosa viuva de trinta annos, rica, espirituosa, gostando de coquetear e de fazer valer o fascinador relevo da sua plastica hellenica, e equilibrando impunemente a sua provocante garridice na base solida dos contos de réis que lhe legára o marido, era a musa de Henrique Jorge.

Tinham-se encontrado uma manhã em Cintra, na sala do hotel Victor. Henrique sentiu-se logo possuido pela sensual belleza da sereia; amou-a doidamente e cantou-a no rythmo musical da sua poesia luminosa e casta.

Margarida de Castro acceitava os versos, desvanecia-se com o seu ideal papel de musa inspiradora, atirava nos bailes e nos theatros finos sorrisos discretos ao seu poeta, que a fitava, abandonando-se nos *fauteuils* das platéas e nas hombreiras das portas ao religioso enlevo dos fetichistas; mas nos theatros, nos bailes, nos passeios continuava a deixar-se thuriferar por uma legião de admiradores convictos, deslumbrados pelo fulgor dos bellos olhos e dos magnificos diamantes da viuva, dispostos, em caso de necessidade, a ajoelharem aos seus pés e a descalçarem-lhe o sapatinho de setim, como os bispos fizeram á Pompadour.

N'aquella noite, Henrique Jorge conseguiu a realidade tangivel da sua constante aspiração:—ser apresentado a Margarida de Castro.

Ella receben-o risonha, um grande ar olympico, e estendeu-lhe a mão como as antigas fadas estendiam a *baguette*.

Elle apertou-lh'a, curvo, pallido, tremente, enleado na profunda timidez do amor verdadeiro, que se retrahe á brutal desfloração das phrases convencionaes e que precisa ser retribuido para ser comprehendido.

Margarida percebeu que tinha diante de si essa cousa excentrica e vagamente irrisoria, que se chama um apaixonado: mas achou Henrique Jorge acanhado, contrafeito, desastrado e notou que a casaca do poeta exhibia um feitio archaico, que destoava horrivelmente ao lado das irreprehensiveis casacas dos diplomatas, dos leões do *sport*, seus admiradores.

Um subtil desdem encrespou-lhe os labios, quando elle lhe disse a meia voz, com uma commoção quasi dolorosa, que a adorava.

N'essa occasião, entrava na sala de baile Esther de Menezes, uma rapariga divorciada do marido, que tinha uma lenda escandalosa, exacerbada pela falta do ouro indispensavel a obliterar a nodoa.

Esther atravessou a sala cabisbaixa, absorta em uma melancolia que lhe annuviava os formosos olhos verde, de um brilho metallico e transparente.

Acabára de ver na extremidade da sala o homem que amava e por quem se perdera, assentado ao lado da sua nova amante.

Um surdo rumor correu na sala, provocado pela inesperada apparição da pecadora.

As esposas arrancaram-se ao delicioso colloquio com os seus admiradores, mancebos de sapato de bico e luva branca bordada a preto, e sollicitaram o amparo do braço conjugal, afastando-se indignadas.

As meninas, reunidas em grupo, cochichavam, rindo-se por detraz dos leques, onde tinham escondido a carta de namoro.

Os homens, esboçando gestos pudibundos, recuavam para as mezas do jogo, onde formavam em columna cerrada, deliberando sobre a gravidade do caso: o barão ***, amante da mulher de um conselheiro, deixou mesmo perceber a necessidade de se abrir um exemplo, expulsando-se a adultera.

A musica emmudeceu: as luzes pareceram desmaiar nos seus globos brancos, como grandes fructos leitosos.

Esther, corrida de vergonha, tremula, humilhada, ficou só na sala.

Margarida de Castro, rodeada dos seus fieis, commentava *a inconveniencia da creatura*, com phrases de uma crueldade desprezadora.

Então, Henrique Jorge, não podendo sofrear os impetos do seu generoso coração, dirigiu-se ao encontro da banida e offereceu-lhe o braço.

*

Dois annos depois, por uma bella manhã do mez de setembro, Margarida de Castro recebia esta carta:

«Henrique Jorge atraiçoa-a: Henrique Jorge não é digno do amor que, segundo se affirma, conseguiu afinal inspirar-lhe. A despeito da paixão que o encadeia aos seus pés, o poeta ama outra mulher. Se quer adquirir a prova, espere-o ámanhã na casa de que lhe envio a chave, rua ***, n.º***; verá e julgará.

Um amigo, Y.»

A curiosidade de Eva, que se transmittiu, mais ou menos, a todas as suas descendentes, triumphou dos escrupulos da viuva.

Em um mysterioso *boudoir* capitonado de setim azul, guarnecido de espelhos de Veneza, de contadores de laca, de armarios de Boule; adornado de Sèvres e de Saxes, reluzente de crystaes, de setins e rendas, Henrique Jorge conversava, assentado em um puff de seda chineza, reclinando a cabeça pensativa, coroada de uma floresta de cabellos annelados, como a cabeça de Richepin, nos joelhos de uma mulher admiravelmente bella, cujas formas esculpturaes se desenhavam, modeladas por um penteador de velludo escarlate.

O poeta recitava; ella ouvia-o absorta, correndo-lhe o cabello com a mão branca e esguia, onde os diamantes punham a sua phosphorescencia electrica.

Margarida de Castro, occulta nas dobras de um reposteiro, tremia de raiva... e de amor. Pela primeira vez descobrira que amava o homem que a estava atraiçoando, o homem que ella torturára por espaço de dois annos, dando-lhe em espectaculo a sua insaciavel garridice, escarnecendo-lhe a ardente paixão, esmagando sob as solas dos seus sapatinhos de baile o orgulho, a dignidade, o coração do desgraçado. Reconhecera na sua rival Esther de Menezes, a opulenta e altiva condessa ***, elevada, em virtude do casamento com um titular francez, á posição culminante, onde ella se ria d'aquelles que lhe beijavam os pés, esquecidos do fatal dia em que planearam apedrejar-lhe a cabeça.

Um mez depois, Henrique Jorge casava com Margarida de Castro, que lhe cahira nos braços, palpitante de amor.

Esther de Menezes saldára a sua divida, architectando e representando, em collaboração com o poeta, um pequeno drama, cuja moralidade lavrou o desmentido do illogico proverbio:

«*Por bem fazer...*»

GUIOMAR TORREZÃO.

CONTOS DO NATAL

O DIA DE S. SILVESTRE

Fazia um frio intenso, e era já quasi noite escura, a ultima noite do anno.

Sob este frio horrivel e n'esta noite negra, uma pobre creancinha vagava pelas ruas da cidade, com os cabellos soltos á brisa gelada, e os pés descalços.

Ao sair de casa trazia sapatos, mas de que podiam elles servir-lhe? Usara-os a mãe durante muito tempo, antes de morrer; eram enormes e estavam esboracados. A creança perdeu-os atravessando rapidamente o Chiado, com medo de ser esmagada por uma carruagem de praça que passava. Ficou descalça, patinando na lama com os seus pésinhos roxos de frio.

Levava, enfiado no braço, um cabaz com caixas de phosphoros. D'antes vendera violetas, que apanhava pelos campos. Offerecia-as aos transeuntes, sorrindo, a troco do que quizessem dar-lhe. A infeliz morria do inverno, offerecendo a primavera!

Mas as violetas tinham gelado sob a neve. Era-lhe preciso ga-

Digitized by Google

nhar o pão. Como não havia já flores para vender, e o frio era grande, pensára em vender phosphoros.

Durante todo o dia ninguem lhe tinha comprado uma só caixa. Não ganhára cinco réis sequer.

Tiritando de frio e estalando de fome, arrastava-se de rua em rua, pobre pequenina imagem da miseria.

Os flocos de neve cobriam os seus compridos cabellos loiros.

No penoso trajecto via, atravez as janellas, quasi todas as casas illuminadas interiormente, uma illuminação de festa. Lá de dentro exhalava-se um perfume delicioso d'aves assadas.

UMA ENTREVISTA (Quadro de Robert Assmus)

N'um angulo ormado por dois grandes predios, a pequenita parou e assentou-se, escondendo os pés sob a pobre saia de chita preta remendada.

A neve continuava a cahir.

Se voltasse para casa, sem ter ganho cousa alguma, o pae batia-lhe, de certo. Depois, lá tambem fazia muito frio; não havia pão nem conforto. Por leito davam-lhe um montão de palha humida e infecta.

As suas pequeninas mãos, cheias de frieiras, tinham inchado espantosamente.

Um phosphoro dar-lhe-ia talvez calor... Se ella podesse tirar um da caixa, accendel-o na parede e aquecer os dedos...

Muito delicadamente accendeu um. Como era bonito! Tinha a chamma clara e quente como a d'uma vella de cera.

Ao clarão da pequenina luz, tão brilhante, viu desfillar mil sonhos côr de rosa. O phosphoro tinha um poder magico.

Parecia-lhe estar assentada diante d'uma grande brazeira... O lume brilhava intensamente, e aquecia-a muito, muito. A infeliz estendera os pés para receberem o doce calor do fogo: mas a chamma apagou-se, a brazeira desappareceu, e nas suas mãos tremulas ficaram os restos do phosphoro encantado.

*

Accendeu um segundo. O reflexo cahiu sobre a parede, que se tornou transparente como um veu. A pobre creança poude então ver o interior da casa. Sobre uma grande mesa estava estendida uma toalha alvissima como a neve; e em cima da toalha via-se um serviço de porcelana reluzente. Ao meio da mesa destacava-se um grande perú recheiado. A ave sáltou da travessa para o chão, com o trinchador cravado no peito, e approximou-se d'ella, aos pulos. A creancinha estendeu a mão, ia agarral-a... mas o phosphoro apagou-se. Só ficou, diante de si, a grande parede humida e fria.

Accendeu um terceiro. D'esta vez imaginou-se debaixo d'uma arvore de Natal formosissima, maior que todas quantas vira atravez as *vitrines* das confeitarias. Milhares de vellas brilhavam sobre os seus ramos verdes. Imagens coloridas olhavam-a sorrindo.

A pequenita estendeu as mãos rosadas e transparentes por sobre a luz. O phosphoro apagou-se ainda.

As vellas da arvore do Natal foram subindo lentamente, muito alto, muito... Appareciam-lhe já como estrellas do ceu. Uma d'essas estrellinhas brilhantes cahiu, deixando um rastro de luz no espaço.

«Foi alguem que morreu» balbuciou a innocente. Sua mãe, unica pessoa que a amára no mundo, disséra-lhe que quando cae uma estrella sobe ao ceu uma alma.

Accendeu ainda um outro phosphoro na parede. Fez-se uma grande claridade, no meio da qual julgou ver a mãe a sorrir-lhe.

—Mamã, leva-me! bradou a desgraçada. Quando o meu phosphoro se apagar, sei que desapparecerás como a brazeira e como a arvore de Natal; leva-me comtigo!...

Accendeu um a um todos os phosphoros que levava em pequeninas caixas coloridas. Não queria que a santa imagem da mãe lhe fugisse.

Os phosphoros brilhavam com uma intensidade espantosa. Nunca o rosto materno lhe parecera em vida tão formoso. A mãe suspendeu a filha nos braços, e ambas voaram para muito alto, onde não havia nem frio, nem fome, nem angustias crueis.

Estavam no seio de Deus.....

.....

Ao canto dos dois predios, apoiada contra a parede, a pobresinha morreu, gelada e faminta, na ultima noite de dezembro. Acabou sorrindo.

O sol do novo anno ergueu-se sobre a pequenina morta.

A creança estava lá, com os membros hirtos e rigidos, tendo junto de si as caixas de phosphoros vazias.

—Quiz aquecer-se e queimou-os, diziam todos.

Mas ninguem soube o que Deus lhe permittira ver, e em que mundos resplendentes começára, junto da mãe estremecida, o anno mais feliz da sua existencia até ali tão miseravel.

MITAINE DE SEDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 12 de janeiro de 1885 — Numero 29

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Vanitas vanitatum*, soneto, por Guimarães Fonseca.—*As nossas gravuras.—Em familia.* (*Passatempos*).—*Um conselho por semana.—Esphinge*, soneto, por Francisco de Menezes.—*Cherchez la femme...*, conto, por Lorjó Tavares.
GRAVURAS.—*O monte da Arrabida e o Douro.—Não perdi as passadas! Duas flores.—Contando como morreu o avó.—Dois pombinhos.*

CHRONICA

Alegrias e tristezas. Synthetisa-se n'isto a chronica de todos os dias.

Quando as primeiras se expandem, como a vegetação dos tropicos, luxuriantes e enthusiasticas, veem logo as segundas, n'um cortejo sinistro, ensombrar jubilos e festas.

Alegrias doidas na despedida da Devriés. Tristezas profundas entre a população do Porto.

Em S. Carlos a consagração d'um talento prodigioso; apotheoses e flores; musica e enthusiasmo; luz electrica e luz do genio; um Niagara de bravos ruidosos; uma chuva de camelias vermelhas e brancas; jardins no palco, jardins na sala, *bouquets* e ramilhetes por toda a parte, aos pés da *diva* que partiu, sobre a cabeça esbrazeada dos *dilettanti* que ficaram.

No Porto o bloqueio, o estado de sitio, a resistencia á lei, a politica fazendo victimas, a força publica fazendo fogo. Uma verdadeira batalha campal, com movimentos de tropas, apparato bellico, trincheiras improvisadas e evoluções da ordenança.

Porque tudo isto? Porque na tabella dos impostos municipaes se introduziram alterações novas, um tanto *salgadas*. O povo, esse inimigo eterno e irreconciliavel dos impostos, protestou contra as *boas festas* que a camara lhe enviára, sob a forma d'uma intimação para *pagar mais*, e explosiu descontentamentos, e não esteve pelos autos.

Do protesto energico passou-se á desordem nas ruas, e houve victimas, victimas talvez innocentes, que já hoje dormem o somno eterno, á sombra dos cyprestes, no cemiterio do Repouso.

A'manhã as gazetas estrangeiras, dando conta do successo, noticiarão que em Portugal correu o sangue da guerra civil; e nós, que áparte estas rarissimas luctas intestinas, quasi sempre exploradas senão instigadas pela politica, somos um povo ordeiro e pacifico, teremos talvez de passar aos olhos da Europa como a mais chinfrineira e barulhenta das nações.

Em todo o caso, mau é que haja a deplorar mortes violentas, resistencias á auctoridade, contendas entre o elemento popular

O MONTE DA ARRABIDA E O DOURO

Digitized by Google

e a força armada, tanto mais, quanto é certo que tudo isto destoa um pouco das nobilissimas tradições do Porto, a cidade grandiosa e heroica por excellencia, berço e baluarte das nossas liberdades, patria de todas as dedicações mais vehementes pelo paiz, exemplo de honradez e de virtudes inapreciaveis, campo glorioso onde se feriram batalhas gigantes, de bem mais alta significação e valor que os motins dos ultimos dias ..

Mas fallemos de Fidés Devriés, a heroina da ultima festa.

E' certo que tambem fez revoluções, mas fel-as com o olhar e com a voz. Ninguem se exhimiu a pagar-lhe o imposto de mil bravos vibrantes. Os revoltados foram os que não poderam ir ouvil-a, na noite da despedida, a S. Carlos. Se mais impostos de flores, d'applausos e de meias libras ella exigisse aos contribuintes dos *fauteuils*, mais estes lhe pagariam, á bocca do cofre, sem protestos nem duvidas, ao invez do que succedeu no Porto entre o povo e a camara.

Iamos jurar que não haveria nem um só relaxe, por falta de pagamento de quota no devido praso.

Devriés deve ter-nos deixado com saudade. Em França, habituados como estão a ouvil-a, consagram-lhe já o applauso banal e frio que se dispensa a conhecidos antigos. Em Hespanha chegou a dizer-se que ella não tinha voz, nem sentimento artistico, nem delicadeza, nem alma. Na Italia detestam-n'a, ou pouco menos, pela simples rasão de que é franceza. Em Portugal, onde ha por certo, mais consciencia, e onde se sabe fazer justiça a quem a merece, o talento da sublime *virtuose* evidenciou-se em toda a sua pujança maravilhosa, encontrou quem o soubesse apreciar em toda a sua incomparavel magnitude.

D'ahi a apotheose colossal da noite do seu beneficio, esse verdadeiro assombro de flores desfolhadas sobre o busto gentil da loira Margarida, a ovação calorosa e palpitante d'uma platéa boquiaberta, o fogo sagrado do enthusiasmo a crepitar ante o fogo ainda mais sagrado do talento.

O que foi aquella noite disseram-o já muitos dos nossos collegas.

Parecia tudo doido em S. Carlos. Valdez radiante, custando-lhe a conter o vasto abdomen nos ambitos da casaca. Dalmau febril e irrequieto. Os timbales explosindo gargalhadas. O cornetim vibrando com estranha intensidade. As bailarinas saltitando com desusada elegancia e garridice. Algumas d'ellas até nos pareceram mais bonitas. A propria corista gorda teve, de longe em longe, faiscações de diabolica formosura.. Simples reflexos, talvez, da luz electrica que illuminava a tentadora Ophelia... Pura illusão do nosso espirito... Estavamos tambem doidos como o publico, quem sabe! Embriagados, como Fernando Caldeira, pela voz de crystal da Devriés... estonteados pelo aroma das flores...

Porque Fernando Caldeira, o delicadissimo poeta, deixou-se arrastar pela embriaguez—sublime embriaguez a sua!—até á perpetração d'uns formosos versos, allusivos aos tres personagens que Devriés interpretou em Lisboa.

Se os não ouviste ainda, querida leitora, eu t'os recito d'aqui a meia voz, quasi em segredo:

MARGHERITA

Se no puro cristal, que te deslumbra tanto,
Quando ao *mirarti in esso*, ó loira Margarida,
Tens a visão do Goethe a palpitar de vida,
Um reflexo de som tambem houvesse emquanto
Suspendes no aureo fio as joias do teu canto,
Comprehendias, estrella, apenas manhecida,
Tornada meteóro em rapida fugida,
Quanta saudade eguala, ó Dea, o nosso espanto.

GILDA

Quando tu vires erguido
O punhal, ó Gilda, canta...
Ha tanta belleza, tanta
No teu canto dolorido,
Que a teus pés verás cahido,
Ante a força que o encanta,
Sobre o punhal o bandido.

OPHELIA

Canta Ophelia desditosa,
Não procures tanta rosa,
Tanta!
Para morrer entre as côres
E os perfumes de mil flôres,
Canta!

Canta e volta, fascinadora Gilda de cabellos côr de ouro, digo eu tambem, mas volta, se a Sembrich não conseguir eclypsar nos teus admiradores de hontem o profundo enthusiasmo que lhes provocaste.

=A ordem do dia, d'envolta com os assumptos lyricos de S. Carlos e com os acontecimentos tragicos do Porto, tem sido, durante a semana inteira, os soccorros para as victimas dos terremotos da Andaluzia.

Quaesquer resentimentos contra a Hespanha, se ainda os havia entre o nosso povo, desappareceram por completo ante aquella desgraça aterradora e enorme, que sepultou milhares de infelizes entre as ruinas de Granada e Malaga, que faz da bella provincia hespanhola um vasto cemiterio.

O nosso povo honrado, bom e generoso, quer mais uma vez testemunhar que a caridade não é para elle uma palavra vã. A imprensa de Lisboa, em geral pobre, mas caritativa e digna, iniciou o movimento de generosidade a favor das victimas andaluzas; pede esmola para ellas; dá-as mesmo do seu bolso, promove recitas e saraus; faz *quêtes* nos theatros e circos; subscripções e festas por toda a parte, e não ha ninguem que deixe de secundar-lhe as generosas tentativas, grandes e pequenos, pobres e abastados, humildes e felizes.

A sympathia pelo infortunio produz d'estes resultados gigantes, e se ha infortunios sympathicos, os que na actualidade enlutam a Hespanha não o podem ser mais.

As convulsões do solo destruiram-lhe cidades, villas e aldêas, lançaram por terra edificios historicos, monumentos que eram verdadeiras maravilhas d'arte. Na medonha voragem vimos sumir-se a cathedral de Granada, com as suas cinco magestosas naves, a sua abobada colossal sustentada por vinte columnas corynthias, os seus mausoleos sumptuosissimos de Joanna a Doida e de Filippe I, as suas telas de Bocanegra e Juan de Sevilla, as suas ricas esculpturas de Pietro Torrigiani.

Tudo isso cahiu por terra como um fragil castello de cartas. Tudo isso desabou n'um instante, como desaba qualquer simples cabana de colmo abalada pelo tufão demolidor.

Mas não foi o desmoronar rapido das cathedraes e dos monumentos gothicos que fez a desventura dos nossos visinhos: foi a perda de muitas mil vidas, bem mais preciosas que todas as maravilhas artisticas d'aquelles colossos de pedra. Os templos caem por terra e a mão do operario torna a erguel-os mais ou menos gigantes. As vidas extinguem-se para sempre, e atraz do seu desapparecimento eterno vem um cortejo de viuvas sem amparo, de creancinhas sem pão, de familias sem chefe.

E' para enxugar as lagrimas d'umas e d'outras que a nossa caridade se está exercendo.

Honrosa e santa missão!

=Mais um luctador indefesso e valoroso da imprensa portugueza que a morte veio prostrar prematuramente:—Eduardo Tavares.

Polemista notavel entre os mais notaveis, o morto illustre symbolisa uma phase jornalistica devéras extraordinaria.

Commetteu erros? Talvez. Ninguem ha que os não pratique. Tinha talentos? De certo. Ninguem ha, tambem, que se atreva a negar-lh'os. Em politica nem sempre vimos que seguisse o mesmo ideal, mas a divisa da politica é a inconstancia, e o ser-se inconstante não quer dizer que se seja criminoso.

Descance em paz o valente jornalista, e se nunca lhe arremessámos censuras quando vivo, não será depois de morto que lhe iremos perturbar o somno eterno com recriminações e doestos.

=Respeitando o luto das *Instituições*, a cuja redacção Eduardo Tavares presidia, reservamos para qualquer artigo subsequente uma reprimenda amigavel a *Gilberta*, a elegante chronista d'aquella folha, que se lembrou de nós para nos dar quinau, que foi lá fóra fazer referencias á nossa modesta individualidade, quando as podia fazer aqui, de portas a dentro, n'este mesmo logar que é tambem seu, n'estas mesmas paginas onde collabora ao nosso lado, sob os pseudonymos de Gabriel Claudio ou de Esmeralda.

Provaremos á scintillante Gilberta que todos n'este mundo podem errar uma vez, e que ella mesma não tem fugido á lei fatal, errando muitas vezes.

E isto *sans rancune*, entenda-se.

Inter amicos... Por hoje condemno Gilberta a que conclua o latim macarronico. E' a primeira penitencia, mas ha de ter mais.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

II

Os cinco annos que Garrett passou em Coimbra são o periodo de alvorada do seu talento poetico, mas de uma alvorada que não corresponde de modo algum ao dia brilhante que veio depois. O meio em que Garrett vivia não era accommodado á evolução natural do seu talento. Lamartine, na solidão da sua casa

Digitized by Google

de Milly e de Saint-Point, nas suas viagens de joven diplomata pela Italia, nas suas digressões alpinas ao lado de Elvira, ia escutando apenas o que o coração lhe dizia, deixando repercutir-se na sua alma solitaria o echo de todas as transformações que se operavam no mundo. Victor Hugo tambem, no isolamento da sua casa das Feuillantines sentia desabrochar no seu espirito, em que não actuavam influencias de escola, o seu genio independente. Garrett, porem, achava-se lançado no meio activo e turbulento da rapaziada de Coimbra, e obedecia involuntariamente ás influencias ali predominantes. Ora essas influencias eram ainda todas classicas: as escolas rivaes eram as dos filintistas e dos elmanistas. Não iam mais longe por então os ideaes poeticos da mocidade academica.

A isso se devem as innumeras poesias filintistas de Garrett que enchem uma grande parte das *Flores sem fructo* e da *Lyrica de João Minimo*, e que tanto se acham em contradicção com o prefacio romantico e *Walter scottiano* d'esta ultima collecção de versos. A figura do sachristão de Odivellas não está nada em harmonia com as tendencias classicas da maioria dos versos, que constituem o seu supposto peculio poetico. E' que os versos são muito mais antigos do que o prologo, e entre aquelles e este o espirito de Garrett passára por uma transformação completa.

Assim odes, sonetos, fabulas e poemetos anacreonticos foram os fructos que produziu o genio poetico de Garrett no seu periodo academico. A sua musa theatral e calçando o cothurno classico, desfazia-se em imitações mediocres dos modelos francezes e italianos. O proprio Garrett é o primeiro a rir se com infinita graça das *Lucrecias*, *Xerxes*, *Edipos*, *Sophonisbas* e *Meropes* que elle perpetrou n'esse periodo. A *Lucrecia*, por exemplo, tinha um bello verso, como a tragedia do 2.º acto do *Monde où l'on s'ennuie*. O verso era o seguinte:

Vivâmos livres, ou morrâmos homens

Era essa a nota predominante. A liberdade nascente vestia-se aqui, como em França, á grega e á romana, tanto assim que a musa moderna foi ao principio um poucochinho reaccionaria. Lamartine e Victor Hugo eram n'esses bons tempos realistas da gemma; Châteaubriand, o melancholico René do nascente romantismo, cingia com piedosos braços o altar das velhas tradições, e ajoelhava no tumulo dos reis absolutos. Os liberaes pelo contrario vestiam a chlamyde das musas classicas, chamavam-se *socios* uns aos outros, escreviam com letras grandes Despotismo, Liberdade, Tyrannia, Virtude, faziam declamar pelos rançosos heróes do theatro de Corneille e de Racine os hendecasyllabos, ou os alexandrinos revolucionarios, e assim se manifestava, n'um momento dado, uma d'essas contradicções ephemeras que tantas vezes desnorteiam o homem que perscruta com um olhar philosophico as evoluções da historia. A revolução em litteratura associara-se com a reacção em politica, a revolução politica afferrava-se pelo contrario ás velhas formulas litterarias. Pouco a pouco as coisas iriam entrando nos seus eixos, e a critica não podia deixar de vir a perceber que Châteaubriand e Lamartine eram os productos litterarios do mesmo movimento de idéas que gerára a revolução franceza, como os encyclopedistas e o marquez de Pombal foram, apesar do seu apparente antagonismo, productos similares da grande evolução do espirito humano que produziu o seculo XVIII.

Com a mesma penna, com que escrevia as taes famosas tragedias e os sonetos que lhe davam popularidade e prestigio, redigia Garrett as proclamações revolucionarias que enthusiasmavam os estudantes. Foi elle que dirigiu o movimento academico, originado por ter sido recusado o direito de votar nas eleições aos estudantes de Coimbra.

Partindo para Lisboa, depois de completar o curso, Garrett levava na sua bagagem duas obras litterarias que iam firmar a sua reputação incipiente, e que, sendo por assim dizer a sua brilhante despedida do classicismo, annunciavam já o potente genio que tinha de iniciar em Portugal a grande revolução litteraria. Essas duas obras eram o *Retrato de Venus* e o *Catão*. O primeiro, como os poemas de Parini na Italia e como os idyllios de Gessner na Suissa, revelava debaixo das formas ainda classicas a frescura das novas idéas. O *Catão*, como as tragedias de Alfiéri vestia tambem com os hendecasyllabos tradicionaes e com as roupagens da velha tragedia as vi í aspirações da liberdade nascente.

A representação do *Catão* em Lisboa n'um theatro particular foi um acontecimento memoravel. Garrett foi saudado então como o poeta da liberdade. O seu nome, quasi desconhecido na vespera, foi no dia seguinte acclamado como o do poeta cesareo da revolução franceza. Foi n'essa noite de gloria que elle viu tambem pela primeira vez a mulher formosissima, a que ligou a sua vida e que exerceu depois no seu destino tão funesta influencia, tornando-lhe intoleravel a vida de familia, e fazendo do seu lar domestico um objecto de escandalo e de descredito. D'ahi a pouco tempo Garrett casava com D. Luiza Midosi, era nomeado official da secretaria do reino em concurso, obtinha um triumpho como orador n'uma sessão do tribunal, em que foi defender o seu *Retrato de Venus*, accusado como attentatorio dos bons costumes, e outro na Sociedade Patriotica, onde pronunciava o elogio funebre de Manuel Fernandes Thomaz. Tudo lhe corria prospero n'essa occasião. Tudo eram para elle glorias e alegrias. Mas o verdadeiro Garrett, o Garrett que nós conhecemos, e que tamanha influencia exerceu no seu tempo, não nascera ainda. Era necessario que o seu genio se retemperasse no infortunio, para adquirir a rija tempera que lhe deu como ao aço das laminas de Toledo a força e o brilho.

Embalado pelos applausos, Garrett deixava-se ir na onda, e accommodava ao gosto do tempo o seu talento fadado para abrir caminhos novos. Fazia profissões de fé classicas, zombava de Shakespeare, criticava o romantismo, defendia com energia os deuses que depois enxotou do Olympo. A emigração tinha de ser para elle a sua estrada de Damasco.

E' curioso comparar essa profissão de fé publicada em 1822 com a que serve de introducção á *D. Branca*, impressa poucos annos depois:

Hoje é moda o romantico, é finura,
E' tom achar Ossian melhor que Homero,
Gabar Skakespeare, desdenhar Corneille,
De Paris os modernos elegantes.
Chamam vil servilismo ás regras d'arte,
Antiquario a Boileau, pedante a Horacio,
Só gostam de Irminsulf e de Theutates,
Obscuros sonhos do Escossez sombrio;
E as risonhas ficções da culta Grecia
Aureos numes d'Ascreu sediços dizem.
Venus e amores, graças e cupidos
Ja muito vistos são, já muito lidos.

Veiu a emigração, veiu o infortunio, e o grande poeta, fugindo ao meio dissolvente em que vivia, ás frivolidades do *Lyceu das damas* e do *Toucador*, ás declamações dos clubs, e aos applausos politicos das platéas, sentiu abrirem-se-lhe na alma novas fontes de poesia, acudirem-lhe á memoria as poeticas reminiscencias da sua infancia, e, ao começar a *D. Branca*, lançava ao mundo litterario uma nova proclamação, em que se desdizia quasi pelos mesmos termos, em que fizera a primeira profissão de fé, e em que renegava exactamente dos mesmos deuses a cujo culto jurára conservar-se fiel. Feliz apostasia que era logo recompensada pela musa nova, porque os versos do contra-protesto eram bem mais sonoros e brilhantes de que os que acabamos de ler!

Aureos numes de Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel.....
Gentil religião teu culto abjuro

Era nos mesmos termos que elle se declarava fiel a essa *gentil religião*, quando exactamente escarnecia dos que chamavam «sediços» aos *aureos numes de Ascreu*

E ás risonhas ficções da culta Grecia

N'uma coisa porém se conservou fiel a esta profissão de fé. Continuou a sustentar na *D. Branca* que não gostava de *Irminsulf*, nem de Theutates. O que lhes preferia porém agora não eram as nymphas da Grecia, nem os deuses do Olympo pagão: eram as fadas e as mouras encantadas das nossas fontes portuguezas, era a mythologia popular da nossa terra, toda doirada e radiante como as aguas em que se espelha o ceu azul e o sol claro e alegre dos nossos dias formosissimos. Percorrendo os campos verdejantes da Inglaterra, comprehendia emfim a grandeza de Shakespeare, e accusava-se a si proprio de ter escripto as quadras burlescas em que descrevera, parodiando-o, o entrecho do *Othello*.

Guiados pelo sr. Gomes de Amorim, acompanhemos Garrett á emigração, cujo caminho elle tomou logo que viu triumphante a reacção de Villafranca. O poeta do *Catão* sabia bem que o absolutismo nunca lhe perdoaria essa tragedia.

PINHEIRO CHAGAS.

VANITAS VANITATUM

Constellações do mundo, astros radiantes
D'ouro e de luz, sciencia, genio, gloria!
Afoga-vos a onda transitoria
Da vida breve em rapidos instantes.

De que valem collossos de gigantes,
Gravada em bronze perennal memoria,
Quando o tempo lhes abre aos pés a historia
Da morte e o negro abysmo triumphantes?

Um momento! pó, cinza, fumo, e nada,
Eis o transito do homem e a sonhada
Mystica luz de eternas claridades!

E é eterno o atomo de areia,
A gotta d'agua, a flor, e só a ideia
Do homem é vaidade das vaidades.

GUIMARÃES FONSECA.

Digitized by Google

NÃO PERDI AS PASSADAS! (Quadro de Kretschmer)

Digitized by Google

Digitized by Google

CONTANDO CO

(Quadr

Digitized by Google

IO MORREU O AVÔ

e Sydney Holland)

Digitized by Google

Digitized by Google

DUAS FLORES (Quadro de H. Büchmann)

Digitized by Google

AS NOSSAS GRAVURAS

O MONTE DA ARRABIDA E O DOURO

Distinguem-se pela sua elevação e pelo arvoredo que lhe cresce em de redor.

E' ponto formosissimo. Domina o rio e offerece a quem o sobe um aspecto encantador e variado.

O ar que ali se respira, alem ser de refrigerantissimo, é embalsamado pelos perfumes das muitas flores, que se desentranham de todos os grãos de terra e de entre cada pedra.

Quem tiver atravessado o Douro não terá, de certo, deixado de o admirar e não terá tão pouco deixado de sentir em si o desejo de subir até ao seu ponto culminante.

São muito os pontos aprazíveis que formam a linha immensa que delimita o Douro, mas, entre elles, é seguramente um dos mais notaveis o monte da Arrabida.

Os que ainda o não viram de perto ajuizem d'elle pela gravura que publicamos, e comprehenderão que não ha exaggero no que acabamos de dizer.

NÃO PERDI AS PASSADAS!

Sirandou a manhã inteira por essas ruas, fazendo o seu pequeno commercio de fructas, mas o avultado producto da venda recompensou-a de todas as fadigas.

Ou fosse porque as laranjas eram da melhor qualidade, ou fosse porque os seus encantos de creança provocaram as boas graças dos freguezes, a gentil pequenina vendedeira fez uma bella colheita de cobres, e lá vae de volta para casa, contando, muito alegre, os lucros do dia.

Não perdeu as passadas! Nem todos poderão dizer o mesmo.

E' que ella tem duas cousas a seu favor: o ser creança e o ser bonita.

DUAS FLORES

Uma enleva-se na contemplação da outra; inveja-lhe o perfume, tem ciumes da sua alvura.

Verdade, verdade, não vemos rasão para aquellas invejas. Flor animada, a esbelta figura do quadro encanta-nos pela fragrancia que se evola dos seus castos sorrisos, pelo fulgor intenso que irradia dos seus olhos, pela innocencia que se reflecte no seu rosto angelico.

O lyrio é flor d'um dia: vem o tufão e cresta-o. Ella vive em todas as estações, risonha na primavera, encantadora no estio, bella no outono, viçosa no inverno.

CONTANDO COMO MORREU O AVÔ

E' esta uma scena d'uma epoca que já vae longe. Era no tempo em que as creanças se acostumavam, logo que sabiam fallar, a ouvir contar os altos feitos d'armas dos seus antepassados. O fiel escudeiro está mostrando ao herdeiro do nome o elmo que o avô trazia na batalha e o sitio em que foi ferido. Como testemunha presencial narra minuciosamente o facto. As pobres creanças ouvem com horror e curiosidade o caso, pois foi por essa occasião e em virtude d'esse ferimento que o avô morreu, coisa que já lhes tem contado mais de mil vezes. Mas o velhote narra a historia com o interesse de quem presenciou a scena na mocidade, e por consequencia, para elle, contar o feito é o mesmo que assistir de novo ao acontecimento.

DOIS POMBINHOS

Arrulham, beijam-se, amam-se. Estão na edade propria para esses arroubamentos: não querem deixal-a passar sem que a luz do amor a illumine.

E fazem muito bem. Atire-lhes a primeira pedra quem ainda não fez outro tanto.

Vão lá dizer-lhe, a ella, que é perigoso e arriscado subir tão alto, a deshoras, para ir beijar um homem. Vão lá convencel-o, a elle, de que é feio escalar os muros d'um jardim, como qualquer bandido, para se entregar a formosos idyllios com a loira Ophelia dos seus sonhos!

Aos vinte annos só se pensa no amor, e o amor é cego e doido.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

DOIS CARTUXOS.—Como não é possivel introduzir o Rocio na Bitesga, irá quando poder ser. E' enorme!

MASCARADO.—Quer saber porque? Porque estava incorrecta.

CARLOS A. DE LIMA.—Porto.—Publicou effectivamente um volume de versos, intitulado *Poemetos*, (o mesmo a que allude) mas fez uma edição muito resumida. Em todo o caso parece-nos que ainda restam alguns exemplares na livraria Férin.

N. DA G.—Bensafrim.—Enganou-se pelo que respeita ás charadas, mas acertou no tocante ao logogripho. Marque lá uma á preta, absolva-nos, e saboreie as suas *ricas filhoses*.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este instrumento no caminho é prisão—2—2.

Porto. J. C. PEREIRA DE CARVALHO.

(Á ex.ma sr.ª D. Maria dos Prazeres Pereira Reis.—Tavira)

Esta narração incommoda este homem—1—1.

Lisboa. COLLEGIAL N.º 9.

O numero um, em Nice ou em qualquer cidade, com este artigo, está na situação em que se começa—1—1—1—1—1.

MASCARADO.

E' instrumento na musica e no bonnet—1—1.

Este verbo tem dedos por ser meu mano—1—1.

Não é boa esta bebida na musica, porque corta—1—1—1.

DIAS VELLOSO.

ELECTRICAS

A's direitas ou ás avéssas no ar—1.

A's direitas ou as avéssas *anda á roda*—3.

A's direitas ou ás avéssas nos campos—2.

Porto. J. C. PEREIRA DE CARVALHO.

A's direitas e ás avéssas queima—2.

Penafiel. PHÉBO.

EM VERSO

Eu não valho uma de X,—2
Mais ou menos apertado.—1
Adjectivo numeral
Na linguagem pouco usado.

Regnengos. J. A. MARQUES.

E' planta muito vulgar
Cá no nosso Portugal—2
Se a esta juntar um—*na*
Não dou por ella um real—1.

Oh! que grande barafunda!
Oh! que tremenda embrulhada!
Cruzes! Se eu d'ella me livro,
Dou ao demo esta charada.

J. A. D.

No prado, na flor, no monte,
No ceu, na serra, no val.. —1
E tambem nas patrias plagas
Em terras de Portugal—1

De mim se adorna a donzella
Para tornar-se mais bella.

MASCARADO.

EM TRIANGULO

. . . . . Arvore
. . . . . Appellido.
. . . . . Nos olhos.
. . . . . Estado.
. . . . Substantivo.
. . . Peccado.
. . Animal.
. Vogal.

Queluz. CHRISTINA M. D'A BRENNE ADRIÃO.

Digitized by Google

QUEBRA-CABEÇAS

Arranjar seis palavras cujas iniciaes e finaes formem duas plantas.

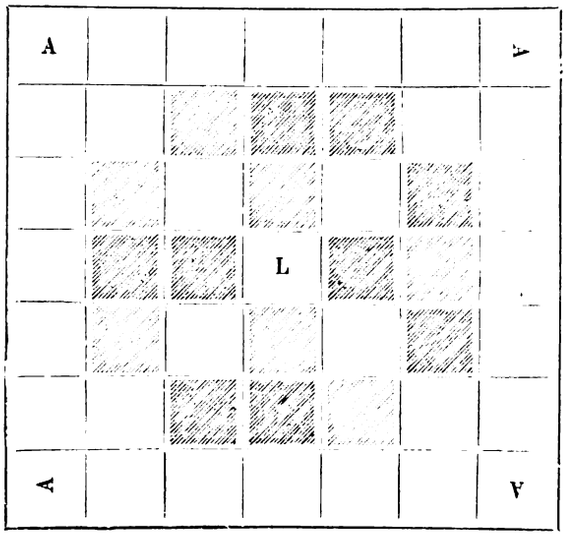
LOGOGRIPHO

(Por lettras)

No moinho pode ver-se
O que aqui deixo indicado.—3—6—10—11—8—4
Depois vê-se certa cousa
Em que o pão é fabricado.—5—9—2—9—7
Por ultimo indico arma
De que eu teria temor.—5—1—7—11
....
No conceito só desejo
Que assim não sejas, leitor.

D. Bazilio.

ENIGMA



Formar seis nomes de mulher, preenchendo os brancos com as lettras u u n n n n n t t t c e e e e l b s s o i i i r r d d g v.

Chamado.

PROBLEMA

Euphrasia e Belarmino vão jantar, a casa de D. Segismunda, e teem o maximo empenho em ficar juntos á meza, em consequencia de dedicarem um ao outro uma extrema affei ção. São dez os convivas, nem a meza admitte mais. Pergunta-se qual é o grau de probabilidade que elles teem de ver satisfeitos os seus ardentes desejos?

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:—Salsa—Bolacha — Enfermaria — Pea—Polvora —Saboaria - Entremez—Archeiro—Arara—Avaria — *Gato, agil, tiro, olor.*

Do quebra-cabeças:—B olo r
e ban o
g elo s
o est e
n ebl i
i mpo r
a deg a

A RIR

O ciume!

Entre mulheres casadas:

—Eu bem sei que é tolice; mas que queres? Imagino sempre que meu marido me engana. Quando vou com elle ao theatro, a primeira cousa que faço é olhar para todos os camarotes, a ver se o encontro com alguma outra mulher!...

*

No gremio:

—Parece que o X... vae casar com a amante. Já não se tira de casa d'ella.

—Não creio, meu caro! A que horas vae elle para lá?

—Todos os dias, desde as seis da tarde até ás duas da madrugada.

—Mas se elle casa, onde demonio ha de ir depois passar as noites?

Um Dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA PREPARAR AGUA DE COLONIA EM CASA

Essencia de lima.....	10	grammas
» de herva cidreira..	10	»
» de bergamota..	10	»
» d'alfazema.....	10	»
» de cravo da India.....	10	»
» de rosmaninho	4	»
» de tomilho	2	»
Alcohol rectificado a 90°.....	2	litros

Misturem-se estas essencias com o alcohol e filtre-se tudo por um filtro de papel.

ESPHINGE

Tens a desenvoltura, a graça, o coquetismo
Das filhas d'Aragão, d'essas gentis creanças,
E o teu perfil hebraico, as negras finas tranças
Dão-me idéa fiel d'um tenebroso abysmo!

Se te escuto fallar, nos vôos do lyrismo,
No venturoso amor das avezinhas mansas...
Eu bebo em teu olhar o philtro que me lanças
E me produz, mulher, cruel somnambulismo!

E' então que eu te vejo, envolta em fino manto,
Teu rosto esmaecido, e em languido quebranto
O corpo esculptural que me fascina a vista!...

Cuido que tens da Esphinge aquelle olhar profundo
Que nos arrasta e leva em sonhos pelo mundo...
—Tu és a concepção do mysterioso artista!

Francisco de Menezes.

CHERCHEZ LA FEMME...

Eram quasi quatro horas da tarde. Saíam das repartições. Uma linha de trens de praça estacionava no lado occidental do Terreiro do Paço, e debaixo da arcada havia ainda alguns grupos parados, conversando.

O doutor, á esquina da rua do Ouro, fallava com dois sujeitos vestidos de preto, sobrecasacas compridas, abotoadas, cara rapada e muito trigueiros. Eram padres canarins: iam saber o resultado d'uma pretensão para o ultramar.

—Fallei com o ministro. Descancem. Estas coisas não se fazem assim, de repente. E' preciso tempo. Mas elle prometteu e não falta.

—Muito obrigado a v. ex.ª. Voltaremos então amanhã?

—Amanhã? não... diabo! amanhã é dia d'Anno Bom: estão as repartições fechadas. Na sexta feira... Minha senhora... Como passa v. ex.ª?

E descobriu-se muito respeitoso, todo risonho. Passava uma mulher elegante, que atravessou o passeio e seguiu rua acima.

—E' a viscondessa de Santo Amaro, uma esplendida mulher, como vêem...

Os dois padres tinham um ar acanhado e um sorriso serviçal, quasi humilde. Sentiam-se pequenos, insignificantes ao lado do doutor, que tinha tanta influencia, que fallava com os ministros a toda a hora e que conhecia o alto mundo.

Seguiram com o olhar a fidalga, que parára a poucos passos, para conversar com um rapaz alto, de bigode em arco, luva cinzenta e monoculo.

Devia ser um nobre, com aquelle ar desembaraçado e porte distincto.

Comparavam-se com elle e acharam-se mesquinhos, inuteis, burguezes, timidos.

O doutor parecia tel-os esquecido e fixava de longe a viscondessa.

—Na sexta feira então...?

—Sim, sim; quando quizerem... Já sabem...

Os dois despediram-se timidamente, tirando o chapeu, e estendendo a mão, muito acanhados.

Digitized by Google

—Senhor doutor...

—Então adeus! já sabem...

E enfiou pela rua do Ouro, atraz da mulher, que já ia ao principio do segundo quarteirão. Apressou o passo.

Mais adiante a viscondessa parou em frente d'uma montra de ourives. Na porta seguinte era a entrada para um *restaurant*. O doutor deteve-se ao pé da vidraça, mas deu logo um passo atraz, sacudindo o sobretudo, com um gesto de repugnancia.

Com a cara encostada ao vidro, um rapazinho descalço olhava para dentro, enlevado nas carnes frias, nas perdizes córadas, nos pratos de camarões amontoados, que o tentavam. Uma camisola rôta nos cotovellos punha-lhe a descoberto os braços magros, roxos de frio. D'entre as abas caidas d'um chapeu velho saiam-lhe farripas espessas de cabello castanho, emaranhado.

O doutor sentiu tentações de lhe bater, de enxotar d'ali aquelle vagabundo, que lhe sujára o casaco, que impedia o transito, aquelle vadio immundo que produzia nauseas. Odiava todos os pobres que pedem pelas ruas, fazendo exposição de miserias, miserias em que não acreditava.

—São uns intrujões!—dizia.—Pedem por calculo! Vão trabalhar! Ninguem morre de fome...

E quando algum lhe estendia a mão, de noite, nos recantos mais escuros das travessas, elle voltava a cara, não respondia, não olhava. Odiava-os.

O pequeno continuava immovel ao pé do vidro.

O doutor ia tocar-lhe com a ponteira da bengala, mas n'este momento viu que a viscondessa, de longe, examinava o rapazito.

No olhar da fidalga havia uma expressão de dó que o fez córar. Sentiu logo um grande desejo de fazer bem, de exercer a caridade, de se mostrar grande, philantropico, de evidenciar o seu bom coração; e, fingindo não saber que o observavam, aproximou-se da criança.

—Como te chamas tu, ó rapaz?

O pequeno voltou-se. Era pallido, franzino, olhos grandes, tristes, beiços delgados, chloroticos. Poz o olhar vago no doutor e respondeu timidamente:

—Eu sou João...

—Tens fome?

A criança tornou a fixar a vidraça, n'uma attracção irresistivel. Quando voltou a cabeça, corriam-lhe duas lagrimas pelas faces.

O doutor sentiu-se commovido. Era a primeira vez que isto lhe acontecia. Devia ser verdadeira aquella miseria silenciosa. Não se é actor e hypocrita aos sete annos. Esqueceu quasi a viscondessa e metteu a mão no bolso.

N'este momento ouviu uma voz ao lado:

—Não, doutor: leve-o lá dentro e dê-lhe de comer.

—Tem razão, minha senhora; tem razão...

—Vá, vá. Quem dá aos pobres, empresta a Deus...

E a fidalga, chamando um trem que passava, mandou seguir para o Salitre.

O doutor ficou um instante parado, absorto, meio envergonhado, pensando, zangado comsigo proprio, repugnando-lhe o primeiro impulso de se fazer valer aos olhos d'uma mulher, exercendo a caridade que se mostra para ser adulada e conhecida.

—Miseravel! E somos todos assim!

Mas sentia já a consciencia tranquilla. A commoção que experimentára era sincera: absolvia-o.

Chamou o rapazito e entrou no *restaurant*.

—Que queres tu, dize lá?!

—Eu... eu tenho fome...

—Oh! rapaz! traze carne assada, pão e vinho...

—Mas é que eu... não quero comer...

—Então tu tens fome e não queres comer?!

O pequeno baixou a cabeça, e apontando para o pão que o creado trazia, disse, entre dentes, n'um soluço:

—Deixe-me levar só aquillo...

O doutor começava a arrepender-se da sua generosidade.

—Queres levar o pão?

—Sim, senhor...

—Para que? Não disseste que tens fome?

—Sim, senhor...

—Então porque não comes?

O pequenito calava-se.

—Vamos, responde!...

E o doutor tinha o olhar quasi irado e a voz rude.

—E' porque a minha mãe tambem tem fome...

. . . . . .

Meia hora depois havia um jantar de festa n'um miseravel rez-do-chão, á Graça. Uma mulher e uma criança festejavam o dia de Anno Bom.

*

Um olhar de mulher convertera um descrente. A duvida cedera o logar á caridade, e mais uma vez se confirmava a phrase:—*cherchez la femme.*

LOBJÓ TAVARES.

DOIS POMBINHOS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 19 de janeiro de 1885 Numero 30

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Forma grega*, soneto, por Antonio Fogaça.—*As nossas gravuras*.—*Em familia*. (*Passatempos*).—*Um conselho por semana*.—*Contos da caróchinha*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*Thomar, Santa Maria do Olival*.—*Quartel de verão*.—*Quartel d'inverno*.—*Magdalena tentadora*.—*Egualando as medidas*.

CHRONICA

Consumiu-se a semana inteira a pedir para os infelizes da Andaluzia. Uma perfeita febre de caridade sem precedentes. Caridade official, caridade dos bombeiros, do povo, do exercito, do clero, da burocracia, do commercio, da nobreza e da imprensa.

Os que não queriam ou não podiam ser caridosos tiveram de ir na onda, levados pelo receio de fazer triste figura. A par da caridade verdadeira e genuina, um poucochinho de *pose*. E' sempre assim.

A chronica desagradará talvez a muitos, tentando pôr diques a esta corrente de philantropia, que se alastra por todo o paiz, desde Melgaço até ao Cabo de S. Vicente, mas a chronica tem obrigação de ser justa e rasoavel; deve dizer com desassombro tudo quanto pensa ácerca d'este delirio caritativo provocado pelos terremotos de Hespanha.

A generosidade portugueza vae attingindo umas proporções incompativeis com a nossa extrema penuria. Isto já não é ser generoso: é ser prodigo.

Ha mais de quinze dias que estamos a esvasiar a bolsa nas mãos de quantos philantropicos se arvoram em salvadores da Andaluzia arruinada. Surgem de toda a parte, apparecem-nos a cada canto, accommettem-nos de frente a cada esquina, e reputam-se offendidos se os não attendemos, se lhes não deitamos na bandeja a ultima corôa das nossas economias.

—Eu já subscrevi, meu caro amigo!

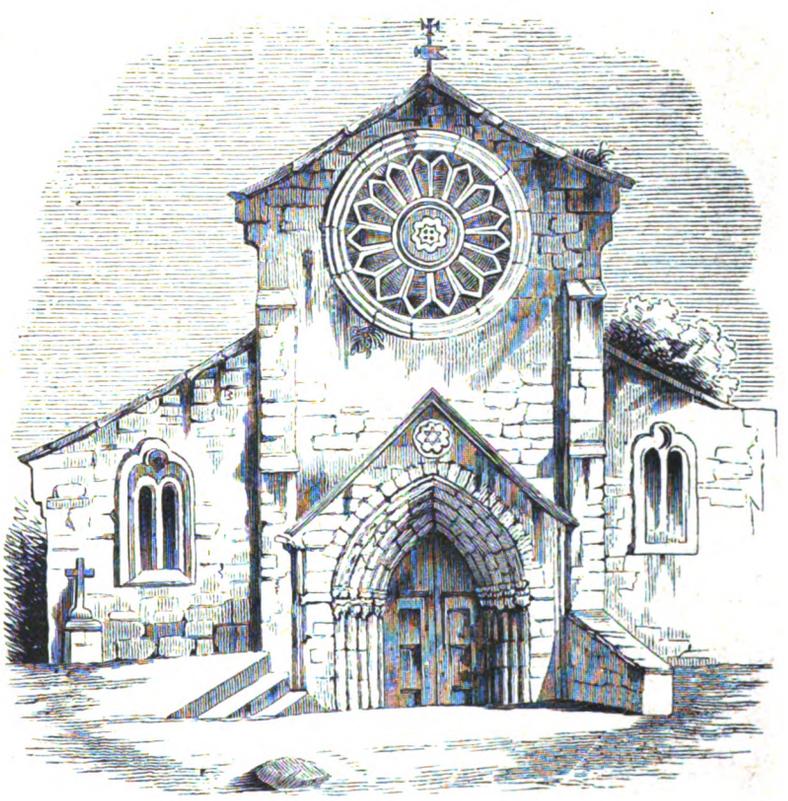
—Não importa. Subscreva outra vez. E' uma bonita acção!

—Mas...

Tlim, papo! Cinco tostões mais para as victimas de Granada.

Elle é a boa *quête* nos theatros, feita por bombeiros fardados a por actrizes bonitas; elle é a subscripção do bairro, da freguezie e do barbeiro; elle é o convite rhetorico das emprezas theatraes para assistirmos aos seus espectaculos: elle é tudo.

Depois adivinham-nos a morada. O correio não tem mãos a medir. A cada instante chega uma carta envolvendo um pedito-



THOMAR, SANTA MARIA DO OLIVAL

rio... cartas palavrosas, estylo de candidato a pedir voto... phrases elegiacas de fazer bailar a lagrima ao canto do olho... muita cantata... muito logar commum... appellos á nossa *proverbial generosidade*, madrigaes sediços e estafados aos nossos sentimentos humanitarios .. um inferno!

Digitized by Google

E não ha fugir a esta febre que se apossou do nosso indigena, Está escripto que despejemos os bolsos sobre os escombros da Andaluzia arrazada.

Aos abalos terrestres da Hespanha seguir-se-ha fatalmente a miseria de todos nós, mas como é uma bonita acção dar a camisa do corpo a quem não a tem, fiquemos sem camisa, e *viva la gracia!*

Ora sejamos francos, porque a franqueza não obsta a que se exerça uma caridade bem entendida: isto vae-nos parecendo supinamente ridiculo e enormemente perigoso.

Sabem como uma folha parisiense responde a um prurido semelhante de caridade, que se apoderou da capital da republica franceza? Vão ver:

«Logo que uma catastrophe desaba sobre qualquer ponto do globo, apparecem boas alminhas de Deus tocando a rebate, chamando a capitulo os basbaques generosos, e manifestando-se ruidosamente em nome da fraternidade universal.

Ha uma unica cidade no mundo onde rebentam estas sublimes loucuras cosmopolitas: é Paris (1). Nem em Londres, nem em Roma, nem em Vienna, nem em S. Petersburgo, nem em Berlim, nem em New-York se vê a população esvasiar a bolsa para soccorrer um paiz visinho ferido pelo infortunio. Aqui, n'este Paris tão espirituoso como tolo, esquece-se tudo para só se pensar nos soffrimentos exoticos. Os primeiros esquecidos são os nossos pobres, os miseraveis d'esta grande capital.

Este dilettantismo de caridade é um tanto ridiculo, devemos confessal-o. Se teve rasão de ser, n'outras épocas florescentes de plethora, hoje, nos tempos de penuria e de privações em que vegetamos, deve ser posto de parte. Nós não estamos precisamente na época do *Paris-Murcia;* atravessamos a série dos annos magros. A miseria é negra, o futuro ameaçador. Os boulevards acham-se vasios dos nossos tradicionaes visitadores do inverno. Os mendigos pullulam em grande numero. Nos bairros de Paris e de Lyon ouvem-se as queixas dos operarios sem trabalho. E é no meio d'estes gemidos, d'estas torturas dos nossos compatriotas, dos nossos concidadãos, que nós teremos de vir estender a mão, a favor d'algumas centenas de individuos que o governo hespanhol tem obrigação de soccorrer, que soccorreu já? Não será isso roubar á generosidade parisiense o obolo cubiçado com olhos ciumentos pelos nossos pobres?

. . . . . .

Depois de Szegedin, Murcia; depois de Murcia, Ischia; depois de Ischia, Antequera. Mas quando chegará a vez de Paris, ó Dom Quichotes da benificencia internacional?»

E' possivel que, sob estas palavras do jornalista parisiense, se dissimule o aspide venenoso da politica, mas é tambem certo que muitos dos considerandos expostos são altamente sensatos e rasoaveis.

Pensemos um pouco da mesma fórma. Não nos deixemos arrastar por um dilettantismo de caridade a favor da Hespanha e em prejuizo das miserias caseiras.

Ha por ahi muita lagrima a enxugar, muito infortunio a soccorrer, muita pobresa ignorada a quem estender a mão. O inverno é frio e negro. Pelo mac-adam a mendicidade vagueia esfarrapada e nua. Em milhares de pardieiros immundos a viuvez sem arrimo estala de dôr e de fome. Orphãos descalços e rotos filiam-se inconscientemente na seita do crime, porque não teem pão, nem guarida, nem escolas. Centenas de desgraçadas prostituem-se, á mingoa de protecção e de amparo.

Pois bem: cuidemos de attenuar a grandeza descommunal de todos esses infortunios. Lancemos primeiro um olhar compadecido para essa triste e feia miseria que se nos exhibe de portas a dentro. Iniciemos *quêtes* nos theatros, a favor dos nossos pobresinhos. Enxuguemos os prantos de casa com a esmola nacional, e se alguma coisa sobejar das subscripções publicas, se, depois d'uma divisão escrupulosa dos donativos colhidos, feita por todas as mansardas onde a penuria se acoita, restar algum obolo, pequeno ou grande, levemos esse obolo aos nossos irmãos de Hespanha, despreoccupados de qualquer odio antigo, isentos de qualquer resentimento injustificado.

Teremos, assim, respondido com generosidade nobilissima ao esquecimento que muitos dos nossos infortunios lhes mereceram, sem desviar da pobresa nacional a esmola que de direito lhe pertence.

Primeiro nós e depois a Hespanha, o resto da humanidade.

A proposito d'este mesmo assumpto podia repetir-te o que tu já sabes: que a politica indigena, não perdendo o antigo sestro de ser abelhuda, deu em vasa barris com a ideia do bando precatorio, ideia feliz segundo uns, desgraçada segundo outros. Mas porque tu o sabes, leitora, e porque eu tenho bem fundados escrupulos de fazer reviver uma questão morta, abstenho-me de quaesquer narrativas serodias e inconvenientes sobre o caso.

Tambem não virei, n'este mirante da chronica vedado á politica, dizer-te que a Hespanha, pelo facto de ter reconhecido a Associação internacional africana por meio d'uma convenção firmada em Bruxellas—segundo referio a agencia *Havas*—mereça a recusa total da nossa philantropia a favor d'um punhado d'infelizes granadinos.

As pobres victimas dos terremotos nada teem que ver com os actos politicos do governo Canovas; e de resto, o sermos generosos para quem nos aggride não é coisa que fique mal. Tambem Christo offereceu a outra face . .

*

=Chegou a Sembrich, a famosa violinista, pianista e cantora polaca, que dizem ser rival da Patti, e que produziu verdadeiras convulsões de enthusiasmo no paiz visinho, onde as convulsões do solo não fazem com que a *haute gomme* esqueça os artistas de talento, ou fuja ás delicias do Theatro Real.

Marcella Sembrich appareceu-nos na *Luccia*, cantou o *rondó* final do 3.º acto, como nunca em Lisboa fôra cantado, mas...—ha sempre um *mas* esmagador n'estes casos—vestiu o personagem com uma falta de gosto a que os nossos *dilettanti* não estavam habituados.

A's vezes uma questão minuscula de *toilette* é tudo na mulher e na artista. Sembrich podia cantar menos bem e vestir a *Luccia* menos mal.

Como cantora pareceu-nos um portento; como mulher elegante uma desgraça.

A Devriés, que, para nós, tinha o grande defeito de ser casada com um dentista, tem, sobre a sua collega Sembrich, a virtude de saber escolher bem uma *toilette* adequada a cada personagem que define.

D'onde se conclue, até certo ponto, que um dentista não é tão *gauche* e desastrado como o pintam, mesmo quando exerce as funcções de marido d'uma *diva*.

*

=O *Gil Blas* e o *Figaro* já te disseram, certamente, que a heroina parisiense Clovis Hugues foi absolvida. O jury commetteu a insania de declarar innocente uma mulher que proclamou alto e bom som haver assassinado, porque a justiça não podera impôr silencio ao calumniador da sua honra.

Assim é a justiça da França, assim é a justiça de todo o mundo, que deixa quasi sempre sem defeza efficaz a gente honesta, contra os ataques de qualquer miseravel bandido.

Os jornaes francezes teem dito coisas estupendas sobre o caso de madame Clovis Hugues, tentando alguns d'elles investigar como foi que, no cerebro d'aquella mulher digna, germinou o negro pensamento homicida.

Uma folha parisiense, que li ha dias, explica a acção de madame Hugues pela influencia do meio. O deputado Clovis Hugues é um poeta de talento. Compoz versos magnificos, cheios d'inspiração vigorosa. Além d'isso é author dramatico, vive n'uma atmosphera de declamação sincera onde a verdade das coisas se oxida e se decompõe. As suas convicções politicas são ardentes. E' alimentado pelas lembranças soberbas da Convenção, onde o theatral e o sublime se combinam em proporções eguaes. Ora madame Hugues adora seu marido. E' uma mulher intelligente e apaixonada que, por certo, tem partilhado dos trabalhos de seu esposo. E a companheira d'um artista é quasi sempre um collaborador inconsciente, moderador ou conselheiro, em que se infiltram pouco a pouco as idéas do proximo.

D'este modo, madame Hugues habituou-se a julgar as coisas como poeta, dando-lhe um desenlace como qualquer author dramatico. Não se vive impunemente no sonho. Não se habitam debalde as alturas nebulosas da ficção. O sonho e a ficção—segundo o jornal a que nos referimos—obcecaram aquelle cerebro, até ao ponto de o fazerem conceber litterariamente o assassinio.

E isto é tão verdadeiro—continua o psychologo—que tudo foi litterario no crime: a premeditação, a execução, a attitude, e até as phrases pronunciadas pela heroina do Palacio de Justiça.

«Só tive um pensamento: matar esse infame, que quiz ferir-me no que a mulher tem de mais precioso:—a honra!»

«Entrei n'uma loja d'armeiro ao pé do Louvre...O coração batia-me com força.»

Etc.

Admittes a explicação do crime? Eu admitto-a até certo ponto, se *Gilberta*, a feliz *Gilberta* das *Instituições*, que priva com a Judic, tu cá, tu lá, e que pode muito bem ter vivido na mais doce intimidade com a gentil Clovis Hugues, não disser que faço mal.

*

=A eleição da Madeira... Já não tenho espaço. Tanto melhor.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

III

Os annos de 1823 e 1824 são aquelles em que se opera uma evolução radical no espirito do nosso poeta. A educação classica

(1) O jornalista francez não sabe que existe Lisboa.

Digitized by Google

desapparece completamente, e o poeta romantico surge em toda a magnificencia das suas manifestações. Foi a sua primeira estada em Inglaterra que operou a transformação.

Tendo embarcado secretamente no vapor *Duque de Kent*, partiu para Falmouth, onde desembarcou, e de Falmouth seguiu para Londres. Ahi, por combinações que o sr. Gomes de Amorim nunca pôde conhecer, combinações feitas porêm com os seus companheiros de exilio, deliberou tornar a Lisboa, onde apenas se demorou alguns dias. Effectivamente a policia deu logo com elle, e obrigou-o a abandonar o reino, ameaçando-o com o Limoeiro, ou chegando mesmo lá a encarceral-o. Tornou por conseguinte para o exilio, e foi passar uns magnificos seis mezes da sua vida em Edgbaston, no condado de Warwick, residencia da familia Hadley, que muito se lhe affeiçoára, e a quem elle sempre se mostrou sinceramente reconhecido. Dão testemunho d'isso as notas do poema *Camões*, e, sobretudo, as paginas do seu *Diario de Viagem*, paginas que se tinham conservado ineditas, e que o sr. Gomes de Amorim felizmente intercalou no seu livro. E era uma pena que se perdessem, porque n'essas folhas avulsas, escriptas ao correr da penna, está o cunho do genio do grande escriptor. Veja-se por exemplo esta comparação do Tamisa e do Tejo:

«Não ha ahi comparar os caudaes e formosura d'este rio com a magestade e belleza do Tejo e suas margens. As d'este são rasas, monotonas, e sem mais belleza que a verdura de seus pastos, algumas arvores e casas desparzidas pela planicie. Mas o continuo fluxo e refluxo de navios e embarcações de todos os generos e tamanhos, uns que sobem vento em pôpa, outros que descem bolinando em zig-zagues, outros que sem se lhes dar de ventos ou marés navegam com a mesma facilidade com vento ponteiro ou de servir, praia ou baixa-mar ao som d'agua, ou contra corrente, tudo isto dá ao Thamesis tal animação, vida, grandeza, que bem compensada fica á vista dos serros pittorescos, bosques encantados, e mais bellezas poeticas de que se arreiam as vistosas margens do meu Tejo.»

Quando descreve as contrariedades da sua viagem a Lisboa a bordo de uma escuna, lá transparece na descripção o humorismo a que estamos tão habituados nos seus livros:

«Com effeito o padre Eolo soltou os odres; deixámos a nossa Aulide, e sem precisão de sacrificio de nenhuma princeza de sangue. E o mais é que, se os deuses de Homero nos pedissem alguma victima, estava bem mal a frota, que nosso Agamemnon não tem filhas. Só lhe vejo o recurso de dar em sua vez a cara esposa; o que seria grande allivio nosso e talvez d'elle; tanto a boa Mks Trirey nos incommoda com as suas exquisitices. Mas tem ella tão pouco geito para Iphigenia! Outra princeza aqui temos, que de bem vontade cederiamos tambem—uma hollandeza velha e natural da Asia; mas tudo isto é tão feio que o padre Calchas sem duvida não acceitaria nenhuma.»

Citemos finalmente o ultimo trecho d'esse infelizmente curtissimo *Diario de viagem:*

«A's 7 horas da manhã saí do coche de Birmingham para Londres. As primeiras braças de caminho eram feias e más, porém logo entrámos n'uma bella estrada. O tempo frio, mas sereno, picante o vento, mas sem humidade. Que triste é uma aurora n'este paiz e estação! Os roxos dedos que lhe deu Homero certo que os traz nas luvas com medo ao frio; todas essas perolas e roxos lyrios, e outras cousas tão bonitas, tudo isso aqui ha mister grande força de imaginação para as poder conceber».

E' pena devéras que esse *Diario* se não concluisse e sobretudo que n'elle não deixasse o author as impressões das suas leituras, dos seus passeios, das suas solitarias meditações. Como se operou a transformação d'aquelle grande espirito? Como passou do *Catão* para a *D. Branca*? Ah! se o *Magriço* tivesse escapado ao naufragio, quantas revelações elle nos não faria, porque o *Magriço* foi perfeitamente o poema da transição! Se elle houvesse escapado ao naufragio, escaparia comtudo á critica implacavel do seu proprio author, que sacrificava, sem piedade, como os Spartanos, os filhos litterarios rachiticos, enfezados ou coxos? Duvidamos. Basta comparar, sem fecharmos o livro do sr. Gomes de Amorim, os hendecassyllabos do principio do *Magriço* com uns versos que o proprio biographo cita do poema *Camões*. Os versos do *Magriço* são os seguintes:

Eu, no entrar da singela juventude,
Sem conhecer os homens, fui sincero.
Ardente coração, paixões fogosas,
Alma franca, de impulso me levaram
Aos paizes do cego enthusiasmo.
Por lá cantei de amor pureza e mimos,
Doçuras de amizade, enlevos d'alma,
Heroismo, gloria, liberdade e amores
A' porfia na lyra me soaram;
E na alteza do espirito sublime
Só vi nos homens a verdade e a honra.
Experiencia fatal, tu me roubaste
A tão doce illusão, em que eu vivia!
Bordado véu de lisongeiro engano
Rasgou-m'o d'ante os olhos embaidos
C'o a descarnada mão secca verdade.
Tal como elle é, vi o homem! Aos meus olhos
De vergonha e de dó vieram lagrimas.
Chorei—tão louco fui! Só gargalhada
As loucuras do mundo nos merecem.

E assim foi que, attentando mais de perto,
Vi tanta asneira, vi tanta sandice
Que desatei a rir, por fim, de tudo,
D'Eraclito chorão deixei a escola,
E alegre sigo o pachorrão Democrito,
Quero rir com Diogenes, com elle
No cynico tonel entrincheirar-me
Contra as sandices d'este parvo mundo.

Tudo isto é frio, prolixo, prosaico, sem relevo. Lembra uma d'aquellas cartas pesadonas de Filinto ao amigo Brito. Falta-lhe o fino perfume, a donairosa elegancia dos versos do *Camões* e de *D. Branca*. Este ramo do principio do *Magriço* tem cheiro e côr, sem duvida, mas é ramo da praça da Figueira, a que vem pegado o seu raminho de salsa, e que faz sair de uma larga folha de couve as rosas banaes de todo o anno. Se querem saber como d'ahi a alguns mezes Garrett sabia entrançar delicadamente a nevada camelia com a fragrante violeta, oiçam estes versos que o sr. Gomes de Amorim poz, para melhor ser o contraste, a poucas paginas dos taes do *Magriço:*

Oh! serei eu nos sonhos do sepulchro
Entre o nada das cinzas, quando a noite,
Qualquer que seja o angulo do mundo
Em que meus pés se poisem, me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos
Que, n'esse intercalar de dia e noite,
Da nebulosa Albion gozei nos campos,
Quando no berço teu, bardo sublime,
Inimitavel, unico, espraiava
Por infindas planicies d'alvo gelo
Os desleixados olhos e topava,
Ao cabo la da vastidão, c'o as cimas
Das elevadas grympas que se aguçam
Sobre as arcadas simplices do templo,
Entre as choupanas da visinha aldeia;
E se me affigurava á mente alheada
Ouvir o canto funebre das harpas,
Que da sensivel Julieta ao tumulo
As nenias acompanham.

Vive Deus! Isto sim que são versos, e aqui ha que ver! como elle dizia nas *Folhas caidas* referindo-se, não a poesias, mas a mulheres. Quer-me parecer que as balas das baterias miguelistas, quando affundaram o *Magriço*, sabiam muito bem o que faziam. Sempre eram balas portuguezas por fim de contas. Viesse a *D. Branca* na bagagem, e nós veriamos se ella ia assim para as lamas do seu patrio Douro.

Mas, por isso mesmo que o *Magriço* me parece ficar muito áquem dos dois grandes poemas que nasceram pouco depois na alma de Garrett, é que lamento sinceramente a sua desapparição. Seria um admiravel documento litterario, e dar-nos-hia talvez a chave d'essa transformação que mal podemos comprehender, quando passamos dos versos classicos de muitos dos poemetos da *Lyrica de João Minimo* para a romantica pujança dos cantos de *D. Branca* e das elegias de *Camões*.

Corrâmos porém agora rapidamente pelos episodios da vida do poeta, para podermos n'um capitulo immediato estudar exclusivamente as transformações do seu espirito. Procurando debalde em Londres emprego em que trabalhasse, mendigando debalde do governo inglez o subsidio que em toda a parte governos hospitaleiros concedem aos emigrados politicos, Garrett viu-se obrigado emfim a acceitar um modesto emprego na succursal da casa Laffitte, no Havre, emprego que lhe obteve a affectuosa intervenção do seu amigo Antonio Joaquim Freire Marreco.

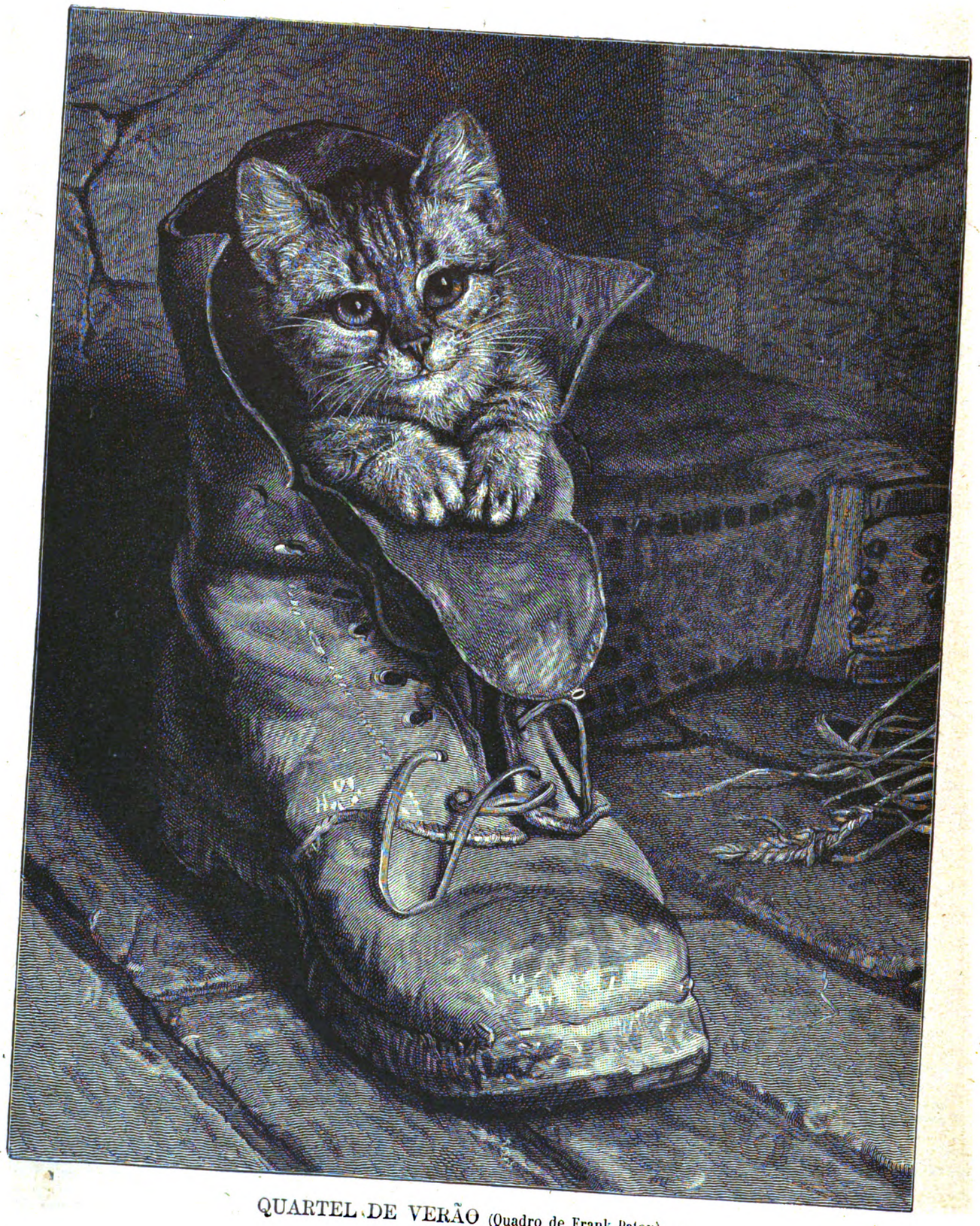
Consistia esse emprego em dar conta da correspondencia portugueza e brazileira da casa commercial em que entrava. Uma perseguição inexplicavel fez com que Garrett não fosse comprehendido na amnistia que se concedeu em 1824 aos implicados nos acontecimentos de 1820. Assim teve de continuar a occupar-se, para viver, do enfadonho trabalho que lhe tinham obtido. Residindo n'um arrabalde do Havre de Grace, chamado Ingouville, empregava os dias nas obrigações do escriptorio, e as noites na composição do *Camões* e da *D. Branca*. E' a Genesis d'estes dois poemas que vamos estudar no capitulo immediato.

PINHEIRO CHAGAS.

FORMA GREGA

N'um molde de finissima belleza
mostrava-me um artista, entre as figuras
de immortaes e correctas esculpturas
das nobres de Stambul e de Veneza—

Digitized by Google



QUARTEL DE VERÃO (Quadro de Frank Paton)

Digitized by Google

Digitized by Google

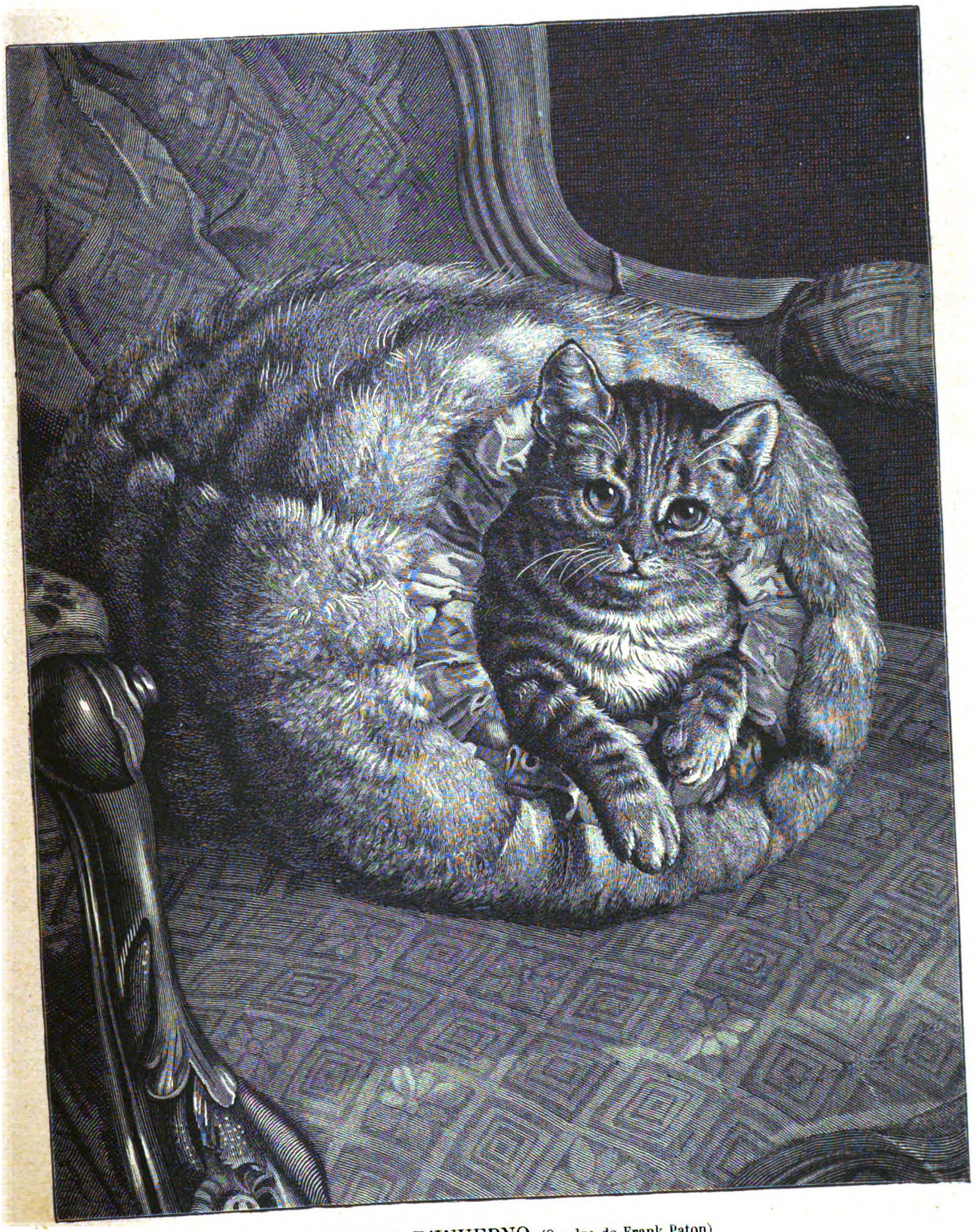
Digitized by Google

MAGDALENA TENTADORA

(Quadro de Ludwig Passini)

Digitized by Google

Digitized by Google



QUARTEL D'INVERNO (Quadro de Frank Paton)

Digitized by Google

— soberba nos encantos de Phriné
que o espirito de Athenas copiára,
uma altiva mulher—estatua rara,
a mais formosa n'esse *atelier*.

Surpreso da potente maravilha,
desejei indagar quem fosse aquella
cujo olhar precioso nos humilha...

E o grande artista, abotoando a blusa,
me disse alegremente, que essa bella
era o retrato olympico da Musa!...

Coimbra.

ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

THOMAR, SANTA MARIA DO OLIVAL

A egreja de Santa Maria dos Olivaes, ou do Olival, na prelazia de Thomar, está situada fóra da cidade, além do rio Nabão.

Esta freguezia, como a de S. João Baptista, tem a prerogativa de collegiada, e gosa, além d'isso, das regalias de matriz. Foi cabeça das ordens do Templo e de Christo.

A invocação da Virgem, que d'ella é orago, é o mysterio da Assumpção, mas porque o edificio se acha cercado de olivaes, ha tomado o nome de *Santa Maria dos Olivaes*.

A frente é de architectura gothica; o interior, porém, é de singela construcção.

Ali estão sepultados os mestres das duas ordens acima referidas, em uma capella do corpo da egreja. Até aos reinados de D. Manuel e D. João III, cada um dos sepultados tinha tumulo especial, sendo alguns de boa construcção, mas com o pretexto de desobstruir a egreja de tantos mausoleus, praticou se o vandalismo de os desmoronar, fazendo-se a trasladação para uma só capella, como dissemos.

Perderam-se assim os epitaphios que estavam gravados nos sepulchros de tantos mortos illustres, ficando apenas os de Gualdim Paes e Lourenço Martins.

Na capella-mór ainda se vê a inscripção sepulchral de Gil Martins, primeiro mestre da ordem de Christo.

QUARTEL DE VERÃO

No verão tudo vae bem. Passa-se uma noite em qualquer parte, *à la belle etoile*, deitado a um canto sob o luar, tendo por abrigo o firmamento e por colxão a verde alfombra.

Quando se é gato, então, uma simples bota serve de quartel, e na falta de bota uma nesga de tapete, o beiral do telhado, um vão de janella, o poial do pote.

QUARTEL D'INVERNO

Quando os nordestes da invernia sopram rijos já não succede outro tanto: é preciso procurar conforto, envolver a animalidade n'umas coberturas tepidas, n'umas colxas felpudas, dormir muito aconchegado sobre divans, ou junto do fogão, onde crepita um fogo delicioso.

O bonito animalsinho da nossa gravura, um gato de bom gosto, habituado a viver entre os confortos do mundo feliz, é mais difficil de contentar.

Logo que o inverno chega, faz do regalo da dona gentil o seu quartel predilecto.

Elle bem sabe que ha, dentro d'aquelle ninho, perfumes embriagantes.

O patife não se perde.

MAGDALENA TENTADORA

O barro é fragil; e o homem, que participa da natureza do barro, tem, para todo o sempre, escripta em si aquella palavra fatal.

Não escapam ao nefasto dominio da fragilidade humana moços nem velhos. O quebradiço barro tanto se nos apresenta sob a forma d'um rapaz como sob a d'um ancião respeitavel. Todos são frageis n'este mundo, e aquelle calvo sacrista do quadro está provando que se assemelha ao resto da humanidade.

Abeirou-se d'elle uma triste Magdalena arrependida. A desgraçada procura um ministro de Deus para depositar no sacrario da sua alma peccados que lhe pungem a consciencia. Farta de peccar, deseja entregar-se nos braços da religião. O seu arrependimento é sincero. Renuncia aos prazeres mundanos e está disposta a reconciliar-se com a Egreja, de que andava tresmalhada e arredia.

O sacrista, que a conheceu *ginjeira* e que não resiste á fascinação da sua belleza ideal, devora-a com olhos cupidos, sente-se inclinado a aconselhar-lhe que commetta mais um peccadilho antes de fugir para sempre ás tentações do demonio.

Se ella é tão tentadora!

EGUALANDO AS MEDIDAS

E' um garoto da peior especie, e por cima de garoto, guloso. Nas compras da manhã faz sempre os seus forrinhos, sem escrupulos de consciencia, e á volta para casa encarrega-se de provar os generos comprados, para ter a certeza—diz elle—de que o não illudiram na qualidade.

D'esta vez comprou leite em duas vazilhas, e como lhe parece que uma d'ellas vae mais cheia que a outra, trata de quebrar o jejum egualando as medidas.

Chamem-lhe lá tolo!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

JULIÃO DE SENNA SARMENTO.—Lamego.—Procuraremos ser-lhe agradavel tanto quanto possivel, sem prejudicar os outros assignantes.

EXPEDIENTE

O Quebra-cabeças do nosso ultimo numero deve ler-se do seguinte modo:—Arranjar umas palavras cujas iniciaes e finaes formem dois reptis.

Como, por mero lapso, elle não sahiu enunciado d'esta fórma, reservamos a sua decifração para o numero 31.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

O maior pronome, mata—1—1.

THAUMATURGO.

Na ave esta ave é um fructo—2—2.

Aqui este fructo é um tecido—1—2.

Aqui este mez dá-se no jogo—1—2.

CORDELINHOS.

ELECTRICAS

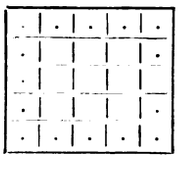
A's direitas e ás avéssas governar—2.

A's direitas e ás avéssas apoquentar—2.

A's direitas animal e ás avéssas verbo—2.

Lisboa. CORDELINHOS.

EM QUADRO



Entre vogaes dezeseis
do mesmo som e valor,
põe um verbo no imperfeito,
—o que se encontra nos circos;
—um adverbio podes pôr...
e fica o quadrado feito.

Bensafrim. G.

(Por syllabas)

. . . Resguarda-te de tão forte vento,
. . . d'este animal feroz
. . . e d'esta mulher perversa.

MANACIO.

LOGOGRIPHO

(A Ricardo Marques)

E' homem bem conhecido—1—11—10—4—5—14—3—8—9—10—11
E de nação pertencente—3—6—1—9—2—3—6—13
Ajuntando este appellido—12—9—7—5—2
Verás cidade excellente.

J. SAID OZOLLEV.

Digitized by Google

ENIGMA

N.º 9

SALTO DE CAVALLO

de	py	Pa	an	e	quel	tem	ci
la	tes	um	las	plam	to	te	d'a
ra	ju	to	ta	to *	cen	xer	con
da	vras	gyp	tos	no	e	to	vin
lho	mi	ven	oi	te	a	vos	e
de	ba	se	E	no	ao	se	al
des	de	lha	po	ta	los	nha	ão
ta	Na	trin	mil	ga	le	Do *	eu

Começa a phrase n'um asterisco e termina no outro.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: —Enxovia—Historiador—Iniciação—Pala—Irmão—Machado—Aerea—Rodador—Sebes—Assa—Noveno—Salsada—Cordão—A m o r e i r a
m o r e i r a
o r b i t a
r e i n o
e i t o
i r a
r a
a

DO LOGOGRIPHO:—Calvo.

DO ENIGMA:—Andresa, Antonia, Augusta, Alberta } extremidades

Avelina, Adelina } as que cruzam

DO PROBLEMA:—Dez pessoas podem collocar-se a uma mesa de 362:880 maneiras differentes. Duas podem ficar juntas, achando-se os convivas de 80:640 modos diversos. Portanto, a probabilidade que Euphrasia e Belarmino teem de ficar um ao pé do outro, é $\frac{2}{9}$.

A RIR

Um convalescente agradecido:

—Doutor, não esquecerei nunca que lhe devo a vida!

—O que o meu amigo me deve são quinze visitas. E' isso o que eu desejo que não esqueça nunca.

*

Um Othello á sua Desdemona, que entra em casa ás 8 da manhã.

—D'onde vens tu a semelhante hora?

—Fazia um nevoeiro muito denso; perdi-me quando voltava de casa de minha tia, e tive de dormir na rua.

—Sósinha?

*

N'uma recita de curiosos:

Representa-se um dramalhão macrobio, em cujo ultimo acto a protogonista deve morrer, envenenada pelo amante. Chegou a grande scena. Os dois personagens acham-se no tablado. O galã perturba-se e segreda ao ouvido da dama:

—Esqueceu-me o frasco do veneno!

—Não importa! Mata-me d'uma punhalada ou d'um tiro, segreda a dama.

—Não tenho punhal nem pistola.

—E' o mesmo, mata-me; o publico está impaciente.

N'esta difficil conjunctura, o galã, subitamente inspirado, dá um forte pontapé na ingenua.

O ponto, pela terceira vez:—*Morro envenenada!*

A actriz, cahindo exanime:—Morro envenenada!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Para tirar o sarro dos dentes recommendamos aos nossos leitores o emprego do alumen em pó muito fino.

Limpando os dentes com esta substancia, uma vez cada dia, em dois ou tres dias terá desapparecido completamente o sarro.

Depois de cada operação lave-se a bocca com agua e assucar, para fazer desapparecer a adstringencia que o alumen produz.

CONTOS DA CARÓCHINHA

OS BEIJOS DE OURO

(CATULLE MENDÉS)

I

Ella cantava canções que as avesitas lhe tinham ensinado, mas a sua voz era muito mais melodiosa do que a dos passarinhos; elle tocava pandeiro como um bohemio; e assim iam pelos caminhos fóra, acompanhados da sua musica.

Quem eram elles? Eis uma pergunta a que não saberiam responder. Lembravam se apenas que nunca tinham dormido em uma cama ou comido em uma mesa. Pequenos, como os pardalitos implumes, encontraram-se um dia em uma estrada: ella vinha do matto, elle sahia de um fosso,—ambos abandonados por duas mães descaroaveis—apertaram a mão um do outro e riram-se.

Chovia n'esse dia: mas ao longe, uma banda do céo tingia-se de purpura; caminharam n'essa direcção e nunca mais deixaram de seguir o itinerario, marcado pelo céo luminoso. De certo teriam morrido de fome e de sede, se os regatos não dessedentassem os campos e se as boas camponezas não lhes atirassem, de vez em quando, uma codea de pão, duro de mais para ser comido pelas gallinhas.

Causava dó o aspecto, enfezado e pallido, dos dois pequeninos vagabundos.

Uma manhã,—tendo ambos entrado na adolescencia,—sentiram que se amavam. Desde então, o seu destino mudou. A miseria não conseguiu entristecel-os; sentiam-se felizes na desgraça; os amargos da pobreza diluiam-se nas doçuras do amor. Cobertos de farrapos, queimados pelo sol e alagados pela chuva, nem por isso invejavam as pessoas que usavam, no verão, frescos estofos, e no inverno, capas forradas de pelles. Jornadeavam todo o dia, percorrendo as povoações, parando nas praças, defronte das casas ricas, cujas janellas não raro se abriam; e defronte das estalagens, onde abancavam os camponezes: ella cantava, elle tocava pandeiro; se lhes davam alguns soldos,—o que succedia frequentes vezes, devido ao seu aspecto insinuante,—ficavam contentissimos; mas nunca se affligiam, se a colheita era improficua. Deitavam-se em jejum, com o estomago vazio e o coração cheio; nem são dignos de lastima os famintos, a quem o amor offerece, á noite, sob a palpitação das estrellas, o divino maná dos beijos.

II

Chegou, porém, um dia em que ambos se sentiram profundamente tristes. Cahia neve, o frio retalhava as carnes; não tendo recebido, havia tres dias, nenhuma esmola, cambaleantes, exhaustos, refugiaram-se em uma granja, fustigada pelo vento. Debalde trocaram ardentes caricias; os seus labios, mesmo unidos, lembravam-se de que não tinham comido. E o desespero do presente exacerbava a angustia do futuro. Que fariam, que seria d'elles, se a caridade não os soccorresse? Tão moços, e haviam de morrer assim, abandonados por todos, estendidos nas pedras, menos duras do que o coração dos homens!

—Será possivel, disse ella, que a Providencia nos negue o que dá a toda a gente: lume para se aquecer e um bocado de pão para se alimentar? E' triste lembrar-se uma pessoa que em quanto tantos dormem regaladamente, dentro de boas casas agasalhadas e quentes, nós estamos aqui, tremulos de frio, como avesinhas sem pennas e sem ninho!

Elle não respondeu: chorava.

De repente, afigurou-se-lhes que tinham morrido e que entravam no paraizo; a granja illuminou-se, resplandecente como o astro do dia; uma dama, formosa como um anjo, vestida de brocado verde, empunhando uma varinha de ouro, approximou-se.

—Pobres pequenos, disse ella, o vosso infortunio commoveu-me e quero proteger-vos. Depois de haverdes sido mais pobres do que os mais miseraveis, sereis mais opulentos do que os mais ricos; os vossos thesouros serão tão copiosos, que não achareis

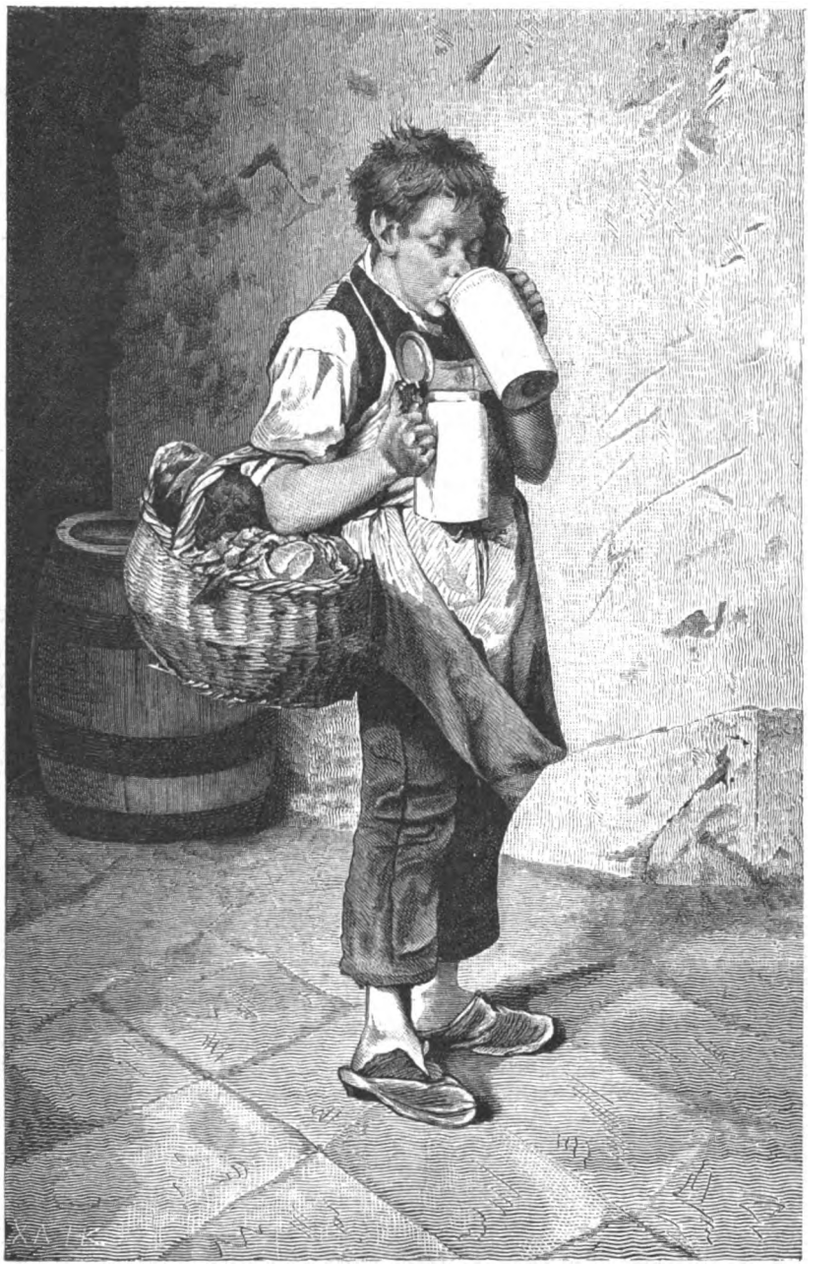
Digitized by Google

n'este paiz um numero de cofres sufficiente para os encerrar.

Os bohemios julgaram-se victimas de um sonho.

—Saibam que eu sou uma fada, cujo poder é illimitado. D'hoje em diante, sempre que qualquer de vós abrir a bocca, sahirá d'ella uma peça de ouro; depende pois da vossa vontade possuirdes tantas riquezas, quantas appetecerdes.

Dizendo estas palavras, a fada desappareceu; e como, em virtude d'este prodigio, os dois ficassem mudos de assombro, de bocca aberta, cahiram-lhe dos labios, ducados, sequins, florins, dobrões, e tantas bellas moedas, que pareciam uma chuva de ouro.



EGUALANDO AS MEDIDAS

III

Não tardou que se divulgasse no mundo a fama de um principe e de uma princeza, que habitavam um palacio grande como uma cidade e deslumbrante como um céo constellado de estrellas: as paredes d'esse palacio, construidas dos marmores mais raros, eram incrustadas de pedrarias. O aspecto exterior do edificio não era nada a par das suas magnificencias internas.

Seria um nunca acabar, se se tentasse descrever todos os moveis preciosos, todas as estatuas de ouro que decoravam as salas, todos os lustres de pedrarias que scintillavam, suspensos dos tectos. Os olhos cegavam ao encararem tantas maravilhas. Os proprietarios davam ahi festas, que eram reputadas incomparaveis. Mezas tão compridas, que poderiam dar logar a um povo inteiro, ostentavam uma exuberancia de manjares delicadissimos e de vinhos raros; os escudeiros trinchavam os faisões da Tartaria em pratos de ouro; os copeiros deitavam o vinho das Canarias em taças feitas de uma só pedra fina.

Se algum pobre diabo faminto entrasse de repente na casa de jantar, enlouqueceria de surpreza e de jubilo. Como era de presumir, não faltavam convivas para admirarem e louvarem de todas as maneiras os amphitriões, que os recebiam com tão extraordinaria pompa. E o que ainda mais contribuia para exaltar a alegria dos convivas, era o galante phenomeno do principe e da princeza não abrirem nunca a bôca para comerem ou fallarem, que não brotassem de seus labios peças de oiro; os creados apanhavam as moedas, enchiam elegantes cestos, e distribuiam-as, depois da sobremeza, a todas as pessoas presentes.

A fama de tanta riqueza e generosidade espalhou-se a ponto que chegou ao paiz das Fadas; uma d'ellas,—a que tinha apparecido vestida de brocado, na granja exposta ao vento,—formou o projecto de visitar os seus protegidos, afim de ver de perto a felicidade que lhes déra e receber os seus agradecimentos.

Mas quando entrou, á noute, no quarto sumptuoso onde o principe e a princeza acabavam de recolher-se, ficou profundamente admirada! Longe de testemunhar-lhe alegria e de agradecer-lhe, elles ajoelharam-lhe aos pés, derramando abundantes lagrimas, soluçando dolorosamente.

—O que significa isto? perguntou a fada. Será possivel que não estejaes satisfeitos com a vossa sorte?

—Ai de nós! boa fada, nós somos tão infelizes que morreremos de desgosto, se acaso não merecermos a vossa compaixão.

—Dar-se-ha caso que não vos julgueis sufficientemente ricos?

—Demasiado o somos nós!

—Desagradar-vos-ha verdes sempre cair da bôca peças de oiro, e preferirieis, talvez, para variar, que eu faça brotar dos vossos labios diamantes e saphiras, grandes como ovos de rôla?

—De modo algum!

—Dizei então o que vos afflige, porque eu não o saberei adivinhar.

—Grande fada, é muito agradavel aquecer-se a gente quando tem frio, dormir em um leito de pennas, comer o que lhe appetece, mas ha uma cousa superior a todos esses gosos: é beijar a bôca do ente amado! Desde que nos fizestes ricos, nunca mais, ai de nós! experimentámos essa felicidade! Cada vez que os nossos labios se unem, saiem d'elles detestaveis sequins, ou horriveis ducados, e é só o oiro que nós beijamos!

—Ah! volveu a fada, não tinha pensado n'esse inconveniente.

Mas não conheço remedio para esse mal, e é mister que vos resigneis.

—Nunca! Compadecei-vos do nosso infortunio. Não seria possivel retirar-nos o terrivel dom que nos concedestes?

—De certo que é. Mas advirto-vos que não só perdereis a faculdade de espalhar ouro, como ficareis privados de todas as riquezas que possuis.

—Que nos importa?

—Seja assim, disse a fada, faça-se a vossa vontade!

A fada bateu com a varinha, e elles acharam-se de repente perdidos na estrada, deitados na granja exposta ao vento e volvidos á sua infima miseria. Famintos, maltrapilhos, tremulos de frio, como as avesinhas sem pennas e sem ninho, os seus labios encontraram-se e o beijo restituiu-lhes a perdida felicidade

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os dreitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 26 de janeiro de 1885 — Numero 31

A Illustração Portugueza

Semanario

Revista litteraria e artistica

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

Texto.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Olhos azues*, versos, por Zebedeu.—*As nossas gravuras.—Olhar!* versos, por Teixeira Coelho.—*Em familia.* (*Passatempos*).—*Um conselho por semana.—O homem do paletot* por Lorjó Tavares.

Gravuras.—*Egreja de S Francisco, em Guimarães.—Um segredo entre tres.—Um banho aos pés —O leigo.—Scismando.*

CHRONICA

Fiquem *vocencias* desde já sabendo que disponho de muito pouco espaço.

. . . . . .

E sabido isto, não venham depois exprobrar-me a falta de consideração pelos assumptos da semana; não venham amanhã dizer-me qne eu espreito, á janella da chronica, os factos palpitantes, para em seguida fechar a dita janella nas bochechas da humanidade, recolhendo-me silencioso a bastidores.

D'esta vez vi e ouvi muita coisa: declarações de guerra politica, que se proclamaram aos quatro ventos; Niagaras de rhetorica parlamentar caindo aos borbotões sobre a cabeça do indigena; jorros de harmonia deslisando suavemente pelos labios de cantoras celebres; incendios devastadores fazendo victimas; velhos actores dizendo o ultimo adeus á scena da vida; bellos artistas da caricatura transformarem-se em fabricantes de loiça das Caldas; accordos politicos desfeitos ruidosamente ao sopro nefasto das paixões partidarias...

Vi tudo isso, e ainda muito mais, baralhar-se no kaleidoscopo colorido dos successos da semana; ouvi discursos retumbantes, objurgatorias violentas, facecias grotescas, prantos de saudade, vozes crystalinas, gritos de guerra, mas sou forçado a condensar em quatro palavras curtas a noticia de quanto presenciei ou me afagou carinhosamente os ouvidos.

Em S. Carlos, a velha *Traviata* pela Sembrich. Em S. Bento, a *questão politica* pelo sr. Antonio Candido. No theatro lyrico, a famosa cantora pola a subjugar-nos com o prestigio da sua voz brilhante e avelludada. No theatro parlamentar, o illustre orador progressista a assombrar-nos com a sua palavra magica e eloquente.

D'um lado o formoso *spartito* com que nos embalaram em creança. Sembrich a morrer cantando e a encantar-nos morrendo. As melodias plangentes da bella musica italiana a imprimirem-nos dentro d'alma uma vaga tristeza dulcissima, impregnada de perfumes embriagantes e consoladores.

Do outro, a velha partitura estafada da politica, com que nos embalam na maioridade as amas seccas da governação do paiz; uma opera sem colorido nem sabor moderno, com instrumentação de sanfona e bombo.

EGREJA DE S. FRANCISCO, EM GUIMARÃES

D'esta vez, a parte da *prima-donna*, no *spartito* cantado em S. Bento, teve por interprete o sr. Antonio Candido, artista da palavra, cinzelador da phrase academica e burilada. Mas, francamente, agradou-nos muito mais a Sembrich: trouxemos da *Traviata* recordações mais gratas, apesar do fiasco do tenor, a quem Deus não fadou, de certo, para definir Armandos sentimentaes e enamorados.

A proposito de tenor, não sabemos bem se foi o sr. Braamcamp quem se encarregou d'este papel, na conjura dos hugnenotes

Digitized by Google

progressistas de S. Bento. A voz de s. ex.ª não está ainda classificada. Hei de pedir ao commendador Antonio Duarte que a defina nas suas criticas musicaes do *Jornal da Noite*.

Todavia, pareceu-nos que o venerando estadista foi effectivamente o tenor da opera. Aquella pallidez romantica não póde ser nunca d'um barytono. Aquella maviosidade de emissão não é, seguramente, o caracteristico d'um baixo cantante.

Emquanto nos não disserem que estamos em erro, o sr. Braamcamp ficará sendo para nós o Gayarre da Granja, o sr. Antonio Candido a Sembrich, o sr. Navarro o Nannetti, o sr. Luiz Jardim o Sparapani, e o sr. Carlos Lobo d'Avila um tenorino gentil, que se inicia galhardamente nos segredos da escola italiana... uma especie de Guille do progressismo.

Por ora deu-nos este brilhantissimo elenco promettedor o primeiro acto da opera:—*dichiarazione di guerra*, com solos de tenor e de soprano. O epilogo desenrolar-se-ha dentro de poucos dias. A orchestra está no seu posto, a *claque* preparada, as galerias cheias. Vamos ouvir a *romanza* do barytono, e aguardemos o desenlace.

*

=Emquanto se desencadeavam estas luctas tremendas entre dois partidos politicos da nossa terra, um que governa, outro que pretende governar, morria o velho actor Theodorico muito serenamente, muito modestamente—por que ha quem morra assim—na sua casa tão singela como elle era, como elle foi sempre.

Ha um mez, o Rosa Pae do *Alfageme de Santarem* e do *Marquez de la Seigliére*: agora o Theodorico do *Camões do Rocio*, da *Patria* e da *Lei dos Morgados*, o bom Theodorico que, com o seu vozeirão enorme, enchia o nosso theatro normal, nos tempos felizes em que os theatros de Lisboa não haviam ainda chegado á deploravel decadencia de hoje.

Um collega nosso, registrando o passamento do artista illustre, narrou ha dias o seguinte caso:

«Quando o enterro do Rosa Pae passava pelo Rocio, duas mulheres do povo, que assistiam curiosas e espantadas a esse enorme cortejo funebre, e faziam as suas observações ácerca das pessoas suas conhecidas que iam no prestito, apontaram para um velho, macillento, de faces cavadas, que acompanhava o enterro, e disseram:

—Olha o Theodorico!

—Eia! como elle está velho, observou uma d'ellas, póde ir preparando as malas, que está aqui está a ir fazer companhia ao outro.

O Theodorico ouviu a sinistra prophecia, e achou-lhe immensa graça.

Contou-a a Francisco Palha, rindo muito da historia, chalaceando com o vaticinio lugubre da prophetisa do Rocio. Rosa pae enterrou-se ha um mez, e hoje lá vae fazer-lhe companhia o pobre Theodorico!»

Faz pensar esta abalada rapida de todos os velhos artistas que, ao lado uns dos outros, em convivio estreito e perfeitamente fraterno, deliciaram nossos avós e nossos paes no theatro do Rocio.

Parece que, quando um cae, prostrado pela mão da morte vigorosa, fria, implacavel, os restantes não podem ou não devem sobreviver-lhe.

Afigura-se-nos que os velhos heroes do palco, formando uma familia, um corpo unico, juraram entre si abandonar o mundo terreno quasi ao mesmo tempo, sem intermitencias longas.

O golpe que fere um d'elles, fere-os a todos simultaneamente, e mata-os. Representaram juntos e juntos querem acabar.

Quantos restam ainda d'essa pleiade illustre? Poucos, rarissimos. A Talassi, o Taborda, o Santos...

A primeira está velha e enferma. Santos está cego e triste. Apenas o bom Taborda não cegou nem envelheceu, mas lá vae arrastando a sua surdez rebelde longe da scena, onde foi astro de primeira grandeza, lá vae sendo ferido, no intimo d'alma, pelas maguas esmagadoras que se inspiram de tanta visita aos cemiterios.

*

=Tambem deu a alma a Deus o *Antonio Maria*, mas este, ao invez do bom Theodorico, não expirou serenamente, modestamente; foi-se cheio de rancores, testemunhando odios, explosindo maldições, arrotando orgulhos.

A causa do seu passamento é duvidosa, desconhecida mesmo. Parece que Bordallo Pinheiro se agastou com o jornalismo de Lisboa, por elle não realisar o bando precatorio, a despeito da prohibição governativa. Como o bando não sahisse da rua do Alecrim—dizem—sahiu elle da imprensa, chamando-lhe nomes feios na hora extrema, appellidando-se a si proprio o unico jornalista genuino da commissão de soccorros á Andaluzia.

Ora acontece que, entre os membros da commissão da imprensa, já desfeita, só havia um que não era jornalista:—Bordallo Pinheiro.

Artista, e por tal signal um bello e inspirado artista, é o que s. ex.ª foi sempre, mesmo antes de ser amanuense nas Côrtes.

Que o diga Ramalho Ortigão, que o diga tambem o espirituoso *Pan* das gazetilhas picarescas, duas cabeças fallantes pelas quaes se guiava o lapis feliz do caricaturista insigne.

Bordallo deixou-se de illustrar jornaes burlescos para ir illustrar loiça das Caldas. E' mais rendoso e mais pratico.

Deixamos de ter o *Antonio Maria* com boas caricaturas e facecias desopilantes, mas, ao menos, resta-nos a consolação de podermos substituir á nossa meza a loiça das Caldas, primitiva e ordinaria, por bellos pratos onde a mão habilissima do intelligente artista esculpio desenhos correctos e vistosos.

O *Antonio Maria* não moralisou talvez a sociedade, não moralisou os costumes, não moralisou os homens. A loiça de Bordallo Pinheiro, finissima, elegante, moderna, abrir-nos-ha o apettite á mesa, entre a sopa e a primeira entrada, concorrendo poderosissimamente para que o nosso estomago se fortaleça. Ora um homem bem jantado sente-se mais propenso á moral que um sujeito faminto. E' de crer, pois, que a resolução acertada do insigne caricaturista concorra mais do que o burlesco jornal defunto para a moralisação do nosso meio social. Fiamos da Providencia que assim succeda, e seremos francos dizendo a Bordallo que não fechou com chave d'oiro o arsenal da sua *verve* inexgotavel.

Quem dispõe de tão formoso talento e de tão bello espirito, tinha obrigação de dizer um outro adeus mais sympathico e affectuoso á imprensa, ao trocar a caricatura do jornal pela illustração dos vasos etruscos.

*

=A cotação dos nossos fundos tem baixado consideravelmente no mercado londrino, mercê dos manejos e especulação da agiotagem, segundo affirmam varias sumidades politico-financeiras do paiz.

Eu bem sei que não te abala isto nem te commove, queridissima leitora, mas consente que t'o diga, para descargo de consciencia.

A Inglaterra desconfia do nosso credito, quando é certo que nós tinhamos bem mais rasão para duvidar da pureza da sua estima, d'aquella estima tradiccional e lendaria, tão *desinteressada* e tão *sincera*. Faz muito bem.

Eu não sei até onde esta descida de fundos, lá fóra, poderá levar-nos, cá dentro, mas é de crer que nos não arraste á penuria extrema.

O paiz está cada vez mais prospero. E' ver o manancial de riquezas que desliza quotidianamente para os granadinos *terremotados*. Com um pouco mais, chegaria para matar o *deficit*, o monstruoso pachiderme em que tanto se falla.

*

=Concorreu para tornar a semana finda interessantissima e rica de episodios, a historia d'um preso que se esgueirou da Torre de S. Julião da Barra, onde fôra enclausurado por crime d'assassinio. Tinha sido soldado e matára um superior seu. A justiça humana condemnara-o a prisão perpetua. O santo homem não esteve pelos autos, e quiz espraiar a vista por mais largos horisontes que não fossem os circumscriptos á sua negra e humida cella da Torre.

Vae d'ahi, fugiu. Recapturado alguns dias depois, levaram-n'o para uma enxovia do quartel do Carmo, d'onde tornou a escapar-se, muito a salvo.

D'aventura em aventura, foi novamente dar com os ossos na tarimba da prisão primitiva, d'onde ámanhã se evadirá uma outra vez, provando ás justiças da nossa terra que não ha nada como ser preso para poder andar solto.

*

=Corre insistentemente o boato de que uma formosissima senhora de Lisboa, bastante conhecida entre a *fashion* dourada, vae em breve debutar, como actriz, no theatro de D. Maria.

Por emquanto não me reputo authorisado a revelar-te o nome da futura artista, mas dentro d'alguns dias te direi quem ella é.

Mysterio!

E já que fallei do sexo gentil, aguçando-te a curiosidade, permitte-me duas palavras a *Gilberta*, a intelligente e insidiosa chronista das *Instituições*.

Como vês, ainda ella, sempre ella! Este sestro é mais forte do que eu proprio!... Então?...

Descobriu agora a causticantesinha *Gilberta* ter eu devaneiado, quando affirmei que a critica madrilena desdenhára da bella Devriés.

Não devanceei, excellentissima, juro-t'o.

Conheces *El Estandarte*, o orgão de Canovas, um jornal conceituadissimo, onde costuma fazer-se boa critica d'arte? Pois lê o numero 261, de 24 de novembro ultimo, 4.ª columna, 3.ª pagina. Preadivinhava já que tu, minha buliçosa *Gilberta*, havias de bedelhar com aquella affirmativa. E como *El Estandarte*, outros muitos.

Queres ler? Offereço-t'os, como te offereço d'aqui, ás duas da madrugada, a homenagem e a genuflexão do meu respeito.

. . . . . .

C. DANTAS.

Digitized by Google

GARRETT E O SEU TEMPO

IV

A ignorancia de muitos criticos modernos tem attribuido ao grande movimento romantico d'este seculo um caracter completamente diverso do que elle teve na realidade. Se muitos chegam a não perceber o nome de «litteratura romantica» imaginando que se chamou assim porque não pintava senão casos romanescos e ideaes, e que, se o realismo não viesse restituir á arte o seu caracter de verdade e de observação sincera, não haveria na litteratura senão ouropel e lantejoulas, sentimentos ficticios, convencionalismo, rhetorica, declamação e em phase!

Os que se occupam com seriedade d'estes assumptos sabem perfeitamente como são falsas todas estas affirmações. A litteratura romantica chamou-se assim porque foi procurar os seus modelos á antiga litteratura medieval da lingua *romana*, em contra-posição com a litteratura classica, que, desprezando completamente a arte medieval, não reconhecia como bello senão o bello antigo, o velho ideal de Grecia e de Roma.

Alem d'isso os romanticos, longe de desprezarem a verdade, fizeram d'ella pelo contrario o seu idolo e a sua musa. Oppozeram á litteratura de estufa, que o velho regimen legára, uma litteratura que se espanejava livre e exuberante em plena luz e em plena vida. A litteratura até ahi fora uma litteratura cortezã, falsa como tudo o que vivia n'aquella atmosphera estreita e artificial. As conveniencias dominavam tudo. Os sentimentos não se exprimiam senão debaixo de uma forma delicada e cortez. Quando Orosmane, um Othello amaneirado que Voltaire inventou, interrompia um discurso cheio de objurgatorias á sua amante, para lhe dizer: *Zaïre, vous, pleurez*, o author e o publico exigiam que Zaira, como uma menina bem educada, escondesse as lagrimas com o lenço. Como uma actriz ingleza, que representou este papel, entendeu que devia dar largas ao desespero de uma christã da meia edade, Voltaire criticava-a amargamente, notando que Orosmane, em presença do modo como ella interpretava o papel, não lhe devia dizer: *Zaïre, vous pleurez*, mas sim: *Zaïre, vous vous roulez par terre.*

Quando os poetas do tempo queriam cantar a natureza, e exprimir os seus amores, inventavam uma natureza decorativa e ornamental, uma Arcadia de que elles eram pastores, e onde as suas amadas, com os nomes ficticios de Marilia e de Lycoris, acceitavam languidamente os seus madrigaes bucolicos.

Como havia um só modelo, uma só regra, como tudo se devia sujeitar ás normas do bom gosto, a critica litteraria excluia despiedosamente do seu Pantheon todas as litteraturas que não fossem perfeitamente correctas, sabias e cortezanescas. Da litteratura grega, da propria litteratura grega não acceitava senão a dos seculos aureos Eschylo era para ella um barbaro. A litteratura latina, apesar de ser apenas uma litteratura de imitação, como era uma litteratura toda apurada e mondada de exuberancias inconvenientes, obtinha todo o applauso e todo o elogio. As litteraturas medievaes nem mereciam um instante de attenção. Voltaire traduzia Shakespeare em horriveis versos brancos, para mostrar ao publico francez que aquelle diabo tinha mais talento do que em geral se suppunha, e que havia no meio de todas as suas brutalidades, obscenidades e asneiras algumas perolas aproveitaveis. Traduzindo assim o *Brutus* do poeta inglez, publicava ao lado d'essa tragedia informe a sua *Morte de Cesar*, uma tragedia muito penteadinha e correcta, para mostrar modestamente ao publico francez como um homem de gosto sabia tratar esse assumpto que não inspirára ao selvagem Shakespeare senão uma verdadeira monstruosidade.

Assim como aquelle mundo artificial de Versailles se derruio ao primeiro sopro da Revolução, assim tambem todo esse convencionalismo, todas essas cortezanias litterarias, essas Arcadias que eram umas ampliações dos jardins de Trianon, essas tragedias em que não entravam senão pessoas que podessem ser apresentadas a sua magestade, fugiram diante da torrente que invadia a litteratura como invadira a politica.

As periphrases foram supprimidas, entraram nas tragedias os reis e os lacaios, os poetas pintaram a natureza como a viam, sem ser atravez dos vidros côr de rosa dos kiosques dos jardins; dirigiram-se versos ás mulheres sem as transformarem em pastoras, e sobretudo as litteraturas desprezadas, porque eram sinceras, espontaneas e populares, conquistaram o applauso e a admiração. Shakespeare, o mais profundo observador da natureza humana que nunca appareceu no mundo, foi acclamado enthusiasticamente; resuscitaram as litteraturas medievaes, a poesia popular encontrou colleccionadores apaixonados e effectuou-se emfim a grande revolução da verdade contra o gosto, da poesia espontanea e sincera contra a poesia arrebicada e artificial.

Garrett achou-se de subito em Inglaterra no meio d'este grande movimento litterario. Leu as elegias de Couper, as balladas de Burns, as poesias de Wordsworth, os estranhos poemas de Byron, os poemas orientaes de Thomaz Moore, os romances de Walter Scott, e a collecção de cantos populares publicados pelo bispo Percy. Reviveu então o seu enthusiasmo infantil pela poesia popular. Lembrou-se das chacaras da tia Brigida e dos contos de Rosa de Lima, e na sua alma de poeta operou-se desde logo a transformação definitiva, que o ia levantar ao logar mais eminente da litteratura portugueza do seu tempo. A collecção do bispo Percy inspirou-lhe a idéa de fazer a collecção do Romanceiro, os poemas de Walter Scott, baseados nas balladas do seu paiz, inspiraram-lhe a idéa de basear a *Adosinda* nos romances populares portuguezes. Mas o seu genio era bastante original para se não limitar a seguir os modelos estrangeiros. Estava lançado n'um caminho completamente novo. Tivera por iniciadores, é certo, os grandes poetas inglezes. Hauria, no grande movimento litterario que em torno d'elle se agitava, o segredo das novas inspirações; mas o seu genio, trabalhando sobre si mesmo, produziu emfim essas duas grandes obras primas, que não teem modelos nas outras litteraturas, e que se chamam *Camões* e *D. Branca.*

O que dá a verdadeira originalidade á *D. Branca* não é ser um poema baseado na mythologia popular do nosso paiz, não é ser um poema medieval, em que se procura estudar a edade media portugueza na sua verdade historica: é o tom humoristico, delicado, finissimo d'esses versos deliciosos, que sobrevivem a todos os poemas medievaes, que então brotaram.

Effectivamente n'esse tempo procurou-se resuscitar a verdadeira edade media, mas, como Taine diz com toda a rasão, á sinceridade dos esforços não correspondia a execução. A edade media era um pouco de phantasia, mesmo a edade media de Walter Scott. A edade media de cartonagem succedeu á antiguidade falsificada: com uma differença porém, e n'isso estava a grande transformação litteraria. Os classicos falsificavam tudo de proposito para metterem a antiguidade dentro dos estreitos moldes da sua litteratura de côrte, e os romanticos falsificavam de boa fé, com o desejo vivissimo de encontrarem a nota verdadeira e sincera. E, digâmos tudo, se os cavalleiros de Walter Scott não se assemelham completamente aos ferozes barões da meia edade, se o Richelieu de Vigny é muito mais dramatico do que verdadeiro, os traços geraes são desenhados com inteira verdade, e a evocação das épocas extinctas não deixa de produzir no espirito dos leitores a impressão geral verdadeira e correcta.

Comtudo o romance e a poema historico tinham os defeitos do *pastiche*, e, reconhecida a difficuldade ou impossibilidade de resuscitar homens que se não conheceram, costumes que se não observaram directamente, a litteratura passou a limitar-se á observação directa dos costumes e dos homens nossos contemporaneos. E' essa a verdadeira transformação que o realismo trouxe comsigo, e ainda assim essa transformação foi iniciada na época romantica. Flaubert e Zola, em vez de seguirem Walter Scott, Vigny e Dumas, seguiram simplesmente Balzac.

Ora Garrett nunca se deixou arrastar pela preoccupação do *pastiche*. O seu finissimo gosto mostrou-lhe o que havia de impossivel n'essas tentativas de reconstrucção, e nem na *D Branca*, nem depois no *Arco de Sant'Anna*, nem nas suas peças de theatro se preoccupou muito com os estudos da época. Estudou o homem, e nada mais. Longe de fazer da *D. Branca* um poema no genero de *Marmion* ou do *Lay of the last mstrinsel*, fez-se o Ariosto da nossa mythologia popular, e foi por isso que o seu delicado poema sobreviveu a todos os *pastiches* do seu tempo, como o *Orlando furioso* aos poemas de cavallaria. O *Camões* foi mais um poema pessoal do que a evocação do vulto do grande poeta. São as tristezas do seculo XIX que suspiram nos labios do grande poeta evocado por outro poeta eminente, e esse subjectivismo adoravel é que dá effectivamente a esse poema o seu prestigio immortal. Para que Garrett, no meio da orgia exuberante do romantismo desencadeiado, seguisse assim o caminho sereno e seguro da immortalidade, contribuiu bastante talvez o ter sido iniciado na nova poesia pela musa britannica. Da escola que surgia tomou todos os predicados sem se deixar enlear nos seus muitos defeitos.

PINHEIRO CHAGAS.

OLHOS AZUES

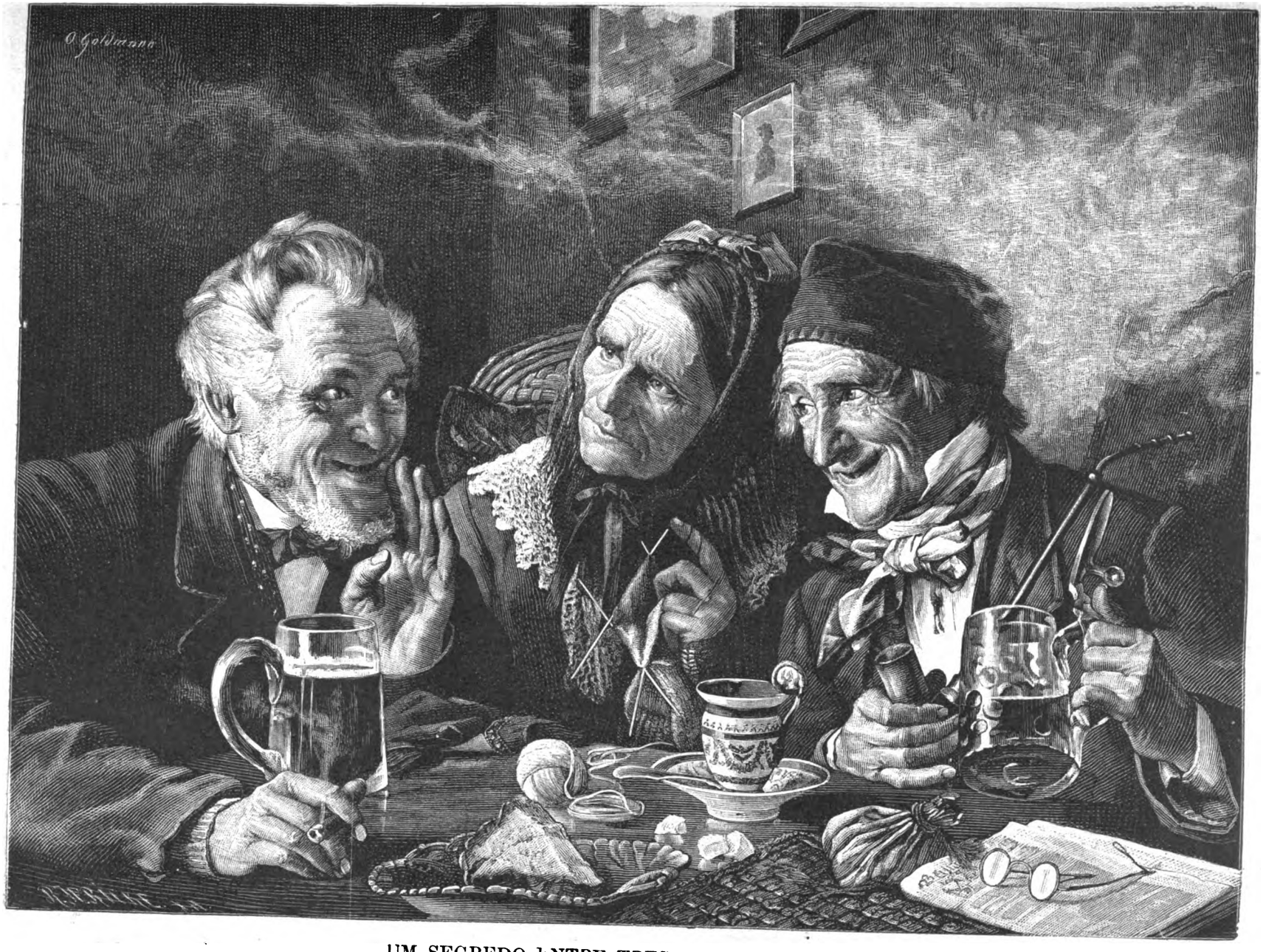
(A JOÃO DE DEUS)

Minha avó, do Eterno se fallava
era no singular, dizendo—Deus!
mas ao fallar do ceu pluralisava,
dizendo e olhando christãmente—os ceus!

E certa vez ouvi-lhe n'um serão,
—...Profanos! Como a gente assim se mette
quasi a sorrir da santa religião!...—
que os ceus eram em numero de *sete!*

Não creio serem *sete* os ceus, não creio!
O' minha meiga avó, perdoa pois!
Theologos! Se *sete* são, dizei-o,
que eu penso serem simplesmente—*dois!*

Digitized by Google



UM SEGREDO ENTRE TRES (Quadro de O. Goldmann)

Digitized by Google

Digitized by Google

O LEIGO

(Quadro de H. S. Marks)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UM BANHO AOS PÉS (Quadro de J. Engel)

Digitized by Google

E estes *dois* que conheço, ó minha amada,
assim azues eu creio os creou Deus;
erra a conta dos *sete:* é conta errada!
Os ceus são *dois,* e são os olhos teus...

ZEBEDEU.

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA DE S. FRANCISCO EM GUIMARÃES

Fez parte de um mosteiro consagrado ao santo patriarcha. Teve começo em 1290. Duas fundações a tornam celebre. A primeira, a ser verdade o que affirma a chronica franciscana, deve-se ao proprio santo, quando passou n'estes reinos, em tempo de D. Affonso II, e verificou-se no logar chamado agora a *Fonte santa*, na freguezia de Santo Estevão de Urguezes.

A segunda effectuou-se dentro da circumvalação das muralhas, junto á torre velha, onde depois se edificou o recolhimento das irmãs da ordem terceira.

Está esta representada na nossa gravura. Abramos a sua historia. Reinava em Portugal D. Affonso II, quando foi para Guimarães fr. Gualter e outro frade, ambos franciscanos. Depois de passarem algum tempo no cimo da serra, chamada Villa Verde, foram para um hospital proximo, que existia junto á *Torre Velha*. Foi ao longo da parede d'esse hospital que, já em tempo de D. Diniz, o arcebispo de Braga, D. fr. Tello, havia lançado a primeira pedra para o convento onde foram residir fr. Gualter e seu companheiro.

No tempo de S. Domingos foi destruido este mosteiro.

Reinando D. João I (1400) foi o convento reedificado, com a condição de *não ser mais chegado á villa do que estava o de S. Domingos.*

Fr. Gualter foi canonisado e as suas cinzas repousam, em capella propria, na egreja de que tratamos, como resam estas palavras que ali se lêem: *Gualteri tegit hoc venerabilis ossa sepulchrum.* Este sepulchro encobre os ossos do veneravel Gualter.

UM SEGREDO ENTRE TRES

As copiosas libações de boa cerveja tornaram-o fallador. Palavra puxa palavra, a cerveja puxa centos d'ellas, e o velhote não poude resistir á tentação de contar, com promenores picantes, o ultimo escandalo occorrido na visinhança, entre o Faustino e a mulher do Zacharias, uma descarada.

Verdade seja que elle pedio segredo. «Isto não deve passar de nós tres», disse. Mas segredo em bocca feminina é manteiga em focinho de cão, e coisa sabida por tres perde logo o caracter de sigillo.

Amanhã, mulher e marido, os dois velhos a quem foi feita a confidencia, vão badalar tudo nos conventiculos conhecidos da má lingua, e adeus segredo, que te partiste.

Raça damnada de chocalheiros!

UM BANHO AOS PÉS

Deu-lhe na tineta lavar as pequeninas plantas, e foi fazer aquella fresca lavagem á beira d'um regato crystalino, chapinhando alegremente, gostando de ver formarem-se, na superficie limpida da agua, uns circulos concentricos, rindo muito ao divisar, lá no fundo, a sua carinha formosa, onde brincam uns olhos grandes, muito pretos, muito abertos...

E não tem medo. O *Sultão* fiel veio com elle, assistir áquella frescata. Se resvalar pelo talude, até dar com o corpinho no charco, tem quem o salve de maior perigo.

Descancem, que está em boa companhia.

O LEIGO

Se as particularidades que distinguem um ente humano de outro podem occultar-se debaixo do capuz monastico, nem por isso é certo que ficam destruidas. A uniformidade externa que uma assembléa de frades apresenta aos olhos do espectador não vae até aos que fazem os serviços ordinarios da casa Em todos os conventos ha homens para quem os exercicios espirituaes são singularmente fastidiosos, que teem naturalmente inclinação para as coisas seculares, e que sustentam praticamente, quaesquer que sejam as suas theorias, que a oração e o trabalho são coisas incompativeis. Esses, não ha que duvidar, são, nos conventos, os leigos de serviço, quasi sempre despresados, e muitas vezes escarnecidos pelos outros irmãos devotos. No entanto, é de crer que serão tão bem recebidos ás portas do ceu, por S. Pedro, como qualquer dos outros que tenham mortificado bem a carne.

SCISMANDO

Scisma, e é facil adivinhar em que se concentram todos os seus pensamentos. Aquelle veu, que acabou de analysar e que tem ainda sobre os joelhos, é o seu veu de noiva; deve servir-lhe, d'ali a poucos dias, bordado de flores de larangeira, emoldurando-lhe o bello rosto moreno, dando mais realce aos seus cabellos pretos ondeados e formosissimos.

Pensa no futuro, nas doces noites d'amor e de poesia que vae gozar, a sós com o escolhido da sua alma enamorada, nos idyllios d'uma lua de mel brilhantissima...

Quem sabe se estás sonhando o impossivel, minha bella, e se essa lua d'amor não será ainda ensombrada de lagrimas!

OLHAR!

Eu conheci-te ainda bem creança.
Tinhas nos olhos a ideal doçura
Das virgens de Murillo, e a illuminura
D'um diamante em densa e negra trança.

Loiro! bem loiro, o teu cabello! e casta,
Tão casta e linda a côr dos olhos teus,
Que inda hoje mesmo um teu olhar me basta
Para que eu creia cegamente em Deus!

Olhar tão terno e santo, olhar tão doce
Nunca encontrei! a gente até estremece
Vendo-a de perto... assim como se fosse
Uma visão que ali apparecesse!

Pois esse olhar... (se tu soubesses bem
Quanto elle anima um coração já morto!...)
Acaricia mais que o olhar de mãe,
Porque é, emfim, o meu melhor confôrto...

Até n'um dia da semana santa,
Ao vêr-lhe o olhar, tão meigo e contristado
Aquelle olhar que nos atrahe e encanta,
Fui prostrar-me a seus pés, allucinado,

Assim como o Romeu de Shakspeare,
N'um extasis d'amor extraordinario!
E' que eu imaginei que ia a sair.
Aquella hora, a Virgem do Calvario...

Sabrosa, 1885. TEIXEIRA COELHO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este adverbio cava e abriga—1—1.

Este recinto corre e ganha-se—2—2.

Esta egreja e esta ilha, que corre, escreve muito—1—2—2.

M. Côco.

Na musica é verbo e cança—1—2.

Porto. A. F. SIMÕES BRANDÃO.

Na Africa, na Europa e na America está uma povoação de Portugal—1—1—2.

MASCARADA.

EM VERSO

No principio da imprensa
quem me não ha de encontrar?—1
Que tem ruim coração
eu até ia jurar—1

Com accento, este pronome
em adverbio se muda—1
que faz a gente ao escutar
anecdota fina, aguda?—1

E' dos barbaros do sul
um vestigio que ficou,
e tambem como *outra cousa*
já em tempo se empregou—1

Digitized by Google

Em nenhum logar se *vê*
nem na terra nem no mar:
nem olhando o mundo todo
has de o todo *contemplar*.

MASCARADA.

ADAGIO

```
      A
    A A A
  A A A A
A C C D E G
  H L M M
    N N U
      V
```

Este adagio começa pela lettra G e termina pela lettra A.

M. D. MONTEIRO JUNIOR.

ADIVINHAS POPULARES

Quasi sempre vivo preza,
Por ter boa criação.
Guardo tudo o que me dão,
Sou da primeira nobreza,
Mas não descendo d'Adão.

Todos gostam d'apalpar-me,
Mas ninguem inda me achou.
De tristeza origem sou,
E só pode aniquilar-me
O melhor que Deus creou.

Belem. J. D'OLIVEIRA D'ARAUJO.

LOGOGRIPHO

(A' ex.ma sr.a D. Candida Amelia Vellozo)

N'esta bella ilha da Europa—1—7—3—6—5—7
Uma mulher conheci.—2—3—3—7
Ella d'isto foi tirada,—3—2—4—2
E eu por esta já medi.—1—7—3—2—6—7

Nego já ser appellido,
Porque é nome conhecido.

Calle. O SOBRINHO JOSÉ.

PROBLEMA

(Extrahido dos antigos jogos do *Casse tête*)

Com vinte triangulos rectangulos eguaes, cujos cathetos estão na relação de 2 : 1, formar um quadrado, ou cinco quadrados eguaes.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Morte—Azaróla—Camelão—Camarço—Reger—Rallar—Rata—

```
A A A A A
A B R I A
A R E N A
A I N D A
A A A A A

R a j a d a
j a v a l i
d a l i l a
```

DO LOGOGRIPHO:—Constantinopla.

DO SALTO DE CAVALLO:—Do alto d'aquellas pyramides trinta seculos vos contemplam. Palavras de Napoleão ao exercito, antes da batalha ganha a vinte e um de julho de mil setecentos noventa e oito no Egypto.

DO QUEBRA-CABEÇAS (do n.º 29):—

```
C ora l
o bic e
b olo s
r ati m
a rar a
s ino s
```

A RIR

Um pae severo exprobrava a seu filho o entreter amores com uma *cocotte* qualquer, da peior estofa.

—Recommendei-te sempre que seguisses a linha recta, diz elle.

—Mas eu cumpri á risca a sua recommendação, papá.

—Ainda se atreve a affirmal-o?

—Ainda e sempre. Mas como o papá me não disse que linha recta devia seguir, e ha muitas, segui uma... *horisontal*. Ora ahi está.

*

Foi chamado um barbeiro para escanhoar a barba d'um defuncto. A viagem para o outro mundo não dispensa estes cuidados.

Antes de feita a operação, e segundo o seu costume, o mestre Figaro pergunta com a maior naturalidade ao morto:

—Quer agua fria ou quente?

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

O laudanum é um dos medicamentos mais usados nas familias, mas devemos sempre lembrar-nos de que produz envenenamentos perigosos.

Quando isto succeda, deve logo ministrar-se ao doente uma infusão de café verde, para facilitar os vomitos.

O medico fará o resto.

O HOMEM DO PALETOT

O Arthur via-o ás vezes, fallando com o guarda-portão. Era um homem alto, muito trigueiro: usava a barba crescida e *paletot* cinzento, enodoado, rôto nos cotovellos. Indicava muita pobreza: atravez dos sapatos razos, já velhos, cambados, descobriam-se-lhe os dedos dos pés sem meias. Mas tinha uma cara risonha, sympathica.

Eram visinhos. Quando o Arthur descia a escada, elle tirava logo o chapeu, humilde, serviçal, attencioso:

—Viva, senhor Arthur!

E desviava-se para o lado, com respeito.

O rapaz conhecia-o já. Encontrava-o quasi todos os dias, fallando com o guarda-portão; habituara-se a ver aquelle homem ordinario «que era tão delicado», dizia. E ás vezes dava-lhe um pataco:—tome lá... é para cigarros.

Tinha dó d'aquella miseria evidente, que não se mostrava com pedidos choramigados, nem com lagrimas de armar ao effeito. Debaixo d'aquelle casaco despedaçado devia bater um coração nobre. Aquelles andrajos occultavam, de certo, um homem digno, perseguido pela adversidade.

Via n'elle um infeliz, soffrendo privações, fome talvez, e sentia não ser rico para o tirar d'aquella miseria. Vinham-lhe então uns grandes desejos de ter muito dinheiro para fazer bem, não aos que pedem de porta em porta—dizia—; a esses não: mas ha inumeras desgraças por essa cidade, e era ahi que eu iria deixar esmolas avultadas...»

Seria a Providencia de muita gente necessitada, mas sempre na sombra; nunca lhe saberiam o nome: quereria exercer a caridade secretamente, como aquelles personagens providenciaes que ella vira n'alguns romances, e que sempre appareciam a tempo de evitar uma desgraça, uma resolução desesperada.

Teria todas as commodidades «lá isso havia de ter!» mas teria tambem uma especie de policia bem montada, á sua custa, e em roda de si pessoas votadas de corpo e alma á grande missão de fazer bem.

Saberia tudo que se passasse nas differentes camadas, desde as sobre-lojas mesquinhas até á miseria dourada que elle a cada passo encontrava ahi pelas ruas—miseria que adivinhava, occulta nas sedas, no luxo exterior, nos carros soberbos com cavallos de preço e lacaios agaloados.

Quereria moralisar o mundo, ensinar a humildade, a economia, e mostrar os inconvenientes do luxo ás classes pouco abastadas.

Parava ás vezes na rua, a seguir com o olhar alguma rapariga modestamente vestida que passava; presentia-a pobre, triste, vivendo do trabalho, luctando com difficuldades, com mil faltas, mas sempre honesta. Se tivesse dinheiro seguia-a, indagava, e depois tirava-a de apuros.

—Que bom deve ser o fazer bem!

E ficava pensativo, ante-gosando um prazer que mal sentia uma vez ou outra, quando dava esmola a algum pobre. Mas aquillo não o satisfazia. Os mendigos tinham sempre a mesma cantilena monotona, e se o encontravam depois, nem o reconheciam.

Uns ingratos!

Havia apenas um, a quem elle nunca se arrependia de dar: o pobre do *paletot*. Aquelle sim: na vespera, até lhe pareceu que o

Digitized by Google

homem chorava de alegria ao receber o tostão que lhe déra.

N'esse dia indagou no guarda-portão ácerca do visinho: o guarda pôl-o ao facto e disse tudo o que sabia do Raymundo, assim se chamava:

—Aquillo é um triste *desinfeliz*, casado, com mulher e filhos!

E' um louvar a Deus o que lá vae n'aquella casa! E até ás vezes não lhe entra de portas a dentro nem um pedaço de pão. Como quem o sabe! Imagina lá! Despediram-no do trabalho, e a pobre da mulher ahi anda, a envergonhar-se com toda a gente, para dar de comer aos pequenos. E' um dó d'alma!...

*

No domingo seguinte estava elle no quarto, quando sentiu bater de vagar á porta.

—Quem é?

—Sou eu, senhor Arthur...

Foi abrir: era o Raymundo, o do *paletot*. Vinha acanhado, vergonhoso.

—Entre. Então o que quer?

—E' que eu...

—Diga lá. Esteja á sua vontade.

—Ah! senhor Arthur! Se *vósenhoria* soubesse...

—Então?... Diga d'uma vez. Está apoquentado?

—Não sei que voltas hei de dar á minha vida...

—Que aconteceu?

—O senhor desculpará, mas eu lembrei-me do senhor Arthur, que já algumas vezes me tem valido... E vae d'ahi... sim... tive aquella de me abrir com *vóscuhoria*...

—Mas que é?

—E' que tenho a mulher de cama, e vae eu... como foi Deus Nosso Senhor servido dar um petiz á companheira... Olhe, senhor Arthur: não tenho para comprar um frango p'r'á pobre de Christo! E vae eu...

Enrolava o chapeu nas mãos, muito vermelho de vergonha. O Arthur sentiu-se abalado.

—Ora essa! Então por isso está tão envergonhado?! Não ter não é deshonra nenhuma. Tambem eu não sou rico.

E ria-se, para o animar.

—Olhe... ora veja lá: o meu dinheiro são dez tostões e nem por isso... Não se apoquente, que ainda chega para os dois...

E deu-lhe uma corôa.

Quando o Raymundo saiu, elle ficou em cima, no patamar, scismando:

—Uns com tanto e outros com tão pouco! Se eu tivesse...

Mas ia jantar fóra, a casa d'um parente, e foi vestir-se. Eram duas horas quando chegou á rua. Desceu a calçada do Duque até ao Rocio, e meteu pela rua de Santo Antão.

Havia quasi á esquina um grande ajuntamento: partira-se o eixo d'um carro da companhia; os policias giravam d'um lado para o outro, e dois sujeitos traziam nos braços uma senhora desmaiada, que levavam para a tabacaria proxima.

O Arthur, arrastado na onda do povo, entrou na taberna ao lado, para fugir ao apertão.

Um rapaz, de avental branco e em mangas de camisa, enchia dois copos á torneira. Ao pé esperavam dois homens, com as costas voltadas. Quando acabaram de beber, um d'elles deu um estalo com a lingua:

—Uma faca não o corta! Boa pinga, sim senhor! Tinha você razão, tio João!...

E, mettendo a mão no bolso, deu ao rapaz uma moeda de cinco tostões novos. O outro limpava os beiços com a manga do casaco, e ria satisfeito.

—Isto é cá p'r'ós freguezes, meu velho!

O Arthur saiu muito apressado, corando. Tinha reconhecido o porteiro do predio onde morava, e o homem do *paletot*.

D'ahi em diante nunca mais deu esmolas a ninguem.

LORJÓ TAVARES.

SCISMANDO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 2 de fevereiro de 1885 — Numero 32

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Lacryma*, versos, por Eça de Almeida.—*As nossas gravuras.—Em familia.* (*Passatempos*).—*Um conselho por semana.—A pégado*, por Esmeralda.

GRAVURAS —*O castello de Alvito.—A familia «Diana». — No desabrochar da vida. —O caminho do dever —Os primeiros charutos*

CHRONICA

Muita chuva e muita politica.

A primeira molha-nos; a segunda maça-nos.

Emquanto o ceu inclementissimo despeja, sem ceremonia, torrentes d'agua cá para baixo, o nosso parlamento continua a despejar sobre o paiz aguaceiros de rhetorica ininterruptos.

No Chiado, um lamaçal viscoso e denso, que macula o verniz dos nossos sapetos ponteagudos. Em S. Bento, uma saraivada de discursos, que, por vezes, chegam a macular os ouvidos menos castos.

A questão politica vae de foz em fóra, vomitando imprecações virulentas. Não ha pôr-lhe diques nem marcar-lhe barreiras. Rio agitado e caudaloso, que sahiu fóra do leito, alastra-se varrendo tudo, expande-se e altera-se cada vez mais, seguindo uma carreira desenfreada e louca.

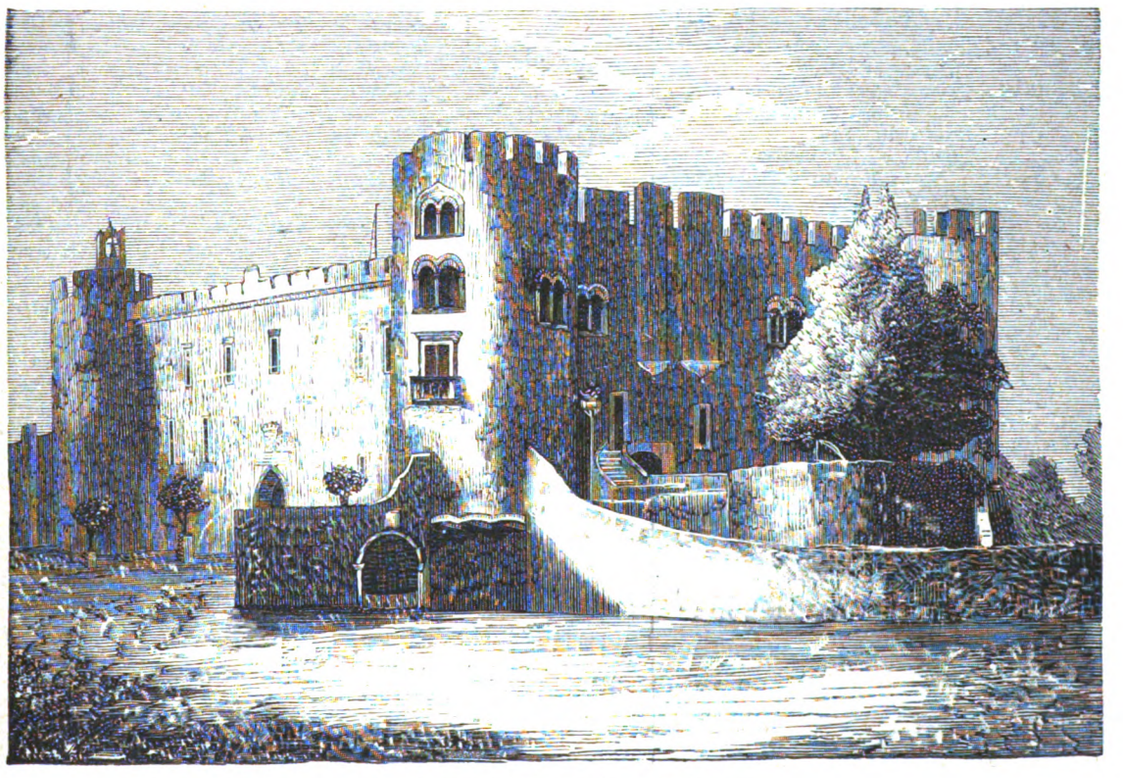
Tudo isto por causa d'um celebre *accordo*, que ahi se tentou fazer e que nunca foi feito.

Accordos em politica!

E' como se dissessemos aos alsacianos que firmem pazes com os allemães, e aos judeus que vão pactuar com o Padre Santo.

A politica foi e ha de ser sempre um desaccordo completo. Ao invez do que succede com as cores do espectro solar, de cuja reunião nasce a luz branca, como diria o sr. Barros Gomes, os partidos politicos só se juntam para produzir a côr negra do chaos, a confusão, a desharmonia, a desordem.

Não ha pactos possiveis entre facções que se digladiam á *outrance*, hasteando bandeiras onde estão inscriptos lemmas diversos



O CASTELLO DE ALVITO

Digitized by Google

O accordo entre progressistas e regeneradores foi um sonho ou uma ingenuidade. Nunca o tomámos a serio, por isso não nos espanta que elle haja sido quebrado agora, como uma lamina de crystal, no seio das côrtes constituintes.

Tinha de succeder assim, havia de succeder por força.

Mas esta nossa convicção profunda e arraigada não podia conduzir-nos á expectativa de tantos discursos proferidos no parlamento. Com verdade o dizemos: nunca ao nosso espirito acudiu a idéa de que os *desaccordados* chegassem a descompôr-se do alto da tribuna por aquella fórma.

O nosso optimismo ingenuo julgara-os incapazes de representar essa deploravel comedia pouco edificante, aos olhos do paiz inteiro.

Depois, tudo aquillo já fóra dito em lettra redonda pelos jornaes d'ambos os campos; estava registrado na imprensa; não tem sequer o cunho da originalidade; não ensina, nem illustra, nem moralisa, nem commove. As mesmas phrases picarescas, os mesmos argumentos sediços, chá refervido que enfastia, banalidades chochas que provocam nauseas.

Afinal de contas, ficamos sem saber como se extingue o deficit, como se hão de fazer subir os fundos em Londres, como se resolve a eterna questão de fazenda, qual é o systema d'allianças preferido por gregos ou troyanos, qual teria sido o melhor modo de conduzir as negociações do Zaire e de resolver os variadissimos problemas admistrativos, que ahi se impõem ás esphinges politicas d'esta boa terra burgueza.

E os dias passam, e o tempo corre vertiginosamente, e o sr. Navarro a explosir invectivas duras, e o sr. Assumpção a rendilhar periodos d'um atticismo formoso, e o sr. Luiz Bivar, do alto da cadeira presidencial, a repetir todos os dias, somnolento e contrariado, com a nostalgia das suas chinellas bordadas a lãs escuras, aquella velha phrase estafadissima:—«tem a palavra sobre a ordem.»

A's vezes s. ex.ª quereria dizer «sobre a desordem» mas a sua gravidade de presidente não lh'o permitte.

Agora reparo em que ia resvalando, sem o sentir, para a perpetração d'um artigo de fundo, muito mais maçador, sem duvida, que o palavriado retumbante dos senhores deputados.

Mas socega, minha estimabilissima leitora, socega, que te não virei reproduzir, nem mesmo em doses homeopathicas, os discursos de suas excellencias.

Se bem, que o teu sexo gentil revela, desde o começo da sessão constituinte, um pronunciado interesse pelos debates parlamentares. A galeria das damas povoa-se todos os dias, em S. Bento, de rostos femininos muito curiosos, muito attentos, mais attentos, talvez, que os dos nossos jornalistas.

Póde ser que tu mesma lá estivesses, mordendo com o olhar, atravez os crystaes do teu *lorgnon* petulante, a mocidade dourada que sahiu da urna por entre as folias de S. Pedro.

Hoje tornou-se moda ir á camara baixa, ao passo que os theatros se vão despovoando. Prefere-se a cantata das reformas politicas á cavatina do *Barbeiro* gorgeiada pela Sembrich. Agradam mais as variações sobre o thema do adiamento e da dictadura, no theatro parlamentar, que as variações de Proch no theatro lyrico.

São gostos.

Eu quero-me antes com o 4.º acto da *Traviata* que com o 2.º acto do *Accordo*. N'aquelle, corro apenas o risco de supportar alguma fifia do Ravelli; n'este sujeito-me a ser ferido pelo estilhaço d'alguma carteira, feita pedaços sob o murro valente de qualquer pae da Patria sanguineo.

Em S. Carlos pode arranhar-me a membrana do tympano uma nota desafinada do baixo David. Em S. Bento estou arriscado a ouvir as notas discordantes d'um vocabulario que não prima por demasiado academico.

Considerando, pois, que os animos estão exaltados, leitora amiga, considerando, outrosim, que a politica indigena se desnuda ás vezes no seio da representação nacional, apesar do frio, como a lendaria Phryné diante dos seus juizes, e tendo em vista que nem sempre onde se fazem as leis se ensina a mais austera moralidade, aconselhar-te-hei, minha querida, a que não troques a santa paz do teu *boudoir* perfumado pelas sessões da camara electiva, n'estes dias de *desaccordo* e de escaramuças rhetoricas.

Eu bem sei que a reforma eleitoral trouxe ao parlamento a fina flôr da juventude academica, preciosos exemplares da mais fina gentileza masculina; mas.. desconfia d'elles; não são o que parecem. Sob aquelles buços incipientes ha uns labios d'onde nem sempre emanam as doçuras do Hymetto, podes crel-o.

A politica tem o dom de transformar e corromper. Foge d'ella, e fica-te em casa.

Mas a que proposito veiu tudo isto?

Ah. Já sei.

Queria eu dizer que a discussão do projecto de resposta ao discurso da corôa continua, e queria tambem encher papel. Quando os assumptos não sobejam, lança-se mão de todos os recursos.

E porque os factos notaveis da semana foram raros, e porque a despedida da Sembrich não teve marcha *aux flambeaux* nem toques de charamellas, e porque não vale a pena contar-te que um filho de Marte se suicidou por amores mal correspondidos, que houve crise no ministerio, que os nossos fundos teem continuado a descer em Londres e que a sr.ª Cecilia Fernandes é ainda a modista de Lisboa mais favorecida pela *réclame*, despeço-me de ti até á semana, ficando certo de que te não dei uma chronica, mas que fiz simplesmente uma *blague*.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

V

Não podemos acompanhar passo a passo o sr. Gomes de Amorim na sua excellente obra. Temos assim de passar em claro a historia da publicação dos dois celebres poemas, a que dedicámos o nosso anterior artigo. Não diremos como foi que debalde Garret procurou editor para o seu *Camões*, que hoje conta já oitava edição, apesar de ter apenas sessenta annos, caso rarissimo em Portugal para obras poeticas. O grande exito obtido por esse poema fez emfim com que João Pedro Aillaud se decidisse a editar a *D. Branca* por um preço mesquinho. O *Camões* fôra impresso á custa do auctor, havendo quem ficasse de fiador para com a imprensa.

A gloria, que resultou para o grande poeta da publicação d'esses dois admiraveis livros, não o consolava nem das amarguras do exilio, em que tinha de continuar, porque o governo de Lisboa excluira-o da amnistia geral, nem das estreitezas da sua existencia, porque perdera o emprego, tornára-o a alcançar, perdera-o de novo, e vira-se em taes apertos que acceitou a parca remuneração que Aillaud se dignou outhorgar-lhe para colleccionar as poesias que haviam de constituir o *Parnaso Lusitano*, e prefaciar a obra.

Esse prefacio é aquelle encantador *Bosquejo de historia da litteratura portugueza*, trabalho deficiente e superficial, mas que está deliciosamente escripto, e em que o fino gosto do auctor a cada linha se revela.

Entretanto sua mulher, tendo regressado a Portugal, andava sollicitando nas secretarias que levantassem o interdicto que pesava sobre Garrett. Era imprudencia grande do eminente poeta confiar semelhante encargo á loira e leviana Luiza. Assumpto é este, comtudo, que não trataremos senão muito ligeiramente, e, se alludimos a este caso, é apenas pelo vivissimo desejo de sermos imparciaes. O sr. Gomes de Amorim accusa com rasão D. Luiza Midosi de ter perturbado cruelmente o lar domestico. Para sermos justos devemos dizer que era um poucochinho culpado o marido que consentia em dever o seu regresso ao reino ás commoventes supplicas de sua formosa esposa.

Levantou-se emfim o interdicto, mas parece que Garrett não regressou ao reino senão quando foi promulgada a Carta Constitucional. Abria-se uma época auspiciosa para o seu paiz, e Garrett aproveitou-se d'isso para vir saborear na sua patria os fructos da liberdade, e entrar nas pugnas que se abriam a todos os cidadãos no campo da imprensa.

Apenas chegou a Portugal, lançou a sua *Carta de guia aos eleitores*, obra realmente notavel não só pela sensatez das idéas mas tambem pela moderação da linguagem e dos principios, mostrando assim que o exilio não o azedara, nem o obrigára a affastar-se d'aquella justissima temperança que era em tudo o caracteristico do seu espirito e do seu talento.

O que tornou porém notavel este periodo da vida de Garrett foi a sua estreia como jornalista. Fundando o *Portuguez* e a *Chronica*, o grande poeta foi entre nós o iniciador do jornalismo sob os seus diversos aspectos. Jornalista politico, mostrou ao paiz costumado ás torpes diatribes de José Agostinho de Macedo e ás sanguinolentas represalias dos seus adversarios o que era nos paizes livres esse quinto poder de Estado. A linguagem seria e elevada do *Portuguez* era uma novidade no nosso paiz, e hoje sel-o-hia outra vez. O exemplo não foi seguido, e Garrett ficou sendo em jornalismo como em litteratura unico e inimitavel.

O folhetim foi tambem creado por Almeida Garrett. Foi elle que inaugurou no nosso paiz o genero de critica theatral, fina e espirituosa. E' curioso reler esses primeiros folhetins portuguezes, estreias tambem n'esse genero d'aquelle encantador humorista que havia de escrever depois essa preciosa collecção de folhetins que se intitula *Viagens na minha terra*.

O primeiro folhetim de Garrett é em louvor de uma cantora de S. Carlos chamada Madame Sycard, que tinha na platéa, como a Reszké ou a Pasqua ha dois annos, partidistas e adversarios. Garrett declarou-se *sycarista*.

«Havia uma lei em Athenas que punia a todo o cidadão que nas dissenções publicas não tomava partido. Ora suppunhamos que havia essa lei no nosso theatro, em materia de gosto, e que era forçoso escolher bandeira. Não havia que hesitar; Sycaristas decididos.

Digitized by Google

E' la bellá del cielo
Un raggio che innamora
E deve il fato ancora
Rispetti á la bellá.

E' um peso este na balança que destroe todo o equilibrio.»

Segundo parece, a Sycard era bonita, e Garrett, fiel ás crenças da sua vida inteira, lançava-lhe logo aos pés o coração e a penna. O modo como se defende contra similhante supposição mais faz suspeitar ainda que é perfeitamente verdadeira:

«Este testemunho é o mais sincero, porque é perfeitamente desinteressado. Muita gente o não acreditará, e não ha de faltar quem diga que, por mais que disfarce, quem assim escreve

Giá porta in mezzo al core
La ferita, e non lo sá.

Enganam-se muito; não é vaidade nem presumpção, mas não se entregam assim as chaves do castello; defende-se a gente á *Martim de Freitas*, se o caso lá chega.»

O *Portuguez* e a *Chronica* não podiam existir muito tempo. Esse periodo pseudo-constitucional de 1826 a 1828 é um dos periodos mais curiosos da nossa historia. O governo diz-se liberal e persegue os liberaes Manda exercitos contra os absolutistas, e faz votos pela victoria dos seus inimigos. Para a facilitar tira ás divisões que organisa os generaes que as conduzem á victoria, como fez a Claudino. Finalmente, como o *Portuguez* o defendesse, perseguiu o *Portuguez*. A historia é curiosa:

O ministro da justiça publicára uma portaria em que se tomavam algumas medidas preventivas, que impedissem as brigas constantes que se davam entre o povo da capital e os soldados da divisão ingleza Clinton. Os jornaes estrangeiros interpretaram erradamente a portaria, dando a entender que o povo portuguez assassinava nas proprias ruas da capital os soldados de uma nação amiga. A estas calumnias respondeu energicamente o *Portuguez*, e levava tão longe a sua patriotica defeza que chegava a desculpar o governo accusado e justissimamente accusado de amordaçar a imprensa. A isso dizia Garrett «que as côrtes se occupavam de regular a censura, e que, emquanto o não fizessem, o governo não podia obrar differentemente do que obrava para evitar a licença.»

«Nós temos muitos defeitos, dizia elle ainda, estamos mui desmoralisados pelo governo *byzantino* e sybarita que nos tem confrangido e apodrecido; mas o caracter do povo é bom, a nação como todas as outras, e, se a illustração não é tão geral como em algumas outras nações, ha talvez mais desejo de a possuir.»

O governo parece que devia ficar agradecido ao *Portuguez*, que era um jornal da opposição, por ter assim tomado a sua defeza. Pois fez exactamente o contrario! Perseguiu-o! Accusou-o de violencia na sua resposta aos jornaes francezes, violencia que podia trazer complicações internacionaes; accusou-o de ter fallado em governo byzantino, porque aquelle governo liberal considerava-se solidario com os governos absolutistas que o tinham precedido.

Pois esteve o *Portuguez* em risco de morrer d'essa feita, por ser demasiadamente *portuguez*. Escapou depois de muitas amarguras, e passando a viver uma vida atribulada, quasi sem se occupar de politica, tendo os artigos frequentemente supprimidos pela censura. Afinal, quando houve os celebres tumultos da *archotada*, deu-se a catastrophe. O artigo do *Portuguez* era bem moderado, mas ainda assim não escapou de ser fulminado, sendo fulminados tambem os redactores. que foram todos presos, sem forma regular de processo, postergando-se contra elles todos os artigos e todas as garantias da Carta Constitucional.

Os presos foram Joaquim Larcher, que depois foi par do reino, Antonio Maria Couceiro que morreu ha poucos annos exercendo o logar de secretario do Conselho Geral das Alfandegas, Paulo Midosi companheiro e amigo particular do nosso poeta, Garrett, Carlos Morato Roma que depois adquiriu reputação como economista e financeiro, e Luiz Carlos Midosi.

Depois de tres mezes de prisão, os jornalistas afinal sairam soltos, á força de muitos empenhos, mas o jornal é claro que não resuscitou.

Por este e outros incidentes se podia ver bem qual era a indole d'este governo que se appellidava de constitucional. Era o bastante para que o nosso poeta, quando viu apparecer D. Miguel em Portugal, fizesse logo idéa do regimen que se ia seguir. Por isso tratou de se pôr em seguro, emigrando de novo para Inglaterra com sua mulher.

Recomeçava o exilio para Garrett. Era a sua segunda ou a sua terceira emigração; terceira, se mettermos em conta o facto de ter saido de Portugal, depois de se haver demorado alguns dias em Lisboa, quando aqui veiu em commissão mysteriosa, enviado pelos seus amigos de Inglaterra.

Mas esta é que ia ser a verdadeira e celebrada emigração.

PINHEIRO CHAGAS.

LACRYMA

Cáe a gotta d'orvalho sobre a planta
E depois... e depois... rola no chão!
Assim o teu amor,—lagrima santa—
Um dia me cahiu no coração.

Mas qual gotta d'orvalho que na planta
Por um momento oscilla, e cáe no chão,
A luz do teu amor, que eu cria santa,
Foi procurar um outro coração!...

Coimbra, 1884. EÇA DE ALMEIDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CASTELLO DE ALVITO

Alvito teve principio nos primeiros annos da monarchia portugueza. Cremos que foi D. Estevam Annes, collaço de D Affonso III, a quem, por assim dizer, se póde attribuir a fundação da villa, pois que foi elle quem ali edificou as primeiras casas, que alugou ou deu a muitas pessoas. A população cresceu, e tanto, que D. Estevam Ennes mandou edificar uma egreja com a invocação de S. Romão.

Isto remonta a 1264, pouco mais ou menos, porque em 1265 já D. Affonso III, passando por ali, concedia alguns previlegios áquelle povo.

E' muito discutivel a etymologia do vocabulo *Alvito*, que serve hoje de nome áquella povoação do centro do Alemtejo. Diz-se, e não sabemos o fundamento, encostando-nos por isso n'este ponto ao illustre mestre, o sr. Vilhena Barbosa, que o nome d'esta formosa villa é uma corrupção, feita atravez dos seculos, da palavra *alvitre*, empregada por *alviçaras*.

Em meiado do seculo XVI edificavam ali os condes barões de Alvito um convento de freiras, com a invocação de Nossa Senhora dos Martyres, e que está hoje de voluto, segundo cremos.

O castello de Alvito, não se sabe ao certo quando foi fundado, visto que, na inscripção que existe sobre a porta principal, ha dois anacronismos de tal ordem que não deixam a menor duvida de que a sua collocação é muito posterior á edificação do castello.

Crê-se, porém, que remonta ao tempo de D. João II, como D. Antonio de Sousa affirma na «Historia genealogica da casa real portugueza».

Este castello, que o é em toda a extensão da palavra, contém em si um magnifico palacio, solar dos marquezes de Alvito.

O castello ergue-se magestoso sobre uma pequena collina, cercada de enormes planicies por todos os lados, e compõe-se de quatro fachadas, que teem nos remates outras tantas torres, um pouco mais elevadas. Ao centro ha um espaçoso pateo guarnecido de arcadas.

Dá entrada ao castello uma ponte levadiça sobre um fosso, servindo-lhe como que de atrio um espaçoso largo, que é a praça publica da villa, mas que pertence ao castello.

No portão de entrada ha dois brazões. São o das armas reaes, e o da casa dos marquezes de Alvito.

Sobre as quatro fachadas do castello corre um passadiço guarnecido de ameias com setteiras, e que communica com as torres.

A VISITA DA FAMILIA «DIANA»

Uma familia respeitavel: mãe e quatro filhinhos de tenra edade. Aquella chama-se *Diana;* estes não foram ainda baptisados.

E' a primeira vez que sáem do seu berço de palhas e fetos, para visitar os donos: veem medrosos, vacillantes, desconfiados. Mas a recepção é cordeal e affectuosa. Os pequenos da casa não podem ser mais obsequiadores.

A cadella mãe comprehende que está em territorio amigo, e anima a gentil prole, com meigas caricias, a mostrar-se quieta e serena.

Entre as creanças e os cachorros recemnascidos estabelece-se logo um santo convivio. Não ha favor que se não dispense aos visitantes. O pão cazeiro leva uma cresta formidavel. Os beijos fervilham e os affagos não têm conto.

O certo é que a familia «Diana» sáe d'ali contentissima para os seus penates, e no dia seguinte repete a visita.

NO DESABROCHAR DA VIDA

Uma aurora que se illumina, um botão de rosa que se expande.

Fresca e gentil como as açucenas, ainda não lhe crestou as petalas uma lufada de vento abrasador.

Desabrocha apenas, e não sabe do mundo senão o que os seus bellos olhos de creança veem.

Digitized by Google

A VISITA DA FAMILIA «DIANA» (Quadro de Adolf Eberle)

Digitized by Google

Digitized by Google

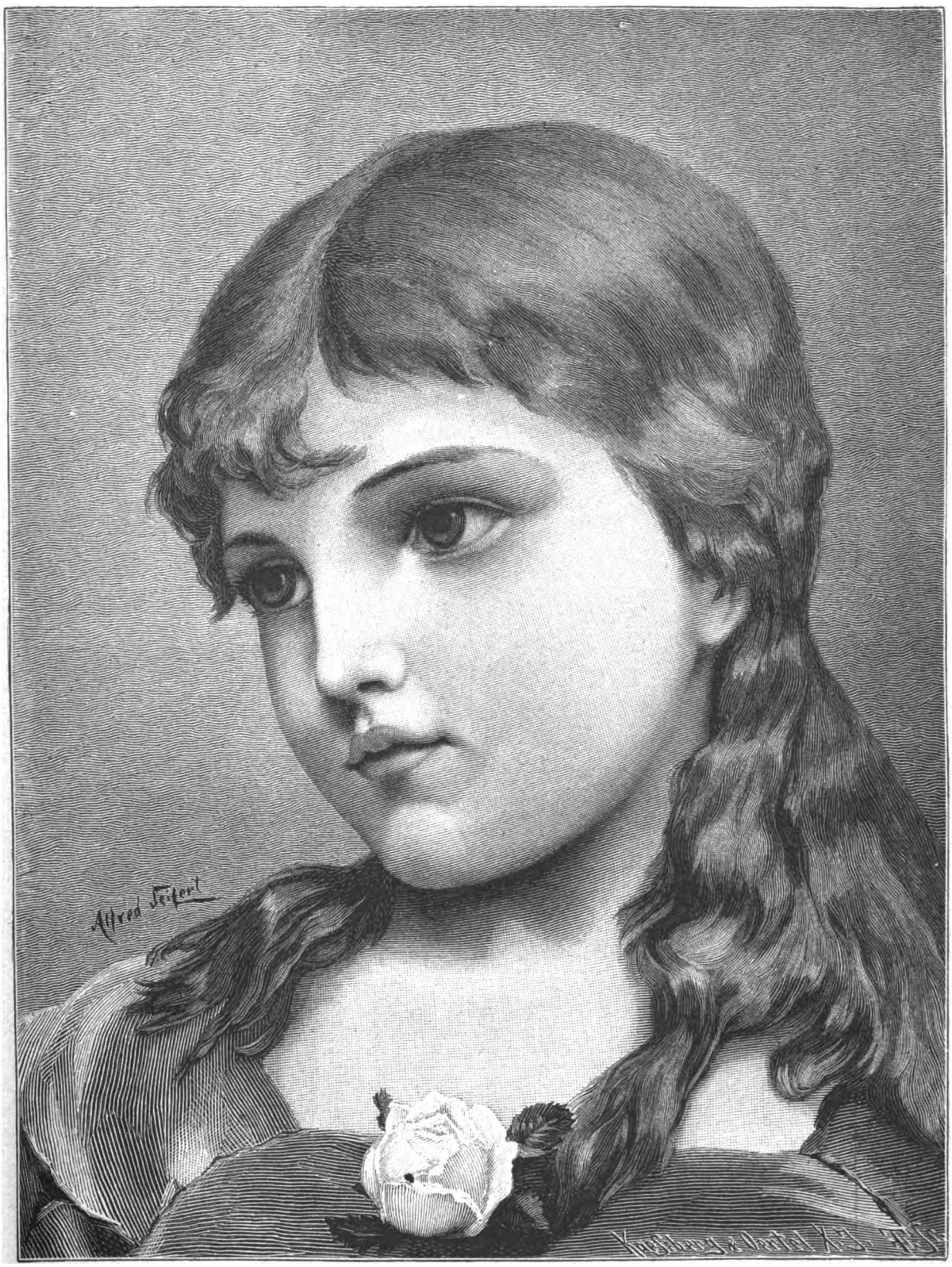
O CAMINHO DO DEVER

(Quadro de Merle)

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google



NO DESABROCHAR DA VIDA (Quadro de Alfredo Seifert)

Digitized by Google

Para ella só ha risos, flores, chimeras douradas, sonhos d'innocente.

O Mal desconhece-o e ignora-o: não sabe que existe, não pensa que se acoite ao alcance da sua mãosinha de fada, sob os seus pés pequeninos e mimosos. Só tem a noção do Bem, que exerce largamente, e vive feliz assim, vive entre jubilos.

Chega a gente a sentir pena de que toda aquella felicidade venha a dissipar-se ao sopro da primeira paixão mundana!

O CAMINHO DO DEVER

Dois amigos e companheiros do trabalho cáem n'aquelle recinto encantador, ou por outra, n'aquella cidade, onde não falta coisa alguma para que a tentação seja grande. Mulheres lindas, palavras doces, vinhos deliciosos, flores, musica, manjares delicados. As palavras tentadoras, e os sorrisos, ainda mais tentadores do que as palavras, illaquearam o companheiro que esqueceu «o caminho do dever» resolvendo ficar. Mas elle, não. Ouve bradar a voz de consciencia, e, sem trepidar, antes com denodo e firmeza, abandona aquelle antro de perdição.

O amigo chasqueia-o, as mulheres esforçam-se ainda por alli cial-o, mas elle fecha os ouvidos ás provocações, despreza os apupos do companheiro, esmaga dentro de si o lado fraco, que mais facilmente o arrastaria a ser escravo do que senhor, e resolutamente segue «o caminho do dever» que, apesar de ser coberto de abrolhos, conduz á gloria.

OS PRIMEIROS CHARUTOS

Foi-se á algibeira do pae, e fez mão baixa em dois charutos de pouco preço, que lá vio.

Trazia-a fisgada desde longo tempo. Queria experimentar as delicias d'uma fumaça, poder fallar de cadeira sobre as excellencias do tabaco.

Todos os homens fumavam, e elle, que se reputava já homem, não desejava ficar-lhes atraz.

Um dia fez gazeta da escola: escolheu, entre os garotos das suas relações, um que se lhe afigurou mais propenso a patuscadas, e lá partiram ambos, *bras dessous bras dessus*, para sitio ermo, a saborear os primeiros charutos.

O epilogo d'aquella frescata é facil de prever-se:—duas bebedeiras monumentaes.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Tom Pouce declara mais uma vez aos srs. assignantes e leitores da *Illustração Portugueza* que nada tem de commum com a parte administrativa d'este semanario.

Redacção e administração conservam-se completamente independentes e separadas.

*

O illustre mathematico, sr. Moraes d'Almeida, não poude d'esta vez preencher a sua secção de *Problemas*, tão habilmente dirigida.

Na sua falta, damos cabimento a um problema, que nos foi enviado por um dos nossos assignantes.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este tecido, que se move, é uma cidade—1—2.

Na musica é parente e come-se—1—2

E' prefixo esta ave e aquece—1—2.

Porto. ADELINO VALLE.

Esta flor corre para este appellido—2—2.

FANTOCHE.

EM VERSO

Sou Deus da mythologia,
Cujo nome encontrarão
em termos d'origem grega
a denotar multidão—1

Lá onde trata a grammatica
a questão do adjectivo,
ahi estou, usando alguns
chamar-me quantitativo—2

Quasi sempre faço bulha,
causo ás vezes prejuizo;
tambem se diz que me tem
quem não tem muito juizo.

MASCARADA.

EM TRIANGULO

. . . . . Nome proprio
. . . . . Adjectivo
. . . . . Na egreja
. . . . . Arvore do Brazil
. . . . Substantivo
. . . Peccado
. . Na garganta
. Vogal

ENYGMATICA

(Retribuição ao meu amigo J. Antonio da Cunha)

Minha mãe, podem crel-o, leitores,
E' a prima e segunda chamada,
Apezar do convento olvidar,
Por já n'elle ter sido encerrada.

Inda hoje, coitada, se lembra,
D'uma dôr que soffreu na terceira,
Quando a prima e a quinta tirava,
D'uma prisca, senil prateleira.

Mas, desgraça maior inda teve,
Quando á rua sahiu sem calçado,
E, a terceira, de quinta e de prima
Se cobriu, ao passar um vallado!

Para cum'lo de tantos successos,
Já de mais pr'a perder a cachola,
Inda a quarta com quinta fugiu
P'r'uma fisga que tinha a gaiola!

Para a quarta e a prima appellou,
Mas o appello de nada serviu;
Porque o Papa lhe disse que o todo
Era concha... e mais nada se ouviu.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

LOGOGRIPHO

(Ao meu irmão Augusto Cesar da Silva)

Aqui certa ave
Tu has de ter;
Tambem nos mastros
Haveis de ver.—1—2—3—6

Ginete alado,
Constellação,
E que é do norte,
Não ha questão.—1—2—3—6—8—9

Que é multidão,
Totalidade
E corpo informe
Isso é verdade.—5—6—7—8—4

Ao logogripho
Ponto vou pôr.
P'ra que não digam:
—E's maçador!

CUSTODIO SILVA.

PROBLEMA

Qual é o numero que, dividido por 2, 3, 4, 5, 6, 8 e 9 dá de resto 1, e por 7 dá de resto zero?

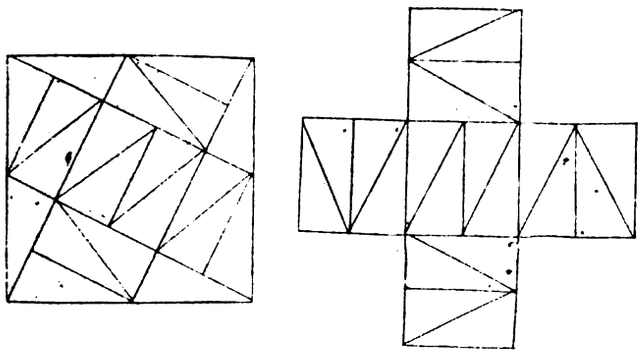
JOSÉ AUGUSTO DA R. CALIXTO.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Capa—Salario—Secretario—Fadiga—Caparica—Immaterial.

Digitized by Google

Do ADAGIO:—Geada na lama, chuva na cama.
DAS ADIVINHAS POPULARES:—Condeça—Escuridão.
Do LOGOGRIPHO:—Candida.
Do PROBLEMA:



A RIR

Dois bons ditos de Edmond About, o illustre escriptor e jornalista francez, que acaba de fallecer:

Edmond About estava um dia no seu gabinete de trabalho, muito pensativo, e de penna na mão.

—O que estas tu a fazer? perguntou-lhe um amigo.

—Estou recapitulando todos os modos de ser tolo. Já registrei duzentos e trinta e sete mil sete centos e oitenta, e vou apenas em meio.

*

Como o governo republicano francez não recompensasse as suas brilhantes campanhas contra Mac-Mahon, Edmond About resignava-se com estas palavras:

—Offereceram-me tudo, aceitei tudo... e não me deram nada!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Contra o frio nos pés.—O meio, bem conhecido dos povos do Norte, consiste em envolver os pés n'um grande pedaço de papel, calçando-os depois em meias de lã e sapatos bem feitos e impermeaveis.

Convidamos as pessoas que soffrem habitualmente de frio nos pés—fertil em affecções morbidas— a ensaiarem aquelle systema usado pelos russos.

Não custa nada a experimentar.

A PÉGADA

(TEODORO BANVILLE)

I

Assentado no divan de setim azul do seu amigo Ernesto Labro, e fumando um magnifico charuto, Leão Georgery exhalou um suspiro, que obrigou Ernesto a interrogal-o.

—Estou apaixonado, disse Leão.

—A desgraça não me parece grande, volveu Labro. O teu fino bom gosto artistico garante-nos a belleza da mulher que escolheste, e com quanto não sejas, como eu, absurdamente millionario, possues a fortuna indispensavel para contrahir um bom casamento.

Qual é pois o motivo do teu desgosto?

—Não ha duvida que sou rico; mas a menina por quem estou apaixonado pertence a uma familia onde ha vinte elementos de ruina. Trata-se de Serafina Ternus, filha do sabio Pedro Ternus, teu inquilino. Pedro Ternus, que passa a vida fechado no seu gabinete, absorto na leitura dos caracteres phenicios e na contemplação das amphoras de vidro e das estatuetas de pedra verde, entrega fielmente á esposa o seu ordenado do Instituto e o dinheiro que lhe dão os editores; na sua ingenua boa fé, o velho erudito imagina que essas modestas quantias chegam para sustentar o *ménage*. A verdade, porém, é que as suas duas filhas, a mais velha, Herminia Ternus, casada com o logista Paulo Edmonds, e Seraphina, a mais nova, com quem eu desejaria poder casar, levam uma existencia ostentosa, usam toilettes de um luxo doido, e, sem que seu pobre pai nutra a menor suspeita, abandonam-se a extravagancias verdadeiramente ruinosas. As dividas augmentam todos os dias n'essa estranha casa, e desde o padeiro até á porteira as reclamações succedem-se a cada instante.

—Não posso, retorquiu Labro, aconselhar-te. E' possivel, no entanto, que o casamento opere uma mudança salutar nos habitos de Seraphina. O meu dinheiro está ás tuas ordens. Emfim, parece-me que a posse de uma mulher amada merece que tudo se affronte, até mesmo a pobreza.

II

—De certo, acudiu Georgery, e eu affrontal-a-hia sem hesitar; mas ainda não sabes tudo. Para obter Seraphina não basta expor-me á miseria; tenho tambem de associar-me a um crime, assumindo o emprego de carrasco; ha na familia Ternus uma victima expiatoria, uma especie de gata borralheira. E' a filha mais nova, a menina Genoveva. Instigada pela febre da dedicação e da renuncia, Genoveva mostrou desejo de entrar em um convento; foi então que a mãe, empregando argumentos artificiosos, lhe suggeriu a idéa de fazer-se irmã da caridade dos seus, abdicando, em proveito da familia, sem reccorrer á clausura, todas as alegrias. Genoveva acceitou, ingenuamente, esta audaciosa ficção, e votou-se sem hesitar ás humilhações, aos trabalhos mais arduos, sem ter as compensações do recolhimento e da solidão.

—Visto isso, observou Labro, Genoveva é uma virgem martyr?

—Sim, confirmou Georgery, martyr e creada; em quanto sua mãe e irmãs passeiam no Bosque, ella, cozinha, esfrega, atura os crédores, a quem não póde offerecer senão promessas vagas, veste e educa os seus dois sobrinhos, e prodigalisa a seu pai os cuidados necessarios. E não contente de coser-lhe o facto e preparar-lhe a comida, associa-se aos trabalhos do sabio Ternus, ajudando-o a rever as provas, e indo a casa dos gravadores, dos desenhadores e dos livreiros. E tudo isto faz a pobre Genoveva, miseravelmente vestida, caminhando a pé, mesmo nos dias de chuva, e não possuindo nem um simples guarda chuva que a abrigue!

—Mas, exclamou Labro, é essa e não a outra que tu deverias amar. Ah! agora percebo, Genoveva é horrorosa!

—Talvez, volveu Georgery; nunca tratei de averiguar; de resto, Genoveva tem sempre a cabeça baixa e os olhos cravados no chão. Depois, o seu fato é tão pobre que só o seu aspecto afugenta. Emfim, tu bem sabes, meu amigo, o amor é caprichoso e irreflectido, e eu daria todos os thesouros da terra pelos bellos olhos verdes de Seraphina.

—Deves ter razão, acudiu Labro, os amantes tem sempre razão.

Depois d'este dialogo os dois amigos sairam. Ao chegarem ao bosque de Boulogne, e emquanto conversavam ácerca da existencia humana e das suas dolorosas injustiças, uma tempestade rebentou de subito e começou a chover torrencialmente. Labro alugou um fiacre, foi levar Georgery á porta da sua residencia e recolheu a casa. O creado de quarto de Leabro saira. Leabro entrou no seu gabinete, onde o aguardava uma estranha surpreza.

III

O fundo branco da alcatifa estava molhado, como se ahi houvessem despejado baldes d'agua; na lã humida e empastada destacava-se, feita pelas solas de duas botinas enlameadas, a dupla pégada de um pé de mulher, mas de um pé tão pequeno, tão gracioso, tão elegante e tão bonito que, ao fital-o, Ernesto Labro sentiu-se abrazado de um subito amor. Contemplou por muito tempo as seductoras pégadas e comprehendeu que amava e que amaria até á morte aquella cujos pés tinham deixado alli, na neve do tapete, o seu perturbador e mysterioso traço.

O creado José, que regressára a casa, informou o amo, que durante a sua ausencia uma senhora desconhecida, que não quizera dizer o nome, o esperara.

Vagamente, e não podendo desviar os olhos do tapete, Labro lembrou-se do que lhe contára o amigo, a proposito da pobre Genoveva Ternus, caminhando ao vento e á chuva. Na preoccupação que se apossára d'elle, afigurava-se-lhe que só a filha do velho sabio estava exposta a essas inclemencias, e que, por conseguinte, só poderia pertencer-lhe a ella o pé que imprimira ali o seu divino contorno. Sim, evidentemente esse pé, modelado por uma pasta de lama, que o creado recebeu ordem de conservar intacta, era de Genoveva!

A' noite, em sonhos, Labro viu esse pé de imperatriz ou de juvenil caçadora, não, aprisionado em uma botina encharcada, mas nu, no esplendor harmonioso da fórma, similhante a um marmore animado, com os seus dedos longos e separados e as suas unhas transparentes como conchas de nacar, frescas como petalas de rosa, e viu tambem o adoravel pé, o pé de Genoveva Ternus, cingido por um cothurno constellado de resplentes pedrarias.

Logo que amanheceu, Ernesto Labro esperou Genoveva com uma impaciencia febril; procurara-o, não o encontrara; forçosamente, devia voltar. O mancebo não experimentou, por conseguinte, a menor surpreza ao ver entrar Genoveva, timida, curvada, mas aerea e leve como uma avesinha; por um abençoado acaso, o pé de Genoveva pousou na pégada que deixara na vespera e cobriu-a com uma tão perfeita exactidão, que Labro adquiriu de repente a prova definitiva e sentiu que tinha na sua

Digitized by Google

presença a donzella esperada e desejada no vago encanto do sonho, a querida e ideal bem amada!

—Senhor, disse ella, meu pai encarregou-me de lhe supplicar que nos poupe ao vexame de uma penhora; com grande pezar seu, não lhe é possivel satisfazer desde já a importancia do aluguel da casa que habitamos.

—Minha senhora, volveu Labro, tranquillise-se. Tomarei as necessarias medidas para que o illustre sabio nunca mais soffra o menor incommodo, no genero d'esse que me expõe, e para isso deliberei offerecer-lhe a propriedade da casa em que elle rezide; mas, permitta-me que lhe falle de assumptos mais serios.

Admirada, tremula de assombro, Genoveva Ternus ergueu a fronte, e Labro, deslumbrado, viu-lhe o rosto pallido, espirituoso, expressivo, de feições delicadas e altivas, illuminadas pelo divino jubilo da caridade inexgotavel. Nos castos olhos d'essa menina, sombreados de longas pestanas sedosas, brilhava a intelligencia que tudo comprehende e adivinha, e no seu labio tranquillo deslisava a ineffavel doçura de um sorriso côr de rosa.

Accedendo a um gesto de Labro, Genoveva assentou-se; o mancebo conservou-se de pé, e fallou-lhe com uma voz commovida e tremula, onde se sentia a expressão de um respeito profundo.

OS PRIMEIROS CHARUTOS (Quadro de J. Hintze)

IV

—Minha senhora, disse elle, minha mãe, que tambem se chamava Genoveva, possuia avultada riqueza; minha mãe empregava a sua enorme fortuna em consolar os pobres, os doentes, os opprimidos, todos os desgraçados. E não lhe bastando a prodigalidade com que distribuia incessantes esmolas, mitigando os soffrimentos da fome, vestindo as creanças nuas, soccorrendo os desvalidos que se occultam, ella curava com as suas proprias mãos as chagas, preparava o leito dos enfermos e consolava todos os infortunios, sem inflingir conselhos, nem investigações humilhantes. Minha mãe desempenhou na terra a missão de irmã da caridade, ardente, infatigavel, risonha e paciente; quando me disse o supremo adeus, eu vi reflectir-se nos seus olhos a radiosa serenidade do céo azul. A santa legou-me os milhões que serviram á execução da sua piedosa tarefa, mas não me transmittiu a possibilidade de a continuar! Falta-me para isso a chamma do amor que a abrazava, a voz que cura e conforta, as doces e carinhosas mãos que pensam as feridas! Pois bem! seja minha esposa, supplico-lhe; seja a filha que ella amaria e escolheria entre todas, e receba a sua verdadeira, a sua mais preciosa herança. Reflicta no numero de mulheres e de creanças que póde arrancar ao abysmo! Não me pergunte como e porque a amo, embora lhe pareça que a vejo hoje pela primeira vez; não preciso explicar o que a sua alma não deixará de comprehender!...

—Mas, balbuciou Genoveva, perturbada, hesitante, tremula de deliciosa commoção, eu pertenço aos meus...

—Ah! replicou Labro, os seus são todos aquelles a quem a pobreza e a injustiça dilacera e opprime. Creia que não é meu intento privar o illustre Pedro Ternus dos piedosos cuidados de sua filha; quanto a sua mãe e irmãs, a riqueza habilital-as-ha a prescindirem dos seus serviços.

Duas almas ingenuas e puras como as de Ernesto Labro e Genoveva Ternus não poderiam deixar de entender-se: a segunda Genoveva substituiu dignamente a primeira; e em vista do desapparecimento da gata borralheira, Georgery casou com Seraphina.

As sr.as Georgery e Edmons vão repetidas vezes jantar a casa de sua irmã, que, sem prejuizo dos seus merecimentos e encantos, continua a ser uma incomparavel cosinheira: mas nenhuma das duas irmãs conseguiu ainda habituar-se a ver o formosissimo pé de Genoveva, calçado em setim e perolas. As duas lastimam todos os dias sua mãe, e Seraphina diz-lhe:

—Minha pobre mãe! que infelicidade a sua, ver-se obrigada a ser servida pelas creadas!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 9 de fevereiro de 1885 — Numero 33

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Christo*, soneto, por Lorjó Tavares.—*As nossas gravuras.—Em familia. (Passatempos).—Um conselho por semana.—O Mysterio*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*Rua Nova de Sousa, e Porta Nova (Braga).—O seu melhor amigo.—O epilogo da corrida.—A viuvez do operario.—Um concerto d'amadores.*

CHRONICA

As rijas tempestades atmospherieas dos ultimos dias tendem a acalmar-se.

As tempestades politicas, essas, é que não se acalmaram ainda, e Deus sabe quando a pomba mensageira da paz virá annunciar-nos dias melhores.

As primeiras sumiram-se quasi, envergonhadas, ao primeiro lampejo d'um raio de sol tenuissimo e transitorio, que nos veiu, lá do alto, enxugar o *pardessus* saturado de humidade. Prometteram desapparecer completamente. Mostram-se com ares de quem está disposto a não importunar mais.

As segundas, as que se geram cá em baixo, no mundo revolto das paixões partidarias, vão seguindo o seu curso desapiedadamente, e recrudescem dia a dia, cada vez mais medonhas e rugidoras.

Hontem, era o cyclone da QUESTÃO POLITICA a apavorar-nos, com uma saraivada de discursos ferozes á mistura. Hoje, é o raio flammejante da CRISE MINISTERIAL a cahir-nos em casa, assombrando o indigena mal refeito ainda do pavor que o primeiro tufão lhe havia causado.

E não passamos d'isto, nem á mão de Deus Padre!

Os primitivos assomos da procella originaram-se d'uma coisa innocente e simples, a mais simples e innocente d'este mundo: —a resposta á falla do throno.

O raio da crise gerou-se com o projecto dos melhoramentos do porto de Lisboa, um projecto inoffensivo e benefico, mas, verdade, verdade, carinho.

Havia, no seio do gabinete, duas nuvens carregadas d'electricidades differentes: uma d'ellas era formada pelos ministros das obras publicas e da justiça; accumulava em si forte dóse de fluido *positivo*: queria que o projecto se discutisse e votasse quanto antes, nas duas camaras.

A outra nuvem era constituida pelo resto dos conselheiros da coroa: tinha em si uma carregação enorme d'electricidade *negativa*: não morria d'amores pela proposta dos melhoramentos, ou não julgava opportuno o ensejo para a discutir e votar desde já.

As duas nuvens chocaram-se um bello dia, e a faisca da crise

RUA NOVA DE SOUSA, E PORTA NOVA (BRAGA)

Digitized by Google

veio, em zigue-zagues, por ahi fóra, de cambolhada com o sr. Antonio Augusto d'Aguiar, um sabio illustre, e com o sr. Lopo Vaz de Sampaio e Mello, um estadista distincto.

Os inimigos da situação, apercebendo-se do facto, começaram desde logo a fazer uma berrata atordoadora.

Que o raio não fora justiceiro, diziam uns.

Que as coisas não se tinham passado assim, e havia ali malefício encoberto, bradavam outros.

Os mais acirrados queriam que a faisca houvesse fulminado o ministerio em pezo.

Os mais incredulos attribuiam o acontecimente a bruxedos encapotados, d'algum feiticeiro incognito.

E attribuem ainda, assim como os outros continuam a pedir o exterminio completo do ministerio.

Tudo isto porque se pensou em melhorar materialmente a capital do reino. Ora vejam!

Francamente, Lisboa não precisa lá muito de melhoramentos materiaes: o que elle necessita é de desinfectantes energicos.

Desinfecte-se a camara, a politica, os costumes, o jornalismo, as consciencias, e ter-se-ha feito uma obra bem mais meritoria que a do projecto do sr. Aguiar, dispendendo-se muito menos de quinze mil contos.

=Quando se desencadeiavam mais violentas as tempestades da crise, reunia-se em Lisboa o congresso da União postal internacional, a cuja primeira sessão presidio o ministro dos negocios estrangeiros, sr. Barbosa du Bocage.

Delegados de todos os paizes fazem d'aquelle congresso magno uma verdadeira Babel. A' força de procurarem entender-se, para refundir as disposições geraes da convenção de Paris, de 1878, creio que ninguem se entende. Aquella confusão de linguas acabará por fazer endoidecer totalmonte as summidades do nosso mundo postal, já um tanto doidas com as reclamações do publico sobre assumptos do seu mister.

Em má occasião os benemeritos congressistas estrangeiros vieram bater-nos á porta.

Um anno antes, teriam sahido d'aqui, cantando louvores á nossa boa acolhida, dizendo maravilhas d'este bello jardimsinho da Europa á beira mar plantado, levando n'alma saudades intensas, e nos estomagos a impressão agradavel das boas petisqueiras nacionaes que lhes houveramos offerecido gostosamente.

Mas isto faz uma differença do que era, como o dia da noite. Tudo mudou de portas a dentro, no outrora formosissimo paiz das lanrageiras floridas. Nem temos sol, nem temos calor, nem ao menos ha uns restos de dinheiro no bolso, para obsequiar á larga os estrangeiros que nos visitam.

D'esta vez, sahirão de Lisboa sem ter conhecido os dias suavissimos do nosso clima habitual, sem a mais leve noção do modo porque nós recebemos á mesa os hospedes illustres.

A invernia desapiedada revolucionou completamente a nossa athmosphera, e a Hespanha esvaziou, tambem por egual forma, a nossa bolsa.

A brilhante *matinée* musical e litteraria do *Correio da Manhã*, em favor dos desventurados de Granada, foi o *coup de grâce* vibrado nos ultimos ceitis que nos restavam.

Agora, poderemos voltar a bolsa do avesso, sem receio de ver cair no chão a mais insignificante moeda de cobre.

Uma verdadeira *razzia!*

E a proposito de Hespanha, a proposito da corrente de caridade que ainda se alastra pelo nosso paiz, a bem dos andaluzes, lembra-nos que a imprensa registrou, nos ultimos dias, cá por casa, abalos de terra, innundações, desabamentos, sinistros medonhos produzidos pela violencia das cheias e pelo furor dos temporaes.

Se as desgraças cazeiras se avolumam, e se a Andaluzia houver sido contemplada pelas outras nações europeas com soccorros tão avultados como os que sobre as suas ruinas despejou a cornucopia da philantropia lusitana, amanhã teremos de estender a mão á caridade dos andaluzes enriquecidos.

E o peior não é isso. O peior é se elles nos respondem:

—Deus os favoreça, irmãosinhos!

=E, francamente, pouco mais tenho para te contar, d'esta vez.

Que se foi a famosa cantora polaca, já tu sabes. Que uma gentil corista de S. Carlos acolheu, ha dias, muito rudemente, os requebros d'um baixo profundo, pode ser que não saibas, mas não t'o digo.

Nos theatros, poucas novidades.

Em D. Maria, as *reprises* do *Maitre de forges*, d'Ohnet, e da comedia *Pattes de mouche*, de Sardou. Dois successos.

Na Trindade, o *Boccacio*, sempre novo e sempre applaudido.

No Gymnasio o *Marido da debutante*, peça de sabor francez muito accentuado, com bons typos comicos e umas coplas da *Nitouche* e da *Femme à Papa*, graciosamente cantadas pela actriz Lucinda do Carmo.

Depois d'esta revelação como cantora de *couplets*, já alguem lhe chamou uma Judic incipiente.

Nós, ha tempo, biographando-a em verso, haviamos-lhe chamado uma risonha miniatura da Manuela Rey.

Praza a Deus que a nossa classificação lhe não houvesse feito mal, e que o novo baptismo de hoje não lhe faça ainda peior.

Eu sei lá!

Estes arrojos de enthusiasmo e de rhetorica desvairam até ao ponto de tornar dispensavel a critica sensata que aconselha, e de morder a mão bemfazeja que acaricia e affaga.

Ha de tudo ahi, pelos theatros de Lisboa.

Não se lembram ellas, as desvairadas, que a famosa Van Zandt foi, durante quatro annos, a estrella predilecta da Opera Comique, o *enfant gâté* de muitos salões parisienses, como o da baronne de Rothschild, o enlevo da colonia hispano-americana de Paris, e que, n'um momento, deixou de ser tudo isto, cahindo do pedestal a que se erguera, pelo simples facto de haver abusado da... alcoolatura de phosphoro!

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

VI

»Se convirá escrever a historia da emigração?» Diz o sr. Gomes de Amorim no summario de um dos capitulos do seu livro. «Se o meu triste officio de escriptor, diz elle, me obriga ás vezes, para conseguir o fim que me propuz, a censurar severamente os directores dos negocios da emigração, e a condemnar as intrigas que por pouco iam impedindo a victoria da liberdade, não louvarei jámais que se exponham a toda a luz as vergonhas d'esse tempo.»

Sou completamente de opinião contraria á do sr. Gomes de Amorim. Nem censuro tão severamente como elle o procedimento dos directores da emigração, nem desejo que se não faça com toda a verdade a historia d'esse tempo calamitoso. Mas o que é necessario é que se faça a historia imparcial e justa, o que é necessario é que se não limite o historiador a copiar os pamphletos que se publicavam n'esse tempo e em que desabafavam os emigrados, que, victimas de mil tormentos e de infinitas privações, queriam sempre tornar alguem responsavel pelas suas miserias. O que é necessario é que o historiador se não limite a ser o echo de todas essas apaixonadas verrinas, que espumavam nos labios d'esses infelizes, desvairados pela angustia, exasperados pelos padecimentos. Faça-se a historia em toda a sua verdade, trague-se a plena luz essa epoca, mas não se faça a historia pamphletaria, mas não se acceitem como verdades do Evangelho todas as accusações que appareciam nos folhetos iracundos d'esse tempo. Leia-se tudo, confronte-se tudo, manuseiem-se os documentos authenticos, faça-se um trabalho de critica, e depois d'isso julgue-se. Mas não se tragam para a historia séria e imparcial as paginas ardentes dos pamphletos, as criticas descabelladas, dizendo-se depois: Que vergonhas a d'este tempo! Ha muita infamia verdadeira, mas ha muita honradez calumniada.

Não imagine o sr. Gomes de Amorim que me refiro a elle. O seu livro é um livro cordato e sério. Muito de relance julga a emigração, mas julga-a pelos folhetos que conhece ou pelas historias modernas que não fizeram senão copiar os folhetos, ou pelas recordações pessoaes de alguns sobreviventes d'esse tempo, que não aproveitaram a imprensa senão para se vingarem de velhas injurias ou satisfazerem antigos odios, que fizeram da penna do historiador o estylete das suas represalias.

Mas diga-nos em boa consciencia o sr. Gomes de Amorim: O que diria Garrett se um historiador acceitasse como documento irrefragavel e digno de completa confiança a sua propria *Carta de Mucio Scevola*, pamphleto violento, dictado ao grande poeta pelo seu ardente patriotismo e tambem um pouco pelos seus despeitos pessoaes. «Miseraveis! «exclamou elle defendendo Saldanha, que era o heroe do dia, não pelo seu heroico passado militar, mas por fazer opposição aos governantes, miseraveis! como vos cegou o odio proprio e a pitança alheia; vossos ridiculos esforços produzem o contrario effeito. O homem que Magalhães insultam, *que Palmellas perseguem, basta-lhe o insulto e a perseguição para o purificar na opinião dos bons portuguezes.*»

Assim bastava que um homem fosse perseguido por Palmella, dizia Garrett a 4 de outubro de 1830, para que essa perseguição o purificasse no conceito dos bons portuguezes. N'essa carta de Mucio Scevola, vibrante de indignação e de colera, amarrava Garrett constantemente ao pelourinho o nome de Palmella, d'esse mesmo Palmella, cuja brilhante apotheose elle fazia menos de vinte annos depois, n'aquella magnifica poesia das *Folhas caidas*, que se intitula *No Lumiar*. No conceito dos Portuguezes que amavam a sua patria, a perseguição feita por Palmella a qualquer, era uma honra e uma gloria. E nas *Folhas caidas* escrevia:

Digitized by Google

Oh! como elle a amava e lhe queria
A esta boa terra portugueza!
.....
Velha tinha a razão, tinha a experiencia,
Joven só este amor.

Os versos podem não ser bem assim, porque citamos de cór, mas a idéa é a que ahi fica exarada. E o que diria Garrett a quem lhe recordasse o que escrevera na *Carta de Mucio Scevola*? Diria que essas paginas que dicta a paixão do combate são feitas para serem esquecidas no dia seguinte ás da lucta, que revelam ao historiador o estado dos espiritos n'um dado momento, e nada mais, que as affirmações d'essa especie precisam de ser com toda a cautella contra-provadas, e que, emfim, pamphletos não são historia. Pois com pamphletos é que se tem escripto a historia da emigração, com esses pamphletos é que se tem coberto de lama os nomes dos heroes da liberdade, e tanto que os espiritos mais benevolos como o do sr. Gomes de Amorim, limitam-se a aconselhar que se não trazem á luz as vergonhas d'esse tempo!

E o historiador imparcial não apparece! e os homens de hoje, que deviam ser serenos, continuam a fazer opposição aos governos do exilio, como se estivessem soffrendo ainda as miserias de Plymouth, ou experimentando as agruras de Ostende.

Uma das accusações mais repetidas que se fazem aos chefes de emigração é que nadavam na abundancia, emquanto a turba de emigrados que chegava a Inglaterra padecia as mais atrozes privações. Pois era necessario ver bem de que recursos dispunha o marquez de Palmella, para occorrer a tantas despezas como as que pesavam sobre a sua responsabilidade. Recebera do visconde de Itabayana, ministro brazileiro em Londres, pouco mais de duzentas mil libras, importancia da prestação que o Brazil, pelo tratado de paz que firmára a sua independencia, tinha de pagar a Portugal, e que o governo brazileiro mandára que se entregasse ao marquez de Palmella, o unico soberano legitimo que o Brazil reconhecia em Portugal. Mas era muito duvidoso que a opinião publica brazileira consentisse que se désse o mesmo destino ás subsequentes prestações. O Brazil estava extremamente melindroso, receiava sempre que o seu imperador julgasse refazer a antiga união entre os dois paizes, união que aliás fôra o proprio D. Pedro que desfizera. Pronunciava-se por conseguinte a opinião asperamente contra qualquer intervenção do Brazil nos negocios portuguezes. Ora não havia intervenção mais clara e mais patente do que este acto, pelo qual se reconhecia como o unico governo legitimo de Portugal um governo que tinha a sua séde em Londres, e entregar-lhe quantias que realmente só podiam ser depositadas no thesouro portuguez.

Os jornaes do Rio de Janeiro atacaram violentamente por esse facto o governo do imperador e mais especialmente ainda o visconde de Itabayana. Não era difficil a um politico experimentado, como era o marquez de Palmella, prevêr a impossibilidade de seguir por muito tempo o Brazil a politica que iniciára e que, portanto, essa prestação de 200:000 libras por mais nenhuma seria seguida.

Com esses recursos relativamente parcos tinha o marquez de Palmella de organisar expedições que fossem sustentar os pronunciamentos liberaes da Madeira e da Terceira, de subsidiar os emigrados, de pagar ao corpo diplomatico portuguez, que em grande parte se pronunciára pela causa liberal, de conquistar adhesões na imprensa e nos circulos influentes do estrangeiro, adhesões que se não conquistam de graça, de dar uma pequena lista civil á infante D. Anna de Jesus, porque um dos elementos de victoria para a causa liberal portugueza era a affirmação bem positiva e bem clara da sua alliança com a monarchia, porque aliás não seria bem vista pela liga monarchica europea, e tudo isto tinha de sair da famosa prestação do emprestimo brazileiro, que os emigrados queriam que chegasse para tudo! Quem nega que muitas delapidações, que muitas injustiças se houvessem praticado então? Mas essas infamias que maculam todas as causas, não bastam para que se diga que a historia da emigração é uma historia vergonhosa.

PINHEIRO CHAGAS.

CHRISTO

Morreste! E a cruz ficou a rir da eternidade,
Vendo tombar no pó as gerações sem vida...
Morreste! E a cruz lá 'sta, serena, sempre erguida,
Mostrando ao mundo absorto o azul, a immensidade...

Bem mais feliz tu foste, oh, Christo, oh, Divindade,
Cahindo aos golpes vis da plebe enraivecida,
Mas tendo ao pé de ti a Virgem dolorida
Com quem trocaste o adeus final, uma saudade!

D'uns labios de mulher no rosto ensanguentado
Talvez sentiste ainda o beijo soluçado
Por entre as convulsões do teu cruel soffrer?...

Talvez... talvez! Mas eu nem vivo... Esta agonia
Que augmenta, avulta e cresce... e cresce dia a dia
Ninguem no mundo a vê... Não tenho mãe sequer.

LORJÓ TAVARES.

AS NOSSAS GRAVURAS

RUA NOVA DE SOUSA, E PORTA NOVA (BRAGA)

Data do seculo XV o densenvolvimento da cidade de Braga, que, por iniciativa do seu arcebispo, D. Diogo de Sousa, rompeu as muralhas com que a tinha defendido el-rei D. Diniz, e estendeu as ruas e edificações.

Entre as muitas obras de utilidade e aformoseamento com que a dotou este arcebispo, conta-se a rua Nova de Sousa, mandada abrir por elle no anno 1512.

Corre esta rua de léste a oéste da cidade, entre a rua do Souto, que lhe fica em continuação, e o campo das Hortas, onde termina por um formoso arco, que se acha representado na nossa gravura.

Este arco é obra do seculo passado, e foi mandado construir pelo senado e influencia de D. Gaspar de Bragança, filho reconhecido de D. João V e senhor de Braga.

Por esta rasão está collocado na parte superior do arco, que olha para léste, o brazão de armas d'este principe, achando-se do lado de oéste um nicho em que está uma imagem de Nossa Senhora da Nazareth.

Remata este arco uma estatua allegorica á cidade de Braga.

O arco ou portico que levamos descripto, denomina-se Porta Nova, em consequencia de ter sido construido no logar onde existia uma porta da cidade, mandada fazer pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, quando se abriu a nova rua.

Hoje, a Porta Nova é a primeira da cidade; e por ella dão entrada solemne os arcebispos e principes, quando a visitam, celebrando-se ali a ceremonia da entrega das chaves da cidade pela camara municipal.

A rua Nova de Sousa é uma das principaes de Braga, não só pela sua posição, como pelo muito commercio dos estabelecimentos que ali se acham alojados.

O SEU MELHOR AMIGO

Amára, talvez.

Mas o namorado fôra-lhe infiel; esquecera os seus formosos cabellos pretos por uma loira semsabor, que o fascinou com dois sorrisos estonteadores.

D'ahi, a tristeza impressa n'aquelle bello rosto, onde ha uma suave expressão angelica, que seduz e encanta.

O que ella quer é estar só, alheiada ao bulicio do mundo, onde o seu coração virgem foi ferido em cheio pela maldade dos homens, d'essa raça d'ingratos.

Resta-lhe um amigo dedicado, um só, que lhe comprehende as magoas e que se entristece de a ver triste:—o cão fiel.

Elle fôra testemunha dos amores da dona; confidente de muitas juras trocadas em tempos mais felizes. Conhece a historia d'aquelle desfeito idyllio, como ninguem, e está talvez a dizer-lhe, na sua mudez eloquente e acariciadora:

—Esquece-o, que os homens não valem uma saudade!

O EPILOGO DA CORRIDA

Estão vendo qual elle foi:—um trambolhão medonho, d'aquelles que não deixam vontade para novas correrias.

E se o estão effectivamente vendo, dispenso-me de lhes dizer como é que elle cahiu, e qual foi o sitio do corpo mais magoado

A VIUVEZ DO OPERARIO

Um quadro encantador e cheio de verdade. Uma scena de familia, como ha muitas por esse mundo, commovedora e triste.

Aquelle honrado operario perdeu a sua companheira estremecida: viu-a tombar exanime na cova humilde do cemiterio.

Ficaram-lhe d'ella as saudades amargas, que não se extinguirão nunca, e tres creancinhas innocentes, a quem hoje serve d'ama secca, elle, o rude trabalhador da forja, tão pouco affeito a embalar berços e a dispensar caricias.

O golpe que o ferira foi profundo. A perda soffrida não podia ser maior.

Ahi está porque elle, todos os dias, á meza, aconchegando ao peito o filho mais pequeno, a quem falta o santo calor materno, sente rolarem-lhe pelas faces trigueiras duas lagrimas quentes como o ferro em braza que malha na officina.

Sympathica dôr aquella!

Digitized by Google

O SEU MELHOR AMIGO

Digitized by Google

Digitized by Google

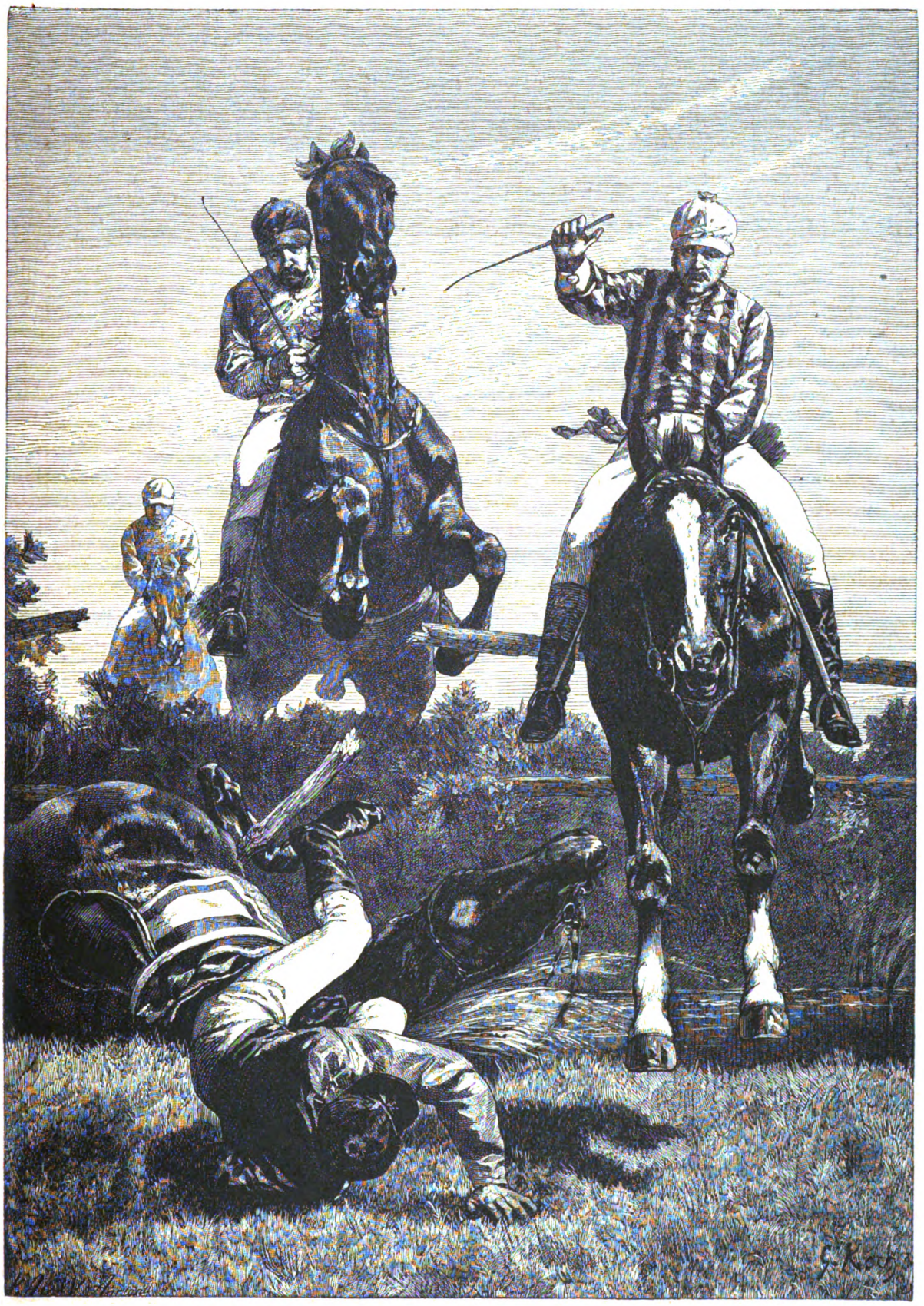
A VIUVEZ

Digitized by Google

DO OPERARIO

Digitized by Google

Digitized by Google



O EPILOGO DA CORRIDA

Digitized by Google

UM CONCERTO D'AMADORES

Houve-os em todos os tempos, porque a musica não é um producto das sociedades modernas.

Aquelles trages estão denunciando uma epoca longinqua e uma familia coeva dos nossos trisavos, pelo menos.

Mas já então se fazia musica aos serões, pacatamente, sem estardalhaço, de portas a dentro.

E o bello sexo dava o seu contingente, como hoje, cantando chacaras apaixonadas, dedilhando no cravo, ou harpejando na viola franceza.

O sexo forte arranhava na rebecca ou tocava violoncello.

Depois vinha o chá, dançava-se, passava-se uma noite deliciosa.

No fim de contas elles divertiam-se mais do que nós.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Vou novamente incommodar os leitores intelligentes da *Illustração Portugueza* com explicações inuteis ácerca dos meus problemas, afim de responder a umas cartas dirigidas á redacção d'aquelle semanario por um *quidam*, que se intitula *leitor curioso*, e que não passa d'um pacovio pretenciosissimo, ao qual eu, *confesso*, não devia dedicar dois minutos d'attenção.

Vivo n'um meio bem differente d'aquelle onde existe esse *insignificante*, que pela segunda vez me apoquenta com as suas disparatadas reflexões.

Accedendo a um delicado convite do ex.mo sr. Pedro Corrêa, tenho dado a publico alguns problemas, com o fim unicamente de ser agradavel áquelle distinctissimo cavalheiro.

Fui sempre laconico nas soluções apresentadas, pois nem era proprio tomar grande parte da secção destinada aos problemas com calculos desenvolvidos, nem desejava que alguem suppozesse que eu pretendia fazer propaganda scientifica. Não obstante esta minha opinião, se qualquer a mim se dirigisse delicadamente pedindo-me um esclarecimento, fal-o-hia da melhor vontade.

E', porém, esta a segunda vez que me acho em conflicto com uns ignorantões, que, nada sabendo, julgam os outros por si, e que nem ao menos teem a delicadeza sufficiente para pedirem explicações em termos habeis e convenientes.

Ainda lhes presto por ultima vez uns minutos d'attenção, respondendo ao tal curioso, e restando-me a gloria de cumprir uma obra de misericordia, tal é a *de ensinar os ignorantes*.

Queixa-se elle de eu ter deixado passar um erro no problema do n.º 23.

Devia saber quão facil é commetter-se um erro na composição, e passar despercebido nas provas.

Nota que só um mez depois o emendei.

E' claro que só o podia fazer quando para elle chamaram a minha attenção.

Diz que faltam duas soluções ao problema do n.º 25. Tem graça a observação! Tambem queria que mencionasse os encontros em *A*? Esses são, por sua natureza, evidentes.

Em relação ao problema do n.º 3, diz que um outro individuo se queixou d'elle, em julho passado, no jornal o *Imparcial*, de Coimbra.

Pelo que vejo, o tal articulista é da mesma força que o do anonymo a quem me dirijo.

Ensinemos pois estes *dois sabios*.

Snpponhamos que um dos maridos comprou x objectos, e que a sua mulher comprou y. O marido gastou x^2 tostões, e a mulher y^2.

Logo $x^2-y^2=63$ ou $(x+y)\,(x-y)=63$ e portanto

$x+y=7$	$x+y=21$	$x+y=63$
$x-y=9$	$x-y=3$	$x-y=1$

Resolvendo estes *difficeis* systemas, tem-se

$x=8$	$x=12$	$x=32$
$y=1$	$y=9$	$y=31$

Eis os unicos valores de x e y que conveem ao problema.

Por ser $32-9=23$ e $12-1=11$ segue-se que:

Pedro	comprou.....	32 objectos
Martha	»	9 »
Paulo	»	12 »
Catharina	»	1 »

e por exclusão de partes, conclue-se que:

André	comprou.....	8 objectos
Suzanna	»	31 »

Logo André é marido de Catharina; Paulo é marido de Martha e Pedro de Suzanna. E' caso para se dizer: *Eureka, eureka!*

Finalmente diz que está errada a solução do problema do n.º 29, como o affirma pessoa competente.

E' feliz o tal curioso, pois conhece uma cohorte de sabios como difficilmente se encontra.

Decifremos o enygma.

Dez pessoas, collocadas n'uma mesa de jantar, de fórma qualquer, e na qual não cabem mais, ficam necessariamente em volta da mesa.

Collocadas em linha recta podem ficar de $1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times9\times10$ maneiras differentes, como facilmente se comprehende; e collocadas á roda d'uma mesa, aquelle numero torna-se 10 vezes menor, por que a cada disposição circular correspondem 10 posições differentes em linha recta.

Os 10 convivas podem pois ficar dispostos de $1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times9$ maneiras differentes.

Consideremos agora só 8 pessoas.

Estas, pelo mesmo motivo, podem collocar-se em roda da mesa de $1\times2\times3\times4\times5\times6\times7$ maneiras differentes. São 8 os intervallos existentes entre duas pessoas consecutivas; e é n'estes intervallos que devem ficar as duas pessoas que desejam ficar juntas; e como ellas podem ficar, uma em relação á outra, de dois modos diversos, segue-se que $1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times2$ representa o numero de disposições que lhes são favoraveis.

A probabilidade é pois

$$\frac{1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times2}{1\times2\times3\times4\times5\times6\times7\times8\times9}=\frac{2}{9}$$

como se disse no numero 30.

Ficará assim satisfeito?

Parece que estou a ver o meu *distincto* adversario, todo afflicto, a ver se procura no diccionario francez a significação da palavra *casse-tête*, que por engano, no problema do numero 31, vem em vez de *casse-tête*.

Para não roubar inutilmente mais espaço n'esta secção, concluirei aconselhando o tal *leitor curioso* a que vá fazer poesia para as margens do Mondego, e se deixe de mathematicas, das quaes nada é capaz de comprehender, a julgar pelas suas insensatas reflexões.

MORAES D'ALMEIDA.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na musica este appellido é appellido—1—2.

Aqui come-se esta ave—1—1.

PHARAÓ, COLLADO E JUVES.

EM VERSO

(A M. Côco)

P'ra investir ou defender,
Me ha de empregar alguem.—2
Mas p'lo mal que a muitos causo,
Não me deseja ninguem.—1

Procura meu todo
No templo sagrado.
Pois quando alguem morre,
Lá sou empregado.

Mathosinhos. SARAMACOCO.

EM QUADRO

(Por syllabas)

— — — Este prestante animal
— — — Não transpõe este resguardo
— — — Por ser muito pantanoso

MANACIO.

ADIVINHAS POPULARES

Digo tudo feito em partes.
Todo junto nada digo.
Sou no mundo muito antigo;
E ensino aos homens as artes,
Quando se criam commigo.

Mui poucos me acham no mar.
Poetas ser me tem dado.
Sou nas hortas transplantado,
E difficil de encontrar
Andando a todos pegado.

J. O. E ARAUJO.

Digitized by Google

PERGUNTAS ELECTRICAS

Qual é a palavra que ás direitas e ás avéssas é pronome?—2

Qual é o verbo que ás direitas e ás avéssas contenta a gente?—1

Qual é a palavra que ás direitas e ás avéssas é adjectivo?—2

J. DIAS VELLOSO.

LOGOGRIPHOS

E' um signal, afiança,—6—2—3—4—5
Sobre a meza deve estar—1—6—2—4—5
A franquear-nos a passagem,—1—5—6—4—2
Este marisco vulgar—5—3—4—6—2

Exerceu este mister
Um Papa bem conhecido.
A's vezes é profissão,
E outras é appellido.

MATHEUS JUNIOR.

Animal—1—5—4—5
Animal—2—5—4—3

Metal

FANTOCHE.

PROBLEMA

Qual é o numero que, multiplicado por 45, dá um producto formado de algarismos todos eguaes a 5?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das CHARADAS:—Loanda—Fatia—Regalo—Rosario—Pancada—Rosalina
opiparo
sineta
apeia
lata
ira
no
a
Madreperola.
Do LOGOGRIPHO:—Pegamasso.
Do PROBLEMA:—E' o numero 721.

A RIR

Executava-se o *Miserere* de Lulli na capella de Luiz XVI. O rei conservou-se ajoelhado durante toda a ceremonia religiosa, obrigando as pessoas da côrte a fazerem outro tanto.

Quando terminou a solemnidade, o rei de França aproximou-se do conde de Grammont, e perguntou-lhe:

—Como achastes a musica?

—Para os ouvidos, deliciosa; para os joelhos, detestavel, meu senhor!

*

Dizia um critico:

—Até que ponto chega a vaidade das mulheres! Conheço uma que casou com um preto, só por lhe dizerem que a côr preta lhe ficava muito bem!

*

Sobre o gelo:

—Quer patinar commigo?

—Quero, mas com a condição de que ha de estar calado.

—Porque, minha senhora?

—O senhor tem uma conversação tão pezada, que pode quebrar o gelo.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

O uso habitual dos perfumes embota a sensibilidade do cheiro e actua sobre os nervos das pessoas irritaveis.

Verdadeiros ataques de nervos, cujas causas passam despercebidas, são devidos ao emprego ordinario de perfumes muito violentos.

O ambar e o almiscar teem uma influencia incontestavel sobre o systema nervoso; e os orientaes usam habitualmente das suas propriedades excitantes.

O MYSTERIO

(TEODORO BANVILLE)

I

Sergio de Geneste e o seu intimo amigo, o moço official de marinha Feliciano de Masseret, demoraram-se assentados á meza, onde tinham jantado, e ambos, pensativos e tristes, pareciam entregues a profundas meditações.

—Sim, disse Sergio, has de saber tudo: ah! Feliciano, porque não serás tu meu irmão? Durante um anno, viajaste no Extremo Oriente e esse tempo bastou para encher a minha vida e para a despedaçar, para fazer de mim o infeliz que conheces. Não ignoras a espantosa catastrophe, mas desejo contar-te minuciosamente tudo o que a precedeu.

A condessa de Brianne fallara-me muitas vezes de Christina de Lozie; referira-me o seu casamento com um medonho velho, que lhe fora imposto pela familia, descrevendo-me, ao mesmo tempo, as terriveis angustias que se seguiram, que ameaçaram a existencia de Christina, e, por ultimo, a sua inexplicavel e subita resignação.

O sr. de Lozie arrastava com difficuldade o pezo dos annos e dos achaques; affirmava-se mesmo que a união entre os dois esposos não chegara a consummar-se. Esse boato tornou-se para mim um facto evidente, logo que vi pela primeira vez Christina em casa da condessa. Nenhum rosto era mais virginal do que o seu, nenhuma outra voz era mais pura, e no seu celeste olhar transparecia a candida ignorancia da donzella. Adorei-a desde o primeiro instante, adoro-a sempre, e quando me lembro do seu canto inspirado, quando contemplo nas minhas recordações as suas bellas mãos pousadas na harpa, tenho a consciencia de haver gosado os inebriantes jubilos do paraizo.

Uma virgem ignorante, suave, casta e angelica, tal era a sr.ª de Lozie; mas logo desde o principio das nossas relações, notei as desigualdades do caracter de Christina, que se mostrava ás vezes sob um aspecto extravagante, transfigurada, parecendo absolutamente outra pessoa; a sr.ª de Brianne, sua intima amiga, não sabia a origem d'essas estranhas metamorphoses. Muitas vezes, abandonando a sua attitude graciosamente infantil, a sr.ª de Lozie assumia uma expressão irritada e provocante; o seu olhar inflammava-se, a sua voz, odinariamente tão meiga, tornava-se implacavel, dura, ironica, epigrammatica.

Seriam symptomas de uma affecção nervosa? Que me importava? Não me detinha n'essas investigações, não queria saber, preferia ignorar tudo que de qualquer maneira diminuisse as perfeições da irreprehensivel bem amada.

II

Não tardou o dia em que a sr.ª de Lozie me recebeu em sua casa; confessei-lhe o meu amor e tive a ineffavel ventura de o saber partilhado; ella disse-m'o sem hesitação, e afigurou-se-me que subia ao céo coroado de brancas flores de luz.

Como deves comprehender, a possibilidade de possuir Christina sem ser seu marido, parecia-me um odioso sacrilegio: o meu unico desejo resumia-se em fazer d'ella minha esposa; mas, ao encetar este assumpto, vi a sr.ª de Lozie tal qual me era tão doloroso vel-a: odienta, má, fallando com voz rouca, sacudida de estranha colera.

—Não, não, disse ella, não me torne a fallar em similhante cousa, horroriso-me só de ouvil-o! Saiba que é impossivel o que me propõe.

De que proviria uma tal repugnancia? Teria sido Christina tão infeliz com o seu primeiro marido, que nem podia admittir a possibilidade de uma segunda união? Era evidente que ella me amava, dedicava-me toda a sua existencia, mostrando-se feliz quando eu estava ao seu lado; e que horas deliciosas nós passámos juntos, unidos, como que identificados, confundindo palavras e pensamentos, e outras vezes gosando ambos os ideais extasis da musica!... Se eu apertava as suas queridas mãos, se lhe beijava o cabello, ella abandonava-se nos meus braços, pura e inexperiente como uma virgem. O meu respeito, porém, era igual ao meu amor.

Não raro, Christina ajoelhava, pacifica, acariciadora, affectuosa, erguendo para mim as suas claras pupillas, e eu sentia-me como que arrebatado da terra.

Mas de repente, algumas horas depois d'esses momentos ineffaveis, a sr.ª de Lozie revestia-se de um aspecto caprichoso e feroz. Despedaçava tudo que lhe caia nas mãos; a menor contrariedade enfurecia-a; uma simples palavra suggeria-lhe um desejo insensato de contradizer.

Digitized by Google

Os seus accessos de colera degenerariam de certo em violentas crises, se Christina não tivesse junto de si duas creadas dedicadas, que conheciam o segredo de acalmal-a.

Uma era a sua creada de quarto, Ursula; a outra, uma mulata, chamava-se Aménaïde.

Aménaïde, creara Christina. os pais da sr.ª de Lozie tinham-a trazido da Guadeloupe.

Sempre que Christina soffria uma d'essas terriveis crises, a velha mulata dava-lhe a respirar um frasco de oiro, cujo aroma a tranquillisava de prompto. Um dia, no auge da crise, a sr.ª de Lozie disparou um tiro de revolver contra um delicioso grupo de Clodion; a bala roçou a mão de Ursula, arrancando-lhe um pedaço da manga, e Christina desatou a rir ás gargalhadas.

UM CONCERTO D'AMADORES

III

—Ah! meu amigo, recordo-me do ultimo dia em que vi Christina, e em que ella me appareceu meiga, suave, adoravel na sua graça infantil.

Um negocio urgente exigia a minha presença na provincia; fui dizer-lhe adeus; ella, torturada por um presentimento, supplicou-me que a não deixasse.

Porque não ouvi eu a sua querida e tremula voz? No dia immediato, achava-me em um café, em Marselha, quando um jornal me levou a fulminadora noticia.

Em pleno Paris, no Bosque, a sr.ª de Lozie apparecera, como que arrebatada em uma vertigem de demencia e de horror. Como ella costumava montar cavallos fogosos, o facto não surprehendeu á primeira vista; não tardou, porém, que o cavallo tomasse o freio nos dentes, desapparecendo em um turbilhão e indo afinal esbarrar de encontro ao tronco de uma arvore, onde a infeliz esmigalhou o craneo.

Parti logo para Paris, e cheguei ainda a tempo de poder vel-a, de poder beijar-lhe a fronte ensanguentada; desde então a minha alma ficou despedaçada e morta.

IV

Uma noute, Sergio de Geneste entrou em uma loja do boulevard dos Italianos, para ahi comprar um par de luvas; não tardou que reconhecesse na luveira a antiga creada de quarto da sr.ª de Lozie.

—Ah! exclamou a rapariga, como o sr. está transtornado! Agora comprehendo quanto o sr. amava a minha querida ama!

—Ursula, disse o sr. de Geneste, póde fazer-me um favor? quer ceder-me algum objecto que tenha pertencido á sr.ª de Lozie? a posse d'esse objecto será um balsamo para a minha pungente dôr.

—Sim sr., volveu Ursula, minha ama era muito generosa. Possuo um sem numero de objectos do seu uso e tencionava offerecel-os ao sr. de Geneste: esperava, porém, que o tempo suavisasse a sua dôr, espectativa irrealisavel, reconheço-o agora. Amanhã entregar-lhe-hei essas queridas e tristes reliquias.

V

Foi para Sergio uma intensa e cruel alegria a de receber em casa Ursula, e ouvil-a fallar da sr.ª de Lozie durante longas horas.

De subito, uma interrogação acudiu-lhe aos labios: Sergio de Geneste perguntou á luveira se ella conhecia a origem das extraordinarias desigualdades de caracter da sr.ª de Lozie, que outr'ora o maguavam tanto.

—Desejava, volveu Ursula, guardar esse segredo até ao meu ultimo suspiro; mas visto que o sr. amou a sr.ª de Lozie, e que ha de sempre amal-a, é preferivel que saiba a verdade.

Quando a menina Christina, pura e innocente como um anjo, desposou o sr. de Lozie, foi tal o seu horror e a sua invencivel repugnancia, que adoeceu gravemente. N'essa occasião, a velha mulata que o sr. conheceu, ministrou-lhe um remedio terrivel, obtendo assim que a menina se resignasse e esquecesse os seus desgostos.

O filho de Aménaide tinha sido amante de uma rapariga de côr. Um moço, empregado na roça, e seu rival, matou-o com um tiro de carabina; a pobre serva não obteve nem vingança nem justiça.

A bordo do navio que a conduziu á França, juntamente com os pais da sua menina, a mulata embriagava-se, bebendo continuamente aguardente. A aguardente sorria-lhe como o balsamo de todas as dores. Essa bebida de fogo parecia-lhe o unico philtro susceptivel de adormentar um desespero irremediavel.

Quando a mulata viu a menina Christina prostrada pelo excesso do soffrimento, chamando em seu auxilio a morte, applicou-lhe o mesmo remedio que applicara a si propria.

Não ignoro que o amor do sr. de Geneste deveria ter salvo minha ama; mas era tarde, o habito havia muito que se inveterara; ella tinha o veneno nas veias!

—E' possivel! exclamou Sergio estupefacto, pois a sr.ª de Lozie...

—Sim, affirmou Ursula, baixando os olhos e córando:—A SR.ª BEBIA!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 16 de fevereiro de 1885 Numero 34

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Cantos ao vento*, versos, por Eça de Almeida.—*As nossas gravuras.—Os morangos*, por Jeanne Thilda.—*Em familia. (Passatempos). — Um conselho por semana.—A consoladora*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*Porto de Moz.—Colhendo plantas medicinaes.—A tentação.—A' beira do rio.—Surprehendidas.*

CHRONICA

A' hora em que escrevo, acorrentado ao cumprimento d'um dever d'officio, Lisboa empôa-se, empulha-se, emporcalha-se, e embriaga-se nas doidas folias do Carnaval patusco. E' quem mais póde tripudiar nos bailes orgiacos da Trindade e dos Recreios, agitando a guizalhada estridente de Polichinello ou velando a cara sob a mascara banal de Pierrot.

Dansa tudo por ahi, n'um redemoinhar vertiginoso e estonteador. Tudo por ahi folga e descanta, perneando satanicamente em valsas infernaes, bisnagando o proximo nos theatros e nas ruas, mostrando-se tal qual é ao resto da humanidade.

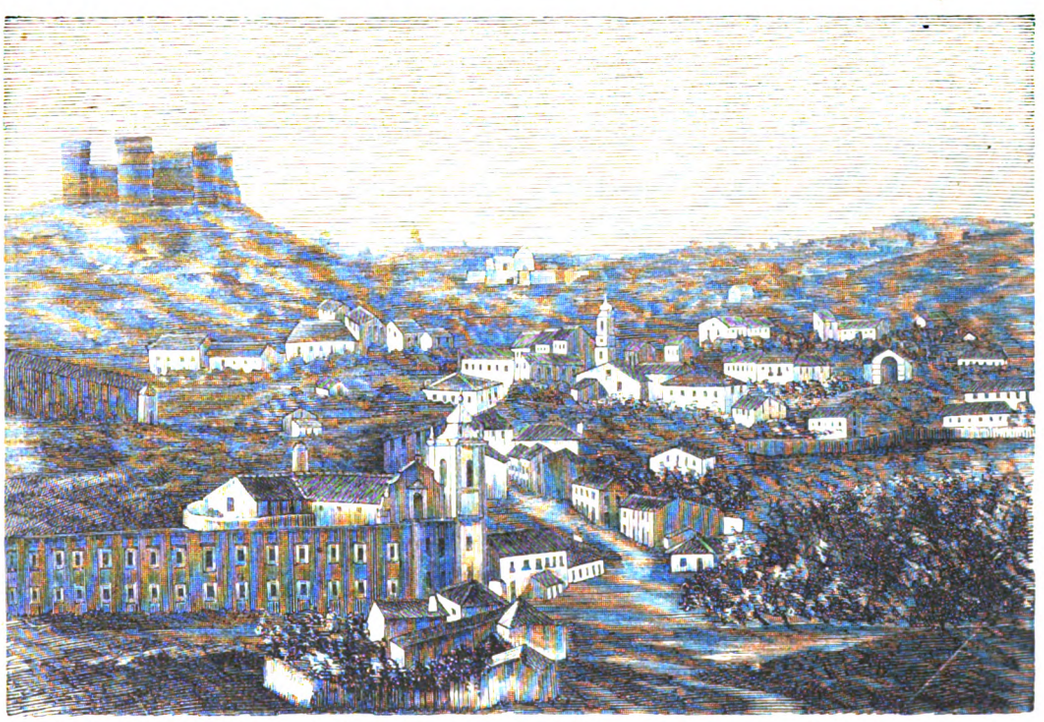
Chama-se a esta saturnal, em que tantas tolices e inepcias se commettem, o Entrudo.

Assistimos a ella todos os annos. Apresenta-se sempre com a mesma feição imbecil, sob o mesmo aspecto repugnante e amalgamado.

Os *chéchés*, que ahi enxameam a praça publica, vomitando babozeiras, são os do anno preterito. Não é difficil conhecel-os. Trazem a voz avinhada e os sapatos rotos, como d'antes.

As vivandeiras e as saloias, que viramos ha doze mezes, desfilando alegremente sob as nossas janellas, com um *sol e dó* ruidoso na vanguarda, são ainda as mesmas Os personagens da enorme bacchanal não mudaram. São os do ultimo entrudo. Só faltam aquelles a quem a morte despiu o dominó para lhes vestir a mortalha. Desappareceram apenas os que o cemiterio tragou, n'um curtissimo interregno de seriedade.

Os restantes, de todas as castas, jerarchias e camadas, ahi as vêdes revolutear pelas ruas da Baixa, confundindo-se, acotovelando-se, formando uma Babel aplastrada e incommensuravel, testemunhando a influencia omnimoda do espirito democratico na maneira de ser do nosso tempo.



PORTO DE MOZ

Digitized by Google

O fidalgo fraterniza com o vilão que passa. O gallego boçal permitte-se bisnagar a aristocracia mascarada que exhibe os seus velludos, passeiando em carruagens opulentas. As damas *d'élite*, que em dias communs, ordinarios, não dispensariam a mais leve attenção a um simples mortal pedestre, dirigem-lhe agora facecias e ditos agudos, vibram-lhe gargalhadas crystalinas e sonoras á queima-roupa.

E' que todas ellas desceram das suas inaccessiveis eminencias ao afivelar o *loup* discreto.

Estamos em dias d'anarchia, de liberdade, de liquidação moral.

Viva o prazer!

O mais curioso é que todo o mundo mostra estar habituado a isto. E de facto, está. O carnaval não acaba nunca; é perpetuo; existe sempre; podemos chamar-lhe a vida a descoberto.

Quando a humanidade põe a mascara e enverga o dominó, não é para se occultar; é para deixar ver francamente as suas verdadeiras propensões.

Sob o incognito, desapparece o individuo e fica o ser natural; revela-se-nos, para assim dizer, um mudo anonymo, mas eloquentissimo, sincero. As sensações procuram expandir-se sem constrangimento, insinuantes e audazes; os olhos fallam com os olhos com muita mais força e vehemencia que a palavra. Atravez os orificios abertos n'um *loup* de seda, sahem effluvios de sensualidade encantadora, em que se revela a alma inteira d'uma mulher, com todos os seus deliciosos mysterios.

As palavras que ella solta são vazias de sentido, contidas por um resto de respeito ás conveniencias; mas os olhos acariciam-se, promettem-se, concedem-se, confundem-se n'um mesmo fluido vivificador, trascendental. E o mysterio augmenta o encanto; a ancia de descobrir a incognita é enorme; a acção soberana da attracção traduz-se n'um sentimento d'amor, que as impaciencias da phantasia estimulam. Pelo bello entrevisto presuppõe-se a belleza ideal do que se não vê; e se este combate é travado n'um baile, ao som da orchestra langorosa, em meio do redemoinho da valsa, quando a desconhecida se reclina nos braços do desconhecido, ambos palpitantes, enamorados, loucos, então... comprehende-se que as filhas d'Eva, que teem no corpo um noventa e nove por cento de dynamite amorosa, morram pelas orgias coreographicas do salão de D. Maria, e arrastem ali os homens, anciosos d'alguma coisa que apenas se encontra nos bailes de mascaras:—a revelação sem medo da alma anonyma d'uma mulher.

Diverte-te, pois, leitora. Dansa; goza; empoa-te; esconde o rosto formosissimo na mascara setinosa; empulha-me, se quizeres, e se quizeres, tambem, enfia o teu braço no meu, para dares commigo duas voltas pelos salões de qualquer baile elegante. Anda d'ahi! O carnaval é a dansa, a loucura, o esquecimento de todas as magoas, uma embriaguez de pouca dura.

Tirassem-nos esta valvula de segurança, e adeus humanidade, e adeus vida.

=A politica, para seguir o movimento carnavalesco, entrou n'um periodo *d'acalmação*, e mascarou-se com as vestes candidas de deusa da *Paz*, para que ninguem podesse conhecel-a n'estes dias de folia infrene. Mas o paiz, que está costumado a lidar de perto com ella, adivinha-a sob aquelles trages, comprehende as rasões que a levaram a adoptar o disfarce, e diz-lhe, vendo-a passar, com uma risadinha significativa:

—*Je te connais, beau masque!*

Eu tambem a conheço—não quizera conhecel-a tanto—mas deixo-a empulhar o proximo, e rio-me d'ella, coitada, comtanto que me não empulhe a mim.

=Os membros do congresso postal divertem-se.

Por felicidade, não se realisaram as minhas previsões do ultimo numero, e suas excellencias abandonarão Lisboa satisfeitissimas do acolhimento que cá tiveram.

Para lhes darmos de tudo, além de banquetes sumptuosos no Paço da Ajuda, com bello Porto de 1840, e de bailes esplendidos nas salas da presidencia do conselho de ministros e da legação franceza, com mulheres olympicas e *cotillons* encantadores, démos-lhes o que elles não tiveram á chegada, e o que nunca viram em pleno inverno, lá pelos seus paizes distantes:—um sol dourado e quente de primavera.

Chama-se a isto saber fazer, como ninguem, as honras da casa.

=E assim devia succeder. *Noblesse oblige*. O nosso Portugal microscopico, que ninguem conhecia lá fóra, está sendo discutido na conferencia de Berlim, nos circulos politicos da França, da Inglaterra e da Belgica. A Europa occupa-se d'elle como de uma grande potencia respeitavel. Bismarck soletra-lhe o nome, vezes sem conto, na roda do dia. A imprensa estrangeira refere-se ao acto d'estranha audacia que praticámos occupando militarmente as duas margens do Zaire. O mundo inteiro está com os olhos fitos n'esta pequenina facha de terreno por onde serpenteia o Tejo crystalino, e que até ha pouco se reputava habitada por selvagens.

Ora fazendo-nos o mundo inteiro estes tagatés, é claro que nos deviamos mostrar dignos d'elles e da reputação serodia conquistada, recebendo nas palminhas os membros do congresso postal.

=Pelo meio da semana—já deves sabel-o—houve uma explosão de gaz, medonha, no palacio dos marquezes de Pombal, na sua Formosa. Portas despedaçadas foram pelos ares; moveis antigos e riquissimos ficaram reduzidos a cavacos; retratos originaes de familia, incluindo o do famoso marquez, desappareceram na hecatombe; *bibelots* de grande valor historico, voaram em estilhaços. Houve dois homens feridos, muita balburdia, muito susto.

Mas o espirito do glorioso reedificador defuncto paira ainda sobre os ambitos d'aquelle principesco solar hoje deteriorado.

O que cahiu levantar-se-ha amanhã.

=Tambem pelo decorrer da semana as gazetas baratas nos annunciaram que uma tal Jesuina da Conceição, com domicilio lá para as bandas da Penha, assassinara o marido, um velho, arrancando-lhe o nariz e as orelhas á dentada.

Ha tal requinte de perversidade n'este monstruoso crime, que não podémos ainda tomal-o a sério, apesar dos *compte-rendu* da imprensa, e das informações policiaes colhidas nos commissariados.

Aquillo é, por força, uma *blague* carnavalesca, em que os senhores *reporters* e os senhores commissarios de policia vão feitos.

.....

=E agora me lembro que o Carnaval está em plena effervescencia.

Salta um dominó de seda, e vamos ás dansas!

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

VII

Foi durante a emigração que o nosso grande poeta trabalhou com mais ardor. Ao seu primeiro exilio devemos o *Camões*, a *D. Branca*, o *Bosquejo da historia da litteratura portugueza*, á segunda a *Adozinda* e outros poemetos baseados sobre chacaras populares, a *Lyrica de João Minimo*, o *Portugal na balança da Europa*, o *Tratado da educação*, e ainda outras obras, que ou se perderam no naufragio do navio que as levava, ou ficaram incompletas e ineditas, até que o sr. Francisco Gomes de Amorim nos poude communicar alguns fragmentos. Entre estas obras figuram as *Memorias de João Córadinho*, que deviam formar um romance no genero do *Gil Blas*. O que lemos d'este romance na obra do sr. Gomes de Amorim mostra bem, tanto pelas suas qualidades como pelos seus defeitos, o que valia nas mãos d'aquelle artista poderosissimo a lima de que se servia com tanto engenho. Effectivamente, esses capitulos abandonados são o marmore, ainda não bem desbastado, d'onde tinha de sair depois a estatua. Já se revelam as formas, já se sente n'alguns pontos o cunho da creação genial, mas n'outros ainda o esboço é evidente, e a differença que ha entre estes e aquelles mostra bem o que valia nas obras de Garrett o retoque magistral que elle lhes dava sempre antes de as deixar sair a lume.

A obra em que elle trabalhava então com mais affinco era o *Magriço*, e a proposito d'esse poema não resistimos á tentação de transcrever um trecho da deliciosa carta que o nosso poeta escreveu de Londres a José Gomes Monteiro, que estava em Hamburgo. Para se comprehender, é preciso que se saiba qual era o enredo do poema.

Contava o author que lhe apparecera n'uma noite de inverno, a alma do cura do *D. Quixote* a narrar-lhe que o ter elle queimado a livraria do «engenhoso fidalgo», fôra tão mal visto no ceu, que S. Pedro não lhe permittira a entrada emquanto não houvesse poeta que desaggravasse os manes offendidos de tantos authores illustres. Tomára a si a tarefa o poeta portuguez e emprehendera cantar em longo poema de cavallaria as façanhas de Magriço.

«Eu continuo ainda adoentado, porém muito melhor, escrevia elle a José Gomes Monteiro; mas com os incommodos do *poeta* teem medrado os negocios do *cura*; e observará a primeira vez que lhe apparecer essa alma branca, que ha de vir mais desas-

Digitized by Google

sombrada e despenada. E comtudo, quanto ao despeno final, não sei quando será nem como, porque o panno da obra tem dado de si, e acho-me, contra a minha expectação, com mais do que para mangas.—O diabo é o Magriço com os seus 12!—Pois sabe o que me fizeram? Estou já no XXII canto (o meu amigo só viu XII d'estes o os outros dez são novos todos) e ainda agora sahiram de Portugal. Mas que ha de ser se o Magriço esteve todo este tempo mettido em Thomar com uns *Pedreiros-livres* ou coisa que o valha, e depois em outras partes com moiras encantadas e outras *necromancias*, e os companheiros pespegados no Porto onde tem feito cousas nunca vistas. Faz lá idéa o diacho dos rapazes o que revolveram a nossa boa terra. Braz Fogaça, honrado juiz do povo dos tripeiros, Justa Rodrigues, sua mulher, uma sobrinha que Deus lhe deu, e uns basofios de uns fidalgos de Braga, que os do Porto tosaram lindamente—um ratão de um prior de Cedofeita que se metteu na bulha - uma amazona do Minho por nome D. Brites de Britiandos—tudo andou em *Polverosa* com elles.—Mas emfim estou já mais descançado, que os embarquei a toda a pressa (como d'antes faziam os nossos velhos com os rapazes estroinas, que lhes punham uma farda ás costas e os embarcavam para a India) para esta nobre ilha (que a leve o démo!) e estão a desembarcar por instantes em Plymouth. Até, se me não engano, já vi nos jornaes que havia signal n'aquelle porto de *portuguese man of war off* de barra de Plymouth.—O sr. Magriço vae por essa Castella dentro, mas ainda não tive noticias d'elle. —Com que, meu bom amigo, por este *exposé*, que póde, se julgar conveniente, communicar ao *cura* na primeira conferencia—verá que me faltam pelo menos uns V cantos para acabar a obra, e tirar do Purgatorio o *director da consciencia quixotina*. Mas, ou muito me enganam esperanças, ou por todo este mez, principios do outro, o homem está no ceu, e santo approvado e confirmado como os que o são. Pouco espero, é verdade, que, em se pilhando canonisado, o maganão do cura lhe importe mais com o caritativo poeta que o despenou, e guarde de criticos e mordedores a obra que o salvou—mas faça a gente uma obra boa, e deixar ingratos por santos que sejam.»

A's vezes, lendo o livro do sr. Gomes de Amorim, ponho-me a scismar se foi melhor ou peior para a gloria de Garrett que o *Magriço* se perdesse. Pelo trecho que já aqui citámos não se fica formando grande juizo do poema. Aquelles versos soltos são dos mais chôchos que Garrett escreveu. São, em verso, coisa parecida com o que são em prosa os primeiros capitulos das *Memorias de João Côradinho*, transcriptos pelo sr. Gomes de Amorim. Faltalhes aquella dedada final que os esculptores dão no barro, e que transforma ás vezes n'uma obra prima a estatua correcta sim, mas ainda sem a expressão definitiva e genial.

Conta Maxime Du Camp, nos seus interessantissimos *Souvenirs litteraires*, que o grande esculptor Pradier tinha a faculdade extraordinaria de saber e poder corrigir as suas estatuas exactamente até á ultima hora, que estava ás vezes esperando á porta a carroça que devia transportar as suas esculpturas para o Salão do Louvre, e ainda Pradier, de maço e escopro em punho, se approximava das suas obras, começava a fazer saltar o marmore com uma violencia capaz de despedaçar a estatua, mas com tanta firmeza e com tanta certeza, que esses raspões herculeos davam á estatua um novo e ainda mais brilhante aspecto. Diziam de Pradier: Corta o marmore em fasquias.

Tambem Garrett ainda até á ultima hora cortava, arranjava, modificava, limava, até reduzir a sua obra áquella perfeição suprema que realmente nos seus livros se admira. As obras de Garrett effectivamente, aquellas que elle definitivamente legou á posteridade, dão ao leitor aquelle goso requintado e sublime da perfeição completa. A gente lê-as, relê-as, saboreia-as, volta-as por todos os lados, admira-as debaixo de todos os aspectos, e fica no espirito com esta sensação de plenitude, que é em tudo o caracteristico supremo do prazer completo. Mas para isso é indispensavel que se leia o Garrett definitivo, e não o Garrett esboçado. Artigos que elle muito ao correr da penna escrevia, já não são a mesma coisa. A's vezes encontrava logo essa perfeição encantadora que se admira em todas as paginas das *Viagens na minha terra*, e na carta a Antonio Augusto, que precede, na *Illustração*, a ballada das *Pegas de Cintra*. Outras vezes, como nos *Fiqueiredos*, no *Castello de Dudley*, no *Inglez*, o esboço é mais informe.

Assim acontece com as cartas de Garrett. Habitualmente são mal torneadas, com repetições e desleixos. Outras vezes sahiam-lhe deliciosas como a que citámos acima. E' que a qualidade suprema de Garrett era a naturalidade, e nem sempre tinha tempo de ser natural, como Pascal ás vezes não tinha tempo de ser breve. E' que, effectivamente, a concisão e a naturalidade em obras de arte não se alcançam sem esforço. O que se alcança sem esforço é a prolixidade e a *pose*. Ao correr da penna o que acode são as phrases feitas, os periodos redondos; mas a naturalidade encantadora e sem defeitos, essa, só a conseguem o genio e a reflexão. Qualquer francez escreve uma carta *bien tournée*, com largos periodos bem fechados. Só Madame de Sèvigné é que foi capaz de escrever aquellas pequenas cartas naturaes e simples, que ainda hoje encantam o mundo inteiro.

PINHEIRO CHAGAS.

CANTOS AO VENTO

I

Quando á tarde o sol, dolente
Pelos perfumes do ar,
Se deita, commodamente,
No longo sopha do mar,

Minh'alma languida e triste,
Ao ver a luz do sol-posto,
Pensa no brilho que existe
Na candidez do teu rosto.

E se te vejo, sorrindo,
Tremer a bocca de leve,
E mostrar, ao ir-se abrindo,
Teus dentes alvos de neve,

Penso que vejo uma rosa
Toda fresca e orvalhada,
Abrindo a c'rolla mimosa
Aos beijos da madrugada.

Depois, meu lirio nevado,
Quando olho p'ra o ceu sombrio
E o vejo assim, retratado,
Nas aguas mansas do rio,

Como uma flôr esquecida,
Que em perfumes se desata,
A minh alma enlasguecida
Na tua alma se retrata.

E ao ver-te assim, tão bonita,
Tão casta como uma flôr,
Amo te mais, acredita,
Fico perdido d amor.

(Continúa).

Coimbra—1884.

EÇA DE ALMEIDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTO DE MOZ

Está situada esta villa na falda occidental da serra de Minde, na provincia da Estremadura, districto de Leiria.

A disposição das casas pela encosta do monte, como se vê da nossa gravura, dá á villa um aspecto encantador.

Ignora-se quem fosse o fundador da fortaleza que corôa aquelle monte; o certo é que essa fortaleza foi tomada por el-rei D. Affonso Henriques, pelos annos de 1148, e que ella deu origem á villa, cujos primeiros habitantes foram ali abrigar-se.

D. Fuas Roupinho foi o governador e alcaide-mór, nomeado pelo fundador da monarchia, para aquelle castello, que serviu ao valoroso guerreiro de ponto de partida para a guerra que moveu contra os mouros das visinhanças. D'esta lucta resultou a ruina de Porto de Moz. No anno de 1200 estava completamente destruida. Foi D. Sancho I que então a mandou reedificar e de novo povoar.

O primeiro foral de Porto de Moz é de D. Diniz, e o segundo de D. Manuel.

Tem esta villa tres egrejas parochiaes; S. Pedro, S. João Baptista e Nossa Senhora de Murtinhos. Guardam-se n'esta ultima varias reliquias de Santos, trazidas de Merida, por um ermita chamado Romano, que, segundo a tradição, acompanhov na fuga D. Rodrigo, ultimo rei dos godos. Tem duas ermidas, de Santo Antonio e Santa Luzia; Misericordia e Hospital.

A terra e suburbios são abundantes de aguas, fructas, e caça.

O que ha ali de mais notavel é o castello, pela sua antiguidade, e, nas proximidades da villa, o edificio do extincto convento do Bom Jesus, que foi fundado em 1676, e a capella de S. Jorge da Charneca, erecta pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

A população é laboriosa, pacifica e morigerada.

COLHENDO PLANTAS MEDICINAES

Leva n'aquella faina o dia inteiro, a boa velhinha, para ganhar uns miseros cobres que lhe dão os hervanarios, os pharmaceuticos e os droguistas.

E' fatigante o trabalho, sobre fatigante, demanda uma certa sciencia. Não é ahi qualquer leigo que sabe distinguir a herva moleirinha da fumaria ou das borragens. E' necessario saber da poda e ter, como ella tem, vinte annos ou mais de experiencia n'aquelles misteres, para atinar com o paradeiro da avenca e da raiz d'althéa. No fim de contas é uma desgraçada. Collabora efficazmente na cura de muitos males que nos affligem, e não consegue ás vezes curar a fome que a apoquenta.

Digitized by Google

COI HENDO PLANTAS MEDICINAES

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Á BEIRA DO RIO

Digitized by Google

Digitized by Google

A TENTAÇAO

Digitized by Google

A TENTAÇÃO

Estranho pensamento e estravagantissimo quadro!

A mocidade ardente e impetuosa tentando reaccender fogos de ha muito apagados na velhice cachetica e doentia.

A primavera cheia de luz fazendo contraste com o inverao tenebroso e mercencorio.

Nós queremos crer que tudo aquillo seja para disfructar o velhote. E' impossivel suppor outra coisa. Não ha espirito sufficientemente maldoso que seja capaz d'imaginar seducções, onde só existe o intuito de rir um pedaço.

A juventude tem d'aquelles caprichos, d'aquellas fanthasias, mas não é por mal; e... *honni soit qui mal y pense!*

A' BEIRA DO RIO

Bate a roupa na pedra, ao compasso d'umas cantigas melancholicas e plangentes.

Muitas vezes, quizera bater assim o proprio coração nas rijezas do marmore tosco, para que elle lhe não pulasse tanto lá dentro do peito.

Contos largos, que eu não estou resolvido a narrar agora.

Mas n'aquelle bonito perfil ha assim como que uma sombra ligeira de tristeza; e as raparigas do sitio segredam que a gentil Carlotinha—é este o seu nome—quando vae lavar ao rio, mistura muitas vezes as lagrimas com a agua fugidia da corrente.

SURPREHENDIDAS

A tarde estava amena e o jardim solitario. As duas amigas foram-se até lá, dar largas aos seus instinctos musicaes e poeticos. Um passatempo innocentissimo.

A mais nova recitava poemettos impregnados d'amor, com todo o enthusiasmo da sua alma apaixonada e vibrante. A mais velha fazia harpejos langorosos na viola, em guiza d'acompanhamento.

No melhor da festa, o visinho importuno do quintalejo contiguo, que era doido por aquellas pequeninas frescatas de musica e de recitação, veiu surprehendel-as ex-abrupto, com um bravo atroador.

A nossa gravura representa os tres personagens na situação descripta.

OS MORANGOS

Voltaram com a primavera os lindos morangos rubros; apparecem primeiro timidamente em pequenas caixinhas, deitados sobre as folhas verdes; mas hoje já vêm, apertados uns contra os outros, nas cestas de vime; se o sol lhes dá mais um empurrão, chegarão até nós, rimadores mais ricos de alexandrinos que de moedas de ouro, até áquelles que preferem sorrisos de mulher ás notas do Banco de França.

.....

Eu ia fazer dezoito annos, e, como tinha crescido de repente, mandaram-me para o campo, para casa de minha tia Miquelina, um pouco mais velha do que eu.

Era linda a minha tia Miquelina, e eu dava bem por isso; mas, sendo ella mulher do irmão de minha mãe, não me atrevia a encaral-a, e seria mais facil deixar que me picassem como um pastel, do que fazer-me confessar o prazer que eu sentia em mirar-lhe os pequeninos dentes alvos, as covinhas do rosto, quando sorria, e principalmente os labios, os seus labios appetitosos, rubros, saborosos como os morangos que orlavam a larga avenida.

Quando eu digo que os labios de minha tia Miquelina eram rubros como os morangos do seu jardim, sirvo-me de uma metaphora, porque os morangos então mal despontavam da terra, esbranquiçados e friorentos; nós iamos dia por dia acompanhar-lhes o progresso, mas ainda não tinha havido meio de colher um só! e no entanto, Deus sabe se eu desejava offerecer um á minha tia Miquelina.

O inverno ia a fugir, a primavera vinha a atirar-se-me nos braços; o vento fazia passar o seu halito apaixonado; sahiam beijos das arvores cobertas da ferrugem que precede a verdura; e os caracoes, que tambem tomavam o seu quinhão n'esse renascer da natureza, deixavam longos rastilhos de prata nas alamedas amollecidas pelas chuvas e pelas geadas.

Uma bella manhã, estava eu de pé desde o alvorecer; o sol era quente como no mez de junho: na poeira luminosa, os insectos dourados zumbiam em infatigavel voltijar; nos ramos estalavam os rebentos; o ar impregnava-se do perfume da terra chegada á ultima phase da sua gestação de maravilhas; o céo, de um azul desmaiado, deixava ver, por entre as arvores, filões acinzentados, que mal se destacavam.

O coração batia-me com força, como se me fôra dado assistir de subito a um espectaculo extraordinario, e eu enlevava-me em uma contemplação deliciosa.

De repente, senti que se me dilatavam os olhos, e suffoquei um grito de alegria; é que tinha visto, entre os canteiros, um lindo morango inteiramente maduro; brilhava como um rubim, na folhagem.

—Que felicidade, disse eu, a tia Miquelina vae ficar bem contente.

N'esse momento, ouvi não longe de mim uma voz a cantar uma antiga canção de amor; a voz era vibrante e jovial; caminhei para ella.

Ahi sussurrava uma fonte natural; um salgueiro mergulhava na agua os ramos enlanguecidos; o sol deitava mil ondas de prata sobre a agua limpida, e minha tia Miquelina cantava, com os pés descalços mettidos na corrente.

As meias e os sapatinhos estavam sobre a relva humida; ella vestia um *peignoir* verde claro, e as prégas do estofo transparente desenhavam tudo o que ella quizera esconder; acompanhava o movimento d'agua, que parecia querer carregar-lhe os pésinhos alvos, como as flores que decoram as frontes das nymphas de Helicon.

—Minha tia, exclamei eu, minha tiasinha, um morango maduro!

—Dá-o cá! respondeu ella a rir-se.

E como eu hesitava:

—Péga-lhe com os dentes, desageitada, e levanta a bainha das calças.

Eu acceitei o conselho, e metti-me no regato; cheguei perto d'ella, e, estendendo os labios, dava-lhe o morango.

Ella sempre a rir, fitava-me com os seus olhos de côr de avellã; eu via-lhe os longos cilios, as pequenas mechas castanhas em desordem na fronte, a face transparente, e principalmente os labios rubros, em que brilhavam os dentinhos brancos, como uma faca de madreperola mettida em um fructo

Estendendo tambem os labios, ella tirou delicadamente dos meus o morango, com o geito airoso de uma cabra a deflorar rebentos, e os nossos labios encontraram-se e ficaram unidos...

Ouvimos então gritos e chamadas, ali por perto: era o marido de Miquelina; o irmão de minha mãe chamava sua mulher.

Como a volta do caminho nos escondia, ella disse-me rapidamente, e baixinho:

—Cala a bocca, não convém que nos encontrem.

Eu atirei-me atraz da minha tia, que calçava as meias á pressa; mas, como se apressava de mais, rasgou-se uma d'ellas, deixando passar, victoriosa do obstaculo, a perna digna da Danae do Ticiano; então, impaciente, meio calçada, sempre acompanhada por mim, que não sabia onde tinha a cabeça, fugiu para uma casinha onde se costumava guardar a ferramenta do jardineiro.

Empurrou a porta e entrou, voltando-se para mim; eu via-lhe as faces afogueadas e os olhos em que reluzia uma chamma extraordinaria; era assim tão linda, e inspirava taes desejos, que eu parei á porta, estendendo-lhe os braços.

—Fecha a porta, disse ella, aqui ninguem nos encontrará.

Mas, de repente, passou-se-me uma cousa estranha pela cabeça e pelo coração; ouvi como que uma voz rude, que de longe dizia o meu nome; um sentimento de horror percorreu todo o meu ser, e, como um bom rapaz que eu era, fugi sem olhar para traz, e fui fechar-me no meu quarto, onde chorei, uma a uma, todas as minhas lagrimas.

.....

E ahi está porque, hoje que sou velho, os primeiros morangos fazem-me bater o coração; ahi está porque gosto de os ver quando elles apparecem nas caixinhas, deitados sobre a folhagem verde, e mais tarde apertados nas cestas de vimes. Compro-os quando elles abundam, quando os ha até para mim, rimador mais rico de alexandrinos que de moedas de ouro, e que prefere o sorriso de uma mulher ás notas do Banco de França.

JEANNE THILDA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

BEIÇUDO DA BOBADELLA.—Nos registros charadisticos d'este semanario nada consta a seu respeito.

OLYMPIO RACHEL.—Os seus decassylabos não primam por demasiada correcção. Ficam para segunda leitura.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

A primeira do peixe quem a ganhará?—1—2.

Barquinha. UM ASSIGNANTE.

Digitized by Google

A constellação d'esta côr é feroz—2—2.

A mulher d'este homem é hereje—2—3.

A filha de meu tio é uma senhora da opera—2—2.

Não é boa esta senhora franceza—1—2.

A base d'esta porção d'agua encontra-se no mar alto—1—2.

Aspira-se por este tubo secreto—1—2.

E' um pretexto para apertar a folha—1—2.

Este lenho e este rol é de S. Paulo—1—2.

No lagar é esperto e avarento—1—2.

Bellas. ANTONIO VITO.

EM QUADRO

(Por syllabas)

— — — Este grande continente
— — — Atormenta no inverno
— — — E vê-se no carnaval.

— — — Sem leite não existia
— — — Apesar de obstinada
— — — Em possuir esta côr.

MANACIO.

EM TRIANGULO

. . . . . Taça
. . . . . Verbo
. . . . . Cereal
. . . . Eixo
. . . Epoca
. . Contracção
. Artigo

ENIGMA

Qual é o rio composto de quatro vogaes eguaes, quatro consoantes eguaes e outras duas consoantes deseguaes?

Armamar. A. B. S.

PROBLEMA

Anna toma para si um numero de tentos multiplo de 13; Rita o mesmo multiplo de 7, e Rosa um egual multiplo de 4. Em seguida, a primeira dobra o numero de tentos das outras duas; a segunda e a terceira fazem successivamente a mesma operação, finda a qual se acham todas com o mesmo numero de tentos. Perguntando-se qual é este numero, dizer quantos tentos ellas tomaram?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das CHARADAS:—Rebello—Capão—Armador—Ca val lo / val la do / lo do so

DAS ADIVINHAS POPULARES:—A, B, C—Pé.
DAS PERGUNTAS ELECTRICAS:—Elle—Rir—Esse.
DOS LOGOGRIPHOS:—Pastor—Prata.
DO PROBLEMA:—O numero é 12345679.

A RIR

O filho mais novo de Calino está dando lição de grammatica, no collegio.

—Qual é o feminino de Deus?

—E' Nossa Senhora.

*

Um viuvo inconsolavel, á beira da cova de sua chorada mulher:

—Adeus, Monica! Eu acharei, do certo, muitas mulheres que te succedam, mas não encontrarei nenhuma que te substitua.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

TRATAMENTO DAS QUEIMADURAS

Qualquer que seja o grao e extensão das queimaduras, podem tratar-se, com excellentes resultados, pelo seguinte processo.

Introduz-se o membro que soffreu a queimadura em agua gelada e conserva-se ali até ter desapparecido a dôr.

Como a agua aquece rapidamente, deve renovar-se o gelo com frequencia, a fim de manter sempre a mesma temperatura.

Quando o membro lesado pode já mover-se na agua, sem experimentar dôr, seca-se, e applica-se, sobre a queimadura, uma capa d'algodão em rama imbebida em uma mistura d'acetato de chumbo e de oleo de ricino, envolvendo-se depois tudo com um panno.

O processo pode ser empregado com vantagem nas erisipelas.

A CONSOLADORA

(CATULLE MENDÉS)

A cabeça pendida nas mãos e o peito convulsionado pelos soluços, elle estava assentado á cabeceira do leito da agonisante. Ella, com os olhos semi cerrados, apresentava a rigida pallidez dos cadaveres. Alta, branca, fria, deitada de costas com os cabellos soltos, a moribunda assimilhava-se a uma estatua, estendida sobre o sarcophago de uma rainha.

—Oh! não te afflijas, meu querido, balbuciou a agonisante com a voz quasi extincta. Para que soffres tanto? perdes-me, mas tambem eu te deixo, e não choro. E' que eu sou uma pobre mulher ignorante; sou christã. Sei que vou adormecer, para dentro em pouco acordar; e quando surgir o eterno dia, encontrar-te-hei a meu lado, como nas outras manhãs; mesmo antes de Deus, hei de ver-te primeiro a ti. Desejo que partilhes esta ineffavel crença Enxuga as tuas lagrimas, sorri. Dá-me um beijo; restituir-t'o-hei amanhã.

Elle não respondeu; os soluços suffocavam-o. A agonisante proseguiu, atravez do estertor:

—Só uma unica cousa poderia perturbar a minha alma e cortar de horriveis pezadelos o meu breve somno do tumulo: seria o remorso de não te haver tornado tão feliz na terra, como tu merecias sel-o. O menor desgosto de que eu fosse a origem, causaria o meu eterno desespero. Falla pois, oh! meu querido, falla ainda uma vez, tu cuja voz eu não tornarei a ouvir na terra. E' verdade que abençoaste a existencia desde a hora das minhas primeiras confissões, e que eu nunca te fiz soffrer?

Elle ergueu a fronte e murmurou por entre lagrimas:

—Tu foste o encanto, a consolação, o amor! Tu trouxeste á minha vida o paraizo em que acreditas. Não ha sorriso que eu não te deva, e estas são as primeiras lagrimas que por ti choro. As outras mulheres, mesmo as mais perfeitas, tem indifferenças, crueldades, caprichos; frequentemente, desviam os olhos e o pensamento d'aquelles que escolheram; os mais amados sentem muitas vezes o vacuo em torno de si. Eu senti sempre na atmosphera que respirava a suavidade das tuas caricias! e não me recordo de ter desejado, desde que és minha mulher, um dia immediato differente d'aquelle que o precedeu.

*

Ao ouvil-o, porém, uma sombra de melancolia obscurecia o rosto da moribunda. Ella bem sabia que aquellas palavras não exprimiam toda a verdade. No seu jubilo penetrara o espinho de uma tortura, de um cruel supplicio, que dilacerara o coração do apaixonado esposo. Antes de pertencer-lhe, ella amara, quando era ainda uma creança, outro homem; e o segundo marido, ferido no meio de todos os encantos pela certeza de ter occupado no coração de sua mulher um logar que outro occupara, de não ter sido o primeiro a beijar esses adorados labios, nunca se resignara á sua amarga felicidade.

Não raro, odiara essa ventura que não fora só d'elle.

Entre todos os ciumes, o ciume do passado é o mais terrivel, porque é fertil em estereis angustias: podeis matar aquelle que rouba vossa esposa; podeis feril-a; ha na satisfação do odio a compensação do desespero. Mas contra aquelle que vos antecedeu, a quem ella deu o direito da posse,—desapparecido, morto; —contra aquella que se deu outr'ora, não faltando por isso a nenhum dos seus deveres,—que fazer?

Depara-se-vos o irremediavel; porque de que serviria estrangular um transeunte cujo nome, pronunciado de repente, vos fez estremecer, ou violar uma sepultura para mutilar um cadaver?

Nem mesmo Deus poderia destruir o que já está feito.

Nas palavras, nos beijos de amor, vibra sempre o ecco de outros beijos, dados, correspondidos, offerecidos, a quem? a al-

Digitized by Google

guem, a um rival mysterioso, sempre presente, ainda que impalpavel.

Uma idéa fixa acompanha-nos sempre e em todos os instantes; pensa-se que ella amou antes de nos amar, que experimentou por outro os mesmos desejos, as mesmas ternuras, que estremeceu de jubilo ao som de uns passos, que não eram os nossos, que palpitou de louca paixão, a que fomos estranhos: terrivel, espantosa e incomparavel dôr!...

E era essa dôr que a moribunda sabia que seu marido soffrera mais do que qualquer outro.

Durante a sua vida, poderia distrail-o,—cural-o, era impossivel—, confortal-o á força de sincero amor e constante dedicação. Mas quando ella deixasse de existir, quando lhe não fosse permittido suavisar-lhe as maguas com as suas caricias, provar-lhe pelo adoravel excesso da sua paixão, que nunca ella amara tanto, então os rancores do passado acordariam mais violentos do que nunca e nenhuma voz os faria recuar. Sempre que elle evocasse a lembrança da querida morta, levantar-se-hia o espectro—do outro. O seu ciume, sem nenhum lenitivo, possuil-o-hia completamente, furiosamente! E tudo o abandonaria, na sua dolorosa viuvez, excepto a visão do passado!

Em quanto ella assim pensava e elle chorava,—alguem entrou. Era o padre, chamado á pressa.

Piedosa, a moribunda persignou-se com mão tremula.

—Deixa-me por um instante, meu amigo, murmurou ella. Quero ficar só com Deus.

Elle levantou-se.

—Só te peço que não te afastes para muito longe. Preciso saber que estás perto de mim. Vae para aquelle quarto e não feches a porta. Se eu me sentir peor, chamar-te-hei, para que tu recebas o meu ultimo suspiro.

Elle retirou-se, cubrindo a cara com as mãos.

*

—Meu padre, disse ella com voz extincta e imperceptivel, se á hora das supremas confissões uma miseravel peccadora, ainda perturbada por um interesse humano, mentisse ao Deus de caridade e de justiça, esse Deus seria implacavel para ella, não é assim!

—Decerto, minha filha, volveu o sacerdote.

A agonisante estremeceu sob os lençoes brancos que a cobriam como uma mortalha.

—A sua execravel mentira não poderia obter nenhuma misericordia?

—Nenhuma, minha filha, confirmou o padre.

—A doente empallideceu tanto, que o padre abreviou a confissão, temendo que a morte viesse interrompel-a. Ella principiou accusando-se das leves faltas da sua piedosa e immaculada existencia. O padre sorria, deleitando-se com a pureza d'essa alma que ia voar para o seio de Deus. De subito, porém, e depois de olhar para a porta entre aberta, a moribunda, fazendo um supremo esforço, assentou-se na cama, e disse, elevando a voz:

—Devo confessar-lhe, meu padre, um peccado antigo, que não confessei, nem mesmo no tribunal da penitencia. Nunca amei o meu primeiro marido. Era uma creança quando me casaram; consenti em ser sua mulher, perturbada pela esperança do hymeneu, que attraie todas as meninas. Mas nunca, nunca amei esse homem,—juro-o, pelo Deus que me ouve!—No dia immediato ao nosso casamento, fugi aterrada das suas caricias, da sua presença, das suas palavras, de tudo que n'elle me repugnava e afastava. Supplicas, ameaças, tudo foi inutil. Afigurava-se-me que se elle me tornasse a tocar, eu morreria instantaneamente de desgosto e de horror; e durante os tres annos que durou a nossa união, vivi sempre só e pura como uma virgem. E' este o peccado de que me accuso, meu padre. Mas, ai de mim! não me arrependo. Sim, mesmo n'esta hora em que vou comparecer na presença de Deus, experimento um jubilo ineffavel, ao lembrar-me que me reservei para o verdadeiro esposo da minha alma, para aquelle que na eternidade. .

Não concluiu a phrase. Sacudida por uma convulsão caiu pesadamente no travesseiro, batendo com os pés nas costas do leito. Foi sobre uma morta que o padre depoz a absolvição.

Ouviu-se um grito, o marido empurrou a porta e veio rojar-se aos pés do leito.

Livido, desvairado, louco de dôr o infeliz contemplava o cadaver da esposa, mas nos seus olhos cheios de lagrimas transluzia a serenidade do extasis, e era assim que elle olhava para a querida morta, adormecida na beatitude de um indefinivel sorriso.

ESMERALDA.

SURPREHENDIDAS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 23 de fevereiro de 1885 Numero 35

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Ignota Dea*, soneto, por Sergio de Castro.—*As nossas gravuras.—Plantas raras —Em familia. (Passatempos).—Um conselho por semana.—Contos da caróchinha*, por Esmeralda.

GRAVURAS:—*Galeria dos paços reaes de Evora.—Nas horas vagas.—Um retrato.—Os sustos do bébé.—Uma descoberta.*

CHRONICA

Tu, que vives lá muito longe, carissima leitora provinciana, franca e boa companheira dos meus brinquedos de garoto travêsso, fazes, por certo, um juizo muito errado do que seja a existencia vivida n'esta capital irrequieta, onde se agitam multidões enormes, onde brilha a côrte e a nobreza, o que ha de melhor nas lettras, o que ha de mais notavel na sciencia, na industria, nas artes e no *sport*.

Aconchegada no teu sophásinho vetusto, diante d'um candieiro de petroleo, com *abat-jour* picado a bico d'alfinete, em cujo perimetro se recortam flores caprichosas, tu deixas pender a cabeça sobre a mão fechada, e pões-te a scismar, a scismar horas esquecidas, imaginando que Lisboa é um ceu aberto, que o mundo acaba para além dos muros d'esta cidade de granito.

E a fanthasia povoa-se-te de imagens estranhas; e as ruas tortuosas da tua villa modesta afiguram-se-te os meandros do inferno dantesco; e as quatro paredes do teu lar sereno, onde, ás oito horas da noite, não se ouve o zumbir d'uma mosca, parecem-te as paredes d'um tumulo para onde te arremessaram viva.

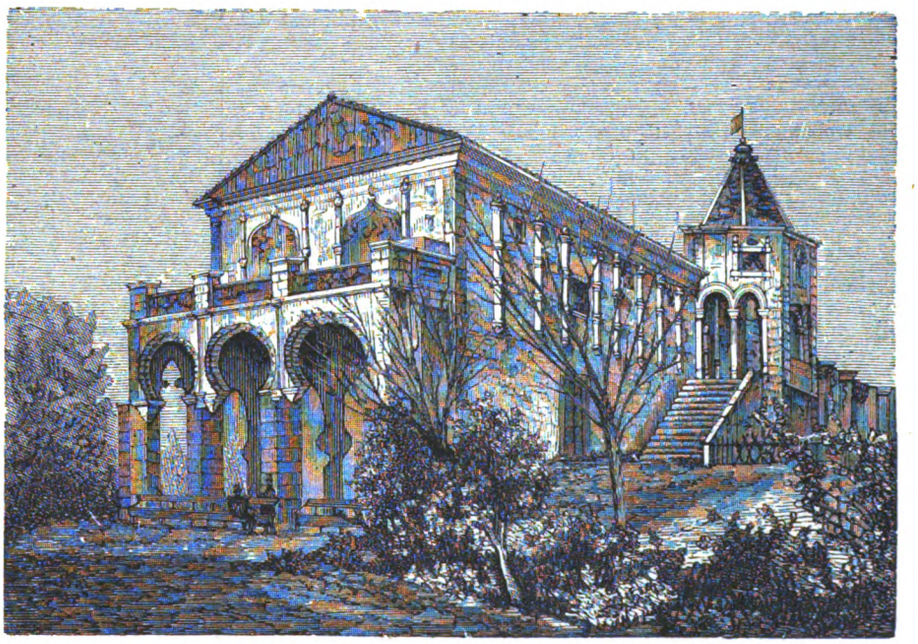
Dessem-te azas, n'esses momentos de meditação, e tu voarias alegremente para o foco luminoso onde convergem todos os teus pensamentos:—Lisboa.

O desconhecido fascina-te. Mariposa irrequieta, desejarias vir queimar-te na luz d'este meio onde eu vivo, luz que á tua imaginação de provinciana ingenua e simples apparece com um brilhantismo extraordinario, com todas as fulgurações alegres do arco-iris.

Como tu te illudes, minha boa e doce amiga da infancia. Como tu calumnias esse pequenino paraiso que nos foi berço, para ergueres, no teu espirito, um altar á grande capital dos teus sonhos mentirosos!

Imaginando que vivemos aqui em festa perennal e eterna, que não ha mãos a medir em materia de gozos e de passatempos, suppozeste agora, de certo, que o Carnaval lisboeta fôra um verdadeiro idyllio, um *mare magnum* de prazeres, um assombro d'espirito e de bom gosto.

Necessariamente, sonhaste batalhas de flores, feridas em plena rua, sob um ceu limpido e claro; congressos de mascaras espectaculosos e brilhantissimos, como o que acaba de realisar-se em Roma, com as suas cavalgadas magnificas, o seu *Gianduja* do Piemonte, o seu *Stenterello* florentino, os seus carros allegoricos



GALERIA DOS PAÇOS REAES DE EVORA

Digitized by Google

representando a *Sereia* de Napoles, a *Gondola* de Veneza, as *Torres* de Bolonha, o *Pietro Micca* dos piemontezes e a *Loggia* de Florença.

Imaginaste que a nossa côrte assistiria ao desfilar de esplendidas mascaradas, em qualquer ponto da capital, como os reis d'Italia assistiram, da janella do palacio Fiano, á passagem do grande cortejo de *Pulcinellas* e de *Arlecchinos* pelo Corso.

Nos teus devaneios infantis, fanthasiaste bailes esplendorosos, espectaculos soberbos, mascaras com espirito, graça a rodo, pilheria á farta, muita alegria, muita vida e movimento, dias de Carnaval bem passados, e noites mais bem passadas ainda.

Como tu vaes ficar de cara á banda, quando eu te disser que não tivemos nem um simulacro de tudo isso, nem um simples e pallido reflexo do que á tua imaginação aprouve crear!

E não, juro-t'o. Nas ruas, o *cheché* tradiccional, dando o braço á pastorinha anachronica, e ao gallego brutamontes, de nariz de papelão. Marafonas impudicas passeiando, em carruagens de praça muito réles, a sua quasi nudez e a sua completa desvergonha. Arremedos imperfeitissimos de homens notaveis saracoteiando-se desgraciosamente no mac-adam.

Das janellas sobre o transeunte pacifico e desmascarado uma saraivada de tremoços e de immundicies varias. Da rua para as janellas, as mesmas immundicies e os mesmos tremoços. E, como se toda esta semsaboria não bastasse para nos pôr de mau humor, o Supremo Architecto a bisnagar lá de cima a humanidade com umas bategas d'agua impertinentes.

Nos bailes carnavalescos nem sombra d'espirito: nem uma intriga com graça. Dominós mal cheirosos acotovelando-se; *pierrettes* ordinarias dando á perna n'umas contradanças sonnolentas; muito pó e muita farraparia; uma athmosphera saturada d'aromas indefinidos e suffocantes; a bisnaga sulphidrica a confraternisar, no mesmo esguicho, com a bisnaga d'agua de colonia: a brutalidade e a devassidão a confundirem-se, dando productos monstruosos, scenas de baixo imperio, quadros do mais nojento realismo. A perfeita decadencia do Carnaval, ou antes o perfeito Carnaval da decadencia.

Vae, pois, vivendo no teu cantinho socegado, e não te illudas. Nem tudo o que luz é oiro.

Aqui, d'onde devia emanar para todos os pontos do paiz o *mot d'ordre* do prazer e do bom gosto, morre-se de tedio, vegeta-se na rotina.

Dir-me-has que a duqueza de Palmella, a illustre patricia *doublée* d'uma notabilissima artista, reuniu nos seus deslumbrantes salões do Rato, ao som das valsas de Strauss tocadas por treze *tziganes* authenticos, a fina flor da fidalguia lisbonense.

Mas essa festa maravilhosa, esse conto das *Mil e uma noites*, em que as chronicas fazem desfilar, diante de nós, *cotillons* bordados de marcas variadissimas, magnificencias principescas, maravilhas raras, iguarias celestes, gozos paradisiacos, e mulheres olympicas com os hombros constellados de diamantes caros, tocou a poucos, foi só dos felizes e só para elles.

A grande massa do indigena nem poude ouvir da rua a orchestra de *tziganes*, nem saboreou o *menu* d'aquella ceia real, nem apanhou os *bonbons* profusamente espalhados em *sachets* de setim *rose-pâle* n'aquelle *cotillon* estonteador.

Em vez de saborear a musica de Strauss e os *bonbons* da sr.ª duqueza, o indigena molhava-se pelas ruas fóra, ou aborrecia-se, como eu e muita gente boa, nos estupidissimos bailes de mascaras de S. Carlos.

=Não acharás estranho que ainda hoje me resinta d'este aborrecimento, tendo elle attingido umas proporções colossaes e esmagadoras.

E porque não posso banil-o de mim sem que sejam decorridos alguns dias, e porque não estou para irritar os meus *diabinhos azues* repetindo-te o que a nossa politica tem dito sobre a questão do Zaire no parlamento reaberto, e porque, emfim, não houve, durante a semana, coisa digna de registro especial, recolho-mo gravemente ás meditações da quaresma, e começo a fazer exame de consciencia para a desobriga do estylo.

Faze tu outro tanto.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

VIII

Emquanto se entregava assim ás suas preoccupações litterarias, não deixava o illustre poeta de continuar tambem a envolver-se no movimento politico. O seu nome era prestigioso e popular entre os emigrados. A sua tragedia *Catão* continuava a ser a peça das manifestações. Os academicos representavam-n'a em Plymouth, e achavam modo de envolver n'essa apotheose de liberdade, pela qual combatiam, uma censura acerba aos que dirigiam a emigração.

Permitta-nos o sr. Gomes de Amorim que contribuamos com um elemento que possuimos por herança para o peculio abundantissimo de memorias curiosas que elle congregou no seu excellente livro.

O pae de quem escreve estas linhas, Joaquim Pinheiro Chagas, pertencia ao batalhão academico, e estava com os seus collegas em Plymouth. Foi elle o auctor senão de todas, pelo menos de algumas das satyras que formam as *Noites do Barracão*. Falla o sr. Gomes de Amorim n'este folheto, sem proferir comtudo o nome de Joaquim Pinheiro Chagas. Não lamentamos o esquecimento, porque o proprio auctor pouco se ufanava d'essa obra da mocidade, desaffogo de rapaz indignado com as miserias de que era victima. Em todo o caso, essas satyras tiveram tanta popularidade, que nos sentimos levemente confrangidos, ao notarmos o esquecimento do sr. Gomes de Amorim. Tão modesto era Joaquim Pinheiro Chagas, que ficaram ineditas a maior parte das suas composições, algumas devéras excellentes. A sombra que procurava continúa a envolvel-o depois da sua morte! Até essas pobres *Noites do Barracão* lhe disputam os que bem deviam saber que elle as escrevera, e mal podemos reivindicar para elle essa pequenina gloria, porque nunca pensou em affirmar a sua paternidade, e o que sabemos com certeza, porque ás vezes nos recitava com certa complacencia esses versos, é que lhe pertence incontestavelmente a mais fina e ironica satyra das *Noites*, a que tem por estribilho *Rasões são de Estado*, etc.

Se o grande Palmella,
Marquez illustrado,
Ou foi enganado
Ou nos enganou;

Se entrando no Porto
Com grande espavento,
Sem mais cumprimento
Com tudo acabou,

Rasões são de Estado,
Que tu não entendes,
Mysterios que offendes
Querendo-os sondar.

Mas deixemos as *Noites do Barracão*, e vamos ao assumpto que nos interessa agora.

Joaquim Pinheiro Chagas estava pois em Plymouth, quando em 1829 ali se representou o *Catão*. No fim da tragedia, um academico subiu ao palco (não sabemos se foi o proprio auctor) e entre applausos extraordinarios recitou a seguinte ode, toda cheia de allusões aos acontecimentos palpitantes do dia. A ode é agora pela primeira vez impressa. Dizia assim:

Catão, o Benjamim da Liberdade,
Esse homem ideal nas nossas eras
Reviver ja não póde.
Romanos, sim Romanos são os Lusos!
Como elles defendendo a Liberdade,
Um Catão só lhes falta!
Como elles odiando o despotismo,
Seu jugo sacudir com brio intentam
Mas aonde um Catão?
Como elles no mavorcio campo affrontam
O p'rigo e a morte, mas ao lado d'elles
Um Catão não combate.
Como elles, e mais que elles, na desgraça
Aos revezes crueis resistir sabem
Os desditosos Lusos.
Longe da Patria que lhes é tão cara,
Longe dos filhos, longe dos amigos
Heroes inda se amostram!
Se os filhos de Minerva, a flôr de Lysia,
Que a patria a libertar promptos correram,
Hoje os Romanos vissem...
Na miseria!... mas não, não magoemos
Quem d'elles sente o mal, como o sentira
Se a propria dôr soffrera!
Oh! ufana-me o crel-o, se em mãos lusas
D'estes jovens a sorte se encontrara
Venturosos seriam!
Quando na lucta em que envolveu a Patria,
Que por mais de uma vez tem lacerado
O despota Silveira,
Estes jovens heroes, correndo ás armas,
Da proxima ruina defenderam
A timida Coimbra
Os apertaram nos heroicos braços
Mais de uma vez os lusitanos Brutos
Do seu valor em premio.
Triste recordação! e os que no C'ruche,
No Prado e Barca louros só ganharam
Hoje longe da Patria!
Não existem acaso esses guerreiros,
Que, fieis ao seu rei, fieis á Patria
A morte desprezavam?
Ah! elles vivem, e se houvesse ao menos
Um Catão, que da gloria á nobre estrada,
Dirigil-os soubesse,
Lysia fôra maior que a propria Roma.
Esta morreu, aos ferros sujeitou-se,

Digitized by Google

E Lysia revivera.
Assim os restos só existem d'ella,
Que sem ti, general, Pizarro honrado
Nem o pó existira.

O auctor tinha justamente vinte annos, porque nascera em 1809, quando escreveu esta ode, que, no meio de todos os seus defeitos, respira um ardor juvenil e communicativo. Repercutiam-se nos seus versos sonoros todos os resentimentos dos academicos, vibravam n'elles e ainda assim moderadamente, todas as coleras dos emigrados. O applauso immenso com que a ode foi acolhida, mostrou bem que elle não fizera senão exprimir no seu metro classico os sentimentos de todos.

Garrett, no prologo da 2.ª edição do *Catão*, refere-se a esta recita, mas não falla na ode que transcrevemos. Provavelmente nem teve conhecimento d'ella. As informações que teve a respeito da propria recita são até muito vagas. Suppõe que lhe representaram a peça alguns officiaes e outros emigrados distinctos, mostrando assim ignorar que tivera principalmente por interpretes estudantes de Coimbra, soldados do batalhão academico. Se o soubesse, não deixaria de se referir a isso.

A vida politica de Garrett na emigração não se póde avaliar bem, devemos confessal-o, pela obra do sr. Gomes de Amorim. O amigo dedicado sobrepõe-se n'este delicadissimo ponto ao biographo imparcial. Porque é que o nosso grande poeta, que esteve em Londres como addido á embaixada portugueza, que viveu na intimidade do marquez de Palmella, que, de accordo com elle, fundou os dois jornaes *Chaveco Liberal* e *Precursor*, não hesitou em escrever tambem aquelle virulento pamphleto, que se intitula *Carta de Mucio Scevola?* Porque é que depois fez desapparecer uma parte da edição d'este pamphleto? Para sermos justos e imparciaes é necessario que não nos deixemos levar pelo enthusiasmo que nos inspiram os talentos excepcionaes d'esse homem extraordinario, que escrevia com a mesma penna acerada e brilhante os versos suavissimos da *Adosinda*, os monologos viris do *Catão*, os periodos virulentos da *Carta de Mucio Scevola*, os artigos desenfastiados do *Chaveco*, as paginas didaticas do *Tratado de Educação*, e que ia depois fazer codigos administrativos, e ser o braço direito de Mousinho da Silveira. Ha uma lei de compensações que faz sempre amargar aos homens a sua superioridade. Nos contos de fadas muitas vezes se repete uma historia que é bem vulgar na vida: Junto do berço de um recemnascido juntam-se todas as fadas boas que prodigalisam á criança os seus dons, e a enchem de felicidades sem conto. N'isto apparece uma fada que se esqueceram de convidar, e com um dom funesto estraga e transtorna todas as dadivas das outras. Foi o que succedeu a Garrett na politica. Deram-lhe as fadas boas todas as qualidades que podem levar um homem ás mais altas eminencias do poder—o prestigio de um nome brilhante nas letras, talentos oratorios de primeira ordem, talentos de escriptor, e talentos administrativos, dons attractivos a que ninguem resistia. E comtudo, é triste dizel-o, mas resalta isso bem evidentemente não só da nossa historia parlamentar, mas do proprio livro do sr. Gomes de Amorim, Garrett nunca teve a importancia politica, a que lhe davam direito as qualidades especiaes do seu espirito. Porque? E' porque havia no seu animo uma certa fraqueza feminina, uma deploravel irresolução, que o levava a fluctuações, que naturalmente inspiravam desconfianças, e auctorisavam as muitas calumnias com que aquelle grande homem foi perseguido, durante toda a sua vida, e contra as quaes o sr. Gomes de Amorim com toda a rasão protesta.

Durante a emigração evidentemente Garrett fluctuou sempre entre os saldanhistas e os palmellistas. O redactor do *Chaveco Liberal* e do *Precursor* não estava de accordo com Mucio Scevola, o pamphletario. Debalde se escondeu Garrett debaixo d'este pseudonymo, debalde anniquilou a edição; sempre alguns exemplares escaparam, e o seu estylo já então não era estylo que se disfarçasse, já desafiava todos os pseudonymos. Como não queria elle inspirar desconfianças aos politicos, se, depois de fazer a apotheose de Saldanha, fazia causa commum com os que excluiam da expedição aos Açores o mais brilhante general com que podia contar a Liberdade?

PINHEIRO CHAGAS.

IGNOTA DEA

Mal sabes tu, que tranquillamente
Por caminhos em flor segues na vida,
Que o teu formoso olhar, pomba querida,
E' tudo quanto só meu peito sente.

Eu vi-te ha muito tempo, e de repente
Minh'alma se ficou enternecida;
Mas esta minha vida assim vivida
Desconhecel-a tu completamente.

Nem has de saber d'ella; esta tristeza
Não ha de perturbar essa belleza,
—Ideal dos poetas e pintores,
O sonho meu das noites e dos dias,
Dôce visão das minhas phantasias,
A chymera infantil dos meus amores.

SERGIO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

GALERIA DOS PAÇOS REAES EM EVORA

Os paços reaes de S. Francisco, de Evora, foram mandados construir em 1468, por D. Affonso V. Ali casou o mallogrado infante D. Affonso, filho de D. João II, com a princeza D. Izabel, de Hespanha.

Poucas ruinas existem d'estes paços, mas sabe-se que elles occupavam uma área muito vasta, pois chegavam desde a muralha sobranceira á *horta dos soldados* até a *rua do Paço*, tocando quasi a portaria junto ao *largo de S. Francisco*.

Filippe III deu aos frades franciscanos a parte oriental dos paços, que elles transformaram em dormitorios.

Era aqui o *quarto da rainha*, cujas janellas ainda se conservam.

Os paços de Evora eram uma das maiores e mais ricas residencias reaes de todo o reino.

A galeria, que a nossa gravura representa, tinha 300 palmos de comprido, 72 de largo e 75 de alto.

NAS HORAS VAGAS

Nas horas vagas, que lhe ficam da pratica do canto-chão, vae para o côro zangarrear uns modilhos profanos na rabeca.

A communidade, quando o ouve, foge a sete pés, horrorisada, para o interior das cellas, tal é a perfeição com que o fradesco Paganini faz musica no seu instrumento predilecto.

A posição do tocador mostra bem o que será um stradivarius n'aquellas bentas mãos.

UM RETRATO

Eu não sei de quem é, mas se o artista não o favoreceu, o original deve ser lindissimo.

Olhos soberbos, cabellos magnificos, collo adoravel, dentes alvos e correctos, sorriso ligeiramente malicioso e meigo ao mesmo tempo, tudo se admira n'aquelle busto encantador, aureolado pelos esplendores da feiticeira mocidade.

OS SUSTOS DO BÉBÉ

Mettem medo ao pequeno, mostrando-lhe um pobre pato, que vae ser degolado d'ali a pouco, para servir no jantar dos seus annos.

O cosinheiro alvar ri-se muito dos sustos do *bébé*, e a ama do pequenino medroso mette-lhe ainda mais côcos, fazendo d'elle um fracalhão, em vez de o habituar a ser um homem.

UMA DESCOBERTA

Outra scena de convento, mas esta, em vez de se passar no côro, passa-se na adega. Não é uma scena lyrica; é um quadro d'interior, com os seus *tics* de realismo picante.

Indo fazer a costumada provisão de bebidas, para o jantar da communidade, o leigo servidor descobre, na frasqueira do *fino*, umas quantas garrafas vazias, *lanternas apagadas*, como suas reverendissimas lhes chamam.

E' no acto de fazer esta descoberta que a nossa gravura o reproduz.

O pobre diabo cheira o gargalo d'uma das garrafas esvaziadas, a ver se, pelo cheiro, consegue saber quem se regalou com o contheudo.

Elle não foi, e por uma simples rasão: vae sempre á torneira da pipa, que é fonte mais limpa.

PLANTAS RARAS

A MIMOSA

E' a rainha das sensitivas; a mais impressionavel, a mais sympathica e a mais mysteriosa d'essas plantas, que por qualquer motivo se agitam, que por qualquer causa se affectam, parecendo seres animados.

As suas folhas elegantissimas semelham pennas d'aves; o seu caule é extremamente fragil e delicado; a sua sensibilidade extraordinaria e incomparavel. Tudo a impressiona e inquieta: é a verdadeira sensitiva.

Digitized by Google

NAS HORAS VAGAS

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

USTOS DO BÉBÉ

Digitized by Google

Digitized by Google

UM RETRATO

Digitized by Google

Os sabios chamam-lhe singelamente *mimosa pudica.*

Se lhe imprimirmos, com o dedo, o mais leve contacto, o menor movimento, a mimosa levanta logo as suas petalas, e une umas ás outras, como se pretendesse livrar-se d'um perigo, d'uma injuria, d'uma dôr.

Depois, e repentinamente, a folhagem inclina-se abatida, como se fosse a d'uma planta morta.

Mas d'ahi a instantes as suas dores acalmam-se, os seus receios dissipam-se. A mimosa sáe do marasmo em que estivera, e volta á vida, tremendo, agitando-se, abrindo as petalas unidas, levantando as folhas dormentes.

Se a collocarmos dentro d'uma carruagem, as trepidações das rodas produzem o mesmo effeito que o contacto da mão, mas o turpor dura pouco tempo.

Em face d'estas interessantes observações, não poderá presumir-se que os vegetaes sejam capazes de experimentar sensações quasi identicas ás que attribuimos aos animaes?

Sthal, Glisson, Huller, Barthez, Tiedemann, Van Helmont, Cuvier e outros homens de sciencia pediram á sensitiva os seus segredos; e, como uma péssoa que se nega a responder, ella fechou as suas petalas e deixou pender as suas folhas.

A sensitiva continua a ser um dos grandes enigmas da natureza, apesar dos botanicos terem fallado tanto de irritabilidade, de contractibilidade, de incitabilidade e de excitabilidade, bonitas palavras que nada explicam e que absolutamente nada resolvem.

A.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

ASSIGNANTE IMPERTINENTE.—Lisboa.—Na quaresma seriam muito bem cabidos os reparos de v. ex.ª, mas em pleno Carnaval achamo-l'os injustos. Atire a primeira pedra quem nunca teve nos labios ou na penna uma pontinha de malicia!

Em todo o caso, registramos os reparos, e promettemos não tornar a dar-lhe d'aquella fructa agri-doce, nem mesmo no Carnaval.

Fica satisfeito?

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

E' doce e fofo este homem—1—1.

Não é boa e bebe-se na musica este instrumento—1—1—1.

Na musica é lindo este homem—1—2.

Este adverbio alimenta esta cidade—1—1.

Pará. B. FEITOSA.

O ferro prende o insecto—2—1.

Sopra no vazio este homem—2—1.

Evora. J. X.

EM VERSO

Outr'ora, que não amava,
Vivia feliz, contente;
Hoje, que minh'alma adora,
Vivo amarguradamente—1

Meu Deus! Que triste existencia,
Tão mofina e cruciante
Eu passo desde que amo
Uma diva tão galante—2

Por ti delira a minha alma,
Palpita meu coração:
E tu, sempre inabalavel!
Oh! Tem de mim compaixão!—1

Ai! Assim tem sido sempre
Este meu triste viver.
Sempre na sorte revezes,
Sempre em continuo soffrer!

Leiria. CABO D'ESQUADRA.

MATHEMATICA

Cidade +c—t=quadrupede——2.

DIAS VELLOSO.

CHARADA CONIMBRICENSE

(Por syllabas)

Na primeira vertical
Se acolheu muito vivente.
A segunda vertical
Pode bem ser teu parente.

A primeira horisontal
Muita vida tem roubado.
P'la segunda horisontal
Agua pura tem passado.

A primeira diagonal
E' recondito e profundo.
A segunda diagonal
Bicho feio assaz immundo.

Queluz. CHRISTINA BRENNE ADRIÃO.

EM TRIANGULO

— — — — — —	Nome de mulher
— — — — —	Nome de mulher
— — — —	No firmamento
— — —	Flor mimosa
— —	Verbo
—	Artigo

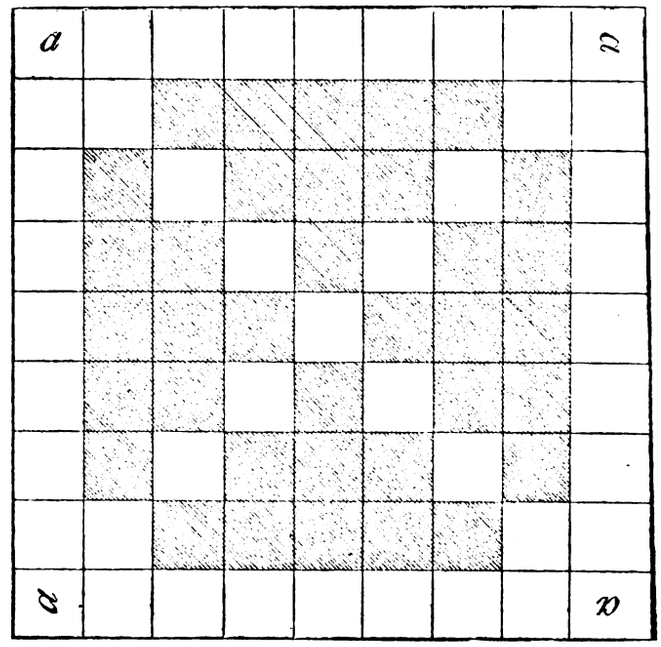
Redondo. M. C. RAMOS.

ADIVINHA POPULAR

Sou corpo com muitas linguas,
E com todas ellas fallo.
Quando estou com quem me entende,
Por dar gosto não me calo.

Tenho dez amigos certos,
Com elles muito me dou.
Elles são que me procuram,
Eu nunca buscal-os vou.

ENIGMA



Formar seis nomes de mulher, preenchendo os brancos com as lettras seguintes:—a a a a c c c d d e e g h i i i i i l m n n n n n n n n o o o o o r r r s s t t t t u.

LOGOGRIPHOS

(Por lettras)

Appellido—1—6—3—4—8
Nome—5—3—4—2—7—8

Digitized by Google

Appellido—4—6—5—2—7—8
Nome—5—3—6—1—8

Appellido

MATHEUS JUNI· R.

(A José Dias Velloso)

N'esta cidade do reino—6—2—3—4—9—1
Um certo homem achei.—5—1—7—5—4—9—6
E n'esta nação governa
O confirmante da lei—8—5—2

De conceito não careces,
Por ser nome que conheces.

Braga. S. J. FERNANDES.

PROBLEMA

Qual é a maior potencia de 7 que divide o producto dos mil primeiros numeros inteiros?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Aposta — Leopardo— Annabaptista — *Primadonna* — *Madame* — Pelago—Arcano—Petala—Paulista—Mofino—

A fri ca
fri ei ra
ca ra ça

—

Lei tei ro
tei mo sa
ro sa da

—

C h a v e n a
h a v e r a
a v e i a
v e i o
e r a
n a
a

DO ENIGMA:—Mississipi.

DO PROBLEMA:—Suppondo que os tentos tomados por cada uma das mulheres são n×13, n×7 e n×4, o numero de tentos com que ellas ficam é n×8, como é facil de ver. Portanto, basta dividir por 8 este ultimo numero, e multiplicar o quociente por 13, 7 e 4.

A RIR

O banqueiro X..., um avarento de *primo cartello*, não dá esmolas, senão quando circumstancias muito imperiosas a isso o obrigam.

Um amigo orthodoxo dizia-lhe hontem:

—Dar aos pobres é emprestar a Deus...

—Pois sim, respondeu o avarento, mas é que elle não dá boas garantias.

*

O pequeno Luciano está muito embaraçado. A mamã trouxe-lhe um pão de ló e diz-lhe:

—Corta-o em dois pedaços e dá o maior á tua irmã Lili.

Luciano reflecte um instante; depois, estendendo o bolo e a faca á irmãsinha:

—Ahi tens, Lili, corta tu!

*

Colhido no album d'uma viscondessa casada e bonita.

—Qual é o principal dever de um marido?

—Agradar a sua mulher.

—Qual é o dever de uma mulher?

—Agradar a todos os homens.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA SOLDAR O AMBAR

Para unir dois pedaços d'ambar, lavam-se estes com agua quente e sabão, e depois com alcool; em seguida deita-se sobre o ponto da soldadura uma gotta de dissolução de potassa ou de soda caustica, e applicam-se e apertam-se entre si os dois pedaços que devem soldar-se.

CONTOS DA CARÓCHINHA

AS DUAS MARGARITAS

(CATULLE MENDÉS)

I

Manuel e João eram filhos de uma gente muito pobre: sentindo-se acabrunhados pela miseria, as duas creanças resolveram ir correr mundo e tentar fortuna.

Foi por uma manhã de primavera que elles se pozeram a caminho. João tinha quinze annos, Manuel tinha dezeseis; a sua tenra idade tornava a empreza difficilima; comquanto os dois rapazinhos alimentassem alguma esperança, nem por isso deixavam de experimentar uma viva inquietação.

Mas logo no começo da sua viagem, succedeu-lhes uma aventura que os animou extraordinariamente. Seguiam elles ao longo de um bosque, quando viram encaminhar-se ao seu encontro uma dama; a dama vinha toda coberta de flores; botões de oiro e de pimpinellas guarneciam-lhe o cabello; os lyrios que lhe engrinaldavam o vestido chegavam-lhe até aos sapatinhos de musgo, semelhante a velludo verde; os labios assimilhavam-se a uma rosa e os olhos a dois *forget me not*. De cada vez que a dama se mechia, um enxame de borboletas palpitava em torno da sua florescencia, exuberante de viço.

O facto não era para admirar, porque a dama era a fada Primavera, que se vê de abril em diante passar ao longo dos bosques reverdecidos e dos prados orvalhados, levando na bôca uma canção melodiosa.

—Visto que vão partir para uma longa viagem, disse ella aos dois irmãos, quero offerecer-lhes um brinde. Aqui teem duas margaritas, uma para cada um. Bastar-lhes-ha arrancarem a estas flores uma petala e atirarem-a ao ar, para experimentarem no mesmo instante o incomparavel jubilo de verem realisado o desejo que formularem.

Vão, sigam o seu caminho, e diligenceiem empregar bem os presentes de Primavera. Manuel e João agradeceram, penhorados, a delicada lembrança da obsequiadora fada; depois, pozeram-se a caminho, tranquillos e satisfeitos. Mas ao chegarem á bifurcação de uma estrada, travou-se entre elles uma altercação: Manuel queria ir para a direita, João queria ir para a esquerda; afinal, e desejando terminar a questão, combinaram que seguisse cada qual o caminho que melhor lhe parecesse, separando-se, depois de se haverem abraçado. E' possivel que qualquer dos dois irmãos não desgostasse de ficar só, afim de gosar livremente o dom que lhe concedera a dama vestida de flores.

II

Ao chegar a uma aldeia, João viu uma menina encostada á janella, e difficilmente reteve um grito, tal foi a impressão que lhe causou a sua belleza! O rapazinho nunca tinha visto uma rapariga tão bonita, nem imaginava que ella podesse existir. Quasi uma creança, com cabellos finos e tão loiros que se confundiam com a luz doirada do sol, cutis pallida e ligeiramente ruborisada—lyrio na fronte, rosa nas faces; os olhos abriam-se-lhe como a flor da congosta humedecida por uma perola do orvalho; não havia labios que ao aspecto dos da encantadora creança, não desejassem ser abelhas. João não hesitou! Arrancou uma das petalas da margarita: ainda bem o vento não se apoderara da tenue folhinha, e já a menina da janella estava na rua, sorrindo-se para o viajante. Em seguida, dirigiram-se ambos para a espessura do arvoredo, de mãos unidas, fallando em segredo, dizendo que se amavam; só ao verem-se e ouvirem-se experimentavam taes delicias, que se julgavam transportados ao paraizo. Os gosos do primeiro encontro repetiram-se durante muitos dias, dias de ineffavel ventura, que se perpetuaria indefenidamente, se a creança não tivesse morrido uma noute de outomno, á hora em que as folhas seccas, sacudidas pelo vento, batiam nos vidros como o fremito da morte que passa.

João chorou por espaço de muito tempo; mas as lagrimas não cegam a ponto de não se poder ver o que vae pelo mundo: um dia, João avistou uma formosa transeunte, vestida de setim e oiro, de olhar ousado e labios provocantes; o rapazinho arrancou outra petala e partiu com a bella fascinadora! Desde então, despreoccupado, pedindo a cada hora uma alegria e a cada alegria que não durasse senão uma hora, apaixonado sem cessar por tudo que encanta, enlouquece e extasia, dispendeu sem calculo, os dias e as noutes, abandonando-os a todos os risos e a todos os beijos. A brisa mal tinha tempo de agitar os ramos das roseiras

Digitized by Google

e de erguer os veos das mulheres, por tal maneira estava sempre occupada em receber e levar as petalas da margarita.

III

O procedimento de Manuel foi precisamente o contrario. Manuel era um rapazinho economico, incapaz de esbanjar o seu thesouro. Logo que se viu só no caminho, prometteu a si mesmo não dissipar inutilmente o presente da fada. Porque emfim, por muito numerosas que fossem as petalas da flor, chegaria um dia em que não restaria nenhuma, se elle as arrancasse a todo o instante. A prudencia exigia que as reservasse para o futuro; e conduzindo-se assim, Manuel adivinhara de certo as intenções de Primavera. Na primeira cidade que se lhe deparou, Manuel comprou um cofresinho muito solido, collocou dentro a flor, fechou-o á chave e resolveu, para evitar tentações, não tornar a abril-o. Nunca Manuel teria olhado levianamente para as meninas das janellas, ou para as bellas transeuntes, de olhar ardente e labio provocante. Rasoavel, methodico pensando em cousas serias, Manuel entregou-se ao commercio e ganhou enormes quantias. Os estouvados, que só se preoccupam com festas, não curando do dia de amanhã, inspiravam-lhe desprezo; sempre que se lhe deparava ensejo, censurava-os asperamente. De sorte que Manuel era muito considerado pelas pessoas de bem; citavam-o como exemplo; todos eram unanimes em encarecer o seu juizo prudencial. E elle continuava a enriquecer, trabalhando desde pela manhã até á noute. A dizer a verdade, não era feliz como quereria sel-o; pensava, a despeito seu, nos gosos de que se privava. Bastar-lhe-hia abrir o pequeno cofre, atirar uma petala ao vento, para amar e ser amado! Mas, conseguia sempre dominar essas veleidades perigosas. Tinha muito tempo! Seria feliz mais tarde. De que lhe serviria multiplicar os prazeres e perder assim a posse do seu thesouro? «Paciencia! não nos apressemos!» Não perdia nada em esperar, desde que a flor estava segura no cofre. A brisa murmurava-lhe: «Atira-me uma petala, afim que eu a leve e que te dê em troca um sorriso de ventura!» Manuel fazia ouvidos de mercador; e o vento corria a brincar com os ramos das roseiras e o veu das mulheres.

UMA DESCOBERTA

IV

Passados muitos, muitos annos, succedeu que um dia Manuel, ao visitar as suas propriedades, encontrou no campo um homem muito mal vestido.

—Que vejo, disse elle, és tu, João, meu irmão?

—Sou, respondeu o outro.

—Em que estado te encontro! Tudo me faz crer que empregaste mal o brinde de Primavera.

—Ah! suspirou João, gastei, talvez, muito depressa as petalas da flor. Entretanto, não obstante a minha actual pobreza, não lamento o que fiz. Gozei tanto, meu irmão!

—Por isso soffres agora as consequencias. Se tu tivesses sido economico e circumspecto, como eu sou, não estarias reduzido a estereis arrependimentos. Porque, é preciso que saibas, bastaria que eu fizesse um gesto para desfructar todos os prazeres de que abusaste.

—E' possivel, meu irmão?

—Sem duvida, visto que conservo intacto o presente da fada. Eis o que é ser previdente.

—Dizes a verdade? nunca tocaste na tua margarita?

—Olha, disse Manuel, abrindo o cofre, que tirara da algibeira. Mas, de subito, empallideceu, porque em vez da fresca margarita aberta e viçosa, viu uma mancha cinzenta, semelhante a uma pitada de cinza tumular.

—Oh! exclamou Manuel, furioso, maldita seja a fada que me ludibriou!

Então, uma joven dama, vestida de flores, surgiu da espessura da floresta:

—Não te ludibriei, nem a ti, nem a teu irmão, disse a fada; é tempo de explicar-lhes o que se passou. As duas margaritas eram as mocidades de ambos: a tua mocidade, João, que tu atiraste a todas as auras do capricho; a tua mocidade, Manuel, que tu deixaste murchar, sem a usar, no teu coração sempre fechado; e não possues nem mesmo o que resta a teu irmão:—a fragrancia da flor que desfolhou!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 2 de março de 1885 | Numero 36

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Uns olhos*, soneto, por Amador de Moraes —*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Impressões do mysterio*, soneto, por Matheus Peres.—*As nossas gravuras.*—*Em familia.* (*Passa-tempos*). — *Um conselho por semana.*—*Saudade*, soneto, por Emygdio Gomes dos Reis. — *O antigo Passeio Publico*, por Alfredo Gallis.

GRAVURAS:—*Egreja de S. Domingos, em Lisboa.* —*Fazendo pela vida.*—*A hora da sésta.*— *Um sonho.* — *Prolegómenos d'uma vocação.*

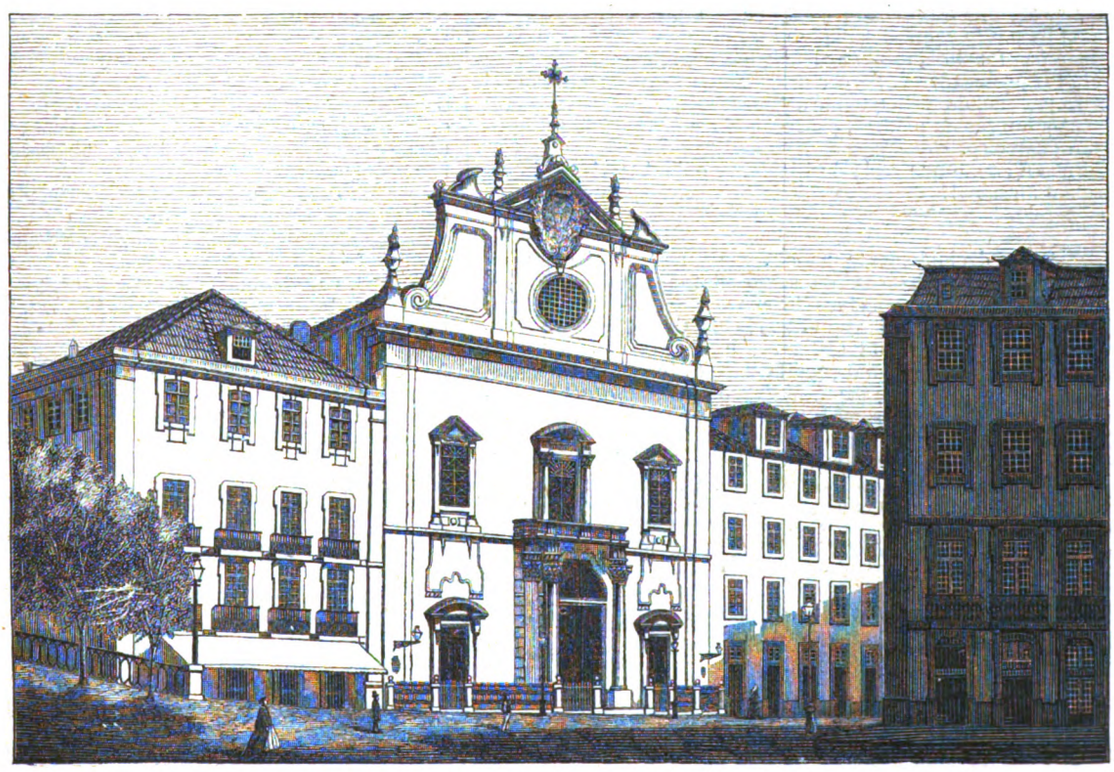
CHRONICA

Eu não sei dizer-lhes ao certo o que se passou pelo decorrer da semana, mas passou-se evidentemente muita coisa, porque as gazetas fallaram á farta, e quando as gazetas fallam, é porque houve caso grave.

Tenho pena de não haver anotado tudo quanto ellas por ahi descortinaram, as taes abelhudas. Se o fizesse, apresentar-lhes-hia, talvez, um ramilhete de factos variadissimos e interessantes, cuja narrativa me vejo forçado a omittir agora, falho como estou de pormenores que com elles se relacionem.

Em politica houve incidentes curiosos. D'isso recordo-me eu ainda. Fallou a voz das paixões partidarias, explosiu de novo a dynamite da rhetorica tribunicia. Tudo por causa da questão do Zaire, um rio africano d'aguas turvas, onde varias entidades, protegidas por Bismarck e pelo rei dos belgas, foram pescar.

Aquellas entidades, soccorrendo-se do direito da força, queriam para si todo o producto da pesca. Nós, fazendo valer a força de antigos direitos, tinhamos egual pretensão. D'ahi, um formidavel letigio, que levou largo tempo a decidir na conferencia de Berlim, e que terminou ha poucos dias, repartindo-se a contenda ao meio. Elles pescaram metade e nós outra metade.



A EGREJA DE S. DOMINGOS, EM LISBOA

Digitized by Google

Não será effectivamente muito para quem lançava olhos cubiçosos para tudo, mas afigura-se-me bastante para quem não dispõe de grandes forças de pulso nem possue largos mananciaes de riqueza.

Deixemo-nos de vaidades loucas, e não sejamos pimpões quando as potencias europeas nos mostram, lá de longe, os dentes arreganhados das suas boccas de fogo. A força, hoje, supera o direito, desde que o humanitario Krupp se lembrou de ensinar ás nações como se mata por partidas dobradas, com peças de grande calibre. A diplomacia do chanceller de ferro, apoiada nos canhões d'aço da sua Allemanha gigantesca, ha de sempre dar a lei aos humildes do resto da Europa culta. Quando essa diplomacia entra em acção, nós, os pequeninos, os que não temos alentos para fazer a guerra nem vigor para alterar a paz, devemos pôr de parte umas velhas lendas de sobrenatural poderio com que nos embalaram os nossos avós, boas creaturas cheias de fé no futuro, e de crenças no passado.

Deram-nos só a margem esquerda do Zaire, com Molembo e Cabinda? Pois contentemo-nos com isso, que já é alguma coisa.

De resto, nós não somos ahi tão endinheirados, que possamos manter em bom pé o que está longe da vista, lá por fóra. Cuidemos de sustentar o que existe de portas a dentro, se é que para isso não vão já rareiando os meios, se é que para o conseguir não começam já a escasseiar as receitas publicas.

Mais Boma ou mais Banana não faz nada ao caso. Esqueçamos a margem direita do Zaire, e tenhamos juizo, para que nos não levem as duas margens do Tejo.

Eu estou convencido de que o paiz pensa por egual fórma, sem dar aos olhos da humanidade o espectaculo irrisorio d'umas pimponices despropositadas e absurdas. Mas a politica e a rhetorica arvoram-se em mentoras do paiz, e saltam de braço dado para a rua, querendo por força que elle se indigne— o coitado—, que saia da sua brandura e indifferentismo habituaes, que aprenda geographia para saber o que tem lá fóra, quando nem ao menos lhe ensinaram corographia para saber o que possue cá dentro.

Foi d'estes arrotos pretenciosos da politica indigena que nasceu a ultima campanha parlamentar sobre territorios africanos. Felizmente, ninguem ficou ferido na contenda. Bismarck apanhou os seus piparotes, é certo, mas não consta que, por tal motivo, hajam periclitado as instituições allemãs. O venerando e milagreiro Senhor dos Passos da Graça metteu se de permeio.

Diz-se até que a procissão d'este anno, a procissão de Passos que eu ha pouco senti desfilar sob as minhas janellas, ao som de marchas funebres muito cadenciadas e plangentes, obedeceu a intuitos pacificadores. Parece que a Santa imagem, no seu vagaroso passeio, de S. Roque até á Graça, lançára olhos súpplices aos mais ferozes da politica, procurando demovel-os do seu proposito guerreiro.

Se não é isto, o que seria de Bismarck e da Associação internacional africana!...

=Estamos decididamente na quaresma, na tristonha quaresma dos sermões lacrimosos, do santo confesso, dos templos em plena escuridão, das amendoas de chocolate, dos canelões tradicionaes, e das romarias ao Calvario da Graça, onde se exhibem, com azas brancas de tarlatana, uns pallidos anjinhos da freguezia, muito somnolentos, muito feiositos e muito semsabor.

Já ahi paira, na athmosphera, um vago aroma d'incenso e rosmaninho, que nos incita á meditação e que nos arrasta, sem nós mesmos querermos, ao templo sombrio e triste.

Para distrahir d'estas melancholias a que a religiosidade obriga, temos o *D. Carlos* no theatro lyrico, a *Munczy Kapelle* dos zingaros em D. Maria, os cinco Maccarroni no Colyseu, uma nova cantora na Trindade, *Kermesses* no passeio da Estrella e no Jardim Zoologico de S. Sebastião da Pedreira, exposições de quadros, um mundo infinito de coisas que nos encantam, d'attractivos que despertam a nossa curiosidade.

A chronica ainda não dispoz de tempo bastante para ver e apreciar todo este cosmorama de novidades, mas conta poder fazel-o muito em breve:

D'ahi, o espaço não me sobejava hoje para descrever tudo aquillo, mesmo que o tivesse visto, mesmo que podesse ter assistido ás estreias das actrizes, ás *premières* das operas, ás exposições artisticas, e ás *kermesses* em favor de Granada.

Aqui tenho eu, diante de mim, ha bons quinze dias, um elegante e delicioso livrinho d'Augusto de Lacerda para lhes annunciar—*O Veu do Hymeneu*—e não posso fazer o annuncio como é de regra e estylo quando se trata d'assumptos d'esta monta.

Fica para outra vez o livro e a narrativa dos ultimos acontecimentos.

Ha coisas que seria indelicado e condemnavel tratar em dois traços ligeiros, com a mesma *sans façon* com que se trata qualquer banalidade charra, das muitas que por ahi apparecem quotidianamente.

Nobreza obriga.

C. DANTAS.

UNS OLHOS

Sei d'uns olhos que teem tanta vida.
Que até vida repartem com os meus;
Elles são o meu norte e o meu Deus,
Pois a elles minh'alma está prendida.

Porque será que me olham de fugida
Taes olhos, minha linda, os olhos teus?
Eu não sei que receios são os seus,
Que me olham tanto e nunca de seguida!

Até já me lembrei que receiassem
(E não deixam de ter suas razões)
Trocar-se com os meus se mais olhassem.

Mas então, ai que falsas apprehensões!
Pois que tinha que os olhos se trocassem
Se já trocados são os corações!

Porto—Setembro—1884. AMADOR DE MORAES.

GARRETT E O SEU TEMPO

IX

Acompanharei agora o grande poeta á ilha Terceira, para onde se dirigiam em grande numero os emigrados. No principio de 1829 partiu para ali a galera *James Cropper*, a bordo da qual iam, entre outros academicos, Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa e meu pai. Conta o sr. Amorim, provavelmente porque lh'a narrou Bartholomeu dos Martyres, uma anecdota que eu tambem conhecia por meu pai m'a ter muitas vezes contado:

«Esta galera, onde ia o academico Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, escreve o sr. Gomes de Amorim, foi revistada pelo cruzador inglez, que perguntou qual era a carga que ella levava. Respondeu o capitão que era sal, e o commodoro retirou-se piscando o olho. No dia seguinte foi este official a terra e deu os parabens a Diocleciano Cabreira pelo feliz desembarque do sal. Era a primeira prova de sympathia que nos davam authoridades inglezas n'essa malfadada epocha».

Meu pai contava-me que tinham estado os emigrados escondidos entre as saccas, n'uma posição muito incommoda, privados de ar e de luz, emquanto os inglezes passavam uma revista minuciosa e lenta. E' possivel que o commodoro percebesse a manha e fingisse que a não percebia, mas os outros officiaes não estavam no segredo, fizeram as mais completas buscas, e foram-se embora sem terem suspeitado coisa alguma. Por isso os emigrados, depois de desembarcarem, gritavam-lhes da praia no dia seguinte: «John Bull, queres mais sal?»

Garrett, entretanto, continuava na Inglaterra, d'onde passava a França, e só partiu para os Açores na expedição organisada pelo duque de Bragança. Garrett embarcou a bordo da corveta *Amelia*, e com elle embarcou Alexandre Herculano. Se a corveta fosse, a pique então, como o foi mezes depois, que perda enorme para Portugal!

Na Terceira alistou-se Garrett no batalhão academico, mas foi logo chamado a serviço mais consentaneo com a sua indole e com os seus estudos, collaborando com Mousinho da Silveira n'algumas d'essas reformas grandiosas que assignalaram de um modo tão glorioso á dictadura dos Açores, e iniciaram a epoca da regeneração da sociedade portugueza. Nenhuma recompensa teve por isso. Acabado o seu trabalho, que era de certo menos brilhante do que o do immortal ministro, mas que não era menos pesado, e era mais ingrato, trabalho de redacção e de preparo de estudos, voltou Garrett simplesmente para o seu batalhão, pegou outra vez na sua espingarda, e embarcou para o Porto com os seus camaradas do batalhão academico.

Eram companheiros de camarote, a bordo, Garrett, Sena Fernandes, e meu pai. Desculpe-me o sr. Gomes de Amorim se mais uma vez tomo a liberdade de associar o nome voluntariamente obscuro de meu pai ao nome brilhante de Garrett; não o faço por vaidade filial, ainda que essa é a mais desculpavel de todas; faço-o apenas para accrescentar uma ou outra pequenissima pedra ao monumento que o sr. Gomes de Amorim erigiu ao maior escriptor portuguez dos tempos modernos.

Eram pois companheiros de camarote os tres academicos a que me referi. Garrett era já então um dos poetas mais gloriosos do seu tempo; meu pae era um poeta moço, que já então revelava altas faculdades que procurou sempre occultar o mais que pôde, com uma invencivel modestia, e Sena Fernandes perseguia implacavelmente a musa ingrata, teimando em arrancar-lhe uns

Digitized by Google

versos desgraçados que recitava com uma monotonia digna de especial menção.

Ainda o conheci. Era, na época em que lhe fallei indo com meu pai, um velho desembargador grave, correcto, com a cara escrupulosamente rapada, e creio que não perdera ainda a mania dos versos. Grangeára uma reputação muito diversa da que elle esperava, conquistando na camara dos deputados, de que foi membro, o cognome de «apagador» por ser elle quem requeria sempre que se julgasse a materia sufficientemente discutida.

Sena Fernandes pois, antes de apagar as discussões, fazia versos, e recitava-os, o que era peior. Apanhando a bordo um poeta como Garrett, e um amador intelligente como meu pai, tendo-os ali apertados no estreito recinto de um camarote, entendeu que lhe não escapavam, e começou a recitar-lhes versos.

Iam todos tres deitados nos seus beliches. O mar estava picado, fazia jogar o navio, e rebentava-lhe com força no costado. Sena Fernandes recitava, e Garrett e meu pai, já quasi adormecidos, escutavam sem um protesto aquella monotona cantilena.

Subito, uma vaga mais forte bate na portinhola, entra pelo camarote, e alaga os habitantes, envolvendo-os n'um verdadeiro veu de espuma, e cobrindo-os de agua salgada desde a cabeça até aos pés.

—O' Chagas! grita Garrett, todo assaralhopado, ainda enxugando-se como podia, e com a voz entre-cortada por este inesperado banho de chuva, chame a..gora ao Se...na Fer...nandes poeta de... agua doce, se é capaz!

No Porto, voltou Garrett a fazer serviço official, e muitos dos decretos que ali se publicaram foram por elle redigidos, e alguns são verdadeiras obras primas litterarias, como succede com o decreto que reorganisou a Torre e Espada, cujo preambulo é admiravel.

Diz o sr. Gomes de Amorim que foi no Porto e no quartel dos Academicos, que era então no convento dos Grilos, que Garrett começou a escrever o *Arco de Sant'Anna*. Nunca o julgariamos, porque esse romance parece, pelas tendencias, pertencer a uma epoca mais adiantada da vida litteraria de Garrett. E' verdade que a influencia de Walter Scott estava então bem fresca no espirito do poeta, e da mesma forma que os poemas cavalheirescos dos bardos inglezes e allemães lhe inspiravam a *D. Branca*, temperada por aquelle finissimo humorismo que era caracteristico da sua indole, assim tambem no *Arco de Sant'Anna* se sente a influencia dos romances medievaes de Scott, mas temperado por aquella fina ironia bem humorada de Garrett, que mostrou sempre não tomar muito a serio aquellas panoplias da meia idade, com que adornava o seu salão litterario.

Parece que tambem começou a escrever uma *Historia da Restauração*, e pena foi que a não levasse ao cabo, e que nem sequer deixasse d'ella alguns fragmentos. Como ha de o futuro conhecer bem a historia d'aquelle periodo importantissimo, quando se não encontra senão em frente de livros facciosos, e de pamphletos iracundos, ou de panegyricos extraordinarios? Como a valiar bem o papel do marechal Saldanha no Porto?

Pena é que essa historia se não escreva, emquanto estão vivos alguns dos actores do grande drama. Debalde esperaremos que elles nos deixem memorias. Não é essa a indole portugueza, e, se deixarem, hão de ser uns livros academicos, em que se eximirão exactamente a consignar a parte pittoresca e animada das coisas.

Um dos homens cujas recordações mais devem ser folheadas, é o sr. marquez de Ficalho. Foi ajudante de campo do imperador, seguiu de perto as peripecias todas da grande campanha. E' uma vivissima intelligencia, um espirito da maior finura, e a memoria nunca lhe falha.

Contou-me elle um facto que vou encontrar tambem no livro do sr. Gomes de Amorim, com a differença de que eu tenho a versão real, e o sr. Gomes de Amorim teve a academica. E' uma phrase apenas. O texto do sr. Gomes de Amorim diz: *La garde meurt, mais ne se rend pas.* O meu diz outra coisa.

Conta o sr. Gomes de Amorim que n'uma, occasião em que estavam todos no Porto desanimados, e em que se fallava em conselho na necessidade de retirar, o regente, que estava ouvindo os diversos pareceres de olhos baixos e com a cabeça apoiada á mão, teve um impeto de nobre indignação, e levantou-se, dizendo com energia:

«Não, nunca! Antes morrâmos aqui todos! E, se retirarmos, eu serei o ultimo a embarcar.»

O que o sr. marquez de Ficalho me contou foi que D. Pedro, entrando no Porto, por occasião do celebre e lastimoso panico de D. Thomaz de Mascarenhas, foi encontrar o seu criado de confiança fazendo apressadamente a mala. O imperador ia de botas e esporas, tal qual como se apeara. Atirou um valente pontapé á mala, que rolou pelo quarto, esbandalhando a roupa toda, e disse para o criado:

—Vae para o diabo, tu mais a mala! Eu não morro senão aqui!

Parece que a primeira parte da phrase foi ainda mais energica, mas emfim eu não tenho as liberdades de Victor Hugo.

PINHEIRO CHAGAS.

IMPRESSÕES DO MYSTERIO

A ALMA

(AO DR. THEOPHILO BRAGA)

Ninguem a viu ainda! Ella é da Vida
Lendario, eterno e magico problema
Não resolvido! Em lucta cega, extrema
O Homem pensa!... e em vão reflecte e lida!

Dizem alguns:—Não has de ser vencida!
E's infinita, sim, visão suprema!—
D outros, porém, a debil voz blasphema:
—Na terra has de ficar apodrecida.—

Ninguem a viu ainda! O seu segredo
Ninguem adivinhou n'este degredo!
E emquanto o Homem busca a solução...

Na esphera do mysterio e do intangivel,
N'esse deserto immenso do invisivel,
Scismatica e febril paira a razão!

Cuba. MATHEUS PERES.

AS NOSSAS GRAVURAS

A EGREJA DE S. DOMINGOS EM LISBOA

A nossa estampa representa o frontespicio da egreja de S. Domingos em Lisboa, actualmente freguezia de Santa Justa, o mais vasto templo da capital, e, que, ainda ha pouco, serviu para a celebração das mais apparatosas festas religiosas, em quanto se faziam os reparos na Sé Patriarchal.

O convento dos religiosos da ordem dos Prégadores, ou de S. Domingos, foi fundado primeiramente por el-rei D. Sancho II, o qual lançou, em 1241, a primeira pedra nos alicerces. Em 1249 mandou el-rei D. Affonso III fazer a egreja; e mais tarde, el-rei D. Manuel mandou fazer o dormitorio.

E' muito curioso o que refere fr. Luiz de Sousa, e vem a ser: que achára, por memorias antigas, que por onde hoje é a cidade baixa vinha antigamente um esteiro de mar, com fundo bastante para receber navios. Affirma o mesmo elegante chronista que, na occasião de se abrirem uns alicerces para fazer um novo dormitorio no mencionado convento de S. Domingos, no anno de 1571, fôra descoberta silharia de pedra bem lavrada, e de espaço em espaço grossas argolas de bronze, mostrando que houvera ali um caes, onde se amarravam navios. Muitas vezes entrou a agua no convento de S. Domingos, arrazando tudo quanto encontrava; e não era sómente as chuvas torrenciaes que faziam estragos, senão tambem o mar entrava pelos canos publicos, e talvez por cima das ruas. E agora .. aquelle sitio e toda a cidade baixa, são a mais bella porção da capital, e estão completamente preservados de taes inconvenientes e perigos.

Os priores do convento foram pouco a pouco melhorando a edificação. Em 1724, graças á actividade do provincial fr. Antonio do Sacramento, houve grandes aperfeiçoamentos; e em 1748 foi edificada a capella-mor pelo risco de Ludovici, concluida depois por Belino de Padua, obra muito custosa, para a qual muito concorreu a liberalidade de el-rei D. João V. Tudo isto foi destruido pelo terremoto de 1755 e incendio que se lhe seguiu; sendo tambem pasto das chammas ricos ornamentos, um consideravel numero de quadros, e uma livraria, rica de livros e manuscriptos.

Depois do terremoto foram restaurados pouco a pouco o convento e egreja. D'aquelle, apenas nos cumpre dizer que foi, depois da extincção dos conventos, convertido em bellas casas de habitação, que hoje aformoseiam aquelles sitios.

FAZENDO PELA VIDA

Nunca amou e nunca viveu para os outros, aquelle velho egoista da nossa estampa: viveu sempre para si, não associando uma unica pessoa aos prazeres da sua existencia inutil.

Solteirão chronico e rebelde, deixou que lhe alvejassem na fronte as primeiras cans, sem saber o que eram sorrisos de creança, meiguices d'esposa, affectos d'amigo.

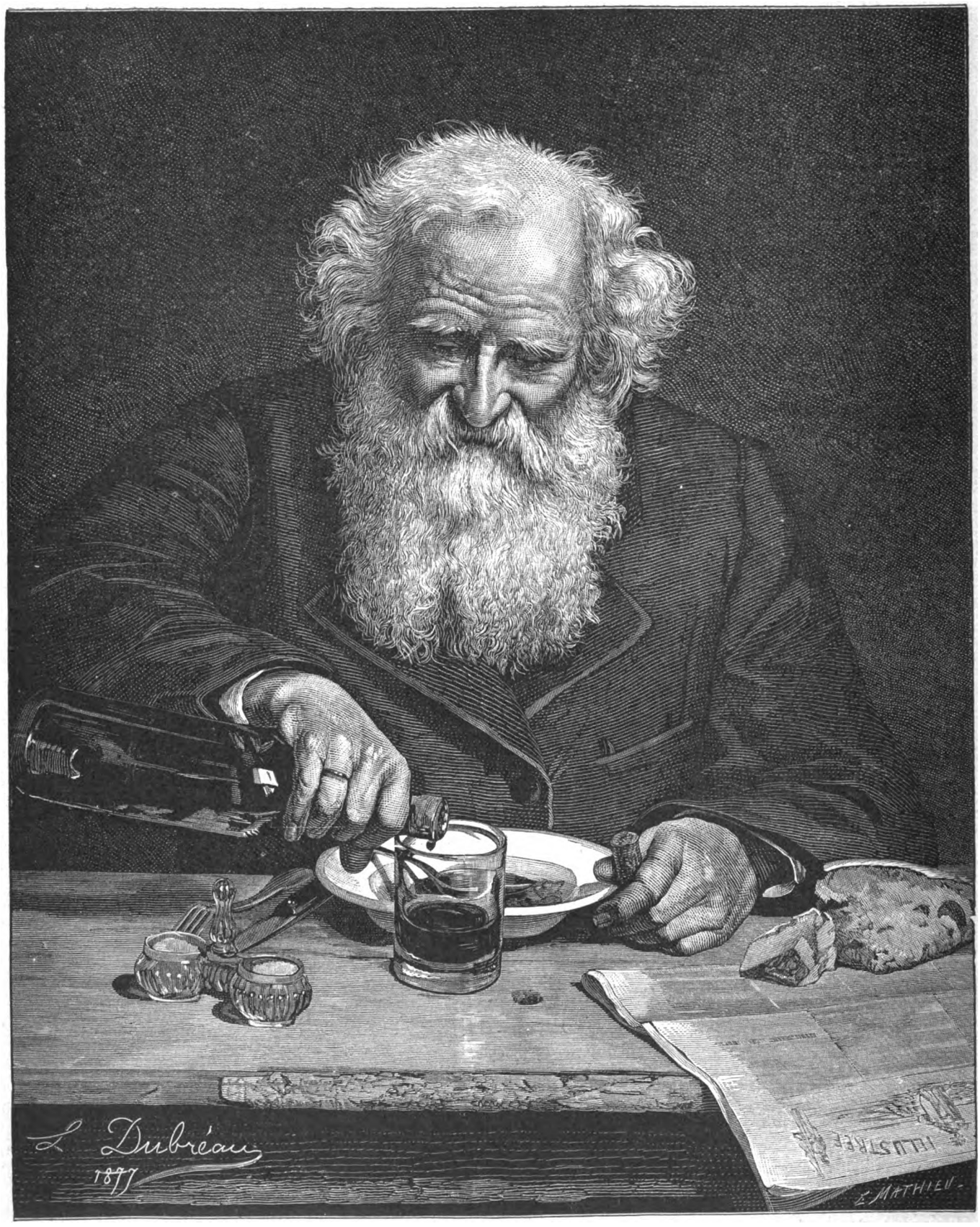
Passa os dias n'um isolamento completo, fumando o seu cachimbo, lendo os seus jornaes, entregando-se ás delicias gastronomicas, e rindo da humanidade, que abomina profundamente.

Quando morrer, não terá quem lhe feche os olhos, mas isso pouco lhe importa. O que elle quer é ir fazendo pela vida, e ir enchendo bem o copo nas suas refeições quotidianas.

A HORA DA SÉSTA

Ceifaram a manhã inteira, debaixo d'um calor asphixiante; ingeriram, depois, a broa negra do trabalhador humilde, amolleci-

Digitized by Google



FAZENDO PELA VIDA

Digitized by Google

Digitized by Google

UM SÔNHO

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

A HORA DA SÉSTA

Digitized by Google

da com a agua pura do regato proximo; e agora pedem ao somno que lhes dê alento para a labutação da tarde.

Um quadro campezino, innundado de luz e cheio de verdade, como veem.

UM SONHO

Viera d'um baile, e o somno prostrou-a, mal desfez a brilhantissima *toilette* e despregou a ultima trança.

Era quasi manhã. A valsa estonteara aquella formosa cabecinha, e as commoções experimentadas durante o redemoinhar da dança haviam sido fortes, pelo geito.

O que se passou no baile não o sabemos nós. O certo é que ella sonha com alguem que lá viu, e o amor, representado no sonho por dois pimpolhos loiros e rosados, traspassa-lhe o vestido de pequeninas settas, depois de lhe ter traspassado o coração.

PROLEGÓMENOS D'UMA VOCAÇAO

Aquelles dois rapazelhos não se enthusiasmam com as coisas marciaes e guerreiras. Ao invez da maior parte dos garotos da sua edade, não se incommodam para ir ver a guarda que passa ou o regimento que desfila em polotões alinhados. As cornetas e as bandas militares deixam-n'os impassiveis: só a voz do orgão, o badalar dos sinos, e o canto-chão dos padres conseguem despertar os seus enthusiasmos infantis.

E' uma vocação ecclesiastica que se manifesta, mas que, talvez, pelo andar dos tempos venha a transforma-se em outra mais profana. Por emquanto, o maior prazer dos dois pequenos é dizer missa e prégar sermões, com paramentos e vestiduras sacerdotaes feitas de qualquer trapo arrendado.

Um celebra, e o outro serve-lhe d'acolyto.

A's vezes, a authoridade paterna tem d'intervir, no melhor da festa, porque o sacristão deita muito vinho no calix e escorripicha fortemente as galhetas.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Vê-se na musica e faz parte do homem este appellido—1—1.

Este tecido aperta-se por ser pequeno—2—1.

No volcão d'esta provincia serve para lavar—2—2.

O tempo do recreio corre sempre para os ecclesiasticos—3—2.

CURIOSO.

Reinou o socego inutil—2—1.

A primeira é cidade, medida e instrumento—1—2—2.

Evora. J. X.

EM VERSO

Sou com certeza animal.—2
Animal inda vereis—2
Uma patranha no todo,
E que mais encontrareis?

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

D'uma nota é a metade.—1
Muitas notas, sim senhor.—1
Qu'estou na mythologia
Podeis crel-o, meu leitor.

E' usada interjeição.—1
Com mais um—i—a segunda
No discurso dos papalvos
Com certeza sempre abunda.—2

Não te quero conhecer,
Bem longe de mim tal sorte!
Tu és o luto, a tortura,
O desespero e a morte!

J. A. D.

EM QUADRO

. . . . Na floresta
. . . . Na floresta
. . . . Na floresta
. . . . Na flor

J. A. D.

ADAGIO

z a a a a a e v
c c c f d d e
h h g n m e
l s s r i
o o o i
o e i
o a
v

Este adagio começa e acaba pela letra *a*.

J. DIAS VELLOSO.

ADIVINHAS POPULARES

Nua e crua me pozeram
Sobre o fogo abrazador;
Do tempo exposta ao rigor
Longos dias me trouxeram:
Sobre a pedra lisa e dura
A côr mudar me fizeram.
Hoje, em quatro paus segura,
Em continuas voltas ando,
Até que, extincta ficando,
Mudo de nome e figura.

No logar onde nasci
E' que desejo morrer;
E o meu maior amigo
Nunca me deseja ver.

LOGOGRIPHO

Sou d'Africa um animal—1—2—3—5—6
E pequena embarcação;—1—6—3—5—6
Sou, emfim, um bello arbusto—4—5—1—2
E não sou mais nada, não!

Sem ser virgula, nem ponto,
Nem outros signaes restantes,
O meu nome é sempre escripto
Sem vogaes nem consoantes.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

PROBLEMA

Achar um numero inteiro, do qual tirando a metade e mais um meio, e do resto tirando egualmente metade e mais um meio, e assim successivamente, se chega a um resto zero. Quaes são os numeros inteiros que satisfazem a esta condição?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Mello—Machado—Rebello—Japão—Gusano—Estevão—Malfadado—Porto—Ar ma—E m i l i a
ca m a r i a
ca no i r i s
l i s
i a
a

DA ADIVINHA POPULAR:—Piano.

DO ENIGMA:—Antonieta, Anastacia, Agostinha, Aureliana, Andronica, Andromaca.

DOS LOGOGRIPHOS:—Silveira—Silvestre.

DO PROBLEMA:—Escrevendo a serie natural dos mil primeiros numeros inteiros, em grupos successivos de sete numeros cada um, acham-se 142 grupos completos e um grupo contendo apenas 6 numeros. E' evidente que os unicos numeros multiplos de 7 são os 142, que occupam o ultimo logar em cada um dos grupos completos; portanto, o numero procurado é 7^{142}.

A RIR

Um professor d'anatomia estava fazendo, no hospital, uma amputação, diante dos seus discipulos. O paciente gemia e soluçava.

Desesperado o operador por ouvir tantos gemidos, disse ao operado:

—Faça favor de se calar! Estão aqui mais de trinta pessoas, e é você o unico que se queixa!

UM OMINÓ.

Digitized by Google

UM CONSELHO POR SEMANA

CONSERVAÇÃO DA CARNE

Para conservar a carne por muito tempo, e em bom estado, basta introduzil-a n'uma dissolução de bisulfito de soda a 8 por 100 de concentração, e collocal-a n'uma caixa de folha hermeticamente fechada, em que se tenha creado uma atmosphera de ar, modificado pela passagem atravez de tubos de vidro expostos ao calor, cheios de carvão vegetal, e outros de uma mistura de carvão vegetal e enxofre.

A carne submettida a estas operações conserva-se em perfeito estado, durante um mez.

SAUDADE

A toda a hora eu vejo a tua imagem,
Amado filho meu, que me fugiste!
Quando atravez do pranto amargo e triste
Os olhos fito na cruel miragem!

Tão cedo, oh! dor! sumido na voragem
Negra da morte, a que ninguem resiste!
Mas da roda fatal... tu não sentiste
Que me levavas preso na engrenagem!

E não se apaga a luz d'esta razão!
E na saudade a vida não se esvae!
E não estala um pobre coração!

Meu Deus, eu sou blasphemo, mas sou pae!
E são meus ais tão cheios de afflicção,
Que mais que vale o ceu me custa um ai!!

Lisboa. EMYGDIO GOMES DOS REIS.

O ANTIGO PASSEIO PUBLICO

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Como todas as coisas d'este mundo, materiaes ou espirituaes, o Passeio Publico, esse Eden precioso dos nossos avós, das jovens romanticas e dos namorados piegas, onde, durante annos successivos, se digladiaram pyrotechnicos celebres e philarmonicas incriveis, onde, por mais de uma calida tarde de verão, robustos soldados suspiravam desejos ao ouvido sensivel d'uma gorda ama de leite, acabou a sua existencia gloriosa sob os duros golpes do camartello municipal, sacrificado ás exigencias da elegancia moderna das grandes capitaes. O Passeio Publico era o coração de Lisboa, coração amplo e florido, onde se preludiaram centenares de amores, uns epilogados pelo tenebroso nó do matrimonio, outros pela quebra da fidelidade conjugal.

O Passeio Publico teve a sua epoca de gloria, quando n'elle se iniciaram os nunca esquecidos bailes infantis.

Lisboa pedante e sem regras hygienicas que lhe ensinassem os mais rudimentares preceitos da conservação da saude, ia ali todos os domingos, orgulhosa e cheia de vaidade, ver dançar, n'uma horrorosa atmosphera de poeira, as tenras creancinhas eximias no rodopio da valsa, mas pallidas, anemicas, cobertas de suor e de pó, arquejantes, com os debeis pulmões perigosamente arriscados n'aquelle ambiente doentio e deleterio, emquanto, de fóra, pelas grades, as espreitavam, cheias de inveja, outras da sua edade, de faces muito coradas, construcção robusta e respiração larga e tranquilla.

A emulação produziu valsistas de dez annos, de subido merecimento, e os paes, não cabendo em si de vaidosos, não hesitavam em tentar para os filhos a bronchite, a troco d'um annel de ouro de dezoito tostões!

Grandes fogos de artificio, certamens musicaes, balões, corridas de velocipedes, e funambulos notaveis traziam a animação áquelle ponto de reunião das familias da capital.

A propria aristocracia não desdenhava frequentar o Passeio Publico, no qual não tinha ingresso quem não trouxesse gravata.

A burguezia, porém, a genuina burguezia, que usa vestido de setim e meias de algodão, adereço cravejado de perolas e botas de vitella, adorava o Passeio com toda a sinceridade da sua alma boa e expansiva.

Ali se reuniam as mamãs e as meninas. Ali se discutiam as modas e os namoros; o preço da manteiga ingleza e os ultimos modelos da Cecilia Fernandes; a reputação d'esta e d'aquella; e o garbo do dr. F.; e as posses do noivo da Silva; e o ultimo namoro da Teixeirinha, tudo isto regado com caramello e agua fresca, e alguns sorvetes, quando o dono da casa era homem de meios.

O janotismo masculino não faltava egualmente á chamada. A bella calça côr de flôr de alecrim, o chapéo alto brilhante como um lago de petroleo, a badine de seis tostões com castão de cobre dourado, a bota de polimento a triturar os callos, a sobrecasaca burocratica dos domingos, e o *puro* de vinte cinco espanejavam-se, petulantes e orgulhosos, por aquella rua do meio, de saudosa memoria.

Velhos conquistadores, a quem a luz do gaz resguardava a tintura do bigode, para lá iam á procura de isca, e Cupido saltitava rapido, com as suas azas côr de rosa, disparando agudas settas de oiro no coração d'aquelles felizes que, por 50 réis, ouviam valsas de Strauss e a symphonia do *Roberto*.

Ali pelos mezes de julho e agosto, quando Lisboa não podia estar em casa, n'aquellas horriveis casas da baixa, escuras e abafadas como galerias de mina, o Passeio enchia-se completamente, e a custo se transitava na rua central.

A conversação animava-se, os olhares escandeciam-se, os pobres do asylo alugavam todas as cadeiras, a neve consumia-se, e a lua espreitava lá de cima, atravez o copado arvoredo d'aquella casta mansão, a pacatez lisboeta tomando o fresco ás 10 da noite e suspirando pelo chá e pelo barrete de algodão.

Os habitos e a rotina desequilibravam-se um pouco, mas, em compensação, o amor fazia prodigios de assombrosa gymnastica, e os priores das freguezias de Lisboa esfregavam as mãos de contentes, e pediam aos santos que nunca mão profana ousasse tocar n'aquella benta fonte de receita.

Lisboa refrescava-se e impingia as filhas!

Annos depois o patriotismo, luzitano lembrou-se de honrar a memoria dos restauradores de Portugal, e o lago do Passeio, com o seu tentador repuxo foi destruido sem dó nem piedade.

Começava a decadencia do Passeio Publico.

Por muitos mezes ainda se realisaram n'aquelle ameno recinto festas bastante concorridas, mas o tapume legendario, que circumdava os trabalhos do obelisco, tirava-lhe o seu especial *cachet*, que viverá eternamente na lembrança de todos quantos ali passaram, como eu, as mais agradaveis e descuidadas horas da mocidade infantil. Na entrada do Sul presistia sempre um antigo guarda, do qual ainda me lembro, como d'uma saudosa recordação d'aquelles tempos que não voltam mais. Era um homem baixo, um pouco curvado, rosto anguloso e grosseiro, bigode farto e negro, olhar estupido e bondoso, vestindo, no pino do calor e no mais rigoroso frio, um enorme casacão azul ferrete, que lhe chegava ao tornozello e que elle açoutava de continuo com um fraco junco de quatro palmos de comprido, que lhe servia para enxotar os cães e os gaiatos que ousavam transpôr o largo portão do jardim.

Parecia ter servido na antiga municipal, e era martyr das grandes troças do lyceu, quando no lyceu se sabia fazer troças.

A rapaziada assentava no Passeio Publico os seus arraiaes de campanha, e os partidos soccavam-se homericamente por todas aquellas ruas arborisadas, com grave prejuizo das roseiras e alecrins, que morriam esborrachados sob os pés dos lutadores.

N'esse tempo, os lagos do Passeio aviventavam centenares de bellissimos peixes vermelhos e dourados, que eram a inveja dos hervanarios onde se vendiam outros de exiguas dimensões e pallidas cores.

O meu inseparavel companheiro era um excellente rapaz, Arthur Pessoa, hoje official de artilheria e um dos mais notaveis membros do Real Gymnasio Club, onde é conhecido como equilibrista eximio.

A' falta de outros recursos para os cigarros e lunchs modestos, encetámos o negocio da pesca, e com uma pucara de barro occulta no paletot, uma linha, um afilado alfinete de freira com o bico escondido n'uma bolinha de pão, de que os peixes d'agua doce são muito gulosos, iamos todas as manhãs pescar aos tanques do Passeio Publico, e a colheita era sempre das melhores. No mercado de Lisboa appareceram, então, formosissimos peixes vermelhos, como só se encontravam eguaes nos tanques do Passeio...

Uma vez, os guardas deram pela tramoia, e esperaram-n'os a meio do Passeio, quando retiravamos com o producto da pesca, tres magnificos peixes dourados, tendo um d'elles o ventre branco, com pintas vermelhas. Este peixe era notavel, e por mais d'uma vez comera as bolinhas de pão e seguira tranquillamente o seu caminho fulgentemente illuminado pelos raios solares.

O hervanario promettia por elle doze vintens; quasi uma fortuna! Já nós deitavamos contas á caixa, que n'aquelle dia esperavamos reforçar com cinco tostões, quando os guardas, de vassoura em punho, nos atravessaram o caminho.

Aquillo foi dito e feito: Arthur fugiu, levando um dos guardas no encalço, e eu, n'aquelles apuros e vendo que o outro avançava para mim de vassoura erguida, fiz das fraquezas forças e atirei-lhe com a pucara da pescaria onde nadava imponente o magnifico peixe que tanto haviamos namorado.

Depois d'esta fatalidade nunca mais appareceram em Lisboa peixes dourados e vermelhos eguaes áquelles que só havia nos tanques do Passeio Publico...

*

O Passeio tinha, porém, uma phase especial, adoravel, unica, que certamente vive e viverá sempre na lembrança de muitos.

Digitized by Google

Reporto-me áquelles ardentes dias de verão, em que os asphaltos amolleciam como cera e os gatos fugiam do sol.

Ali pela uma da tarde, o Passeio Publico estava quasi deserto.

Uns perfumes acres e embriagantes embalsamavam a atmosphera; os pardaes saltavam de ramo, em ramo soltando ternas pipillações; leves e quentes sopros da aragem arrastavam pela areia ardente do solo as folhas resequidas; os cysnes vogavam tranquillos nos seus lagos, e as mariposas desdobravam no fundo verde da folhagem as suas brancas azas. Os ruidos prosaicos da burguezia da cidade não chegavam ali; as frondosas arvores encobriam, com as suas copas de verdura, as janellas dos prelicos, e aquellas formosas araucanias onde uma orchestra de rouxinoes entoava os seus harmoniosos accordes.

Lisboa apenas conhecia o Passeio pedante e incommodo dos domingos, obrigatorio apoz a missa da uma hora, com aquelle tom horrendamente burguez, sem poesia, sem ideal, sem finura, sem delicadeza, n'uma exposição petulante de calças novas e vestidos arranjados á moda, de namoros réles e sentimentalismos banaes, que me faziam mal aos nervos e me indispunham contra tudo e contra todos.

O Passeio Publico levou comsigo, tambem, as mais felizes noites da nossa creancice.

PROLEGÓMENOS D'UMA VOCAÇÃO

Que de alegres noites ali não passei, em companhia de outros da minha edade, esquecido do collegio, da corographia do sr. João Felix Pereira, do systema metrico, do prefeito, e até de meu pae, que muitas vezes me trazia por uma orelha, coberto de pó, com a gravata desatada, o collarinho amarrotado, as mãos sujas, mas feliz e ufano d'aquellas innocentes alegrias muitas vezes despenhadas do alto da escadaria do terraço, com grave risco das costellas.

As tardes eram notaveis n'aquelle ameno recinto.

Os mesmos homens e as mesmas mulheres n'elle passeiavam todas as tardes, á mesma hora, desde o declinar do sol até ao anoitecer.

As cortezãs elegantes tinham ali o seu ponto de reunião, e n'elle naufragaram muitas fidelidades conjugaes e muita austeridade insuspeita.

Hoje, apenas resta de tanta recordação extincta aquellas duas figuras de pedra que ornavam os lagos, testemunhas mudas de tanto amor e de tanta ventura desfolhada á sombra das arvores que as abrigavam.

A avenida é, sem duvida. a parte mais elegante da cidade. Ha ali muita luz e muito ar, muito espaço e muito bom gosto, mas a lembrança do antigo Passeio Publico, d'esse jardim que o bom tom alcunhou de gaiola dos lisboetas, será eterna na nossa alma, porque n'ella encontramos essas doces recordações d'um tempo descuidado e feliz, que não volta.

Os que veem vindo jámais poderão fazer idéa da influencia que o Passeio Publico teve nos habitos e costumes da nossa vida social.

Elle era o coração da cidade onde palpitavam os mais honestos amores e as mais extraordinarias aventuras. Essas *cocottes* que hoje declinam no crepusculo dos annos a aurora da sua mocidade, todas teem uma recordação presa áquellas ruas silenciosas e floridas, onde, por mais d'uma vez, ouviram suspirar aos ouvidos a doce palavra—amor.

Presentemente, o Passeio Publico foi atirado á valla do esquecimento, assim como os theatros da rua dos Condes e das Variedades e o antigo Circo Price, que representam, ao serem recordados, uma serie de alegrias e felicidades, que a mão inexoravel do tempo vae apagando lentamente da memoria dos lisboetas.

Tudo passa n'este mundo, triste é dizel-o

ALFREDO GALLIS.

dios onde se pendurava um tapete ou um avental; bébés rosados e loiros passeiavam adormecidos nos seus pequeninos carrinhos empurrados pela mão grosseira d'uma ama sadia e vigorosa como uma atheniense.

Nos sitios mais escusos, amorosos pares embriagados por aquelle silencio e por aquelle idyllio de flores e perfumes, desferiam, a meia voz, a lyra desafinada dos seus amores.

Estudantes sérios e graves absorviam a sciencia n'aquelle encantador remanso, e velhos burocratas aposentados dormitavam n'uma deliciosa volupia, encostados ás suas grossas bengalas de canna da India.

A'quella hora o Passeio era verdadeiramente delicioso, com os seus canteiros de verdura onde rosas de primavera abriam as suas vermelhas corollas, os seus cysnes muito alvos e melanco-

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 9 de março de 1885 | Numero 37

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Ignota Dea*, soneto, por Sergio de Castro —*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Bençãos...*, versos, por Eça de Almeida.—*Um drama n'um telhado*, por Eduardo Schwalbach.—*As nossas gravuras.*—*Em familia.* (*Passatempos*) —*Um conselho por semana.*—*Cartas africanas*, por Hortensia.

GRAVURAS:—*Rio de Janeiro, rua da Gloria.*—*Prelecções d'um usurario.* —*O bobo da côrte.*—*A gaveta dos segredos.*—*Uma paisagem.*

RIO DE JANEIRO—RUA DA GLORIA

CHRONICA

Uma semana de Caridade, d'aguaceiros rijos, de discussões sobre o Zaire, de ventanias agrestes, de duellos frustrados, de crimes estupendos, de novidades theatraes, mas, principalmente, d'aguaceiros e de Caridade.

Entre este bom povo portuguez travou-se um desafio vigoroso, suscitado pelas desgraças da Andaluzia. Cada qual trata de desbancar os outros, conforme póde, no exercicio da sua missão caritativa. E' um duello sem treguas, em que se jogam os ultimos cinco réis; um combate permanente, em que só cae por terra quem já ficou sem camisa.

Dir-se-ia que o Portugal moderno, muito mais humano que o velho Portugal das campanhas gloriosas, pretende penitenciar-se agora dos aggravos infligidos á soberbissima Castella em 1640 e outras épocas, ficando nu, por amor dos andaluzes.

E se não é isto, se esta monomania caridosa que eu, em todo o caso, muito respeito, não significa uma penitencia e uma reparação, inclino-me a crer que o paiz não póde já com tanta riqueza, e quer distribuil-a prodigamente pelos visinhos, para ficar mais aliviado.

Digitized by Google

Ou uma coisa ou outra.

Admittindo a primeira hypothese, Portugal dá á Hespanha sua irmã um testemunho seguris imo de que não é de reservas, assim como quem diz:—o que lá vae, lá vae!

Acceitando a segunda hypothese, este florido torrão das camelias e das larangeiras copadas desmente, d'um modo solemne, as lamurias dos pessimistas systematicos, que para ahi andam, todos os dias, a dizer cobras e lagartos do estado das nossas finanças.

No proprio momento em que o sr. Carlos Bento desenrola na camara uma téla enorme ensombrada de calamidades e de infortunios, exactamente na mesma occasião em que o sr. Mendes Pedroso pede para se estudar uma crise cerealifera medonha, e o sr. Consiglieri do mesmo appellido nos terrorisa, pintando a traços carregados a situação penosissima da classe trabalhadora, essa mesma classe, tão esmagada ao pezo das contribuições e tão entristecida pela vida de pobreza que arrasta, acode espontaneamente ao appello da Associação dos Jornalistas, indo deixar, nas vistosas barracas da *Kermesse* da Estrella, o bom de mil e tantas libras para os infelizes de Granada; e isto depois de ter deixado muito mais na *Kermesse* da Tapada da Ajuda, nas *quêtes* dos theatros, nos sorvedoiros de varias subscripções.

Verdade seja que, d'esta vez, a classe trabalhadora divertiu-se, ouviu musica, e comprou sortes,—uma das manias predominantes do nosso indigena. Havia, na *Kermesse* da Estrella, tudo quanto pode encantal-o e distrahil-o: bandas marciaes entoando hymnos festivos; coros orpheonicos; batalhões escolares manobrando á voz d'uns commandantes imberbes, á laia de soldadinhos de chumbo movidos por mão infantil; prodigios de scenographia trabalhados por pinceis d'artista; um arremedo das ruinas de Pompeia, muito para notar-se; a reproducção exacta d'um moinho hespanhol do seculo XVI, abrigando gentilissimas vendedeiras de sortes; muita flor, muita mulher bonita, o *odor di femina* e o perfume da baunilha, a vegetação do Passeio da Estrella —uma vegetação que não se parece em nada com a dos outros Passeios publicos—dando áquella festa movimentada o tom alegre d'um vistoso arraial campezino; e lá no alto, um ceu limpido e espelhado de primavera, desafiando os rouxinoes a ensaiar *romanzas* e gorgeios.

Não teve a mesma sorte o festival dos moços academicos no Jardim Zoologico de S. Sebastião da Pedreira. O ceu, n'uma volubilidade de creança caprichosa, fez-lhes a pirraça de despejar cá para baixo, sobre as bandejas onde se inscrevia a caridosa legenda *date obulum*, varias bategas d'agua, que não estavam no programma da festa, e que contrariaram os festeiros, obrigando-os a transferir para melhor dia a execução do seu emprehendimento.

Parece que o Todo Poderoso, n'um excesso de commiseração pelos raros bemfazejos que ainda tinham camisa, os quiz poupar ao sacrificio de despil-a completamente, entornando-lhes sobre as cabeças aquelles chuviscos providenciaes.

Se o Altissimo não repetir mais vezes esta graça, a bem do proximo e de nós mesmos, realisar-se-ha—quem sabe—ámanhã a prophecia d'um gazetilheiro espirituoso, synthetisada na seguinte graciosissima quadra:

E se isto assim continua,
Temos de dar qualquer dia
Para as victimas das victimas
Dos tremor's d'Andaluzia!

=Ainda cá temos os zingaros, os formidaveis interpretes de Strauss, os famosos executantes d'aquellas valsas sensuaes, doidas como ebrios, capazes d'electrisarem um moribundo e de fazerem dar á perna o proprio sr. Gladstone, no mesmo dia em que recebeu a noticia do desastre de Khartum.

Antes de chegarem os zingaros, antes d'elles nos arrancarem da alma dos seus magicos stradivarius a verdadeira e genuina musica do inspirado compositor austriaco, Strauss era já para nós um nome glorioso e um talento formosissimo, mas não tinhamos ainda a perfeita noção do que fossem as suas valsas arrebatadoras.

As orchestras dos nossos theatros, somnolentas e enfastiadas, davam-nos, de longe em longe, um pallido reflexo d'essas composições brilhantissimas.

Faute de mieux, nós achavamos bonito, e enguliamos como obra do inspirado maestro viennense uns compassos arrastados pelo somno dos orchestrantes burlões, sem colorido, sem *entrain*, sem vida.

Agora, sim senhor, que já ouvimos o Strauss authentico: é inteiramente outro; desvaira e arrebata, allucina e commove, estontea e enlouquece. Interpretado pelos concertistas do principe Ezterhaszy, não encanta só: produz vertigens, dá-nos a embriaguez, causa-nos febre.

A *troupe* artistica de D. Maria chamou os zingaros ao seu theatro, como a sr.ª duqueza de Palmella os chamára aos seus salões. A casa encheu-se para os ouvir.

Se o theatro do Rocio dispensára até hoje, por desastrada e anachronica, a orchestra que em tempos remotos deliciou os nossos avós pouco exigentes, agora, depois de terem ali tocado os *tziganes*, pedimos aos senhores societarios, em nome do bom gosto, que nunca mais se lembrem de contractar nenhuma orchestra luzitana.

E, sobre tudo, que ella nos dê Strauss de contrabando.

=Hortensia, uma collaboradora desconhecida e gentil—deve por força ser gentil—que lá dos confins d'Africa oriental nos enviou a sua prosa rendilhada, não permitte que o chronista se alongue em divagações e promenores, fallando-te de theatros e de circos, da *Africana* e dos *Macarronis*, da morte da tia Vicencia e dos concertos do capitão Voyer, da *soirée* dos viscondes de Daupias e da resurreição da *Gran-Duqueza de Gerolstein*.

Fica para a semana.

C. DANTAS.

IGNOTA DEA

II

Hontem vi-te sorridente,
Mas não viste quem te adora,
Quem te vê a toda a hora,
Quem te vê continuamente!

Eu vi te assim como Flora
Passeiando resplendente
Entre as nuvens do oriente,
Guiando o carro d'Aurora!

Tu passaste; a multidão,
Toda ella, te sorriu,
Te saudou, se descobriu.

Eu não tirei o chapeu...
Precisei do braço meu
P'ra levar ao coração.

SERGIO DE CASTRO.

GARRETT E O SEU TEMPO

X

Não nos demoraremos em referir o episodio da saida do Porto, de Garrett, que foi a Inglaterra em companhia de Palmella, encarregado de uma missão diplomatica, e que, juntamente com Palmella, foi exonerado, ficando sem destino e sem recursos no estrangeiro.

Tendo triumphado a causa constitucional, regressou Garrett a Lisboa e começou a sua vida de pretendente, que mal se explica da parte de um homem que tão altas faculdades possuia e tão relevantes serviços podia prestar não só ao seu paiz, mas tambem ao partido em que se filiasse, serviços que são infelizmente, nos paizes parlamentares, os que mais se apreciam e mais altamente se recompensam.

Ha n'este ponto, devemos confessal-o, uma lacúna importante no livro do sr. Gomes de Amorim, lacúna de que elle não é culpado, mas que nem por isso d'ixa de se sentir de um modo muito desvantajoso para a comprehensão da vida e da influencia de Garrett. Quaes foram, nos primeiros annos do nosso regimen constitucional, as relações politicas do grande poeta? Que bandeira seguio, em que partido se alistou, quaes foram os seus correligionarios, que importancia teve entre elles? Lendo-se o principio do 2.º volume da obra do sr. Gomes de Amorim, parece que Garrett era tido como um pretendente importuno, que andava atulhando de memoriaes as algibeiras dos ministros, ora a pedir que lhe pagassem os ordenados a que tinha direito, ora a solicitar uma collocação e um emprego. Dir-se-hia que Garrett estava fora da esphera politica d'esse tempo, que não conhecia senão as ante-camaras dos ministros, que os homens importantes, emfim, não faziam caso d'elle. E' a impressão que resulta da leitura dos documentos, desacompanhados dos commentarios que os elucidem. Não se encontra o leitor senão em presença de memoriaes repetidos, e, como não ha as narrações que os completem, parece que Garrett veio a ser um segundo Nicolau Tolentino.

E porque é isto? E' porque o sr. Gomes de Amorim não conheceu Garrett no tempo em que estes factos occorriam, porque não poude provavelmente conversar com os homens politicos d'esse tempo, e teve, por conseguinte, de limitar-se a fazer a historia pelos documentos.

E, comtudo, a prova de que Garrett era já tido na conta que merecia, é que se lhe confiava a elaboração da reforma de instrucção publica, e que se lhe dava, emfim, a embaixada da Belgica, que não era, de certo, uma das grandes embaixadas portu-

Digitized by Google

guezas, mas que era um excepcional começo de carreira diplomatica.

A historia da sua missão na Belgica é uma historia curiosa para o estudo da diplomacia d'esse tempo e dos costumes do inicio do nosso regimen parlamentar. O sr. Gomes de Amorim limita-se a fazel-a pelos documentos, mas esses documentos são preciosos, e, ainda que deixam ficar uma parte mysteriosa, derramam immensa luz na historia d'esse tempo.

A correspondencia official de Garrett é publicada em grande parte pelo sr. Gomes de Amorim, e em muitos dos officios se revelam as extraordinarias e variadissimas faculdades do grande poeta. Como elle aprecia bem o regimen administrativo da Belgica! Como elle observa as necessidades de expansão da sua industria, que haviam de chegar um dia a dar origem a esta Associação Internacional, que tão incommoda nos tem sido!

«Apresso-me a participar a v. ex.ª, diz elle, que de novo recebi insinuações e quasi aberturas do ministro dos negocios estrangeiros, mr. de Mulenaere, para um tratado commercial comnosco. Viemos a alguns pormenores (sempre em conversação); e não duvidou dizer-me o ministro que, tanto nos direitos de portos, facilidades de navegação, transito, e entrepostos, se faria tudo quanto fosse possivel fazer de mais amplo; como se diminuiriam aqui os direitos nos tres generos que nós mais podemos importar: vinhos, sal e fructos verdes e seccos. Estabelecer-se-hia por nós egualdade de favor para os pannos de lã, ferragens, carvão de pedra. *Se nós quizessemos deitar mais adiante e permittir-lhes entrada em nossas colonias de Africa (no que em minha humilde opinião, creio que da parte da Belgica não ha risco para nós e haveria vantagens para as colonias) mais fariam elles então.* Ha um genero de tecidos de rayas, que nós vamos buscar á India e para o pé do estreito na Arabia, para vir de volta com elle a Moçambique. Este genero nos forneceriam os teares de Gard, costumados a trabalhal-o para Batavia, e nos chegaria a Moçambique e Rios de Senna por ametade do preço.»

Se tivessemos sido nós que tivessemos aberto a Africa á industria e ao commercio da Europa, não tentaria ella arrombarnos as portas. Mas já em 1835 a Belgica pensava na Africa!

O governo portuguez pouco se importou com isso. Tinha mais em que pensar, tinha que se defender na camara, tinha que attender ás mil questiunculas politicas, que envolvem sempre os governos em Portugal, e os officios de Garrett ficavam absolutamente sem resposta.

Ficavam sem resposta estes officios, porque o ministro não se importava com elles, ficavam outros sem resposta porque lhe não fazia conta attendel-os. Effectivamente Garrett não cessava de pedir dinheiro, e de pedir um secretario, e nenhum d'esses pedidos era desarrazoado. O dinheiro que elle pedia era o dos seus ordenados, e não o conseguia! Que triste posição a de um representante do paiz, n'uma côrte estrangeira, sem recursos e com os vencimentos atrazadissimos!

Comtudo não se póde dizer que esse atrazo fosse uma desconsideração para Garrett. Não se lhe pagava, porque se não pagava a ninguem, e, quando havia dinheiro para diplomatas, naturalmente quem o recebia eram os ministros das côrtes importantes.

O que se passou com Garrett na Belgica? Porque é que elle soffreu da parte da côrte belga uma serie de desconsiderações que elle proprio affirma que se não dirigiam a elle pessoalmente, mas que eram uma prova do desagrado do rei Leopoldo para com a côrte de Lisboa? Não o sabemos, e procurámos informarnos. O actual ministro da Belgica em Lisboa, o sr. barão Greindl, já, a nosso pedido, escreveu para Bruxellas a pedir as noticias que houvesse de qualquer frieza diplomatica da Belgica com Portugal no tempo em que foi Garrett o nosso representante. Aproveitamos o ensejo para agradecer áquelle illustradissimo diplomata, homem de elevado talento e de rara instrucção, a promptidão com que se prestou a colher as informações que desejavamos.

Garrett suppõe que o rei Leopoldo ficara indignado por lhe terem mandado a grã cruz de Christo, quando naturalmente queria que lhe mandassem a grã-cruz da Torre e Espada. Parece impossivel que tão frivolo motivo podesse produzir tão singular esfriamento. E' certo porém que estas questões teem uma gravidade, que mal se comprehende, na esphera em que ellas habitualmente se agitam. O valor respectivo das grã-cruzes está, por assim dizer, cotado officialmente, e os agraciados ligam importancia extrema a esses factos que parecem insignificantes. Não estranhamos, portanto, que a questão da grã-cruz désse origem a todas as desconsiderações officiaees de que Garrett se queixa, e que eram aliás compensadas por todas as provas de deferencia pessoal.

Mas porque foi depois Garrett demittido, ou antes transferido para Copenhague, o que equivalia a uma demissão, apesar do governo attribuir a essa legação um ordenado maior, pois que, apesar da Belgica ter pouca importancia para Portugal, muitissimo menor era ainda a importancia da Dinamarca? Foi simplesmente por haver empenhos fortissimos a favor do novo ministro em Bruxellas? Não nos parece. Ora o governo considerava como uma necessidade politica ter Garrett longe de Portugal, e essa rasão era suprema, ou desejava ser-lhe agradavel, e não havia empenho que prevalecesse contra isso. A transferencia de Garrett é um mysterio, que o sr. Gomes de Amorim deixa sem solução. Talvez uma busca minuciosa no archivo do ministerio dos negocios estrangeiros, podesse dar a chave do enigma. O despacho do ministro recaio de certo sobre um processo qualquer. O seu *P. D (Passe decreto)* foi de certo precedido de informações da secretaria. Essas informações é que seria conveniente examinar.

PINHEIRO CHAGAS.

BENÇÃOS...

Tudo na minha vida ia acabando:
Essas flores ideaes da phantasia
Iam-se, lentamente, definhando,

E a minh'alma tristissima e sombria,
Começava a não ver no seu futuro
Um unico vislumbre d'alegria!

Porém, na téla d'esse fundo escuro,
Eu vi surgir a imagem luminosa
D'esse teu rosto celestial e puro,

E,—como se existisse alguma rosa
Dentro d'este meu peito,—eu vi então
Abrir-se, novamente, á luz radiosa

O meu triste e opprimido coração;
E tu, meu casto lirio immaculado,
Conseguiste tornar em um vulcão

O meu peito já quasi enregelado!
Bemdita sejas tu, alva cecem,
Que déste ao meu viver angustiado

Esse santo pharol que todos tem,
E que eu tinha perdido em pequenino
Por ter perdido o amor de minha Mãe!

Como tu conseguiste que o destino
Podesse debuxar na sua téla
A luz do teu perfil correcto e fino!

E' que tens n'essa fronte, alma singella,
Um não sei que de santo e de celeste
Como o pallido brilho d'uma estrella!...

E foi quando tu,—só!—me appareceste
Que essas nuvens sombrias da desgraça
Fugiram ao roçar da tua véste,

Bem como a noite escura foge e passa
Ao ver surgir a luz do sol fulgente
Entre nuvens finissimas de cassa...

E's tão bella e gentil, ó flor tremente,
—Rosa cahida dos jardins do Empyreo,—
Como a gotta d'orvalho transparente

Engastada no peito d'algum lirio!
O que eu sinto por ti não é amor;
O que eu sinto por ti é um delirio!

Gosto immenso de ver-te, ó minha flor,
A cozer á janella, ou encostada
N'essa mãosinha ideal, que é um primor;

Mas de manhã, se estás despenteada,
Fico louco se vejo, ó meu thezoiro
A tua fronte bella encaixilhada

Nas espiraes do teu cabello loiro,
Que te cahem depois até ao chão
Em catadupa ideal de fios de oiro!

Ao ver-te assim, eu julgo uma visão
A luz d'esse teu rosto peregrino,
E, se penso que és minha, digo então:

Bemdito sejas tu, lirio divino,
Que me déste esse amor que todos tem,
E que eu tinha perdido em pequenino
Por ter perdido o amor de minha Mãe!...

Coimbra, 1884.

EÇA DE ALMEIDA.

UM DRAMA N'UM TELHADO

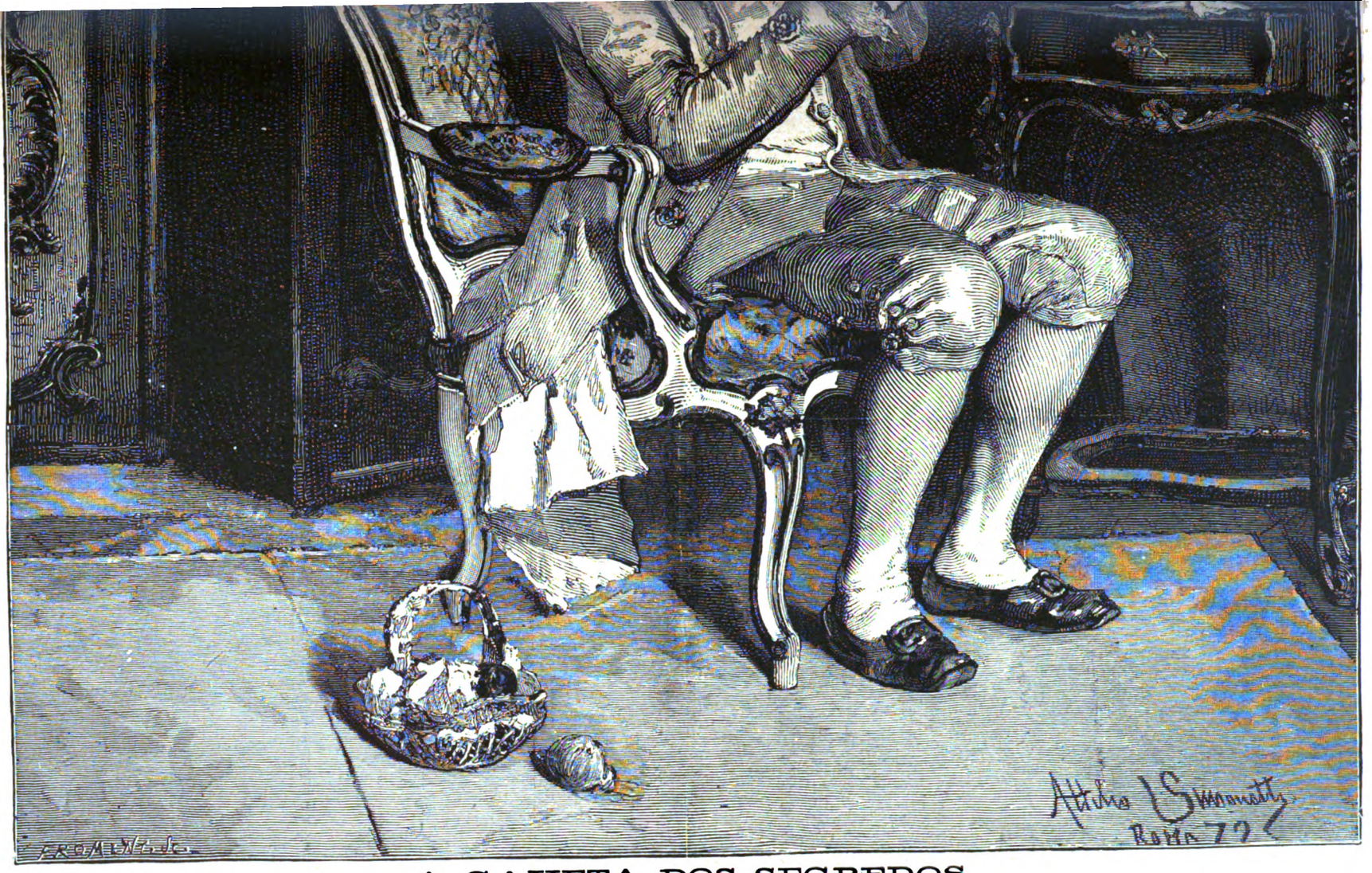
Conheci-os a todos tres; quasi que assisti ao seu nascimento. Eram muito pequenos, quando eu fui morar para ali. No dia seguinte ao da mudança, ao abrir as janellas deixando que o sol entrasse, como uma onda de poeira loura, pelo quarto den-

Digitized by Google

AS PRELECÇÕES DO USURARIO

Digitized by Google

Digitized by Google



A GAVETA DOS SEGREDOS

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O BOBO DA CORTE [redacted]

Digitized by Google

tro, vi-os muito pequenos, muito engraçados, piscando os seus olhos traidores, a dormir sobre o telhado.

Ella—a gatinha—era toda branca. Quando andava, tinha uns meneios *coquettes* e franzia o focinho com uma especie de sorriso vaidoso. Apanhando o sol quente no telhado, não parecia um paria da sua raça, uma abandonada; tomava ares de *Angora* favorito e estendia-se toda, com o focinho entre as patinhas, semelhando um *regalo* caprichoso d'uma mundana celebre.

Os outros campanheiros eram dois typos os mais oppostos. Um —todo negro—era endiabrado; o acampamento de telhas quasi não chegava para os seus saltos, correrias e cabriolas; um pedaço de papel, uma casca de laranja serviam-lhe de pretexto para a folia mais desenfreada; era um estouvado, um *espalha*, segundo a phrase d'um meu visinho.

O outro—antithese completa do companheiro—era um *pelle de tigre*, socegado, de passos serenos. Ao avançar para os restos que lhe atiravam das janellas, tinha a gravidade de chefe de repartição; e eu, palavra de honra, estava sempre á espera de o ver apparecer no dia seguinte, com a respectiva manga de alpaca.

Foram crescendo todos tres n'uma bella amisade; nas noites boas dormiam ao ar livre, enroscados, aconchegando-se na capa de luar que os cobria como agasalho confortavel de dona cuidadosa; nas noites de chuva iam abrigar-se sob uma saliencia do zinco d'um telhado proximo, todos muito unidos, formando um corpo unico.

Foram crescendo; o *Espalha* começou a sentir uma certa inclinação pela *Blanche*—nome com que eu baptisei a minha predilecta.

A's cinco horas da tarde, quando a minha creada lhes atirava restos do jantar, elle tinha attenções para com a companheira, não estendia a patinha sem que ella mostrasse querer este ou aquelle bocado; se acabava de comer primeiro do que ella, deixava cahir dos seus dentes finos e muito brancos metade do que tinha, para lh'o dar. Depois, quando se sentava a fazer o chylo, apanhando uns ultimos raios do sol poente, ficava-se a contemplar a sua *Blanche* com um olhar muito meigo, muito demorado. O demonio do bichano parecia até que avelludava os olhos!

O outro fazia exactamente o contrario; gulotão indomavel, mal divisava a creada apparecendo na varanda, abria as guelas e, de rabo espetado, soltava uns miaus seccos e entrecortados, que tinham um não sei que de selvagem. E quando a comida cahia sobre o telhado, atirava-se sobre ella, empurrando os companheiros e afogando o focinho no meio da refeição. Era um alarve; parecia considerar a *Blanche* apenas com uma concorrente á generosidade dos inquilinos do predio; parecia não ver n'ella a femea da sua raça, a futura mãe, talvez, dos seus filhos; não tinha impetos d'amor. Eu cheguei a desconfiar de que n'aquelle animal o coração descera ao estomago.

Durante muitas semanas vi o *Espalha* a passar repetidas vezes pela frente da *Blanche*, a olhal-a de lado, depois arrastar-se por junto d'ella e tocal-a levemente. Então, a *Blanche* assumia toda a sua importancia e affastava-se um pouco; um dia atreveu-se a chegar o focinho ao d'ella; a *Blanche* deu um pulo enorme, assoprou e foi esconder-se sob o zinco. O outro observava a scena com os olhos meio fechados, de barriga cheia, com um certo ar de zombaria pelo *petit-crevé* seu companheiro.

O *Espalha* começou a entristecer, não comia quasi nada, passava os dias a aquecer-se ao sol, como um tysico desenganado; o seu olhar empallideceu n'um amarello desbotado; tinha um miar phrenetico, notas de desespero, e ao mesmo tempo um certo desalento no andar.

E o outro lá estava gordo, anafado, de pello lustroso e ventre cahido, a regalar-se com o quinhão a mais, que o *Espalha* quasi sempre lhe deixava.

Uma noite, chegando á janella para fumar um charuto e deixar entrar o ar no meu quarto cheio de fumo, reparei na *Blanche* firmada nas quatro patinhas, muito direita, muito *coquette* no meio do telhado; d'ahi a momentos vi sahir lá debaixo do zinco o *Pelle de tigre*, ir arrastando-se mansamente por ali fóra, parar defronte d'ella, tocar-lhe com o focinho, depois dar uma volta e vir de novo beijal-a. Ella, presa d'um nervosismo impressionavel, soltou um gemido muito suave, mas não tão suave que não fizesse cahir d'um salto, entre os dois amantes, o abandonado *Espalha*. Estava medonho; n'aquella massa negra apenas se viam os olhos, então d'um amarello queimado e quente, faiscando colera.

O *Pelle de tigre* recuou, mas não tanto a tempo que o seu focinho ficasse livre das unhas do rival. A lucta foi encarniçada; separavam-se agora, para se unirem logo e rebolarem pelo telhado como um corpo unico, lembrando cambalhotas de *clowns*. O *Espalha* tinha genio, mas o outro era mais forte; n'um d'aquelles recontros o *Pelle de tigre* atirou-o do telhado abaixo. Sentiu-se a queda secca d'um corpo sobre a lage do saguão e ouviu-se um miau frio e cortante. O *Pelle de tigre*, na beira do telhado, com o pescoço estendido, ficou-se a olhar lá para baixo cravando o seu olhar assassino no azul da noite que enchia o saguão, e a *Blanche*, muito encolhida, foi esconder-se a medo lá debaixo do zinco.

D'ahi por diante, ella—a minha predilecta—perdendo todo o coquettismo, nunca mais sequer comeu ao lado do companheiro, e todas as noites ia de mansinho, a medo, com passos de criminoso, espreitar á beira do telhado.

Fez-se velha, vieram-lhe os accidentes: n'um d'elles, desesperada, com o pello todo eriçado, faiscando electricidade, foi cahir lá em baixo, no mesmo logar, onde, annos antes, morrera o infeliz *Espalha*.

EDUARDO SCHWALBACH.

AS NOSSAS GRAVURAS

RIO DE JANEIRO—RUA DA GLORIA

E' uma das ruas mais formosas da capital do imperio. Margina a bahia no seu ponto mais pittoresco. Sobranceiro á rua fica o morro da Gloria, onde está a capella nupcial, em cuja pia baptismal foi baptisada a sr.ª D. Maria II, de saudosa memoria, mãe de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz I.

Todos os annos o povo fluminense concorre, no dia 8 de agosto, á romaria, que se faz n'aquelle logar, com a assistencia de suas magestades imperiaes e de toda a côrte.

E' um dia de immenso jubilo para os brasileiros e portuguezes.

A rua da Gloria segue para um dos mais lindos arrabaldes do Rio de Janeiro, as Laranjeiras, e prolonga-se até Bota-fogo, praia deliciosa, onde residem as familias mais aristocraticas da capital.

Na rua da Gloria está o palacio do barão de Nova Friburgo, edificio sumptuoso, cuja fabrica custou 5.000:000$000 réis. A mobilia d'este palacio, que foi da Europa, custou 600:000$000 réis da nossa moeda. Tem na fachada principal estatuas de marmore de Carrara, de subido valor artistico.

A rua da Gloria, já pelos seus esplendidos palacios, como o da Marqueza de Abrantes, Bahia, e outros, já pelos seus pittorescos arredores, já pelo magnifico hospital da Beneficencia Portugueza, um dos mais luxuosos do Rio de Janeiro, que lhe fica proximo, é das mais notaveis da cidade, e das mais animadas pela concorrencia. E' ponto de passagem para a extrema da cidade,—o jardim botanico, até onde chegam os carros americanos, percorrendo uma extensão de perto de vinte kilometros.

AS PRELECÇÕES DO USURARIO

Adivinha-se um judeu n'aquella barba comprida, n'aquelle gorro deixando ver uma testa ampla, n'aquelle nariz aquilino caracteristico da raça hebraica, n'aquelle meio sorriso cheio de malicia.

Usurario, como todos os judeus, trata d'instruir a prole na sciencia de ganhar muito em pouco tempo, pelos meios praticos da agiotagem.

—Pede mil pelo que vale dez, empresta a 99 3¼ por cento, quando fôres homem—diz elle ao pequeno—e serás millionario e serás grande!

O rapaz excuta-o embevecido, conta pelos dedos os milhões capitalisados de que elle lhe falla, e, judeu como o pae, promette seguir á risca os conselhos da sua vasta experiencia.

O BOBO DA CORTE

Depois de divertir a côrte com as suas facecias grotescas de polichinello assalariado, entendeu que devia divertir-se a si proprio, n'uma refestella pantagruelica. Comeu á farta, bebeu copiosamente, e o *Lacrima christi* subiu-lhe á cabeça.

In vino veritas diz o dictado, e é certo. O nosso histrião, n'aquella somnolencia agitada que vem depois das libações, começou a dizer mal dos seus senhores e amos, e, por fim, cae n'uma modorra profunda.

Duas damas de honor, que passam, ouvem ainda as ultimas apostrophes do bufão embriagado, e chacotéam do caso.

A GAVETA DOS SEGREDOS

Aquelle velhote, tão parecido com um ourangotango, não imagina, de certo, que a pessoa a quem pertence a correspondencia, que elle teve o atrevimento de ir investigar, está ali a observal-o. Para maior desgraça, estreiou-se por uma carta que falla d'elle em termos nada lisongeiros. A' medida que se vae adiantando na leitura, vae-se accentuando mais a expressão ironica da physionomia de quem o observa, emquanto que a d'elle se torna burlesca. Quiz saber o que diziam de si, por isso está colhendo agora o fructo da sua indiscrição.

UMA PAISAGEM

Um *clair de lune* formosissimo, copiado *d'après nature*. A rustica azenha move-se compassadamente, misturando a sua chiada

Digitized by Google

monotona ao arrulho do regato que desliza, por entre uma vegetação opulenta.

Lá de cima, a lua espreita aquella deliciosa paisagem, imprimindo-lhe uns tons alegres e sorridentes.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Trouxe-nos ha dias o correio d'Africa umas deliciosas cartas, escriptas em calligraphia microscopica, quasi imperceptivel, e firmadas com o nome de Hortensia. Primam ellas tanto pela originalidade e pelo colorido vigoroso das narrativas, que não resistimos á tentação de começar já hoje a publical-as, pondo de parte outros artigos compostos para entrarem n'este numero.

Uma senhora deve ter sempre a primazia em tudo.

Só nos peza ter de dividir, em duas, a primeira das *Cartas africanas*, pelas suas grandes dimensões, divisão esta de que pedimos desculpa á amabilissima Hortensia e aos nossos leitores.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este appellido liga este homem—2—1.

Esta interjeição é uma flor formosa—1—2.

Este homem na musica é mulher—2—1.

Aqui tem agua para agazalhar—1—2.

Santa Comba Dão. A. Sousa Franco.

EM VERSO

(Ao cabo d'esquadra, auctor da charada «malfadado», publicada na *Illustração* de 22 de fevereiro)

Meu existir é triste. Eu sinto a nostalgia
D'aquillo que já fui, da vida que passou.
Cobre agora meu ser funda melancholia,
Qual misanthropo vivo aqui aonde estou.—1

Desdenhaste mulher o meu ardente amor,
Não attendeste a voz d'um pobre coração!
Esquiva, sempre esquiva ó delicada flor,
Sem ver's que me queimava o fogo da paixão!—2

Nem um sorriso só, nem um olhar sequer,
Como um raio de sol brilhando em ceu brumoso,
Tiveste p'ra affagar aquelle amor, mulher,
Sentimento tão puro e nobre e grandioso!—1
.....
Ai! vida que vivi, prazeres d'outra ora,
Estrella que fulgiu momentos, e passou!
Tudo, tudo se foi. Longe do mundo, agora,
Qual misanthropo vivo aqui aonde estou.

Leiria. Outro cabo d'esquadra.

EM QUADRO

— — — E' uma lei
— — — Que rege
— — — Um enfermo

PERGUNTA ENIGMATICA

(A S. J. Fernandes, auctor do logogripho cuja decifração é *Silvestre*, offerece o auctor d'esta pergunta enigmatica o 1.º semestre da *Illustração Portugueza*, caso a decifre).

Qual é a palavra que é rio e animal?

José Dias Velloso.

LOGOGRIPHO

Nome proprio—8—7—7—4
Nome proprio—1—2—3—8
Nome proprio—5—6—7—4
Nome proprio—3—4—1—8

Nome proprio

A. S. Franco.

PROBLEMA

Tres numeros, cuja somma é 70, satisfazem ás seguintes condições: o segundo dividido pelo primeiro dá 2 de quociente e 1 de resto; o terceiro dividido pelo segundo dá 3 de quociente e 3 de resto. Quaes são os numeros?

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:—Simão—Menino—Lavadouro—Breviario—Incapaz—Eudiometro—Patarata—Isis—Cholera—

R	a	m	o	
	a	n	i	l
	m	i	c	o
	o	l	o	r

Do adagio:—A mocidade ociosa faz a velhice vergonhosa.

Das adivinhas popular:es—Meada—Coração.

Do logogripho:—Zebura.

Do problema:—O numero 1 satisfaz ao problema.

Mas convindo o numero n, convem egualmente $2n+1$, porque $2n+1-\frac{2n+1}{2}-\frac{1}{2}=n$; logo resolvem o problema os numeros 1, 3, 7, 15, etc., que são respectivamente eguaes a 1, $2+1$, 2^2+2+1, 2^3+2^2+2+1, etc., ou a 2^n-1, sendo n um numero inteiro.

A RIR

Calino viaja.

Chegado ao Porto, dá pela falta da chave da mala, e fica atrapalhadissimo.

De repente tem uma idéa, e pergunta a si mesmo:—Dar-se-ha o caso de que eu a tivesse deixado lá dentro, quando a fechei?

Um dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

EXCELLENTE TIZANA PARA AS CONSTIPAÇÕES REBELDES

Tomam-se:

100 grammas de capillaria
100 grammas de borragens silvestres
50 grammas de hyssopo

Ferve-se tudo em quatro litros d'agua, até se reduzir a dois litros, e escuma-se. Feito isto, passa-se o liquido por um panno, e junta-se-lhe 200 grammas de mel branco.

Em seguida põe-se de novo a ferver: quando se tira do lume, passa-se uma outra vez por um panno ou por uma peneira, vasa-se em garrafas, e collocam-se estas em logar fresco.

A tizana que recommendamos toma-se tres vezes ao dia, em copo de dois decilitros: a primeira, de manhã em jejum; a segunda, ao meio dia, e a terceira duas horas depois da ceia.

CARTAS AFRICANAS

(Á SR.ª CONDESSA DE...)

D'aqui te estou vendo, querida amiga, apesar das tres mil leguas que nos separam, ennovelada nas tuas pelliças, junto ao brazeiro, diligenciando desentorpecer os membros enregelados pelo vento que sopra da Senabria, saudosa do teu ninho, que nem ao menos te deixaram aquecer!

Mas que queres?

Estes grandes senhores da politica e dos governos são os nossos peccados! Ao *mesmo* que te despachou para a Siberia portugueza tambem eu *devo* o estar hoje nas costas d'Africa! Que Deus lhe perdoe!

Ahi, dizem haver ursos brancos e phocas. Aqui, temos leões, tigres, leopardos, quizumbas e toda a variedade de serpentes. Estamos em boa sociedade!

Quizera ir surprehender-te a esse desterro, desdobrando perante os teus olhos a téla que hoje representa o meu viver; mas poderei conseguil-o?... Não! poderei apenas tental-o!

O' noites de Lisboa! ó noites de poesia!
O' noites d'Africa! ó noites de selvageria!

Os rumores do sertão despertam com as sombras da noite cerrada.

Estranho concerto, em que se confundem os gritos das aves

Digitized by Google

nocturnas com o bramir das féras, o silvo dos reptis, e a voz de infinidade d'animaes que povoam o matto virgem!

Ao centro, na explanada da serra de Jogoni, ergue-se a barraca formada por quatro vigas sustentando a cobertura de palha. E' a casa de jantar e sala, o unico abrigo. As palhotas apenas servem para dormir.

A noite está abafadiça; opprime-me a inacção a que me vejo constrangida, nas horas em que o corpo pede exercicio, liberto da languidez causada pelos calores do dia.

Mas o passo é-me embargado por todos os lados para onde me volto. Se avanço, para descer pela rua das grandes bananeiras, acode pressuroso o nosso amavel hospedeiro:—Para ahi não! lá em baixo costuma, a esta hora, andar um leopardo, que se acoita *ali*, n'aquelle matto.

Tomo para a direita, eil-o outra vez atraz de mim:—Para ahi não! Acolá, n'aquella arvore, ha ninhos de *manubas* (especie de cobra capello); pela fresca saem ás vezes para a estrada.

—Vamos então para a borda do rio, para os caniçaes.

—Mas... é o caminho seguido todas as noites pelo tigre que tem levado os carneiros do régulo Piruque.

—Bem, em vista de tudo isso, vamos... para *casa*.

Mas eis que chegam tres régulos. Veem saudar-nos com os seus batuques. Accendem-se fogueiras; em cada palmeira suspende-se uma lanterna; a barraca illumina-se, e as magestades negras tomam logar ao pé de nós, sentados em esteiras ou no collo das suas mulheres.

O régulo Condulá, um velho sympathico e respeitavel, que, ha alguns annos, foi victima da mais nefanda injustiça, diz-me em tom lastimoso:

—Senhora, tiraram-me as minhas terras por eu ser fiel ao governo! por me não associar á traição do capitão Maia! E' assim a justiça dos brancos! ..

Os landins são altos, vigorosos e ageis. Envolvem á cintura pelles de varios animaes. O tronco nú. Enfeitam-se com enfiadas de buzios, contas, unhas de tigre, dentes e pontas d'outros animaes. Trazem estes enfeites ao pescoço, nos braços, cintura e pernas. Na carapinha, que arranjam muito artisticamente, em fórmas caprichosas, espetam vistosas pennas das formosissimas aves d'esta região; e alguns em tão grande abundancia, que tornam a cabeça n'uma monstruosa e exquisita plumagem. Muitos trazem em volta do pescoço jubas de leão.

O corpo de baile prende, ás coxas das pernas, um mólho de castanholas.

As mulheres envolvem-se n'um panno que, debaixo dos braços, chega além do joelho; trazem manilhas de cobre nos braços e pernas, e ao pescoço fios de contas. Não dansam com os homens; formam um grupo separado, e apenas com um preguiçoso e desengraçado movimento de corpo, acompanham a pequena distancia as dansas d'estes, que representam um simulacro de combate. O chefe vae sempre na frente, seguido pelos outros a tres ou quatro de fundo, girando em circulo, tomando por centro uma palmeira ou outra arvore.

A orchestra compõe-se de batuques, que teem o som de maus tambores, pifanos, marimbas cafreaes, e toca uma especie de galope accelerado.

Nada ha que possa dar uma idéa approximada dos prodigios de força e agilidade que estas dansas desenvolvem!

Com o corpo inclinado para a frente, as pernas curvadas, vendo-se os musculos palpitar como em contracções d'uma convulsão violenta, soltam gritos selvagens, dando saltos espantosos, batendo sempre com os pés ao compasso da musica, e fazendo retenir as castanholas que trazem nas pernas, como se fossem manejadas pelos dedos d'uma hespanhola.

De repente, o chefe estaca, crava no chão um olhar furibundo, aponta a azagaia a um alvo imaginario; recresce o enthusiasmo, redobram os gritos de guerra, e todas aquellas furias saltam no ponto indicado, espicaçando com as azagaias o supposto inimigo que ahi caiu.

Assim termina a estravagante dança, que produziria maravilhoso effeito exhibida no Colyseu, onde apparecem leões e elephantes. Teria muito a ganhar a rachitica mocidade de Lisboa, adoptando entre si esse genero de brincadeira, que, sem auxilio de trapezio, é, sem duvida, nm dos mais energicos exercicios physicos que póde imaginar-se para o desenvolvimento muscular.

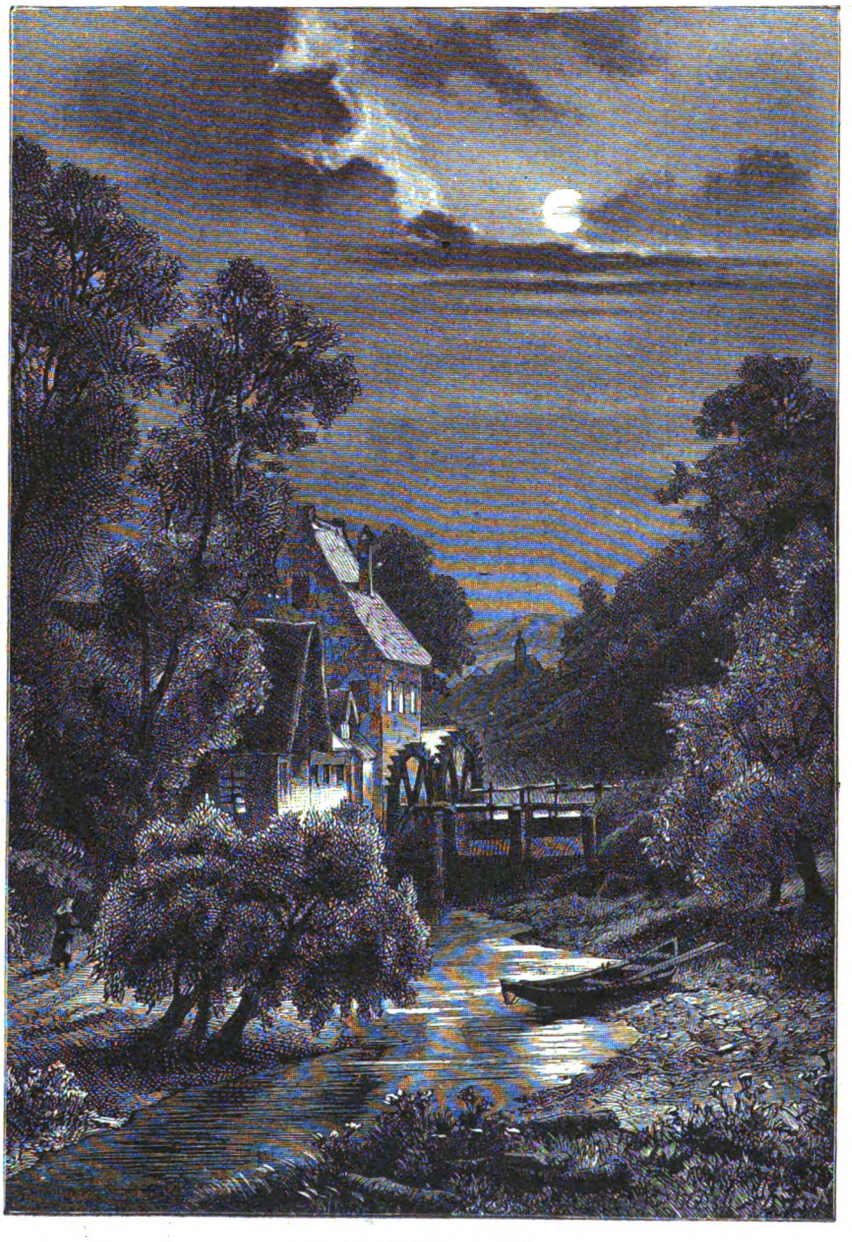
Restabelece-se o silencio; restabelece-se o côro dos habitantes das florestas. As luzes extinguem-se a pouco e pouco. São horas de recolher.

O nosso obsequioso hospedeiro, caminha na minha frente, de luz na mão, allumiando para todos os lados, até á porta da minha palhota, que fica um tanto retirada. Ahi espera-me o mesmo cheiro acre, desagradavel, de todas as noites: Que é isto?... Depois t'o direi.

Soube-o quando já lá não estava.

(Continua).

HORTENSIA.



UMA PAISAGEM

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno

Lisboa, 16 de março de 1885

Numero 38

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gallis (A.); D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Cantares*, versos, por Manuel de Moura. —*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Arrulhos*, versos, por Joaquim Lima.—*As nossas gravuras*.—Soneto, por Leon Uerba.—*Em familia. (Passatempos)*.—*Um conselho por semana*.—*Cartas africanas*, por Hortensia.

GRAVURAS:—*Cintra, Fonte dos Passarinhos*.—*Espera, que eu já venho! Um tropheo da batalha*.—*Dando de comer aos pombos*.—*O castello abandonado*.

CHRONICA

Conheceram a pacata e burgueza Lisboa d'outros tempos, aquella simploria Lisboa, parrana e semsabor, que não dava um atomo d'assumpto para a chronica e um nome conhecido para o cadastro policial?

Hão de lembrar-se d'ella.

Accordava todos os dias á mesma hora; ingeria serenamente a *omelette* cazeira, regada com chá verde; fumava o seu charuto, e lá ia por essa Baixa fóra, caminho das repartições, vestir a manga d'alpaca já coçada dos continuos attrictos sobre o papel almasso, onde se architectam os orçamentos da fazenda e se regista o rendimento dos impostos.

A' tarde, depois de ter ganho honestamente os tantos réis do officio, voltava ao conforto dos penates, com o estomago a pedir-lhe sopa de hervagens, muito feliz na sua pobreza franciscana, muito soffredora e accommodada com a sorte que Deus lhe dera.

A' noite, quando o gaz da Havaneza punha na lama do Chiado

CINTRA—FONTE DOS PASSARINHOS

Digitized by Google

uns tons esverdeados de pantano, e as *vitrines* dos ourives brilhavam em todo o seu esplendor feerico, fazia uma sortida pelos theatros ou repotreava-se n'um *fauteuil* do Colyseu.

Succedia-se tudo isto isochronamente, como o tic-tac d'um relogio.

De longe em longe, arriscava uma orgiasinha barata no Augusto ou no Silva, com *mayonnaise* de lagosta em gabinete reservado, mas não dava escandalo. O mais que lhe acontecia era não poder ir no dia seguinte a repartição. Cifravam-se n'isto as suas estravagancias e os seus delictos.

A *reportage*, é claro, arrepelava-se, á mingoa de pasto para as chronicas chocalheiras do jornalismo noticioso; os commissarios de policia dormiam a somno solto nos seus gabinetes desertos; a guarda municipal tinha de capturar-se á si mesma, nas ruas, para não perder o uso.

Viviamos n'uma doce paz octaviana, sómente alterada, de quando em quando, por algum escandalosito da politica, d'estes que duram o tempo das rosas e que passam pelo nosso espirito sem deixar uma impressão nitida e duradoura.

Outros tempos, outros cantares. Tudo isso já lá vae de foz em fóra.

A pacatissima Lisboa de hontem, que nós conhecemos tão bem comportadinha, emancipou-se, deu em libertina, fez-se doida. Já não se respira dentro das suas portas a atmosphera calma dos passados dias. O indigena, farto de ler a prosa singela do *Diario de Noticias* e o extracto desinchabido das sessões das camaras, passou a engolphar-se nas leituras fortes de Ponson du Terrail. Enfastiado do ramerrão quotidiano, quiz experimentar sensações novas, e começou a pôr em acção os episodios melodramaticos do *Rocambole*, com uma pavorosa *mise-en-scène* d'assassinios, roubos, suicidios, tiros de rewolver, o inferno!

Lá fóra, como que obedecendo ao *mot d'ordre* agitador, cada qual se apressa em seguir-lhe as pizadas, de modo que estamos atravessando uma época de criminalidade verdadeiramente assustadora, horrivelmente lugubre, capaz de transtornar os espiritos mais fortes e de metter medo aos sujeitos menos fracos.

Lisboa, Torres Novas e Rio de Janeiro deram-se as mãos para nos trazer, ha bons oito dias, em sobresalto. D'áquem e d'além Atlantico, o negro crime campeia infrene, hasteando o seu pendão ensanguentado ou apavorando-nos com a sua asquerosa catadura de bandido.

Em Lisboa, n'aquella mesma rua Formosa, e quasi defronte d'aquella mesma casinha esguia onde, ha tempos, um guarda d'alfandega matára a amante por ciume, um misero chapelleiro sem trabalho, Francisco Pereira, assassina sua propria irmã, Maria Emilia Pereira, por não ter com que a sustentar, segundo consta. E o mais notavel é que pareciam muito amigos, que viviam—dizse, dizem os visinhos—como Deus com os anjos. Rezavam ambos, todas as noites, muitas corôas a Nossa Senhora, e em seguida cahiam no somno profundo dos infelizes, aquelle somno reparador que o Ceu lhes envia para matar a fome.

Foi n'uma d'essas noites, depois d'uma d'essas rezas devotissimas, que o Francisco Pereira deu cabo da velha irmã, machucando-lhe a cabeça com um ferro d'engommar e cortando-lhe o pescoço com uma navalha de barba. Seguidamente, dormiu sobre o caso, e de madrugada foi dizer á policia que encontrára morta a sua companheira, mas que não sabia quem a tinha assassinado. E disse-o com a maior tranquillidade, sem lagrimas, sem alvoroço, sem espanto.

Praticou elle, effectivamente, o crime, para se ver livre de mais uma bocca, que a sua negra miseria não podia sustentar? Tendo tido meios de fortuna e vendo-se hoje em continua lucta com a fome negra, não resolveriam ambos, de commum accordo, pôr ponto final nas desventuras da vida? Dar-se-ia o caso que elle prometesse matal-a e matar-se, mas não tivesse forças para commetter o ultimo attentado? Trata-se d'um imbecil ou d'um criminoso consciente? Estamos em face d'um monstro ou d'um monomaniaco sem responsabilidade moral? Não se sabe; a policia ignora-o; a opinião publica não poude ainda abraçar definitivamente qualquer das hypotheses, tão intricado e mysterioso se lhe apresenta este crime estupendo.

Francisco Pereira jura que não matou, mas não se defende, não lança sobre alguem uma simples suspeita, não faz uma unica declaração que auxilie a justiça nas suas investigações.

Foi elle o assassino? Estará innocente? E' o que se trata de apurar por todos os modos.

=Depois d'um assassinio um suicidio; uma pobre senhora de quasi noventa annos, que se arremessou da altura d'um quarto andar ás pedras da calçada, farta de viver e de sentir, saudosa d'uma filha que perdera pouco antes.

Um attentado d'estes, praticado em pleno occaso da vida, quando a morte natural não pode vir longe, com o seu linitivo para todas as dores mais cruciantes da alma, só se explica na perda completa da rasão, no desarranjo perfeito do cerebro. A sangue frio não se faz aquillo. Quem conta mais de tres quartas partes d'um seculo, aguarda, com paciencia e resignação, que Deus lhe conceda a paz eterna do tumulo.

Em todo o caso, eu curvo-me respeitoso ante o cadaver desfeito da pobre suicida. Ninguem pode prever o que fará amanhã. Tambem Catão d'Utica se matou para não sobreviver á perda da liberdade; tambem Brutus deu cabo de si, não resistindo á vergonha da perda d'uma batalha. Qualquer d'elles era mais forte que nós e que a desventurada velhinha do Largo do Corpo Santo

=No Rio de Janeiro, a enorme ladroeira do Consulado portuguez, um roubo audaciosissimo de centenas de contos, praticado com arrombamento de cofre forte e por meio de vicios de escripturação. Os auctores d'esta façanha não a realisaram de subito, diz uma folha brazileira; iam roubando pouco a pouco, desde longa data, e muito a seu salvo, sem que ninguem desse por tal.

Bem se vê que o dinheiro anda ali a rôdo! Só se percebe que ha dilapidação, quando as verbas surripiadas attingem a cifra de centos de contos! Para baixo d'aquella quantia, cada qual pode roubar á vontade e sem risco.

Hurrah pelo Brazil, srs. *escrocs* emeritos!

=Como veem, tenho-me ido esquivando a fallar do caso de Torres Novas, caso que, em verdade, me entristece devéras, pelo que significa, pelas consequencias que pode acarretar, pelo modo como a *reportage* o explorou, romantizando-o ao sabor da sua fanthasia, e, principalmente, pelo conhecido personagem que n'elle figura como heroe.

Soriano, o tão fallado Pedro Soriano, assentou-se commigo nos mesmos bancos das aulas, nasceu na mesma terra onde eu dei os primeiros passos, e isso prende, e isso obriga a umas commiserações que a alma humana não pode banir de si com facilidade.

Em face do crime, quem estiver nas circumstancias em que eu me encontro, tem talvez força—e essa tenho-a—para voltar as costas ao criminoso, mas fallece-lhe a coragem para negar uma pouca de compaixão ao desgraçado.

O author da tragedia de Torres Novas, o heroe do casamento sacrilego no predio do Rocio, o doido da *Sociedade dos terriveis*, de Faro, o falso marido de Maria Eugenia,—segundo uns branca e loira como os anjos raphaelescos, segundo outros morena e libidinosa como as filhas da Andaluzia,—será um grande criminoso, como ahi dizem, mas é tambem um infeliz, que não teve pae a guiar-lhe os passos d'adolescente.

A justiça lançou mão d'elle, e á justiça cumpre agora investigar se os tragicos acontecimentos da charneca de Torres Novas tiveram a côr negra de que os reveste a imprensa periodica; se o matrimonio offembachiano da praça de D. Pedro foi uma simples *palhaçada*, cujo alcance e fins a *noiva* não ignorava; se esta, em vez d'innocente e pura, como a pintam os chronistas romanticos, não é uma *cocotte* emerita e uma cumplice digna de desprezo.

Quando o poder judicial conseguir tudo isto, e nos mostrar o que ha de verdade n'esse pandemonio de extraordinarios delictos, caiamos, então, com todo o pezo das nossas iras, sobre os criminosos.

A imprensa, quanto a nós, tem talvez fallado de mais ácerca do assumpto, e mal vae ella quando assim procede em questões d'esta indole, não se exhimindo a lançar mão da politica que envenena as intenções mais puras, a reproduzir simples boatos que quasi sempre a maldade forja, e a explorar o escandalo até aos ultimos detalhes, arrastada pelo prurido de se fazer ler.

D'uma só coisa a imprensa não se lembrou ainda. Proferiram-se nomes: aureolaram-se honestidades e purezas problematicas; citaram-se victimas, mas esqueceu-se a victima principal de todos estes acontecimentos, uma velhinha respeitavel, uma senhora honesta e digna, que recebe no seu coração materno uma funda punhalada em cada promenor dos crimes que o jornalismo relata; que para ahi vive ignorada, esquecida e pobre, n'uma casinha humilde, sem ter quem lhe leve uma só das consolações prodigalisadas pelos *reporters* compadecidos á loira e branca Maria Eugenia.

A mãe de Soriano estala de dôr a um canto, desamparada e sósinha, e ninguem vota uma compaixão áquelle infortunio enorme.

O que é ser-se velho!

=E, emquanto estas sombras negras se desenrolam tetricamente, os congressistas postaes divertem-se, assistindo a incendios simulados no Rocio, e refastelando-se em banquetes reaes no ministerio dos negocios estrangeiros; a politica discute ainda a resposta á falla do throno, deixando a revisão da Carta para as kalendas gregas; e as altas summidades medicas da capital vão ver as assombrosas experiencias hypnotico-magneticas do doutor dinamarquez, Carl Hansen, um sujeito d'oculos escuros e grandes barbas castanhas, que tem o poder de nos roubar a memoria, por instantes, com os seus passes e o seu fluido poderoso.

Oxalá que elle nos fizesse esquecer tudo quanto por ahi tem succedido, n'esta semana lugubre e triste!

C. Dantas.

Digitized by Google

CANTARES

I

A que martyrio, jasmim,
Teu despreso me condemna!
Todos têm pena de mim,
Só tu de mim não tens pena!

II

Dizes que este amor é fumo
E sopraste-lhe uma vez...
Sendo assim, eu não sei como
Tal fumo não se desfez ..

MANUEL DE MOURA.

GARRETT E O SEU TEMPO

XI

Voltando da Belgica a Lisboa, lança-se energicamente Garrett na vida politica, combate com um vigor inexcedivel o ministerio no *Portuguez* resuscitado, concorre com a sua penna para a revolução de setembro, e, eleito deputado ás côrtes constituintes, começa n'esse congresso, onde tambem José Estevão se estreiou, a sua brilhante carreira de orador.

O author d'estas linhas tinha apenas doze annos quando Garrett morreu, não póde por conseguinte ouvil-o na camara, nem sequer o conheceu pessoalmente; nunca o vio, nunca escutou a sua voz sonora e grave; em compensação ouvio, e mal se pode imaginar com que enthusiasmo! a voz inspirada de José Estevão. Talvez seja por isso que eu li, com um sentimento que se approxima da indignação, as seguintes linhas no livro do sr. Gomes de Amorim:

«Chamou-se a José Estevão «primeiro orador portuguez», abusando-se da facilidade com que n'este paiz se fazem classificações e se dão titulos arbitrarios. Quem assim o qualificou, ouvio-o, mas parece que não o leu. E' indubitavel que elle arrebatava por vezes o auditorio; voz, gesto, olhar, e a sua bella cabeça, todas as feições, todos os movimentos de physionomia e do corpo faziam parte do seu discurso, compunham a sua eloquencia, davam vida, energia, e persuasão á palavra ardente e impetuosa. Desapparecido, porém, o tribuno, ia-se com elle a maioria das bellezas oratorias. Recorra-se aos *Diarios:* o que d'elle nos resta, com quanto se eleva ainda muito acima da mediocridade, está longe de satisfazer em tudo os que amam a correcção da forma, a maneira de vestir elegantemente as idéas e de bem exprimir o pensamento. Garrett, pelo contrario, grave, composto, nobre, severo, e solemne até, quando cumpria, foi sempre tão admirado pelos que o ouviram, como ha de sel-o eternamente pelos que o lerem,» etc.

Desafio o sr. Gomes de Amorim a que seja mais admirador de Garrett do que eu sou, mas essa admiração apaixonada não me cega a ponto que me force a rebaixar os talentos extraordinarios que viveram e brilharam ao lado do de Garrett. Que vinte e dois annos depois da morte de José Estevão, haja um escriptor que o conheceu, e que o ouvio, que diga que «se chamou a José Estevão o primeiro orador portuguez, abusando-se da facilidade com que n'este paiz se fazem classificações»!!!! Nunca esperei ler semelhante phrase senão no livro de algum chocho detractor de glorias que não comprehende!

Mas o que é mais extraordinario ainda é a justificação da phrase! Leiam-se os discursos de José Estevão, diz o sr. Gomes de Amorim, e ver-se-ha que o que ali existe, se está acima da mediocridade, está muito longe da verdadeira belleza!

Já se vê! Leia-se o pallido reflexo que nas notas tachygraphicas ficou dos maravilhosos improvisos d'esse poeta da tribuna, leia-se o extracto amortecido, incompleto, truncado d essas admiraveis orações que nós todos ouviamos n'um enlevo, que nunca mais orador algum soube inspirar na tribuna portugueza, e avalie-se por ahi um dos primeiros tribunos não só de Portugal, mas dos tempos modernos!

Que o sr. Gomes de Amorim dissesse que um orador, se quer passar á posteridade, precisa de ser como Cicero, Garrett, ou Castelar, grande escriptor tambem, muita razão lhe encontraríamos. O orador improvisa, commove, arrebata o auditorio, depois vem para casa, reconstrue, emenda, compõe, arranja para o publico ledor esses discursos que lhe sairam dos labios candentes, na incorrecção genial da primeira inspiração.

Quantas vezes (e não applicamos esta observação a Garrett) quantas vezes esse discurso escripto é completamente diverso do discurso pronunciado! Conhece o sr. Gomes de Amorim a anecdota de Cicero. O famoso Romano, tendo de defender Milão, seu partidario, accusado do assassinio de Clodio, perturbado pelo aspecto tumultuoso do tribunal, pronunciou um discurso mediocre, e Milão foi condemnado ao exilio para Marselha.

Voltando ao remanso do seu gabinete, livre das preoccupações que o tinham assaltado em pleno tribunal, Cicero refez pacientemente o seu discurso, e escreveu a sua oração *pro Milone*, que nós hoje admiramos como uma das obras primas da eloquencia antiga. Diz-se até que, tendo enviado uma copia do seu discurso ao seu infeliz cliente, este lhe respondera, dizendo:

—Ah! se tivesses pronunciado esse discurso diante dos meus juizes, não estaria eu agora comendo os figos de Marselha!

Isto prova que a Cicero faltava uma das grandes qualidades do tribuno—a coragem. Teve-a diante de Catilina, porque estava ao seu lado a maioria do Senado; não a teve diante dos amigos de Clodio, no tribunal, quando se sentiu isolado.

Se Lamartine não fosse tambem um grande escriptor, se não tivesse podido por conseguinte recompôr admiravelmente os discursos pronunciados na praça do *Hotel de Ville* para conter o povo insurreccionado, se apenas d'esses discursos tivessemos os extractos incolores e incompletos de algum ouvinte, o que succederia? Succederia que hoje contestariamos a Lamartine, que no meio do perigo soube encontrar os accentos mais eloquentes, a palma de grande orador que iriamos dar a Cicero, que não teve comtudo no momento critico a eloquencia que só lhe sorriu de novo na placidez do seu gabinete.

Mas orador não é quem faz os seus discursos em casa, orador é aquelle que na tribuna, sob a impressão ardente dos debates ou da situação, arranca da sua alma apaixonada os discursos que arrebatam e commovem aquelles que os escutam. Esse é que é o orador, e não desconheço que uma parte do seu prestigio lhe provém da voz, do gesto, da presença. Mas tudo isso faz parte dos dotes oratorios, como o talento de dar á sua physionomia a expressão apaixonada ou tragica, á sua voz as notas lancinantes que a situação reclame, é o talento do actor. Ora o orador não é outra coisa senão a reunião n'uma só d'essas duas personalidades que na scena se separam—a do actor e a do auctor. Se essa parte do genio do orador só póde ser avaliada pelos que o viram e o ouviram, a estes ao menos cumpre dar testemunho da impressão recebida, para que a posteridade faça, em vista do seu depoimento, a justiça que os documentos escriptos a não habilitam a fazer.

Mas com José Estevão ainda succede outra coisa: é que nos seus discursos não só falta o relevo que só do seu gesto, da sua presença, da sua voz elles podiam auferir, mas falta-lhes ainda a fidelidade na copia. A tachygraphia é uma arte infantil que entre nós pelo menos dá os mais lamentaveis resultados. De um discurso que na camara se pronuncia o que chega ás notas tachygraphicas são pedaços descosidos, com as imagens desbotadas, com o pensamento incomprehensivel, com as idéas muitas vezes contradictorias. O orador lá arranja isso, como póde, e põe o discurso em estado de ser lido, mas esse discurso nunca é o discurso exacto que elle proferiu. Imagine-se o que succederia a José Estevão, que não revia os seus discursos, que deixava por conseguinte os tachygraphos ligarem uns aos outros os trechos dos seus discursos mal apanhados com banalidades de sua lavra, que substituiam assim para o futuro, para a posteridade, as expressões pittorescas e imaginosas do eminente orador.

Que um escriptor moderno, que nunca ouviu José Estevão, ao ler essas pallidas notas tachygraphicas que ahi andam pelos *Diarios*, duvide do genio do tribuno eminente, vá! mas que o sr. Gomes de Amorim, que o ouviu, que sentiu de certo circular nas suas veias o fogo com que nos incendiam a todos as palavras ardentissimas de José Estevão, venha animar a injustiça provavel da posteridade com as suas palavras crueis e injustissimas, é o que devéras se não comprehende, a não ser que a admiração do biographo pelo biographado o levasse a querer deprimir todos os que poderam achar-se um dia em competencia com o maravilhoso heroe do seu livro.

Eu porém, que ouvi José Estevão, eu que senti correrem-me as lagrimas pelas minhas faces imberbes de adolescente, quando elle ergueu a sua voz patriotica para pronunciar aquelle maravilhoso discurso do *Charles et George*, sinto que devo protestar contra as expressões injustissimas do sr. Gomes de Amorim, e bradar bem alto que não imagino que se podesse ir em eloquencia tribunicia mais longe do que ia José Estevão. Confesso porém que José Estevão não era dos oradores que escrevem, pertencia á raça dos Demosthenes mais do que á raça dos Ciceros, era tão incapaz de pronunciar no tribunal, perante uma assembléa qualquer, por mais hostil e mais tempestuosa que fosse, o discurso frouxissimo que a favor de Milão Cicero pronuncion, como era incapaz de escrever depois no gabinete a admiravel *orationem pro Milone* que Cicero escreveu. Por isso corre muito serios riscos de lhe fazer a posteridade a injustiça, que o sr. Gomes de Amorim, que o conheceu e o ouviu, lhe não devia fazer.

PINHEIRO CHAGAS.

ARRULHOS

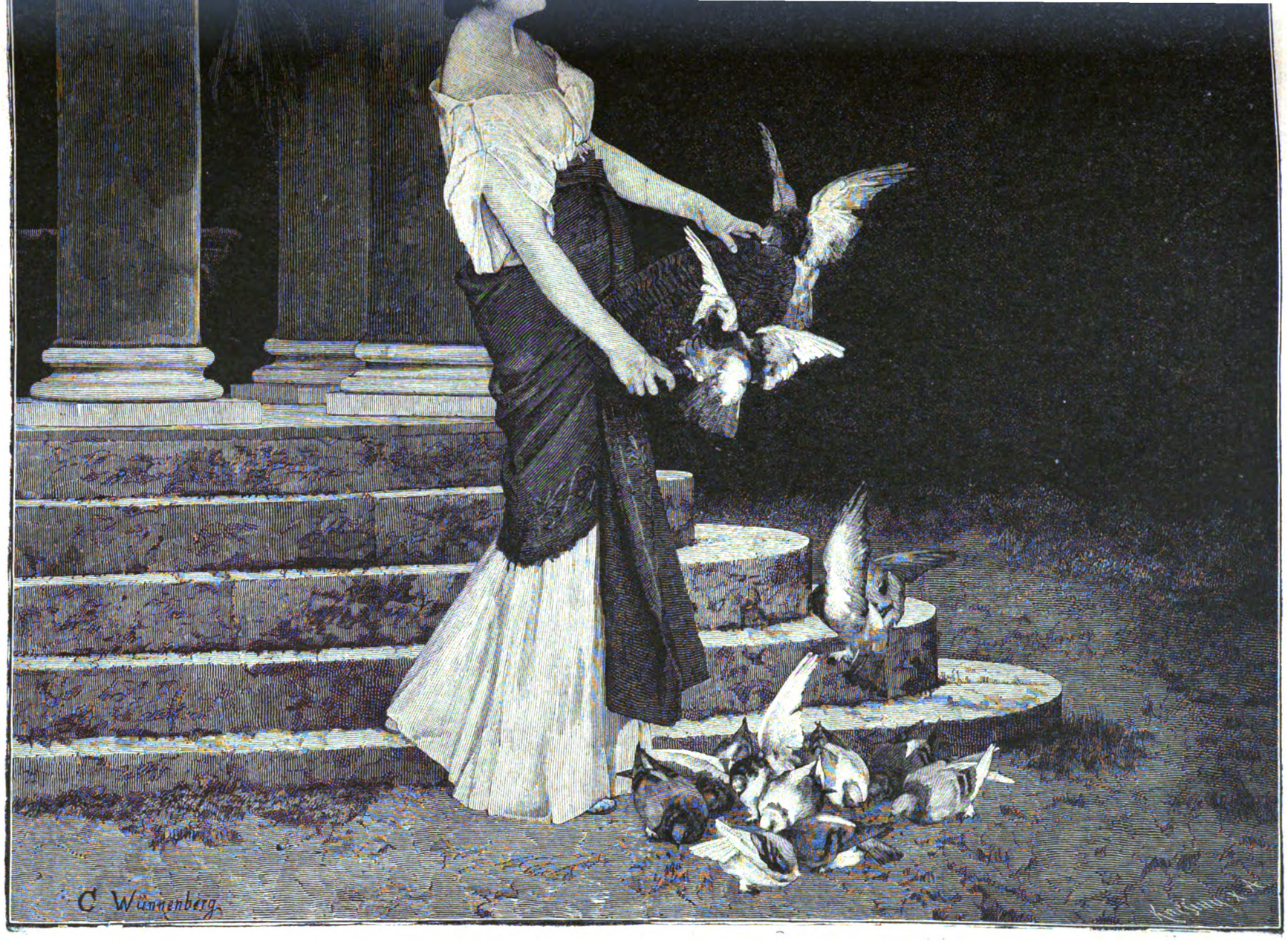
O' minha noiva, acredita,
Ando a scismar, a scismar,
Mas olha, cousa exquisita,
Não sou capaz de encontrar
Um tratamento catita,

Digitized by Google

ESPERA, QUE EU JÁ VENHO!

Digitized by Google

Digitized by Google



DANDO DE COMER AOS POMBOS

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UM TROPHEO DA BATALHA

Digitized by Google

Qualquer maneira mimosa
De te chamar—que tal'stá!—
De te chamar minha esposa
E de caminho—eu sei lá!—
Meiga, travessa, formosa.

Vejamos pois: minha estrella...
Isto é sediço, bem vés.
Meu sol?... meu bem?... minha aquella?...
Oh santo Deus, por quem és,
Como é que chamas por ella?

Estes moſinos poetas
Levaram tudo, Senhor!
Porque esgotaram, patetas,
O diccionario do amor
Em poesias selectas?

E eu que me canse em procura
D'um tratamento gentil...
E' já rançosa a figura,
Senão chamava-lhe abril,
Rosa da minha ventura,

Ou cousa assim d'este lote.
Não ha remedio, não ha;
—Prego na França um calote—
De hoje em diante, olha lá,
Chamo-te—minha *Mascotte*.

JOAQUIM LIMA.

AS NOSSAS GRAVURAS

CINTRA—FONTE DOS PASSARINHOS

A nossa gravura falla por si mesma.

Quem ha ahi hoje que não conheça Cintra? E quem ha que, conhecendo Cintra, não conheça a encantadora fonte dos Passarinhos?

Dir-se-ia que, no murmurio d'aquellas aguas, gemem os eccos melancholicos d'aquelle sitio, que parece derivar o nome de—Pena—da tristeza que sobre elle paira.

E, todavia, que frescor, que embalsamadas brisas, que suavissimos perfumes!

Costumam os namorados entalhar nos troncos das arvores annosas os nomes que teem escriptos no peito; pois bem, n'aquelle ameno sitio basta exhalar esses nomes em doces suspiros, para que as auras os repitam em suaves harmonias.

ESPERA, QUE EU JÁ VENHO!

O papagaio matreiro vê-a passar, levando uma provisão de gulodices; e, acostumado a que o sirvam a tempo e a horas, não consente delongas, quer ser o primeiro a saborear o contheudo da bandeja.

Na sua impaciencia de papagaio mimoso e mal creado, morde o vestido da pequenina dona, e é capaz de lhe morder mais alguma cousa, se ella não voltar depressa, com as paparocas do estylo, como promette.

Perdido de mimos, este *loiro!*

UM TROPHEO DA BATALHA

Assim se batiam os antigos e assim pelejam os contemporaneos, a despeito da *civilisação* do seculo: olho por olho, dente por dente. Os actuaes processos de matar serão outros, mas não são menos barbaros. Que o diga a moderna campanha entre francezes e chinas, que o diga a medonha guerra entre inglezes e egypcios.

Aquelle façanhudo guerreiro da nossa estampa cortou d'um só golpe a cabeça ao altivo moiro inimigo, e lá a leva espetada na lança, como tropheo gloriosissimo da batalha. Vae contente de si, pela proeza, e mais contente ainda pelos despojos que lhe ficaram do prelio.

O corpo exanime do vencido lá fica, insepulto no campo, mas o vencedor afasta-se, fazendo trotar o seu ginete, e lançando ainda um olhar feroz sobre o cadaver do desgraçado.

A guerra é isto.

DANDO DE COMER AOS POMBOS

Elles já a conhecem. Presentem-n'a a grandes distancias, chegam mesmo a adivinhal-a. A horas certas, veem aos bandos, de longe, dos seus ninhos tepidos, dos pombaes confortaveis onde arrulham amores, deliciar-se nos banquetes que a sua doce amiga lhes prepara. E esvoaçam alegres, e agitam as brancas azas doidamente, e beijam-n'a com meiguice affectuosa, reconhecidos e ternos. Ella adora-os, e cuida d'elles como se fossem seus filhos.

Bonito quadro, e formoso pensamento d'artista!

O CASTELLO ABANDONADO

Foi theatro de scenas gloriosas e homericas. Aquella mesma lua, que além brilha entre pequeninas nuvens cinzentas, e as aguas d'aquelle mesmo rio, que ali corre murmurando suavemente, foram testemunhas do seu passado de grandezas, viram como se combateu dentro dos seus muros soberbos, ao abrigo dos seus fossos enormes.

Hoje está velho e abandonado. Em cada buraco aberto pelas balas nas suas ameias, nasceu uma planta damninha: as hervas crescem no alto das suas torres outr'ora formidaveis e altivas.

Ninguem ousa abeirar-se do pobre castello meio derrocado. A tradição conta que vagueiam lá dentro almas penadas. O aldeão que se afoita nas suas visinhanças, faz o signal da cruz, e apressa o passo, espavorido.

Quem o viu e quem o vê!

Se um palacio tivesse rendilhado
no manuelino estylo primoroso,
onde avultasse um portico sumptuoso
pelo cinzel de Phidias trabalhado,

onde pasmasse o olhar todo enlevado
nas telas d'um Corregio portentoso,
n'um luxo do Oriente, ebrio de gozo,
de volupia n'um sonho mergulhado,

onde a vista cegasse a alvura rara
lasciva, sensual e coruscante
dos marmores eburneos de Carrara;

palacio, telas, luxo fascinante,
marmores sensuaes, tudo eu trocára
só por um beijo teu, oh minha amante!

LEON UERBA

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

MORENO VIDAL.—Temos cá, para hirem sahindo, muitas gravuras de monumentos portuguezes. Quando ellas se acabarem, aceitaremos o favor.

ALFREDO L.—Coimbra.—Accusamos a recepção do conto. Como é grande, fica de remissa.

F. A. FERREIRA.—Rio.—A *Fada* não está muito nas condições, mas veremos o que se pode arranjar.

SILVESTRE JOSÉ FERNANDES.—Braga.—Para a acquisição do premio a que tem direito, deve dirigir-se ao author da pergunta enigmatica, e não a nós.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este homem baptisou-se na egreja—1—2.

Anda na musica este animal—2—1.

Duas vezes este pronome se mostra alegre n'este instrumento—1—1—1.

Na musica nega esta moeda—1—1.

ZÉ FUNÉ.

E' doce em Roma esta ave—1—1.

PERPETUA.

Esta pedra e este fructo acompanha o soldado na marcha—1—2.

Esta lettra conduz uma ave—1—2.

Brunhozo. PADRE LEITE VELHO.

EM VERSO

(Ao Pequeno Antonino)

Retribuição

Troque n'estas uma letra,
Porém troque por vogal,
Que verá, depois da troca,
No que fica, um animal.—2

Troque n'estas uma letra,
Porém troque por vogal,

Digitized by Google

Que verá, depois da troca,
No que fica, numeral.—2.

Junte agora as duas partes,
Mas sem nada lhe trocar,
E verá que tal conceito
O senhor costuma uzar.

CARMO E SOUZA.

MATHEMATICA

Qual é o numero que, se lhe escrevermos 10 á esquerda, fica egual a 40?

Aviz. JOSÉ DA CRUZ.

EM QUADRO

— — — Esta joia
— — — E' de Roma
— — — E da artilheria

Barquinha. UM ASSIGNANTE.

LOGOGRIPHO

(A Cladio Paes Rebello)

Villa—1—4—10—7
Cidade—12—4—1—7—10
Villa—8—4—15—11
Cidade—5—2—4—8—16
Villa—4—10—2—2—8—9—10—7—14—16
Cidade—8—4—14—3—7—1

Villa

Aviz. JOSÉ DA CRUZ.

ADAGIO

```
          t
        i d
r r r r e b d f h m
r s s s e o n n n p
        e o
        e o
        a o
        a o
        a o
        a o
ã s a i s ã
```

Este adagio começa pela negativa *não*, e termina pela syllaba *do*.

FIDE LIDADE.

PROBLEMA

Quaes são os numeros inteiros, cujo producto por 8 augmentado de *1*, produz quadrados perfeitos?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Silvano—Airosa—Josefa— Capote — Socegado—Co di go
di rei to
go to so

DA PERGUNTA ENIGMATICA:—Tigre.
DO LOGOGRIPHO:—Resalina.
DO PROBLEMA:—Os numeros são 7, 15 e 48.

A RIR

Acabava de confessar-se um larapio, apparentemente contricto e arrependido, mas a quem a força do costume obrigou a roubar o relogio ao confessor, emquanto este o absolvia.

O padre notou aquella *fraqueza*, e exclamou, levantando as mãos ao ceu:

—Meu filho! é possivel que não tenhas força de vontade?!

—Não é isso, padre, respondeu o meliante. Apoderei-me do seu relogio para ver a hora a que começa o meu arrependimento.

*

Um deputado anda visitando varias terras do seu circulo.

Na villa de... o medico da localidade, que é, ao mesmo tempo, presidente da camara municipal, mostra-lhe tudo quanto ha na terra.

Chegam ao cemiterio. Era o que faltava ver.

A' porta, o esculapio insta para que o deputado entre primeiro.

—Nada, não senhor, responde o pae da patria entre-sorrindo. Depois de v. ex.ª...

—Eu exijo, torna o doutor.

—N'esse caso, obedeço. *Está em sua casa!...*

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

As batatas cruas ou raladas empregam-se muitas vezes como cataplasma refrigerante sobre as queimaduras e as ulceras.

Cozidas e reduzidas a massa, são emolientes e calmantes.

Nos banhos dos pés, a batata ralada actua como o sub-carbonato de potassa, provocando a vermelhidão da pelle. Acalma as dores de cabeça com mais rapidez que a farinha de mostarda, sem irritar a epiderme.

CARTAS AFRICANAS

(Á SR.ª CONDESSA DE...)

A'quella hora da noite era frequente encontrarem-se, rastejando pelo caminho, as viboras negras, as cuspideiras, e outros especimens com identicos merecimentos. O cheiro desagradavel era produzido pelo fumo de sapatos velhos queimados, que dizem ser unico remedio para afugentar as serpentes.

Era a ultima noite que devia passar em Jogoni. Ao despedir-me, quando entrava para a palhota, disse: Estou descontente; passar oito dias em pleno sertão, e nem sequer ter avistado um tigre, é estupido!

As palhotas são de caniço, cobertas de palha, e de fórma conica. A porta que as fecha não tem ferragem nem segurança alguma.

Começava a conciliar o somno, povoado d'aquellas figuras grotescas e phantasticas que se me afiguravam uma legião de demonios dansando n'um festim *in*fernal. De repente, todas as minhas fibras estremecem, todos os meus cabellos se erriçam! Os cavernosos berros d'uma fera, tigre ou leopardo, ouvem-se junto á palhota; o bicho estava ali mesmo arrumado, podendo metter a porta dentro só ao roçar por ella.

Meu marido, acordando sobresaltado, lançou mão d'uma azagaia, a primeira arma que se lhe offereceu. Eu corri á porta e encostei-lhe tudo quanto lá tinha dentro; espéquei-a com uma cama de viagem. Depois, carreguei o meu rewolver, e atirei-me para cima da quitanda, com o espirito bastante desasocegado.

Decididamente o meu forte não é medir-me com féras!

Meu marido, descançado com o entrincheiramento da *posição*, acabou por adormecer, com o que muito me indignei!

Os cães latiam furiosamente. A féra, ora se afastava, ora se approximava, deixando ouvir um rosnar inteiramente semelhante ao som que produz um serrote em madeira secca; vinha tão proximo, que lhe sentia ranger os dentes e soprar como um gato. Estava esfaimada, e se me não comeu, logrou, pelo menos, fazer-me passar uma péssima noite. Só desappareceu com os primeiros alvores da madrugada.

Pensa, querida condessa, na sensação picante d'uma noite assim passada!

Um tigre acalentando-nos o somno, com uns frageis caniços de permeio!

No dia seguinte, ao notarem as pégadas do animal em torno da minha palhota, faziam grande motejo da coincidencia da visita, quando eu tinha lamentado a ausencia d'aquelles potentados do sertão.

O bicho *soube*, diziam-me—e veiu então cumprimental-a, para que não sahisse dos seus dominios atirando-lhe com o epitheto de malcreado.

A's sete horas da manhã dava o adeus de despedida ás serras ondulantes de Jogoni, cobertas de matto e florestas virgens; e, com a cabeça *cheia de tigres*, embarcava para Mongo.

O Mongo, disse-me o major Serpa Pinto a ultima vez que aqui esteve de passagem para a sua actual exploração ao Nyassa, «é o sitio mais formoso que tenho visto em toda a Africa por mim percorrida.» E de facto, quando attingindo o dorso da serra, a vista se alonga pelas vertentes que ostentam com opulencia as magnificencias da luxuriante vegetação africana, descendo em extenso declive até á bacia do Mongo, que se desdobra ante a praia coberta de palmares, e se restringe, na margem opposta, ao sopé da serra aprumada e verdejante, que limita o horisonte, sente-se, como n'um templo sumptuoso, o recolhimento contemplativo que infunde a magestade da natureza grandiosa! e o mundo que deixámos, esse mundo agitado d'além mar, é como um sonho vago e distante, que se desfez no seio d'estas longiquas solidões, que nos avivam a consciencia da longitude, a saudade e o receio da eterna ausencia!

Digitized by Google

As duas janellas e a porta que formam a fachada principal da casa em que nos hospedámos, abrem sobre um balcão corrido, ensombrado por enormes maforreiros, e exteriormente revestido de jasmineiros, que exhalam um aroma penetrante. A' esquerda fica a horta, e para a direita um jardim em rampa, descendo até á praia. Ao fundo do jardim ha uma palhota, onde se installou o secretario que nos acompanha.

Entrando em casa, depara-se-nos uma multidão de jornaes e livros, e um grande realejo, que nos delicia os ouvidos, desenrolando o seu vasto reportorio ás mãos do moleque Paiamuta. Expulsos das cidades, apupados pela civilisada geração moderna, era aqui, no imperio dos seus alliados macacos, que deviam refugiar-se os vilipendiados realejos! aqui, onde teriam uma gloriosa existencia, triumphantes das humilhações que soffrem entre os homens. Venham para cá, venham!

O CASTELLO ABANDONADO

.....

Mas .. como vieram vossas magestades aqui parar?!... exclamo surprehendida, ao entrar no meu quarto. Catharina de Medicis, e Maria Thereza, imperatriz d'Austria, parecem guardar o meu somno, postadas, como sentinellas, aos lados do meu leito d'amplos cortinados. A primeira destaca-se da téla com os cabellos erguidos em topete. Tem o olhar frio e firme, e um certo sorriso mysterioso, satanico, que deveria ter-lhe animado as feições correctas ao presenciar as *gentilezas de S. Bartholomeu*. Faz-me calafrios aquelle olhar e aquelle diabolico sorriso de panthera humana; é peior que sentir roncar o tigre de Jogoni. Pela ultima vez cedo á tentação d'entreabrir as cortinas e fixal-a; faço-lhe uma careta e viro-me para o outro lado.

Então vejo descer sobre mim o olhar nobre e doce de Maria Thereza d'Austria. Prende aos cabellos uma ligeira mantilha de renda, cruzada sobre o collo esculptural. Nas feições puras e bellas transparece a magestade serena d'uma alma superiora e sã; mas... contemplando-a, figura-se-me ver, reclinada n'aquelle seio, um adoravel cabeça loira que os labios da imperatriz acariciam com amor... diviso depois a mesma formosa cabeça rolar no patibulo, tendo por algoz um povo inteiro, e... *civilisado*. Apago a luz para poder dormir, dando a preferencia ao tigre da noite precedente. No dia seguinte, quando abri a janella, já o nosso companheiro estava no balcão, lendo, e balouçando-se na cadeira.

—Dormiu bem? lhe perguntei.

—Nem por isso... tive *duas companheiras*, sem as quaes teria passado melhor noite.

—Ah! já sei!... Pois saiba que tambem eu *as* tive!...

—O que? tambem *duas*...? e da mesma especie?...

—Provavelmente... Catharina de Medicis, Maria Thereza d'Austria...

—Hein?!...

—Sim, presumo que as suas fossem para ahi... Catharina da Russia .. Izabel d'Inglaterra...

—Hein?!... Não percebo, mas não tive *lá d'essa gente*. As minhas companheiras, menos illustres mas não menos terriveis, foram duas cobras, que matei, auxiliado pelo moleque Ifaquane.

—Vou pedir para Lisboa um carregamento de sapatos velhos. E lá a deitarem-n'os fóra! que desperdicio!...

Da bacia do Mongo, em que entram tambem as aguas do oceano, partem os rigos bracejando para todos os lados, ramificando-se em numerosos canaletes que penetram por entre os mangaes. O mangal é a floresta aquatica, frondosa e exuberante, enraizada no leito das aguas, e povoada pelo reino alado.

Deliciosas caçadas ahi faziamos, em pequenos barcos deslisando serenos pelas aguas espelhentas, ao abrigo da sombra do arvoredo enlaçado, a formar, em alguns sitios, abobadas de folhagem. Os bandos de garças mostravam-n'os a sua branca e fina plumagem. Os maçaricos reaes e os patos mergulhões cahiam á pontaria certeira do habil caçador que nos acompanhava.

A cada tiro levantavam-se bandos d'aves de variadissimas cores e fórmas, soltando gritos d'alarme e fugindo em todas as direcções, emquanto que um ou outro macaco se escondia e espreitava, fazendo-nos caretas e negaças.

—Terei conseguido, querida condessa, com a perspectiva d'estes quadros, projectar um raio de sol tropical nos lençoes de neve que te envolvem e nas brancas cumiadas, erguidas como vedetas, entre o teu saudoso ninho e o teu frio e cruel exilio?! Se assim for, dizem'o, que tenho muito mais que te contar. Mas olha que os taes *senhores dos governos* teem-nos pregado boas peças!

Africa Oriental, 1—12—84.

HORTENSIA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 23 de março de 1885 | Numero 39

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gallis (A.); D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Quadro minhoto*, soneto, por José Rodrigues Valle.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Cantares*, versos, por Manuel de Moura. —*As nossas gravuras*.—*Em familia*. (*Passatempos*).—*Um conselho por semana*.—*Contos da Carochinha*, por Esmeralda.

GRAVURAS:—*Porto, egreja Nova de S. Francisco*.—*Dolce far niente*.—*Os dois modelos*.—*Uma familia nobre perante o tribunal de sangue*.—*Que bella cabeça!*

CHRONICA

Asseveram os calendarios que chegou já a Primavera, n'um carro azul e oiro, toda impregnada de perfumes, toda esplendente de luz, exhibindo na fronte um bello diadema de raios de sol, e soltando dos labios vermelhos umas endeixas lyricas, de desafio, subscriptadas a Eduardo Vidal, seu amigo velho.

Tambem as folhas noticiam que já foi vista em Vizeu, demandando os ninhos desertos, a guarda-avançada d'uma legião d'andorinhas hibernantes.

Simples facecia das gazetas, pura *blague* dos calendarios mentirosos.

Eu, por mim, ainda não enxerguei a deusa gentilissima, que todos os annos costumava trazer-nos violetas no regaço, canticos de rouxinoes na bocca rosada, calor e vida no olhar luminoso.

Ando todos os dias a ver se descubro, n'algum canto, as suas fulgurações diamantinas, se oiço em qualquer parte as harmonias da sua garganta previlegiada, se me aqueço ao seu halito suavemente morno, e afinal, quasi que sinto em mim o frio intenso de janeiro: nem calor, nem a opulenta orchestração da natureza tocando-nos a alvorada, nem uma faisca de sol que nos avigore os musculos entorpecidos, nem sequer uma tepida noite de luar, que alegre a alma enfermissa e moribunda dos poetas!

Andorinhas em Vizeu! Podia lá ser?!

Se isto fosse verdade, atrever-se-ia Simões Dias, o mimoso bardo viziense das *Peninsulares*, a pôr de parte a lyra afinada dos seus castos devaneios, e a dissertar no parlamento, onde o ouvimos, sobre a massa de ferragens para solipedes, a pedir muares para os regimentos d'artilheria de posição, a fallar em subsidios de rancho para a tropa, e em tantas outras coisas marciaes, que a musa ridente da Primavera repelle com asco?

Não se atrevia, de certo.

Em face d'este prosaismo chato que atacou o illustre vate beirão, postados diante d'esta má catadura atmospherica, que nos confrange e enerva, somos levados a crer na perpetuidade da invernia do triste 85, n'esta invernia desapiedada e cruenta, que desencadeou por toda a parte procellas tremendas, que esmagou

PORTO—EGREJA NOVA DE S. DOMINGOS

Digitized by Google

no Egypto o poder colossal da Albion orgulhosa, que nos deu o prologo d'uma guerra latente entre a Inglaterra e a Russia, e que transformou a bella Granada n'um montão de ruinas informes.

Parece que a Natureza se compraz em tornar mais sinistra a *mise-en-scène* d'este theatro mundano onde tantas e tão medonhas tragedias vemos desenrolarem-se, negando-nos os esplendores d'uma aurora sem chuviscos, as bellezas d'um pôr do sol sem nuvens pardacentas, e as delicias d'uma noite sem frio. Indubitavelmente, ou as estações se inverteram, por uma causa qualquer, que aos nossos apoucados conhecimentos astronomicos não é dado descobrir, ou a casta Primavera dos idyllios romanticos emigrou, com medo de ser esfaqueada.

Porque entre nós—vergonha é confessal-o—está-se esfaqueando brutalmente, desalmadamente, sem a mais leve noção do que seja o amor do proximo, com um desrespeito assombroso por todas as leis divinas e humanas. A facada é a suprema *ratio* dos Othellos de meia escudella, o derradeiro argumento dos brigões d'Alfama com biographia escripta no cadastro policial, a ultima palavra nas pugnas d'aquelles mesmos indigenas que a policia não conhecia ainda e que a opinião publica nos apontava como gente de boa nota.

Na rua do Capellão, um malandrim da peior estofa mimoseia o seu similhante com dez navalhadas. Tantas como os dedos das mãos. Se mais dedos tivesse, mais navalhadas daria. Procura-se a mulher n'este hediondo crime, e a mulher apparece-nos sob o aspecto não menos hediondo d'uma infeliz, das muitas que ahi se vendem, por baixo preço, nos prostibulos pelintras da fadistagem réles.

Nojento!

Na estação dos caminhos de ferro a Santa Apolonia, um trabalhador honesto, Filippe Gonçalves, assassina um seu companheiro, Jacyntho José Jorge, varando-lhe o coração com a arma traiçoeira e torpe dos gatunos emeritos.

Horas depois, vae por sua muito livre vontade confessar o crime e pedir que o mettam entre os ferros d'el-rei.

N'este caso sangrento não foi o aspide venenoso do crime que moveu o braço do homicida confesso; foi uma simples rixa suscitada ao findar o trabalho, uma questinucula de pouca monta, que tivera por prologo meia duzia de palavras sem pezo. Mas a navalha, a vilissima navalha estava ali, sobre uma banca,—deploravel acaso!—tentando um dos contendores com o brilho perfido da sua folha reluzente. E de tal modo o tentou, que elle cravou-a no peito do outro.

Perante a policia, confessou o assassino que fizera aquillo por... ter perdido a cabeça.

Todos elles dizem o mesmo, ***mutatis mutandis***.

Mal comparado, lembra-nos isto a historia d'aquelle pae tyrannico e severo, que apostrophava violentamente a filha por ter deixado *amachucar* a corôa de flor de larangeira:

—Desgraçada!
—Perdão, meu pae!
—E' pois certo?
—Por infelicidade minha!
—Mas como se passou tudo isso?
—Nós viamo-nos todos os dias...
—E depois?
—Depois, amámo-nos.
—E depois?
—Sahimos juntos á noite.
—E depois?
—Levou-me ao *restaurant* do Silva.
—E depois?
—Deu-me um beijo.
—E depois?
—Depois perdi... a *cabeça!*

Filippe Gonçalves tambem perdeu... a cabeça, e fez com que o companheiro fosse perdendo a vida.

O mais triste é que o assassino tem mulher e oito filhos, de quem era amparo, e o assassinado estava para casar tres dias depois da data do crime.

Quantos infelizes não fez aquella navalha traiçoeira!

As tragedias ahi apontadas, são, para assim dizer, os *hors d'œuvre* da ruidosa bacchanal do crime, que ha bons trintas dias se agita desenfreadamente em Lisboa e circumvisinhanças.

Os pratos de resistencia continuam a ser constituidos pelos delictos do Soriano, preso em Torres Novas, e pelo caso da rua Formosa, cada vez mais envolto nas sombras negras do mysterio. A *reportage* condimenta esses successos com a narrativa melodramatica d'episodios de sensação, e as gazetas vão dando, como desenjoativo picante, ao basbaque indigena, o retrato da Maria Eugenia, visto de perfil, a tres quartos, com trajes minhotos e *toilettes* de todos os feitios.

Phryné, a celebre cortezã grega, exhibiu, diante dos juizes maravilhados, as suas formas correctas e marmoreas. Maria Eugenia mostra-se em photographia e gravura aos archontes da opinião publica, para attrahir sobre si as sympathias que se devem a uma mulher bonita, conscia de que o melhor meio de apagar duvidas no espirito dos seus accusadores é mostrar-lhes um palminho de cara gentil.

Decididamente, não ha nada como ser-se mulher e bonita.

Por causa d'esta famosa Maria Eugenia estiveram já para bater-se dois jornalistas distinctos do mesmo gremio politico.

Vejam o poder fatal da sua diabolica belleza!

Felizmente, o bom senso metteu-se de permeio, e não se avultou com sangue de duellos a cabidela dos ultimos crimes.

=Em má occasião nos deu o visconde do Arneiro a sua *Derelitta* formosissima, constellada de bellezas raras. Mal escolhido foi o ensejo para nos offerecerem, no thea ro dos Recreios, o delicado *spartito* do *Promessio Sposi*, e em D. Maria a *Aspasia* de Augusto de Lacerda e *Um jogo de cartas*, de Alves Crespo, aquelle mimo poetico, que encerra versos d'este quilate, postos nos labios da actriz Virginia:

....
Ao mesmo tempo... é tão doce
Ser-se amada como eu sou,
Ter um marido e um lar!...
Que, emfim, se *elle* me deixou
Foi porque eu disse que fosse.
Não queria elle ficar
Apenas me conheceu
Um pouco contrariada?...
Logo: a culpada fui eu;
Não ha de que estar zangada!
E eu a accusal-o, coitado!
Tão meigo... tão extremoso...
E como foi delicado!
E como foi carinhoso!

Em tempos normaes, de calmaria e de remanso, a *Derelitta* e o *Promessi Sposi*, a *Aspasia* e *Um jogo de cartas*, seriam o assumpto predilecto dos chronistas, impondo-se á critica do jornalismo. Mas agora, quando a chronica é escripta com sangue e os espiritos andam apavorados pelas narrativas estrambolicas de tanto crime repugnante, põe-se de parte a opera, o drama e a fina *bluette* em verso, para se pensar apenas nas tragedias de Torres Novas, da rua Formosa e de Santa Apolonia.

E' por isso que todas aquellas esplendidas exhibições theatraes não receberam, talvez, na imprensa, o louvor a que tinham direito.

E é por isso, tambem, que passam despercebidas as noticias do casamento da Borghi-Mamo e do estado interessante da Sembrich. Entre nós, só o governo saudou esta ultima boa nova, agraciando com o habito de Christo o marido da *diva* polaca.

Era justo: nunca uma venera foi tão bem cabida.

=E aqui estou eu sem espaço para responder a varias insinuações immerecidas que um noticiarista anonymo do *Amphion* me subscripta, a proposito dos zingaros. Fica a resposta para outra vez, ou para outro local mais azado a polemicas d'este genero, se eu, passados oito dias, estiver ainda disposto a discutir o assumpto.

C. DANTAS.

P. S. Parece-me que vem chegando agora mesmo a Primavera. Vou saudal-a com o melhor dos meus madrigaes.

QUADRO MINHOTO

Silenciosa a tarde vae cahindo;
P'lo campo andam uns velhos aldeões;
Lá na curva da estrada vem surgindo,
A trote, uns formidaveis alazões.

Ao lado do caminho, uns jornaleiros,
Mal ouvem os cavallos relinchando,
A enchada pouzam logo, e vão ligeiros
Saber quem vae no carro ali passando.

E ao verem a elegancia d'um vestido
E um rosto feiticeiro e conhecido,
Inclinam respeitosos a cabeça...

No seu formoso *break* recostada,
Sorrindo, passa alegre e perfumada
A herdeira do fidalgo, a viscondessa.

JOSÉ RODRIGUES VALLE.

Digitized by Google

GARRETT E O SEU TEMPO

XII

Pelo enthusiasmo com que fallámos nos incomparaveis talentos oratorios de José Estevão, não se julgue nem por sombras que temos em menos conta os de Garrett. A leitura dos seus discursos arrebata-nos, e, como nunca o ouvimos, mal podemos julgar o que elle seria na tribuna. O que fizemos, porém, no antecedente artigo foi rebater as palavras menos justas proferidas pelo sr. Gomes de Amorim a respeito de José Estevão. Ser-nos-hia impossiv l fazer conscienciosamente a comparação entre Garrett e José Estevão. Ouvimos José Estevão e nunca ouvimos Garrett; lemos Garrett e pode-se dizer que nunca lemos José Estevão, porque o pouco que figura nas paginas dos *Diarios* com o nome de discursos de José Estevão, póde affirmar-se que não é, que nunca foi a fixação no papel d'aquella palavra apaixonada e ardente, de que só guardam memoria fiel os echos da sala do parlamento, que nunca mais ouviram accentos semelhantes.

Pareceu-nos incompleta e como mais de uma vez temos notado, a descripção feita pelo sr. Gomes de Amorim do papel parlamentar de Garrett. Cingiu-se demasiadamente o sr. Gomes de Amorim ao seu papel de biographo. Dá conta de todos os discursos pronunciados pelo seu heroe, faz d'elles extractos larguissimos; isola-o porém completamente, não o colloca no tempo e no espaço, ao lado dos seus amigos e em frente dos seus adversarios, não o rodeia da athmosphera da discussão em que vibravam as suas magnificas orações. Comtudo ha, como sempre, n'este ponto do livro do sr. Gomes de Amorim, particularidades preciosas, anedoctas graciosissimas, como é a seguinte, que nós já conheciamos, sem sabermos porém que se déra o caso com Leonel Tavares:

«Entrando na camara, achou Leonel fallando. No momento de abrir a porta, exclamava o orador:

—Sr. presidente, dizem todos os publicistas...

Ignorando absolutamente de que se tratava, o poeta, caminhando para a sua cadeira, disse em voz alta:

—Não são todos.

Sobresaltado com a interrupção, emenda Leonel:

—Sr. presidente, dizem muitos publicistas...

—Tambem não são muitos, replica o cruel interruptor, proseguindo serenamente no seu caminho.

A camara já ria a bom rir. Muito desconcertado, a victima lança ao poeta um olhar indescriptivel, e torna:

—Sr. presidente, dizem alguns publicistas ..

—Diga quaes são, volve sentando-se o implacavel zombeteiro.

—Pois bem, sr. presidente, digo eu...

—Ah! isso agora é outro caso. O senhor póde dizer o que quizer.

Presidencia, camara, galerias, rompera tudo em gargalhadas, sem que fosse possivel manter-se a gravidade do logar durante alguns instantes.»

Um assumpto, que é tratado com bastante desenvolvimento pelo sr. Gomes de Amorim, e a respeito do qual nos dá effectivamente muitas noticias interessantes, é a questão da propriedade litteraria, de que foi Garrett sempre um perseverante propugnador.

O relatorio do projecto de lei apresentado por Garrett, na camara, para estabelecimento da propriedade litteraria, é uma verdadeira obra prima. Não o conheciamos, e admirámos devéras aquella exposição lucida e substanciosa, tão differente dos magros relatorios que em épocas mais recentes teem precedido bastantes projectos de lei.

O papel representado por Herculano, n'esta questão de propriedade, é tambem largamente descripto e commentado com demasiada amargura pelo sr. Gomes de Amorim. Sou tanto mais imparcial n'esta minha observação quanto, partilhando completamente as idéas de Garrett e do sr. Gomes de Amorim ácerca de propriedade litteraria, procurei até em tempo, e já depois da morte de Herculano, refutar as idéas do grande historiador n'uma brochura intitulada *A propriedade litteraria, carta ao imperador do Brazil*, que o sr. Gomes de Amorim não conhece de certo, porque, se a conhecesse, alguma vez a citaria, ainda que não fosse senão quando essa brochura tem a honra de se encontrar com o livro do sr. Gomes de Amorim em algumas idéas e argumentos.

Não sou pois suspeito, porque sou um dos que mais se teem espantado com os paradoxos de Alexandre Herculano. Nunca percebi como foi que um espirito tão lucido e tão logico se poude deixar seduzir pelos sophismas que predominam na sua celebre carta. Mas desejaria bem que o sr. Gomes de Amorim, sem deixar de combater pela causa justissima que defende, mostrasse um pouco mais de reverencia pelo gigante, que ha oito annos desappareceu do mundo dos vivos.

Mas deixemos isso: o que ha devéras interessante na obra do sr. Gomes de Amorim é a historia intima de dissenções que houve entre Herculano e Garrett por causa d'esse assumpto. Herculano mandou a Garrett a carta que escrevera e imprimira; Garrett respondeu-lhe com a seguinte carta, que transcrevemos, porque é um documento preciosissimo para a nossa historia litteraria.

«Alto do Salitre, 28 de septembro, 51.

«Meu am.º e snr.—Agradeço o obsequio da sua carta, que hontem recebi em S. Bento, e que, pela letra do sobrescripto, conheci que vinha da sua mão. Não lhe sei expressar o sentimento que tenho de me ver tão largamente discordante da sua opinião sobre um assumpto grave como é a propriedade litteraria; e é maior ainda o meu sentimento, porque sei que ambas as nossas convicções são profundas e sinceras—e não dão portanto esperança de se approximarem jámais. Póde ser—e sei que é—muito menos sincera a fé de muitos dos que sustentam a minha e aproveitam com ella; mas é certissimo que, nos que seguem a sua, ha um grandissimo numero de tratantes e traficantes da escravatura branca dos pobres auctores.

«Folgo de que esteja convencido de que a minha opinião, velha, radicada, e tenaz como tem sido, não é, nem pode ser movida senão por outras especies de motivos—d'aquelles que sempre e unicamente me movem em tudo—é o que eu entendo ser o bom e o justo,

«Agradeço-lhe as expressões de consideração da sua carta; mereço-lh'as só por uma razão, e é porque ha muito e sempre lh'as paguei adiantadas—sem favor da minha parte, é certo; mas n'estes tempos justiça mesmo se não faz sem favor. Não direi o mesmo do seu artigo do *Paiz*, que sinceramente confesso me feriu, não pelas idéas, mas pelo modo sarcastico e pelas insinuações de motivos que o infinito numero de intrigantes e malevolos que nos rodeiam aproveitariam de certo para fomento da calumnia, seu pasto e regozijo.

Jervis pedia-me que respondesse a tal artigo; eu respondi-lhe que a resposta estava nos meus officios que a secretaria de estado devera ter publicado com a convenção, assim como no meu relatorio á camara dos deputados em 1838 e 1839. D'ahi a publicação de alguns dos ditos papeis. N'um d'elles citei o seu nome, porque ainda estou convencido que até ha no projecto (hoje decretado) um artigo (ou paragrapho) seu sobre escriptos immoraes ou coisa que o valha. De que ninguem então absolutamente impugnou o principio da propriedade litteraria estou certissimo. E as actas e diarios da camara farão fé.

Meu amigo, a Inglaterra, que copiou a minha pobre convenção, a que realmente não sei porque cabe o epitheto de *triste*, o Hanover que tambem já o fez—a Prussia e a Hespanha, que o estão fazendo, lhe dirão melhor que eu quanto é necessario converter em direito internacional as regras que defendem *isto* que eu chamo propriedade litteraria, por não separar-me da linguagem que todos entendem—a que daria de boa mente outro nome, se lh'o achasse—embora ella não tenha, como não tem, todos os caracteres que, em stricto apice commum de direito, deve ter a propriedade. Assumpto para brilharem talentos como o seu e forças dialecticas superiores, mas que me parece não mudam o estado da questão.

Direi muito mais; hoje estou doente e massado de trabalho. E verdadeiramente não quiz nem queria dizer-lhe senão que agradeço a remessa do exemplar da sua carta, que me deixou mais *impenitente* e endurecido do que nunca; mas satisfeito de que os intrigantes, que tanto mais poderosos são, quanto lidam com caracteres severos e ingenuos como o seu, o não podessem persuadir de que eu—nem por desforço—era capaz de faltar a um amigo—ainda persuadido de que elle me faltava.

Emquanto não respondo á *materia*, esta é a resposta provisoria á *forma*—aliás ainda muito *objeccionavel*, em *certos pontos* da sua carta.

Bem sabe que sou seu amigo verdadeiro e obrigado—*Almeida Garrett*..»

A resposta de Herculano a esta carta de Garrett, tão simples e tão nobre, é, devemos dizel-o, prolixa e rabugenta. Sentimos não a poder transcrever pela sua extensão, porque é tambem um documento precioso do singular furor que se apossava de Herculano quando se tratava de propriedade litteraria. Parece que elle, no fundo da consciencia, sentia que sustentava um paradoxo, e que por isso mesmo se exaltava na sua defeza. A serenidade de Garrett, serenidade propria de quem tem a consciencia de que defende a verdade e de que tem por si a consciencia universal, como que o desvairava, fazia-lhe, como se diz, perder as estribeiras. Muito mais do que a carta impressa, esta carta particular, agora publicada pela primeira vez pelo sr. Gomes de Amorim, mostra o estado singular do espirito de Herculano em toda esta questão.

PINHEIRO CHAGAS.

CANTARES

III

O rio leva mais agua
E não choveu, todavia...
E' a que vem d'esta magua
Ter aos meus olhos, Maria!

Digitized by Google

DOLCE FAR NIENTE

Digitized by Google

Digitized by Google

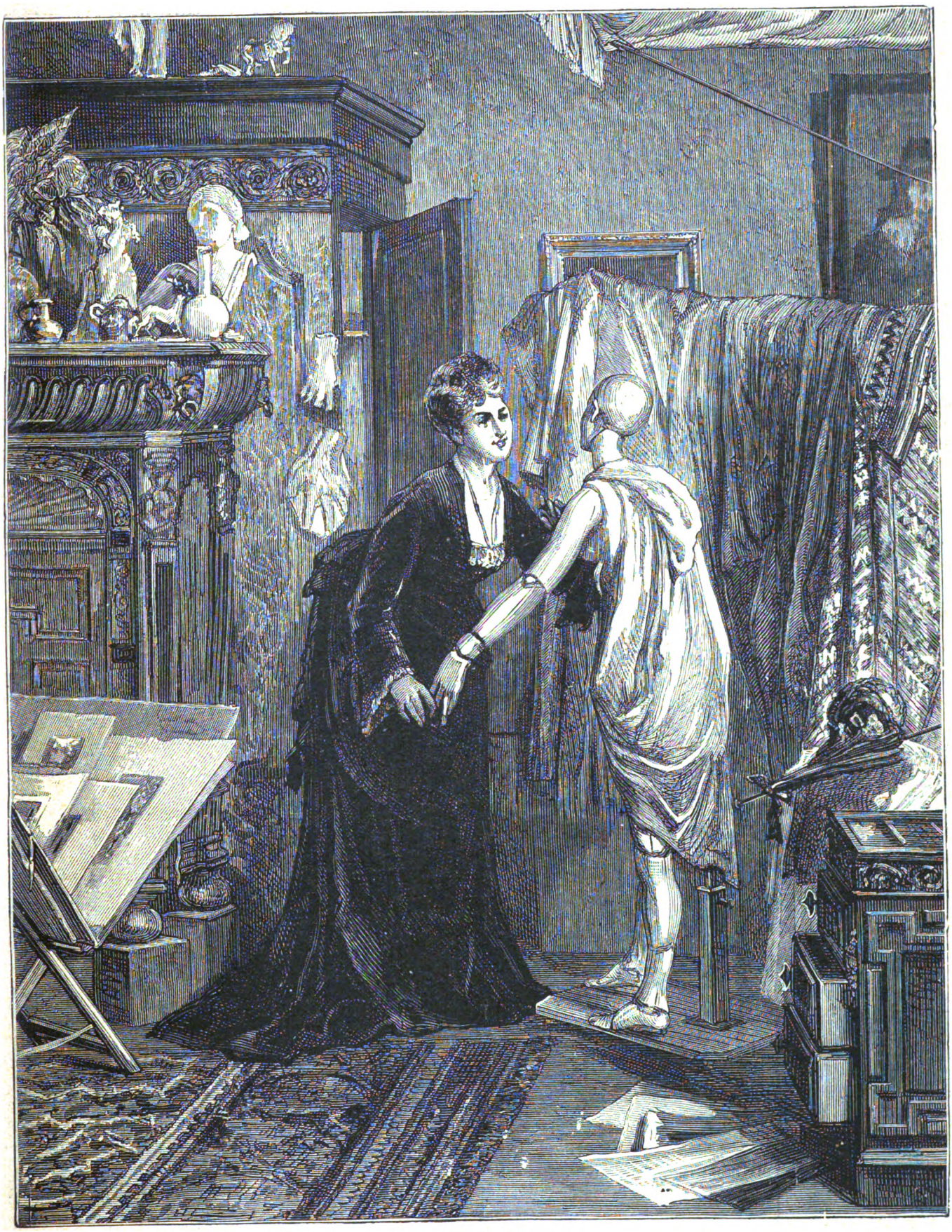
UMA FAMILIA NOBRE (GUEUX) P

Digitized by Google

ERANTE O TRIBUNAL DE SANGUE

Digitized by Google

Digitized by Google



OS DOIS MODELOS

Digitized by Google

IV

Por mais que tu longe estejas
De te amar não cessa o ardor:
Que tu és sol que dardejas,
A luz que accende este amor.

V

Ouço a rosa murmurar
Que és muita ma... Eu, porém,
Nunca t'o pude chamar...
Apesar do teu desdem.

MANUEL DE MOURA.

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTO—EGREJA NOVA DE S. FRANCISCO

A egreja de S. Francisco, do Porto, está situada na rua de S. Francisco, junto da Bolsa.

Pertenceu aos religiosos observantes da ordem de S. Francisco, que se haviam estabelecido fóra dos muros da cidade, em 1233.

Dois seculos depois, D. João I, por causa dos estragos que os de Castella haviam feito no antigo edificio, durante a ultima guerra, mandou que edificassem novo monumento, o que fizeram no local onde hoje se vê, e para onde se mudaram em 1404.

A fabrica da egreja é grande e rica. Divide-se em tres naves, que se admiram pela muita entalha em madeira, que as cobre e que é toda dourada.

Incendiado o convento, que então servia de aquartelamento militar, na noite de 24 de julho de 1832, sobre as ruinas do antigo mosteiro construiram os commerciantes d'aquella praça o edificio da Bolsa.

Perto d'essa egreja vê-se a egreja nova ou capella de S. Francisco, cuja fachada a nossa estampa representa.

Está conservada com muito aceio, e tem quadros de Vieira Portuense.

E' digno de attenção o amplo e famoso cemiterio subterraneo, sem egual em Portugal. E' todo em abobada e similha as catacumbas de Roma.

DOLCE FAR NIENTE

Somnolenta, languida, a desafiar beijos e caricias n'aquella *pose* de *madonna* grega, não podemos saber ao certo se é a estatua provocadora da seducção, tentando quem passa, ou se é apenas uma formosissima rapariga do povo, boa e simples, que se poz ali a descansar de longa caminhada, e que pede ao *dolce far niente* d'alguns minutos o vigor preciso para ir mais longe.

Seja o que fôr, ninguem deixará de chamar-lhe encantadora, mesmo envolta, como a estamos vendo, n'aquelles trajes singellos e despretenciosos.

OS DOIS MODELOS

O titulo explica bem a gravura. São os dois modelos do *atelier*, que se estão divertindo um com o outro. E' o *manequim* e o *modelo vivo*. Só ella é que nos poderia dizer que graça encontra n'aquella brincadeira. Não tem que fazer, faz aquillo. O artista, dono do *atelier*, é que talvez não gostasse, se visse aquella dança, que póde dar em resultado o ficar com dois *manequins* em vez d'um. Aquella brincadeira não póde deteriorar o *vivo*, mas póde ser fatal ao morto. Aos que a accusarem de empregar mal o seu tempo, seria bom perguntar se os que trabalham para enriquecer, se os que lêem maos livros, se os que ouvem má musica e se os que vão ver representar más comedias, o empregam melhor. E' divertimento d'um cerebro ôco, é verdade, mas passar a vida a fazer negocios para ser cada vez mais rico, acaso é occupação menos banal do que esta, ou mais digna d'um cerebro bem organisado?

UMA FAMILIA NOBRE PERANTE O TRIBUNAL DE SANGUE

Este quadro representa um incidente na Hollanda, durante a lucta entre Philippe II de Hespanha e os fidalgos neerlandezes, que se recusavam a abandonar a religião reformada para seguirem a do fundador da Inquisição. Filippe, desesperado com a resistencia que elles lhe fizeram, mandou o duque d'Alba, com um poderoso exercito, para sujeitar aos hollandezes e ao mesmo tempo destruir a confederação dos *gueux*, que se tinha formado entre os fidalgos para defenderem o protestantismo. Como a obra da vingança contra os nobres não era possivel com os tribunaes ordinarios, por causa das demoras das formalidades dos processos, erigiu um novo tribunal, que foi bem conhecido pelo nome de «tribunal de Sangue» nome sinistro dado pelo povo. Todos os que eram accusados de prégar ou de terem dado asylo aos prégadores, eram presos como reus de alta-traição. Uma grande parte pertencia ás familias ricas e fidalgas, por isso que se recommendava aos delatores o escolherem estas de preferencia. Os fidalgos soffreram esta perseguição com bastante coragem. Perseguia-se por prégar, e os que não prégavam, bastava que recebessem em suas casas algum prégador, ou que o soccorressem, ou que tivessem assistido a alguma ceremonia da nova Igreja, ou que tivessem mostrado por qualquer outro meio affeição ás doutrinas prohibidas; bastava um pretexto d'esses para serem perseguidos. O tribunal sentenciou muitos á morte. Velhos e novos morriam heroicamente, até que, em 1572, os *gueux* revoltaram-se, começando uma lucta que durou vinte e sete annos e que acabou pela independencia dos Paizes Baixos. O episodio representado na nossa gravura é o da leitura do acto de accusação de uma familia de fidalgos.

QUE BELLA CABEÇA!

O desalinho artistico d'aquella cabelleira, a amplidão d'aquella testa, e, sobre tudo, o brilho intenso d'aquelles bellos olhos pretos, muito rasgados e muito luminosos, denunciam um espirito capaz de largos voos, susceptivel de grandes commettimentos.

Ha n'aquella fronte juvenil e intelligentissima como que os reflexos d'uma alma d'artista a desabrochar. Sente-se a gente bem fitando-a, e não póde deixar de dizer, ao cabo d'um instante de contemplação:

Que bella cabeça!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

NINA.—Mil agradecimentos pelas suas boas palavras. Procuraremos cumprir á risca o nosso programma, satisfazendo tanto quanto possivel os desejos dos nossos leitores.

CABO D'ESQUADRA.—Leiria—O soneto está incorrecto, e por essa rasão não o publicamos.

MURÇARENSE.—Belem.—Tenha paciencia, mas ainda não lhe chegou a vez. Roma e Pavia não se fizeram n'um dia.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

No homem e no navio é embarcação—2—2.

Este verbo e e este instrumento formam uma povoação portugueza—1—1.

ZÉ-FUNÉ.

Esta medida não tem nada de barato, porque é de barro—1—2.

Quem substitue a divindade é o Papa—2—2.

Coimbra. ABRUNHOZA.

Quente e meiga allumia—1—2.

Rio. SOUSA LAURINDA.

Este fructo está na musica e traz-se na mão—2—1.

Este verso e esta mulher é producção d'animal—2—2

Cintra. MENDES E SILVA.

EM VERSO

E' só d'agua que se formam—2
Não senhor! Tenha lá mão!—1
Dentro d'agua é que se cria,
Mas formar-se d'ella, não.

CUSTODIO SILVA.

EM TRIANGULO

. . . . . Nome de mulher
. . . . . Nome de homem
. . . . . Observação
. . . . . Arvore
. . . . Instrumento
. . . Musica
. . Substantivo
. Artigo

Leiria. ERNESTO D'A. HENRIQUES.

Digitized by Google

EM QUADRO

— — — O vestido
— — — d'esta senhora
— — — é um fructo

Coimbra. ABRUNHOZA.

ADIVINHAS POPULARES

Sou arbitro da desgraça
E tambem da boa sorte;
Em vida nada governo,
Governo depois da morte.

Por conta ás vezes dou conta
D'abundante cabedal;
E, procedendo d'um bruto,
Faço bruto o racional.

Com o prestimo que tenho
O meu nome não condiz;
Só por interesse faço
O desgraçado feliz.

Sirvo uma fera senhora,
Para a servir me criei;
E' tão nobre que anda ás vezes
Até ao lado do rei.

Seja no campo ou na côrte,
Traz uma guarda comsigo;
Porém nunca está melhor
Do que quando está commigo.

Não lhe posso reprimir
Os impetos que ella tem,
Mas commigo é que se acouta
Apenas offende alguem.

PERGUNTA ENIGMATICA

(Ao auctor d'uma outra, publicada no n.º 37, cuja decifração é *Tigre*)

Qual é a palavra, que é rio e peixe?

Porto. N. A. D'ALBUQUERQUE.

LOGOGRIPHO

Sendo distincção honrosa—8—3—4—8—6—3—8—5
Não duvideis que é sciencia—5—6—9—10—3—10—1—8—5
E doença perigosa—5—3—6—8—3—5
Que dá provas de demencia—1—10—3—10—1—5—3—8—5

Juntando a este metal—1—5—6—3—2—4—8—10
Uma aldeia italiana—1—5—9—7—3—6—10
Achareis um animal—10—3—5—6—9—10
Que muitas vezes engana—5—6—10—8—9—10

Conceito, leitor amigo;
Já o dou com mil vontades!
Porém, sómente vos digo
Que o todo *traz novidades.*

MATHEUS JUNIOR.

PROBLEMA

Quaes são os numeros cuja somma é 45, e que, multiplicados respectivamente por $\frac{3}{4}$, $\frac{4}{5}$ e $\frac{6}{7}$, dão productos eguaes?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Sacristão—Girafa—Bisturi—Fanão - Melro—Mochila—Aguia—Antonino—L—Pe ro la
ro ma na
la na da

DO LOGOGRIPHO:—Oliveira d'Azemeis.

DO ADAGIO:—Não serás abastado, se primeiro não fores honrado.

DO PROBLEMA:—Sendo x um dos numeros procurados, como $8x + 1$ deve ser um quadrado, (necessariamente numero impar), será tambem a raiz impar; logo $8x + 1 = (2n + 1)^2$, sendo n inteiro, d'onde se tira $x = \frac{n(n+1)}{2}$.

A RIR

Um carvoeiro entra no estabelecimento de um oculista e pede oculos para lêr.

—O sr. lê com a sua vista natural?—pergunta-lhe o oculista.

—Não senhor.

—Então faz favor de ir experimentando esses.

O carvoeiro experimentou quasi todos e diz, por fim:

—Não me servem nenhuns.

—Mas, uma coisa: o sr. sabe lêr?

—Ora essa! Que pergunta! Pois se eu soubesse lêr para que precisava de oculos?

*

N'uma banca de jogo:

—Jógo!

—Retiro os meus cinco tostões!

—Mas o senhor não apontou coisa alguma!

—Não? Então, retiro... o que disse.

*

Dois amigos que não se viam ha muitos annos, um engenheiro e outro poeta, encontram-se debaixo da Arcada do Terreiro do Paço.

—Adeus, Jorge, tu por aqui?

—E' verdade; vim tratar d'uns negocios. E tu, que fazes em Lisboa?

—Vivo do meu talento.

—Devéras? Pois ninguem acredita que se possa viver aqui com tão pouco!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA FAZER COGNAC

Espirito de vinho.....	15 litros
Agua pura.....	10 »
Assucar queimado.....	4 onças
Extracto de cognac.....	2 »
Xarope de melaço.....	400 grammas

Misture-se tudo, agite-se bem, e obteremos assim um excellente cognac.

CONTOS DA CARÓCHINHA

AS TRES BOAS FADAS

(CATULLE MENDÉS)

Havia n'esse tempo tres fadas:—chamavam-se Abonde, Myrtile e Caricine;—estas tres fadas eram boas, além do que se poderia imaginar. Não sentiam prazer senão em soccorrer os desgraçados, e era n'essa tarefa que empregavam todo o seu poder. Por cousa alguma do mundo se envolveriam nos folguedos das suas iguaes, ao luar, no bosque de Broceliande, nem se assentariam na sala dos festins, servidas por sylphos que enchem de gottas de orvalho os calices dos lyrios, se não tivessem primeiro consolado alguma dôr humana; e as fadas tinham o ouvido tão apurado, que mesmo de longe sentiam apertarem-se os corações e correrem as lagrimas.

Abonde, que visitava de preferencia os arrabaldes das grandes cidades, apparecia de repente nas casas pobres, entrando ora pela fresta ora pela chaminé; compadecida ao aspecto d'essas mansardas, onde tremiam e morriam de fome miseraveis familias sem trabalho, a fada metamorphoseava-as em sumptuosas residencias, guarnecidas de bellos moveis, providas de dispensas atacadas de viveres e de cofres cheios de moedas de oiro.

Não menos caritativa, Myrtile frequentava sobre tudo a gente do campo, que se lamenta nas suas cabanas quando o granizo queima a flor dos pomares, e que entre a hucha sem pão e o armario sem roupa, pergunta se não seria preferivel abandonar os filhos na floresta, á falta de os poder sustentar e vestir; a fada restituia-lhe a coragem, offerecendo-lhe talismans, aconselhando-lhe que fizessem votos, que não deixavam nunca de realisar-se; e muitos, que chegaram a não possuir uma migalha de pão para offerecerem a um pintarroxo que vinha bater com o bico na vidraça, viam-se de repente abastados, felizes, dirigindo uma casa amplamente fornecida, como um poderoso monarcha, habitando um palacio de porphiro e pedrarias.

Quanto a Caricine, o que mais a interessava eram os desgostos dos namorados; ella transformava as inconstantes e as coquettes, em amantes fieis, conseguia enternecer os pais avarentos que se negam a sanccionar a ventura de seus filhos; e quando sabia que um pobre mendigo se apaixonara pela filha de um rei, metamorphoseava-o em um principe bello como o dia, alim de

Digitized by Google

que elle podesse desposar a mulher amada. De sorte que, se este estado de cousas se prolongasse por muito tempo, desappareciam da face da terra, graças ás tres boas fadas, as miserias e angustias.

*

Era isso o que não convinha a um genio mau, que nutria contra os homens e as mulheres sentimentos abominaveis; só a possibilidade de deixar de haver no mundo soffrimentos e lagrimas, causava-lhe um insupportavel tormento; o genio enfurecia-se contra as tres excellentes fadas,—não sabendo qual das tres lhe inspirava mais odio—; resolveu, por conseguinte, mallograr-lhes o poder que empregavam em fazerem felizes os desgraçados.

A empreza era facil, pois que se tratava de um genio poderosissimo.

O genio mandou comparecer as fadas na sua presença; depois, franzindo as sobrancelhas, annunciou-lhes que ia prival-as, por

QUE BELLA CABEÇA!

espaço de muitos seculos, do seu feerico poder; acrescentando quo só dependia da sua vontade transformal-as em animaes malfasejos, ou em objectos inanimados taes, como troncos de arvore, regatos, etc.; mas que, por um impulso misericordioso, lhes permittia escolherem as formas sob as quaes deveriam passar o seu tempo de penitencia.

Não se calcula o desgosto que experimentaram as boas fadas! Pouco lhes importava perderem as suas glorias e os seus privilegios; de bom grado renunciariam ás danças no bosque de Broceliande e ás festas nos palacios subterraneos, onde se accendem astros de rubis; mas o que as pungia era verem-se privadas de soccorrer os miseraveis! «Pois que, pensava Abonde, hão de morrer de fome e frio nas mansardas tantas mulheres e homens, e eu não poderei consolal-os!»

«Myrtile dizia:» Que succederá, nas suas cabanas, aos camponezes e camponezas, quando as tempestades de granizo abaterem os ramos dos pomares? Quantas creanças chorarão abandonadas nas urzes dos caminhos, farejadas pelos lobos?

Caricine, soluçante, exclamava:

«Quantos namorados vão padecer! E agora que eu acabava de saber que um pobre cantor das ruas, sem casa nem familia, morria de ternura pela princeza de Trebizonda! Como ha de elle desposal-a?»

E as tres boas fadas choraram amargamente durante muito tempo, como que soffrendo todas as dores que não podiam converter em jubilos, e derramando todas as lagrimas que não podiam enxugar.

A dizer a verdade, restava ás fadas, no auge do seu desespero, um pequeno lenitivo. Sendo-lhe permittido designar as apparencias sob as quaes viveriam entre os humanos, a sua bondade descobriria talvez, mercê de uma feliz escolha, o meio de exercer-se.

Ainda que reduzidas á fatal impotencia das pessoas mortaes ou das cousas pereciveis, nem por isso as fadas deixariam de suavisar a dor dos infelizes. Reflectiram pois na melhor forma que deveriam escolher para não cessarem de ser caritativas.

Abonde, que se lembrava dos pobres das aldeias, concebeu primeiro o desejo de se ver mudada em uma pessoa muito rica, espalhando esmolas sem conto; depois, recordando-se dos fornos apagados e dos leitos sem cobertores, não lhe desagradaria ser uma chamma confortadora, um bom leito onde repousassem os trabalhadores fatigados.

Myrtile appeteceu ser uma rainha, para poder offerecer o logar de camaristas a todos os camponezes perseguidos pelos rigores do inverno.

Quanto a Caricine, desejando lisongear e suavisar os corações, consentiria de boa mente em ser transformada em uma bella esposa, fiel, sincera, cuidando unicamente da felicidade do esposo, ou em uma timida e amante noiva.

Em seguida, occorreram-lhe outros pensamentos; e as fadas hesitavam, comparando as vantagens das differentes metamorphoses.

*

Entretanto, o genio gritou:

—Então! já escolheram? Ha muito que deliberam, e eu não tenho tempo a perder. Que desejam ser? Vamos, fallem sem demora, assim o exijo!

Houve ainda um longo silencio: em seguida, Abonde tomou a palavra:

—Quero ser o vinho que se bebe nas tabernas aldeãs! Porque, superior ao pão da esmola, ao vapor morno da sopa e ao repouso do leito, a consoladora embriaguez encanta os corpos e os corações fatigados.

—Quero ser, disse Myrtyle, as cordas da rebeca de um velho menestrel! Porque, ainda mais do que os fatos de brocado, que substituem os farrapos, a canção e a dança animam os pobres.

—Quero ser, disse Caricine, a bohemia das ruas, que offerece aos transeuntes o seu riso e os seus beijos! Porque é no amor livre, aventuroso, cambiante, sem decepções nem saudades, que o homem esquece o enfado e o desespero annexos á existencia!

Desde esse tempo, Abonde ri nos copos cheios sobre as mezas das tabernas, Myrtile faz dançar as nupcias campestres debaixo das arvores da grande praça ou no pateo das estalagens; mas no meio do prazer que experimentam as fadas despenhadas, ao sentirem a vibração da alegria de que são origem, um espinho punge-as: a emulação despertada por Caricine; porque as duas ex-fadas não ignoram que foi ella que escolheu a melhor caridade.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35. LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 30 de março de 1885 Numero 40

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Jesus Christo!*, por Guimarães Fonseca.—*As nossas gravuras.*—*Em familia. (Passatempos).*—*O dinheiro*, por Magalhães Fonseca.

GRAVURAS.—*O livramento de S. Pedro.*—*O Casamento de Santa Catharina.*—*A transfiguração.*—*Jesus no Golgotha.*—*Jesus Christo e os phariseus.*—*A Caridade.*

O LIVRAMENTO DE S. PEDRO (Quadro de Raphael)

Digitized by Google

CHRONICA

Appareceu, emfim, a doce mensageira do estio, a luminosa e garrida primavera dos poetas lyricos. Tardou, mas veio. Fez-nos repetidas negaças, dando-se ares d'amante pudibunda, mas afinal cahio nos nossos braços, acariciou-nos a epiderme com um beijo demorado e sensual.

Descriam já da sua vinda os pobres tisicos desenganados, e os pallidos menestreis romanticos. Prescrutando, com o olhar vago e amortecido, o horisonte onde ella teimava em não pôr as suas tintas vigorosas, uns e outros definhavam a olhos vistos, mordidos pelo desanimo, sem inspiração para umas redondilhas, sem vigor para arriscar dois passos fóra da alcova humida, tresandando a perchlorureto de ferro, a vinho de Bugeaud e a oleo de figados de bacalhau rancento.

A primavera, porém, condoeu-se d'aquelles miseros e veio robustecer-lhes o sangue desbotado, e veio affagar a musa anemica dos bardos d'alfenim, com uma restia de sol vivificadora.

A' sua apparição fulgurantissima, os cangalheiros desesperados teem visagens de Mephistopheles contorcendo-se sob o punho da espada de Valentim, e a poesia nacional enflora-se com mais uns dithyrambos de palmito, em honra das bellas auroras reluzentes que nos saúdam.

Todavia, a risonha estação dos bucolicos não appareceu, d'esta vez, animada das melhores intenções para com a humanidade saudosa dos seus perfumes e das suas caricias.

Um pouco travessa e um tudo nada traiçoeira, exhibe-se com uma versatilidade de temperaturas, que não estava nos seus habitos antigos de primavera honesta.

De manhã—legisladora authoritaria—decreta, n'um raio de sol ardente, o desterro do *par-dessus* abafadiço para as profundas do guarda-fato.

A tarde—governante caprichosa—revoga o mandato pouco antes emittido, e obriga-nos a modificar a *toilette* matutina, em face do seu nordeste siberiano.

A' noite— ministra leviana—destroe, n'uma simples portaria, toda a legislação recentemente approvada pelo parlamento athmospherico, e mando-nos envergar de novo o *par-dessus*, e diz-nos que será bom recorrer ao agazalho do morno *cache-nez* de seda, para o que der e vier.

Mais inconstante que a politica da nossa terra, desfaz hoje o que fez hontem, revoga amanhã o que decretara na vespera.

E quando a gente não se percata contra estas evoluções operadas consoante os seus caprichos, quando não attenta nas variantes continuas de temperatura que s. ex.ª nos envia, apanha uma constipação desalmada, tendo de recorrer ao xarope de seiva de pinheiro e aos sinapismos de Rigolot.

Dans la première du printemps
Au théâtre de la nature,
Font les rhumes l'ouverture
Avec tous les éternûments.

Les amoureux, sous la coudrette,
Voulant fêter le renouveau,
Ne cueillent pas la violette,
Mais bien des rhumes de cerveau.

Disse isto não sei quem e não me lembro onde, mas estou bem certo de que foi exactamente isto o que me succedeu a mim, na *première* da Primavera, sem ser *amoureux* e sem ter ido colher violettas pelas campinas fóra, festejando a recem-vinda.

=Eu peço desculpa á minha illustrada e excellente collega, a sr.ª D. Guiomar Torrezão, de ter acabado de citar e quasi traduzir uns versos francezes, applicando-os ao coryza rebelde com que me brindou a quadra das flores, gentilissima.

Desde que s. excellencia recebeu, e fez publicar, *urbi et orbi*, uma honrosa missiva de Alexandre Dumas filho, em que o author da *Dama das Camelias* nega a todos os escriptores portuguezes—D. Guiomar áparte—a sciencia de traduzir francez, é caso serio e gravissimo arriscar-se a gente pelos meandros da lingua de Victor Hugo, mesmo quando tem, entre os seus papeis velhos e os pergaminhos amarellecidos das suas cartas de curso, um certificado d'exame d'aquelle idioma.

Que a minha talentosa collega me perdoe qualquer raia, caso eu a tenha perpetrado, como é de crer, e que me dê licença para contar aos leitores a historia da tal carta de Dumas, tal qual o *Figaro* a narrou ha dias, quando a attenção de Lisboa inteira estava preza aos crimes do Soriano.

Escreveu a folha pariziense:

«A critica, que de modos tão diversos tem apreciado a nova peça de M. Dumas, *Denise*, não impediu que o author recebesse, de todos os pontos do estrangeiro, propostas para deixar ali traduzir e representar aquella peça.

«Em Portugal, designadamente, sabemos que madame Guiomar Torrezão, jornalista das mais distinctas, traduziu e vae fazer representar a *Denise*, tendo recebido de Dumas a seguinte carta:

«Paris, 11 de março de 1885.

Minha senhora:

Reputo-me bastante feliz por lhe ter dado, de preferencia a qualquer outra pessoa, o direito de traduzir e de fazer representar em portuguez a minha peça, *Denise*.

Quando digo por ter dado, é um modo de fallar *toute à mon avantage*, (deixamos a phrase franceza) visto v. ex.ª ter pago e largamente aquelle direito.

E' a primeira vez que tal cousa nos succede em Portugal.

Creio e espero que este bello exemplo será seguido pelos outros traductores. O que elles poderão tambem imitar de v. ex.ª é a maneira de traduzir; mas para isso, é necessario que comprehendam, como v. ex.ª comprehende, todas as subtilezas da nossa lingua, tão difficil.

Queira aceitar, minha senhora, os protestos, etc.,

Alexandre Dumas filho.»

«Temos o maior prazer em publicar esta carta, onde se presta homenagem a madame Torrezão—acrescenta o *Figaro*—e esperamos que o exemplo por ella dado seja seguido, no interesse dos nossos litteratos, por todos os traductores estrangeiros.»

Salvos os dispauterios da traducção—perdoe-nos s. ex.ª, pelo amor de Deus, todos elles— eis a historia da carta que Alexandre Dumas filho endereçou á nossa collega, roubando-lhe o doce titulo virginal de *demoiselle*, mas vendendo-lhe—*elle a payé et tres largement*,—o direito de traduzir a *Denise* para o theatro de D. Maria.

E ahi está como Gabriel Claudio, não isento de traduzir sem pagar,—atire a primeira pedra quem se julgar immaculado—arranjou uma descompostura monumental de Dumas para os traductores portuguezes que não satisfaziam os direitos respectivos.

Em Anvers arrastam o nosso credito pelas ruas da amargura, appellidando-nos de bancarroteiros n'umas brochuras anonymas. Em Paris põem-nos de rastos, chamando-nos larapios n'umas missivas descortezes.

A que nós chegámos!

Nós é um modo de fallar. Em boa hora o diga, eu nunca roubei Dumas nem quejandos. Tambem, o que não faço é pagar-lhes largamente as suas *Denises*, porque as lettras, entre nós, andam cotadas pelas horas da morte, e o sr. escrivão de fazenda do bairro entendeu dever contemplar-me com uma collecta monstruosa, por eu ter perpetrado em, tempos, o crime nefando de dedicar um pobrissimo soneto á Rainha.

=Continuamos a viver sob o dominio de Rocambole, influenciados por uma estrella nefasta, que desenrola diante de nós crimes pavorosos e escandalos inauditos.

Hontem, um casamento simulado; hoje um parto supposto. Amanhã, se as coisas caminharem n'esta progressão sempre crescente, teremos de registrar um baptisado ficticio, e haverá, até, quem morra phantasticamente, como nos velhos melodramas de theatro.

Resumiremos a narrativa do facto, passado no 2.º andar do predio n.º 35 da calçada dos Paulistas.

Figuram na peça, como personagens principaes, um rapaz da mais fina sociedade, L. de M.; uma formosa cigana, sua amante, Margarida Alvarez; uma parteira, a sr.ª Maria dos Santos, e a creada de Margarida.

Em volta d'estes personagens apparecem, fazendo depoimentos e emittindo pareceres, os medicos mais illustres de Lisboa.

Margarida viera ha quatro annos de Hespanha, negociar, por conta alheia, com os attractivos da sua gentil mocidade. L. de M. enamorára-se d'ella, e construiu-lhe um doce ninho, muito confortavel, na calçada dos Paulistas, para onde a levou.

Mas a bella Margarida, ao que parece, não quiz só o amor e a cabana offerecidos pelo amante: fanthasiou um enlace matrimonial, com a competente coroa de larangeira symbolica, e julgou que o melhor meio para ver realisado este intento, seria presentear L. de M. com um fructo authentico d'aquellas relações peccaminosas.

A difficuldade, porém, estava exactamente n'isso. A arvore presistia em não dar fructos, nem á mão de Deus Padre! Culpa d'elle ou defeito de ambos.

Mas a loira Margarida—dizem-nos que é loira como a sua homonima do *Fausto*,—não se prendeu com aquelle pequenino embaraço. Simulou, durante mezes, um estado cada vez mais *interessante*, teve enjoos e appetites extraordinarios, fez, de parceria com L. de M., a contagem das luas, e quando se aproximava a ultima—lua funesta!—*deu á luz* uma creança alentada, que nascera vinte e quatro horas antes, do ventre d'outra mãe, e que a parteira Maria dos Santos apresentou como filha d'aquella, depois de fazer, a sós com a *parturiente*, na penumbra da alcova, a *mise-en-scène* repugnantissima e sangrenta do estylo.

Um coração de vacca espremido convenientemente pela coma-

Digitized by Google

dre, dois gritos da *mãe* e tres vagidos da *recem-nascida*, deram ao acto a côr realista que o caso pedia.

No entanto, o *pae* da creança não se deixou illudir pela torpe comedia, e em vez de oscular soffregamente o fructo do *seu* amor, correu a informar a policia de tudo quanto se passava. Um pae tyranno!

E o mais galante do caso é que os homens de sciencia, chamados a dar parecer sobre o *parto*, tomaram a sério o sangue do coração de vacca!

Epilogo: Margarida, *quebrando o regimento imposto ás parturientes*, foi para o Aljube, de camaradagem com a comadre Maria dos Santos. A creancinha, unico personagem inconsciente d'esta comedia, foi requisitada pelo avô authentico, que só agora soube que o era; e L. de M., esse, ficou liberto das garras do amor e dos encargos pezadissimos da paternidade.

Assim se desfaz um idyllio!

C. DANTAS.

O CASAMENTO DE SANTA CATHARINA

(Quadro de Correggio)

GARRETT E O SEU TEMPO

XIII

E'-nos impossivel acompanhar o sr. Gomes de Amorim em todo o seu vasto e interessantissimo estudo. Temos de saltar ora aqui, ora além, já para fazermos uma observação ou uma critica, já para copiarmos algum trecho interessante, já para accrescentarmos alguma informação ás que o sr. Gomes de Amorim congregou na sua obra. Não seguimos ordem chronologica, nem ordem de assumptos sequer; vamos perfeitamente ao acaso do nosso capricho.

Entre muitas cartas interessantes de amigos ou de conhecidos de Garrett, que figuram n'estas memorias, apparecem algumas de Manoel Rodrigues da Silva Abreu e de José Gomes Monteiro, que são verdadeiramente preciosas. Conheci essas duas sympathicas physionomias, uma pessoal e intimamente, a outra por intermedio de um amigo, que tão vivamente m'a descreveu que posso jurar que a conheci.

Manuel Rodrigues da Silva Abreu, bibliothecario de Braga, era o homem mais devotado a Garrett que nunca existiu em Portugal. O amigo a quem me referi fôra seu intimo, e folgava de me pintar frequentes vezes esse digno velho, que as suas cartas a Garrett nos fazem apreciar tão favoravelmente.

Modesto, de uma timidez quasi selvagem, cheio de honrados e invenciveis escrupulos, Silva Abreu, que abandonára um pequeno logar que exercia quando a Carta Constitucional foi derrubada pela revolução de 1836, não quiz nunca nem sollicital-o nem acceital-o de novo, quando lh'o offereceram, apezar de estar nos mais crueis apuros. Apertado quasi pela fome, escreveu a Garrett, a Herculano e a Castilho, pedindo-lhes simplesmente que favorecessem com algumas palavras de animação um livro que elle publicára, afim de ver se conseguiria vender mais alguns exemplares, cujo producto servisse para se livrar da angustiosa situação em que se encontrava.

Todos tres, que o conheciam e estimavam, satisfizeram generosamente o seu pedido: Herculano no *Panorama*, Garrett no *Correio de Lisboa* e Castilho não sabemos já em que jornal.

Não conhecemos o artigo de Castilho; o de Garrett temol-o agora pela primeira vez transcripto nas *Memorias biographicas* que temos presentes, mas o de Herculano conheciamol-o ha muito, e sempre nos fizera scismar. A publicação das cartas de Silva Abreu veio dar-nos a chave de um enigma que por muito tempo não souberamos decifrar.

Silva Abreu, que vivera sempre retirado no seu canto da provincia, era em litteratura um retardatario. Os seus ideaes eram os de 1820, ainda meio classicos, posto que já illuminados pela aurora do romantismo. Adorava Filinto Elysio, e quiz imital-o, traduzindo em verso um romance em prosa de Florian, como Filinto vertera em verso prosaico a prosa poetica dos *Martyres* de Chateaubriand. Silva Abreu lembrou-se de traduzir o *Eliezer*. Só a um arcadico de Braga lembraria traduzir semelhante coisa no tempo em que

Hugo portait déjà dans l'âme
Notre-Dame.
Et commençait á s'occuper
D'y grimper.

Imagine-se por conseguinte o meu ingenuo espanto ao encontrar no *Panorama* um largo elogio ao *Eliezer* de Silva Abreu firmado pelas iniciaes de Alexandre Herculano. «Este *Eliezer*, pensava eu, é por força uma maravilha de versificação, de estylo e de linguagem; mas, se o é, como pode perceber-se que o nome de traductor me seja completamente desconhecido? Silva Abreu nunca mais escreveria coisa alguma? Porque?

«E como se pode imaginar tambem, perguntava eu a mim proprio, que tão notavel poeta fosse ao mesmo tempo de tão mediocre gosto que perdesse o seu tempo e o seu talento com a insipida prosa do cavalheiro de Florian? E como é que Alexandre Herculano achava isto tão natural que nem tinha uma só palavra para verberar a escolha do traductor, embora elogiasse a perfeição do seu trabalho?

O que diria eu se conhecesse n'esse tempo o artigo de Garrett! Que espanto não seria o meu ao ver, sem explicação plausivel, o nosso immortal poeta a procurar todos os modos e maneiras de elogiar Florian, a achar profundamente philosophico o seu *Numa* e arrojadissimo e seu *Guilherme Tell!*

Como li agora este artigo de Garrett já com a explicação ao lado, não sei bem o que imaginaria se o tivesse lido em tempo! Parece-me comtudo que, se o artigo de Herculano me surprehendeu, o de Garrett com certeza me faria imaginar que o grande poeta n'esse tempo endoidecera.

Não sei o que diria Castilho, mas, sabendo o que elle era quando queria á viva força elogiar alguem, e vendo n'uma carta de Silva Abreu a confusão em que o modesto bracharense ficou ao ter conhecimento do artigo do author da *Primavera*, imagino que este deu boa medida, e que queimou nas aras do *Eliezer* todo o incenso dos seus thuribulos.

Declaro porém que acho um espectaculo commovente o d'estes tres grandes homens fazendo os maximos esforços para exaltar aquella obrinha de Florian, e para cantar as glorias do traductor, cujos versos aliás são realmente correctos, harmoniosos e vernaculos! Tratava-se de dar um pedaço de pão a um santo homem que só honradamente o queria ganhar, que não pedia, nem acceitava outro favor senão o de lhe recommendarem o seu modesto livrinho, e aqui temos Garrett sacando da sua penna mais bem aparada, da sua penna das *Viagens na minha terra*, e desfazendo-se em elogios de toda a casta ao livro, ao auctor, e ao traductor. Tudo ali é bom: typographicamente é uma maravilha. Apesar de ter sido impresso em Braga, o *Eliezer* portuguez parece mesmo que saiu dos prélos de Didot, ou de Alfredo Mame de Tours. O author é um homem extraordinario, quasi rival de Shakespeare. Até, para ser consciencioso, o pobre Garrett foi ler ou reler as obras de mr. de Florian. O traductor é um poeta de primeira ordem, o ultimo cysne da Castalia portugueza. E vira o livro, e revira-o, e torna-o a virar, e não encontra senão maravilhas por dentro e por fora.

Herculano, mais sobrio, não é comtudo menos elogioso. As linhas que consagra ao livro de Silva Abreu mostram bem como elle desejava ser-lhe agradavel.

Não sei se se esgotou a edição do *Eliezer*, sei que Garrett, mostrando-se sempre affeiçoado a Silva Abreu, lhe alcançou emfim o unico logar que elle appetecia, o de bibliothecario de Braga, proporcionando-lhe ensejo de passar socegada e descuidosamente a sua vida entre os livros, seus queridos companheiros. Silva Abreu fez mais do que não ser ingrato, votou a Garrett um culto. Sente-se nas cartas que o sr. Gomes de Amorim publica essa verdadeira adoração, mas é ella confirmada, sobre tudo, pelo fanatismo que Silva Abreu conservou até á sua morte por Almeida Garrett. Fallava d'elle como se falla de um Deus Nunca lhe chamava senão o «divino Garrett». Os annos que lhe sobreviveu passou-os n'um extasi perenne diante d'essa memoria respeitada e querida.

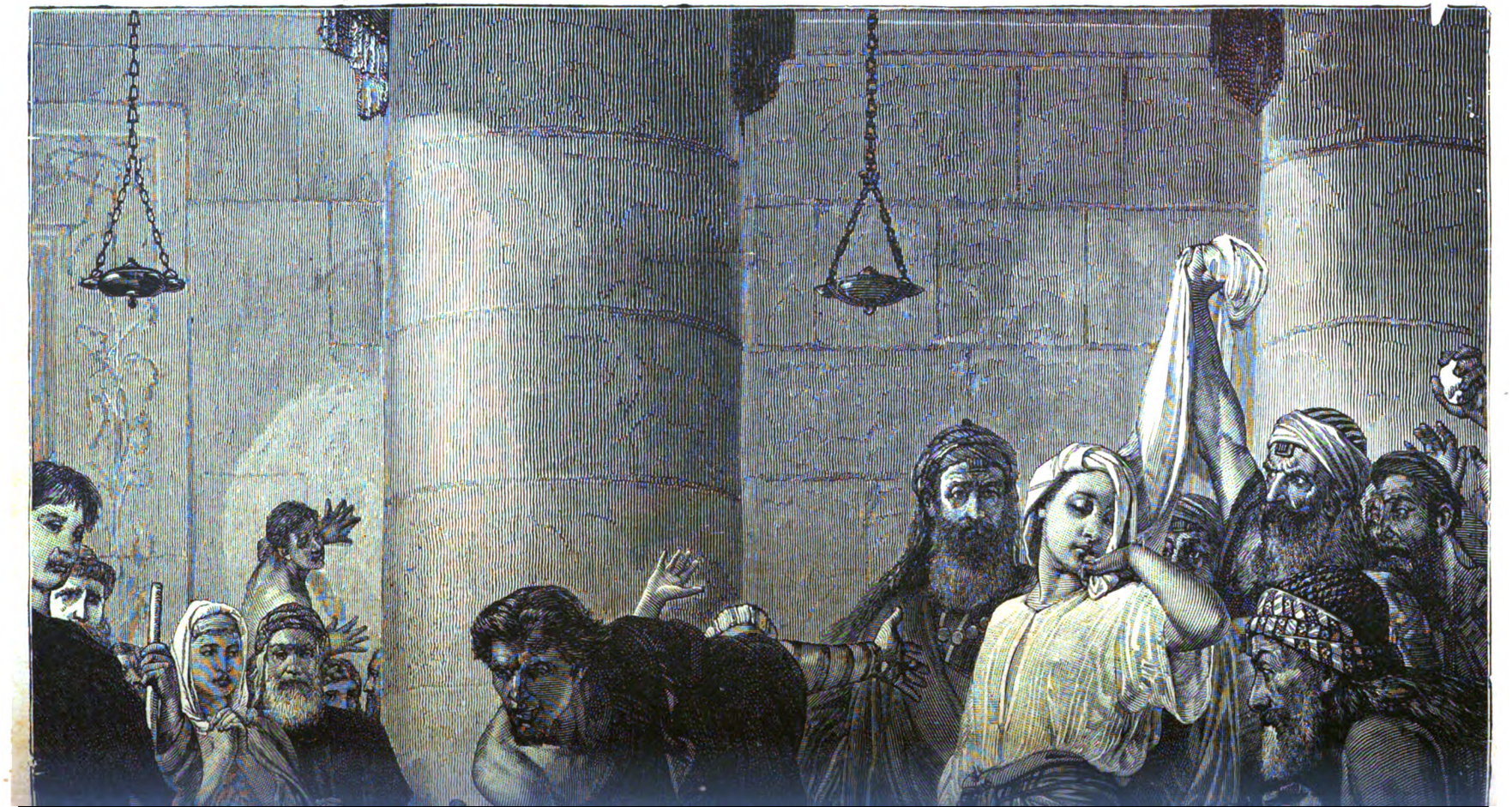
O outro correspondente de Garrett, José Gomes Monteiro, foi um homem que não teve nunca a altissima reputação que lhe cabia. De uma modestia extraordinaria, comprazia-se na sua meia obscuridade, e nunca revelou ao publico senão a centesima parte do muito que sabia. Ah! se as differentes pessoas que

Digitized by Google

A TRANSFIGURAÇÃO (Quadro de Raphael)

Digitized by Google

Digitized by Google

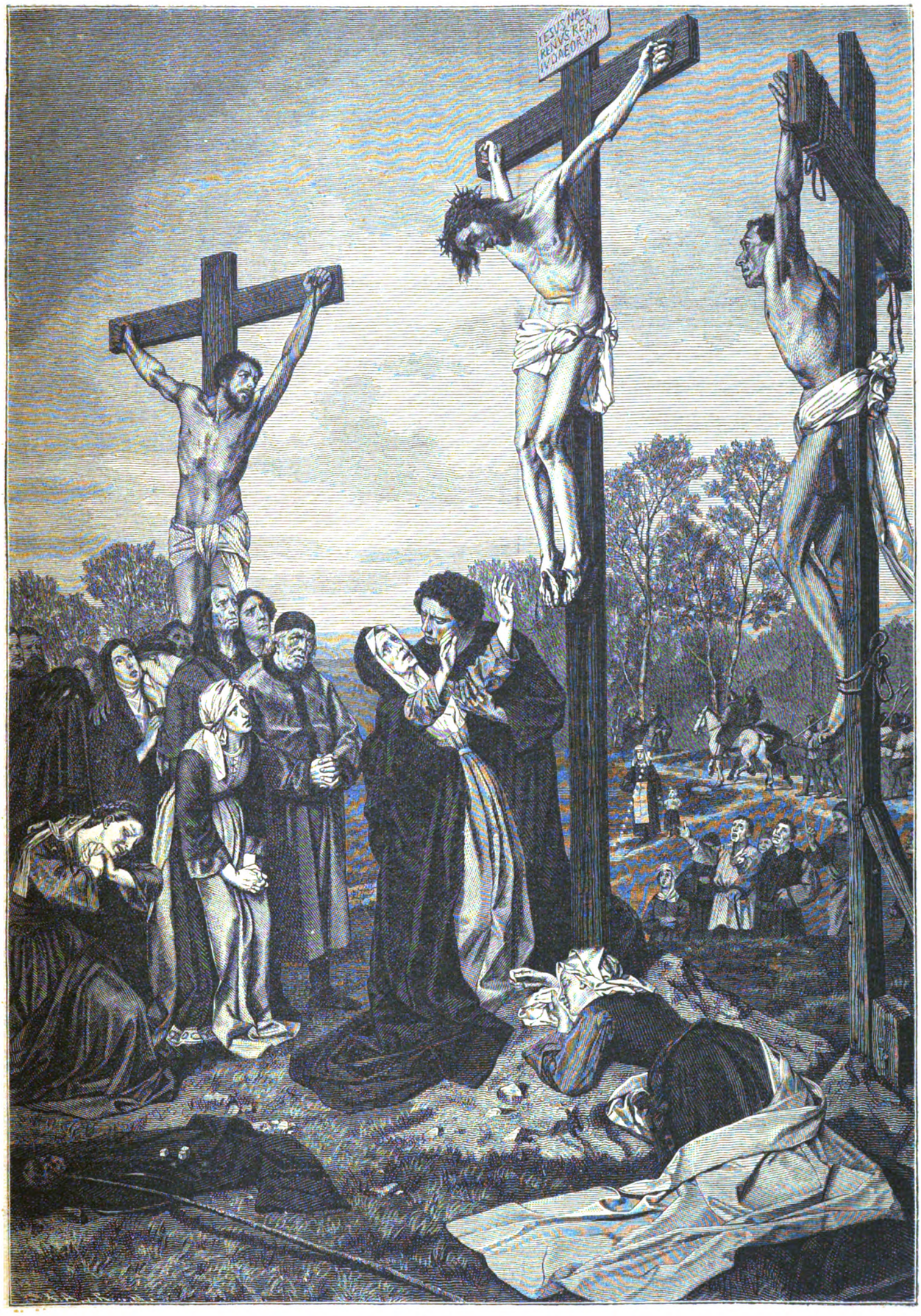


Digitized by Google

JESUS CHRISTO E OS PHARISEUS

Digitized by Google

Digitized by Google



JESUS NO GOLGOTHA (Quadro de E. V. Gebhardt)

Digitized by Google

tiveram relações com elle se combinassem para fazer publicar as suas cartas, que excellente, que preciosa collecção! Como então se conheceria aquelle finissimo espirito, aquella erudição perfeitamente moderna, que nunca ficára atraz dos progressos do seu tempo, e cujos thesouros espalhava com mão prodiga, favorecendo com elles quantos lh'os pediam, e que muita vez se levantavam depois com o santo e com a esmola. Se todas essas cartas se publicassem, quantas pennas de pavão lá iriamos encontrar que reconheceriamos por tel-as visto já cá por fóra no corpo de varias gralhas!...

Conheci-o nos ultimos tempos da sua vida, quando, socio gerente da livraria Moré, reunia em torno de si um grupo de rapazes intelligentes, que ou o escutavam como um oraculo, ou discreteavam largamente na sua presença, limitando-se elle a escutal-os com um sorriso affavelmente desdenhoso. Depois nas suas preciosas cartas é que desaffogava á sua vontade, e que thesouros de fina e chistosa critica não ha por ali dispersos! Esse tambem conservava piedosamente, como n'um sacrario, a memoria de Garrett, e a sua adoração, por não ter o caracter quasi fetichista da que ao author da *D. Branca* tributava Silva Abreu, não era nem menos sincera, nem menos profunda.

PINHEIRO CHAGAS.

JESUS CHRISTO!

Agora mais que nunca, ó divino martyr, precisamos do sudario das tuas lagrimas, para que todos os grandes infelizes vejam no teu caminho doloroso, desde o horto ao calvario, o supremo exemplo da resignação.

Todos os dias é decepada uma vergontea da frondosa arvore da vida, arrancado um pomo antes de amadurecer aos raios do sol de estio, levada uma folha nas azas tempestuosas do vento, antes do amarellecer sombrio do outono, antes das rajadas frias do norte, que açoita os ramos das florestas.

Santo Deus! que doença mysteriosa, que pallido espectro, que negra mortalha, que nuvem de sangue tolda o horisonte luminoso d'este seculo!

Que delirio de morte, como sombra do abysmo, preside ao festim das nossas alegrias, ao grande banquete do progresso, onde os convivas, engrinaldados de flores, bebem na taça de ouro o lethal veneno, e embebem no seio o punhal de fogo do suicidio!

Adejam sobre nós as azas negras da morte violenta; erguem-se os altares de ferro, onde se immolam as cabeças loiras, as cordeiras brancas, as pombas tristes, as rolas viuvas e gemedoras!

As harpas da poesia ideal quebram-se contra os rochedos de granito escuro, que se destacam nas sombras carregadas das ingremes serranias do mundo.

A desesperança, a noiva da morte, sacode as lagrimas de gelo das suas orbitas profundas.

Plana sobre este seculo a mão do phantasma descarnado e macilento, que brande o facho do sepulchro.

Por toda a parte, no meio das festas industriaes, no meio da grande orchestra dos canticos da vida, elle, o Ashaverus lugubre, solta aos quatro ventos a mortalha fria do cemiterio!

E o que é o cemiterio? O que é essa vasta necropole, onde descem, a todos os momentos, as pallidas hecatombes dos mortos, na inanidade mysteriosa, no silencio sombrio, na mudez dos labios fechados para sempre? Quem vae perguntar ás lapides funereas o segredo d'aquellas cinzas!

Quem vae, ás noites de luar, entre as virações melancolicas dos cyprestes, quando chovem nas campas os raios das estrellas, ouvir o silencio dos tumulos? Quem indaga o mysterio assombroso da eternidade?

E caminhamos assim, com a venda nos olhos desvairados, para lá, para a profundidade infinita, para o oceano pavoroso das sombras, para o abysmo tenebroso da morte!

Que delirio, que ancia, que desespero nos impelle o braço convulsivo, que rasga as arterias, traspassa o coração, e trucida as entranhas!

E o sol ainda é bello, as violetas ainda perfumam os valles, as margaridas ainda matizam os prados, a harpa maviosa das aguas ainda sussurra entre as ramarias dos álamos, e dos sinceiráes verdejantes, acompanhando as modulações harmoniosas da ave solitaria, do rouxinol maguado e doce; e as ondinas dos lagos, e as nuvens do poente, e as orvalhadas auroras, ainda nos bordam em lavores celestes o grande quadro, o esplendido panorama, o vestido roçagante da natureza. Então, para que fechamos os olhos á luz, para que cerramos os ouvidos ás ineffaveis melodias, e abafamos o coração aos suavissimos amores de Deus?

Ai de nós! a chlamyde de purpura do oriente da vida, como a nuvem de fogo do ceu, queima-nos, e nem todas as lagrimas bastam para apagar-lhe o incendio devastador. Queima-nos este ambiente do seculo, devora-nos esta sêde de felicidade, asphixia-nos esta atmosphera do mundo, que respiramos anciosos, offegantes, entre os arrancos da alma attribulada.

Nós passamos no meio dos esplendores da civilisação moderna, como os condemnados ás feras do circo romano, coroados de flores.

A nossa corôa rasga-nos a fronte com os espinhos do martyrio lento, pertinaz, intimo, lacerante, cruento e dolorosissimo.

Não ha um braço de esposa e mãe, que nos cubra com as rosas do amor as feridas sangrentas; não ha pomba e ramo de oliveira no meio d'este diluvio de aguas revoltas e negras; não ha palavra de consolação para este horrisono ranger de dentes e estalar de ossos, quebrados pela mão de ferro dos gigantes do cynismo, da gelida indifferença por todos os soffrimentos.

Resta-nos a tua palavra divina, ó Christo! Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados.

Quantas maguas despresadas, quantos suspiros perdidos no vento do deserto, quantas almas transviadas nas escabrosas veredas da desesperança!

Foste tu, ó symbolo eterno e sacrosanto do soffrimento do homem, que ergueste a fronte de todos os infelizes e de todos os martyres para o ceu da vida infinita.

A desesperança, depois do teu martyrio sublime, já não póde ser a noiva mysteriosa da morte, que vem com o sorriso desmaiado e frio, o peito de marmore, e a mão gelada, inerte, apontar-nos o nada do tumulo.

Já não se póde invocar o genio da eternidade, o genio do infinito silencio, tendo á cabeceira do nosso leito solitario, nas longas insomnias das noites tenebrosas, o rosto severo e funebre d'esse espectro fatal, a desesperança.

Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados!

A desesperança já não póde ser a nossa confidente, o alvo dos nossos maguados anhelos, o termo da nossa peregrinação dolorosa, o nosso ultimo somno.

Nos seus braços já não podemos adormecer para sempre; nos seus labios frios já não podemos colher a flôr do beijo derradeiro.

Guia-nos tu, ó Christo, á morada eterna!

Dá-nos o travesseiro de pedra á nossa cabeça cançada, e a terra fria ao fogo das nossas paixões febris.

Sê tu, ó divino martyr, o nosso doce amigo, o desvelado irmão da nossa alma, o affectuoso companheiro da nossa longa viagem.

Ensinaste-nos com as tuas lagrimas tudo o que havia além do tumulo.

Cahimos, como a doirada messe, ceifada pela foice cortadora e fria.

Depois .. as noites estrelladas, os murmurios dos cyprestes, as visões luminosas e brancas, as azas das virações maviosas e tristes, os raios da lua nas cruzes de jaspe, as estatuas silenciosas e compassivas, a soledade infinita da morte.

.....

Beati qui lugent.

GUIMARÃES FONSECA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O LIVRAMENTO DE S. PEDRO

(Quadro de Raphael)

Este soberbo quadro pintou-o Raphael para o offerecer ao valente cardeal João de Medicis, depois da sua milagrosa evasão do captiveiro.

O artista mostra-nos um carcere, onde, atravez das grades de ferro d'uma janella, se vê S. Pedro acorrentado e adormecido entre dois soldados,—emquanto um anjo, enviado por Deus para libertar o captivo, illumina toda a prisão com o irradiante lampejo de uma luz sobre-natural, cujo effeito magico é ainda mais accentuado pelas linhas obscuras das grades.

Por fóra d'este compartimento central, e no cimo dos degraus d'uma escadaria dupla, que conduz á prisão, tornou Raphael a representar o principe dos Apostolos, conduzido pelo anjo luminoso que lhe serve de guia, e cuja irradiação brilhantissima vae bater de chapa nos vultos adormecidos d'alguns soldados, encarregados de guardarem as portas, emquanto no compartimento do lado opposto despertam, sobresaltados e deslumbrados pela apparição miraculosa, outros guardas, em cujas armaduras metallicas se reflecte já a suavidade pallida d'um luar transparente, já o rutilante lampejo d'um archote,—clarões diversos e deseguaes, que ajudam a completar o drama do claro-escuro.

O CASAMENTO DE SANTA CATHARINA

(Quadro de Correggio)

A nossa gravura é copia do soberbo quadro de Correggio, o *Casamento de Santa Catharina*, que se admira, actualmente, no museu de S. Petersburgo.

Digitized by Google

A virgem, quasi de perfil, tem no regaço o menino Jesus. Santa Catharina, que está diante d'ella, de joelhos, dá a mão ao Divino Menino, que lhe vae passar ao dedo o annel, symbolo da sua união. Atraz de Santa Catharina, S. Sebastião, com as suas flechas, instrumentos do seu martyrio, sorri-se perante aquella scena mystica. Ao fundo da perspectiva, á esquerda, o pintor teve a engenhosa idéa de mostrar o santo e a santa nas mãos dos algozes que os suppliciaram.

Basta a idéa do quadro para revelar um artista de poderosa imaginação.

A tela é magnifica pela finura dos tons, pelo brilho das carnes e pela transparencia das sombras.

A TRANSFIGURAÇÃO

(Quadro de Raphael)

Este esplendido quadro, o ultimo de Raphael, foi encommendado ao grande artista pelo cardeal Julio de Medicis, que mais tarde veio a ser papa, sob o nome de Clemente VII.

Quem ha que possa fallar n'esta soberba téla, sem de prompto lhe acudir ao espirito a figura radiante de Jesus Christo a illuminar o Thabor, suspensa no ar e como se as azas de Deus a sustentassem entre o ceu e a terra?

Quem ha que lhe não lembrem logo os tres discipulos, deslumbrados e cegos pela offuscante luz que de si projecta o rosto e o proprio vestuario do Filho do Homem,—visão gloriosa que só Elias e Moysés logram contemplar?

Aquelle grupo inferior dos Apostolos, ante os quaes figura um possesso que elles declaram não saber curar, fórma por si um episodio que impressiona o espirito,—um quadro que, separado, bastaria para constituir a celebridade de qualquer pintor. Mas... que pena faz haver tão pouca ligação entre este drama terrestre e o grupo superior! que pena vir esta falta de nexo dividir-nos a unidade n'aquella scena tão grandiosa! que pena, inclusivamente, haver o pintor introduzido ali as duas figuras dos martyres S. Julião e S. Lourenço, ficando assim transtornada a symetria do grupo sublime em que a humanidade se transfigura e a divindade surge luminosa e radiante!

A cabeça d'aquelle Christo foi o supremo esforço do genio de Raphael.

Depois de a concluir, não mais voltou a pegar nos pinceis.

A morte veio colhel-o n'esse proprio momento.

JESUS NO GOLGOTHA

(Quadro de E. V. Gebhardt)

E' bastante conhecido o quadro e a ninguem é estranho o assumpto.

O Nazareno, crucificado e exangue, está entre dois facinoras suppliciados como Elle. A *Mater Dolorosa* chora aos pés da Cruz, cercada pelos adoradores fieis do Martyr sublime, que o contemplam tristemente.

JESUS CHRISTO E OS PHARISEUS

O quadro que apresenta a nossa gravura refere-se á passagem do Evangelho descripta por S. João, capitulo VIII:

«Então, os escribas e os phariseus trouxeram-lhe uma mulher «surprehendida em adulterio, e apresentando-lh'a, disseram-lhe: «Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante delicto de adul«terio; a lei de Moisés ordena que seja apedrejado quem tal pra«ticar. E tu, que dizes?

«E diziam isto para o tentarem e poderem accusal-o; porém Je«sus inclinára-se e escrevia no chão com o dedo.

«E como insistissem perguntando-lhe, levantou-se e disse-lhes: «Aquelle, de entre vós, que isento exempto de peccado, que lhe «atire a primeira pedra.»

A CARIDADE

(Quadro de Correggio)

Outro quadro do famoso Correggio.

A Caridade é representada por uma formosa mulher de seios opulentos, formas esculpturaes e sorriso angelico, amamentando tres criancinhas desnudadas, que procuram o seu calor e os seus affagos.

Admira-se n'este bello quadro, cheio d'inspiração, a transparencia da epiderme e a *morbidezza* das carnes das figuras.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Para darmos cabida a mais uma gravura e a um bello artigo *Jesus Christo!* do nosso fallecido collaborador, Guimarães Fonseca, reduzimos hoje a nossa secção *Passatempos*.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta eminencia com este passaro falla muito—2—2.

Barquinha. ASSIGNANTE.

No corpo esta arma é dinheiro—1—2.

Lisboa. A. C.

Esta lettra e esta arma está na missa—1—3.

Redondo. A. V. C.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avéssas, arvore—2.

A's direitas e ás avéssas, brinco de criança—3.

Machico. JOÃO VICTORINO DE FREITAS.

PROBLEMA

Achar 3 numeros, cujos productos, dois a dois, sejam eguaes a 240, 160 e 96.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Caravela—Serpa—Pucaro—Vice-Deus—Lanterna—Cajado—Carmelina—Lagosta—C a r o l i n a
a d e l i n o
r e p a r o
o l a y a
l i r a
i n o
n o
a

—Xa ma ta
ma da ma
ta ma ra

DAS ADIVINHAS POPULARES:—Dado—Bainha d'espada.
DA PERGUNTA ENIGMATICA:—Ganges.
DO LOGOGRIPHO:—Mensageiro.
DO PROBLEMA:—Os numeros são 16, 15 e 14.

O DINHEIRO

Quem ha que não lhe reconheça a poderosa influencia? E, sobre tudo, quem não ambicione a posse d'esse *vil metal*, na phrase dos poetas rotos e famintos?

O dinheiro representa a verdadeira realeza perante a qual se submettem todos os escrupulos, se dobram todas as conveniencias, se curvam todos os respeitos e abatem todas as vaidades.

No meio do turbilhão levantado pelo espirito essencialmente mercantilista do nosso seculo, o dinheiro é o poder supremo, é a unica força verdadeiramente irresistivel. A idolatria do bezerro de ouro nunca teve uma tão forte e tão universal preponderancia como hoje, em que o dinheiro é considerado o nervo exclusivo da felicidade humana, a unica alavanca que póde levantar e engrandecer as nações e os homens. Já o poeta o dizia:

Le plus ou moins d'argent nous fait ce que nous sommes,
Et c'est par sa valeur que l'on compte les hommes.

Effectivamente, o que valem, em presença do dinheiro, talento, pudor, sciencia, honras, dignidades, leis, principios e virtudes? O dinheiro dispensa perfeitamente tudo isso. Com elle o homem é tudo; sem elle nada é.

A posse do ouro póde fazer de um scelerado o cidadão mais digno e respeitavel d'este mundo, assim como a sua ausencia póde converter n'um bandido o mais austero modelo de probidade immaculada; póde guindar ao fastigio da gloria e da celebridade o mais completo insignificante, como póde sepultar no olvido e na indifferença o mais util e dedicado dos sabios; póde converter em risonhas alegrias o mais tetrico desconforto, porque o dinheiro é como lagrimas auriferas que o destino chora sobre as miserias da pobre humanidade: póde tocar o coração da mulher insensivel ao nosso amor, ás nossas supplicas, ás nossas lagrimas, e d'elle fazer brotar mananciaes de ternura ineffavel, como a vara biblica de Moysés, ao tocar no rochedo do deserto, d'elle fazia manar a agua crystallina que dessedentava as caravanas sequiosas; póde, emfim, tudo quanto se imagine de mais extraordinario, porque o seu prestigio é enorme, porque é o mais poderoso elemento social que se conhece, porque exerce sobre a sociedade um predo-

Digitized by Google

minio fatal e imperioso a que nada, absolutamente nada, consegue subtrahir-se.

Sem duvida alguma, o dinheiro tem influido nos destinos das nações muito mais do que o derramamento das idéas, do que a divulgação d'essas apregoadas conquistas do pensamento humano. Todos os estadistas celebres, todos os generaes eminentes, teem alcançado pelo dinheiro, o que jámais, porventura, obteriam pelos seus talentos politicos ou pela sua pericia estrategica. Um conquistador notavel, o marechal de Trivulce, affirmava que tres coisas apenas eram necessarias para fazer a guerra: — primeira—dinheiro; segunda—dinheiro; terceira—dinheiro. O nosso marquez de Pombal era tambem de egual parecer. «Vale muito mais (escrevia elle n'uma carta dirigida a Francisco d'Almeida) vale muito mais e custa menos caro fazer a guerra com dinheiro, do que com exercitos.» Este principio, de uma incontestavel verdade, foi sempre seguido á risca pelo sagaz ministro de D. José, que empregou constantemente o dinheiro como principal arma, na guerra implacavel que moveu á côrte pontificia; e, por intervenção do *sordido* metal, arrancou elle todas as concessões das consciencias pouco escrupulosas dos *proporati* romanos.

E' que o dinheiro, como dizia o nosso Tolentino,—o malfadado poeta que depois de consumir a intelligencia e estafar a musa galhofeira a incensar os grandes e os poderosos, abandonou a illusoria scena da existencia tão pobre como sempre vivera; o invicto dinheiro, na sua phrase,

«Tem o direito da força
E' o tyranno do mundo.»

E quer queiram, quer não, é forçoso que todos lhe supportem a tyrannia. Podem os mais eximios moralistas insurgir-se indignados contra a decadencia, contra a baixeza do nivel moral d'este seculo, que assim se deixa invadir e corromper pelo espirito do interesse vil e mesquinho; podem verberar como indigna e execravel a influencia materialista do ouro,—que tudo compra, que tudo domina, que tudo corrompe,—que essa influencia não deixará, por isso, de ir sendo cada vez maior, porque o dinheiro existe no fundo de todos os sonhos, é o objectivo de todos os esforços, é o alvo de todas as honras, é o fanal de todas as aspirações, é a méta de todas as carreiras.

E que admira que assim seja, se, como diz João de Deus,

«O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça, o maldito,
Tem tanto chiste, o ladrão!»

Tu propria, formosa leitora, que te julgas completamente desprendida das grosseiras materialidades da vida, que deixas boiar o espirito delicado n'uns ideaes perfumados de um lyrismo ultra-romantico, que sonhas, talvez, a felicidade, não nos faustos da opulencia mas na doce e tranquilla ventura do amor compartilhado, embora longe do mundo, sob o colmo de uma choupana humilde; tu propia, que n'este momento me estás lendo com o mais desdenhoso sorriso, não consegues, por mais que faças subtrahir-te ao magnetico influxo do ouro; tu propria disputas a mercês da sua realeza olympica, porque todos os prazeres que disfructas, todas as commodidades que te rodeiam, as toilettes escolhidas com que realças a tua formosura, esses moveis de *érable* e esses gentis *bibelots* que povoam o ninho elegante e confortavel do teu pequenino *boudoir*, tudo isso custou dinheiro e muito dinheiro. Até os livros que lês, e que te lançam na mente esses ideaes vaporosos e risonhos, até os poetas que te deliciam com os seus versos apaixonados e quentes, tudo isso é o resultado do dinheiro. Sim, querida leitora, porque tu deves saber que é o ro que estimula o genio, que fecunda o talento, e embora pareça ás vezes que o destino, por uma ironia amarga, se compraz em perseguir e maltratar essas creaturas incomprehendidas, cuja alma paira sobranceira nas regiões luminosas onde ha, a um tempo, rastros de estrellas e clarões de auroras; embora o parecer do velho arcade

«Não escreve Lusiadas quem janta
Em toalhas de Flandres; quem estuda
Em camarins forrados de damasco;»

embora tudo isso, o que é certo é que, se os poetas só modulam as suas endeixas sentidas, ou cinzelam as suas estrophes ardentes, quando não tem dinheiro, a rasão d'esse phenomeno, que tão extranho se te affigura, é simplicissima:—é porque, versejando, dedilhando a suas lyras melodiosas, é que elles exactamente conseguem... obter dinheiro.

MAGALHÃES FONSECA.

E. CORREGE. P. CH. CABASSON. D. PANNEMAKER.

A CARIDADE (Quadro de Correggio)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 6 de abril de 1885 Numero 41

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Cantares*, versos, por Manuel de Moura.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Imagem da vida*, versos, por A. Marinho da Silva.—*As nossas gravuras*—*Nocturno*, soneto, por Medeiros e Albuquerque.—*Em familia. (Passalempos).*—*Um conselho por semana.*—*Ideal*, soneto, por A.—*O erro*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*O Campo da Feira, em Guimarães.*—*Um amador de trompa.*—*Vindimando.*—*A' volta da missa.*—*Guardado está o bocado...*

CHRONICA

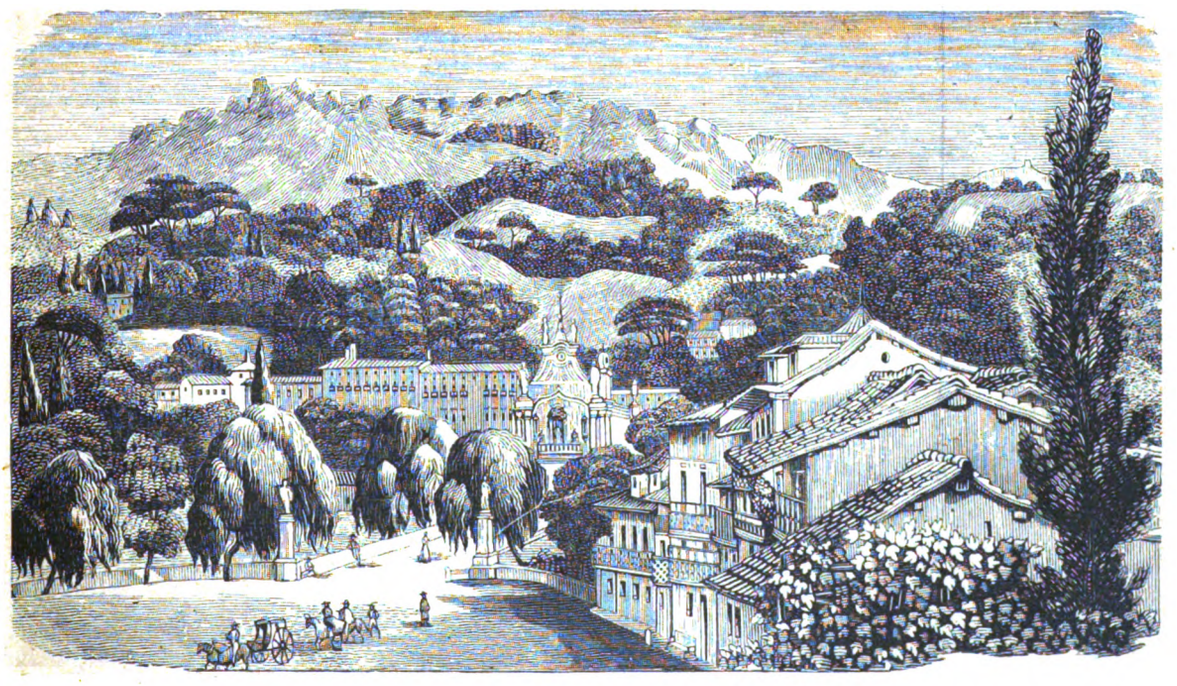
Alleluia!

Mais uma vez se desenrolou diante de nós o triste simulacro do sublime drama do Calvario, representado ha quasi vinte seculos. Mais uma vez os templos se abriram á veneração dos fieis, e as confeitarias se esvaziaram pela gulodice dos lambareiros.

Egrejas e *bonbons* foi o *mot d'ordre* d'esta semana, que se iniciou com uma saraivada de granizo, e que foi deslizando lentamente por entre umas ventanias agrestes, de perfeito inverno.

Sermões e amendoas não faltaram. A lithurgia canonica deunos o canto-chão soturno das grandes solemnidades religiosas, garganteado plangentemente pelos velhos conegos da Sé de Lisboa,—se é que ainda ali ha conegos,—e os confeiteiros da Baixa deram-nos os macrobios canelões do estylo, exhibindo á contemplação extatica do indigena embasbacado umas cartonagens banaes, d'armar ao effeito.

Vieram a proposito os canelões e a Semana Santa. A religiosidade d'esta e as doçuras d'aquelles tiveram o condão de fazer esquecer a politica, de acabar com o litigio pouco edificante en-



O CAMPO DA FEIRA, EM GUIMARÃES

Digitized by Google

tre os novos e os velhos directores da companhia dos caminhos de ferro do Norte e Leste, de pôr termo a muita questiuncula que para ahi se debatera durante a quaresma, d'envolta com as questões do *bill*, da reforma aduaneira e do supposto parto da Margarida Alvarez.

Offensas proferidas, diatribes forjadas, doestos trocados no ardor da peleja, tudo se enguliu d'envolta com meio kilo de *marrons glacés* e de *bonbons* de chocolate. Offensores e offendidos, todos elles beberam pela taça da amisade, depois d'ingerirem em familia as amendoas e o folar da Paschoa, perante a imagem sacrosanta do Nazareno Crucificado.

Tambem Elle perdoou a Caifás: não é muito que a humanidade se perdoe as injurias reciprocas.

Até a formosa Eugenia dos Santos, a celebre victima da concupiscencia de Pedro Soriano, cedeu ao influxo religioso da semana finda, perdoando ao seu ex-amante, e trocando o bulicio infrene do mundo pela doce paz d'um recolhimento!

=Em França, é que as festividades da Egreja e as doçuras dos confeiteiros não tizeram esquecer a politica, nem a embriaguez da Van Zandt, nem os acontecimentos da China, nem os aggravos do governo Ferry, nem a retirada do bravo general Négrier ferido, diante d'uma avalanche de chinezes furiosos, nos plainos de Bang-Co.

Fugindo dos templos e das *patisseries* para os *boulevards*, os parizienses não se importaram com os sermões nem com as lambarices da quaresma, e pediram em altos berros a demissão do gabinete, e intimaram o director da *Opera Comique* a que expulsasse do theatro a *diva* Van Zandt.

E o caso é que o governo baqueou por terra, a pontapés *au derrière*, como diz o *Figaro*, e que a formosa cantora não tornou mais a apresentar-se no palco.

O litigio entre o urso moscowita e o leopardo britannico tambem não findou com a apparição do Nazareno ensanguentado no altar dos templos. Russos e inglezes não se deixaram commover ante a commemoração do drama do Golgotha, e vão dar ao mundo, em pleno seculo XIX, o tristissimo espectaculo d'uma guerra medonha, por causa da eterna questão do Afghanistan.

Em Hespanha, na visinhà Hespanha perante a qual nós nos desentranhamos em expansões de infinita ternura caridosa, oito bandidos assalariados esperam que o rei D. Affonso visite as egrejas em quinta feira maior, para lhe crivarem o peito de punhaladas assassinas.

Se uns aguaceiros providenciaes não inhibem o monarcha hespanhol de fazer a sua costumada excursão piedosa pelos templos madrilenos, a chronica teria, talvez, de registrar a estas horas mais um regicidio infamissimo.

Decididamente, nós somos o povo mais ordeiro, accommodado e religioso de toda a Europa.

Mas como não ha belleza sem senão, era mister que este nosso remanso dulcissimo de plena Paschoa e de pleno abril fosse quebrado pelo caso *Denise*—Torrezão—Dumas, um caso que se vae azedando muito soffrivelmente, apezar de estarem envolvidos n'elle uma senhora e um homem de letras d'alto cothurno, como é o auctor da *Dama das Camelias*.

Todos os nossos escriptores, bons e maus, *d'élite* e de refugo, leram sem protesto a epistola agri-doce de Dumas.

Uns d'elles, conscios de que traduziam mal as peças francezas, e outros, convencidos de que pagavam ainda peior aos authores os direitos respectivos, calaram-se muito bem caladinhos, deixando correr o marfim, que é—como quem diz—encaixando a carapuça até ás orelhas.

Mas Beldemonio, o brilhante ex-chronista do *Diario Illustrado* e o talentoso traductor de Zola, é que não esteve para se encarapuçar como os demais collegas. Mordido pelas phrases amargas de Alexandre Dumas, onde ha muito d'injusto e não pouco de offensivo para a dignidade dos escriptores portuguezes—sejamos francos—Beldemonio mostrou ao author da *Denise*, em carta explicativa publicada no *Correio da Noite*, que era elle o menos competente para avaliar o merito das traducções do francez feitas em Portugal, por não saber uma palavra do nosso idioma; provou-lhe que a *Odette* de Sardou, representada em Lisboa, vazara nos bolsos do seu author dois mil francos, de direitos de traducção; que o *Germinal* de Zola fôra comprado a este por mil e quinhentos francos; e que o emprezario Schurmann, na sua ultima *tournée* com a Judic, deixara de pagar aos authores francezes os direitos das peças representadas na Trindade, sendo preciso que um portuguez o compellisse a pagal-os, etc., etc.

Varrendo a sua testada do epitheto de larapios com que Dumas nos brindou, Beldemonio foi altivo e digno, sem comtudo, conseguir absolver do peccadilho de roubo litterario todos quantos ahi teem explorado e continuam a explorar o theatro francez por sua conta, enthesourando os proventos do negocio illicito.

Onde Beldemonio nos pareceu menos generoso e menos justo foi nas suas invectivas contra a traductora da *Denise*, se bem que a nossa collega até certo ponto as merecesse, não pela falta de talento, que o tem e formoso, mas pelo prurido de se pôr em evidencia, que muitas vezes a arrasta a estas questiunculas miserandas.

Ella não tem culpa de que Alexandre Dumas filho, desconhecendo completamente Portugal e as suas individualidades litterarias, a encarregasse de nos ensinar francez e viesse chamar-nos ratoneiros emeritos. O seu unico erro sujeito á critica, erro que nós deploramos profundamente, consiste em não ter podido resistir á pequenina vaidade de publicar a carta de Dumas nas gazetas mais lidas de Lisboa.

Publicando-a, sanccionou as palavras do author da *Denise;* approvou tacitamente o epitheto que elle nos dera; arvorou-se em mestra de francez perante cuja sciencia temos de curvar-nos; sujeitou-se aos reparos e ás aggressões de todos os seus collegas profundamente injuriados.

Uma carta d'aquellas recebe-se e guarda-se. Tanto mais que nem todas as traducções da nossa collega são impeccaveis, quer na forma, quer nos processos sujeitos á reprimenda acre de Dumas.

Em todo o caso, a critica deve lembrar-se, antes de formular os seus desaggravos até certo ponto justificados, de que tem por adversario uma senhora, uma simples *demoiselle* trabalhadora e honesta.

Aos pés do bello sexo, mesmo quando elle se deixe arrastar um poucochinho pela vaidade que lhe é propria, não se arremessam injurias; desfolham-se flores.

Quantos ha por ahi que teem feito peior, e sem protesto!

=De theatros não fallo, porque os theatros estiveram fechados, emquanto as egrejas se conservaram mergulhadas em trevas densas e profundas.

Só hoje, depois dos canticos festivos da Alleluia, as casas de espectaculo accordarão do seu lethargo de tres dias, ao mesmo tempo em que, nos talhos floridos, se fará a apotheose da carne de vacca e dos chouriços de Portalegre.

S. Carlos promette-nos, em primeira recita, a *Carmen* de Bizet, com *malagueñas*, bailados hespanhoes, acepipes de castanholas e pandeiretas, musica alegre e apimentada, scenario vistoso e vestuario garrido.

No Colyseu, n'aquelle circo folião e patusco, onde a esculptural Elvira Magni punha, ainda ha pouco, as irradiações da sua belleza fascinadora, vamos ouvir o *Ernani*, de Verdi, cantado por uma bella *troupe* d'opera italiana, que hoje nos apparece pela primeira vez, e que se destina a ser a *great attraction* das noites estrelladas d'abril.

Musica por toda a parte, como veem; um famoso concerto d'artistas, saudando a Primavera ao desafio com as andorinhas, e entoando um Alleluia, que resoa desde a rua Nova dos Martyres até á avenida da Liberdade!

C. DANTAS.

CANTARES

VI

Privou-me da sua luz
O sol, que tudo alumia!
Foi com inveja—suppuz,
Da que de ti se irradia...

VII

Agua que vaes na levada,
Ao passar, gemendo endeixas,
A' porta da minha amada,
Repete-lhe as minhas queixas.

MANUEL DE MOURA.

GARRETT E O SEU TEMPO

XIV

Lamentamos devéras não encontrar no livro do sr. Gomes de Amorim noticia mais ampla da vida de Garrett como auctor dramatico; sabemos bem que é difficil ser minucioso quando se trata d'esta singular personalidade, que em todos os generos em que se manifestou occupou sempre um dos primeiros logares, que tudo revolveu e revolucionou no campo litterario, e que, ao mesmo tempo que escrevia o *Auto de Gil Vicente*, proferia o discurso do Porto Pireu, redigia o projecto de lei para garantir a pro-

Digitized by Google

priedade litteraria com o seu magnifico relatorio, colleccionava o encantador volume do Romanceiro, e modulava as delicadas estrophes das *Minhas azas*. E' difficil, bem sei; e muito estranhavel seria que dirigissemos uma censura d'este genero ao sr. Gomes de Amorim, que tão interessantes noticias compilou nos seus tres volumes. Mas apesar d'isso confessamos que temos pena de ficar sem conhecer, depois de folhearmos livro tão abundante de noticias e de factos, o Garrett dos bastidores, o Garrett dos ensaios, o Garrett das primeiras representações; porque de todas as manifestações do talento de Garrett, é talvez a manifestação theatral, a que o torna mais digno do applauso e do enthusiasmo dos portuguezes.

Foi Garrett o regenerador do theatro portuguez. Tem-se dito e repetido. As suas obras immortaes deram o impulso, deram o impulso primeiro; mas que magnifico portico para tão mesquinho edificio! Garrett subiu logo tão alto que parece que os outros perderam a vontade de o imitar, e preferiram enfileirar-se na phalange dos mélo-dramaturgos da Porte Saint-Martin, phalange onde era mais facil o assentamento de praça do que n'essa *élite* dos espiritos delicados, a que pertencia Garrett, e que, superior á voga e á moda, procura os seus effeitos theatraes no estudo sincero e profundo dos affectos e das paixões da humanidade.

Ah! como nós desejariamos ver com os olhos da imaginação a sala da Rua dos Condes, n'essa noite memoravel de 15 de agosto de 1838, em que pela primeira vez subiu á scena o *Auto de Gil Vicente!* Como desejariamos que o sr. Gomes de Amorim nos descrevesse o publico, os actores, o scenario! Queriamos saber quem foi que vestiu os personagens do auto das *Côrtes de Jupiter*, quem eram os actores que faziam os papeis de Gil Vicente, e de Bernardim! Queriamos que nos contasse as impressões do auctor e que nos dissesse onde tinham rebentado os applausos, onde estrondeára a ovação. Pois o sr. Gomes de Amorim, auctor dramatico distinctissimo, apaixonado pelas coisas do theatro, nas suas longas conversações com Almeida Garrett, conversações onde, demais a mais, já havia a premeditação da biographia, nunca teve a curiosidade de evocar essas recordações gloriosas, afim de nos poder dar uma descripção completa d'essa noite em que nasceu o theatro portuguez do seculo XIX, theatro, que, a avaliar-se pelas primeiras peças, devia com o tempo vir a ser um dos mais brilhantes da moderna Europa? Temos pena realmente, nós que tão minuciosamente conhecemos a historia dos ensaios e da primeira representação do *Antony* e do *Hernani*, de não conhecermos tambem a historia da primeira recita do *Auto de Gil Vicente*.

O sr. Gomes de Amorim apenas nos conta um bom dito de Garrett. Perguntavam-lhe o que fôra feito de Bernardim Ribeiro, se, atirando-se ao Tejo, conseguira salvar-se. «Não lhe sei responder, redarguiu Garrett com o bom humor e a alegria desenfastiada de um triumphador. Essas coisas são com o sr. Meyrelles, contra-regra. Faça favor de se dirigir a elle.»

Com egual rapidez falla o sr. Gomes de Amorim do *Alfageme de Santarem*, *Fr. Luiz de Sousa*, *D. Philippa de Vilhena* e *Sobrinha do Marquez*, essas obras primas do moderno theatro que se deveriam representar todos os annos no nosso theatro normal, como se representa sempre no Theatro Francez o reportorio de Racini, de Molière e de Corneille.

Apreciamos muito o Garrett folhetinista, o Garrett poeta, e o Garrett orador, mas o Garrett dramaturgo tem uma importancia excepcional. Ah! se os nossos actores fossem obrigados a representar Garrett todos os annos, como elles se acostumariam a procurar a naturalidade, a dizer simplesmente aquella prosa simples e clara, e a encontrar os seus effeitos no estudo accurado d'aquellas guiferas tão humanas, tão verdadeiras, tão illuminadas pelo brando fulgor do genio mais delicado e ao mesmo tempo mais profundo que tem apparecido na litteratura portugueza!

O repertorio de Garrett, conhecido, consta da *Merope*, velha tragedia que representa um sacrificio feito pelo grande poeta nos altares das musas antigas; do *Catão*, cuja historia já conhecem s; do *Auto de Gil Vicente*, a grande peça inaugural do theatro portuguez regenerado; do *Alfageme de Santarem*, um *Arco de Sant'-Anna* theatral, onde, sob os trajos do seculo de D. João I, se faz a critica dos eternos ridiculos, e se levanta o veu que esconde em todos os tempos os mysterios do coração humano; do *Fr. Luiz de Sousa*, uma das obras primas immortaes do theatro da humanidade, peça que ha de ficar como ficaram as de Shakespeare e as de Molière, como ficam todas as obras de arte em que palpita com os frémitos de verdadeiro sangue o coração humano; da *Philippa de Vilhena*, uma peça admiravel que prova bem o seu inexcedivel gosto, porque soube ver, encontrar e descrever o lado humano e verdadeiro d'essa heroina que outro qualquer nos descreveria a fazer prédicas campanudas aos filhos; da *Sobrinha do marquez*, essa comedia adoravel que não foi comprehendida pelo publico, talvez porque os actores começassem tambem por não a comprehender, o que não admira, porque nada ha mais difficil para um artista do que dar o tom verdadeiro a esses grandes vultos que Garrett nos desenha sempre com uma simplicidade encantadora, mas por isso mesmo difficillima, que ser simples sem ser trivial só o conseguem os grandes genios artisticos; do *Fallar verdade a mentir* e do *Tio Simplicio*, duas adaptações de peças francezas á scena portugueza, onde Garrett, que em tudo soube ser mestre, ensinou o modo de fazer imitações; das *Prophecias do Bandarra*, uma farça genuinamente portugueza, em que o grande homem, á sua vontade e desenfastiadamente, sem fazer caso da critica nem da posteridade, deu largas ao seu bom humor, e riu a fartar, e por isso mesmo faz rir o publico a bandeiras despregadas sempre que se representa essa peça jovialissima; e, finalmente, do *Noivado no Dafundo*, peça escripta em condições perfeitamente semelhantes, e que tem sobretudo de notavel uma dedicatoria a Francisco Palha, escripta em verso no genero dos da *Fabia*, que mostram a flexibilidade extraordinaria d'aquelle maravilhoso talento, que em todos os generos, desde os mais levantados até aos mais frivolos, sabia imprimir o seu cunho magistral:

O' tu, que as praias do Dafundo habitas,
E abertos olhos na ventura fitas
Como a aguia fita o sol, eu te saúdo!
....

Além d'estas peças, sabemos agora que chegou a escrever umas scenas da *Ignez de Castro*. Diz o sr. Gomes de Amorim que a peça se passava depois da morte da famosa amante de D. Pedro. E' quasi impossivel, a não ser que o grande poeta quizesse arrancar ao assumpto, como os tragicos gregos ao da morte de Agamemnon, o elemento da fatalidade, e fazer d'elle o principal agente do seu drama. Effectivamente, assim como da morte de Agamemnon resulta o destino tragico de Electra e de Orestes—os dois santos parricidas—assim como o sangue dos Atridas parece inquinado de uma fatalidade atroz, que faz brotar a cada passo as tragedias, assim tambem parece que do sangue de Ignez de Castro não brotam senão o horror e a desventura. Talvez o drama fosse afinal baseado no tragico destino dos dois filhos de Ignez de Castro, D. João e D. Diniz.

Conta-nos o sr. Gomes de Amorim com mais individuação o zelo de Garrett pelo conservatorio que fundára; mostra-nos como elle se entregava com enthusiasmo á tarefa ingloria de emendar e corrigir os monstros dramaticos que lhe passavam pelas mãos; aventa a idéa, que tambem já tinhamos, de que o *Camões do Rocio* é mais de Garrett do que de Feijó que o assigna, e mostra conhecer tambem o famoso drama *Camões*, cujo manuscripto ainda vimos nos archivos do theatro de D. Maria, e que nos fez rir a bandeiras despregadas. Na ultima scena, o Jau depois de fechar os olhos ao poeta, bradava: Quem ha de agora vingar a memoria de Camões? Respondia uma voz nos bastidores:

João Baptista Leitão de Almeida Garrett!

O author d'esta peça extraordinaria era um cirurgião militar, cujo nome nos não occorre agora. Imaginem como o pobre Garrett ficaria, ouvindo ler esta peça, e confessemos que precisava de ter um enthusiasmo immenso pelo theatro portuguez para resistir a tantos desenganos.

Effectivamente o theatro portuguez do seculo XIX ficou, da mesma forma que as capellas imperfeitas da Batalha, só com essa arcaria maravilhosa que o genio de Garrett levantou.

PINHEIRO CHAGAS.

IMAGEM DA VIDA

(IMITAÇÃO)

A' mãe pergunta a creança
Junto ao regato a sorrir:
«Quando regressa esta agua
Que d'aqui vejo partir?»

E a mãe, que o filho fitava,
Depressa a palavra solta:
«A agua, filho, que corre,
Caminha sempre e não volta.»

«E' pura imagem da vida;
Voltar atraz quem podéra!
Ficavas sempre, meu filho,
N'uma eterna primavera!»

Março, 1885. A. MARINHO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CAMPO DA FEIRA, EM GUIMARAES

E' um dos logares mais pittorescos da antiga villa, berço da Monarchia portugueza, e hoje uma das cidades mais formosas e mais florescentes da provincia do Minho.

Sobranceiro ao largo que desenha a nossa estampa, está o monte da Penha, uma das mais bellas creações da natureza, pela sua

Digitized by Google

UM AMADOR DE TROMPA

Digitized by Google

Digitized by Google

Á VOLTA DA MISSA

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

VINDIMANDO

Digitized by Google

elevação, pela magnificencia das suas ellipsoides de granito, pelo vasto panorama que da sua altura se desenrola.

A egreja, que se destaca ao fundo do quadro, é a do Senhor dos Passos, ou da imagem de Christo, primorosamente esculpturada em madeira. Não conhecemos imagem de Christo mais bella e mais sublime do que a que possue e venera religiosamente a egreja do Senhor dos Passos, de Guimarães.

Ha até uma legenda maravilhosa, a respeito da feitura d'aquella imagem, que omittimos, pela brevidade do espaço.

O palacio, que se avista ao lado da egreja, pertence ao sr. conde de Villa Pouca, e é o solar da sua illustre ascendencia, uma das mais fidalgas da provincia do Minho.

UM AMADOR DE TROMPA

Pertence á sociedade *Discipulos de Minerva*.

Quando vem da officina ingerir as sopas cazeiras, atordoa os ouvidos da vizinhança com os sons estridulas do seu instrumento predilecto. A' noite, ao largar o trabalho, faz outro tanto; e aos domingos, depois de jantar, quando já está com dois grãos na aza, ninguem o atura: é uma inferneira d'ensurdecer!

Os visinhos do predio votam-lhe um odio profundo, maldizendo aquellas barulhentas revelações artisticas, mas o velhote da trompa continua, impavidamente, a estudar o hymno da Carta e a ensaiar o sol-e-dó monotono da sua phylarmonica pacata.

Um philosopho.

VINDIMANDO

Anda na faina da vindima aquella valente mocetona da nossa estampa.

Mas, a julgar pelo meio sorriso que se lhe debuxa nos labios, e por uns reflexos de jubilo que se lhe divisam no olhar, a formosa vindimadora tem, não muito longe de si, algum *conversado* para quem olha contente, pensando mais no amor d'elle que nas uvas colhidas.

Aquella attitude revela-nos que anda moiro na costa, e que a paragem junto do vallado não passou d'um pretexto para trocar dois dedos de palestra com o *felizão*, longe das vistas curiosas.

Elles lá se entendem, e não seremos nós quem vamos perturbar-lhes o idyllio em projecto.

A' VOLTA DA MISSA

Uma estrangeira qualquer, que sae da missa conventual, com os seus arrebiques domingueiros. Pelo typo e pelo traje deselegante afigura-se-nos uma ingleza provinciana.

A' primeira vista, com aquella chapeleta descommunal d'irmã da caridade, parece feia; mas olhando-a bem, acabaremos por achal-a formosa.

Com uma *toilette printanière* da Marie e as loiras tranças libertadas da coifa monstruosa, chegaria a ser um encanto.

E venham depois dizer-nos que o traje não é tudo, principalmente na mulher!

GUARDADO ESTÁ O BOCADO...

Em pleno estio, quando o calor suffoca os passarinhos e as almas christãs, é agradavel jantar proximo da janella aberta, offerecendo a face esbrazeada aos osculos da viração da tarde.

E' agradavel isto—repetimol'-o—mas tem seus inconvenientes, quando a mesa não dista muito da janella e a janella está a meio metro do *trottoir*, tentando os curiososos e os gulotões.

Senão, veja-se a nossa gravura.

Entre o assado e o *toast* veio um massador qualquer, e o dono da casa teve de ir recebel-o, *bon gré mal gré*, abandonando as fructas varias, que punham sobre a alvura immaculada da toalha uns tons deliciosos.

Dois garotos que passavam, deitaram para dentro olhos cupidos Depois da olhadella furtiva, um d'elles, o mais velho, deitou a mão experimentada, e arrebanhou o melhor da sobremesa convidativa, dividindo com o parceiro as uvas appetitosas e as bellas peras lambe-lhe-os-dedos.

Moralidade do caso:—Guardado está o bocado para quem o ha de comer.

NOCTURNE

(A' EX.ma SR.a D. GUIOMAR TORREZAO)

Dans la plaine d'azur jonchée d'étoiles d'or
Pas un nuage ne passe;
Comme au jour de Roland le son triste du cor
Sonne au loin pour la chasse.

Son armure d'acier la mer avec effort
Soulève dans l'espace;
Sur le sable mouvant la vague, qui s'endort
Comme l'éclair s'efface.

Dans l'air, qui rien ne trouble, et vague, et lumineux
Un parfum de violettes
Doucement vers l'azur va montant silencieux...

Et sous le ciel, qui semble un pré bleu de saphire
Semé de paquerettes,
Aux harpes de la Nuit la Nature soupire...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

MICROMEGAS.—Santarem.—A musa de v. ex.a não nos visitou ainda, que nós saibamos. Se o houvesse feito, Tom Pouce não deixaria de registrar a visita, pelo menos.

ASTURIANO.—Leiria.—No proximo numero.

F. E.—Barcellos.—Será attendido, mas aconselhamos-lhe que não explore muito o genero. Deve preferir outro.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta conjuncção allumia esta villa—1—1.

A. C.

Anda este astro n'esta flor—2—1.

A. V. C.

Esta ave na musica encontrou captiveiro—2—1.

Esta mulher, por ser generosa, é um peixe—2—1.

Esta mulher corre para as beatas—2—2.

Na arvore e n'este tecido encontrei um homem—1—1.

Esta lettra e esta villa aperta o mar—1—2—1.

Porto. JULIO RAUL ROBINEAU

Repette e suja este homem da egreja—1—1.

Dá-nos vida este homem n'este movel—1—3.

Porto. EMILIA.

EM VERSO

Se o que nos dão as primeiras—2
Fosse ás segundas parar,—2
De certo que o lavrador
Não podia socegar
Sem as primeiras do todo
Ir no todo engaiolar.

CUNHAS.

CHARADA CONIMBRICENSE

(Por syllabas)

A primeira vertical
D'animaes prisão ha sido.
A segunda vertical
D'animaes é extrahido.

A primeira horisontal
Dá nas fructas, bem sabeis.
A segunda horisontal,
No exercito a vereis.

Na primeira diagonal
Temos joia de valor.
A segunda diagonal
E' de mui nobre senhor.

Queluz. CHRISTINA BRENNE ADRIÃO.

ADIVINHA POPULAR

Mais veloz do que eu ninguem.
Sou linda como as estrellas.
Sem ser nau, ando com vellas.
De graça todos me têm,
Sou origem das janellas.

JOSÉ D OLIVEIRA E ARAUJO.

Digitized by Google

PROBLEMA

Achar 3 numeros que, multiplicados cada um d'elles pela sua somma, deem productos eguaes a 1400, 896 e 840.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Papagaio—Peseta—Epistola—Odo—Aiaia.
DO PROBLEMA:—Os numeros são: ± 20; ± 12; ± 8.

A RIR

Dois noivos vão a um estabelecimento de modas, escolher a corôa de flor de larangeira e varios artigos de *toilette* para o grande dia.

Depois de feita a compra, o dono da loja acompanha os freguezes até á porta, e diz á noiva:

—Espero que *vocencia* se lembrará do nosso estabelecimento quando tornar a casar!

*

Entre escriptores dramaticos:

—Então, a tua peça dá dinheiro?

—Devia dar bastante, mas o emprezario só a leva á scena quando não vae ninguem ao theatro!

*

N'um baile:

Uma senhora pede muito a um sujeito já velhote para dansar com ella, e pergunta-lhe:

—Prefere a valsa a dois tempos ou a tres tempos?

Elle:

—Ah! minha senhora! O que eu preferia era o tempo das valsas!

*

A senhora Z... tem os dentes muito amarellos. Possue apenas um branco, mas é postiço. Quando ri, vê-se este dente brilhar entre os outros, com um brilho immaculado.

Alguem, por esse motivo, chamou ha dias, ao referido dente, *estrella molar*.

*

Tu não tens juizo, conde! N'essa edade, correres atraz das raparigas!...

—Pateta! Na minha edade *corre-se* ainda... Quando tinha dezoito annos, *galopava!*

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Os saccos de mão que vós usaes, caras leitoras, perdem, com o andar do tempo, a côr preta primitiva. Quereis restituir-lh'a? E' facil.

Batei muito bem, n'uma chavena, as gemas de dois ovos e a clara d'um d'elles. N'outra chavena, misturae uma colher de sopa, d'aguardente, com uma colher de chá, d'assucar refinado, e uma porção de negro marfim. Juntae depois isto ás gemas e clara d'ovo batidas, e applicae sobre o sacco a mistura resultante, deixando-o secar durante alguns dias.

Ficará como novo.

IDEAL

(A ***)

Quem é que o não sonhou ou não procura?
Ninguem! Alguns no ceu, outros no mar,
No bramir da tormenta, n'um altar,
Nas flores que matisam a planura.

Assim, os predilectos da ventura
Affirmam que elle existe n'um olhar
De mulher, ou n'um trecho de Mozart,
Sublimes de harmonia e de ternura.

Eu amo a humilde flôr que incensa o val,
Tenho o culto sagrado da harmonia,
E já notei o teu olhar fatal...

Ha, mesmo em tudo, abysmos de poesia:
E quer's saber qual é o meu ideal?
—O amargo e duro pão de cada dia.

Arcos de Val-de-Vez. A.

O ERRO

(CATULLE MENDÈS)

Elles viajavam quasi sempre, não se detendo nas cidades. Pareciam dois exilados, perseguidos por irreconciliaveis odios, temendo a todo o instante a possibilidade de uma surpreza,—e levando o perigo na bagagem. As raras pessoas que de relance avistavam os dois viajantes,—um homem e uma senhora,—notavam que elles prodigalisavam um ao outro as mais affectuosas attenções, mas que trocavam poucas palavras, tendo sempre nos labios um sorriso invariavel, similhante ao dos retratos: dir-se-hia que existia entre essas duas creaturas como que uma convenção de serem felizes e que o não eram.

Lembravam tambem dois doentes, reciprocamente condemnados, resolvidos a occultarem a sua dupla inquietação. Bem que estivessem sempre juntos, sentia-se em torno de ambos o vacuo da solidão. Soffriam as consequencias de um luto que não traziam. Entretanto, eram moços, bellos e apparentemente ricos. E todavia, uma mysteriosa melancolia, similhante á invisivel malaria que pesa sobre as frescas e luminosas paisagens, envolvia-os e opprimia-os.

*

Ha seis annos, em uma noite de outono, houve uma grande festa em um castello da Normandia: celebrava-se o casamento de Pedro de Morlex com a filha mais velha do marquez de Spèrande; o pae e a mãe da noiva tinham querido solemnisar essa união havia tanto projectada: nas salas do rez-do-chão dançava um garrido enxame de parisienses, e no parque, sobre a relva, bailavam os camponezes, vestindo os seus melhores fatos, ostentando as suas mais vistosas galas. Um pouco antes da meia noite, os bailes afrouxaram: a noiva tinha subido ao seu quarto para ir vestir uma toilette de viagem: o sr. e a sr.ª de Morlex deviam partir n'essa mesma noite para a Italia; o noivo, impaciente, approximára-se da janella:

—Que faz ahi? perguntou a marqueza de Spèrande.

—Receio que se tenham esquecido de pôr a carruagem. O comboyo passa á uma hora. Temos apenas o tempo indispenvel para chegar á gare.

—Comprehendo a sua impaciencia. A carruagem espera á porta, mas sua mulher não apparece. Ora vamos, meu genro, doulhe licença que vá bater a porta do quarto de sua mulher e pedir-lhe que abrevie a toilette.

Pedro de Morlex inclinou a cabeça, a marqueza beijou-lhe a testa, e elle saiu apressadamente da sala.

Morlex não experimentava uma grande paixão por essa menina, a quem acabara de dar o seu nome. Aos trinta annos, fatigado das loucuras da mocidade, acceitára com jubilo aquella noiva bonita, rica e distincta. Mas, como era natural, ao approximar-se o momento de ficar só com sua esposa, Morlex sentira uma recrudescencia de ternura.

De subito, no meio do corredor que conduzia ao quarto da noiva, Morlex parou; parecera-lhe ouvir um soluço. Não havia que duvidar, era um soluço suffocado, imperceptivel, como que partindo de uma mulher que chorasse, cobrindo a bocca com as mãos. Evidentemente, uma pessoa chorava no quarto á direita.

Inquieto, Morlex bateu á porta d'esse quarto e perguntou se estava alguem doente. Não lhe responderam. Encontrando uma chave, abriu a porta e entrou. Acto continuo, uma menina vestida de baile, os cabellos desgrenhados, ergueu-se e gritou:

—Que vem fazer aqui! Retire-se! Quero estar só. Creio que tenho direito de estar só e de chorar no meu quarto, em quanto os outros dançam?

E aquella que assim fallava, com os olhos espantados, palpitante, soluçante, occultando-se na sombra para que não a vissem, era Gabriella, a filha mais nova do marquez de Spèrande.

*

Morlex, sinceramente compadecido, approximou-se. «O que succedera á sua pequena cunhada, como elle costumava chamar-lhe? Está doente, Gabriella? quem lhe fez mal? é talvez o desgosto de separar-se de sua irmã? Tranquillise-se, não nos demoraremos. Restituir-lh'a-hei d'aqui a alguns mezes. Quer que chame, que previna sua mãe?»

Mas assumindo uma expressão terrivel, ella, a creança despreoccupada, recuou, com o olhar inflammado, e com um gesto indicou a porta. Morlex, unicamente instigado pelo desejo de suavisar a dôr da pobre menina, approximou-se mais, apertou-lhe as mãos, e quiz obrigal-a a assentar-se. Gabriella fugiu-lhe e cahindo de joelhos, escondida nas pregas das cortinas, chorou desesperadamente.

—Quero estar só, repetia Gabriella; não peço nada a ninguem. Soffro. Deixem-me, deixem-me!

Elle não hesitou, correu para a porta, disposto a chamar alguem. Gabriella levantou-se arrebatadamente e collocando-se diante da porta, exclamou:

—Não quero ver minha mãe, nem minha irmã! Se insiste em chamar, deito-me da janella abaixo!

Pedro Morlex, estupefacto, contemplava-a em silencio. Gabriella

Digitized by Google

estava encantadora na exaltação da sua dôr, as faces purpureas, os cabellos soltos nos hombros.

—Não chamarei sua mãe, disse Morlex, mas imponho uma condição: quero saber a origem do seu desgosto. Confie em mim. Falle, supplico-lhe! Estava tão alegre esta manhã!...

Gabriella deixára-se cahir sobre a alcatifa.

—Oh! sou eu que lhe supplico, volveu com voz tremula, retire-se! Nada tenho a dizer-lhe, nada quero dizer-lhe.

Fallando assim, desviou-se, para que elle podesse sair sem lhe tocar. Pedro, excitado pela violencia d'essa angustia, aguilhoado pela curiosidade, disse-lhe brutalmente, fitando-a face a face:

GUARDADO ESTÁ O BOCADO...

—Has de fallar! Quero que me digas tudo! Soffres, dize porque? E' absolutamente necessario que falles!

De repente, Gabriella ergueu-se. As suas lagrimas cessaram, os seus gemidos emmudeceram. A sua bocca contrahiu-se:

—Tome sentido! se eu confessar o que me tortura, ficará aterrado! O esforço que eu fizer para quebrar o silencio crear-me-ha direitos que suplantarão todos os deveres, os meus e os seus! Se eu pronunciar as palavras que me exige, se der esse espantoso passo, acabou-se, deixarei de ser uma creança, uma cunhada, uma irmã. Não ficará na sua presença senão uma mulher resolvida a tudo e querendo tudo. Torno a pedir-lhe que saia d'este quarto, que vá procurar sua mulher, que o espera, que me deixe chorar, sem se inquietar por isso.

O assombro de Morlex augmentava de instante a instante. Nunca imaginára que essa creança, absorta no bordado ou em estudar Bellini, fosse capaz d'esses ardores, d'essas perturbações. Uma sensação indefinivel agitava-o. Curvado para essa encantadora creança, que se approximava, experimentava simultaneamente a angustia e a attracção que se sente ao aspecto de um abysmo de horror e de delicias.

—Vamos! insistiu elle, apertando-a nos braços, dominando-a, seja o que fôr que tenhas a confessar-me, falla!

—Ah! gritou ella em um gemido que foi como um dilaceramento, sabe pois a verdade:—amo-te!

Morlex largou-a e recuou. Ella amava-o! amava-o! E esse amor, odioso, incestuoso,—irresistivel,—Gabriella declarava-lh'o n'essa noite, no momento em que elle ia partir com aquella que desposára!

—Agora tremes, disse Gabriella, rindo amargamente. Lastimas a tua imprudencia. E' tarde. Preveni-te; suppliquei-te que não me interrogasses. Desejava ficar sendo sempre, aos teus olhos e aos de toda a gente, a insignificante menina que toca piano para os convidados dançarem, ou que borda nos cantos das casas conversando com a sua governante. Exigi-te eu alguma cousa? Mostrei-me triste quando pediste minha irmã em casamento? Não. Ri todo o dia como uma doida. O amor que existia em mim desde que vieste, este amor de que me alimentava noite e dia como se me sustentasse de chammas, occultára-o de maneira que ninguem o suspeitava. Mas tu roubaste-me o meu segredo, triumphaste, treme agora, como se se abrise diante de ti uma jaula de feras. Pedi-te que sahisses. Ordeno-te que fiques. Não partirás com minha irmã, e sabe que se lhe tocares, estrangulal-a-hei!

O delirio de Gabriella transmittiu-se a Morlex; o contagio da paixão enlouqueceu-o. Durante um instante fallaram ambos ao mesmo tempo, trocando palavras incoherentes, gritos inarticulados. Gabriella, desvairada, quiz fechar a porta.

—Não, disse elle, allucinado, abre a porta. Embrulha-te n'esta capa, esconde a cara. Fujamos. Tomar-te-hão por tua irmã. A carruagem espera-nos. Vamos, amo-te, quero-te, levo-te commigo! Quando derem pela nossa evasão, já estaremos longe!

*

Pedro Morlex e Gabriella partiram. Ninguem os deteve, ninguem a reconheceu; os creados fecharam a portinhola da carruagem, desejando boa viagem aos recem-casados. Dançava-se ainda nas galerias e no parque; toda a gente estava satisfeita e socegada; só começaram a inquietar-se quando a noiva, em toilette de viagem, o rosto coberto com um veu azul, como uma *miss* ingleza, entrou em uma das salas, perguntaudo a sua mãe: «Onde está meu marido?»

Desde esse dia, elles não deixaram nunca de fugir de terra em terra, unidos, risonhos, — escondendo-se algumas vezes para pôrem de parte o seu riso convencional,—e arrastando ao longo da Europa a tristeza do seu amor e a mentira da sua felicidade.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 13 de abril de 1885 Numero 42

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

Texto.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Cantares*, versos, por Manuel de Moura.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Confidencia*, versos, por Luiz Francisco da Silva.—*As nossas gravuras*—*Hontem e hoje*, soneto, por Sergio de Castro.—*Em familia. (Passatempos).*—*Um conselho por semana.*—*O antigo theatro da Rua dos Condes*, por Alfredo Gallis.

Gravuras.—*Felizes edades!*—*Que mais lhe havemos de dizer?*—*A confissão.*—*A mãe doente*—*Templo de S. Francisco, em Evora.*

CHRONICA

D'esta vez não abundam os factos; estamos em calmaria pôdre de noticias. Nem um escandalo, nem um crime, nem um acontecimento de sensação veiu perturbar a doce paz que epilogou a quadra melancolica das Endoenças. Paira ainda no ar o perfume do incenso evolado das egrejas; e a humanidade, como que contida em respeito pelo tom grave das ultimas festas religiosas, guarda um recolhimento profundo, abstendo-se de abrir a valvula por onde irrompem as suas paixões desordenadas e infrenes.

Durará pouco este interregno, bem o sei, mas emfim, sempre é grato registrar uma solução de continuidade, embora pequena, na enorme cadeia de crimes que, desde longos tempos, nos traziam apavorados e transformavam a chronica em hospital de sangue.

Estamos n'uma epoca d'irremediavel decadencia. Quanto mais nos aproximamos do fim d'este seculo miserando, mais a nossa decomposição se aggrava e accelera. Ha, no meio da sociedade hodierna, uma doença qualquer, corruptora e terrivel, que a vae matando pouco a pouco, fazendo-nos perder as crenças, os respeitos, as adorações, as obediencias, e transformando-as por odios cegos, appetites monstruosos, revoltas grosseiras. Graças a ella, até se perde a consciencia do dever, essa lei primitiva e soberana das sociedades organisadas.

Immergimos n'um chaos formado de dignidades desfeitas, de consciencias mortas, de deveres postergados, de mil infamias triumphantes, n'um *pêle-mêle* horrivel de seres e coisas, em meio das quaes o proprio Deus difficilmente se reconhece, parecendo assombrado de ver morrer assim a sua obra grandiosa, que Elle reputava immortal.

O operario sente-se atormentado por aspirações vagas, por idéas confusas d'ambições e de gozos, que não conhecia d'antes. O resultado é não trabalhar, é ir refugiar-se nas tabernas onde se gera o crime hediondo.

As mulheres pervertem-se arrastadas pela sede do luxo. A nobreza de sangue, a altiva fidalguia puritana d'antigos tempos, que dançava minuetes com as duquezas patricias, nos salões dourados da *haute gomme*, enerva-se e avilta-se nos *boudoirs* das cortezãs impudicas.

FELIZES EDADES!

Digitized by Google

O theatro deprava e prostitue.

A politica, Messalina pervertida e pervertedora, vae acabando de corromper, com os seus processos deshonestos, a alma ingenua do povo.

Assim como a anemia matou as nossas forças phisicas, assim a corrupção que ahi lavra desenfreadamente trata de matar as nossas forças sociaes.

E a sociedade moderna, roida por estes dois caneros, não sabe para onde caminha, para que negros abysmos a arrastam.

A imprensa, o grand- colosso que podia ainda, talvez, pôr entraves a esta *degringolade* monstruosa, deixa-se levar na corrente demolidora, e não cuida de fazer uma propaganda tenaz contra a invasão, cada vez mais terrivel, da immoralidade e do crime.

Ha dias, um actor qualquer, dos muitos que ahi procuram, na *réclame* inconsciente das gazetas, o elogio dos seus meritos problematicos, levantou a bengala contra um jornalista, que se permittira aprecial-o com inteiro desassombro e desusada justiça.

Pois a imprensa, a puritana austera, respondeu com o silencio approvador a esta affronta que lhe cuspiram na face, deixando sem reparo nem protesto a offensa que recahiu de chapa no seu gremio honrado e digno.

E' que ella tem, n'estes ultimos tempos, uma outra missão mais alevantada a cumprir:—angariar donativos para os hespanhoes.

E a proposito d'isto, citaremos um facto.

Emquanto o sol, em sabbado d'Alleluia, fazia incidir a sua luz diamantina sobre a fachada dos templos onde se entoavam hosanas festivos; emquanto muitas centenas de felizes, attrahidos pela musica buliçosa da *Carmen*—um encanto—e pelo *spartito* do *Ernani*—uma joia musical—se preparavam para ir á noite ouvir, repoteadros nas velhas cadeiras de S. Carlos e nos *fauteuils* novos do Colyseu, dois tenores notabilissimos, De Bassini e Rubis, lia eu, nas columnas d'uma gazeta diaria, esta singela local, d'um laconismo esmagador:

«A' caridade

D. Anna David Guimarães, viuva d'um jornalista que foi muito distincto, está cada vez em peior estado de saude e nas mais precarias circumstancias.

Lembramo-l'a aos nossos leitores, implorando para ella a caridade que não póde ser mais bem cabida.»

Ao passo que os nossos visinhos de Granada souberam arrancar ao coração dos jornalistas portuguezes a nota dolorida que echoou por todo o paiz e pelas terras de Santa Cruz, produzindo caudaes de libras esterlinas em favor das desgraças hespanholas, uma desventurada senhora, viuva d'um jornalista portuguez mui to distincto, era esquecida, no meio da sua miseria negra e das suas enfermidades dolorosas, pelos companheiros de trabalho do marido que lhe morrera na força da vida e em toda a pujança do talento.

Ao passo que o infortunio dos andaluzes inspirou, aos nossos mais illustres escriptores e aos nossos mais enternecidos vates, columnas inteiras de prosa e verso, a desgraça d'uma triste viuva sem saude, sem pão, e talvez sem abrigo, provoca á imprensa periodica portugueza seis breves linhas apenas, as mesmas que se concedem ao registro de qualquer facto banal occorrido nas ruas, ou de qualquer espectaculo insignificante realisado nos theatros.

Tornou-se n'isto a imprensa. Consente que os seus membros sejam espancados, em vida, pelo primeiro sujeito a quem a critica independente desagrade; e depois de os ver mortos, deixa que as suas miseras viuvas esmolem de porta em porta, como qualquer esqualido pedinte anonymo.

No entanto, ao appello ruidoso do jornalismo portuguez, a Andaluzia vae recebendo ainda, de todos os cantos do paiz e dos nossos irmãos do Brazil, pingues donativos, que chegam bem para reconstruir as casas desmoronadas pelas convulsões do solo. E' de esperar que esta generosidade nos livre, ao menos, do contagio do *cholera morbus*, novamente desenvolvido, com furia terrivel, em Játiva e Valencia, aos primeiros assomos da pallida primavera.

=E á falta de noticias e d'espaço, rematarei esta palestra, annunciando-te que os teus representantes—salvas varias excepções—começaram a discutir no parlamento o projecto de reformas politicas.

Já não era sem tempo.

E tu a dizeres que a revisão constitucional não passava d'uma *blague!*

D'esta vez os augures politicos não mentiram, e vão dar-te de consoadas o folar da... Carta revista pela camara constituinte.

Com franqueza, não era d'isso que tu mais carecias, mas emfim, venha isso á falta de melhor.

C. DANTAS.

CANTARES

VIII

Andas na eira a saltar
E eu, com os olhos, te sigo.
Para o teu pé me calcar
Quizera ser loiro trigo!

IX

E' noite. Tua face agora
A' janellinha assomou.
Crendo que rompia a aurora,
A cotovia cantou.

X

Para vêr o que dizia,
Um bem-me-quer esfolhaste:
Disse que eu bem te queria...
Com raiva aos pés o calcaste!

MANUEL DE MOURA.

GARRETT E O SEU TEMPO

XV

E' interessante a historia dos acontecimentos de 1845 e de 1846, e o sr. Gomes de Amorim traz, com o seu livro, valiosos subsidios para a historia contemporanea. Permitta-nos porem o illustre biographo, já que nos temos ido costumando a fallar-lhe com franqueza ás vezes rude, que mais uma vez lamentemos que, na sua apreciação dos homens politicos do nosso tempo, não mantenha a severa imparcialidade que frequentemente allega, mas que nem sempre o distingue.

E' cedo ainda, diz o sr. Amorim, para escrever a historia d'esta epoca agitadissima do nosso noviciado constitucional. Confesso que receio que vá começando a ser tarde, porque, a lenda, quasi sempre a lenda do escarneo, a lenda do insulto e a lenda da calumnia vão desfigurando por tal forma os vultos que n'este periodo dirigiram os negocios publicos, que o historiador, quando vier, encontrar-se-ha talvez diante de preconceitos por tal forma enraizados, que lhe será difficil reconstruir as figuras verdadeiras, distribuir em justos quinhões o louvor e a censura, e contar o que succedeu e não o que se inventou. Para emprehender essa obra de rehabilitação, ha de, sobretudo, sentir uma falta enorme de documentos. Encontrar-se-ha na presença dos documentos officiaes, que são pouco elucidativos, quando desacompanhados de commentarios que os expliquem, e em presença dos jornaes e dos folhetos que mentem com um descaramento que a posteridade nem poderá imaginar, porque só nós, que vemos os factos e que vemos as narrativas, é que podemos formar idéa do ponto a que chega o facciosismo na chronica dos acontecimentos. O que era necessario que existisse eram as *Memorias*, principalmente as *Memorias* dos actores secundarios dos grandes dramas, que tudo presenciaram, e que não teem grande interesse em disfarçar a verdade. O que era necessario, tambem, era que se fosse já fazendo a historia com sincero intuito de imparcialidade, tomando-se a missão de historiador como um verdadeiro sacerdocio.

O sr. Gomes de Amorim cita a miudo, e toma como authoridade a *Historia* do sr. Soriano!! Como quer depois que se acredite na sua imparcialidade? O sr. Soriano, e isto simplesmente porque é homem, tem as suas paixões a que não é superior, figurou nas luctas que refere, tem as suas predilecções e os seus odios; o sr. Soriano, pois, deve ser consultado com muita cautella e muitissima prevenção. Alem d'isso o sr. Soriano, com o desejo que tem de escrever depressa, não se dá ao trabalho de cotejar, comparar e criticar os documentos de que se serve. Toma as publicações do tempo, apaixonadas, inspiradas pela irritação, pela colera, pela parcialidade, e vai-as seguindo passo a passo, copiando-as muitas vezes. A historia da emigração para Inglaterra pode-se dizer que a copia quasi textualmente das *Memorias* de Silva Maia!

O livro do sr. Soriano é, apesar de tudo, valioso, porque tem compilado em poucos volumes o que se encontra disperso por innumeros folhetos, mas deve ler-se com o mesmo cuidado com que se leriam os folhetos que lhe servem de texto, com o cuidado com que se lêem as paginas apaixonadas escriptas por aquelles em cujo sangue lateja a febre das luctas em que se acham envoltos.

Já estranhámos a severidade injusta com que o sr. Gomes de Amorim apreciou a emigração, repetindo velhas banalidades, que se desculpam na boca dos emigrados famintos, desesperados, que procuravam vingar-se em alguem das miserias que soffriam, mas que se não desculpa na boca dos homens que pertencem á geração seguinte, e que devem fazer a critica dos acontecimen-

Digitized by Google

tos para não fazerem accusações exaggeradas, quando não são muitas vezes accusações calumniosas.

O sr. Gomes de Amorim acceita, n'esse ponto, ás vezes com certa ingenuidade, como palavras do Evangelho, os textos do seu author predilecto—o sr. Soriano. Assim repete com toda a gravidade uma accusação de covardia feita pelo author da *Historia da guerra civil* .. ao duque da Terceira! E' verdade, o sr. Soriano tem a singular coragem de chamar «covarde» ao duque da Terceira, e o sr. Gomes de Amorim tem a ingenuidade não menos singular de repetir a accusação.

«O duque, diz o sr. Gomes de Amorim, só uma vez, durante a defeza dos direitos da rainha, procedeu de modo que mereceu censuras em vez de louvores, e que podia ter sido funesto á causa liberal. Foi quando, na ilha Terceira, pedio o commando da expedição para ir tomar o Pico, S. Jorge e Fayal. Estava já senhor das duas primeiras, ao tempo em que appareceu a corveta miguelista *Isabel Maria, que o aterrou a ponto de desamparar a expedição, e retirar-se para a Terceira com o seu estado-maior!*»

Por terra, naturalmente fugiu por terra. Effectivamente o caso é dos mais singulares, e ha poucos exemplos de tão extraordinaria covardia! O Duque da Terceira está na ilha de S. Jorge, vê apparecer no mar uma corveta inimiga, toma-lhe tamanho medo que se mette logo n'um barco e deita a fugir, que é para a corveta não dar cabo d'elle. Toda a gente sabe que onde as corvetas são menos perigosas, é no mar. O leitor está ali no Terreiro do Paço, por exemplo, apparece uma corveta, cuja vista o aterra, e o leitor desata a fugir. Qual é o modo que tem de fugir á corveta? Safar-se para o Rocio? Metter-se n'um trem e mandar bater para Bemfica? Não senhor, metter-se n'um bote, e mandar remar para Cacilhas. Assim é que todos os covardes fogem das corvetas. Da mesma forma, se o leitor vier no vapor de Belem, e vir passar pelo Aterro o regimento de lanceiros, se os lanceiros lhe metterem medo, o modo que tem de lhes fugir é desembarcar e deitar a correr para o Terreiro do Paço!

Ora, se o sr. Gomes de Amorim, que naturalmente se espantou ao ver a noticia de um acto de covardia praticado pelo duque da Terceira, e que releu e releu o trecho antes de se convencer, tivesse reflectido um instante, havia de notar que, para o duque fugir da ilha de S. Jorge para a ilha Terceira com medo de uma corveta, era necessaria uma de duas coisas: ou que o duque fugisse de uma ilha para a outra .. por terra, ou que a corveta houvesse apparecido a navegar, airosa e flamante, nas montanhas de S. Jorge.

Eu, que sou menos propenso a achar tudo vergonhoso do que uns certos scepticos meus contemporaneos, não podendo admittir, por mais que o sr. Soriano o affirmasse, que o duque da Terceira tivesse praticado um acto de covardia, e não podendo mesmo admittir que se podesse considerar um acto de covardia o que era afinal de contas antes um acto de temeridade, mas reconhecendo que o passo dado pelo intrepido general fôra em todo o caso uma inconveniencia, tive a curiosidade de investigar o que fôra que o motivára. E soube-o.

Já digo que o acto do duque da Terceira foi effectivamente uma fraqueza, não no sentido em que tomam essa palavra os srs. Soriano e Gomes de Amorim, mas no sentido de ser uma transigencia com sentimentos humanos, nobilissimos sim, mas que não deviam n'esse momento fallar mais alto do que o amor da patria e o zelo da liberdade no coração do heroe.

O duque da Terceira, ou antes o conde de Villa-Flor, porque ainda n'esse tempo não fôra elevado a duque, não via saa mulher havia dois ou tres annos, quando soube que ella chegára á Terceira. Então, não houve coisa alguma que o prendesse: nem sentimento do dever, nem o perigo imminente de cair nas mãos do inimigo, nem a necessidade suprema de completar a conquista dos Açores. Foi um desejo superior á sua vontade. Não attendeu nem aos dictames da sua consciencia, nem ás reflexões dos seus officiaes. Partiu *covardemente*, como diz o sr. Soriano, quer dizer mettendo-se n'uma casca de noz, que uma bala da corveta *Isabel Maria* teria mettido no fundo com a maior facilidade. Partiu, chegou á Terceira, abraçou sua mulher, e, quando José Antonio Guerreiro lhe estranhou o seu procedimento, o valente general, reconhecendo as suas culpas, curvou humilde a cabeça, elle o victorioso, elle que podia ser dictador quando quizesse, metteu-se outra vez no bote, e lá foi de novo, expondo-se a passar por baixo dos canhões da corveta *que o aterrara*, tomar a ilha do Fayal.

Este acto do duque da Terceira relaciona-se perfeitamente com o animo intrepido, cavalheiresco, e um pouco irreflectido do valente general, assim como está perfeitamente conforme com o caracter do homem, que foi, na phrase de José Estevão, «um militar valente e um cidadão pacifico», a obediencia quasi humilde com que acceitou—elle que era a espada e a força, e podia ser a dictadura—as reprimendas da Regencia.

Mas o que se não coadunava em nada com o caracter do duque da Terceira era um acto de covardia, porque estava em contradicção com todos os actos da sua vida, e bastava esta simples reflexão para que o sr. Gomes de Amorim não acceitasse de leve, e sem a submetter a uma critica reflectida, a asserção do sr. Soriano. E que a não submetteu a essa critica prova-se amplamente pelo simples facto de não ter reparado sequer no que havia de burlesco e de *bête* na historia d'esse famoso covarde, que, por ter muito medo de uma corveta, estando muito bem descançado em terra, se metteu n'um bote e fugiu por mar.

PINHEIRO CHAGAS.

CONFIDENCIA

Eu sinto que é mortal a dôr que me atormenta,
Que nunca um tenue raio d'amor e de ventura
Virá dulcificar-me esta tristeza lenta,
Que afunda pouco a pouco a minha sepultura.

Ninguem percebe a forte e grande tempestade,
Que em minh'alma febril s'extorce a cada instante;
Ninguem conhece o horror—a eterna soledade
Do meu viver cruel, tristonho e flagellante.

Ninguem! Ninguem conhece o meu atroz destino
N'este abysmo fatal denominado «mundo»,
Nem sabe o que é ter só na mocidade um hymno
D'implacavel tristeza e de pezar profundo.

E tudo isto porque? Por *Ella* não sentir
No virgem coração um meigo affecto ardente
Que seja egual ao meu; por não retribuir
O meu amor tão grande e puro e persistente.

II

Oh! é horrivel é! E adoro-a! Podem crer
Que n'este mundo vil unicamente qu'ria
O amor d'essa mulher.
A riqueza, o futuro, emfim tudo daria
P'ra ter o seu affecto ameno e carinhoso
A sua idolatria.
A vida perderia estoico e venturoso,
Se nos labios lhe visse a limpidez d'um riso
Alegre e bonançoso.

Sentiria em minh'alma um doce paraizo
Se um dia o seu olhar baixasse sobre o meu
.....
.....
Mas isto é sonho bom... um sonho que idealiso!
Terei sómente o Inferno, em vez de ter o Ceu!

LUIZ FRANCISCO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

FELIZES EDADES!

Felizes edades aquellas, em que não ha ainda a noção dos brilhantes caros e dos adereços principescos!

Dois pares de cerejas enlaçadas formam um par de brincos formosissimos, muito mais vistosos que dois botões de perolas ou de saphiras.

Depois, aquellas *parures* singelas com que se adorna a innocencia, teem uma dupla vantagem:—enfeitam e comem-se; deliciam o paladar das creancinhas depois de lhes terem deliciado os olhos.

Vão lá dizer á formosa pequenita do quadro que enfeite as orelhas com ginjas garrafaes, quando tiver mais cinco annos por cima. Isso sim! Então já ella pede brilhantes e se namora ao espelho, envergonhada de ter um dia exhibido aquelles adornos, entre as suas brincadeiras infantis.

QUE MAIS LHE HAVEMOS DE DIZER?

Mãe, filha e neto. Adivinha-se-lhes o parentesco na semelhança pronunciada das feições.

Reuniram-se todos tres para dar noticias de si a um ausente saudoso—o dono da casa. A mãe dicta, a filha escreve, e o neto, depois de ter mandado dizer ao papásinho que lhe traga muitos bonitos, entretem-se a metter os dedos na tinta.

Esgotado o repertorio das novidades, e confiados ao papel todos os segredos domesticos, a gentil escrevente pergunta á mãe, tomando uma attitude pensativa:—Que mais lhe havemos de dizer?

Como se aquella alma cheia de saudades não lhe desse assumpto para encher muitas resmas de papel!

A CONFISSÃO

A carne é fragil, e o habito não faz o monge.

Digitized by Google

QUE MAIS LHE HAVEMOS DE DIZER?

Digitized by Google

Digitized by Google

A MÃE I

Digitized by Google

DENTE

Digitized by Google

Digitized by Google

A CONFISSÃO

Digitized by Google

Aquelle noviço torturado pelos supplicios da clausura, sente pulsar-lhe no peito, sob a larga sotaina de burel, um coração onde não se apagou ainda o amor pelas coisas mundanas. Affectos mal correspondidos arrastaram-o, em momentos de desconforto, para a estreiteza d'uma cella humida e sombria.

Pensára esquecer-se ali, e não fez mais do que aggravar o supplicio medonho.

Agora, procura na confissão um doce refrigerio para as suas profundas maguas, mas a palavra consoladora do venerando sacerdote não consegue arrancar-lhe d'alma o nome adorado que o amor ali gravou.

No fim de contas, um infeliz!

A MÃE DOENTE

A companheira do honrado pescador enfermou gravemente, e os cinco filhitos ficaram para ali, ao Deus dará, sem um affago materno, desprovidos do agazalho e do conforto que só uma boa mãe pode dar.

Se o pae lhes não valesse, os pobres pequenos, entregues a si mesmos, estalariam de fome, talvez. Mas elle, o rude homem do mar, não os desampara um instante; exerce ao mesmo tempo as funcções de enfermeiro solicito e de ama secca desvelada.

E' ver com que doce carinho o bom do pescador embala nos seus braços musculosos o mais novo do rancho, esfriando pacientemente as sopas de leite, que substituem para a creancinha esfaimada o doce alimento dos seios maternos!

E' ver com que pachorra elle supporta as impertinencias das tres pequenas mais velhas, e as travessuras do rapazelho, um garoto endiabrado que, nas horas vagas, dá tratos de polé ao gato, e revolve a casa toda, transformando-a n'um perfeito inferno! Quem já passou por transe egual ao d'aquelle infeliz pae, deve lastimal-o profundamente, ainda mais que á propria enferma.

TEMPLO DE S. FRANCISCO EM EVORA

Evora, capital da provincia do Alemtejo e uma das cidades mais antigas do reino, onde quasi todos os nossos reis, até D. Sebastião, tiveram por vezes a sua côrte, está edificada no centro d'aquella provincia e é por todos os lados rodeada de dilatadissimas planicies.

No centro da cidade eleva-se um pouco o terreno com muito doce subida. N'essa pequena altura está situada a Sé, tendo junto a si o palacio archiepiscopal.

Além da freguezia da Sé, ha na cidade mais quatro parochias, que são: S. Pedro, S. Thiago, Santo Antão e S. Mamede.

Antes da extincção das ordens religiosas em 1833, contava Evora 22 conventos e collegios, dentro da cidade e proximo dos seus muros.

Dos de frades é digno de menção, entre outros, o de S. Francisco, cuja fachada a nossa estampa representa.

Este templo é vastissimo, tem uma só nave, e uma abobada singular, que não é sustentada por columnas.

Foi construido nos reinados de el-rei D. João II e de el-rei D. Manuel.

HONTEM E HOJE

Quantos livros eu li na minha mocidade,
Theorias sem fim, das allemãs, francezas!
Queria derribar as grossas fortalezas
Que nos roubam á luz a esphinge da Verdade!

Que sede tão febril, que enorme anciedade
Na floresta ideal d'essas mil subtilezas!
Mas quanto mais descia aquellas profundezas,
Tanto mais me fugia a eterna claridade!

Hoje, porém, cançado, ainda em verdes annos,
Não quero decifrar segredos dos arcanos,
Que me enchem de pavor, de treva e escuridão...

Tenho um só ideal—o teu amor, criança;
Foi só no teu amor que eu encontrei bonança:
E ha muito que aprender n'um livro, o coração!

SERGIO DE CASTRO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Temos na musica e na ermida este peixe—1—1—2.

Pisa e tem agua no mar—1—2.

Este arbusto corre e canta—2—2.

Na musica come-se esta pedra—1—2.

Com este instrumento a ave é ave—1—2.

Esta ilha n'outra ilha mancha—1—2.

Belem. DIAS.

E' planta, homem e marmore—2—2.

X. RODRIGÃO.

CHARADA EM W

(A Matheus Peres)

1 2 3
W
4 5

Venha cá, meu caçador:
Ja que mata tanta caça,
Vamos ver se tambem mata
Charadinhas d'esta raça.

Na obliqua primeira
Encontra verbo ou mulher.
Na obliqua segunda
O que o verbo deve ter.

Na obliqua terceira,
De mulher nome verá.
E na obliqua quarta
Um pronome encontrará.

Na primeira horisontal
Vê um signo com certeza.
Na segunda tem um verbo
Cá da lingua portugueza.

Beja. JOSÉ EDUARDO ABRANTES SILVA.

N. B. Considera-se primeira obliqua a linha 1-4, segunda a linha 2 4, terceira a linha 2-5, e quarta a linha 3-5. Primeira horisontal os pontos 1-2-3, e segunda os pontos 4-5.

ADIVINHAS POPULARES

Ando toda matizada
De lindas, diversas cores;
Se me apraz, entre mil flores
Passo a vida socegada.
Sou ás vezes mal tratada
Por força da sorte impia,
Invencivel sympathia
Melhor me fôra não ver,
Que mais tempo duraria.

Sou uma pobre envergonhada
A qualquer canto mettida,
Trabalhando noite e dia,
E do trabalho que faço,
Ainda curo alguma f'rida;
E ainda ha quem de mim diga,
Sem compaixão nem vergonha:
—Fugi d'ella! tem peçonha!

LOGOGRIPHO

Eis aqui uma medida,—9—8—13
Que a muitos mitiga a dôr—13—8—5—6—2—8—5
E' ave mui conhecida,—12—9—8—13—4—11—5
Com rasão aborrecida—9—8—12—11—13
Mas que canta com primor—1—9—4—10—5—8—11—13

E' um ser abominado,—12—7—8—11—12—5
Que a todos causa aversão.—5—3—11—5
Contém valor cubiçado,—8—9—12—9—4
Na Turquia é magistrado,—9—2—9—10
Tambem vigia a prisão.—4—5—8—6—9

Procurae, e com certeza
Uma sciencia heis de achar,
Que tem materia p'ra estudo
No ceu, na terra e no mar...

F. B. DIAS.

Digitized by Google

PROBLEMA

Um numero é formado de 3 algarismos, cuja somma é 11; a somma dos seus quadrados é 45; tirando 198 ao numero dado, obtem-se um resto, que se escreve com os mesmos algarismos que o dito numero, mas collocados em ordem inversa. Qual é o numero?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Queluz—Girasol—Gaiola—Rozada—Rozario—Paulo—Oceano—Bispo—Armario—Ratoeira—Pe co ro a la

DA ADIVINHA POPULAR:—Luz.

DO PROBLEMA:—Os numeros são: ± 25; ± 16; ± 15.

A RIR

Colhido na *Havaneza:*

—Posso affirmar-te que ha cães muito mais intelligentes que os donos!

—Essa agora!

—Digo-te eu que ha. Por tal signal tenho um lá em casa.

*

Um accidente qualquer fez com que o pianista X... perdesse ambos os braços.

Vão dar esta noticia a Calino, e elle responde:

—Foi uma grande desgraça, confesso, mas podia ter sido ainda muito maior!...

—Maior, como?

—Se elle perdesse ambas as mãos!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Quereis curar uma constipação rebelde, que vos impede de ir aos theatros e aos bailes? Não é difficil.

Para isso, fazei torrar e depois moer uma porção de farellos de trigo: em seguida preparae com elles um chá, deitae dentro do liquido um pouco de leite e uma colher de xarope de gomma, adoçando-o muito bem.

Tomae este chá umas poucas de vezes ao dia, e em 24 horas a tosse terá desapparecido completamente.

O ANTIGO THEATRO DA RUA DOS CONDES

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Ha na vida factos e cousas que nunca esquecem da memoria do homem. Emquanto existir em Lisboa um individuo, que se lembre de ter assistido a uma recita no theatro da Rua dos Condes, este não será olvidado nem votado á indifferença, embora do seu aspecto reste sómente um quadrosito a oleo, que em tempos vi na loja do sr. Margotteau, na rua Nova do Carmo, e que representava a fachada exterior do velho theatro nacional.

Aquelle miseravel barracão feito de vigas carunchosas, lona pintada, papeis dourados e cartazes desbotados, teve o seu periodo de gloria, e n'elle deram os primeiros passos na carreira theatral quasi todos os nossos actores e actrizes, que mais tarde foram ali algumas vezes representar, em beneficios de caridade ou de collegas.

A decencia devida á capital, os preceitos da hygiene, e a segurança da existencia de cada um, determinaram que o theatro fosse demolido, afim de se prevenir a tempo alguma catastrophe medonha, que certamente se daria, se alguma vez o grito de—fogo—resoasse n'aquella concorrida e desconjuntada sala de espectaculo.

Era o theatro das magicas e dos grandes dramas de effeito, com extraordinario apparato scenico, onde floresceram especiaes diabos de gesto largo e voz rouca, e inconcebiveis anjos e fadas bondosas, de trinta e tantos annos, com azas de papelão, e os filhos a chorarem no camarim, com grave escandalo dos D. Juans de bastidores.

O povo adorava o theatro da Rua dos Condes, porque só elle lhe preenchia convenientemente as phantasiosas aspirações da sua alma; e a platéa dos domingos era medonha, terrivel, capaz de impôr respeito a um esquadrão de cavallaria municipal.

Chegou a ser celebre esta platéa, que afugentava o pacato burguez e o janota pretencioso, que se arriscava muito a apanhar no chapeu uma descarga de tremoços e de fava torrada se tivesse o arrojo de ir ao domingo ao theatro da Rua dos Condes.

Antonio de Menezes, esse bohemio cheio de graça e de espirito, sorrindo a tudo e a todos com a morte impiedosa a desbotar-lhe os arroxeados labios, teve no velho theatro a apotheose do seu talento, na esplendida e sempre lembrada revista o *Tutti li mundi.*

Carlos Pessoa, Augusto Oliveira, Eduardo Garrido e outros especialistas nos processos das magicas, tiveram ali os seus triumphos e uma semi-popularidade, que os tornava queridos d'aquelles fanaticos dos diabos vencidos sumindo-se pelos alçapões, e dos anjos vencedores subindo com um sorriso nos labios sensuaes e com os olhos em alvo a um céo de nuvens de lona pintada, illuminados por auroras de enxofre e limalha de ferro, ao perfume da qual não havia garganta que resistisse.

A geral ultrapassava todos os limites da liberdade e da licença. Não era raro ver diversos espectadores de pé descalço; e, encontrar uma gravata n'aquella parte da sala, seria trabalho, senão espinhoso, pelo menos infructifero.

Aquelle theatro tinha a especialidade dos beneficios a favor de chefes de familias sem meios de subsistencia e de diversas sociedades phylarmonicas e dramaticas, que assim tratavam de equilibrar o cofre, não hesitando em expôr por vezes á gargalhada publica as habilidades artisticas de algum dos seus socios, com decidida vocação para a scena e para o desfructo.

O mais curioso, porém, de todos os beneficios eram os promovidos a favor dos cyrios, que da outra margem do Tejo vinham a Lisboa, prenhes de devoção e de vinho, com o andor da Senhora atirado para a ré da falua, e em frente uma caldeirada terrivel como um aphrodisiaco, e picante de adubos e de ditos de espirito á fragateira.

N'essa noite iam ao theatro todos os catraeiros do Caes do Sodré!

Os camarotes enchiam-se de mulheres de lenço de seda azul na cabeça, casaco de panno preto enfeitado de velludo, cordão e guarda-chuva, que offereciam pasteis de bacalhau e cerveja aos maridos, uns mastodontes muito gordos e altos, de jaqueta e cache-nez, rosto picado de bexigas, gabão ao hombro e grossa cadeia de ouro estendida como uma amarra sobre o abdomen largo e proeminente.

Na platéa comia-se fava torrada e pevides de abobora, laranjas e pão com chouriço, e muitas vezes pescadinhas e carapaus fritos.

Não era raro ver uma garrafa de gazoza percorrer dois e tres camarotes, e uma laranja voar da platéa para uma friza. Conversava-se em voz alta d'um para o outro lado do theatro, e ás vezes resoavam phrases que punham calafrios na espinha dorsal.

Antes de correr o panno o barulho era enorme, atroador, cortado a espaços por aquelles assobios vibrantes e agudos, que só se encontram na praça dos touros em tardes de grande enchente; ás vezes armava-se uma pequena baralha, que obrigava as damas dos camarotes a debruçarem-se, com risco de perderem o equilibrio; intervinha a policia, bebia-se mais uma cerveja e o regente da orchestra erguia a batuta.

Como por milagre, o silencio restabelecia-se, e quando o panno estava subindo era perigoso fazer o minimo ruido.

Aquelles espectadores, para quem uma noite no theatro era, na vida d'elles, quasi um acontecimento sempre vivo na memoria, não admittiam que qualquer tivesse o desplante de os incommodar, no goso supremo de recolherem todas as phrases e gestos dos actores.

D'aquelle publico não havia que receiar.

Os artistas dramaticos eram para elle quasi uns deuses, a que não era permittido interromper a não ser com uma salva de palmas, que ás vezes se ouvia na rua de Santo Antão.

Quando a peça era drama patriotico ou magica, em que o diabo levava quinau, os finaes dos actos causavam um verdadeiro delirio e o publico não se cansava de applaudir.

Deram-se ali espectaculos, que chegavam a acabar ás duas horas da madrugada, estando metade dos espectadores a dormir e a outra metade fula de raiva.

A Rua dos Condes tinha, porém, os seus pergaminhos. Os mais notaveis vultos da scena portugueza passaram por aquelle palco poeirento e podre, onde o acaso nunca se lembrou de lançar uma faulha, que teria produzido um drama de horror egual ao do Ringht-Theatre de Vienna d'Austria.

Ultimamente o theatro estava um pouco decahido, tanto em artistas como em peças.

O proprio publico especial seu, começava a achar muito perigosas e incommodas aquellas estreitas portas que davam ingresso para a platéa, e não se sujeitava de bom humor á inquisitorial disposição da mesma.

O modernismo theatral tinha derruido lentamente aquellas enormes magicas, que fizeram as delicias dos nossos avós, e as classes inferiores já gostavam da bota bem feita e do laço da gravata bem dado.

O theatro da Rua dos Condes devia succumbir forçosamente, obediente ás leis inexoraveis do destino, que negam a eternidade até ás proprias cousas inanimadas.

Digitized by Google

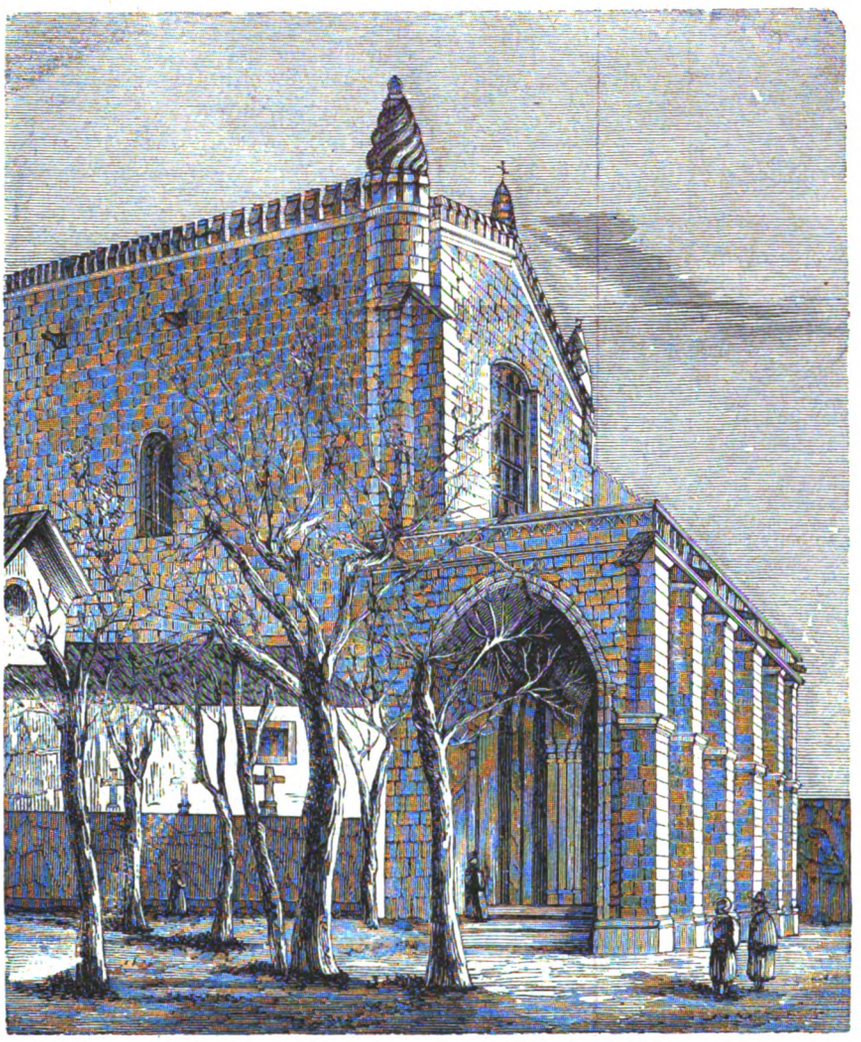
N'aquelle theatro deram-se, porém, scenas d'um comico admiravel, que coincidiam perfeitamente com a epocha em que havia em Lisboa alguns rapazes muito engraçados e atrevidos em estroinices que hoje não se fazem nem se imaginam. Certa noite, em que um actor muito insignificante e muitissimo pretencioso fazia beneficio, na occasião de ser chamado pelos seus amigos, foi-lhe offerecido, d'uma friza de bocca, um embrulho delicadamente atado com fitas de seda carmezim, tendo pendente, d'um cordão de canutilho de ouro, um bilhete, no qual se lia em letras douradas:

Ao actor F...

Offerecem

Os seus admiradores.

O homem fez-se vermelho como um pimentão e deitou ao publico um olhar importante e soberbo, curvando-se menos nos seus agradecimentos.



TEMPLO DE S. FRANCISCO EM EVORA

Quando recolheu ao camarim era seguido por todos os collegas, coristas, carpinteiros, alfaiate, aderecista, contra-regra, ponto, e até pelo homem das luzes, anciosos de verem o brinde tão espontanea e delicadamente offerecido ao artista. O homem limpou o suor que lhe banhava a fronte, despiu a casaca, pediu um cigarro, chegou tres vezes á porta do camarim, e quando conheceu que todos estavam com a idéa pousada no volumoso brinde, desatou as fitas lentamente, tirou um papel côr de rosa, outro azul, outro verde, e por fim appareceu o presente tão anciosamente esperado.

Fez-se livido, ao passo que os curiosos riam como uns perdidos.

O brinde constava d'um tufado pão de meio kilo, com meia duzia de carapaus fritos entalados, formando uma sandwich colossal!

Quando reappareceu em scena a friza estava vazia.

D'outra vez, no beneficio d'uma actriz das somenos valiosas, um rapaz applaudia na platéa com um enthusiasmo louco.

No final do acto, atiraram d'alguns camarotes flores e versos. O enthusiasta não se poude conter, salta acima do banco e arremessa ao palco uma gallinha morta, que despertou o riso e a troça de toda a sala.

A melhor de todas, porém, passou-se n'uma terceira ordem, durante a representação d'um drama capaz de fazer chorar as pedras.

O silencio era geral; o galan despejava uma falla cheia de adjectivos pomposos e imagens estafadas, quando de subito se ouve o ruido particular da manteiga fervendo. Todos se entreolhavam receiosos e desconfiados, e um cheiro a manteiga frita penetrou em todos os narizes.

O ruido augmentava, e já não era possivel duvidar de que no theatro alguem estava frigindo ovos.

Vibraram algumas gargalhadas isoladas, depois mais e mais, e o riso, que como todos sabem, é, assim como a sede e o choro, communicativo, interrompeu escandalosamente o espectaculo.

N'esta occasião, d'um camarote de terceira ordem debruçou-se um rapaz, que ainda hoje tem fama de engraçado, e mostrou ao publico a frigideira onde luzia uma magnifica *omelette*.

Rebentou a troça, e o drama concluiu no meio d'um completo charivari, que deu ao espectaculo o aspecto d'uma recita em terça-feira gorda.

Não havia ninguem em Lisboa que não tivesse ido, pelo menos uma vez na vida, ao theatro da Rua dos Condes.

Era o theatro popular por excellencia, e d'elle resta a recordação de muitas noites de verdadeira festa e delirante enthusiasmo. O excentrico e estimado actor Faria, que deixou de si immoredoura memoria no papel do gallego das *Intrigas no Bairro*, presistiu por largos annos n'aquelle theatro, a que tinha sincero e profundo amor.

As melhores magicas e dramas maritimos representavam-se ali, sempre com um exito notavel, e algumas muito bem determinadas, para o que bastante concorria a especial construcção da caixa, propria para aquelle genero de espectaculos.

Nos ultimos annos da sua existencia, a sala soffreu uma completa reforma de ornamentação, mas a altura dos tectos e a largura dos corredores, que pareciam feitos para anões e para tysicos, ficavam na mesma, até que a imprensa, em voz unanime, e aterrada com os sinistros acontecidos frequentemente n'alguns theatros estrangeiros, indicou ao alvião municipal o velho e popular theatro.

Uma commissão de sabios, que muitas noites ali foram, em companhia das familias, rir algumas horas, comprehendeu pela vez primeira que o theatro era inadmissivel com aquella construcção que não permittia que em momento de perigo se salvasse um unico espectador, e o velho templo da arte dramatica em Portugal foi demolido em menos d'um mez, e só então, depois de arrancadas as lonas e os dourados, as figuras emblematicas e a colla, deixando a descoberto um misero esqueleto composto de vigas podres que uma creança poderia partir, é que Lisboa conheceu quantas vezes correra ao encontro do perigo, com o sorriso nos labios e alguns cobres a menos no bolso.

Hoje não resta do macrobio theatro senão a pallida recordação de algumas noites alegres e divertidas que ali se passavam, tendo por 400 réis a expressão mais completa do ceu e do inferno.

Morto o Passeio Publico, o theatro da Rua dos Condes, seu visinho de ha muitos annos, não lhe poude sobreviver, e hoje já poucos se lembram do que foi aquelle incrivel theatro no tempo da sua gloria e do seu esplendor. Aos antiquarios deixo o encargo de construirem a sua biographia, pois para mim reservei apenas a evocação do que elle era como theatro perante o bom gosto e inclinações do publico.

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35. LISBOA

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 20 de abril de 1885 | Numero 43

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Cantares*, versos, por Manuel de Moura.—*O bouquet*, por Eduardo de Almeida.—*No theatro*, versos, por José Eugenio dos Santos.—*As nossas gravuras*.—*Em familia*. (*Passatempos*).—*Um conselho por semana*.—*Contos da Caróchinha*, por Esmeralda.

GRAVURAS.—*Monumentos de Thomar*.—*Contos da avósinha*.—*A viuva*.—*No «atelier» do pintor*.—*Um valente*.

CHRONICA

E que nos importa, a nós, que a Inglaterra, a nossa *fiel alliada*, segundo a classificação lendaria, houvesse levado um pontapé dos russos, na fronteira do Afghanistan?

O que temos nós que ver com as desgraças da altiva Albion, ferida na sua prosapia tradiccional pelos irlandezes sedentos de liberdade, pelos mahdistas, que lhe trucidam nos plainos do Soldão a fina flôr do exercito, e pelos russos, que lhe disputam o dominio da India?

A Gran-Bretanha está colhendo os fructos da sua filaucia requintada. Chegou ao leão a vez de ser sendeiro. Approximou-se para ella a hora fatal do ajuste de contas com as nações da Europa avassaladas ao seu poderio.

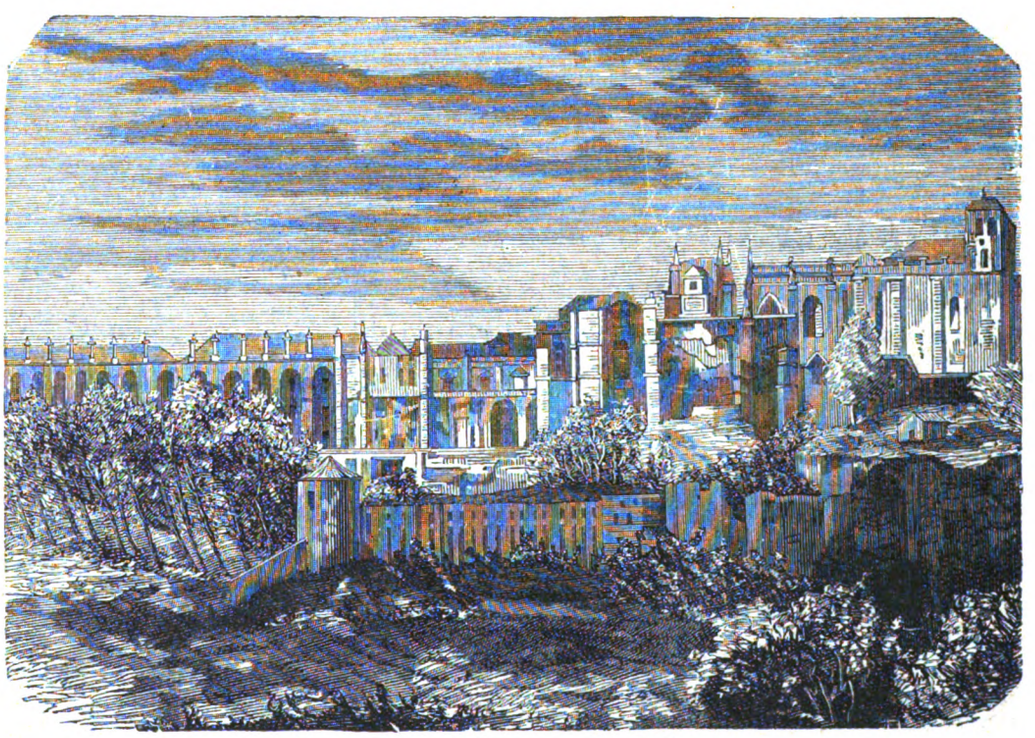
O elephante do Norte encarregou-se de nos vingar. A artilheria do general Komaroff fez o primeiro escalavro no *puff* gigantesco da loira matrona, e o sr. de Giers ha de acabar d'arrancar-lhe os dentes postiços com que mordia felinamente o mundo inteiro, já farto das suas impertinencias senis.

Haverá guerra? Não haverá guerra? A diplomacia que responda.

A nós afigura-se-nos que, d'esta vez, a Inglaterra engulirá todas as offensas czarianas, conscia, como está, da sua impotencia, apesar d'uns ultimos fumos de pimponice, manifestados na faina dos aprestos bellicosos que prepara.

D'ahi, a velha rainha Victoria não quer quebrar o remanso dulcissimo que disfructa em Aix-les-Bains, onde está gozando, de camaradagem com a princeza Beatriz, o sol radiante e as brisas embalsamadas do mez das flores.

Quando se chega áquellas edades, gosta-se de passar a vida placidamente, sem ouvir as balas assobiarem no espaço *refrains* guerreiros.



MONUMENTOS DE THOMAR

Digitized by Google

Pode um ou outro conselheiro da corôa, mais pronunciadamente disposto a aceitar o repto dos russos, dizer-lhe pelo telegrapho que é mister castigar a audacia de Komaroff. A rainha não se move.

A's violentas commoções da guerra, prefere passeiar, depois do almoço, pelo parque Marlioz, no seu poney favorito que nunca a abandona, ou na sua pequenina carruagem de Windsor, que lhe dá o morno aconchego de bellas almofadas commodas e flaccidas.

Depois de ter vivificado os pulmões com o ar puro d'Aix-les-Bains, irá ver, pela vez primeira na sua vida, os panoramas formosissimos da Suissa pittoresca. Quando voltar a Londres, á tristonha *city* dos nevoeiros perpetuos, já o seu veterano Gladstone e os negociadores diplomaticos terão deitado um remendo no sitio onde as tropas do czar abriram brecha.

Mas este remendo não passará d'um palliativo. A guerra ha de estalar, mais tarde ou mais cedo, convulsionada e terrivel. Está escripto; é fatal.

A politica não pode conter o que obedece a outras causas mais imperiosas que as negociações habeis da diplomacia. A Russia procura o caminho da India, em busca do festim em que se refastelle, á semelhança d'aquellas invasões do seculo V, que cahiam sobre o imperio romano, como cafila de lobos famintos arrojados da neve das montanhas sobre os campos da planicie.

Oitenta milhões de russos não encontram, nas aridas embora vastissimas regiões do seu paiz, os elementos necessarios e indispensaveis á vida. Quando a fome aguilhoa os povos do Norte, vem logo, como consequencia immediata, a invasão, a que podemos chamar lei da sua historia.

A marcha dos rusos até á India está combinada nos calculos da politica, é certo, mas baséa-se, principalmente, nas necessidades d'um povo enorme, que sente, como exigencia imperiosa, a satisfação d'appetites naturaes. As invasões de hulanos e de moscowitas procurarão, na ultima parte do nosso seculo, o Oriente, como, no seculo V, seguiram o caminho do Occidente.

O peior de tudo é que a fome dos russos possa dar origem a uma guerra europea ruinosa. Se ao menos a Gran-Bretanha servisse, sosinha, de repasto á cubiça dos esfaimados... talvez nós viessemos a esfregar as mãos, com um pequenino gaudio muito intimo, em familia, de portas a dentro, sem expansões nem foguetorio...

=E agora mesmo reparo, queridissima leitora, em que despejei um artigo do fundo sobre a tua cabeça loira e formosa, onde o sol d'abril põe scintillações douradas, sobre o teu espirito doudejante e irrequieto, que a noticia do proximo encerramento de S. Carlos veio ao de leve annuvear.

Tem paciencia. A missão de chronista arrasta-nos a estes desmandos pelas regiões da politica, quando a politica vem impor-se, nua e fria, aos nossos commentarios, em factos palpitantes, em successos que provocam a attenção do mundo inteiro.

Dá tu graças ao Altissimo porque eu, no pendor d'estas massudas considerações sobre o conflicto anglo-russo, não venho aqui contar-te como ha dias se fez a paz entre a França e a China, levando ao teu *boudoir* sereno a narrativa circumstanciada de quantas luctas ahi se travam, por esse mundo, entre as raças brancas, amarellas e negras, entre os filhos de Sem, Cham e Japhet.

Andas triste porque vão fechar-se as portas de S. Carlos. Adivinho-o d'aqui, n'essa doce *morbidezza* em que me estás lendo, nas linhas assombreadas d'esse rosto gentil, onde se presente já a nostalgia das noites da *Carmen*, noites quentes como a bella partitura de Bizet, sensuaes como um olhar da provocadora Novelli e como uma romanza do nervoso De-Bassini.

Tambem eu partilho essa tristeza vaga; tambem eu começo a sentir a saudade lancinante da corista gorda e do preludio d'aquelle quarto acto assombroso de realismo, que photographa diante de nós a vida agitada de Sevilha, com os seus toureiros apaixonados e altivos, as suas castanholas buliçosas, as suas *panderetas* irrequietas, as suas mulheres vulcanicas, a sua porta de *Triana*, a sua ponte do Guadalquivir e os seus dramas d'amor romanesco.

Tudo aquillo vae esvahir-se d'aqui a dois ou tres dias, como as visões impressivas e fugazes d'uma lanterna magica. A Carmen gentil trocará a garrida mantilha branca, de sevilhana, pelo amplo chapeu de palha de *touriste*, correndo a novos triumphos em qualquer outra scena lyrica da Europa. Escamillo deixará crescer a sua formosa barba em ponta, sacrificada ás exigencias do papel de *toreador* granadino. D. José, depois de ter morto a amante infiel, com a sua navalha ponteaguda de cigano, irá penitenciar-se d'este monstruoso crime, envergando a sotaina fradesca do galã da *Favorita*.

E adeus *seguidillas* languidas, e adeus *malagueñas* sensuaes, e adeus ó bella *Carmen* das nossas tepidas noites de abril!

Quem quizer ver um simulacro de Escamillo, vá ao Campo de Sant'Anna, mas aquelle não canta, nem ama, nem se bate: não é o *toreador* de Bizet e de Halevy, o *diestro* enamorado e garboso de Granada.

Sabes tu onde deves passar as noites, quando os violinos de S. Carlos houverem gemido, pela ultima vez, os derradeiros compassos da tua opera dilecta? No Colyseo.

Está-se bem ali. Ouve-se musica da primeira maneira de Verdi, e—digam lá o que disserem—muito soffrivelmente cantada, por artistas de merecimento, que não chegam a ganhar, n'um anno, o que a Sembrich ou o Gayarre embolsam n'uma só noite.

Não te garanto que a contralto seja d'uma belleza correcta, que o *mezzo* soprano tenha o perfil angelico da Devriés, e que as coristas se avantajem muito, em formosura, á sua gorda collega de S. Carlos, porque nunca as vi dos *fauteuils* d'orchestra. Mas tu és mulher e não te extasias, de certo, diante da plastica feminina.

Se o contacto das *horisontaes* te incommoda no Colyseu, e se a fumarada dos charutos provoca as tuas *migraines*, vae ver as *grimaces* do Paulus ao Gymnasio.

Tens ainda, em D. Maria, a *Dionisia* de Dumas, traduzida por D. Guiomar Torresão. Merece ver-se, pelo desempenho, que é correcto, e pela traducção, onde ha os esmeros d'um estylo enflorado e formoso.

Nós, que ainda ha poucos dias fomos severos e justos, condemnando a publicação da celebre carta de Dumas, feita um pouco levianamente pela nossa collega, não queremos hoje regatear-lhe elogios pelo merito do seu trabalho.

Ha tempos, em Paris, Octave Mirbeau escreveu um artigo violento contra Catulle Mendés. Na vespera do duello—porque houve duello, suscitado por esse escripto azedo e offensivo—disse Catulle a um dos seus amigos: «A'manhã bato-me com Mirbeau, mas devo confessar que o seu artigo estava bem feito.»

Eu, n'este ponto, quero assemelhar-me ao famoso contista parisiense: poderei ainda vir a cruzar a espada com D. Guiomar, por causa da *Dionisia*,—tem-se visto muita coisa!—mas antes de irmos para o campo, quero dizer-lhe lealmente que a sua traducção da peça de Dumas está bem feita.

E' possivel que nada d'isto te agrade, e que as vivissimas saudades da época lyrica moribunda te não deixem supportar a musica do Colyseu, os francezes do Gymnasio e as traducções de D. Maria. Se assim fôr, dou-te um conselho:—casa-te. A época vae prodiga de matrimonios. Casa a aristocracia nos Inglezinhos, o templo da *haute gomme*, casam os artistas na egreja dos Martyres... até casou a valer o Devoyod, elle, que tantissimas vezes o fizera ficticiamente na scena.

E eu tenho-os visto casar a todos, e divirto-me.

Quel plaisir d'aller a la noce,
Surtout quand il n'en coûte rien.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XVI

Ainda não é tempo, diz-se, de escrever a historia de factos recentes. Mas é tempo já, segundo parece, de consignar nos livros que se vão publicando os boatos calumniosos que tomam corpo, e que hão de ser acceitos pela posteridade como verdades indiscutiveis. Porque é que se não pode escrever a historia exacta e imparcial? Porque estão vivos ainda um grande numero dos actores do grande drama? Porque não se querem ferir melindres de proximos parentes dos que morreram? Singular escrupulo! Todos os dias na imprensa se arroja a plenas mãos sobre o caracter dos homens publicos a injuria e a calumnia, e quem não receia melindral-os e feril-os com a mentira, receia feril-os e melindral-os com a verdade! Condemna-se o procedimento dos generaes e dos ministros, tendo-se por unica base as versões apaixonadas dos que intentam desacredital-os, e receia-se condemnar esse mesmo procedimento, quando a condemnação se baseie em documentos authenticos, na critica sincera e imparcial das narrativas dos que viram os successos, e cujas paixões se conhecem hoje perfeitamente, podendo-se assim avaliar o credito que merecem!

Hoje o historiador, que quizer ser sincero e imparcial, tem infinitos meios de conhecer os pequeninos despeitos que podem actuar no animo de quem, n'um certo momento, contou de certo modo certo e determinado facto politico. A historia d'esses despeitos e d'essas inimizades muitas vezes nem chega aos jornaes, e quasi nunca transparece nos documentos. São os segredos dos bastidores da comedia politica, segredos que morrem com os actores e com os frequentadores do palco, sobretudo n'um paiz em que são tão raras as Memorias. A historia que se não escrever n'este momento nunca mais se escreve, e, se ressuscitassemos

Digitized by Google

d'aqui a dois seculos, ficariamos espantados e aterrados com a importancia que assumiu perante a posteridade o depoimento d'esta ou d'aquella testemunha, que nós sabemos perfeitamente que foi dictado pelo rancor occulto, pela inveja, pela vaidade ferida, ou por qualquer sentimento menos nobre.

Quem não deve escrever historia são os homens como o sr. Soriano, que teem o espirito obscurecido pelo fumo de todas as paixões que lhes queimaram o espirito no meio das luctas que referem. Esses não. Esses podem e devem escrever, mas não como historiadores, quer dizer como chronistas imparciaes dos acontecimentos, devem escrever como testemunhas, cujo depoimento deverá ser apreciado não pelo que é, mas pelo que vale.

O sr. Gomes de Amorim, com relação aos vultos a que incidentemente se refere, podia ter sido já o historiador imparcial que desejariamos que apparecesse. Não o foi, e como, acceitando cegamente a lenda forjada pelos outros, lhe vae dando curso, que póde contribuir para a tornar de futuro acceitavel como moeda historica de lei, nós, dentro dos limites das nossas forças, tentaremos lavrar ao lado do seu excellente livro o nosso humilde protesto.

Já protestámos contra a lenda da «covardia do duque da Terceira». Protestaremos agora contra a lenda da «vergonhosa fugida, para o *Belfast*, do duque de Saldanha.»

E note-se que somos os primeiros a reconhecer que foi lamentavel esse episodio do *Belfast*, que plenamente confessamos que ha na vida do marechal Saldanha bastantes erros indesculpaveis, que estamos longe emfim de o considerarmos como um modelo de civismo. E' necessario porém attribuir-lhe as culpas que elle teve e não aquellas cuja responsabilidade lhe não cabe.

Já em outro logar procurámos esclarecer com a luz de uma critica perfeitamente imparcial este caso obscuro e singularissimo do *Belfast*, e provámos então, parece-nos, que é da mais revoltante injustiça attribuir a Saldanha a responsabilidade do que então se passou. Diremos brevemente o que julgamos apurar das narrativas do successo, e até da propria versão do sr. Soriano, inimigo capital de Saldanha.

Os generaes que vinham no *Belfast*, chegaram ao Porto quando a divisão liberal, commandada por Saraiva Refoyos, retirava diante do exercito miguelista. A divisão toda, ao saber do desembarque, reclamou com ardor o commando do general Saldanha, que tinha então, como sempre teve até ao fim da sua vida, um enorme prestigio militar. A junta, comtudo, entendeu que lhe não devia dar esse commando, e, para não ferir melindres, dividiu as tropas em duas divisões, commandadas por Villa-Flor e Saldanha, dando o commando em chefe, que não podia ser senão nominal, ao pobre marquez de Palmella, que tinha effectivamente uma graduação militar, mas que era tão perito na sciencia dos Talleyrands e dos Nesselrodes como ignaro na dos Jominis e dos Bonapartes.

Reconhecido, porém, pela opinião unanime de todos os que viram a divisão que era inevitavel a derrota, se se lembrassem de continuar a lucta, os chefes do movimento reunidos no Porto deliberaram partir no *Belfast* para Inglaterra, emquanto os restos da divisão marchariam para a Galliza. Então os mesmos, que dias antes não tinham querido dar a Saldanha o commando supremo, quando havia esperanças de victorias e de triumphos, supplicaram-lhe de mãos postas que acceitasse agora a grave responsabilidade d'esse commando, quando se tratava apenas da tarefa ingloria e espinhosissima de conduzir para o exilio as reliquias de uma divisão perdida.

Saldanha acceitou. Fez com isso um verdadeiro, um supremo sacrificio. Acceitou, com a condição de ter só o commando militar, devendo uma delegação da junta ficar dirigindo os negocios politicos. Concordou-se com isso, e Saldanha foi tomar o commando da divisão, emquanto Palmella, Villa-Flor, Azeredo e os outros embarcavam no *Belfast*.

Quando expoz aos coroneis a missão de que ia incumbido, os coroneis, que vinham ainda todos exaltados com o ardor da lucta, declararam positivamente que não retiravam para a Galliza, que haviam de combater emquanto podessem, defender o Porto, e sustentar-se no Minho. Saldanha, que via perfeitamente a impossibilidade militar d'essa heroica tentativa, que conhecia o estado de completa desorganisação em que estavam as tropas, não quiz assumir semelhante responsabilidade, e declarou que, em presença d'essa resolução, se demittia. Officiou aos delegados da junta n'esse sentido. Respondeu-se-lhe, que esses delegados tinham já embarcado no *Belfast*. Desesperado com esse abandono completo em que o deixavam, metteu-se n'um bote e embarcou tambem. Seria mais heroico ficar? De certo, mas seria um acto de abnegação por tal fórma sobre-humano, que nem Bayard, *le chevalier sans peur et sans reproche*, o praticaria.

Mas praticou o Sá da Bandeira? De certo; porque esse era quem tinha a responsabilidade da resolução dos coroneis, esse é que prégára a resistencia. O seu dever, a que elle nunca faltou em toda a sua vida, impunha-lhe que ficasse. Saldanha, ficando, daria um exemplo tal de abnegação que não haveria corôas bastantes para lhe engrinaldarem a fronte. Ora, se é licito exigir de todos que cumpram o seu dever, não é licito exigir de um homem que seja um heróe de sacrificio e de abnegação em todos os instantes da sua vida.

O que! pois negam a Saldanha o commando em chefe quando seria ambicionavel, supplicam-lhe que o acceite quando esse commando representa uma tarefa espinhosissima e cruel, abandonam-n'o quando esse commando se torna impossivel pela desobediencia dos seus subordinados, e ainda o accusam porque elle, desesperado, declina de si responsabilidades que lhe não competem, e dá por finda a missão de que só o incumbiram quando não havia quem a quizesse, e que nem sequer o ajudaram a cumprir?

Encarregam-n'o de dirigir a retirada de um exercito, que não tinham querido que elle conduzisse á victoria, e ainda por cima queriam que elle assumisse a responsabilidade de levar esse mesmo exercito a uma derrota infallivel? E' uma das injustiças mais crueis que se teem commettido na historia, e o sr. Gomes de Amorim bem deveria penitenciar-se de ter commungado n'essa injustiça, como se penitenciou no vol. 3.º da sua obra da nimia severidade com que no 1.º vol. tratára os chefes da emigração.

Condemnem-se os erros do marechal, que os teve e bem grandes, mas nunca se arrisque o historiador, por estudo superficial, a macular com echos de calumniosas accusações a memoria dos heroes.

PINHEIRO CHAGAS.

CANTARES

XI

Pedi a Deus que abrandasse
O teu seio empedrenido,
E Deus, voltando-me a face,
Fez que não me tinha ouvido.

XII

E' que Deus, que tudo póde,
Contra o amor não tem poder.
E, pois, se Elle não me accode,
Quem é que me ha de valer?

MANUEL DE MOURA.

O BOUQUET

No elegante *boudoir* da condessinha, branco e risonho como um recanto celeste onde volitassem as meigas phantasias d'uma imaginação infantil, havia alguma cousa de triste, dominando aquella harmonia de setins e perfumes.

Ao centro do toucador, pendendo d'uma jarra de Sévres, um *bouquet* de violetas emurchecido, quasi secco, tinha o ar maguado de quem chora uma perda irreparavel.

*

Mauricio Lavollie, um garboso rapaz addido á embaixada franceza, e por quem a gentil fidalga sentia uma paixão profundissima, a ponto de se enraivecer quando, nos theatros ou pelos salões, o via trocar um olhar casual com qualquer outra mulher, esse bello diplomata, de quem ella, admiradora de Lamartine, fizera o seu Raphael, veiu despedir-se a sua casa, por uma tarde de fevereiro.

Trouxera-lhe um elegante *bouquet*. Ao recebel-o, a condessinha disse, enternecida:

—Espero que o teu amor não viva apenas a vida d'estas flôres, apesar da distancia que por tanto tempo ha de separar-nos.

E procurando sorver, com os seus olhos radiantes e negros, o ultimo sorriso que brilhou nos labios de Mauricio, aspirou as violetas, como que para incensar a profunda saudade que lhe affluia ao coração.

*

Passado algum tempo, a condessinha deixou de apparecer nos theatros, e não era facil encontral-a pelos salões do mundo elegante, a deslumbrar, com a belleza do seu rosto e com o brilhantismo das suas *toilettes* principescas, as outras mulheres, que a olhavam invejosas, e os homens, que a seguiam loucamente, na eterna esperança de lhe ouvirem uma palavra d'amor, descendo dos seus labios mimosos com a rosea luz d'um sorriso.....

*

Segundo se dizia, a condessinha nunca mais soubera do francez, e por isso passava as noites em casa, isolada e triste, entrecortando de maguados suspiros, o dissipar das suas chimeras côr de rosa.

Disse a alguem a creada particular, que não chegavam havia

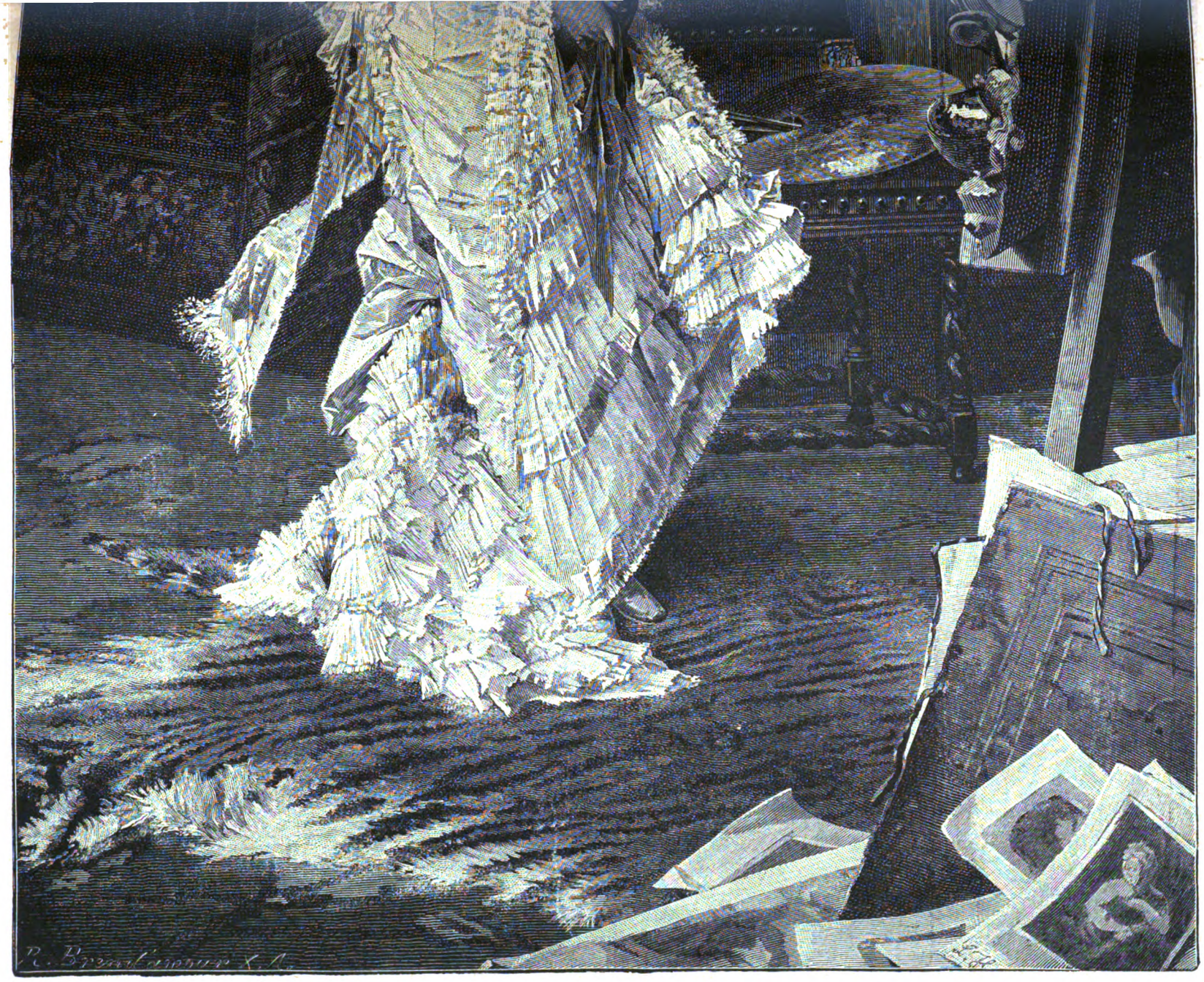
Digitized by Google

OS CONTOS DA AVÓSINHA

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google



NO «ATELIER» DO PINTOR

Digitized by Google

Digitized by Google

A VIUVA

Digitized by Google

tres mezes cartas de França, encontrando ella, desde então, todas as manhãs, as violetas orvalhadas de lagrimas.....

E' por isso que no *boudoir* da gentil fidalga ha alguma cousa de triste, dominando aquella harmonia de setins e perfumes; e que o *bouquet*, emurchecido, quasi secco, tem o ar maguado de quem chora uma perda irreparavel.

Coimbra, 1885. EDUARDO D'ALMEIDA.

NO THEATRO

A noite era festiva: em ondas de harmonia
Libravam-se no espaço os canticos maviosos:
E as brandas vibrações da suave melodia,
Arfavam docemente os seios voluptuosos.

Bustos esculpturaes, rostos alabastrinos,
Ostentavam perfis de sylphides aéreas:
E o jubiloso olhar de brilhos diamantinos,
Gerava commoções suavissimas, ethereas!

Troava no recinto o fremito das palmas.
Cruzavam-se no espaço ardentes ovações.
E o vivido prazer, inebriando as almas,
Dava um pulsar vehemente áquelles corações.

E no entanto, atravez do ruido delirante
D'aquella animação, de toda aquella vida,
Soltava tristemente a nota discordante
Uma harpa que gemia ignota e dolorida!

Era a minha alma triste, extatica e magoada,
Que, em vivas commoções de atroz melancolia,
Pairava nas regiões da vida immaculada
Estranha as sensações febris d'essa alegria.

—E' que eu vira surgir além, na minha frente,
Mas longe, muito ao longe e em páramos de luz,
A rainha gentil d'auréola refulgente,
A joia scintillante e rara que seduz!

Santarem. JOSÉ EUGENIO DOS SANTOS.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTOS DE THOMAR

A nossa estampa representa uma grande parte dos monumentos que avultam em Thomar, taes como o famoso castello de D. Gualdim Paes, a egreja do convento de Christo e Santa Maria do Olival.

A cidade, uma das mais lindas povoações da Extremadura, ergue-se no meio de uma planicie regada pelas aguas do rio Nabão.

No extremo occidental levanta-se um monte, sobre o qual campea o antigo castello dos templarios e junto d'este o magnifico convento.

As margens do rio são guarnecidas de hortas e pomares.

A cidade de Thomar é cabeça de comarca, pertence ao districto de Santarem e dista 22 leguas de Lisboa.

Não longe do castello existem ruinas de um mosteiro que, no tempo dos godos, fôra habitado por monges benedictinos e no qual viveu o abbade Celio, tio de Santa Iria. Foi ali que D. Gualdim reconstruiu o edificio dos templarios, sob a invocação de Santa Maria dos Olivaes.

Em 1190 esteve aquella povoação sitiada pelo imperador de Marrocos, Jacob.

Dentro do castello existe uma inscripção relativa a este facto.

O infante D. Henrique, duque de Vizeu, fez por muitos annos a sua principal residencia n'aquella povoação.

D. Manuel por muitas vezes esteve em Thomar e ahi celebrou varios capitulos geraes, reformando e ampliando os estatutos e disposições da ordem.

O ouro que por muito tempo affluiu do Brazil a Lisboa, animou as industrias d'aquella importante terra, que em pouco tempo se tornaram florescentes.

Thomar soffreu bastante com a terceira invasão franceza, entrando ali o inimigo em outubro de 1810; mas os annos de paz e tranquillidade que o paiz disfructou depois da paz geral, mal deixaram resarcir a povoação de Thomar das suas graves perdas.

O systema protector das pautas de 1836 deu notavel impulso á sua industria fabril, e a libertação da terra á sua industria agricola.

A villa de Thomar foi elevada á cathegoria de cidade pela rainha a senhora D. Maria II.

Nas antigas côrtes os seus procuradores tinham assento no quarto banco.

Tem a cidade uma bonita praça, onde se levantam dois dos seus melhores edificios, a parochia de S. João Baptista e a casa da Camara, monumentos manuelinos.

O convento é um edificio immenso e encerra oito claustros de maravilhosa architectura.

O aqueducto que traz agua ao convento, obra dos Filippes, é de notavel gosto e magnificencia.

Na cidade havia mais tres conventos, o de S. Francisco, fundado em 1625, hoje pertencente á Camara, o de Nossa Senhora da Annunciada, construido em 1645, o de Santa Iria em 1476, a egreja do hospital da Misericordia fundada em 1501, e mais 14 ou 15 egrejas e ermidas dentro da cidade e nas suas immediações

OS CONTOS DA AVÓSINHA

Ouvindo-os se recreiou, e a ouvil-os adormeceu. A avósinha contava já com aquelle somno, quando começou a impingir-lhe as velhas historias da *Moira encantada* e da *Bella e a Fera*. Não ha narcotico mais poderoso e de effeitos mais rapidos.

Tambem, se a neta ha de andar louquejando como um vivo demonio, é melhor que durma, deixando a avó recordar-se tranquillamente dos bellos tempos em que assim dormia.

Quantas saudades aquelle quadro me provoca!

A VIUVA

N'aquella cova mal cerrada ainda, sepultaram-se todas as illusões e todos os jubilos da infeliz viuva. E' por isso que ella vem, á tarde, orvalhar de lagrimas profundamente sentidas a terra revolta, que esconde para sempre tanta ventura desfeita, tanto amor despedaçado.

Bemditas lagrimas aquellas, e como ficam bem n'um rosto formoso de mulher!

NO «ATELIER» DO PINTOR

Vae pousar mais uma vez no *atelier* do artista, diante do cavalete onde está suspenso o seu retrato apenas esboçado.

Emquanto o pintor não chega, revê-se na téla, namorando-a envaidecida, com o olhar sorridente. Quando elle chegar, póde ser que os olhos se lhe vão do quadro para o artista... Tem-se visto tanta cousa!...

UM VALENTE

Se não mudar com o correr dos tempos, sahe-nos d'ali um poltrão dos mais bem acabados.

Hoje, faz toda aquella caramunha, porque um inoffensivo pato esfaimado lhe grasna pela frente. Amanhã, é capaz de fugir á desfilada, se um mosquito se lembrar de o perseguir.

Até as raparigas da sua edade já lhe fazem troça. Que vergonah

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

CABO D'ESQUADRA.—D'esta vez foi menos feliz. Releia a sua charada, e verá que, além de ter versos errados, está muito confusa.

DELMIRA S. P.—Tom Pouce, incarnado na pessoa a quem v. ex.ª tão amavelmente se dirigiu, tem a honra de communicar-lhe que a empreza vae mandar fazer frontespicios e encadernações elegantes para este semanario, devendo estar tudo prompto quando elle complete o primeiro anno d'existencia.

Pelo que toca á divisão dos annos, somos d'outro parecer. Se em 1884 tivesse sahido apenas um numero, queria v. ex.ª que os de 1885 levassem inscripto «*anno* 2.º»? Porque, se ainda se não completára o primeiro?

Pense v. ex.ª um poucochinho n'isto, e acabará por nos dar rasão, como nós acabamos por lhe agradecer as suas lisongeiras palavras.

ASTURIANO.—A sua charada, sem nós sabermos como, perdeu-se n'um *mare magnum* de papeis varios.

Já vê que não houve esquecimento nem despreso.

Quer fazer-nos a fineza d'enviar outra?

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta poesia mortifica o poeta—2—1.

J. G. DA C. MENDONÇA.

Está na musica e no sapateiro esta mudança—1—2.

Porto. MAGALHÃES.

Digitized by Google

Este insecto biptero causa compaixão, por andar sempre almiscarado—2—1.

E' filho d'Aristor, mas estes navegantes são principes gregos —2—2.

X. RODRIGÃO.

Voa para este appelido este outro—2—2.

No mar é quente este insecto—2—2.

J. A. D.

CHARADA DECAPITADA

Dize-me cá, meu caro—: tendo tu tantas—que servem para as tuas—, para que—comprar—outras?

MATHEUS JUNIOR.

EM QUADRO

(Por syllabas)

— — — No ouvido
— — — Tem Neptuno
— — — Esta vazilha

MANACIO.

LOGOGRIPHO

(Ao ex.mo sr. João Ignacio Leal Junior)

Com este nome formoso—10—4—2—6—10—7—4—2
Conheci certa senhora,—10—9—2—6—7—8—10
Que, não sendo ajuizada,—7—9—7—3—1—10
Era bella e encantadora.—6—7—8—4—10

Este nome
(Que mais queres?)
E' só proprio
De mulheres.

Ajuda.

ANTONIO MARIA DO REGO.

Se a pessoa a quem é dedicado o decifrar, no praso de dois dias, pagar-lhe-ha o auctor um trimestre da *Illustração Portugueza*.

LOGOGRIPHO MYTHOLOGICO

Uma deusa—1—10—6—2—9—10
Uma deusa—2—11—9—3—10—2
Uma deusa—3—5—9—8
Um deus—4—7—5—9—1—10—5
Um deus—5—3—4—1—10—5
Um deus—6—8—11—9—5—7
Uma deusa—7—1—10—2
Uma deusa—8—9—3—5—4—5—11
Um deus—9—1—10—11—10—5
Um deus—10—3—2—9—5
Um deus—11—9—2—9—5—7
Um deus

As iniciaes formam o deus do conceito.

ASCOT.

PROBLEMA

Quantas combinações se podem formar com 20 consoantes e 6 vogaes, contendo cada combinação 3 consoantes e, 2 vogaes e occupando estas apenas o 2.º e o 4.º lugar?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Pelamida—Pelago—Canario—Rebolo—Pavôa—Salpico—Cipolino—a ri es

W
ma ta

DAS ADIVINHAS POPULARES:—Borboleta—Aranha.
DO LOGOGRIPHO:—Hydrodinamica.
DO PROBLEMA:—O numero é 452.

A RIR

—Qual querias tu mais:—ser prodigo ou avarento?
—Eu preferiria ser prodigo. Ao menos a prodigalidade corrige-se.
—Como?
—Quando não ha dinheiro.

*

Um philosopho, interrogado sobre a idéa que formava da opulencia, respondeu:
—A opulencia é a vantagem que a estupidez tem sobre a virtude.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

A obesidade faz o desespero d'um grande numero de pessoas. E' preciso, pois, detel-a no seu desenvolvimento, e para isso recommendamos o seguinte:—comer pouco e fazer muito exercicio.

Quanto ás receitas para fazer emmagrecer as pessoas obesas, desconfiae sempre d'ellas: servem apenas para engordar aquelles que as vendem.

CONTOS DA CARÓCHINHA

AS MALDADES DO SYLPHO

(CATULLE MENDÉS)

I

Um mancebo, revestido de armadura de prata e com grandes azas de neve, galopava, ao romper da aurora, montado em um cavallo branco. Aconteceu que uma bella princeza, passeando á sombra das arvores em flôr, viu passar o mancebo das azas de neve; foi tal a sua commoção, que deixou cair a rosa que tinha entre os dedos e sobre a qual pousára uma borboleta.

—Ah! suspirou a princeza, sinto que esse cavalleiro absorveu para sempre os meus pensamentos.

A formosa herdeira do throno estendeu o braço e com o gesto pediu ao cavalleiro que parasse.

—Amo-te, ó tu que passas ao longo dos caminhos. Se me corresponderes, conduzir-te-hei a casa de meu pae, que é um poderoso monarcha, e elle mandará celebrar as nossas nupcias.

—Eu não te amo, respondeu o cavalleiro.

E seguiu o seu caminho. A princeza abriu a porta da quinta e principiou a correr na estrada.

—D'onde vens? perguntou, e onde vaes tão cedo, tu que não queres casar commigo?

—Venho da cidade, onde vive a minha amante, e vou ao encontro do meu rival, que chega hoje.

—Quem é a tua amante?

—E' a filha de um lavrador; ella fia á janella, entoando uma canção que os passaros escutam.

—Quem é o teu rival?

—E' o sobrinho do imperador de Golconda; quando elle desembainha a espada, parece que vae trovejar, porque se vê fuzilar um relampago.

—O que disseste tu á tua amante?

—Pedi-lhe o coração; ella recusou-m'o.

—O que dirás tu ao teu rival?

—Pedir-lhe-hei o sangue; e é preciso que elle m'o dê.

—Que receio me inspira a tua vida! Consente que te acompanhe.

—A unica mulher que eu desejaria que me acompanhasse, está a esta hora em casa.

—Deixa-me montar á garupa do teu cavallo, nada mais exigirei.

—Os homens não costumam levar as mulheres á garupa, quando vão combater.

E o cavalleiro deu de esporas ao seu cavallo branco.

A filha do rei chorou amargamente. Como era muito cedo, o sol começava a descerrar no horisonte a sua palpebra ainda velada de sombras, e os passarinhos chilreando atravez da espessura, preparavam-se para emprehenderem juntos os seus folguedos ao longo das campinas reverdecidas.

II

De um bosque de azaleas, Sylpho surgiu de repente; vinha vestido de folhas de trevo e trazia na cabecita um *bouquet* de margaritas.

—Yolaine, disse Sylpho, dando uma gargalhada escarninha, para que choras?

—O meu unico amor ausentou-se, e não posso seguil-o.

—O teu amor é esse bello mancebo de armadura de prata e azas de neve, que galopa ao longe, montado em um cavallo branco?

—Esse mesmo. Os seus olhos são azues como o céo e tem os cabellos da côr da noite.

Sylpho agitou um ramo de espinheiro, que lhe servia de sceptro.

Digitized by Google

—Quando me apraz, Yolaine, a preguiçosa tartaruga, excede a ligeireza das nuvens, e os fogosos poldros, instantaneamente domados, correm menos do que os escaravelhos, que levam uma hora a atravessar a folha de um platano. Yolaine, segue o teu amor sem inquietação. Onde quer que elle vá, tu chegarás ao mesmo tempo.

Emquanto Sylpho voltava para o bosque de azaleas, a princeza poz-se a caminho; as pedras onde ella punha os seus pésinhos calçados de setim e perolas, diziam-lhe: «Obrigado, pequeninos pés de Yolaine.»

III

Mas o malicioso Sylpho, que gosta de pregar pirraças, enganára a princeza. Em vão ella caminhou todo o dia e toda a noite; não conseguiu alcançar o cavalleiro, cujos olhos eram azues como o firmamento. Foi só á meia noite, em uma estrada, que Yolaine viu passar, sobre um espectro de cavallo, um grande phantasma branco.

—Quem és tu avejão que passas? perguntou Yolaine.

—Eu era um bello mancebo de cabellos côr da noite; agora nada sou. Encontrei o sobrinho do imperador da Golconda, meu rival; batemo-nos, e elle matou-me.

—Onde vaes? interrogou de novo a princeza.

—Vou á casa onde dorme a minha amante.

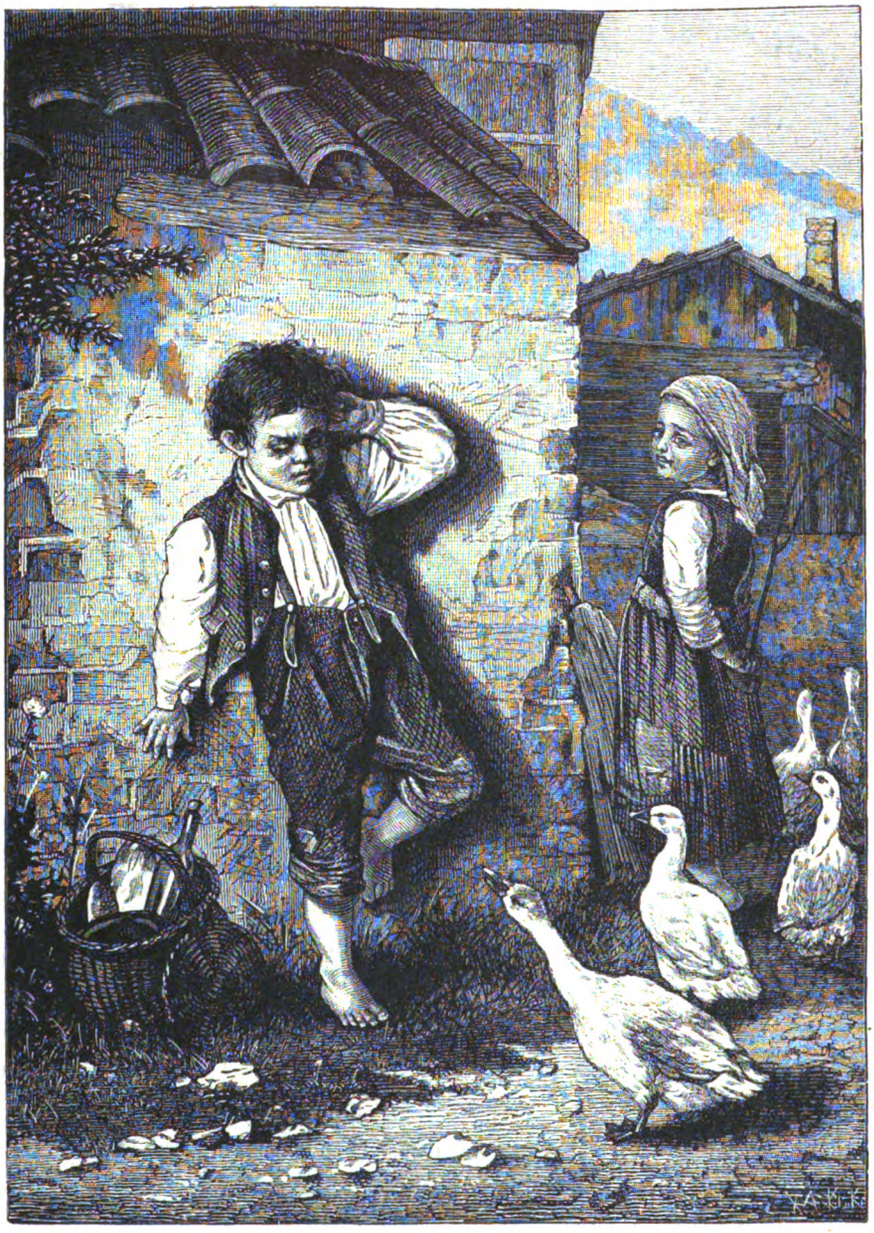
—Causar-lhe-has pavor! Julgas que aquella que não amava um vivo, quererá amar um morto? Vem commigo, que te escolhi; farei do meu leito um tumulo nupcial; adormecerei ahi para sempre, ao teu lado, e teremos magnificos funeraes.

—Não. Quero aproveitar o somno da minha amante para lhe dizer adeus atravez dos seus sonhos; beijarei, nos seus labios adormecidos, o perfume da sua canção.

—Permitte ao menos que eu te acompanhe; deixa-me montar á garupa comtigo!

—Não é costume os phantasmas irem visitar as suas amantes levando mulheres á garupa. E o espectro desappareceu.

A filha do rei chorava, cada vez mais inconsolavel. Como passava da meia noite, a lua argentava melancholicamente o horisonte, os campos e a estrada, afogando-os em uma claridade branca como a neve; os passarinhos, adormecidos no leito da folhagem, sonhavam com os seus alegres vôos atravez das campinas em flôr.



UM VALENTE

IV

Sylpho saiu de um bosque de murta; trazia uma casaca de luto, feita com duas metades de uma tulipa preta; uma teia de aranha servia-lhe de fumo.

—Yolaine, pobre Yolaine, disse Sylpho, porque choras tanto?

—O meu unico amor morreu, e eu não posso seguil-o.

—E' o teu amor, esse phantasma que acaba de passar na estrada?

—Elle mesmo. Arrancaram-lhe os seus cabellos côr da noite, e a dôr de perder a sua amante apagou-lhe o olhar azul.

—Conheço as hervas que dão a vida e as que dão a morte. Procura o corpo do homem que amas, dar-te-hei a herva que restitue a vida.

—Sylpho, tu illudiste-me uma vez! Mas se tu enganas, quando se trata de fazer bem, serás, talvez, verdadeiro, tratando-se de fazer mal. Dá-me a herva que mata.

—Ahi a tens, disse o garoto Sylpho. Logo que morreres, irás reunir-te ao teu amor, e nunca mais se separarão.

Sylpho entregou á infeliz princeza quatro folhas de uma herva, que em recordação de uma historia de amor se chama Simonide; apenas Sylpho voltou para o bosque de murta, Yolaine levou a herva aos labios e morreu sem o menor soffrimento.

V

Mas ainda d'esta vez, Sylpho enganára a princeza.

No momento em que a alma de Yolaine voava para o céo, avistou outra alma que descia para o inferno. Ao clarão de uma estrella, reconheceu a alma do bello mancebo.

—Onde vaes tu, alma do meu unico amigo?

—Ai de mim! fallei de amor á minha amante, nos seus sonhos, e os meus beijos posthumos roçaram a sua bocca, como uma borboleta preta que pousa, tremente, sobre uma rosa. Fui condemnado e desço ao inferno.

—Queres que eu te acompanhe, eu que morri para tornar a ver-te? Consolar-te-hei nos teus tormentos, animar-te-hei nos teus desalentos, amar-te-hei na eternidade! O meu amor será a caudal de repouso e resignação, onde poderão dessedentar-se os labios da tua dôr. Queres que te acompanhe?

—Não! só a recordação da minha amante deve acompanhar-me.

E a alma do bello mancebo perdeu-se nas trevas, em quanto a alma da donzella se erguia, sósinha, para o espantoso Paraizo!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 27 de abril de 1885 Numero 44

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Tentação*, soneto, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*No esquife d'uma creança*, versos, por Luiz Osorio.—*Ás nossas gravuras —O meu desejo*, soneto, por Manuel Vaz.—*Em familia. (Passatempos).—Um conselho por semana.—Historia de um beijo*, por Magalhães Fonseca.
GRAVURAS.—*Convento de Brancanes, em Setubal.—Uma partida de xadrez.—Uma flor entre flores.—Condemnada.—Deitando o barco a nado.*

CHRONICA

De que hei de eu fallar-te hoje? da Primavera? E' assumpto gasto e estafado. Não vale um madrigal, não merece sequer um adjectivo.

Pódem vir dizer-me que o sol teve irradiações suaves, para affagar as cabeças bem penteadas dos artilheiros carolas, durante o transito da velha procissão da Saude; que o rouxinol ensaia as primeiras notas da sua ballada amorosa no arvoredo de Cintra; que os campos estão embalsamados pelo perfume das violetas, e que já desfilam alegres, pelas ruas symetricas da Baixa, entoando uma symphonia triumphante, *toilettes* ligeiras e multicores, frescas como carapinhadas, diaphanas como veus de noiva.

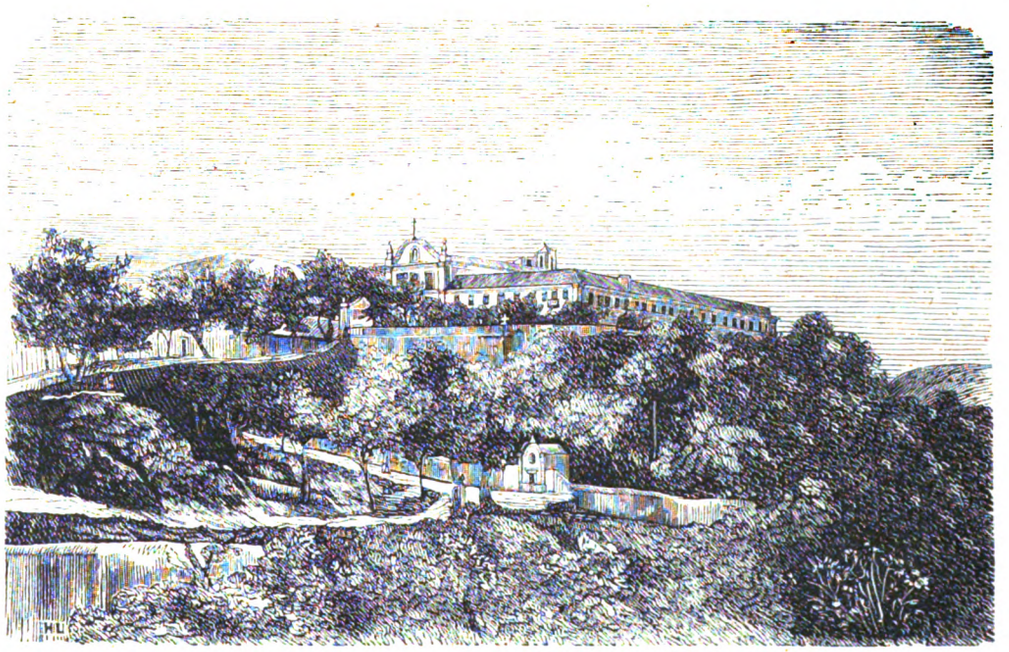
Eu não acredito nas doces irradiações do sol, nem nos concertos festivos da Natureza, nem nas *romanzas* apaixonadas dos rouxinoes. Emquanto me sentir bem, dentro das minhas flanellas tepidas, e a chuva fizer o desespero do meu chapeu alto, supponho que estou em plena invernia e que as borboletas dormem ainda, a somno solto, no fundo das suas chrysalidas, a despeito dos annuncios pomposos do kalendario.

Isto não é Primavera nem coisa que se lhe assemelhe: é uma caçoada do Creador, uma troça do Padre Eterno.

Vae a gente, na melhor das intenções, illudido pela doce limpidez d'uma athmosphera sem nuvens, dar o seu obulo ás raparigas abandonadas, no bazar do Passeio da Estrella, e vem de lá distillando chuva por todas as costuras do fato, açoutado por uma ventania agreste que lhe desmancha o alinho do cabello, enregelado por um nordestesinho cortante, com acompanhamento de relampagos em zig-zague e de trovões em oitava abaixo.

Parece que até o proprio Jeovah conspira contra o santo exercicio da Caridade de portas a dentro, molhando as festas dos nossos pobresinhos.

E, segundo dizem as gazetas, é só entre nós que a Primavera se mostra retardataria. Em Paris, por exemplo, já os poetas saudaram ha muito o seu regresso. Houve quem a tivesse visto chegar ao parque Monceau, envolta n'uma athmosphera d'ouro e ro-



CONVENTO DE BRANCANES, EM SETUBAL

Digitized by Google

sas, e passeiar entre as aléas do bosque de Bolonha, pelo braço d'uma loira *cocotte* vestida de *blue-ciel*.

Ali sim, que se beijam as andorinhas, e os rouxinoes—tenores feiticeiros—entoam canticos festivos saltitando de ramo em ramo!...

Foi por isso, seguramente, que a minha collega D. Guiomar Torrezão levantou o vôo da pallida Lisboa, e foi a Paris doudejar pelos Campos-Elyseos, emquanto eu me aborreço aqui, na eterna semsaboria da chronica, acorrentado á penna que detesto, prezo diante d'uns quartos de papel branco que abomino...

Ella, a feliz, ha de vêr pôr-se o sol, da Cascata do Bois: ha de exhibir todas as finas subtilezas do idioma pariziense, em doce *tête-à-tête* com Alexandre Dumas filho; beijar a sua loira Devriés; abraçar affectuosamente a sua bella Judic; estender a mão a Sarah Bernhardt; assistir aos *five ó clock tea* da baronne Adolphe de Rothschilde; percorrer embevecida e deslumbrada os salões *où l'on cause*, da condessa d'Argy; as salas *où l'on potine*, de madame de Lagrené, e o *boudoir où l'on pschuttise*, da condessa de Brigode.

A princeza Rattazzi, sua dilecta, apresental-a-ha ao conde de Morny, ao marechal de Mac Mahon e ao presidente da republica. Sardou ler-lhe-ha a sua ultima comedia; Maupassant o seu ultimo conto ainda inedito; madame de Peyronnie as provas d'um artigo que vae publicar no *Figaro*.

Sarcey terá para ella um d'aquelles sorrisos rabelaisianos, que lhe são peculiares; Ferry explicar-lhe-ha como cahiu o seu ministerio, e Alexandre Dumas far-lhe-ha a promessa d'uma nova epistola, descompondo o Gervasio Lobato por não pagar aos authores francezes os direitos das traducções para o Gymnasio.

A Judic, representando a *Femme à Papa*, nas Variedades, cantará em sua honra uns *couplets* novos. No *foyer* da Comedia Franceza reunir-se-hão, para a receber solemnemente, todos os artistas dramaticos d'*élite*. Cavaquear-se-ha muito, sobre esta nesga de terra ignorada onde ninguem sabe o francez e onde a Primavera se envergonha de despejar em cima de nós a sua cornucopia de graças.

Assistindo sorridente e boquiaberta a tudo isto, abraçada por uns, festejada por outros, contemplada curiosamente por todos, a minha estimavel collega terá assumpto de sobra para umas bellas cartas, cheias de colorido e palpitantes d'interesse, que o *Diario Illustrado* deve publicar, na sua pagina de honra, dentro de poucos dias, e que o nosso indigena saboreará, entre a *omelette* e o chá do almoço, mordido por um pequenino sentimento d'inveja, com pena de que a traductora da *Denise* não o tivesse levado dentro da mala, envolto em dois pares de meias de seda, ou n'uma dobra do *corsage rose pâle*.

Emquanto ella flana descuidosamente pelos *boulevards*, janta no Café Riche ceia no Tortoni, com *Champagne* e truffas, colhe flores no jardim do Luxembourg, e assiste ás recepções de madame de Rutte, nós vemos sair da ermida da Mouraria, com anjinhos d'azas de tarlatana, e os musicos pretos de S. Thomé no couce, a procissão de Nossa Senhora da Saude: assistimos, no Gymnasio, aos espectaculos d'uma companhia franceza de terceira ordem, muito patusca; jantamos patriarchalmente, em casa, o *menú* habitual, sem *hors d'œuvre* appetitosos; ouvimos o *Fausto* no Colyseu, e ceiamos no Silva.

Desponta o dia seguinte, e á falta de procissão, temos o bazar da Estrella, convidando-nos a comprar sortes em branco, ou a apanhar um aguaceiro forte.

Dissipada a vertigem que todos estes prazeres produzem, extincta a febre que se gera n'este redemoinho de gozos estonteadores, chega-nos ao ouvido a noticia de que o governo apresentou ao parlamento uma proposta tendente á organisação autonoma do municipio de Lisboa; veem dizer-nos que varios despachantes, alguns logistas e dois ou tres empregados aduaneiros subalternos, da capital, apanharam uma indigestão d'assucar; convidam-nos a apreciar como compositor musical o barytono Sparapani; segredam-nos que as touradas do Campo de Sant'Anna são magnificas; que o ultimo baile do sr. conde de Magalhães foi d'um esplendor nunca visto até hoje pela nossa sociedade elegante, e que Paulus, o rei da cançoneta, vale bem os quinze tostões por que se vende cada *fauteuil* do Gymnasio.

Quanto á proposta de lei que reorganisa o municipio de Lisboa, confesso ingenuamente:—não a li. Os projectos governamentaes massam-me; e de resto, agora está em moda não os ler nem os discutir, por bons que sejam.

Do roubo dos direitos d'assucar praticado na alfandega, não vale a pena fallar-te. O thesouro é rico, o assucar é doce, e a humanidade é fragil. Se as lambarices não a tentarem, o que ha de tental-a?

A *Ave-Maria* de Sparapani, cantada em S. Carlos por uma amadora distincta, pareceu-nos ultra-plangente, sem elevação nem colorido. Com franqueza, gostamos muito mais do barytono que do compositor, preferindo ao Sparapani da *Ave-Maria* o Sparapani da *Carmen*.

As touradas do Guerra são effectivamente extraordinarias, pela qualidade dos curros, pelos embellezamentos da praça, e pelo garbo e valentia dos lidadores.

O baile dos condes de Magalhães foi o assumpto capital da semana. Assistiu a elle tudo quanto ha de mais elegante, de mais aristocratico e gentil em Lisboa, para ver quanto Lisboa encerra de mais rico e distincto.

Os donos da casa—um palacio feerico mandado construir por D. João V—mostraram aos seus convidados salões riquissimos, onde se admiram, em *pêle-mêle* artistico, quadros de Murillo e de Rembrandt, bellos candelabros de Saxe, ricas porcelanas de Sévres, soberbos estofos de Gobelin, esplendidas loiças authenticas do Japão, e *bibelots* d'um valor incalculavel; offereceram-lhes uma ceia de principes; deram-lhes os deslumbramentos d'uma vivenda encantada.

Em troca, os convidados offertaram-lhes as flores do seu espirito, exhuberantemente manifestado nas marcas gentilissimas d'um *cotillon* de bello effeito, novo, lindo, adoravel.

Entre essas marcas, havia a das *carteiras*, umas carteirinhas elegantes, offerecidas pelos homens ás senhoras, e em que se liam versos primorosos.

Aqui te dou, como amostra, uma encantadora sextilha, firmada por Fernando Caldeira:

Vamos valsar, Viscondessa?
Mas lembro-lhe os meus conselhos:
Para evitar que entonteça,
Não olhe, curve a cabeça
Ao passar pelos espelhos...
Vamos dançar, Viscondessa?

Além dos versos, quizera fazer-te presente d'uma carteira, mas não posso.

E o Paulus? Vale o dinheiro? Merece os applausos do publico? Vale e merece. Todavia, as caretas d'este endiabrado *gaillard* parisiense fazem-nos pensar n'uma coisa: se Taborda tivesse vinte annos menos... se elle podesse rejuvenescer e debellar aquella surdez rebelde...

C. DANTAS.

TENTAÇÃO

A's vezes nasce em mim o férvido desejo
Não sei se bestial, mas grande, fundo, ardente,
De ir dar alento e vida ao teu amor dormente,
Pousando n'essa bocca um prolongado beijo.

Depois, fico indeciso, hesito, sinto pejo,
E ponho-me a pensar se um osculo fremente
Em vez d'ir accender essa affeição latente,
Fará morrer de todo a esp'rança porque almejo.

Por fim, a tentação esvae-se-me fugaz;
Evoco o Deus da Fé, repillo Satanaz,
E o beijo não se dá... e o teu affecto dorme.

Ai! Se elle não accorda um dia, scintillante,
Brilhando n'esse olhar com a chamma crepitante
Das grandes commoções..., que desventura enorme!

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XVII

A historia da Maria da Fonte não está feita, mas vão-se congregando para ella bastantes documentos, insufficientes ainda assim. D'aqui a pouco succede com o movimento revolucionario de 1846 o que já está succedendo com as campanhas da Liberdade. Vão desapparecendo os actores que tomaram parte n'esses acontecimentos, e não ha quem possa referir *de visu* o modo como as coisas se passaram.

Teixeira de Vasconcellos, que, pelo seu espirito essencialmente parisiense, era o mais proprio possivel para escrever a historia intima da revolução do Minho em que desempenhou, apesar da sua mocidade, um papel importantissimo, teve a desastrada idéa de aproveitar as suas recordações pessoaes para escrever um romance historico, o *Prato de arroz doce*, livro a que se não podem ir pedir com toda a confiança os subsidios que ali se encontram, porque realmente se não sabe onde a memoria pára e onde a imaginação começa.

O famoso padre Casimiro escreveu tambem, debaixo do seu ponto de vista, a historia dos acontecimentos em que tomou parte na sua qualidade de guerrilheiro miguelista, e esse livro serviu

Digitized by Google

de base a outro de Camillo Castello Branco, publicado recentemente e que ainda não tivemos occasião de ler. E que mais ha? Mais nada. Os folhetos contemporaneos, eivados de paixão partidaria, umas paginas soltas aqui ou além, ao vento da publicidade jornalistica, mas nem Sá da Bandeira, nem José Passos, nem Saldanha, nem Palmella disseram o muito que sabiam ácerca d'esses acontecimentos.

A emboscada de 6 de outubro é o primeiro facto, que merecia uma larga historia. Uns accusam muito a rainha D. Maria II, outros defendem-n'a calorosamente. Pela nossa parte estamos convencidos que nem uns, nem outros teem rasão. A emboscada de 6 de outubro foi a repetição feliz da Belemzada, que não fôra bem succedida. Estamos perfeitamente convencidos de que a rainha adheriu de alma e coração a estes dois movimentos, mas estamos convencidos, tambem, de que estava no seu plenissimo direito de o fazer. Nós podemos sympathisar mais vivamente com o partido derrubado em 6 de outubro do que com o partido que triumphou, mas o que não podemos é reconhecer o direito da revolução sem reconhecer egualmente o direito da contra-revolução. Desde o momento que as coisas se decidem pela força das armas, os vencedores de hoje andam um pouco levianamente quando chamam «traição» a um movimento exactamente analogo ao que elles fizeram, só porque esse movimento os transforma nos vencidos do dia seguinte. Foi a revolução que impoz á rainha o ministerio de maio, foi a contra-revolução que deu á rainha o ministerio de 6 de outubro. O que ha de mais difficil nas luctas civis é reconhecer o direito dos adversarios Todos os partidos entendem que teem a seu favor a vontade popular, e todos por conseguinte chamam aos inimigos «traidores á patria». Quem desejar ser justo ha de reconhecer que nas revoluções, se o direito de ataque é legitimo, não o é menos ou o direito de defeza ou o direito de desforra.

Quem andou correctamente n'essa occasião foi a cidade do Porto. Apenas lhe constou que a guarnição de Lisboa derrubára o ministerio Palmella, e pozera á frente dos negocios um ministerio cabralista com o duque de Saldanha por presidente, não perdeu tempo em fazer accusações de traição. Respondeu a um golpe com outro golpe. Pegou em armas, prendeu o duque da Terceira, e insurgiu-se. Ora isso é que é.

Contaram-me, e n'estas paginas fugitivas vou consignando tanto quanto posso as anedoctas que vou colhendo da bocca dos actores, que ainda vivem, d'esses grandes dramas da historia, contaram-me pois uma phrase do duque de Palmella, phrase muito simples, mas que mostra bem como aquelle fino diplomata, que tantas coisas vira, que assistira a tantas revoluções e a tantas contra-revoluções, se não deixava illudir facilmente pelas comedias da politica.

Era no dia 6 de outubro. Havia uma vaga agitação na cidade. Sentia-se que se preparava algum grande acontecimento. O duque de Palmella fôra ao Paço, e parece que alguem lhe dissera que a opinião estava sendo desfavoravel á manutenção do ministerio. Para lhe demonstrarem a verdade d'esta asserção, chamaram o commandante da guarda, e pediram-lhe que expozesse sem receio á rainha o que se passava e o que se dizia nos corpos.

O capitão, convenientemente industriado, observou que effectivamente lavrava na guarnição um profundo descontentamento, que todos lamentavam que o marechal Saldanha, que tanto prestigio tinha no exercito, não encontrasse ainda vago o seu logar de ministro da guerra.

O duque de Palmella, sem responder, meneava a cabeça, e, quando o capitão parou, disse apenas:

—Sim senhor! tenho entendido.

O capitão, obedecendo a um olhar do padre Marcos, continuou dizendo que o commercio tambem não estava satisfeito, que a organisação da guarda nacional descontentára muita gente.

E o duque de Palmella, impassivel, meneava a cabeça e dizia:

—Sim senhor, tenho entendido.

E, por mais que o capitão se esfalfasse, por mais que a rainha perguntasse a opinião do duque, nunca lhe poderam arrancar outra phrase senão:

—Tenho entendido.

E tinha. A demissão não o surprehendeu.

Brotou emfim a terrivel revolução, que a muito custo foi subjugada. Desgraçadamente, e esse, emquanto a nós, foi o erro capital da politica d'esse tempo, veio a intervenção estrangeira. Sem essa intervenção, a junta do Porto tambem não teria triumphado, mas a revolta terminaria por uma transacção, e o paiz teria ganho quatro annos, que foram perdidos para o seu progresso e para a sua tranquillidade.

A revolução não teria triumphado, essa é que é a verdade, e não nos parece que seja esse um problema historico ainda obscuro e difficil. O sr. Gomes de Amorim parece suppôr que a junta se deixou vencer de proposito, porque estava demasiadamente compromettida com os miguelistas, e temia que o seu triumpho ao mesmo tempo fosse a perda da liberdade. Tudo isso é uma perfeita illusão. A Junta foi vencida, porque não tinha os elementos militares necessarios para a victoria, tinha elementos de resistencia, mas não de triumpho. Basta dizer que os seus generaes eram Antas, Bomfim e Sá da Bandeira, e que o general do exercito cabralista era Saldanha, o primeiro estrategico do seu paiz e um dos primeiros do seu tempo.

Antas, um soldado heroico, era um general perfeitamente ignorante dos rudimentos da sua arte. O que elle fez em Hespanha honra a sua coragem cavalheiresca, mas dá ao mesmo tempo um triste documento dos seus talentos de general. Era um paladino e não um capitão.

Bomfim, mais instruido, passando mesmo por excellente official, tinha uma falta de iniciativa que o tornava absolutamente improprio para commandar em chefe, e sobretudo um *azar* que lhe tirava a confiança dos soldados. Bomfim tinha tambem uma estrella, como Napoleão, mas não era a estrella de Austerlitz e de Marengo, era a estrella das capitulações. Exercito, que elle commandasse, capitulava por força.

Eu conheci um rapaz intelligentissimo e espirituoso, Adriano Carlos de Mendonça Arraes, que estivera em Torres Vedras. Doze ou quatorze annos depois, ia elle para Belem com um amigo seu, militar, quando no Caes do Sodré foi assaltado pelo patrão do barco da carreira de Belem, que o convidava a entrar.

—Mas olha que eu, dizia-lhe Adriano Carlos com a exuberancia de palavra que possuia, quero partir immediatamente.

—Só faltavam dois passageiros. Entrando os senhores, largamos já.

Saltaram para o bote, que effectivamente começou logo a affastar-se da praia.

Adriano Carlos fizera um comprimento circular, quando deu de repente com os olhos n'um dos passageiros. Apenas o vê, grita:

—Pára! atraca já! Quero saltar para terra!

—Mas senhor... bradava o patrão estupefacto.

—Atraca immediatamente, já te disse.

Não houve remedio senão obedecer. Então Adriano Carlos, já com um pé na amurada, volta-se para o passageiro, e diz-lhe:

—Com v. ex.ª, nem para o céo.

Era o conde de Bomfim.

Em terra o seu companheiro, que ia fardado, exprobrava-lhe amargamente o procedimento que elle tivera com um general, e que lhe podia acarretar desgostos.

—Cala-te! dizia-lhe Adriano Carlos, dando-lhe o braço, e com impagavel seriedade. Salvei-te a vida. Bote que leve o conde de Bomfim, vira-se a meio caminho.

Já morreu esse espirituosissimo companheiro, cuja *boutade* serve para exprimir bem o sentimento geral que reinava no exercito com relação ao conde de Bomfim.

Sá da Bandeira era o bravo dos bravos, mas nunca foi senão soldado. Em o cheiro da polvora lhe subindo á cabeça, não pensava senão em se bater, e esquecia-se completamente dos deveres do commando.

Contra estes homens manobravam Saldanha, que teve n'essa campanha de 1846 e 1847 uma das suas glorias estrategicas, o conde do Casal, que desde a campanha de Montevideu era reconhecido como o nosso melhor general de cavallaria, Vinhaes que era um official solido, Schwalbach e Santa Maria, que nada ficavam a dever em bravura a Antas e Sá da Bandeira. Do lado da revolução estavam as guerrilhas e o povo enthusiastico, mas do outro lado estavam os batalhões seriamente organisados, e são esses os que vencem.

PINHEIRO CHAGAS.

NO ESQUIFE D'UMA CREANÇA

Dorme!... Deixal-a dormir!
Na fita semi-aberta
Dos labios descóraditos
Anda-lhe o pae a sorrir...
Cuidado, se ella desperta
D'esses mundos infinitos
Onde se vive a sorrir!...
Dorme! Deixal-a dormir!

Esconde a medo nas tranças
O sorriso que a embala...
Dormem assim as creanças...
Deixal-a dormir! Deixal-a!

Sonha!... Deixal-a sonhar!
A' meia luz entre-aberta
Dos olhos desmaiaditos
Anda-lhe a mãe a brincar...
Cuidado, se ella desperta
D'esses mundos infinitos!...
Os sonhos são tão bonitos!
E' tão bonito o brincar!
Sonha? Deixal-a sonhar!

A boquinha enlanguescida
Finge fallar... e não falla!
Coitadinha!... Adormecida!
Deixal-a dormir! Deixal-a!

LUIZ OSORIO.

Digitized by Google

UMA PARTIDA DE XADREZ

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

A CONDEMNADA

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA FLOR ENTRE FLORES

Digitized by Google

AS NOSSAS GRAVURAS

CONVENTO DE BRANCANES, EM SETUBAL

A nossa primeira estampa representa o antigo hospicio de *Nossa Senhora dos Anjos*, de missionarios apostolicos em Setubal, fundado pelo veneravel frei Antonio das Chagas, em 1682, e auxiliado por el-rei D. Pedro II.

Eis o que diz a respeito d'este mosteiro o sr. Barbosa Vilhena, n'um dos seus livros:

«Como este hospicio foi edificado em um terreno, que de tempos antigos chamavam de *Branca Annes*, veiu a ser conhecido o hospicio pela denominação popular de *Brancanes*, e o mesmo nome passou aos religiosos. Este edificio, com a sua cêrca arborisada, está situado n'uma encosta junto á cidade, em uma posição muito aprazivel e pittoresca. A sua pequena e modesta egreja encerrava outr'ora uma preciosidade artistica de grande valor. Era um quadro original do celebre Raphael d'Urbino, representando a Annunciação de Nossa Senhora. Dizem que este painel foi enviado de presente pelo papa Innocencio XI á rainha D. Catharina, filha de el-rei D. João IV, e que, tendo enviuvado de Carlos II, rei de Inglaterra, voltou para Lisboa. Algum tempo depois da morte d'esta princeza, foi o quadro doado áquelle hospicio, cremos que por seu sobrinho, o infante D. Francisco, filho de D. Pedro II. Pela extincção das ordens religiosas, veiu aquelle primor de arte enriquecer a galeria de pinturas da academia de bellas artes de Lisboa, onde se acha ao presente.»

UMA PARTIDA DE XADREZ

E assim passam todas as noites, aquellas duas viciosas creaturas.

O Xadrez representa para elles o supremo goso. Jogam, fumam, ralham, descompõem-se..., o que leva *cheque e mate*, n'alguma partida arrevezada, promette não tornar a jogar, mordido pela troça do parceiro, mas afinal o vicio pode mais que essas vans promessas, e arrasta-os quotidianamente para aquelles duelos tremendos, em que o vencedor de hoje é o vencido d'amanhã.

No fim de contas, são dois caturras que não incommodam a humanidade, e por quem não vem mal ao mundo.

UMA FLOR ENTRE FLORES

Flores por toda a parte. E' o que os nossos olhos encontram, n'este abril encantado e feiticeiro.

Todavia, ha flores animadas, cuja formosura avantaja a da rosa, cujo perfume innebria mais que o da violeta.

Aquella gentil sevilhana, ajoelhada no amplo balcão do seu palacete, contemplando entre flores a procissão que passa, excede a todas as outras em belleza e aromas.

O peior é que um olhar seu tambem mata ás vezes, como a sombra lethal da mancenilheira.

Uma rosa inoffensiva não faz d'aquillo.

CONDEMNADA

Pela *mise-en-scéne* lugubre que a rodeia, adivinha-se quem é a pobre condemnada:—Joanna d'Arc.

A heroica resignação que se lhe divisa no rosto impassivel e sereno, denuncia-nos, logo ao primeiro olhar, a *Virgem d'Orléans*, morrendo sobre a fogueira.

Sabe-se a historia d'aquella heroina franceza, cujo nome encheu o mundo, e cujo animo viril e masculo apavorou os inglezes.

O povo maravilhado ajoelhava na sua passagem. As multidões adoravam-n'a como a um ser sobrenatural. A sua fama espalhou-se por toda a França, indo além do Rheno e dos Alpes. Diante do seu estandarte glorioso prostraram-se exercitos aguerridos e valentes.

Mas, como nada n'este mundo é duradoiro, a gloria de Joanna d'Arc eclipsou-se depressa. Aos seus dias de triumpho, succederam-se horas amarissimas, de indiscriptivel martyrio.

Depois de ter levantado o cerco d'Orléans e de haver assegurado á França esplendidas victorias, a sonhadora Joanna foi vendida por 16:000 libras aos inglezes, com o assentimento do duque de Borgonha, e os politicos da Inglaterra decidiram que ella fosse julgada como feiticeira e heretica.

O bispo de Beauvais, Pedro Cauchon, encarregou-se de presidir ao tribunal ecclesiastico que julgou a heroina. Em 20 de fevereiro de 1431 iniciou-se este processo iniquo, em que Joanna d'Arc foi mais sublime do que nunca, d'uma eloquencia forte e singela, d'uma fé simples e fervente, d'um bom senso que destruia todas as subtilezas dos juizes, sempre cheia d'amor pela França e de respeito pelo seu rei que a abandonava.

Joanna assignou, com uma ignorancia ingenua, uma abjuração differente d'aquella que lhe leram no tribunal, e foi condemnada a prisão perpetua, com prohibição de tornar a vestir fatos de homem. Os inglezes ficaram furiosos; queriam ainda mais: desejavam a sua morte. Durante a noite, roubaram-lhe os vestidos de mulher, e Joanna d'Arc viu-se forçada a envergar de novo a sua armadura de guerreiro. Por tal motivo, condemnaram-a, como relapsa, a ser queimada viva. A terrivel sentença foi odiosamente executada na praça do Vieux-Marché, em 30 de maio de 1431, sem que a coragem da famosa heroina se desmentisse um só instante.

Carlos VII arrependeu-se mais tarde da sua revoltante ingratidão, mas já não havia remedio. A *Virgem d'Orléans* tinha morrido queimada na praça publica, com o corpo amarrado a um poste ignominioso.

E' n'essa attitude que a nossa gravura a representa.

DEITANDO O BARCO A NADO

Um quadro das nossas praias, illuminado pelo sol do verão.

Simples na sua contextura, e verdadeiro em todos os seus detalhes, não precisa de que o descrevamos minuciosamente.

Tres pescadores tratam de deitar a nado o barquito veleiro onde vão lá fóra, na costa, ganhar o sustento quotidiano.

E' a hora da maré, e qualquer pequenina delonga prejudical-os-ia.

Por isso o mais velho da companha, empurrando a canôa para dentro d'agua, diz á ré, para um *mirone* que os contempla, de mãos nos bolsos:

—A'la, que se faz tarde!

O MEU DESEJO

Ha quem deseje ser, na fama, um Calderon
Ou quem tambem aspire aos loiros d'Walter-Scott;
Uns quereriam ser Henault, outros Buffon,
Alguns Mozart ou Dante, O'Cromwell, Boileau.

Alguns hão d'invejar esse impio Diderot,
E muitos—quem o sabe?—o sceptico Zenão;
Hav'rá, pelo contrario, amantes d'um Jacob
Ou quem deseje ser, na fama, um Salomão.

A outros tentará Pompeu, Catão ou Mário,
A algum Colombo ou Vasco, a muitos um Pombal,
E muitos gostarão d'um Crésus millionario.

Eu sou, no meu desejo, um tanto original:
Quizera ir de visita ao mundo mortuario;
Ser Lazaro pr'a ver o mundo immaterial.

Arcos de Val de Vez. MANUEL VAZ.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. G. E. M.—Providencias!—Houve já quem as pedisse contra a demasia de «passatempos», e quem fulminasse com as suas iras leoninas a publicação de problemas de xadrez, d'enigmas pittorescos, de problemas e até de charadas.

Tem havido de tudo. Preferiam outra materia, e nós, procurando ser-lhes agradaveis, encurtámos a secção que v. ex.ª deseja ver mais extensa.

Se pode, aconselhe-nos o modo d'agradar a gregos e a troyanos, ficando certo de que ha por cá muita vida e... muito bons desejos.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Não é coisa muito limpa, mas toma-se e limpa—2—1.

M. S. VALENÇA.

Tem valor este animal vermelho e branco—2—1.

No Chili e na Russia é hortaliça—1—3.

Este instrumento pode matar o poeta—2—1.

Funchal. ESTEVÃO AFFONSES.

Offerece a deusa este presente—1—2.

Digitized by Google

E' inconstante na musica esta doença—3—1.

NINGUEM & C.ª.

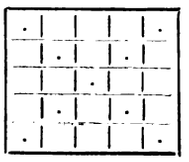
EM VERSO

Para primeira, leitor,
Um adverbio has de encontrar.—1
P'ra segunda, matador,
Um pronome has de matar—1
P'ra tercia, decifrador,
Um verbo has de decifrar.—1

Junta prima com segunda,
E ambas co'a derradeira,
Verás, sem arte profunda,
Nome d'ave brazileira.

THAUMATURGO.

EM DIAGONAL



Se assim moteja, tem graça.
Fazes bem, p'ra não cansar.
Pobre louco, que desgraça!
Fazei-o sempre nas cartas
E buscae-me junto ao mar.

Nas duas diagonaes
Cruzam-se as mesmas vogaes.

Bensafrim. G.

ACROSTICO GEOGRAPHICO

Dispôr as 19 syllabas seguintes:
Ves—Ting—A—Na—Ers—Te—Sil—Ren—Zell—Can—Feld—Mur—Li—Hun—Ta—Ap—To—Don—Pen,
De modo que déem os nomes das seguintes cidades europeas:

Cidade suissa—
» italiana—
» ingleza—
» prussiana—
» belga—
» hespanhola—
» portugueza—

Formando as lettras iniciaes e as finaes os nomes de duas outras cidades tambem europeas.

A. MARQUES PEREIRA.

LOGOGRIPHO

(Ao sr. N. A. d'Albuquerque)

Sendo rio, meu amigo,—7—13—11—2—13
Rio pode procurar.—11—8—10—9—6—11
Porém, achando animal,—12—8—2—3—10
Tambem rio ha de achar—1—5—8—2—4

O todo, meu caro amigo,
De mim queira receber;
Pois que mui reconhecido
Lh'o envio com prazer.

JOSÉ DIAS VELLOSO.

ENIGMAS

(Ao eximio charadista, o sr. Augusto Luiz Lilhão)

Meu todo tem cinco lettras,
Que, reduzindo-se a tres,
Vão tres syllabas formar,
Como tu de certo vês.

São eguaes primeira e quinta,
Segunda e quarta tambem.
Só a terceira, leitor,
E' que outra egual não tem.

A's direitas e ás avéssas
O mesmo nome verás.
O meu todo, termo chulo,
Facilmente encontrarás.

J. G. DA CRUZ MENDONÇA.

PROBLEMA

Sendo 22 a somma de dois numeros, e 3718 a somma dos seus cubos, calcular o valor dos numeros.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Trovador—Reforma—Moscado—Argonautas—Avelino—Vagalume—Isaias—(Es-tri-bo, tri-den-te, bo-te-lha).
DOS LOGOGRIPHOS:—Theodolinda—Harpocrates.
DO PROBLEMA:—205:200 combinações.

A RIR

Final d'uma conversação:
—Fulano é tão estupido, que, quando discuto com elle, chego a convencer-me de que sou eu o idiota!

*

Annuncio colhido n'um jornal francez:

ROBERTO

CABELLOS PARA NOIVAS

ALUGAM-SE POR UMA NOITE!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Receita para debellar as colicas:
Misturam-se duas colheres d'assucar com doze gotas d'agua de flor de larangeira; junta-se-lhe uma colher de sopa, d'azeite, outra d'agua fria, e tres colheres d'agua a ferver, batendo muito bem o conjuncto.
Toma-se esta poção, por uma só vez, e a colica desapparecerá d'ahi a pouco.

HISTORIA DE UM BEIJO

Estavam quasi a terminar as ferias d'aquelle anno lectivo, esse delicioso interregno dos trabalhos escolares que todos os estudantes ambicionam com a desculpavel anciedade de quem sente no coração o vacuo profundo dos affectos, dos carinhos e das ternas solicitudes da familia. O Joãosinho, apesar de diligente e estudioso, apesar de devorado pela insaciavel sêde do saber e pelo estimulo generoso e viril de se crear pelo trabalho e pelos esforços da propria intelligencia uma posição que lhe garantisse um futuro despreoccupado e facil, não sentia, comtudo, o minimo desejo de transpôr de novo os humbraes do seu collegio, cujo recinto austero e glacial se lhe affigurava agora povoado de phantasmas lugubres e de visões importunas e tenebrosas...

Aquelles dois mezes, que elle passára na doce liberdade de uma aprazivel *villegiatura*, tinham-n'o transfigurado completamente. Sentia-se mais forte, mais robusto, e sobretudo muito mais alegre. Voltára do collegio magro e abatido, com o bistre das olheiras profundamente carregado e as faces retintas de uma pallidez cadaverica; e a familia, receiosa de ver assim fanar-se aquella delicada compleição de adolescente, quizera que elle sahisse de Lisboa, esperançada em que o ar sadio do campo lhe restauraria as forças e o sangue, vampirisado por uma crescente anemia. Foi assim que o Joãosinho se installou na casa de campo do primo Gouveia, uma encantadora vivenda onde os dias lhe haviam decorrido tão deleitosos, que já agora lhe era difficil conformar-se com a idéa de voltar de novo ás lides escolares, ao cabo das quaes, no entanto, elle entrevia os desvanecimentos da gloria e as alegrias do trabalho recompensado.

O primo Gouveia, homem sério e abastado, era um bom e generoso caracter, e tinha para elle toda a austera solicitude de um pae, temperada pela expansiva bonhomia de um amigo. Casára havia mezes, e o genio affavel e attrahente de sua mulher contribuia tambem, em grande parte, para accrescentar novos encantos áquella deliciosa convivencia. Izabel, muito mais nova do que o marido, era uma formosa loira, delicada e *mignonne*, perfil correcto e suave, tez pallida e velludinea e olhar de um azul acariciador e terno. Era uma natureza impressionavel e sensivel, embora sem arrebatamentos nem transportes. Sentia pelo marido um mixto de affeição e de respeito, e da alliança dos dois conjuges, embora desegual no tocante a edades, originára-se o mais tranquillo e invejavel *ménage*.

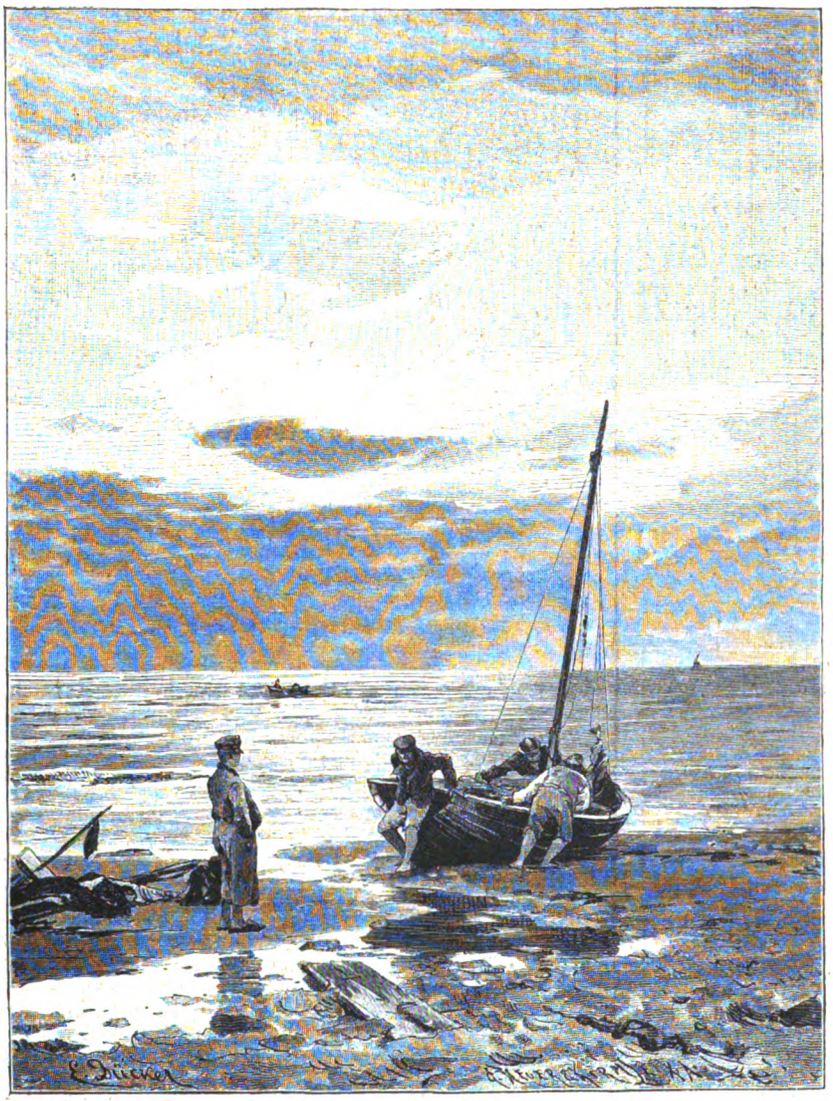
Na doce intimidade dos primos, que tanto o estimavam e a quem elle tanto queria, sentia-se o Joãosinho extremamente feliz, e por isso, ao pensar que aquelle periodo de bucolico remanso havia de findar em breves dias, possuia-se da mais profunda e desesperada tristeza. O collegio, para elle, tinha agora o aspecto frio de uma prisão soturna. Chegava a crer que não resistiria á dolorosa commoção de abandonar as suas excursões salutares pelos campos, os longos passeios á beiramar, as leituras amenas, ás horas calidas da sésta, sob a copa protectora das arvores, os apraziveis colloquios com a amavel priminha, debaixo dos caramanchões floridos, aspirando o aroma penetrante das magno-

Digitized by Google

lias, emfim, todos os prazeres, que a vida do campo lhe proporcionára durante aquelles dois mezes estivaes. Sobretudo, a lembrança de que no collegio não velaria junto d'elle o olhar luminoso da prima, de que não lhe affagaria o ouvido o timbre melodioso da sua voz argentina, affligia-o sobremaneira sem elle mesmo saber explicar o motivo. Nada, não podia ser:—elle não a amava. Na abençoada candura dos seus dezeseis annos chegava até a horrorisar-se só com a idéa de que algum dia podesse alimentar esse sentimento pela esposa d'aquelle homem tão digno, tão respeitavel, e a quem elle era devedor das mais extremadas finezas. Um tal amor seria uma profanação, um sacrilegio, e o que elle sentia pela Izabelinha era apenas o resultado do natural influxo d'aquella mulher tentadora, que parecia irradiar em torno de si ethereos esplendores.

No entretanto, o Joãosinho começava outra vez a sentir-se triste; os alegres passeios campesinos já o não distrahiam como d'antes, e em certos momentos a despreoccupação de espirito cedia logar a um desalento profundo ou a uma implacavel irritação de nervos, que embalde tentava dissimular.

Uma tarde, a galante priminha largára da mão o livro de leitura e assomára á janella do *chalet*, um dos mais pittorescos que bordavam a estrada, caprichosamente desenhada em zig-zagues, como uma fita estendida ao longo d'aquella vegetação exuberante e opulenta. As sombras ligeiramente brumosas do crepusculo começavam a alongar-se pelas encostas verdejantes e pela superficie espelhenta do mar, onde o sol, prestes a sumir-se n'um glorioso occaso, punha reflexos sanguinolentos de uma pompa flammejante e triumphal. Izabel, languidamente debruçada sobre o peitoril, fitou por momentos o olhar indeciso na paisagem que em torno se esboçava, atravez da tenuissima poeira de opala derramada no ar mórno, cheio de uma tranquilla e voluptuosa placidez. Sobretudo, a larga faxa do oceano que d'ali se avistava, e onde as velas brancas das muletas, n'aquella diffusão luminosa do esmaecer do dia, sobresahiam como azas abertas de enormes albatrozes, parecia captival-a particularmente, com o attractivo mysterioso e profundo que o aspecto do mar exerce sobre todas as organisações impressionaveis. N'aquella scismadora indolencia, envolta nas pregas da sua bata de musselina branca, tinha o aspecto phantastico das virgens ideaes das balladas germanicas. O Joãosinho approximou-se d'ella, muito subtilmente, e quedou-se a olhal-a por instantes. Nunca a prima lhe parecera tão divinamente bella. Enlevado n'aquella contemplação deliciosa, elle sentia o coração bater-lhe com descompassado alvoroço, e nos olhos scintillava-lhe um estranho fulgor. Depois, como que assaltado de uma tentação subita e irresistivel, approximou-se d'ella, cingiu-lhe meigamente o busto delicado e flexivel, e collando os labios tremulos aos labios gentis da priminha, depoz n'elles um ardente e prolongado beijo.



DEITANDO O BARCO A NADO

A Izabelinha, sem que se revelasse indignada, soltou apenas um grito abafado, fez-se muito vermelha, deixou pender a cabeça sobre o peito, e cerrou os olhos cheia de uma encantadora confusão. Quanto ao primo, esse, como que tomado de um sentimento de horror pela ousadia do seu delicto, deitou a fugir envergonhado, indo encerrar-se no quarto, e ali chorou sósinho as primeiras lagrimas do amor, lagrimas dulcificantes, lagrimas deliciosamente pungitivas... E no dia immediato declarava aos primos que regressava a Lisboa, por querer passar na companhia dos paes os dias que lhe restavam de ferias.

Quando voltou para o collegio sentiu confranger-se-lhe o coração, e nos primeiros dias assaltaram-n'o as mais desoladoras saudades no isolamento forçado, n'aquellas salas espaçosas vigiadas pelo olhar auctoritario de professores pedantes, ou nas extensas camaratas, silenciosas e tristes, onde as noites lhe pareciam interminaveis, e onde os rigores da disciplina tinham exigencias absurdas e ferozes.

Foi n'uma d'essas horas de intensa e cruciante magua que elle tentou expandir pela valvula da poesia as lagrimas que lhe requeimavam o peito. E escreveu estes versos:

O MEU CRIME

N'aquelle beijo apaixonado e ardente
Que depuz de teus labios na frescura,
N'um instante aspirei, soffregamente,
Ondas de nectar de ideal doçura.

Se te manchou a minha bocca impura,
O' pallida cecem meiga e dolente!
Supplico-te:—perdôa, foi loucura!
Cedi á tentação, inconsciente.

Mas não foi só loucura, foi um crime,
E se um negro remorso hoje me opprime
E a dôr me dilacera o coração,

E' que eu—bem o presinto—é que eu receio
Que o meu crime não tenha no teu seio
Uma lagrima só de compaixão!

O soneto foi publicado n'um jornal litterario redigido por academicos. Quando esse jornal lhe chegou ás mãos, Eduardo Gouveia soltou uma expansiva gargalhada, e aspirando com voluptuosidade o fumo do seu charuto, exclamou desdenhosamente:

—Criancices, criancices! E o caso é que o pequeno tem geito para a poesia, mas como a poesia não é modo de vida, bom seria que tratassem de lhe pôr côbro em tão derrancada bossa.

A Izabelinha, porém, limitou-se a sorrir com tristeza á observação do marido, e voltando o rosto, agitada n'um pequenino fremito nervoso, enxugou com a polpa rosada dos seus finos dedos uma lagrima importuna que lhe pendia das palpebras ..

MAGALHÃES FONSECA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35. LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 4 de maio de 1885 Numero 45

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Primeira lagrima*, soneto, por Accacio Paiva.—*As nossas gravuras.—Em familia.—O mar*, soneto, por Amador de Moraes.—*Um conselho por semana.—Abandonada*, por A. O. da Costa.
GRAVURAS.—*Um concerto classico.—Como elle é gentil!—Savonarola prégando contra o luxo, em Roma.—Jogando a cabra-cega.—Cidade da Horta*

CHRONICA

Os politicos d'esta boa terra portugueza, gafados d'anemia e sentindo o seu organismo gasto pela doença do seculo, desentranham-se agora a pedir *vida nova*, como quem pede pão para a bocca, sangue para as veias, alimento para o estomago.

Pelo geito, os velhos processos da nossa politica decadente

UM CONCERTO CLASSICO

Digitized by Google

começam a desagradar-lhes. A reacção fervilha já entre os que se julgam menos contaminados pela grangrena curruptora. Ouvem-se uns protestos vagos; presente-se um desejo palpitante de pôr barreiras ao alastramento da lepra; principia a fazer-se luz nas trevas densas onde tripudiava a mentira ignobil.

A imprensa parece querer entrar n'um periodo de franqueza rude e sã, engeitando certas responsabilidades peccaminosas, que a tornavam odienta.

Vae-se começando a fallar claro ao paiz ingenuo. Nas forjas do embuste, d'onde os nescios sahiam mascarados de sabios, quebram-se pouco a pouco as ferramentas com que se fabricavam os politicos insignificantes de meia escudella. O *modus vivendi* passado vae-se aclarando dia a dia, com o seu cortejo de despeitos insoffridos, de ambições injustificadas e incommensuraveis, de egoismos enormes, de sentimentos baixos e vis.

Dizem-se já, em todos os campos, verdades nuas e cruas, custem ellas a quem custarem. Ha queixas amargas suscitadas por uma irritação profunda; desabafos que resaltam com impeto das gazetas, como a rolha d'uma garrafa de *Champagne*.

Isso que para ahi se chamava disciplina partidaria, e que servia para amordaçar os bons em proveito dos exploradores, produzindo toda a casta de humilhações e de vergonhas, deixou de ser o papão terrorista, perante o qual a dignidade emmudecia, os orgulhos offendidos não verberavam um só protesto, as consciencias honestas e limpas não tinham animo para alimentar uma revolta.

Alijando de si o pezo da tal disciplina criminosa, vemos espiritos sãos que começam a pronunciar-se contra a decadencia da moderna politica militante; a dizer em publico e razo como se fazem as maiorias e as *claques* ministeriaes; a pôr em evidencia a imbecilidade d'uns alcaiotes que se arvoram em deputados e d'uns deputados que se transformam em alcaiotes para pagar a candidatura recebida.

Mercé d'este desassombro digno, sabe-se que ha, em volta dos ministros, quem tenha por unica missão levar e trazer recados, andando sempre em rodopio por todas as sessões de todas as legislaturas.

Graças á franqueza d'estas declarações—um estudo completo e perfeito *d'aprés nature*,—a gente começa a conhecer outros «que exploram o favor recebido, tirando d'esse obsequio titulo para mais e mais exigencias», alguns, que «decretam apotheoses theatraes aos governos, como a *claque* a quem se dá entrada gratuita nas casas de espectaculo», e muitos—o maior numero talvez—«que nem chegam a grunhir o apoiado, pois que não possuem completas e acabadas as articulações da voz.» Uns gorilhas.

Estes diversos elementos constituem—segundo a phrase conceituosa d'um jornalista *d'élite*—uma quadrilha que serve para a politica, como d'antes podia servir para as estradas.

E é com tal gente que se governa, que se fazem e refundem as leis, que se remodela a organisação da nossa sociedade. E é d'este amalgama nojento que se forma a familia politica portugueza. E é isto, finalmente, o que para ahi se impõe, de quando em quando, ao suffragio popular, afagado pelos arminhos flaccidos da governança!

Que profunda decadencia, com effeito, e como nós começamos a achar rasão aos que a deploram pedindo *vida nova*.

Virá ella, n'um praso curto, restaurar as nossas forças perdidas? Duvidamol-o. O mal é fundo; vem de muito longe, e precisa, conseguintemente, de muito cauterio. Quando o enfermo está ás portas da morte, não é facil imprimir-lhe alento e vida.

Será o que Deus quizer, mas oxalá que Deus o queira, e que o doente não morra da cura.

=E emquanto uns jornalistas honrados tratam de pôr em evidencia esta gangrena putrida, no parlamento discute-se o artigo do projecto revisionista referente á camara dos pares, e o contracto do telegrapho submarino para a Africa.

Um deputado juiz puxa a braza á sua sardinha, e quer por força que os juizes sejam pares: outro deputado ecclesiastico, trabalhando *pro domo sua*, pretende que os bispos das ilhas tenham ingresso no senado. Uns pedem cincoenta pares de nomeação regia, cincoenta electivos, e varios pares de direito proprio. Outros detestam o direito proprio e acham que metade da camara alta deve ser electiva. Este faz constituir o seu ideal n'uma camara toda nomeada pela coroa e que se renove quando cheirar mal, como os quartos onde dorme muita gente junta. Aquelle entende que dois terços dos pares devem ser electivos.

Nenhum quer a mesma coisa, e cada qual advoga os seus interesses, em longas tiradas de prosa mais ou menos patusca, podendo-se-lhe applicar este hemistichio de Racine:

«Vraiment il plaide bien.»

Na discussão do cabo submarino degladiaram-se, em redondilhas sonoras, dois poetas da mesma familia politica—um que foi ministro da marinha e escreveu o *D. Jayme*, e outro que o é ainda e burilou o *Poema da Mocidade*. A *Judia*, rabina dos quatro costados, arrenegou-se com a *Morgadinha de Valflor*, e accusou-a d'entreter amores illicitos com um conde polaco de fidalguia problematica. O Luiz Alvares, representado na pessoa do sr. Francisco Costa, correu em defeza da gentil fidalguinha ministerial, e defendeu-a contra as accusações do sr. Thomaz Ribeiro, recitando por fim, á camara somnolenta, os dois versos do estylo:

O' nunca sonhes que assim foste amada,
O' nunca saibas que morri d'amor!

O *Morgado* da peça, incarnado na pessoa do sr. Barros e Sá—outro rabino - disse duas coisas em prosa, mas o contracto approvou-se.

=Eu tenho-me alongado demasiadamente pelas vielas angulosas da politica, bem sei, mas isto succede uma vez por anno. De resto, não te hei de estar sempre a dizer que a primavera apparece e desapparece, que acabaram as *soirées* das quartas-feiras em casa dos srs. duques de Palmella, que o tenor De Bassini foi agraciado com o habito de Christo, que fechou S. Carlos, e que a sr.ª D. Guiomar Torrezão flana ainda alegremente pela capital da republica franceza. E' preciso, de quando em quando, orientar-te no meio politico onde vives, desfazer umas idéas falsas que o teu espirito ingenuo abriga, a respeito de varios insignificantes mais ou menos citados no *Diario das Camaras*. Provavelmente ainda has de ser eleitora um dia, e eu não quero que dés o teu votoá quelles imbecis...

=Continua a affirmar-se que a Inglaterra e a Russia jogarão as cristas.

A proposito d'essa lucta gigante, correu ahi o boato de que a nossa fiel alliada reclamára do governo portuguez uma divisão de 12:000 homens, commandada pela fina flor dos generaes indigenas.

Suppondo que rebentasse a guerra, que a Gran-Bretanha tivesse direitos para exigir o nosso auxilio, e que nós podessemos dispor de doze mil guerreiros, assim de pé para a mão, como quem dispõe d'um pataco, sabes tu qual era a fina flor do generalato que ahi tinhamos, para enviar aos inglezes?

Eu te digo.

O mais novo e fresco dos nossos quarenta e seis generaes, completou 74 primaveras; e as edades de todos elles, sommadas, attinge a bonita cifra de 3:270 annos. Dividindo esta somma por 46, encontrarás em quociente, salvo o erro, 71,08 do anno.

Já vês, por esta logica dos algarismos, que era caso para dizer á Inglaterra:—fica-te lá com Bombaim e Tanger, leva-nos a Madeira, se quizeres, mas deixa-nos, ao menos, as reliquias venerandas dos nossos queridos generaes!

=Fechou definitivamente S. Carlos, com uma festa de Caridade iniciada pela Rainha. Foram as notas harmoniosissimas da *Carmen* as ultimas que vibraram n'aquella sala brilhante. Assim devia ser.

Depois da musica de Bizet, teremos ali, por alguns dias, as empalmações e os passes artisticos do Hermann, um escamoteador *di cartello*. Em vez de *romanzas* e bailados, prestidigitação e phisica recreativa. Para o anno, ouviremos a *Herodiade* de Massenet e a *Gioconda* de Ponchielli. Está promettido, e Valdez não é homem que falte ás suas promessas. Se elle até teve artes para convencer a Borghi Mamo a vir cá, depois de casada, mesmo em riscos de ter de escripturar o marido e de ouvir choramigar, entre bastidores, a prole da *diva*, chuchando no *biberon*...

Emquanto a Borghi não chega, com o seu *bébé* loiro e anafado suspenso dos seios uberrimos, vamos ver o Hermann; binocular a filha; assistir á brilhantissima tourada de domingo, que um aguaceiro inesprado retardou; ouvir os *Huguenotes* no Colyseu, e aspirar o perfume das rosas na exposição da Trindade, uma exposição encantadora, que deslumbra os olhos e afaga suavemente o olfacto.

Os politicos que continuem a pedir *vida nova*. Nós vamos pedindo festas ao maio formoso, e deliciando a pituitaria com o aroma inebriante das flores gentis.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XVIII

São verdadeiramente interessantes os capitulos do livro do sr. Gomes de Amorim, que se referem á vida de Garrett entre a revolução da Maria da Fonte e a Regeneração. Foi n'essa epoca que se accendeu na sua alma a ultima e a mais dominadora paixão da sua vida, a paixão que lhe inspirou as *Folhas caidas*. Na nossa terra, onde é uso procurar sempre de preferencia os lados fracos dos grandes homens para se lançar sobre elles o ridiculo que os approxime do resto da humanidade, esta paixão, que bro-

Digitized by Google

tou aos cincoenta annos, foi sempre considerada como um dos grandes ridiculos de Garrett. Comtudo, parece-me que a pessoa mais competente para apreciar o ridiculo do poeta era a mulher amada, e, se ella realmente o amou, como tudo parece indical-o, se mais se enlevou na mocidade d'aquelle brilhantissimo espirito do que na juventude embonecada, fatua e insulsa dos dandys que a requestavam, não iremos nós ser mais papistas do que o papa, e ridiculisar um amor que deu ao outono do poeta as galas renovadas da sua mocidade.

Eu por mim confesso: quando, ha dois annos, no Estoril, vi *estes sitios queridos*, a que o poeta allude, e que descreve de modo que não precisamos de *cicerone* para os encontrar, evoquei na minha imaginação a scena idyllica, em que a formosa musa dos ultimos amores se debruçava sobre o seu poeta querido, e lhe escutava as magicas endeixas. E, se pensei nos cabellos negros d'essa mulher amada, não me lembrei nem por sombras do chinó do poeta, como, ao pensar-se em Sophia Mounier, ninguem se lembra da cara bexigosa de Mirabeau, nem o acha ridiculo porque amou e foi amado, apesar da sua physionomia horrenda, por uma doce e formosissima menina.

Se Sophia Mounier mais se enlevava na palavra ardente do seu apaixonado amador do que na formosura apollinea de uns bonifrates quaesquer, que admira que a rosa das *Folhas caidas* julgasse preferivel á boca fresca e vermelha de um insignificante de vinte e cinco annos, a voz de poeta que lhe murmurava versos como estes:

Quem bebe, rosa, o perfume
Que do teu seio respira?
Um anjo, um sylpho, ou que nume
Com esse aroma delira?

Qual é o deus, que namorado
Do seu throno te ajoelha,
E o teu nectar encantado
Bebe occulto, humilde abelha?

Ninguem? Mentiste. Em frente,
Em languidez inclinada,
Quem t'a poz assim pendente?
Dize, rosa namorada?

E a côr de purpura viva
Quem assim t'a desmaiou?
É essa pallidez lasciva
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos, que tão duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjuros
T'os desarmaram, oh rosa?

E porque na hastea pendida
Tremes tanto ao pôr do sol?
Porque escutas, tão rendida,
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?
Nas aguas do teu retiro
Não espreitei tua imagem?

Não a vi afflicta, anciada?
Era de prazer, ou dôr?
Mentiste, rosa, és amada,
E tambem tu amas, flor.

Mas ah! se não fôr um nume
O que em teu seio delira,
Ha de matal-o o perfume
Que em tuas folhas respira.

Nem sei se está exacta a transcripção. Cito de cór. Fui-me deixando arrastar pelo prazer de modular esses versos, os mais sublimes que uma voz namorada murmurou ao ouvido de uma mulher.

Tinha cincoenta annos? Talvez. Estes versos teem vinte.

Pobre Garrett! Os mesmos, que acham olympicos e sublimes os amores de Goethe sexagenario, cobriram de ridiculo a sua paixão outoniça, e as *Folhas caidas*, parodiadas, deram origem a varios folhetos, em que mais ou menos espirituosamente se escarnecia da idade do poeta: *Rosa de amor*, dizia um e incontestavelmente com graça:

Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
(Purpurea e bella aqui, já vês, são cunhas)
Quem podéra dizer: Rosa amarella,
Onde está o carmim que d'antes punhas?
Porém, se eu te descubro estas mazellas,
E's capaz de deitar-me á cara as unhas,
E, engrifando-te em mim, sem dôr nem dó,
Arrancar-me os cabellos e o chinó.

Rosa amarella, pois, não vou chamar-te!
Respeite-se o amor proprio, ó minha amada!
Mas, presa ao carro triumphal de Marte,
Immortal te farei, flor desbotada.

E continuava assim em varios trechos implacaveis, até acabar com esta oitava parodiada dos *Lusiadas:*

As filhas da Cath'rina em casa escura
Estas borras, chorando, memoraram,
E, por memoria eterna, em banha dura
A manteiga do cerdo transformaram.
Choros mil no Loreto em agua pura
Do throno de Neptuno repuxaram.
Carpiram Rosas, Brancas e Catões
E por um olho só chorou Camões.

Alguns episodios d'esses amores são realmente engraçados. Garrett foi residir na Ajuda, para ficar mais proximo do sitio onde podia encontrar-se com a sua musa. Saía a passeio com Herculano, unicamente com o fim de encontrar na estrada de Pedrouços um carrinho que parava apenas o cocheiro os via, e que conduzia Venus, diremos mythologicamente, apesar de ser tirado por dois normandos, em vez de o ser pelas duas pombas legendarias. Herculano esperava a distancia, e estamos d'aqui a ver a furia reprezada do grande historiador, que foi velho aos vinte e cinco annos, em quanto Garrett era rapaz aos cincoenta, que nunca amou com verdadeiro e intenso amor senão a condessa Mumadona, que viveu no seculo X, e cujo testamento é uma fonte preciosa de noticias historicas. Terminada a conferencia, voltava Garrett a dar o braço a Herculano, que o dava a todos os diabos do inferno.

Herculano e Garrett nunca se podiam dar muito bem. Admiravam-se sinceramente, mas era impossivel que fossem amigos. Havia entre elles incompatibilidade de genios. Garrett gostava de viscondados e de grã-cruzes, Herculano odiava tudo isso. Garrett era um elegante, requestado e requestador nas salas, Herculano não estava bem senão em sua casa, rodeiado de uns poucos de amigos. Por isso, tambem, Herculano de vez em quando fazia explosão Uma vez foi na famosa discordia ácerca da propriedade litteraria. Outra vez foi nas *Cartas da Estremadura*, em que se está a sentir a furia reprezada dos passeios a Pedrouços, e o *agacement* que lhe fazia nos nervos a vaidade inexplicavel de Garrett:

«Pobre author, dizia Herculano (e tambem cito de cór porque as prosas de Herculano e os versos de Garrett que li na adolescencia nunca mais me sairam da memoria), pobre author a quem por ahi calumniaram e insultaram com o titulo de visconde! O grande poeta não o merecia! Camões morreu no hospital, e o author de *fr. Luiz de Sousa* e de *D. Branca* morrerá com essa hedionda alcunha atada ao seu nome. Dar pão ao genio, trajando-lhe o sambenito, equivale a fazel-o expirar de fome. Os homens, que se chamam Camões ou Garrett e que se elevam tanto acima dos seus contemporaneos, mereciam que os não fizessem passar pela craveira dos agiotas, dos galopins politicos e dos saltimbancos eleitoraes. Estes governichos de Portugal serão por ventura eternamente incorrigiveis?»

Garrett não devia gostar d'este modo de lhe prestar homenagem, como se enfureceu, segundo conta o sr. Gomes de Amorim, quando leu um artigo, em que o sr. Mendes Leal dizia que Herculano era a força e Garrett a graça. Por mais que o sr. Mendes Leal procurasse pôr em relevo o merito da graça, *plus belle encore que la beauté*, Herculano ficava sempre em primeiro logar. Dir-se-hia que o genio de Garrett saira de uma costella do genio de Herculano, e essa genese não agradou nem por sombras ao grande poeta. Mostrava-se mnis uma vez a incompatibilidade em que fallei.

Não sabia que Garrett residira na Cruz Quebrada, e é com mais veneração que irei respirar os ares d'aquelle sitio encantador, onde de certo em grande parte se escreveram as *Folhas caidas*, que irei espraiar os olhos por essas paisagens que descreve de forma que bem se vê que volteiava por diante d'elle com os seus prismas côr de rosa o doce vulto de um amor feliz. E Carnaxide, sobretudo, tem tido a felicidade de apanhar poetas em boas disposições de espirito; por isso gosa de uma reputação superior ao seu merecimento. Garrett vio a ribeira de Jamor atravez do veu côr de rosa de uma encantadora andaluza, e Thomaz Ribeiro lá está vendo Carnaxide com os olhos cheios da luz com que lh'os illuminam os mais intimos affectos, e sobretudo os candidissimos reflexos do olhar ingenuo e doce de uma encantadora filhinha.

E Carnaxide vai aproveitando! D'aqui a pouco tem a reputação de ser o valle de Tempe da Europa occidental.

PINHEIRO CHAGAS.

PRIMEIRA LAGRIMA

Eu disse que te amava, e conseguiste
Matar o meu amor, cynicamente;
E viste-me chorar; então sómente
Olhaste com desdem, passaste e riste.

Digitized by Google

COMO ELLE É GENTIL!

Digitized by Google

Digitized by Google

JOGANDO A

Digitized by Google

CABRA-CEGA

Digitized by Google

Digitized by Google

SAVONAROLA PRÉGANDO CONTRA O LUXO, EM ROMA

Digitized by Google

Outro te amou, mais outro... e não sentiste
A sombra d'um affecto. Simplesmente
Ao desfolhar-se uma illusão tremente
Olhaste com desdem, passaste... e riste!

Veio do tempo a fria mão de gêlo;
Pôz um cabello branco em teu cabello,
E quando, finalmente, o divisaste,

Olhaste em volta—o espaço era vazio;
Palpaste o peito—achaste o peito frio.
Eras bem só, mulher! Então choraste!

ACCACIO PAIVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM CONCERTO CLASSICO

Passou-se isto em tempos que já lá vão.

Aquelles seis *virtuoses* reuniam-se todas as noites para ensaiarem musicas classicas. Compunha-se a *troupe* de dois violinos, uma flauta, um cornetim, um clarinete e uma harpa. Os instrumentos eram bons, mas os instrumentistas detestaveis, principalmente o do cornetim, que desafinava como um possesso.

Conta-me o meu avô que nunca passaram d'ensaios e nunca ficaram bem ensaiados para tocar em publico. Faziam concertos em familia, que desandavam sempre n'um charivari infernal, por causa do homem do cornetim.

As gazetas d'aquella epoca não fallaram d'elles.

COMO ELLE É GENTIL!

Adivinha-se nos labios d'ella a musica d'esta phrase harmoniosissima, que rescende as doces fragrancias d'um amor ideal e romanesco.

Vê-o passar, a elle, ao feliz namorado, e os olhos vão-se-lhe na gentileza do seu porte, na elegancia do seu *frack*, na distincção das suas maneiras.

Espreitando-o a furto, por dentro da janella, e mostrando-lhe, n'um sorriso apaixonado, a alvura dos seus dentes magnificos, a formosa viscondessinha repete muitas vezes, de si para comsigo, aquella phrase cheia de harmonias:—Como elle é gentil!

E d'ahi, pode ser que não seja. Quem o feio ama, bonito lhe parece.

SAVONAROLA PRÉGANDO CONTRA O LUXO, EM ROMA

Girolamo-Maria-Francesco-Matteo-Savonarola nasceu em Ferrara, no anno 1452; teve uma educação esmerada, e deu, desde muito novo, sobejos testemunhos d'uma piedade mystica.

Em 1475 abandonou a casa paterna, para entrar no convento dos frades dominicos de Bolonha, onde professou um anno depois. Em 1482 foi enviado a Florença para prégar e instruir os noviços.

Contristado pelas dissensões d'Italia, fez prégações mysticas em Brescia, no anno 1846, e depois em Bolonha, Pavia, Genova e Florença. A sua palavra eloquente attrahia a multidão. Savonarola annunciava aos ouvintes que Deus castigaria a Italia.

Ameaçado com o desterro, começou a prégar a reforma dos costumes, principiando as suas prédicas no convento dos dominicos de S. Marcos; submetteu os frades d'aquelle convento, dos quaes foi depois vigario geral, e annunciou a chegada dos francezes. Expulsos os Medicis, encarregaram-n'o de dar uma constituição a Florença. Savonarola organisou um poder quasi democratico, com Jesus Christo por soberano. Dispondo d'um poder illimitado, quiz, para reformar os costumes, proscrever os jogos, as mascaradas, os prazeres, o luxo, e até mesmo as lettras e as artes, que tinham feito de Florença uma cidade pagã. Mandou queimar as joias e as *toilettes* luxuosas, as estatuas, as obras de Petrarcha e de Boccacio, e encarregou as creanças de velarem pelos costumes publicos. Os grandes senhores protestaram contra estas reformas exaggeradas, e Alexandre VI, cuja conducta elle havia censurado, negou-lhe o direito de prégar e lançou-lhe a excommunhão. Passava-se isto em 1497. Savonarola pediu aos principes a reunião d'um concilio geral que desthronasse o Papa, mas foi de novo excommungado.

O povo começou por esta epoca a duvidar do seu propheta, e exigiu-lhe milagres Como elle os não fizesse, o prestigio de Savonarola acabou. As massas populares, desilludidas, foram ao convento de S. Marcos, prenderam Savonarola, e condemnaram-o ao supplicio da fogueira, com mais dois companheiros.

Os seus partidarios foram perseguidos, até ao dia em que Florença, arrependida, o venerou como martyr.

Savonarola não foi um eretico, mas um illuminado: inimigo da Renascença, julgava-se propheta, e queria, antes de tudo, reformar os costumes, tendo por ideal uma especie de monarchia religiosa.

Como orador, foi apaixonado e original, mas não tinha arte Como escriptor, não passou d'uma mediocridade.

A nossa gravura representa-o prégando contra o luxo e os prazeres mundanos, em Roma.

JOGANDO A CABRA-CEGA

O pobre rapaz vê-se grego. Nem menos de cinco moçoilas endiabradas a fazerem-lhe negaças, e elle, o desgraçado, d'olhos vendados e cabeça estonteada, sem conseguir apanhar uma só das do rancho!

Ellas a furtarem-lhe o corpo, em mil voltas ligeiras de passarinhos saltitantes, e elle, o pacovio, a fazer uma figura tristissima, no meio d'aquelles cinco vivos demonios anafados e roliços.

Tambem, se chega a deitar-lhes a mão, tem muito por onde se agarrar...

CIDADE DA HORTA

Das tres cidades açorianas, a Horta é, por sem duvida, a que mais bello panorama apresenta aos olhos do viajante que chega ao seu porto. Está edificada na reintrancia de uma espaçosa e magnifica bahia, tendo aos pés uma bonita praia, e formando um perfeito amphitheatro.

As casas e campanarios, destacando-se por entre jardins, pomares e massiços de arvoredo, completam o quadro, que é realçado pela vista das paizagens da Ilha de S. Jorge, que lhe fica a um lado, e pela magestade do enorme gigante do Pico, que defronta com a Horta.

O interior da cidade é regular, mas estreito e tortuoso, e não prima pelos seus edificios.

Tem comtudo boas casas, apalaçadas algumas, e regulares egrejas; um passeio publico, um theatro, asylos, misericordia, assembléas, e um bom hotel estrangeiro.

Conta a cidade da Horta cerca de 8:000 habitantes, e 1:700 fogos.

A beneficencia publica tem uma misericordia, um asylo d'infancia desvalida, e um asylo de mendicidade. A particular é exercida em larga escala.

A industria que ali ha é de bordados brancos e de palha e fita, relevos de medula de figueira, chapeus de palha, e objectos de vime, e colxas de lã e linho.

Avulta tambem a pesca da balcia, havendo sociedades para esse fim, importantes hoje.

A importancia da cidade da Horta está na excellencia do seu porto, assaz seguro, e em posição geographica que o torna preferivel a todos os outros. Na sua bahia veem-se constantemente navios de todas as nações, mercantes e de guerra, das maiores dimensões, e ás vezes esquadras.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Os originaes enviados a esta redacção, não serão devolvidos, embora por qualquer circumstancia se não publiquem.

*

Continuamos a pedir aos nossos estimados leitores a fineza de sustarem as suas continuas remessas de charadas *novissimas*, afirmando-lhes que receberemos de bom grado outro genero de composições.

*

Toda a correspondencia relativa a assumptos de redacção, deve ser subscriptada para *Tom Pouce*.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

D. V.—Braga.—A empreza manda fazer as encadernações para os assignantes que as requisitarem. A seu tempo seremos mais explicitos.

ASTURIANO.—Leiria.—D'esta vez não se perdeu n'um *mare magnum* de papeis, mas succedeu-lhe cousa peior:—veio sem a decifração. Como vê, a culpa, agora, não foi nossa.

A. B. S.—Armamar.—Remettemos n'esta data o n.º 34 que requisitou em tempo.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Ha na terra grande immensidade d'arvores—1—1.

Verte sangue da orelha do burro—2—1.

No oceano ha um peixe, mas que peixe!—1—3.

Digitized by Google

Procura este animal no Nilo—2—2.

Faro. PAPUÇA.

Este signal e esta sciencia faz parte d'outra sciencia—2—3.

M. DO LIVRAMENTO PERES.

Nos fogueteiros tem agua e canta—2—2.

Braga. A. VIEGAS.

Sente-se, sente-se e sente-se—1—1.

ANTONIO MARIA DO REGO.

EM VERSO

D'uma nota sou metade—1
Muitas notas, sim senhor.—2
Que estou na mythologia
Podes crel-o, meu leitor.

Do meu todo esta primeira
Com certa lettra é um numero.—1
Segunda... —que brincadeira!—
E' da mesma forma um numero—1

Bonito!... Vem a terceira
Que tambem nos diz ser... numero—1
E p'ra cum'lo, a derradeira
Grita que é parte do numero!—1

O conceito d'isto tudo
Eu vou dar sem mais canceira:
Como este existiam dez:
Que tal é a brincadeira?...

J. A. D.

Esta sustenta—2
Um animal—1
Que tem valor;
Não sabes qual?

CURIOSO.

EM QUADRO

— — — Villa
— — — Villa
— — — Villa

Coimbra. ABRUNHOSA.

LOGOGRIPHO

Aos leitores narrar vou
(e peço toda a attenção)
um conto de sensação
que minha avó me contou:

«No sec'lo oitavo viveu
este rabino judeu.—2—3—9—3—6
«Foi cel'bre na poesia,
e tambem na astronomia.—11—3—8—2—3—6
«Foi poeta celebrado,
ninguem o ha duvidado.—9—1—2—5
«Tambem foi muito orgulhoso,
e dos judeus odioso.—2—1—9—3
«Sua irmã elle adorou;
em seguida a ultrajou.—2—1—3—6—3
«Tambem foi deus adorado,
e no Egypto festejado.»—9—3—6—4—5

Eis, em menos d'uma hora,
o conto da avó Theodora.
Conceito? P'ra esse então
peço toda a attenção:
Além d'outra coisa ser,
é ave, quer-me parecer.

AJAX.

ENIGMA

(A Arthur Gomes da Costa)

Vês setima egual á tercia
E a quinta egual á prima,
Se dividires em lettras
Este enigma, posto em rima.

São eguaes segunda e quarta,
Sexta e oitava tambem,
E estas eguaes áquellas.
Leitor examina bem.

Se dividires em syllabas,
Vês eguaes prima e terceira;
Segunda e quarta tambem
Não cuides que é brincadeira.

Onde estou, vês prima ou tercia;
E primeira mais segunda,
Ou terceira mais a quarta,
Cousa que na terra abunda.

Depois de tanta egualdade,
Que estou farto de fazer,
Dir-te-hei: que no conceito
Um falcão haveis de ver.

CUSTODIO SILVA.

PROBLEMA

Achar dois numeros, cuja somma seja egual ao producto e ao quociente dos ditos numeros.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Borracha—Rubicão - Chicorea — Grosador—Dadiva—Variola—Bem-te-vi—

A p o d A
p A r A r
o r A t e
d A t A i
A r e i A

DO ACROSTICO GEOGRAPHICO:—

A ppenze L
T arent O
H untingdo N
E rsfel D
N amu R
A licant E
S ilve S

DO LOGOGRIPHO:—Agradecimento.

DO ENIGMA:—Acica.

DO PROBLEMA:—Fazendo $x-y=2d$, é $x=11+d$ $y=11-d$, e por tanto $2662+66d^2=3718$ ou $d=4$; logo $x=15$ $y=7$.

A RIR

No Gremio:
—Não foste ver a ultima exposição de quadros?
—Eu não! Deus me livre de tal!
—Porque?
—Porque se lembraram de expôr lá o retrato de minha sogra!

*

A' meza redonda d'um hotel:
—Como é que se reconhece a edade dos cavallos?
—Toda a gente o sabe: pelos dentes.
—E pode saber-se por elles a edade dos outros animaes?
—De certo. Eu era capaz de lhe dizer, pelos dentes, a edade d'uma galinha.
—Ora essa! As galinhas não teem dentes!
—Mas tenho-os eu.

UM DOMINÓ.

O MAR

O mar ás ondas diz: ide contar
As saudades que sinto no mais fundo
Do meu seio. E por todo o grande mundo
Ellas vão essas magoas espalhar.

Ai que sentidas queixas as do Mar,
D'esse Mar tão immenso e tão profundo!
E que ternas que são! quanto as confundo
Com as minhas, meu unico pezar!

Olha Mar! se eu assim a minha dor
A' tua dor comparo, é porque penso
Na pena que a saudade sabe impor.

N'este viver saudoso, só, extenso,
E', como tu, profundo o meu amor,
O meu amor é, como tu, immenso!

Porto, 1884. AMADOR DE MORAES.

Digitized by Google

UM CONSELHO POR SEMANA

As manchas de café em panno branco tiram-se facilmente, lavando com agua e sabão o sitio manchado. Não acontece o mesmo nas fazendas de côr, sobre as quaes o effeito do sabão pode ser prejudicial, desbotando-as.

Para tirar uma nodoa de café d'aquellas fazendas, começa-se por lavar a mancha com agua quente, na qual se bateu uma gemma d'ovo. Depois passa-se o sitio manchado por agua fria.

Quando as nodoas resistem a estas lavagens, emprega-se a agua com um pouco d'espirito de vinho.

ABANDONADA

SIMPLES HISTORIA

(A Eça de Almeida)

I

Custou-lhes muito a ambos aquella separação. Mas emfim era necessario, a vida não se ganhava assim de costas direitas, sem canceiras, e o Brazil não era agora uma cousa por ahi além, d'onde nunca mais se havia de voltar. E depois, o futuro... uma lo-

CIDADE DA HORTA

gita bem posta, uma casita onde reinasse a boa alegria honesta e amante das existencias simples, e uns amores de filhinhos bem loiros e bem bonitos...

A Rosita da herdade chorou muito pelo rapaz, e nunca mais nos seus labios humidos e vermelhos de camponeza sadia, creada ao largo sol das ceifas, adejou o alegre sorriso dos dezenove annos.

Ao principio vieram cartas pelo paquete, de quinze em quinze dias, n'uma assiduidade saudosa de primeiros amores. Mas passado meio anno, embalde a Rosita esperava o carteiro á hombreira da porta, estendendo dolorosamente a vista pela estrada branca e sinuosa, por onde rebanhos empoeirados recolhiam, tilintando as suas campainhas argentinas, e carros de bois possantes chiavam monotonamente, na grande tristeza indefinida dos crepusculos.

Um dia, passados dois annos, correu vagamente nos sitios que o Daniel da loja voltava endinheirado lá do Rio, e que até já mandára comprar a casa do senhor Morgado. Arranjára-se! Quem o havia de dizer?, murmuravam ao soalheiro, elle, que ainda ha tão pouco tempo andava descalço... O que era ter cabeça!

II

Logo de manhãsinha, ao sahir da missa primeira, a Rosita, alvoroçada, o coração a palpitar d'esperança, foi para debaixo dos carvalheiros do adro da ermida, caminho de Santo André, onde, havia dois annos, dissera ao Daniel que partia para o Brazil, o ultimo adeus de despedida, e acenára longamente com o lenço, até que o carro desapparecera n'uma volta do *macadam*.

Era uma manhã formosissima.

A Primavera cantava pelos balsedos a eterna cavatina das cores e dos aromas, inebriava-se como uma bacchante com os philtros estonteadores e capitosos das auroras, lançando ás mãos cheias, pelo estendal verde dos prados, catadupas de borboletas e de rosas.

Passaros em bandadas perseguiam-se ruidosamente no ar azul e luminoso, pondo no bucolismo virgiliano da paisagem a nota sagrada e immortal da vida. Por toda a parte a luz, em ondas, despenhava-se serenamente das alturas, como um diluvio, refrangendo-se nos pequeninos armos de nuvens, n'uma symphonia deslumbrante de tons.

Vinham halitos quentes e perfumados das florescencias; insectos zumbiam, indo de corolla em corolla, e levando nos seus elytros doirados as mensagens amorosas das flores.

A Rosita, sentada no primeiro degrau da escada da ermida, rente á estrada, contemplava absorta os largos horisontes, onde collinas se arredondavam n'uma vaga tonalidade azul de velhas porcelanas Ming, ligeiramente esbatida pela distancia.

Uma invencivel melancolia apoderou-se do seu espirito: sentia-se muito triste em meio da sua enorme alegria. Como estaria mudado! Quem sabe mesmo se a esquecera... Mas não, com certeza, affirmava ella a si mesma como que querendo convencer-se, na repugnancia instinctiva das naturezas honestas por todas as covardias e por todas as baixezas.

Pobre rapariga!

De repente, ouviu-se ao largo o rodar d'uma carruagem, e em breve, no cotovello da estrada, appareceu um bello *break* inglez, que dois baios puxavam velozmente.

Rosita, como n'um sonho, viu o seu Daniel d'outr'ora, o seu primeiro e unico amor de rapariga, vestido ceremoniosamente, na grave *pose* d'um candidato a barão ou a conselheiro, ainda bonito rapaz, apesar da ligeira rotundidade que já começava, ao lado de uma respeitavel matrona, que podia até ser sua avó, vestida de cores estrepitosas, d'uma garridice pavonacea de creoula.

A carruagem passou balouçando-se sobre as esplendidas molas britannicas, sem que Daniel desviasse o olhar sequer das ondas azuladas do seu havano caro...

Rosita ficou hirta, pallida, com os dentes cerrados, e d'ahi a pouco, quando o carro desappareceu ao longe, cahiu para traz, apertando o peito que parecia querer rebentar-lhe, e murmurou n'uma convulsão de choro:

Abandonada!

Coimbra, 1885. ALBERTO OSORIO DA COSTA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 11 de maio de 1885 Numero 46

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

Texto.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Estrella cadente*, soneto, por J. J. Forbes Costa.—*As nossas gravuras.*—*Em familia.*—*Um conselho por semana.*—*O antigo Circo Price*, por Alfredo Gallis.
Gravuras.—*Quinta dos duques de Palmella, no Lumiar.*—*Um beijo, se quer passar!*—*Arrufados.*—*Que ventania!*—*Um horror!*

CHRONICA

Correu triste a semana.

Anda pelo ar um sopro lethal, que arremessa á cova homens conhecidos e illustres. Paira nos nossos horisontes um cyclone devastador e nefasto, que aniquila existencias preciosas.

Todos os dias veem noticiar-nos, pela manhã ou á noite, o passamento repentino d'um amigo a quem estenderamos a mão na vespera.

Morre-se por ahi a cada instante, sem o apparato de doenças longas e dolorosas, quando ainda se não está cansado da vida e aborrecido do trabalho. Deixa-se d'existir em plena força do talento, aureolado pelas brilhantes scintillações d'um espirito superior e luminoso.

Ha quem seja de mais cá n'este mundo. Esses ficam; percorrem a estrada toda até ao fim, e só desapparecem do palco terrestre, quando não teem mais um passo para dar, mais um affecto para sentir.

Os que devem ficar, vão-se; aquelles que não cumpriram completamente a sua missão, caem fulminados.

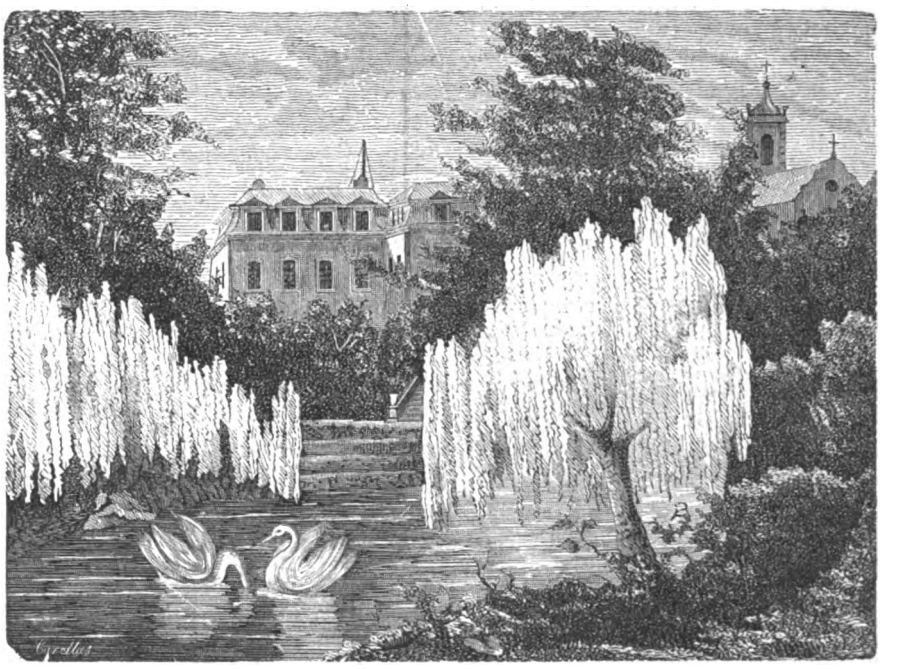
Entre a pleiade de homens illustres que se finaram durante o decorrer da semana, figura o ministro de Hespanha n'esta côrte, D. Saturnino Alvarez Bugallal.

Fallaramos-lhe havia poucos dias. Tinha um olhar scintillante e meigo, cheio de vida e de bondade. A sua palavra facil e eloquente, como a de Nuñez d'Arce e de Moret, captivava. A gentileza das suas maneiras fidalgas, prendia. Grande pelo talento e pela posição, fazia-se pequeno pela modestia junto dos que não podiam egualal-o em posição e talento.

Vivendo entre nós ha pouco mais d'um anno, parecia ter entre nós nascido. As sympathias e o affecto que muitos outros não conquistam n'uma existencia inteira, conquistára-os o nobre diplomata em poucos mezes, pela affabilidade extrema do seu trato, pela honradez immaculada do seu caracter.

D. Saturnino Bugallal cahiu prostrado por uma congestão cerebral, no momento em que escrevia uma carta para Hespanha, aconselhando os homens politicos do seu paiz a que trocassem as luctas e animosidades constantes, por uma paz e concordia beneficas. Foi esta a ultima prova do seu alto bom senso, o derradeiro testemunho do profundo amor que votava á sua patria.

Era d'um punhado de homens d'esta tempera que a irrequieta nação visinha precisava, e são exactamente os que a morte lhe rouba, despiedosa e cruel, levando-lhe com elles para o tumulo o conselho salutar e prudente, a palavra persuasiva e authorisada, as intelligencias prestimosas e robustas.



QUINTA DOS DUQUES DE PALMELLA, NO LUMIAR

Digitized by Google

*

Não cabe nos estreitissimos limites d'esta chronica ligeira uma noticia biographica circumstanciada ácerca do notavel diplomata cuja perda a Hespanha hoje prantêa comnosco. Apenas diremos que D. Saturnino Bugallal era um conservador *vieille roche*, um defensor estrenuo da monarchia de D. Affonso XII e um amigo intimo de Canovas del Castillo, que, pouco depois do seu passamento, honrava a viuva do illustre embaixador com estas phrases sentidas: «Ninguem mais, além da familia do finado, pode compartilhar tão profundamente como eu, a justa magoa que n'estes momentos lhe dilacera a alma.»

*

Como ministro da justiça, que foi por varias vezes, o sr. Bugallal deixou gravado, nos annaes da politica do seu paiz, um nome glorioso e immorredouro. Como orador, fallam d'elle dezenas de discursos notabilissimos pronunciados na Academia de Jurisprudencia de Madrid e no parlamento hespanhol, onde entrou aos 25 annos, conquistando logo ao primeiro *abord* as suas esporas de oiro. Como jornalista, a reputação de D. Saturnino Bugallal ficou firmada nas columnas respeitaveis de *La Epoca*, o primeiro jornal da peninsula. Como homem politico, teve sempre por norma de vida uma lealdade inquebrantavel e sem mancha, de que nem todos os seus collegas de Hespanha podem fazer alarde, no meio das evoluções constantes que ali se operam.

*

O corpo do fallecido foi transportado pelo caminho de ferro, para Ponteareas, onde tem o seu jazigo de familia.

Antes d'isso, a guarnição de Lisboa prestou-lhe as honras funebres na passagem para o tumulo onde vae esconder-se.

Leão XIII enviou-lhe a benção apostolica *in extremis*.

A diplomacia desfolhou-lhe flores sobre o athaude.

A realeza fez-se representar nos seus funeraes.

Não lhe faltaram, depois de morto, honrarias e testemunhos d'alto apreço, como em vida lhe não escassearam nunca as admirações e os affectos a que tinha incontestavel direito.

*

Uma nota do seu enterro. Quando o prestito caminhava lentamente Chiado abaixo, ao som das marchas funebres, e a multidão se descobria com respeito na sua passagem vagarosa, um patife qualquer tocava realejo junto do largo do Loreto, fitando as janellas e moendo trechos da *Mascotte*, no mais imbecil e revoltante dos indifferentismos.

Abeirámo-nos do tocador cynico. Para honra nossa, podemos affirmar que não era portuguez. Era... hespanhol!

Foi talvez esse o unico, em Portugal, que não pranteou a morte de Bugallal.

=Basta de coisas tristes. Deixemos que o cemiterio, abutre insaciavel, vá engulindo, pouco a pouco, existencias preciosissimas, e convençamo-nos de que a vida é «ai que mal soa», chimera gentil que se esvaece n'um instante.

E' melhor fallar-te d'assumptos alegres, das esgrimistas viennenses, por exemplo.

Queres? Pois fallar-te-hei d'ellas.

Disse para ahi uma folha *blagueuse* que eu me tinha batido ou ia bater-me com as intrepidas heroinas do florete. E' mentira, juro-t'o. Vi-as apenas, mas nem as formosas austriacas me *tocaram*, nem eu me deixei ou deixarei *tocar* ao de leve pelos seus estyletes de rija tempera.

Diabolicas e terriveis, as taes donzellas viennenses! Se por cá houvesse muito d'aquillo, o numero dos celibatarios cresceria espantosamente, e as traiçõesinhas conjugaes, de marido para mulher, haviam de ser castigadas com aspereza no proprio lar domestico, sem o auxilo da policia e do codigo.

Que olho, que pulsos, que musculos e que fintas!

São oito as esgrimistas de Vienna; oito ellas, capitaneadas por um elle musculoso e rude, que as educou, a todas, no exercicio das armas brancas. O patife não se deu ao trabalho d'ensinar barbados; provavelmente bateu-se com algum que o sovou, e quiz vingar-se do adversario, preparando-lhe esposa futura que o zurzisse de portas a dentro. E' commodo o desforço, e sobre tudo original.

*

Não levarei a minha admiração pelas nossas hospedas até ao ponto de te jurar que ellas sejam supinamente formosas, como lhes chamou o *Figaro*, e que descendam d'illustres familias, como affirma o seu professor de estocadas a fundo. Nem para se esgrimir com denodo e arte é preciso ser bonito. Feio e forte são, a nosso ver, os requisitos necessarios. A maior parte d'ellas satisfazem aos dois. Só tres é que alliam á força muscular a gentileza do palmo da cara; tres só. As restantes, além de feias são mal feitas e desgraciosas. Como mulheres, não seduzem; como esgrimistas causaram-nos verdadeiro assombro, executando um numero infinito de jogos d'armas interessantissimos e variados.

A sessão em que as vimos começou pelos cumprimentos do estylo, seguindo-se-lhes um *mur* admiravel de correcção e *d'ensemble*; varios assaltos e entre elles o napolitano, a florete e adaga, feito com muita destreza; a lição dada simultaneamente a duas discipulas, pelo professor Hartl, atacando este, parando e respondendo com ambas as mãos ao mesmo tempo, e por ultimo a disputa da *poule* e as saudações finaes.

As notaveis esgrimistas—porque o são devéras—cobrem-se com arte, dão estocadas soberbas e caem elegantemente a fundo.

Quatro d'ellas apresentam-se vestidas de *maillot créme* e as outras quatro de *maillot grenat*, com saias das mesmas côres descendo até ao joelho. O corpete de lã, da côr da saia, completa-se por um *plastron* de pelle amarella *capitonné*, apertado nas costas por meio de correias de coiro.

Trazem sapatos de polimento, de tacão alto, caraças de cobre, e usam floretes muito leves, guarnecidos d'uma *coquille*, como as espadas de combate.

Tal se nos apresenta o batalhão do professor Hartl, nos seus trajes castissimos e pudibundos, desafiando a mais bella metade do genero humano a aprender esgrima, para dar cabo da outra metade.

Pegará entre nós a moda do florete, depois d'esta exhibição extraordinaria? Talvez não. Por cá prefere-se a navalha.

=Já agora não te fallo do Hermann, que esmoreceu com a solidão de S. Carlos e foi para o Porto escamotear o partido novo do sr. Corrêa de Barros; não te conto as desventuras do funambulesco Paulus e as pantomimices do seu emprezario Schurmann; não te faço o retrato do tenor Cappelletti; não te dou noticias do boi saltador, e dos *Huguenotes* do Colyseu, nem te digo como se fez a paz entre a rainha Victoria e o czar Alexandre, porque não tenho espaço.

Francamente, sentia-me hoje com disposição para cavaquear muito comtigo, e para te dar, d'envolta com todas estas noticias, a boa nova d'um casamento principesco que acaba de realisar-se, illuminado pelos sorrisos da primavera—o da gentilissima filha dos srs. condes de Azambuja com o conde Henrique Ziléri dal Verme.

Mas é forçoso ficar por aqui, aspirando de longe os aromas que se exalam da *corbeille* nupcial, e disendo á formosa noiva, como alguem lhe disse gentilmente no dia das nupcias:—*Adieu Marie Au revoir comtesse!*

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XIX

São devéras deliciosos os capitulos que o sr. Gomes de Amorim consagra á vida intima de Garrett, e ás suas ultimas composições litterarias. Seguimos com immenso interesse as narrativas em que o sr. Gomes de Amorim appella para a sua memoria, e nos conta o que passou muitas vezes com o seu sublime biographado.

O sr. Gomes de Amorim desfaz em duas palavras a lenda que corria ácerca da primeira edição das *Folhas caidas*. Contava-se que o marido da desconhecida divindade, a quem Garrett consagrara o seu ultimo amor e os seus ultimos versos, fizera desapparecer a edição, para que desapparecesse tambem aquelle documento da sua infelicidade conjugal. Era absurda a lenda, mas teve fóros de authentica, a ponto de Innocencio a dar como certa no seu *Diccionario Bibliographico*. Era absurda, porque evidentissimamente o author, logo que lhe dissessem que a 1.ª edição desapparecera, publicava segunda. A primeira edição desappareceu effectivamente em poucos dias, mas quem a devorou foi o publico.

Ha uma carta de Garrett ao sr. Gomes de Amorim que prova exuberantemente a inverosimilhança da lenda. Não a citamos, porque d'ella se deduzem tão claramente as relações cordiaes em que estava Garrett com o marido da sua amada, que bem se conhece a impossibilidade de ser n'essa occasião o marido tão sabedor do facto, que até quizesse sumir o documento sublime d'esses criminosos amores.

Disse no artigo anterior que, nas *Folhas caidas*, Garrett descrevera tão perfeitamente o sitio que foi o principal theatro da sua felicidade, que não era necessario cicerone para o reconhecermos. Não foi bem em Cascaes, como o poeta declara para salvar as apparencias, foi no Estoril, na parte da serra hoje comprehendida na propriedade do sr. José Vianna. Oiçam a descripção:

Acabava ali a terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta, arida serra

Digitized by Google

Por entre os negros penedos;
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, annuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo ali era braveza
Da selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal-medrados,
Secco o rio, secca a fonte,
Hervas e mattos queimados,
Ahi n'essa bruta serra
Ahi foi um ceu na terra.

Lá estão ainda «os juncos mal medrados,» que o vento do mar acama pelas tardes de invernia, chorando as elegias de amor e de saudade, que ouvio ao maior poeta portuguez do nosso seculo. Dormem já o somno eterno a musa e o poeta, desfez-se com o tempo o que havia de impuro e de criminoso n'aquelles amores, e só ficaram estes echos immortaes que se hão de repercutir infinitamente no coração de todas as gerações que amarem e padecerem na terra.

Conta o sr. Gomes de Amorim que Herculano, entrando uma vez na livraria Bertrand, viu em cima do balcão umas provas. Reparou que eram versos, olhou para elles com desdem, mas sempre foi lendo uns trechos. D'ahi a instantes bradava:

—Quem diabo fez isto? Não ha senão um homem em Portugal capaz de escrever versos d'esta ordem. Isto é do Garrett.

—D'elle mesmo, respondeu-lhe aquelle suave e placido Bertrand, que nós conhecemos ainda, verdadeira reliquia do seculo XVIII, livreiro erudito e classico, que teimou em conservar até á morte a sua velha loja escura, hoje substituida por uma livraria elegante, cheia de livros francezes, que raras vezes entravam nas estantes d'aquelle vernaculo estabelecimento.

Falla tambem da *Helena* com grande admiração o sr. Gomes de Amorim, e, como cita o *Diccionario Popular* que o author d'estas linhas tem a honra de dirigir, o que o sr. Gomes de Amorim ignorava, sempre faremos uma observação. Effectivamente Cassiano Espiridião de Mello e Mattos foi um magistrado brazileiro, e é impossivel que só o acaso levasse Garrett a dar o nome de Spiridião Cássiano de Mello e Mattos a um personagem burlesco do seu romance «Helena.» Evidentemente Garrett leu em qualquer noticia de jornal aquelle nome bastante comico, achou-o de boa preza e aproveitou-o na primeira occasião favoravel que lhe appareceu.

E comtudo, praticava inconscientemente uma crueldade! Com esta indifferença suprema de genio nem tratou de indagar se ia ferir profundamente com o punhal do ridiculo um coração honesto e uma alma integerrima..

O nome era um achado. Expropriou-o por utilidade litteraria.

Disse que provavelmente Garrett lera o nome no noticiario de algum jornal. Parece-me mais provavel que Garrett conservasse esse nome entre as recordações da sua mocidade. Cassiano Espiridião de Mello e Mattos fôra contemporaneo de Garrett em Coimbra; não seu collega, porque fazia parte de um curso mais adiantado, tanto que se formou em 1819, dois annos antes de Garrett, mas seu contemporaneo de certo. O nome estrambotico devia ter impressionado o espirito juvenil e folgazão de Garrett, que o guardou n'um escaninho da sua memoria, d'onde o tirou na occasião propria; é possivel tambem que Cassiano Espiridião, natural da Bahia, tivesse a pronuncia accentuadamente brazileira, e que Garrett escrevendo sonicamente Spiridião Cássiano di Mello i Mattoss tivesse no ouvido o echo burlesco d'esse nome pronunciado pelo proprietario em Coimbra, em alguma occasião em que fosse obrigado a formulal-o, e em que de certo seria acolhido por uma gargalhada homerica d'aquella implacavel rapaziada.

Pois querem saber quem era este Mello e Mattos, que Garrett expunha cruelmente á irrisão e á troça do seu immenso publico? Oiçam um relanço da sua biographia.

«Mello e Mattos foi um dos raros brazileiros que protestaram contra a proclamação da independencia do seu paiz, e, se os biographos brazileiros notam este ponto como uma nodoa na carreira brilhante do illustre magistrado, não temos nós a coragem de fazer o mesmo, e como portuguez applaudimos o homem illustre que teve a coragem de affrontar a impopularidade inevitavel para dar á mãe patria um testemunho de reconhecimento, não querendo partir tão cedo os laços que uniam os dois paizes irmãos.»

Não lhe pagava bem o primeiro escriptor portuguez d'este seculo ridiculisando-o e amarrando-o ao pelourinho immortal que o seu genio levantava. E' claro que o grande poeta, se soubesse o que fazia, se daria pressa a sacrificar todos os effeitos comicos que d'esse nome esperava, ao cumprimento do que era um verdadeiro dever.

Felizmente a *Helena* ficou entre os manuscriptos do poeta, quando este morreu em 1854, e só ha pouco tempo os fragmentos d'esse romance viram a luz publica entre as obras posthumas de Garrett. Se assim não fosse, o pobre desembargador brazileiro receberia em pleno peito a punhalada. Effectivamente, Mello e Mattos sobreviveu quasi tres annos a Garrett, porque morreu a 5 de julho de 1857.

Se a *Helena* se publicasse antes da morte do poeta, como os brazileiros se ririam com vontade do seu compatriota que tudo sacrificára a Portugal, e que de Portugal recebia em pagamento o escarneo e a zombaria. Como elle se maguaria profundamente, elle, que era de certo um admirador do grande poeta, elle que de certo se ufanava de ter sido em Coimbra contemporaneo do auctor de *D. Branca*, elle que provavelmente corria a ler com enthusiasmo os livros de Garrett, logo que elles chegavam ao Brazil, quando, ao abrir a *Helena*, se lhe deparasse o seu nome exposto ás vaias do ridiculo! Assim, a unica recordação que o pobre estudante brazileiro deixára no espirito do seu glorioso contemporaneo fôra a do seu nome burlesco. Os sacrificios que elle fizera por Portugal eram em Portugal desconhecidos, e o seu nome na mãe patria não tinha echos de applauso, tinha echos de gargalhada! E' realmente doloroso.

Eu, na minha esphera humilde, accuso-me de ter perpetrado um crime semelhante. Felizmente foi n'um romancito de principiante que saiu na *Gazeta de Portugal*, e que não teve outros leitores senão o revisor da folha. Ouvira pronunciar uma vez o nome de Adjuto José da Conceição, e achei-o tão bom, que fui condecorar com elle o protogonista burlesco do meu *Quarto melodrama*. E era talvez um honrado pae de familia, que tinha plenissimo direito de não ser ridiculisado por um creançola que fazia na litteratura as suas primeiras armas.

Assim somos todos porém, grandes e pequenos, todos os que lidamos com as letras. E' verdade que, se assim entregamos ao publico victimas innocentes, damos-lhe tambem palpitantes os segredos e as dores do nosso proprio coração.

.....

Consta-me que o erudito jornalista do *Conimbricense* contrariou algumas affirmações historicas feitas por mim n'um dos artigos anteriores d'esta serie. Não tive occasião ainda de ver o numero do jornal que me fez a honra de se referir a mim, nem agora mesmo lhe responderia. Quando terminar este estudo consagrarei um ou mais artigos a replicar a essa e a outras refutações que por ventura appareçam.

PINHEIRO CHAGAS.

ESTRELLA CADENTE

Eu vi uma só vez o meu amor...
Tão perfeita era a sua gentileza,
Que não sei se a fecunda natureza
Terá creado assim egual primôr.

Bem senti nos seus olhos o ardor
De quem ergue no peito a realeza
D'esse affecto adoravel de belleza,
Delicioso, bom, fascinador.

Pobre estrella cadente fugitiva!
De relance passaste intensa, viva
atravéz o meu peito—um céu de luz.

Mas quando te sumiste—ó astro morto,—
meu coração chorou, como no horto
chorára outr'ora o pallido Jesus.

1884. J. J. FORBES COSTA.

AS NOSSAS GRAVURAS

QUINTA DOS DUQUES DE PALMELLA, NO LUMIAR

O Lumiar é um logar de cento e trinta e tantos fogos e 500 habitantes; assenta n'uma planicie e dista 6 kilometros de Lisboa.

Tem muitas quintas apraziveis, pomares, alamedas e jardins. A bondade do ar e das aguas fazem que muitas familias da capital o procurem de preferencia durante o estio. Entre as magnificas propriedades d'aquelle sitio, conta-se a que hoje damos á estampa, pertencente aos srs. duques de Palmella. Foi ali que sob a invocação de S. João Baptista fundou o bispo de Lisboa, D. Matheus, a egreja parochial, cujo padroado pertenceu em tempo ás freiras de Odivellas por doação de D. Thereza Martins, que o usufruiu por morte do marido, D. Affonso Sanches, filho bastardo d'el-rei D. Diniz.

O paço e quinta de D. Affonso constituem presentemente, com outras quintas que lhe estão annexas, a deliciosa vivenda dos duques de Palmella. Quando a casa dos marquezes de Angeja possuiu aquella propriedade, levantou o marquez D. Pedro de Noronha, no seculo passado, o palacio que hoje se encontra no

Digitized by Google

UM BEIJO, SE QUER PASSAR!

Digitized by Google

Digitized by Google

QUE VENTANIA!

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

ARRUFADOS

Digitized by Google

proprio terreno em que se erguia o antigo paço, embellezando a quinta com obras de arte, plantações de arvores e arbustos raros e exquisitos.

Quando ha 30 annos se extinguiu a casa de Angeja, venderam os herdeiros aquella propriedade ao 2.º duque de Palmella, que mandou fazer grandes obras, principalmente na quinta, que augmentou com differentes fazendas e palacio que lhe ficavam contiguos, pertencentes aos marquezes de Olhão e por estes vendidos ao conde da Povoa.

Desde então aquella propriedade transformou-se n'um verdadeiro oasis: vê-se ali de tudo, a mais rica escolha de plantas, tanques, estatuas e vasos de finissimos marmores, cascatas, lagos, repuxos, viveiros de aves, bosques, tapetes de verdura, ruas de camelias, jardins e por toda a parte sombra deliciosa, aroma embriagante, frescura e suavidade.

O palacio é grande e de architectura regular; interiormente está adornado com opulencia.

No meio do terraço levanta-se uma bonita casa de quatro frentes e que tem por corôa uma torre com relogio. Possue esta quinta a primeira *araucania* excelsa que veiu para Portugal, por avultado preço.

UM BEIJO, SE QUER PASSAR!

Não pode dizer-se que peça muito. Lá o escreveu João de Deus:

Um beijo na face...

E ella, a gentil camponeza, está meia resolvida a comprar, por um simples beijo sem malicia, o direito d'atravessar a estreita ponte.

Aquelle sorriso meigo é um symptoma evidente de que não repudia a condição imposta, e de que vae prestar a face rosada ao osculo exigido.

Depois, a mãe segreda-lhe que não é por mal, e a irmã parece dizer-lhe:

Que custa um beijo?
Não tenhas pejo,
vá!

ARRUFADOS

Acabaram de jantar os dois.

Ella está em plena lua de mel. Elle em quarto minguante.

A formosa mulhersinha pedira-lhe que não sahisse, que passasse a noite ao pé de si, em doce *tête á tête*, junto do fogão onde crepitava um fogo acariciador e meigo.

Promettera-lhe ternuras sem conto, um manancial de caricias affectuosas, de bichinhas-gatas adoraveis, e d'infantilidades piegas.

O monstro a nada se moveu. Tinha d'ir ao gremio, disse, e depois do gremio ao centro.

Como ella insistisse lacrimejante, o scelarado voltou-lhe as costas, e saboreia um *havano*, repotreado no amplo *fauteuil*.

Quando tiver acabado de fumar, deixal-a-ha sosinha em casa e irá... sabe Deus aonde!

E' por estas e outras que ha tantos primos felizes.

QUE VENTANIA!

A nortada impiedosa soltou-lhe as tranças, desmancha-lhe as pregas da *toilette* garrida, e, de quando em quando, levanta-lhe indiscretamente a saia clara, deixando ver o pésinho e... mais um pedacinho.

Ella finge arreliar-se com a indiscrição da ventania agreste, mas lá no intimo—vaidosa!—não desgosta de exhibir a gentileza do pé *mignon* e seus contornos.

Quando passa junto d'algum admirador entendido, até é capaz de pedir ao vento que sopre com mais força.

As mulheres!

UM HORROR!

Um horror de saias e touca, o perfeito ideal da feialdade.

O artista que creou aquelle monstro escaveirado e horrendo, ou tinha um fraco decidido pelas velhas, ou amara em tempos aquella centopeia macrobia e quiz prestar-lhe a ultima homenagem affectuosa, reproduzindo a sua vera effigie na tela, de camaradagem com o bichano.

Emfim, os gostos não se discutem: se todos morressem d'amores pelo côr de rosa, o que seria do amarello!

Mas verdade, verdade, é um horror!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos ex.mos collaboradores a fineza de fazerem acompanhar as suas charadas e logogriphos, não só das respectivas decifrações, mas tambem das diversas combinações de syllabas e lettras.

Sem isto, não as publicaremos.

*

O conto *Abandonada*, do nosso ultimo numero, trouxe, por engano, a assignatura de Alberto Osorio da Costa, quando o seu author é o sr. Alberto Osorio de Castro.

Pedimos a este cavalheiro que nos desculpe o erro, e ahi deixamos feita a rectificação.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

TRINDADE.—Porto.—Entre os nomes de homens do seu logogripho, ha alguns que desconhecemos. Esclareça-nos, por favor, e mande a decifração do outro passatempo novissimo.

NINA.—Opportunamente responderemos á primeira parte da sua carta.

Quanto á paizagem em brinde, tel-a-ha no proximo numero.

Pede com tanta gentileza!...

UM ASSIGNANTE.—Emquanto não augmentarmos o formato d'este semanario, não poderá haver espaço para publicar os nomes dos decifradores, cujo numero é sempre avultado.

Ajude-nos o favor publico, e talvez possamos acquiescer ao seu desejo, que é tambem o nosso.

Antes de se formular uma exigencia, deve attender-se ao preço diminutissimo da *Illustração*.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Eh! mulher! Oh! mulher! Venha cá, mulher!—2—2.

J. A. DE CASTRO.

Faz milagres esta mulher n'esta ilha—2—3.

E' flor e reptil esta terra—1—2.

E' movel e allumia esta cidade—2—2.

Este envolucro é verbo e villa—2—1.

E' espherica e nada boa esta ilha—2—1.

E' homem, rio e ilha—3—1.

SANS-SOUCI.

LOGOGRIPHOS

Quando ouvi o som d'um sino,—4—2—6—3—7—8—9
E a terra fui lavrar,—5—3—9—6
Encontrei um certo buzio—1—7—4—2
Que muito bem vi brilhar.—4—5—3—6—7—3

Se o meu caro leitor
O todo quizer saber,
Ha de entre as aves aquaticas
Uma d'ellas escolher.

CUSTODIO SILVA.

Conheci esta mulher—1—2—7—1
Por tel um lindo appellido—5—9—3—3—1
E' por tomar aqui banho - 3—8—7—1
Juntamente com o marido.—1—7—3—6—2—4—9

O conceito? P'r'o achares
Pouco trabalho terás:
Vae á chimica, procura,
E um metal encontrarás.

Braga. S. J. FERNANDES.

EM ACROSTICO

Profundo, enorme,—1—8—3
No altar 'stou.—5—3—2
Usam-me os vates,—3—7—1—8
Peccado sou.—4—3—2
Canção alegre,—8—3—4—2
Na Italia s'tou.—6—2—3—1—8
Altero os animos—7—3—8
E golpes dou.—2—3—1—5

'stás, senhora, collocada
Em posição elevada.

Rio de Janeiro. SOUSA LAURINDA.

Digitized by Google

PERGUNTA ENIGMATICA

Qual é a palavra que é instrumento, peixe e flor?

Machico. JOÃO VICTORINO DE FREITAS.

ADIVINHAS POPULARES

Nós nascemos femea e macho
Com cautella e estimação,
Porém eu nasci primeiro
Que nascesse meu irmão;

Curado dos meus achaques,
Adquiro fama enorme,
Mas tenho um inimigo
Que me persegue e consome

Meu irmão quando mais novo
Mais seus amigos conforta,
Nossa mãe sem este filho
Esmorece e fica morta.

Tenho uma vida de escrava,
Com captiveiro tão mau,
Que, sem eu fazer delicto,
Me mandam correr a pau.

Pelos tratos que me dão
Nunca velha chego a ser;
Meu senhor se alegra muito
De ver meu sangue correr.

Acabo martyrisada,
Mas, em boa opinião,
Meu saugue é util ás vezes,
Tem muita veneração.

PROBLEMA

Um numero de 6 algarismos, dos quaes o primeiro é 1, torna-se 3 vezes maior, quando se desloca aquelle algarismo da esquerda para a direita. Qual é o numero?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS.—Pomar—Golpelha——Marcavalla—Catarata—Metaphisica—Canario—Ardor—Isis—Decemviro—Patacão—*(Meimoa—Mofreita—Ataens)*.

DO LOGOGRIPHO:—Manucodiata.

DO ENIGMA:—Caracará.

DO PROBLEMA:—Os numeros são 1 e $\frac{1}{2}$.

A RIR

N'um *restaurant*:

O freguez:—Rapaz! Leva-me d'aqui estes ovos, que estão podres!

O creado, (*sorrindo*):—Foi por engano, senhor. Estavam reservados para as *omelettes*..

*

No gremio:

—Venho encantado do Rio de Janeiro!

—Sim? Porque?

—Porque é uma terra de muitas cores. Lá, os creados são *negros*, os vomitos são *negros*, e a febre é *amarella*!

*

Um philantropo encontra todos os dias um pobre, que lhe diz sempre, quando lhe pede esmola:

—Pelo amor de Deus, meu senhor! Ainda hoje não comi nada!

Enfastiado pela mesma cantilena, responde um dia ao mendigo:

—Todos os dias me declara que ainda não comeu. Isso é uma impostura!

—Não, senhor! E' que eu não vou comer em dia algum, antes de acabar o peditorio.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Aconselhamos aos fumadores de cachimbo, que só façam uso dos que tiverem tubos bastante compridos. A acção prejudicial da nicotina é em parte conjurada quando o fumo chega frio á bocca.

Os cachimbos de tubo curto fazem com que o fumo se receba quente, acre, carregado de principios nocivos á saude, que irritam os labios e as gengivas, enegrecem os dentes, e produzem ás vezes uma enfermidade cruel e dolorosa, conhecida pelo nome de *cancro dos fumadores*.

O ANTIGO CIRCO PRICE

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Em vão procurariam hoje o local aonde elle existiu por bastantes annos, delicia immorredoura e inolvidavel do nosso povo, que ali acorria a passar as mais festejadas noites do anno.

O Circo Price ficava situado do lado esquerdo da calçada do Salitre, defronte do velho theatro das Variedades.

Era mais amplo que o actual Colyseo dos Recreios, e a sua enorme cupula assentava sobre grossas vigas de madeira, que resistiram a todo o tempo e maus tratos que lhes deram.

Foi seu emprezario, durante longos annos, o já fallecido Thomaz Price, inglez genuino, de suissa ruiva, face oleosa estalando sangue, bocca larga de labios delgados, careca brilhante e perfeita no genero, hombros largos, e ventre enorme, crescido mercê da ingestão de centenares de barris de cerveja.

N'aquella época o publico adorava as *ecuyères*.

O espectaculo compunha-se quasi todo de trabalhos sobre cavallos, saltos de bandeiras, arcos e fitas, e intermedios comicos pelos tres clowns Whyttoine, Secchi e Alfano.

Esta trindade de calças largas sarapintadas, e chinellas vermelhas, conquistou a toda essa geração moderna que por ahi assesta o monoculo petulante nas mulheres, e discute Sardou e Richepin, as suas mais francas e sinceras gargalhadas.

Póde-se dizer que os melhores sorrisos da mocidade de hoje foram para elles. O valor da companhia aquilatava-se pelo numero de cavallos que a mesma trazia.

Era parte obrigada do espectador visitar as cavallariças no intervallo do espectaculo.

Price conhecia a fundo o gosto do publico, e embora trouxesse maus artistas, jamais seria capaz de trazer maus cavallos.

Faça-se-lhe porèm a justiça de dizer, que foi elle quem nos apresentou Blondin, o rei dos funambulos, o homem elastico, o Leotard, e a Monfroid, artistas de indiscutivel merito, que ainda não foram excedidos.

Aquella casa de espectaculo não tinha publico certo. Lisboa em peso reunia-se ali, sem distincção de classe, avida de applaudir os artistas e admirar os cavallos!

No Circo existia porém uma individualidade unica, especial, *sui generis*, que todos conheciam, applaudiam, estimavam e respeitavam—o velho Whyttoine, esse clown que chegou até nossos dias como um symbolo de bondade, trabalho e honradez, e como uma mimosa recordação da nossa descuidada infancia.

Whyttoine era a nota alegre do Circo Price. Perante a sua veia comica abatiam-se humilhadas as mais austeras gravidades e sorumbaticos caracteres.

A scena da *pipa* e o *morto e o vivo* não tornaram a ter outro interprete que melhor as desempenhasse.

O Circo Price fazia uma enorme differença do actual Colyseo.

Os que hoje criticam a ruidosa expansão da geral do Colyseo, de certo ignoram ou esqueceram o que era a geral do Circo.

O assobio silvava estridente, berrava-se, cantava-se, comiam-se laranjas, e as garrafas de gazoza corriam de mão em mão.

Alguns espectadores, vergando ao peso do torreano, adormeciam beatificamente, estendidos na trincheira como se estivessem na sua casa.

Durante quatro horas gemia no palco uma charanga impossivel, desafinada e somnolenta, capaz de acordar os mortos.

A animação era sempre extraordinaria, e quando se sahia era considerado feliz o que não trazia o fato rasgado e umas dores de cabeça, e escapava de ser atropellado na rua do Salitre.

Tudo aquillo era immundo, brutal, deselegante, sem gosto nem arte, mas o publico não lhe encontrava um só defeito. O Circo era a consolação suprema de todos os seus desgostos.

Assim como a Trindade teve em tempo *habitués* pontualissimos, sinceros e convictos admiradores da pantalona de escocia, e da gambia de osso, o antigo Circo Price possuiu um publico seu de todas as noites, que não faltava uma só, durante os seis mezes que a companhia trabalhava.

Não era publico borlista, *claqueur*, mas sim publico pagante, que todas as noites gastava dois tostões para applaudir o Whyttoine e as gentis amazonas, que tentavam o honesto burguez com a brancura dos seus hombros nús, e a musculatura firme e rija d'umas pernas e braços athleticos e sensuaes, especie de castas e voluptuosas Dianas fugindo aos olhares babosos d'aquelles Narcisos sexagenarios.

Digitized by Google

Price e a sua companhia constituiam uma familia enorme, que Lisboa acatava respeitosamente. A companhia tinha fama de honesta, e quasi todos os artistas de ambos os sexos eram casados.

Muitos d'elles vieram celebrar a Lisboa os seus esponsaes.

A's vezes rosnava-se muito em segredo, umas aventuras douradas, e citavam-se os nomes terriveis dos marquezes de Niza e Castello Melhor, acompanhados de um côro de libras ou circumdados pelos reflexos d'uma cruz de finissimos brilhantes.

Isto dizia-se, mas não se duvidava nem se acreditava. Era o eterno «diz-se».

Os artistas eram todos muito amigos e unidos. Durante o anno havia no Circo duas noites de verdadeiro regosijo, duas noites memoraveis, que deixavam sempre funda impressão no espirito do publico: as noites de Natal e de terça-feira gorda.

Na primeira assistiam quasi sempre ao espectaculo para mais de duzentos marujos inglezes, da esquadra do Canal, que por aquella época do anno vinha sempre estacionar alguns dias no nosso porto.

UM HORROR!

N'essa noite memoravel na historia da religião catholica e nas funcções do Circo, a geral tomava as proporções medonhas d'uma tempestade nas Antilhas ou no golpho de Byscaia.

A marujada, quando entrava no Circo, vinha já no mais lastimavel estado de embriaguez. Os totalmente bebados amparavam-se aos que apenas tinham algumas demãos de verniz, e estes, por seu turno, encostavam-se aos pacificos espectadores que os temiam. A maioria era arrastada por uma cohorte infame de mulheres de má vida, de tufadas saias de chita, botas afiambradas de polimento e canhão alto, *cache-nez* na cabeça e alguns respeitaveis decilitros no estomago.

Aquella sucia indisciplinada e brutal, cheia de vinho e lubricidade, sempre beberricando e cantando em alta voz o *god save the queen*, fallava em berreiro prodigioso d'um para o outro extremo do circo, atroando os ares com as suas vozes roucas e possantes.

A garotada acompanhava a assobio e pateada o infernal chinfrim dos inglezes.

Principiava o espectaculo, e um quarto de hora depois, d'uma trincheira da geral elevava-se um borburinho enorme, os espectadores punham-se de pé, os musicos afastavam a vista da solfa, dando dós por fás e vice-versa, alguns soldados da municipal subiam rapidos as trincheiras, e ao nivel de todo aquelle cahos de mulheres que gritavam, homens que protestavam e creanças que choravam, viam-se dois punhos fortes e vermelhos distribuindo soccos monumentaes, capazes de levarem ao zero o ponteiro do mais valente dynamometro.

A policia acudia e os inglezes tambem.

Um espectador era levado para o botequim, com o nariz esmurrado e a cara tinta de sangue. Dois municipaes tinham as fardetas rasgadas, a corrente do apito perdida, o cinturão rebentado e algumas nodoas negras no rosto.

Dez homens conseguiam, no fim de meia hora de trabalho e esforços sobrehumanos, levar para fóra do Circo o herculeo marujo, que praguejava como um diabo, e dava urros como um touro, ao passo que o sangue parecia querer rebentar-lhe por todos os poros.

O publico anemico e franzino, contemplava com certo respeito e admiração a força d'aquelle homem, que com um murro teria derrubado um boi.

Uma nota:

Na ultima trincheira, insensivel a toda esta scena que tinha produzido um ruido atroador, um cabo artilheiro dormia lubricamente o somno dos borrachos, com a cabeça deitada nos joelhos d'uma mulher pallida e desgrenhada.

O espectaculo seguia a sua marcha, não sem que mais algumas scenas de pugilato o interrompessem de vez em quando.

Pelo carnaval havia mais socego e mais alegria.

Nas trincheiras viam-se muitas mascaras capazes de despertar o riso a um cardeal.

Alguns moços de padeiro, e carvoeiros vestidos de mulher, com a caraça levantada, fumavam o seu cigarro, e agitavam o ar com um reles abano de cosinha. Os *clowns* faziam scenas incriveis, apresentavam-se em fralda, excediam innocentemente os limites da decencia.

O publico sahia satisfeito, e o velho Price tomava o seu vigesimo *bock*.

Annos passaram, o enthusiasmo do publico esfriou, Whyttoine fez-se por seu turno emprezario, Secchi e Alfano desappareceram da scena, o Price morreu, edificou-se o theatro e circo dos Recreios, deu-se a primeira enchadada para a construcção da Avenida, e o Circo Price ou para melhor dizer os *Cavallinhos*, nome porque o povo conhecia aquella casa de espectaculo, desappareceu n'um abrir e fechar de olhos, e de fórma que hoje não conhecemos bem o local aonde elle existiu.

O Circo era uma velharia á qual se ligavam muitas noites de festa e ruidosa expansão do nosso povo. Como todas as cousas, teve a sua época e os seus admiradores.

Hoje, a companhia do Price despertaria, com certeza, uma pateada medonha.

Do Circo resta apenas, como recordação sempre viva na memoria de todos o velho Whyttoine, que tem em Lisboa uma popularidade e uma roda de amigos, como nenhum outro *clown* tornará a ter.

Quando, uma vez por anno, na noite do seu beneficio, Whyttoine reapparece no Colyseo, vestido com o seu antigo traje, traje que o celebrisou e lhe deu alguns meios, o publico sente-se electrisado, e a ovação rebenta expontanea e delirante, batendo palmas a mão mais aristocratica e delicada, assim como a mais plebea e rude. E' que á memoria de todos surgem por um momento, em kaleidoscopica vertigem, os tempos em que o velho artista nos fazia rir muito, muito, até ás lagrimas, e esses tempos, que já lá vão ha um bom numero de annos, eram os da nossa descuidada mocidade, que não volta mais.

Nunca mais!

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 18 de maio de 1885 | Numero 47

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Ao abandono*, versos, por A. de C.—*As nossas gravuras*.—*Em familia*.—*Um conselho por semana*.—*Consuelo*, por Eça de Almeida.
GRAVURAS.—*Uma vista de Montemór-o-Velho*.—*A' volta da caça*.—*Apanhada em flagrante delicto*.—*A alvorada na floresta*.—*O pequeno Paganini*.

CHRONICA

Cinco minutos apenas de palestra, e d'esta vez não te enfadarei com uma unica allusão á politica. *Ça pue*.

Havia um dono d'um café, que recommendava sempre aos creados:—Não deem jornaes aos freguezes; se elles começam a ler politica, enojam-se, e não mandam vir nada.

O meu bom senso aconselha-me exactamente o mesmo que aquelle patusco prescrevia aos seus servos: se começasse a dizer-te o que se tem passado durante esta semana entre os bastidores da politica, desde o tablado em que o sr. Glad stne representa a pantomima anglo-russa, até áquelle em que os nossos progressistas desenterram a velha farça da *patuleia*, tu enojavas-te, de certo, e não tornarias a mandar vir a *Illustração*.

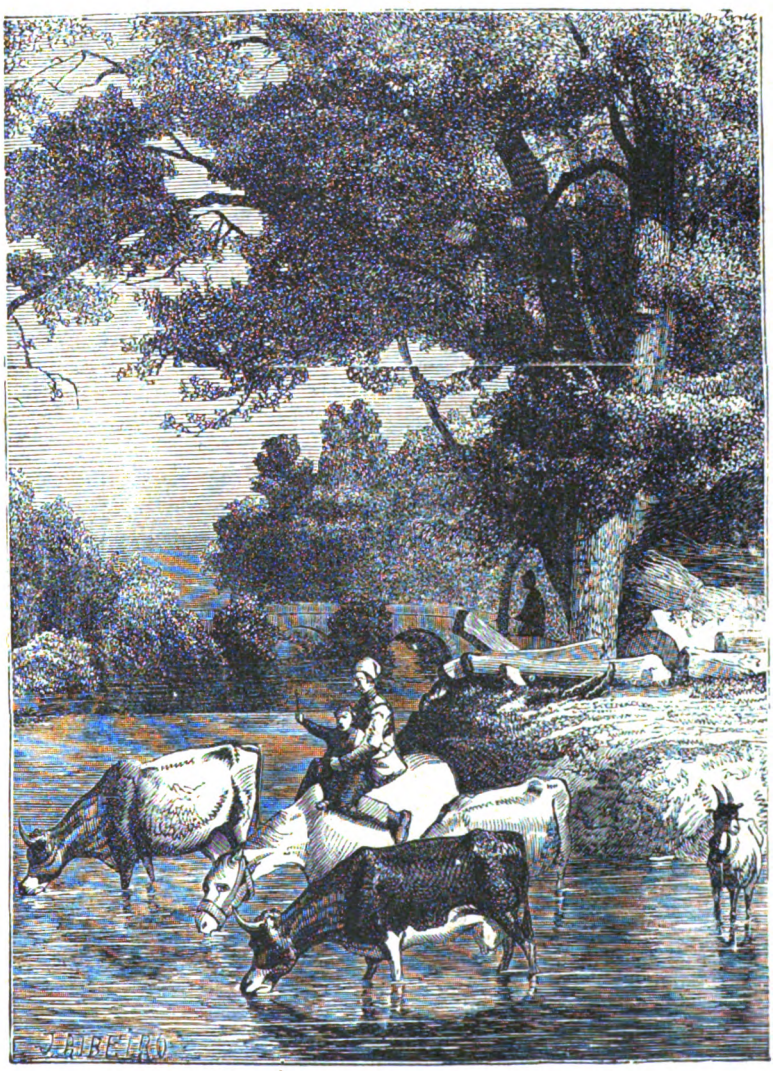
Ora eu quero que tu me leias sempre; desejo morrer sob o influxo magico do teu olhar; sentir a alma evolar-se para os paramos do azul, tendo a certeza de que tu a segues, na sua passagem rapida, com um pensamento, com uma saudade.

E' tão bom ser lido por uma mulher bonita...

=Estás d'ahi a querer perguntar-me, mordida pelo diabinho da curiosidade peculiar ao teu sexo, se eu doidejei estouvadamente nas campinas d'extra-muros, em quinta-feira da Ascensão, colhendo a espiga tradicional e as papoulas vermelhas que bordam a relva florida.

Não, minha querida amiga; não fui, na onda sussurrante do povoleu alegre, retouçar sobre as messes côr de oiro.

A chronica precisa de ar e de luz, mas não se contenta com a luz d'estas paragens, não se satisfaz com



UMA VISTA DE MONTEMÓR-O-VELHO

Digitized by Google

o ar pobremente oxigenado d'estes campos. Acostumada ao aroma saudavel das urzes, afeita ao brilhantismo puro do sol provinciano e ao cheiro acre das estevas oleosas, encontra um não sei quê de theatral e postiço n'estes trigaes de fóra de portas, n'estes pomares de Bemfica e de Caneças, n'estes horisontes de Queluz e do Campo Grande.

Dir-se-ia que a vegetação e a athmosphera dos nossos campos circumvisinhos são um reflexo da vida ficticia de Lisboa, vida envenenada por emanações lethaes e deleterias, existencia roida pelo microbio da chlorose.

Aqui, assim como as mulheres teem a pallidez funerea e ceracea da visão do sonho de Musset, assim os trigaes e os lyrios campestres se nos apresentam desbotados e anemicos, com ares de gommoso precocemente envelhecido nas orgias, a quem o vigor falta, e cujo sangue se dessorou.

E' por isso que eu não fui colher a espiga religiosamente guardada pelo povo ingenuo, no fundo das arcas, como garantia de abundancia. E' por isso que eu não fui entretecer, n'algum prado visinho, um ramilhete de madre-silva, baunilha e amores perfeitos, com que adornasse a lapella do *frack*.

N'estes dias, em que é d'uso colher flores campesinas, tripudiar sobre as cearas lourejantes, e correr pelas estradas fóra, subscriptando madrigaes á Natureza, sinto em mim a nostalgia das leiras de terra floridas, mas prefiro ficar em casa, para não soffrer uma triste desillusão.

As minhas campinas dilectas e as minhas flores adoradas estão longe, muito longe, onde a vista não chega a alcançal-as, onde a alma não pode embriagar-se com os seus perfumes.

Se não conseguir tornar a vel-as em vida, pedirei ao menos que m'as deixem comtemplar já moribundo, como a filha do velho Sertorius pedia ao pae que lhe tocasse o *Canto do Calvario* no derradeiro instante.

Sejam aquellas flores o unico adorno da minha cova humilde. Possa eu tel-as sobre os oito palmos de terra da campa, e, menos exigente que Beranger, não direi como elle disse:

«*Et quant aux fleurs qu'on promet à ma bière,*
Mieux vaut, je crois, les respirer vivant.»

=Inaugurou-se o novo mercado da Praça da Figueira. Das cinzas dos antigos *logares* onde os nossos avós iam fornecer-se de couve gallega e maçãs rainetas, d'aquellas pequeninas gaiolas mal cheirosas e coevas da fundação da Monarchia, que vasavam no estomago insaciavel da capital productos azotados e ferruginosos, brotou um mercado elegante, com seus ares de castello feudal, a que não faltam ameias, portas ferreas e torres de menagem douradas.

Le roi est mort, vive le roi!

Só uma coisa não renasceu das cinzas da Praça velha: — a tia Vicencia, aquella boa creatura que tinha o segredo de nos dar fructas sazonadas quando os outros as forneciam verdes; aquella sympathica, anafada e mezureira collareja, que fazia as delicias dos *gourmets* aristocraticos e plebeus, que teve a honra de cavaquear com o imperador do Brazil, e de abrilhantar, com as suas frutas formosissimas e deliciosas, as mesas lautas dos nossos reis.

A boa Vicencia já ali não está; não a vimos, faltou á chamada.

Assim devia succeder. O seu espirito, intransigente com tudo que cheirasse a modernismo, não podia acclimar-se n'um mercado luxuoso e novo em folha.

Morreu a tempo de não soffrer um grande desgosto, a velha Vicencia.

Deus lhe falle n'alma, e que o novo mercado possa fornecer-nos bellos morangos como os seus.

=O *Grão Mogol* foi o grande acontecimento theatral da semana. Em vez d'ir colher a espiga dos campos, preferi ouvir a apparatosa operetta franceza, e sahi satisfeito da Trindade.

Um deslumbramento de scenario e de guarda-roupa, o *Grão Mogol*. Durante tres horas, o espectador vê desfilar diante de si, ao som d'uma musica ligeira e brincalhona, principes orientaes trajando *toilettes* constelladas de pedrarias; sacerdotes de Brahma arrastando tunicas setinosas e reluzentes; princezas de cabellos côr de oiro e mantos bordados, desafiando olhares; guardas nobres marchando com garbo marcial; pagens elegantissimos; cantadeiras provocadoras desferindo as cordas do bandolim... um sonho das *Mil e uma noites*, convertido na mais bella das realidades pela vara magica do feiticeiro Francisco Palha.

Chega a gente a sentir pena de que o poema não corresponda, pela escassez d'espirito, aos deslumbramentos feericos da *mise-en-scène*. Mas d'isto não tem culpa o festejado author da *Fabia*, como não a tem de que a Fantony vá perdendo pouco a pouco a frescura da sua voz crystalina, de que o Leoni não houvesse nascido um cantor de *primo cartello*, e de que a Josepha...

Em todo o caso, leitora amiga vae ver o *Grão Mogol*, se queres ficar deslumbrada. Recommendo-te os fatos em setim *rose pâle* e branco das cantadeiras, o *maillot* da Josepha com o seu contheudo, as *toilettes* da Florinda, o brinde do final do 2.º acto, e a vista do jardim, d'aquelle jardim oriental onde ha um famoso *kiosque das rosas*, e onde o colar do principe se faz negro como azeviche. .

Vae ver.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XX

Já uma vez nos referimos á pena que tivemos ao ver que o sr. Gomes de Amorim não nos dava muitos pormenores ácerca das relações de Garrett com o theatro.

Parece-nos que dissemos tambem que, admirando todas as manifestações do talento de Garrett, o seu genio dramatico é o que mais nos enthusiasma. E comtudo—coisa singular!—as peças de Garrett não teem grande successo. E' porque são umas peças litterarias, que o grosso publico não comprehende e a que prefere os melodramas commoventes em que a grammatica e a ingenua são victimas igualmente, aquella do author e esta do tyranno barbaças? Não me parece.

Essa explicação é a que se dá nos theatros, e eu nunca me atrevi a responder aos actores que m'o diziam:—Não, meus amigos, as peças de Garrett não precisavam de ser mal escriptas, as peças de Garrett o que precisam é de ser muito bem representadas, e raras vezes o conseguem, porque são difficillimas de representar.

Era o proprio Garrett que dizia que é preciso tratar de agradar sobretudo á platéa geral, porque ahi é que estão os homens de coração simples que se deixam impressionar sinceramente pelos sentimentos verdadeiros que se manifestam em scena.

Se elle dizia isto e se elle o pensava, como é que podia, com o seu immenso talento e com a sua immensa perspicacia, escrever peças tão guindadas e tão litterarias que fosse completamente impossivel á platéa geral comprehendel-as e aprecial-as?

Impossivel! e effectivamente nada ha mais simples do que as peças de Garrett. Não se encontram nos seus dialogos as imagens levantadas, as flores e os arrebiques que ascapam á multidão; tudo ali é natural e corrente. Tudo se dirige ao coração e nada ao espirito. As suas comedias fazem rir e os seus dramas fazem chorar. O seu objectivo é a platéa geral; mas, como os metaes que emprega na elaboração do seu mechanismo dramatico são os metaes de lei, como diz no prologo do *Fr. Luiz de Sousa*, é necessario que os actores os saibam pôr em relevo e engastar convenientemente, para que não succeda vencel-os em brilho o *strass* vulgar e banal dos joalheiros de feira.

E vem a proposito contar uma historia que me foi narrada pelo proprio sr. Gomes de Amorim, e que sempre achei deliciosa e caracteristica.

Representava-se a *Herança do Chanceller* de Mendes Leal, uma finissima peça escripta em deliciosos versos. O sr. Gomes de Amorim assistia ao espectaculo ao lado do nosso velho e excellente Cascaes, que teve sempre o coração ao pé da bocca um coração excellente ao pé de uma boca eloquente e lealissima.

Caiu o panno no fim do primeiro acto, e houve alguma pateada. Um dos pateantes estava exactamente adiante do sr. Gomes de Amorim e do sr. Cascaes.

O auctor do *Alcaide de Faro*, bem longe de se regosijar, como fariam outros muitos, com esse meio desastre acontecido a um confrade, indignou-se, e, voltando-se para o pateante, apostrophou-o energicamente.

— Ora permitta-me que lhe diga uma coisa, trovejou o nosso honrado amigo, isso não se faz! Pois então andam por ahi sempre a queixar-se de que não ha theatro portuguez, de que não ha arte portugueza, e quando sobe á scena uma peça original primorosamente escripta, revelando trabalho, estudo e talento, a recompensa que o author encontra é uma pateada! Assim é que os senhores pretendem animar os que lidam no campo da arte? Assim é que imaginam que hão de vir a ter theatro nacional?...

E *patati* e *patata*, Cascaes desabafou uns bons dez minutos, com grande desespero do sr. Gomes de Amorim, que esperava a cada instante que o seu visinho mandasse passeiar o intromettido censor, resolução de que resultaria conflicto sério, porque o capitão Cascaes, hoje general divisionario ou de brigada, não era homem que deixasse de sustentar com um par de murros a iniciativa que tomára.

Mas o homem, longe de recalcitrar, ouviu em silencio a perlenda de Cascaes, e, apenas este concluiu, tirou o chapéu, e, sem dizer uma só palavra, sentou-se outra vez no seu logar.

Subiu o panno para o 2.º acto, e o nosso homem ouviu tudo com religiosa attenção.

Ao cair o panno nova pateada, e o visinho do sr. Cascaes e do sr. Gomes de Amorim, d'essa vez sem acompanhar os pateantes, levantou-se com um gesto brusco, e, voltando-se para o estupefacto Cascaes, fallou d'esta maneira:

—Pois senhor! o que me disse ainda agora quadrou-me. Effectivamente percebo que é necessario não desanimar esses rapazes que andam por ahi trabalhando para nos darem theatro na

Digitized by Google

cional. Tem razão, tem carradas de razão e dou as mãos á palmatoria. Mas senhor, eu venho ao theatro ou para chorar ou para rir. Esta peça é muito boa, mas nem me faz rir, nem me faz chorar. Logo, não devendo pateal-a, e não podendo atural-a, vou-me embora. Passe muito bem.

E, enterrando o chapeu pela cabeça abaixo, abalou.

Tinha muito bom senso este desconhecido, ingenuo e legitimo representante d'aquella platéa geral, cujo voto Garrett desejava obter. Ora, para o alcançar, bem sabia o grande poeta que tinha de a fazer rir ou de a fazer chorar, e não de a deliciar com primores de rhetorica.

Mas as peças de Garrett, onde o coração humano está com tão perfeita verdade analysado, onde se põem em jogo as paixões humanas levadas ao mais alto grau do pathetico, são de uma difficuldade extrema, porque todos os personagens são simples e delicados, gente moderada e singela, que não tem as explosões ferinas de Othello, nem os delirantes ardores de Julieta. Shakespeare é um grande observador da alma humana, mas Racine muitas vezes não lhe fica atraz, e comtudo Shakespeare ha de ser sempre mais popular que Racine. Porque? Porque Hermione e Phedra não deixam trasbordar as suas paixões n'essa torrente inflammada que brota dos labios tempestuosos de lady Macbeth, ou da voz amarga e louca do rei Lear. Assim dezenas de actores e de actrizes se teem feito applaudir doidamemte nas peças de Shakespeare, só a Rachel soube no nosso seculo representar o grande Racine.

Pois nós não vimos ainda o modo como Rossi representou o *Fr. Luiz de Sousa*, e não vimos o extraordinario triumpho que obteve? Ah! é porque só elle, pelo menos entre os actores contemporaneos, soube dar valor e sabor a cada phrase do immortal poeta, só elle soube arrancar os thesouros de sentimento e de paixão que em cada linha se encontram.

Representem as peças de Garrett como ellas devem ser representadas, e verão o triumpho que obtêem. Mas não é uma actriz qualquer que representa, por exemplo, o papel de Philippa de Vilhena! Que delicioso papel para quem o saiba comprehender! Com que arte suprema é feita a scena capital d'aquella adoravel peça! Outro qualquer teria feito de Philippa de Vilhena uma mãe espartana, ter-lhe-hia posto nos labios um discurso inflammado que arrancaria bravos enthusiasticos á platéa. Garrett porém recorreu mais uma vez aos metaes de lei. Philippa de Vilhena é mãe, é christã, e é portugueza. Treme pelos filhos, mas comprehende que mal andaria se lhes aconselhasse uma fraqueza, que a perfeição do seu amor consiste em lhes ensinar o caminho do dever, em zelar a sua honra de fidalgos ainda mais do que a sua vida, e por isso lhes cinge ella propria a espada, e os escuda contra a desgraça e contra a morte com a sua tremula benção! E este personagem assim, tão simples, tão delicado, tão verdadeiro é uma creação sublime, mas que raras actrizes poderão incarnar em si, porque é muito mais facil dar voz e alma a um personagem expansivo, cujo caracter se revela todo em impetos de paixão, do que a estas doces figuras, que escondem sob a apparente serenidade os mais vivos affectos e as mais tormentosas paixões.

Como ensaiaria Garrett as suas peças? Que conselho daria aos actores? Perderam-se para sempre essas recordações preciosas.

Faz-nos o sr. Gomes de Amorim uma revelação, que me deu um prazer de vaidade, que humildemente confesso.

«No theatro de D. Maria havia então um actor chamado Francisco Manuel Correia, que tinha fraca voz e peior figura. Sem gostar d'elle, o publico tolerava-o, por saber que era estudioso e correcto no que dizia.

«A's vezes, asseverava João Baptista nas nossas sessões nocturnas, dá-me vontade de ir lá dentro (ao palco) e dar dois pontapés n'aquelle pequenino, que me põe os nervos mais desafinados do que está o grande orgão de dona opinião publica, vulgo imprensa.

«—Olhe que é rapaz de intelligencia cultivada, estuda, tem bons livros, e é excellente moço.

«—Fico ainda com mais vontade de o zurzir. Devia saber que não tem dotes para actor. Furasse por outro lado.»

Conheci ainda o pobre Correia, e dou a minha palavra de honra que muitas vezes senti o mesmo appetite que Garrett confessava. Tambem me desafinava os nervos de um modo extraordinario. Se eu fosse contemporaneo de Garrett, alguma vez o grande poeta e este seu humilde admirador se achariam em conjuncção nas costas do malaventurado Correia, unidos pela igualitaria bengala, em resultado de uma sympathica crispação de nervos. Era effectivamente irritante aquelle Francisco Manuel Correia. Estreiava-me eu no folhetim, quando Correia estava a acabar a sua pouco brilhante carreira dramatica. Uma vez não pude resistir, e desanquei-o n'uma critica theatral. Disse-lhe que era tão consciencioso que fizera um papel de tolo com muito mais tolice de que a requerida pelo auctor, mas que lá n'esse ponto Correia dava sempre boa medida. Constou-me que elle ficára fulo, e que fallára em me desafiar. Disseram-me então o mesmo que tinham dito a Garrett, que era intelligente e estudioso.

—Pois que vá estudar para casa! respondi eu indignado.

Pouco depois Correia morreu, e eu fiquei desgostoso por lhe ter amargurado as ultimas horas de existencia. Eu tinha vinte annos. *Cet âge est sans pitié.* Mas a revelação do sr. Gomes de Amorim alliviou-me de um remorso. Ao que parece, não fiz senão executar a sentença lavrada já por Almeida Garrett. Estou desculpado.

PINHEIRO CHAGAS.

AO ABANDONO

Como caindo vão pelas quebradas,
Tombando das escarpas dos rochedos,
Os echos das cantigas namoradas,
E as flores dos silvedos;

Como cáem, ás vezes, pela sesta,
Na terra ardente as aves sequiosas,
E no outono, dos ramos da floresta,
As folhas rumorosas;

Como cáem dos plátanos despidos,
Quando approxima a frigida estação,
Pelos braços do vento sacudidos,
Os ninhos pelo chão;

Como cáem as noites silenciosas,
Depois que o sol nas vagas se extinguiu,
Como caem as pétalas das rosas...
O seu amor... caiu!

* * *

E como todo o aroma á flor desmaia,
Como desmaia um raio de luar,
E rola e desfallece pela praia
Em ondas todo o mar:

Como em noites d'inverno luctuosas,
Das nuvens sob o escuro e denso veu,
Se apagam as estrellas luminosas
Na abobada do ceu;

Tal como expira um cantico de festa,
Ou como pela tarde, ao por do sol,
Se ouve morrer na sombra da floresta
A voz d'um rouxinol;

Como acaba depressa aquelle enleio
D'um sonho, em que a nossa alma adormeceu;
Como fenece a esperança em nosso seio...
O meu amor...morreu!

A. DE C.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA VISTA DE MONTEMÓR-O-VELHO

A nossa estampa representa uma vista de Montemór-o-Velho, villa do Douro, a 24 kilometros a oeste de Coimbra, e 190 ao norte de Lisboa.

Esta importante povoação está situada nas abas de um monte, na margem direita do Mondego. De um e outro lado do monte se estendem os vastissimos, bellos e feracissimos campos do Mondego.

E' uma das mais antigas povoações da Peninsula Iberica. Data, pelo menos, segundo suppõe o sr. Pinho Leal, auctor do diccionario *Portugal antigo e moderno*, dos annos 500 ou 400 antes de Christo.

Nos primeiros seculos da monarchia chamava-se *Montemór Sobre o Mondego*.

Desde o seculo IX denominou-se *Montemór*, a que se accrescentou *o Velho*, desde que D. Sancho I reedificou a villa de Montemór-o-Novo, no Alemtejo.

O Mondego, saindo do seu leito, tem invadido muitas vezes os campos d'esta villa, cobrindo-os completamente.

A' VOLTA DA CAÇA

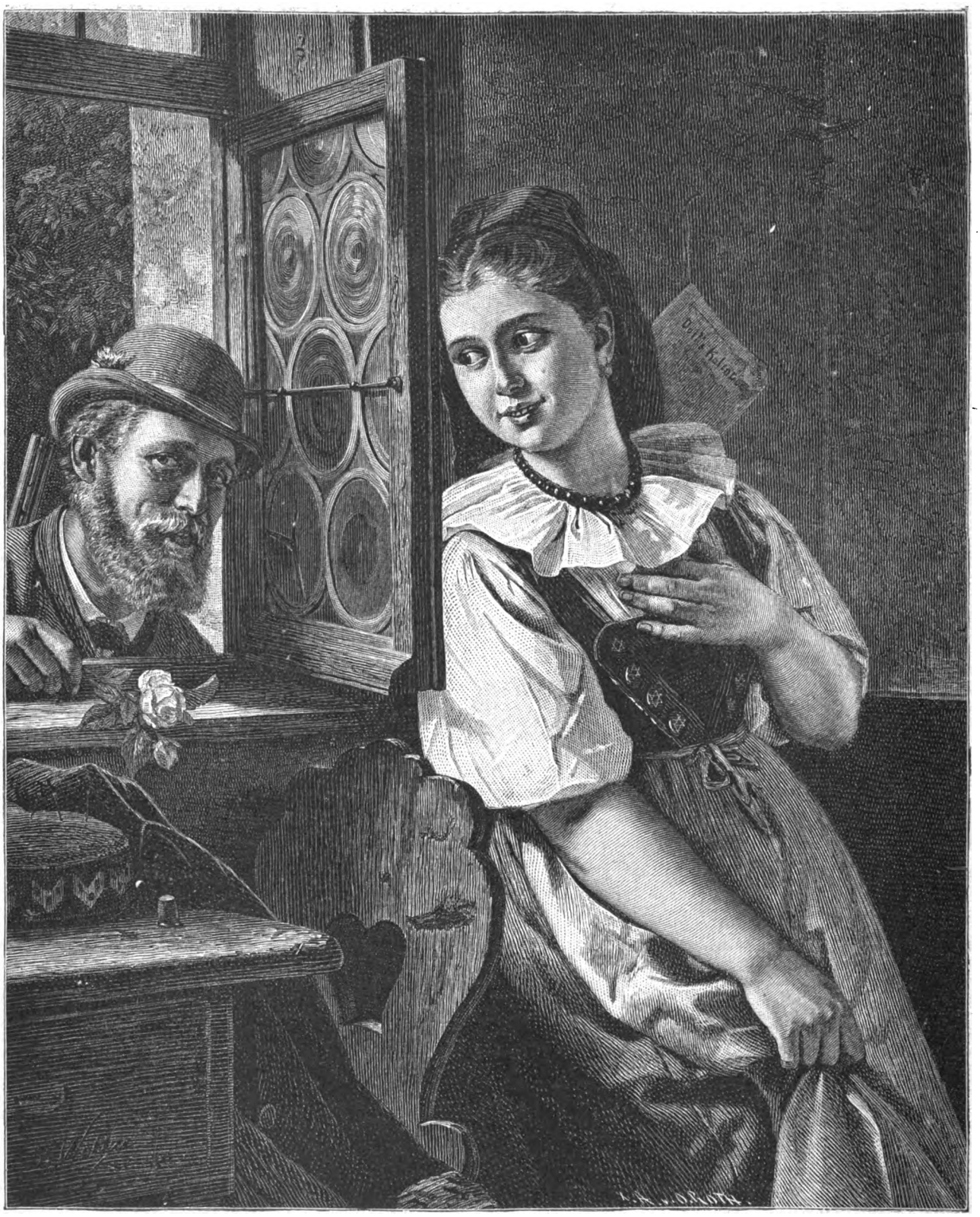
Aquella janella é tão baixa que convida. Uma verdadeira tentação, a maldita!

Depois, lá dentro ha uns olhos pretos, muito rasgados e muito fascinadores, que trazem estonteado o pobre caçador.

A caça é um pretexto para passar por ali, duas vezes ao dia, sem que as linguas damnadas murmurem. A rua faz caminho para o campo, e entre lusco fusco pode-se fallar d'amor á bella, muito aconchegadinho com a parede, como quem não quer a coisa...

D'esta vez, o galan enamorado traz uma rosa com que deseja brindar o objecto dos seus sonhos. Ella vira-o de longe, e faz-

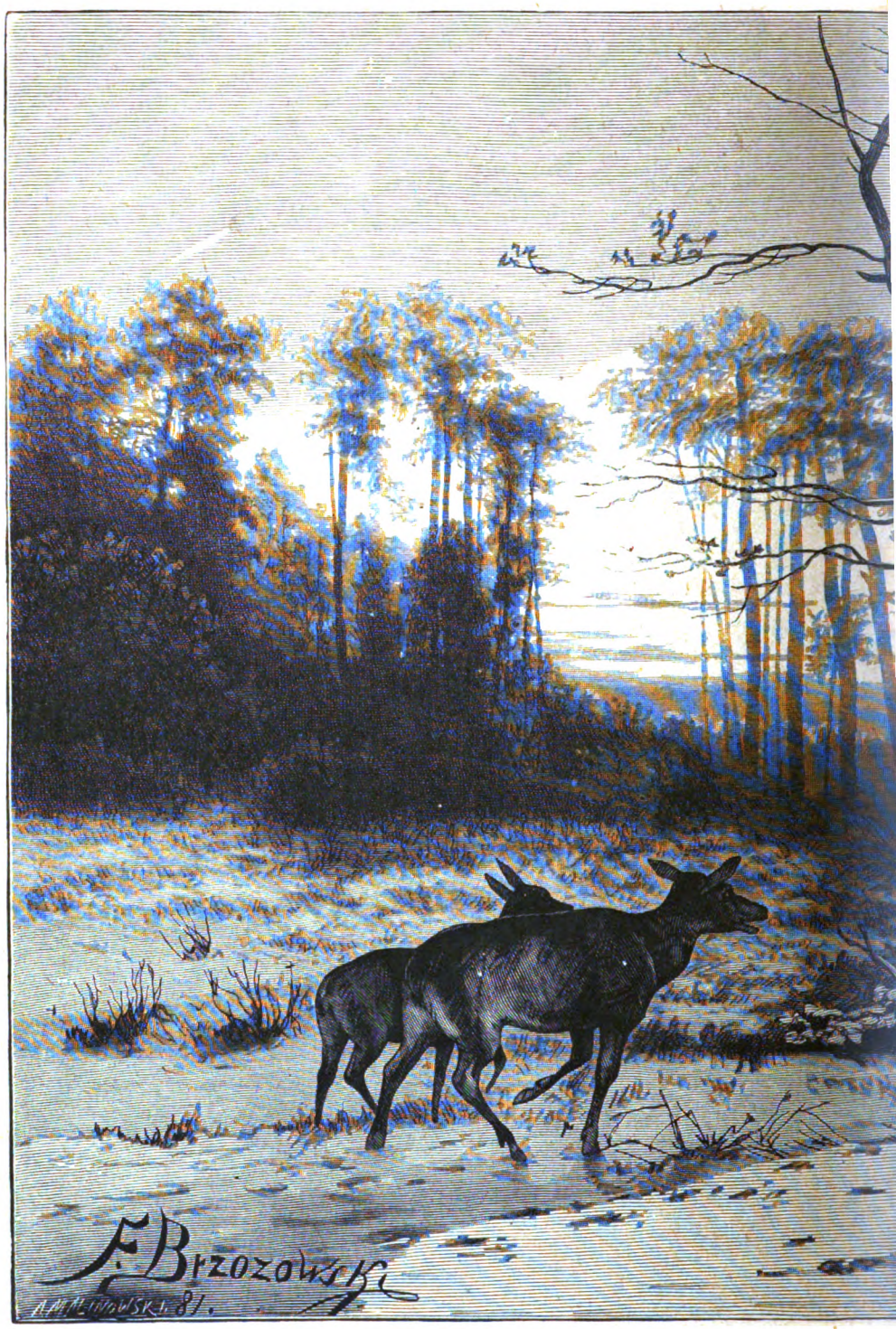
Digitized by Google



A' VOLTA DA CAÇA

Digitized by Google

Digitized by Google



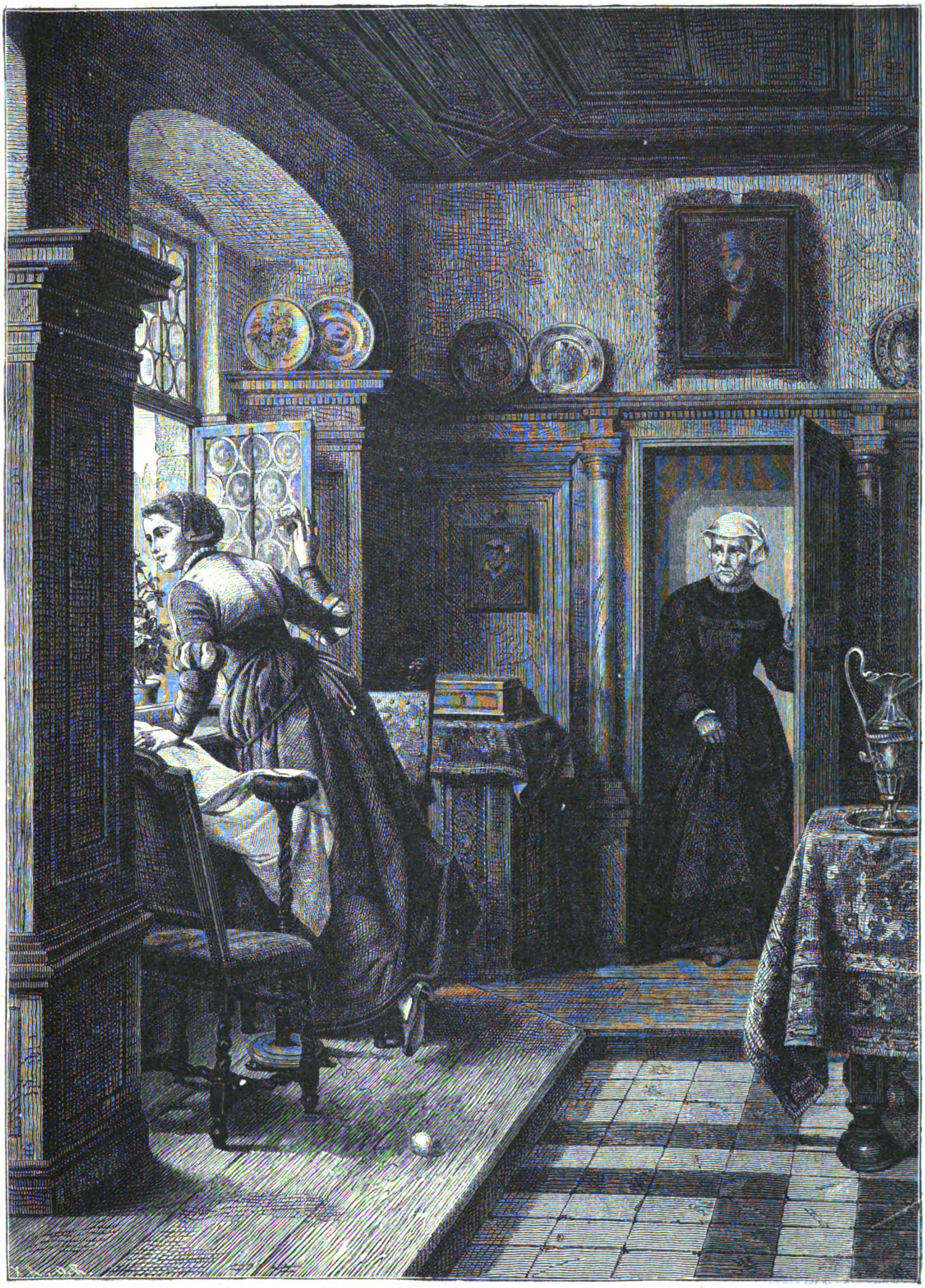
A ALVORA

Digitized by Google

DA NA FLORESTA

Digitized by Google

Digitized by Google



APANHADA EM FLAGRANTE DELICTO

Digitized by Google

lhe fosquinhas, escondendo-se detraz da janella. Duas perfeitas creanças, qual d'ellas mais mal ferida pelo Deus vendado.

APANHADA EM FLAGRANTE DELICTO

Esta, menos feliz do que a outra, preparava-se para arremessar uma flor ao escolhido do seu coração, e é surprehendida em flagrante delicto pela mãe, uma fidalga velha, d'ar severo e carrancudo, que não a deixa pôr pé em ramo verde.

Seguramente, vae ouvir um sermão de lagrimas, mas isso não a impede de commetter no dia seguinte o mesmo pecadilho, illudindo a vigilancia materna.

A ALVORADA NA FLORESTA

Uma paizagem lindissima, que se admira pela variedade e transparencia dos tons, mas que se não descreve em dois traços.

Quem poude já assistir ao romper d'alva n'uma floresta, e contemplar todas as bellezas d'esse formoso quadro, dispensa bem a descripção d'elle.

Os que o não viram, imaginem-o, ou procurem admiral-o *d'après nature*, roubando algumas horas ás delicias do leito.

Temos por cá muito d'aquillo, sem precisar de ir longe.

O PEQUENO PAGANINI

Um prodigio, este pequeno.

Aos oito annos arrancava da alma do seu stradivarius uns queixumes doloridos, como os que podem soltar as rolas viuvas. Aos doze era um verdadeiro portento, e já não tinha nada que aprender com o velho professor caturra.

Fazendo a synthese do que é, entre nós, a vida artistica, podiamos acrescentar, como epilogo:—e aos vinte annos morreu de fome.

Tal é, com effeito, o tristissimo fim dos grandes genios. Em vez de glorias, a fome negra e a miseria esqualida.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

Euro.—Porto.—Recebi, e analysarei com mais vagar.

Ernesto Maria Levy Maria Correa.—Oliveira d'Azemeis.—Ha todos os numeros. Pode v. ex.ª mandar abrir a assignatura.

G. Caetano.—Não percebemos a sua charada-telegramma em acrostico. Quer explical-a?

Tom Pouce.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Temos n'este passaro uma joia—1—2.

Não pára esta mulher n'esta provincia—2—3.

Porto. Magalhães.

Corta e mortifica este homem—2—1.

Acabou na India este concelho portuguez—2—2.

Na musica este vaso nada—1—2.

Está em caminho para a cova este animal aquatico—1—2.

Ponta do Sol. Maf.

EM VERSO

(Ao distincto escriptor, J. V. Mariares da Silva)

Cingindo a terra, immenso, magestoso,
de Deus a omnipotencia manifesto;
quer placido me mostre ou revoltoso,
grandiloquo poder em mim attesto:
e, se do meu valor menos cuidoso,
o homem, sem pensar, me affronta lesto,
quantas vezes a morte lastimavel
encontra no meu seio immensuravel.—1

Hercules, o valoroso, o destemido,
de mim, por sobrenome, se fez uso,
e á Phenicia tendo pertencido,
hoje apenas na historia ainda luso;
ou então, de marisco conhecido
tirando um outro ser, sou mais profuso;
ou se diga da côr que represento,
ou dignidade sacra que apresento.—3

Inimigos crueis e rancorosos,
a Elle, ao Redemptor da humanidade,
sedentos do seu sangue e furiosos,
terriveis, commetteram tal maldade;
mas foi tal o castigo aos revoltosos,
de tão dura e brutal frrocidade,
que por sec'los sem fim será maldita
a raça, por tal feito hoje precita.

Porto. L. Conceição Moraes.

CARTA ENIGMATICA

(*Por lettras*)

Amigo 5, 6, 4, 2, 3

Cheguei hontem da feira do 4, 2, 3, 1, 5, onde comprei, um tanto 4, 2, 3, 5, 6, uma porção de 6, 2, 4, 4, 5, 6, que espero vender na dos 3, 2, 1, 5, 6, com algum interesse. Ali soube que a tua 3, 2, 6, 4, 2, tinha vindo do 1, 2, 3, com pescaria.

Sabe agora o mais curioso: Assisti ao casamento da 2, 1, 2 do Antoninho, aonde, depois dos comes e bebes, houve 6, 5, 4, 5, 6 a valer, entre o noivo e um outro rapaz, por este ultimo lhe dizer que a noiva o 2, 1, 2, 3, 2 em tempos, armando-lhe depois a 1, 2, 3, 5, 6, 4, 2. A cousa tomou vulto entre os convidados, havendo, pelos 4, 2, 6, 4, 5, 6, d'aquelles, pancada de crear bicho. Eu safei-me, antes que fosse tudo 3, 2, 6, 5.

Será 3, 2, 3, 5 pilharem-me, 4, 5, 1, 5 agora em taes festas.

Teu amigo
1, 2, 3, 4, 5, 6

Mertola. F. M. C.

ENIGMAS

Dispôr as quatorze syllabas seguintes, de modo que dêem os nomes de quatro imperadores, formando as lettras iniciaes o nome do imperio, e notando-se nas finaes uma certa particularidade.

Lo—ly—no—ro—cri—dri—o—bri—ma—a—mu—o—no—a.

Sans-Souci.

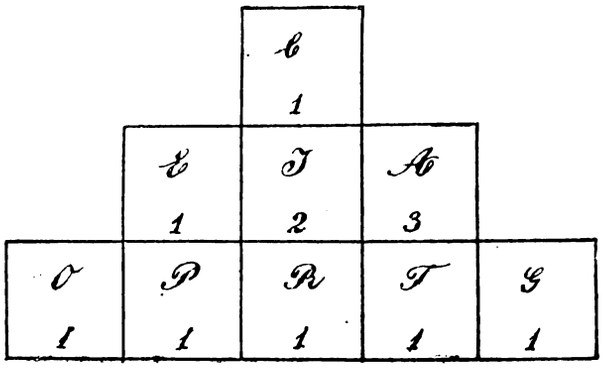
Serio não brinco;
Tem lettras cinco.
Tres são vogaes,
Todas eguaes,
E as restantes
São consoantes.

Quarta e segunda
— O' barafunda! —
São consoantes;
E nas restantes
Verás vogaes
Todas eguaes.

Eis tudo feito,
Falta o conceito.
E' uma planta
(Ahi ha tanta!)
Leguminosa
E saborosa.

Asturiano.

ENIGMA LITTERARIO



Escripto celebre de um poeta inglez, a favor da liberdade d'imprensa.

D. Ribas.

Digitized by Google

ADIVINHAS POPULARES

Sou refresco saboroso,
E na flor da terra habito,
Sou um verde bem bonito,
Quem me tem vive afflicto.

Eu sou velha e muito antiga,
Só com velhas me dou bem,
Que estas meninas da moda
Amizade me não têm.

Trago commigo um pequeno
Com propensão para a dança,
Muito agudo da cabeça
Apesar de ser creança.

Quem tem dó de me vêr nua
De novo me vae cobrir,
Eu, do fato que me dão,
Faço o pequeno vestir.

PROBLEMA

Achar o producto de 14 por 343497, fazendo só 3 multiplicações por 7 e sommas de parcellas convenientemente collocadas.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Rosalina - Santa Helena—Lisboa—Arcadia—Cascaes—Bolama—Fernando Pó.
DOS LOGOGRIPHOS:—Margarida—Antimonio—Maria Pia.
DA PERGUNTA ENIGMATICA:=Viola.
DAS ADIVINHAS POPULARES:—A cera e o mel—Azeitona.
DO PROBLEMA: - O numero é 142857.

Errata relativa á solução do problema publicado no n.º 45:
Os numeros são —1 e $\frac{1}{2}$.

A RIR

Um hespanhol e um portuguez discreteam ácerca da fidelidade dos animaes. A palestra recae sobre o caso conhecido de varios cães, que morrem de saudade junto da sepultura dos donos.

—Isso não me espanta! diz o hespanhol. Conheci um cão, em Sevilha, que se suicidou diante do jazigo do dono.

O portuguez, espantado, mas não dando o seu braço a torcer:

—E' admiravel o que me conta, mas eu sei d'um caso mais surprehendente. Ha um cão, meu conhecido, que todos os dias vae depositar *bouquets* de flores na cova da dona!

*

Pensamento d'um philosopho:

A amisade é um guarda-chuva, que se vira do avesso quando está mau tempo.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Para evitar o ruido das *rangedeiras* no calçado—ruido desagradavel ás pessoas nervosas—basta mergulhar as sollas em oleo de linhaça, por alguns instantes, e fazel-as depois seccar ao sol ou ao calor do lume.

As *rangedeiras* importunas desapparecerão completamente, e as sollas do calçado ficarão em estado de resistir á agua

Por meio d'um processo simples obteem-se duas vantagens ao mesmo tempo.

CONSUELO

HISTORIA VULGAR

(A Alberto Osorio de Castro)

Decididamente a preguiça é um peccado!

Como é bom levantar cedo, aos primeiros suspiros dos rouxinoes, quando a aragem da manhã encrespa a superficie polida dos lagos, e as papoulas abrem as suas corollas vermelhas e humidas, como labios sequiosos de mulher nova!...

Ha na luz serena da madrugada esse philtro delicioso que embebeda e que extasia,—o philtro que a noite, a velha alchimista, prepara, com a sua pericia costumada, no immenso laboratorio dos campos, tendo como retortas as flôres e como elementos os perfumes dos cactos e os beijos das borboletas...

Eu gosto do ar balsamico dos pinheiros, d'esse aroma suavissimo das urzes, quando o orvalho pende dos apices das folhas e a Natureza accorda estremunhada, espreguiçando-se voluptuosamente aos primeiros raios do sol.

Foi n'uma d'essas manhãs de estio em que a luz nos entra pelo quarto transformada n'uma chuva finissima de ouro, que eu a vi, pela primeira vez, passando, debaixo da minha janella, com o seu cestinho de flores e o seu chale de seda azul.

Quando, nos dias de chuva, eu a via atravessar a rua em pequeninos saltos, afim de evitar a lama, deixando ver por debaixo do vestido levemente arregaçado uma saia muito branca e um pésinho tentador, lembrava-me d'essas avesitas de verão, que procuram incessantemente um poiso, mas que nunca se demoram n'elle.

Era uma andaluza, uma encantadora filha da antiga Betica: nos seus movimentos voluptuosos de serpente havia um não sei quê de mystico que fascinava e que attrahia. Os olhos, de um negro aveludado, muito tristes, muito languidos, faziam-nos pensal-a uma Odalisca do Herat, fugida das regiões phantasticas do amor, n'uma d'essas noites em que a terra dorme envolta no seu manto de luar, e o silencio das trevas é apenas interrompido pelo murmurio das fontes, ou pelo monotono farfalhar das palmeiras...

Habitava n'uma das viellas da Baixa, entre as quatro paredes esburacadas de uma trapeira immunda, tendo apenas por alegria um raio de sol que de vez em quando a vinha visitar pelos vidros partidos de uma fresta, e por companhia uma filhinha de tres annos, que estremecia doidamente.

Quem era aquella rapariga? Poucos o sabiam. Consuelo vivia completamente só e passava os dias a trabalhar, ao lado da filha, umas vezes fazendo flôres e bordados que ia vender ás lojas, outras vezes aviando as encommendas que lhe levavam.

Coitada! Quantas vezes ella apparecia com os seus lindos olhos negros muito pisados, muito roxos, deixando adivinhar perfeitamente o sulco profundo das lagrimas e a agonia do soffrimento!

E deviam ser de fogo as lagrimas d'aquella mulher!

*

Um dia, interessado pelo destino d'essa pobre creatura, talvez até cheio de curiosidade pelo mysterio que a envolvia, perguntei que impulso do destino tinha atirado para alli aquella flôr vermelha, deixando-a esquecida, abandonada na solidão tenebrosa do mundo e á beira do abysmo profundissimo da sorte. Disseram-me que tinha sido amada doidamente por um rapaz que ella desprezara, atirando áquelle amor purissimo e celeste o escarneo do desprezo e a ignominia do insulto.

Debalde elle se rojou aos seus pés, promettendo-lhe todas as felicidades que o seu riquissimo coração, ainda virgem, lhe podia distribuir com uma prodigalidade oriental. Consuelo rejeitara-lhe tudo porque não o amava, e não o amava porque elle não tinha a falsa apparencia dos milhões, e a garridice do vestuario usada exclusivamente pelos rapazes que passam a maior parte do dia na cama, e que á noite se exhibem em S. Carlos com a vaidade desmedida da estupidez e da ignorancia.

Ella não gostava d'aquella creança pobre, que passava noites inteiras estudando heroicamente, conglobando todos os seus pensamentos n'uma adoração fanatica que tributava cegamente áquelle coração ingrato de mulher bonita. O seu ideal era um d'esses janotas *champignons* da sociedade, que mal sabem escrever o seu nome, mas que passam a vida entre as nuvens azuladas de charuto, recostados indolentemente á porta da Havaneza, a perna traçada, olhando a todos com soberba, e discutindo sob o atrevimento do monoculo os successos da ultima tourada, as raças dos cavallos, ou a belleza das mulheres.

O seu ideal era um d'esses figurinos que calcam debaixo dos sapatos de polimento a seriedade das familias e a dignidade das esposas.

Preferia áquelle amor incandescente, áquelle amor sidereo e luminoso todo cheio de aspirações e de sonhos côr de rosa, a *boutonnière* florida e as gravatas de *foulard* dos marialvas do Chiado.

*

Um dia, entre essa multidão confusa, appareceu-lhe o ideal que ella procurava de ha tanto:—Era um rapaz de cabello preto e annelado, com olheiras sentimentaes, tendo por coração as rui-

Digitized by Google

nas de uma sensibilidade estafada e o cynismo profundo de um *blasé*...

Consuelo amava-o porque a fascinava a brilhantina d'aquelle bigode, petulantemente arqueado n'uma verdadeira audacia de D. Juan.

Vira-o pela primeira vez á porta de uma egreja; os dois olhares encontraram-se e, — que differença de corações aquelles! — emquanto elle se ficava rindo da sua nova conquista, ella ficou-o amando com uma loucura excessiva, — a loucera do primeiro amor, — com o enthusiasmo de quem encontra, n'este labyrintho do mundo, o ente que procurava desde que deixou de ser creança.

Escreveram-se, fallaram-se, e, por fim, Consuelo, seduzida pe-

O PEQUENO PAGANINI

las palavras do galanteador, abandonou n'uma noite a casa de sua mãe, que se oppunha áquellas relações, esperando que o seu amante sarasse com o casamento a ferida profundissima que acabava de abrir na existencia da pobre velhinha.

Depois da sua jura não se passaram oito dias sem que a frieza de Carlos se accentuasse cada vez mais, e quando ella, louca de ciumes, lhe perguntava a causa d'aquella mudança, elle respondia-lhe, saindo de casa para não voltar alli senão dias depois.

Uma noite esperou por elle e elle não veio... Passaram-se dias, e a ausencia continuava; finalmente, decorreu um mez sem que Consuelo voltasse a ter noticias de Carlos; quiz-lhe escrever mas nem ao menos sabia a morada d'elle! Foi então que a desgraçada comprehendeu, em toda a sua plenitude, o que é esse terrivel jogo da maldade do cynico contra a inexperiencia da creança. Chorou muito, muito, mas, por fim, o dinheiro acabara-se-lhe, os ultimos recursos haviam-se exhaurido, de lagrimas não se vivia, e era necessario, quanto antes, abandonar aquella casa e recorrer ao expediente de trabalhar para comer.

Sua Mãe, pobre viuva d'um dos revoltosos de Badajoz, que tinha vindo exclusivamente para Lisboa afim de garantir o bem estar da filha, morrera de desgosto dias antes, e assim, só no mundo, sem um abrigo onde se recolhesse, receiando de todos e de tudo, vendeu as ultimas joias, que ainda lhe restavam, e pedio fiado o aluguel da pequena agua furtada para onde tinha ido ultimamente residir.

Passados mezes comprehendeu que, dentro em pouco, seria mãe, mas essa alegria, que todas as mulheres *sentem*, não a experimentou aquella pobre rapariga abandonada no meio da miseria: — Que julgariam d'ella sem ninguem que justificasse a existencia d'aquelle anjo? — Que vergonha!...

Foi então que Consuelo lançou mão de tudo quanto a sua situação lhe podia permittir: Trabalhava heroicamente, constantemente, e assim decorreram quatro annos vendo-a eu passar todos os dias debaixo da minha janella, com o seu cestinho de flores e o seu chale de seda azul.

*

Passado tempo soube Consuelo que Carlos havia casado em Paris, para onde tinha ido ultimamente, e que aquelle outro rapaz que tanto a amara, e que ella havia sempre desprezado, acabava de se ligar tambem a uma rapariga de quem fazia a mais completa felicidade.

O orgulho da mulher assim recalcado produzio os seus effeitos normaes. Sentiu, então já tarde, no meio da inconsequencia do seu caracter, que amava, finalmente, aquelle que nunca lhe poderia pertencer. Chorou muito, umas lagrimas cálidas e abrazadoras como pingos de metal candente; por fim, n'uma d'essas tardes tempestuosas de inverno em que apenas se ouve lá fóra o rumor continuo da chuva e o rodar vertiginoso das carruagens, Consuelo foi encontrada morta sobre o leito, emquanto a pequenita chorava como louca e as flores, cobertas de pó, pareciam olhal-a tristemente com a eloquente melancholia das cousas que nos não fallam...

Aos gritos da creança acudiram os visinhos, e, passados tempos, a pequena era recolhida a um asylo, onde, — dizem, — morreu tambem pouco depois.

*

E aqui está porque eu ainda hoje, quando me levanto de madrugada, para ir aspirar o ar balsamico dos pinheiros e o aroma suavissimo das urzes, n'essas manhãs em que a aragem encrespa a superficie polida dos lagos e as papoulas abrem as suas corollas vermelhas e humidas como os labios sequiosos de mulher nova, sinto uma tristeza infinita enluctar-me o coração, ao olhar para a pequena fresta d'aquella trapeira immunda, onde soffreu essa pobre martyr do amor, collocada tanto tempo á beira do abysmo e despenhada finalmente n'elle.

Coimbra, 1885.

EÇA DE ALMEIDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 25 de maio de 1885 | Numero 48

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Mors-Amor*, soneto, por Anthero do Quental.—*As nossas gravuras.—Em familia.—Um conselho por semana.—Soror Rosmunda*, por Magalhães Fonseca.

GRAVURAS.—*Acho muito caro!—Depois da caçada.—Uma amazona do seculo passado.—Combate de feras.—Paços do concelho e praça da villa das Caldas da Rainha.*

ACHO MUITO CARO

Digitized by Google

CHRONICA

Novidades? Nem uma.

Noticias de sensação? Nem meia.

Vive-se, faz-se politica e faz-se amor, um amor tão banal como a politica que se discute e como a existencia que se arrasta.

De manhã vae-se ás *kermesses* depositar o obulo da caridade, esse obulo elastico que chega para consolar todas as miserias e para evidenciar todas as vaidades burguezas. Ha quem volte de lá amaldiçoando em silencio os desgraçados que soccorreu e os miseraveis a quem consolou, mas a caridade exerce-se, e os pobresinhos teem tudo a lucrar com esses exaggeros de beneficencia espectaculosa, importando-lhes pouco saber se a esmola foi acompanhada de maldições ou se quem lh'a deu fica mais pobre do que elles.

A' sahida das *kermesses* vae-se ouvir, em S. Bento, um pedaço de politica retrospectiva. E' mais barato, mas diverte menos.

Na camara dos deputados, uma especie de bazar para onde o paiz envia varias prendas de todos os feitios e de todos os tamanhos, não ha sortes á venda. Se as houvesse, como no passeio da Estrella, eu sahiria, talvez, de lá sem um real, mas havia de trazer no bolso dois exemplares do genero, pelo menos, para meu recreio particular.

A' tardinha, entre lusco fusco, vae-se fazer o chylo no asphalto da Havaneza e ver passar as demi-mundanas saltitantes que deslisam, com a chimica multicôr do rosto fortemente illuminada pelas lampadas da luz electrica. As feias passam ao largo, na meia tinta esbatida da penumbra, sem se atreverem a fitar de frente o brilhantismo do foco luminoso. As bonitas passeiam orgulhosamente a sua gentileza na linha recta do *trottoir*, deixando atraz de si umas *silhouettes* de silphide, impregnadas d'aromas estonteadores.

Valha a verdade, as bonitas contam-se por maior numero, envoltas nas suas vestes diaphanas e primaveraes, onde ha rendas de todas as *nuances*. Trazem as formosas cabeças loiras encaixilhadas em pequeninas *capotes* de palha côr de ouro, calçam luva de *suéde*, sem botões, e encaram-nos petulantemente na passagem, tresandando a *marechala* e a *opoponax*.

A' noite fechada, toma-se café no Gremio ou no Martinho, e vae-se ouvir o *Ruy Blas* ao Colyseo, quando se não quer ir ver o *Grão Mogol* á Trindade.

E ahi está como nós passamos a vida em Lisboa, na ultima quinzena de maio, do formoso maio que os lacobrigenses não conhecem e que os poetas tanto teem cantado nas suas redondilhas sonoras.

Não é boa?

Tambem não poderá dizer-se que seja completamente má!

Pelo menos é pacata e methodica, sem commoções fortes, nem arrebatamentos doidos, nem irrequietismos perigosos. O mesmo chá refervido e insulso de todos os dias, de todas as epocas. D'anno a anno, quando muito, experimenta-se uma sensação nova. O resto do tempo passa-se como que a dormir, levando a existencia ficticia do peixe fóra d'agua.

Já a gente sabe que tem uma *kermesse* todas as semanas; é negocio corrente e assumpto que se não discute. Já sabe, tambem, que deve ir todas as noites aos theatros, ver os mesmos artistas e o mesmo publico, contemplar o luxo petulante das mesmas *cocottes* e as visagens invariaveis dos mesmos actores. E' forçoso assistir a tudo isto, e sempre, como é da praxe roçar quotidianamente a sobrecasaca pelas paredes da Havaneza, saudar com uma facecia o nariz do Valentim, ler as objurgatorias da nossa politica indigesta, e comprar uma rosa á ramilheteira dos Recreios.

Um ra-me-ram, dirão, mas ao menos não fomos ainda visitados pelo cholera que rebentou na Inglaterra, nossa fiel alliada, e que se não cansa de flagellar a Hespanha, nossa visinha proxima.

Deves já ter lido o *compte rendu* das experiencias feitas em Valencia pelo doutor Ferran, para a vaccina do cholera. São curiosissimas e estão despertando um interesse scientifico sempre crescente.

Os governos da Russia e da Dinamarca já ali mandaram delegados seus examinal-as. Portugal apressou-se a fazer outro tanto, seguindo o exemplo d'aquellas duas nações, a bem de todos nós.

Ha dias foi vaccinado em Valencia o correspondente do *New-York-Herald*. Por ser interessantissima a narrativa da operação, que elle mesmo faz para aquelle periodico, vamos transcrevel-a.

Diz o vaccinado:

«Foi-me applicada a injecção na parte posterior dos dois braços, entre o cotovello e o triceps. O operador serviu-se para isso d'uma pequena seringa, cuja ponta, afiada como a d'uma agulha, penetrou cerca de meia pollegada debaixo da pelle.

Ao cabo d'uma hora, comecei a sentir dôres fortes na região espinhal, com agitação muscular, estendendo-se as dôres até ás palmas das mãos. Ao cabo de duas horas, a temperatura do corpo elevou-se até ao calôr da febre, e depois appareceu-me um suor viscoso nas mãos, fraqueza e dôres nas pernas. Ao fim de quatro horas, tinha os braços muito doloridos, soffrendo n'elles uma sensação egual á que teria se m'os tivessem moido com pancadas.

Depois d'isto começou a diminuir a actividade dos symptomas; mas os braços pozeram-se-me rigidos, de modo que me custava erguel-os. Mais tarde, senti nauseas, acompanhadas de dôr de cabeça e surdez, e a dôr dos braços estendeu-se aos musculos das espaduas.

Deitei-me e dormi bem. Não obstante, muitos dos que se sujeitam a esta operação, padecem de insomnia. Despertei com uma violenta dôr de cabeça, que ainda dura. Este telegramma é enviado vinte e oito horas depois de ter sido vaccinado. Dizem-me que os symptomas se prolongam por espaço de quarenta e oito horas.»

A despeito das dores na espinha, na cabeça, nas mãos e nas pernas, do suor viscoso, das febres intensas e das nauseas incommodas, nós queremos ser inoculados como o correspondente da folha americana, como os habitantes de Valencia e d'Alcira.

Já fomos submettidos, em creanças, á vaccinação contra a variola, e graças a ella só poderemos ter bexigas doidas. Vaccinem-nos agora, depois de homens, com o virus anti-cholerico, para ficarmos com a certeza de não soffrer mais que os incommodos d'um cholera ligeiramente idiota e inoffensivo.

=Comecei por te dizer que não havia nem uma noticia de sensação. Pois ha, e é de natureza a ecoar tristemente no mundo inteiro.

Victor Hugo, o grande poeta da França, está agonisante á hora em que eu lanço ao papel estas impressões semanaes.

Assim o diz o telegrapho, no seu laconismo esmagador, e a noticia repete-se de bocca em bocca, provocando um sentimento geral e profundissimo.

A doença que fulminou o grande genio teve principio na penultima quinta feira. Depois de jantar alegremente com seus netos Carlos e Joanna Hugo e com Vacquerie e Lesseps, o poeta recolheu-se ao seu quarto. Pela noite alta, sentiu difficuldade em respirar e pareceu-lhe que se tornavam menos fortes as pulsações do coração.

Chamou-se um medico que lhe ministrou os primeiros cuidados. Na sexta feita o enfermo passou melhor, mas conservou-se de cama. A' noite o mal recrudesceu, e d'ali em diante foi augmentando d'intensidade. Fizeram-se consultas, a sciencia empregou todos os seus recursos, mas a doença era perigosa e aggrava-se a cada momento, zombando da medicina impotente.

Victor Hugo, que já soffria d'uma lesão no coração, fôra atacado d'uma congestão pulmonar. Assim o declararam os medicos nos seus boletins, lavrando-lhe desde logo a sentença de morte.

Elle mesmo, o poeta gigante, tem a consciencia do seu estado.

No domingo, dizendo-lhe um amigo intimo que não se assustasse e que bastariam alguns dias para se restabelecer completamente, o auctor dos *Miseraveis* respondeu-lhe, com um sorriso repassado de tristeza:

—Não; isto é o fim que se approxima; sinto que vou morrer.

Victor Hugo, por ter gosado sempre uma saude de ferro, desprezava todas as precauções hygienicas e commettia imprudencias sem conto.

Ninguem o viu nunca vestir um *par-dessus*, por mais rigoroso que fosse o inverno. No dia da recepção de Fernando de Lesseps na Academia franceza, quando toda a gente, depois d'aquelle acto, punha o chapeo na cabeça, por causa do frio, o poeta conservava-o na mão.

Quem sabe se foi n'aquelle dia que elle contrahiu o germen da doença fatal!

Á ULTIMA HORA

Morreu Victor Hugo.

A sua morte enche de luto o mundo inteiro, mas esse luto confunde-se com a mais gloriosa das apotheoses.

C. DANTAS.

Post scripta.—O chronista tem de fazer uma rectificação, e como ella representa justiça, apressa-a gostosamente. Necessita fazel-a, porque preza tanto a sua dignidade como respeita a dos cavalheiros que constituem a burocracia do consulado portuguez no Rio de Janeiro.

Como os leitores sabem, commetteu-se um roubo na caixa d'aquelle consulado, e algumas gazetas brazileiras tiveram a tristissima idéa de brincar com o facto, no *dia 1.º de abril*, dizendo que os auctores do roubo eram empregados no consulado. Uma brincadeira de mau gosto, e porque o era, diversos diarios de Lisboa acreditaram, e transcreveram. Nunca elles podiam crer que a usança de pregar petas no *1.º de abril* fosse explorar cousas sérias, affectando a dignidade individual.

Nos diarios de Lisboa viu o chronista a noticia, e, pelas mesmas rasões, acreditou na sua veracidade.

Digitized by Google

Nada mais singelo, nem mais innocente, de pura boa fé.

Agora o chronista, como é da sua obrigação, promette não peccar mais, não confiando para o futuro em quaesquer noticias brazileiras escriptas durante o mez d'abril, que, sendo o mez das flores em Portugal, é o das mentiras em terras de Santa Cruz.

C. D.

GARRETT E O SEU TEMPO

XXI

Ha dois pontos no livro do sr. Gomes de Amorim, de que realmente nos custa occupar-mo-nos—um o que se refere á saida de Garrett do ministerio, o outro o que trata de fazer comparações entre Garrett, Herculano e Castilho. O primeiro é-nos penoso por causa de Garrett, o segundo por causa do sr. Gomes de Amorim.

Vamos primeiro ao caso das comparações.

Já a idéa do capitulo é detestavel—fazer comparações para que e porque? Pois podem comparar-se tres genios eminentes, mas cada um na sua especialidade? Podem esses tres genios reduzir-se, por assim dizer, ao mesmo denominador? Pois Garrett era por ventura capaz de escrever a *Historia de Portugal* com aquelle profundo criterio e aquella inexcedivel energia de trabalho? E Herculano poderia nunca escrever o *Fr. Luiz de Sousa*? Conseguiria por ventura Garrett fazer aquella maravilhosa sonata de metro e rima, que se chama *No circo de Roma*? E seria Castilho capaz de escrever as *Viagens na minha terra*?

Como é que o sr. Gomes de Amorim se preoccupou um instanta com similhante futilidade, que seria inoffensiva se o não tivesse levado a ser profundamente injusto com Herculano e Castilho, mas sobretudo com este ultimo?

Conhece alguem em França um livro qualquer em que se pretende provar que Thierry é superior a Lamartine, e Lamartine superior a Dumas? Não encontra de certo. Comparar Herculano, Garrett e Castilho equivale a comparar Verdi e Eugenio Delacroix. Não ha um termo de comparação commum, desde o momento que são diversissimos os generos.

Despertar agora, depois da morte d'esses tres grandes vultos, a discordia que entre elles houve, é da mesma forma uma idéa pouco feliz. Que a narrasse percebe-se, mas que pareça desejar que o publico de hoje venha a ser juiz da contenda que melhor fôra que nunca tivesse existido, é o que nos parece realmente lamentavel.

Os trinta e um annos, que já teem decorrido desde a morte de Garrett, não acalmaram ainda no espirito do sr. Gomes de Amorim os rancores e os despeitos que se sentiam na côrte do rei Garrett contra Castilho, e na côrte do rei Castilho contra Garrett. Assim vem armado em guerra contra o author do *Amor e melancholia*, reproduzindo todos os boatos calumniosos, que voejaram constantemente em torno d'aquelle pobre grande homem, que se dava por feliz com os seus amigos, com os seus livros, com os seus versos, com as suas cigarras de Anacreonte, que nunca fez nem quiz mal a ninguem, e a quem se levaram, a titulo de grandes crimes, umas coleras puramente litterarias que o inflammaram ás vezes, e uns ditos maliciosos que lhe saiam dos labios risonhos em horas de desenfado e de intimo cavaco.

O author d'estas linhas foi amigo de Castilho, e d'isso se preza e se ufana. Deveu-lhe as mais altas finezas, e d'ellas guarda no intimo do peito a mais agradecida recordação. Nunca o cegou porém essa amizade, e nunca pertenceu á côrte. No meio de um grupo de lisongeiros, em que se julgava de bom tom dizer mal de Garrett, não occultou nunca a sua profunda e enthusiastica admiração pelo author de *Camões* e de *D. Branca*. E quer saber o sr. Gomes de Amorim quem era o outro admirador de Garrett, que lhe sabia de cór os versos, e que os recitava com enthusiasmo? Julio de Castilho, o actual visconde de Castilho, o filho primogenito e o glorioso herdeiro do grande poeta.

E qual era a opinião do proprio Castilho? Para que o publico a possa apreciar bem, devemos dizer uma coisa, que explica amplamente os erros de apreciação em que muitas vezes caía Antonio Feliciano. Chegára elle a ter um tão profundo e superstitioso respeito pela forma, que tudo subordinava a esse idolo dos seus ultimos annos. Eram para elle evangelho os dois versos de Boileau:

> Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
> Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.

Foi isso o que o levou a dizer a respeito de Camões as barbaridades que se lêem no prologo do *D. Jayme*. As cacophonias, os versos duros, os descuidos de palavra e de phrase, que abundam no immortal poema das nossas glorias, irritavam-n'o, exaltavam-n'o e faziam com que elle se desentranhasse em ditos de espirito, que eram considerados como a expansão de um espirito invejoso, que se moldava por José Agostinho de Macedo.

Ainda me recordo. Uma vez lia-lhe eu Camões, e a cada estrophe vinha um diluvio de criticas. Não escapava uma oitava sem commentario. Chegámos a um sitio em que Camões fallava em *aguas humidas*.

—Aguas humidas! bradou Castilho, dando um pulo na cadeira. Isso é mais do que pleonasmo, é *pleonasno*.

Eu ria, mas ao mesmo tempo dizia-lhe, com a familiariedade que elle me permittia.

—O' sr. Castilho, mas que importam estes senões, em presença da concepção magnifica do episodio do Adamastor, em presença d'estas maravilhosas descripções de batalhas e de tormentas?...

E elle, enrolando canudos de papel, ou abrindo folhas de livros novos, murmurava com a sua voz pausada e unctuosa:

Sans la langue, en un mot...

Nunca o ouvi dizer mal de Garrett. Guardava a respeito d'elle uma certa reserva, mas incontestavelmente não partilhava o nosso enthusiasmo. Como a preoccupação de Garrett não era a forma, e como a preoccupação quasi exclusiva de Castilho estava sendo a forma, póde imaginar-se bem que os dois grandes poetas não se comprehenderiam facilmente.

Um dos grandes enthusiasmos do ultimo periodo da vida de Castilho foi Victor Hugo. O poeta francez escrevera-lhe em tempo, apresentando-lhe e recommendando-lhe o photographo Fillon, um exilado republicano de Jersey, que viera estabelecer-se em Portugal. Recordo-me que n'essa carta lhe dizia, n'aquelle estylo solemne de que sempre gostou muito o poeta da *Légende des Siécles*: *Les aveugles n'ont point de regards, parce qu'ils ont des rayonnements*.

Não posso dizel-o com certeza, mas supponho que o poeta cego a quem Victor Hugo se dirige n'uma das suas *Contemplações* é Castilho. Ahi lhe diz:

> *Chante, Milton chantait! Chante, Homère a chanté!*
> *Le poële des sens perce la triste brume,*
> *L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté,*
> *Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.*

Querem saber porém qual era a grande qualidade que Castilho mais admirava em Victor Hugo? A perfeição da forma, e sobretudo a riqueza da rima. Este ultimo predicado tem apenas o merito da difficuldade vencida, porque não augmenta nem diminue a melodia do verso. Victor Hugo effectivamente é muito escrupuloso n'esse ponto. As suas rimas são sempre ricas. Lamartine e Musset são absolutamente indifferentes a essa preoccupação Esta quadra admiravel de Musset fazia arripios a Castilho:

> *O Christ! je ne suis pas de ceux que la prière*
> *Dans les parvis muets amène à pas tremblants!*
> *Je ne suis pas de ceux, qui vont à ton Calvaire,*
> *En se frappant le cœur, baiser les pieds sanglants!*

—*Priére* e *Calvaire*! bradava Castilho furioso, mas essas rimas andam perfeitamente a pedir esmola. Recolham-me essas rimas no asylo da Mendicidade.

Eu, devo confessal-o, achava pueril esta preoccupação. Que me importava que a rima fosse imperfeita, desde o momento que dava ao meu ouvido uma sensação melodica absolutamente completa, e desde o momento, sobretudo, que a idéa dos versos era grandiosa e arrojada?

Se eu lhe lia ou lhe recitava, porque os sabia de cór, os admiraveis versos de Victor Hugo no *Eviradnus*, esses versos em que elle descreve com um encanto inexprimivel o expirar de um cantico suavissimo n'uma noite de luar sereno:

> *La mélodie encor quelques instants se traîne*
> *Sous les arbres bleuis par la lune sereine,*
> *Puis tremble, puis expire, et la voix qui chantait*
> *S'éteint comme un oiseau se pose, tout se tait.*

Castilho escutava com uma beatitude suprema, e dizia arrebatado: *Chantait, tait!* Veja se póde haver mais perfeita rima.

D'essa vez calava-me. Só protestava quando elle corria sobre o meu adoravel Musset de cacete em punho, porque o poeta da *Namouna* se não déra ao trabalho muitas vezes de enriquecer as suas rimas com mais uma consoante.

Já vê o leitor que eu não occulto os defeitos de Castilho. Sou o primeiro a reconhecer que esta preoccupação da forma chegava a ser pueril e o tornava injusto, mas o que isso prova é que elle nunca tirou o merecimento a quem o tinha, nem contestou nem invejou os talentos de outrem. Mas, como o merecimento que elle tinha em mais conta era o da forma, não partilhava o enthusiasmo dos outros, por auctores a quem faltava uma qualidade que muitos, e com plena rasão, reputam secundaria, e que elle considerava acima de todas. Nunca o disse, mas estou convencido que lá muito no intimo preferia a *Ulyssêa* de Gabriel Pereira de Castro aos *Lusiadas* de Camões, isto, note-se bem, nos ultimos annos da sua vida, em que a sua paixão pela melodia do verso chegára aos mais extraordinarios requintes.

Continuarei a tratar este assumpto especial, em que procuro, como o leitor viu, não me deixar cegar pela amisade que votei ao grande poeta. Vou defendel-o sim, mas só com as armas da imparcialidade e da justiça.

PINHEIRO CHAGAS.

Digitized by Google

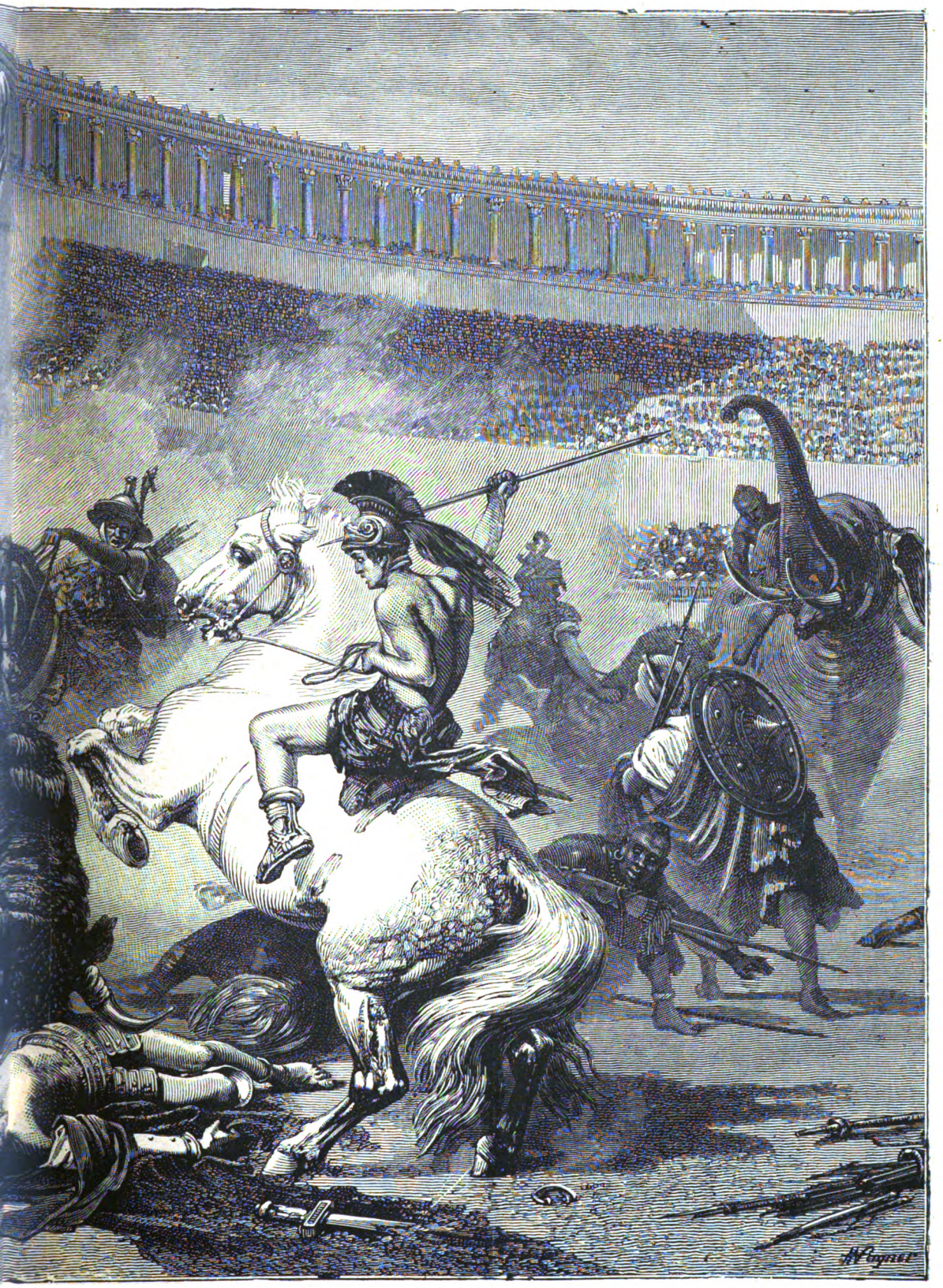
DEPOIS DA CAÇADA

Digitized by Google

Digitized by Google

COMBATE

Digitized by Google



E DE FERAS

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA AMAZONA DO SECULO PASSADO

Digitized by Google

MORS-AMOR

Esse negro corcél, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce
E, passando a galope me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel, mas placido no porte,
Vestido d'armadura reluzente,

Cavalga a féra estranha e sem temor.
E o corcél negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»

ANTHERO DO QUENTAL.

AS NOSSAS GRAVURAS

ACHO MUITO CARO!

E' um official russo, pelos modos. Foi jantar n'um *restaurant* modesto de S. Petersburgo, talvez, onde as mesas são servidas, ao que parece, não por creados encasacados como os dos nossos hoteis, mas por bellas mocetonas de lume no olho e trages vistosos.

O galante official comeu bem, bebeu melhor, conforme o attestam as duas garrafas esvaziadas que ainda estão sobre a toalha alvissima, e, quando lhe trouxeram a conta, achou caro, muito caro.

Como se os olhares e os sorrisos da bonita servidora não valessem nada!

Emfim, nós estamos certos de que o garboso filho de Marte não regateará a despeza do *menu*. Mais um olhar d'ella, mais um requebro galante, e o camarada do general Komaroff acabará por achar a conta exigua, indo comer ao mesmo *restaurant* no dia seguinte.

DEPOIS DA CAÇADA

Aquelles tres esturdios voltam da caça, trazendo apenas, em vez de lebres e perdizes, fome e sede... d'amor.

A meio do caminho encontram uma pousada onde descançam, e os olhos formosissimos d'uma camponeza ingenua em que fixam os seus.

Comem, bebem, riem; os madrigaes á bella hospedeira esfuziam; as gargalhadas ecoam; as canções apaixonadas fervilham; os bons ditos cruzam-se ás dezenas, indo incidir, alegres e sonoros, no rosto risonho da camponeza boquiaberta.

Para pagar estas galanterias de que é alvo, ella decide-se a enfeitar com flores o chapeo do mais bello dos tres.

Amor com amor se paga. Nunca as filhas d'Eva hão de arrenegar-se por lhes dizerem que são bonitas.

UMA AMAZONA DO SECULO PASSADO

Uma especie de Morgadinha de Valflor, sonhadora e irrequieta, que não tem medo de se embrenhar por montes e valles, soltando livremente as redeas do seu alazão favorito.

Já não se vê d'aquillo n'estes tempos d'anemia que vão correndo. Apparecem ahi, de longe em longe, uns pallidos arremedos d'aquellas gentis amazonas lendarias, mas sem o *aplomb* varonil que as caracterisava, sem a elegancia altiva e fidalga que as distinguia.

As amazonas de hoje tocam valsas de Strauss, dansam *cotillons* e manejam garbosamente um leque, nas salas do grande mundo, mas não sabem brandir o chicote, nem resistem ao galope d'um *pur sang*.

COMBATE DE FERAS

E' facil acertar com a época em que se passa a scena da nossa estampa. Sem nos arriscarmos muito a errar, podemos fixal-a entre o anno 14 e 68 da nossa era, nos tempos dos imperadores Tiberio, Caligula, Claudio ou Nero, em que, para distrahir o povo e para que elle désse menor attenção á tyrannia e corrupção com que era governado, se lhe offereciam d'aquelles espectaculos. E' menos provavel, porém, que fosse no tempo de Nero, porque este, na sua qualidade de artista, era mais affeiçoado a outras scenas, principalmente áquellas em que uma donzella nua, atada a um poste, se estorcia, em quanto era dilacerada por uma féra, depois de ter assistido á agonia mortal de um irmão, de um pae ou de outro qualquer defensor.

Este combate, que parece ter começado entre o touro e o elephante, passou a ser uma batalha geral entre homens e féras. As proprias Vestaes, que costumam presidir a estes espectaculos com extrema serenidade, acham-n'o mais interessante do que de ordinario. Provavelmente a turba grita desordenadamente *Habet, Habet!* E, a ferida mortal, já o misero gladiador que jaz por terra, com certeza «tem».

PAÇOS DO CONCELHO E PRAÇA DA VILLA DAS CALDAS DA RAINHA

A villa das Caldas da Rainha, na provincia da Extremadura portugueza, districto de Leiria, está situada a 85 kilometros, ao noroeste de Lisboa.

E' muito concorrida todos os annos por pessoas que carecem de banhos sulphurosos.

A nossa gravura representa o edificio dos paços do concelho, e parte da praça.

As armas da villa, que estão sobrepostas aos paços do concelho, são o escudo de purpura, tendo no centro dois escudetes parallelos, brancos, com cinco escudetes azues, pequenos, em cruz, e tendo cada um d'estes escudetes cinco bezantes em aspa (como os das armas de Portugal, mas duplicados); sobre o escudo doze castellos de ouro, em tres linhas perpendiculares, de quatro cada uma, ficando os quatro do centro, no intervallo (de purpura) que divide os escudetes brancos. Este escudo, mettido em outro branco, tem de um lado uma rede e do outro um pelicano sustentando os filhos com o seu sangue. O escudo branco tem sobre elle uma corôa aberta, como a dos duques.

Este brasão de armas não é o primeiro que teve a villa das Caldas da Rainha e que lhe foi dado pela rainha D. Leonor; o primeiro consistia no escudo real, e era o mesmo que tinha a villa de Obidos. Foi reformado, depois da catastrophe que arrebatou á rainha seu filho unico, o principe D. Affonso.

Este principe, estando em Santarem, com seus paes e com sua esposa a princeza D. Izabel, deu uma queda do cavallo, junto ás margens do Tejo, no dia 12 de julho de 1491; foi levado em uma rede de pescadores para uma pobre casa perto d'ali, á qual acudiram logo seus paes, sua esposa, e todos os soccorros, e não dando mais accordo de si, morreu. A rainha, que não quiz mais separar-se d'aquella rede, tomou-a desde então por divisa e ordenou que aos escudos de armas das suas villas se accrescentasse de um lado uma rede e do outro um pelicano, emblema de seu esposo.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este sal aperta na escola—2—1.

Aqui, n'este animal, vae este homem—1—2.

E' reverenciado além este marisco—2—1.

Esta medida vê-se todo o anno n'uma villa de Portugal—2—2.

Machico. JOÃO VICTORINO DE FREITAS.

Como animal, sou obrigado a ser velho—1—2.

Este appellido no homem afugenta—1—1.

Ponta do Sol. MAF.

EM VERSO

Trocando a lettra final,
No v'rão me vão procurar.—2
No campo me has de encontrar,
Trocando a lettra final.—2

A'lerta, leitor! Repara
No que vaes agora lér:—
Na terra como no mar
Eu costumo apparecer.

J. A. D.

ADIVINHA POPULAR

Passeio por onde quero,
Caminho com desafago;
Todos os annos me visto
E sempre de traje novo;
Como e bebo e nada me custa,
E quem me vê logo se assusta.

Digitized by Google

LOGOGRIPHO

Os vates sempre cantaram—2—1—7—5
A doce *Estrella do mar*—2—8—4—7—1
Que nos jardins bem floridos—4—5—6—8
Enche d'incensos o ar—8—2—3—1—4

O meu todo, caçador,
E' de doçura um primor.

J. A. D.

PROBLEMA

Quaes são os numeros inteiros, cuja sexta parte diminuida de $\frac{1}{6}$; cuja sexta parte do resto tambem diminuida de $\frac{1}{6}$, e assim successivamente, dão zero de resto.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Perola—Andaluzia—Segador—Mortagoa—Fataça—Cavalla—Martyrio.
DA CARTA ENIGMATICA:—Marcos.
DOS ENIGMAS:—(Romulo—Olybrio—Macrino—Adriano)—Oróbo—Areopagitica.
DAS ADIVINHAS POPULARES:—Melancia—Roca.
DO PROBLEMA: 14
7
98
14
9814
7
68698
14
686994
7
4808958

A RIR

Perguntam a um incredulo o que é a medicina, e elle responde:

—E' a arte de matar gente sem que a policia se envolva no caso.

*

Um seminarista de Santarem veio passar as ferias a Lisboa, e foi retratar-se a casa d'um photographo.

—Quer busto? perguntou-lhe o retratista antes d'ir preparar a chapa.

—Não senhor; basta de corpo presente.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Em algumas das nossas provincias empregam o cosimento das alcachofras em vinho branco, na cura das febres intermittentes.

Os italianos reconhecem nas folhas da alcachofra propriedades antirheumatismaes.

Nós, pelo nosso lado, aconselhamos os rheumaticos a que comam aquelle vegetal em grande quantidade.

A agua em que se fervem as alcachofras é ligeiramente laxativa, e muitos medicos recommendam,tambem, o seu uso no tratamento da ictericia.

SOROR ROSIMUNDA

(LENDA HISTORICA)

São de todos os povos e de todos os tempos essas fabulosas e poeticas narrativas conhecidas pelo nome de *lendas*. A imaginação popular deleitou-se sempre com o maravilhoso, e por isso os nossos antepassados se compraziam em dar largas a sua phantasia, inventando essas ficções, que eram transmittidas de seculo em seculo, e successivamente modificadas na tradição.

A historia primitiva, e as origens historicas das velhas nações não passam de uma successão de lendas mais ou menos engenhosos, facil expediente a que se recorria, na falta dos modernos processos de investigação e de critica, para explicar a formação e evolução sociaes de cada povo em epocas remotas.

Em torno dos velhos deuses da mythologia dos egypcios, dos gregos e dos romanos, crearam-se egualmente imaginosas ficções que a ingenua credulidade dos antigos povos acceitava da melhor fé; e o christianismo, pela sua parte abusou tambem largamente do genero, tecendo n'essas *piedosas fraudes*, luminosas auréolas de maravilhas para uso dos seus dilectos mortos em cheiro de santidade.

Foi na edade media que a lenda mais floresceu, e n'esse longo periodo vemol-a, já authenticando a realidade nas noticias historicas, já fundamentando as origens heraldicas de muitas casas nobres, e sempre desfigurando os grandes homens ou os grandes feitos que pretende esclarecer.

A lenda de que vamos dar noticia é, por esse lado, completamente inoffensiva. E' uma narrativa do seculo XII, em que transparece, a par de uma delicada e sentida poesia, o mysticismo religioso que enlevava os crentes d'essas epocas, chegando-os a fazer esquecer, por vezes, a sua paixão dominante—esse odio violento e brutal que nutriam contra os inimigos da fé christã.

E' n'esse sentido—o de provar as successivas modificações que o espirito intolerante dos christãos fôra soffrendo, chegando a estabelecer-se uma certa cordealidade nas relações particulares das duas raças combatentes,—que Ferdinand Denis a refere no *Portugal pittoresque*, d'onde o sr. Pinheiro Chagas a transcreve, em nota á sua *Historia*. E' por isso bastante conhecida. Consintam-nos, porém, que a reproduzamos aqui, accrescentando-lhe alguns pormenores, que fômos buscar a velhos cartapacios pulverulentos. Se o nosso espirito já não póde acceitar essas ingenuas crendices do passado, que chegavam por fim a ser tidas como realidades até pelos proprios que se tinham dado ao trabalho de as inventar, podem ellas, comtudo, proporcionar alguns momentos de leitura despreoccupada, a quem seja do parecer d'aquellas formosas sultanas, que preferiam aos livros mais circumspectos as *Mil e uma noites*, precisamente porque esses contos eram phantasticos e absurdos.

*
* *

Na antiga villa de Arouca, edificada no extremo de um bello e fertilissimo valle cavado entre asperas montanhas graniticas, ergue-se o real mosteiro, que é um dos melhores e mais vastos de Portugal, e que já existia no anno 716, quando os mouros invadiram a peninsula.

Foi um dos primeiros conventos duplos ou mixtos que se fundaram, isto é, em que viviam frades e freiras em clausura, com aposentos separados, mas assistindo juntos, na mesma egreja, ás solemnidades religiosas. Passado tempo, porém, os frades foram expulsos, em virtude da vida desregrada que levavam, e que muito escandalisava as piedosas monjas; e estas, quando o mosteiro lhes ficou *in solidum*, lá continuaram santamente, sob a direcção de Soror Rosimunda, escolhida para abbadessa do convento, segundo affirma Fr. Jorge Cardoso no *Agiologio Luzitano*, por concorrerem n'ella grandes talentos, que a faziam capaz de maiores dignidades, e ser adornada de grandes virtudes, qualificadas pelo ceu com revelações e maravilhas.»

Era pois grande a fama dos milagres operados por intervenção da virtuosa abbadessa, e de tal modo essa fama resplandecia, que os prelados e principes d'aquelle tempo muito encarecidamente supplicavam a Rosimunda que os encommendasse nas suas orações, esperando assim obter da Providencia divina o soccorro que desejavam.

Segundo resam as chronicas, soror Rosimunda, além das grandes maravilhas que operava, só com as suas bençãos, era tambem dotada de espirito prophetico, e por isso não admira que os grandes e principes da terra tanto a estimassem, visto que o ceu a distinguia com tão especiaes favores.

O conde D. Henrique era um dos que mais particularmente a venerava. Pouco depois de elle vir para Portugal, Echa Martim, rei mouro de Lamego, e tributario do conde lusitano, confiado no limitado poder do seu suzerano, rebellou-se, e veio com muita gente talar e saquear os campos dos christãos, fazendo grande numero de captivos.

O conde, justamente indignado com a audacia do mouro, de prompto reconheceu a necessidade de vingar a affronta recebida. A empreza, porém, era temeraria, e os seus resultados duvidosos, em vista das pequenas forças de que dispunha; e n'esta apertada conjunctura lembrou-se de ir consultar a virtuosa serva de Deus, e por sua intervenção impetrar o soccorro divino de que tanto carecia para poder infligir uma severa punição ao infiel monarcha.

Prophetisou-lhe Rosimunda que o ceu lhe daria a elle as palmas do triumpho, e o conde, recobrando a habitual intrepidez do seu animo valoroso e esforçado, veio ter com D. Egas Moniz, e ambos, reunindo á pressa a gente que poderam, foram em seguimento dos mouros, quando estes já recolhiam a Lamego, levando comsigo muitos despojos e prisioneiros. O encontro teve logar em um valle junto ao mosteiro de Arouca, e ahi foram os mouros completamente desbaratados, obrando-se de parte a parte os mais extraordinarios prodigios de bravura.

Tanto o rei mouro, como uma grande parte dos seus guerreiros, ficaram captivos; porém o conde taes diligencias empregou,

Digitized by Google

que a maioria d'elles se converteu ao christianismo, naturalmente receiando as consequencias da entranhada repulsão que aos defensores da cruz inspiravam os crentes do islam.

A nossa lenda trata da conversão milagrosa de um d'esses captivos.

Um dia, depois da batalha contra Echa Martim, o conde D. Henrique veio, como frequentemente costumava, visitar a abbadessa do mosteiro de Arouca. Ia com elle um moiro nobre e moço, que até ali persistira em não renegar as suas crenças. A abbadessa era joven e formosa; não nos diz, porém, a tradição que genero de belleza fosse a sua, e por isso se nos torna impossivel esboçar-lhe n'este ponto o retrato, vendo-nos forçados a remetter o leitor para qualquer romance moderno, onde poderá escolher o que melhor satisfaça o seu ideal de esthetica feminina. Ficará assim preenchida a lacuna. Pela nossa parte não queremos affirmar senão aquillo que nos consta de fonte limpa, e a stee respeito o que sabemos é que a santa abbadessa era dotada devperegrina formosura, cheia de encantos indiziveis e de attractios fascinadores.

Em presença de um tal conjuncto de perfeições, o pobre moiro sentiu-se rendido. O amor fulminou-o de improviso, e elle, sem curar do respeito devido ás preclaras virtudes da gentil abbadessa, confessou ao conde a sua paixão ardente, declarando que só abraçaria o christianismo se lh'a dessem por esposa. O conde, porém, immediatamente o desenganou, mostrando-lhe a impossibilidade d'essa união a que se oppunham os estatutos religiosos.

Informada do que occorria, Soror Rosimunda não fez como mais tarde aquella religiosa do mosteiro de Fontévrault, que, ferida de dôr e de vergonha ao saber por um mensageiro que um principe que a vira, ficara encantado da sua belleza e rendido sobretudo do limpido fulgor do seu olhar suavissimo, disse ao mensageiro que aguardasse a resposta, e retirando-se, voltou d'ali a instantes, trazendo as orbitas ensanguentadas, e sobre um prato os olhos que ella propria arrancara, fazendo assim com que o seu adorador fugisse horrorisado. Soror Rosimunda, talvez que até desvanecida com o amor que inspirara—porque emfim a eterna vaidade feminina julgamos que muito bem póde ter abrigo mesmo debaixo do manto da mais austera santidade;—Soror Rosimunda, como diziamos, limitou-se a rezar uma fervorosa oração, pedindo a Deus que illuminasse aquella alma transviada. Depois mandou avisar o conde para que este levasse o moiro comsigo á egreja, esperou-o á porta do logar santo, e quando este se approximou disse-lhe:

—«Amaste-me ardentemente e desejaste obter-me para esposa: o conde não quiz acceder ao teu desejo, mas o que elle não póde fazer, o meu Senhor Jesus Christo o fará. Ambos, d'hoje em diante, ficaremos unidos na mesma fé e gozando a mesma graça.»

Em seguida a estas palavras, o moiro penetrou na egreja, e tocado pelo espirito divino, converteu-se, sendo d'ali em diante um grande e perfeito christão, e a gentil abbadessa lá continuou na sua missão divina, operando muitos outros milagres. Quando ella morreu, o principe D. Affonso, filho do conde D. Henrique, que a esse tempo era tambem já fallecido, enviou ás religiosas uma carta em que lhes dizia:—«Nossas terras n'ella perderam «uma boa defensora e padroeira, pois bem sei quantas victorias «o glorioso conde D. Henrique, nosso pae, alcançou por suas «orações....»

* * *

A lenda nada mais nos diz ácerca d'esses amores, que tão piedoso desenlace tiveram. Se o milagroso caso nos não prova, de um modo indiscutivel, o poder sobrenatural da virtuosa abbadessa de Arouca, mostra-nos, comtudo, a energia de um outro poder de que não ha duvidar—a influencia da mulher formosa nos destinos do homem. E essa influencia exerceu-se em todos os tempos, nas epocas mais rudes, como no nosso seculo de adiantamento e de progresso, e d'ahi nasce a incontestavel soberania da mulher, divindade a cujos pés o misero sexo barbado, escravo do natural instincto de adoração pela belleza feminina, depõe, como offerendas, os seus ideaes, o seu orgulho, as suas aspirações e as suas crenças.

MAGALHÃES FONSECA.

PAÇOS DO CONCELHO E PRAÇA DA VILLA DAS CALDAS DA RAINHA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 1 de junho de 1885 | Numero 49

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*O seu retrato*, versos, por A. de C. —*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Soneto*, por Narciso de Lacerda.—*As nossas gravuras.—Em familia.—Um conselho por semana.—A espera dos touros*, por Alfredo Gallis.
GRAVURAS.—*Ilha de S. Thomé, rua da Rosa.—Extraviados.—A volta ao castello.—Abolidos, Hespanha* 1874.—*Uma mosca importuna.*

CHRONICA

Victor Hugo!

Este nome glorioso e immortal, que por si só representa uma epopeia gigante, encheu a semana inteira, como enche a França, como enche o mundo.

Ouvindo-o, a humanidade fica ao mesmo tempo assombrada e

ILHA DE S. THOMÉ—RUA DA ROSA

Digitized by Google

triste, como se viessem dizer-lhe que se calara para todo o sempre, no oceano revolto, o bramir das vagas altaneiras, ou que um imperio poderoso se subvertera repentinamente, a um raio da colera divina, alastrando o solo de cadaveres, desenrolando crepes funerarios por sobre o mappa immenso das nações.

Proferindo aquelle nome illustre, em que ha um mixto suavissimo de grandezas descommunaes e de infantilidades graciosas, sente-se a gente mergulhado, sem o querer, n'uma tristeza indefinida, na tristeza incomparavel que nos assalta o animo junto d'uma creancinha morta, em face d'um pae agonizante.

E' que o nome de Victor Hugo, mil vezes ouvido em torno do nosso berço, tornara-se para nós, homens d'este seculo que elle tanto illuminou, objecto d'um culto sagrado.

Ensinaram-nos a amal-o antes de nos ensinarem a lel-o. Entrou no nosso coração d'adolescente primeiro que houvesse entrado no nosso espirito de homem. Quando a intelligencia de nós todos poude comprehendel-o, na sua grandeza magestatica e phenomenal, já as nossas almas o tinham comprehendido e soletrado, no silencio das suas locubrações infantis, em que tanto se aprende e tanto se adivinha.

Se perguntarmos a uma creança o que é o sol, ella não nos responderá, talvez, com a precisão do pensador e do philosopho, mas saberá dizer-nos que se enleva na luz do astro, que rejubila diante das suas fulgurações diamantinas e intensas, que se enamora da sua face de ouro engastada pela mão de Deus no azul mysterioso e insondavel do firmamento.

Tambem nós, em creanças, não sabiamos quem era e o que era Victor Hugo,

...le poète farouche
L'homme devoir,
Le souffle des douleurs, la bouche
Du clairon noir,

como elle proprio se appellida na filigrana delicadissima das suas *Contemplações*.

Tambem nós, n'esse tempo, não haviamos ainda medido a estatura enorme do creador das *Folhas d'outono*, do cinzelador genial da rima, do forte e bondoso octogenario que não queria

...habiter la cité des vivants
Que dans une maison qu'une rumeur d'enfants
Fasse toujours vivante et folle.
....

Mas os nossos corações innocentes amavam-n'o já, como se ama, sob o ardor intenso do sol d'estio, a sombra d'uma arvore gigante em meio do descampado; admiravam-n'o, como se admira o espectaculo grandiosissimo da Natureza, sem se lhe comprehenderem os mysterios e os segredos.

E' d'esse amor infantil, pelo homem e pelo poeta, que se inspira hoje a nossa veneração pelo cadaver. Foi esse affecto respeitoso, nascido comnosco no berço, que produziu as nossas lagrimas choradas em face d'um tumulo.

*

E só de lagrimas deve ser feita, pela humanidade, a corôa deposta sobre o esquife modesto de Victor Hugo. De palavras e de flores, não, que as flores vivem uma aurora, e no vocabulario humano não se encontram palavras cujo brilhantismo chegue para coroar de luz a fronte incommensuravel do morto sempre vivo.

Colossos d'aquella estatura não se definem com uma phrase, nem se exaltam com um poema.

Traçar-lhe a biographia é coisa impossivel. Discutir-lhe a vida gloriosa e as obras immortaes, chegaria a ser um crime. Victor Hugo admira-se mas não se biographa nem se discute. Individualidades d'aquelle quilate, creadas por um decreto nominativo do Eterno, como disse Renan, assombram-nos o espirito e impõem-se á nossa veneração. Para fallar d'ellas, seria preciso sentir no cerebro a mesma centelha que allumiou em vida os seus cerebros potentes, e isso não é dado aos que rastejam na sombra, humildes e pequenos.

*

Basta dizer-se que elle morreu, e diz-se tudo. Basta registrar-se que a sua alma illuminada partiu, e que o seu rosto venerando e risonho, ainda infantil sob uma formosa aureola de cabellos brancos, estará d'aqui a pouco decomposto e transfigurado, como já hoje está livido e inerte.

Não foi a velhice que o matou: Victor Hugo parecia desafiar o tempo. Foi um accidente inesperado, uma lesão cardiaca, que veio roubal-o á França, ao mundo inteiro. A sua morte entristece-nos e surprehende-nos, como se o vissemos cair fulminado por ella em plena florescencia da mocidade, muito antes de ser pae, quando ainda não sonhava em ser avô

*

A mocidade! Como o poeta devia ter-se lembrado d'essa quadra gentil, no seu resvalar vagaroso e lento para o oceano de trevas do sepulchro!

*

Tinha apenas dois annos o nosso seculo, quando a mocidade de Victor Hugo começou a desabrochar n'um sorriso.

As acclamações e os gritos de guerra, d'envolta com o estrepito das armas, accordavam em toda a parte echos formidaveis. Os primeiros annos da *Creança sublime* fôram embalados pela grandiosa harmonia de todo esse fremito de gloria, que exaltava os corações e os cerebros, antes de se converter n'uma tempestade medonha.

Depois, tudo serenou: o tinir das espadas, os hymnos de triumpho, as imprecações do luto e da derrota. Fez-se um grande silencio, no meio do qual se modularam, em harmonias encantadoras, os sons maviosissimos d'uma voz juvenil, mais pura que o crystal, mais limpida que o ouro.

A creança predestinada attingia então, apenas, os limites da primeira adolescencia. Mas as abelhas do divino Platão pairavam já sobre os seus labios, e a França e a Europa, assombradas, batiam as mãos, exclamando: — Prodigio!

Jamais, com effeito, uma outra vocação revelou tão manifestamente a sua origem sublime. Jamais o selo do genio se imprimiu, d'aquelle modo, sobre uma fronte juvenil. Jamais uma palavra tão sonora ecoou aos nosso ouvidos, e estrophes tão sentidas e vibrantes ousaram brotar d'uns labios humanos.

O espirito da França e o espirito do seculo, a alma da natureza e a alma da humanidade haviam-se incarnado n'um ser d'eleição, e todos os olhares, e todos os corações se voltaram instinctivamente para elle.

Decorreram annos. Sempre de pé, sempre firme, sempre grandioso e inspirado, Victor Hugo dominava ainda ha pouco este seculo, no seu rapido declinar para o proximo occaso. Associavam-se n'elle, em maravilhoso accordo, o genio das raças antigas e o genio da raça franceza. Horacio não teve mais graça, Virgilio mais suavidade, Homero mais elevação. Nenhum outro, á imagem do seu capricho, soube forjar o rithmo rebelde, com mão tão habil e tão poderosa.

Victor Hugo restaurou o vigor adormecido da lingua franceza, imprimindo-lhe um brilhantismo incomparavel. Aquelle grande genio disse tudo, exprimiu tudo, e tudo cantou nas suas estrophes vibrantes. Não ha sentimentos da natureza humana que elle não penetrasse, virtudes que não exaltasse, alegrias que não celebrasse, chagas e dores que não tivesse consolado. As mil vozes da humanidade multiplicavam-se passando pelos seus labios, e espalhavam-se atravez do Immenso.

Ao despertar de cada aurora, como a esphinge da lenda, Victor Hugo fazia-nos ouvir um novo canto. A sua obra assemelhava-se a uma estatua gigantesca de puro metal, encimada por um facho de luz poderoso, que projecta sobre a terra brilhos resplendentes.

Victor Hugo, o Poeta, o primeiro depois de Gœthe, o segundo depois de Voltaire, era a bondade e a força; a gloria da França; o homem do nosso tempo; a illuminação do nosso seculo; o Mestre e o Pae!

O seu nome, que foi a adoração orgulhosa e enternecedora da nossa mocidade, depois de haver sido o objecto do culto da geração que nos precedeu, ficará querido entre todas as gerações vindouras, em quanto a lingua que elle illustrou fôr conhecida pelo mundo.

*
* *

Comprehendes bem, cara leitora, que eu não possa nem deva hoje engastar, no pequenino e modesto florão da minha pobre chronica, outro nome que não seja a do venerando auctor dos *Chatiments*, teu amigo dilecto, teu poeta querido, o poeta delicadissimo das mulheres e das creanças, o amigo devotado da humanidade.

Hoje, que elle vae entrar no Pantheon coberto de crepes, depois de ter entrado na tua alma envolto nas paginas brilhantes dos seus poemas, dos seus dramas e dos seus romances, seria uma profanação confundir, com este meu testemunho de respeito e de saudade, as notas alegres que me suscitariam o *compte rendu* da *Perola* de Marcellino de Mesquita, das corridas do andarilho Bargossi, e dos triumphos alcançados em Paris por Gabriel Claudio.

Deixemos que os funeraes passem, que os crepes do Arco do Triumpho se levantem, e que a França alivie o seu luto pesado. Depois afinaremos de novo o nosso bandolim de bohemio alegre, para cantar o mundo como elle deve ser cantado:—a rir.

Hoje não se ri nem se canta: pensa-se na Morte, e chora-se por Victor Hugo, pelo poeta cuja lyra tinha todas as cordas, pelo homem em cuja alma scintilavam todas as virtudes.

C. DANTAS.

Digitized by Google

O SEU RETRATO

Hei-de, novo Dirceu, pintar teu rosto
Na folha d'uma rosa desmaiada,
Com a tinta esbatida do sol posto,
Que só retrata esse intimo desgosto,
Que te faz padecer, ó minha amada!

E d'essa joia avaro e cautelloso,
Dentro d'um cofre a guardarei então...
E no fundo do seio tenebroso
Irei depol-o, o cofre precioso,
Que farei do meu triste coração!

A. DE C.

GARRETT E O SEU TEMPO

XXII

Não pretendemos agora analysar o genio de Castilho, nem sobretudo comparal-o com o dos seus dois illustres contemporaneos. E' singular que o sr. Gomes de Amorim o faça depois de ter condemnado elle proprio esse systema dos parallelos.

«Alguns escriptores, aliás dignos de estima pelo seu talento, escrevendo ácerca de Herculano, teem dito d'elle o que só póde dizer-se de Garrett. Affirmar, como se lê n'um livro recente, que entre Camões e Herculano não houve mais ninguem em Portugal que a esses dois possa comparar-se, é sacrificar a verdade e a justiça á admiração inconsciente...

«Herculano em parallelo com Camões é simplesmente absurdo. O sabio historiador nada tem que ver com o auctor dos *Lusiadas*; nem é preciso trajal-o com alheias galas para demonstrar-lhe a grandeza.»

E' curioso que o sr. Gomes de Amorim, notando o absurdo de comparar Camões e Herculano, caia, exactamente no mesmo capitulo e no mesmo paragrapho, em absurdo egual comparando Garrett e Herculano, Herculano e Castilho. Pois se cada um d'elles teve uma provincia differente em que governou sem contestação nem confrontos possiveis, para que ha de o sr. Gomes de Amorim teimar em fazer comparações impossiveis, só pelo prazer de deprimir homens eminentes para exaltar o seu idolo, que não precisa d'essa adoração fetichista para ser o que realmente é—um vulto sobrehumano?

São tão difficeis estas comparações, que até no mesmo ramo litterario é supremamente embaraçoso o fazel-as. Tomemos dois poetas eminentes: Camões e Gil Vicente. Qual foi maior? Camões, responde sem hesitação o sr. Gomes de Amorim. Pois sim! mas, se compararmos o *Auto de Ignez Pereira* com o *Filodemo*, encontramos de certo Camões n'uma inferioridade notavel.

Gloriemo-nos de ter tido no momento em que faziamos como os outros povos da Europa a nossa evolução ou antes a nossa revolução litteraria, tres homens que lhe representaram com uma superioridade admiravel os diversos aspectos. Herculano presidiu brilhantemente á renovação dos estudos historicos em Portugal, foi a um tempo o nosso Thierry, o nosso Guizot e o nosso Michelet; Garrett dirigiu com um brilhantismo e uma originalidade incontestavel a nossa resurreição litteraria nas suas variadas fórmas. Ninguem como elle soube arrancar do coração humano tão sentidas e tão profundas notas. Nunca subiu tão alto como nos seus versos a inspiração elegiaca. E, assim como ninguem bebeu a tão largos haustos nas fontes purissimas do sentimento, ninguem tambem soube mais graciosamente aproveitar as inspirações da musa popular. Essa fonte abandonada, que corria na espessura do matto agreste, obstruida pelas pedras de todas as ruinas, maculada com as folhas seccas do arvoredo intricado, ninguem a soube descobrir como elle, fazendo correr á luz do sol o seu purissimo veio, e mostrando ao mundo as mouras encantadas que se penteavam no seu limpido espelho, e os rouxinoes que descantavam nos ramos trémulos que sobre as suas aguas pendiam. O theatro ninguem o levantou a tamanha altura, e pela primeira vez, desde que existe litteratura portugueza, se sentiu passar na nossa scena o sopro shakespeariano que anima a linguagem do *Fr. Luiz de Sousa*. Ophelia teve em Maria uma irmã portugueza.

Castilho teve n'esta revolução litteraria um papel não menos proeminente. Foi um retardatario, diz-se, porque se obstinou por muito tempo em se conservar afferrado ás antigas fórmas, e porque por muito tempo combateu o romantismo incipiente. Illusão completa de quem vê as coisas só muito á superficie. A revolução litteraria do romantismo não foi, como muitos suppõem, a substituição do culto pelos classicos, pelo culto pelos trovadores e pelos menestreis, da adoração pelos deuses do Olympo pela adoração pelas fadas, da evocação da antiguidade pela evocação da edade media. Não! a revolução litteraria foi a revolução da verdade contra o convencionalismo, do sentimento verdadeiro contra o sentimento artificial. Ora, assim como Victor Hugo e Vigny zombaram do *Tancredo* e da *Zaira* e do *Bajazet* de Voltaire e de Racine e quizeram substituir a esses paladinos amaneirados e a esses turcos de pechisbeque os verdadeiros heroes da edade media e os verdadeiros orientaes, tambem Goethe quiz substituir a verdadeira antiguidade grega á antiguidade de cabelleira e rabicho que os poetas do tempo de Luiz XIV punham audaciosamente em scena.

A esta ultima phalange pertenceu Castilho, e, se, como acontece muitas vezes, não comprehendeu os que militavam no mesmo campo, porque pertenciam a outro exercito e arvoravam outra bandeira, nem por isso deixava de pelejar pelas mesmas idéas, e de atacar o mesmo inimigo.

André Chénier estava de certo bem longe de sympathisar com o romantismo que no seu tempo nem se presentia, e não se póde dizer que os seus idyllios gregos fossem os precursores das *Orientaes*. Apesar de ter nascido em Constantinopla, suppunha os pachás e os icoglans completamente indignos de figurarem com os seus nomes barbaros nos versos de um poeta que se respeitasse; comtudo foi incontestavelmenfe um dos precursores da revolução. Porque? Porque os seus idyllios são devéras gregos, e não parodias do grego como as pastoraes de Madame Deshoulierès ou de Bernis, porque os seus personagens são effectivamente as esculpturaes filhas da Grecia que serviram de modelo ás Venus de Praxiteles e ás Minervas de Phidias, e não as francezitas polvilhadas, com chapelinhos á Pamela, que serviam simplesmente de modelo ás pastoras convencionaes de Watteau e aos Cupidinhos de Boucher.

E' o que acontece com as poesias, *soi-disant* arcadicas, de Castilho. Que tem que ver com os pastores de Belmiro e com os Tircis de Quita, que nas margens do Tejo cantam o anniversario do marquez de Pombal, aquelle selvagem Narciso, que parece copiado de um baixo-relevo do Parthenon e aquelle plangente Echo, que sabe gravar na cortiça das arvores tão dolorosas queixas! Que tem que ver com as arrebicadas canções dos arcades aquelle hymno á Primavera tão exuherante de seiva e de ardor juvenil:

Vem, ó dona das Graças e flores,
volve ao mundo teu mago calor;
nos que fogem de amor gera amores,
nos que a amores se dão, cria amor.
.....
Tu és Venus e a Grecia delira
crendo-a filha do turbido mar!
Tu és Venus, e deusa da lyra!
cumpre á lyra teu nome exaltar.

E' certo que Antonio Feliciano de Castilho não tem aquella pureza e verdade de sentimento que arranca lagrimas aos corações menos accessiveis a ternuras. Não ha, nas suas obras, coisa que se pareça nem de longe com o *Camões*, nem com o *Fr. Luiz de Sousa*; mas quer isso dizer que lhe faltasse a inspiração genial, essa inspiração que sabe arrancar do fundo d'alma as notas grandiosas ou commoventes que inspiram ás turbas a paixão que inspira o poeta! Não, de certo. O que lhe faltou sempre foi a paixão que o inspirasse, e faltou-lhe porque era cego quasi de nascença, porque não teve por conseguinte a vida de affectos e de luctas que teem os outros; mas, quando uma idéa grande, a idéa da instrucção popular, o arrebatou ás regiões do enthusiasmo, quem póde desconhecer a grandeza d'essa inspiração, e a sublimidade dos versos em que traduziu o seu pensamento? Pois não são perfeitamente dignos de Victor Hugo esses versos, em que elle, dirigindo-se á imperatriz do Brazil, lhe dizia:

Escutai-me ó princeza; uma divida aos povos
jaz em aberto, immensa, antiga, universal.
E' tempo de ser paga; (urgem-n'o os fados novos)
paga: e o juro tambem que dobra o capital.

Esta divida enorme, em favor de oppressores,
desde a origem do mundo aggravada até nós,
hoje reivindicada em preces, em clamores,
ante os ceus odiosa, ante a justiça atroz!

é a luz do saber, o sol do mundo interno!
é o baptismo d'alma a que todos teem jús!
o chrisma, a eucharistia, o commungar fraterno!
o cumprimento, emfim, de um voto de Jesus.

Tenha embora o saber pobres, ricos, morgados,
como a riqueza os tem, como os tem o poder.
A harmonia geral pede tons variados.
No saber soffre graus, não parias no saber!

E o povo quasi todo é paria em toda a parte!
é Lazaro esfaimado aos pés do grão festim!
O engenho criador em vão seus dons disparte,
chove-os a imprensa em vão, dia e noite, e sem fim!

Ao povo nada chega entre tanta abundancia!
em tanta luz immerso, o povo nada vê!
Julga-se livre e é servo, adulto e jaz na infancia!
E' que o saber é tudo, e a multidão não lê.

Pois isto não é verdadeiramente grande! não é verdadeiramente sublime. Ainda que Castilho não fosse, como muitas vezes effectivamente não foi, senão um rhetorico de uma potencia genial e extraordinaria, teria sido grande. O *Times*, exaltando Victor Hugo

Digitized by Google

EXTRAVIADOS

Digitized by Google

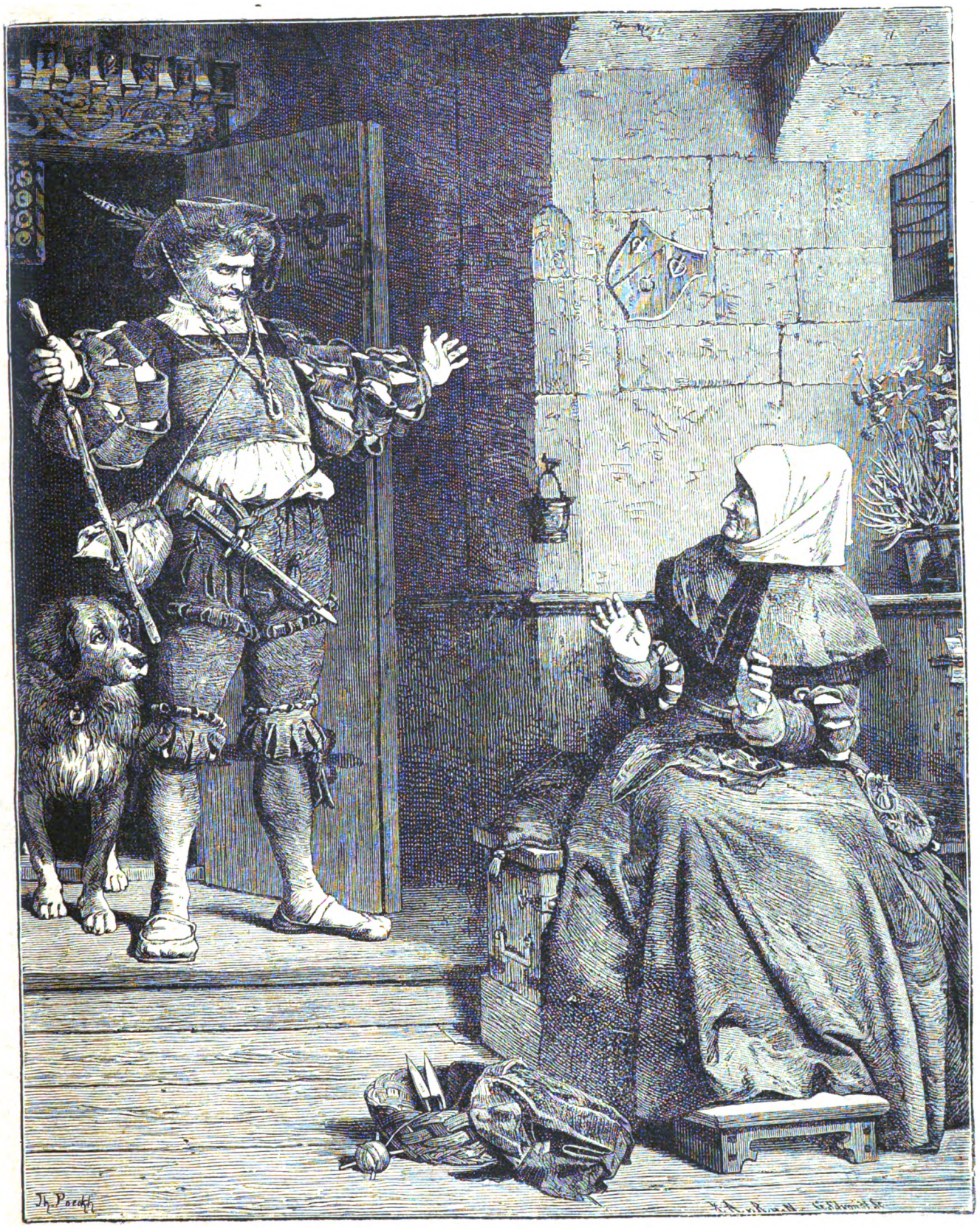
Digitized by Google

ABOLETADOS—HESPANHA, 1874

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google



A VOLTA AO CASTELLO

Digitized by Google

o mais possivel, diz comtudo que elle não foi senão *the greatest, the most magnificent of the rhetoricians.* O julgamento é falso, emquanto a nós, mas mostra bem que se não considera muito desprezivel a rhetorica quando chega a esta perfeição suprema. O homem, comtudo, que escreveu versos como os que transcrevemos, não era só um rhetorico; esses versos sairam-lhe evidentemente do fundo da alma abrazada pelo clarão de uma grande idéa.

PINHEIRO CHAGAS.

Se creio em ti, meu Deus! Pois quem ha posto
Lumes no céo e rosas na campina,
Na pedra o musgo, a relva na collina
E a fé nas almas cheias de desgosto?

Se creio em ti! Pois quem ha dado ao rosto
Da mulher dois pharoes de luz divina,
E á rocha a gotta d'agua crystallina
E a sombra aos dias calidos de agosto?

Se creio em ti, meu Deus... Quando eu, outr'ora,
Quiz meus olhos cerrar á luz da aurora,
Por que não visse pelo ar disperso

Tanto sonho d'amor, que em vão sonhára,
Lembrei-me, então, de quanto me ensinára
A voz de minha mãe, junto ao meu berço...

NARCISO DE LACERDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

ILHA DE S. THOMÉ — RUA DA ROSA

A rua da Rosa, partindo de uma extremidade da cidade de S. Thomé, vae acabar na ponte do Paço, que atravessa o rio Agua Grande; nada tem de notavel senão dar uma idéa do aspecto geral da cidade e das suas construcções. Na occasião em que a photographia foi tirada, achava-se na rua uma porção de serviçaes, acompanhados de empregados brancos, com as suas botas altas e os seus chapeus desabados, como andam na roça e se apresentam na cidade. Vem-se aqui typos caracteristicos dos costumes da terra; a preta, de lenço enrolado em volta da cabeça e airosamente embuçada no seu panno de riscado, um preto elegante, provavelmente empregado subalterno de roça, que se foi collocando na frente dos seus subordinados, para melhor dar nas vistas, com os seus collarinhos resplandecentes, e o seu casaco de côr alvadia, e descançando no inseparavel *cacete.*

EXTRAVIADOS

O porquinho e a sua bipede companheira perderam-se, pelos modos, no caminho, e aquelle parece estar perguntando á interessante creança, onde pára a sua corpolenta mãe e uns poucos de irmãos e irmãs que deseja ver de novo. E' provavel que a mãe não esteja muito contristada pelo desapparecimento do pequeno vagabundo, porque tem bastante com que se entreter, e além d'isso, occupa-lhe o pensamento um alguidar com semeas e batatas; mas a mãe da creança é que estará verdadeiramente anciosa e inquieta, e, quando encontrar a sua querida filha, ha de beijal-a e ralhar com ella alternadamente, como costumam fazer as boas mães.

A VOLTA AO CASTELLO

Passou-se aquillo em tempos muito remotos, como o attestam os trajes dos dois personagens do quadro.

O castellão, que por largos annos estivera ausente, volta aos seus penates, feliz e alegre.

Lá fóra, antes de transpôr os humbraes da vasta porta, o molosso fiel reconhecera-o. Cão e dono entram ao mesmo tempo, este abrindo os braços á velha esposa que não o esperava, e que não cabe em si d'espanto e alegria, aquelle gozando com o jubilo dos dois, n'uma attitude de quem parece querer dizer: — Cá está elle!

Que bello quadro e que expressivas physionomias aquellas!

ABOLETADOS — HESPANHA, 1874

As guerras civis brotam successivas do solo de Hespanha, como as ruins sementes que se propagam nos campos. O povo é sempre, e, por varias fórmas, victima das contendas dos senhores. Requisições, contribuições de guerra, aboletamentos, searas perdidas, sem fallar nas victimas das balas o dos fuzilamentos, tal é o quadro de vantagens que dá a uma nação o temperamento bellicoso, e o summario dos favores que ella deve ás ambições dos chefes e dos caudilhos.

E' o mais singelo d'esses inconvenientes que a nossa gravura representa. E' intimada a receber dois militares em sua casa, durante a guerra carlista, aquella pobre familia de sapateiro, n'uma aldeia da Catalunha.

Hospedes obrigados e armados são sempre desagradaveis; mas ao mandato do capitão general ou do governador militar não ha que retorquir. A pequena agarra-se ás saias da mãe, desconfiada com aquellas importunas visitas. Uma visinha espreita curiosamente aquella scena. A curiosidade dos visinhos, e principalmente das visinhas, é a mesma em toda a parte. O segundo militar, typo um tanto mourisco, que é frequente na peninsula, dispõe-se a fazer a côrte á espreitadora.

Todas as physionomias d'este quadro são bem estudadas e expressivas. Para Hespanha pode bem dizer-se que é um quadro de costumes.

UMA MOSCA IMPORTUNA

Em meio da brincadeira e da lambarice, quando estava no melhor da festa, pousou-lhe sobre o bracinho roliço uma mosca importuna.

Occupada em enxotar aquella desmancha-prazeres, que não quer largal-a, a pobre creança suspendeu os seus brinquedos e interrompeu o seu *menú.*

A mosca teimosa serve-lhe agora de passatempo, como logo lhe servirá um pardal que cante proximo, uma andorinha que entre pela janella, um nada que lhe desperte a attenção.

Felizes edades!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

M. H. P. S. DE CARVALHO.—Belem.—Pensaremos no assumpto a que v. ex.ª se refere. Por emquanto não está nada resolvido.

MIGUEL ROIZ DE LEMOS LOBO FREIRE PANTOJA.—Faro.—A substituição forçada de correspondente motivou a falta a que allude. Remediar-se-ha tudo a seu contento.

MATHEUS JUNIOR.—Parece-me que não tem rasão de queixa. Nem sempre, nem nunca. Fallaremos no proximo numero.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Grande vaso de papel—1—2.

Este animal vinte e quatro horas cantou a um defuncto—2—2.

Esta membrana serve para medir este instrumento—2—2.

A nota está no instrumento para desentoação—1—2.

Governa no Crato, em Aveiro e n'esta casa—1—1—2.

Belem M. H. PORTO-CARRERO SIMÕES DE CARVALHO.

E' pronome aqui, n'esta cidade—1—2.

Lamego. WLADIMIRO KROWSKOROFF.

EM VERSO

Nas bellas margens do Liz,
Tão bonitas e formosas,
Onde volita o aroma
Da madresilva e das rosas,
Que perfume tão fragrante
Se respira inebriante!—1

E' ahi que, contemplando
Os lindos raios da lua,
Suspira o peito arquejante,
Recordando a imagem tua!
E me vem a idéa fatua
De possuir tua estatua!—2

Porém, ao ver que não posso
Satisfazer meu desejo,
Nem, ao menos, ir depôr
N'esses labios um só beijo,
Oh! meu Deus! Que desalento!
Desisto do meu intento.

Digitized by Google

Divago então pelos bosques
A dissipar meu queixume,
Onde as urzes pequeninas
Exalam doce perfume,
P'ra ver se assim tu m'esqueces,
Mas lá mesmo me appareces.

L' iria. M. MONTEIRO JUNIOR.

E' meu destino correr,—1
Para a paz *d'este* gozar.—1
Lá nas grandes altitudes
E' que tenho o meu lugar.

(Ao habil charadista F. L. Méga, a quem o auctor offerece, como premio, o bonito romance *O escandalo*, caso a decifre no praso de 20 dias).

Se o vosso alvo e intento
é decifrar a charada,
de certo que o não consegue
sem a quarta ser trocada.—3

Compulse a mineralogia
se quer ver a derradeira;
sendo, porém, necessario
desprezar minha terceira.—2

Apesar de uma herva ser,
Um reptil deveis achar.
E agora, meu leitor,
vê se podes decifrar.

G. CAETANO.

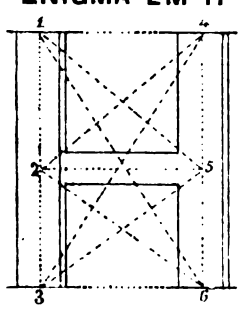
ADIVINHA POPULAR

Duas irmãs muito unidas,
Vivem mas sem que se casem;
O seu trabalho é fazerem
O que as más linguas nos fazem.

São agudas e valentes,
Têm em toda a parte entrada,
E são, por pobres e ricos,
Muitas vezes procuradas.

Aproveitam, desperdiçam
Tudo quanto vão fazer,
Pois que os dedos pelos olhos
Todos lhes querem metter.

ENIGMA EM H



Substituir por syllabas os algarismos 1, 2, 3, 4, 5 e 6, de modo que os algarismos 1, 2 e 3 formem uma palavra e os algarismos 4, 5 e 6 outra, podendo-se ler ainda outras palavras ligando os algarismos 1 a 4—2 a 5—3 a 6—1 a 2—2 a 3—4 a 5—5 a 6—1 a 5—2 a 4—2 a 6—3 a 5—1 a 6 e, finalmente, 3 a 4.

Porto. TRINDADE

LOGOGRIPHOS

Qual outro judeu errante,
Caminhando sem cessar,
Não pode a casa tornar
A terceira mais a quarta.

Sem segunda apoz a prima
Affirmo não sei viver,
Pois no burro do inglez
Um exemplo podem ver.

Primeira, terceira e quarta
E' velho, mais inda dura;
N'elle faz sua figura
O irmão, que se não farta.

Charadista, se juntar
Isto que tenho indicado,
Certo vaso ha de encontrar,
Na egreja muito usado.

COSTODIU SILVA.

EM ACROSTICO

(AO ex.mo sr. Eduardo Coquet)

1—2—5—4—3—6—7—5
2—6—4—8—7—8—5
3—6—8—4—8—6
4—10—6—1—10—7—8—5
5—7—8—6—10—5
6—3—4—5
7—10—9—8—2—6
8—6—6—8—7—8—5
9—10—4—3 6—2—10—5
10—4—5—6—6—3—9—8—5

} Nomes de homem.

O acrostico dá nome de mulher.

Porto. TRINDADE.

PROBLEMA

Um viajante parte d'um ponto e dirige-se para outro. Depois de ter caminhado durante algum tempo, reconhece que o caminho percorrido está para o que lhe falta andar, na relação, de 2:3; e depois de percorrer mais 8 kilometros, a relação d'aquellas distancias é egual a 6:5. Qual é a distancia dos dois pontos?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Alumno—Camacho—Santola—Anadia—Grandevo—Sape—Nevoeiro.
DA ADIVINHA POPULAR:—Cobra.
DO LOGOGRIPHO:—Ambrozia.
DO PROBLEMA:—$\frac{6^n - 1}{5}$ sendo n um n.º inteiro.

A RIR

Um coronel, que havia chegado áquelle posto tendo tido humilde origem, passava um dia revista aos soldados do seu regimento, e encontrando um com a camisa muito suja, disse-lhe:

—Como te atreves a apresentar-te assim? Quando eu era soldado, trazia sempre a roupa muito limpa.

—Tem v. ex.ª razão, meu coronel, responde o soldado: mas v. ex.ª não mette em linha de conta que a senhora sua mãe era lavadeira!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

As lagartas começam agora a fazer, nos jardins e hortejos, a sua obra de destruição. Para evitar isto, basta cobrir com folhas de sabugueiro as plantas que ellas devoram. Affastam-se immediatamente, e não tornam ali a apparecer.

A ESPERA DOS TOUROS

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Chegou quasi a ser tradicional em Lisboa a espera dos touros.

Aos sabbados havia na capital uma animação desusada, promovida por um publico especial, que adorava aquelle divertimento *sui generis*, synthese das grandes patuscadas dos estroinas de então.

Ir esperar os touros era o que hoje se chama, em linguagem plebéa, um *pagode de estalo*.

O mundo facil das peccadoras réles, dos fadistas emeritos, dos estravagantes notaveis, dos valdevinos, dos vadios, dos *borgas* e de toda uma sucia de rapazes estroinas e mulheres perdidas

Digitized by Google

mettia-se, ahi pelas tres da tarde, em trens especiaes, com cocheiros lirós, de calça de belbutina, bota de polimento, jaleco com alamares de prata, chapeu desabado de feltro branco e cinta vermelha, e, em corrida vertiginosa, mercê de vibrantes chicotadas applicadas nos lombos de desventuradas pilecas lazarentas, *batia* aquillo tudo para a Cruz do Taboado, primeira estação de comes e bebes, a predispor o espirito e o estomago para as grandes sensações da noite.

Ordinariamente o *menú* constava de bellas postas de peixe espada frito, salada de alface, azeitonas, vinho á *discrição*, laranjas e queijo saloio

Comia-se muito, bebia-se ainda mais, as guitarras gemiam desafinados acordes, cantadores celebres psalmeavam versos errados e ordinarios de sentimentaes oitavas de fado, discutiam-se assumptos ligeiros, trocavam-se ditos obscenos, as malhas do chinquilho vibravam metallicamente na terra, erguendo nuvens

UMA MOSCA IMPORTUNA

de poeira, dois faias *riscavam* n'um cumulo de pericia infame, as mulheres riam doidamente ou alardeavam a sua miserrima situação contando, em alta voz, scenas ridiculas de nojentas aventuras e avinhados galanteios, ás vezes alguns murros serviam de prato de resistencia, e não raro se ouvia o estalido secco da mola d'uma navalha, abrindo-se n'uma algibeira, traidora e covardemente.

Ao cahir da noite toda aquella multidão entre a qual chafurdavam alguns dos mais antigos brazões da nobreza portugueza, trocando o *tu* de confiança com o mais desprezivel cocheiro de praça, mettia-se nos trens, e lá iam, no meio d'uma algazarra infernal, replectos de vinho e de instinctos bestiaes, esperar o gado á Porcalhota.

A chusma augmentava com uma multidão, de cavalleiros, janotas uns, outros pelintras, hespanholas de grandes olhos negros e pés de creança, envoltas em longas mantilhas de seda branca ou chales de Tonkin, membros da *élite* e do *sport*, e alguns pandegos engraçados, montados em miseros jericos, que serviam de alvo aos motejos de toda aquella gente berradora e agitada.

Proximo da hora anciosamente esperada, o barulho decrescia de intensidade até as conversações se travarem a meia voz, e os ouvidos apuravam-se para recolherem o bater do primeiro chocalho

—Lá veem elles! gritava um engraçado, ao qual respondia uma voz forte

—Cala a bocca, bruto!

E então, uma gargalhada enorme, colossal, sahia d'aquellas trezentas gargantas, e os rostos avinhados dos boleeiros appareciam á luz das lanternas, accendendo os nauseabundos cigarros.

Finalmente sentia-se ao longe o tinir sonoro d'um chocalho.

Na semi-obscuridade d'aquella noite especial, viam-se erguer nos trens os vultos das mulheres, encostando-se tremulas e receiosas aos homens meio embriagados, com os chapeus cheios de pó descahidos sobre os olhos.

O ruido dos chocalhos augmentava, ouvia-se já distinctamente, e o silencio tornava-se profundo, a ponto de se poder distinguir o zumbido d'um mosquito.

A' luz avermelhada dos lampeões da estrada descortinava-se ao longe uma nuvem de poeira avançando rapida, como uma onda prodigiosa em mar revolto.

Todos se recolhiam aos trens, os cocheiros saltavam para as almofadas, os cavalleiros recuavam os cavallos, os peões subiam ás arvores, abriam-se as janellas das casas proximas, e, rapidos como um relampago, rodeados pelas chocas e pelos campinos, de focinho quasi de rojo, cheios de pó e de cansaço, soprando ruidosamente, cegos de colera por aquella corrida vertiginosa, passavam os bois.

Em seguida toda aquella alluvião de trens e de cavallos desfilava loucamente, em carreira fanthastica e febril, no encalço do gado.

Resoava então uma algazarra formidavel, augmentada pelo rodar dos trens; assobios d'um som agudissimo silvavam sem interrupção, durante o caminho, as mulheres batiam as palmas e riam desordenadamente; entoavam-se hymnos a Bacho e ao Amor, n'uma phraseologia de bordel puro, e o cortejo augmentava sempre de velocidade.

Subito estalavam no caminho algumas bombas, um dos bois rompia o circulo formado pelas chocas e desapparecia ao longe, em desenfreada carreira, seguido por um campino de meias altas, sapatos largos e pampilho em punho.

Todas as conversações se encaminhavam para as desgraças que o touro fugido iria occasionar na cidade, e ás duas horas da madrugada a chusma entrava na capital, despertando com o seu ruido e o seu delirio o somno socegado e tranquillo dos cidadãos pacificos.

Era raro quando a festa terminava sem terem havido algumas facadas, cabeças partidas, rodas despedaçadas, ciumes, arrufos, vinganças, e mil outras mesquinhas expressões das almas rudes da maioria d'aquella multidão, que só comprehendia uma pega de cara, um estomago á prova de odre e um *risco* dado com arte.

O tempo veio demonstrar, com a sua inexoravel sensatez, que as esperas dos touros eram tudo quanto de mais indigno e indecente podia ser concedido ás predilecções brutaes d'um publico sem illustração nem finura, que adorava as grandes commoções como os antigos romanos no Circo, perante as luctas sanguinarias dos homens lançados ás feras, e dos gladiadores.

Com as esperas dos touros morreram os fadistas celebres, os fidalgos esturdios, as rameiras pimponas, os guitarristas notaveis, e toda essa *troupe* inutil á sociedade, que tinha passado perfeitamente sem ella, *troupe* humana onde o bom gosto era um boi, e a civilisação um litro de vinho.

Ainda ha touradas em Lisboa; mas *touros*, na verdadeira acepção que esta palavra em tempos teve entre nós, acabaram-se—felizmente.

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno | Lisboa, 8 de junho de 1885 | Numero 50

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Lyras*, versos, por Antonio Fogaça.—*As nossas gravuras.—Em familia.—Um conselho por semana.—O sonho de Beatriz*, por Magalhães Fonseca.
GRAVURAS.—*Uma maxilla.—Um gaiato napolitano.—Boas amigas.—As conspiradoras.—Horas d'ocio.*

CHRONICA

Verdade, verdade eu não tenho nada que ver com o jantar dos senhores republicanos.

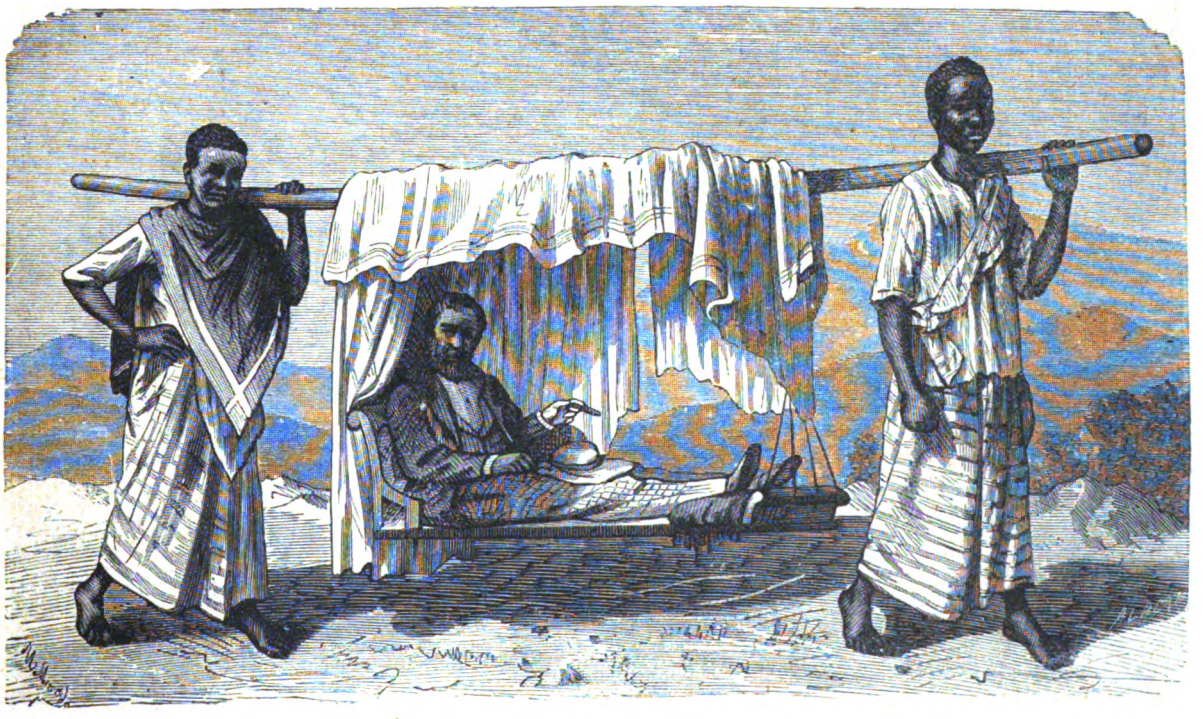
Jantaram? Pois fizeram elles muito bem.

Tout se fait en dinant dans le siècle ou nous sommes,
Et c'est par les diners qu'on gouverne les hommes.

O *Champagne* subiu-lhes porventura á cabeça? Não o sabemos, e se acaso subiu, deixal-o. Succede isso a muita gente boa. Houve rhetorica a rôdo, para solemnisar a libertação do sr. Magalhães Lima? Tanto melhor. A rhetorica é a expansão natural dos estomagos bem confortadinhos, e nunca por ella ha de vir mal ao mundo.

Desconfiemos sempre do sujeito que ficou silencioso e macambuzio depois do *toast*. Uma de duas: ou elle jantou mal, ou tem a alma negra e cerrada a todos os sentimentos do bem.

Eu adoro os rhetoricos, mesmo quando os vejo de barrete



UMA MAXILLA

Digitized by Google

phrygio. O que não faço é ir ouvil-os curiosamente, nos seus banquetes intimos e de festa, quer estes se realisem em qualquer *restaurant*, quer tenham logar na galeria do Colyseu, com Bairrada puro do sr. Albano Coutinho e musica do *Diamante Vermelho*.

O nosso indigena, abelhudo, nem sempre faz outro tanto, e pé-la-se por ir espreitar o proximo pelo buraco da fechadura, devassando-lhe o *ménage*, intromettendo-se nas suas patuscadas, procurando saber qual o vinho que elle bebe, os brindes que levanta, o ideal a que aspira, o santo que festeja.

Ora isto, sobre ser inconveniente, é malcreado. D'ahi, a intervenção da policia no caso, e uma serie de acontecimentos mais ou menos graves, que a imprensa registra sempre, condimentando-os com a malagueta picante da politica, exaggerando-lhes a importancia com phrases aterradoras de *cliché*.

Cada qual janta onde lhe apraz e como lhe apraz, saboreando o *dindon-truffé* dos *menús* principescos, ou ingerindo burguezmente o classico chispe com hervas das listas baratas.

Quem não foi convidado para o banquete não se metta na festa, que é incivil. Deixe-se a cada um a liberdade d'encher o estomago á vontade, e não vamos investigar se elle comeu arroz com a faca ou tomou neve com os dedos, como qualquer provinciano pacovio.

Houve quem se queixasse da policia, porque ella exorbitou, prendendo uns tantos curiosos recalcitrantes. Eu não me queixo de ninguem, e por uma simples rasão.—porque não metti o nariz na Avenida quando os amigos de Magalhães Lima se banqueteavam alegremente. Girei por outros lados, de camaradagem com o Bom-senso, e levando pela mão uma amiga dilecta que nunca me desampara—a Prudencia.

=E emquanto os senhores republicanos de cá, usando d'um direito legitimo e incontestavel, tomavam o Moka saboroso por brancas taças de Sévres, os republicanos da França, menos bem jantados, talvez, e muito mais rhetoricos, enviavam-nos os ultimos echos dos funeraes de Victor Hugo, o seu correligionario illustre, descreviam-nos as derradeiras scintillações d'aquella apotheose gigantesca, em que foi preciso expulsar a Deus d'um templo, para que outro Deus ali tivesse ingresso.

Ha quem chame aos funeraes do Mestre uma saturnal funebre, uma festa de doidos, como aquella por que começa o seu livro immortal, *Nôtre-Dame de Paris*. Sel-o-ia, mas foi, tambem, uma grande e imponente manifestação.

Doidos houve-os sempre e em toda a parte. De resto, as lagrimas por Victor Hugo são uma simples figura de rhetorica, e choram-se no papel, como todos os prantos que a morte d'um genio inspira e que não nascem d'uma dôr profundamente sentida.

Muitos dos que prepararam esses funeraes espectaculosos, misturando o tragico ao grotesco, e transformando um dia de luto em dia de festa theatral, foram impellidos áquillo pela vaidade, que é de todos os homens, e pela politica, que é de todos os tempos.

Choravam o morto? Não, porque os mortos rarissimas vezes são chorados, sobre tudo quando elles viveram quasi um seculo e tinham a sua missão já cumprida.

Grande parte dos que seguiram o cadaver de Victor Hugo ao Panthéon e dos que pernoitaram na praça da Estrella, ao lado do catafalco illuminado a luz electrica, não tinham visto nem lido o poeta. Conheciam-n'o simplesmente de nome, pelas noticias dos jornaes, pelas lendas formadas em volta do seu caixão, pelo que lhes contavam da sua vida, toda de antitheses e de contrastes.

Não era um enterro vulgar, e queriam vel-o. Não era um acontecimento de todos os dias, e desejavam, por isso, presenceal-o em todos os seus detalhes, tanto mais que, para assistir ao desfilar do cortejo incommensuravel e para ouvir o discurso enflorado de Emile Augier, não lhes exigiam bilhete pago, como no Ambigu ou no Circo d'Inverno.

Isso explica, em grande parte, a concorrencia extraordinaria aos funeraes do poeta, e a saturnal da praça da Estrella, a que alludem varias folhas francezas.

Talvez que as exequias de Victor Hugo deixassem de si uma recordação mais sentida e fossem realisadas entre mais verdadeiros prantos, se o miseravel carro dos pobres que conduziu o seu cadaver ao Panthéon brutalmente secularisado, mudasse de rumo no transito, e fosse ter ao cemiterio do Père Lachaise... Talvez...

Mas não façamos côro com os censores d'um erro, que não foi de Victor Hugo, e deixemos a chronica inteiramente limpa de recriminações serodias.

Para nós, o incomparavel artista da *Lenda dos Seculos* era um religioso, porque era um poeta. Tinha a religião do amor da familia, da patria, da humanidade, mas exercia-a a seu modo, ás vezes loucamente, porque a loucura é dos grandes genios, anda quasi sempre associada, n'um factor de mais ou menos importancia, aos talentos extraordinarios e colossaes.

Errou ás vezes? Authorisou com esses erros outros muitos que se commetteram em volta do seu cadaver irresponsavel? Pois esqueçamo-l'os nós, que bem bastam para lhes attenuar a grandeza as fulgurações d'aquelle famoso estro, e a tempera d'aquelle excellente coração.

Disse-se e escreveu-se ahi que Victor Hugo era d'uma avareza d'agiota. Torpe mentira. Ha mil factos que nos provam o contrario.

O poeta, não sabemos porquê, tinha grande predilecção pelos cocheiros de trens de praça e pelos conductores de omnibus.

Todos os annos enviava á companhia geral dos omnibus de Paris 500 francos, para os empregados de serviço em certas linhas que costumava percorrer.

Quando tomava uma carruagem de praça, tinha por habito pagar adiantado ao cocheiro, acrescentando ao preço do aluguel uma gorgeta avultada, e dizendo simplesmente:

—Leve-nos a passeiar por duas horas.

—Mas onde, meu senhor?

—Onde quizer.

Nunca fixava o itinerario, entregando-se á fanthasia dos conductores.

Os cocheiros—embora isto pareça inverosimil—recusavam-se a aceitar a paga do serviço feito.

Para os obrigar a recebel-a, Victor Hugo recorria a este expediense:

- Não quer dinheiro? Pois bem; não lhe dou nada para si, mas aqui estão vinte francos para distribuir pelos seus pobres.

*

Victor Hugo recebia todos os dias um numero infinito de cartas e de memoriaes, pedindo-lhe donativos para os indigentes.

Muitas vezes, os pedidos d'esmolas eram-lhe feitos pessoalmente, pelos necessitados, ou por damas do grande mundo, que se arvoravam em anjos da guarda da pobreza.

Um dia, certa condessinha obstinada installou-se na ante-camara do poeta, declarando que não sahiria d'ali sem Victor Hugo lhe ter dado alguma cousa para os seus protegidos.

A teimosa fidalga, não contente com isto, crivou Victor Hugo de recriminações e de injurias.

O poeta, revestido d'uma paciencia evangelica, enviou á turbulenta dama 20 francos, embrulhados n'um bilhete, onde se liam estes quatro versos:

Voici mon louis, comtesse,
Quoiqu'on puisse, en vérité,
Manquer à la charité
Qui manque de politesse.

*

E o seu espirito não era menor que a sua generosidade. Tinha sempre uma resposta prompta, um bom dito engatilhado, uma estrophe graciosissima suspensa dos labios.

Durante o cerco de Paris, offereceram-lhe um pastellão, que elle julgou confeccionado com carne de ratazanas, pela procedencia d'onde emanava.

Em todo o caso, Victor Hugo, para ser agradavel á pessoa que lhe offerecera aquelle mimo, glorificou-o com a seguinte quadra:

O mesdames les hétaïres,
A vos dépens je me nourris,
Moi qui mourrais de vos sourires,
Je vais vivre de vos souris.

*

Por aquella mesma epoca, tambem, o advogado Gagne, celebre manifestante do Obelisco, offereceu-se em holocausto ao apettite dos seus concidadãos. Em troca d'este sacrificio, só pedia a gloria de ser crucificado e depois decapitado por meio d'um apparelho da sua invenção.

Occupavam-se, á meza, d'estas insanias, que faziam esquecer por um momento tantas preoccupações dolorosas; e Victor Hugo, querendo imitar um tão bello exemplo, poz em verso a sua ultima vontade, na quadra que se segue:

Je légue au pays, non ma cendre,
Mais mon bifteck, morceau de roi...
Belles, si vous mangez de moi,
Vous verrez combien je suis tendre!

Todas as damas presentes abaixaram os olhos, é claro.

*

Roger de Beauvoir tinha no seu gabinete de trabalho um esqueleto magnifico, montado sobre um pedestal.

Victor Hugo foi um dia almoçar com Roger, examinou attentamente o esqueleto, e escreveu sobre o osso da omoplata esta sextilha:

Digitized by Google

Squelette, réponds-moi: Qu'as-tu fait de ton âme?
Flambeau, qu'as tu fait de ta flamme?
Cage déserte, qu'as-tu fait
De ton bel oiseau qui chantait?
Volcan, qu'as-tu fait de ta lave?
Qu'as-tu fait de ton maitre, esclave?

*

Victor Hugo era d'uma extrema delicadeza para com as mulheres, mas faltava-lhe *de monde*, como dizem os francezes. Não tinha maneiras.

No entanto, citam-se d'elle algumas phrases gentilissimas para o bello sexo.

Um dia apresentaram-lhe a viuva d'um homem que elle honrara com a sua estima.

Depois de ter conversado por largo tempo com ella, o Mestre disse-lhe:

—Seu marido era um celibatario rebelde antes de a conhecer. Agora, que acabo de vel-a, comprehendo que elle tivesse mudado d'opinião.

Poderia ainda narrar-te milhões de bons ditos do Avô sublime, se o espaço me não faltasse, e eu não me sentisse asphixiado por um calor d'agosto, suffocante e doentio, d'aquelles que causam vertigens e que convidam a espairecer pelas mattas do Bussaco.

Um sorvete de morangos e leite fazia agora as minhas delicias. Pois vou tomal-o.

C. Dantas.

GARRETT E O SEU TEMPO

XXIII

Ainda Castilho.

Lamentamos sinceramente que o sr. Gomes de Amorim, n'um livro serio e grave, se fizesse echo das banalidades que se diziam ácerca de Castilho, accusando-o de elogiar pela frente aquelles mesmos que depois retalhava pelas costas.

Conheci Castilho já no ultimo periodo da sua vida, quando estava esfriado o seu ardor militante, mas devo dizer que o achei sempre benevolo, mas sinceramente benevolo com todos os que o procuravam e consultavam. Se a sua cortezia e ao mesmo tempo a sua benevolencia o levavam a não desconsolar esses poetastros, que lhe mandavam versos, deve deduzir-se d'ahi que os queria incensar para os crivar depois de epigrammas? O sr. Gomes de Amorim, que nos apparece agora advogando a causa dos Alcestes, quantas vezes tem sido Philinto na sua vida? Queriam que Castilho fosse, como o «misanthropo» de Molière, declarando a Oronte que o seu soneto não presta, e que é muito melhor a canção de «*Ma mie, ó quél*» E quando Lamartine escrevia a todos os insignificantes que lhe mandavam versos: *Monsieur, vous êtes plus poëte que moi*, accusava-o alguem por ventura dos crimes que o sr. Gomes de Amorim attribue a Castilho? E Victor Hugo quantas cartas escreveu de felicitações a uns ineptos, de cujas producções elle de certo se riu com os seus amigos? E o proprio sr. Gomes de Amorim, repetimos, tem por acaso passado a sua vida a dizer a quem lhe vae ler um drama ou uma poesia: O senhor é um asno? Ou por acaso, quando fica depois na intimidade dos seus amigos, tenta convencel-os a serio de que o drama idiota que ouviu ler é uma obra prima?

Nunca pude comprehender que se julgasse que só Castilho é que tinha obrigação de ser de uma sinceridade absoluta com a gente litteraria que lhe ia pedir o voto, ou antes que lhe ia requestar os elogios. Quantos o apodariam de malcreado e de selvagem se elle respondesse á leitura dos seus versos com a critica que elles merecessem!

Mas se alguem o procurava devéras com o desejo sincero de receber d'elle conselho e ensinamento, encontrava-o prompto sempre a prodigalisar-lhe os thesouros do seu vastissimo saber e da sua critica. Bastantes vezes o experimentei. Perdeu horas commigo aquelle saudoso mestre, a indicar-me os defeitos dos meus versos, a aconselhar-me modificações, a obrigar-me a ler-lhe e a reler-lhe as insignificancias poeticas que eu escrevia, não para me dar louvor esteril, mas para me dar conselho proveitoso! E o que succedia commigo, repetia-se com innumeros!

A cada instante, na conversação intima, trocam-se epigrammas, que o proprio que os profere reconhece ás vezes que são profundamente injustos. Ninguem lança á conta da má indole do conversador estas flechas inoffensivas, que só tomavam um caracter odioso quando eram vibradas pelo visconde de Castilho. E' porque um epigramma de Castilho corria logo mundo, todos o queriam repetir, todos queriam dizer que lh'o tinham ouvido, e assim se lhe fazia uma reputação injustissima de maldade e de malevolencia.

Aquelles contra quem se dirigiam os epigrammas zangavam-se, e vingavam-se. Alguns de bom senso achavam graça sem lh'os levarem a mal. Ainda me lembro de um d'esses ditos perfeitamente inoffensivo, com o qual em nada se melindrou o cavalheiro a quem se dirigia, mas que chegou ao seu conhecimento pouco depois de ser proferido.

Tratava-se de se escolher presidente para uma sociedade qualquer, a que pertencia Castilho, e um general, que ainda hoje vive, muito conhecido e muito illustrado, lembrava para essa presidencia o sr. marquez de Ficalho. Castilho punha duvidas, allegando que as idéas do sr. marquez de Ficalho não eram bastante avançadas para que podesse presidir a uma sociedade em que se tratava sobretudo do progresso.

—Mas olhe que o marquez de Ficalho, dizia-lhe o general, é homem de idéas progressistas...

—Progressista, o marquez de Ficalho! responde Castilho de subito e com essa vivacidade comica que dava sempre tanto sal ao que elle dizia, progressista elle! Até o nome! Marquez de *Ficalho!* Se fosse marquez de *Anadilho!* mas marquez de Ficalho!

Nada tinha de offensivo este dito, mas se não fosse de Castilho, não teria corrido tão depressa como correu, nunca teria chegado aos ouvidos do sr. marquez de Ficalho, que, assim como lhe achou graça, podia ter-se zangado e contribuir para que se aggravasse a reputação de malevolencia de Castilho.

Pois o que posso affirmar é que nunca vi pessoa alguma tão prompta a inflammar-se de enthusiasmo pelas estreias brilhantes! Sempre me hei de lembrar de uma visita que elle me fez, quando se publicou a *Visão dos tempos* do sr. Theophilo Braga. Tinham-lh'a já lido, e elle, mettendo na algibeira o volume, procurou-me para eu a ler e ao mesmo tempo ler-lh'a para elle a ouvir de novo. Depois o sr. Theophilo Braga irritou-se porque Antonio Feliciano de Castilho mostrou menos sympathia pelas suas theorias do que mostrára pelos seus versos, accusou-o de querer estabelecer em Portugal uma theocracia litteraria, e de pretender esmagar os espiritos independentes, que se não curvavam a esse jugo. Foi essa uma injustiça absoluta e evidente. Pois Castilho vira por acaso no sr. Theophilo Braga um vassallo, quando lhe caiu nas mãos o seu livro? Tinha algum interesse em lh'o apregoar e em lh'o exaltar? Não, de certo. O sr. Theophilo Braga era para elle um desconhecido. Mal suppunha mesmo que o viria a conhecer, porque o sr. Theophilo Braga não vivia em Lisboa. E, apesar de tudo isso, acolheu-o com alvoroço, como ainda acolheu com enthusiasmo as *Tempestades sonoras*, fazendo apenas as suas restricções com relação ao prologo.

E quantas vezes se repetiu a respeito d'outros livros o que se déra com este! Castilho, nos ultimos annos da sua vida, em que difficilmente conseguia conciliar o somno, era bastante noctivago. Frequentemente eu sentia bater á porta a altas horas da noite! Era Castilho, sósinho, embrulhado na sua eterna capinha curta, com um manuscripto ou com um volume impresso debaixo do braço. O manuscripto era muitas vezes alguma das suas ultimas traducções: o *Fausto*, ou o *Sonho de uma noite de verão*, ou as *Georgicas*. O volume impresso era muitas vezes o ultimo livro de Camillo. Eu lia, elle escutava, e, quando vinha algum d'esses periodos engraçadissimos de Camillo Castello Branco, alguma d'aquellas rajadas de satyra implacavel, que tanto abundam nos livros do eminente romancista, Castilho ria com um jubilo indescriptivel.

Eu declaro, com toda a sinceridade da minha alma, ao sr. Gomes de Amorim: Nunca vi um escriptor que tão profundamente se enthusiasmasse pelas obras dos seus confrades, d'aquelles que apreciava e estimava, como Castilho. Adorava Camillo Castello Branco, não se fartava de ouvir Thomaz Ribeiro recitar-lhe os seus versos. E, quando me lembro das alegres noites passadas com aquelle pobre grande homem tão calumniado e insultado, quando me lembro dos seus ardentes enthusiasmos, dos seus benevolos conselhos, das francas expansões do seu espirito, mal posso comprehender como é que o sr. Gomes de Amorim tem a coragem de repetir accusações banaes, em vez de procurar informar-se da verdade com aquelles que conheceram e trataram Castilho.

Pinheiro Chagas.

LYRAS

Tu sabes o que era o mar
antes de andar agitado?...
Era um lago subjugado
da morbidez d'um olhar,
que o trazia apaixonado.

Porém um dia o luar,
que era a luz d'aquelle olhar,
não veio, como o costume,
apagar todo o ciume,
que andava dentro do mar.

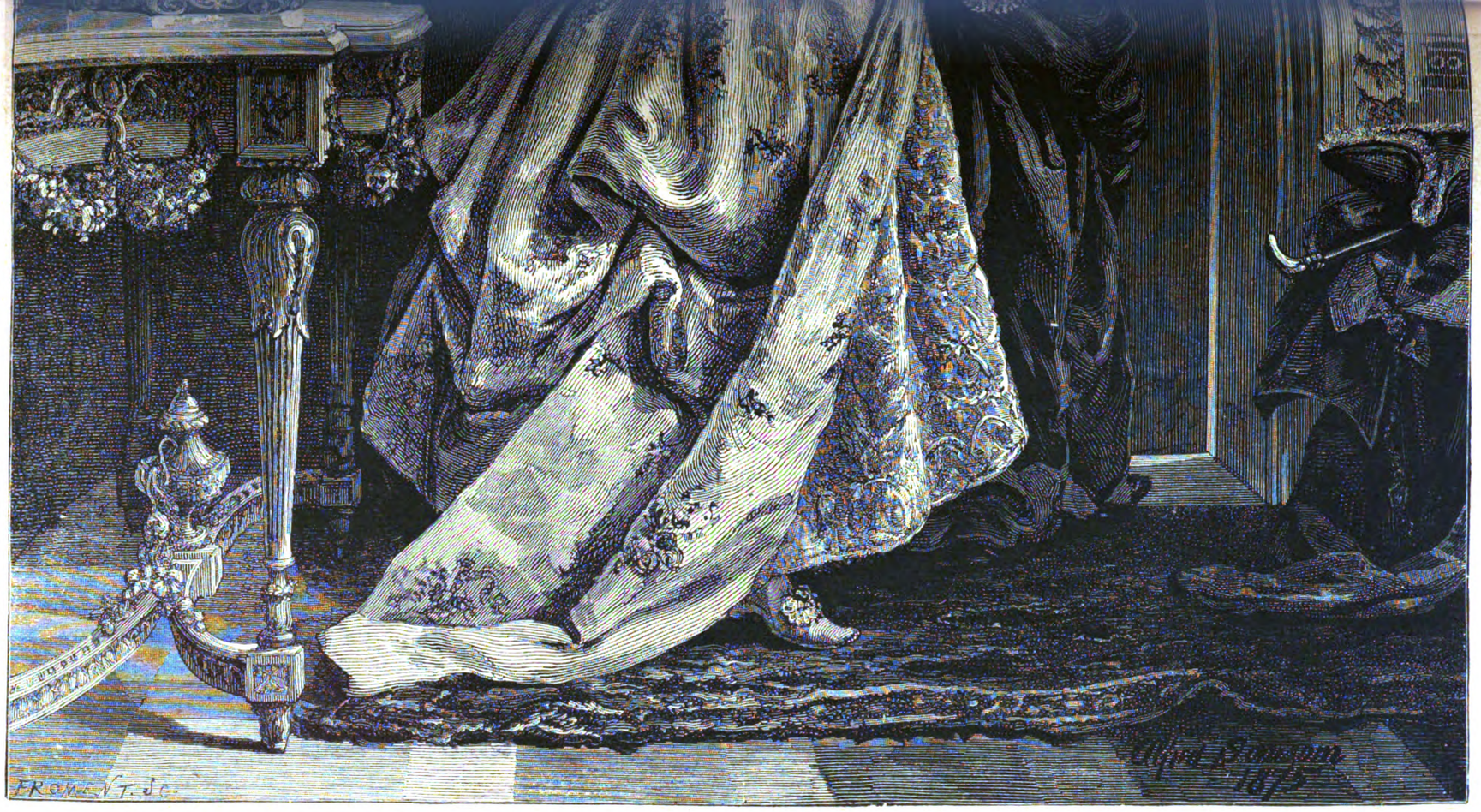
E esse abysmo, que não sondas,
foi então que embraveceu
e levantou para o ceu
as imprecações das ondas,
quando o luar se escondeu.

Digitized by Google

UM GAIATO NAPOLITANO

Digitized by Google

Digitized by Google



AS CONSPIRADORAS

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

BOAS AMIGAS

Digitized by Google

E nós, ouvindo-as passar,
cremos o mar um malvado;
e no entanto, o pobre mar
não me parece o culpado;
o culpado é aquelle olhar.

Assim, vendo essa tristeza,
que paira por sobre as aguas,
eu imagino, princeza,
que me endoidece com maguas
um olhar que me despreza...

Por isso, na grande lida
do meu caminho de abrolhos,
te peço, em voz dolorida,
que antes me tires a vida
do que me escondas teus olhos!...

Coimbra. ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA MAXILLA

A Africa, a Asia e a America são, por sua natureza, climas que convidam á indolencia, e a essa seductora preguiça de que Eugenio Sue nos deu uma tão completa amostra n'um dos seus lindissimos episodios dos *Peccados Mortaes*. Por isso, n'aquelles paizes, tudo está em harmonia com as suas condições climatericas. Nem podia deixar de ser; as caleches, os breaks, os dog-carts, os tilburys, perderiam ali toda a sua elegancia *faschionoble* da Europa, atravessando velozes um palmar, uma estrada orlada de embondeiros e bananeiras, ou percorrendo um *arimbo* ou *mossequé*, por entre cafezaes, gingubeiras e mandiocaes. Houve, porém, quem inventasse (não chegou ao nosso conhecimento o nome do inventor) um meio de locomoção em tudo apropriado á brisa suave do *Terral*, á intemperie do sol do meio dia, ao bafejar ameno da viração da tarde. Inventou-se a *maxilla*, a *tipoia*, o *palanquim* e a *rede*.

A *maxilla*, que hoje damos em estampa, é o meio de locomoção usado geralmente nas Africas Occidental e Oriental. E' facil a sua construcção; consta de um longo bordão de bambú, no qual se suspende um catre de palhinha ou estofado, com braços até um terço do seu comprimento, tendo sobranceiro um tampo de lona, branca ou pintada, com as competentes cortinas pendentes dos lados, para resguardar dos ardores do sol. Bastam apenas, para conduzir esta pequena machina, dois pretos, os quaes, carregando ao hombro as extremidades do bordão, caminham em passo compassado e egual, sem que o menor balanço incommode de forma alguma a pessoa que transportam.

Se a Africa fôra mais perto, estavamos quasi aconselhando aos nossos leitores uma viagem até lá, só para experimentarem a commodidade d'este meio de transporte.

UM GAIATO NAPOLITANO

Vive ao ar livre, pois n'um clima d'aquelles a casa é coisa superflua quasi. Com duas ou tres talhadas de melancia, debaixo do portico d'uma egreja, tem elle um jantar magnifico. Para o que não tem lá uma vocação muito decidida é para trabalhar; mas se acontecer, por estar a segurar um cavallo ou por limpar o bote d'algum pescador, que apanhe uma pequena esportula, elle ahi vae comprar maccaroni, e julga-se mais feliz do que um rei. Ver passar uma procissão é para elle um grande regosijo; ver desfilar um regimento serve-lhe de assumpto de conversação para todo o dia. Nada como um peixe, mas não haja medo que elle se deite á agua sem o bentinho ao pescoço. Andam pelas ruas aos bandos, ás vezes, agarrando-se uns aos outros pelas mãos, mergulhando na agua, cantando, saltando e divertindo-se com uma alegria unica. Ao fundo da scena vê-se o Vesuvio com o seu penacho de fumo. Assim se cria o gaiato de Napoles e assim se desenvolve. E' d'ali que sae o *lazzaroni*, que passa a vida deitado ao sol no inverno, e á sombra, no verão. Segurar cavallos, fumar cachimbo, comer macarroni, batatas e peixe frito, estendido ao sol, eis para que o homem nasceu.

E' fazendo isto que o gaiato napolitano da nossa estampa atravessa a existencia, sem lhe chegarem maiores males que aos outros homens.

BOAS AMIGAS

Boas e inseparaveis.

Nunca tiveram ciumes uma da outra, nunca se agastaram por um instante que fosse.

Para onde vae a pequena, corre logo ligeiro o animalsinho, meneando alegremente a cauda, fazendo ouvir o tlim-tlim sonoro do seu chocalho.

Animal e dona completam-se: nenhuma d'ellas pode viver sem a outra: fazem-se caricias reciprocas, amimam-se como duas irmãs muito amigas, beijam-se como duas companheiras muito leaes.

E' pela mão da affectuosa dona que a boa cabrinha come a herva mais fresca dos prados. E' ainda a mão d'ella que lhe enfeita a cabeça de flores campezinas, nos longos passeios da tarde, quando ambas saltitam por montes e valles, correndo estouvadamente ao desafio.

Se fossem duas filhas d'Eva talvez que se não amassem tanto.

AS CONSPIRADORAS

Pelo que vemos ali, pode-se conspirar estando-se bem vestido e de manga curta; já se vê, se o conspirador pertencer ao bello sexo.

De que natureza é o conluio não poderemos nós dizer, mas parece que aquella carta constitue um dos principaes elementos da conspiração, e que o melhor do caso vae passar-se na alcova que uma das conspiradoras vae abrir.

HORAS D'OCIO

Digam-nos se aquella cara não está denunciando um philosopho, um d'estes sujeitos que passam a vida a rir-se, lá por dentro, dos ridiculos da humanidade!

Nas horas d'ocio vae postar-se, sósinho, á meza d'um café barato; assenta as *cangalhas* no nariz adunco; lê a gazeta mais noticiosa do dia, commentando de si para si, com risinhos de mofa, as *blagues* da politica, rega todas estas cogitações com cerveja ou bebidas de guerra, e cachimba.

Agora está elle saboreando, entre o tabaco e a genebra, o *compte rendu* d'uma sessão parlamentar, com o olho direito meio fechado e uns ares de quem não toma a serio o que diz a folha.

De vez em quando, ao cabo da leitura e das libações, ouve-se-lhe esta phrase, que sinthetisa todos os juizos formulados pelo povo acerca da politica:

—Bem me fio eu n'elles! Tão bons são uns como outros!

Philosopho, mas verdadeiro.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

WLADIMIRO ALEXIS.—Lamego.—Para responder a todas as cartas que nos são dirigidas, seria preciso termos um ou dois secretarios.

Imagina lá! Ha dias em que ellas chegam ás dezenas, e algumas são indecifraveis.

Responde-se quando e quanto se pode, e áquillo a que se deve responder.

J. A. V.—Vizeu.—Desde a apresentação do nosso programma, ficou sabido que a *Illustração* não é um jornal d'actualidades nem publica os retratos das Marias Eugenias.

Para isso lá estão as folhas diarias illustradas.

Parece-nos que v. ex.ª exige muito d'uma publicação, que custa *apenas trinta réis* por numero.

E' mister subordinar as exigencias ao preço.

EURO.—Porto.—Recebemos e publicaremos.

ERNESTO D'ALMEIDA HENRIQUES.—Não nos chegou ás mãos.

PEQUENO ANTONINHO.—Francamente, não percebemos a sua charada *Brazil*, como não temos percebido outras.

UM ASSIGNANTE.—Lisboa.—Nem todas as charadas que nos enviam são dignas de publicidade. Talvez as de v. ex.ª pertençam ao numero.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

(Ao sr. João Ferreira d'Almeida, de Lamego, a quem o author offerece o primeiro trimestre da *Illustração Portugueza*, caso as decifre)

Esta vogal nota n'esta medida um instrumento—1—1—2.

Este sal e esta medida é um instrumento —3 - 2.

Esta serpente não é velha e vôa - 2—2.

Eh! Homem! Oh! Homem! Venha cá, homem!—1—1.

Arneiroz. PERPETUA.

DECAPITADAS

Logo que o paquete ancorou em Aden, desembarquei com o meu —, e á maneira que me ia aproximando da praia, augmentava a minha admiração, por ver um terreno tão —. Depois de

Digitized by Google

ter —, á minha vontade, dos typos que ali se encontram, voltámos por uma rua bastante medonha, que me fez arrepender de ali ter —. Quando chegámos ao caes, vi uma mulher em completo estado de embriaguez, que me provocou — por vêr — povo rir da sua miseria.

Encontrei o nosso amigo — fazendo a côrte á formosa — da Marqueza C., quando ella — subindo — calçada do Livramento.

Elvas. A. J. N. S.

ENIGMATICAS

Minha segunda—2
Tem a primeira—2
Não é verdade,
Por ser asneira.

N'esta primeira—3
Segunda habita—1
E' animal,
Não acredita?

Faro. DOMINÓ BRANCO.

LOGOGRIPHO

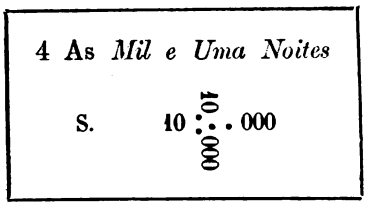
(A Francisco de Paula Azevedo Junior)

A esta bella rainha—3—4—1—9
Este animal pertenceu—5—8—9
E na dextra sempre teve—3—2—1—9
Um peixe que ella temeu—7—6—5—8—9

Se quem se diz nosso amigo
A podesse possuir,
Nunca, nunca a um sacrificio
O veriamos fugir.

Torres Vedras. DEUCALIÃO.

ENIGMA



Arneiroz. PERPETUA.

PROBLEMA

Dezoito amigos acham-se n'um banquete. Um d'elles levanta um brinde, depois do qual cada um dos convivas toca o seu copo, uma só vez, no de cada um dos outros. Pergunta-se o numero de vezes que os copos se tocaram.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Mortalha—Monodia—Septometro—Fabordão—Reitoria—Meca—Arbusto—Polar.

DA ADIVINHA POPULAR:—Thesoura.

DO ENIGMA EM H:—(Macaco, Lamacho, Mala, Cama, Cocho, Maca, Caco, Lama, Macho, Mama, Cala, Cacho, Coma, Macho, Cola).

DOS LOGOGRIPHOS:—Cibcrio—(Leopoldo, Elpidio, Olipio, Palladio, Odilão, Lopo, Daniel, Illidio, Napoleão, Apollonio.)

DO PROBLEMA:—55 kilometros.

*

Não damos a decifração da charada posta a premio no numero anterior, por não terem ainda decorrido os vinte dias prescriptos.

A RIR

Certo author dramatico encontra um dos seus amigos, com dôres gastralgicas, e diz-lhe:

—Queres vir hoje ver representar a minha peça?

—Não posso. Ainda não jantei.

—Tens tempo; o espectaculo só começa d'aqui a hora e meia...

—E' impossivel. O medico prohibiu-me que dormisse antes de ter feito a digestão.

*

Calino indigna-se com as experiencias feitas sobre os condemnados á morte, em França

—E' abominavel! diz elle. Depois da expiação, o criminoso pagou a sua divida. Devem deixal-o em paz!

—Mas as experiencias?

—Que as façam sobre os vivos!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Faz um calor excessivo? Pois soffre-o como poderes, gentilissima leitora, e não abuses do leque, que produz correntes d'ar frio, cujos effeitos são prejudicialissimos.

A carie dos dentes e as nevralgias faciaes são, as mais das vezes, provocadas por elle.

Talvez não soubesses isto? Pois fica-o sabendo, e desconfia do leque traiçoeiro.

O SONHO DE BEATRIZ

(IMITAÇÃO)

Havia tres annos que ella casára.

Descendente de uma familia illustre, mas em completa decadencia de fortuna, Beatriz unira o seu destino ao do primeiro homem que lhe offerecera, a par de um nome immaculado, os confortos e regalos da abastança.

O marido, muito mais velho do que ella, não era um romantico, um apaixonado, um idealista: era simplesmente um homem honesto e trabalhador, que encarava a vida pelo prisma da realidade, e que todo se absorvia no trato dos importantes negocios da sua casa. Comtudo amava-a, e ella retribuia-lhe esse amor com uma affeição muito sincera e muito respeitosa; mas teria preferido viver com elle como uma irmã, sem essas intimidades forçadas do matrimonio, e limitando a expansão do mutuo affecto, que os ligava, aos castos beijos, que são as caricias dilectas das almas candidas.

Era feliz? Nem ella mesma o saberia dizer.

N'aquelle recanto ignorado da provincia, no convivio bucolico das arvores que lhe rodeavam a casa e das avesinhas que a deleitavam com os seus gorgeios melodiosos, a vida decorria-lhe na mais invejavel tranquillidade. A's vezes, porém, sentia saudades da capital, uma nostalgia profunda da vida buliçosa e irrequieta, movimentada e alegre, cheia de brilhantismo e de prazeres, de seducções e de attractivos... E o espirito concentrava-se-lhe então n'esse foco luminoso, que a attrahia como a chamma attrahe a borboleta incauta, e que tão singularmente contrastava com a fatigante monotonia do viver patriarchal da provincia.

O inverno d'esse anno annunciára-se com desusado rigor. Em outubro já o frio era intenso, e de manhã os campos appareciam envoltos n'uma densa neblina, pardacenta e humida, d'entre a qual os vultos esguios das arvores, despidas de folhagem, emergiam como cadaveres hirtos boiando n'um grande lago de aguas estagnadas.

O campo assim é de uma melancholia abominavel.

Beatriz começou a sentir-se triste, abatida de corpo e de espirito. Ao mesmo tempo assaltou-a uma tosse secca e persistente. O medico aconselhou-a a que viesse passar a Lisboa os mezes de inverno, e sobretudo a que se distrahisse; e ella, acceitando do melhor grado o conselho, disse adeus ao seu lar tranquillo, áquella paisagem agreste e arida, e a seu marido, que lamentava não poder acompanhal-a, preso como estava pelos negocios da lavoura.

Tres dias depois achava-se na capital, onde tinha parentes.

Rica e formosa, relacionada, pela sua nobre estirpe e pela grande fortuna de seu marido, com as principaes familias representantes da aristocracia do sangue e do dinheiro, Beatriz desde logo se viu engolfada n'esse turbilhão festivo e ruidoso em que revoluteia tudo que ha de mais distincto na vida elegante. Succediam-se sem interrupção os bailes, os jantares, as *soirées*, todas as diversões, todos os passatempos emfim, que a capital offerece; e ella, aspirando a longos haustos essa atmosphera embriagante, cheia de aromas voluptuosos, como que se sentia reviver.

Dissipou-se-lhe a melancholia, tornou-se jovial e expansiva, e perdeu inteiramente as maneiras indecisas e timidas que adquirira no isolamento forçado da vida provinciana. Os homens cortejavam-n'a, e os seus galanteios divertiam-n'a. Era bastante virtuosa para lhes saber resistir, e além d'isso sentia-se desgostosa do amor, e repugnavam-lhe profundamente as suas grosseiras materialidades, que chegava a considerar aviltantes para a mulher. Agradavam-lhe, porém, as fervorosas homenagens que lhe rendiam, as attenciosas amabilidades de que era alvo, a intensidade de desejos, que ella não partilhava, manifestada na eloquente insistencia dos olhares, as declarações amorosas, balbuciadas em

Digitized by Google

segredo, ao perpassar no redemoinho estonteador da valsa... e tudo isso, deixando-lhe o coração impassivel e o sangue tranquillo e frio, lisongeava, comtudo, a sua inconsciente *coquetterie*, e a sua natural vaidade de mulher bonita, a quem são devidas as adorações.

Tinha ás vezes gargalhadas desdenhosas e sarcasticas, que gelavam as phrases mais ardentes, palavras severas, que cahiam como um jacto de agua fria sobre os protestos mais apaixonados, gestos de uma altiva sobranceria, que impunham silencio aos que mais perdidamente a amavam.

Entre estes havia dois, que a perseguiam com extraordinaria obstinação. Um d'elles era Paulo de Lemos—um rapaz elegante e distincto, um verdadeiro leão do *sport*, cheio de atrevimento e de petulancia, e que não conhecia obstaculos quando se tratava de aventuras galantes. Sabia esperar e escolher as occasiões opportunas. O outro—Raul de Castro—era um poeta, um bardo idealista, de olhos azues e cabellos louros, cheio de lyrismo e de timidez, que tremia ao approximar-se d'ella, e que apenas usava

HORAS D'OCIO

manifestar a sua paixão por vagos e indecisos olhares e pela assiduidade com que a seguia constantemente. Era uma especie de escravo, acorrentado ao prestigio fatal d'aquella belleza dominadora e altiva.

Beatriz não o amava, e se lhe dissessem que ainda o viria a amar, teria rido desdenhosamente.

E comtudo amou-o, por um modo bem singular.

Como o via constantemente, habituára-se á sua voz, ao seu gesto, á sua presença, como todos se habituam áquelles com quem por longo tempo convivem.

Muitas vezes a imagem de Raul lhe apparecia em sonhos; via-o tal qual elle era na realidade—meigo, attencioso, humildemente apaixonado,—e, despertando, sob a impressão d'esses sonhos, julgava ainda ouvil-o e sentil-o junto de si. Ora uma noite, em que a dominava, talvez, a febre, viu-se só com elle, n'um bosquesinho de arvores copadas, assentados ambos sobre a relva, á beira de um regato crystalino.

Elle, apertando-lhe e beijando-lhe as pequeninas mãos, dizia-lhe palavras caricicosas, phrases cheias de sentimento e de doçura: ella, sentindo-lhe o halito brando, e o tepido contacto da epiderme, affagava-lhe de um modo naturalissimo os louros e ondeados cabellos.

Sonhando, somos inteiramente outros do que somos na vida real. Era isto o que succedia com Beatriz, que se sentia ditosa de o ter junto de si, e de o estreitar contra o peito nos suavissimos amplexos de uma ternura calma e profunda.

Pouco a pouco, elle foi-a enlaçando nos braços, e beijava-lhe as faces e os olhos, sem que ella fizesse o minimo esforço para lhe resistir; os seus labios, por fim, encontraram-se, e ella entregou-se-lhe, na suprema embriaguez d'esses extases sobrehumanos que a realidade não tem.

Acordou desvairada, tremula, delirante e, sempre obsediada pela imagem de Raul, não poude adormecer de novo.

Quando o tornou a ver affluiu-lhe ás faces uma intensa vermelhidão, e emquanto elle lhe fallava timidamente do seu amor, ella recordava-se d'aquelle sonho delicioso, sem que podesse affastar de si um tal pensamento.

Então amou-o, com um amor ardente e sensual, com uma ternura requintada e voluptuosa, nascida sobretudo da recordação d'esse sonho; e receiando que a perdesse a tentação peccaminosa que na sua alma acordara, confessou-lhe tudo, disse-lhe o medo que tinha d'elle, e obrigou-o a jurar que a respeitaria.

De facto respeitou-a.

Passavam juntos longas horas, deixando livrar as almas nas azas do amor exaltado que os prendia, e apenas os seus labios se uniam por vezes na doce caricia de um prolongado beijo.

Beatriz, porém, começou a comprehender que não poderia resistir por muito tempo. A lembrança d'aquelle sonho era o abysmo que a attrahia. Evitava por isso, quanto possivel, todas as occasiões de estar a sós com Raul.

Comtudo, uma tarde que elles tinham passado no mutuo enlevo apaixonado e casto de uma das suas entrevistas, Beatriz separou-se do amante mais do que nunca dominada por uma languidez febril. Tinha a respiração alterosa, e o seio fremente agitava-se-lhe em descompassado alvoroço. Quando voltou do jardim era quasi noite. Na sala, immersa ainda na luz diffusa do crepusculo, esperava-a o seu outro adorador—Paulo de Lemos. Elle apertou-lhe a mão, que escaldava, e sentando-se ao seu lado, entrou a fallar-lhe a meia voz, cheio de meiguice e de ternura, embalando-a no rythmo harmonioso das suas apaixonadas palavras. Beatriz escutava-o sem responder, pensando em Raul, julgando ouvil-o, dominada por uma especie de allucinação. Não o via senão a elle, não se recordava que existisse no mundo outro homem, e aquellas palavras de amor que lhe murmuravam ao ouvido, era elle que as proferia, era elle que a apertava contra o peito e a cobria de beijos, era a elle que ella escutava, que ella chamava nos ardentes transportes da paixão!...

Quando acordou d'este sonho soltou um grito terrivel. Paulo de Lemos estava de joelhos a seus pés, cobrindo-lhe de beijos os longos cabellos soltos. Cheia de desespero, com a voz quasi estrangulada na garganta, poude apenas exclamar, apontando-lhe para a porta com um gesto de desprezo:

—Retire-se!

E como elle se erguesse estupefacto, sem nada comprehender, tornou-lhe:

—O senhor é um infame! Odeio-o e intimo-o a que se retire d'aqui immediatamente!

No dia seguinte voltou para a sua casa da provincia. O marido censurou-lhe a imprudencia de um tal regresso ainda em pleno inverno. Beatriz desculpou-se, protestando que não podia viver por mais tempo longe d'elle...

Vinha mais pallida e mais triste, e quando o marido inquiria a causa do seu abatimento e do seu desgosto, ella respondia-lhe:

—Isto não é nada... E depois, commovida e a meia voz, accrescentava:—Na vida só ha uma coisa verdadeiramente boa—sonhar!

MAGALHÃES FONSECA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno — Lisboa, 15 de junho de 1885 — Numero 51

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thoma Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*A Luiz de Camões*, soneto, por Abel Xavier Teixeira de Magalhães.—*As nossas gravuras.—Em familia.—Um conselho por semana.—A praça da Figueira*, por Alfredo Gallis.
GRAVURAS.—*Palacio do governador em Dilly (Timor).—No cemiterio da aldeia.—A despedida.—Um coelho só!—Imprensa Nacional de Lisboa.*

CHRONICA

Virá o cholera? Ficar-se-ha por Hespanha? Não sei.

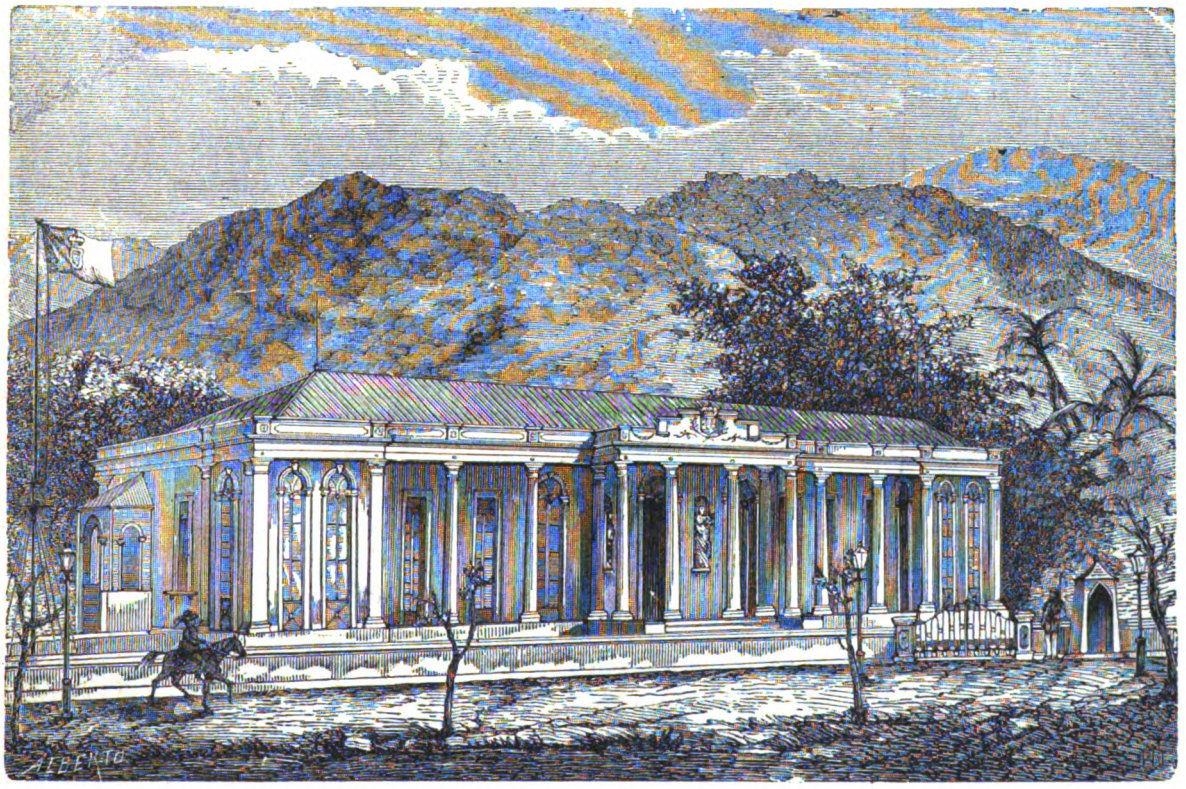
Eu deito-me á ventura, e espero-o com a serenidade imperturbavel d'um justo, que já fez exame de consciencia e tem a malas preparadas para a eterna viagem.

Tremer, não tremo; fugir, não fujo, que o fugir e o tremer é dos fracos. Aguardo-o de frente, e sinto-me até capaz de lhe fazer uma pega de cara, transgridindo as posturas policiaes.

Pois é claro.

Depois, eu já vi o microbio de perto, a tripudiar em volta do meu berço. Conheço-o; é minha visita; aspirei-lhe na meninice as emanações lethaes; assisti, de sorriso infantil nos labios, ás suas proezas rocambolianas; vi baquear, junto de mim, ao mandato imperativo do monstro, grande nnmero de valentes.

Ora, quando elle não conseguiu apavorar-me no seu giro satanico em de redor do meu berço, é evidente que não me fará



PALACIO DO GOVERNADOR EM DILLY (TIMOR)

Digitized by Google

tremer quando já estou de pés para a cova, affeito a todos os vendavaes da vida.

E perdoe-se-me uma infantilidade ingenua: eu chego a não lhe ter odio. Por mais que queira não posso arrancar aos bicos da penna adjectivos acerados como laminas de Toledo, e brandil-os contra aquelle inimigo feroz da humanidade.

Será reconhecimento? Será que o vejo atravez um prisma luminoso, muito menos mau do que o pintam, muito menos feio do que o imaginam?

Talvez.

Podia matar-me e não quiz: poupou-me a vida. Quem sabe mesmo se elle teve a gentileza de embalar os meus somnos de creança com as suas soporiferas canções asiaticas, e se me presenteou com alguns *bonbons* trazidos das margens do Ganges? Tudo póde ser.

O caso é que o não temo. Se vier, veio, e se não vier, passe lá muito bem sem mim por Hespanha, veraneando alegremente desde Madrid até Valencia, desde o Buen Retiro até ao Grao.

Francamente, seria de mau gosto ultrapassar a fronteira e metter-nos o nariz em casa. Isto aqui não tem que ver: é um burgo podre, uma miseria. As nossas mulheres—perdoa-me, leitora—não podem competir em elegancia fidalga com as madrilenas *d'élite*, nem em desenvoltura *salerosa* com as valencianas de primeira agua. Os nossos oradores parlamentares não teem a eloquencia pujante de Castellar nem o verbo lamartiniano e enflorado de Segismundo Moret.

Fica-te por lá, meu caro microbio; escuta a prosa inflammada de Sagasta, que não é positivamente a do sr. Braamcamp, e mira-me bem essas Lolas de Madrid, que nós só costumamos importar quando já estão na decadencia, gastas e enfermas, com a corôa de flor de larangeira completamente murcha e amachucada.

Visitar-nos? Para que? Pensas acaso divertir-te, gozar entre nós umas distracções paradisiacas, viver vida de principe, sentir nas tuas carnes as caricias quentes d'alguma Pepa em primeira mão?

Pois não sentiste!

Isto por cá está morto; não tinhas aqui nada que fazer.

Os theatros fecharam. O Colyseu trancou as portas no melhor da festa, fazendo-nos a enganosa promessa d'um *Roberto* que não chegou a ser cantado. O Rubis foi assentar praça no exercito italiano. O Guardenti exhibe-se nos palcos de feira, d'onde nunca devera ter sahido. A *diva* Martinez canta o *Trovador*, com os seus gestos largos, no Principe Affonso de Madrid. O Gymnasio amadornou por alguns mezes, deixando de si uma memoria miseravel. O Polla reformou-se, a Maria das Dores foi brutalmente arremessada para a vala rasa dos artistas inuteis, e a sr.ª Fantoni finge que canta, como a sr.ª Canaria vae fingindo que ainda vive, olhando-nos do alto das suas setenta primaveras lyricas.

Ora ahi tens o que te está reservado, se vieres. Os dias uma tristeza, as noites uma semsaboria. Pelas duas da tarde, um calor de trinta gráos á sombra. Pelas oito da noite o *Boccacio* na Trindade, uns cavacos senis no Gremio, a feira das Amoreiras, o coaxar das rãs nos lagos da Avenida, a *Perola* de quando em quando no Principe Real, um passeio de americano a Algés, por entre os *effluvios* do Aterro, e as sessões sonnolentas da Camara dos deputados, á luz do gaz sumido ou da stearina lugubre, onde uns sujeitos graves discutem se o presidente do municipio deve ter carruagem paga.

De resto, as eternas palestras da Havaneza, o café do Martinho, e á ultima hora a *Kermesse* do Asylo da mendicidade, uma festa feita de proposito para provar que o gaz não se reputa vencido pela luz electrica, e que o indigena é capaz de despir a camisa do corpo para matar o vicio da batota.

Se não estás endinheirado, foge a este sorvedoiro dos nossos ultimos cobres, e se estás, paga com o teu ouro os beijos frementes das madrilenas bonitas.

Não venhas de noite á *Kermesse*, não venhas!...

Disseram por ahi uns noticiaristas indiscretos que o microbio tivera a infeliz lembrança de entrar pelo Minho, na bagagem d'uns trabalhadores d'Alicante. Constou tambem que elle fôra visto simultaneamente para as bandas d'Alfama e perto do caneiro d'Alcantara

Lisboa apavorou-se um instante com a má nova, mas nem por isso, passada a primeira impressão, deixou de entoar os seus descantes lendarios ao casamenteiro Santo Antonio, de saltar as fogueiras tradicionaes, e de batotear caridosamente na *kermesse* dos asylados,—*artilheiros manhosos*,—como lhes chamam os garotos no seu calão pittoresco.

E' que os *reporters* do jornalismo mentem por habito, e a nova da apparição do cholera em Vianna e Lisboa era um *canard* de mau gosto. O povo, quasi sempre ingenuo, não teve, d'esta vez, a singeleza pacovia d'acreditar na noticia pessimista, e divertiu-se, e comprou o mangerico repolhudo do costume na praça da Figueira, e riu-se do microbio, e queimou alcaxofras pelas suas bem-amadas, na chamma intensa do alecrim bem cheiroso.

Valente povo!

E' mister que este valor não se extinga e que o medo nos não assalte. Votemos ao cholera asiatico o mesmo soberano desprezo com que o fulmina o celebre professor da Faculdade de medicina de Paris, mr. Peter, adversario *enragé* do celebre Pasteur.

O cholera—diz elle—enfileira-se, é certo, na série enorme de doenças que podem mandar-nos d'esta para melhor vida, mas afinal não é tão feio como querem pintal-o. Fugir do microbio é um erro. Voltar-lhe as costas, emigrando, é um disparate. Não se está mais em segurança fóra da região contaminada, do que no proprio seio do foco d'infecção. Quem foge ao flagello não póde ter a certeza de que o flagello não lhe vá no encalço.

Mr. Roger, outro sabio academico parisiense, tambem trata o cholera de chacota, e acaba de dizer a um dos redactores do *Gaulois:*

«Que Paris não deixe de dar festas, e que a sua população não deixe de divertir-se com receio do cholera de Hespanha. Haja gaudio, e não se substituam os folguedos populares por medidas que lançam o terror nos espiritos.

Sobre tudo, a imprensa que trate de desfazer o medo nos animos fracos, porque o medo tambem mata.»

Sigamos nós os conselhos d'estes dois sabios, passemos o tempo o mais alegremente possivel, e não nos deixemos morrer de medo, que é muito mais vergonhoso que morrer do cholera.

O que diriam os hespanhoes!

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XXIV

Não se supponha de modo algum pelo que tenho escripto que sou hostil ao sr. Gomes de Amorim e ao seu livro. Pelo contrario, applaudo o merito incontestavel do illustre escriptor, e admiro o livro em que tantos dados valiosos estão compendiados, e em que se presta a Garrett uma homenagem tão sincera e tão profunda; mas confesso que não posso tolerar a sem-ceremonia com que o sr. Gomes de Amorim, para melhor exaltar Garrett, criva de epigrammas e de apodos os dois grandes vultos de Herculano e de Castilho.

Mostrámos como o sr. Gomes de Amorim era injusto com Antonio Feliciano de Castilho; mas devemos confessar que o tom acrimonioso com que se refere a Herculano nos surprehendeu ainda muito mais. Parece que o irritou haver um critico que fez a comparação de Camões com Herculano, e d'ahi resultou tornar como que Herculano responsavel pela lembrança do seu admirador.

O sr. Gomes de Amorim não se abstem de fazer comparações. Para elle, Garrett é Camões, e Herculano, João de Barros! A comparação, a dizer a verdade, não é tambem lá das mais felizes. João de Barros e Herculano escreveram ambos historia, isso é certo, e ambos tambem compozeram romances, não ha duvida. E, posto isto, aqui temos o sr. Gomes de Amorim a pôr n'um prato da balança o *Clarimundo*, no outro o *Eurico*, no primeiro as *Decadas*, no ultimo a *Historia de Portugal*, e a reconhecer que ha um perfeito equilibrio.

Ora, se nos dá licença, protestamos, sem desenvolvermos o protesto que nos levaria muito longe. O historiador genial, que soube resuscitar com uma intensidade de vida extraordinaria a sociedade portugueza dos primeiros seculos da monarchia, não póde equiparar-se pura e simplesmente ao vernaculo e classico historiador dos nossos feitos indianos. Sentimos que o sr. Gomes de Amorim não visse na *Historia* de Herculano mais do que uma chronica bem escripta.

Repare bem: se Camões fosse apenas um poeta classico eximio, o Virgilio portuguez do seculo XVI, a sua obra não teria sobre a obra de João de Barros a superioridade que todos reconhecem; estariam um para o outro na proporção em que no tempo de Augusto estava Tito Livio para Virgilio. Se Camões tem uma significação mais larga, é porque é acima de tudo o poeta das tradições nacionaes, aquelle cuja voz é o echo dos cantos e das inspirações populares. Foi assim que Garrett se approximou da sua inspiração, mas Herculano fez na historia o que Garrett fizera na poesia, e João de Barros não fez na historia o que na poesia fizera Camões.

Mas o sr. Gomes de Amorim embirrou em chamar João de Barros a Alexandre Herculano, e até acha um novo ponto de semelhança na fortuna que os dois historiadores tiveram, comparada com o infortunio que assaltou os dois poetas!

«Torna-se porém singular, diz o sr. Gomes de Amorim, que, assim como outr'ora deixaram morrer Camões de fome, ao passo que votavam a João de Barros pensões enormissimas, tambem hoje toda a admiração e respeitos sejam só para Herculano, e acintemente se esqueça Garrett com ingratidão monstruosa!»

Sinceramente não sei bem qual foi a dadiva generosa que a patria fez a Herculano, e que se podesse comparar á concessão da capitania do Maranhão no Brazil feita a João de Barros. Não sabia que Herculano fôra um dos donatarios da corôa n'este nosso bemaventurado seculo XIV, em que tanto florescem as letras! Sup-

Digitized by Google

punha pelo contrario que Herculano, á custa de muita fadiga e de muita economia é que conseguira pôr de parte o pobre rolo de moedas com que comprára Valle de Lobos!

Não foi assim, ao que parece! Para Herculano todas as munificencias da patria! para Garrett todos os desprezos! Aquelle carregado de pensões, este morrendo quasi de fome no catre de Santa Izabel!

Sejâmos justos porém; não é bem isso o que o sr. Gomes de Amorim quer dizer. O sr. Gomes de Amorim suppomos que afinal de contas sempre reconhece que Herculano não teve precisamente uma pensão enorme, nem recebeu da gratidão nacional uma provincia africana. Reconhece egualmente, supponho eu, que as honras e os empregos foram mais para Garrett do que para Herculano! O que o incommoda porém é o seguinte:

«No orçamento d'este anno (1882) figuram 10 contos de réis votados pelas côrtes para se erigir um monumento ao historiador; está aberta uma subscripção nacional para o mesmo fim, e só um subscriptor assignou com 6 contos de réis! Para honrar a memoria do reformador do theatro, do mestre da poesia e da eloquencia, não ha deputados nem pares no parlamento, dinheiro nos cofres publicos, nem nos particulares, gratidão nos homens que o tiveram por companheiro e amigo fidelissimo, nem nos filhos dos que elle illustrou com as maravilhas do engenho!»

Ora tenha paciencia o sr. Gomes de Amorim, mas como o signatario d'estes artigos foi um dos deputados que votaram os dez contos de réis para o monumento de Herculano, sem por isso julgar que insultava a memoria de Garrett, quero defender-me.

Sabe o sr. Gomes de Amortm porque é que tem havido mais algum empenho no monumento para Herculano do que houve em tempo no monumento para Garrett! E' simplesmente porque as pessoas que tomaram a iniciativa do monumento de Herculano teem sido mais activas e mais energicas de que o foram as que tomaram a iniciativa do monumento a Garrett. Quando o grande poeta morreu, succedeu o mesmo que succedeu quando expirou o grande historiador. Reuniu-se uma commissão, obteve adhesões importantes, depois... depois não se tornou a reunir. E' o sr. Gomes de Amorim quem o refere.

«Passou-se um mez sem que nos tornassemos a reunir», diz o sr. Gomes de Amorim, depois de dar conta da primeira sessão. Conta depois o que se passou na segunda, em que vieram adhesões do presidente do conselho, d'el-rei, etc., e offerecimentos das emprezas do Gymnasio e de D. Maria para darem espectaculos em beneficio.

«Mas, continúa melancholicamente o sr. Gomes de Amorim, nunca mais se reuniram todos os vogaes. Os que compareciam, vendo-se desamparados, foram esmorecendo successivamente, até que um dia se achou sósinho o que tivera a lembrança.»

Ora, se o sr. Gomes de Amorim, permitta-nos que lh'o digâmos, n'essa occasião tivesse pegado na penna e tivesse escripto nos jornaes o que escreve agora n'umas *Memorias biographicas*, talvez as coisas tivessem corrido de outra fórma. Mas um dos vogaes que não appareciam nunca era o sr. Antonio José de Avila, personagem importante. Lamentou-se o facto, provavelmente em silencio, mas não se estranhou em voz alta.

Os amigos de Herculano foram talvez mais intrepidos ou mais felizes do que os amigos de Garrett. Proseguiram na sua empreza; quando receberam as adhesões, em vez de se não tornarem a reunir, acceitaram-n'as e deram a tudo o necessario impulso. Se a commissão de Garrett não soube, ou não poude, ou não quiz fazer o mesmo, tanto peior para Garrett! Mas o que não é justo é que aquelles que não tiveram animo ou força para levarem por diante a homenagem que o paiz todo queria prestar a Garrett, vituperem os que mais alguma iniciativa tem mostrado no que respeita a Herculano.

O que sobretudo não é justo é que se menospreze a memoria gloriosa de Herculano para se vingar a memoria de Garrett! o que não é justo é que se suscite junto dos tumulos dos dois grandes homens uma verdadeira questão de senhoras visinhas!

Pois o sr. Gomes de Amorim não chega a dizer que, se Herculano teve uma grande popularidade, foi por ter sobrevivido a Castilho e a Garrett! A Castilho apenas sobreviveu dois annos, e os vinte e tres annos que sobreviveu a Garrett não foram de certo os mais brilhantes da sua carreira. Póde dizer-se que Herculano e Garrett emmudeceram quasi ao mesmo tempo, um porque veiu a morte cerrar-lhe os labios, outro porque lh'os cerrou uma justissima colera. Quando se enterrava nos Prazeres o corpo de Garrett, enterrava-se em Valle de Lobos o espirito de Herculano.

Mas descanse o sr. Gomes de Amorim, já que tanto o incommodou a homenagem prestada a Herculano, se o esforço empregado para se prestar o devido preito ao grande historiador sempre foi um pouco maior do que o que se empregou para se prestar a mesma homenagem ao grande poeta, não irá ainda assim muito mais longe. Vem depressa a indifferença no nosso paiz succeder a esses ephemeros enthusiasmos, e quando por acaso essa indifferença não se manifesta com bastante promptidão, vem logo um devoto da egreja proxima gritar não porque esteja ás escuras o templo do seu idolo, mas por haver ainda luz no dos visinhos, que foi sempre o que mais incommodou todos os bons Portuguezes.

PINHEIRO CHAGAS.

A LUIZ DE CAMÕES

Ergueu, aguia soberba, o vôo ao infinito
em poema immortal, homerico, gigante!
Foi arrancar a lyra ás mãos do eterno Dante,
e, Prometheu, deu vida ás rochas de granito!

A patria era pequena; ergueu-se á immensidade,
envolvendo-a na luz do seu genio possante!
E passou, como um sol altivo, triumphante,
os umbraes do porvir—passou á eternidade!

A patria só lhe dera em premio d'essa gloria
O leito da miseria—o leito da indigencia!...
mas tinha de surgir em fim á luz da historia.

Eil-o erguido, de pé. O mundo é o proscenio
onde brilha o talento e fulge a intelligencia,
o livro colossal onde se inscreve o genio.

ABEL XAVIER TEIXEIRA DE MAGALHÃES.

AS NOSSAS GRAVURAS

PALACIO DO GOVERNADOR EM DILLY (TIMOR)

O magnifico e elegante palacio, de cuja fachada principal a nossa estampa de hoje dá uma idéa, foi mandado fazer em Dilly pelo governador de Timor, capitão Hugo de Lacerda.

Tem de extensão 47 metros, e 20 de fundo. A frente, como se vê, é formada por uma vasta galeria, cuja cobertura assenta sobre dez columnas da ordem Toscana, e para essa galeria deitam tres bellos salões, dois quartos e os pavilhões extremos, que são os gabinetes particulares do governador e do seu secretario. Tem, além d'isso, magnificas acommodações para a secretaria do governo, e para o governador e sua familia.

A fachada posterior do palacio prende com um outro corpo, que tem de comprimento 37 metros e onde se acham muitas e vastas acommodações. Uma grande parte do pavimento do palacio é coberta de marmore e a outra parte de tijolo.

Este vasto e elegante edificio foi construido em 15 mezes, e o seu custo total orçou apenas por 9:000$000 réis, aproximadamente, tendo sido avaliado depois, por muitos estrangeiros que visitam Dilly, em quatro a cinco vezes o seu custo!

NO CEMITERIO DA ALDEIA

Um cemiterio singelissimo, como o de todas as aldeias, sem pompas nem riquezas.

Não se vê ali um mausoleo que ultrapasse audaciosamente os muros toscos do pacifico recinto. Tudo é pobre e modesto. Cruzes mal delineadas, sem inscripções litterarias, lageas tumulares grosseiras, sem relevos artisticos. De longe em longe topa-se com um cypreste esguio a ensombrar uma cova cerrada de fresco, ou com uma caveira hedionda a mirar-nos d'entre a relva basta.

Todavia, aquelle santo abrigo, miseravel e pobre, infunde-nos respeito. Parece que se está ali mais perto de Deus, que se comprehende ali melhor a triste realidade da vida.

Depois, nos cemiterios d'aldeia passam-se ás vezes scenas commovedoras, d'uma poesia que encanta.

E' ver a que a nossa gravura reproduz.

Aquelle bando de creancinhas ficou sem mãe. Desde que ella se partiu para a eternidade, a avó, uma velha decrepita e encarquilhada, acompanha-as todas as tardes a rezar, junto da cova humilde onde a infeliz repousa.

Que chova, que vente, não faltam á piedosa romaria.

A velhinha rega cuidadosamente umas flores singelas que dispoz sobre o tumulo da filha; e os pequenos, depois de terem rezado a sua oração quotidiana, conservam-se ali até sol posto, os mais velhos silenciosos e tristes, os mais novos doudejando sobre a erva crescida que brota das sepulturas.

Poetico e formoso quadro!

A DESPEDIDA

A *mise en scène* do quadro dá-nos a entender que aquillo se passou em Veneza *la bella*.

Elle, um fidalgo gentil, e ella, uma formosa dama patricia, amam-se, é claro. Amam-se e vão separar-se. Chegou a hora fatal da despedida, e não ha forças humanas que os desprendam um do outro.

Elle tem-lhe beijado a mão mais de vinte vezes, sem se importar com os sorrisos ironicos do gondoleiro e com as espreitadellas d'uma mulhersinha curiosa, que disfructa, entre portas, a scena romantica do ultimo adeus.

Ella deixa-se beijar, e diz-lhe com os olhos tudo quanto os labios não podem dizer-lhe diante de testemunhas indiscretas.

Digitized by Google

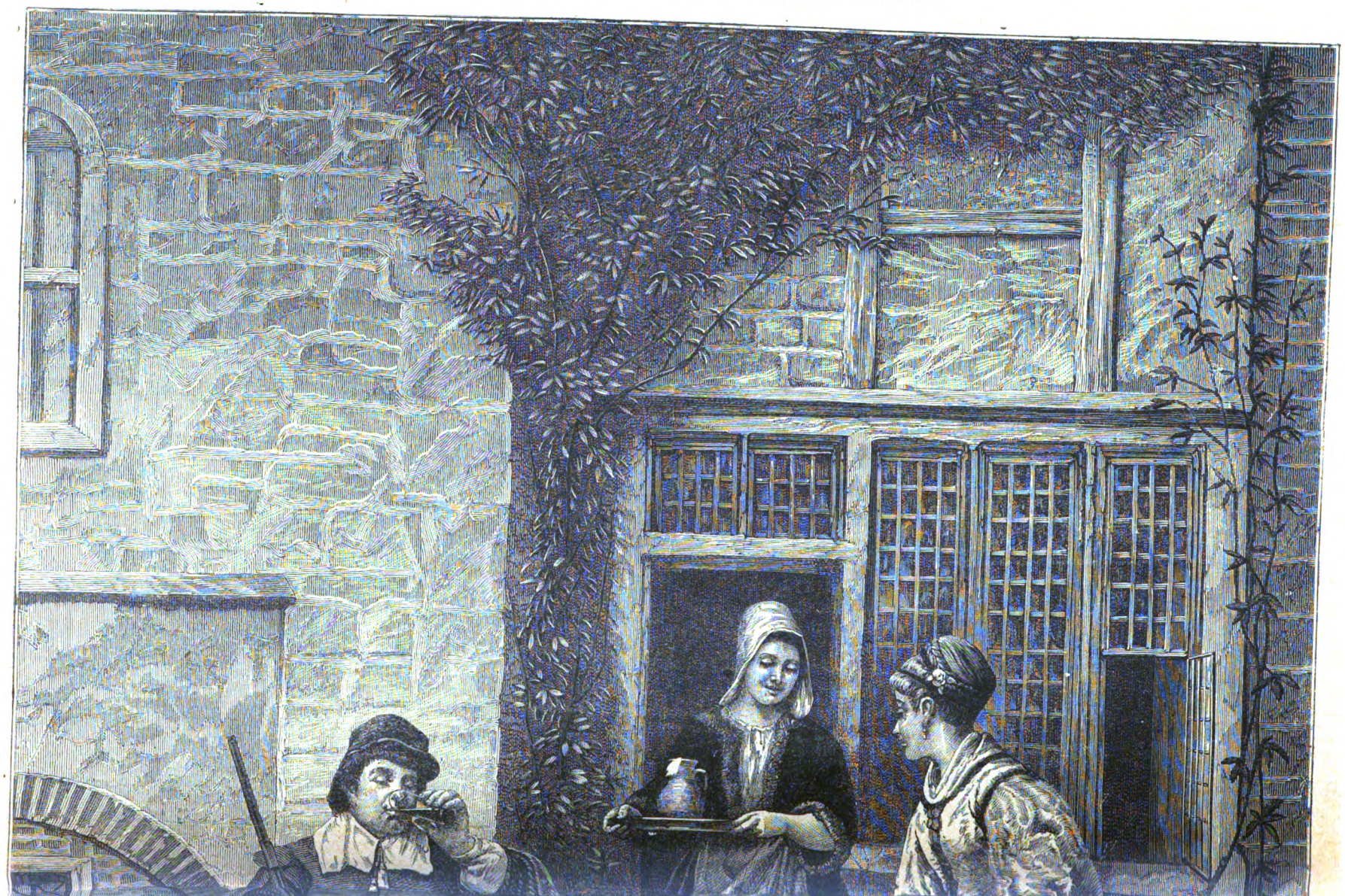
NO CEMITERIO DA ALDEIA

Digitized by Google

Digitized by Google

UM COELHO SÓ!

Digitized by Google



Digitized by Google

Digitized by Google

A DESPEDIDA

Digitized by Google

A dama de companhia, que espera a formosa *donna* dentro da gondola, faz a vista grossa.

Afinal, sôa o derradeiro beijo, e ouve-se gorgear, em dueto, um *addio* prolongado.

Como elle, o *poverino*, vae ficar triste!

UM COELHO SÓ!

Fraco resultado de tanto trabalho! Um coelho só. São concordes todos em achar pouco valioso o fructo da labutação do caçador. O cão, a filha e a criada não acreditam que por tão pouco se incommodasse tanto. Quem sabe se andou á caça todo o tempo que esteve fóra? Sim, quem sabe? E' isto o que parece estarem a dizer, com aquella exclamação todos os circumstantes. Elle bebe stoicamente a sua cerveja. Cada qual póde pensar o que quizer.

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

E' opinião de alguns escriptores portuguezes de boa nota, que a typographia entrára em Portugal por 1470 ou 1474, sendo Leiria a cidade da peninsula hispanica em que se imprimira com caracteres metallicos moveis. Essa opinião comtudo, de certo inspirada por louvaveis sentimentos de patriotico pundonor, não nos parece que deva acceitar-se, porque se não firma em provas e testemunhos de tal ordem que desfaçam todas as duvidas e respondam ás objecções que naturalmente suscita. Póde, porém, afiançar-se que a invenção sublime do famoso Guttemberg é conhecida e praticada entre nós desde o meiado do anno de 1488, pelo menos, porque com a data de 1489 saiu á luz, impressa em Lisboa, uma nitida e correctissima edição do *Pentatheuco hebraico*; e ainda assim ao nosso paiz cabe a honra indisputavel de haver, n'este ponto, precedido nações bem mais poderosas, como a Russia, por exemplo, onde a arte typographica só penetrou em 1565.

Protegida efficazmente pelos nossos monarchas, como é indubitavel que o foi, e basta para o demonstrar o alvará de 20 de fevereiro de 1508, pelo qual el-rei D. Manuel concedeu a todos os que exercessem a arte de impressão, as graças, previlegios, liberdades e honras de que gosavam os cavalleiros da sua casa; ajudada tambem do publico favor, não só n'aquella cidade continuou desde aquelle anno a cultivar-se e a florescer a typographia, senão que dentro em pouco tempo Leiria, Porto, Braga e Coimbra com rasão se ufanavam de possuir dentro de seus muros este grande instrumento do progresso.

Foram tambem os nossos intrepidos navegadores e missionarios que, com a civilisação e a luz do evangelho, transportaram a typographia ás longiquas plagas do extremo Oriente. Goa, a opulenta metropole do vasto imperio lusitano na Asia, recebeu-a em 1560; e ainda no mesmo seculo, por mãos ou influencia de portuguezes tambem, foi ella egualmente implantada na commerciante Macau (1590); e no remotissimo Japão (1593).

De Allemanha nos vieram, como era natural, os primeiros mestres impressores, e porventura os typos, os utensilios e as prensas indispensaveis.

Iniciados e industriados por aquelles, em breve os nossos artistas conseguiram senão excedel-os, imital-os com vantagem; e nós observamos que quasi todas as typographias existentes em Portugal nos seculos XVI, XVII e XVIII eram dirigidas por typographos portuguezes ou por descendentes dos mestres allemães e de outras nações, que aqui se estabeleceram e naturalisaram, e como portuguezes devemos considerar; podendo affirmar-se, sem receio, que os Barreiras, os Marizes, os Alvares, os Craesbecks, os Galrões, os Manescaes, os Deslandes, os Amenos, os Silvas e outros não deslustraram a arte typographica, fazendo com que em muitas edições ou egualassemos ou pouco nos distanciassemos de nações mais importantes, e por varias circumstancias, a certos respeitos, mais adiantadas.

Quanto, porém, de progresso e de desenvolvimento teve a typographia em Portugal n'essas épocas, deveu-se sem duvida á iniciativa e esforço particular. Escola, propriamente dita, em que se praticassem e perpetuassem os melhores e mais rasoados preceitos, sem a mira no interesse material, muitas vezes inconciliavel inimigo de todo o adiantamento artistico, não a havia.

Foi o marquez de Pombal o grande e famoso ministro de el-rei o senhor D. José I, que primeiro concebeu e poz por obra o pensamento da creação de um estabelecimento, que fosse exemplar e escola da typographia em todos os seus ramos, em que se ensaiassem e praticassem os mais aperfeiçoados processos, em que se cultivasse a arte pela arte, e ao mesmo tempo se procurasse, em ordem a promover e facilitar a larga diffusão da instrucção publica, estampar por preços modicissimos os livros elementares, de que para as escolas recem-abertas ou restauradas se carecia.

Era, para assim dizer, o substancioso prologo da vasta reforma dos estudos, pouco depois emprehendida e levado ao cabo com singular acerto e felicidade.

Estes intuitos patrioticos e civilisadores do consummado estadista estão expressos com clareza no alvará de 24 de dezembro de 1768, pelo qual foi fundada a impressão regia, hoje imprensa nacional de Lisboa.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

S. U. L. P.—Um poucochinho incorrecto, revelando a inexperiencia dos 15 annos. Talvez possa ir, depois de limado, mas não promettemos.

Euro.—O seu logogripho-decima não está á altura do outro que publicamos.

J. A. D.—Não recebemos o conto a que allude na sua carta.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Tem corôa, por dentro do peito e por fóra d'elle—2—3.

Alimenta, alimenta e mata—1—1.

A vogal encaminha a ave—1—2.

Este homem, nos lagos suffoca esta doença—1—1—1.

E' um peixe rezinoso este artista portuguez—3—3.

No convento este homem é flor—2—2.

Este refugio tira a vida nas fortificações—2—2.

Brazil. EDUARDO R. LEITE.

Esta cidade d'Aveiro tem muita gente—2—2.

E' instrumento no macaco, na musica e na biblia—1—2—1.

Braga. J. DIAS VELLOSO.

ELECTRICAS

A's direitas mulher, e ás avéssas tinta—2.

A's direitas ou ás avéssas rio—2.

A's direitas odio, e ás avéssas verbo—3.

A's direitas côr, e ás avéssas portugueza—2.

Lamego. WLADIMIRO ALEXIS.

EM VERSO

Eia! avante, charadistas!
Lancem mão das caçadeiras!
Apontar... vamos, não tremam,
Pontarias bem certeiras!

Se a não matam de repente,
Não lhe metterão o dente.

Dobrada a minha primeira
E soffrendo alteração,
Tens de ver um certo peixe
Caso queiras, caso não.—1

A segunda, oh! a segunda,
Co'uma deusa em addição,
E', leitor, dou-te a certeza,
Mui ligeira embarcação.—2

Eu já vi um sujeitinho,
Que era um tanto fanfarrão,
Puchar logo da catana
Se havia qualquer questão.

Mas um dia, na pancada,
Ficou só com meia espada.

Faro. DOMINÓ BRANCO.

LOGOGRIPHO

Animal vez em mim, com certeza—4—3—6
De pianos author celebrado—2—5—4—1—6
E' um fluido subtil que enche o espaço—3—1—2—5—4
E p'los russos é mui cubiçado.—2—5—4—7—1

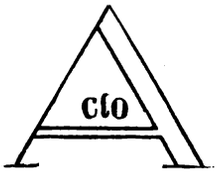
Digitized by Google

E' simples e facil!
Quem d'isto entender,
Com pouco trabalho
Um nome ha de ver.

Lisboa — MATHEUS JUNIOR.

ENIGMAS

Qual é a fructa que é capital d'uma ave?



Mertola. — ANTONIO MANUEL DA COSTA JUNIOR.

PERGUNTA ENIGMATICA

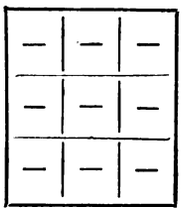
Qual é o rio da Europa que queima?

J. A. D.

PASSATEMPO

Preencher os nove quadrados com algarismos de 1 a 9, de forma que o producto da somma dos algarismos de cada tres quadrados collocados horisontalmente seja 15, devendo encontrar-se o mesmo resultado na somma dos de cada tres quadrados collocados verticalmente e bem assim nos de cada tres collocados diagonalmente.

Não se admittem algarismos eguaes.



Elvas. — A. J. N. S.

PROBLEMA

Uma mulher vende pecegos a 30 réis cada um, e maçãs a 120 réis a duzia; e recolhe para casa tendo recebido 2$190 réis. Pergunta-se quantos pecegos e maçãs vendeu

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Udometro—Alcalimetro—Boa-Nova—Gil Braz—Marido—Maia—Patarata—Aguara *(Lobo da America)*.
DO LOGOGRIPHO:—Dedicação.
DO ENIGMA:—Quatro contos são dez mil cruzados.
DO PROBLEMA:=153 vezes.

A RIR

Um rasgo de expansão filial:

—Oh! minha querida mamãsinha! Quanto eu te amo e como me sinto feliz em ser teu filho!

—Porque?

—Porque, ao menos, tenho a certeza de que nunca chegarás a ser minha sogra!

*

N'uma escola de adultos:

—Conjugue o verbo amar.

—Com quem?

—Comsigo mesmo.

—Não faço isso. Acho muito feio!

*

Um sujeito vae casar, por procuração, com a noiva d'um seu amigo. Depois da ceremonia condul-a a casa, e não lhe dirige palavra durante todo o caminho.

Perguntando-se-lhe a rasão d'este silencio, responde:

—E' que eu só tenho procuração para a primeira tolice.

*

Um beberrão, muito espantado:

—Que é isto? Não bebo senão vinho branco, e assim mesmo vae-se-me fazendo o nariz vermelho!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

O tabaco deixa na bocca um cheiro detestavel, que affasta dos nossos labios os labios rosados da mulher amada.

E no entanto, é facil dissipal-o, empregando a preparação seguinte:

Chlorureto de cal secco.....	12 grammas
Agua distillada.....	60 »

Filtra-se e junta-se-lhe:

Alcool a 56°.....	60 grammas
Oleo essencial de cravo da India.	1 decigramma

Deita-se uma colher, de chá, d'este liquido n'um copo d'agua, e lavam-se os dentes com a mistura, empregando a escova propria.

O mau cheiro desapparecerá completamente.

A PRAÇA DA FIGUEIRA

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Quem a viu e quem a vê!

Do que ella foi não resta actualmente nem um unico fragmento de velha telha, d'aquellas telhas muito musgosas e pesadas que cobriam os logares, e onde a erva crescia em paradisiacas florescencias.

A praça era, como hoje é, o principal, e durante muitos annos foi o unico mercado de Lisboa, mercado immundo e anti-hygienico, especie de palissada de pretos encravada no centro da cidade. Tinha a configuração de um quadrado formado por acanhados logares onde se vendia peixe, fructas, aves, sal, e uma miscellanea de comestiveis tisnados pelo sol, e bolorados pela humidade.

Os vendedores acudiam ali em grande numero, especialmente os de hortaliças.

Ao romper da aurora, as carroças carregadas de todo o genero de hortaliças vindas dos arredores da cidade, entravam na praça, ao passo que nas ruas da Bitesga e dos Douradores se accumulava um exercito de burros e machos lazarentos, que, com as cangalhas vazias, esperavam a carga d'aquelle dia para percorrerem, na companhia do vendedor ambulante, todas as ruas, beccos e travessas da capital. A vozearia era enorme n'aquelle recinto e áquella hora. As questões travavam-se em alta voz, a proposito de qualquer mão de nabos ou carrada de espinafres. A's oito horas, gallegos fortes como muares e estupidos como cevados, entravam na praça carregando á cabeça e a pau e corda as canastras de peixe vindas da Ribeira.

Os logares de venda de peixe ficavam a leste. Eram uns cubiculos immundos, repugnantes, attestados de velhos cestos de canna, de intestinos de peixes, de sardinha salgada, de toldos usados, de chinguiços sebentos, de tamancos gigantescos e de baldes cheios d'agua negra e barrenta. Parecia impossivel como Lisboa comia peixe. E' verdade que, n'esse tempo, a agua do consumo publico era crystalina e pura, e como tal, o peixe lavado por ella ficava em estado de ser ingerido. Os logares da venda de aves ficavam a oeste, na rua denominada ainda hoje, das Gallinheiras.

Eram aquelles logares verdadeiros fócos de infecção, de tal fórma terriveis, que os proprios germens epidemicos nunca se aventuravam a transitar por aquella rua. A's horas calidas do dia, nos mezes de julho e agosto, qualquer d'aquelles hediondos receptaculos era mais perigoso que uma furna de esquimaus ou uma palhoça de hottentotes.

Barris de madeira não limpos ha mais de quinze annos, erguiam para o ceu a asquerosa rotundidade das suas boccas prenhes de sangue coagulado, e de intestinos e pennas de todo o genero de aves. A canicula fermentava aquelles monturos, que tarde eram levados pela carroça da limpeza, ficando os barris a vaporisar toda a immundicie susceptivel de se combinar com o ar athmospherico. Sobre bancadas de madeira velha, pintadas de verde, as gallinheiras expunham os melhores specimens do seu genero, que consistiam em gallinhas mortas e depennadas, com uma esphera de gordura sahida pelo ventre, indicativo supremo da qualidade da ave.

No passeio fronteiro, a cada extremidade da rua, havia dois sumidouros geralmente entupidos, e que davam vasão a uma ala-

Digitized by Google

ranjada e caudalosa corrente de acido urico e amoniaco, cujas emanações se combinavam, n'um milagre de chimica organica, com as pestilencias dimanadas das aves em principio de putrefacção. A exemplo das gallinheiras, as peixeiras expunham egualmente o genero sobre bancas de madeira, d'onde escorria de continuo um filete de agua ensanguentada e suja.

Defronte dos logares das gallinheiras, ficava, como ainda hoje, a casa de pasto denominada dos Irmãos Unidos, uma das mais antigas e conhecidas de Lisboa. Alguns freguezes d'aquella casa jantavam ao balcão com a porta aberta, e os perfumes da sopa misturavam-se com os da rua.

Não nos consta que algum d'elles tivesse morrido envenenado.

A praça immunda, repugnante, asquerosa, tal qual nós todos a conhecemos, tinha o seu oasis.

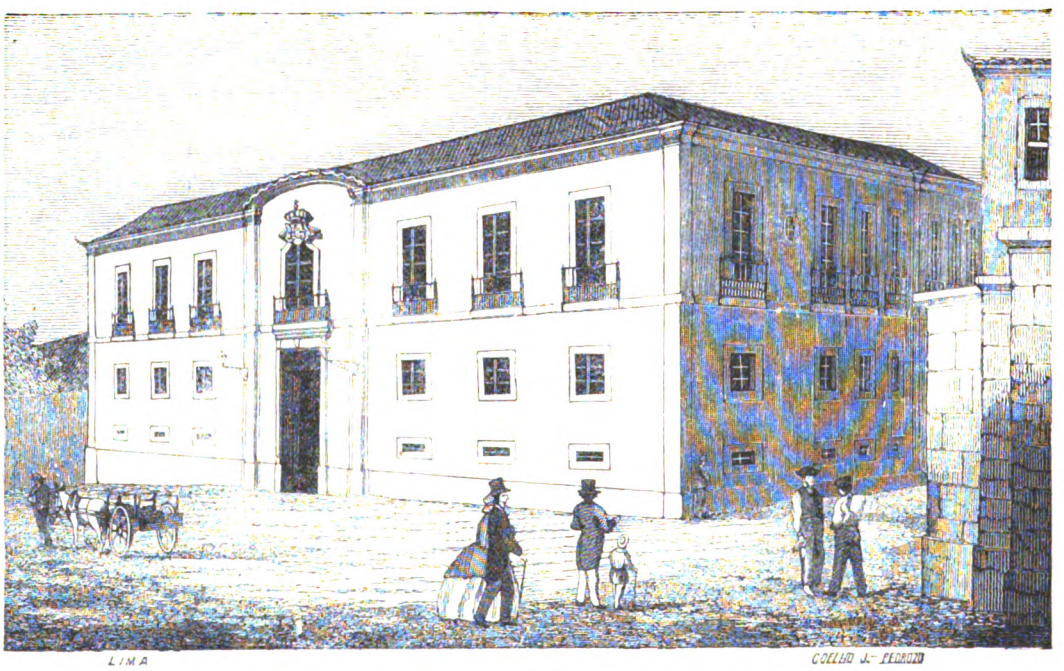
Não era para admirar, porque onde existem centenares de leguas de deserto de areia, a natureza collocou um kilometro de verdura, de sombra, e de fresca e limpida corrente.

Entre leguas de brutaes e feias montanhas de carvão, encontra-se um diamante.

Nas proprias associações de malfeitores ha sempre um homem de bem.

O contraste é uma necessidade palpavel, de que se não póde prescindir.

A praça tinha, pois, o seu contraste, equivalente a uma nota de limpeza e elegancia symbolisada pelo logar da tia Vicencia.



LIMA COELHO J.ª PEDROSO

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

A Vicencia era uma boa velhota completamente espherica, que desde muito nova possuia o sentimento do bello, e que não sabia vender senão do bom e do melhor.

Era fornecedora da Casa Real, e nas prateleiras do seu estabelecimento, cobertas de papel branco de jaspe e de toalhas alvas de neve, o ricaço encontrava sempre as melhores fructas que um gosto delicado póde appetecer. A velha vendedeira passava o dia sentada á porta do estabelecimento, em larga cadeira de palha da ilha, tomando a sua pitada, abanando-se com uma indolencia de creoula, e fazendo festas aos seus cacatús e papagaios.

As caixeiras eram sempre umas raparigas elegantes, desempenadas, muito bem penteadas, e que tinham a preoccupação das botas de polimento de tacão alto e bico estreito, que ellas mostravam com uma especial *coquetterie* de regateiras, aos cortadores Romeus que lhes faziam a côrte.

Maria Vicencia constituia a expressão unica e completa da praça da Figueira, e o seu nome tinha de tal fórma avassalado o mundo, a fama das suas melancias e maçãs soára tão longe, que o imperador do Brazil, na sua viagem a Lisboa, foi vel-a ao logar, e offereceu-lhe o seu retrato. Dizem que houve quem, n'essa occasião, visse erguerem-se attonitas algumas peras e aboboras que ella tinha a seu lado. O movimento era sempre estonteador n'aquelle recinto, onde os estomagos lisboetas punham todas as manhãs olhares ávidos e curiosos.

Moços espadaúdos e enxovalhados atravessavam a praça carregando pezadas canastras de fructas e hortaliças, e pisando e empurrando o publico sem a mais leve consideração.

No seu perigoso trajecto iam sempre dizendo *«com licença»*, da mesma fórma que poderiam dizer *«agua vae»*.

Um abalroamento com aquelles pachidermes de chinguiço e sacco, tornava-se sempre um perigo sério, porque ainda mesmo que o abalroado cahisse no chão, elles passar-lhe-hiam sobre o corpo, repetindo imperturbavelmente *«com licença»*.

A nota alegre da praça dizia respeito á phraseologia.

As mais onomatopaicas palavras eram ali proferidas em alta voz, aos quatro ventos, com grave escandalo da gente morigerada e pacata.

A' uma hora tocava ao levantar da feira, e ás tres, apenas alguns patos sérios e graves passeiavam no mercado os seus corpos d'um branco duvidoso.

A praça tinha tambem a sua festa tradicional nas vesperas dos populares santos, Antonio, João, e Pedro.

O mercado de fructas e hortaliças, levantado á uma hora, cedia logar a outro não menos procurado, de mangericos, palmitos, bugigangas e flores de papel, merecendo especialisar-se o cravo, todas acompanhadas d'uma bandeirinha em que se lia uma quadra do mais requintado lyrismo.

Os versos dos cravos da praça da Figueira teem entre nós uma tradição, senão poetica, pelo menos honrosa.

Eram todos versos honestos e apaixonados.

Correu em Lisboa que o sr. Luiz de Araujo era o unico e exclusivo arrematante d'aquella poesia, mas uma vez, por milagre, appareceu escripta na bandeirinha d'um modesto amor perfeito, uma quadra realmente bem feita na fórma e no genero.

Convenceram-se logo todos que o sr. Araujo nada tinha que ver com os versos d'aquelle mercado, e até hoje é segredo de abelha e mysterio profundo, a individualidade poetica que fornece todos os annos pelo menos 600 quadras sentimentaes.

A festa durava toda a noite, acompanhada por uns gorgeios peculiares dos cochichos de barro cheios de agua, e umas fifias unicas, de gaitas de folha sopradas por creanças, e não raras vezes por adultos.

Os mais apaixonados frequentadores d'esta diversão compunham-se de soldados, do bom burguez, e da rapaziada fina.

Familia honesta e emediada que se prezasse devia por força comprar na praça um mangerico e um cravo. Estas festas tinham um bello cunho genuinamente nacional, cunho que o novo mercado jámais poderá reproduzir.

Tudo aquillo estava indecente, velho, deselegante, immundo e reprovado pelo aceio e pelo bom senso, mas n'aquellas tres noites festivas tinha essa indeffinivel nota de originalidade local, que não lhe poderiamos negar, sem praticarmos a maior das injustiças.

E o leitor que nos desculpe uma louca infantilidade que não podemos explicar.

Contra a nossa vontade, temos ainda hoje saudades da praça da Figueira tal qual a conhecemos em creança. E' que nem o mais deslumbrante luxo e garridice conseguem arrancar da alma as mais futeis recordações da infancia.

N'este ponto somos lamartinianos.

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

1.º anno Lisboa, 22 de junho de 1885 Numero 52

Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

BOAS NOTICIAS

Digitized by Google

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Flores intimas*, soneto, por Antonio Fogaça.—*As nossas gravuras.—Em familia.—Um conselho por semana.—A feira da ladra*, por Alfredo Gallis.
GRAVURAS.—*Boas noticias.—Os caprichos da menina.—A vista faz fé.—Um minuete.—Hospital Estephania.*

CHRONICA

Uma semana salpicadinha d'escandalos e fertil em successos. Um estendal de acontecimentos patuscos e de episodios burlescos. Acepipes para todos os paladares, desenjoativos para todos os estomagos.

Deixarei passar em claro os escandalos, que enojam pela sua torpeza, e referir-me-hei ligeiramente aos factos cuja narrativa se pode ouvir sem corar de pejo.

N'estes tempos do *bacillus virgula*, em que se prescreve o uso quotidiano da agua fervida para matar o bicho, e se prohibe a ingestão de fructos mal sasonados, para evitar as colicas importunas, é mister fugir de todos os focos miasmaticos onde os escandalos se geram, desinfectar a chronica de todas as exhalações mephiticas que possam tornal-a perniciosa e damninha.

Se a gente foge a sete pés do vomito corrosivo e negro d'um cholerico repugnante, não vemos rasão para que não evite, com a maxima cautella, o contacto de qualquer leproso social e se não esquive a narrar, em phrase mal cheirosa, tudo quanto por ahi succede no pantano immundo d'este nosso meio viciado e miseravel.

A justiça que se encarregue da prophylaxia dos costumes, e que recupere a vista, para contemplar o que a sua profunda cegueira não descortina.

Quanto a nós, vamos continuando a cuidar escrupulosamente da propria hygiene, e pouco se nos dá que a imprensa diaria agite, nas columnas dos seus jornaes, a roupa suja e nauseabunda d'uns successos pouco edificantes, vedados á apreciação das gazetas emquanto as justiças não tratarem de os apreciar.

Está na berlinda o cholera. O jornalismo criva-o de improperios e os recem-casados votam-lhe um odio de morte, porque elle lhes não permitte as expansões ardentes, proprias d'uma lua de mel por tanto tempo cubiçada.

—Nada de excessos!—recommenda a medicina cautellosa. E embora um simples mortal lhe responda: — «eu casei-me hontem»—os senhores da sciencia não cessam de prescrever, *ex cathedra*, a abstenção illimitada de todos os gozos mundanos, mesmo d'aquelles mais innocentes, dos que não occasionam prejuizo de terceiro nem viciam a athmosphera.

E' triste!

Por quantos mezes isto durará, não sei. O que é certo é que a estatistica dos matrimonios, na capital e provincias, accusa um decrescimento espantoso, desde o ingresso da epidemia no paiz visinho. Ninguem se matrimonia, com medo do microbio e dos agoiros terroristas da medicina. Ha já, mesmo, quem recorra ao divorcio, como medida preventiva contra a invasão cholerica.

O amor passou a ser um vocabulo banal, vasio como a orbita escancarada d'uma caveira, lugubre e sinistro como a visagem d'um agonizante. Foge-se d'elle espavorido e horrorisado. O ante-gozo das suas caricias abrazadoras faz calafrios, provoca nauseas e caimbras.

Não, que o *bacillus virgula* desenvolve-se com os ajuntamentos, e até hoje ainda se não inventou meio d'amar sósinho, sem companhia.

Depois, os nossos medicos não querem, nem á mão do Todo Poderoso, importar a vaccina anti-cholerica, do doutor Ferran; escorraçaram o benemerito Figuerola com os frascos do seu virus redemptor; não se dignaram ir a Hespanha estudar as experiencias notabilissimas do famigerado medico tortosino, tanto em voga.

Convidada pelo governo a enviar delegados seus a Valencia, a muito douta Academia de medicina de Lisboa, mais fidalga que todas as academias do mundo, não desceu até onde ellas tinham *descido*, e deitou a publico um officio desopilante, redigido em estylo esdruxulo, explicando os motivos que imperaram no seu animo para se abster de seguir de perto os trabalhos de Ferran.

Perante esta deliberação dos sabios academicos, o paiz rio-se, é claro, mas nós ficámos sem vaccina, sujeitos a morrer do cholera, se elle amanhã nos vier bater á porta, em meio das nossas locubrações sobre a prosa mascavada e pittoresca dos doutores humanitarios.

Tem-se commentado ahi largamente o estranho procedimento de suas excellencias academicas. Ha quem veja n'elle muita *pose*, não pouco medo, e egoismo á farta.

As nossas summidades medicas, segundo a voz do povo, não foram estudar as inoculações anti-cholericas de Ferran, *primó*, porque são illustres de mais para se envolverem nas charlatanices d'aquelle empyrico, a quem o *insignificante* Pasteur honra com as suas cartas e com a sua estima; *secundó*, porque todos elles teem amor á vida e não querem afoitar-se aos perigos d'uma viajata d'estudo em regiões inficionadas pelo microbio; *tertió*, porque importado o virus contra o cholera morbus asiatico, e injectado sob a epiderme do nosso indigena, a medicina e os pharmacopolas lusitanos, á força de não verem morrer ninguem da doença, em casos d'invasão, acabariam por morrer de fome, conscios da sua inutilidade.

E' isto o que diz o povo na sua linguagem pittoresca mas conceituosa.

Ora, nós damos de barato que a illustrissima Academia tenha *pose*, medo e egoismo. O medo é dos mortaes, a filaucia dos orgulhosos, e cada qual póde ser pedante, egoista e pusillanime á sua vontade. Todavia, quer-nos parecer que o temor do cholera não exclue o respeito pela grammatica, e que o receio de perder uns ganhositos não deve banir o bom senso.

*

Um trecho colhido ao acaso no famoso officio dos doutores:

.....

«Por isso... o conselho escolar, como conselho, pensa dever afastar-se de quanto, sequer, possa representar collaboração de sua parte, pensa dever evitar quanto, sequer de remoto, possa tender a conferir ao emissario do governo o caracter de enviado da escola.»

Dois *pensa* e dois *possa* em menos de cinco linhas! Por vida minha, não valia *pensar* tanto para expectorar tamanho disparate. Em verdade, não sei de que serve *poder* por aquella fórma, no subjunctivo, para ser tão ridiculo... no supino.

Dá graças a Deus por te veres livre de taes collaboradores, ó benemerito e humanitario Ferran do paiz das castanholas, como eu as estou dando por não fazer parte das academias medicas d'estes reinos!

=No mesmo dia em que os esculapios lusitanos cahiam do seu pedestal de gloria, por uma simples questão de falta de grammatica, tombava do poder o ministerio inglez Gladstone, por uma questão simplissima de bebidas. Alludo ao facto pela coincidencia de data das duas quedas, e porque elle é digno de figurar nos dominios da chronica.

Se, fosse inglez envergonhar-me-ia tanto da queda do gabinete Gladstone, como sendo portuguez me envergonho da prosa parda dos nossos doutores. O ministerio *wig* recuou no Soldão, como se sabe; abandonou Karthum; não vingou Gordon; capitulou diante da Russia; humilhou a Inglaterra perante o Mahdi e perante Bismarck. Depois d'estes enormes desastres, causados por faltas e erros enormissimos, o gabinete demissionario encontrava sempre no parlamento uma fiel maioria que o applaudisse enthusiasticamente.

Ha dias discutiu-se na Camara um novo imposto lançado sobre a cerveja. O governo pedia o imposto: a maioria abandonou o governo. O que se não fez pelo infeliz Gordon, fez-se pela cerveja da pipa. O ministerio Gladstone, que sobrevivera a tantas calamidades publicas, foi derrotado por uma questão miseravel de *bocks*.

E havemos nós de morrer d'amores pela nossa fiel alliada?

Isto foi um incidente: ha mais que contar, sem ter de recorrer aos successos lá de fóra, e aos escandalos em que anda para ahi envolvido o clero e o povo, n'um *pêle-mêle* indiscriptivel.

Abriu a explanada dos Recreios, exactamente quando os thermometros accusavam um abaixamento repentino de temperatura. O resultado é não ir lá ninguem, com medo das caimbas doentias da noite.

Inauguram-se hoje, no Jardim Zoologico, para recreio das feras melancholicas, os concertos dirigidos pelo maestro Breton.

A Trindade resuscitou os *Sinos de Corneville* para experimentar se o actor Lima, ex-photographo, ex-burocrata, ex-dramaturgo e ex-poeta, dava um Ribeiro, e se actriz Pepa, ex-hespanhola e ex-emprezaria de theatros brazileiros, dava uma Herminia.

Nenhum d'elles chegou á craveira por onde se mediam estes dois bellos artistas, mas fizeram-se applaudir calorosamente.

Queres mais noticias? Ahi vae a ultima. Faz hoje um anno que eu me debrucei, pela primeira vez, no varandim da Chronica, a palestrar comtigo, minha adoravel leitora.

Um anno! Como o tempo corre, e como tu estarás farta de me ouvir!

C. DANTAS.

Digitized by Google

GARRETT E O SEU TEMPO

XXV

Queixa-se o sr. Gomes de Amorim, com sobeja razão, do modo injusto como Garrett é tratado por D. Antonio Romero Ortiz no seu livro *La literatura portugueza en el siglo XIX.*

Acompanhamos o sr. Gomes de Amorim na sua queixa; só o não acompanhamos na importancia que dá a um livro que a não merece.

A obra de Romero Ortiz o que tem apenas é ser escripta em geral com benevolencia para comnosco, mas é destituida de critica, feita com pouquissima consciencia, e não queremos para prova d'isso senão as proprias asseverações do sr. Gomes de Amorim, que tão partidario se mostra do livro e do author.

«N'essa obra, diz o author das *Memorias biographicas*, aliás digna da gratidão dos portuguezes, sente-se que quem ministrava apontamentos era destituido de senso commum. De contrario não o faria metter entre Camões e Rodrigues Lobo um pobre ponto de theatro chamado Ricardo José Fortuna, author de insulsas farças!»

Se era destituido de senso commum o sujeito que ministrava apontamentos a Romero Ortiz, como devemos nós classificar este famoso escriptor que escrevia a sua obra sobre apontamentos que outros lhe ministravam, sem se dar ao trabalho sequer de lhes verificar, a exactidão? Foi sobre apontamentos pedidos a algum amigo, que o americano Jorge Ticknor escreveu a sua *Historia da litteratura hespanhola?* Bem sei que livros como o de Ticknor são raros, como são raros sempre os bons livros; mas o que não é licito é que se preste aos livros mediocres como o de Romero Ortiz a homenagem que é devida ás obras que são escriptas com sciencia e consciencia.

Para avaliarmos a critica de Romero Ortiz basta citarmos ainda o sr. Gomes de Amorim: «Considerando por vezes Garrett como escriptor de segunda ordem, acha que *Fr. Luiz de Sousa*, a obra de theatro mais perfeita que se conhece, só «alcançaria fama immortal se tivesse presidido á sua concepção um pensamento mais philosophico.»

Que idéa faria Romero Ortiz do theatro? Qual é o grande pensamento philosophico de *Romeu e Julieta*, do *Othello* e de tantas outras peças immortaes do immortal poeta inglez? O theatro o que faz é pôr em jogo, com a maxima verdade possivel, as paixões e os affectos humanos. Shakespeare é o mais sublime de todos os dramaturgos, porque ninguem soube, como elle, reproduzir com tanta energia e com tanta realidade as paixões que devastam o coração humano, e o *Fr. Luiz de Sousa* é uma peça shakespeariana, porque ali se manifestam, na sua mais viva expressão, as dores e as angustias que podem enluctar uma familia. Garrett, que escolhera um assumpto como os que inspiravam a Melpomene hellenica, um assumpto em que a fatalidade, é como no *Edipo*, o grande agente do terror e da piedade, soube tratal-o como o trataria Sophocles, com a severa simplicidade que é o encanto supremo d'esta admiravel tragedia.

Pois se Romero Ortiz era incapaz de comprehender a belleza ideal d'aquella doce figura de Maria, se não lhe saltavam as lagrimas ao ler os patheticos dialogos em que intervem Manoel de Sousa Coutinho, depois de pronunciada a crise, se lhe passava despercebido o encanto affectuoso d'aquelle pobre Telmo, se o deixava imperturbavel a apparição espectral d'aquelle peregrino, que estende o bordão para o retrato, e pronuncia, n'uma palavra só, a sentença fatal que condemna uma familia ao eterno luto e ás eternas lagrimas, se não possuia o sexto sentido que faz comprehender estas bellezas, e estas sublimidades, para que se mettia a julgar de peças e de dramaturgos?

Um homem, que, acabando de ler o *Fr. Luiz de Sousa*, diz com os seus botões: *E' pena que isto não tenha um pensamento mais philosophico*, está julgado! Qual sera então o pensamento philosophico do *Edipo*? Que nenhum homem se pode considerar feliz antes de chegar ao ultimo dia da sua vida? Valia bem a pena fazer uma peça subordinada a este pensamento! E qual será o pensamento philosophico do *Othello*? Que o ciume é uma paixão levada dos diabos? E o pensamento philosophico dos milhares de peças de Calderon e de Lope da Vega — honra eterna e eterna ufania do theatro hespanhol? Romero Ortiz o que queria simplesmente era que o *Fr. Luiz de Sousa* fosse uma dissertação dialogada, representada por personagens symbolicos. O drama simples, humano, que se trava entre personagens em cujo coração palpita sangue vermelho e quente, esse não lhe serve. Não nos admira que isso lhe não servisse. O que admira é que um livro de historia de litteratura, em que a critica litteraria é d'eta força, possa ser considerado como um livro apreciavel.

Acha Romero Ortiz que Garrett devia ter queimado as *Folhas caídas*. O que não percebo muito bem é como o sr. Gomes de Amorim não é tambem d'essa opinião. Effectivamente quem julga digno de apreço o livro de Romero Ortiz, deve julgar dignas da fogueira as *Folhas caídas*. Desde o momento que reconhece elevado merito n'um critico d'esta ordem, não percebemos que não considere chochas as *Folhas caídas*. E' bom não ter dois pesos e duas medidas. Ou as *Folhas caídas* não prestam, ou o critico que profere semelhantes heresias tem o sentido do bello perfeitamente embotado, e é, por conseguinte, incapaz de escrever um livro como o que Romero Ortiz tentou fazer.

E' tão desgraçado Romero Ortiz que até, quando quer ser amavel com Garrett, lhe sae disparate na amabilidade. Pois elle não chama a Garrett o «inclito auctor da *Merope!*» Vejam se alguem se lembrou, a não ser Romero Ortiz, de considerar a *Merope* como uma das obras primas de Garrett. A *Merope* é um insulso *pastiche* de Maffei e de Voltaire, sem originalidade, sem estylo, sem força dramatica, metrificado apenas regularmente, e que não apparece na collecção de Garrett senão como ponto de partida, para se avaliar o caminho percorrido desde os hendecasyllabos d'essa tragedia de criança até á prosa tersa e viril do *Fr. Luiz de Sousa*.

Como se póde imaginar, acha Romero Ortiz o *Arco de Sant'Anna* inferior á maior parte dos romances portuguezes da mesma época. Este grave castelhano, caçador de pensamentos philosophicos, não comprehendeu o *Arco de Sant'Anna*. Podéra! *Não é tão fino mel*... A citação que iamos fazer é pouco mais ou menos de Garrett, mas não a completamos, porque não queremos tambem ir tão longe que sejamcs injustos.

Se não comprehendeu o *Arco de Sant'Anna*, menos comprehendeu ainda, é claro, as *Viagens na minha terra*. Não acceitamos a desculpa que o sr. Gomes de Amorim pretende apresentar. «Não entendeu, diz elle, as *Viagens na minha terra*, thesouro de linguagem que um estrangeiro difficilmente apreciará.» O principal merito das *Viagens na minha terra* não está, emquanto a nós, na sua linguagem, está nas qualidades supremas de um estylo ligeiro, de um humorismo graciosissimo que se não perde se o trasladarem para uma lingua estrangeira, como se não perdem, trasladados para francez, os predicados da *Viagem sentimental*, de Sterne, ou trasladados para portuguez os primores da *Viagem á roda do meu quarto*, de Xavier de Maistre.

Este critico famoso, este historiador consciencioso da nossa litteratura, achando-se em presença de um escriptor da pujança de Garrett, fez d elle o juizo que se acaba de ver. E é um escriptor notavel, e o seu livro merece ser tratado com todo o respeito. Considera Garrett um escriptor de segunda ordem, acha quasi mediocre o *Fr. Luiz de Sousa*, põe esta peça a par da *Merope*, desdenha do *Arco de Sant'Anna* e das *Viagens na minha terra*, e é um grande critico. Põe na nossa historia litteraria, n'um dos logares mais brilhantes, o pobre poeta Ricardo José Fortuna, e é um optimo historiador da moderna litteratura portugueza.

Bem se vê!

PINHEIRO CHAGAS.

FLORES INTIMAS

Recordações suavissimas de outróra,
se vindes como lagrimas fugidas
d'esse mar da Desgraça, e repellidas
para o seio febril que vos adora;

se, quando vos ergueis, a luz da aurora
não bate n'essas faces compungidas,
vagae no vosso mar, vagae perdidas,
comvosco soffre mais quem tanto chora ..

Trazieis-me essa Imagem tão amada?
Sois ruinas de velhas illusões
para nada servís, não valeis nada.

Levae-a para as frias solidões...
Não quero, não, a Imagem constellada,
deixae-me em paz, deixae recordações!. .

ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

BOAS NOTICIAS

Adivinha-se n'aquelle sorriso aberto que são boas.

O marido ausente diz-lhe que não foi atacado do microbio nas longes terras por onde anda a ganhar a vida; jura-lhe que não teve ainda o mais pequenino desvio do caminho recto da fidelidade; conta-lhe os seus progressos e as suas venturas; participa-lhe que entrevê um futuro prospero; falla-lhe do começo dos seus amores, e manda-lhe dinheiro, boas moedas de ouro de lei, que ella foi já receber e que mostra, radiante de jubilo, á sua amiga mais intima, lendo-lhe, ao mesmo tempo, a adorada missiva do esposo.

Só quem não tiver coração é que não comprehenderá aquella doce alegria e o alvoroço com que é feita a leitura d'aquella carta.

Digitized by Google

OS CAPRICHOS DA MENINA

Digitized by Google

Digitized by Google

UM MI

Digitized by Google

NUETE

Digitized by Google

Digitized by Google

A VISTA FAZ FÉ

Digitized by Google

OS CAPRICHOS DA MENINA

A menina é caprichosa e exigente. Cada dia formúla um pedido novo; a cada hora lhe assalta o espirito uma lembrança extravagante. A mãe perde-a com mimos, o pae seria capaz d'ir arrancar a lua do firmamento, se a Lili se lembrasse de a pedir fazendo beicinho.

Hoje quiz por força vestir-se de senhora, com uma *toilette* disforme e uns penteados colossaes, que destoam dos seus dez annos sorridentes como auroras.

A desastrada, porém, não se lembrou de que fica mal a uma senhora brincar com bonecos, e apesar do seu trage espalhafatoso, de dama do grande mundo, não repudia os brinquedos do costume, ao lado do bichano folgasão, que se entretem, muito á vontade, em emaranhar os novellos d'uma caixa de costura, emquanto ella faz girar sobre o tapete um pseudo-carneirinho d'algodão em rama, e a mãe se reveste de paciencia para satisfazer mais algum novo capricho da menina mimosa.

A VISTA FAZ FE

Não fosse ella uma filha d'Eva! Não tivesse em si o defeito d'origem!

Ia muito direitinha pela rua fóra, com um cabaz á cabeça, trauteando as cantigas populares mais em voga. De repente, ao passar junto do muro d'um jardim, ouve explosir lá dentro duas gargalhadas sonoras. O diabinho da curiosidade morde-a. Pôr o cabaz no chão, saltar para cima d'elle, equilibrar-se nos bicos dos pés e deitar a cabecita sobre o muro, foi obra d'um momento.

Não sabemos o que ella está espreitando, mas a julgar pela sua attenção demorada, deve ser coisa que lhe cause espanto.

Curiosa!

UM MINUETE

O minuete é uma dança muito graciosa, originaria do Poitou, em França. O primeiro minuete de côrte, composto por Lulli, foi dançado por Luiz XIV em 1633, em Versailles. Os passos do minuete eram cinco: um para a direita, dois para a esquerda e um para diante; depois outro para diante e uma volta. O andamento da musica era muito lento. Todos os passos do minuete começavam com o pé direito e duravam dois compassos.

A nossa estampa dá uma boa idéa da affectação do vestuario e maneiras do tempo do minuete.

HOSPITAL ESTEPHANIA

O edificio do Hospital Estephania, de Lisboa, foi construido na quinta do paço real da Bemposta, vulgarmente chamada Quinta Velha.

A planta veiu d'Inglaterra, mandada pelo finado principe Alberto, esposo da rainha Victoria, a el-rei D. Pedro V, que lh'a havia pedido.

A intenção da regia fundadora, a sr.ª D. Estephania, era que o hospital fosse exclusivamente para creanças. Diversas causas obrigaram a alterar este pensamento, e d'aqui a necessidade de modificar o projecto da obra.

O vestibulo do hospital é elegante e está encimado pelas armas reaes, dividido, porém, o escudo em duas partes, contendo a do lado direito o brazão portuguez e a do esquerdo o da casa de Hohenzollern, a que pertencia a fundadora.

Este brazão de armas custou 800$000 réis.

O pavimento da entrada do edificio é de marmore e contém quatro nichos com estatuas. Aos lados estão as casas para receber doentes, consultas, cirurgião de serviço e guarda de instrumentos cirurgicos. Segue-se um espaçoso e elegante claustro, tendo ao centro um tanque, e em volta 29 arcos de cantaria e quatro nichos lateraes para estatuas.

O pavimento d'esta arcada é de pedra preta com enfeites de granito.

Por cima corre uma larga galeria, para passeio dos convalescentes.

Ao fundo do claustro está a capella, construcção de bonito risco, em que entram o marmore e algumas obras de estuque. A urna do altar-mór é de marmore preto e branco. No tympano vê-se um medalhão com o emblema da Caridade, e por cima da porta da capella está outro medalhão com a imagem de Santa Estephania. Aquelle medalhão custou 250$000 réis, e este 200$000. Os festões que se vêem dos lados são de um bello trabalho.

O retabulo do altar-mór da capella é um painel religioso, tendo 3m,40 de altura e 1m,71 de largura. E' da escola moderna allemã. Representa, na parte superior, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que parece attender ás supplicas de uma pessoa real, indicada pelo seu manto, e se julga representar a rainha D. Estephania, de saudosa memoria, a qual um anjo conduzia á presença divina, afim de que a mãe de Deus acolhesse sob a sua protecção os infelizes orphãos para lhes dar amparo; vendo-se no ultimo plano do painel, um grupo de nove creanças em differentes posições, esperando obter, pela intervenção da sua real bemfeitora, a protecção da Santissima Virgem.

A capella mede 14 metros e 20 centimetros de comprimento e 7 metros e 9 centimetros de largura.

O edificio está dividido em quatro corpos principaes, formando cruz, e são dois os pavimentos para enfermarias e um terceiro para accommodações.

Póde admittir, ao todo, 200 leitos, distribuidos por 11 enfermarias, 4 grandes e 7 pequenas.

As enfermarias principaes conteem cada uma 9 grandes janellas por lado e 2 no topo; teem muita luz e pé direito, sendo excellente o systema de ventilação, tanto n'ellas como nas enfermarias pequenas. No fundo de cada enfermaria ha sentinas inodoras, lavatorios e casas para banhos, com tinas de marmore.

Cada uma das grandes enfermarias mede 45 metros e 36 centimetros de comprimento por 12 metros e 10 centimetros de largura, comporta 40 leitos, guardadas as distancias que a hygiene recommenda, e tem 7 bicos para gaz.

O sobrado d'estas casas é de carvalho do norte ou casquinha.

Assentam estas enfermarias sobre abobadas de tijolo de grande altura e solidez.

A communicação faz-se por diversas escadas interiores, que facilmente conduzem de umas a outras enfermarias e officinas do estabelecimento. Ha agua em todos os pavimentos.

A cosinha é uma boa casa, lageada e com abundante agua; o fogão é pelo systema do do hospital de S. José.

O comprimento de todo o hospital é de 150 metros e a largura de 75.

Custou mais de 300 contos de réis.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

Miguel Sabino.—Valença.—O primeiro volume acaba com este numero. Quanto á segunda parte da sua pergunta, não podemos ainda responder-lhe cabalmente.

Wladimiro Alexis.—O seu logogripho posto a premio tem coisas estranhas, que nos deixaram maravilhados. Onde descobrio v.ª ex.ª que hepatite (doença do figado) é mineral?

Ora valha-nos Nosso Senhor!

Reveja-o, emende, e fallaremos.

Tom Pouce.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na egreja esta fructa é cidade—2—2.

E' mau na musica e não é velha esta povoação portugueza—2—2.

Brazil. Eduardo R. Leite.

Esta lettra grega e esta mulher é festival—1—3.

Nos moinhos e aqui vê-se este insecto—1—1.

Não é lá que este homem me abriga—1—1.

Este adjectivo e esta mulher em mim descansam—2—2.

Antonio Candido de Mendonça F. de M. Pinto.

EM VERSO

(A Matheus Peres)

Anda no ar, e da terra
E por Euro alevantado!
Se em cima de mim o vejo,
Tirando-o, fico aceiado. } 1

Eu sou um..., e tu, leitor,
E's outro..., d'isso está certo.
Caia Phebo no conceito
Se do dia o termo é perto! } 2

C. Sertorio.

Qual Ashaverus da lenda,
Fui feito p'ra caminhar.—1
Ai de mim, que em toda a parte
Trevas sempre hei de encontrar.—2

Digitized by Google

E' meu todo appetitoso
E bem grato ao paladar;
Meu perfume, meu sabor
A quem não ha de agradar?

J. A. D.

CHARADAS TELEGRAMMAS

(Em acrostico)

(A F. L. Méga)

Palua é embarcação?—1, 1, 1.
Taverca é ave?—1, 1, 1.
Macaco é animal?—1, 1, 1.
Gombira é planta?—1, 1, 1.
Galera é navio?—1, 1, 1.
Agata é pedra?—1, 1, 1.

G. Caetano.

LOGOGRIPHOS

Diz-nos este movimento.—5—6—1—4
Poder revela a segunda.—1—2—6
Tércia contém algarismos,—1—7—3
Quarta de brilho te innunda.—4—6—1—7

Muitas mais combinações
Eu poderia formar,
Mas, meu caro, deu a hora...
E' forçoso terminar.

J. A. D.

Escrevi do Alemtejo p'rá cidade—1—3—5—4—7
Buscando caçador de profissão,—6—2—4—7
P'ra d'estes animaes em quantidade—3—5—4—7
Fazer-me, n'este instante, vir á mão.—2—6—7—3—5
Tratante me sahiu, tal nullidade,—6—2—3—7—4—7
Que em um certo papel, por direcção,—1—5—3—4—2
Poz:—cidade d'America Central,
Mas qu'outróra de Roma foi rival.

Porto. Euro.

PERGUNTA ENIGMATICA

Qual é a palavra que é matta, appellido e aldeia?

Ponta do Sol. Maf.

ENIGMA

Mertola. Antonio Manuel da Costa Junior.

PROBLEMA

Da faculdade de Sciencias de Paris:

André diz a Simão: Eu tenho o dobro da edade que tu tinhas, quando eu tinha a edade que tu tens; e quando tu tiveres a edade que eu tenho, a somma das nossas edades será 63 annos. Qual é a edade de André e de Simão?

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas: — Condecoração — Arpão—Aguia—Sarampo — Bordallo Pinheiro — Madresilva—Casamata—Romaria — Parabola —Lina—Adda—Raiva—Azul—Lupanga.

Do logogripho:—Thereza.

Dos enigmas:—Lima, capital do Perú—Entreacto.

Da pergunta enigmatica:—Escalda.

Do passatempo:—

4	9	2
3	5	7
8	1	6

Do problema:—41 pecegos e 8 duzias de maçãs.

A decifração da charada do n.º 49 é Escolopendra.

A RIR

Uma viuva inconsolavel:

—Oh! senhor doutor! Confiei-lhe o tratamento de meu marido, e o senhor deixou-o morrer!

—Que quer, v.ª ex.ª, minha senhora? Só me chamaram quando elle já estava doente!

*

Calino está para contrahir matrimonio, mas tem um medo incrivel do novo estado.

—Pateta! diz-lhe o pae; não vês que eu tambem casei?

—Boa comparação! O senhor casou com a mamã, emquanto que eu vou desposar uma mulher desconhecida!

*

Certo amanuense d'uma das secretarias é demittido, por faltar durante mezes seguidos á repartição.

Quando recebe a triste noticia, responde friamente:

—Isto vae custar a vida a muitas pessoas.

—Porque? perguntaram-lhe.

—Ha vinte annos estudei medicina, e vendo-me agora sem recursos, não tenho remedio senão fazer clinica.

Um dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

Os oradores, advogados, prégadores, etc., devem tomar, na vespera do dia em que tiverem que fazer grande uso da voz, um copo de agua assucarada, na qual hajam dissolvido um pouco de nitrato de potassa, de modo que provoquem uma transpiração abundante. Podem tambem usar, nas mesmas condições, de gargarejos da seguinte mistura:

Decocto de cevada.....	200	grammas
Alumen.....	5 a 10	»
Mel rosado.....	20	»

Um outro meio consiste no uso de uma *infusão* de *jaborandi*; 3 grammas para uma chavena de agua a ferver, para tomar de manhã na cama e obter uma abundante transpiração.

Recommendamos o uso d'estas receitas aos deputados... que fallam.

A FEIRA DA LADRA

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Jámais se apagará da memoria da actual geração o aspecto unico, especial, *sui generis* d'aquella *étalage* de inutilidades asquerosas, que, todas as terças-feiras, e sob a denominação de *feira da ladra*, se estendiam pelo vasto recinto do Campo de Sant'-Anna.

Não irei agora procurar a origem d'aquelle mercado extraordinario. Este trabalho teria, de certo, alto valor n'um livro de antigualhas, usos e costumes, mas não é de molde a encher as paginas da *Illustração Portugueza*.

Procurarei, n'um *coup de plume*, fazer a philosophia da feira, e apanhar-lhe o seu traço physionomico, se é que esta imagem tem cabimento explicativo.

A *feira da ladra* era um verdadeiro pandemonio, um sarcastico desprezo lançado todas as terças-feiras ás futilidades e vaidades mundanas.

Se exoticos eram os artigos d'aquelle commercio originalissimo, problematicos eram, sem duvida, os commerciantes que o faziam.

O povo chamava aos feirantes «*adellos*» quer elles vendessem livros velhos e sujos, quer negociassem em moinhos quebrados, correntes partidas, chaves de relogio, rolhas de vidro, copos ordinarios, e espaldares de cadeiras sem fundo. N'aquelle mercado vendia-se o que ninguem scisma comprar.

Tudo reunido daria apenas alimento para uma fogueira colossal, emquanto que, disposto com certa arte, achava sempre compradores.

Aquella alluvião de objectos velhos e quebrados, reunindo-se n'uma heterogenidade incrivel, causava vertigens e provocava curiosidade.

A predominante da feira era o commercio de artigos usados do vestuario de homem e de mulher.

Encontravam-se ali pequenos sapatinhos de setim branco que,

Digitized by Google

tendo estreiado a sua virgindade nos pequeninos pés d'uma noiva joven e apaixonada, rodopiado mais tarde no turbilhão da walsa, pisado, levianos e libertinos, os salões dos bailes de mascaras, e cahido depois, como uma camelia murcha, no chale nauseabundo da adella, passavam á feira da ladra, e acabavam por se prostituir nos pés d'alguma peccadora de bordel, ante a contemplação bestial d'um fadista embriagado.

As meias de seda, as camisas bordadas e os vestidos de baile e de nupcias, tendo atravessado as mesmas estações do destino, iam ali ter egual sorte.

A casaca, essa aberração idiota das ceremonias sociaes, exigida para as festividades mais distinctas e para os moços de *restaurant*, para os altos dignitarios e para os gatos pingados, tinha ali a sua genealogia, desde o especimen antigo, de largos bolsos e enormes canhões, até á casaca moderna, de aba estreita e bandas de setim.

De chapeus finos podia-se construir uma importante collecção. O *canudo*, o *litro*, a *urna*, o *fogão*, o *quibumbo*, o *penante* e finalmente o chapeu alto, vendia-se a tres vintens e tostão, o maximo.

Os ferros-velhos eram, porém, a nota caracteristica da feira. O prego mais ferrugento e inutil tinha ali um preço; e, por uma aberração inexplicavel, esse prego de que ninguem faria caso se o encontrasse na rua, achava comprador!

Fechos para trincos, aldrabas, ferramentas, parafusos, porcas, botões para militares, correntes, martellos, etc., etc., de tudo ali havia em abundancia e profusão.

Os mais procurados dos feirantes eram, inquestionavelmente, os livreiros.

Explicava-se isto por se encontrarem na feira livros antigos e raros, a que o livreiro desconhecia o valor.

O bibliophilo e o investigador de documentos esquecidos e obras desconhecidas, não deixavam, uma só terça-feira, de concorrer á feira da *ladra* e folhear todos os livros que por lá havia, ainda os mais velhos e desastrados. O fallecido Innocencio Francisco da Silva adquiriu, n'aquelle exotico mercado, muitas obras curiosas, e algumas de valor, pela sua raridade e vetustez.

Os pobres eram, na sua maioria, os freguezes da *feira*.

A collecção de calçado velho, remendado, e de fato ordinario, tinha sempre grande procura.

As mulheres *non sanctas* de baixa esphera tambem ali concorriam a adquirir umas *toilettes* baratas e espaventosas, oriundas muitas vezes do corpo perfumado e tepido d'uma aristocrata *vieille roche*, e vestidas, apoz a sua passagem a segunda possuidora, por uma serie de corpos que se viram obrigados a apertal-as e alargal-as conforme as exigencias das fórmas, a ponto de ser já difficil descortinar onde principiavam os hombros e acabava a cintura.

A feira durava desde pela manhã até ao pôr do sol, hora a que toda aquella trapagem recolhia á pocilga dos seus donos, conduzida por estes em carunchosas arcas de madeira pintadas de vermelho ou castanho.

Eram extremamente notaveis as feições de algumas d'aquellas mulheres, entre as quaes se contavam possuidoras de inscripções e prediositos de casas.

A genuina adella, sempre a comprar e a vender trapos, quer estes pertencessem a uma duqueza ou a uma *cocotte* tysica, que não sabia vender um lenço sem fallar dez vezes em Maria Santissima, era, de ordinario, uma mulher de meia edade, ossuda e brutal, de olhar vivo e velhaco como o da raposa, e rosto encovado e trigueiro, do qual ha muito tinha fugido o mais leve caracteristico feminino.

Estas mulheres deitavam cartas, liam no destino, sabiam fazer perder aos sujeitos amigos do summo da uva, o gosto pelo vinho, produziam abortos, e conheciam philtros proprios para acorrentar a uma mulher o coração de qualquer homem menos sensivel.

Como nota predominante da sua vida, bebiam aguardente, eram viuvas de tres maridos, e o quarto já inscrevera o nome nos registros do Limoeiro.

Viviam em sitios affastados, e tinham em volta da sua féaldade e da sua repugnancia, uma lenda qualquer, que algumas vezes o faro da policia commettia o arrojo de devassar, com grave escandalo dos espiritos maus, e do corvo que todo o dia brincava na rua, de parceria com os gatos e as gallinhas.

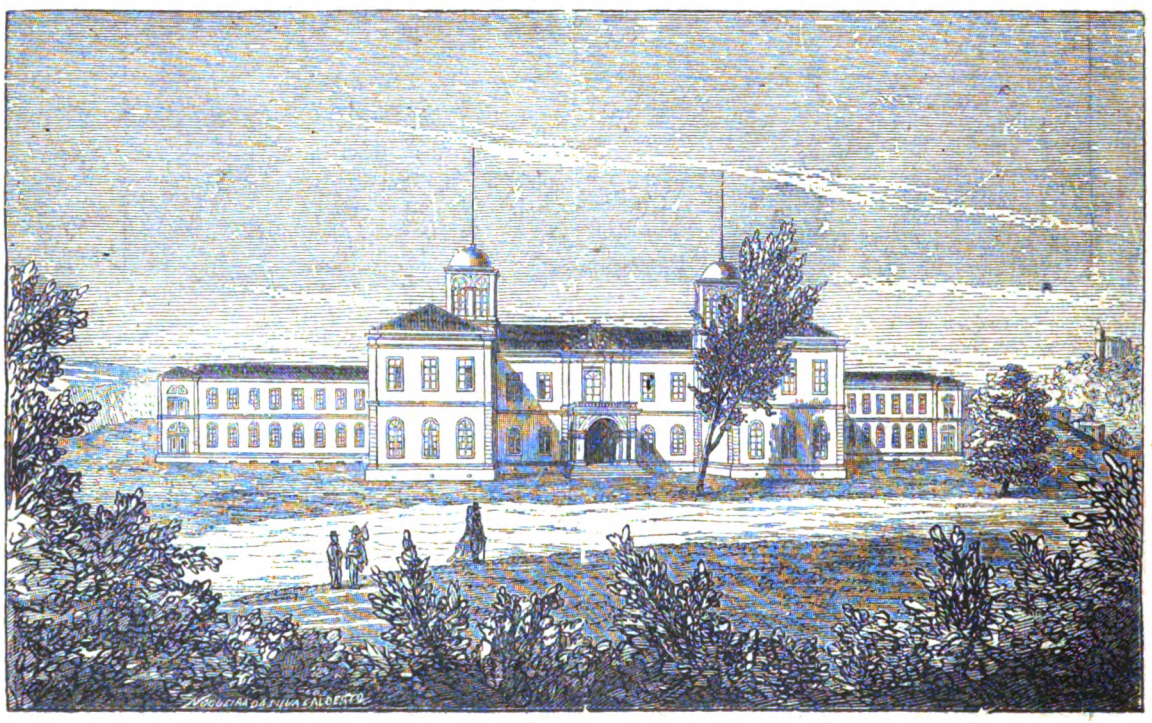
Voltando ao aspecto do mercado, devemos observar que elle começava na rua de S. Lazaro e seguia até á sua verdadeira situação, n'um crescendo ridiculo de artigos asquerosos e macrobios, expostos ás portas dos *bric-á-bracs* da miseria, ou á beira dos passeios.

Um dia, a Camara municipal comprehendeu que aquelle mercado era simplesmente uma vergonha, e ordenou aos feirantes que fossem armar as suas tendas e expôr as suas *preciosidades* no abandonado mercado de Santa Clara. Os feirantes reagiram, mas não foram attendidos.

Aquella indignidade devia acabar um dia, e effectivamente a sua transferencia foi a sua morte.

A maioria dos feirantes não concorreram áquelle local que os desalojava dos seus habitos e das suas moradias, e a feira da *ladra*, miseranda reliquia d'um antigo costume, desappareceu do numero dos nossos ridiculos, como um farrapo immundo.

ALFREDO GALLIS.



HOSPITAL ESTEPHANIA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.....	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google